

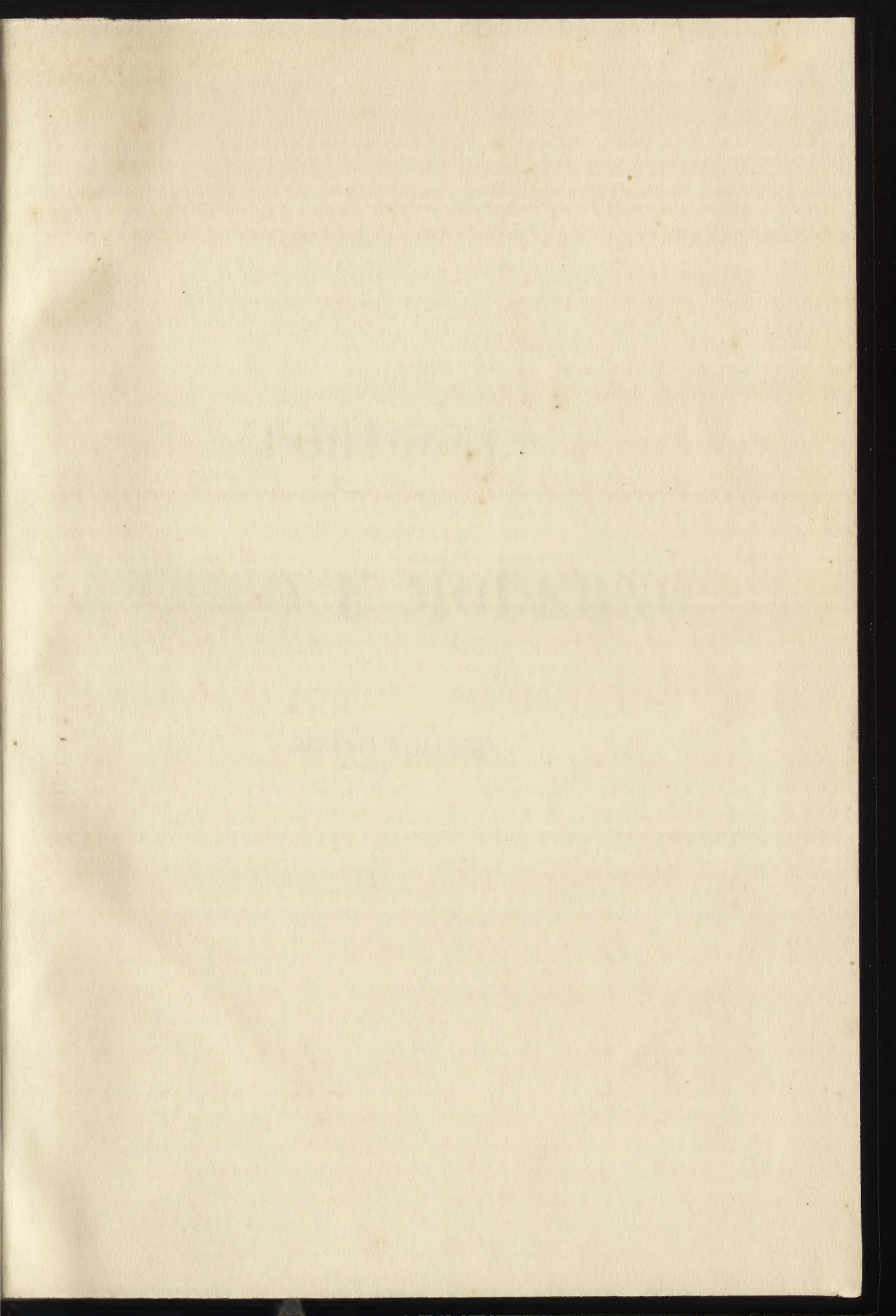
THE GETTY CENTER LIBRARY

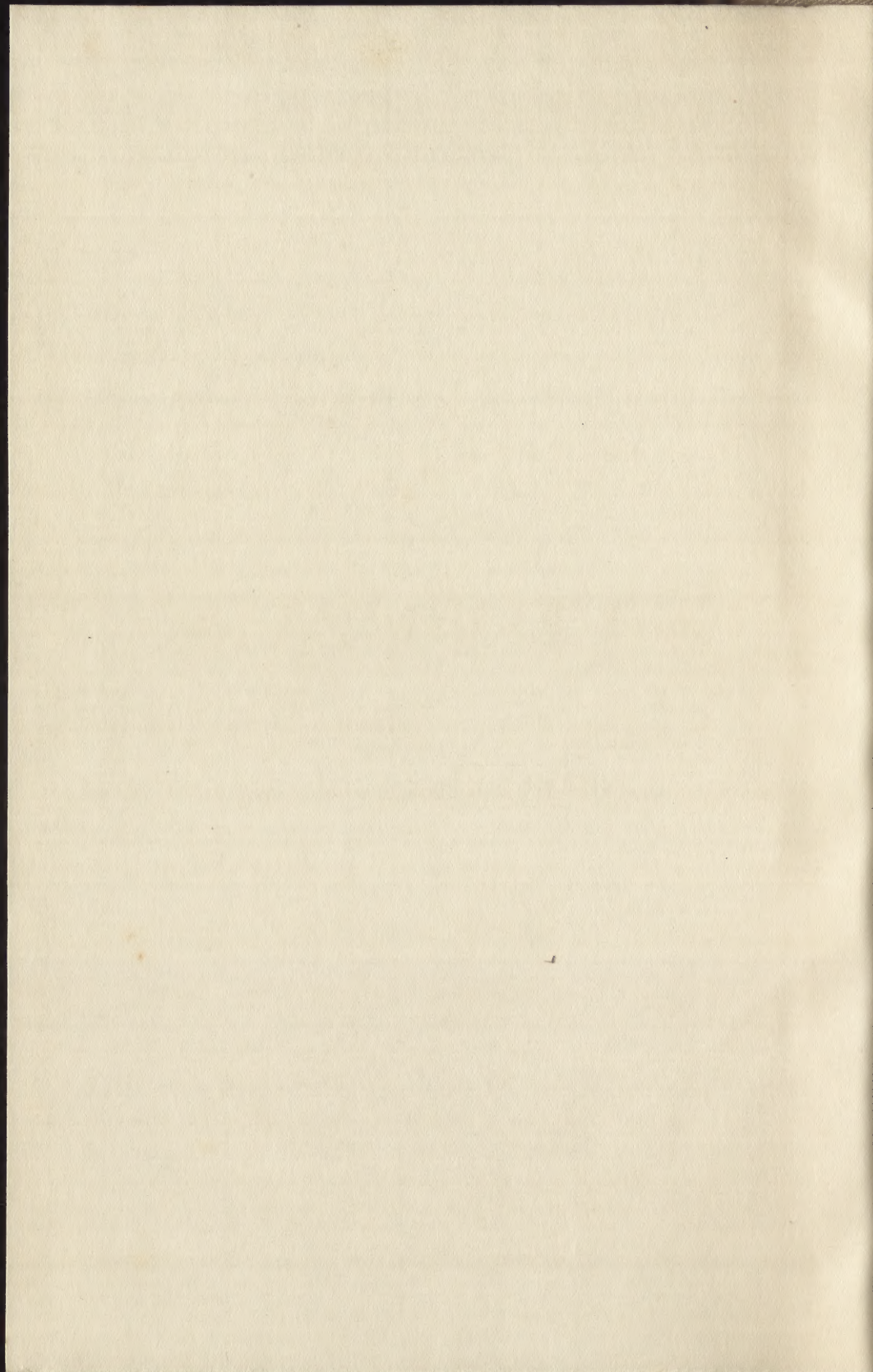


*Why ask for the moon
When we have the stars?*



267





PORTUGAL

ANTIGO E MODERNO

OITAVO VOLUME

PORTUGAL

ANTIGO E MODERNO

CHAVO ALFONSO

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

DICCIONARIO

**Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico,
Archeologico,
Historico, Biographico e Etymologico**

DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL

DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS

Se estas são notaveis, por serem patria de homens celebres,
por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram logar,
por serem solares de familias nobres,
ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes

NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA

DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO

POR

Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal



LISBOA

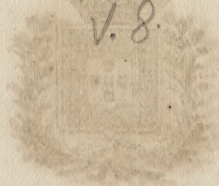
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMPANHIA

67—Praça de D. Pedro—67

1878

A propriedade d'este DICCIONARIO, pertence a Henrique de Araujo
Godinho Tavares, subdito brasileiro.

DP
544
P65
1878
V. 8.



PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

Q

QUA

Q—como letra numeral, valia antigamente 500, e com um til, valia 500 000.

QABEÇA—portuguez antigo—cabéço, collina, cotto, monte isolado, sobre uma serra ou campina.

QAMPA—portuguez antigo—(tambem se escrevia *quampaa*, *quampam*, *quampa*, e *quampaa*)—campana, sineta, campaiuha.

QUA ou **CA**—portuguez antigo—porque.

QUADRA—freguezia, Traz-os Montes, na comarca e concelho de Vinhaes, 85 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 30 fogos, em 1757 tinha 21.

Orago S. Pedro.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Santo André de Tiozéllo (ou Tuizéllo) apresentava o cura, que tinha réis 83000 de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está, ha muitos annos, unida á de Tiozéllo, no mesmo concelho.

QUADRAR—portuguez antigo—pertencer, competir.

QUADRATOS—vide *Regoço*.

QUADRAZAES—freguezia, Beira Baixa, proxima do rio Côa e da raia hespanhola, na comarca e concelho do Sabugal, 120 kilometros ao SE. de Lamego, 300 ao E. de Lisboa, 350 fogos, em 1757 tinha 190.

Orago Nossa Senhora d'Assumpção.

Foi antigamente do bispado de Lamego,

QUA

e hoje é do de Pinh. I, districto administrativo da Guarda.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 1503000 réis de rendimento, além do pé d'altar.

Os *quidruzênhos* são muito turbulentos, e quasi todos vivem de contrabandear; acontecendo muitas vezes resistirem aos malsins, dando-lhes fogo, matando-os ou ferindo os; e até mesmo á tropa de linha que vae em soccorro dos empregados da alfandega.

O seu clima é excessivo, por isso pouco fertil.

QUADRELLA—portuguez antigo—era uma serção ou quadrilha de 20 homens, destinados a qualquer serviço. Tambem se dizia *vintena*.

Dizia-se *aquadrellar*, o acto de pôr em turmas ou quadrilhas de 20, tanto com respeito a pessoas como a cousas.

Tambem se dava o nome de *quadrella* ao casal ou courella.

Quadrella da muralha era a porção designada para ser vigiada e defendida por pessoas de uma determinada localidade, em occasião de guerra.

QUAER—portuguez antigo—cahir, incorrer em qualquer pena, ficar responsavel. *E por nom quaer nas pees e nas maldições.* (Doc. do mosteiro d'Alpendourada, de 1289).

QUAIRES—antigo nome da actual fregue-

zia de Caires, no concelho d'Amares. (Vol. 2.º, pag. 35).

QUAMANHO — portuguez antigo — qual, quanto, quão grande. Foi termo muito usado até ao seculo XIV. Vem do latim *quam magnus*, que os portuguezes pronunciavam *quam mânhos*.

QUADRAMOLLOS — mosteiro mui notavel da provincia do Douro, no concelho de Felgueiras (entre Amarante e Pombeiro) e na freguezia hoje chamada *Caramós*, que é uma variante de Quadramollos, e corrupção de *Cara aos mouros*. (Vide *Caramól* e *Caramós*, a pag. 100 do 2.º volume).

QUAREIRA — portuguez antigo — carreira, caminho onde não cabe mais do que um carro.

QUARQUERE ou **CÁRQUERE** — Já a pag. 116, col. 1.ª, do 2.º volume, tratei d'esta freguezia; mas, como depois d'isso pude obter mais informações com respeito a ella, e das quaes não quero privar os leitores, dou-as n'este lugar.

Segundo o *Sant. Mart.*, tomo 3.º, pag. 147 e seguintes, a igreja e mosteiro de *Quarquere* (como antigamente se escrevia, e muitos ainda hoje escrevem) foram principiados em 1099, quando D. Affonso Henriques tinha 5 annos de idade, que foi quando a Senhora fez o milagre. Diz o auctor d'este livro que o infante nasceu em 1094; mas engana-se: elle nasceu em Guimarães, a 25 de julho de 1109, e, se tinha 5 annos quando se deu principio á obra, foi em 1114; porém parece mais provavel ter sido fundado o mosteiro por D. Affonso Henriques, pelos annos de 1129, como adiante se verá.

A igreja do mosteiro foi elevada a matriz da freguezia, e os religiosos, passados alguns annos, abandonaram o convento, não se sabe porque motivo, passando depois a commendatarios, sendo o primeiro e ultimo, D. Ambrosio, bispo de Lamego, por morte do qual, diz ainda o auctor do *Sant. Marianno*, o deu D. João III, em 1564, ao collegio dos jesuitas de Coimbra. É outro engano D. João III falleceu em Lisboa, a 41 de junho de 1557, e em 1564, quem governava o reino era a rainha viúva, D. Catharina; na menoridade de seu neto, o rei D. Sebastião; en-

tregando a regencia a seu cunhado, o cardeal D. Henrique, em 1562. Foi pois o rei D. Sebastião que deu isto aos jesuitas, em 1570, como fica dito quando tratei d'esta freguezia, sob o nome de *Cárquere*.

Quanto ao apparecimento da imagem de Nossa Senhora de *Cárquere*, descreve o, com mais visos de verdade, o padre-mestre, frei Agostinho da Costa, religioso eremita de Santo Agostinho (graciano) lente de moral no seu mosteiro de Lamego, pela fórma seguinte:

Muitos annos depois de expulsos os mouros d'estes sitios, andando uns rapazes a tirar pedras a alguns castanheiros, para fazerem cahir as castanhas, um d'estes, que era muito velho, bojudo e ôco, quando as pedras lhe cahiam na concavidade, dava som como de sino. Foram dizer isto aos paes, que logo correram ao sitio, e trataram de arrancar o castanheiro, na esperanza de descobrirem n'elle algum thesouro. Acharam com effeito um sino do peso de 7 ou 8 quintaes (que depois serviu para a igreja) uma imagem da Santissima Virgem, feita de madeira, uma cruz de prata lavrada, de 1^m,33 de altura, que depois serviu para ir nas procissões; uma caixa com reliquias, do Santo Lenho, de S. Braz, e de outros santos, todas separadas umas das outras, com as indicações competentes; e, finalmente, acharam um pergaminho que declarava que estas reliquias tinham sido alli escondidas, no anno em que os mouros invadiram esta terra.

O povo edificou logo uma capella para a Senhora, a cuja imagem entrou logo a consagrar uma grande devoção. ¹

Como D. Affonso Henriques nascera alleijado, com os calcanhares pegados aos assentos, Egas Moniz o levou ao altar da Senhora, collocando-o sobre elle, em quanto um padre dizia missa, finda a qual o menino se achou são e escoreito. Depois de rei, e lembrado do que devia a Nossa Senhora, fundou a igreja e mosteiro de cruzios, de *Cárquere*, fazendo o prior d'elle donatario da villa, e

¹ Segundo outros escriptores, a imagem foi levada para uma capella proxima, da invocação de Santa Cruz.

dando ao convento muitas rendas e privilegios.

Os frades vieram povoar o mosteiro, no dia 24 de fevereiro de 1134, recebendo o habito, D. Tello, com 12 companheiros, das mãos do bispo de Coimbra, D. Bernardo, (que n'esse tempo governava tambem os bispados de Lamego e Viseu).

Ja em 1700 não havia do edificio do mosteiro senão o claustro, bastante arruinado, e a casa do capitulo, que era de abobada de pedra, obra mosaica, e dentro d'ella uma capellinha dos senhores (depois condes) de Rézende, que n'ella mandavam dizer uma missa quotidiana.

A igreja matriz de Cárquere, de architectura gothica, está collocada em um sitio muito aprazivel, e mostra grande antiguidade. Junto á igreja ainda existe um hospicio que foi dos jesuitas.

No dia da festa da Senhora (4.º domingo de maio) vem aqui 14 procissões de diferentes freguezias, e grande concurso de povo, formando um formoso arraial, onde as lavradeiras ostentam as suas galas pittorescas.

Aqui vae outra versão, que, a alguns respeito, varia completamente das antecedentes. A senhora que a apresenta é d'estes sitios e supponho-a bem informada; e o que diz é verosimil.

A sr.ª D. Maria do Pilar Bandeira Monteiro Osorio, diz no seu romance *Lágrimas e saudades*, pag. 99, que «a igreja de Carquere é tão antiga que se lhe ignora a data da fundação: apenas se sabe, pelas inscrições gravadas nas paredes, e que hoje mal se podem decifrar, pelo muito que estão corroidas e gastas, e pela tradição, que foi templo de Diana, no tempo dos romanos, e mesquita durante a dominação sarracena: depois, convento de monges negros, ou de S. Bento, e por troca feita com os jesuitas, estabeleceram estes alli um hospicio, do qual curavam a freguezia, recebendo alli muitas rendas, que tinham por aquelles sitios.

Quando a companhia de Jesus foi extincta, passou a igreja, com os foros não remidos, para a universidade, que desde en-

ção ficou apresentando o parochio, a quem dava alguns benesses, e fazendo as despesas do culto.

A igreja é de construcção solida e pesada, e os seus dourados e labores em madeira, são ricos.

Da parte do Evangelho, tem um altar, de architectura gothica, e n'elle a sepultura de um bispo, cujo corpo se vê esculpido sobre a pedra que serve de meza ao altar. Este bispo e o altar, eram da casa da Bebinha, cujo appellido era Calvos.

Do mesmo lado fica o claustro, e ao lado d'este, a capella chamada dos *Almirantes*, que pertence aos condes de Rézende. N'esta capella, que ha muitos annos está desmoronada, vêem-se quatro tumulos de pedra tosca, inteiriços, e inteiriças são tambem as tampas que os cobrem. Na parede fronteira a elles, estão os epitaphios, que, por gastos, difficilmente se lêem.

Do outro lado da igreja, esta a casa chamada da *Alamosa*. É uma casa terrea, que servia de deposito aos finados da *Alamosa*; ¹ que eram alli enterrados; porque, ainda que aquella povoação (hoje freguezia) estava a mais de 10 leguas de distancia da igreja de Carquere, era freguezia d'esta igreja, e os seus mortos alli recebiam sepultura. Vide *Rézende*.

QUARTEIRA—aldeia, Algarve, pertencendo parte d'ella á freguezia de Loulé, d'onde dista 6 kilometros ao O., e outra parte á de Boliqueime, cuja igreja matriz fica a 3 kilometros de distancia, comarca e concelho de Loulé. Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Está situada na costa, e é na sua quasi totalidade composta de pescadores.

Foi antigamente uma povoação importantissima, pelo seu grande commercio, marinhas de sal, e pescarias: e até muitos escriptores asseveram que foi aqui a famosa cidade de *Carteia* ² fundada pelos annos do

¹ Aliás *Lamosa*, no concelho de Sernacélhe (ou Cernancélhe), comarca de Moimenta da Beira.

² Estou convencido, em vista de tantas *Carteias* e *Citanias*, que vejo mencionadas pelos antigos geographos e historiadores,

mundo 3500 (50% antes de Jesus Christo) pelos túrdulos ou pelos cúneos.

Esta Carteira foi invadida pelo mar, que actualmente occupa a maior parte do terreno em que estava fundada. O terremoto do 1.º de novembro de 1755, acabou de destruir o resto; e os seus habitantes, que escaparam a este medonho cataclysmo, foram construir as suas pobres cabanas de junco, a uns 300 metros do castello velho.

Depois foram se edificando algumas casas de pedra; e, além da magnifica casa dos *morgados da Quarteira* (Loulés) já tem alguns edificios soffríveis, e os banhistas que aqui concorrem no tempo proprio, tem feito prosperar bastante esta povoação.

Junto da praia, mas dentro do mar, ha vestigios de antiguidades; são construcções feitas com a cel bre argamassa de que falla Plinio (*Hist. Nat.*, liv. 30, cap. 14) e talvez que a torre hoje chamada da *Vigia*, seja a famosa torre que defendia a velha cidade.

O Oceano, no dia 1.º de novembro de 1755, entrou pela terra dentro 3 kilometros, matando 52 pessoas de ambos os sexos.

Corre por aqui a *ribeira da Quarteira*,¹ formada pelos ribeiros de *Tôr*, *Sulir*, *Querença*, *Mercês* e outros, o que faz a terra fertilissima. É atravessada por uma boa ponte de pedra, na estrada de Albufeira para Faro. É de antiquissima construcção. Em uma das suas paredes está uma figueira, tambem muito antiga, que dá figos especialissimos.

Pouco abaixo d'esta ponte, no sitio do *Juncal*, nascem trez olhos d'agua, de grande profundidade, chamados *Mexuqueira*, *Ulmo* e *Roballo*.

Diz-se que o gado que cae em qualquer d'estes olhos, se affoga immediatamente.

O distincto medico, o sr. Augusto Feio Soares de Azevedo, natural de Coimbra, e

que se dava n'esses tempos remotos o nome generico de *Carteia*, a povoação ou fortaleza situada no litoral; e d. *Citania*, a que estava no interior. (Vide vol. 2.º, pag. 132, col. 1.ª no principio).

¹ O rio Quarteira nasce na serra do Caldeirão, e corre no mar, formando na sua embocadura o pejo no *Porto da Quarteira*, pouco distante de Silves. Vide *Berlengas*, *Carteia*, *Citania* e *Peniche*.

residente em Lagos, pediu, em junho de 1876, licença ao governo, para explorar as ostreiras naturaes que existem entre a Quarteira e o Cabo de Santa Maria.

A Quarteira tinha foral velho, dado pelo rei D. Diniz, em Alcobaça, a 15 de novembro de 1297. (*Livro IV de Doações do rei D. Diniz*, fl. 6, v., col. 1.ª, in fine).

Casa vinculada da Quarteira

O rei D. Diniz deu os terrenos que constituem o actual morgado da Quarteira, em 15 de novembro de 1297, e por aforamento (é o foral) a Martim Marchão (ou Merchão), com a obrigação de os povoar com cincoenta moradores.

Estas terras são fertilissimas, e os melões e melancias d'aqui, são de qualidade especial.

D. João I, mandou fazer n'estas terras os primeiros ensaios da plantação da canna de a-sucar.

Esta vastissima propriedade fica a 3 kilometros ao O. da povoação.

D. Affonso V deu a Nuno Barreto, morgado da Quarteira, por alvará de 3 de fevereiro de 1460, os direitos reaes do *Porto da Quarteira*.

No tempo das *almadravas*, se lançou n'este sitio, uma do aum, que deu grande resultado.

D. Nuno José Severo de Mendonça Rolim de Moura Barreto, foi 1.º duque e 2.º marquês d'Elulé, 9.º conde de Valla de Reis, 24.º senhor da Azambuja, 12.º senhor da Póvoa e Meadas, e 14.º senhor do morgado da Quarteira. (Vide *Loulé e Póvoa e Meadas*).

Cada cabana que se construi na Quarteira, paga de foro ao morgado, 120 réis; e se for casa de pedra, paga 800 réis.

O sr. Augusto Pedro de Mendonça Rolim de Moura Barreto, fidei conde da Azambuja (de juro e herdade) em 3 de abril de 1860, é o 25.º senhor da Azambuja, e 15.º senhor do Quarteira.

(Vid. 7.º volume, pag. 497, col. 2.ª—*Palacio do Ferreirinha*).

A propriedade da Quarteira, que já era uma das melhores da casa Loulé, tem expe-

rimentado grandes melhoramentos desde que está em poder do actual possuidor; o qual, com a sr.^a condessa¹ vão alli passar algumas temporadas, no verão, conquistando pelas suas optimas qualidades, o amor dos seus numerosos caseiros, e o respeito e sympathia de todas as outras pessoas que são admittidas á sua presença.

No sitio chamado *Valle de Judío*, proximo da Quarteira, está, em uma bonita veiga, povoada de figueiras, amendoeiras e alfarrobeiras, a capella de Nossa Senhora do Bom Successo, construida em 1693, por iniciativa do beneficiado e thesourero da egreja matriz de S. Clemente, da villa de Loulé, o padre Diogo Fernandes Rasquinho.

A Senhora do Bom Successo é objecto de grande devoção dos povos d'estes sitios.

QUARTEIS MILITARES — vide 4.^o volume, pag. 485, col 2.^a

QUARTO DE CRUZADO — moeda de ouro, do tamanho de um vintem em prata, e com o valor de 100 réis. Foi mandada cunhar pelo rei D. Manuel, e trazia sempre na bolsa grande quantidade d'estes quartos, para dar esmolas aos pobres.

QUASA — portuguez antigo — casa. *E des hy a suso, como se vay áa quasa da Visiboha, e como ho vay áa carreira do Sabugal.* (Doc. do mosteiro de Tarouca, de 1278).

QUASAL — portuguez antigo — casal. (Doc. de Tarouca, de 1421).

QUATRO IRMÃOS — lugar muito agradável e pittoresco, Minho, nas faldas da serra da Falperra, na estrada de Guimarães para Braga.

Deu-se o nome de *Quatro irmãos*, a quatro penedos que parecem tampus de sepultura. Segundo a tradição, quatro irmãos, d'estes sitios, filhos de Maria do Canto, amavam uma formosa menina, sobrinha do abbade da freguezia. Ardendo em amor e ciu-me, os quatro irmãos reptaram-se para n'es-

te lugar decidirem á paulada, quem havia de casar com a rapariga. Trez ficaram logo mortos no campo, e o quarto, que ainda viveu algumas horas, é que contou tudo ao abbade, que os mandou enterrar no sitio da contenda, que se ficou denominando os *Quatro irmãos*.

QUATRO VINTENS — moeda de prata que fez cunhar D. João III, e, depois, D. Philippo II, com o valor de 80 réis. D. Antonio, prior do Crato, aclamado pelo povo rei de Portugal, fez tambem cunhar d'estas moedas, e de cobre, do mesmo valor. As de prata, porém, eram mais pequenas do que as antecessoras.

QUEBRADA — portuguez antigo — encosta, pequeno golfo de abrigo para embarcações miudas. «Nom possam ser tomados em todos os portos e abras e quebradas e ancoragoens de cada hum dos ditos Regnos e Senhorios.» (Côrtes de Lisboa, de 1380. — Doc. da camara do Porto).

Tambem se dava antigamente o nome de *quebrada*, á terra de pouco valor, ou a um casal insignificante. É por isso que ainda ha pelo reino bastantes aldeias com o nome de *Quebrada*.¹

Á soldada que se pagava em pão, e que constava de dois pães por dia, se dava tambem o nome de *quebrada*.

QUEBRAR — portuguez antigo — cobrar, alcançar, adquirir, receber, reivindicar, etc.

QUEBRAR MOEDA ou **APAGAR MOEDA** — cunhar moeda do mesmo nome e valor, mas de menos pezo. Vide *Moeda*.

QUEBRANTÕES — aldeia e monte, Douro, na freguezia de S. Christovão de Mafamude, concelho de Gaia, comarca do Porto.

¹ Mas só tinha o nome de *quebrada*, a propriedade de muito declive e pendurada sobre profundos valles, sobre rios, ou sobre o mar, e que era invadida pelas aguas. — *A nossa quebrada, que trouve Ghurgo (Jorge) Velho... que amoredes per vossas pessoas, que fumegue (que a habitei, co-inhando n'ella).* — *Huum maravidi por dous congros que o dito Moesteiro avia de aver da dita quebrada.* (Doc. do mosteiro d'Alpendurada, de 1418) — *E que ponha no dito casal e quebrada, hua mea duzea de huliweiras.* (Doc. do convento de Bustello, proximo a Penafiel, de 1482.)

¹ A sr.^a condessa da Azambuja, é filha do fallecido Antonio Bernardo Ferreira (o *Ferreirinha da Régua*) e da sr.^a D. Antonia Adelaide Ferreira, hoje casada com o sr. Torres; e irman do sr. Antonio Bernardo Ferreira (o *Ferreirinha*) residente no Porto.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O primeiro nome d'este monte foi o de S. Nicolau, depois, de Quebrantões, e hoje se chama Serra do Pilar. (Vide *Gaia, Pilar*, e 7.º volume, pag. 308, col. 2.ª, no fim, e pag. 444, col. 2.ª).

É em Quebrantões a quinta que foi de Antonio Teixeira Cabral, capitão mór de Villa Real de Traz-os-Montes, descendente de uma das mais nobres familias da provincia, e vulgarmente *Antonio Teixeira, de Mondrões*, por ter n'esta freguezia uma grande casa. (Vide *Mondrões*).

Foi casado com D. Carlota Canavarro, filha do tenente general Philippe de Sousa Canavarro.

Antonio Teixeira e toda a sua familia pertenceram sempre ao partido legitimista, porém sua irman, D. Marianna Teixeira, casou com o infeliz desembargador da casa da Supplicação, Francisco Manuel Gravito da Veiga Lima, que, em 7 de maio de 1829 morreu enforcado no patibulo da Praça Nova, por liberal, com mais nove companheiros. (Vide 7.º volume, pag. 328, col. 2.ª). Teve geração.

É hoje possuidora das casas de Mondrões e Quebrantões, uma filha de Antonio Teixeira, casada com o herdeiro da nobilissima familia dos Cirnes, do Poço das Patas, no Porto, e senhores da honra de Gumiñães.

No 7.º volume, pag. 308, col. 2.ª, no fim, tratei rapidamente da capella do *Senhor d'Além*, reservando-me para n'este logar dar sobre a materia mais amplas informações.

Houve no monte de Quebrantões, um mosteiro de freiras da ordem de Santo Agostinho (gracianas) denominado de *S. Nicolau das Donas*, fundado pelo bispo do Porto, D. Pedro Rabaldes (ou Rabaldis) em 1140.

No alto do monte de Quebrantões havia uma ermida dedicada a S. Nicolau, no logar onde depois se construiu o mosteiro da *Serra do Pilar*, de conegos regnantes de Santo Agostinho (cruzios). Vide *Grijó*.

Junto d'esta ermida, se achou, no dito anno de 1140, um crucifixo, que foi levado

para a ermida e principiou a ter logo em esta santa imagem, grande devoção o povo d'estes sitios.

D. Pedro Rabaldes, quiz aqui fundar um mosteiro de freiras, e como elle tinha sido frade cruzio, do convento de Grijó, quiz que o convento fosse de agostinhas.

Tratou logo de fazer o mosteiro de *indusas* (emparedadas) que ainda existia em 1300, extinguindo-se depois — não se sabe quando — e das suas rendas se fez um beneficio simples, que ainda existia em 1552, com o padroado da capella de S. Nicolau.

Quando os frades de Grijó fundaram o mosteiro da sua ordem (cruzios) da Serra do Pilar, taparam todo o monte de Quebrantões ou S. Nicolau, e, para não ficar dentro da cerca a capella d'este santo, obtiveram licença do bispo do Porto, D. frei Balthazar Limpo, para a mudarem para a raiz do monte, à beira do rio Douro. Esta licença lhes foi concedida em 17 de junho de 1539.

Trataram logo os frades de fazer a capella, e em 24 de agosto de 1540 foram para ella mudadas as imagens do Senhor Crucificado, de S. Nicolau e de S. Bartholomeu.

A capella continuou a ter ainda por muito tempo a invocação de S. Nicolau, mas foi perdendo-a pouco e pouco, para tornar a de *senhor d'Além*.

Teve muitos annos uma rica confraria, e se lhe fazia uma sumptuosa festa a 24 de agosto.

Antigamente, quando havia falta de chuva, levavam o Senhor d'Além para a Sé, ou para a igreja matriz de S. Nicolau, eahi estava até chover, fazendo-lhe preces, e, depois de chover, uma grande festa.

Proximo a Quebrantões é a quinta de *Marevidi* ou do *Marevidi*¹ da qual é actual possuidor, o sr. João Correia Pacheco Pereira.

¹ Parece-me mais appropriado o nome de *Marevide*, do latino *mare vidi* (vêdo o mar) porque effectivamente d'aqui se vê o mar.

Esta quinta fica entre as ruas da Bandeira e o logar da Barrosa, na freguezia de Gaia; mas uma boa parte d'ella, é na freguezia de Mafamude. A rua da Bandeira é fôreira a esta quinta, que foi de João Pacheco Pereira (o celebre *manco de Gaia*) vereador

reira de Magalhães (volume 7.º, pag. 511, col. 1.ª e 525, col. 2.ª).

Na capella d'esta quinta foi sepultado o bravíssimo brigadeiro Francisco Peixoto, que foi mortalmente ferido, á frente do regimento de caçadores da Beira Baixa (n.º 8) quando atacava a fortaleza da Serra do Pilar, em 14 de outubro de 1832. Falleceu d'ahi á dois dias, em casa de João Rodrigues da Cruz (o *Suzano*) na rua da Bandeira, onde estava de quartel, e que é proxima da quinta, a qual pertence ao sr. João Correia, por successão de seus antepassados, os *Correias Craesbeks*.

A familia Craesbek é oriunda da Allemanha. Pedro Craesbek, um dos principaes cavalheiros dos Estados de Brabante, retirou-se para Portugal em 1560, fugido á perseguição do feroz principe de Orange.

As armas dos Craesbeks, são—em campo azul, uma estrella de ouro, de seis pontas, e sobre ella um crescente de prata, com as pontas para cima; elmo de aço aberto, e por

timbre, uma estrella de ouro como a das armas.

Pedro Craesbek, fundou em Lisboa a celebre officina typographica *craesbekiana*, cujos utencillos, á custa de grandes cabedaes, mandára vir da Allemanha, e que principiou a funcionar em 1590, sendo a mais afamada do seu tempo, e que durou n'esta familia até ao principio do seculo XVIII.

Faria e Sousa na 3.ª parte da sua *Europa Portuguesa*, 1.ª edição, pag. 351, faz um grande elogio a esta typographia, mas nem todos os exemplares o trazem; porque, tendo D. João da Silva, marquez de Gouveia, certa queixa contra Antonio Craesbek de Mello, neto de Pedro Craesbek, em desforra, fez tirar dos ultimos livros o tal elogio.

Foi Pedro Craesbek proprietario da *impreza real portugueza*, e D. Philippe II lhe concedeu a honra de cavalleiro da casa real, com as mesmas honras e privilegios que o rei D. Manuel tinha concedido a Jacob Cromberger, que, por sua ordem tinha vindo da Allemanha; e isto por uma carta de privilegio e fidalguia, passada a 25 de setembro de 1617.

Casou Pedro Craesbek em Lisboa, com D. Suzana Domingues de Beja, filha de João Domingues de Beja, e de D. Catharina Gomes Pacheco; e d'este casamento nasceram além de outros—Lourenço Craesbek e Paulo Craesbek. O primeiro casou em Verride, com D. Maria de Ceiga, filha do doutor Antonio de Ceiga, corregedor de Torres Vedras, e de D. Maria de Araujo.

Paulo Craesbek succedeu na typographia, e casou com D. Maria Torres Velloso, irman do padre João Vieira Velloso, instituidor do morgado da Patameira, e d'este matrimonio nasceu

Pedro Craesbek, capitão de mar e guerra, casado com D. Maria Garcez, da cidade do Porto, e tiveram:

D. Marianna Garcez Craesbek, que casou em Lisboa, com Manuel da Serra, familiar do Santo Officio, e natural da freguezia de Navió, no concelho de Ponte de Lima; que instituiu um morgado na terça de seus bens, o qual herdou seu filho, o doutor Francisco Xavier da Serra Craesbek.

no Porto, e juiz almotacé, bisavô do actual possuidor.

O officio de *almotacé* é muito antigo em Portugal, pois já existia no reinado de D. Diniz.

As suas obrigações e preeminencias se acham apontadas nas *Ord. do Reino*, liv. 1.º, tit. 18 e 67, § 14.

Competia-lhe prover de todos os mantimentos necessarios, os lugares onde estivesse a corte; e cuidar da conservação e reparos das pontes, calçadas e caminhos, que ficassem a cinco leguas de distancia do seu districto. (*Geographia Historica*, de Lima, tom. 1.º, pag. 328 e 524).

Um filho do *Manco de Gaia*, por nome Antonio Correia Pacheco Pereira, sentou praça de cadete, e morreu capitão de granadeiros, do 2.º regimento de infantaria do Porto (depois n.º 18) e fez a campanha de 1762, feita pela Inglaterra e Portugal contra a Hespanha e a França, por causa do celebre *pacto de familia*. Esta guerra terminou pelo tratado de paz entre as quatro nações, feito em 10 de fevereiro de 1763. Antonio Correia foi um militar muito distincto.

Antonio Craesbek de Mello, filho de Paulo Craesbek e de sua segunda mulher, D. Cecilia Soares, e cavalleiro de S. Thiago, succedeu na typographia e casa de seu pae.

Diogo Soares Craesbeck, ultimo filho de Paulo Craesbeck e da referida sua segunda mulher, casou no Porto, com D. Thereza de Sousa Ferreira, e foi procurador da camara d'esta cidade, em 1686, e escrivão da mesma em 1700 e 1701.

Entre outros filhos d'este casamento, houve D. Joanna Maria Craesbeck de Mello, que casou em S. Pedro do Sul, com Luiz Correia de Abreu, senhor do morgado e casa de Anciães, e filho do capitão-mór da dita villa, José Correia d'Abreu e de sua mulher D. Catharina de Vasconcellos. Foi sua undecima filha.

D. Rosa Francisca Craesbeck de Mello, que casou com João Correia Pacheco Pereira (o *Manco de Gaia*) familiar do Santo Officio, vereador da camara do Porto, em 1724 e 1725, deputado do subsidio militar e guarda mór da saude. Exerceu todos estes cargos com o maior desinteresse e rectidão, sendo até severo em demasia, para os transgressores das leis, ou dos accordãos da camara, pelo que o seu nome se tornou proverbial, e ainda hoje se diz no Porto e Villa Nova de Gaia — *A justiça do Manco de Gaia te caía em casa!* — (Era manco desde muito novo, em consequencia de quebrar uma perna cahindo abaixo de um cavallo bravo). Morava no caes de Villa Nova de Gaia, em um palacete seu, que foi devorado por um incendio, em 1857, e está hoje reduzido a armazem de vinhos, do grande exportador, o sr. Antonio Ferreira Meneres, que comprou as ruínas e as reedificou.

Foi filho do Manco de Gaia, outro João Correia Pacheco Pereira, que sentou praça no 2.º regimento do Porto, em 15 de janeiro de 1756, e foi reformado em tenente coronel de infantaria, a 13 de março de 1806. Falleceu em 5 de agosto do mesmo anno, com 76 annos de idade, sendo sepultado na igreja do mosteiro de Valle de Piedade, hoje reduzida a armazem de vinhos.

Foi senhor da casa e quinta de Marevidi. Casou em Villa do Conde, com D. Clara Jo-

sefa Margarida de Noronha e Silva, filha de Manuel Alb. rto da Silva, familiar do Santo Officio, cavalleiro professo na ordem de Christo, sargento-mór da me-ma villa.

D'este casamento houve muitos filhos, e entre elles, Manuel Correia Pacheco Pereira, senhor da quinta de Marevidi, e de muitos outros bens de seu pae. Sentou praça na artilheria do forte de Nossa Senhora das Neves, de Leça da Palmeira (ou Mattosinhos) em 16 de julho de 1792, e, sendo cadete, pediu e obteve baixa, em 1806.

Casou a 8 de maio de 1810, com D. Maria Benedicta de Moura Teixeira de Magalhães e Andrade, filha de Balthazar Luiz de Moura Magalhães, e de D. Thereza Angelica Teixeira Falcão de Andrade, da casa de Fundo de Villa de Vides, na freguezia de Pedraça, concelho de Cabeceiras de Basto. Era sobrinha materna de Bernardo Teixeira Falcão de Andrade, capitão-mór de Basto, e de D. frei Paulo Teixeira, ultimo abbade geral do convento de bernardos de Alcobaca, e esmolier-mór de el rei. Falleceu em 1833.

Manuel Correia Pacheco Pereira e sua mulher D. Maria Benedicta, tiveram os filhos seguintes:

D. Francisca Felicidade Correia Pacheco Pereira de Magalhães, nascida a 23 de janeiro de 1815 e que casou com seu primo, o sr. doutor Bernardo Teixeira de Moura Coutinho, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Vigosa, fidalgo cavalleiro da casa real, com exercicio no paço, distincto advogado no Porto, e senhor das casas de seus maiores, de Fundo de Villa de Vides, Ossella, Telhado, Portella, Paços, e Abelheiro, na freguezia de Santa Maria de Cauêdo, concelho de Celorico de Basto.

D. Ermelinda Engracia Correia Pacheco Pereira de Magalhães, nascida a 17 de abril de 1818, casada com o sr. doutor Adriano de Magalhães Barbosa de Pinho, esclarecido advogado na cidade de Penafiel, dos quaes é filho o distincto doutor, o sr. Acacio de Magalhães Correia Barbosa.

D. Emilia Ephigenia Correia Pacheco Pereira de Magalhães, nascida em 16 de setembro de 1819, que casou com o sr. Bento José

de Castro, da casa de Afreita, freguezia de Nevogilde, no concelho de Lousada, e d'este casamento existem duas filhas, as sr.^{as} D. Maria Maxima de Castro Correia, senhora da casa de seus paes, e D. Bernarda Bertolina de Castro Correia.

D. Rita Adelaide Correia Pacheco Pereira de Magalhães, nascida em 2 de junho de 1829, e que vive na cidade do Porto, com sua irmã, D. Francisca Felicidade, empregando o seu tempo em actos de piedade e caridade, sem ostentação, segundo os preceitos do Evangelho.

D. Maria Alexandrina Correia Pacheco Pereira de Magalhães, nascida em 29 de janeiro de 1827, e vive na sua casa do Vallinho, freguezia de Beire, concelho de Paredes.

E os senhores

José Correia Pacheco Pereira de Magalhães, que nasceu a 5 de março de 1822 Falleceu quando frequentava o quinto anno de direito.

João Correia Pacheco Pereira de Magalhães, que é o primogenito, e actualmente, por successão, herdeiro e senhor da referida quinta de Marevidi, proximo a Quebrantões, em cuja capella (da invocação de S. João B.ptista) elle e todos os seus irmãos foram baptisados, e onde, como já disse, foi sepultado o valente e leal brigadeiro Francisco Peixoto.

Nasceu a 27 de setembro de 1811. Foi capitão da 4.^a companhia do regimento de milicias da Feira (do qual era coronel o honradissimo fidalgo, Alvaro Leite Pereira de Mello e Alvim, senhor dos morgados de Campo Bello, Atães, S. João Novo, do Porto, Qu-brantões e Gaia Pequena).

Durante a guerra fraticida de 1832 a 1834, fez toda a campanha no seu regimento até abril de 1834, passando então para a 1.^a companhia de granadeiros, do regimento de infantaria n.º 11, a qual commandou na batalha da Asseiceira, em 16 de maio d'esse anno; recebendo pelo seu exemplar comportamento n'esta acção, os elogios do seu coronel, João Antonio Aparicio.

Sempre fiel ao juramento que havia prestado, acompanhou as suas bandeiras até

Evora, sendo um dos convencionados de Evora Monte.

Depois d'esta guerra, geralmente desastrosa, seguiu os estudos superiores, em Coimbra, formando-se em direito.

Foi juiz ordinario do julgado de Paredes, por espaço de cinco annos, pois para a sua casa do Barreiro, da freguezia da Magdalenha, do concelho de Paredes, se haviam retirado seus paes e toda a sua familia, 15 dias antes do desembarque dos liberaes (em 8 de julho de 1832) e na casa do Barreiro reside desde então.

Até esse tempo residiam na quinta de Marevide.

Foi administrador do concelho de Paredes, desde 28 de julho de 1851, até ao 1.º de setembro de 1863; sendo exonerado, a seu pedido, por *não querer ser juiz com taes mordomos...*

Não é preciso dizer que em todos estes cargos, foi sempre um magistrado exemplar e imparcialissimo, administrando justiça recta, tanto a gregos como a troyanos.

Dedicou-se então á advocacia, e sempre o seu escriptorio tem sido um dos mais concorridos de consultantes.

Casou em 21 de maio de 1854, com a senhora D. Maria Adelaide da Cunha Teixeira Vasconcellos Porto-Carreiro, nascida na casa de Coura, freguezia de Bitarães, em Paredes, a 12 de junho de 1837, e é virtuosissima filha do nosso esclarecido academico e conselheiro, o sr. doutor Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos. (Vide vol. 7.º, pag. 511 e 525).

D'este feliz consorcio ha actualmente dez filhos, todos nascidos na referida casa do Barreiro, e são, as senhoras :

1.º—*D. Maria Correia de Porto-Carreiro Craesbeck Pacheco Pereira*, nascida em 14 de abril de 1867, e está a educar-se no convento de Jesus, de Aveiro, o qual, desde o fallecimento da ultima freira, se conservou habitado pelas seculares e educandas, que, secundadas pelos principaes cavalheiros de Aveiro, e pelos jornaes da localidade, reque-reram e obtiveram a conservação do mostei-

ro e pequena cêrca, transformado hoje em collegio de educação de meninas internas.

Como o governo apenas lhes deu o edificio e a cêrca (e isso sabe Deus o que custou!...) aquellas virtuosas senhoras, que alli tinham vivido desde a infancia, não tinham outros meios de subsistencia, senão o pouco que podiam adquirir com o seu trabalho; por isso estabeleceram um collegio, em 1876, que é hoje um dos melhores—senão o melhor—do reino; pois que a directora (a sr.^a D. Leonor Angelica Cardoso de Lemos) que alli foi educada por uma sua tia freira, e alli vive ha mais de 30 annos, é uma perceptora sollicita, virtuosissima e de grande intelligencia e instrucção.

2.^o—*D. Antonia Craesbeck de Porto-Carreiro Correia Pacheco Pereira*, nascida em 11 de março de 1869, e que está a educar no mesmo collegio de Jesus.

3.^o—*D. Olinda Craesbeck Correia de Porto-Carreiro Pacheco Pereira*, que nasceu a 28 de outubro de 1875.

E os senhores:

4.^o—*Manuel Correia de Porto-Carreiro Teixeira de Vasconcellos*, nascido em 11 de setembro de 1855. Frequenta os estudos de engenharia civil, na escola polytechnica.

5.^o—*José Correia Pacheco Pereira Craesbeck de Porto Carreiro*, nascido em 12 de maio de 1857, e frequenta a universidade de Coimbra, na faculdade de direito.

6.^o—*Antonio Correia Porto-Carreiro Teixeira de Vasconcellos*, que se destina á vida militar, e frequenta, para isso, a escola polytechnica de Lisboa. Nasceu em 20 de novembro de 1858.

7.^o—*Abel Correia Pacheco Pereira*, nascido em 15 de julho de 1860. É inhabil para as lettras.

8.^o—*Luiz Correia Craesbeck Pacheco Pereira de Porto-Carreiro*, nascido em 21 de novembro de 1861, e frequenta os preparatorios para estudos superiores.

9.^o—*Francisco Correia Craesbeck Pacheco Pereira de Porto-Carreiro*, nascido em 31 de março de 1863, e frequenta os mesmos estudos de seu irmão Luiz.

10.^o—*Antonio Craesbeck Correia Pacheco Pereira*, nascido em 7 de dezembro de 1872. (Dão tambem a este menino o nome de *Antonio da Trindade*, por ser afillado do bispo de Lamego, o sr. D. Antonio da Trindade e Vasconcellos Pereira de Mello).

Terminarei este artigo com um rasgo da mais acrisolada franqueza e lealdade, do sr. João Correia Pacheco Pereira de Magalhães, é o seguinte:

Quando foi nomeado administrador do concelho de Paredes, disse ao sr. D. Pedro da Costa Macedo, então governador civil do Porto—«É preciso que v. ex.^a saiba quem sou e d'onde venho, para se não enganar comigo: eu sou um official do exército legitimista, convencionado em Evora Monte, e por nenhum motivo deixarei as convicções que mamei com o leite materno.»—O governador civil, que é tambem um cavalheiro honradissimo, respondeu-lhe:—«Agrada-me a sua declaração, que é um testemunho de lealdade e cavalheirismo; meu pae tambem foi realista e convencionado de Evora-Monte, e eu nem por isso deixo de cumprir rigorosamente os meus deveres, como magistrado superior do districto.»

Mesmo assim, o sr. João Correia soffreu alguns desgostos durante o tempo da sua administração, por ser trahido por alguns liberaes furibundos; porém os liberaes honrados e imparciaes fizeram-lhe sempre, e ainda fazem, a devida justiça.

—*Manuel Correia Pacheco Pereira* (pae de todos estes filhos e avô d'estes dez netos) foi um dos mais perfeitos cavalheiros do seu tempo; austero no cumprimento dos seus deveres de cidadão e de pae de familia, antepunha a tudo as leis da honra e da probidade. Catholico puro, foi sempre um legitimista de antes qu'abar que torcer, e honrando-se de o ser, tanto em particular como em publico; era inimigo declarado de todos os impios, mações e demagogi-

cos, com os quaes, por nenhum respeito transigia; mas sendo ao mesmo tempo tolerante para com os inimigos do seu partido, se eram homens honrados e catholicos. Deu a todos os seus filhos uma educação esmeradíssima, incutindo-lhes nos corações os puros sentimentos que n'elle tanto resplandeciam, não só com a palavra, mas, e ainda mais, com o exemplo; achando em sua esposa um modelo de todas as virtudes religiosas e domesticas, o que muito contribuiu para que seus filhos e filhas sejam respeitados e admirados como dignos descendentes de tão virtuosos progenitores.

QUEIJADA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 18 kilometros ao O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 150 fogos (incluindo os da annexa).

Tinha em 1757, a freguezia da Queijada, 45 fogos, e a annexa 56—ambas—101.

Orago, S. João Baptista.

Arcebisado de Braga, districto administrativo de Vianna do Castello.

O antigo nome d'esta freguezia era *Queixada*, que vem a ser o mesmo que *Queijada*, porque os nossos avós diziam *queizo* em vez de *queijo*.

A mitra primacial apresentava o abbade, que tinha 250.000 réis de rendimento.

Tem annexa a antiga freguezia de Boulhosa (Vol. 1.º, pag. 427, col. 1.º, no fim).

Estas duas freguezias formavam antigamente um couto da ordem de Malta, do qual era senhor o commendador de Chavão, com jurisdição no civil.

No crime pertencia ao julgado de Albergaria. Denominava-se *couto de Queijada e Boulhosa*.

E' terra muito fertil, e atravessada pelo rio Ave e alguns ribeiros anonymos.

QUEIMADA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Armamar, 12 kilometros de Lamego, 335 ao N. de Lisboa.

160 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Esta freguezia é muito antiga, pois já existia em 1663 (vide *Cambres*) porém o *Portugal sacro e profano* não a traz.

A 2 kilometros d'esta povoação, nas faldas do *Monte Razo*, e no sitio denominado Santo Thyrsó, em março de 1876, andando uns operarios a abrir uma valla, em terra do sr. José Antunes da Silva, proprietario, da freguezia de Queimadella, para a passagem de uma agua pertencente ao mesmo e ao sr. padre Manuel Alves dos Anjos, parochio da freguezia de S. Romão de Armamar; appareceram, a mais de um metro de profundidade, uma mó de moinho de mão, uma porção de madeira lavrada, e algum carvão, denotando tudo isto muita antiguidade.

Na serra de S. Domingos da Queimada (ou São Domingos de Fontêllo) e mesmo junto á capella do santo que dá o nome á serra, tem apparecido muitas medalhas romanas, com os bustos e inscrições de varios imperadores.

Ha n'esta serra grande abundancia de granito, de qualidade superior para cantaria, o qual se exporta para Lamego, Régua e outras povoações ainda mais distantes.

Na Régua não ha outro granito, senão o que vem d'aqui; porque no territorio d'esta villa só se encontra schisto e quartzo.

Entre a Queimada e a serra de S. Domingos, está a formosa *Veiga de Naçarães* (que os antigos denominavam *de Nazarem*, derivado do arabe—*nasrani*) e n'esta veiga e nas freguezias da Queimada e Queimadella—a seguinte—é que se diz ter existido a primitiva cidade de Lamego, incendiada e arrasada pelas 14 legiões romanas; e que d'este facto provém o nome de Queimada e Queimadella.

Para evitarmos repetições, vide o primeiro *Fontêllo e Lamêgo*.¹

A veiga é uma especie de platô, e, ainda que o solo é frio, é de um lindo aspecto, e de produções variadissimas, por estar muito bem cultivado. Vide *Naçarães*.

¹ Segundo alguns escriptores, Queimada é uma povoação toda construida de novo com o resto dos materiaes da antiga Lamego; e Queimadella que lhe fica ao S.O., foi reedificada na parte destruida, mas haviam escapado algumas casas ao incendio, por isso a esta se chamou assim, por não ter ardido totalmente.

Esta distincção etymologica tem seu tanto ou quanto de *conto de velha*.

Suppõe-se que a antiga Lamego seja uma cidade que Ptolomeu menciona na 2.^a Tabua da Europa, no cap 5º, e á qual dá o nome de *Lama*, e a assenta entre os povos *velones*; ou então ou ra que denomina *Lacónimurgum*, também no paiz dos vetones.

Diz-se ter sido uma das grandes povoações da Península.

QUIMADELLA — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Armamar, 6 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 103 fogos.

Orago Nossa Senhora da Piedade.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O abbad da Figueira apresentava o cura, que tinha 80\$000 e o pé d'altar.

E', como a antecendente, freguezia muito antiga, e já existia antes da monarchia portugueza; mas o documento mais antigo que d'ella encontréi, foi um testamento de mão commun, feito entre Louraço Pires e sua mulher, Marinh' Aones, no anno de 1314.

O marido diz—*Mando o meu pelote (capa de pelles) e a minha capa (capa de panno, ou capote) a João Joannes, de Queimadella.* — A mulher diz—*Mando o meu pelote a quem cante missas por mandado do capellão.* (Doc. de Lamego).

Para tudo o mais, vide *Queimada*.

QUEIMADELLA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Fafe (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Braga) 24 kilometros ao E. N. E. de Braga (a cujo arcebispado e districto administrativo pertence) e 380 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 149 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

A mitra primacial apresentava o abbad, que tinha 140\$000 réis de rendimento, além do pé de altar.

E' povoação muito antiga, provavelmente anterior á fundação da nossa monarchia.

Nas *Inquirições reaes*, mandadas fazer em 1310 pelo rei D. Diniz (era então esta freguezia do julgado da Maia) se mandou ficar como estava, a *Ferraria*,¹ que traziam

por *Honrra, toda, os gafos de Alfena, por que tinha sido de D. João Peres da Maia.*

Vide *Alfêna*.

E' terra muito fertil, como são todas as d'estes sitios.

QUEIRAN—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Vouzella, bispado, districto administrativo, e 12 kilometros ao N. de Vizeu, 280 ao N. de Lisboa, 430 fogos.

Em 1757 tinha 300 fogos.

Orago, S. Miguel Archânjo.

Era commenda da casa das rainhas, as quaes apresentavam o abbad, que tinha réis 300\$000 de rendimento annual.

E' freguezia muito antiga, pois nas *Inquirições de D. Affonso III (1250)* se menciona a freguezia de S. Miguel de Queiran como já existente em 1134.

N'essas *Inquirições* se diz que o logar de *Naumam* ou *Loumam* d'esta parochia fôra dado por D. Affonso Henriques n'esse anno de 1134 a Pelagio Vezoiz.

Em 1290, nas *Inquirições* do rei D. Diniz se achou que alli moravam doze homens, *foramontãos*, cujos casaes eram contados. (Vide *Foramontãos*).

A dois kilometros da egreja matriz, está o logar de Igareí, onde ha uma capella dedicada a Nossa Senhora das Neves.

Segundo a lenda, a imagem d'esta Senho-

forja, ou qualquer officina de *ferreiro*; mas sim um campo que dá herva (prado ou lameiro).

Vem de *Ferran*, certo pasto verde para gado, cuja semente procede quasi sempre das limpaduras do trigo, centeio e cevada, por isto é que se dá o nome de *farragem* á mistura de cousas heterogeneas, amontoadas sem ordem alguma.

Em 1142, Simão Paes, deão da Sé de Vizeu, emprazou as suas herdades de Gouveia (então termo de Pinhel) na Beira Baixa, com o foro da sexta parte de todos os fructos (o que se chamava *dar de sesmaria*) *excepto versas* (hortaliças) e *porros* (alhos) e *fruytas das arvores*. Além d'isto, uma *Ochava* (oitavo, meia quarta) de trigo e outra de centeio, e que cada um dos moradores ou *emphiteutas* podessem fazer a sua *ferrãa de huma Ochava*, e não mais. *Suam ferraginem de singulis Ochavis, et non plus.* (Doc. da Sé de Vizeu, de 1142.)

Vide *Ferragial*.

¹ A palavra *Ferraria*, aqui, não significa

ra appareceu em um monte proximo, aonde hoje existe uma cruz, para memoria, e por isso se chamou o monte de Santa Cruz.

Diz-se que, depois, a mesma imagem apparecêra junto á estrada real, e perto de Igareí.

O povo construiu logo n'aquelle sitio uma ermida, toda de cantaria lavrada, com 22 palmos de comprimento e 31 de largo, com um só altar, que é o da Senhora.

Esta imagem é formada de pedra fina e de excellente escultura.

Festeja-se no dia de S. Lourenço com o evangelho das Neves, hindo a Senhora em procissão á igreja matriz.

Na mesma capella se festeja a imagem de Santo Antão, e tanto em uma como em outra festividade, recebe a Senhora varias offer-tas, que são applicadas para o culto divino e reparos da capella.

Os povos que concorrem para a festa, são os de Igareí, Queiram, Quintilla, e ainda bastantes devotos das povoações visinhas e da cidade de Viseu.

Phenomeno

Nos archivos do governo civil de Viseu encontra-se o seguinte curioso documento:

Ex.^{mo} sr.—Eu indo a Vasconha conduzir á sepultura o phenomeno da natureza, ob-servei o seguinte:

E' monstro da natureza humana, tinha a cabeça de homem, da grandeza de uma bola de jogar, o craneo coberto de cabello bonito côr de castanha madura, o osso coronar um só, bem formado o rosto redondo, por baixo do dito osso tinha dois narizes bonitos e bem formados, no meio dos narizes tinha um olho com duas (a que se chamam) meninas para a parte de fóra do nariz direito, e do esquerdo tinha seu olho, bem formados, com pestanas e sobranceilhas; por baixo dos narizes tinha duas bocas, bem formadas; tinha um só queixo maxillar com uma só barba, duas orelhas no lugar natural; bem parecido do rosto e só difforme pelos dois narizes, duas bocas e tres olhos; pescoço bem feito; de cada hombro saiam dois braços, dois virados para as costas e

dois para a frente, cada um com duas canas, e cada mão com quatro dedos; tinha uma só envimia no meio do utro; até aos quadris é um só corpo; de cada um saem duas pernas, duas do quadril direito, e duas do esquerdo; entre cada duas pernas tem um anus e uma parte pudenda feminina; as pernas cada uma tem duas tibias osseas, cada uma perna com seu pé, cada um com quatro dedos.—Nasceu vivo, durou quasi duas horas, abriu todos os olhos como as bocas, foi baptisado—in periculo—por Manuel Duarte.

E' o que pude colligir; hoje o mando enterrar, tendo esperado até agora a ver se alguem o queiria remetter ao museu.—Deus guarde v. ex.^a, residencia de Quirã, 11 de abril de 1867.—Ex.^{mo} sr administrador do concelho de Vouzella—Abbate José da Silva e Fonseca.

A esta freguezia se dava antigamente o nome de *Queiram*, e no foral que lhe deu D. Affonso III, em Santarem, no 1.^o de dezembro de 1272, se lhe dá o nome de *Prado de Queirã de Lafões* (Liv. 1.^o das doações de D. Affonso III fl. 117 v., col. 1.^a no tim).

QUEIRAZ ou **QUIRAZ**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 12 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Orago, o S. Salvador.

Arcebispo e districto administrativo de Braga.

O abba de Santa Maria de Gallégos apresentava o vigario, que tinha 40,000 réis de rendimento, além do pé d'altar.

Esta freguezia está annexa á de Roriz, no mesmo concelho de Barcellos.

E' terra fertil.

QUEIRAZ ou **QUIRAZ**—freguezia, Trazos-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 85 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 31 fogos.

Orago, S. Pedro apostolo.

Bispo e districto administrativo de Bragança.

O papa e a mitra apresentavam alternati-

vamente o abba de, que tinha 600,000 réis de rendimento.

Esta freguezia está annexa á de Villariño, e por isso se chama officialmente—freguezia de Quiraz e Villariño.

Antigamente pertenceu ao concelho de Santalha (hoje extincto) e á comarca de Bragança.

QUEIRIGA—freguezia, Beira Alta, concelho de Fráguas, comarca de Castro Daire, 18 kilometros ao N. de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 99 fogos.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O abba de Cotta apresentava o cura, que tinha 6,000 réis de congrua e o pé de altar.

QUEIRIZ—freguezia, Beira Baixa, concelho de Fornos d'Algodres, comarca de Celorico da Beira, 42 kilometros ao S.E. de Viseu, 300 a E. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 89 fogos.

Orago, Santa Agueda.

Bispado de Viseu districto administrativo da Guarda.

QUEIXO—portuguez antigo—queijo.

(Doc. do Mosteiro de Alpendurada de 1312).

QUELFES ou **QUELFES** — freguezia, Algarve.

Já está em *Guelfez*. (3.º vol., pag. 345, col. 1.º).

Agora accrescento mais o seguinte:

Quelfes é o plural do adjectivo arabe *quelfe*—significa *malhado*. Deriva-se do verbo *cálefa*, ter a cor negra, misturada com manchas amarellas.

Ha n'esta freguezia a capella de Nossa Senhora do Rosario, construida pelos annos de 1700, muito concorrida de romeiros no dia da sua festividade, 1.º domingo de outubro.

QUELHA DE GONTA—monte, Beira Alta, na freguezia de Riba-Feita, concelho de S. Pedro do Sul, comarca de Vouzella.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Este monte, ou cabêço, fica a cavalleiro

da aldeia de Lustosa, da mesma freguezia, e n'elle se construiu, em 1875, uma elegante e formosa capella, dedicada ao S.S. Nome de Jesus, por devoção e á custa do sr. Manuel Rodrigues de Carvalho Magalhães, do referido lugar de Lustosa.

Do sitio onde está edificada a capella, se avista uma grande extensão de territorio, e os edificios mais altos da cidade de Viseu.

Gonta, é nome proprio de homem.

No *Livro de Mumadona* se diz, que D. Flamula vendeu ao abba de Gonta, em 923, a sua aldeia de Quintanella, na comarca de Braga.

(Doc. do cartorio do arcebispado de Braga.)

QUELUZ—aldeia, Estremadura, na freguezia de Barcarena, concelho d'Oeiras, comarca, districto administrativo, patriarchado e 14 kilometros ao N.O. de Lisboa. Tem (a aldeia) 230 fogos.

E' situada em lugar baixo, cercada de varios outeiros de pouca elevação, mas em sitio ameno, fertil e saudavel.

D. Chrystovão de Moura (tristemente celebre por ser traidor á patria, e por isso feito conde de Castello-Rodrigo, por Philippe II, em 1590, e depois marquez do mesmo titulo e *grande de Hespanha*, por Philippe III) tinha aqui uma grande quinta com sumptuosa casa de residencia, o que tudo foi sequestrado por ordem de D. João IV, em 1640.

(Vide Castello Rodrigo, Guarda, Lisboa—palacio de Corte Real—a pag. 125, e Moura).¹

Além d'esta quinta, o mais, até á data da restauração, era apenas uma aldeia insignificante.

Em 1654, D. João IV fundou com a quinta dos Corte-Reaes e tudo mais que que elles possuíam n'este reino, bem como com os bens de todos os fidalgos que se tinham bandeado com os castelhanos, a *casa do infante*, por alvará de 11 de agosto do mes-

¹ O sequestro foi feito ao 2.º marquez de Castello Rodrigo, D. Manuel de Moura Corte-Real, filho do 1.º marquez, e que, como seu pae, era partidario dos Philippes.

mo anno de 1654. em favor do filho 2.º dos nossos reis, afim de estabelecer e formar uma segunda linha de successão.

O filho segundo de D. João IV foi o infante D. Theodosio, que fallou de 17 annos de idade, antes da fundação da casa do infantado, pelo que passou esta ao 3.º filho, o infante D. Pedro, depois rei, 2.º do nome, e que foi o 1.º senhor da casa do infantado, a qual foi depois muito augmentada em rendimentos, honras e privilegios pelo fundador e seus successores.

O infante D. Pedro, em 1667, foi habitar o palacio de Quéluz, e alli urdiu a conspiração palaciana, que deu em resultado a fuga da rainha, D. Maria Francisca Isabel de Saboia, a 2 de novembro do mesmo anno, para o convento da Esperança, de Lisboa, e a abdicação forçada de D. Affonso VI, logo a 23 do mesmo mez.

D. Pedro, enquanto infante, e mesmo depois de rei, poucos melhoramentos fez no palacio de Quéluz.

Sucedeu na casa do infantado seu filho segundo, o infante D. Francisco, que gostava muito do palacio de Quéluz, e n'elle rezidia todos os annos pela estação calmosa; mas os habitantes da povoação gostavam pouco da residencia do infante em Quéluz, porque eram frequentes as suas travessuras alli, travessuras que muitas vezes se transformavam em crueldades.

Falleceu em 1742, e o povo acreditou que a alma do infante vagueava todas as noites em torno da quinta, em castigo dos seus peccados, e que esta punição só terminou cem annos depois da sua morte—isto é—em 1842.

O infante D. Francisco, foi senhor do palacio e quinta de Quéluz, por espaço de 35 annos, e bastantes melhoramentos fez n'esta propriedade.

Morreu solteiro, mas deixou um filho natural, reconhecido, que se chamou o *senhor D. João da Bemposta*.

Por morte de D. Francisco, houve demanda entre o infante D. Antonio, 3.º filho de D. Pedro II, e o infante D. Pedro, seu sobrinho (depois rei, 3.º de nome) por causa da successão na casa do infantado, sentenciando

do os juizes a favor de D. Pedro, que depois casou com sua sobrinha a rainha D. Maria I.

Foi D. Pedro, tanto no tempo de infante como depois de rei, que elevou o palacio e quinta de Quéluz ao grau de sumptuosidade em que hoje se acham, adquirindo, por compra, varias propriedades contiguas, para o alargamento da quinta, e encarregando o architecto Matheus Vicente de Oliveira, e o esculptor francez João Baptista Robillon, do risco e execução de um novo palacio e da planta e ornatos dos jardins e quinta.

Princiaram os trabalhos em junho de 1775, e progrediram até 25 de maio de 1786, dia em que falleceu D. Pedro III. Pararam os trabalhos, até que em 1794 D. Maria I mandou construir um novo corpo do palacio, onde rezidiu.

Tal era a magnificencia d'estas obras, que todos os grandes rendimentos da casa do infantado, apenas chegaram para se concluir os jardins, sendo preciso que a rainha mandasse dar um grande subsidio, tirado do thesouro publico, para a continuação do palacio, que, mesmo assim, ficou incompleto.

Davam-se aqui, nos dias de S. João Baptista e S. Pedro, e nos anniversarios natalicios da familia real, as mais pomposas festas da nossa côrte, nos tempos modernos.

Sob a direcção do architecto Ignacio de Oliveira Bernardes, se construiu um theatro, cuja abertura teve logar na noite de 17 de dezembro de 1778, e serviu para solemnisar o anniversario natalicio de D. Maria I. ¹

Em razão do incendio, que destruiu uma grande parte do palacio velho da Ajuda, foi a familia real habitar o palacio de Quéluz, desde os fins do seculo passado até 29 de novembro de 1807, dia em que a familia real fugiu para o Brazil; e no seu regresso (3 de julho de 1821) tornou a habitar o palacio de Quéluz. Pouco tempo depois, foi o rei com seus filhos e filhas mais velhas, habitar o palacio da Bemposta, em Lisboa, ficando em Quéluz sómente a rainha D. Carlota Joaqui-

¹ Tinha nascido a 17 de dezembro de 1734.

na, com a sua filha mais nova, a infanta D. Anna de Jesus Maria, depois duqueza de Loulé.

N'este palacio nasceram varios filhos de D. João VI e da *imperatriz-rainha* D. Carlota Joaquina; mencionarei os seguintes :

D. Pedro, primeiro imperador do Brazil, a 12 de outubro de 1798. (Falleceu no mesmo quarto onde havia nascido, a 24 de setembro de 1834).

D. Miguel I, a 26 de outubro de 1802. (Falleceu em Bromback, Allemanha, a 14 de novembro de 1865).

D. Maria Thereza, princeza da Beira, da qual adiante trato.

A infanta D. Izabel Maria, a 4 de julho de 1804, e fallecida no seu palacio de Bemfica, a 22 de abril de 1876.

Foi em uma das capellas d'este palacio, que, em 1827, se recebeu a infanta D. Anna de Jesus Maria com o marquez (depois duque) de Loulé, em presença da *imperatriz-rainha*, mãe da noiva.

Aqui falleceu, a 7 de janeiro de 1830, a *imp- ratriz-rainha*, D. Carlota Joaquina de Bourbon e Bragança.

O sr. D. Miguel I gostava muito d'este palacio, e n'elle residiu a maior parte do tempo, durante o periodo do seu reinado, com suas irmãs solteiras, D. Izabel Maria e D. Maria d'Assumpção (que falleceu em Santarem a 6 de janeiro de 1834).

O senhor D. Miguel, hia todas as quintas feiras de Queluz a Lisboa, dar audiencia a todos os que a exigiam, no palacio das rainhas, tambem chamado da Bemposta, junto ao campo de Sant'Anna.

Com a sahida do senhor D. Miguel, com suas duas irmãs solteiras, para as provincias do norte, em 16 de outubro de 1832, ficou o palacio de Queluz apenas occupado por algumas açafatas e creados antigos da casa real: só em 1834, para alli quiz ser conduzido, já quasi moribundo, o senhor D. Pedro de Bragança, que falleceu no dia acima mencionado.

Desde então, a familia dos nossos reis, só raras vezes, e por muito pouco tempo, tem residido no palacio de Queluz, apesar de ser a mais bella das habitações reaes de Portugal.

Nos ultimos tempos, como a senhora D. Maria Pia gosta muito d'esta poetica vivenda, tem para aqui vindo passar parte dos verões a familia real portugueza.

O palacio é composto de varios corpos, differentes nas alturas, uns recuados outros resaltando, cada um de diversa architectura, mas formando no todo uma agradável e pittoresca perspectiva.

As suas salas são vastas, primorosamente adornadas, e deliciosamente situadas, cercadas de formosos jardins, e bellos laranjaes ajardinados, hortas e pomares amenissimos.

A sua architectura é, em quasi todas as partes, de um gosto primoroso, e as decorações dos aposentos, todas differentes, são de muito bom gosto e lindo effeito.

Treze salas são revestidas de magnificos espelhos, com riquissimos caixilhos de talha dourada, e os seus pavimentos, são, uns de marmore de côres, em formoso xadrez, outros de varias madeiras, tambem de côres, com formosos embutidos, variando de fôrma em cada sala.

As maiores salas, em vastidão e riqueza, são a *sala das talhas* e a das *serenatas*. Denomina-se assim a primeira d'estas salas, em razão das magnificas talhas do Japão que a adornam. Tem no topo dois thronos, com seus doceis sustentados por columnas oitavadas, guarnecidas de espelhos e dourados. Com espelhos do mesmo modo emoldurados, estão as portas e as paredes. O pavimento é de marmore azul e branco, em xadrez.

No tecto vê-se uma pintura, representando um grande concerto, no qual figura o rei D. José e a rainha D. Marianna Victoria; o famoso mestre de musica, David Peres, tocando cravo, ao lado do rei; a princeza D. Maria (depois rainha, primeira do nome) e as infantas D. Maria Francisca Benedicta (depois, princeza do Brazil) D. Marianna Josefa e D. Maria Dorothea, com papeis de musica nas mãos, em acção de cantarem; o infante D. Pedro (depois rei, tereiro do nome) regendo o concerto; e muitos fidalgos portuguezes.

Foi esta a sala destinada para os concertos da côrte, e n'ella se deram alguns esplendidos; mas depois se transformou em sala

de beijamãos, e para dar audiencias solemnes aos embaixadores estrangeiros.

Ficou desde então servindo para sala dos concertos, a, por isso, denominada *das serenatas*, que é muito mais vasta e sumptuosa que a precedente. Todas as suas paredes e portas são revestidas, de alto a baixo, de magníficos espelhos, com molduras ricamente esculpidas e douradas.

Da sala das talhas segue para a direita uma galeria com varias salas mais pequenas, mas igualmente ricas, tendo o pavimento de lindos e variados mosaicos, de madeira de diferentes côres, e nas paredes, formosos relevos dourados ou prateados, e grandes espelhos, tendo na extremidade inferior, formosas paizagens e varias figuras, primorosamente pintadas no vidro.¹

No fim d'esta galeria, está o pavilhão onde nasceu e morreu o primeiro imperador do Brasil. Veem-se n'elle trez paineis, pintados a óleo, com os retratos, do principe D. Antonio (filho primogenito de D. João VI, e fallecido em creança), do principe D. Carlos (irmão de Fernando VII, e avô de Carlos VII) e da primeira mulher do mesmo principe e sua sobrinha, a infanta D. Maria Francisca, filha de D. João VI.

O palacio de Queluz é, exteriormente, todo construido de marmore, adornado de grande numero de columnas e pilastras, de ordem jonica e doricca; de balaustradas, estatuas, vazos e outros ornatos. No tympano, sobre a grande janella do centro, do referido pavilhão, está um bello baixo-relevo, representando uma festa de Bacho.

A principal capella do palacio, fica do lado opposto dos jardins, com porta para a rua. É vasta e luxuosa. O oratorio particular contém algumas obras d'arte, de muito valor, sendo as principaes, varios paineis de primorosa pintura e uma formosa columna de agatha, sustentando uma estatua de S. Pedro, de prata, cinzelada com grande correção e belleza. (Foi presente, dado por Pio VII a D. João VI).

A quinta, pela sua vastidão e magnificen-

cia, corresponde á riqueza do palacio, e é, sem contradicção, a mais bella e luxuosa, e uma das maiores de Portugal.

Os jardins são em grande numero, mas os principaes estendem-se diante das differentes fachadas do palacio, e são adornados de grande copia de estatuas e vazos de marmore; e de lagos de todos os tamanhos e feitios, com repuchos de formosa apparencia. Quem d'estes jardins sáe para o parque, vê dois altos pedestaes, servindo de baze a duas estatuas equestres, representando a Família. São de marmore, e foram esculpidas por Manuel Alves, e Silvestre de Faria Lobo, pelo desenho do architecto francez Robillon, de que já fallei.

A quinta é no gosto italiano, cruzando, em todas as direcções, largas e compridas ruas, orladas de frondoso arvoredó; tendo tambem jardins, estatuas, lagos, viveiros, pomares de tangerineiras, ajardinados, cortados de bellos lagos, de marmore, imitando canaes; uma bella cascata; um jogo de bola, assombrado por arvores gigantescas; um jardim botanico (hoje muito descuidado) com suas estufas; e, finalmente, o rio que atravessa a quinta, encanado, e guarnecido de assentos de pedra, de vazos e urnas, e sendo atravessados (os canaes) por duas formosas pontes, com suas *casas de regalo*; e tudo isto orlado de copado arvoredó.

Ao parque segue-se a tapada, separada d'elle por uma cêrca de muros. Tem bastos arvoredos, muitas e largas ruas, e é abundante em caça miuda.

Em uma das cincoenta salas do palacio, está cuidadosamente conservado, debaixo de um docel, é encerrado em cortinas de damasco encarnado, o retrato, em corpo inteiro, do sr. D. Miguel I. Este retrato foi tirado em Vienna d'Austria, na occasião do malogrado casamento d'aquelle principe, com sua sobrinha, a sr.^a D. Maria da Gloria, depois rainha, segunda do nome; casamento que, se se effectuasse, evitaria o derramamento de muito sangue portuguez, e tantas e tão grandes desgraças a que deram causa os maus conselheiros do sr. D. Miguel.

Nos vastos jardins que circumdam o palacio, ha formosissimas flores, distinguindo-

¹ Treze salas d'este palacio, teem as paredes revestidas de magníficos espelhos.

se entre ellas, o bello *geranium do Cabo*, e soberbas magnolias.

Os maravilhosos e innumerados *jogos d'agua*, estão hoje muito mal tratados, e mais de quarenta annos de abandono, transformaram em vergonhosas ruinas esta rica propriedade, a mais bella do reino.¹

Foi tambem n'este palacio que nasceu, a 29 de abril de 1793, D. Maria Thereza, princeza da Beira, filha primogenita de D. João VI e de D. Carlota Joaquina, fallecida em Trieste (Illyria).

Casou em primeiras nupcias, com seu primo, o infante de Hespanha, D. Pedro Carlos, almirante da marinha portugueza, fallecido no Rio de Janeiro. D'este casamento nasceu um filho unico, o infante de Hespanha, D. Sebastião, tambem já fallecido, ao qual D. João VI conferiu as honras de infante de Portugal.

D. Maria Thereza, tendo ficado viuva de seu primeiro marido, casou passados muitos annos, com seu tio e cunhado, Carlos V, de Hespanha, viuvo da infanta portugueza, D. Maria Francisca.

Quéluz tem estação telegraphica com serviço permanente, em quanto alli está a familia real, e limitado, quando não reside aqui; e vae ter (julho de 1878) illuminação a petroleo, paga pela camara de Cintra, sendo os candieiros comprados pelos moradores da povoação.

Entre as varias casas de campo e formosas quintas de Quéluz, se distingue a residência dos srs. marquezes do Pombal, construida pelos annos 1800, pelo segundo marquez, Henrique José de Carvalho e Mello, gentil-homem da camara da rainha.

A casa é pequena, e não se chegou a concluir, por causa da invasão de Junot, em 1807. É de regular architectura, e bem ornamentada, com bonitas salas, decoradas com ricos estuques. Está situada quasi em frente do palacio real, proxima á povoação e á alameda que do lado do sul conduz ao mesmo palacio real. Em volta da casa ha

¹ Nos ultimos tempos, teem-se feito nos edificios alguns reparos; mas ainda falta muito a fazer.

uma vasta planicie; mas sem jardins nem arvoredos, o que a torna monótona. O fundador tencionava plantal-os, mas a fugida para o Brazil, interrompeu todos os trabalhos. Hoje acha-se tambem abandonada esta vivenda e ameaçando proxima ruina nos estuques e madeiramentos, mas não nas paredes, que são de optima cantaria.

Ha tambem em Quéluz uma excellente hospedaria, denominada *Hotel União*.

Em 25 de abril de 1828, o senhor D. Pedro, duque de Bragança, fez 1.º barão de Quéluz, ao doutor Antonio Bartholomeu Pires, cirurgião da real camara, cavalleiro das ordens, da Corôa de ferro, na Italia; da Legião de honra, em França; e do Leão de Zeringe, na Baviera.

O barão tinha nascido a 3 de fevereiro de 1795, e era filho de Antonio Bartholomeu Pires, e de sua mulher D. Marianna Joaquina.

Teve duas irmans, D. Luiza Isabel e D. Maria Isabel.

O senhor D. Miguel I tambem deu o titulo de visconde de Quéluz, ao seu medico, e official-mór da sua casa.

O visconde de Quéluz, acompanhou sempre o senhor D. Miguel, desde 9 de maio de 1824, dia em que sahiu a barra de Lisboa, na sua estada em Vienna d'Austria, e até á sua chegada a Lisboa, em 22 de fevereiro de 1828.

Depois, desapareceu, e os liberaes inventaram que o senhor D. Miguel o tinha assassinado, ou mandado assassinar; mas, em 1834, quando o rei sahiu de Portugal, o visconde de Quéluz se lhe foi juntar em Roma; e este facto, fez aniquilar mais uma calúnia.

Disseram-me que o pae do visconde, era um rico pádeiro, do Campo de Sant'Anna, em Lisboa.

O aprazivel sitio de Quéluz está actualmente sendo muito concorrido, não só pelas muitas distracções que alli se encontram, como pelo notavel aceio do *hotel União*.

Quando a familia real não está em Quéluz, a quinta, matta e jardins são franqueados ao publico.

QUERENÇA — freguezia, Algarve, na comarca e concelho de Loulé, 18 kilometros de Faro, 235 ao S. de Lisboa, 238 fogos. .

Em 1757 tinha 253 fogos.

Orago Nossa Senhora d'Assumpção.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

A mitra apresentava o prior, que tinha de renda dez moios de pão.

Esta freguezia é espalhada por casaes, e em terreno aspero e barrocal.

Proximo da egreja parochial, está a aldeia de Tór, e n'ella a capella de Santa Rita de Cassia.

É terra muito abundante de fructa, principalmente de *ameixas reinóes*, com as quaes sustentam os porcos. Produz tambem muito linho e azeite.

Perto da serra do seu nome, ha uma mina de cobre, com vestigios de ter sido lavrada.

Pela freguezia correm duas ribeiras, pelo S. a das *Mercês*; e pelo O. a de *Benemola*, que, depois de unidas, tomam o nome de *ribeira de Tór*, a qual no inverno é caudalossissima, alagando as varzeas, arrancando e arrastando as arvores, na sua corrente impetuosa, e causando outros prejuizos. Tem uma grandiosa ponte de cantaria, muito antiga, de cinco arcos. Depois se junta a esta ribeira, a do *Algibre*¹, passa sob a ponte da Quarteira e desagua no mar, junto á povoação d'este nome.

Na margem da ribeira Benemola, ha uma fonte (com vestigios de ser construida com magnificencia) que nasce debaixo de uma rocha gigantesca, com tamanha porção de agua e com tal violencia, que corta a ribeira (que já alli é bastante larga e de muita agua) e vae buscar a margem opposta. No verão, quando sécca a ribeira, só a agua da tal fonte dá para mover as mós de varias azenhas. Diz-se que esta agua tem a virtude de fazer expellir as sanguesugas que o gado bebe em outras fontes, pois a agua d'esta não as cria.

¹ Provavelmente corrupção da palavra árabe *Algezira*, que significa *Ilha*. Ha na Hespanha, sobre o Mediterraneo, e perto de Gibraltar, uma cidade assim chamada.

Em março de 1754, morreu n'esta freguezia, um lavrador chamado Simão Gonçalves, morador no sitio da *Bascinha*, com 116 annos de idade, pois tinha nascido em 1638. Enviuvou aos 109 annos, ao fim de 50 annos de casado. Casou segunda vez, logo no mesmo anno, e no seguinte teve uma filha. Nunca se sangrou, nem tomou remedio algum de botica, e jámais consultou medico ou cirurgião. Pouco tempo antes de morrer, hia, a pé, ouvir missa á egreja, que é a distancia de 6 kilometros. Era muito trabalhador, optimo atirador, e de muita bondade e caridade. O seu sustento ordinario era pão com mel, legumes, coelhos e perdizes.

O territorio da freguezia é fertil em todas as produções agricolas do nosso clima, menos em trigo e cevada.

No arredondamento de 1836, se juntaram a esta freguezia mais as aldeias do *Barranco do Velho*, e do *Sérro Alto*, que até então eram da freguezia de Salir.

Querença, no antigo portuguez, significava bem querer, amor, boa vontade, etc. Tambem diziam *querencia*.

QUERIMONIA ou **QUERIMA**—portuguez antigo—queixa ou querella que do juiz inferior se interpõe para o superior, ou para o soberano. Depois se deu a isto o nome de *agravo*.

QUERQUENAE ou **AQUAE QUERQUENAE**—Vide *Querquenos*.

QUERQUENOS—povos da Lusitania, de cuja comarca era cabeça, a cidade de *Aquæ Querquena*, a 70 kilometros de Braga, para a parte da serra do Gerez. O nome d'esta cidade suppõe-se ser derivado do latino *querucus*, que significa o carvalho, por haver por estes sitios grandes mattas d'estas arvores.

Ignora-se o local onde existiu esta cidade, da qual fallam Plinio, Ptolomeu e Pomponio Mella. É provavel que fosse destruida pelos suevos, no seculo v, e que fosse em algum dos sitios onde ainda se veem varias ruinas, sobre as margens da famosa *Geira*. Vide esta palavra.

QUÊS—portuguez antigo—queres. Ainda hoje, na Terra da Feira, os rusticos dizem *quês*, por *queres*—*alfês*, por *alferes*—*palmás*, por *palmares*, etc.

QUINAL—portuguez antigo—25 almudes. Vide *Puçal*.

QUINDENIO — portuguez antigo — certa quantia de dinheiro que de 15 em 15 annos se pagava á curia romana, das egrejas annexas aos conventos dos religiosos. A universidade de Coimbra tambem pagava a Roma o *quindenio*, pelas rendas que os pontifices lhe annexaram.

QUINHENTOS RÉIS—antiga moeda d'este nome e valor. Parece ser a moeda de ouro de *cinco tostões*, ou o *Meio Vicente*, do rei D. Sebastião, ou de D. João III.

QUIAIOS — freguezia, Douro, comarca e concelho da Figueira da Foz (foi da mesma comarca, mas do concelho de Maiorca, supprimido) 40 kilometros ao ONO. de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa, 950 fogos.

Em 1757 tinha 300 fogos.

Orago S. Mamede.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O prior de Santa Cruz de Coimbra apresentava o vigario, que tinha 200\$000 réis de rendimento.

É povoação muito antiga e foi couto, ao qual o rei D. Manuel deu foral, em Lisboa, a 23 de agosto de 1514. (*Livro dos foraes novos da Extremadura*, fl. 95, v., col. 1.^a).

É terra muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz. É n'esta freguezia a celebre *lagôa do Bom Successo*.

QUINCHÃES — freguezia, Minho, na comarca e concelho de Fafe (foi do mesmo concelho mas da comarca de Guimarães) 30 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 260 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra primacial apresentava o abbade, que tinha 600\$000 réis de rendimento.

QUINCHOSO—portuguez antigo—(ainda usado nas provincias do norte com a mesma significação). Vide *Chousa* e *Chousal*.

QUINGOSTA—Vide *Congôsta*.

QUINTA—antiga freguezia, Traz-os-Montes, ha muitos annos supprimida, a qual, com a de Aldeia Nova, tambem supprimida,

estão unidas á freguezia da cidade de Miranda do Douro.

QUINTA DA AMOREIRA — grande propriedade, Alentejo, que foi dos antigos condes de Santa Cruz, junto á villa de Monte-Mór-novo, e pertencente á freguezia de Nossa Senhora do Bispo, da mesma villa (e d'esta eram alcaides-môres os referidos condes). É uma propriedade muito antiga, pois já existia no reinado de D. João I. Tem grandes pomares e muito arvoredo.

Havia n'esta quinta uma antiquissima capella, em ruinas, não se sabendo a quem havia sido dedicada.

Pelos annos de 1687, estando os condes n'esta quinta, a condessa, D. Thereza Moscoso Osorio Mendonça Espinosa Gusmão Sandoval e Roxas (filha do marquez de Almoçan, primogenito da nobilissima casa de Altamira, em Hespanha) resolveu reedificar a capella, desde os fundamentos, mandando collocar no altar, a imagem de Nossa Senhora da Penha de França, que ficou sendo a padroeira da capella, e á qual se fazia uma grande festa, no dia da Assumpção (15 de agosto).

Antigamente havia aqui missa, em todos os domingos e dias sanctificados, paga pelos lavradores das immedições.

QUINTA DA BOA VISTA — grande propriedade, Extremadura, na freguezia de Nossa Senhora das Candeias (Purificação) de Alguer, concelho do Cadaval, comarca de Alemquer.

Patriarchado e districto adm. de Lisboa.

Esta quinta é o solar de um dos ramos da nobre familia dos Mellos, cujo morgado, n'esta quinta, foi instituido pelos annos de 1590, por Gião Fialho, capitão-mór de Ceuta, e commendador da ordem de Christo, e é hoje seu representante, o sr. José de Mello Correia Fialho Lobo da Silveira, cavalheiro muito bem quisto n'estes sitios, pela sua affabilidade e exemplar comportamento. (Vide volume 1.^o, pag. 130, col. 1.^a).

QUINTA (ou BANHOS) DA CAVACA — Beira Baixa, no concelho de Aguiar da Beira, comarca de Trancoso.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

Esta quinta foi de Diogo de Lemos, de Pena-Verde, fallecido em 1873, e tio do sr. José de Napoles Lemos Manuel, da illustre casa de Sarzedo, e um dos mais ricos e esclarecidos proprietarios d'estes sitios.

Ha n'esta propriedade uma abundante nascente de agua mineral, que ainda (que me conste) não foi devidamente analysada, mas á qual já concorrem muitas pessoas que padecem de rheumatismo ou de molestias cutaneas, e que com os banhos da Cavaca tem obtido curas maravilhosas.

O sitio dos banhos é pittoresco e ameno, e a 3 kilometros passa a nova estrada de Castendo, a qual villa fica a 10 kilometros dos banhos, e onde já ha *char-à-bancs* para Viseu e outros pentos da Beira.

QUINTA DA FOZ—Extremadura (mas ao S. do Tejo) na freguezia e 3 kilometros da villa de Benavente, e junto á valla que desemboca no Tejo, está esta grande propriedade, que é muito antiga, e pertenceu aos condes da Castanheira. Ha n'ella uma ermida, tambem muito antiga, que foi primeiramente dedicada ao martyr S. Sebastião, e no tempo de D. João III se lhe mudou o padroeiro para Nossa Senhora da Esperança, ou Nossa Senhora das Prêces, e vulgarmente Nossa Senhora da Foz. Tem trez altares.

Esta ermida foi reedificada por João do Quental, e a deixou por sua morte, bem como a casa e quinta da Foz, ao rei D. João III, que a deu a D. Antonio de Athaide, 1.º conde da Castanheira, que ficou, e seus descendentes, padroeiros da ermida, nomeando-lhe capellão, cuja congrua era paga pela real fazenda.

A festa da Senhora fazia-se na 2.ª oitava do Espirito Santo, e era concorridissima.

A quinta da Foz, passou depois para a casa dos marqueses de Cascaes. Tinha annos que dava ao dizimo 100 moios de pão!

(Vide volume 1.º, pag. 383, col. 2.º).

QUINTA DAS AGUIAS—Beira Baixa, na freguezia de Sernache (ou Cernache) do Bom-Jardim. (Volume 2.º, pag. 247, col. 2.º).

No artigo pertencente á villa da Certan (ou Sertan) a pag. 252, col. 1.ª do 2.º volume, disse que a *Quinta das Aguias* de hoje, é o que foi mosteiro de capuchos de Santo

Antonio. Não é. O mosteiro de capuchos de Santo Antonio da Certan, é hoje propriedade da camara, e estão n'elle diversas repartições publicas.

O mosteiro da mesma ordem a que hoje se dá o nome de *Quinta das Aguias*¹ é outro, e fica a uns 7 kilometros do antecedente, e na freguezia de Cernache (como disse no logar citado do 2.º volume).

Um individuo da Roda, de Santa Apollonia, que enriqueceu no Pará, comprou o edificio do mosteiro e a sua cêrca, transformando isto em uma formosa vivenda, que hoje possuem seus herdeiros, porque o *brazileiro* é já fallecido.

Ao sr. Ivo Pedroso Barata dos Reis, illustrado cavalheiro e rico proprietario, da villa da Certan, primo dos srs. conde do Casal Ribeiro, e Carlos José Caldeira, devo o obsequio d'esta rectificação.

O sr. Barata publicou em 1874 uma *Descrição topographica da villa da Sertan*, offerecendo-me um exemplar, o que cordialmente lhe agradeço.

QUINTA DAS CANNAS—Douro, suburbios da cidade de Coimbra. É uma bella propriedade, e pittorescamente situada.

É d'esta propriedade que tomou o titulo o seu actual possuidor, o sr. D. José Maria de Vasconcellos Azevedo Silva e Carvajal, feito visconde da Quinta das Cannas, em 25 de abril de 1865; e conde do mesmo titulo, em 14 de junho de 1870.

E' pertença d'esta quinta a famosa *Lapa dos Esteios*. (Vide 5.º volume, pag. 392, col. 1.ª, no principio).

QUINTA DAS LARANGEIRAS—Vide *Larangeiras*. (4.º volume, pag. 53, col. 2.ª).

QUINTA DE LAMPASAS ou LAMPAZES²—Traz-os-Montes, na freguezia de Bouçoães (volume 1.º, pag. 426, col. 1.ª).

N'esta quinta está o templo de Nossa Senhora da Ribeira (ou da Assumpção) que é

¹ Chama-se quinta das Aguias, pelas duas que tem sobre as hobreiras da porta principal.

² Parece-me que se devia escrever *Lampaso*, que é synonymo de *verbasco*, planta. Tambem póde vir de *Lampas*, que significa fructas novas, ou temporans.

a igreja matriz da freguezia, e de construção muito antiga. A festa da padroeira é a 15 de agosto, e a ella concorrem os povos de Villartão, e de outros muitos logares circumferentes.

QUINTA DO CASTELLÔ—antiga e pequena freguezia, Traz-os-Montes. Foi supprimida ha muitos annos, e está encorporada na freguezia da Alfandega da Fé.

QUINTA DO COVÊLLO—grande propriedade, Beira Alta, na freguezia de France. (Volume 3.º, pag. 226, col. 2.ª).

Fica esta quinta 12 kilometros ao E. de Viseu, e no áro da mesma cidade. É a propriedade muito vasta e rendosa, povoada de muitos pomares e arvores silvestres, vastas terras de lavoura, com abundancia de agua, o que faz o sitio fertil e agradável.

Tem um bom chafariz e alguns tanques, e uma espaçosa casa de habitação, com abegorias e mais officinas. Tudo isto está bastante descuidado, por ter andado ha muitos annos em poder de caseiros. A casa, sobretudo, está em grande ruina. A capella tambem carece de reparos, e ha mais de 30 annos que n'ella se não diz missa, por falta de paramentos, mas não está profanada.

São actuaes donos d'esta quinta, os filhos de Miguel Pinto Serpe; mas a maior parte pertence aos srs. doutor Valeriano e a seu irmão Francisco: aos outros irmãos pequena parte da quinta coube nas partilhas.

Quando a possuíam Valeriano Coelho de Sousa e sua mulher, D. Helena de Sá, edificaram n'esta quinta, em 1630, uma ermida, dedicada a Nossa Senhora da Expectação, com sua tribuna, para d'ella ouvirem missa os senhores da casa. Esta ermida está unida e vinculada ás casas da quinta, cujos rendimentos e os de outras propriedades ficaram a seus successores, com a obrigação de terem um capellão que em todos os sabados, domingos e dias sanctificados, dissesse missa ao povo; e tambem com obrigação dos reparos da capella, e de fazerem á senhora uma boa festa a 18 de dezembro de cada anno.

O primeiro successor de Valeriano Coelho, foi seu sobrinho, Francisco Serpe de Sousa, que annexou á casa da Senhora, ou-

tras fazendas, para que na capella se dissessem tambem missas em todas as sextas feiras do anno, ficando esta capella erecta em cabeça do vinculo.

É a ermida de muito boa fabrica, com uma linda capella-mór, com seu formoso altar, onde está a imagem da padroeira, de 1^m,32 de alto. Tem mais as imagens de Nossa Senhora da Piedade e de S. João Evangelista; a de S. Valeriano, martyr, e a de Santa Helena, mãe do imperador Constantino Magno.

Em frente d'esta quinta (que tambem se chama *dos Serpes*, por pertencer aos fidalgos d'este appellido¹) está um alto e alcantilado monte, e no seu cume existiu uma ermida, dedicada a *Nossa Senhora da Pena*, ou *da Penha*. Era tão antiga esta ermida, que se ignorava a data da sua fundação.

Estando em ruinas, pelos annos de 1700, se mudou para a planicie ao fundo do monte, mas encostada aos rochedos. É fabricada pelos moradores do logar do Covêllo, que com esta santa imagem tem particular devoção.

Esta ermida é de fabrica muito modesta, e está sujeita á administração da junta de parochia respectiva. A festa da Senhora, se faz todos os annos, a 3 de maio, com arraial muito concorrido. Não tem outras rendas senão as offertas e esmolos dos fieis.

O campanario do sino está assente sobre umas rochas, nas quaes se vê gravada uma inscripção em caracteres desconhecidos.

QUINTA DO INFERNO—Extremadura, na ribeira de Alcantara, subúrbios de Lisboa.

N'esta quinta se estabeleceu uma excellente fabrica de estampania e tinturaria de algodões, propriedade dos srs. Fonseca & C.ª

Principiou a funcionar em uma segunda

¹ Serpe, foi um appellido nobre em Portugal, que deixou de usar-se, não sei por que. Descendem dos antigos Serpes, o sr. barão de Proença-Velha, general de brigada, e seu irmão o sr. doutor Rodrigo Pitta de Menezes e Castro, de Caminha, conselheiro do supremo tribunal de justiça e par do reino.

feira, 24 de agosto de 1874¹. Os trabalhos foram dirigidos pelo mestre e gerente que foi da antiga fabrica da Cabrita, o sr. João Pedro Freire da Fonseca, e pelo sr. Manuel de Sá Pimentel Leão.

O motor, bomba e parte das machinas, foram feitos na fabrica dos srs. Philippe Linder & C.^a, de Lisboa, e o resto veio de Inglaterra.

Tem abundancia d'agua, pelo que, durante a estação invernosa, lhe serve de motor, uma roda hydraulica.

Em 3 de agosto de 1877, foram despachadas na alfandega de Lisboa, para esta fabrica, quatro caixas com machinas, cujos direitos importaram em 910\$000 réis.

Diz-se que esta propriedade se chamou antigamente *Quinta das Cruzes*² e que, andando um dia por estes sitios á caça, o rei D. João VI, viu muitas cruzes, e perguntou aos que o acompanhavam: *Isto é algum cemiterio?*—respondeu um d'elles—*Não, real senhor, é a Quinta das Cruzes.*—O rei, aludindo á escabrosidade do terreno, disse—*Quinta do Inferno, lhe chamarei eu.*—E o nome lhe ficou até á actualidade.

Hoje não diria o rei semelhante cousa, pois ha alli uma magnifica estrada de circumvalação.

Ha mais logares em Portugal com o nome

¹ Parece que semelhante dia foi escolhido pelos proprietarios, para a abertura da fabrica! Sendo ella na *Quinta do Inferno*, devia principiar a trabalhar no dia em que o diabo anda á solta.

² O primeiro nome d'esta propriedade, foi *Quinta da Ribeira*. Quando em 25 de agosto de 1580, o duque d'Alba veio sobre Lisboa, com um exercito de 22:000 castelhanos, D. Antonio, prior do Crato, com 4:000 homens fieis e decididos, porém mal armados e indisciplinados, o veio esperar á ponte de Alcantara; mas foi facilmente derrotado, e teve de fugir. Os castelhanos fizeram uma horivel matança nos portuguezes, sendo muitos dos mortos, enterrados n'esta quinta, a qual, das muitas cruzes que alli se collocaram então, tomou o nome de *Quinta das Cruzes*, que lhe durou por uns 240 annos, vindo-o a perder pelo motivo que se declara no texto.

de Inferno; o mais notavel, é na freguezia de Fornos, concelho do Castello de Paiva, e situado sobre a margem esquerda do Douro, em frente do ponto denominado *Pedras da Rua*.

N'esta aldeia do Inferno, tambem chamada Castello de Baixo, ha um dolmen, de construcção differente de todos os outros da Peninsula, e o mais moderno de todos, pois pertence á idade do ferro. Vide *Castello de Paiva*.

QUINTA DO MORANGAL—Douro, na freguezia de Espinhel, comarca e concelho da Agueda, bispado e districto administrativo de Aveiro.

É uma boa propriedade, instituida em morgado, por Francisco Pinto d'Almeida e sua mulher D. Leonor, em 1580. Para cabeça do vinculo, mandaram construir, pelo mesmo tempo, uma formosa capella, de bem lavrada cantaria, que dedicaram a Nossa Senhora da Esperança.

Passados annos, D. Christovam de Santa Maria, conego regente de Santo Agostinho, do convento de Santa Cruz de Coimbra, e filho dos instituidores, adornou a capella com a máxima perfeição e sumptuosidade.

Os administradores d'este vinculo, tinham, pela instituição d'elle, obrigação, não só de repararem a capella, mas tambem de n'ella mandarem dizer quatro missas cada anno, pelas almas dos instituidores. Depois, o referido D. Christovam lhe impoz mais outra missa annual, por sua alma.

A missa principal era no dia de Nossa Senhora da Expectação (18 de dezembro). Era cantada, e esse dia era consagrado á festa da Senhora.

QUINTA DO OUTEIRO—era o antigo nome da actual villa e freguezia de S. Miguel do Outeiro, na comarca e concelho de Tondella. Vide *Miguel do Outeiro* (S.) e *Outeiro* (S. Miguel do).

Supponho que esta freguezia teve principio em uma quinta, que foi de Alexandre Falcão de Bulhões, e na qual ha uma capella dedicada a Nossa Senhora das Neves.

O territorio d'esta freguezia é muito abundante de aguas, mas excessivamente frio no inverno; todavia é clima muito saudavel, e

tem aqui fallecido muitas pessoas de mais de cem annos de idade.

QUINTA DOS GASCOS ou DOS CASCOS ¹

—Alemtejo, na freguezia de Nossa Senhora da Natividade de Machêde, comarca, conce-lho e 12 kilometros a E. d'Evora.

Arcebispo e districto administrativo de Evora.

Pelos annos 753, morreu o rei D. Affonso I, de Leão, o *Catholico* ², succedendo-lhe seu filho, D. Fruela I.

Logo no principio do reinado d'este ultimo monarcha, Abd-el-Rhaman, kalifa de Cordova, invadiu e assolou a nossa provincia do Alemtejo, matando ou captivando grande numero de portuguezes, praticando toda a sorte de atrocidades, e tomando-nos Lisboa, Evora, Beja, Santarem, e todo o territorio desde o Tejo até ao cabo de S. Vicente.

Havia por esse tempo, na Lusitania, uma familia de nobres cavalleiros, appellidados *Gascos*, ou por serem naturaes da Gascunha (França), ou, o que é mais provavel, por terem fugido para aquella provincia, na antecedente invasão dos sarracenos, e d'onde depois regressaram á Lusitania, no reinado victorioso de D. Affonso, o *Catholico*, o qual com seu irmão, D. Fruciá, resgatou muitas cidades do poder dos mouros. ³

Os *Gascos* acompanharam o rei D. Fruela I na guerra contra Omar, filho de Abd-el-Rhaman, que se havia rebellado contra seu pae. Os christãos o derrotaram, assim como a Ali-Ben-Tarif, que se lhe oppoz, proximo a Setubal.

¹ Tambem alguns lhe dão o nome de *Quinta do Casco*.

² Cunhado e successor de D. Favilla, que morreu despedaçado por um urso, quando andava á caça. D. Affonso era filho de D. Pedro, duque de Biscaia e Navarra, e descendente do santo rei Ricaredo.

³ Segundo outros escriptores, eram *Cascos*, e não *Gascos*, os cavalleiros de que aqui trato, e eram uns fidalgos da cidade de Evora, que foram morgados da *Quinta dos Cascos*, á qual depois, por corrupção, se chamou *dos Gascos*.

É certo que em Evora houve uma nobre familia, appellidada os *Cascos*, que foram (e ainda hoje são, os seus herdeiros) senhores d'esta quinta, como adiante se verá.

A tres kilometros da Venda das *Brusseiras*, e no actual districto da freguezia de Nossa Senhora da Natividade de Machêde (que já então existia, pois foi creada em 672) ¹ havia umas taes ou quaes obras de defeza, das quaes, ainda em 1750, se viam alguns restos, e uma torre arruinada. Aqui se fizeram fortes os christãos, e derrotaram os mouros.

Parece que os *Gascos*, ou *Cascos*, se distinguiram nas guerras d'aquelle tempo, pelo que D. Fruela lhes deu o senhorio da quinta que d'elles tomou o nome.

Em 1360, era senhor d'esta quinta, Gil Rodrigues de Vasconcellos, que, por provisão de D. Pedro I, a erigiu em morgado. Como não tivesse filhos legitimos, succedeu no vinculo, seu sobrinho, Gonçalo Casco, rico-homem no tempo de D. João I. De Gonçalo Casco, foi filho João Casco; d'este, Diogo Casco; e d'este, Antonio Casco. Este foi pae de Diogo Casco de Vasconcellos, pae de Ruy Mendes de Vasconcellos, que succedeu no morgado de Machêde. Ruy Mendes casou com D. Anna Manuel, filha de Gonçalves Gomes de Mello, e d'elles nasceu D. Agostinho Manuel de Vasconcellos, que morreu, por traidor á patria, degolado na praça do Rocio, de Lisboa, no dia 29 de agosto de 1642, juntamente com o duque de Caminha, seu pae (o marquez de Villa Real) e o conde de Armamar.

Gil Rodrigues de Vasconcellos, instituidor d'este morgado, é que, tambem em 1360, mandou edificar, para cabeça do vinculo, uma capella da invocação de Nossa Senhora, dos Remedios, junto ás casas da quinta, e encostada ás ruinas da antiquissima torre de que acima fallei. (Outros pretendem que esta capella já existia desde o seculo vii, e que, estando arruinada, por velha, Gil Rodrigues sómente a reedificou).

Esta quinta está encravada na herdade

¹ Esta freguezia e a actual de S. Miguel de Machêde, formaram uma só parochia, erigida no tal anno de 672, e que durou até 1200, em cujo anno se desmembrou a de S. Miguel, formando freguezia independente. (Vide vol. 5.º, pag. 14, col. 1.º)

do *Paço da Quinta*, e é seu actual possuidor, e ultimo morgado, o sr. Francisco de Brito Casco Solys. Tem a quinta dos Gascos um grande lago. As casas estão desmanteladas.

Na capella de Nossa Senhora dos Remedios, ainda se diz missa; mas a sacristia e o côro estão em ruínas.

O dono d'estas herdades (são trez) mandou fazer varias obras n'ellas, ainda ha poucos annos, nas quaes gastou mais de dois contos de réis; mas não curou da capella.

O actual rendeiro da quinta, o sr. Manuel Perdigão Gallego, e mais outros devotos, é que em alguns annos, mandam, á sua custa, fazer uma festa á Senhora.

Estes sitios foram povoados desde os tempos pre-historicos, pois que no *Monte do Outeiro*, da freguezia de S. Miguel de Machêde, ainda existe um dolmen, e os restos de mais trez, nas immediações d'este monte.

O nosso distincto e estudioso archeologo, o sr. Gabriel Pereira, achou, no fim do anno de 1877, no monte do Outeiro (serra d'Ossa) tres dolmens, situados nas herdades da *Candieira*, das *Thesouras*, e das *Vidigueiras*. O primeiro está no meio do caminho que vaé da villa do Redondo para o mosteiro de S. Paulo, a 200 metros á direita da estrada. O segundo fica no caminho da serra e campo da *Palhêta*, e no caminho de S. Miguel de Machêde. O terceiro está na parte murada da herdade das *Vidigueiras*.

Estão todos bastante arruinados.

O mais notavel é o *dolmen furado* da Candieira. Está entre um olival e um pinhal, a 300 metros da estrada; e é formado por seis grandes lages de schisto (que é a formação geologica d'estes sitios) tendo dois metros de altura. A lage do fundo, tem, a pouco mais de meia altura, uma abertura circular, feita com regularidade, e visivelmente artificial.

É o primeiro monumento megalithico que em Portugal se conhece com esta particularidade; e ignora-se o mister d'este buraco; todavia é de muita importancia para os estudos archeologicos.

QUINTA ROTA—Vide *Samouco*.

N. B. As mais quintas vão nas freguezias onde são situadas.

QUINTAN—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Real (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Ermello), 65 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 25 fogos.

Orago S. Bartholomen, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A causa do grande augmento de população, é porque está unida a esta, a extincta freguezia de Villa Cova.

O vigario de S. Miguel da Pena e o reitor de Torguêda apresentavam alternativamente o cura, que tinha 10\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Quintan, *Quintana* e *Quintã*, no antigo portuguez significava *quinta*.

QUINTAN e **TOCHA** (ou **ATOCHA**)—freguezia, Douro, na comarca, concelho e proximo a Cantanhêde, 24 kilometros ao N. de Buarcos, 6 a E. do Oceano, 24 ao O. de Coimbra, e 210 ao N. de Lisboa, 600 fogos.

Orago S. João Baptista.¹

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Foi do supprimido concelho de Cadima.

O mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra, apresentava o parochio, que tinha 150\$000 réis de rendimento.

Esta freguezia é officialmente conhecida pelo nome de *Tocha*, corrupção de *Atocha*; mas foram duas freguezias independentes, ambas dos cruzios de Coimbra: a da *Quintan* é muito mais antiga, pois que a da *Tocha* foi d'ella desmembrada no principio do seculo xviii, ficando parochia independente. Hoje formam, outra vez, ambas, uma só freguezia. Nenhuma d'ellas vem no *Portugal Sacro e Profano*, provavelmente, por esquecimento, pois já existiam havia muitos annos antes da publicação d'este livro.

¹ S. João Baptista é o orago da freguezia da *Quintan*, e Nossa Senhora d'*Atocha*, o da freguezia da *Tocha*.

É terra muito fértil em todos os generos agricolas do nosso paiz.

Quintan, Quintã, e Quintana é portuguez antigo, o mesmo que *Quinta*. *Quintanilha* é o seu diminutivo, isto é, *pequena quinta, qnintinha*.

Origem do nome de Atocha

A imagem de Nossa Senhora da Atocha, é copia fiel da que o apostolo S. Pedro mandou de Antiochia para Madrid, e está na egreja do mosteiro de S. Domingos da mesma capital.

Um fidalgo gallego, chamado João Garcia Bacellar, natural de Ponte-Vedra, residia na côrte de Hespanha, em casa de um seu tio conego, pelos annos de 1585. Era muito devoto da Senhora da Atocha, de Madrid, e, vendo-se certo dia em perigo imminente, prometteu á mesma Senhora, se o livrasse d'elle, de lhe mandar construir um templo, em logar érmo. A senhora ouviu os seus rogos; mas, como João Garcia tinha então apenas dez annos, adiou o cumprimento do seu voto.

Morto o tio conego, foi Garcia para casa de um outro seu tio, homem riquissimo, que vivia em Portugal, na villa de Buarcos, casado, mas sem filhos. Tinha a mulher uma sobrinha, chamada Maria da Silveira Cardoso, que casou com Garcia, doando lhes os tios todos os seus haveres.

Pelos annos de 1610, vindo os noivos de Aveiro para Buarcos, passaram por uma dilatada planicie de campos e charnecas, chamadas então *Gandaras*, onde havia uma quinta dos cruzios, de Coimbra, denominada da *Fonte Quente* (em razão de haver n'ella uma nascente de aguas mineraes, tepidas) e junto á quinta, a casa de um lavrador, que foi o primeiro que reduziu parte d'esta planicie á cultura, por aforamento ao mosteiro de Santa Cruz, que era senhor d'estes terrenos, e onde hoje se estende a freguezia da Tocha.

João Garcia Bacellar, na intenção de cumprir a sua promessa, propoz ao lavrador o dar-lhe um casal que tinha na Cadima, de muito mais valor, por esta propriedade das

Gandaras, o que o lavrador acceitou, depois de obtida a devida licença, dos conegos de Santa Cruz, aos quaes João Garcia aforou mais terrenos contiguos.¹

Fez logo aqui uma ermida, dedicada a Nossa Senhora d'Atocha, mandando fazer, em Madrid, a imagem, imitando a de lá.

Principiaram logo os povos d'estas redondezas a ter uma grande devoção a esta Senhora, pelo que era a sua ermida concorridissima.

O geral de Santa Cruz e os padres da sua congregação, tambem se tornaram muito devotos da Senhora d'Atocha, e resolveram transformar a ermida em um vasto e sumptuoso templo, o que levaram a effeito, lançando-lhe a primeira pedra, o geral, D. José, em 1661.

Construido o templo, quizeram os religiosos trazer para elle a imagem da capella, ao que se oppoz Maria da Silveira Cardoso, já então viuva de Garcia; e para que os cruzios lh'a não roubassem, se poz de guarda, com todos os seus creados e creadas, á capella.

Sendo geral de Santa Cruz, D. Luiz da Silveira, tio do conde d'Oriola e barão d'Alvito, offereceu á viuva, para que consentisse na mudança da Senhora, dois dotes de freira, para duas suas filhas; mas nem assim ella cedeu.

Passados tempos, casou uma das filhas, com Manuel Ribeiro da Silveira, natural de Aveiro. e que tinha em Santa Cruz de Coimbra muitos parentes, e um, a quem muito estimava, chamado D. Bernardo de Santa Maria, que depois foi bispo de S. Thomé e Principe, e outro que era seu cunhado.

Todos os padres se empenharam com o genro da viuva, para ella ceder, o que elle conseguiu, em 1670, indo a santa imagem em grande triumpho para a sua nova egreja, fazendo-se-lhe n'esse acto uma festa so-

¹ Este vasto territorio, foi dado ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, por D. Afonso Henriques, pelos annos de 1140.

O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, foi principiado por ordem do mesmo monarcha, em 1136, em memoria da grande victoria obtida pelos portuguezes, em 1134, contra Al-Bucaram, rei de Badajoz.

lemnissima, á qual concorreram, além de todos os padres do mosteiro de Santa Cruz, com a sua capella de musica, os povos de muitas leguas em redor, em numero de mais de 20:000 pessoas.

A festa principal é a 2 de julho (dia da Visitação de Nossa Senhora) por ser o dia da dedicação do novo templo; havendo então antigamente aqui uma grande e concorridissima feira.

Vinham aqui muitos *cirios* e grande numero de bandeiras, de diversas freguezias e havia cavalhadas, corridas de touros, e outros divertimentos proprios da época.

Este sitio, que, ha pouco mais de dois seculos, não era senão uma vasta charneca e matagaes, está hoje transformado em bellos e ferteis campos, hortas e pomares, povoado de varias aldeias, e clima muito saudavel. Tambem é abundante de peixe do mar, que, como já disse, fica apenas a 6 kilometros de distancia.

No dia da festa, recebiam-se muitas e avultadas esmolos, em dinheiro, cera, gado e outros generos, que os cruzios applicavam para melhoramentos do templo.

A capella-mór, de fórma circular, é magestosa e sustentada sobre oito columnas de marmore. Foi feita á imitação de uma que está no claustro de Santa Cruz.

No centro da capella mór, está o altar principal, e n'elle a imagem da Senhora, em um throno quadrado, e sobre uma *charola*, de quatro columnas, de talha dourada, de modo que se vê a santa imagem de todos os lados da capella-mór.

A historia d'esta Senhora da Atocha, e da sua ermida e egreja, com todos os seus promenores, foi escripta pelas madres soror Isabel dos Seraphins, e soror Antonia de S. Francisco, filhas de João Garcia Bacellar e de Maria da Silveira Cardoso, as quaes o mosteiro de Santa Cruz dotou (em cumprimento da sua promessa, como fica dito) para entrarem no mosteiro de Tentugal; e foi publicada pelo padre D. Matheus de S. Thiago, conego de Santa Cruz, sobrinho das referidas religiosas, e neto dos fundadores da egreja.

A quinta que foi dos cruzios, docu-a o conego, D. Francisco Cardoso da Silveira, irmão das duas religiosas, e filho de João Garcia e mulher, a seu sobrinho (neto do dito João Garcia) Eusebio Ribeiro da Silveira, que a transmittiu aos seus successores.

QUINTAN DE PÊRO MARTINS—freguezia, Beira Baixa, concelho de Figueira de Castello Rodrigo, comarca de Pinhel (foi do mesmo concelho e da comarca de Trancoso), 75 kilometros ao SE. de Lamégo, e 360 ao E. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 93 fogos.

Orago, o Espirito Santo.

Foi do bispado de Lamego, e quando se creou o de Pinhel, ficou pertencendo a este.

Districto administrativo da Guarda.

O reitor de Penha d'Águia apresentava o cura, confirmado, que tinha 50\$000 réis de congrua e o pé de altar.

E' terra fertil em centeio, castanhas e linho; do mais, pouco.

Cria bastante gado, de toda a qualidade, e é abundante em caça.

QUINTANELLA — portuguez antigo — Quintanella e Quintanilha, é diminutivo de Quintan, ou Quinta.

Na camara de Braga havia antigamente muitas *villas* (casas de campo) e aldeias d'este nome.

D. Flamula vendeu ao abbade Gonta, em 923, ¹ o seu logar de Quintanella. (*Livro de Mumadona*, no cartorio da mitra de Braga.)

QUINTANILHA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho, districto administrativo e bispado de Bragança (foi do extincto concelho do Outeiro) 35 kilometros ao N. de

¹ A pag. 457 do vol. 6.º, col. 2.ª d'esta obra, tratando de *Parada de Gonta*, disse que se não sabia com certeza a etymologia da palavra Gonta.

Não sabe.

Póde ser corrupção *Gontra* (contração de *Gontroide*—Gertrudes) mas, como se vê do *Livro de Mumadona*, póde tambem ser—e é o mais verosimil—nome proprio d'homem. Talvez que algum *Gonta*, fundasse esta *Parada*, ou fosse senhor d'ella, e lhe impoza-se o seu nome.

Miranda do Douro, 475 ao N. de Lisboa, 45 fogos.

Em 1757 tinha 26 fogos.

Orago, S. Thomé, apóstolo.

O augmento apparente da população, não é porque ella tenha crescido, mas sim porque se lhe annexou a pequena freguezia das Veigas, que tinha em 1757, 18 fogos.

O cabido da Sé de Bragança apresentava o cura, que tinha 63000 réis de congrua e o pé d'altar.

A freguezia das Veigas, tinha por orago, S. Vicente, martyr.

Era da mesma apresentação, e curato, com o mesmo rendimento do de Quintanilha.

Tanto uma como outra d'estas duas pequenas freguezias, são muito antigas.

Em um documento que existe no cartorio da mitra de Bragança, do tempo de D. Afonso IV (1340) se diz que o *mampastor* (vide *Mempastor*) que o mosteiro de *Moreirola* punha nas aldeias de *Montezinhos*, e *Quintanilha*, conhecia tambem das causas crimes, juntamente com os juizes de Bragança.

Para o seu foral, e outras curiosidades, é preciso ver *Outeiro*, villa, Traz-os-Montes, no 6.º vol., pag. 358, col. 1.ª e seguintes.

E' na freguezia de Quintanilha, o sanctuario de *Nossa Senhora da Ribeira*, que já fica descripto na referida villa do Outeiro.

QUINTANS—aldeia, Douro, parte na freguezia e concelho d'Ilhavo, e parte na freguezia de Oliveirinha, concelho d'Aveiro; ambas na comarca, districto administrativo e bispado d'Aveiro. (Vide *Ilhavo* e *Oliveirinha*).

Os diversos governos dos nossos dias tem feito varios *arredondamentos*; mas, como n'estas operações só actuam os interesses do campanario, tem-se feito annexações e separações mais despropositadas do que as antigas; e as que havia de outros tempos, em condições impossiveis, deixaram se continuar. ¹

¹ Vide *Entre Ambos os Rios* (o 2.º)—e *Lourêdo*, a pag. 451, col. 2.ª, do 4.º volume.

O povo d'este logar tem por varias vezes requerido ao governo, para pertencer a uma só freguezia, do mesmo concelho.

Em 12 de setembro de 1855, a junta geral do districto, por proposta do governador civil d'então (o sr. Anthero Albano da Silveira Pinto) representou ao governo n'este sentido, mas foi o mesmo que nada.

Ha n'esta aldeia uma formosa capella dedicada ao apóstolo S. Bartholomeu, construida em 1863.

Em 19 de maio de 1835, no sitio da *Praça da Palha*, se deu um facto, cuja recordação ainda hoje horrorisa os povos d'estes sitios —é o seguinte:

O capitão de ordenanças, Manuel Antonio Freire Craveiro, acompanhou o exercito realista até Evora. Fiado no estipulado na *convenção d'Evora Monte* (27 de maio de 1834) regressou a sua casa; mas, avisado de que o queriam prender, escondeu-se com seus filhos, em casa de seu compadre, Bento Fragoso. Este, violando as leis sagradas da hospitalidade, e esquecendo-se dos favores que havia recebido de seu compadre, foi denuncial-o a Aveiro.

Marchou logo d'alli uma força que, cercando a casa de Fragoso, prendeu o capitão e seus cinco filhos, e chegando ao sitio da Praça da Palha, assassinaram a todos com a mais cobarde e ignobil barbaridade!

Mas a divina providencia nem sempre guarda o castigo dos crimes para o outro mundo.

Um anno depois da traição, foi Fragoso tambem assassinado a tiro. *Talis vita, finis ita*.

QUINTANS—freguezia, Beira Baixa, bispado, districto administrativo, comarca e concelho de Castello-Branco.

Esta parochia foi ha muitos annos suprimida, e está annexa á do *Salgueiro*, no mesmo concelho, comarca, districto administrativo e bispado.

QUINTAS—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, bispado, districto administrativo e 24 kilometros ao S.O. da Guarda, 315 ao E. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757, tinha 101 fogos.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

O antigo nome d'esta freguezia é—*Quintas de São Bartholomeu*.

O vigário da villa de Touro, apresentava o cura, que tinha 6\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O seu clima é excessivo, e por isso pouco fertil.

Muito gado e caça, e peixe do Côa.

QUINTAS—antiga freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 60 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 15 fogos.

Em 1757, tinha 16 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o cura, que tinha 9\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi supprimida ha muitos annos, e unida á de Mirandella.

QUINTELLA—portuguez antigo—diminutivo de *quinta*. Significa, *pequena quinta, quintinha*.

QUINTELLA (Torre de)—Está esta muito antiga e nobre torre solarenga, na freguezia de São Romão de Nogueira, na comarca dos Arcos de Valle de Vez, concelho da Barca.

Foi o solar de um ramo dos Araujos.

E' hoje representante d'esta nobre familia, e dono da torre de Quintella, o sr. Antonio Pereira da Costa Lacerda.

Vide a 1.^a *Nogueira*, de pag. 104, col. 2.^a, do 6.^o volume—e *Ponte do Lima*.

Quintella é um appellido nobre d'este reino, tomado da aldeia d'este nome.

O 1.^o barão de Quintella, tirou brazão d'armas, em 12 de outubro de 1806—e é—em campo de púrpura, duas bandas d'escaques d'ouro, d'uma só ordem: êlmo d'aço, aberto. Não tem timbre.

O 1.^o barão de quintella, foi Joaquim Pedro Quintella, senhor da villa do *Préstimo*, alcaide-mór de Sortelha, do conselho da rainha, D. Maria I, conselheiro honorario da real fazenda, commendador da ordem de S. Thiago, cavalleiro da ordem de Christo, instituidor do morgado do Farrôbo (vol. 3.^o, pag. 151, col. 1.^a, no fim) no valor de réis

424:317\$687 (!) ao qual ainda depois uniu a terça.

Em março de 1782, succedeu na casa; a seu tio materno, o desembargador Luiz Rebello Quintella; e tambem herdou a casa de seus paes, Valente José Duarte Pereira, e D. Anna Joaquina Quintella.

O 1.^o barão de Quintella, nasceu a 20 de agosto de 1748, e falleceu no 1.^o de outubro de 1817.

Tinha casado, a 19 de novembro de 1801, com D. Maria Joaquina Xavier de Saldanha, filha de Joaquim Lobato d'Araujo e Costa (da casa de Juste, em Braga) e de D. Maria Leonor Xavier de Saldanha.

Tiveram um filho e uma filha:

Joaquim Pedro, que foi o 2.^o barão de Quintella, e 1.^o conde de Farrôbo.

D. Maria Gertrudes, nascida a 28 de maio de 1797. Foi condessa da Cunha, levando por dote, 240 contos de réis, que foram vinculados, por decreto de 8 de setembro de 1824.

O barão teve uma filha natural (D. Joaquina Rosa) que nasceu a 8 de novembro de 1793, e foi legitimada em julho de 1812.

Falleceu a 28 de julho de 1823.

Tinha casado, em 15 de setembro de 1816, com Luiz da Silva Athaide, fidalgo da casa real, coronel do regimento de milicias de Leiria, filho de Miguel Luiz da Silva d'Athaide e de D. Victoria Manoel Carneiro da Cunha Porto-Carreiro. (Vide *Pombalinho*.)

Esta senhora, quando casou, teve escriptura dotal, do 1.^o d'agosto de 1816, pela qual levou um vinculo no valor de 48 contos de réis.

Seu marido falleceu a 20 de dezembro de 1823, pouco mais de 4 mezes depois de sua mulher.

O morgado de Quintella foi instituido a 23 de junho de 1801.

O senhorio da villa de *Préstimo*, foi-lhe dado a 13 de dezembro de 1802.

O baronato de Quintella, a 17 de agosto de 1805.

O condado de Farrobo (isto é—o titulo de conde de Farrobo) a 4 de abril de 1833.

O 2.º barão de Quintella, e 1.º conde do Farrobo, foi Joaquim Pedro Quintella do Farrobo.

Foi também o 2.º senhor da villa do Préstimo, alcaide-mór de Sortelha, par do reino, grão-cruz da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, commendador de S. Thiago, cavalleiro da de Christo, coronel de milicias (de cavallaria), inspector geral dos theatros, vice-presidente do conservatorio real de Lisboa.

Nasceu em 11 de dezembro de 1801; succedeu a seu pae, no 1.º de outubro de 1817; casou a 19 de maio de 1819, com D. Mariana Carlota Lodi, dama da ordem de Santa Isabel, nascida a 3 de dezembro de 1798, e fallecida a 22 de julho de 1867.

D'este casamento houve 7 filhos.

1.º (por ordem de edades), *D. Maria Joaquina*, que nasceu a 20 de outubro de 1819.

2.º, *D. Maria Carlota*, nascida no 1.º de janeiro de 1821.

3.º, *D. Maria Magdalena*, nascida a 18 de abril de 1822.

4.º, *Joaquim Pedro Quintella do Farrobo* (actual, e 2.º conde do Farrobo, feito em 18 de maio de 1848) nascido a 18 de maio de 1823.

5.º, *D. Marianna Hortensia*, nascida a 3 de maio de 1825.

6.º, *D. Maria Palmira*, nascida a 9 de julho de 1826.

7.º, *Francisco Jayme Quintella*, nascido a 22 de setembro de 1827.

O 1.º conde do Farrobo, casou em segundas nupcias, com mademoiselle Pinault (da qual já tinha filhos) em Lisboa, na freguezia da Encarnação, a 7 de fevereiro de 1869, e ainda vive esta senhora.

Elle falleceu, em Lisboa, a 24 de setembro de 1869.

Foi o 1.º conde do Farrobo um dos fidalgos que maiores serviços prestou á causa da liberdade, salvando-a, especialmente uma vez, quando as guarnições da esquadra cons-

titucional se amotinaram por falta de pagamento das suas soldadas. ¹

Foi também um dos industriaes mais activos, animando a criação de muitas fabricas, que hoje prosperam e que devem a sua fundação á iniciativa do illustre finado.

O 1.º conde do Farrobo era conhecido igualmente como um dos homens de maior gosto pelas bellas artes, com as quaes consumiu grosso cabedal. Os bons artistas encontraram sempre no conde do Farrobo um protector incansavel e dedicado.

QUINTELLA—freguezia, Traz-es-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 70 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

¹ O premio que tirou dos enormes sacrificios que fez aos liberaes, foi dar cabo da sua casa, uma das maiores (senão a maior) do reino, e deixar seus filhos na pobreza.

Ha poucos dias, e passados 45 annos de reclamações e requerimentos (!) deram aos filhos, como por esmola, uma insignificante pensão!

O 1.º conde do Farrobo era em 1828 um grande realista; mas quando o governo do sr. D. Miguel publicou em 12 e 18 de novembro de 1831, o decreto do *empréstimo forçado*, em cumprimento do qual se pedia ao então barão de Quintella 20 contos de réis, a juro de 2 e meio por cento ao anno; ao que elle se negou, e pelo que foi exautorado de todas os suas honras e privilegios, se declarou liberal.

Quem lucrou com isto, foi o partido do sr. D. Pedro.

Se o barão de Quintella não mudasse de epinião, seria infalivel a perda dos liberaes, pois não tinham dinheiro, nem quem lh'o emprestasse, e o futuro conde do Farrobo lhes adiantou (pelo exclusivo do tabaco, por tempo de 12 annos) 2:500 contos de réis, em 10 de novembro de 1832.

Em abril de 1833, fez-lhes segundo empréstimo, de outros 2:500 contos. (Para evitarmos repetições, veja-se o que disse no 7.º volume, pag. 357, col. 1.ª, e sua nota.)

Os liberaes nem lhe deram o exclusivo do contracto do tabaco, nem lhe pagaram, nem acceitaram a auctoridade na celebre e diuturna causa que ao conde propoz a sociedade Lino & Pimenta; e foi d'este modo que baqueou a enorme casa Farrobo.

O conde, em vista de tão negra ingratição, entregou ao sr. D. Luiz I todos os titulos e condecorações que havia recebido dos liberaes, em 1867, e desde então protestou assignar-se simplesmente *barão de Quintella*, como seu pae.

Em 1757, tinha 40 fogos.

Orago, Santa Marinha.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Santa Marinha, apresentava o cura, que tinha 6\$500 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está ha muito tempo unida á de S. Julião de Paçô, no mesmo concelho.

QUINTELLA—aldeia, Traz-os-Montes, na freguezia de Villa-Marim, comarca, concelho, districto administrativo e proximo a Villa Real.

Existe aqui uma torre antiquissima, bastante arruinada.

Em um desenho da mesma torre, que se vê em um tombo, tambem muito antigo, se lê por baixo do desenho, esta decima:

Junto a Villa-Real

Se vê uma torre antiga,

Que contra a hoste inimiga

Fez um conde, Portugal

Com mil foros; para a qual

Dita torre de Quintella,

Ainda hoje toda aquella

Visinhança reconhece

Dos foros o tombo a este.

E d'esta maneira ella.

Os dois ultimos versos nem por isso se entendem lá muito bem.

Talves haja erro de cópia.

QUINTELLA D'AZURARA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde, 18 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757, tinha 104 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 250\$000 réis de rendimento.

E' terra pouco fertil, mas ha abundancia de gado e caça.

QUINTELLA DE CEA—aldeia, Beira Baixa, na freguezia, comarca e concelho de Cea, bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

Ha n'esta povoação importantissimas fabricas de lanificios.

Em dezembro de 1874, foram despachadas na alfandega de Lisboa, 20 caixas com machinismo, para a fabrica da sr.^a viuva Montelano e Filhos, no valor de 1:700\$000 réis.

A 5 de janeiro de 1875, foi despachada na mesma alfandega, uma machina completa para cardar e manufacturar lan, para a fabrica, tambem de lanificios, dos srs. Antonio Simões Pereira & C.^a

QUINTELLA DE LAMPAÇAS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho, districto administrativo e bispado de Bragança, 60 kilometros ao N. de Miranda, 455 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757, tinha 101 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

A casa de Bragança apresentava o abbade, que tinha 250\$000 réis de rendimento.

E' povoação muito antiga, e gosava dos grandes privilegios concedidos aos foreiros da casa de Bragança, donataria d'esta freguezia.

D. Affonso 3.^o lhe deu foral, em Constantim de Panoyas, a 9 de julho de 1252.

(L.^o 2.^o de Doações de D. Affonso III, fl. 50 v., e L.^o de foraes antigos de leitura nova, fl. 118 v., col. 1.^a)

QUINTELLA DA LAPA—freguezia, Beira Alta, concelho de Cernancêlhe, comarca de Moimenta da Beira (foi da mesma comarca, mas do concelho, supprimido, de Caria e Rua) 35 kilometros ao S.E. de Lamego, 300 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757, tinha 140 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor da villa de Rua, apresentava o cura, que tinha 60\$000 réis de rendimento e o pé d'altar. (Vide *Lapa*, villa).

N'esta freguezia tem o seu nascimento o rio Vouga (o *Vacca* dos antigos.) Vide o 1.^o *Pecegueiro*.

Esta freguezia está situada em parte da penhascosa e desabrida *Serra da Lapa*, de onde lhe vem o nome.

E' povoação antiquissima, pois já existia

em 1184, quando os dez filhos de D. Mayor Soares, doaram a sua mãe e a suas trez filhas, Dordia, Thereza, e Mayor, varias propriedades que tinham no bispado de Lamego, sendo incluídas n'estas, dois casaes na Quintella da Lapa.

Para evitarmos repetições, ver *Ferreira d'Aves*, vol. 3.º, a pag. 172, col. 2.ª, e pag. 173.

Nossa Senhora da Lapa

Está este famoso sanctuario edificado na serra do seu nome, e nos limites d'esta freguezia, e proximo ao lugar de Quintella.

Foi um dos mais celebres e concorridos pelos nossos avós, tanto que d'elle tratam muitos escriptores distinctos, e entre elles, Jorge Cardozo (*Agiologio Lusitano*, tom. 1.º, pag. 474); Frei Bernardo de Brito (*Monarch. Lus.*, parte 2.ª, cap. 23); Frei Luiz dos Anjos (*Jardim de Portugal*, pag. 130); Antonio Leite (*Hist. de Nossa Senhora da Lapa*, livro 1.º, cap. 3); Frei Agostinho de Santa Maria (*Sant. Mar.*, tomo 3.º, pag. 155, e tomo 7.º, pag. 382.)

Resumindo o mais que me foi possivel, o que escreveram estes antiquarios, e deixando de mencionar diferentes factos, maravilhosos, tratarei apenas do templo e da sua padroeira, e dos factos que com isto tenham relação.

D. Ramiro III, de Leão, foi acclamdo rei, por fallecimento de seu pae (D. Ordonho IV, que apenas reinou um anno, porque morreu em uma batalha contra os mouros, junto a Córdoba) foi acclamado rei, repito, quando tinha apenas cinco annos de idade (967) e sua mãe tomou conta da regencia, durante a menoridade do filho.

Chegado á idade legal, D. Ramiro, tomou conta do governo dos seus estados, mas em breve teve contendas, que degeneraram em guerras, com seu primo, D. Bermudo (filho de D. Ordonho III) de Portugal e Galliza (depois, Bermudo II, cognominado o *Gotoso*) e com os condes d'estes dois reinos.

Para poder com mais vantagem combater os seus inimigos christãos, fez tréguas com o kalifa de Córdoba, o grande capitão Al-

Mançor, mas, como as não fez com o rei mouro de Sevilha, este invadiu a Lusitania (que já então se principiava a chamar Portugal) e assolou muitas povoações, não retirando para Andaluzia, senão quando as suas tropas foram atacadas por uma grande peste que as disimava (980).

As discordias continuaram com os portuguezes e gallegos, e Al-Mançor, em vista d'isto, quebrando as tréguas, invadiu Portugal (981) saqueando e assolando muitas povoações, sendo as principaes Coimbra, Porto, Braga, Vianna, e Britonia do Lima. Passou para o sul do rio Douro, e tomou Lamego, Viseu, e outras muitas povoações e castellos da provincia da Beira, destruindo os templos e mais casas de oração, e martyrisando quantos frades e freiras poderam haver ás mãos.

(Vide *Seixas*, do concelho de Villa Nova de Foz Côa.)

Depois de destruir todas as terras d'estes sitios, tomou o caminho de Trancoso, pelo alto da serra de *Pêra*, atravessando o lugar onde hoje se vê a villa de Aguiar da Beira. Deu em um mosteiro de freiras, fundado junto ao lugar de *Sermillo* (ou *Decermillo*) no sitio onde ainda existe a capella de *Nossa Senhora do Mosteiro*, assassinando ou captivando todas as religiosas, e suas creadas.

Segundo a tradição, alguns capitães e alcaides christãos, fizeram cara aos mouros em uma planicie, a que hoje se dá o nome de *Campo do Desbarate* ou da *Matança*, proximo ao lugar do *Souto*, termo de villa de Aguiar, e, apezar da desigualdade do numero, e á custa de muitas vidas, foram os mouros derrotados, fugindo Al-Mançor, com os que poderam escapar, para o monte ou cabeço chamado de Al-Mançor.

Entretanto, a guerra continuava entre D. Ramiro e D. Ordonho, tendo os condes e senhores acclamado este ultimo, como rei de Portugal e Galliza.

N'esta desastrosa guerra morreu, tanto de um como de outro partido, a flor dos guerreiros christãos; e no ultimo combate, foi morto D. Ramiro III (985) o que pôz termo á guerra.

Em 998, ainda o feroz Al-Mançor tornou a invadir a Galliza, mas o perigo commum fez unir os principaes christãos, e D. Bermudo II, com os condes D. Forjaz Vermuiz, e D. Garcia Fernandes, e outros senhores, offereceram batalha a Al-Mançor, nas planicies de *Alcantanavor* (junto a Osma). Al-Mançor ficou mortalmente ferido, e o seu exercito foi completamente aniquilado.

Segundo os escriptores citados, e a tradição popular, algumas pessoas que puderam fugir a tempo, do mosteiro de Sermillo, levaram consigo uma imagem da SS. Virgem, com quem tinham particular devoção, e a esconderam na serra, depois chamada da *Lapa*, entre quatro penedos, em forma de gruta, onde esteve por espaço de 515 annos (desde 983 até 1498.)

Uma menina, muda de nascimento, por nome Joanna, natural do logar de Quintella, andando na serra, a guardar o gado de seus paes, foi achar na tal gruta a imagem da Virgem (1498) e a metheu na cêsta onde guardava as maçarocas, e o pão—porque a imagem tem apenas 0^m,55 de altura.

Persuadia-se a creança que aquillo era uma boneca, e a despia e vestia muitas vezes ao dia, com as roupas que podia haver (a imagem é de roca) e a enfeitava com flores, tanto no monte como em casa, no que empregava todo o seu tempo.

A mãe, zangada por isto, tirou a imagem das mãos da filha, e hia deitall-a ao fogo; mas foi tal a afflicção da filha, que cobrou a falla, e em altos brados disse claramente — *Tá¹ não faça isso!*

A mãe ficou com os braços séccos e paralíticos, e aos seus gritos e da filha, accudiu a visinhança, que, sabendo do caso, conduzi-ram a santa imagem para a lapa onde apparecêra, e para onde a menina guiou aquella gente.

¹ *Tá*, portuguez antigo — significa — *suspenda! Tenha mão!*

Logo que a Senhora foi collocada no sitio onde tinha sido descoberta, recobrou a mãe de Joanna a saude.

Trataram logo os povos d'estes logares, de construir um altar á Senhora, dentro da mesma lapa, e lhe consagraram a mais fervorosa devoção.

Em breve a fama dos milagres de *Nossa Senhora da Lapa* (que assim se ficou denominando) attrahiu ao sitio, não só os povos da Beira, mas ainda os de todo o reino, e até da Castella Velha, que é a provincia hespanhola que fica mais perto; tendo logar as continuas romarias, desde a Paschoa do Espirito Santo, até outubro de cada anno.

Com o producto das avultadas offerendas á Senhora, se lhe construiu um magestoso templo, conservando-se a lapa, no mesmo estado em que se viu em 1498, e fica na capella-mór, do lado da Epistola.

O altar do devotissimo *Menino Jesus da Lapa*, fica tambem encostado ás pedras que formam a capella da Senhora.

Em poucos annos se tornou o Sanctuario de Nossa Senhora da Lapa, não só o mais formoso da Beira, mas ainda de todo o reino.

Santo Ignacio de Loyola, instituiu a famosa *Companhia de Jesus*, em 1534, no reinado de D. João III, e este monarcha em breve admittiu esta ordem em Portugal, estabelecendo-lhe muitas rendas, para sustento da congregação, e para construcção das suas egrejas e collegios.

Como eram grandes os rendimentos do Sanctuario de Nossa Senhora da Lapa, os deu o rei aos jesuitas, com a obrigação de darem metade á universidade de Coimbra. Pelos annos de 1700, deram os padres da Companhia, junto ao Sanctuario, principio a um grande collegio, que não se chegou a concluir.

Pela extincção dos jesuitas (1759) ficaram todas as rendas para a universidade!

Entre os quadros e mais objectos, memorando os milagres da Senhora, se vê, pendurada de uma das traves de ferro da egreja, a pelle de um crocodilo, que um devoto, natural d'estes sitios, matou na India e offereceu á Senhora.

A descrença dos nossos dias, tem feito decahir muito a concorrência de devotos ao templo de Nossa Senhora da Lapa, mas, se não é nem metade do que era ha um seculo, ainda esta igreja é uma das mais frequentadas da Beira.

QUINTIÃES ou **QUINTÃES** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757, tinha 404 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora do O').

Arcebisado e districto administrativo de Braga.

O D. abbade benedictino do convento de Carvoeiro, apresentava o vigario, que tinha de rendimento 100\$000 réis, e o pé de altar.

E' n'esta freguezia a casa e torre solarenga de Aborim, na qual viveu Lourenço Gomes de Aborim, e que depois passou aos Barbosas.

Em 19 de maio de 1638, morreu na Bahia, o valoroso capitão, Sebastião do Souto, natural d'esta freguezia, e que no Brasil foi o terror dos hollandezes. Morreu em um combate contra elles, ferido mortalmente, com uma bala no peito, na noite que precedeu o referido dia; mas deixou bem vingada a sua morte, pois que n'esse e n'outros combates, assaltos e batalhas, havia morto ou aprisionado grande numero de inimigos.

É terra fertil, e cria muito gado de toda a qualidade. (Vide Rans).

QUINTIÃO — aldeia, Beira Alta, na freguezia de Cambres, comarca, concelho e 3 kilometros ao NO. de Lamego.

É povoação mais antiga do que a monarchia portugueza, e tinha aqui varias propriedades Pedro Viegas, que, por consentimento de D. Affonso I, vendeu, em 1163, a D. Thereza Affonso. (Vide *Cambres*, a pag. 53 do 2.^o volume, e *Magueija*, a pag. 34 do volume 5.^o)

Esta povoação está situada em terreno aprazivel, fertil e saudavel, entre a antiga estrada de Lamego à Varosa (em frente da Régua) e a nova, ultimamente construida, como complemento da de Trancoso à Régua, pela margem esquerda do rio Varosa.

É n'esta aldeia a excellente casa e boa quinta, que foi do conselheiro Antonio José da Costa, rico proprietario e capitalista.

QUINTINO (São) — freguezia, Estremadura (Riba-Tejo) comarca de Villa Franca de Xira, concelho de Arruda dos Vinhos (foi do extincto concelho de Sobral de Monte Agraço, comarca de Alemquer), 30 kilometros ao ENE. de Lisboa, 640 fogos.

Em 1757 tinha 420 fogos.

Orago Nossa Senhora da Piedade e S. Quintino.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

A mitra patriarchal apresentava o vigario, collado, que tinha 150\$000 réis.

Esta freguezia é de clima saudavel, por estar em um alto, e muito fertil.

A igreja matriz é um bom templo, mandado construir pelo rei D. Manuel, em 1520.

Ainda ha quatro ou cinco annos, aqui vivia (e não sei se ainda vive) Maria Joanna, que nascera em 1759. É avó da mulher do sr. Manuel Dias dos Reis, proprietario e negociante na villa da Alhandra.

QUINTOS — freguezia, Alemtejo, concelho, comarca e proximo de Beja, 70 kilometros ao O. d'Evora (a cujo arcebisado pertenceu), 155 ao S. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 203.

Orago Santa Catharina, virgem e martyr.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mitra apresentava o cura, que tinha 540 alqueires de trigo, de renda annual.

É terra muito fertil em toda a qualidade de fructos do nosso paiz, cria muito gado de toda a qualidade, e é abundante de caça.

É aqui a 24.^a estação dos caminhos de ferro do sul e suêste, contando da estação do Barreiro, e comprehendendo as estações do ramal de Setubal.

Fica esta freguezia 6 kilometros ao O. do Guadiana, e 35 ao O. do rio Chança, que divide, n'estes sitios, Portugal da Hespanha. Antigamente eram os *Quintos* a ultima povoação de Portugal por este lado (hoje é Ficalho, ou Villa Verde de Ficalho) e por isso, quando os nossos paes se zangavam com alguem e o não queriam mandar para o inferno, diziam: *Vae para os Quintos*. Ainda

hoje nas provincias do norte se roga esta *praga*.

QUIRAZ—Vide *Queiraz*.

QUITERIA DE MÉCA (Santa)—Já a pag. 60, col. 2.^a, de 3.^o volume fallei d'esta freguezia, sob a denominação de *Espiçandeira e Méca*. Aqui accrescento mais o seguinte:

Em 21 de outubro de 1873, falleceu em Santa Quiteria de Méca, Francisco Xavier de Lemos Castello Branco, filho dos viscondes do Real Agrado, e irmão do elegante prosador e mavioso poeta, o sr. João de Lemos Seixas Castello Branco. (Vide Real Agrado.)

R

R—como letra numeral, valia antigamente 800, e com um til por cima, 80:000. Também valeu algum tempo 40. (Em um livro da Torre do Tombo, copiado em tempo do rei D. Duarte, 1433 a 1438, se vê escripto—*Era de III^o RV annos*, por 1345—mas no original estava—E.MCCCXLV, como nós hoje escrevemos.

RABÇA—rio, Traz-os-Montes, que nasce na Galliza, e junto ao Ragua, entra no Túa. Vide *Ragua*.

Dá-se-lhe este nome, em razão das muitas *rabaças* (plantas aquaticas) que cria nas suas margens.

RABÇA—freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca e 18 kilometros da Guarda (foi da mesma comarca, mas do extinto concelho de Jarméllo), 324 kilometros a E. de Lisboa, 37 fogos.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O prior de Santa Maria de Jarméllo, apresentava o cura, que tinha 100 alqueires de ceiteio, 2 de trigo e 2 almudes de vinho.

Esta freguezia foi supprimida ha muitos annos, e annexa á de Jarméllo.

RABAÇAL—freguezia, Beira Baixa. Foi antigamente do concelho supprimido de Marialva, comarca da Meda; depois, passou a ser do concelho da Meda, comarca de Villa Nova de Foscôa. Em 24 de outubro de 1855, passou para o concelho de Foscôa, e, finalmente, em 18 de dezembro de 1872, ficou pertencendo ao concelho da Meda, comarca

de Foscôa, 60 kilometros ao SE. de Lamego, 360 ao NE. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 94 fogos.

Orago S. Paulo (a conversão de S. Paulo).

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O abbade de S. Thiago, de Marialva, apresentava o cura, que tinha 6\$400 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pouco fertil. Muito gado e caça.

Todos sabem que *rabaçal*, significa lugar onde ha muitas *rabaças*. Vide *Rabaça*, rio¹.

RABAÇAL—villa, Douro, no concelho de Penella, comarca da Louzan (foi cabeça de um concelho, extinto por decreto de 6 de março de 1852),² 24 kilometros ao S. de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 35 vizinhos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

A universidade de Coimbra, por concurso, apresentava o cura, que tinha 30\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga, e já povoada no

¹ Na nossa Ilha da Madeira, ha tambem um rio chamado Rabaçal.

² Quando era cabeça de concelho, pertencia á comarca de Soure.

O primeiro nome d'esta villa foi *Ladeya*, ou *Ladéra*.

³ Estou persuadido que é erro do *Portugal Sacro*. Esta villa era mais importante no meiado do seculo passado do que é hoje, pelo que não me parece provavel que ella tenha augmentado em população, mais de tres quartas partes.

tempo dos mouros, e ainda a pouca distancia da villa ha um lugar chamado *Alcala-mouque*, corrupção das palavras arabes *alcalá* (fortaleza ou castello) e *mocamo* (logar santo) e vem pois a significar *Castello da Mesquita*. Todavia, o mais antigo documento que achei d'esta villa, é de 1139. É uma doação que D. Affonso Henriques fez, em junho d'esse anno, ás *donas* (freiras) de Celas, *a par da ponte de Coimbra*, de uma herdade no sitio da *Ladeya, quae vocatur Rabazal*.

Quando D. Affonso Henriques foi dar a gloriosa batalha do Campo d'Ourique (25 de julho de 1139) já Leiria, Ourem, Ega, Redinha, Soure, Pombal, Zêzere, Cardiga, Castello d'Almoural, Céra, Penella, esta villa do Rabaçal, e outras terras ao sul de Coimbra eram dominadas pelos portuguezes.

Em 1111, o conde D. Henrique e sua mulher, a rainha D. Thereza, deram foral á villa de Soure, o que prova que já este territorio tinha sido resgatado do poder dos mouros; mas, pela doação que a mesma D. Thereza fez, em 1128, da referida villa de Soure, aos cavalleiros do Templo, lhe dá *todas as terras entre Coimbra e Leiria, que então estavam despovoadas, porém ainda em poder dos mouros*.

D. Affonso Henriques tomou Leiria em 1135; Ourem em 1136, e em 1137 já deu foral á villa de Penella; portanto, é incontestavel que o Rabaçal foi resgatado em 1135.

O primeiro foral d'esta villa, foi-lhe dado pelos templarios, em 2 de maio de 1222.¹

¹ Existem bullas dos papas Honório III, Celestino IV, Alexandre IV e Urbano IV, que eximiam da sujeição episcopal as egrejas e castellos de Ega, Redinha e Pombal, que os templarios haviam construido.

Supprimida a ordem do Templo, foi o Rabaçal transformado em uma commenda da ordem de Christo, e dada aos condes e senhores de Tentugal (hoje duques do Cadaval) e era da correição do ouvidor de Tentugal, no tempo em que a villa possuia o magistrado d'esta denominação. Os condes de Tentugal, eram tambem senhores da Póvoa de Santa Christina, onde está o mosteiro que foi de franciscanos, fundado pelo leigo, frei João de Lamego, e com esmolas do infante D. Pedro, irmão do rei D. Duarte.

Está impresso no tomo 1.º das *Dissertações chronologicas*, a pag. 271.

O rei D. Manuel lhê deu foral novo, em Lisboa, a 18 de julho de 1514. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 72, v. col. 1.ª)

A villa do Rabaçal está sobre a *estrada velha*, de Coimbra para Lisboa, estendendo-se por uma planicie amena e saudavel.

Ainda que os seus arrabaldes sejam muito pedregosos, são todavia bastante alegres e ferteis; e, como os terrenos d'esta freguezia e immediatas são calcarios, produzem grande colheita de cereaes e bom azeite. Tambem eriam muito gado, e ha bastante caça. Optimos queijos.

Quando a villa do Rabaçal era cabeca de concelho, pertencia-lhe a villa do Pombalinho, que fica 7 kilometros ao sul, e cujo priorado era do padroado dos frades bernardos do mosteiro de Ceíça, antes de o ser da universidade.

Tambem aqui tinham muitos foros os condes d'Almada, descendentes de D. Antão de Almada, um dos heroes de 1640.

O concelho do Rabaçal era composto de cinco freguezias, com 1:200 fogos. Na sua suppressão passaram para o concelho de Soure, as freguezias de Pombalinho e Degraças, e para o de Condeixa, as d'Alvorge, Rabaçal e Zambujal. Por decreto de 27 de julho de 1853, passaram as freguezias de Alvorge e Rabaçal para o concelho de Penella.

Entre as freguezias que formaram o antigo concelho do Rabaçal, está encravada a de Tapeus, que era do concelho do Pombal, já no districto administrativo de Leiria; e que, depois de muitas representações, passou para a comarca e concelho de Soure, no districto administrativo de Coimbra.

Os moradores do Rabaçal, tinham antigamente o privilegio de não pagarem fintas, e seus gados podiam pastar livremente nas coutadas, sem serem obrigados a livramento ou coima, mas só pagavam o damno, se o houvesse.

RABAL—freguezia, Douro, concelho e comarca de Bragança, 54 kilometros ao N. de

Miranda do Douro, 500 ao N. de Lisboa, 86 fogos. Em 1757 tinha 91 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

A casa de Bragança apresentava o reitor, que tinha 50,3000 réis e o pé d'altar.

É terra pouco fértil, mas cria bastante gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha bastante caça.

RABALHA, RABHALVA e RABEHABRA — medida antiga, de solidos e liquidos, da cidade do Porto. Diz-se que tomou este nome, da freguezia de Ramalde (suburbios do Porto) onde primeiro foi usada. Acho mais provavel que se dissesse — *medida do arrabalde*, que simplificando-se e corrompendo-se, se chamou *rabalha*. Além d'isso, vê se em documentos do seculo xiv, que esta medida era usada em outras muitas terras do reino.

RABÁS ou RABAZ — portuguez antigo — ladrão. *Lobo rabaz*, vem do latino *lupus rapax*. Ainda hoje temos o substantivo *rapacidade*, que é da mesma origem.

RABEL ou RABIL — portuguez antigo — o mesmo que *arrabil*, pequena rebecca, usada pelos pastores. Na nossa ilha da Boa-Vista (Cabo Verde) ha uma freguezia chamada Rabil, fica na costa.

RABÊLLO — nome que se dá aos barcos que navegam no Douro; em razão de terem, em vez de léme, uma monstruosa *espadella*, que é um madeiro em fórma de rémo, quasi tão comprido como o mesmo barco.

Os lémes ordinarios nada fariam contra a corrente impetuosa d'este rio; e mesmo assim, nos *pontos*, é preciso que toda a tripulação (nos barcos maiores 14 e 16 homens) vá á *espadella*, e nem sempre evitam um naufragio, pois todos os annos se despedaçam muitos barcos contra os rochedos que erriçam o Douro.

A ré d'estes barcos, ha uma especie de varamda (uns sete ou oito palmos mais alta do que o leito do barco) a que elles chamam *pégada*, d'onde sustentam a *espadella* e governam o barco.

Da configuração d'estes barcos, com a sua immensa *espadella*, em fórma de rabo, lhes veio o nome de *rabêllos*, que é como se dissesse *rabudos*.

O nome de *rabêllos*, foi, com o tempo, passando aos tripulantes, e por fim aos habitantes do Alto Douro.

Os barcos *rabellos* são os mais frageis e desgraçados de Portugal; qualquer pancada os faz em pedaços. A madeira do fôrro não é lavrada nem pintada, e as tábuas, são apenas sobrepostas umas ás outras.

Por maiores que sejam, não teem senão uma vella, mas esta é de proporções enormes. Os maiores barcos podem trazer 80 pipas cheias.

Aos barcos do Deuro que não teem *pégada* (mas todos teem *espadella*) dão o nome de *rodeiros*. Estes são mais pequenos, e, ordinariamente, servem para conduzir fructas, madeiras, carvão, lenha, carqueja, etc.

Os barcos do Tejo e do Sado, que navegam em rios sem pedras, são muito mais solidos, cintados com grossas chapas de ferro, e fortemente encavernados. Ao mesmo tempo são muito elegantes, pintados e aceiados. Os barqueiros é que não ficam a dever nada, quanto a grosseria, aos dos barcos *rabêllos*.

Em se concluindo o caminho de ferro do Douro, ninguém de certo se torna a querer arriscar aos perigos de uma viagem pelo rio, nem a mandar por elle as suas fazendas, para baixo ou para cima.

Vide *Rebêllo*.

RABUDOS — Os portuguezes chamavam aos castelhanos *rabudos*; e estes, em desforra, chamavam-nos *judios*.¹

Dois fundamentos tiveram os portuguezes para a alcunha de *rabudos* que impozeram aos hespanhoes: o primeiro foi a balella que correu, de que a rainha D. Brites, mulher de D. Affonso III, nascera com rabo!²

Isto foi tão geralmente acreditado, que o nosso rei D. Sebastião, no 4.º de agosto de

¹ Os francezes tambem chamam *rabudos* aos inglezes: isto, tomado de uma palavra equivoca, que tanto póde significar *rabudo*, como *bizarro*, *guapo*, *gentil*, etc.

² D. Brites, descendia, por sua mãe, da nobilissima casa de Gusmão; e os hespanhoes diziam que muitos membros d'esta familia, nasciam com rabo! Foram pois os nossos visinhos que tiveram a culpa de lhe pôrmos a alcunha de *rabudos*.

1569, fez abrir todas as sepulturas dos reis que estão sepultados em Alcobaça, sob pretexto de ver o estado dos seus corpos, mas, na verdade, só para se desenganar se a rainha D. Brites era rabuda. Viu-se que era uma grande péta. O segundo motivo foi por que a tal D. Brites foi que introduziu em Portugal a moda hespanhola das *cottas de rabo* ou *caudatas*, trajo só usado pelas mulheres da família real e pelas grandes senhoras. Como D. Brites usava dos taes vestidos de cauda, e os portuguezes nunca tinham visto semelhante cousa, entraram a dizer que a rainha tinha rabo; e assim passou á posteridade o falso testemunho, transformando-se o *enfeite* em defeito natural. Hoje, todas as senhoras portuguezas são *rabudas*; e quanto maior fôr a cauda, mais elegancia significa.

Em alguns documentos antigos tambem se chamava *letra rabuda*, á gothica.

RACO—herdade, assim chamada, no Alentejo, freguezia do Cercal, comarca e concelho de Odemira (vol. 2.º, pag. 241, col. 1.ª).

A herdade do Raco, fica a 3 kilometros da egreja do Cercal, e é situada á beira da estrada que da freguezia vae a Odemira. É hoje apenas uma granja (*monte*, como alli lhe chamam) de pouca importancia; mas, segundo a tradição, foi uma colonia importante fundada pelos phenicios, e depois habitada pelos carthaginezes, e pelos romanos, que exploravam aqui abundantes minas de cobre, ferro e outros metaes; o que se prova pela grande copia de escorias que se veem n'estas immediações, e demonstra que esses metaes eram aqui mesmo fundidos, para facilmente poderem ser transportados a outras localidades.

É um sitio ameno, aprazivel e fertil, povoado de frondosas arvores, principalmente vetustos e gigantescos castanheiros, alguns, talvez, contemporaneos dos romanos.

Por muitas vezes se teem aqui achado sepulturas, ossos humanos, armas, ferramentas e outros objectos antiquissimos, alguns cujo uso e utilidade actualmente se ignora, e todos grandemente oxidados.

Pelo grande numero de sepulturas que se teem encontrado, com seus *vasos lacrimato-*

rios (de barro, de vidro, e até de prata) can-deias, amphoras, aneis, tijolos, telhas, bracetêes, machados e ferros de lanças, de cobre e ferro, vé-se que era uma colonia muito populosa, e que os povos antigos aqui fizeram uma diuturna residencia.

O virtuoso e esclarecido bispo de Beja, D. Frei Manuel do Cenaculo Villas Boas, aqui mandou fazer algumas escavações, com bom resultado, e os objectos archeologicos então encontrados, se acham actualmente no museu de Evora.

Quem percorrer os arrabaldes do Raco, fica assombrado dos immensos trabalhos de exploração que se fizeram aqui, principalmente nas serras da *Mina*, e do *Rosalgar*. São obras verdadeiramente collossaes, e custa a comprehender como homens com tão poucos meios dynamicos, e só á força de braços, levassem ao cabo, trabalhos tão estupendos, e que só vendo-se se pôde d'elles fazer idéa.

Os sérros que cercam a herdade do Raco, estão todos minados, em diferentes sentidos, assemelhando-se a cidades subterraneas.

É provavel que os arabes ampliassem as obras dos mineiros que os precederam.

RADAR ou **RODAR**—(a vinha) portuguez antigo — tambem se dizia *redrar* e *redar*. Era cavar a vinha segunda vez.

Hoje na Terra da Feira, em Arouca, Paiva e outras terras, dá-se á segunda sacha do milho, o nome de *arrendar*, evidentemente corrupção de *rodar*.

Vem do antigo portuguez *rédi*, que significava *defeza* (*redrar*, o mesmo que amparar, ou defender) e como na segunda cava se chegue a terra para o pé da videira (ou do milho) para o *defender* do sol, por isso se lhe chamou *redrar*, que se adulterou em *radar*, *rodar*, *redar*, e, por fim, em *arrendar*.

RAGUA—rio, Traz-os-Montes, que nasce na Galliza, e entra na direita do Tua (já unido ao Rabaça, da mesma procedencia) abaixo de Valle de Telhas. Vide *Rabaça*, rio.

RAIMONDA ou **REYMONDE**—freguezia, Douro, comarca de Lousada, (foi da comarca de Santo Thyrsó), concelho de Paços de Ferreira, 25 kilometros ao NE. do Porto, 320 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago S. Pedro, apóstolo.

Arcebisado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 350\$000 réis de rendimento annual.

É a mais rica e fértil freguezia do concelho.

Ha aqui uma capella publica, dedicada a Santo Amaro, e outra particular, da invocação de Jesus, Maria, José, na casa do Pí-nheiro, na aldeia de Parada.

N'esta aldeia de Parada, nasce um regato anonymo, que recebe em Sanguinhaes outro regato (que vem de ao pé da capella de Santo Amaro) formando então um ribeiro, que rega e moe, e váe juntar-se (proximo á quinta de Villar, freguezia de Paços de Ferreira, abaixo da ponte do Sobrão) a outro que vem de São Fins de Ferreira. Estes ribeiros reunidos, e juntos a outro que vem da freguezia de S. Pedro de Ferreira, formam o rio Ferreira.

Raymonda é nome de mulher (Raymunda); talvez que alguma assim chamada, fosse em tempos antigos, senhora d'esta freguezia, e lhe impozesse o seu nome.

RAIVA—portuguez antigo—infamia, la-béu, aleive, nota, etc.

RAIVA—aldeia, Douro, na freguezia de Farinha Podre, no concelho de Pena Cova, comarca de Coimbra, d'onde esta aldeia dista 25 kilometros.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É situada á beira do Mondego, em logar bastante agradável.

É o termo ordinario da navegação do Mondego, no estio; mas no inverno, em quanto ha abundancia de aguas, vão os barcos até á Foz Dão, e d'aqui, em carros ou em cargas se conduzem os objectos de commercio, até ao centro da Beira Baixa, ao O. e E. da serra da Estrella.

RAIVA—freguezia, Douro, concelho e 40 kilometros ao ONO. de Castello de Paiva (villa de Sobrado, que é a sua capital), comarca e 48 kilometros ao NO. de Arouca, 35 ao E. do Porto 345 ao N. de Lisboa 270 fogos.

Em 1757 tinha apenas 79 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha mais de 600\$000 réis de rendimento. (Tinha sido primeiro dos marquezes de Marialva).

Está a freguezia situada na margem esquerda do Douro, do qual a igreja matriz dista apenas uns 250 metros.

É terreno muito accidentado, com montes de bastante elevação; mas em grande parte, povoados de arvores silvestres, e as suas encostas e valles são muito férteis em todos os fructos do nosso paiz. O seu clima é sobre-modo saudavel.

Tem seis capellas publicas: *S. Domingos*, na serra do seu nome; *S. Lourenço*, na aldeia de Fulgoso; *Nossa Senhora das Amoras*, na aldeia de Oliveira do Arda; uma na aldeia de Serradello, não sei de que santo; e outra na de Gondarem, dedicada a S. Lourenço; e uma particular, de Nossa Senhora, na casa do sr. Luiz Paulino Pereira Pinto d'Almeida, na aldeia de Midões. As duas ultimas são muito proximas do Douro.

A mais celebre é a da *Senhora das Amoras*. (Vide *Arda*).

É atravessada por varios ribeiros, e o rio Arda a divide, pelo O., da freguezia de Pé-dorido.

¹ É uma d'aquellas divisões absurdas e disparatadas que se observam em muitas terras de Portugal. Como vemos no texto, dista apenas 35 kilometros do Porto, viagem de tres ou quatro horas, pelo Douro, e pertence ao bispado de Lamego, que lhe fica 60 kilometros a E., e ao districto d'Aveiro, que lhe fica a 75 kilometros ao SO., não tendo para nenhuma d'estas duas cidades caminho de qualidade alguma; pois os a que se dá este nome, não são mais do que uma sequencia de barrancos e precipicios, atravessando ribeiros caudalosos (sem pontes) e montanhas e brejos! Além d'isso não tem esta freguezia nem todo o concelho e a comarca, negocios alguns a tratar em Lamego e Aveiro, senão os a que é obrigada pela sua dependencia civil, administrativa ou ecclesiastica; pois que todo o seu commercio se faz com a cidade do Porto, com a qual está em comunicação constante.

Incontestavelmente é povoação muito antiga, e já habitada pelos povos pre-historicos, do que ha claros vestigios, em varias mamoas, no *Monte Grande*, e proximas ao logar de Serradello.

Teem-se aqui achado objectos archeologicos, como mós para moer cereaes, manualmente, columnas toscas, fornos, etc.

Tambem é certo que, de tempos remotissimos se exploraram por estes sitios varias minas de metal, que se não esgotaram, pois ainda algumas estão em lavra. (Vide Midões, aldeia, Douro, n'esta freguezia).

Pelo sr. visconde de Freixo foi descoberta uma mina de chumbo, nos sitios da Ribeira da Lomba e Fontella, em março de 1871, e da qual obteve diploma de descobridor legal, em maio de 1873. Pelo mesmo tempo foi concedida outra de galena, ao sr. doutor Frederico Augusto Pereira Cabral de Vasconcellos, proximo á aldeia de Gondarem.

Em maio de 1877, foram considerados descobridores legaes das minas de chumbo argentifero do Baltidão e ribeiro da Gardunha (tudo n'esta freguezia) os srs. Miguel da Costa Faria e José Carneiro de Sampaio e Silva.

Ná aldeia de Fulgoso, passa a grande zona carbonifera de Pijão, que se explora no Fôjo e em Pédorido. Vide *Castello de Paiva*.

Ha em diferentes partes d'esta freguezia afloramentos metallicos, e muitas nascentes de aguas ferruginosas, nenhuma das quaes foi ainda analysada.

RAMADA — Minho. Na cidade de Braga. Diogo Jacome, distincto fidalgo d'este reino, senhor da honra de Vimieiro, cavalleiro da casa real, etc., veio para Braga, em 1396, com o seu parente, o arcebispo D. Martim Affonso Pires da Charneca, que o fez alcaide-mór d'Ervêdo. Mandou-lhe, além d'isso, construir umas casas junto ao paço archiepiscopal, as quaes erigiu em honra, sob o titulo de *honra da Ramada*, e que foi o primeiro solar dos Avellares.

O arcebispo, D. Diogo de Sousa, em 10 de abril de 1509, por escriptura publica d'esta data, trocou a honra da Ramada, pelo casal d'Avellar. D'esta casa é actualmente representante, o sr. Francisco Jacome de Sousa Pereira de Vasconcellos.

RAMADA ou **RAMATA** — portuguez antigo — pesca que se fazia com ramos, lançando grande copia d'elles nos pégos mais profundos, para que o peixe, subindo das lapas e raizes, se acolhesse aos ramos, d'onde eram agarrados á mão.

RAMALDE — freguezia, Douro, concelho de Bouças, comarca e 4 kilometros ao N. do Porto, 318 ao N. de Lisboa, 600 fogos.

Em 1757 tinha 407 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

As religiosas franciscanas do mosteiro de Santa Clara, do Porto, apresentavam o reitor, que tinha 180\$000 réis e o pé d'altar.

É n'esta freguezia a famosa capella de *Nossa Senhora da Hora* ou das *Sete Fontes*, no sitio mesmo chamado *Senhora da Hora*, a cuja imagem se faz uma concorridissima romaria, em quinta feira da sua Ascensão.

Ha sempre comboys a preços reduzidos, no dia d'esta romaria, pela companhia dos caminhos de ferro da Povoá de Varzim, que tem uma estação mesmo no logar da *Senhora da Hora*.

Fica perto do Carvalhido.

Para se evitarem repetições, vide vol. 7.º, pag. 411, col. 1.ª

Ramalde é uma vasta, formosa, rica, sábia e fertil freguezia dos arrabaldes do Porto, e que muito tem prosperado n'estes ultimos tempos. Os habitantes da cidade aqui fazem frequentes excursões, principalmente no verão. Veem-se aqui muitas casas, de elegante apparencia; e as raparigas d'aqui (*ramaldeiras*) são justamente tidas como muito formosas; vestem-se com muita elegancia; são, em geral, muito bem feitas, e os seus trajes aldeãos são dos mais bonitos d'estes sitios.

Tenho corrido Portugal todo por muitas vezes, e em parte nenhuma vi aldeanas tão gentilmente vestidas como nos arrabaldes do Porto, tanto ao sul, como ao norte do Douro.

Ha tambem n'esta freguezia a capella de *Nossa Senhora do Porto*, na aldeia de Requezende, fazendo-se á *Senhora*, uma esplendida festa, a 15 de agosto de cada anno (dia da sua Assumpção).

Em 7 de dezembro de 1836, foi feito barão

de Ramalde, o sr. Christiano Nicolau Kopke.
Vide *Rabalha*.

RAMALHAL — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras, 48 kilometros ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 106 fogos.

Orago S. Lourenço.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Os beneficiados da collegiada de S. Miguel, de Torres Vedras, apresentavam o curra, que tinha 100\$000 réis de rendimento.

E' terra fertil em cereaes, optimo vinho e algum azeite.

RAMALHÃO (quinta do) — Extremadura, em Cintra. Foi antigamente paço e parque real, construidos, o paço e a quinta, pela imperatriz-rainha, D. Carlota Joaquina, mulher de D. João VI. Foi esta propriedade julgada *bens nacionaes*, posta em praça, e arrematada pelo fallecido par do reino, José Isidoro Guedes, depois visconde de Valmor, que augmentou o palacio e a quinta, fazendo-lhe grandes melhoramentos. Hoje é da sua viuva.¹

E' um passeio muito frequentado por todos os *touristes* que visitam Cintra, e que tem bom gosto; porque, na verdade, a propriedade do Ramalhão é uma formosissima vivenda.

Havia aqui, em uma capellinha, um santo, que o povo cria ser de carne e osso, e, é certo que, atravez da vidraça que o guardava, se via um formoso mancebo, que parecia estar dormindo. Diz-se, porém, que são os ossos de S. Bento, cobertos de cera.

O congresso havia jurado a constituição,

¹ A sr.^a D. Amelia Augusta da Silva Lima, 1.^a viscondessa de Valmor, e irman do actual juiz de direito do Redondo, o sr. Bento José da Silva Lima, casou em segundas nupcias, com o sr. José Joaquim Pinto da Silva, da cidade do Porto.

José Isidoro Guedes, tinha sido feito visconde, em duas vidas, em 11 de março de 1867, e como morreu sem filhos legitimos, passou o titulo para seu sobrinho, o sr. Fausto de Queiroz Guedes, feito visconde de Valmor, em 26 de janeiro de 1870.

em 23 de setembro de 1822, e D. João VI e a corte, no 1.^o de outubro.

Convidada a rainha D. Carlota Joaquina para prestar o mesmo juramento, em 22 de novembro, recusa-se obstinadamente. As cortes *exautoram* a rainha, e a mandam sahir do reino (4 de dezembro). D. João VI sanciona este decreto! Mas a rainha, não quiz obedecer a tão absurda sentença, allegando que estava doente. Foi então desterrada para a sua quinta do Ramalhão, onde seu filho, o senhor D. Miguel, a foi buscar, em junho de 1823, depois de ter facilmente vencido as tropas liberaes, em maio, na guerra chamada da *poeira*.¹

Quando a *quadrupla alliança* obrigou a sahir de Portugal, pela convenção de Evora-Monte, o senhor D. Miguel I, tomou este principe, nó estrangeiro, o titulo de conde do Ramalhão.

RAMALHEIRA — Vide *Eburobriga*.

RAMALHOSO — Vide *Portella da Gaiva e Ramalhoso*, a pag. 251, col. 1.^a do 7.^o volume.

RAMAZÃO ou **RAMAZAM** — Nome das duas unicas festas de obrigação, que tem os que seguem a religião de Mafoima. São *moveis*, e no espaço de 33 annos, caem em todos os mezes do anno, porque é lunar o anno musulmano. O primeiro ramazão, tem logar no dia primeiro da lua que segue á do ramazão — quaresma dos mahometanos. Esta festa, chamada *bairão*, dura trez dias, e assemelha-se á paschoa dos judeus, e ao nosso entrudo. Immolam cordeiros ou bois, e por isso lhe chamam tambem *aid el courban* (festa dos sacrificios). O *pequeno bairam* (*aid saghir*) tem logar no primeiro dia do mez de *chawal*, no fim dos jejuns do *ramazam*. Vide *Vairão*.

RAMELLA ou **REMELLA** — freguezia, Beira Baixa, concelho e comarca da Guarda,

¹ Os portuguezes ainda n'esse tempo se não tinham transformado em duas alcateias de tigres, sedentos de sangue e carnagem, como foram desde 1828 até 1836; pelo que na *campanha* da restauração, não houve mortos nem feridos: o que ambos os partidos fizeram foi muito pó, e por isso se chamou á tal campanha, *guerra da poeira*.

d'onde dista 12 kilometros, e 300 ao E. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago S. Pedro (vulgarmente *S. Pedro-da-Teixeira*).

Bispado e districto administrativo da Guarda.

A mitra apresentava o prior, que tinha 70\$000 réis de rendimento, e o pé d'altar.

Cereaes, fructas, legumes, gado e caça.

O nome d'esta freguezia é arabe, e a palavra *ramel*, que significa areal. (*Chronica do rei D. Manuel*, por Damião de Goes, parte IV, cap. 57, pag. 552).

RAMEZAL — Vide *Midões*, aldeia, Douro, na freguezia da Raiva, concelho do Castello de Paiva.

RAMIRÃO — Vide *Casal-Vasco* e *Ramirão*.

RAMIRES — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães (foi, até 24 de outubro de 1855, do concelho de Ferreiros de Tendaes, comarca de Rézende), 18 kilometros ao O. de Lamego, 325 ao N. de Lisboa, 80 fogos. Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago Santa Marinha.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O abade de Miumães apresentava o cura, que tinha 12\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

E' povoação muito antiga, e ainda aqui se veem os restos de um castello, que se diz ter sido construido pelos godos.

Ramires é nome patronimico, significa, filho ou descendente de *Ramiro*. (Vide, para o appellido Ramires, volume 1.º, pag. 133, col. 1.º).

E' terra fertil. Bom azeite, e optimo vinho verde.

RANA ou **RANNA** — Vide *Domingos de Ranna* (*São*).

RANCORA, **RANCOURA** ou **RANCURA** — portuguez antigo — querella ou queixa, dada ao juiz da terra, contra alguem.

RANDE — Vide *Milhundos*.

RANDE — freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras (foi da comarca de Louzada, concelho de Barrosas), 36 kilometros ao NE. de Braga, 330 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O papa e a mitra, de Braga, apresentavam alternativamente o abade, que tinha réis 270\$000 de rendimento.

É terra fertil.

RANHADOS — villa, Beira Baixa, concelho da Méda, comarca de Villa Nova de Foz-Côa (foi da comarca e concelho da Meda, e em tempos mais antigos, foi da comarca de Lamego, e em 1810, era da comarca de Pinhel), 45 kilometros de Lamego, proximo a Penedão, e 360 ao NE. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 240 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O padroado real apresentava o reitor, que tinha 160\$000 réis de rendimento.

E' povoação muito antiga, e situada em alto, onde existem as ruinas de um vetusto castello, cuja construcção se attribue aos godos.

O seu primeiro foral lhe foi dado pelo rei D. Diniz, em Coimbra, a 26 de julho de 1286. (*Livro 2. de Doações do rei D. Diniz*, fl. 123, v., col. 2.º).

O rei D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 29 de novembro de 1512. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 31 v., col. 2.º).

Era terra do infantado.

Perto da villa, ha as aguas mineraes, a que chamam as *Caldas*. São *sulphureas hepatisadas*, ou mineralisadas pelo *gaz hydrogenio sulphurado*, e da mesma composição chymica das de Alfafache, S. Gemil e outras. Teem (as de Ranhados) o grau de calor, de 100 a 103 F., ou 33 1/2 a 34 R.

Applicam-se com bom successo, internamente, ou em banhos (segundo a natureza das molestias) nas paralisias, rheumatismos, gôta, molestias cutaneas; e em todos os casos em que são uteis as aguas gazosas ou salinas.

E' terra fertil.

RANHADOS — villa, Beira Alta, comarca, concelho e proximo (ao sul) de Viseu, 285 kilometros ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 pertencia á freguezia da Sé, de Viseu.

Orago Nossa Senhora da Ouvida.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano*, porque, quando esta obra foi publicada, ainda não existia como parochia independente.

No logar do Olival, ha uma formosa capella, dedicada a Santa Eufemia, á qual se faz uma grande festa em setembro, que é concorridissima, não só por familias das aldeias visinhas, mas, e principalmente pelas de Viseu; recebendo a Santa, na vespera e no dia da festa, muitas e valiosas offertas.

No mesmo dia se faz igual festa á referida Santa, na egreja da freguezia, e como os mordomos de uma e outra solemnidade andam *picados*, capricham em ver qual das confrarias se distingue mais pelo esplendor da festa. Regularmente, a romaria da capella é mais concorrida.

Em ambas as partes ha musica e fogo preso, na vespera, e no dia; sermão, missa cantada, procissão, etc.¹

A ermida de Santa Eufemia, fica a uns 800 metros ao E. da villa de Ranhados, e é bastante antiga, como adiante se verá.

Nossa Senhora da Ouvida (ou das *Neves*, ou do *Rosario*, como tambem a denominam) esteve primeiro na capella de Santa Eufemia, por tempo de mais de 40 annos.

Em 1629, se instituiu a irmandade de Nossa Senhora da Ouvida, approvada no mesmo anno pelo doutor provisor, Manuel Leitão, mestre-escola da cathedral de Viseu, e governador do bispado em *sede vacante*.

Augmentou a devoção á Senhora, e com ella o numero de irmãos; pelo que estes resolveram construir-lhe casa propria, mesmo no logar de Ranhados, o que se levou a effeito, em 1656, sendo juiz, o padre Antonio Rodrigues, natural de Ranhados e mestre de grammatica no seminario diocesano: e logo mesmo em 1656, foi transferida, em solem-

ne procissão, a Senhora, para a sua nova egreja, hoje matriz da freguezia.

Este padre Antonio Rodrigues concorreu muito para a obra, não só com avultadas esmolas que deu do seu bolso, como das que agenciou pelos seus amigos e conhecidos.

Tambem foi o mesmo padre, que á sua custa comprou um chão a João de Carvalho, para n'elle se edificar a egreja e suas dependencias.

A irmandade, constava no principio do seculo passado de 160 irmãos, e 25 irmans, donzellas, ou viúvas honestas. Cada irmão solteiro, tinha por seu fallecimento, 60 misas; os casados 40; e as mulheres 20.

Tinha a irmandade um capellão, que era obrigado a dizer missa, todos os domingos e dias sanctificados, pelos moradores do logar, que eram os que lhe pagavam.

Tinha mais oito capellães, irmãos, para dizerem as missas pelos que morriam, pagas pela irmandade.

Os irmãos fallecidos tinham dois *anniversarios*, por todos; o primeiro, na 1.^a sexta feira da quaresma; e o segundo, na 1.^a sexta feira de setembro.

Os irmãos seculares, eram obrigados a rezarem um rosario por cada irmão que morria, e a acompanhal-o á sepultura, sob pena de meio tostão de multa. A mesma pena tinham, faltando no dia da festa, e o dobro, se faltassem aos anniversarios.

Para o governo da irmandade, havia um reitor, ou juiz; um escrivão; um thesoureiro; um apontador; um mordomo e quatro deputados, de eleição annual.

Os irmãos davam á entrada, 200 réis em dinheiro, e uma vella de cera de meio arratel, e annualmente 120 réis.

No dia 8 de junho de 1876, falleceu no Rio de Janeiro (Brasil) o subdito portuguez Francisco Rodrigues Loureiro, natural d'esta freguezia, baptisado na egreja da Sé de Viseu, e casado com D. Bernardina de Senna Loureiro. Deixou uma fortuna superior a 500 contos de réis.

Deixou a seus paes, em quanto vivos, 700 réis diarios, e mais o rendimento de 10 contos de réis em apolices, para elles e para sua

¹ Tambem n'esta freguezia se faz todos os annos, a 24 de junho, uma esplendida festa a S. João Baptista, que é sempre concorridissima.

filha Maria, irman do testador, e por morte dos trez, ficam as apolices para os filhos do mesmo testador.

Deixou 500\$000 réis, em moeda forte, para reparos e melhoramentos da igreja de Ranhados, e 50\$000 réis para esmolos aos pobres.

Deus lhe dará no ceu, o premio d'estas boas obras.

Esta villa de Ranhados, é muito antiga, mas ignora-se a data da sua fundação, e a origem ou etymologia do seu nome.

No *Corpo chronologico*, parte 2.^a, maço 74, documento 48, existe a *Inquirição*, e auto, feito no 1.^o de abril de 1518, para a instituição do seu foral, mas este não se chegou a expedir.

E' terra muito fertil. Gado e caça.

RANHOADA—portuguez antigo—fressura de qualquer animal.

RANS—Douro. Esta freguezia está ha muitos annos unida á de Cannas, e para não haverem repetições remetto o leitor para o volume 2.^o, pág. 77, col. 1.^a. Aqui só acrescentarei mais:

Em um manuscripto, intitulado *Memorias genealogicas*, obra do doutor Manuel da Cunha Andrade e Sousa, se lê o seguinte:

«Além de outros logares, deu o rei D. Affonso III, de Leão¹, por motivo de serviços,

¹ D. Affonso III, de Leão, foi com justiça cognominado o *Grande*. Alcançou assignaladas e gloriosas victorias contra os mouros. Desde que subiu ao throno, fortificou as praças mais importantes dos seus reinos. Em Portugal, reedificou os castellos de Braga, Chaves e Viseu; mas, quando os christãos, estavam occupados na reconstrucção d'esta ultima praça, foram inopinadamente atacados pelo kalifa de Cordova, que a tomou, depois de uma heroica resistencia; porém em breve D. Affonso o *Grande* entra em Portugal, resgata Viseu, e leva as suas armas gloriosas até Coimbra.

Construiu ou reedificou ainda mais castellos, deu uma nova e mais regular organização ao paiz, edificou ou reconstruiu varios templos, entre elles, a famosissima Sé de Sevilha, essa obra maravilhosa que ainda hoje admiramos.

Cançado de guerras e de outros incommodos do seu reinado, dividiu os seus domi-

a seu parente mui proximo, D. Hermenegildo, conde do Porto e de Tuy, o logar de Bordallo, em que está a honra de Barbosa, na era de 866. D'esta honra foram senhores seus descendentes até 1420, em cujo anno a comprou D. João de Azevedo, bispo do Porto, passando depois aos Azevedos Athaides, que hoje a conservam.

O conde D. Hermenegildo teve por filhos, D. Guterre Mendes Arias, conde do Hermínio e Cella Nova, e governador do Porto, e de todo o territorio desde esta cidade até á da Guarda; isto, pelos annos 924.

De D. Hermenegildo foram filhos, o celebre S. Rozendo, bispo de Dume—D. Affonso Guterres—e D. Nuno Guterres, ambos condes de Cella Nova—Santa Adozinda, abadesa—e D. Paterna.

De D. Nuno Guterres foram filhos, D. Sancho Nunes de Barbosa, que foi o primeiro que se appellidou de *Barbosa*—e o conde D. Gomes Nunes.

De D. Sancho Nunes de Barbosa foi filho D. Pedro Nunes de Barbosa, rico-homem de D. Affonso II. E foi filho d'este, D. Martim Pires de Barbosa, rico-homem de D. Affonso III, e que foi morto no logar de Marrancos, termo da *Portella das Cabras*, proximo á raia de Galliza. (Vide a segunda *Portella*, da col. 1.^a, de pag. 244, no 7.^o volume).

A quinta de Marrancos era muito antiga n'esta familia, e por sentença do 1.^o de abril de 1637, se julgou ser solar d'ella.

Foi filho de D. Martim Pires, e de sua mulher, D. Mór Ayres, Pedro Fernandes de Barbosa, vassallo de D. Affonso IV, e seu companheiro na gloriosa batalha do Sallado (30 de outubro de 1340).

Pedro Fernandes de Barbosa, casou com D. Châmoa (ou Chama) Martins, filha de Martim Martins de Aborim e de sua mulher D. Alda Esteves, senhora do conto de Brandára, e da casa de Aborim, onde fizeram seu solar.

nios pelos seus dois filhos, dando a D. Ordonho II, Portugal e Galliza, e a D. Garcia, Leão e Castella; terminando seus dias no remanso da paz.

A casa solarenga d'Aborim, é na freguezia de S. Martinho d'Aborim, então annexa á de Santa Maria de Quintiães; mas hoje independente, e da comarca e concelho de Barcellos.

D'este matrimonio foi filho, Gonçalo Fernandes de Barbosa, que herdou a casa de seus paes.

Foi um militar distincto pelo seu valor e patriotismo. Tomou o partido do Mestre de Aviz, ao qual se apresentou com 20 soldados de cavallo, armados á sua custa, e com elles combateu arrojadamente, na gloriosa batalha de Aljubarrota, em uma segunda feira, 14 de agosto de 1385.

Foi seu neto, Alvaro de Barbosa, que com sua mulher (d'este) D. Maria Gonçalves Maciel, instituíram o morgado d'Aborim, em 1472, 52 annos depois de vendida a antiga honra de Barbosa, em S. Miguel de Rans.

D'esta honra são hoje possuidores, os herdeiros (filhos) de D. Miguel Vaz Guedes de Athaide Azevedo Brito Malafaia. Vide *Barbosa, Canas e Rans*.

RANNA—Vide *S. Domingos de Rana*.

RAPA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 12 kilometros da Guarda, 315 ao E. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 64 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

A mitra apresentava o prior, que tinha 60\$000 réis e o pé d'altar.

Muito gado e caça; do mais, pouco.

RAPA VELHA—um dos *pontos do Douro* (7.º volume, pag. 199, col. 2.ª) ¹.

Fica a 6 kilometros do lugar de Linhares, termo da villa transmontana de Ancieães. A uns 3 kilometros do dito lugar, e a 15 metros do rio Douro, proximo do *Cachão da Rapa*, está um grande rochedo, que se despenha para o rio, e sobre o rochedo, um pe-

nedo de 6^m60 de alto, e da fórma de um tonel.

Tinha uma inscripção antiquissima, que, por gasta, se não póde ler.

Pelos annos de 1720, José Macedo Rosales, de S. João da Pesqueira, mandou seu irmão, Antonio Rosales de Carvalho, morador no lugar de Nogarélho, que fica proximo do referido penedo, que o fosse examinar. Eis, em resumo, o que informou Carvalho.

Entre o Cachão da Rapa e a Pesqueira do Marulho, no termo d'Ancieães, comarca da Torre de Moncorvo, está um grande penedo, proximo da corrente do rio, mas onde não chegam as aguas d'elle.

Segundo a tradição, ao fundo d'este penedo havia uma entrada para uma gruta, cujo centro ainda ninguem se atreveu a investigar.

Diz-se que, querendo um clérigo de Linhares examinal-a, sahio d'ella mudo, não tornando a recobrar a falla, e nem por escripto disse o que lá dentro viu.

Já se não vê a tal gruta, mas vê-se o sitio onde, pelos annos 1705, entraram uns desconhecidos, com picões, alavancas e outros instrumentos, e convidando operarios do lugar de Nogarélho (aos quaes pagaram generosamente) para os ajudar, romperam a gruta, e consta que levaram uma grande cruz de prata e outros objectos de valor.

Diz-se que no verão mana das fendas d'este rochedo um betume, semelhante a petroleo.

Ao fundo do penedo, da parte que olha para o Douro, existe um portal, que parece obra da natureza, e dá entrada para uma grande sala, com assentos em redor, e no meio uma grande meza, tudo de pedra. N'esta sala ha uma porta, que provavelmente conduz a outras interiores, que ninguem tem querido examinar.

Consta que o padre Domingos Mendes, na manhã de S. João, do anno de 1678, com sebrepeliz e estola, pretendau penetrar n'estas concavidades, em busca de thesouros encantados; mas que, entrando na segunda sala, sentiu um chei-

¹ Não se confunda com o *ponto da Rapa*, que é muito mais abaixo, e em frente do concelho de Rézende.

ro tão pestilente, e teve tal medo, que fugiu tremendo, e ficou mentecapto o resto de seus dias, que foram poucos. Também se diz que pouco depois de sahir d'este antro, lhe cahiram todos os dentes.

Tudo isio consta de um reatorio que Antonio de Sousa Pinto e o reitor João Pinto de Moraes, mandaram à academia real das sciencias; mas parece-me que isto é outra versão da historia do *clérigo de Linhares*, contada por Antonio Rosales de Carvalho.

A esta penha ainda o povo chama o *pene-do das letras*, alludindo á mencionada inscripção.

RAPOILA ou **RAPOULA** — freguezia, Beira Baixa, (no Riba-Côa), comarca e concelho do Sabugal, 24 kilometros ao SO. da Guarda, 300 a E. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 69 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Foi antigamente da comarca de Castello Branco, que lhe fica 75 kilometros ao N.

Dá-se vulgarmente a esta freguezia a denominação de *Rapoila do Côa*.

O vigario de Santa Maria, da villa do Toro, apresentava o cura, que tinha 7\$500 réis de congrua e o pé d'altar.

Na margem O. do rio Côa, e á raiz de um pequeno monte, distante 3 kilometros da povoação, nascem trez mananciaes de agua sulphurea, cujo cheiro se conhece a mais de 60 metros de distancia. É limpida e transparente, e de sabor enjoativo e algum tanto amargo. Deposita na sua passagem um lodo amarelado, que, depois de secco e lançado no fogo, arde com chamma, espalhando um cheiro suffocante a enxofre. Nas nascentes, vêem-se estalar na superficie, muitos bolhões de gaz. A temperatura d'estas aguas, na nascente, é de 94 a 100 gr. F., ou $27\frac{3}{4}$ a $30\frac{1}{3}$ de R.

É mineralisada pelo gaz hydrogenio sul-

phurado, e contém substancias salinas, taes como muriatos de soda e calcareo, e algum de magnezia. Não tem ferro, nem outra alguma substancia metallica.

Dão a estas aguas o nome de *Caldas da Ribeira de Boi*.

Não ha aqui nenhuma commodidade para que os doentes possam tomar banhos. Apenas existe uma pequena pia de pedra, onde os pobres se banham, sem o minimo resguardo, pois nem uma insignificante choupana alli se vê.

RAPOZA—freguezia, Extremadura (ao S. do Tejo), concelho de Almeirim, comarca da Chamusca, 95 kilometros ao NE. de Lisboa, 18 ao SE. de Santarem, 80 fogos.

Em 1757 tinha 68 fogos.

Orago Santo Antonio, de Lisboa.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

Os descendentes de Luiz Affonso de Mesquita, apresentavam o vigario, collado, que tinha 150\$000 réis de rendimento.

Terra muito fertil em cereaes. Algum vinho e azeite.

RAPOZEIRA—freguezia, Algarve, concelho e 3 kilometros ao O. da Villa do Bispo, comarca de Lagos, 60 kilometros de Faro, 215 ao S. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 62 fogos.

Orago Nossa Senhora da Encarnação.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

A mitra apresentava o cura, que tinha trez moios de trigo de rendimento.

A esta freguezia está, ha muitos annos, unida a da *Carrapateira*. (Vol. 2.º, pag. 118, col. 1.º).

Disse alli que o concelho de Villa do Bispo havia sido supprimido em 1855, é engano, ainda existe.

E' uma aldeia pequena e pobre.

Na manhã do dia 1.º de novembro de 1755, tinha 90 fogos, e d'ahi a poucos momentos apenas 13 casas ficaram de pé, pois que o terramoto d'esse dia, derrubou 77! D'ahi a dois annos, 49 casas haviam sido reconstruidas.

Esta freguezia está situada em um baixo,

bastante abafado, e cortado pela ribeira da Rapozeira, que morre no *barranco de Benaçoitão*.

Benaçoitão é corrupção do arabe *Ben-Zaatam*, (nome proprio de homem) significa *descendente de Zaatam*.

E' terra doentia, em razão das aguas estagnadas em que abunda.

Proximo da povoação, ha um antigo e bom chafariz, de pedra, onde a agua é em grande abundancia e de boa qualidade. Os seus remanescentes regam a *horta da Rapozeira*.

A igreja matriz é pequena mas bonita.

Esta freguezia, a da Carrapateira e a de Sagres, estiveram algum tempo unidas á da Villa do Bispo.

Como ha muitas aguas, o terreno da freguezia é muito fertil.

Entre a Rapozeira e a aldeia da Figueira está a igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, muito antiga, e que consta ter sido dos templarios. Esta igreja e umas casas que lhe ficam proximas, nada soffreram com o referido terramoto, o que o povo attribuiu a milagre da Senhora.

RARÁPIA — antiga cidade da Lusitania. E' hoje a pequena villa do *Castello*, que foi capital do antigo concelho de Ferreira d'Aves, hoje supprimido.

A pag. 171, col. 2.^a do 3.^o volume, tratando de *Ferreira d'Aves*, disse que era povoação antiquissima, provavelmente do tempo dos romanos. Confirmando esta minha asserção, o rev.^{ma} sr. Luiz Augusto da Fonseca Almeida e Campos, digno e illustrado abbade collado da freguezia do Castello de Ferreira d'Aves, teve a bondade de me mandar as seguintes informações, que eu cordealmente lhe agradeço.

Porque não farão o mesmo, todos os senhores parochos, a quem tão humilde e encarecidamente tenho pedido esclarecimentos sobre as suas parochias?

Pois deviam-o fazer; porque esta obra não é de um partido, é de todos os portuguezes, e já

que quasi nenhuma camaras¹ se importaram com os *Annaes* dos seus respectivos municipios, que o governo tanto lhes recommendou, ao menos, era bom que tudo ficasse consignado no *Portugal Antigo e Moderno*.

Diz pois o referido sr. abbade de Ferreira d'Aves:

«Entre os rios Paiva e Vouga está situado o antigo concelho de Ferreira d'Aves, hoje supprimido, não ficando mais do que o seu nome na freguezia de Ferreira d'Aves.

Era capital do concelho, e o é hoje da freguezia, a villa do Castello, assim chamada, por constar que no tempo do famoso Viriato, o Herminio, havia n'ella um castello, cuja pedra serviu, passados seculos, para a construcção da actual igreja matriz. Assim o affirma Braz Garcia Mascarenhas, no seu *Viriato Tragico*, canto 5.^o.

N'essa epoca, tinha a villa do Castello o nome de *Rarápia*, com foros de cidade; o que o mesmo Braz Garcia assevera, dizendo que no anno de 145, antes de Jesus Christo, ganhando Viriato a batalha por elle dada contra o pretor romano Cayo² fôra o bravo lusitano descansar e receber os parabens, para a sua cidade de Rarápia.

Este nome (Rarápia) se deriva do latino *Rara pietas*, alludindo á *rara piedade*, de Viriato, para com a deusa *Vaccuna*³, celebrada por Ovidio, no livro 6.^o dos seus *Fastos*.

Não se sabe quando esta antiquissima cidade perdeu o seu nome de Rarápia, talvez fosse no principio do seculo viii, quando os mouros invadiram a Lusitania. É certo que

¹ Que me conste, só a camara de S. Thia-go de Cacem, mandou escrever os seus *Annaes do Municipio*, pelo esclarecido sr. padre Antonio de Macedo e Silva.

² Mascarenhas commette aqui um pequeno anachronismo. Viriato venceu o pretor Cayo Plaucio, no anno do mundo 3852, que corresponde ao de 152 antes de Jesus Christo; e derrotou o pretor Cayo Negidio, no anno do mundo 3860, ou 144 antes de Jesus Christo.

³ E, provavelmente, tambem ao deus dos lusitanos *Endovelico* (Cupido).

no anno 1200 de Jesus Christo, já tinha o nome de *Ferrária* (em portuguez, Ferreira) como consta do tombo das religiosas benedictinas, de Ferreira.

O mesmo nome se vê a fl. 46 v., do mesmo tombo, onde está copiado o testamento do 1.º bispo da Guarda, D. Martinho Paes, natural d'esta villa do Castello de Ferreira d'Aves, e fallecido em Roma, a 12 de novembro de 1228. N'este testamento se lê—*Boves quos hebeo in Ferrária*.

Ainda em 24 de fevereiro de 1284 conservava o nome de Ferrária, na occasião em que se procedeu á divisão das rendas, entre o bispo de Viseu, D. Nicolau, e seus conegos, ficando estes com a terça parte dos dizimos de Ferrária.

Plinio diz—*Ferraria dicitur a feracitate ferri*. Eis d'onde vem o nome de Ferreira (abundante de minas de ferro).

Esta freguezia confina ao E., com o concelho de Aguiar da Beira—ao S. com o de Satan (onde hoje pertence esta freguezia)—ao SO., com o de Viseu—e ao N., com o extincto concelho de Caria e Rua (ou Caria e Lapa).

A freguezia de Ferreira d'Aves, constando de varias povoações e quintas, contém 803 fogos, e 3:363 almas.

Foi senhor donatario, d'este concelho, D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello, duque do Cadaval, conde de Tentugal e Marquez de Ferreira; titulo este, que foi dado ao seu progenitor, D. Rodrigo de Mello, conde de Tentugal, por D. João III, em 1550. (Vide *Tentugal*).

Eram os marquezes de Ferreira os padroeiros da villa d'este nome.

O primeiro senhor de Ferreira d'Aves, foi Ruy Pires, cujo senhorio lhe deu a rainha D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, pelos annos de 1426. Foi Ruy Pires tambem o primeiro que usou do appellido de Ferreira.

D. Thereza lhe deu por armas—em campo verde, quatro faxas de ouro, e por timbre um abestruz, com uma ferradura de ouro no bico.

Ha em Ferreira dois mosteiros—o de freiras benedictinas, ainda povoado—é o de

frades capuchos da Conceição, supprimido.

Até aqui, o sr. abbade de Ferreira.

A pag. 171, col. 2.ª, do 3.º volume, disse eu que em frente de Ferreira, na margem esquerda do Vouga, ficava *Villa Rei*.

O referido sr. abbade, a quem devo as curiosas noticias de Rarápia, diz-me que não póde affirmar ou negar a existencia de tal *Villa Rei*; mas que lhe parece que nunca existiu alli povoação com tal nome.

O sr. Francisco Cabral Paes, da villa da Rua, diz-me tambem terminantemente, que tal povoação de *Villa Rei*, nunca existiu por estes sitios.

Os meus leitores teem visto a franqueza com que sempre tenho rectificado os erros, que más informações, ou enganos de escriptores antigos, me tem feito commetter; mas, n'este ponto, não dou a mão á palmatoria tão facilmente; porque, o que disse, foi fundado na auctoridade do nosso grande investigador, frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, e em outros escriptores dignos de credito.

Os dois cavalheiros a que me refiro, teem razão. Não existe actualmente, em frente da freguezia de Ferreira d'Aves, povoação alguma com o nome de *Villa Rei*; mas isto não prova a sua não existencia em outras eras, ou que não se lhe tenha mudado o nome: o que prova é que nenhum dos contemporaneos tem noticia de haver, na margem opposta do Vouga uma povoação chamada *Villa Rei*, que, ou deixou de existir, ou foi *chrismada*.

O que é certo, é que, em 1517, *Villa Rei* formava parte do concelho de Ferreira de Aves, e que o rei D. Manuel, constituiu dois concelhos independentes, um em Ferreira outro em *Villa Rei*. Já se vê que esta ultima villa ainda existia no principio do seculo xvi.

Diz o referido sr. abbade, que talvez seja erro de copia, e que chamaram *Villa Rei* a uma aldeia da freguezia de Ferreira, chamada *villa da Ribeira*, na margem direita do Vouga. Mas Viterbo diz positivamente que era uma villa (e não aldeia) *sobre a margem esquerda do Vouga*.

Notemos que Viterbo foi religioso capu-

cho, no convento de Ferreira; que aqui viveu muitos annos; aqui escreveu o seu *Eluclidario* (onde falla na tal Villa Rei) e que, finalmente, aqui falleceu. Custa-me a acreditar que um escriptor tão escrupuloso, e sempre tão exacto, faltasse assim á verdade em uma cousa tão sua conhecida.

Actualmente, na margem esquerda do Vouga, em frente de Ferreira d'Aves, são as pequenas freguezias de Decermillo (ou Ser-millo), Romans, Villa Longa¹, e Mioma, todas do concelho de Satan.

RASCAM—portuguez antigo—escudeiro, pagem, creado grave.

RASCAR—portuguez antigo—dar vozes, gritar sobre alguém, ou *aqui d'el-rei contra F. Vide Caritél.*

RASCOA—portuguez antigo—creada grave, aia de senhoras.

RASO—portuguez antigo—humilde, pobre, abatido, desherdado dos bens da fortuna, plebeu. D'aqui vem *soldado raso*, o posto mais inferior da milicia.

RASTELLO—nome antigo do local onde depois se construiu o famoso templo dos monges de S. Jeronymo, de Belem, e onde agora se admira, junto á igreja, e ao O. d'ella, o formosissimo edificio da *casa pia*, em construcção, e que, antes de poucos annos, será um dos mais bellos de Portugal. (Vide *Belem e Jeronymos.*)

Ao que disse de *Belem*, a pag. 368, col. 2.ª, do 1.º volume, e na palavra *Jeronymos*, na col. 2.ª da pag. 409, do 3.º volume, accrescento mais o seguinte:

O esclarecido archeologo e engenheiro civil, o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, achou em Março de 1875, occulto pelos degraus do pulpito moderno, e no pilar do cruzeiro da igreja de Belem, um medalhão com o busto de Boutaca, architecto d'este sumptuoso monumento.

O sr. Silva affirma que Boutaca era portuguez, apesar do seu nome hespanhol, ou italiano. Segundo o sr. Silva, este architecto

militou na Africa, onde foi armado cavalleiro, em 1471, na praça d'Arzilla, pelo conde de Borba. Depois, estudou na Italia, e no seu regresso a Portugal, é que o rei D. Manuel o encarregou de construir a igreja e mosteiro de Belem. Que este monarcha premiou Boutaca, em 1505, com o fôro de fidalgo cavalleiro.

Fernão Lopes de Castanheda, natural de Santarem, e um dos companheiros de Vasco da Gama, principia assim a sua *Historia do descobrimento e conquista da India, pelos portuguezes*:

«Partimos do Rastello hum sabado, que eram oito dias do mez de julho, da dita era de 1497, nosso caminho, que Deos nosso Senhor leixe acabar em seu descanso. Amen.»

N'este mesmo dia, na ermida de Nossa Senhora do Rastello, fundação do immortal infante D. Henrique, se disse missa e fizeram orações, implorando á Santissima Virgem a sua protecção, para a feliz viagem e bom successo d'ella, no meio de um concurso enorme de povo, de todas as condições e gerarchias.

Animados com a esperanza no patrocínio da Virgem dos Navegantes, se partiu o grande Vasco da Gama, acompanhado de seu irmão Paulo da Gama, de Nicolau Coelho, e outros intrepidos capitães, e nautas destemidos, no meio das orações, benções e lagrimas de muitos milhares de portuguezes que assistiam á partida.

Hiam aquelles novos argonautas emprender a solução de um importantissimo problema geographico e maritimo, qual, a passagem do *Cabo das Tormentas* (desde então *Cabo da Boa Esperança*) que o audaz navegante Bartholomeu Dias suppunha impraticavel.

E Deus protegeu Vasco da Gama e os seus, que, não só passaram além do temivel promontorio, mas descobriram o caminho maritimo para esse Eldorado que se chama India, e deram depois ao reino de Portugal, por vassallos, trinta e seis soberanos asiaticos, alguns poderosissimos.

Vasco da Gama, dobrou o Cabo da Boa Esperança, a 20 de novembro, fazendo a sua entrada nos mares da India.

¹ Quem sabe se a actual *Villa Longa*, será a antiga *Villa Rei*?

A 10 de julho de 1499, chega a Lisboa a noticia da descoberta da India, e a 29 do mesmo mez, entra gloriosamente no Tejo o immortal Vasco da Gama, de volta da sua expedição, uma das maiores e mais audazes emprezas dos tempos modernos.

O rei premiou os portentosos serviços de Vasco da Gama, com o pronome de *Dom*, e com o habito de Christo, para elle e seus herdeiros! (Bons tempos eram esses, em que o *dom* e o habito de Christo se julgavam premio sufficiente para tão grandes faganhas...)

A viagem de Vasco da Gama deu tambem causa á descoberta das *Indias Occidentues*, como antigamente se denominava a America; pois que, mandando o rei D. Manuel a Pedro Alvares Cabral, com 13 naus, em demanda da India, em 1500, um furioso temporal o obrigou a correr para O., e assim descobriu as costas do Brasil, a 25 de abril; ao mesmo tempo em que um dos seus capitães (Gaspar Corte Real) descobre a *Terra Nova*.

N'este mesmo anno principia a fundação do mosteiro de Belem.

Em vista de tantas prosperidades, D. Manuel, em 1501, toma os titulos de *Senhor da Navegação, Conquista e Commercio, da Ethiopia, Arabia, Persia e India*.

N'esse mesmo anno de 1501, João dá Nova, indo em viagem para a India, descobre a ilha da Ascensão, e derrota a poderosa armada do rei de Calecut. Foi a primeira victoria naval dos portuguezes nos mares asiaticos.

No anno seguinte, 1502, D. Vasco da Gama, nomeado *grão-almirante*, torna á India, com uma esquadra de 20 naus. Derrota o rei de Quilôa, e faz tributarios de Portugal, varios reis indianos.

D. Vasco da Gama, chega ao Tejo, de volta da sua segunda viagem á India, no 1.º de setembro de 1503, trazendo o primeiro tributo que a Portugal pagaram os reis d'esta parte da Asia.

Na sua terceira viagem á India, o grande D. Vasco da Gama fallece em Cochim, em 1524; mas não morreu o seu nome glorioso, nem a fama dos seus feitos sobrehumanos.

Foi em cumprimento de uma promessa á

Santissima Virgem, que o rei D. Manuel fundou o maravilhoso mosteiro dos Jeronymos, esse sumptuoso monumento que attesta á posteridade, o valor, a abnegação e o patriotismo dos nossos antepassados.

Foi ao real mosteiro de Belem, que o rei D. Manuel deu a famosa Biblia, em 7 volumes, manuscripto em pergaminho, com vinhetas e allegorias, primorosamente coloridas e douradas, e que é a nossa maior preciosidade bibliographica.

O impio Junot a roubou, em 1807, levando-a para a França, em setembro de 1808, junta a grande numero de outros objectos de grande valor, que havia roubado em Portugal. Só depois da restauração, é que, em 1816, se conseguiu que o rei Luiz XVIII, mandasse aos herdeiros de Junot entregar ao nosso embaixador, a Biblia (incompleta!) pelo *resgate* de 40:000 francos (7:600\$000 réis) que tivemos de entregar aos possuidores do roubo!

Havia ainda na livraria d'este mosteiro, um riquissimo *Breviario*, por onde rezava a rainha D. Catharina, mulher de D. João III, e umas *Horas Canonicas*, pelas quaes se diz fazia a sua reza o malogrado rei D. Sebastião. Vide *Belem e Jeronymos*.

RATA (ponte da) — Douro, no concelho, comarca, bispado, districto administrativo e 14 kilometros ao ESE. de Aveiro, está a freguezia de Eirol, sobre a margem esquerda do rio Vouga.

É n'esta freguezia e proximo da confluenta do Agueda com o Vouga, que está a *ponte da Rata*, atravessando o primeiro d'estes dois rios.

Principiou a construir-se esta ponte, em 19 de maio de 1865, e concluiu-se a 18 de outubro de 1866. Custou 4:148\$500 réis.

Fez o desenho e superintendeu n'esta obra, o sr. Silverio Augusto Pereira da Silva, esclarecido director das obras publicas do districto de Aveiro.

RATES—villa, Minho, comarca, concelho e proximo da Póvoa de Varzim (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Villa do Conde) 6 kilometros ao S. de Barcellos, 20

ao O. de Braga, 350 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 190 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispo de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 150,000 réis e o pé d'altar.

D. Manuel I lhe deu foral em Lisboa, a 4 de setembro de 1517. (*Liv. de foraes novos da Minho*, fl. 145, col. 1.^a. Veja-se a minuta para este foral, na gaveta 20, maço 12, n.º 16).

Esta povoação é incontestavelmente de fundação antiquissima, e ha toda a probabilidade de ser anterior ao tempo dos romanos.

Foi muitas vezes arrasada e reconstruida durante as guerras diuturnas da idade média, e depois, tambem os gallegos mais de uma vez a destruíram.

Diz-se que o mar chegava antigamente até esta villa, por um esteiro ou canal; e é certo que d'elle ainda restam alguns vestígios.

E' d'aqui, segundo alguns escriptores, que lhe vem o nome de *Rates*, palavra latina, que significa *náus*, por chegarem aqui as do imperio romano.

Se dermos credito a todos os antigos escriptores, já antes do anno 45 de Jesus Christo, existia aqui uma igreja christan, que havia fundado S. Pedro de Rates, que se diz ter sido o primeiro christão, o primeiro bispo, e primeiro martyr da Europa.

S. Thiago Maior o converteu ao christianismo, e o sagrou bispo de Braga.

S. Pedro, sagrou depois Basilio, 1.º bispo do Porto; Epitanio, 1.º bispo de Tuy; e nomeou e sagrou ainda, os primeiros bispos de Lisboa, Coimbra, Iria-Flavia (hoje Padrão, na Galliza) Amphiloquia (hoje Orense, provincia d'este nome) e Emino (Agueda).

S. Pedro era natural de Rates,¹ e para aqui fugiu á perseguição que lhe faziam e a todos os christãos, os legados do trucu-

¹ Dizem alguns que S. Pedro de Rates era natural de Braga; mas é erro; elle só alli foi bispo.

lento imperador Nero; e já esta povoação era de christãos.

Os romanos aqui o vieram achar, orando na sua igreja, onde o martyrisaram, no referido anno de 45, e arrasaram a igreja, ficando o corpo do Santo martyr sepultado sob as suas ruinas.

São Felix, primeiro eremita da christandade, o procurou passados dias, e o enterrou decentemente, até que foi trasladado para a Sé de Braga, onde jaz.

Consta que S. Pedro de Rates fundou aqui um mosteiro de anacoretas, que ainda existia em 716, sendo n'esse anno destruido pelos serracenos.

O conde D. Henrique o reedificou, pelos annos de 1100, pondo n'elle *monges da Charidade*, que mandou vir de França.¹

Em 1152, D. Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques (avó da rainha Santa Mafalda, d'Arouca) mandou construir um sumptuoso tumulo a São Pedro de Rates; reedificou a igreja e augmentou o edificio do mosteiro, pondo n'elle 12 religiosos cruzios com seu prior, D. Pedro Fafez.

A virtuosa rainha doou a este mosteiro muitas e valiosas rendas; e seu marido couteu a freguezia, dando-lhe grandes privilegios.

(Já então não havia n'este mosteiro *frades da Charidade*, pois tinham regressado a França.)

Ainda em 1315, era mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) mas depois não ha mais noticias d'elle, senão que passou a commendatarios, e que, em 1566, foi unido, para sempre, ás commendas de Christo.

O 1.º prior secular, foi João de Souza, filho de Pedro de Souza de Seabra, que tem no Minho numerosa descendencia.

A 3 kilometros d'este mosteiro, ficava o da *Junqueira*, no concelho de Villa do Conde. (Vol. 3.º, pag. 427, col. 2.^a—a 3.^a *Junqueira*.)

No adro da igreja de Rates, ha muitas sepulturas antiquissimas; e na igreja estão

¹ Eram monges cluniacenses, do mosteiro da Charité, em Auxerre (França).

os corpos de São Felix, e de seu sobrinho.

Tambem aqui esteve o corpo de S. Pedro de Rates, até que o arcebispo, D. Frei Balthazar Limpo, o fez transferir para a Sé de Braga, ficando em Rates, um dente, um dedito, e parte dos ossos do Santo.

A trasladação do corpo de S. Pedro de Rates, para a Sé de Braga, foi feita com a maior pompa e lusimento, e collocado em capella propria.

No seu tumulo se gravou a seguinte inscripção:

AQUI JAZ O CORPO DE SÃO PEDRO MARTIR,
DISCIPULO DO APOSTOLO SÃO THIAGO:
TRESLADADO DA EGREJA DE RATES,
POR DOM BALTHEZAR LIMPO,
ARCEBISPO DE BRAGA, A ESTA
SEPULTURA, QUE SE LHE FEZ
POR MAYOR VENERAÇÃO,
E POR SER O PRIMEIRO PRELADO
DESTA IGREJA. AOS 17 DE OUTUBRO DE 1552.

Consta que a povoação de Rates, já no tempo dos romanos, era composta de christãos, aos quaes os gentios chamavam *ratinhos*.

No anno 69 de Jesus Christo, Nero mandou Otho Sylvio por governador para as Hespanhas, como proconsul.

Era homem justiceiro, mas moderado, não perseguindo os christãos.

No anno 74, a Nero succedeu Vespaziano, um dos imperadores que mais beneficios fez á Lusitania, abrindo estradas, e construindo em muitas povoações magnificas obras.

O povo de Rates, e das outras povoações christans, poderam então prestar livre culto á sua religião.

Succedeu-lhe seu filho, Tito, que poz o celebre naturalista e geographo Plinio, por questor, nas Hespanhas.

Tambem n'este tempo, foram felizes os christãos; mas não assim durante o imperio do cruel Domiciano, em cujo tempo o sangue dos martyres inundou o solo da patria.

Felizmente, no anno 100, subiu Trajano ao throno do imperio, e foi amigo e protector dos lusitanos; bem como seu successor,

Adriano, e depois d'este, Antonino Pio, e Marco Aurelio.

Foi durante este longo periodo, que a religião catholica se radicou e generalizou na Lusitania; mas ainda houve muitos martyres, no tempo dos imperadores Gallieno, Claudio, Aureliano; e muitos mais no tempo do cruel Diocleciano, que mandou governar as Hespanhas, o feroz Daciano.

Chegou finalmente o feliz tempo do primeiro imperador christão, Constantino Magno, e a religião christan foi acatada em todo o imperio. (306.)

O 1.º rei godo da Lusitania, foi Leovegildo, que era ariano; mas, fallecendo, em 586, lhe succedeu seu filho, Flavio Ricaredo, tambem ariano; mas tendo seu pae mandado martyrisar Santo Hermenegildo—filho de Leovegildo e irmão de Flavio Ricaredo—este se converteu ao catholicismo, a rogos de S. Leandro, bispo de Sevilha, e, o proprio rei, se fez missionario do seu povo.

Foi n'este reinado, e no anno de 590, que Santo Estevam foi abbade do mosteiro de Rates, e aqui falleceu.

Assistiu ao 3.º concilio de Toledo, no qual os godos abjuraram a heresia ariana.

Diz a lenda, que, quando morreu o santo abbade, se viram muitos anjos a levarem a alma do santo para o céu.

Proximo a esta, ha a freguezia de *Macieira de Rates*, no concelho de Barcellos, e da qual é orage Santo Adrião. (Vol. 5.º, pag. 14, col. 2.ª, a 2.ª *Macieira*.)

O antigo nome d'esta freguezia, era *Santo Adrião de Maceira*.

Era aqui o solar dos *Masseiras*, appellido antigo e nobre de Portugal, tomado da quinta da Maceira.

O 1.º que tomou este appellido, foi D. Lourenço Gomes Maceira (ou da Maceira) valoroso militar, do tempo de D. Affonso III.

Suas armas eram:

Escudo dividido em palla; na 1.ª, de prata, duas flores de liz, azues, em palla—na 2.ª, tambem de prata, meia aguia de púrpura, armada de negro.

Elmo d'aço, aberto; e por timbre, uma

flor de liz, d'ouro, entre dois ramos de ma-
cieira, verdes, com maçans de prata.

Em agosto de 1876, o sr. Manuel Ferrei-
ra Serra, natural de Rates, e residente no
Rio de Janeiro, offereceu ao governo portu-
guez um predio e seu terreno, que tinha
n'esta freguezia de Rates, para o estabele-
cimento de uma escola, denominada de *Ca-
mões*, para a qual deixou um sufficiente le-
gado. Antonio Joaquim Guimarães, tambem
d'aqui natural, e fallecido na cidade de Por-
to-Alegre (Brasil) mandou que esta es-
côla fosse destinada ao ensino das linguas
portugueza e franceza, e principios de agri-
cultura.

Deixou rendas para a sustentação e ves-
tuario de alguns alumnos internos.

Rates, vae ter um valioso melhoramento.

A companhia dos caminhos de ferro, de
via reduzida, do Porto á Póvoa de Varzim,
já procede activamente aos trabalhos do
prolongamento da linha, da Póvoa a Villa
Nova de Famalicão (e pretendem leval-a até
Chaves, em Traz-os-Montes.)

O 1.º lanço, da Póvoa a Rates, está quasi
concluido, e os outros em construcção.

O terreno d'esta freguezia, é muito fertil
em todos os generos do nosso paiz, e o seu
clima é saluberrimo, como em quasi toda a
provincia do Minho, á qual, até 1834, esta
freguezia pertencia (e todas as mais, até ao
rio Douro.)

Terminarei este artigo, declarando qual
a causa do martyrio de S. Pedro de Ra-
tes, segundo a tradição e memorias escri-
ptas.

Havia por esses tempos, no territorio bra-
charense, um regulo gentio (provavelmente
romano) que tinha uma filha, coberta de le-
pra.

O santo bispo a cura, por meio das suas
orações, e ella e sua mãe, em vista de um
milagre de tal natureza, se convertem á
fé christan.

O régulo, enraivecido por isto, e esqueci-
do do que devia ao santo, o manda assassi-

nar, mesmo d'entro do templo, como já fica
dito.

Um anachoreta christão, chamado Felix,
e um seu sobrinho, tambem anachorêta, fo-
ram procurar o cadaver do santo, debaixo
do entulho do templo, e o sepultaram em
logar sagrado, até que, reconstruido o tem-
plo, para alli se recolheram os ossos de S.
Pedro de Rates.

Ha muito quem negue a vinda do apos-
tolo S. Thiago Maior, ás Hespanhas, pelos
annos 40 de Jesus Christo, e, por consequen-
cia, a conversão de S. Pedro de Rates, por
aquelle santo; mas é esta a tradição imme-
morial nas Egrejas da Peninsula Iberica.

O padre Rivaux a confirma, no tomo 1.º
da sua *Historia Ecclesiastica*; e outros es-
criptores, mesmo estrangeiros, sustentam a
verdade d'esta peregrinação do santo apos-
tolo.

O que é certo, é que S. Pedro de Rates, é
contado como o primeiro prelado da dioce-
se braccarense, e é n'esse factó que a Egre-
ja de Braga fundamenta a sua primazia so-
bre todas as Egrejas peninsulares.

RATOEIRA—freguezia, Beira Baixa, co-
marca, concelho e proximo de Celorico da
Beira, 18 kilometros da Guarda, 325 ao E.
de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757, tinha 105 fogos.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo da
Guarda.

Os priores da collegiada de Celorico da
Beira (o prior de Santa Maria, apresentava
dois annos—o de S. Martinho, um anno)
apresentavam o cura, que tinha 6\$000 réis
de congrua e o pé d'altar.

É annexa a esta freguezia a de *Casas do
Rio*.

(Vol. 2.º, pag. 145, col. 1.º)

E' terra fertil em cereaes e legumes; ga-
do e caça.

RATTON—appellido nobre em Portugal,
cuja familia veio da cidade de Briançon, no
Delphinado (França.)

Passou a Portugal, na pessoa de Jacques
Ratton, que se estabeleceu em Lisboa, e te-
ve de sua mulher, madame Francisca Rat-

ton (nascida Ballon) outro Jacques Ratton, o qual, casando com D. Anna Clamousse, filha de Bernardo Clamousse, consul de França na cidade do Porto, teve por filhos, Diogo Ratton Clamousse, e outros.

Suas armas são:

Em campo azul, chefe de prata, carregado de um rato negro, andante; contra-chefe de ondas, com um atum nadante.

Timbre, meio rato.

Este Diogo Ratton, foi o 4.º barão de Alcochete.

Foi 2.º barão do mesmo titulo, seu filho, o sr. Bernardo Daupias, feito em 26 de maio de 1836 — e 3.º barão o sr. Jacome Leão Daupias, feito em 17 de janeiro de 1840.

Em 18 de fevereiro de 1852, foi feito visconde de Alcochete, o 2.º barão, o sr. Bernardo Daupias.

(Vide *Barroca d'Alva*, a pag. 342, col. 2.ª, no fim, e seguintes, do 1.º vol., onde trato mais detidamente d'esta familia.

RAUSADOR — ROUSADOR e ROUÇOM — portuguez antigo — o que rouba donzellas, para abusar violentamente da sua honestidade; ou o que violava as mulheres que encontrava em casa (d'ellas ou d'elles) contra sua vontade.

O foral da villa de Lourinhan, dado em 1218, por D. Affonso II, diz:

O rousador seja preso, e justicado: se fogir, pague CCC (300) soldos ao Pretor, e ave-nha-se com os Pais, ou parentes da mulher.

No foral de Villa Verde dos Francos, no concelho de Alemquer, dado no mesmo anno de 1218, se determina que o matador pague 1:000 soldos, e, não os tendo, seja enforcado.

Egual pena impõe ao roxo (rousador.)

Nas *Inquirições reaes*, de 1258, se achou que a ordem do Hospital, tinha na freguezia de Santa Cruz, da Maia, seis casaes que lhe havia empenhado frei Adrião, o qual foi ter a um moinho e *forciavit ibi unam mulierem*, e o rico homem que então era senhor da Maia, *mandabat ei Raussum*; e para satisfação d'aquelle crime, contrahi o referido empenho.

O crime de rauso, ou rouço, era antiga-

mente punido com tanta severidade, que, o que o praticasse perdia o direito a qualquer doação que tivesse da corôa; não exceptuando d'esta pena, nem as mais poderosas ordens de cavallaria; o que consta da clausula de muitas d'essas doações.

D. Pedro I, andando á caça nos arredores de Lisboa, ouviu duas mulheres ralhando, e uma chamar a outra *rouçada*.

Inquerindo a causa d'este insulto, soube que ella havia sido *rouçada* pelo homem com quem casou.

Deu logo ordem para que o rausador fosse enforcado.

Debalde a mulher se lançou aos pés do rei, dizendo-lhe que, não só ella havia perdoado o crime, mas que até o criminoso o havia reparado pelo casamento. Nada lhe valeu, e o infeliz foi justicado.

Isto não foi um acto de justiça, mas crueldade estúpida e inaudita.

RAVÊNA—antiga cidade da Lusitania, que foi arrasada pelos árabes, no principio do 8.º seculo, e cujo assento hoje se não póde marcar com exactidão.

Dizem alguns que estava edificada a 2 kilometros de distancia da villa de Almendra, na Beira Baixa, concelho de Villa Nova de Foz Côa, sobre um monte a que hoje dão o nome de *Calábre*.

Outros sustentam que a cidade de Ravêna, existiu no monte ainda chamado de *Ravena*, sobranceiro á aldeia de *Urrós*, no concelho de Moncorvo, em Traz-os-Montes.

(Note-se que o monte *Calábre*, fica apenas a 5 kilometros do de Ravêna.)

Para não estarmos com repetições, vide *Almendra*, *Caliabria* e *Urrós* (do concelho de Moncorvo.)

RAYA—portuguez antigo—rainha—Pronuncia-se *raia*.

RAZ—portuguez antigo—cabeça ou cabeceira.

É a palavra árabe—*Ráz*—da qual nós fizemos *rêz*.

Geralmente, significa cabeça; mas, quando se reffere a animaes, designa o numero singular de qualquer especie: v. gr.—um bô, *ráz bacar*—um carneiro, *ráz ganam*—um cavallo, *ráz chail*.

É por isso que nós ainda hoje dizemos — *F: tem tantas cabeças de gado*; que é o mesmo que se dissessemos, *tantas rêzes*.

RAZA—formosa povoação, Douro, na freguezia e concelho de Villa Nova de Gaia.

O seu nome vem de que, antigamente, se chamava propriedade de *Raza e serrão*, aquella que só pagava fôro em annos alternados—isto é—um anno sim, outro não.

Proximo a esta povoação fica a de *Aforada* (por corrupção *Furada*) cujo nome talvez tivesse a mesma origem.

REAL—portuguez antigo — arraial, onde está o rei, o general, ou a bandeira real.

REAL—antiga moeda portugueza.¹

Havia *reaes* de ouro, de prata e de cobre.

Os reaes d'ouro são do principio da monarchia, assim como as *mealhas d'ouro*.

O *real de prata*, foi cunhado no tempo de D. João I, e valia 20 reaes de cobre.

O rei D. Manuel mandou lavar reaes de prata, do mesmo valor, porém de menos pêso; e de valor de 30 réis, que eram do peso dos de D. João I.

Os reaes de prata, de D. João III, valiam 40 réis.

No tempo de D. João IV tambem se lavraram reaes de prata, do valor de 40 reaes de cobre; mas muito inferiores no peso, aos antecedentes.

Estes ainda chegaram aos nossos dias, com o valor de 50 réis (meio tostão.)

No archivo da camara municipal do Porto, existe uma carta de D. João II, do anno de 1489, pela qual manda que o real de prata, seja de 20 réis, e o meio real, de 10 réis; e que, em cada marco de prata, haja 114 peças dos ditos reaes e 228 dos ditos meios reaes; e que fosse o preço do marco de prata 2\$280 réis, *que é o preço de seis cruzados*.

Antes de D. Affonso V, tambem havia reaes com o valor de 3 1/2 libras, das antigas, que, sendo de 36 réis cada uma, vinham a valer 126 réis.

D'estes reaes se falla em uma carta de compra do cabido de Lamego, feita em 1454.

¹ Chamava-se real, por ter de um lado o escudo real das armas portuguezas.

Havia reaes *brancos* e *prêtos*, de cobre.

Os *brancos* foram mandados lavar pelos reis, D. Duarte, e D. Affonso V. Chamavam-se *brancos*, por terem muita liga de prata. Os que se bateram antes de 1446, valiam 10 ceitis e trez quartos de ceitel. Foi subindo o valor d'estes reaes — sempre com o mesmo peso—até que no principio d'este seculo, já valiam 6 ceitis.

Era tanta a confusão por causa da alteração do valor da moeda, que nos contratos se estipulava o valor do real.

No cartorio da freguezia de S. Martinho, de Cintra, existe uma escriptura, feita a 2 de dezembro de 1464, pela qual, a collegiada deu de aforamento um terreno em Rio de Mógos, por 1\$200 *réis brancos*, de 35 libras o real.

O *real preto*, assim chamado, por ser exclusivamente de cobre, foi mandado lavar pelo rei D. Duarte, e 10 d'elles faziam um *real branco*.

Para evitar tanta confusão, desde D. João II até D. João III, se lavraram *reaes pretos* de 6 ceitis. Tinham de uma parte um R coroadado, e da outra, o escudo do reino, com o nome do rei na orla.

D'esta moeda lavrou tambem o rei D. Sebastião, com o valor de 3 ceitis. Tinham de uma parte, um S coroadado (Sebastianus) e da outra, um R, entre dois pontos, no alto, e a letra SEBASTIANUS I^{us}.

Este mesmo soberano mandou lavar a moeda chamada *real e meio*, que valia 9 ceitis.

REAL — freguezia, Douro, comarca e 48 kilometros ao NO. de Arouca, concelho e 3 kilometros ao ONO. da villa de Sobrado, capital do concelho de Castello de Paiva, 50 kilometros ao O. de Lamego, 75 ao NE. de Aveiro, 36 ao E. do Porto, 6 ao S. do rio Douro, 315 ao N. de Lisboa; 240 fogos.

Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago Santa Marinha.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro.

A casa dos fidalgos da Boa Vista, da villa de Sobrado (Pintos Mirandas Montenegros) apresentava o abbade, que tinha 600\$000 réis de rendimento.

É n'esta freguezia a extincta villa de No-
jões. (Vide 6.º volume, pag. 108, col. 2.ª).

É terra muito fertil em todos os generos
agricolas do paiz.

Os Pintos, padroeiros da egreja
de Santa Marinha, de Real

Já depois de tratar dos *Correias, da Rua Chan*, na col. 1.ª da pag. 526 do 7.º volume, perdeu esta nobilissima familia o seu chefe, e um dos filhos d'ella.

Falleceu a 9 de outubro de 1877, na sua casa da Boa Vista, em Paiva, o sr. Bernardo José Pinto de Vasconcellos de Miranda Montenegro, fidalgo da casa real, com exercicio no paço. Tinha sido cadete de cavallaria, passando depois a coronel de milicias. Era o 12.º padroeiro da egreja de Real e da de Lazarim, no concelho de Tarouca, e ambas no bispado de Lamego. Foi 11.º administrador do vinculo da Rua Chan (Porto); 9.º do de Val Bom (vide *Sete Capellas*); 8.º do da Fervença, em Sinfães; 8.º do de Tuhias; 6.º do de Alvarenga (vide *Torre d'Alvarenga*); 7.º do de Santa Cruz; 5.º do de Vegide, ambos na freguezia de Sobrado de Paiva. Senhor da quinta da Boa Vista, solar d'esta familia.

E no dia 29 de julho do mesmo anno de 1877, tinha fallecido repentinamente, de uma aneurisma, andando a passear nos jardins do Palacio de Crystal portuense, e na idade de 27 annos, o sr. Pedro Augusto Pinto de Vasconcellos de Miranda Montenegro.

Depois de concluir os estudos preparatorios, no lyceu do Porto, sentou praça em 22 de setembro de 1867 (tendo 17 annos de idade) no regimento de infantaria n.º 5. Fez depois *exame de madureza*, na universidade de Coimbra, logo a 11 de outubro, e no mez seguinte, matriculou-se na escola do exercito, sendo declarado primeiro sargento, aspirante a official, por ordem do exercito, de 15 de novembro do mesmo anno de 1867.

Em dezembro de 1869, terminou o curso de infantaria e cavallaria, e foi promovido a alferes graduado, a 19 de janeiro de 1870.

Pouco depois, foi escolhido pelo sr. conde de Torres Novas (o general José de Vascon-

cellos Correia, commandante da 3.ª divisão militar) para seu ajudante de campo; e o general o amava como se fosse seu pae.

Em 13 de agosto de 1872, foi promovido a alferes effectivo, e a tenente, em 28 de agosto de 1875.

Padecendo havia dois annos, da molestia de que falleceu, havia ido, em 1876, para a Italia, onde se demorou cinco mezes, parecendo gozar melhor saude no seu regresso a Portugal, mas, passados tres mezes, falleceu repentinamente, como já disse; e assim perdeu a patria um militar esclarecido e brioso, e os seus parentes, e todos quantos o conheciam, um amigo verdadeiro.

Fallei tambem no artigo *Correias da rua Chan*, do sr. Augusto Pinto de Miranda Montenegro, irmão do antecedente; aqui accrescento:

Este senhor é bacharel, formado em mathematica, major de engenheiros; condecorado com o habito de S. Bento de Aviz, pelos relevantes serviços feitos na provincia de Cabo Verde, como director das obras publicas; commendador da ordem de Christo; e fidalgo da casa real, com exercicio no paço. Tem, até hoje, sido deputado ás côrtes, em duas legislaturas.

Tratemos agora dos padroeiros da egreja de Santa Marinha, de Real.

A nobilissima familia dos Pintos, de Real, teve principio no conde *Dom Mendo de Sousa*, mordomo-mór de D. Sancho I, alcaide-mór de Lisboa, em 1186.

Casou com D. Maria Rodrigues, filha do conde D. Rodrigo Martins Osorio, senhor de Villa-Lobos, Cabreira, e Ribeira, e da condessa D. Maria Forjaz, filha de D. Forjaz Bermudes. Foi seu filho

2.º— *D. Garcia Mendes de Sousa*, por alcunha o *d'Eixo*, que succedeu na casa de seus paes, por ter fallecido, em 23 de fevereiro de 1237, seu irmão primogenito, D. Gonçalo Mendes de Sousa, mordomo-mór de D. Affonso II. D. Garcia casou com D. Elvira Gonçalves de Torombo, filha de D. Gonçalo de Torombo, e de sua mulher, D. Ximena Paes.

Foram seus filhos, D. Gonçalo Garcia de Sousa, alferes-mór de D. Affonso III, e

3.º — *D. João Garcia de Sousa, o Pinto*¹, que foi o primeiro d'este appellido. É este o tronco d'esta familia, dos Pintos de Real. Foi senhor da villa d'Alegrete, e casou com D. Urraca Fernandes, filha de D. Fernando Pires Pelegrin, bisneto do famoso D. Egas Moniz. Foi seu filho

4.º — *D. Elvira Annes Pinto*, que casou com D. Guterre Soares de Menezes, senhor

¹ Pinto, principiou por alcunha; mas elle a adoptou como appellido honroso, pois procedia de ter sahido salpicado (pinto) de sangue em uma batalha contra os mouros do Alemtejo, na qual se havia distinguido como bravissimo militar. Isto, segundo Villas-Boas; mas, frei Manuel de Santo Antonio, ultimo reformador do cartorio da nobreza, diz que procede de Payo Soares Pinto, que viveu no tempo do conde D. Henrique, na quinta do Paço, da villa da Feira, e falleceu antes de 1126, em cujo anno, sua mulher, D. Mayor Mendes, vendeu a mesma quinta ao mosteiro dos cruzios, de Grijó.

Supponho ser engano do frade (pois, até ao seculo XIII, não vejo nenhum fidalgo de appellido Pinto) e que é certo o que diz Villas-Boas; mesmo porque concorda com os documentos existentes na casa dos Pintos, de Real.

Estes Pintos trazem por armas—em campo de prata, 5 crescentes de púrpura, em aspa. Elmo de prata, aberto; e por timbre, um leopardo de prata, armado de púrpura, com um crescente do escudo, na espada.

Antonio Soares d'Albergaria, diz (fl. 164, v.) que o primeiro que se acha com o appellido de Pinto, é Garcia Soares Pinto (3.º neto do conde D. Mendo de Sousa) nas *Inquirições* do rei D. Diniz, em cujo tempo, tinha o titulo de *vassallo* do rei.

Os descendentes do conde D. Mendo de Souza, deixaram as armas dos Souzas, e os quartéis das Quinas, que alguns ainda trazem, e tomaram por armas (isto, segundo Albergaria) em campo de prata, 5 cadernas de crescentes de púrpura, em aspa; elmo de prata, aberto, e por timbre, um leão de prata, lampassado de púrpura. As cadernas de crescentes, são as ganhadas por um ascendente d'esta familia, na batalha de Mértola; e o leão do timbre, pelo sangue que herdaram do rei D. Ramiro, de Leão, seu progenitor.

Quanto a mim, o que ganhou as 5 cadernas de crescente, foi o mesmo D. João Garcia de Sousa (n.º 3).

de São Felices e Osa, e rico-homem. Foi seu filho

5.º — *Garcia Soares Pinto*, casado com D. Maria Gomes d'Abreu, e foi seu filho

6.º — *Vasco Garcia Pinto*, que casou com D. Urraca Vasques de Sousa, filha de Ruy Vasques de Sousa (*o de Panoyas*) neto do conde de Souzão. Foi seu filho

7.º — *Ayres Vaz Pinto*, casado com D. Constança Rodrigues Pereira, filha de Payo Rodrigues Pereira, conde da Feira, e foi seu filho

8.º — *Ruy Vasques (ou Vaz) Pinto*, senhor de Ferreiros de Tendaes e suas egrejas, de juro e herdade, com mero e mixto imperio; alcaide-mór da villa de Chaves, por D. Manuel I; senhor da quinta de Covellos; adiantado d'Entre Douro e Minho, e regedor das justicas. Este Ruy, era da familia dos Pintos de Riba Bestança.

Para evitarmos repetições; os que desejarem saber os grandes serviços que fez á patria, este Ruy Vasques (ou Vaz) Pinto, vejam o que escrevi na 2.ª col., de pag. 178, do 3.º volume.

Ruy Vasques Pinto, casou com D. Catharina Maria (ou Mecia) de Mello, filha de Martim Affonso de Mello, e de D. Brites de Souza, que foram o tronco dos Mellos. Foi seu filho

9.º — *Ayres Pinto de Mello*, que, por ser um fidalgo muito distincto, os parochianos da igreja de Real, lhe doaram, voluntariamente, o padroado d'ella. Casou com D. Branca Gil d'Almeida, filha de Lopo d'Almeida, 1.º conde de Abrantes. (Era irman de D. Jorge, bispo de Coimbra, e de D. Francisco de Almeida, o famoso vice-rei da India. Foi seu filho

10.º — *Fernão Pinto*, fidalgo escudeiro, e armado cavalleiro em Tanger (Africa) para onde tinha ido guerrear os mouros, com uma companhia de cavallos, pagos á sua custa. Casou com D. Beatriz Fernandes Andorinho, filha de Lopo Fernandes, fidalgo e estribeiro-mór do infante D. Fernando. Foi seu filho

11.º — *Fernão Lopes Pinto*, fidalgo caval-

leiro, que casou com D. Maria da Costa de Miranda, dama do paço, descendente dos Costas de Santarem e Thomar; e irman de Affonso Lopes da Costa, governador de Malaca. Foi seu filho

12.º — *Gaspar Pinto de Miranda*, fidalgo da casa real, e casado com D. Lucrecia de Sampaio, da casa de Paços, em Pombeiro, filha de Gonçalo de Figueiredo, e de D. Francisca de Sampaio. Foi seu filho

13.º — *Heitor Pinto de Miranda*, fidalgo da casa real, e veador da casa do infante D. Pedro. Casou com D. Anna Beliago Carneiro, filha de Gonçalo Carneiro Baldaia e de D. Guiomar Beliago. (Este Gonçalo Carneiro era lente de Coimbra, e, depois de viuvo, tomou ordens, e foi bispo do Porto. Foi filho de Heitor Pinto e sua mulher.

14.º — *Gaspar Pinto de Miranda*, que casou com D. Maria Ribeiro, sobrinha de D. João Ribeiro, bispo de Malaca, e filha de Antonio Gonçalves Ribeiro, e de D. Theodosia do Valle e Brito, irman de Manuel de Couros, commendador de Oleiros. Foi seu filho

15.º — *Pantaleão Pinto de Miranda*, fidalgo da casa real, e casado com sua prima, D. Marianna de Souza, filha de Fernão Ribeiro Soares de Miranda, e de D. Jeronyma da Silva. Foi seu filho

16.º — *Gonçalo Vaz Pinto de Miranda*, fidalgo da casa real, casado com D. Lourença Clara da Silva Baldaia, da casa de Canelas.

Foi condecorado com o habito de Christo, pelos serviços prestados contra os castelhanos, na guerra da restauração; e D. Pedro II lhe deu um *padrão* de 65\$000 réis, por ter sustentado à sua custa, uma companhia de soldados, na dita guerra.

17.º — *Martinho José Pinto da Silva de Miranda*, fidalgo da casa real, casado com D. Maria Isabel Clara de Menezes Sotto Maior. Foi seu filho

18.º — *Bernardo José Pinto de Vasconcellos de Miranda Montenegro*, fidalgo da casa real, etc. Foi seu filho

19.º — *Martinho José Pinto de Vasconcellos de Miranda Montenegro*, etc. Foi seu filho

20.º — *Bernardo José Pinto de Vasconcellos de Miranda Montenegro*, etc.¹

Para evitarmos repetições escusadas, vide no artigo *Porto os Correias da Rua Chan* (na col. 1.ª da pag. 526 do 7.º volume) tudo o que diz respeito a estes quatro ultimos fidalgos.

Foi filho de Bernardo José Pinto

21.º — *Albino Pinto de Vasconcellos de Miranda Montenegro*, etc. (Vide 7.º volume, pag. 530, col. 2.ª).

Supponho, com bons fundamentos, que o nome de *Real*, dado a esta freguezia, lhe provém de ter sido em outros tempos, um reguengo.

É povoação antiquissima, e que já existia no tempo dos romanos, do que ha claros vestigios. Até já era habitada nos tempos pre-historicos, como o provam os monumentos megalithicos que ainda por aqui existem.

Mesmo como parochia christian, tem com certeza mais de 800 annos.

Em 1061, reinando D. Fernando, o *Magno*, de Castella, Leão e Portugal, fez o presbytero Fromosindo Romariguiz, doação, a seu filho, o sacerdote Sandila, *de Basilicas et de omnia sua rem: et fuit ipso Fromosindo Presbitero Fraigenidi, et Barbadi et ex venerabilibus parentibus suis, et ganavit, et comparavit ereditates pro pretio, et scripturas in Villa Rial, territorium Enegia subtus mons Serra-Sicca, discurrentem rivulo Sardoura flumen Durio*. (As egrejas—*Baselicas*—que lhe doou foram as de S. Salvador, S. Pedro e Santa Christina).

Para se entender melhor esta doação, é preciso ver *Arêja*, no volume 1.º pag. 238 I, col. 1.ª

REAL — freguezia, Minho, concelho, comarca e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

¹ Do sr. Bernardo José Pinto de Vasconcellos de Miranda Montenegro, só restam hoje vivos dois filhos legitimos: o sr. doutor Albino, que vem a ser o n.º 21, e seu digno irmão, o sr. Martinho Pinto; dos quaes já falei no artigo *Porto—Correias da Rua Chan*.

Em 1757 tinha 208 fogos.

Orago S. Jeronymo.

Arcebisado e districto administrativo de Braga.

A mitra e os monges beneditinos de Travanca, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 600\$000 réis de rendimento.

É povoação antiquissima e foi *villa* (casa de campo) de um patricio romano residente em Braga. Dividia o termo de Braga do de Dume, no tempo do rei D. Affonso VI (o *Magno*) de Castella e Leão, pae da nossa rainha D. Thereza, mulher do conde D. Henriquel. Esta divisão foi feita pelos annos de 1080.

Nas *Inquirições* do rei D. Diniz (1300) se acham duas *villas* ou aldeias com o nome de *Real*, ambas perto de Braga: uma denominada *Real Velho* (a que foi *villa romana*) na antiga freguezia de S. Fructuoso; outra chamada *Real Novo*, na freguezia de Semélhe.

A quinta de Real Velho foi depois morgadia dos descendentes do nosso grande historiador João de Barros, que eram tambem morgados em Leiria.¹

Real Novo pertencia a uma familia nobre e antiga, cuja casa está hoje unida á dos senhores Bandeiras, de Traz da Sé, da cidade do Porto. Á quinta do Real Novo se dá hoje o nome de *quinta do Paço*. (Vide *Semélhe*).

Houve n'esta freguezia, um mosteiro de frades beneditinos, fundado pelos annos 690 de Jesus Christo, por S. Fructuoso (que supponho ser o primeiro padroeiro da freguezia). Na igreja do mosteiro existe a capella e sepultura do fundador, cujo cadaver aqui existiu por mais de 400 annos; mas, nos principios do seculo xii, o arcebispo de S. Thiago de Compostella, o furtou, levando-o para a sua Sé, onde está.

¹ Os morgados de Real Velho e Leiria tinham uma particularidade que não me consta haver em outro qualquer vinculo de Portugal. Se o administrador tinha dois filhos, cada um herdava um d'estes morgados; mas se tinha só um, ficava com ambos, e assim andavam unidos até haver dois filhos, para se separarem. Ainda mais: se faltava filho varão em um dos vinculos, herdava-o o administrador do outro, dando-o a seu filho segundo, se o tinha: e assim seguia sempre a linha com estas condições.

Esta capella foi um dos trez templos que os mouros deixaram aos christãos braccarenses, para o culto divino, mediante certo tributo; porém os monges abandonaram o mosteiro, que ficou deshabitado, e a cêrca abandonada até ao meiado do seculo xi, em que os arcebispos de Braga tomaram conta d'isto, e aqui fizeram uma bella casa e quinta de recreio; até que o arcebispo D. Diogo de Souza, deu o antigo mosteiro e suas dependencias, aos frades franciscanos da provincia da Piedade, que aqui se estabeleceram, até 1834.

Expulsos os religiosos, foram o edificio e cêrca vendidos, e é hoje uma boa propriedade particular.

O territorio d'esta freguezia é muito fértil em todos os generos agricolas do paiz.

REAL—freguezia, Douro, comarca, concelho e proximo d'Amarante, 40 kilometros ao NE. de Braga, 50 ao NE. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 208 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebisado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 600\$000 réis de rendimento. É terra fértil.

REAL—freguezia, Beira Alta, no concelho de Penalva do Castello, comarca de Mangualde, 20 kilometros de Viseu, 310 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago S. Paulo, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O abbade do Castello de Penalva, apresentava o cura, que tinha 6\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pouco fértil, mas cria bastante gado e caça.

REAL—ribeiro, Douro, na freguezia de Laundos, concelho e comarca da Povoá de Varzim. Nas margens d'este ribeiro e no sitio da *Agua Ferrea*, da mesma freguezia, ha minas de ferro, manganéz e antimónio. O sr. Francisco Pereira de Azevedo, do Porto, manifestou estas minas, na camara da Povoá, em 12 e 22 de novembro de 1873; mas estão abandonadas.

REAL AGRADO—no Pezo da Régua, Traz-os-Montes. Em 11 de junho de 1805, o príncipe regente (depois D. João VI) fez baroneza do Real Agrado, a D. Joanna Rita de Lacerda Castello Branco; e, em 13 de maio de 1810, lhe deu o título de viscondessa, com honras de grande. Era dama da ordem de Santa Isabel, acafata de D. Maria I, e dama da rainha D. Carlota Joaquina. Falleceu a 6 de março de 1822.

Succedeu-lhe nos títulos, e foi 2.º barão e 2.º visconde do Real Agrado, Ignacio Xavier de Seixas Lemos Castello Branco, fidalgo da casa real, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da Torre Espada, condecorado com a cruz n.º 2, da guerra peninsular, e coronel do exercito. Nasceu em 21 de setembro de 1771, e casou em 7 de abril de 1812, com D. Maria do Carmo Vaz Pinto Guedes, que havia nascido a 2 de outubro de 1781. Era filha e herdeira de José Vaz Pinto Guedes, capitão-mór de Penaguião, e de sua mulher D. Josefa Candida da Silva.

D'este matrimonio nasceram quatro filhos.

1.º—*Francisco Xavier de Lemos Seixas Castello Branco*, feito alferes de cavallaria n.º 6, do exercito do senhor D. Miguel I, em 12 de março de 1834. Foi um dos officiaes realistas cujos postos foram garantidos pelos liberaes, *por acções que durante a lucta mereceram esta classificação*. Commendador da ordem de S. Thiago. Nasceu a 7 de setembro de 1814.

2.º—*José*, nascido a 30 de dezembro de 1815.

3.—*João de Lemos Seixas Castello Branco*, mavióssimo poeta, bem conhecido, e do qual já tratei n'esta obra. Nasceu a 6 de maio de 1819.

4.º—*D. Maria Luiza*, nascida a 2 de fevereiro de 1821.

Eram netos de Francisco Xavier de Seixas Lemos Castello Branco, irmão da 1.ª baroneza e 1.ª viscondessa do Real Agrado. Foi fidalgo da casa real, e commendador da ordem de S. Thiago.

Casou com D. Maria Josefa Pereira de Miranda, filha de Alexandre Pereira de Miranda, senhor da casa de Lourosa, e de D. Michaella Thereza Ferreira de Castro e Lima.

D'este casamento houve nove filhos :

1.º—*Antonio*, abbade de Sande.

2.º—*João*, conego da Sé de Braga.

3.º—*Francisco*, abbade de S. Miguel da Entre ambos os rios.

4.º—o monsenhor *D. Joaquim*.

5.º—*Domingos*, beneficiado.

6.º—*D. Lucia Bernarda*.

7.º—*Ignacio*, que foi o 2.º barão e o 2.º visconde do Real Agrado.

8.º—*D. Maria Jacintha*.

9.º—*D. Joanna Rita*, que foi acafata de D. Maria I, e depois esteve ao serviço da infanta D. Isabel Maria, filha de D. João VI.

Todos já são falecidos.

REBENTINA ou **REBENTINHA** — portu-guez antigo—ira, furor, raiva, etc. Na *Historia da fundação da egreja de S. Miguel, de Penaguião*, se lê: «Ouvindo esto D. Gomez, e os que hião com el, creceo-lhe a rebentina, e nom le catarom as Hordens.» Este documento é de 1191.

REBOLEIRO—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 48 kilometros de Viseu, 355 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 51 fogos.

Orago Santa Catharina, virgem e martyr.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O commendador de Sernancélhe (da ordem de Malta) apresentava o cura, que tinha 30\$000 réis e o pé d'altar.

É terra pouco fertil. Muita caça.

Esta freguezia tinha os grandes privilegios dos caseiros de Malta.

REBOLOSA ou **ROBELOSA** — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, no Riba-Côa (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Villar Maior). 120 kilometros ao SE. de Lamego, e 360 ao E. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago Santa Catharina, virgem e martyr.

Bispado de Pinhel (foi do bispado de Lamego), districto administrativo da Guarda.

O vigario da villa d'Alfaiates, apresentava o cura, que tinha 35\$000 réis e o pé de altar.

Terra fertil em trigo, centeio e gado; do mais pouco.

RÉBORA, RÓBORA, RÉVORA e REVORA-ÇÃO—portuguez antigo—offerta, mimo, presente, etc., que o comprador dava ao vendedor, e o doado ao doador, além do estipulado na escriptura. Tambem se dava *rébora* ao soberano, ou ao senhor da propriedade vendida, trocada, ou doada; e por isso se vê em quasi todos os documentos antigos, d'esta natureza, a dicção—*roboro et confirmo*.

A *rébora* consistia em cousas de pouco valor, com respeito aos bens de que tratava a escriptura. Era, um par de esporas, uns sapatos, um capote, uma saia, um podengo, um par de guantes (luvas), uma vacca, um porco, etc.

Tambem se dizia *rébora*, a maioridade de qualquer individuo; mas a idade não era a mesma em todos os documentos: em uns vê-se marcada a *rébora*, aos 13 annos, em outros aos 15, e em outros aos 18.

Quando se não designavam os annos da *rébora*, entendia-se o termo por *puberdade*, que era, como actualmemente—nos homens, a idade de 14 annos, e nas mulheres a de 12. (*Cod. Alf.*, livro 4.º, tit. 38, § 4.º, e tit. 107, § 11).

REBORDAINHOS — freguezia, Traz-os-Montes, (foi villa) no concelho e comarca de Bragança, 54 kilometros ao N. de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o vigário *ad nutum*, que tinha 7\$500 réis de congrua e o pé de altar.

É terra pouco fertil e pobre. Gado e caça. Foi aldeia da freguezia de Rebordãos.

REBORDÃOS—serra, Minho e Traz-os-Montes. (Vide *Medúlio*, monte, vol. 5.º, pag. 157, col. 1.º).

REBORDÃOS—Vide *Rebordões*.

REBORDÃOS—villa, Traz-os-Montes, concelho e comarca de Bragança, 45 kilometros ao N. de Miranda, 465 ao N. de Lisboa (fica proximo á freguezia de Rebordainhos, que antigamente pertencia á parochia d'esta villa), 135 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago Nossa Senhora d'Assumpção.

A casa de Bragança apresentava o abba-de, que tinha 300\$000 réis de rendimento.

É povoação muito antiga, talvez do tempo dos romanos, e, com certeza, do tempo dos godos. D. Sancho I lhe deu foral em Coimbra, em novembro de 1208. (*Livro de doações de D. Affonso III*, fl. 61 v., e *Livro de foraes antigos de leitura nova*, fl. 25, col. 2.º).

D. Diniz, lhe deu outro foral, confirmando o antigo, e augmentando os seus privilegios, em Lisboa, a 18 de maio de 1285. (*Livro 3.º dos bens proprios d'el-rei*, fl. 81 v.).

Esta freguezia tinha grandes privilegios, por ser da casa de Bragança.

Junto a esta villa está a serra ou monte da *Nogueira*, de bastante altura, e no seu cume existe a ermida de *Nossa Senhora da Serra* ou da *Natividade*, que poucas vezes se avista de longe, por estar quasi sempre envolta em nevoeiro. É templo de boa construcção, e antiquissimo, pois já existia no tempo dos godos, e foi reparado no tempo do conde D. Henrique. As festas da Senhora são no dia da sua Natividade, e a 5 de agosto, dia de Nossa Senhora das Neves. Esta é a principal.

Teve uma rica irmandade, e tem jubileu, por bullas apostolicas.

É um templo vasto, pois tem 40 metros de comprimento, e de trez naves, divididas por dez columnas de pedra, cinco de cada lado.

Antigamente, recebia a Senhora muitas e valiosas offertas, em dinheiro e generos, e muitos devotos se pezavam a trigo, em cumprimento de votos.

A 5 de agosto, fazia-se tambem uma grande feira.

Teve eremitão, presbytero, apresentado pelo abba de Rebordãos.

Consta que perto da ermida houve um antiquissimo castello, que, estando arruinado, se aproveitaram os seus materiaes para a construcção da casa do eremitão.

REBORDÃOS ou **SOUTO DE REBORDÃOS**—Minho. Vide o segundo *Rebordões*.

REBORDECHÃO—Vide *Pedras Salgadas*. Antigamente tinha este logar o nome de *Revorêdo-Chão* e *Reverde-Chão*; e era um ca-

sal, ao qual D. Affonso III deu foral, em janeiro de 1255. (*Maço 9.º de foraes antigos*, n.º 8, fl. 16 v.).

REBORDÊLLO—aldeia, Douro, na freguezia de Canedo, comarca e concelho da Feira, d'onde dista 20 kilometros ao ENE., 30 ao SE. do Porto, 5 ao S. do rio Douro, e 300 ao N. de Lisboa, 16 fogos.

Era no seculo xiv da freguezia de *Parada do Monte*.

É terra muito pobre, pois que os seus moradores vivem quasi exclusivamente de fazer mólhos de carqueija, que vão vender á aldeia de Pé de Moura, sobre a margem esquerda do Douro, e é d'aqui conduzida para a cidade do Porto.

Ha aqui uma capella, pequena, de pouca valia, mas muito antiga, dedicada a Santa Barbara, virgem e martyr, á qual fazem uma festa (á custa de esmolos) na primeira oitava da Paschoa.

Esta aldeia está situada na encosta occidental da serra de Lavercos, no sitio denominado *monte da Ossa*.

Corre-lhe ao sopé o rio *Inha*, que a 3 kilometros de distancia, morre no rio Douro, no sitio chamado *Foz da Inha*.

Vide *Mosteirô do Ribeiro*, no 5.º volume, a pag. 560, col. 2.ª

REBORDÊLLO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 70 kilometros de Miranda, 450 ao N. de Lisboa, 180 fogos. Em 1757 tinha 135 fogos.

Orago S. Lourenço.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Está annexa a esta freguezia, a de Valle d'Arneiro.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 300\$000 réis de rendimento.

É terra de clima excessivo, mas fertil em cereaes, fructas, legumes e hortaliças. Cria muito gado, e nos seus montes ha grande abundancia de caça.

É povoação muito antiga, e chamava-se *Revordêllo*.

REBORDÊLLO (antigamente *Revordêllo*) — freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 48 kilometros ao NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 99 fogos.

Orago Nossa Senhora das Dores (antigamente Nossa Senhora das Neves).

Arcebisado de Braga, districto administrativo do Porto.

O D. abbade benedictino, do mosteiro de Arnoia (S. João do Êrmo), apresentava o cura, que tinha 10\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta povoação pertenceu antigamente á comarca e concelho de Celorico de Basto.

É terra fertil. Bom vinho verde. Muito gado e caça.

Tinha foral velho, dado por D. Affonso III, em Guimarães, a 16 de maio de 1258. (*Livro 1.º de Doações de D. Affonso III*, fl. 29, v., col. 1.ª, no principio).

REBORDÔES ou **REBORDÃOS** — freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrsó, (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Negrilhos), 24 kilometros ao SE. de Braga, 335 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 123 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebisado de Braga, districto administrativo do Porto.

O bailio de Leça, a mitra de Braga, e o D. abbade benedictino de Santo Thyrsó, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 400\$000 réis de rendimento.

Foi honra e villa.

Em 1226, era senhor d'esta villa, Gil Martins, filho de Martim Fernandes de Sá, e a deu n'esse anno aos monges bentos de Santo Thyrsó.

É terra fertil. Cria muito gado de toda a qualidade.

REBORDÔES ou **REBORDÃOS**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 24 kilometros a O. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 105 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Expectação).

Arcebisado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O D. abbade benedictino de S. Romão de Neiva, apresentava o vigario, que tinha réis 70\$000 e o pé d'altar.

É terra fertilíssima, situada proximo da margem esquerda do poetico rio Lima.

Na serra da *Nó*, limites d'esta freguezia, está o sumptuosissimo templo de Nossa Senhora da Boa Morte, do qual já tratei no volume 2.º, col. 1.ª, e volume 6.º, pag. 101, sob a palavra *Nó*, serra do Minho.

Junto ao templo da Senhora, ha vestigios de antigos edificios: dizem uns, que são os restos de uma fortaleza romana; outros sustentam, que são ruinas de um mosteiro de monges bentos.

Ao monte do *Nó*, chamavam tambem *serra de Rebordões*; e D. Ordonho II, rei de Oviêdo e Leão, e sua mulher, D. Elvira, na doação que fizeram da Correlhan, a S. Thiego de Compostella (Galliza) em 914, dão a este monte o nome de *Monte Nahor*, ou *Mayor*.

Já se vê que é povoação muito antiga. Vi-de o Rebordões seguinte.

REBORDÕES (Souto de) — antigamente *Souto de Robordãos*. (É a freguezia seguinte.)

Entre os termos da villa de Ponte do Lima, e freguezia da Correlhan, e extintos coutos da Queijada, Cabaços e Feitosa, estava o concelho do Souto de Rebordãos, ha muitos annos supprimido.

Era da corôa até ao tempo do rei D. Diniz.

Este monarcha o deu, pelos annos de 1310, a seu filho bastardo, D. Affonso Sanches, (o de Villa do Conde) e este vendeu o senhorio, a Gil Affonso de Magalhães, senhor da casa de Magalhães, Terra da Nóbrega, Morrilhões, e Font'-Árcada, que tomou o titulo de donatario d'este concelho, e o possuiu e os seus descendentes, até que acabaram os *senhores donatarios*.

Rendia este senhorio, aos seus donatarios, 33\$000 réis annuaes, que a camara do concelho recebia do povo, e entregava ao donatario.

O concelho era apenas composto de duas freguezias (e por isso, muitos lhe dão o titulo de *Souto*.)

Eram—S. Salvador do Souto (a seguinte) que em 1700 tinha 140 fogos—e Santa Maria de Rebordões (a antecedente) que no mesmo anno de 1700, tinha 100 fogos.

Nada menos de 7 foraes foram dados a este pequeno concelho.

1.º D. Affonso Henriques lhe deu o 1.º, sem data, que seu neto, D. Affonso II, confirmou em Santarem, a 3 de fevereiro de 1218.

2.º Dado por D. Sancho I, em 1196.

3.º Dado pelo mesmo soberano, em agosto de 1207. Este é datado de Correlhan.

4.º Dado por D. Affonso III (quando ainda regente) em março de 1247.

5.º Dado pelo mesmo monarcha, em Guimarães, a 27 de maio de 1258.

6.º Dado pelo mesmo D. Affonso III, em Leiria, a 8 de março de 1268.

7.º Dado tambem por D. Affonso III, em Lisboa, a 16 de setembro de 1270.

(Vide Franklim, pag. 287 e 288.)

Todos os foraes subsequentes, confirmavam os antecedentes, e lhes augmentavam os privilegios.

Vê-se que este concelho, ainda que pequeno, era de grande importancia no principio da nossa monarchia.

REBORDÕES ou **REBORDÃOS** antigamente denominada **SÃO SALVADOR DO SOUTO DE REBORDÃOS**—freguezia, Minho, na comarca e concelho de Ponte de Lima, 18 kilometros ao O. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 123 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra primacial apresentava o prior, que tinha 250\$000 réis de rendimento.

É terra fertilíssima, como todas as das margens do Lima, e suas proximidades.

Muito gado de toda a qualidade, e peixe do rio e do mar.

Esta freguezia era a séde do extincto concelho do Souto de Rebordãos.

Vide o *Rebordões* antecedente.

REBORDOSA — freguezia, Douro, na comarca e concelho de Paredes (era do mesmo concelho, mas da comarca de Penafiel), 24 kilometros ao N.E. do Porto, 340 ao N. de Lisboa, 410 fogos.

Em 1757, tinha 336 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 150\$000 réis de rendimento.

É uma das maiores e mais ricas freguezias do concelho; é terra fertil em todos os fructos do nosso clima.

Cria muito gado de toda a qualidade.

Aqui foi abbade, até 1834, o distincto orador sagrado, Alvito Buela Pereira de Miranda.

Era violentíssimo nos seus sermões, sempre repletos de paixões politicas; e por isso foi, e ainda é, detestado pelos liberaes, que lhe votaram um ódio implacavel.

Era do mesmo módo furibundo nos seus escriptos; mas o homem imparcial deve confessar que este esclarecido ecclesiastico prophetizou, com a maior exactidão, o futuro do catholicismo, em Portugal.

Em certa occasião (1831) na egreja de Santo Ildefonso, no Porto, subiu ao pulpito, e antes de principiar o sermão, disse—*Se n'este templo está algum liberal, previno-o de que o meu discurso o hade fazer amarello.*

Isto ouvi eu; e confesso que é até onde pôde chegar o rancor politico do ministro de uma religião toda de paz e caridade.

De mais — «Não é com vinagre que se apanham moscas.»

REBORÊDA ou **ROBORÊDO**—freguezia do Alto Minho, no concelho e 5 kilometros ao E.N.E. de Villa Nova da Cerveira, comarca, e 14 kilometros ao O. de Vallença, 60 kilometros ao O.N.O. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 175 fogos.

Em 1757 tinha 141 fogos.

Arcebisado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Orago, S. João Baptista.

Tem ha muitos annos annexa a extincta freguezia de *Gontige*.

O real padroado, o morgado de Santo Antonio (na freguezia de Santa Martha, termo de Vianna) e o morgado da quinta da Graciosa, termo de Ponte de Lima, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de rendimento 400\$000 réis.

É uma das maiores, mais ricas e ferteis

freguezias do concelho; e está formosamente estendida em uma vasta planicie sobre a margem esquerda do rio Minho, ficando-lhe em frente a Galliza (ao N.)

É atravessada pela estrada real de 1.^a classe, de Lisboa para o norte, concluida em 1866; e tambem pelo caminho de ferro do Minho, em construcção, o que, com certeza, augmentará a prosperidade d'esta freguezia e limitrophes.

Está n'esta freguezia a torre solarenga dos *Roborêdos* ou *Roboredas*, construida por Gonçalo Annes de Reborêdo.

Foi seu filho, João Gonçalves de Reboredo, que casou com D. Sancha Gonçalves de Barroso, e foram estes os progenitores dos Roboredos de Alcacer do Sal, Alter do Chão, Foz-Côa, Setubal, Torres Novas, etc.

Vê-se em papeis antigos, este appellido escripto de quatro modos diversos—*Rebolêda*, *Reborêdo*, *Roborêda*, e *Roborêdo*.

Nos manuscritos da casa Palmella, que são os mais exactos em genealogias e appellidos, vem sempre escripto *Roborêdo*.

Para as suas armas, vide *Alcacer do Sal*.

O ramo principal d'esta familia, está hoje na Galliza, porque D. Garcia Ordonhes de Roborêdo, casou n'aquella provincia, e nunca mais voltou a Portugal.¹

Hoje, esta familia, em Hespanha, é representada por D. Ignacio Pereira de Reborêdo, que foi official do exercito de Carlos VII.

Não se sabe se esta freguezia tomou o nome dos Reborêdos, ou se estes tomaram o appellido da freguezia onde tinham o seu solar; o que é certo, é que *Reborêdo*, ou *Roborêdo*, é nome proprio de homem.

É tambem n'esta freguezia a grande quinta da *Gandarêlla*, da qual são actuaes possuidores, os filhos e herdeiros de Sebastião de Castro Lemos, da casa do Côvo, em Oliveira de Azemeis, e de sua mulhor, D. Emilia Maria Antonia Pamplona de Souza Hols-

¹ O conde D. Pedro, diz que os Reboredos da Galliza, procedem de Fernam Gonçalves, cavalleiro da Terra de Souza (hoje Paredes) e de sua mulher, D. Oxanea Dias d'Urró.

tein, que era irman da senhora condessa de Rézende, mãe do sr. conde do mesmo título.

A quinta da Gandarella, também tem uma torre desmantellada, e grandes casas, em ruínas.

Era do vinculo instituido por Diogo de Caldas Barbosa, abbade de Covas (collateral dos Castros do Côvo) o qual vinculo foi, depois de 1640, incorporado ao de Villa Nova da Cerveira; e é por isso que veio aos Castros, do Côvo, bem como as casas de Lapella, Táias, Lára, e Tropicoriz, que também eram do vinculo do abbade de Covas.

Tenho a notar aos meus leitores, que o que diz respeito á torre dos Reborêdos, foi extrahido do *Diccionario abreviado*, etc., de José Avelino de Almeida, professor official de latim e latinidade, da villa de Valença do Minho.

Eu fui a Reboreda umas poucas de vezes, e não vi lá vestigios de outra torre, senão a da Gandarella.

Desconfio que o abbade de Covas, comprou o que aqui tinham os Reborêdos, e que a sua torre e a dos Castros, é uma e mesma cousa.

Esta freguezia é antiquissima, e pertenceu, até ao 15.º seculo, ao bispado de Tuy.

Diz-se até que existiu aqui uma cidade gothica, chamada *Gontige*; e é certo que ha bastantes vestigios de antigas construcções.

Vide *Gontige*.

(*Gontige*, é corrupção de *Gontiz*, nome patronimico, que significa, filho, ou da familia de Gonta).

REBORÊDO ou **ROBORÊDO** — montanha de bastante altura, Traz-os-Montes, proximo e da freguezia e concelho da villa da Torre de Moncorvo, e, em grande parte, povoada de arvores silvestres.

É abundantissima de minas de optimo ferro, superior em qualidade, e ainda mais em quantidade, ás minas de ferro da serra dos Monges.

Os sitios onde mais abunda o minerio, constituindo a maior parte do sólo, são:

Fragas dos apriscos, Alto do Chapeu, Barro Vermelho, e Sobralhal; todas nos limites da freguezia da Torre de Moncorvo, e a do *Cabêço da Múa*, ja no districto da freguezia de Felgar, do mesmo concelho.

O sr. *Adolpho Leuschner*, allemão, e engenheiro de minas, foi reconhecido descobridor legal das minas de ferro do monte Reborêdo, em junho de 1876.

Pelo ministerio das obras publicas e minas, haviam sido encarregados os distinctos engenheiros de minas, os srs. João Ferreira Braga, e Pedro Victor da Costa Sequeira, de examinarem estes jazigos, e, segundo o seu relatorio, é necessario um capital de 700 contos de réis, a qualquer empreza que tente aproveitar devidamente o minerio d'este monte.

Na minha opinião (que pouco vale) ainda com 700 contos se não aufeririam todos os lucros que estes riquissimos jazigos pôdem dar; porque as minas estão em muito más condições, a muitos respeitois;—1.º, porque o combustivel vegetal d'estes sitios (mesmo concedido que os seus donos o quizessem vender) em poucos mezes se esgotaria, e para vir de longe, não valia a pena—2.º, seria preciso tornar navegavel o rio Sabor, desde Reborêdo até ao Douro (ou até ao caminho de ferro do Douro, quando se construir—se construir—n'estas paragens) para o que ter-se-hiam de expropriar grande numero de mottas, madriás, levadas e açudes, o que montaria a muitos contos de réis—3.º, porque, ficando, como ficava, carissimo o combustivel vegetal, teria de vir o minerio em procura de carvão mineral, das minas de Paiva, ou São Pedro da Cova, para a primeira fundição; e, ainda que o minerio dê (como se calcula) 50 por cento de ferro, sempre seria preciso o dobro da despesa da conducção, visto ser o dobro do péso—4.º, o grande custo de boas estradas, em espiraes, ou lacêtes, desde a baze, até ao cume da montanha—5.º, finalmente, os grandes perigos de naufragios no Douro.

As minas de ferro, carvão, phosphato de cal, e outros mineraes baratos, para que

deem resultados animadores, dependem, entre outras condições, da sua situação topographica, proximo de caminhos de ferro, ou de rios navegaveis; de modo que, sem grandes sacrificios, possam hir procurar as industrias, e não estas procurar o mineral.

Em conclusão: só uma companhia poderosissima, e coadjuvada pelo governo, póde tirar das minas de ferro de Reborêdo, grandes e animadores resultados; e, ao mesmo tempo, trazer a riqueza e prosperidade ao concelho da Torre de Moncorvo e immediatos.

Vide *Reborêto*.

REBORÊTO ou **ROBORÊTO**—monte, Traz-os-Montes, a 18 kilometros ao S. de Moncorvo, junto ao lugar d'*Urrós*, e ao O. da igreja de Santo Apollinario.

A corôa d'este monte está cercada de fortes muralhas, em ruínas, e dentro do seu ambito, vestigios de alicerces de muitas casas, o que prova ter aqui existido uma grande povoação.

Do lado do norte, abaixo das referidas muralhas, e ao fundo de uns altos rochedos, está uma concavidade subterranea, chamada *Buraco dos mouros*, que é uma galeria, com sufficiente largura para 5 ou 6 pessoas a par.

Ainda não houve quem se atrevesse a chegar ao fim d'este antro.

Os que mais n'elle tem avançado, encontravam, de distancia em distancia, uma especie de salões, tudo manifestamente obra dos homens.

Suppõe-se, com bons fundamentos, que sejam minas esgotadas, que os romanos lavraram no seu tempo.

Sabemos que o nosso povo attribue aos arabes todas as obras antigas, cuja origem desconhece; e é por isso que chamam a esta extença galeria, *Buraco dos mouros*; mas, é muito mais provavel que seja obra romana; não só porque esta provincia esteve muitos annos sob o dominio dos imperadores, como pela grandeza que elles costumavam empregar nas suas construcções: não assim os mouros, que construíam tudo, ou quasi tudo, mui tosca e passageiramente; nem elles estiveram n'esta provincia, tão pacifica-

mente, e por tanto tempo, que podessem executar obra de tanto dispendio e tão grandiosa.

Ao contrario, sabemos que os romanos foram senhores pacificos da Peninsula hispanica, por espaço de quasi 500 annos, e que das Asturias e Galliza (em cuja circumscripção se comprehendia a actual provincia de Traz-os-Montes) extrahiram grande copia de ouro, prata e outros metaes.

Crê o povo da freguezia de *Urrós*, e das immediatas, que as ruínas que se veem na corôa do monte, como já disse, são os restos da cidade romana de *Ravêna*, na qual foi martyrisado Santo Apollinario. Vide *Calabria*, *Ravêna* e *Urrós*.

RÊÇA ou **RESSA** — portuguez antigo—o lugar exposto ao sol, soalheiro.

Julgo que de *reça*, é que o nosso povo fez *restia* (uma restia do sol.)

Na minha opinião, tem a mesma origem as palavras *rocio* (antigamente *resaiu*) e *ressaio*, ou arressaio; porque nós damos o nome de *rocio*, á planicie mais ou menos vasta, desprovida de arvoredos que a abriguem dos ardores do sol; e de *arressaio*, á encosta ou monte nas mesmas condições.

Em frente de *Porto de Rei*, na freguezia de Barqueiros, no concelho de Mezão-Frio, comarca de Pezo da Régua, ha um areal, na margem direita do Douro, ao qual, pela sua exposição aos raios do sol, se dá o nome de *Rêça*, e tambem o de *Passagem* (por ter alli existido a barca de passagem, chamada de *Por-Deus*, ou por uma capella dedicada ao *Senhor da Boa Passagem*, que está em uma quinta, logo acima do areal da *Rêça*.)

Logo acima d'este lugar, está a freguezia de Frende, na comarca e concelho de Baião.

É em Frende (e não em *Trende* como lhe chamavam quasi todos os jornaes, tratando do assassinato de um homem) que se construiu um dos *tunneis* do caminho de ferro do Douro.

RECÁBDO ou **RECÁBITO**—portuguez antigo—recebimento solemne, de homem com mulher, em face da igreja, segundo os canones; porisso, á mulher assim casada se dava o nome de *recabedada*.

REÇAGA—portuguez antigo—rectaguarda (de um corpo de exercito.)

RECÁPITO—portuguez antigo—recado que se manda por algum mensageiro, a outra pessoa.

Ainda hoje se usa este termo na Italia, com a mesma significação.

RECARDÃES—villa, Douro, comarca, concelho e 1:500 metros ao S.O. d'Agueda, 48 kilometros a N.E. d'Aveiro, 40 ao N. de Coimbra, 245 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 141 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

(Foi do bispado de Coimbra.)

O cabido da Sé apresentava o prior, que tinha 300\$000 réis de rendimento.

É terra fértil, e fica a 1:500 metros ao S. do rio Agueda (margem esquerda) 9 kilometro a N.E. da estação do caminho de ferro do norte (Oliveira do Bairro.)

É povoação muito antiga, e o seu nome significa—*Terra dos Recáredos*.

O documento mais antigo que se encontra com respeito a esta villa, é do anno 1016, em que (segundo o *Livro Preto* da Sé de Coimbra) Resemundo Maureliz, doou ao mosteiro da Vaccarica (Mealhada) a aldeia de Recardães.

No archivo do mosteiro de Pedroso (40 kilometros ao S. do Porto) existia um inventario dos bens que tinha adquirido D. Gonçalo e sua mulher, D. Flamula ¹feito (o inventario) no anno de 1050 de Jesus Christo.

N'este inventario se menciona o mosteiro de *Sala*, o de *S. Julião*, metade do de *Cedarim* (Cedrim) e metade da igreja de Recardães.

Foi cabeça de concelho e da comarca, com juiz de fóra, camara, e mais empregados civeis e municipaes.

¹ Este D. Gonçalo era filho do conde D. Mendo Luci, ao qual D. Affonso V, de Leão, tinha feito governador d'estas terras, e tinha do dito rei, *regalengo, et condadu, et mandamenta in tripa Agata*.

D. Affonso V deu estes senhorios ao conde D. Mendo, quando residia (o rei) em Monte-Mór-Velho, sobre o Mondego.

Metade da freguezia d'Agueda, que fica na margem esquerda (S.) do rio d'este nome e á qual, parte, se dá o nome de *Sardão*, pertencia á comarca de Recardães: a outra metade, a villa d'Agueda, propriamente dita, era da comarca d'Aveiro.

Era no logar do Sardão que o juiz de fóra de Recardães fazia as suas audiencias; e ainda existe a casa da camara, hoje cadeia.

D. Affonso Henriques deu aos templarios o senhorio de Recardães, e elles aqui instituiram uma commenda.

Foram tambem estes cavalleiros que construíram a actual igreja, no reinado de D. Sancho I.

Foi commendador e senhor donatario de Recardães, D. Fernando (ou Fernão) Sanches, 3.º dos filhos naturaes do rei D. Diniz, nascido depois do rei estar casado com a rainha Santa Isabel, mas antes d'ella ter filhos.

É porisso que D. Fernando usava por braço d'armas, o escudo real, com a *quebra* de adulterino.

D. Diniz amou muito este filho, e o encheu de dadivas e beneficios.

Em 1290, lhe doou os bens confiscados por dividas a Pedro Eannes, almoxarife de Lisboa; por carta régia, datada de Santarém, a 28 de fevereiro d'aquelle anno.

Sendo ainda muito creança, o entregou seu pae aos cuidados de D. João Simão, meirinho-mór da casa do rei, seu valido, e um dos nobres e instruidos fidalgos da sua côrte, ao qual nomeou tutor e administrador geral da casa de D. Fernando.

Era senhor da igreja de São Pedro de Tarouca, a qual deu ao mosteiro de Salzedas (por auctorisação paterna) em troca da igreja de Fonte-Arcada (hoje do concelho de Sernancelhe, comarca de Moimenta da Beira) por escriptura de 3 de agosto de 1297.

A propria rainha, Santa Isabel, amava muito a D. Fernando, pelo que o rei, por carta de 21 de janeiro de 1298, lh'o entregou juntamente com seus dois outros filhos bastardos, D. Affonso Sanches, e D. Pedro Affonso, *para serem todos tres por ella governados, ou dar-lhes tutores e curadores, quaes ella bem quizesse*.

Foi cancellario de D. Fernando, o abbade de S. Pedro das Aguias, D. João Eannes.

Foi este D. Fernando que concluiu as obras da egreja de S. Francisco, de Lamégo, e construiu a sua antiga capella-mór, onde se mandou sepultar, mas isto não teve effeito, como adiante se verá.

Casou com D. Froilhe Annes de Briteiros, filha de D. João Rodrigues de Briteiros, rico-homem, e de D. Guiomar Gil de Soverosa, grandes fidalgos d'esses tempos.¹

Esta D. Guiomar, era filha de D. Gil Vasques de Soverosa, rico-homem, que morreu na batalha de Gouveia, na guerra civil, entre alguns fidalgos portuguezes, a qual teve lugar em 1277, no fim do reinado de D. Affonso III.

Não houve filhos d'este casamento.

Em 1294, seu pae, D. Diniz, lhe deu o senhorio de Recardães, e de outras terras do julgado do Vouga.

Em 1300 lhes deu tambem a herdade da *Orta de Nomão*, que fora d'Egas Mendes, escudeiro, sobrinho do bispo de Lamego.

Em 29 de agosto de 1303, lhe deu as *Lizirias dos Portos*, no termo de Santarem.

Em 1306, lhe deu o reguengo de Oliveira do Conde.

Foi em extremo liberal, particularmente com seus irmãos, e como não tinha filhos fez doação de muitas aldeias e rendas, em varias partes do reino, a seu irmão bastardo, D. João Affonso, por escriptura feita no mosteiro de S. Domingos das Donas (Santarem) em 31 de janeiro de 1323.

Pelo mesmo tempo, deu a seu irmão legitimo, D. Affonso (depois rei, 4.º do nome) todas as herdades que possuia no termo de Santarem.²

¹ D. João Rodrigues de Briteiros, era filho de Ruy Gomes de Briteiros, rico-homem, e grande privado de D. Affonso III, e seu mordomo-mór; e de D. Elvira Annes, da casa de Amaia, filha de D. João Pires de Amaia, o que se achou na batalha da Varzea dos Cavalleiros (hoje comarca e concelho da Certan) em 1246, e matou sete leonezes, de sete lançadas; e de D. Guiomar Mendes, filha do conde D. Mendo.

² D. Affonso IV deu depois estas propriedades, a sua mulher, a rainha D. Brites, fi-

Em 13 de novembro de 1327, doou todos os bens que lhe restavam, ao mesmo D. Affonso, já então rei.

Pelos annos de 1329, estando na sua comenda de Recardães, aqui falleceu, no mez de julho.

Foi sepultado na capella de S. Cosme e S. Damião, da egreja de S. Domingos das Donas, em Santarem.

Instituiu capella, com missa quotidiana, para o que deixou muita fazenda, para ser administrada pelo convento dominico.

Eram as propriedades de *Cabeça d'agua* e cinco *hastins*¹ de terra, em *Vallada do Riba-Tejo*, que os frades dominicos depois trocaram por outros, no casal do *Paço do Telheiro*.

Seu sepulchro, é uma arca de pedra, de obra antiga, e está da parte do Evangelho, embutido na parede, com a sua estatua em vulto, feita da mesma pedra, e o seu braço d'armas.

Teve uma inscripção, ha muitos annos illegivel, por gasta: depois se lhe gravou outra que diz:

SEPULTURA DE D. FERNANDO SANCHES,
FILHO D'EL-REI D. DINIZ.
TEM MISSA QUOTIDIANA.

No cartorio d'este mosteiro, entre muitos breves, de graças e privilegios, havia um que prohibia abrir-se esta sepultura, sem ordem da congregação dos cardeaes.

D. Diniz, teve só dois filhos legitimos—D. Affonso IV, que lhe succedeu na corôa, e D. Constança, que casou com D. Affonso IV, de Castella.

Teve 6 filhos bastardos:

1.º, D. Affonso Sanches, conde d'Albu-

lha de D. Sancho IV, de Castella, que as deu ás capellas e hospital que instituiu na Sé de Lisboa (julgo que no edificio hoje *cadeia do Aljube*, junto da egreja cathedral.)

¹ *Hastim, astim* ou *astil*, era uma medida agraria usada no Riba-Tejo.

Tinha 25 *pulmos craveiros* de largo, em toda a extensão do campo, vinha, predio, monte ou paúl.

No campo de Coimbra, diz-se *aguilhada*.

querque, e mordomo-mór de D. Affonso IV.¹

2.º, *D. Pedro Affonso*, conde de Barcellos.

3.º, *D. Fernando Sanches*, senhor de Recardães.

4.º, *D. João Affonso*, alferes-mór, e progenitor dos Ponces, por casar com D. Joanna Ponce.

5.º, *D. Maria Affonso*, que casou com João de Lacerda.

6.º, *D. Maria Sanches*, que foi freira em Odivellas.

Pela suppressão da ordem do Templo (1311) ficou esta commenda pertencendo á corôa, até que, em 1319, foi, com tudo o mais que pertencêra aos templarios, para a ordem de Christo, que o rei D. Diniz então instituiu.

Eram commendadores os duques d'Aveiro, que possuiram isto até 1759, em que, com a vida, no patibulo, perderam todos os bens para a corôa.

Os templarios deram o 1.º foral a Recardães, pelos annos de 1150; mas perdeu-se sem d'elle ficar cópia.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de março de 1516. (*Livro dos foraes novos da Extremadura*, fl. 218 v., col. 2.ª)

Este foral servia tambem para *Carvoeiro*, *Feiteira*, *Lombada*, *Paradella*, *Póvoa*, *Sayma*, *Troviscal*, e *Villa Nova*.

Em 20 de fevereiro de 1876, foi feito bairrão de Recardães, o sr. José Cerveira de Mello.

RECAREI — freguezia, Douro, comarca e concelho de Paredes (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Penafiel) 25 kilo-

¹ D. Affonso Sanches, era filho de D. Aldonça Rodrigues Telha.

Casou com D. Thereza Martins, filha de D. João Affonso de Menezes, conde de Barcellos, e neta de D. Affonso IV, de Castella.

D. Affonso Sanches e sua mulher, foram senhores de Villa do Conde, e fundadores do mosteiro real de Santa Clara, de freiras franciscanas d'esta villa, em cuja igreja estão sepultados.

Vide *Villa do Conde*.

metros ao N.E. do Porto, 320 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Bom Despacho. Bispado e districto administrativo do Porto.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano*, nem no *Diccionario Geographico*, do Flaviense.

E' terra fertil.

A egreja matriz, estava bastante arruinada, mas em novembro de 1876, o governo lhe mandou dar 500\$000 réis, do dinheiro das bulas, para reparos.

E' n'esta freguezia a 4.ª estação do caminho de ferro do Douro (não contando a principal.)

Era natural d'esta freguezia, o infeliz doutor, Manuel Luiz Nogueira, juiz de fóra de Aveiro, enforcado, por liberal, com mais 9 companheiros, na Praça-Nova do Porto, em 7 de maio de 1829.¹

Tambem se disse que era natural de *Baltar*; provavelmente, por ser terra mais conhecida, e proximo a Recarei, que lhe fica a S.O.

Vide a nota.

Ainda vivem na casa onde nasceu o doutor Nogueira, os sobrinhos, filhos de seu irmão José Luiz Nogueira, fallecido ha poucos annos.

Julgo que o nome d'esta freguezia, é corrupção de *Recaredo*, nome proprio de homem, que antigamente se pronunciava *Recarêdo*, e hoje se escreve e pronuncia *Ricardo*.

REGEANÇA — portuguez antigo — susto, medo, receio, temor, etc.

RECEÃO ou **RECIÃO** — aldeia, Douro, na freguezia de S. Martinho de Caramós, comarca e concelho de Felgueiras.

Arcebispo de Braga, districto administrativo do Porto.

Houve em Receão, o mosteiro de Santa Maria, de freiras (conegas) agostinhas, que

¹ A sentença diz que era natural do Porto, e eu assim o disse a pag. 329, col. 1.ª do 7.º vol.; mas o sr. doutor José Barbosa Leão, que é natural d'estes sitios, diz que o infeliz Nogueira era de Recarei.

ficava a 1:500 metros do de S. Martinho de Caramôs.

Foi fundado pelos annos de 1150, e D. Affonso Henriques o coutou, pelo mesmo tempo.

Em 1172, D. Vaasquida, abbadessa d'este mosteiro, poz demanda ao prior de Caramôs, D. Payo Fromarignes, para este lhe largar uma grande herdade, que fôra de D. Aragonta Mendes.

Não se sabe como, nem quando este mosteiro se extinguiu.

RECEÃO ou **RECIÃO** — freguezia, Beira Alta, concelho, comarca e proximo (ao S.) de Lamego. Tinha 25 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Esta freguezia foi supprimida ha muitos annos, mas é celebre pelo que se segue:

Houve aqui o mosteiro de S. Lourenço, de freiras beneditinas, fundado por D. Dordia, mulher de D. Soeiro, por carta de testamento, feita em 1184, dotando-o com muitas rendas.

D. Affonso Henriques coutou o mosteiro no principio do anno de 1185¹, e o deu a Mendo Soares.

O rei D. Diniz, pelos annos de 1300, deu a estas freiras o fôro de fidalgas da casa real, para ellas e successoras; e D. Pedro, bispo de Lamego, lhes deu os dizimos da freguezia de Receão.

Quatro versões tenho encontrado com respeito ás religiosas d'este mosteiro.

1.^a — Segundo um documento que existe no archivo episcopal de Lamego, consta que em 1435, só existiam n'este mosteiro, D. Clara Fernandes, abbadessa, e mais duas freiras; e ellas mesmas pediram ao *Mestre João*, bispo de Lamego, que as mandasse para outro mosteiro da sua ordem, tomando conta d'este o mesmo prelado. Elle assim o fez, dando o mosteiro e cêrca aos conegos de S. João Evangelista (loyos) cuja ordem elle tinha fundado em Portugal.

2.^a — No 2.^o volume do *Panorama*, pag. 67,

¹ D. Affonso Henriques morreu em Coimbra, a 6 de dezembro de 1185. Tinha nascido em Guimarães; a 25 de julho de 1109.

col. 2.^a, no fim, se diz: — «Qual esta era (a immoralidade dos frades e freiras) se pôde conhecer de um facto acontecido em Recião, no xv seculo. Era abbadessa d'este convento, uma certa Clara Fernandes, havendo no mosteiro mais duas freiras. Ligou-se a abbadessa com uma d'ellas, e disfarçadas com trajes de homem, mataram a outra. Clara Fernandes, passou a Santarem, onde casou; e, matando d'ahi a pouco o marido, invocou o seu fôro ecclesiastico, como abbadessa, e, sendo remetida ao bispo de Lamego, em cuja diocese ficava Recião, foi absolvida e restituida ao seu cargo.»¹

3.^a — No 7.^o volume do *Santuario Marianno*, a pag. 365, se lê o que passo a resumir, e é:

Proximo ao rio Varosa, e a pouca distancia de Lamego (cousa de um kilometro) em uma lapa, que estava ao pé de um grande carvalho, appareceu uma imagem da Santissima Virgem, á qual, um fidalgo asturiano mandou edificar uma ermida, da invocação de Nossa Senhora do Amparo, e vulgarmente, *do Carvalho*.

¹ É certo que, nos tempos antigos, havia mais desregramento nas ordens religiosas, do que depois do seculo xvi; porque os reis e os prelados fizeram todas as diligencias para pôr tudo em regra. Mas o que mais desacreditava os mosteiros do sexo feminino, era o facto de muitos d'elles não serem de freiras professas, mas de *beatas* que não proferiam voto algum. Estes eram os mais devassos, salvas honrosas excepções.

Tambem não era rigorosamente guardada a clausura, e as freiras (mesmo professas) sahiam quando queriam, com uma simples licença da respectiva abbadessa.

Outras freiras não tinham o minimo rendimento, vivendo do seu trabalho, o que era motivo de graves immoralidades.

No reinado de D. Diniz, requeriam as freiras, publicamente, ao rei, para que lhes legitimasse os filhos, declarando nas petições quem eram os paes, ainda que estes fossem clerigos seculares ou regulares.

Nas côrtes d'Evora (as segundas reunidas n'esta cidade) de 1394, ás quaes presidiu D. João I, os povos pediram ao rei que providenciasse sobre a desordem em que estavam os mosteiros de ambos os sexos, em Portugal.

Principiaram os povos d'este sitio a ter grande devoção com esta Senhora, e a darem-lhe muitas esmolas e valiosas offertas, unico rendimento da ermida.

Parece que esta capella estava em uma fazenda das freiras de Recião, e como o sitio era alegre e ameno, ellas mudaram para aqui o seu mosteiro; mas, passados poucos annos, mudaram de opinião, e se tornaram para o seu antigo mosteiro; vindo para o novo, os conegos de S. João Evangelista, que tambem não gostaram do sitio, e regressaram ao seu mosteiro, de Santa Cruz, em Lamego, passado pouco tempo.

A igreja da Senhora do Amparo, é vasta, e n'ella se enterravam os moradores do logar d'Alvellos, que era então uma parochia, filial da Sé de Lamego.

Os bispos applicaram para as obras da igreja da Senhora do Amparo, algumas fazendas e as terças de certas freguezias.

O fundador da igreja—o tal asturiano—havia mandado alli construir algumas casas para romeiros e para o eremita, dando tambem a este duas cercas, para que elle dos seus rendimentos pudesse viver.

Este templo está sobre um teso, d'onde se vê o rio Varosa, que lhe corre ao sopé.

Supponho que esta igreja foi matriz da freguezia de Receão, antes de se annexar á da Sé de Lamego; porque vejo em documentos antigos denominar-se *Santa Maria de Receão*.

4.^a—Vejamos agora o que diz, em resumo, frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (religioso franciscano do mosteiro de Ferreira d'Aves) no seu *Elucidario*, a pag. 299, col. 2.^a, da segunda edição.

De um instrumento, datado de 13 de setembro de 1458, que é do consentimento que deu o bispo de Lamego, D. João da Costa, para tornarem os conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) a povoar o mosteiro de Receão, em virtude de uma carta regia de D. Affonso V, no tal documento, repito, se leem varias *replicas e treplicas*, pelas quaes consta que—havendo o bispo, D. João da Costa, dito, que D. João de Chaves, seu antecessor, sem fórma alguma de direi-

to, expulsára do seu mosteiro, as freiras de Receão, o que fôra causa d'ellas abusarem de seus corpos, e causarem gravissimas desordens e escandalos; elle, para dar cumprimento ás ordens do legado á latere, D. Alvaro, bispo de Silves, fizera restituir ao dito mosteiro, a sua abbadessa, D. Clara Fernandes, etc.

João d'Arruda e João da Facha, treplicando, disseram — que, quando o bispo de Viseu veio a este mosteiro de Receão, «achou «trez mulheres, nom em habito, trajo, estado, nem vida de freiras, nem de religiosas, «mas de seculares, sem regra e ceremonias «d'ella, a saber—uma Clara Fernandes, que «nunca soube lêr, nem rezar, nem trouxe «habito, cogulla, nem véo preto, nem fizera «em algum tempo profissom; a qual, pelo «senhor da terra,¹ e contra sua vontade, foi «posta em o dito mosteiro, em nome de abbadessa, antes que ella fosse monja, ou tomasse habito, e fizesse profissom; mas, assim como entrou, assim viveo, sempre em «habito e actos de vida secular, dormindo «carnalmente com quem lhe apprazia, notoriamente; especialmente com Alvaro de Alvellos, de quem tinha filhos; e que usava «com elle tão pareiramente, como se fôra «sua molher.

«E outra, Maria Rodrigues, que nom me nos o fazia com quem lhe apprazia, especialmente com o abbade de Melções,² de «quem assim tinha filhos e filhas, e tem hoje «em dia.

«E uma velha, irmã de Alvaro Gil, abba de que foi de Barcos, á qual, as ditas Clara Fernandes e Maria Rodrigues, em trajo «de homens, huma noite, com uma calça de «aréa, déram tantas calçadas, de que, segundo fama, morreo.

«As quaes duas molheres, o dito senhor bispo, por via de visitaçom, conselho, nem amoestaçom, nunca pôde meter a Regla, nem a vida de monjas. E, vendo-as incorregiveis, mandou a Maria Rodrigues, ao

¹ Era o conde de Marialva, pae da tal Clara Fernandes, e governador da Beira, residente em Lamego.

² Melções é uma freguezia proxima, hoje annexa a Cepões.

«mosteiro de Jacente, da ordem de S. Bento, no arcebispado de Braga (*hoje Jacente*) onde ainda agora vive: e a dita Clara Fernandes nom quizerom receber em mosteiro algum da dita ordem, nem de outra alguma, por sua dissoluçom e má vida: e o dito senhor bispo lhe assignou certa pensom e mantimento, com condiçom que vivesse religiosamente. E ella aceitou a dita Provisom; mas logo, a poucos dias, tornou a usar do seu costume, e dormir com quem lhe apprazia; e especialmente com um guardiom de São Francisco, da dita cidade, que chamavom frei Rodrigo Tourinho (cujo filho he um môço que a dita Clara Fernandes ora tráz consigo).

«E depois se partiu da dita cidade para Santarem, e tomou hi marido. E, co vivente, leixou aquelle, e foi casar com outro a Lisboa, chamando-se leiga, e nom freira: á qual o primeiro marido demandou e vendeu por molher, e está em posse dos bens patrimoniaes d'ella, como seu marido.

«E o dito Senhor Bispo, poz suas Cartas de Edicto, para reformar o dito mosteiro, e nom acudio alguem da dita ordem, homem nem molher, nem de outra alguma aprovada Religiom, que para a dita casa e mosteiro de Reciam quizesse vir morar, nem manter; assi por ser muito pobre e dilapidado, como por ser em máo lugar, de montanhas, só, entre serras. Pela qual razão, o dito Senhor Bispo, d'acordo e conselho de seu cabido, reduzio o dito mosteiro em Igreja secular, sem cura. Em 29 de dezembro de 1435 e a 3 de janeiro de 1436, fez doaçom do dito mosteiro, aos conegos seculares de S. Salvador, de Villar de Frades, que hoje dizemos loyos.

«E depois, foi tudo aprovado, ratificado, e confirmado de certa sciencia, por Eugénio IV, e depois, por Nicolau V.

«E nom houve hi mais freiras, nem mais barrégans, nem outras dissoluçoens, como o dito Senhor Bispo diz, por dinigrar os feitos do Bispo de Visen, e dar evazom ¹ a

¹ Evazom — portuguez antigo — desculpa, côr, ou pretexto com que se cobre ou pretende disfarçar um acto máu.

«seus feitos proprios, que fez, como se todo o mundo espanta, etc.

«E protestão que não querem tomar posse do dito mosteiro, da mão do Senhor Bispo, mas sim do corregedor, ou outro ministro d'El-Rei.»

De tudo isto, e muito mais que do dito instrumento consta, deu fé o notario apostolico, Diogo Lourenço, conego da Sé de Lamego. (Doc. de Receção, que existia no cartorio do convento de Santa Cruz, da mesma cidade).

Para que algum impio se não aproveite do que fica dito, para argumento das suas diatribes contra as religiosas de outros mosteiros, note-se que a casa de Receção nunca foi mosteiro de freiras professas, mas sim uma especie de recolhimento, no qual as suas habitadoras não estavam sujeitas a voto ou regra alguma, como claramente se deduz do que diz Viterbo.

Tendo tantas vezes fallado em frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, n'esta obra, julgo a proposito dar aqui um resumo da sua vida e obras.

Primeiramente, rectifico um erro que más informações me fizeram commetter. Disse a pag. 172, col. 2.ª, do 3.º volume, que Viterbo nasceu pelos fins do seculo xvi, ou principio do xviii. Não é exacto como vamos ver.

Na raiz oriental da penhascosa e desabrida seira da Lapa, em sitio ameno, e abundante de vinho, cereaes e deliciosas fructas, está a povoação e freguezia de Gradiz, do concelho de Aguiar da Beira, comarca de Trancoso.

N'esta aldeia, que fica proxima da margem esquerda do Távora, nasceu frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, a 13 de maio de 1744.

Professou no convento de menores reformados, da provincia da Conceição, de Portugal, a 7 de setembro de 1760.

Era vulgarmente conhecido pelo *padre Gradiz*.

Tinha uma memoria rara, e de tal retentiva, que bem se podia dizer que a sua cabeça era uma livraria. Quasi todo o seu tempo passava a ler, ou escrever; pelo que, em

poucas materias scientificas era hospede; mas, a sua paixão dominante era a historia, e, sobre tudo, as inscrições e manuscritos antigos, em cujas materias foi um mestre consummado, chegando onde ninguem havia chegado em Portugal, como o attestam os seus escriptos, e principalmente o seu *Elucidario*, obra merecidamente estimada pelos sabios nacionaes e estrangeiros.

Para a composição d'esta obra, viajou frei Joaquim por muitas partes do reino, indagando e examinando os monumentos romanos, gothicos e arabes, e esquadrimhando todos os manuscritos antigos e raros; para o que estava munido de uma ordem regia.

As copias tiradas por elle, ficaram valendo como originaes, por uma provisão do rei.

Trabalhou muito na Torre do Tombo, cujo logar de guarda-mór lhe foi offerecido. Tambem se lhe offereceu um bispado, no ultramar; mas nada d'isto acceitou.

Além de um grandissimo numero de manuscritos que mandou para a academia real das sciencias de Lisboa, da qual era correspondente, e do que trabalhou na chronica da sua provincia, compoz as obras seguintes:

Sermões apostolicos originaes. Porto, 1791, in-8.º, um volume.

Elucidario das palavras, termos e phrases que em Portugal antigamente se usaram. Lisboa, 1798-1799, in-folio, dois volumes.

Diccionario portatil das palavras, termos e phrases, que antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram; resumido, correcto e addiccionado, etc. Coimbra, 1825, in-4.º, um volume. É posthumo.

Botica rural. Manuscrito.

Thesouro da misericordia divina e humana. Manuscrito.

Apparatus ad Universam theologiam. Manuscrito.

Companheiro fiel, etc. Manuscrito.

Compendio do diccionario de Moreri, com varias addições e notas, etc. Manuscrito.

Resumo do viajante universal. Manuscrito.

Historia universal e chronologica da Igreja de Portugal.

Deixou ainda varias obras ineditas de menos importancia.

Nos ultimos annos da sua vida (estando no mosteiro da Fraga, em Ferreira d'Aves) foi accommettido de uma apoplexia, que, privando-o algum tanto do juizo, o obrigou a pôr termo aos seus trabalhos litterarios.

Falleceu no referido mosteiro da Fraga, em 13 de fevereiro de 1822; e foi sepultado entre a porta do capitulo e a que dá sahida para a portaria.

RECÊBEDO — portuguez antigo — recibo, resalva, quitação, etc. É do seculo XIII.

RECEBIMENTO — portuguez antigo — sala, quarto, aposento.

RECENDER — portuguez antigo — descender.

RECEZINHOS — freguezia, Douro, na comarca e concelho de Penafiel (foi do concelho de Santa Cruz de Riba Tamega, comarca de Amarante), 40 kilometros ao NE. do Porto, 345 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 209 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É terra fertil. Muito gado.

A mitra e o D. abbade beneditino, no convento de Bostello (proximo a Penafiel) apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 600\$000 réis de rendimento.

No alto do monte está a capella de Santa Cruz, e junto d'ella as ruinas de castellos antigos.

É n'esta freguezia a casa vinculada dos Ferreiras, morgado instituido por D. Mayor Lourenço, mulher de Lourenço Annes Redondo, hoje unido á casa de Cavalleiros. (Vide a freguezia seguinte).

Ha tambem a casa de Leiros, de Manuel de Sousa da Silva, descendente de Martim Gonçalves Alcoforado, ao qual D. João I deu o senhorio do concelho de Santa Cruz de Riba Tamega, em 1390.

RECEZINHOS — freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, (foi do concelho de Santa Cruz de Riba Tamega, comarca de Amarante), 48 kilometros ao NE. do Porto, 345 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 315 fogos.

Orago S. Mamede.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Os morgados da casa de Cavalleiros, apresentavam o abdade, que tinha 500\$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Muito gado.

A casa de Cavalleiros, é uma das mais illustres d'Entre Douro e Minho. É hoje do sr. D. Rodrigo José de Menezes, feito conde de Cavalleiros, em 17 de novembro de 1865.

É nobilissima a estirpe d'esta illustre casa, de fidalgos distinctos pela antiguidade da sua nobreza, e ainda mais pelos seus merecimentos.

Martim Ferreira foi um heroe do exercito portuguez, nas guerras contra Castella. Em um recontro, junto a Guimarães, no qual os castelhanos foram derrotados, recebeu uma cutilada no nariz e na face, pelo que se ficou cognominando *Martim Narizes*.

Tambem foram d'esta familia, frei Gualter Machado, e frei Martim Ferreira d'Eça, cavalleiros de S. João de Jerusalem; fidalgos distinctissimos, pelos seus grandes serviços á religião e á patria.

RECEZINHOS—Vide *Castellões de Recezinhos*.

RECHAN ou **RECHANO**—portuguez antigo—pequeno plano, no meio de uma portella ou viso. Uma especie de platô. *Rechan*, ainda se usa com a mesma significação.

RECIÃO—Vide *Receão*.

RECLAMADOR—Vide *Roque Amador*.

REÇOAR—portuguez antigo—livrar do captivo, resgatar, libertar, etc. (Doc. das freiras bentas, do Porto, de 1278).

D'aqui *reçam*, por livramento, resgate, etc. É contracção de *redempção*.

Tambem se dizia *reçoar*, em vez de arrazoar, discorrer, etc.

REGONHECENÇA—portuguez antigo—reconhecimento, memoria, lembrança, agradecimento, etc.

Chamava-se *reconhecença*, á pensão ou tributo que se pagava aos bispos e seus cabidos, d'aquellas egrejas que elles tinham libertado do pagamento da *terça pontifical*. (Vide *Sazes*).

Em muitas freguezias do bispado do Porto, se dá o nome de *conhecença* (abreviatura de *reconhecença*) ao fôro de um alqueire de milho que paga cada homem casado, e meio alqueire cada solteiro, ou viuvo, annualmente, ao seu parocho. Em algumas freguezias, a *conhecença* é de alqueire e meio para os casados e tres quartas para solteiros e viuvos.

RECONTAMENTO—portuguez antigo—relação, exposição, relatorio, narração, etc., circumstanciada de qualquer facto. (Doc. da camara de Coimbra, de 1464).

RECORREIÇÃO—portuguez antigo—parochia ou freguezia. Tambem se dizia *recurreição*, *recorricio*, *collação*.

RECROBAR—portuguez antigo—plantar, cultivar, aproveitar, etc. (Prazo de Tarouca, de 1309).

Supponho que de *recrobar* se diz hoje, por corrupção, *decruar* ou *decroar*. É a primeira sacha do milho.

RECTIDÃO—portuguez antigo—a pertença ou dependencia de uma herdade, quinta, ou casal. *Villa Barriolos... et omnem meam rectitudinem de ipsa quintana*. (Doc. do Paço de Souza, de 1446 e 1463).

RECUDAR—portuguez antigo—recusar, negar-se á petição de alguem. (*Monarchia Lusitana*, tit. 5.º liv. 16.º, cap. 56).

RECUDIR—portuguez antigo—sahir, vir a ser para o futuro. (Doc. de Moncorvo, de 1380).

RECUDIR—portuguez antigo—tornar a acudir, olhar para alguma parte.

RECURÇÃO—portuguez antigo—limite, termo, freguezia, territorio, circumscripção.

RÊDE—aldeia, Traz-os-Montes, freguezia de Fontellás, comarca e concelho do Peso da Régua, d'onde dista 5 kilometros ao O., 90 ao E. do Porto, 600 ao NO. de Lamego, 335 ao N. de Lisboa, proximo da margem direita do Douro.

Fica perto da Rêde, a aldeia das *Caldas*, da mesma freguezia de Fontellas, onde são as nascentes d'aguas mineraes, vulgarmente chamadas do Mollêdo. (Vide *Mollêdo*).

Pelo meio da aldeia das *Caldas*, passa a estrada real, do Porto á Régua, com diligencia diaria. Tambem lhe passa perto o caminho de ferro do Douro, em construcção.

De Lamego para o Mollêdo, ha uma estrada real, antiga, de 6 kilometros de comprimento; mas, por ser muito declivosa, foi substituida por outra, com declive muito suave, concluida em 1873. Mas esta tem quasi 15 kilometros de comprimento, por causa das muitas voltas que dá, nos valles do rio Varosa.

No Mollêdo ha hoje duas boas hospedarias; varias lojas de mercearia e de outros generos, bem sortidas; e casas sufficientes para habitação dos banhistas, que fazem aqui a sua residencia, por ser pequena a aldeia das Caldas, e não haver commodos sufficientes na Réde.

Tambem no Mollêdo ha um palacete construido de novo, do sr. Francisco José da Silva Torres.

A antiga e nobre casa da Réde, é o solar da familia Borges Cerqueiras Alpoins. É um vasto palacete, de architectura simples e severa, rodeado de uma extensissima matta, pomares, vinhedos e terras de lavoura, tudo de grande fertilidade, formando tudo uma magnifica e rendosa quinta.

É hoje representante d'esta illustre familia, e dono da casa, o sr. Francisco Borges de Cerqueira Alpoim Cabral, moço fidalgo da casa real, com exercicio no paço. É este cavalheiro, o herdeiro e senhor dos prazos e vinculos de seu pae.

É casado com sua prima, a sr.^a D. Amancia Borges de Cerqueira Alpoim Cabral e Menezes, e tem successão.

É filha de José Maria Borges de Cerqueira Alpoim Cabral, que foi tenente coronel de milicias, fidalgo da casa real, senhor do vinculo e prazo da Réde, quinta do Miradouro, e dos morgados de Mollães, padroeiro da capella e sachristia do mosteiro de S. Francisco de Mezão-frio.

Seu irmão (tio do sr. Francisco Borges) João Borges de Cerqueira Alpoim Cabral, foi brigadeiro de cavallaria,¹ chefe de estado-maior do general visconde do Pezo da Ré-

gua, no exercito realista, convencionado em Evora-Monte. Era commendador de Malta.

Casou, em 1817, com D. Maria Fortunata Teixeira da Cunha Pinto, da antiga casa da Boa Vista, em Celorico de Basto.¹

Era avô do sr. Francisco Borges de Cerqueira Alpoim Cabral, Bernardo do Carmo Borges de Cerqueira Cabral e Queiroz, fidalgo da casa real, senhor dos prazos e vinculos mencionados, capitão-mór de Mezão-frio e governador da praça de Villa Nova da Cerveira.

Foi casado com D. Maria Xavier Alpoim da Silva Menezes e Abreu, da antiga e nobilissima familia dos Alpoins, do Minho.

REDINHA—villa, Extremadura, comarca, concelho e 10 kilometros do Pombal, 30 kilometros ao S. de Coimbra, 140 ao N. de Leiria, 155 ao N. de Lisboa, 390 fogos.

Em 1757 tinha 420 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

O rei (como grão-mestre da ordem de Christo) pelo tribunal da mesa da consciencia, apresentava o vigario, que tinha 100\$000 réis de rendimento.

É povoação antiquissima, com toda a probabilidade, do tempo dos romanos, se não anterior ao seu dominio. Consta que o seu primeiro nome foi *Rhoda*, palavra persa, que significa *jardim*. Depois, se chamou *Rodina*, e parece que os arabes lhe não mudaram o nome, porque ainda o conservava no principio do seculo xii.

O conde D. Henrique e os seus capitães, tinham conquistado aos mouros varias povoações e vastos territorios entre o Douro e o Mondego. Os mouros, temendo a vingança dos portuguezes, tinham abandonado todas as terras entre Coimbra e Leiria; mas os christãos ainda não tinham tomado posse d'ellas.

Em 1128, a rainha D. Thereza e seu filho D. Afonso Henriques, deram aos templarios,

¹ Foi despachado tenente coronel, em 13 de abril de 1823; coronel, em 9 de julho de 1827; e brigadeiro, em 26 de outubro de 1832.

¹ Esta casa é hoje representada pelo sr. Manuel Osorio d'Aragão Magalhães Machuca (Osorios Aragões, de Lamego) primo coirmão e cunhado do actual senhor da casa da Réde.

todo este territorio abandonado; e elles construíram logo, ou reconstruíram, os castellos de Ega, Pombal e Redinha.

D. Gualdim Paes, grão-mestre da ordem do Templo e os seus *frades* (cavalleiros templários) deram foral a esta villa—ainda então chamada *Rodina*—em junho de 1159. (Maço 3 de foraes antigos, n.º 1).

O rei D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 16 de dezembro de 1513. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 109, col. 2.ª).

Cumpre notar que os pontífices Honório III (1216), Celestino IV (1241), Alexandre IV (1254) e Urbano IV (1261), por bullas apostolicas, eximiram da sujeição episcopal, as egrejas e castellos da Ega, Pombal e Redinha; confirmando pelas mesmas bullas, a doação de D. Thereza e de seu filho.

A primitiva cidade de Rhoda, não occupava exactamente o chão da actual villa. Estava fundada em uma varzea que fica ao NO., alem da ponte, e ha vestigios d'esta antiquissima povoação, a cujo sitio ainda se chama *Róda*.¹

Parece que, mesmo quando existia a cidade, havia do outro lado do rio uma povoação mais pequena, á qual, por isso, se deu o nome de *Rodina*, e é a actual Redinha.

Fica entre o Pombal (ao S.) e Condeixa (ao N.) sobre a antiga estrada de Lisboa ao Porto.

Tem duas ribeiras, uma ao S. e outra ao N., que unidas formam o rio *Danços* ou *d'Anços*, que rega e fertilisa a povoação e seus arrabaldes. Nascem estas ribeiras a 3 kilometros da villa, ao sopé de uma serra, e junto á capella de S. Lourenço.

¹ Segundo alguns historiadores, a cidade de *Rhoda*, foi fundada pelos gregos, no anno 3640 do mundo, ou 364 annos antes de Jesus Christo. Destruída pelos alanos no seculo v, foi reedificada pelos godos, no seculo seguinte. Os arabes a arrazaram no seculo viii, e não tornou a reedificar-se; mas fundou-se então a villa.

Ignora-se a etymologia do nome *Anços*. Segundo uns, é corrupção de *Ancho*—largo—porém outros querem que venha de *An-dança*, que no antigo portuguez significava—dita, ventura, felicidade, fortuna, etc.

Á entrada da villa está uma boa ponte de pedra, muito antiga, e em bello sitio, e d'ella se goza uma deliciosa vista.

No alto da serra do *Poyo*, está uma capella de Nossa Senhora da Lapa, ou da Estrella, construída em uma grande gruta natural, e junto d'ella, algumas casas para os romeiros. Perto da capella ha ainda varias outras grutas. O sitio é de grande elevação e muito alcantilado.

Dentro da gruta que serve de capella, ha uma fonte, por traz do altar; e ao pé da mesma serra do Poyo ha uma lagôa que nunca sécca. Todo o mais resto da serra, é completamente árido e sécco. A lagôa tem uns 20 metros de circumferencia.

A caverna que se transformou em templo, tem 14 metros de comprido, 9 de altura á entrada, e 2 de altura no fim. Tem de largura á entrada 4^m,40, e 3^m,50 no fim.

No meio do corpo da egreja se veem duas grandes sepulturas, mas não se sabe quem n'ellas foi sepultado.

A ermida foi reedificada pelos annos de 1670, á custa do padre João Ribeiro, natural da Redinha.

A imagem da padroeira é de marmore, e de um metro de altura, fóra a peanha, que é da mesma pedra (a imagem e a peanha são um monolitho). Na peanha estão esculpidas as armas dos Souzas.

Sobre a cabeça da Senhora se vê uma corôa, ainda feita da mesma pedra.

Teve eremitão, com casas de residencia e uma pequena cêrca; mas ha muitos annos que o não tem.

D. Alvaro de S. Boaventura, bispo de Coimbra, pretendeu fundar aqui um hospicio de anachoretas, mas não o levou a effeito, por que falleceu antes de principiar a obra.

Tambem no logar de *Jagardo*, d'esta freguezia, está a ermida de Nossa Senhora de Guadalupe, que foi de grande devoção dos povos d'estes sitios.

A primitiva ermida era muito acanhada e estava em ruínas, e, segundo a tradição, em um anno de grande sêcca, rebentou junto da ermida uma copiosa fonte, de optima agua potavel, á qual o povo attribuia a virtude de curar varias enfermidades.

O povo não deixou de attribuir a milagre o nascimento d'esta fonte n'aquelle anno, e a devoção á Senhora, que tinha diminuido muito, tornou a trazer a este sitio grande numero de romeiros, que se vinham curar dos seus achaques, com a agua milagrosa da fonte da Senhora.

Pelos annos de 1680 principiaram os devotos a construir um novo e vasto templo, para a Padroeira, e casas para o eremita e romeiros, e, em 1690, já todas as obras estavam concluidas.

Na villa ha tambem a egreja da Misericordia, com sua irmandade.

Tem a egreja dos Terceiros, fundada em 1682.

Todos sabem que, pela suppressão da ordem do Templo, em 1311, passaram todos os seus bens para a ordem de Christo, e a Redinha foi feita commenda d'esta nova ordem.

Até 1834, o collegio dos cavalleiros de Christo, de Coimbra (vulgò collegio de Thomar, vol. 2.º, pag. 334, col. 2.ª) tinha pela parte de cima da villa, uma casa, muitas azenhas, um lagar e muitas fazendas, e, desde aqui até á villa de Soure, eram d'este collegio todos os moinhos e lagares; pois que os reis de Portugal lhe tinham concedido o privilegio exclusivo dos moinhos, azenhas e lagares d'estes sitios.

Foi na Redinha o solar dos *Prêtos*. *Prêto* é um appellido nobre d'este reino, procedido d'alcunha. O primeiro que usou d'este appellido, foi Gonçalo Pires *Prêto*, vassallo de D. João I.

Uns *Prêtos* usam do brazão dos *Negros*, outros porém trazem por armas—em campo de ouro, cinco coticas negras em fxa: elmo de aço aberto; e por timbre, um braço negro, com um bastão de ouro na mão.

Condes da Redinha

Sebastião José de Carvalho e Mello, 1.º conde de Oeiras e 1.º marquez do Pombal, instituiu para seu filho segundo, José Francisco de Carvalho Mello e Daun¹ um morgado, do qual é cabeça a quinta de Montalvão, na freguezia dos Olivaeas, proximo a Lisboa. Esta quinta é hoje dos srs. condes da Redinha. (Vol. 5.º, pag. 455, col. 1.ª).

Esta quinta havia dado D. José I ao marquez do Pombal, por carta regia de 19 de agosto de 1776, para fazer uma casa separada da do Pombal, no referido filho segundo, dando-lhe ao mesmo tempo o titulo de conde (1.º) da Redinha.

Henrique José de Carvalho e Mello, filho primogenito do 1.º marquez do Pombal, foi o 2.º marquez d'este titulo, 2.º conde de Oeiras, gentil-homem da camara de D. Maria I, grão-cruz das ordens de Christo e Torre Espada, presidente da meza do desembargo do paço e da da consciencia e ordens, no Rio de Janeiro, onde morreu sem deixar filhos.

Herdou a casa e os titulos, seu irmão José, 1.º conde da Redinha, que ficou sendo 3.º conde de Oeiras e 3.º marquez do Pombal, commendador da ordem de S. Thiago, e cor-reio da *primeira plana*, da côrte: nascido no 1.º de abril de 1753, e fallecido no 1.º de janeiro de 1821.

Sua mulher, depois de viuva, succedeu a sua tia, D. Luçia de Menezes, da casa de S. Thiago, no morgado que instituiu o immortal Affonso de Albuquerque; e a sua prima, a ultima marquez de Minas, nos morgados d'esta casa.

D. Francisca de Paula do Populo de Lorena, viuva do 1.º conde da Redinha, tinha nascido a 28 de novembro de 1754, e falleceu a 12 de setembro de 1837. Era primeira filha legitimada de Nuno Gaspar de Lo-

¹ Este filho do marquez do Pombal, casou em 24 de setembro de 1776, com D. Francisca de Paula do Populo de Lorena, sobrinha do marquez de Távora; de maneira que os actuaes descendentes do 1.º marquez do Pombal, procedem do perseguidor e da victima!

rena, e de sua segunda mulher, D. Maria Ignacia da Silveira, filha de D. Bernardo José de Lorena e Silveira, 5.º conde de Sarzedas.

Foram filhos do 1.º conde da Redinha, e da referida sua mulher :

1.º — *Sebastião José de Carvalho e Mello Daun e Lorena*, 4.º conde de Oeiras, e 4.º marquez do Pombal.

2.º — *D. Maria Leonor Ernestina*, condessa de Rio Maior.

3.º — *D. Joanna Carolina*.

4.º — *Nuno Gaspar de Carvalho Daun e Lorena*, 3.º conde da Redinha, par do reino (em 1826) commendador da ordem de S. Thiago. Succedeu a seu pae, no condado e morgado que lhe anda annexo, no 1.º de janeiro de 1821. Tinha nascido a 15 de janeiro de 1795. Casou a 30 de agosto de 1815, com D. Maria Victoria de Sampaio, filha dos 1.ºs marquezes de Sampaio, nascida a 28 de março de 1798, e fallecida a 5 de julho de 1837.

D'este matrimonio houve seis filhos.

1.º — *Manuel Maria da Luz de Carvalho Daun e Lorena*, que foi 4.º conde da Redinha, e alferes de cavallaria. Nasceu a 20 de novembro de 1818, e falleceu a 29 de agosto de 1837, sem filhos.¹

2.º — *D. Maria Ignez da Luz Carvalho Daun e Lorena*, nascida a 17 de fevereiro de 1821.²

¹ Morreu na batalha do Chão da Feira (aldeia da Extremadura, proximo á villa da Batalha) servindo ás ordens do marechal Saldanha, contra o general, conde do Bomfim, chefe das tropas setembristas, na guerra chamada *dos marechaes*.

² Esta senhora, casou, em primeiras nupcias, com o doutor Antonio de Brito e Castro de Figueiredo Mello e Costa, de Coimbra. Foi uma das victimas dos ferozes estudantes que assassinaram e roubaram os lençóis e conegos; no Cartaxinho, em 18 de março de 1828.

O doutor Mello e Costa só deixou de ser ferido, quando o julgaram morto; mas só estava gravissimamente ferido, e assim escapou. Esteve mezes em perigo de vida, e sarou, ficando todavia aleijado de um quadril. D'este casamento houve varios filhos, que morreram pequenos, e a sr.ª D. Maria Manuela de Brito, nascida a 9 de março de

3.º — O sr. *Antonio Maria da Luz de Carvalho Daun e Lorena*, nascido a 11 de julho de 1822, e casado, a 12 de maio de 1843, com a sr.ª D. Maria Joanna Curvo Semedo Delgado da Silva.¹

Este cavalheiro é o senhor e representante da casa dos condes da Redinha; mas, como pertence ao partido legitimista, não tem querido acceitar o titulo, nem a commenda de S. Thiago, dos governos liberaes. É por nascimento, o 5.º conde da Redinha.

4.º — O sr. *Francisco Maria da Luz de Carvalho Daun e Lorena*, nascido a 14 de setembro de 1823.

Casou com sua prima co-irman, a sr.ª D. Maria Magdalena de Noronha, nascida a 10 de junho de 1819, e filha de D. José Maria Carlos de Noronha de Castilho Barreto, senhor de varios vinculos, e de sua tia materna (da sr.ª D. Maria Magdalena) a sr. D. Maria Ignez de Sampaio Mello e Castro. Ha duas filhas d'este matrimonio, a sr.ª D. Maria do Sacramento de Carvalho Daun e Lorena, nascida a 11 de janeiro de 1855; e a sr.ª D. Maria Victoria de Carvalho Daun e Lorena, nascida a 8 de março de 1858.

Tiveram tambem um menino, chamado Nuno, que morreu de poucos dias.

5.º — A sr.ª *D. Maria Francisca da Luz*

1845, e que está casada com seu tio paterno, o sr. Luiz Maria, filho mais novo dos terceiros condes da Redinha.

A sr.ª D. Maria Ignez, depois de viuva do doutor Mello e Costa, casou com o sr. D. Salvador Manuel de Vilhena, representante da nobilissima casa vincular dos senhores de Pancas, e condes d'Alpedrinha, commendador da ordem de Christo, nascido a 26 de maio de 1830. É formado em direito, pela universidade de Coimbra, e, seguindo a vida da magistratura judicial, é actualmente juiz de direito da comarca de Reguengos, no Alemtejo, onde reside.

¹ É filha do desembargador da casa da Supplicação, o doutor Antonio Delgado da Silva, cavalheiro da ordem de Christo, e de sua mulher, a sr.ª D. Maria Amalia Ludovice Curvo Semedo, e nascida a 12 de maio de 1826.

Não ha filhos d'este matrimonio.

Carvalho Daun e Lorena, nascida a 20 de novembro de 1824.

Esta senhora falleceu a 21 de setembro de 1847. Havia casado a 17 de junho de 1844, com seu primo co irmão (tambem já fallecido) Manuel Antonio de Sampaio Mello e Castro Albuquerque Mendonça Furtado Moniz e Torres de Lusignan, feito conde de Sampaio, no 1.º de dezembro de 1834, e marquez do mesmo titulo, em 17 de fevereiro de 1866.

D'este casamento houve dois filhos, o sr. Antonio Pedro de Sampaio Mello e Castro Albuquerque Mendonça Furtado Moniz e Torres de Lusignan, nascido a 29 de junho de 1845, e é o actual conde de Sampaio—e Nuno de Sampaio, etc., que falleceu de poucos dias.

6.º—O sr. *Luiz Maria da Luz de Carvalho Daun e Lorena*, nascido a 9 de maio de 1828.

Este senhor é o que (como já disse) está casado com sua sobrinha, a sr.ª D. Maria Manuela de Brito, filha de sua irman, a sr.ª D. Maria Ignez, e do doutor Mello e Costa.

Esta esclarecida familia, reside parte do anno em Lisboa, e o resto, na sua deliciosa quinta da *Portella*, junto á nova ponte do mesmo nome, sobre o Mondego, proximo a Coimbra. (Vide vol. 7.º, pag. 250, col. 1.ª, no fim, e seguinte).

D'este casamento ainda não ha filhos.

Alem dos seis filhos já mencionados, dos terceiros condes da Redinha, ainda houve mais tres — *José* (que era o primogenito), *Sebastião* e *João*. O ultimo falleceu de 3 annos, e os outros dois, apenas viveram poucos dias.

O titulo de conde da Redinha, é hoje meramente honorario, pois que os condes nada possuem actualmente na villa do seu titulo. Quem ainda alli tem bastantes propriedades e rendas, são os srs. marquezes do Pom-
bal.

O actual sr. conde da Redinha o que possui é o seu vinculo dos Olivaes, que é a quinta de *Montalvão*, a qual fica descripta no 6.º vol., pag. 248, col. 2.ª.

Massena, não se atrevendo a atacar as linhas de Torres Vedras, retira sobre o Pom-
bal, mas os alliados o seguem e perseguem no Pom-
bal, na Redinha, na Foz d'Arouce, e no Sabugal, obrigando os francezes a passarem o Côa, e entrar em Hespanha, a 4 de abril de 1811. O combate da Redinha, em que os nossos ficaram victoriosos, como em toda a parte, teve logar a 12 de março do dito anno de 1811.

Em 6 de janeiro de 1877, choveu tão copiosamente por estes sitios, que transformou os campos em vastas lagoas. Na villa do Pom-
bal, arrastou ou desmantelou muitos muros, e na rua da Corredoura, da mesma villa, a agua rebentava por quasi todas as casas, convertendo-as em tanques. A cheia, arrastava na sua corrente impetuosa, arvores, cabanas, utensilios caseiros e varios animaes.

Na Redinha causou este temporal alguns contos de réis de prejuizo. As aguas inundaram varias casas, entrando tambem em um celleiro, d'onde levaram todos os cereaes e legumes que continha. A estrada d'esta villa para a do Lourical, ficou em muitas partes intransitavel; e em varias localidades das visinhanças, cahiram muitas casas (que na maior parte, são construidas de barro), ficando seus habitantes reduzidos á miseria e sem abrigo.

Sepultura de Herodes

Ha duvidas sobre a localidade em que foi assassinado Herodes. Pretendem alguns que foi em Villa Velha do Rodam; porém segundo a opinião mais geralmente seguida, e a antiquissima e constante tradição, foi na cidade romana de Rhoda (e não na actual villa da Redinha, alegrem-se os seus moradores) que o regente da Baixa Galiléa, Herodes Antipa, veio terminar seus dias torpemente.

A semelhança dos antigos nomes de *Rodim* e *Rhoda*, é que deram causa á duvida; porque nem os da Redinha, nem os de Villa Velha querem a honra da tal façanha.

Frei Bernardo de Brito (*Monarchia Lusit-*

tana, 2.^a parte, cap. 3.^o) diz que os rhodenses mataram á pedrada pelos annos 60 de Jesus Christo, o *rei* Herodes, em desforra de ter mandado degolar S. João Baptista.

Herodes Antipa II, que os historiadores intitulam rei de Jerusalem, mas que, da sentença que adiante se lê, consta que era *regente* da Baixa Galilea, foi filho de Herodes Antipa I, que tinha o mesmo emprego, pelo imperador Augusto, e que foi o que degolou os innocentes.

Herodes II, foi o que desprezou Jesus Christo, quando lhe foi remetido por Poncio Pilatos, e o que mandou degolar S. João Baptista, por exigência de sua filha Herodias.

Era este malvado, assassino, ladrão, adúltero e incestuoso, e tão dado aos prazeres mundanos, que, por um baile, prometteu, com juramento, metade do reino de Jerusalem.

Pouco depois da Paixão de Jesus Christo, accusado por seu irmão Agripa, foi destituido pelo imperador Cayo Caligula, e desterrado para a cidade de Leão (França) com sua mulher e filha, ambas cognominadas Herodias.

De França, fugiu para Hespanha.

Dizem uns, que elle morreu miseravelmente em Lerida (Catalunha) e outros dizem que, vagueando de terra em terra, veio ter á Lusitania, e chegando a uma povoação chamada Rhoda (outros dizem Rodium, e aqui é que está a duvida) e alli, sendo conhecido, foi morto ás pedradas, pelo povo, arrastando-o depois para uma caverna que estava (e ainda está) á beira do rio, onde o arremecaram, cobrindo-lhe o corpo com pedras.

O que é certo, é que, tanto em Villa Velha de Rodam, como na Redinha, se mostra uma caverna onde se diz que Herodes fôra precipitado.

Em Villa Velha, esta caverna fica na margem do Tejo, e a da Redinha, é na margem do Anços.

Tambem segundo a tradição, Herodias, filha de Herodes, querendo passar a vau o rio *Sicres* (hoje chamado *Segre*, em Leri-

da) ¹ fiada em que, por ser inverno, e estar o rio muito gelado, poderia passar sobre elle, se quebrou o gelo sob os seus pés, e ella foi ao fundo, ficando só com a cabeça de fóra, tanto perneou, para sahir, que morreu degolada pelo gelo.

De tudo isto, o que é authentico é que Herodes fugiu com a sua familia, da cidade de Lyão, França, e atravessando os Pyreneus, vieram acabar os seus dias miseravelmente na Peninsula hispanica.

Tendo fallado de Herodes, julgo a proposito transcrever aqui a sentença pronunciada contra Jesus Christo.

Foi extrahida de uma cópia, escripta em pergaminho, e encontrada na cidade de Aquila (reino de Napoles) em 1580.

É a seguinte:

No anno XIX de Tiberio Cesar, imperador romano, de todo o mundo, monarcha invencivel, na Olympiada CXXI, e Illiada XXIV, e na creação do mundo, segundo o numero e compartimento dos hebreus, quatro vezes mil cento e oitenta e sete, e da progenie do romano imperio, o anno LXXIII, e da libertação da servidão de Babylonia, o anno MCCVII, sendo governador da Judéa, Quinto Servio, sob o regimen e governo da cidade de Jerusalem, presidente gratissimo, Poncio Pilatos, regente da baixa Galiléa, Herodes Antipa; pontífice do summo sacerdocio, Caifaz, Alis Almael Magni do templo; Rohan Anchabel, Fanchino Centaurio, consules romanos, e da cidade Jerusalem Quinto Cornelio Sublime e Sexto Pompilio Rusto; no mez de Março, no dia 25 d'elle.

Eu Poncio Pilatos, aqui presidente do imperio romano, dentro do palacio da archiresidencia, julgo, condemnado e sentenciado a morte, a Jesus, chamado da plebe, Christo Nazareno, e de patria galileo, homem sedicioso da lei de Moyses, contrario ao grande imperador Tiberio Cesar. Determino e pronuncio por esta, que a sua morte seja em

¹ Outros dizem que, temendo, com razão, ter a mesma affrontosa morte de seu pae, conseguiu fugir até perto de Leiria (sempre os nomes parecidos a causarem duvidas) e morreu no rio Liz.

cruz, fixado com cravos á usança dos réos, porque aqui, empregando e juntando muitos homens ricos e pobres, não cessou de promover tumultos em toda a Judêa, fingindo-se filho de Deus, rei de Israel, ameaçando-os com a ruína de Jerusalem e do sacro templo, negando o tributo a Cesar, tendo ainda o atrevimento de entrar com ramos e em triumpho, e com parte da plebe, dentro da cidade de Jerusalem, e no sacro templo.

E mando que se leve pela cidade de Jerusalem a Jesus Christo ligado e açoutado, e que seja vestido de purpura e coroado de alguns espinhos, com a propria cruz nos hombros, para que seja exemplo a todos os malfieitores; e com elle quero que sejam levados dois ladrões homicidas; e sairão pela porta Jayarda, agora Antoniana, e que se leve Jesus ao publico Monte da Justiça, chamado Calvario, onde elle crucificado e morto, fique o corpo na cruz, como espectáculo a todos os malvados, e que sobre a cruz seja posto o titulo em tres linguas: hebraica, grega e latina (Jesus Nazarenus Rex Judæorum).

Mando outro sim que nenhum de qualquer estado ou qualidade se atreva temerariamente a impedir a tal justiça por mim ordenada, administrada e executada com todo o rigor; segundo os decretos e leis romanas e hebreas, sob pena de rebellião ao imperio romano.

Testemunhas da nossa sentença. Pelas doze tribus de Israel: Rabbaim Daniel, Rabbaim Joannim, Bonicar, Barbarsu, Ladi Petuculai.—Pelos phariseus: Bulia, Simeão, Ronol, Rabbani Mondrani, Boncurfossi.—Pelos hebreus: Nitamberra.—Pelo imperio e presidente de Roma: Lucio Sextilio, Amassio Chilio.

REDONDÊLLO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 70 kilometros ao N.E. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 185 fogos.

Em 1757, tinha 125 fogos.

Orago, S. Vicente, martyr.

Arcebispo de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A mitra apresentava o vigario, collado, que tinha 100\$000 réis de rendimento.

O seu clima é excessivo, mas saudavel. Produz poucos cereaes e fructas, mas é abundante de gado e caça.

REDONDO—villa, Alemtejo, cabeça de concelho e de comarca (foi sempre capital de concelho, mas da comarca de Evora, e depois da de Monsaraz) 33 kilometros ao N.E. de Evora, 18 ao S. de Villa Viçosa, 150 ao S.E. de Lisboa, 850 fogos.

Em 1757, tinha 698 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Annunciação.

Arcebispo e districto administrativo de Evora

O papa e a mitra, apresentavam alternativamente o prior, que tinha 200\$000 réis de rendimento, além do pé d'altar.

Tem uma bôa feira a 4 de outubro de cada anno.

O concelho do Redondo é composto de sete freguezias, todas no arcebispo de Evora—são:

Adaval (ou Andaval), Freixo, Monte-Virgem, Montouto, Redondo, Santa Suzana, e Zambujal; todas com 1:650 fogos.

A comarca é composta de trez concelhos:

Alandroal, com 1:400 fogos.

Redondo, com 1:650 fogos.

Reguengos, com 1:950 fogos.

Total, 5:000 fogos.

A villa do Redondo está situada em uma planicie, junto á serra d'Ossa, e diz-se que o nome lhe proveio de um grande rochedo *redondo* (talvez alguma anta) que existio onde hoje se vê a igreja da Misericordia, e o seu hospital.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas do nosso clima; cria muito gado de toda a qualidade e é abundante de caça.

É povoação antiquissima, como adiante veremos.

D. Affonso III lhe deu foral, em 1250, mas Franklim não traz este foral.

D. Diaiz I lhe deu outro foral, em Santarem, a 27 de abril de 1318 (*Livro 3.º de doações de D. Diniz*, fl. 118 v., col. 1.ª).

O rei D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de outubro de 1516 (*Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 101, col. 2.ª)

Tinha um antiquissimo castello, cuja construcção se attribue aos romanos.

O rei D. Diniz o mandou reedificar, em 1312; mas está em ruínas.

No outeiro de S. Gens (serra d'Ossa) termo d'esta villa, existem os restos da *torre de vigia*, ou almenara, onde o famoso Viriato, herminio; e, depois d'elle, Sertorio, tinham as suas esculcas, para darem signal da aproximação dos romanos.

Tem um soffrivel theatro.

A plantação de vinhas, tem tido um extraordinario desenvolvimento, desde 1675 para cá, tendo-se plantado muitos milheiros de bacellos.

Os srs. Antonio Ruy Gomes, Francisco Augusto Ferreira, e José Geraldo Gomes, são os lavradores que mais alli se tem distinguido n'esta cultura.

A villa se tem tambem enriquecido com muitos melhoramentos, quasi todos devidos aos seus habitantes, porque são laboriosos, applicados, pacificos e emprehendedores.

Honra lhes seja.

N'este concelho ha minas de cobre.

Em abril de 1877, a sr.^a D. Amelia d'Almeida Matta, espoza do sr. Ignacio Maria do Monte, deu á luz quatro meninos, vivos, que foram baptisados.

No termo do Redondo, do lado do O., entre esta villa e a de Estremoz, e quasi a igual distancia de qualquer d'estas villas, está um cabeça, que antigamente se chamou *Monte do Trigo*, e que hoje se chama *Monte Virgem*, ou *Monte da Virgem*, por aqui se achar uma imagem da S.S. Virgem, em uma lamina de pedra, em relevo, contendo a adoração dos reis magos.

O povo lhe construiu logo alli uma ermida, e desde então o Monte do Trigo se ficou chamando Monte da Virgem.

Com esmolas e offertas á Senhora, se ampliou o templo, que se transformou em uma boa igreja, que os arcebispos d'Evora elevaram a matriz.

A primeira visita que n'ella se fez, foi em 1569. no tempo do arcebispo D. João de Mello.

Não se sabe em que anno foi construida

a primitiva ermida; mas com certeza foi antes do reinado de D. João II (1481-1494) porque no pavimento se vê uma campã que diz—AQUI JAZ JOÃO GODINHO, HOMEM HONRADO D'EL-REI DOM JOÃO II.

A principal festa da Senhora, é no dia 6 de janeiro (Epiphania).

Os de Estremoz tambem aqui vinham fazer uma grande festa á Senhora, na dominica infra oitava da Natividade.

Fóra da villa do Redondo, mas a pouca distancia, está uma formosa igreja, construida no fim do seculo xvii, e dedicada a Nossa Senhora da Saude.

Segundo a tradição, a origem d'este templo é a seguinte:

Havia na villa um clérigo, chamado Manoel Simões, natural do termo d'Evora, e parochio do Redondo, que, hindo a Roma, trouxe de lá uma imagem da S.S. Virgem, de grande perfeição, e a tinha em sua casa, com o maior respeito.

Por morte do padre, o povo levou a imagem da Senhora para a ermida de S. Sebastião, que tambem fica fóra da villa, e aqui esteve até ao anno de 1658, em que se lhe construiu casa propria, que é uma vasta e bella igreja, para onde a santa imagem foi mudada em procissão, com grande magnificência, havendo por essa occasião uma grande festa.

Ha aqui algumas boas fabricas de panos.

Tinha um mosteiro de frades capuchos, da provincia da Piedade.

Disse que esta povoação era antiquissima, e é.

■ Já vimos[que existia no tempo dos romanos,] pois[que] o grande Viriato, o beirão, aqui fez o seu quartel general, provavelmente no castello, e que tinha a sua almenára no monte de São Gens.

Depois da sua morte, tambem aqui habitou o famoso Sertorio; mas isto ainda não é a prova da sua remota antiguidade, porém a existencia de monumentos megalithicos que se tem encontrado nas suas proximidades.

(Para evitarmos repetições, veja-se o final do artigo *Quinta dos Gascos*, n'este volume.)

Vê-se pois que os povos pre-celtas já habitavam estas paragens, muitos seculos antes do nascimento de Jesus Christo, deixando bastos vestigios da sua permamencia n'estes logares.

Condes do Redondo

Os condes do Redondo, os marqueses de Minas, e os marqueses de Bórba, são da mesma familia.

O 1.º conde do Redondo, foi D. Vasco Coutinho (que já era conde de Borba) feito por D. João II, em 16 de março de 1486.

O 1.º marquez de Minas, foi D. Francisco de Souza, por Philippe III, em 2 de janeiro de 1608.

Em 15 de janeiro de 1842, foi feito marquez do mesmo titulo, D. Braz da Silveira.

Em 4 de janeiro de 1869, teve este titulo, D. Pedro da Silveira e Lorena. E, finalmente, em novembro de 1876, foi feito marquez de Minas, o sr. D. Alexandre da Silveira e Lorena.

Os condes de Borba e do Redondo, passaram a ter o titulo de marqueses de Borba, em 15 de dezembro de 1811.

O segundo marquez de Borba, foi Fernando Maria de Souza Coutinho Castello-Branco e Menezes, 14.º conde de Redondo, 12.º senhor de Gouveia de Riba Tamega (perto da villa de Amarante) ¹, védor da casa real, par do reino, em 1826, grão cruz das ordens de S. Thiago e da Conceição, commendador da de Christo, tenente coronel de cavallaria, um dos governadores do reino, e presidente do real erario, em 1810.

Succedeu a seu pae, em 13 de outubro de 1813.

Tinha nascido a 25 de outubro de 1776, e morreu a 5 de março de 1834.

Tinha casado a 15 de maio de 1795, com

¹ Os condes do Redondo, eram senhores de Gouveia de Riba-Tamega, desde 18 de agosto de 1473, por mercê de D. Affonso V.

D. Eugenia Manuel, dama da rainha D. Maria I, e das ordens de Santa Isabel e de S. João de Jerusalem, e era 1.ª filha dos 3.ºs marqueses de Tancos.

D'este casamento nasceram nove filhos:

1.º, *José Luiz Gonzaga de Sousa Coutinho Castello-Branco e Menezes*, 15.º conde do Redondo, 13.º senhor de Gouveia, védor da casa real, e alferes de cavallaria.

Succedeu a seu pae, no condado, a 5 de março de 1834.

Tinha nascido a 14 de outubro de 1797, e casado a 30 de maio de 1819, com D. Maria Luiza José da Costa, dama da ordem de S. João de Jerusalem, que tinha nascido a 26 d'agosto de 1800.

Era filha dos 6.ºs condes de Soure.

D'este casamento nasceram a sr.ª D. Marianna Luiza, a 18 de maio de 1821, e o sr. Fernando Luiz de Souza Coutinho Castello-Branco e Menezes, a 10 de julho de 1835, e é o actual representante d'esta nobilissima familia; porque seu pae falleceu em 1863.

2.º, *Antonio de Souza Coutinho*, que foi conde-barão d'Alvito.

3.º, *João Luiz de Souza Coutinho Castello-Branco*, cavalleiro da ordem de S. João de Jerusalem, nascido em 23 de junho de 1804, e fallecido no seu palacio de Santa Martha (Lisboa) a 2 de junho de 1867.

O *Diario Pópular* (de Lisboa) de 4 de junho de 1867, publicou o seguinte necrologio:

«Na madrugada de domingo 2 do corrente, pelas 3 horas e meia, falleceu o ex.º sr. João Luiz de Souza Coutinho Castello Branco, terceiro filho dos ex.ºs marqueses de Borba, no palacio d'esta nobre familia, no largo de Santa Martha.

O fallecido havia nascido no dia 23 de junho do anno de 1801: foi um perfeito modelo das virtudes civicas, e religiosas de seus illustres antepassados, a cuja memoria soube prestar o maior respeito.

Seguiu o partido legitimista, sendo um dos honrados membros d'elle, respeitando todavia as opiniões adversas.

Soffreu, como bom christão que era, com a maior resignação a prolongada doença a que succumbiu, recebendo com grande pie-

dade e devoção os ultimos soccorros espirituaes, que já por mais de uma vez, durante a sua enfermidade, havia recebido.

Viveu christãmente, e assim morreu, repetindo elle mesmo com o venerando sacerdote, que o ajudava a passar a hora extrema, os respectivos Psalmos, e orações da agonia, entregando placida e tranquillamente a sua alma ao Creador.

Acompanhamos a nobre familia do fallecido na sua dôr e saudade, e rogando a Deus que se compadeça de sua alma, e prostrando-nos todos ante a Cruz da Redempção, digamos alli o *Requiem æternam dona eis Domine, Et lux perpetua luceat ei.*

4.º, *D. Margarida*, condessa da Atalaia, nascida a 11 de janeiro de 1804.

5.º, *Duarte*, cavalleiro da ordem de S. João de Jerusalem; nascido a 17 de agosto de 1808 e fallecido em Santarem, a 20 de abril de 1834.

6.º, *Manuel*, cavalleiro da ordem de S. João de Jerusalem; nascido a 25 de agosto de 1809.

7.º, *D. Francisca*, condessa da Lapa, nascida a 5 de abril de 1814.

8.º, *D. Maria Francisca*, condessa de Pombeiro (mãe do actual marquez de Bellas) nascida no 1.º d'abril de 1815.

9.º, *D. Maria de Jesus*, nascida a 27 de março de 1820. —

As armas d'estes titulares, são:

Escudo espartilhado, no 1.º e 4.º, as quas de Portugal, e no 2.º e 3.º as armas de Lyão. Timbre, um leão d'ouro.

Membros mais notaveis d'esta familia

D. Vasco Coutinho, conde de Borba, e 1.º conde do Redondo.

Foi capitão d'Arzilla (Africa) e um dos cavalleiros que mais se distinguiram, pelo seu valor e intelligencia, nas guerras contra os turcos.

D. João Coutinho, 2.º conde do Redondo, filho de D. Vasco Coutinho e de D. Catharina da Silva, foi um cavalleiro de estremo valor, de grande intelligencia, de uma bella figura, e agradavel tracto.

Foi muitos annos capitão d'Arzilla, em cujo governo succedêra a seu pae.

Defendeu aquella praça de todo o poder do rei de Fez, com inextinguivel bravura, e ainda hia provocar os mouros aos seus proprios acampamentos, ficando sempre victorioso, e tornando-se o terror dos inimigos das armas portuguezas.

Referindo-se a este heroe, disse o imperador Carlos V ao infante D. Luiz, duque de Beja, e filho do nosso rei D. Manuel.

«Quien tuviera aqui aora el conde de Redondo, con sus duzientos africanos!» tantos eram os portuguezes com que D. João Coutinho havia conseguido tantas e tão assignaladas victorias.

Sahindo da praça d'Arzilla, com 140 lancas, em 18 de junho de 1514, encontrou na serra do Farrobo (serra do Carneiro) uma grande partida de mouros, sendo 800 de cavallo, e muitos mais a pé, commandados pelo seu famoso alcaide *Loroç*.

Não se atterrou o magnanimo D. João Coutinho, com a desproporção do numero, dizendo aos portuguezes—«São Jorge, e a elles!»

Foi profiada e mortifera a peleja, mas os mouros tiveram de fugir, derrotados, deixando no campo 200 mortos, em cujo numero entraram muitos mouros dos principaes, com 41 captivos, entre elles o alcaide de Alcacer-Quibir, o adail de Molei-Nacer, dois Xeqes¹ e outros nobres mouros.

¹ Xéque (*Xeche*) palavra arabe, é titulo de honra.

Significa homem de provecta idade, ancião de probidade, conselho, auctoridade, etc.

Entre os arabes do campo e os mouros da India, os xeqes são governadores do territorio que comprehende uma tribu, cabilda, ou familia.

Entre os persas, dá-se ao imperador o nome de Xequé, que elles pronunciam *Xá* (*Schah*.)

Entre os godos ou saxonios, chamavam *Alderman*, ao mesmo a que os arabes dão o nome de xequé. (Os inglezes ainda usam este termo com a mesma significação.)

Xequé, corresponde ao latino *senator*, e ao portuguez, italiano, francez e hespanhol —*senhor*.

Ha tambem quem diga que *sir* (que os inglezes pronunciam *sar*) é corrupção de xequé, que no arabe moderno se pronuncia *xaque*; e é d'aqui que julgo vir *schah*.

Dos portuguezes poucos morreram, recolhendo á praça com valiosos despojos, incluindo 93 optimos cavallos, ricamente ajaezados.

Ao seu estremado valor, juntava a generosidade e bizzarria de um verdadeiro fidalgo portuguez; basta para prova o exemplo seguinte:

Tinha captivo em Arzilla, como já disse, o nobre e velho alcaide d'Alcacer-Quibir, pae de uma formozissima menina.

Um joven e rico serraceno, pretendia casar com ella, e obteve em resposta que só casaria com elle, se conseguisse a liberdade do pae.

O mouro, monta um formoso cavallo, e dirigindo-se a Arzilla, lança-se aos pés do conde e, depois de declarar o amor que tinha á donzella, e a condição que elle propunha ao seu casamento, lhe disse:

«Sou tão nobre, como o alcaide que conservaes prisioneiro: elle é velho e pouco póde combater. Eu sou moço e não careço de robustez nem de coragem, pelo que as armas portuguezas pouco tem a receiar de um ancião, o que não acontece a meu respeito: pois bem, eu me declaro vosso captivo, e dae a liberdade ao pae d'aquella que amo mais do que a propria vida e a liberdade.»

D. João Coutinho ficou maravilhado de uma acção tão briosa, e de um affecto tão raro; e summamente enternecido respondeu ao mouro:

«Mancebo, o acto de dedicação e abnegação que praticaes, é proprio de um bizarro cavalleiro, e não se dirá que um capitão do rei de Portugal vos fica inferior em generosidade. Eu vos mando entregar o captivo, sem condições; levae-o e sede felizes.»

Mandou logo soltar o alcaide, deu-lhe um optimo cavallo, muitos e valiosos presentes, e acompanhou os mouros até fóra dos muros da praça.

No dia 1.º d'abril de 1520, se deu um facto nos arredores de Arzilla, que deu muito que rir, e foi divulgado em todas as nossas possessões da Africa, e em Portugal, em proza e verso, pelos litteratos do tempo.

Adoecera na praça um nobre cavalleiro, geralmente estimado por suas boas partes.

A molestia degenerára em pulmonar, e os medicos lhe receitaram caldo de kágados.

Resolveram-se 20 cavalleiros portuguezes, quasi todos nobres, a hir á pesca dos kágados, a uma ribeira que ficava a pouca distancia da praça.

Sahiram pois no dia referido, e, vindo o campo livre de mouros, marcharam descuidosamente para o rio.

Deixaram os cavallos a pastar em liberdade, e despindo-se, se deitaram á agua, uns a pescar os kágados, outros a banharem-se.

Quando mais entretidos andavam com o divertimento, veem-se cercados inopinadamente por um numeroso esquadrão de cavalleiros mouros, do exercito do rei de Fez.

Os christãos assim sorprendidos, apenas tiveram tempo de empunhar as lanças e montar a cavallo, nus como estavam, mas, com tal bravura se defenderam, que todos poderam recolher-se á praça, sem perda de um unico; deixando apenas por despojos da batalha, os seus vestidos, armas e escudos.

Quando esta cavalgada entrou em Arzilla, no *costume* de Adão e Eva, muito se riram todos, e o bravo capitão não foi o que menos graça lhes achou; e os mandou logo vestir á custa da fazenda, e lhe fez outras muitas mercês; ficando memoravel e muito celebrado este successo, entre mouros e christãos.

Depois de ter prestado relevantissimos serviços á religião e á patria, e achando-se doente por causa do clima africano, D. João Coutinho deu o governo da praça, a seu filho, D. Francisco Coutinho, que foi 3.º conde do Redondo, e regressou a Lisboa, onde foi geralmente estimado e respeitado pelo rei e pela côrte, sendo nomeado ministro e conselheiro d'estado.

Falleceu este benemerito portuguez, no dia 11 d'abril de 1542, com geral sentimento da nação, e particularmente de D. João III, que muito o estimava.

D. Francisco Coutinho, 3.º conde do Re-

dondo, digno filho de tal pae, e tão bravo guerreiro nos campos de batalha, da Europa, Africa e Asia, como prudente e integerrimo magistrado, apesar do seu genio folgazão e engraçadissimo.

Estimava os homens de talento e os corajosos, qualquer que fosse a classe a que pertencessem, e por isso era geralmente bem quisto.

D. João III o fez vice-rei da India, e foi o segundo n'aquelle governo, que tomou da mão do grande D. Constantino de Bragança.

Conseguiu illustres victorias no Estreito, no Malabar e na ilha do Ceylão.

Celebrou pazes com o Çamorim, e fez outros muitos e valiosos serviços a Portugal e á India portugueza.

Estando um domingo de quaresma a ouvir missa na Sé de Gôa, prégou um frade franciscano, versando o sermão sobre as muitas injustiças que se praticavam na India.

Na semana seguinte, foram dois frades da mesma ordem do prégador, levar-lhe uma petição, requerendo uma cousa manifestamente injusta.

D. Francisco Coutinho poz por despacho —*Haja vista o padre pregador de domingo, e junta ao sermão, volte para defferir como fôr de justiça.*

Ordenando-lhe a rainha regente, D. Catharina, que não desse soldo aos soldados que hiam de novo para a India, senão passados seis mezes, respondeu:

«Esqueceu a Vossa Alteza declarar o que lhes farei se os achar furtando, porque—se dizem a Vossa Alteza, que d'estes se fazem cá homens, eu accrescento, que d'estes homens, sendo mal pagos, se fazem cá ladrões.»

Muitissimos ditos de infinita graça se contam d'este fidalgo, os quaes não menciono, por não enfadar mais o leitor.

Estando o conde do Redondo quasi no fim do trienio do seu vice-reinado, falleceu em Gôa, a 28 de fevereiro de 1564.

D. João de Souza, da casa dos senhores de Gouveia de Riba-Tamega, filho do 1.º conde do Redondo, e sobrinho do grande arce-

bispo d'Evora, D. Diogo de Souza, da mesma familia, bispo do Porto, arcebispo de Braga, e, por fim, 20.º e ultimo arcebispo de Lisboa.

Nasceu em Lisboa, no anno de 1647, e falleceu na mesma cidade, a 29 de setembro de 1710. ¹

Para evitarmos repetições, vide 4.º vol., pag. 275, col. 2.ª

No 3.º vol. do *Anno Historico*, a pag. 107, vem uma extensa biographia d'este insigne prelado; mas diz que elle falleceu a 23 de janeiro de 1710.

Não pude saber qual d'estas duas datas é a verdadeira.

Ha mais noticias sobre os condes do Redondo, no 6.º vol., pag. 595, col. 1.ª

O actual representante d'esta esclarecida familia e dos marquezes de Borba, é o sr. D. Fernando Luiz de Souza, filho dos ultimos condes do Redondo, e que não tem querido acceitar o titulo, do governo liberal.

Este cavalheiro tem uma boa propriedade no termo de Bellas, chamada *quinta do Bom Jardim*, onde reside habitualmente apesar de ter o seu palacio de Santha Martha, um dos mais vastos e mais bem construidos de Lisboa.

É tão solida a sua fábrica, que o grande cataclismo do 1.º de novembro de 1755 não lhe causou o minimo prejuizo.

Contiguo ao palacio, tem uma extensa quinta, a maior de Lisboa.

Todos sabem que a nossa academia *das bellas artes*, está no velho e acanhado edificio que foi mosteiro de São Francisco da Cidade.

Quadros e desenhos de grande merecimento, estão alli amontoados, em tão má disposição, por falta de salas, que alguns já estão podres, ou muito damnificados.

O sr. marquez de Souza Holstein, esclarecido secretario da academia, com outros cavalheiros, a quem dôe ver as nossas cousas

¹ Foi sepultado no cemiterio dos pobres, na Sé de Lisboa, sem epitaphio algum, como tinha ordenado.

em tal abandono, depois de muitas investigações, acharam que o palacio dos condes do Redondo estava nas melhores condições para n'elle se estabelecer a academia, tendo, de mais a mais, a necessaria amplitude para alli se guardarem as innumerables lapides romanas e outros objectos archeologicos, que se encontram com profusão por todo o paiz (como temos visto n'esta obra) e que alli estariam ao abrigo de profanações, e constituiriam um museu archeologico de grande valor, para as artes e sciencias.¹

Assim o decidiram os illustres engenheiros, os srs. marquez de Souza Holstein, Antonio Thomaz da Fonseca, José Antonio Gaspar, e Ricardo Julio Ferraz, commissiionados para examinares o palacio e quinta em questão.

A casa, que, como já disse, é vasta e de solidissima construcção, tem quasi todos os madeiramentos de optimas arvores do Brazil, e, com mui pouca despeza, se prestava para o fim projectado, por consistir na sua maxima parte, em vastos salões.

Junto ao palacio ha um jardim de 500 e tantos metros de comprido, por 200 de largo, ao nivel do pavimento nobre (a casa é de dois andares) onde facilmente se podiam edificar novas salas, á medida que fossem sendo necessarias.

A quinta, tem 18 hectares de extensão, isto é—CENTO E OITENTA MIL METROS QUADRADOS.

O governo não quiz dar por tudo isto

¹ Já temos um museu archeologico, estabelecido na egreja gothica do Carmo, devido á iniciativa e á dedicação do sr. conselheiro Joaquim Possidonio Narcezo da Silva, coadjuvado por alguns membros da real associação dos architectos civis e archeologos portuguezes (a cujo numero me honro de pertencer) e já alli se admiram muitos objectos de grande merecimento; mas, uma associação particular, sem outros rendimentos alem da insignificante mensalidade de 500 réis que dá cada socio, tarde e mal pôde attingir o grau de prosperidade de que é merecedor tão patriótico empreendimento, emquanto o governo de Portugal se conservar—como até agora—em total e reprehensivel indifferença, para com objecto de tanta valia.

mais de 80 contos de reis, apesar dos engenheiros mencionados o avaliarem em muito mais.

Estes exames e avaliações foram feitos em maio de 1876, e até hoje nada se decidiu! Pois o governo fazia uma bella aquisição, porque alem de ter um optimo edificio para a academia das bellas artes, e museu archeologico, podia abrir novas ruas na quinta, e fazer quasi o dinheiro da compra, vendendo terreno a particulares, para novas habitações, tão necessarias em Lisboa.

Na villa do Redondo nasceu, em 1812, o sr. João Anastacio Rosa (vulgarmente, *Rosa pae*) distincto pintor e optimo actor dramatico.

Seus paes o destinavam para o estado ecclesiastico; mas como não tinha vocação para padre, quizeram que elle fosse medico.

Em 1828, porém, apparecendo no Redondo um pintor hespanhol, e vendo a propensão que Rosa tinha para o desenho, lhe deu algumas lições, admirando-se dos rapidos progressos do discipulo.

Seus paes o mandaram então para Lisboa cursar a aula regia de desenho, que nesse tempo era no Thesouro Velho.

Vendo a aptidão do alumno, o engenheiro director (general Rapozo) o mandou para o palacio da Ajuda, para praticar com o insigne pintor, João da Cunha Taborda, director dos trabalhos artisticos d'aquelle palacio, no reinado do sr. D. Miguel I.

Alli estudou com aproveitamento, até que, em 24 de julho de 1833, entrando os liberaes em Lisboa, sa alistou em um dos *batalhões moveis*, então creados pelo governo do duque de Bragança.

Finda a guerra de 1834, e parando as obras do palacio da Ajuda, Rosa viveu do officio de pintor, tirando retratos a oleo, no que foi e ainda e, muito perito.

Quando o visconde de Almeida Garrett tentou restaurar o theatro nacional, organizando a companhia do theatro dos Condes, foi nomeado director Emilio Doux, o qual annunciou que dava lições de declamação, n'aquelle theatro.

Rosa foi dos primeiros a acudir ao chameamento, e aqui temos um optimo pintor transformado em um dos melhores artistas dramaticos (em todos os generos) dos nossos dias.

Seus filhos, Augusto, e João, seguem as pizadas de seu digno pae, e são tambem dos mais eximios actores da scena portugueza.

Os condes do Redondo apresentavam as justiças do concelho, e os moradores lhe pagavam 6\$300 réis de jugada, que eram 36 alqueires de cada moio que semeassem.

Tinham mais os oitavos do vinho e 50\$000 réis de portagem.

(Vide *Valladeira*.)

REDONDOS—freguezia, Douro, comarca, concelho e proximo da Figueira da Foz, 40 kilometros ao O. de Coimbra, 195 ao N. de Lisboa.

Em 1757, tinha 116 fogos.

Orago, a Vera Cruz.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 40\$000 réis e o pé d'altar.

O logar de Redondos tinha foro de villa, e era concelho que se denominava de *Buarcos e Redondos*, até 12 de março de 1771, em que foi creada a comarca de Figueira da Foz do Mondego.

Redondos fica junto a Buarcos, e está nas mesmas condições.

Vide *Buarcos e Figueira da Foz*.

REDRUFÉ—casa vincular de um ramo dos Magalhães (os Magalhães de Redrufe) em Cabeceiras de Basto, na provincia do Minho, arcebisado e districto administrativo de Braga.

É seu actual representante o sr. José Fallão de Magalhães.

REFECE ou **ARFECE** — portuguez antigo—vil, baixo, zote, cousa ou pessoa de mui pouca valia.

Tambem se chama *refece* á moeda baixa no metal e no valor.

REFENAS—portuguez antigo—refens.

REFEREDIÇO, REFEREDOR ou **REFER-**

TEIRO—portuguez antigo—o que se arrepende de ter dado alguma cousa.

O que *referta*, lançando em rosto o bem que fez.

REFERTÁ—portuguez antigo—porfia de palavras, contenda, disputa.

REFERTAR — portuguez antigo—disputar, impugnar, não querer, pôr demanda, contrariar, impedir.

REFERTEIRA — portuguez antigo —mulher desdenhosa, esquiva, etc.

REFERTEIRO—portuguez antigo—teimoso, pertinaz, que se não convence da razão.

REFERTO—portuguez antigo—embaraço, contenda, opposição, contradicção, etc.

REFERTORIO—portuguez antigo—refertório.

REFESTELLO—portuguez antigo—(ainda usado na Terra da Feira), festa, *musicata* de rapazes, descante, etc.

REFIÃO — portuguez antigo—rufião.—É curioso o *Cod. Alf.*, no Liv. 3.º, tit. 15, § 17 e 18.—Diz, em resumo: Refião é o que tem publicamente mancêba na mancebia, pera a emparar e defender, por o guainho elicito que d'ella leva.

Não gosava privilegio clerical, tanto na pessoa como nas suas cousas, o clérigo casado, que fôr—1.º, *carniceiro*, matando, esfolando, cortando, etc.—2.º, *taberneiro*—3.º, *refião*—4.º, *jogral* (o que tocava, por dinheiro, qualquer instrumento, sem ser em festas de egreja)—5.º, *tregeitador* (truão, bôbo, farcista, pantomineiro, etc.)—6.º, *goliardo* (o que come e bebe na taberna)—7.º, *bufam* (bufarinheiro.)

REFONTOURA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Lousada) 35 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757, tinha 156 fogos.

Orago, S. Cypriano.

Arcebisado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 500\$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil em todos os fructos do nosso clima, cria muito gado e é abundante de caça.

Era natural d'esta freguezia, D. Goldora Goldares de Refontoura, padroeira do mosteiro de Bustéllo, proximo a Penafiel.

D. Goldora teve de D. Gonçalo Mendes de Souza, a D. Elvira (outros dizem Marinha) que casou com Martim Pires d'Aguiar, e foram paes de Pedro Martins Alcoforado.

Foi por isto que os Alcoforados vieram a ser padroeiros do convento de Bustéllo.

REFOYOS, REFOIOS ou REFOJOS—freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, 40 kilometros ao N.E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 700 fogos.

Em 1757, tinha 414 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispaço e districto administrativo de Braga.

O D. abbade benedictino do mosteiro d'esta freguezia, apresentava o vigario, triennal (que era um monge do mesmo convento) e tinha 50\$000 réis de benesses.

É povoação muito antiga, e foi villa e conto, com a denominação de *Refoyos de Basto*.

Tem uma sentença de foral, dada pelo rei D. Diniz, em 14 de janeiro de 1307.

(*Gav. 15, maço 8, n.º 24.*)

El rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de outubro de 1513.

(*Liv. de foraes novos do Minho, fl. 49 v., col. 2.º*)

Fica esta freguezia situada perto da margem direita do Tâmega.

Tem festa e feira a 29 de setembro, dia do seu padroeiro. Dura trez dias.

Refoyos, é tambem um appellido nobre em Portugal, cuja familia procede de D. Mendo Affonso de Refoyos, tomado (o appellido) do senhorio da *Torre de Refoyos*, que é o seu solar, e teve numerosa descendencia.

Floresceu D. Mendo, no tempo de D. Affonso Henriques, e está sepultado na capella-mór da igreja do mosteiro de Refoyos do Lima.

Os Refoyos trazem por armas—em campo de prata, 4 coticas de púrpura, em palla. Timbre, duas pernas d'aguia, de ouro, em áspa, com uma das coticas nas garras, entre 4 plumas de púrpura.

(Vide *Refoyos do Lima*.)

É n'esta freguezia o sumptuoso mosteiro de monges benedictinos (cuja igreja serve de matriz da freguezia) fundado em 670, no reinado de Recesvindo, filho de Chindasvindo, por o rico-homem Hermigio Fafez.¹

Mediante o tributo imposto, existiu este convento, praticando-se n'elle o culto catholico, em todo o tempo da dominação árabe, chegando a ter então 67 religiosos.

Em 1403, sendo rei de Portugal D. Diniz, passou a abbades commendatarios.

Pelos annos de 1525, D. João III o deu a seu filho bastardo, D. Duarte, arcebispo de Braga e prior-mór de Santa Cruz de Coimbra; e depois, a frei Diogo de Murça,² que obteve do papa Paulo III, pelos annos de 1549, um breve para se extinguir o convento, e fazer em Coimbra os collegios de S. Bento e S. Jeronymo; e do remanescente, outro, para 12 estudantes ecclesiasticos pobres.

Os monges, porém, oppozeram-se a este breve, e o convento não foi supprimido, mas ficou com 12 religiosos e um prior, sujeitos á reforma.³

Em 1570, entraram os abbades triennaes, pela reforma ordenada pelo papa Pio V.

O convento sustentava o collegio, alem dos dois de Coimbra.

Em Traz-os-Montes tinha muitas rendas, que dividia com a casa de Bragança, as quaes lhe foram doadas por Vasco Gonçal-

¹ Outros dizem que o seu fundador foi D. Gomes Soeiro.

É certo que o retrato de D. Gomes Soeiro está em um grande quadro, a oleo, no salão que foi do capitulo, com esta inscripção —D. GOMES SOEIRO, FUNDADOR D'ESTE MOSTEIRO, EM 670.

A ser isto verdade, não póde haver duvida que foi este o fundador.

² Este frei Diogo fez grandes obras no mosteiro e aqui falleceu.

³ Tão boas razões apresentaram os monges, que o proprio D. frei Diogo de Murça, requereu ao pontifice a conservação do mosteiro, e foi o papa Paulo IV, que, em 1555, auctorisou a conservação do convento.

D. Diogo falleceu n'este mosteiro, em 1570, e foi sepultado na capella-mór.

O seu retrato esteve até 1834 no collegio dos Jeronymos, de Coimbra.

ves Barroso, casado com D. Leonor d'Alvim, e n'este mosteiro foi sepultado.

D. Leonor, depois de viuva, casou com o grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e d'este casamento nasceu D. Brites (ou Beatriz) Pereira, que casou com o infante D. Affonso, filho natural de D. João I, e de Ignez Fernandes Esteves, filha de Mem da Guarda, o *Barbadão*, e que foi (D. Affonso) o 1.º conde de Barcellos, e o 4.º duque de Bragança, e tronco da real casa de Bragança.

A igreja de S. Miguel de Refojos de Basto, e o seu mosteiro, é um dos mais importantes e dos mais sumptuosos monumentos da provincia do Minho, e mesmo em Lisboa, n'este genero, só lhe póde ser comparado o mosteiro do *Coração de Jesus* (Estrella) com o qual tem grande semelhança, na fachada da igreja e no magnifico zimbório.

Esta obra magestosa, foi concluida em 1690.

Em frente do mosteiro ha uma alameda, e quasi no fim d'ella, um elegante e magnifico cruzeiro, construido em 1847.

Dão entrada para a alameda, trez largas ruas, atravessando-a em todo o seu comprimento, o pequeno rio Basto, bem canalizado; o qual entrava por baixo de uma pequena ponte para as terras que foram do mosteiro, e que hoje está substituida por uma nova e bôa ponte, que dá passagem á estrada de 2.ª classe ha pouco construida.

Ao lado da ponte, está a estatua de um miliciano, toscamente cinzelada, tendo no ventre a seguinte inscripção—PONTE DE S. MIGUEL DE REFOYOS, ANNO DE 1690.

Está o mosteiro situado no fundo da bacia de Cabeceiras de Basto.

Apezar das muitas rendas que se tiraram ao convento, para os trez collegios, como fica dito, ainda elle ficou muito rico, não só pelo grande numero de fôros que recebia, como pelas muitas propriedades que possuia em Barroso, e que lhe tinham sido doadas por Vasco Gonçalves Barroso, d'este concelho, primeiro marido de D. Leonor de Alvim.

Vasco Gonçalves Barroso, só deu aos monges a sua mea-

ção, e é por isso que a de sua mulher veio depois a ser da casa de Bragança.

Os monges mandavam para Coimbra 3:500 cruzados (1:400\$000 réis) ficando para elles, só 300 cruzados, dos fôros e rendas; mas, com o direito de padroado de todas as egrejas annexas a este convento, e os seus dizimos, o que montava ainda a uma grande somma.

Tinham os monges um grande couto, com juiz no civil e orphãos, e mais empregados judiciais e municipaes, da nomeação do D. abbade, que lhes deferia o juramento e assignava as suas cartas.

Ao mosteiro pertenciam todos os direitos reaes do couto, e as *penas* (multas) por transgressões de *posturas*.

O prelado do convento, era ouvidor nato do seu couto, tanto no civil, como no crime.

Este couto tinha sido comprado pelo abbade D. Bento Mendes, a D. Affonso Henriques, por 800 morabitinos, como consta de um quadro que representa o abbade entregando ao rei a quantia ajustada, e recebendo d'elle a carta de mercê, que é do theor seguinte (traducção do latim.)

Eu, Egregio D. Affonso, por amor de vós, Bento Mendes, que muito estimo, faço couto para o mosteiro de Refoyos, firme e valioso, por oitocentos morabitinos, que de vós recebi, e tudo quanto n'elle me pertence, dou por livre e absoluto, etc.

Este convento foi em varias epocas collegio da ordem, e em 1834 ainda tinha um abbade, um prior, 12 monges, e 25 creados.

Os fôros e dizimos d'este convento, rendiam annualmente, de 12 a 13 mil cruzados, e o mesmo rendiam os que foram para os trez collegios de Coimbra.

Tinha uma valiosissima livraria, que foi mandada para Braga, em 1838.

Alem dos livros roubados (e de certo, dos melhores) durante os quatro annos que o convento esteve abandonado, foi o resto tão mal acondicionado, que muitos se perderam pelo caminho.

A fachada do mosteiro tem 5 janellas de peito e 8 de sacada.

No centro tinha as armas da ordem, que foram *picadas* em 1834!

Em continuação ao mosteiro, está a vasta e sumptuosa igreja, com seu grande portico, e para a qual se entra por um extenso pateo gradeado.

Tem duas elegantes torres, circumdadas de pyramides. Uma d'ellas tem bons sinos, sendo o maior, de uma optima composição metalica, e com excellente som.

A outra nunca teve sinos, e parte foi derubada por um raio, em 1829; mas logo reedificada, por um mestre pedreiro, por alcuinha o *Longuinhos* (por ser o constructor da estatua equestre de S. Longuinhos, no Bom Jesus do Monte, em Braga) que aqui mesmo morreu asfixiado, por ter dormido com um fogareiro acceso, dentro de uma das casas do mosteiro; tendo de concluir a obra da torre, um seu filho.

Entre as torres, está a elegante cruz de pedra, e no tympano, as armas da ordem.

Tambem entre as mesmas torres, está o altar do archanjo S. Miguel, tendo na frente uma varanda de 11 metros de extensão.

N'este altar se dizem missas, no dia da sua festa (29 de septeembro) assistindo a ellas, da alameda fronteira, milhares de pessoas; porque, alem das da terra, concorrem os que vem á feira de S. Miguel, que fica proxima.

Por baixo d'este altar, e aos lados do portico, estão as estatuas de S. Bento e Santa Escolastica, admiraveis pela sua primorosa esculptura e naturalissima expressão.

O zimbório, que principia a 19 metros de altura, tem, na base, 36 metros de circumferencia, e é rodeado por uma varanda interior. Tem altura de 33 metros. Na base da cúpula, que é circumdada por outra varanda, mas exterior, tem as estatuas dos doze apóstolos, de tamanho natural, e no remate a de S. Miguel, de 2^m,64 de alto, e em volta ainda outra varanda.

O templo é de architectura composita, e em fórma de cruz, medindo 2:819 metros quadrados.

Tem um soberbo côro, com excellente orgão, tendo em frente, outro fingido, para symetria. Um d'elles é encimado pelas esta-

tuas da *Fé, Esperança e Caridade*; o outro pelas da *Justiça, Fortaleza e Temperança*. Ambos são sustentados por feias cariatides, e medonhos minotauros. No centro da grade que o circumda, está uma grande cruz com a imagem de Jesus Christo crucificado, de tamanho natural, que é considerada como objecto rarissimo n'este genero.

Além do altar-mór, ha quatro lateraes, separados do corpo da igreja por uma magnifica grade de ébano. Tem tambem dois bellos pulpitos.

No corpo central, que fórma a cruz, tem, á direita, uma boa sacristia, e no fundo a capella do Santissimo Sacramento, de fórma circular. Tanto a capella-mór, como a do Santissimo, estão guardadas por grades de ébano. Da mesma preciosa madeira são as archibancadas, com suas estantes na frente, onde se sentava o cabido.

O altar-mór é magestoso, e tem um magnifico throno, sobre columnas douradas, tendo 16^m,66 de altura; e, em dias de festa, é illuminado por 90 velas de cêra. Tem dos lados, em tamanho natural, as imagens de S. Bento, e sua irman Santa Escolastica, fundadores da ordem beneditina.

Tinha esta igreja, uma rica custodia de ouro, que pôde escapar á rapacidade franceza, mas não escapou á de portuguezes degenerados, que a roubaram em 1834. A que hoje tem, é de prata dourada, e foi offerecida á igreja, pelo fallecido bemfeitor, Joaquim José de Andrade Basto.

Tambem em 1834 roubaram um rico resplandor de Nossa Senhora.

Ainda em 27 de abril de 1878, appareceu roubada a Senhora das Dôres, d'esta igreja, levando-lhe os ladrões, pulseiras, anneis, cordões, e outros objectos de ouro e prata, no valor aproximado de réis 300.000.

No dia seguinte appareceram roubadas as almas que estão collocadas em cima da ponte chamada *Ponte Pé*, d'esta freguezia.

Todos os altares da igreja são de rica e

primorosa talha dourada, e as imagens que os adornam, são de grande magnificencia.

Na vasta sacristia que está contigua á capella-mór, ha dez formosos quadros, a oleo, representando a genealogia do povo de Deus, desde Adão até Jesus Christo.

Fôra d'esta sacristia ha um quadrilongo de 11^m,75 de comprido, do qual se sobe, por oito degraus, para o grande pateo da escadaria. Esta é sustentada por um arco obliquo, de difficilima execução, o unico do seu genero, em Portugal, que causa admiração a quantos architectos o teem visto.

Os claustros formam uma vasta quadra, de 42 metros, e são sustentados por elegantes columnas de pedra, tendo no centro do pateo que circumdam, uma grande taça de granito. É por aqui a entrada para a parte do edificio onde estão estabelecidas as repartições publicas, e tambem para o côro e as torres.

Tem o mosteiro dois grandes salões, ampla casa de capitulo, com seu altar, a vasta sala que foi livraria dos frades, e muitas outras salas e quartos para hospedes.

No refeitório dos hospedes ha um quadro representando os monges do Vaticano, á meza, com o patriarcha S. Bento, e n'ella o calix envenenado.

Este mosteiro e as suas cêrcas, foram vendidos em 1834, e os comprou, em praça publica, João Antonio Fernandes Basto, que falleceu em 24 de agosto de 1873. O actual proprietario, é o sr. Alexandre José Fernandes Basto, irmão do comprador.

Ao fundo da alamêda, em que já fallei, está o edificio que foi tribunal do couto de Refojos de Basto, com casa de audiencia e cadeia, tendo na fachada as armas de Portugal e as da ordem benedictina. Ardeu em 1853, mas foi logo reconstruido. Serve actualmente de hospedaria.

Pretendem alguns que Basto é corrupção de *Bástulos*, povos antigos, que fundaram aqui uma cidade, 500 annos antes de Jesus Christo.

O doutor João de Barros, nas suas *Antiguidades d'Entre Douro Minho*, diz que *Celiorico* é corrupção de *Celiobriga*, cidade fun-

dada pelos povos *celerinos*, e diz que Ptolomeu dá a esta cidade o nome de *Celiobrico*.

O que é certo, é que, no monte de *Cêlhas*, perto de Curraes, se encontram vallas circulares, que parece terem sido rodeadas de muralhas, cujos materiaes teem sido aproveitados para construção de muros e valledos. Tambem aqui teem apparecido diversas pedras semelhando campas de sepulturas; tanques, bacias e outros objectos, que denotam antiguidade remotissima.

Segundo a tradição, o rio de *Curraes*, cobriu uns tanques ou poços, onde os antigos tomavam banhos de aguas mineraes, que nasciam n'este sitio.

Junto ao tal rio, e proximo ao logar onde se diz que estavam as referidas thermas, ainda brotam de uma penha que está sobre o rio, aguas evidentemente sulphureas.

No monte chamado *Cividade*, proximo ao logar de Chacim, se veem restos desmantelados, de antiquissimas fortificações; tijolos, cavidades nos rochedos, e grandes pedregulhos esphericos (*penedos errantes*) collocados sobre outros mais pequenos. São antas pre-celtas.

Entre os diversos montes e outeiros d'este concelho, os mais notaveis são — *Nossa Senhora da Orada*, *Torrinheiros*, e o inacessivel e medonho *Nariz do mundo*, na serra do *Batóco*. N'elles e entre outros menores, rebentam muitos mananciaes de agua, que formando varios ribeiros e arroios, regam e fertilisam diferentes valles do concelho.

Os rios e ribeiros principaes d'este concelho, são—*Tâmega*, que aqui divide a provincia do Minho da de Traz-os-Montes; mas que não serve n'estes sitios para irrigação, por correr profundo e arrebatado, por entre penhascos.—*O Bessa*, famoso pela grandeza e boa qualidade das trutas que se criam nas suas aguas.

Os ribeiros chamados *Rio Douro*, *Rânha*, *Cabeceiras*, *Curraes* e *Seixo*, todos regam e moem, e todos morrem no Tâmega.

Ha n'este concelho a *ponte de Carêz* sobre o Tâmega, a qual é, metade do Minho e metade de Traz-os-Montes. Tinha 5 arcos, 95 metros de comprimento, 5^m,75 de largura, e

17^m,50 de altura. Foi alargada, para dar passagem a estrada para Villa Pouca d'Aguiar, Chaves, Miranda, etc. (Vide vol. 2.º, pag. 217, col. 2.ª).

Ha tambem a ponte do *Pé*, sobre o ribeiro Cabeceiras; a do *Seixo*, sobre o mesmo ribeiro; a do *Arco*, e uma elegante e magnifica, novamente construida, tambem sobre o mesmo ribeiro, que dá passagem á estrada de Cavéz.

No concelho, ha varias nascentes de aguas mineraes, ferreas e sulphurosas, sendo as principaes, em *Curraes*, *Fundão*, *Lamas* e *Fontão*; quasi todas em completo abandono.

O territorio d'este concelho é fertil em optimo vinho verde, que exporta em grande quantidade, principalmente para o Porto, onde o *vinho de Basto* é muito estimado. Produz além d'isto, e em abundancia, todos os generos agricolas do nosso paiz; mel, cêra, cortiça, optima madeira de castanho e outros muitos generos. Cria muito gado, de toda a qualidade, tem vastos montados, com grande numero de arvores silvestres, de toda a qualidade; e produz e expporta magnifica madeira de castanho.

Tambem n'estes ultimos tempos se tem por aqui semeado vastos pinheiraes.

É terra muito povoada e bem cultivada, apesar da falta que se vae sentindo (aqui e em toda a provincia) de braços para a agricultura, pela progressiva emigração para o açougue das Terras de Santa Cruz.

O clima é ameno e saudavel; e abundantissimo de agua potavel, de optima qualidade.

REFOYOS ou **REFOJOS** (de *Riba d'Ave*) —freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrsó, 20 kilometros ao NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 185 fogos.

Em 1757 tinha 165 fogos.

Orago S. Christovão.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Os herdeiros de Miguel Brandão da Silva apresentavam o abbade, que tinha 1:000\$000 réis de rendimento.

Foi villa e cabeça de concelho, com justicas proprias d'elle, sob o nome de *Refoyos da Maia*.

É povoação muito antiga. Tem uma sentença de foral, dada pelo rei D. Diniz, a 14 de janeiro de 1307. (Gaveta 15, maço 8, n.º 24).

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de outubro de 1513. (*Livro de foraes novos do Minho*, fl. 49, v., col. 2.ª).

Trata-se n'este foral das terras seguintes: *Agrella*, *Parada da Castanheira*, *S. Gião e Souto Longo*.

Na freguezia de S. Thomé, que era do julgado de Refoyos de Riba d'Ave¹ se achou, pelas Inquirições do rei D. Diniz (1310) que trez casaes eram trazidos *per onrra per o Espital e per Agous Santas, per Encenssoria* (censo) *que lhe pagarom*, isto é, por censo que os donos dos trez casaes se obrigaram a pagar, a fim de serem *onrrados* e isentos do que deviam pagar á corôa.

Foram senhores d'este concelho os Pereiras Forjazes, condes da Feira. Manuel Pereira (com licença de D. João III) vendeu este senhorio a Manuel Cirne da Silva, e por extinctão d'estes Cirnes, passou á corôa. D. Pedro II o vendeu a Roque Monteiro Paim.

Este concelho e o couto de Negréllos, foram supprimidos ha muitos annos, e unidos ao de Santo Thyrsó.

O couto de Negréllos comprehendia duas freguezias — *S. Mamede* e *S. Thomé*.

É terra fertil, e cria muito gado de toda a qualidade.

REFOYOS ou **REFOJOS**—freguezia, Trazos-Montes, comarca e concelho de Bragança, 60 kilometros de Miranda, 455 ao N. de Lisboa. Em 1757 tinha 28 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Esta freguezia foi supprimida ha muitos annos, e encorporada na de S. Mamede, de Alimonde.

O abbade de Alimonde apresentava o cura, que tinha 8\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É da casa de Bragança.

¹ É a actual freguezia de Negréllos, comarca e concelho de Santo Thyrsó.

REFOYOS ou REFOJOS DO LIMA — freguezia, Minho, comarca, concelho e 4 kilometros de Ponte do Lima, 30 kilometros ao O. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 520 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispo de Braga, districto administrativo de Vianna.

Não vem no *Portugal Sae-ro e Profano*, de certo por esquecimento, pois é freguezia muito antiga.

Está esta freguezia sobre a margem direita do rio Lima, e é aqui o pégo chamado *Fonte da Brévia*, de bastante profundidade.

Grande mosteiro de conegos regantes de Santo Agostinho (cruzios). Foi fundado por D. Affonso Ancemondes, intrepido capitão das hostes do conde D. Henrique, e seu amigo e inseparavel companheiro.

Morrendo o conde, em um recontro, quando sitiava a cidade de Astorga (1112) veio D. Affonso Ancemondes para a sua quinta e morgado de Refoyos do Lima, que é em um valle d'esta freguezia, e aqui viveu no castello e torre, chamados dos Malheiros, por depois pertencer aos cavalheiros d'este appellido, de Vianna do Lima.

D. Affonso Ancemondes, era rico-homem e um grande senhor em Portugal.

Apenas se estabeleceu definitivamente no seu solar, deu logo principio á egreja e mosteiro dos cruzios, dedicando-as á Santissima Virgem, e foi primeiro prior d'este convento, seu filho, D. Pero Mendes, que era arcediago da Sé de Tuy.

Principiou a obra no mesmo anno de 1112, e em 1120 tomaram os conegos posse d'elle.

Em 1124, vindo a este mosteiro o cardeal Jacintho, legado apostolico do papa Calixto II, nas Hespanhas, confirmou o fundador, por escriptura publica, a doação que havia feito ao convento, de todos os bens de raiz e foros que possuia em varias partes. Esta escriptura foi feita em 10 de novembro da era de Cesar 1162, que é o dito anno 1124 de Jesus Christo.

Esta escriptura está feita e assignada por D. Affonso Ancemondes, assignando-a tambem seu filho, D. Mendo Affonso, e suas filhas, D. Maria Affonso e D. Gelvira Affonso,

e seus netos, D. Mendo Gelvires, D. Diogo Gelvires e D. Nuno Gelvires.

No mesmo anno de 1124, a rainha D. The-reza e seu filho, D. Affonso Henriques, deram o titulo de conde de Refojos do Lima, a D. Mendo Affonso, filho de D. Affonso Ancemondes, dando-lhe o condado que D. Affonso Henriques já aqui possuia.

O conde D. Mendo casou com D. Gontina Paes, e, não tendo filhos d'este casamento, deram todo o seu condado e os paços em que viviam e onde morreram, em junho de 1140, ao mosteiro dos cruzios; sendo esta doação confirmada por D. Affonso I, em agosto do mesmo anno.

O paço d'estes fidalgos, estava junto ao mosteiro, no lugar onde agora se vê a torre antiga, em frente (para o O.) do mosteiro, e que ainda muitos seculos depois se continuou a chamar *paço*. (É á tal torre, a que hoje se chama dos Malheiros).

Na carta pela qual D. Affonso Hedriques confirmou a doação do mosteiro e o contou, se lê o seguinte (traducção do latim barbaro d'aquelle tempo): «O condado e couto de Refojos, demarcado por seus termos, a saber — pela portella de Nogueira, contra Val de Vez — pela portella de S. Simão, contra Ponte do Lima — e do Penédo até á insuella do meio do rio, com quanto dentro d'estes termos tinha D. Mendo Affonso, etc.»

Esta confirmação está assignada pelo rei, pelos grandes da sua côrte, pelo arcebispo de Braga, e pelos bispos de Tuy¹, Porto, Coimbra, Lamego e Viseu.

Outras muitas pessoas ricas, doaram boas propriedades e valiosas rendas a este mosteiro.

Foi o mosteiro primeiramente sujeito ao bispo de Tuy, em cuja diocese estava; mas o bispo d'esta cidade, D. Payo, o isentou da jurisdição episcopal, o que foi confirmado

¹ Por esta occasião, era de Portugal a cidade gallega de Tuy, a qual D. Affonso I tinha tomado a seu primo, o rei de Castella. Até então, o bispado de Tuy chegava á margem direita do rio Lima. (Vide Braga no lugar competente). Tendo os dois primos feito as pazes, restituiram um ao outro o que lhe haviam tomado.

pelo cardeal Jacintho, legado apostolico, em 14 de novembro de 1154, segundo (e ultimo) do pontificado de Anastacio IV.

Esta isenção foi confirmada pelos papas Adrianno IV, em 1156; Alexandre III, em 1163; Innocencio IV, em 1250; Julio II, em 1508; e, finalmente, por S. Pio V, em 1565.

A capella de S. João Evangelista, no logar das Penas, d'esta freguezia, foi fundada por D. Gonçalo João, segundo prior do convento, em 1160, e junto á capella fez uma albergaria para agazalhar peregrinos e passageiros pobres.

N'esta capella e albergaria, viveu e morreu, o santo varão Romeu, natural de Italia. Este Romeu já aqui estava quando se principiou a construir a capella, pelo que é provavel que fallecesse antes do anno 1200. Foi sepultado na mesma capella; mas, em 1582, foram os seus ossos¹ mudados para a capella-mór da igreja do mosteiro, com este epitaphio :

ROMEUS HOC TUMULO TEGITUR
VIRTUTIBUS HEROS INCLYTUS;
AUSSONII GLORIA MAGNA SOLI.

(Aqui jaz, n'este tumulo, o famoso heroe em virtudes, Romeu, grande gloria de Ausonia, sua patria).

No mesmo anno de 1582, foram trasladados os ossos do conde D. Mendo Affonso (que estavam em uma arca embebida em uma das paredes da igreja velha) para a capella-mór, da igreja, do lado da Epistola, com esta inscripção :

HOC COMITES MENDI
REQUIESCUNT OSSA SEPULCHRO,
QUI TEMPLO HUIC OMNES
IPSE DEDICAVIT OPES.
OBITI
ANNO DOMINI 1142.

¹ Parte dos seus ossos, porque a outra parte tinha sido roubada pelo povo, para reliquias, com que tinha grande devoção. Os frades, vendo esta pia profanação, e que em poucos annos não restaria um só osso do santo, os levaram para a igreja do mosteiro.

(N'esta sepultura descansam os ossos do conde D. Mendo, que doou a esta igreja *todas as suas riquezas*. Falleceu em 1142).

Ignora-se o caminho que levaram os ossos de D. Affonso Ancemondes.

Os priores do mosteiro, foram perpetuos, desde a fundação d'este, até 1564, em que se annexou ao de Santa Cruz, de Coimbra. O ultimo prior-mór perpetuo, de Refojos,¹ foi D. Julião d'Alva, que passou a bispo de Miranda; e o primeiro prior trienal, nomeado pela congregação de Santa Cruz de Coimbra, foi D. Theotonio de Mello, irmão do mosteiro-mór de Ponte de Lima.

José Avellino d'Almeida, no seu *Diccionario abreviado de geographia*, diz que D. Mendo e sua mulher, como não tivessem filhos, doaram o condado ao convento, e de todos os seus bens, *só reservaram para si a torre e castello em que vivia seu pae, juntamente com o paço e alguns bens livres em volta d'elle, do que depois se compoz o morgado dos Ferreiras, de Guimarães, que lhes vem pelos Pereiras, de Bertandos: o de Antonio Pereira Rego e o da Torre, que possuiu Diogo Malheiro.*

Estou persuadido que é engano: é certo que a torre dos Malheiros e o seu morgado passaram ao dominio de particulares; mas, provavelmente, muito depois de 1140, e por troca; compra, ou outro qualquer contracto cuja natureza ignoro. Fundo-me em que na inscripção tumular do conde D. Mendo se diz, que elle doara ao mosteiro *todas as suas riquezas* (qui templo huic omnes ipse didicavit opes.) Se elle lhes não tivesse dado tudo, certamente os frades não o diriam.

A torre dos Malheiros, ou do Paço, foi o solar dos Refojos, descendentes por linha collateral, do conde D. Mendo.

Teve D. Mendo um filho bastardo, chamado Martim Garcia de Parada, e uma filha, tambem bastarda, que casou com Salvador

¹ O penultimo prior-mór, foi S. Carlos Borromeu. Passou o priorado a D. Julião d'Alva, pela renda annual de 500 cruzados (200\$000 réis).

Gonçalves, filho de Gonçalo Dias, o *Cid*, senhor de Góes. D'estes filhos bastardos descendem os Farinhas, os Mouras, e outras famílias nobres de Portugal e Galliza.

Quanto ao appellido de Refoyos, já fica mencionado no artigo *Refoyos de Bastos*, para onde remeto o leitor.

O dono actual da *quinta da Torre*, e o sr. dr. Antonio de Magalhães Barros d'Araujo Queiroz, da villa de Ponte do Lima. A torre, que é muito alta, está perfeitamente conservada, porque o sr. Queiroz lhe mandou arrancar as heras que a cobriam quasi até ao cimo, lavar a pedra e tomar-lhe com cal todas as juntas, a fim de conservar este monumento historico. Os paços acastellados que cercavam a torre estão completamente desmantelados, e o sr. Queiroz vae mandal-os demolir, e no seu ambito fazer um terraço e jardins, que ficarão superiores á quinta, porque a torre está em uma eminencia no centro d'ella.

Os bens que os Malheiros aqui possuiram (os que reservaram da doação ao mosteiro) pertenciam, na sua maior parte, no meiado do seculo 17.º, a *Lopo Malheiro Barriga*, que os herdou de seu tio, Diogo Malheiro Marinho, e os constituiu (o *Barriga*) em vinculo, por escriptura de 29 de agosto de 1648.

Esteve o vinculo sempre n'esta familia até que a ultima descendente d'ella, D. Maria Antonia Malheiro d'Araujo Barriga, falleceu na sua casa e quinta da Ribeira, freguezia de Figueiredo, comarca e concelho d'Amares, no dia 3 de janeiro de 1875, instituindo por seu herdeiro universal, seu primo coirmão, o sr. Leonel d'Abreu Lima, solteiro, da casa do Ameal, freguezia de Meadella, concelho e proximo da cidade de Vianna.

Foi este cavalheiro, que, por escriptura publica de 30 de maio de 1876, doou a quinta da Torre e suas dependencias, ao actual possuidor, o sr. Queiroz.

Quando o convento se annexou ao de Santa Cruz, de Coimbra, estava a igreja e mosteiro, que ainda eram os primitivos, em grande ruina. Quizeram os frades mudal-o para Ponte do Lima; porem o povo d'esta

villa se oppoz tenazmente, e o mosteiro foi reedificado onde estava.

No tempo do marquez do Pombal, vendeu-se o mosteiro, passando os frades para o convento da Mafra; mas D. Maria I, os tornou a pôr no seu antigo mosteiro.

Ha na igreja um espinho da corôa de Christo, que os frades eram obrigados a levar á Ponte do Lima no dia 3 de maio de cada anno.

Foi commendatario do couto de Refoyos do Lima, D. Rodrigo de Mello de Lima, filho 2.º de D. Leonel de Lima, 1.º visconde de Villa Nova da Cerveira.

D. Rodrigo era tambem senhor da casa de Anquião, e a deu em dote a sua filha, D. Joanna de Mello, para casar com João Gomes de Abreu, filho, tambem segundo, de Leonel de Abreu, senhor de Regalados. D'elles procedem muitas familias nobres do Minho.

Tem annexa a freguezia de Santa Eulalia, que em 1757, tinha 90 fogos, e era apresentada pelo bailio de Leça. O reitor tinha 100\$ réis de rendimento.

Não sabia o que era feito do mosteiro d'esta freguezia, nem o seu estado presente.

Vali-me do sr. dr. Custodio Maria Velloso, de Villa do Conde, que escreveu ao seu amigo e condiscipulo, o sr. dr. José Joaquim de Castro Feijó, de Ponte do Lima, e eis as informações que este cavalheiro se dignou dar-nos.

O corpo do edificio do mosteiro, conserva a primitiva architectura. Está ligado á igreja pelo que foi sala de visita dos conegos. A frontaria d'esta parte era irregular, destoando a parte que era interiormente occupada pela dita sala, do resto até á igreja. O proprietario actual, apeou parte da frontaria d'este lance, que liga o corpo principal do edificio, á igreja, e a mandou construir em symetria com a parte que constituia a fronteira da referida sala de visitas, e fez n'esta parte um optimo salão de baile.

No corpo do edificio, tem conservado todas as suas antigas divisões e repartimentos, limitando-se apenas aos precizos reparos.

Todo o edificio está muito bem conservado, e, em parte, muito melhorado.

O mosteiro e cêrca, assim como alguns campos da sua dependência, foram vendidos pelo governo, depois de 1834. Comprou-os por 48 contos, de réis, José Mendes Ribeiro, da cidade de Vianna. Tudo isto é actualmente propriedade de seu filho, o sr. Thomaz Mendes Norton, residente em Ponte do Lima.

A cêrca, que é hoje uma bella quinta, também está muito melhorada.

A egreja e sacristia pertencem á junta de parochia, de Refojos, por ser parochial, e a melhor do concelho. Está perfeitamente conservada, e com esmolas dos fieis, e com ajuda do cofre da bulla da Santa Cruzada, se construiu ha pouco tempo uma elegante torre para os sinos.

REFUGIDOS — aldeia, Extremadura, na freguezia de Cadafaes, comarca e concelho d'Alemquer (vol. 2.º, pag. 27, col. 1.º) Tem 32 fogos.

A origem do nome d'esta aldeia, tem sido causa de varias contestações; mas é opinião mais corrente, que é porque para aqui se retiraram os mouros, depois de perderem o castello d'Alemquer.

A primeira noticia que se encontra d'esta povoação, refere-se aos grandes prejuizos que soffreu com as chuvas e o terramoto de 1435. Já então esta povoação era muito antiga, pois que os historiadores dizem que a cheia levou a azenha dos Refugidos *que se andava reedificando*. Ainda ha vestigios d'esta azenha, proximo á povoação.

Os francezes saquearam esta aldeia, em 1808, e assassinaram um lavrador, crivando-o de feridas, no sitio chamado *Pedra da Paciencia*, onde foi encontrado por seus filhos, depois da retirada dos invasores.

Foi natural d'esta aldeia, frei Manuel dos Refugidos, frade capucho, e prégador famoso, no reinado de D. João IV.

Refugido, é portuguez antigo — significa *refugiado*.

REGA — portuguez antigo — regra, ou instituto (de qualquer ordem monacal.) — *Mandou ao Moestiro do Banho, que era da Rega de Santagostinho da sobrepeliza, etc.* (Documento da Sé de Viseu.)

REGADAS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Fáfe (foi da comarca de Celorico de Basto) 36 kilometros ao N. E. de Braga, 375 ao N, de Lisboa, 180 fogos. Em 1757, tinha 189.

Orago Santo Estevam.

Arcebisado e districto administrativo de Braga.

O prior do convento da Graça, em Braga, (Populo) apresentava o reitor, que tinha 80,000 réis de pé d'altar.

É terra fertil. Gado e caça.

REGAENGO — Vide *Reguengo*.

REGALADOS — Vide *Pico de Regalados*.

REGALEIRA (quinta da) — Extremadura, na freguezia de Cintra.

Pertenceu antigamente a um padre, que lhe mandou pôr, na rua principal, as cruces da *Via-Sacra*, as quaes ainda se veem por entre musgosos penedos, e arvores frondosas. É abundante de aguas crystalinas e frigidissimas. Tem uma rica e formosa cascata, e preciosos marmores. Os seus prados sempre verdes, e todas as mais formosuras da natureza e da arte, tornam esta quinta uma das mais bellas e agradaveis d'estes sitios.

Para o lado da estrada dos *Pisões*, tem um gigantesco castanheiro da India, uma das notabilidades de Cintra.

Em 7 de novembro de 1840, foi feita baroneza da Regaleira, a sr.ª D. Ermelinda Monteiro d'Almeida: e, em 15 d'abril de 1854, foi feita viscondessa do mesmo titulo; e, no mesmo dia feita baroneza da Regaleira, a sr.ª D. Maria Isabel Allen Palmeira.

Em 25 d'abril de 1854, foi feito barão do mesmo titulo, o sr. Paulo Allen de Moraes Palmeira.

REGALENGO — Vide *Reguengo*.

REGALINDO — Vide *Reguengo*.

REGANHO — portuguez antigo — Vento norte.

REGARDAR — portuguez antigo — talvez herdado dos gallos-celtas. — É gallicismo antiquissimo — significa, voltar os olhos; olhar para traz. É corrupção do francez *regarder*.

REGATO — ribeiro, Douro, na freguezia de Avô, comarca da Tábua, concelho d'Oliveira do Hospital.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Nasce junto á Aldeia das Dés (freguezia do mesmo concelho) e deságua na ribeira de Loriga, acima da *Ponte das Tres Estradas*.

Já a pag. 284, col. 2.ª do 1.º vol., tratei da villa d'Avô; mas, como desde que escrevi aquelle artigo (1841) tem havido alterações na divisão territorial, direi aqui.

O concelho d'Avô, foi supprimido pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

A villa não fica ao N., mas ao E. de Coimbra. É situada em um profundo e ameno valle, e é tripartida pelos rios Alva e Pomares. Alem da ponte de que fallei no 1.º vol., tem sobre o Pomares uma de madeira, chamada de *Santo Antonio*, que foi antigamente de pedra, e é na confluyente dos dois rios.¹

Dista a villa, 9 kilometros de Oliveira do Hospital, e fica a igual distancia das villas de Penalva d'Alva e de Côja: 12 da villa da Tábua; o mesmo de Midões e 21 de Fajão e de Loriga.

Teve capitão-mór, e juiz ordinario, com jurisdicção tanto no civil como no crime e orphãos. Tinha casa da camara, vereadores, etc.

Pela povoação de Gallizes, que dista 3 kilometros d'Avô, passa a estrada real de Coimbra e Lisboa para a cidade da Guarda, villas de Celorico da Beira, Almeida, etc.; de maneira que de Avô se pôde hir por Coimbra para Lisboa ou directamente, separando-se da estrada de Coimbra na Venda Nova, junto a Santo André de Poyares.

O foral que D. Sancho I deu a Avô, é datado do 1.º de maio de 1187.

A D. Urraca Affonso, de que fallo no 1.º vol., filha bastarda de D. Affonso Henriques, foi casada com D. Pedro Affonso, neto do grande D. Egas Moniz. Supponho que não tiveram filhos, pois que o senhorio da villa passou para os bispos de Coimbra, que eram alcaides-móres d'ella.

¹ Em setembro de 1878, uma furiosa cheia destruiu esta ponte e outras mais d'estes sitios, e causou grandes prejuizos aos proprietarios de Avô e povoações limitrophes, arrazando-lhes algumas casas, muros e campos.

O seu dismantellado castello, foi reedificado pelo rei D. Diniz.

Era a igreja, collegiada, a qual com a extincção dos dizimos, em 1834, deixou de existir. Tambem desde o mesmo anno deixou de haver aula de latim.

Houve n'esta villa um mosteiro de emplarios, do qual ainda ha vestigios: são os cubiculos ou cellas onde viviam os frades, e existem proximo á capella, que foi a igreja do mosteiro.

Braz Garcia Mascarenhas, de que fallo no 1.º vol., tratando d'Avô, foi, no tempo de D. João IV, governador da praça de Alfaiates, no Riba-Côa, então muito importante, por ser proxima da raia de Hespanha.

Os 150 homens com que se apresentou em defeza da patria, em 1640, eram de cavallaria, e pela bravura com que se portaram durante a guerra, foram cognominados os *leões da Beira*.

REGAVÃO — rio, Traz-os-Montes, na comarca e concelho de Montalegre. Tem a sua origem ao S. do lugar de Codeçoso da Chan (freguezia de Meixêdo) e tomando uma direcção tortuosa, pelas planicies da freguezia da Chan, recebe pela margem direita, junto ao lugar de Negrões, o ribeiro da Castanheira, e da esquerda, o riacho de Morgade. Tomando depois uma direcção quasi de E. a O., e tendo recebido varios ribeiros que se lhe juntam por ambas as margens, atravessa as freguezias de Villa da Ponte, e Pondras, abaixo da celebre e legendaria ponte da Misarella (vide *Misarella, ponte da*) depois de receber o rio da Ponte do Arco, a 6 kilometros da Misarella.

O seu curso é de 42 kilometros.

Rega, mõe, e cria muito peixe miudo, de boa qualidade.

Alguns tambem dão ao Regavão o nome de *rio da Misarella*, e outros, *rio da Villa da Ponte*.

O valle cortado por este rio, principia em Codeçoso e finda nos despenhadeiros de Misarella.

É dominado (o valle) ao N., pela cordilheira que corre ao S. do Cávado, chamada *Peliteiros, Penedos de Santa Catharina*, etc., até á *Roca Ponteira*. Ao S., pela serra das

Alturas, desde Morgade até ao ribeiro da Ponte do Arco, e depois por um ramo da serra da Cabreira, que, aproximando se de outro ramo da referida cordilheira, forma o pittoresco sitio da Misarella.

Ao N. do rio ficam as freguezias da Chan, Viade, Fervidellas, e Reigoso; e ao S. as de Morgade, Negrões, Villa da Ponte, Pondras, e Venda Nova.

No angulo formado pelos rios Cávado e Regavão, ficam as freguezias de Santa Mariinha do Ferral, e Covéllo do Geréz. (Vide *Montalegre*.)

REGEDOURA ou **NOGUEIRA DA REGEDOURA**—Esta freguezia já fica descripta com o 2.º nome, a pag. 108, col. 1.ª do 6.º volume, mas aproveito este logar para fazer uma rectificação.

Não é na freguezia da Regedoura, concelho da Feira, que se fabrica optima telha; mas na aldeia da Regedoura, freguezia de Vállega, concelho d'Ovar—a seguinte.

Tambem depois de publicado o artigo de Nogueira da Regedoura, tive noticia do facto notavel acontecido n'esta freguezia em 1873; é o seguinte:

Em 1847 nasceu n'esta freguezia uma creatura da especie humana. Foi baptizar-se á igreja matriz, e o parcho, que era velho e falto de vista, como alguém lhe dissesse que a creança era hermafrodita, a examinou, decidindo que era fêmea, e a baptizou, impondo-lhe o nome de Rosa.

Foi *esta* creada como pertencendo ao sexo feminino, e nas occupaões proprias de uma menina; mas, chegando aos 16 annos, *deu* *taes* *mostras* de pertencer ao sexo barbado, que os paes a mandaram vestir de homem, e principiaram a dar-lhe o nome de Joaquim.

Tudo correu bém até 1874; mas n'esse anno a ex-Rosa namora-se de certa menina e pretende casar com ella, sob nome de Joaquim com que seus paes (d'elle) o tinham chrisnado, *auctoritate qua fungor*. Era-lhe precisa a certidão de idade, mas era cousa que não havia no livro dos baptismos.

Expoz-se o caso ao doutor provisor, que, depois de *sério* exame, mandou que se lavrasse novo assento, dando ao bi-sexual o

nome de Joaquim, e ao seu proprietario os foros de homem; mas não auctorisou o casamento sem que o nodente se submetesse a um exame, na escola medico-cirurgica do Porto, a qual decidiria sobre o sexo do pretendente.

Como tudo isto demandava despezas, e sobretudo demoras, a que os futuros noivos se não queriam sujeitar; foi elle viver maritalmente com a rapariga, para casa d'esta (setembro de 1873) e lá esperam a decisão dos homens competentes.

Regedoura, é portuguez antigo—significa *regedoria*. Os nossos avós diziam sempre *oura*, por *oria*; e isto ainda acontece em grande parte do Algarve.

Outro caso muito semelhante aconteceu na aldeia do Reguengo, freguezia de Guisande, do mesmo concelho da Feira. Vide o 1.º *Reguengo*.

REGEDOURA—aldeia, Douro, na freguezia de Vállega, comarca e concelho d'Ovar.

É celebre pela optima telha que aqui se fabrica, a melhor do reino. O barro para ella vem das proximidades da capella de Nossa Senhora d'Entr'aguas, Gondes, Ribeira de Mouro e outros sitios proximos.

Tambem na *Fontella*, aldeia da freguezia d'Avanca (e não de Pardilhó, como por mal informado disse no artigo d'esta freguezia) e que fica uns 6 kilometros a E. do Oceano, ha barro da mesma qualidade, com o qual se fabrica telha igual á da Regedoura, que fica apenas a 6 kilometros de Fontella, pelo que tanto faz (para a qualidade) dizer telha da Regedoura, como da Fontella, pois o barro é todo extrahido da mesma zona.

Nos sitios onde se extrahe o barro, tem por vezes apparecido restos de navios, enterrados na gillila.

REGEDOURO ou **RECIDOURO**—freguezia, Alemtejo, comarca, concelho, districto administactivo, arcebisado e 15 kilometros de Evora, 115 ao S.E. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757, tinha 78 fogos.

Orago S. Braz.

A mitra apresentava o cura, que tinha de rendimento 390 alqueires de trigo, e 73 de cevada.

É terra muito fertil em cereaes, e produz

algum azeite, e outros fructos. Gado e caça.

REGEITAR, ARREGEITAR e REZEITAR —portuguez antigo, ainda usado nas comarcas d'Arouca, Sinfães, e outras do norte do Douro—significa, *atirar, arremessar, empurrar, impellir*, etc.

Gallicismo antiquissimo em Portugal, talvez herdado do gallo-celta. É corrupção do verbo francez *rejeter*, que tem a mesma significação.

De *rejeter* ainda nós fizemos o verbo *rejeitar*, que tambem significa (como no francez)—engeitar, recusar, lançar fóra, etc.

REGILDE —freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras (foi da comarca de Lousada, concelho de Barrosas) 30 kilometros ao N.E. de Braga, 353 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757, tinha 130 fogos.

Orago Santa Comba.

Arcebisado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300\$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Cria muito gado bovino, que exporta, sobre tudo, para Inglaterra.

RÉGINAL—portuguez antigo—Original.

REGNO—portuguez antigo—reino. Pronuncia-se *renho*.

RÊGO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 36 kilometros ao N.E. de Braga; 370 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757, tinha 281 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Arcebisado e districto administrativo de Braga.

O D. abbade benedictino do convento de Pombeiro, apresentava o vigario, que tinha 50\$000 réis e o pé de altar.

É terra fertilissima em todos os generos agricolas do paiz, e produz optimo vinho, denominado de Basto. Cria muito gado de toda a qualidade, que exporta, e nos seus montes ha muita caça.

Posto que o seu clima seja bastante excessivo, é muito saudavel.

Rêgo, é um appellido nobre em Portugal. Nos registos de D. Fernando I, se faz men-

ção de Gonçalo Vasques do Rêgo, seu vasallo, ao qual deu uma quinta na Ribeira de Loures.

D. João I armou cavalleiro, na batalha de Aljubarrota, a Alvaro do Rêgo.

Parece que este appellido foi tomado da aldeia do Rêgo, na comarca de Guimaraes.

Trazem por armas—em campo verde, banda de ondas d'azul e prata, carregada de 3 vieiras, de ouro, realçadas de negro: elmo de aço, aberto; e por timbre, uma das vieiras do escudo, entre duas plumas de verde, guarnecidas d'ouro.

REGO DA MUATA—freguezia, Extremadura, comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho d'Alvaiázere, 48 kilometros ao S. de Coimbra, 155 ao N. de Lisboa,

Em 1757, tinha 198 fogos: hoje, com a freguezia de Cabaços que lhe está annexa, conta 250 fogos.

Orago S. Pedro *ad vincula*.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

(Vide *Cabaços*, ou *Rêgo da Murta*, no 2.º vol., pag. 6, col. 1.ª—para evitarmos repetições).

Fica junto da ribeira da Murta, onde se vê um templo de tres naves, de construcção tão antiga, que se ignora quando foi fundado, e só se sabe que ainda existia em 1159.

Segundo a *Chronica dos religiosos dominicos*, por o nosso famoso classico, frei Luiz de Sousa, esta igreja era de um mosteiro da sua ordem, pois na parte 1.ª, livro 4.º, cap. 6.º, diz: — *Entre Leyria e o Beco, ha huma Igreja de tres naves, cercada de edificios arruinados, em que ainda hoje se enxergão sinais de claustrros, e officinas grandes. Chão-lhe Mosteyro, e persevera a tradição que foi nosso*.

Apesar do respeito devido a tão esclarecido escriptor, não me persuado que este mosteiro fosse da ordem dos prégadores, pela simples razão de ser instituida muitos annos depois de não existirem senão as ruinas do mosteiro. É mais provavel que fôsse de templarios. É verdade que no altar-mór se vê a imagem do patriarcha S. Domingos, fundador da ordem dos prégadores, mas po-

dia alli ser collocada muitos seculos depois de já não existir o mosteiro.

Na doação que D. Affonso I fez aos cavalleiros do Templo, em 1159, se inclue o mosteiro do Régo da Murta. Vê se que já existia, e é provavel que fosse fundação dos monges beneditinos, e que estivesse abandonado pelos frades, fugidos ás crueldades dos mouros.

RÉGUA—villa, Traz-os-Montes, etc.

Posto que está villa já fique descripta a pag. 698, col. 1.^a, do 6.^o vol., refiro-me alli mais ao *Pêso*, que lhe fica sobranceiro, e a cousa de um kilometro ao N., do que á villa da Régua, propriamente dita. É por isso que no artigo *Pêso da Régua*, remetti o leitor para este logar.

A Régua teve principio em 1700, na mesquinha choupana de um pobre pescador, por isso cognominado o *Cabana*.

Em 1790, a companhia dos vinhos aqui mandou construir os seus armazens, e tamanho desenvolvimento teve o commercio dos vinhos do Alto-Douro, que em 1820, o valor das vendas d'este genero, somava em perto de oito milhões de cruzados! Foi isto que fez prosperar, enriquecer, e dilatar-se a povoação até ao Pêso, de maneira que hoje formam as duas, uma só villa, unida e continua.

Tem um bom caes, feito pela companhia dos vinhos, e as casas são regulares e de boa apparencia, distinguindo-se as da companhia dos vinhos, a do sr. Osorio (proximo á igreja) e a dos viscondes do Real-Agrado. O palacio da sr.^a D. Antonia Adelaide Ferreira, viuva de Antonio Bernardo Ferreira (o *Ferreirinha*) e hoje casada em segundas nupcias, com o sr. Francisco José da Silva Torres, é um edificio vasto e muito elegante.

Nas suas proximidades, ha casas de campo de bella apparencia.

O conde D. Henrique e sua mulher, D. Theza, deram a D. Hugo, seu companheiro, e bispo do Porto, muitas terras d'estes sitios, e metade do rendimento da barca da passagem.

Os bispos do Porto, fizeram d'este senhô-

rio um couto, do qual tiveram a jurisdicção civil, até 1789.

Pela extincção do couto, foi a Régua (o Pêso da Régua, entende-se) elevada á categoria de capitania de ordenanças; e em 1835, á de cabeça de julgado e comarca.

O antiquissimo templo de S. Faustino, unico edificio que existia na Régua antes de 1700, e que era matriz do Pêso, estava já muito arruinado, e em 1734, uma grande cheia do Douro, arrazou-o. Hoje, no logar que elle occupava, está a capella de Nossa Senhora do Cruseiro.

Tem *praça* (mercádo) diario, onde se vendem legumes, pão, fructas, e outros generos; e uma feira mensal, muito concorrida.

Proximo á Régua, é o formoso *valle de Godim*, povoado de lindas casas e assombrado de frondoso arvoredo.

Os armazens da Régua, podem recolher 14:000 pipas de vinho, aguardente, geropiga e vinagre.

A Régua é patria do nosso distintissimo poeta, o sr. João de Lemos Seixas Castello Branco, e de seus irmãos. Vide *Real-Agrado*.

Fundou-se aqui um hospital de caridade, cujos estatutos foram approvados pelo governo, em 5 d'agosto de 1873. O sr. Manuel Teixeira da Costa, de Covellinhas, deu para elle, 16 leitos de ferro, com os competentes enxergões, colchas e fronhas. Bem haja.

A inauguração d'este hospital, foi no dia 16 de novembro do dito anno (em um domingo.) Deram-lhe o titulo de *hospital de D. Luiz I*:

Foi um dia de grandes festas e geral regosijo para o povo da villa e immediações. Todas as despesas d'esta esplendida solemnidade foram á custa dos cavalleiros da direcção do hospital.

O sr. D. Luiz I, deu para as obras, 500.000 réis. A casa é elegante e de boas dimensões para o seu movimento.

Os bemfeitores que maiores esmolas deram para esta obra de caridade, alem do sr. D. Luiz, foram os srs. Joaquim de Almeida Soares, Francisco da Costa Guilherme, Manuel Teixeira da Costa, José Custodio Monteiro, e Manuel José d'Oliveira Lemos.

Este ultimo é o dono da casa do hospital, e a arrendou á commissão por 80\$000 réis annuaes.

Em 24 de setembro de 1875, teve logar a inauguração do caminho de ferro, pelo systema americano, da Régua a Villa Real. Em razão dos accidentes do terreno, os carros eram tirados nas subidas, por bois. Não deu resultado: foi dinheiro perdido, pela *companhia transmontana*, que, todavia, mereceu elogios pela sua tentativa.

Em 5 de novembro de 1875, falleceu no Pêso da Régua, Francisco Guedes Leite, filho do ultimo capitão-mór d'esta villa, José Guedes Leite. Eram dois homens de bem, e porisso geralmente estimados e respeitados. Francisco Guedes Leite, deixou irmãos, e uma filha unica, a sr.^a D. Maria Bernarda Guedes Leite, a todos os respeitos dignissima descendente de tão nobres progenitores.

Leite, é um appellido nobre em Portugal. Foi tomado da alcunha imposta a Alvaro Pires, no reinado de D. Affonso IV.—As armas d'estes Leites, são—em campo verde, 3 flores de liz, d'ouro, em roquete—élmo d'aço, aberto; e por timbre, uma das flores de liz das armas.

Outros Leites, trazem as flores de liz em campo azul, e por timbre, uma pomba branca, com as azas abertas, e com um ramo de ouro no bico.

Outros usam as armas antecedentes, mas por timbre, a cruz dos Pereiras, entre duas flores de liz, d'ouro.

Os Leites Pereira, são um ramo dos Leites, que se aparentou com os Pereiras, do Porto.

Estes tem por armas—escudo esquartelado, no 1.^o e 4.^o as armas primeiras dos Leites; e no 2.^o e 3.^o, de púrpura, uma cruz de prata, floreada e vazia do campo: élmo d'aço, aberto, e por timbre—a cruz das armas, entre duas flores de liz, verdes.

Ainda outros Leites Pereiras trazem—escudo esquartelado, no 1.^o e 4.^o as armas primeiras dos Leites, e no 2.^o e 3.^o, de verde, cruz *potenteia*, de púrpura e vazia de

prata. O mesmo élmo, e por timbre, a cruz das armas, entre duas flores de liz, d'ouro.

Em janeiro de 1876, falleceu, na sua casa do Extremadouro, freguezia de Fontellas proximo a esta villa, com 100 annos de idade, D. Maria Delfina da Cunha Leite Pereira de Vasconcellos, mãe do antigo deputado e governador civil, o sr. Antonio Felisberto da Silva e Cunha, e avô do sr. Eduardo Pinto da Silva e Cunha, empregado superior do ministerio do reino, e tambem antigo deputado. Eram bisnetos d'esta senhora, o sr. Jeronymo Pimentel, que tambem tem sido deputado, e o sr. Henrique da Cunha, secretario geral do governador civil d'Evora.

D. Maria Delfina, descendia, por seu pae, da illustre familia dos Cunhas, de Provezen-de, que hoje é representada pelo sr. Jeronymo Pimentel. Por sua mãe, descendia da nobilissima familia dos Leites Pereiras de Mello, de Campo-Bello, e dos Homens Carneiros de Vasconcellos, de Atães.

Era viuva de Luiz da Silva Pereira de Oliveira, socio da academia real das sciencias, corregedor de Miranda do Douro, e auctor da obra intitulada—PRIVILEGIOS DA NOBREZA E FIDALGUIA DE PORTUGAL, livro muito apreciado, e hoje raro.

Deixou numerosa descendencia—filhos, netos, bisnetos, e terceiros netos, espalhados por quasi todas as provincias de Portugal, e até por paizes estrangeiros.

A Régua principiou a ser illuminada, com azeite de purgueira, em fevereiro de 1876.

Ha n'este concelho minas de ferro, chumbo, estanho, cobre e outros metaes.

Em dezembro de 1876, tendo a companhia transmontana liquidado, uma companhia suissa requereu ao governo portuguez, licença para ensaiar na linha americana, uma locomotiva a vapor, apropriada e fabricada para subir fortes rampas e pequenas curvas, descer, adiantar, retrogradar, e parar, com toda a facilidade. A experiencia deu soffrivel resultado; mas nunca mais se fallou em semelhante cousa, até 25 de julho de 1877.

N'este dia, a companhia transmontana fez nova experiencia com outra locomotiva a vapor, que andou 5 kilometros em 28 minutos, sem o minimo accidente desagradavel. Assistiu o director das obras publicas do districto, e grande concurso de povo.

A experiencia fez-se entre a Régua, e a povoação de S. Gonçalo de Lobrigos.

Ao sahir da estação da villa, ha uma subida, com curvas de pequeno raio, e rampas bastante fortes. A locomotiva subiu e desceu as rampas, e passou as curvas sem difficuldade, parando, avançando e retrogradando á vontade dos machinistas.

Deus dé coragem á companhia transmontana para levar a effeito um empreendimento de incontestavel vantagem para os povos d'esta provincia.

Para se fazer uma ideia aproximada do valor da casa do famoso *Ferreirinha*, da Régua, julgo curioso resumir aqui o valor do que importaram as propriedades de seu filho, o sr. Antonio Bernardo Ferreira, na avaliação a que se procedeu no inventario, por fallecimento de sua esposa, D. Antonia Candida Ferreira, em setembro de 1877.—Eil-o :

Cinco moradas de casas na Régua.....	22:846\$200
Uma casa terrea, no caes da mesma villa.....	4:039\$600
Quatro armazens na mesma villa.....	6:608\$800
A quinta das <i>Diabas</i> (1) nos limites da mesma villa....	12:422\$000
A quinta o Vallado, em Villarinho de Freires.....	47:604\$000
A quinta de Villa-Maior, em Lobrigos.....	28:494\$000
A quinta do Rôdo, em S. José de Godim.....	42:844\$000
A quinta Nova do Rôdo, na mesma freguezia de Godim.	4:780\$000
Um campo no Rôdo, da mesma freguezia.....	240\$000
A propriedade do Rechão de Cima, na ribeira do Rôdo, da mesma freguezia.....	270\$000

A vinha dos Lameiros, na mesma freguezia.....	500\$000
A vinha das Mirouços, na mesma freguezia.....	800\$000
A quinta dos Vergonças, na freguezia de Lobrigos....	9:632\$000
Monte e pinhaes do Maurinho, na freguezia do Loureiro.	3:002\$900
Somma.....	180:283\$500

Note-se que aqui não entram moveis nem semoventes, nem tudo quanto o sr. Antonio Bernado possui na cidade do Porto. E note-se, principalmente que a herança do *Ferreirinha* foi dividida pela sua viuva, pela sr.^a condessa da Azambuja, sua filha e pelo referido sr. Antonio Bernardo Ferreira.

A exportação dos vinhos do Alto Douro, pela Régua, para o Porto e de lá para todo o mundo, antes do *oidium* e do *phylloxera*, valia, termo medio, SETE MIL CONTOS, annualmente.

Mas o Douro está ameaçado por estes dois flagelos, e se forem no espantoso progresso e horriavel desenvolvimento em que tem hido ha alguns annos, ai dos proprietarios do Alto Douro, que ficarão, na sua maior parte, reduzidos a uma espantosa miseria, que reflectirá terrivelmente no commercio e industria do Porto, aos quaes os vinhos do Douro davam um poderosissimo impulso.

Custodio José Vieira

N'esta villa nasceu, a 27 de março de 1822, filho de paes remediados de bens da fortuna, o sr. Custodio José Vieira.

Depois de fazer exame de preparatorios, matriculou-se no 1.^o anno juridico, na universidade de Coimbra, em outubro de 1843.

Em 1846, tomou parte na guerra denominada *Maria da Fonte* ou *patuleia*, sendo um dos bravos defensores da causa popular. O general, Bernardo de Sá Nogueira, então visconde de Sá da Bandeira ¹ nomeou-o com-

¹ Tinha sido feito barão de Sá da Bandeira, em 4 d'abril de 1833: visconde do mesmo titulo, no 1.^o de dezembro de 1834. Foi feito marquez em 13 de fevereiro de 1864.

missario-civil de uma das tres circumscripções em que então dividiu o Algarve.

Terminada a guerra, pela intervenção estrangeira que produziu a *convenção de Gramido*, continuou os seus estudos, tomando o grau de bacharel em direito no anno de 1849.

Em 1848 estreou-se como jornalista, no jornal republicano o *Ecco popular*, de que era proprietario o livreiro já fallecido, José Lourenço de Sousa.¹

Passou depois a ser um dos principaes redactores do *Nacional*, que seguia a mesma politica democratica do *Ecco popular*, e no qual tambem collaborava o então conego, sr. Antonio Alves Martins, hoje dignissimo bispo de Viseu.

Em quanto que nos jornaes defendia as ideias politicas que do coração tinha adoptado, se tornava celebre no foro, como um dos mais esclarecidos advogados do Porto, sobre tudo, em defesa de jornaes accusados por *abuso de liberdade de imprensa*, commovendo o auditorio com a vehemencia dos seus discursos, e com a energia da sua palavra auctorisada; o que lhe deu a bem merecida fama de um dos melhores jurisconsultos do paiz.

Como proprietario e redactor principal do jornal *O Portuense*, continuou sendo um infatigavel e incorruptivel campeão do partido popular, que o elegeu deputado, em 1867.

Em 1871, foi nomeado commissario geral dos estudos, e reitor do lyceu do Porto, logar que pouco tempo exerceu, porque pediu a sua exoneração, que lhe foi concedida.

Fallecendo em Lisboa o conselheiro Gonçalves de Freitas, director-geral das contribuições directas, foi este emprego offerecido ao sr. Custodio José Vieira, que o acceitou e está exercendo com a integridade propria do seu caracter austero e imparcialissimo.

Pouco depois, foi eleito deputado por Lisboa.

¹ Foi tambem n'este jornal que mais tarde se estreou o sr. José Joaquim Rodrigues de Freitas, esclarecido lente da escola politichina do Porto.

Como sr. doutor Custodio José Vieira occupa um logar tão elevado na sociedade, não quero que este artigo se attribua a lição; porisso terminarei dizendo—é um transmontano verdadeiro, que é o mesmo que dizer—uma portuguez d'antes quebrar que torcer.

REGUDEIRO ou **REGODEIRO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca da Mirandella (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho da Torre de Dona Chama) 70 kilometros de Miranda do Douro, 420 ao N. de Lisboa.

Em 1757, tinha 10 fogos!

Orago Santo Amaro.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Guide apresentava o cura, que tinha 8\$000 réis de congrua e o pé de altar (não chegando todo o seu rendimento annual a 12\$000 réis!)

Esta *freguezia* foi, ha muitos annos, justamente supprimida, e encorporada á de S. Mamede de Guide,

REGUEIRA DE PONTES—freguezia, Extremadura, concelho, comarca, districto, bispado, e 6 kilometros de Leiria, 138 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Junto ao logar de Regueira de Pontes, sobre a estrada de Leiria a Ortigosa, logo passando o rio, existia uma capella muito antiga, dedicada ao martyr S. Sebastião, com seu alpendre e sachristia. Foi reconstruida em 1713, fazendo-se-lhe uma outra sachristia, sendo n'esse mesmo anno elevada a parochia, dando-lhe o bispo de Leiria, uma pia baptismal, que havia sido da igreja de Nossa Senhora dos Anjos, da mesma cidade.

Ainda antes de ser igreja matriz, havia na capella uma confraria das almas, que no dia da sua festa dava um bodo aos pobres, que constava da carne de quatro bois, 5 almudes de vinho, 1\$000 réis de pão cosido, e igual quantia em dinheiro. Este bodo cessou quando se reformaram os estatutos, em 1753.

O sino maior, foi fundido mesmo n'esta aldeia, em 1760, e custou 123\$460 réis—e

o mais pequeno, em 1764, e custou 76\$320 réis.

Como o templo fosse pequeno para matriz de uma freguezia, se construiu o actual, que é uma boa e vasta igreja. As obras principiaram em 1758; e o chão para a nova igreja foi comprado por 11\$480 réis.

Concluiu-se o templo em 1795.

É terra fértil.

REGUENGA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 20 kilometros ao N. do Porto, 320 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757, tinha 127 fogos.

Orago, Santa Maria.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 150\$000 réis de rendimento, além do pé d'altar.

É terra fértil. Muito gado de toda a qualidade.

Para a sua etymologia, vide *Reguengo*.

REGUENGO, REGAENDO, REGAENGO, REGALENGO, e REGALINDO—com todos estes nomes se distinguiam, desde o tempo dos reis das Asturias, todas as terras que eram patrimonio real, e que tinham sido á corôa por *direito de conquista*, confiscação, herança, escambo, etc., etc.

Varios soberanos doaram bens reguengos a igrejas, mosteiros e vasallos que queriam favorecer ou premiar.

As propriedades ruraes d'esta natureza, se dava tambem o nome de *reguengueiras*.

Tambem se denominavam reguengos, os fôros, direitos, ou regalias que em qualquer territorio, villa, cidade, concelho, ou conto, se pagavam á corôa; e era isto a que se chamava *direito real*.

REGUENGO—aldeia, Douro, na freguezia de Guizande, comarca, concelho e 8 kilometros ao N.E. da Feira.

Nasceu aqui um individuo da especie humana, considerado do sexo feminino, e baptisado com o nome de Anna. Quando já tinha 40 annos, querellou d'elle uma rapariga, pelo crime de tentativa de rouço.

Depois do competente exame, verificou-se que a ré era hermafrodita; mas, em vista

dos depoimentos das testemunhas da accusação, decidiu-se que predominavam no réu as tendencias masculinas, e foi declarado homem por uma sentença, sendo *chrismado pelo agente do ministerio publico* com o nome de Antonio.

Pouco depois d'esta sentença, o tal *Anna-Antonio*, casou com uma rapariga da freguezia de Louredo, e ambos ainda vivem.

No mesmo concelho aconteceu outro facto igual. Vide a 1.^a *Regedoura*.

REGUENGO—freguezia, Extremadura, comarca de Porto de Mós, concelho da Batalha (foi da comarca e concelho de Leiria) 12 kilometros ao N.O. de Leiria, 130 ao N. de Lisboa, 560 fogos.

Em 1757, tinha 477.

Orago, Nossa Senhora dos Remedios.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

O povo apresentava o cura, que tinha 110\$000 réis.

Reguengo é uma povoação antiquissima, e, segundo se collige de uma inscripção que está na capella da torre d'esta freguezia, já era povoada no tempo dos romanos. Eis a inscripção:

..... ANN
LABERIA L. FMA.....
FILIA PIENTI.....

..... annorum *Laberia, Lucii filia, ma (ter) pienti (ssimae)*

(A sua piedosissima filha, que morreu de annos mandou fazer este monumento, Laberica, filha de Lucio.)

Vê-se que esta inscripção está mutilada, e tem, além d'isso, letras apagadas. Pela parte de cima devem faltar duas linhas—a primeira que costuma ser a dedicação aos *deuses manes* (D. M.) e a segunda, que devia conter o nome da fallecida.

Falta-lhe tambem a ultima linha usual nos monumentos funerarios dos romanos, que era S. T. T. L. (*sit tibi terra levis*—a terra te seja leve.)

Esta Laberia, filha de Lucio, era uma no-

bre romana, flaminia¹ de Evora e da provincia da Lusitania.

Parece que esta sacerdotisa foi celebre no seu tempo, porque Diogo Mendes de Vasconcellos, diz que na antiga igreja de Santo Estevam, de Leiria, estava embebida na parede do frontespicio esta inscripção :

LABERIAE L. F. GALLAE
FLAMINICAE EBORENSE.
FLAMINICAE PROV. LVSI-
TANIAE IMPENSAM FUNE-
RIS, LOCVM SEPULTVRAE
ET STATVAM D. D. COLLI-
PFONECIVM DATANI L.
SVLPICIVS CLAVDIANVS.

Laberiae, Lucii filiae, Gallae, flaminicae eborensae, flaminicae provinciae Lusitaniae impensam funeris locum sepulturae et statvam. decreto decurionum collipponensium datam Lucius Sulpicius Claudianus.

(Lucio Sulpicio Claudiano, fez á sua custa o funeral, deu logar para a sepultura, e levantou esta estatua, que lhe foi concedida por decreto dos decuriões de Callipo (Leiria, a velha) a Laberia Galla, filha de Lucio, flaminia d'Evora e da provincia da Lusitania.

A primitiva igreja de Santo Estevam, foi demolida em 1507, e edificada a actual, e a lápide que continha a inscripção, desapareceu: provavelmente foi aproveitada para alvenaria da nova igreja.

Fallam d'esta inscripção, alem de Vasconcellos, já citado, frei Bernardo de Brito, o visconde de Paiva Manso, Gruter, Manoel de Faria e Sousa, Hubner, e o sr. Victorino da Silva Araújo, professor do lyceu de Leiria; mas todos com mais ou menos variantes.

Eu escolhi a que me pareceu mais correcta.

Mesmo como parochia catholica, esta fre-

¹ Os sacerdotes dos antigos romanos, chamavam-se *flamines*, e as sacerdotizas *flaminias*, *flaminicas* ou *flaminicias*. Tinham obrigação de sustentar sem interrupção o fogo sagrado, e d'aqui lhe provem o nome. (Vide a 2.^a *Chellas*, vol. 2.^o, pag. 287, col. 2.^a)

guezia é mais antiga do que o bispado de Leiria, pois foi creada por D. Pedro, bispo da Guarda e prior-mór do real mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, a requerimento dos povos do Reguengo, em 1512.

Esta freguezia e outras muitas do actual bispado de Leiria, formavam um *isento* de Santa Cruz.

D. Pedro deixou aos parochianos o direito da apresentação do cura, mas, das rendas do prior-mór, só tirariam para o paracho 2\$500 réis cada anno; e ficariam com a obrigação da fabrica da igreja.

Até 1512, esta aldeia pertencia á freguezia de S. Martinho, e o povo da nova freguezia ficou obrigado a hir duas vezes no anno (nos dias do Corpo de Deus e de S. João Baptista) visitar a sua velha matriz.

Com a suppressão da freguezia de S. Martinho, cessou esta obrigação.

Quando se instituiu esta freguezia, combinaram os freguezes em dar ao parochio (que era o capellão da ermida erecta em matriz) de *ordinaria*, 80 alqueires de trigo e 25 almudes de vinho mōsto (depois, em logar do vinho, davam-lhe 25 alqueires de trigo) e os taes 2\$500 réis do prior-mór. Tinha tambem o pé d'altar e as *offertas* (só da igreja parochial.) Tinha mais de *amentas*, 25 alqueires de trigo, 17 perpetuos e 8 voluntarios, e outra amenta¹ de um alqueire de azeite, á safra.

¹ A palavra *amentar* é uma das summamente elasticas do portuguez antigo.

1.^o—É voz pastoril, e significa enfeiticar ou encantar, chamando por canto, os lobos para destruirerem os rebanhos do visinho. (*Magica carminē lupus convocare.*)

2.^o—Amentar se dizia quando o gado andava alegre, saltando e rotonçando. Julga-se vir do latino *armentum*.

3.^o—Trazer á lembrança, recordar, etc., (*quasi in mentem, seu memoriam revocare.*)—Não me emente—isto é—não falle: em mim, ou não se lembre de mim.

4.^o—Amentar, ou emmentar, é o acto em que os parochos, ou seus curas, rezam, antes da missa conventual, pelas almas dos defuntos cujos herdeiros lhe pagam as *emmentas*.

Pretendem alguns que emmentar é corrupção de *mementar*,

Tudo isto é que o *Portuguez Sacro e Profano* avalia em 110\$000 réis.

Quando se creou esta parochia, foi eleita por sua padroeira a Santissima Trindade; mas quando se construiu a igreja actual, mudou-se a invocação para Nossa Senhora dos Remedios.

Já disse que o capellão da antiga ermida foi o primeiro parochio da freguezia, e assim se continuou a denominar por muito tempo: depois é que se lhe deu o titulo de cura.

Quando se creou o bispado de Leiria, em 1545 (4.º vol., pag. 72, col. 1.º) os parochianos do Reguengo obtiveram um breve apostolico para que dos dizimos se pagasse a *ordinaria* ao capellão, obrigando-se elles a darem annualmente, um cirio, de uma libra de péso, á igreja de S. Martinho, d'onde haviam sido desmembrados. O cirio era dado no domingo de Paschoa.

Principiou esta freguezia com 80 fogos, e d'ahi a 93 annos (1605) já contava 360.

No alto, sobranceiro á igreja parochial, está a ermida de *Nossa Senhora do Fetal*, ou *Feital*. A primitiva era antiquissima, e

por se dizer no responso dos defuntos, *memento mei Deus*, etc.

Ementar ou *emmentar*, é ainda uma variante de *amentar*, e tem as seguintes significações:

1.º—Escrever em livro ou em rol, o que se gasta, compra, vende, ou despendo; e ao tal livro ou rol se chamava *ementa*. (*Ordem*, livro 1.º tit. 78, § 5.º)

2.º—*Ementa* se chamava tambem ao livro em que se escreviam, em resumo, as cartas regias, doações, graças, mercês, etc. (*Cod. Alf.*, livro 1.º, tit. 10, § 1.º)

3.º—*Ementar*—dizer em summa, recapitular, trazer á memoria as acções (boas ou más) de qualquer individuo.

4.º—*Ementa* se chama o rol que os parochios tem na mão quando rezam pelas almas dos defuntos, e o vão lendo, para lhe não esquecer nenhum.

De *ementa* é que vem a pa-

provem-lhe o nome; de ser a imagem da Senhora achada por uma pegureira, em uma feiteira (mouta de fectos) onde a ermida foi construida. Era apenas uma edicula e quasi debaixo do chão, pois se descia para ella, por tres degraus. Deu-se-lhe a invocação de Nossa Senhora da Fé; mas o publico sempre lhe ficou chamando Nossa Senhora do Fetal.

Como o povo dos arredores principiasse a ter muita devoção com esta Senhora, accudiram as esmolos e offertas em grande quantidade, e então se lhe construiu um bello templo, que é o actual, no anno de 1585, segundo se vê de uma inscripção, embebida na parede da igreja, que diz:

NO ANNO DE 1585
SE FEZ ESTA EGREJA
DE NOSSA SENHORA DO FETAL
COM AS ESMOLAS DOS FIEIS CHRISTÃOS
E SE VAY RENOVANDO
E SE VÃO FAZENDO OBRAS
COM AS DITAS ESMOLAS

O bispo e o cabido, buscaram um pretexto para lançarem mão das esmolos e offertas da Senhora, ficando obrigados á fábrica da capella, mas o povo, se a quer reparada, quando ella precisa de concertos, o tem feito á sua custa.

Tem uma confraria que no seculo 17.º chegou a ter 900 irmãos, tanto da freguezia como de outras, e até de fóra do bispado.

lavra ementairo (inventario) portuguez antigo, ainda muito usado do nosso povo das aldeias. Significa *ementariação* (rol, indice, elencho, etc.) de todos os objectos que constituem uma herança.

As *amentas* ou *ementas* dos parochios, são de duas qualidades—uma obrigatoria, outra voluntaria. A primeira todos os herdeiros tem obrigação de pagar no primeiro anno do fallecimento do parente, e consta de um alqueire de trigo ou de milho, segundo o costume da parochia. A segunda (a voluntaria) é se o freguez se avem com o parochio por certa offerta annual, para lhe *ementar in perpetuum* (em quanto os herdeiros pagarem, bem entendido) as almas dos seus parentes fallecidos.—No primeiro caso, diz o parochio—*Pela alma de F., pater noster*.—No segundo, diz—*Pelas almas a que e obrigado F. (o offerente) pater noster.*)

A festa da Senhora faz-se no 1.º domingo de outubro, havendo na vespera e no dia, não só uma concorridissima romagem, mas tambem uma boa feira. Havia tambem antigamente um grande bodo para os que d'elle se quizessem utilizar.

A ermida tem alpendre, 3 altares, sachristia, e casas para os romeiros.

Alem da confraria da Senhora, ha aqui outra do Espirito Santo.

Logo abaixo da ermida, na margem do caminho, ha um poço, e sobre elle, em um nicho de pedra, está a imagem de Nossa Senhora da Consolação. É advogada contra as verrugas.

Na serra que principia por cima do lugar do Reguengo, a uns 6 kilometros de distancia da aldeia, está a ermida de S. Mamede. Faz-se-lhe a festa no domingo anterior ao dia de S. João Baptista, havendo tambem então, feira e bodo. Tem uma confraria, auctorizada por uma provisão régia.

Tem os povos d'aqui muita devoção com este santo; mandam-lhe dizer muitas missas, na roda do anno, e creem que elle lhes guarda os seus gados, que pascem na serra, dos lobos que alli ha.

Na aldeia da *Torre de Magueixa*, d'esta freguezia, ha uma ermida, dedicada a Santa Iria, a cuja fabrica são obrigados os moradores do lugar.

Fica a 9 kilometros de Leiria.

Segundo a tradição, Santa Iria é natural d'este lugar, e a capella foi construida nas casas em que ella nasceu.

A capella tem sachristia, e alpendre.

Ha n'esta capella uma confraria de defunctos, muito antiga. Tem bodo no 2.º domingo de outubro.

Diz-se que ao lugar da Torre de Magueixa, se dava antigamente o nome de *Torre da Magacia*, que, no portuguez antigo, significa *Torre da Magia* ou da *Feitigaria* por ter pertencido a um magico, ou feiticeiro. (!)

Junto ao lugar de *Alcanada*¹ existia, de tempos immemoriaes, uma capellinha, dedicada a Santo Ilário.

Em 1567, foi demolida, e em seu lugar se construiu a actual, dedicada ao Evangelista S. Matheus. Tem 30 alqueires de trigo de rendimento. No dia da festa, ha bodo aos pobres; e, alem da confraria do padroeiro, ha outra de defuntos.

No lugar das Torrinhas, ou Piqueiral, ha a ermida de Santa Maria Magdalena, construida em 1600, por visitação, sendo bispo, D. Martim Affonso Mexia, para administrar os sacramentos aos povos d'estes logares; que são obrigados á fabrica, assim como os mais das outras aldeias que d'aqui são sacramentados.

Na aldeia de Valle-Magro, ha uma capella, de Santa Maria, construida tambem por visitação, no tempo do mesmo bispo, no anno de 1608. É tambem para administração dos sacramentos dos visinhos do lugar e immediatos, que todos são obrigados á sua fabrica.

Havia ainda n'esta freguezia a ermida de S. José, no lugar de Alqueidão da Serra. Em 1620, o bispo, D. Martim Affonso Mexia, erigiu a capella em egreja matriz, da freguezia de Alqueidão da Serra, que m'esse anno creou, desmembrando-se, com outras aldeias, da freguezia do Reguengo.

Foi arbitrado ao parcho (cura) o rendimento de 80 alqueires de trigo, 25 almudes de vinho mosto, as offertas e o pé de altar. Os parochianos lhe deram casa para residencia, como se obrigaram, quando pediram ao prelado a creação da sua parochia. Principiou esta freguezia com 70 fogos: em 1757, ainda só tinha 73, e hoje tem 200. Dista 18 kilometros de Leiria.

Parte do lugar d'Alqueidão da Serra, per-

¹ Alcanada, como Alcanéde, significa lugar sombrio, ou temperado. Tambem significa homem pensador, prudente, reflectido, etc.—Deriva-se do verbo arabe *canatia*, ser sombrio, temperado.

tence á freguezia de S. João, da villa de Porto de Mós (!) por sentença que obtew a casa de Bragança, contra o bispo, D. Diniz de Mello.

Ficou pertencendo a esta freguezia d'Alqueidão, a aldeia da Motta-Longa, onde ha uma capella dedicada a Santa Catharina; feita tambem para administração dos sacramentos, e a cuja fabrica são obrigados os moradores do logar.

A palavra alquidão, deriva-se do árabe *alqueidam*, que significa *passos*, ou *passadas*. D'aquí vem o nome de Alqueidão que tem 29 aldeias, quasi todas na Extremadura. Propriamente significa—*terra medida a passos*.

De *alqueidam*, se deriva:

1.º—*Alquiar* (portuguez antigo, que depois se disse *alquilar*) e vem a ser—*ateigar*, dar de renda qualquer propriedade movel ou semovente. D'aquí, *alquilê*, o que aluga béstas.

2.º—*Alquidar*, dar de renda a terra medida. É por isto que á propriedade que seu dono não cultivava, e costumava sempre trazer de rendas, se dava o nome de *alqueidão*.

A camara municipal de Lisboa, tinha vastas propriedades no Riba-Tejo, que lhe constituíam um dos seus principaes rendimentos, chamadas *Terras do Alqueidão*. Foram *desarmotizadas* pelo governo, em 1876—quer dizer—havendo uma banca-rôta, lá se vão os rendimentos das Terras do Alqueidão.

No 1.º de dezembro de 1834, foi feito visconde do Reguengo (mas não sei de qual Reguengo) o general, Jorge d'Avilez Juzarte—e em 4 de julho de 1870, foi feito visconde do mesmo titulo, o sr. Jorge Frederico de Avilez.

Nasceu n'esta freguezia, soror *Maria do Rosario* (antes de ser freira, Maria Thereza Ignacia) religiosa do mosteiro do Sacramento, da cidade de Lisboa.

Foi por muitos annos considerada, como uma freira de grandes virtudes; mas isto não foi o sufficiente para escapar a graves

accusações que d'ella fizeram á *Inquisição*. Foi enterrada nos medonhos carcereiros do *Santo Officio* (palacio dos estãos, onde hoje é o theatro normal) e taes tormentos fizeram soffrer á desgraçada, que a obrigaram a confessar tudo quanto os inquisidores quizeram, apezar de serem os mais ignobeis absurdos, que hoje nos fazem rir, mas que n'esse tempo causaram lagrimas de sangue e dores atrocissimas a milhares de victimas.

A sentença contem tão repugnantes immoralidades, termos tão improprios de um tribunal, que só a posso comparar ao indecentissimo processo da nullidade do matrimonio, da tristemente celebre duqueza de Nemours, D. Maria Francisca Isabel de Sabor, contra D. Affonso VI.

Depois de muitos dias dos mais incomportaveis tormentos e das mais dolorosas torturas, obrigaram a confessar a desgraçada Maria do Rosario, que:

Na idade de sete annos lhe appareceu o demonio, em casa de um tio d'ella, parocho de uma freguezia de Evora, e que estabelecera com o demonio relações amorosas.

Quando a ré chegára aos 13 annos, de novo lhe appareceu o demonio, e com elle celebrou pacto expresso, por um escripto feito com o proprio sangue, tirado de um braço com um alfinete.

Pelos poderes que o demonio seu esposo lhe concedera, fez feitiços a seu proprio pae, que d'isso falleceu, e a sua mãe, que morreu doida.

Concebeu sete filhos do mesmo demonio, com a singular circumstancia de que a gestação do feto nunca durara mais de tres meses.

De um estudante a quem *apparecêra invisivelmente*, teve uma filha, que duas feitiçeras mataram sugando-lhe o sangue pela lingua.

Á sua parte matára cinco crianças, bebendo-lhes o sangue, e tomava-se de raiva quando as suas companheiras matavam alguma sem lhe darem noticia.

Sendo considerada por todos como *mulher de virtude*, fôra consultada por outra mulher que tinha o marido na India, e desejava saber d'elle. Maria do Rosario, á meia noite,

untou-se com unguento, e foi á India, pegou no homem, que estava dormindo, e n'essa mesma noite o trouxe a Lisboa, em uma embarcação, apresentando-o á mulher, que tomou o caso por milagre de Santo Antonio. A feiticeira, que não desejava alegrias a ninguém, pegou outra vez no homem e reconduziu-o á India na mesma noite.

Confessou tambem que, quando celebrava os desposorios com o demonio, este a levava a uma casa, onde elle se sentára n'um throno, rodeado de negros; que tambem alli havia frades com os seus capellos; que a fizeram bailar com todos; e que seu esposo lhe offerecêra uma bebida composta de lagartixas e outros bichos; que ella bebêra por fineza, mas que ficara com o estomago enciado: que fizera varias viagens, em figura de gato e de corvo; que o demonio tomava muitas vezes a forma d'ella, para a substituir nas funcções da cosinha, e no toque dos sinos do convento, emquanto ella andava pelo mundo fazendo das suas; que o demonio a tinha visitado sete vezes, nos carcereiros do Santo Officio, para a consolar; e disse mais, que o numero das pessoas que se lembra de ter morto com feitiços chegaria a cento e trinta e sete.

O tribunal do Santo Officio, em vista das *explicitas confissões da ré*, diz no final da sentença que *deixa o rigor do direito e simplesmente lhe impõe a pena de hir a auto de fé, levando habito e carocha, e a ser reclusa perpetuamente nos carcereiros do Santo Officio, para salvação da sua alma.*

É notavel, esta piedade dos inquisidores! Se o menor dos crimes que a infeliz foi obrigada a confessar, fosse verosimil, era sufficiente para ella ser queimada; mas a Inquisição contentou-se com a pena de reclusão perpétua. Ella lá tinha as suas rasões, para nós impenetraveis...

REGUENGO—freguezia, Alemtejo, concelho, comarca, districto administrativo, bispado, e 3 kilometros de Portalegre, 180 ao S.E. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 124 fogos.

Orago, S. Gregorio Magno.

A mitra apresentava o cura, que tinha 90

alqueires de trigo de renda, e o pé de altar. É terra fertil.

REGUENGO—freguezia, Alemtejo, concelho de Alter do Chão, comarca da Fronteira, 40 kilometros d'Elvas, 180 ao E. de Lisboa.

Em 1757, tinha 58 fogos.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

A mitra apresentava o cura, que tinha 96 alqueires de trigo e o pé de altar.

Esta freguezia está ha muitos annos unida á de Alter do Chão, e por isso se diz—*Alter do Chão e Reguengo.*

REGUENGO D'ALCALÁ—Vide *Alciçovas*, villa.

Alcalá, é palavra árabe, significa castello, ou fortaleza. Na Hespanha ha varias povoações com o nome d'*Alcalá*, e uma cidade na Castella-Nova.

Note-se que *alcalá*, como *alcásba* (que os árabes pronunciavam *alcáceba*) são synonymas, e ambas significam a mesma cousa.

Por não hir no logar competente, fallarei aqui dos condes das Alciçovas.

O primeiro conde das Alciçovas, foi D. Francisco de Salles Henriques Pereira de Faria Saldanha Vasconcellos de Lencastre (que era o 12.º senhor das Alciçovas) feito no 1.º de dezembro de 1834. Era commendador da ordem de Christo, cavalleiro da de Torre Espada, e tenente do exercito liberal, perdendo um braço no cerco do Porto. Foi militar distincto.

Nasceu a 12 de dezembro de 1811, e succedeu na casa a seu avô materno, em 21 de fevereiro de 1822.

Era filho de D. Thereza Francisca de Paula, filha unica de D. Caetano Alberto Henriques Pereira de Faria Saldanha de Lencastre, 11.º senhor das Alciçovas, fallecido a 21 de fevereiro de 1822, e de D. Maria Domingas de Castro.

D. Thereza Francisca de Paula, nasceu a 27 de fevereiro de 1788, e casou a 27 de fevereiro de 1808, com Luiz de Vasconcellos e Souza (segundo filho dos 2.ºs marquezes de Castello Melhor), do conselho de sua ma-

gestade, veador da infanta D. Isabel Maria (filha de D. João VI), par do reino, feito em 1835, capitão de infantaria, inspector geral do Terreiro, e nascido a 6 de fevereiro de 1791.

D. Thereza morreu a 2 de janeiro de 1821.

O 1.º conde das Alcáçovas, teve quatro irmãos:

1.º—*D. Marianna*, nascida a 8 de janeiro de 1814. Casou, a 20 d'agosto de 1837, com Carlos Leme Vieira Guedes, moço fidalgo, e administrador do morgado de Valle do Couto, em Meção-frio.

2.º—*D. Leonor*, nascida a 20 d'agosto de 1818, e fallecida a 10 de fevereiro de 1836.

3.º—*D. Caetano de Lancastre*, nascido a 24 d'agosto de 1819, e foi o 2.º conde das Alcáçovas, feito em 22 de maio de 1840.

4.º—*D. Helena*, nascida a 31 de dezembro de 1820, e fallecida a 23 de janeiro de 1836.

O senhorio das Alcáçovas, foi dado a esta familia, por D. Duarte I, em 1439.

O seu palacio em Lisboa, é na rua da Cruz.

É 3.º conde das Alcáçovas, o sr. D. Luiz Henriquez de Faria Pereira e Lencastre.

Lencastre, é um appellido nobre em Portugal. O primeiro que com elle se encontra, é D. João de Lencastre, feito marquez de Torres-Novas, por D. Manuel I, e 1.º duque de Aveiro, por D. João III, em 1547.

Era filho primogenito de D. Jorge, duque de Coimbra, filho bastardo de D. João II.¹

As armas dos Lencastres são as mesmas de que usavam os duques de Aveiro — as armas de Portugal, com a quebra de bastardia, e por timbre, um pelicano.

REGUENGO DA CARVOEIRA — ou sim-

¹ D. João II fez todas as diligencias para que seu filho bastardo, D. Jorge, subisse ao throno, visto ter morrido seu unico filho legitimo, D. Afonso (da queda de um cavallo, junto a Santarem, em 1491); mas sua mulher, a virtuosissima rainha D. Leonor, e a maior parte dos fidalgos, oppozeram-se teozamente, á pretensão do monarcha, e succedeu-lhe na corôa seu primo e cunhado, D. Manuel, duque de Beja, natural de Alcochete, e filho do infante D. Fernando, duque de Vizeu, filho do rei D. Duarte. D. Manuel era irmão da rainha D. Leonor.

plesmente *Carvoeira*. Já fica descripto sob esta ultima palavra, no 2.º vol., pag. 139, col. 1.ª; mas já não está annexa a Chileiros, como alli se diz.

REGUENGO-GRANDE — freguezia, Extremadura, concelho da Lourinhan, comarca de Torres Vedras, 60 kilometros ao N.O. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757, tinha 130 fogos.

Orago S. Domingos.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O sacro collegio patriarchal e o prior e beneficiados da egreja de Santa Maria d'Óbidos, apresentavam simultaneamente o cura, que tinha 100\$000 réis de rendimento e o pé de altar.

É terra fertilissima.

Perto d'esta freguezia passavam as famosas *linhas de Torres Vedras*, que tanto mêdo incutiram aos francezes.

REGUENGO DO RIBA-TEJO — aldeia, Extremadura, freguezia, concelho e comarca do Cartaxo (era do concelho da Azambuja, supprimido em 1876, e da comarca d'Alemquer), 60 kilometros ao N.E. de Lisboa, a cujo Patriarchado e districto administrativo pertence.

É n'este logar a *ponte do Reguengo*, onde está a 10.ª estação do caminho de ferro do norte e leste. (Vol. 7.º, pag. 184, col. 1.ª)

Esta povoação soffreu gravissimos prejuizos com as inundações de novembro e dezembro de 1876; assim como as *terras do Alqueidão*, da camara municipal de Lisboa, que são n'estes limites.

A maior inundaçào, foi nos dias 6 e 7 d'aquelle ultimo mez, cobrindo os vastos campos do Reguengo e das terras immediatas. Tornou-se digno da gratidão geral d'estes povos, em tão terrivel conjunctura, o sr. José Vicente da Costa Junior, de Salvaterra de Magos, que, com imminente risco de vida, salvou varias pessoas, animaes e generos, em um bareo seu, conduzindo tudo para Salvaterra, apezar da violencia da tempestade e do furor vertiginoso das ondas.

Vide *Riba-Tejo*.

REGUENGOS ou **VILLA NOVA DE RE-**

GUENGOS—villa, Alemtejo, cabeça do concelho do seu nome, na comarca do Redondo, 35 kilometros d'Evora, 135 ao S.E. de Lisboa. Tem 600 fogos.

Em 1766, tinha 291 fogos.

Orago, Santo Antonio de Lisboa.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 240 alqueires de trigo e 60 de cevada.

É terra fertilissima. Muito gado, de toda a qualidade.

A freguezia dos Reguengos está situada entre campinas, pertencentes á casa de Bragança, da qual era *reguengo*, e d'ahi lhe vem o nome.

Pelos annos de 1680, 12 kilometros ao E. de Monsaraz, existia em um sitio solitario, porém ameno e fertil, uma antiga ermida, dedicada a Santo Antonio de Lisboa.¹ A belleza do logar, foi, pouco a pouco attrahindo para aqui desde aquelle anno, algumas familias, que construíram as suas casas em volta da ermida, e tanto foi crescendo a povoação, que, pelos annos de 1760, o povo requereu e obteve que a aldeia fosse elevada á cathegoria de parochia, quando o logar já era composto de uns 280 fogos. A capella de Santo Antonio ficou servindo de igreja matriz, para o que, passados poucos annos (1710) foi accrescentada, e, como ainda não tivesse a capacidade sufficiente, tornou a accrescentar-se; mas, apezar d'isso, ainda é acanhada para a população, em vista do desenvolvimento que esta tem tomado.

As casas são, pela maior parte, baixas, e as ruas summamente tortas, pela falta de cuidado que houve no seu alinhamento desde o principio, pois que cada um construia a sua casa onde melhor lhe parecia.

¹ É preciso notar que se em 1680 estava o sitio deserto, é porque tinha sido abandonado pelos seus habitantes, depois da destruição das suas casas, com as guerras continuas dos seculos viii, ix e x, e ainda hoje ha vestigios de construcções antiquissimas. Isto já no principio do seculo xiii era reguengo, e como tal lhe deu foral, D. Sancho I, em 1205, como adiante veremos, e é provavel que já por estes sitios habitassem alguns *reguengueiros* (caseiros da corôa).

Este povo é sobremaneira industrial, e, além da agricultura, fabrica varios tecidos de lan, como saragoças, estamenhas, mantas, cobertores, e chapeus.

Foi esta povoação crescendo á custa da villa e praça de guerra de Monsaraz, pois que, estando esta construida em uma aspera eminencia, propria para uma fortaleza, não o era para as outras commodidades da vida; e a aldeia de Reguengos, em pouco tempo excedeu em importancia a antiga villa de Monsaraz, e isto foi causa da antipathia que por muitos annos existiu entre as duas povoações; antipathia que ainda não está completamente extincta.

O governo, em attenção ao desenvolvimento da nova povoação, mudou para aqui a sede do concelho de Monsaraz, por carta de lei, de 18 de abril de 1838; e por outra carta de lei, de 29 de fevereiro de 1840, foi elevada á cathegoria de villa, com o nome de Villa Nova de Reguengos. Notemos, porém, que já em 1205, o foral lhe dá o nome de Reguengo de Villa Nova, o que prova que já então, ou mais proximo ou mais distante da capella de Santo Antonio, existia uma tal ou qual povoação, ou, pelo menos, alguma herdade da corôa.

O concelho de Reguengos é composto de cinco freguezias, todas do arcebispado de Evora, e com 1:900 fogos. São—Campo, Caridade, Corval, Monsaraz, e Reguengos.

Tinha mais trez freguezias, do mesmo arcebispado, que passaram a formar o concelho de Mourão, e eram—São Braz da Granja, Nossa Senhora da Luz, e Mourão e S. Leonardo, annexas, todas com 920 fogos.

É povoação antiquissima. D. Sancho I lhe deu foral, em Coimbra, no 1.º de julho de 1205, e seu filho, D. Affonso II, o confirmou tambem em Coimbra, em novembro de 1217. (*Maço 12 de foraes antigos, n.º 3, fl. 4 v., col. 1.ª*)

Não teve foral novo.

O nome que lhe dá o foral velho, é *Reguengo de Villa Nova*.

Diz-se que foi uma cidade romana, com o nome de *Ourégia*, ou *Turégia*. (Vide *Ouréga*, ou *Touréga*, a pag. 311, col. 2.ª do 6.º vol.)

Em 1837 appareceu no logar do Monte da Azinheira, d'esta freguezia, em um curral de bôis (1) um tumulo romano (ao qual muitos dão o nome de *sarcophago*)¹ de marmore branco.

Estava tapado com tres lagens, collocadas sobre barras de ferro, chumbadas.

Tinha dentro um esqueleto, e á cabeceira, um *vaso lacrimatorio*, de vidro.

É monolithico (de uma só pedra) e está cavado em forma de banheira, arredondado nas cabeceiras. Tem 1^m,95 de comprido, pela parte superior, e 1^m,80 pela inferior: 0^m,65 de alto, e 0^m,63 de largo.

É ornado, exteriormente, de baixos-relevos bem esculpidos, com um busto (tambem em baixo-relevo) de homem, com toga. Tem varias figuras d'homens, todas aladas, e uma junta de bôis, puchando a um arado, a cuja rabiça pega um mancebo que os guia. Tem as quatro estações, figuradas por outras tantas mulheres, com os attributos, ou emblemas, proprios.

Não tem inscripção, mas é de supôr que o figurão que aqui jazia, viveu no primeiro ou segundo seculo do christianismo.

Esta preciosidade archeologica foi vendida pelo seu proprietario, á camara municipal do Porto, por 50 libras, e foi para o seu museu (Allen) em 1867, e alli se conserva.

Nas immedições do referido logar do Monte da Azinheira, appareceram outras muitas sepulturas, a maior parte de marmore branco, com ornatos de marmore preto, cobertas de tijolo e cada uma com seu esqueleto, e vaso lacrimatorio, de barro verde, vidrado.

Tudo foi destruido, sendo a pedra empregada (depois de partida!) em fazer paredes.

Tambem appareceram algumas urnas ci-

nérarias, de barro, da capacidade de 40 a 48 litros; pedaços de chumbo, em barras e em tubos; e algumas moedas romanas, de prata.

Ha por estes sitios vestigios de uma antiquissima povoação, como pégões de arcos, aqueductos, galerias subterraneas, e abobadadas, dentro das quaes estavam penduradas pequenas alampadas de barro (*terebratulas*); alicerces de edificios, mós de moinhos, tijolos, e outros objectos.

Pretendem alguns antiquarios, que são os restos da cidade romana *Turégia*, ou *Taurerégia*; mas, se esta povoação existiu, não se sabe ao certo qual foi a sua situação, apenas se sabe que era na actual provincia do Alentejo. D'este logar a Évora, são 35 kilometros, e André de Rezende diz que *Turégia* ficava a 8 milhas d'Evora (isto é, 16 kilometros, pouco mais ou menos), na estrada d'esta cidade para Alcaçer do Sal. (Vide 6.º vol., pag. 314, col. 1.ª)

Tambem no Monte da Azinheira se achou, no principio d'este seculo, uma lapide com uma inscripção latina (que não copio, por ser muito extença) do anno 593 de Roma.¹

Para fugir a repetições, remetto o leitor que quizer saber tudo quanto de antigo diz respeito a Reguengos, aos artigos *Monsaraz* e *Ourega*.

REGUFE, ou **REGOUFE** — freguezia, que existiu na provincia do Minho, comarca e concelho de Barcellos. A igreja matriz era no sitio onde hoje se vêem os restos de uma capella. O orago d'esta freguezia, era o Salvador. Foi encorporada, há mais de duzentos annos, á freguezia d'Alheira. Vide esta palavra.

REI—Tanto das *actas* braccarenses, como de quasi todos os documentos escriptos na baixa latinidade, consta que n'esses tempos se dava o titulo de rei a todos os grandes senhores. O mesmo se vê nas historias de

¹ Roma foi fundada no anno do mundo 3251, ou 753 antes do nascimento de J.-C., por consequencia, o anno 593 de Roma, corresponde ao anno do mundo 3844, que é o anno 160 antes de J.-C.

¹ Sarcophago, não é, como muitos affirmam, synonymo de tumulo, ou mausoleu. Significa litteralmente, *tumulo vazio*. Quando o individuo que se queria memorar, tinha sido sepultado nas ondas, ou que, por qualquer motivo, não se sabia do cadaver, se lhe erigia um sarcophago. Então no epitaphio não se escrevia H. S. E. (*hic sepultus est*), mas sim A. P. M. (*ad perpetuam memoriam*).

Aragão e Navarra, pois se dava o titulo de rei, ao senhor de qualquer territorio ou comarca.

Durante o dominio dos mouros na Península hispanica, tambem elles tomavam este titulo, se possuiam qualquer cidade ou região. É por isso que vemos, *rei de Lamego, rei de Coimbra, rei de Santarem, rei de Badajoz, rei de Cintra, etc., etc.*

D. Fernando Magno, dando a seu filho, D. Garcia (1065), os condados de Portugal e Galliza, o infante tomou o titulo de rei.

As filhas dos monarchas de Hespanha e de Portugal, até ao seculo XIII, se denominavam rainhas.

Assim se assignava D. Thereza, mulher do conde D. Henrique, e sua irman (d'ella) D. Urraca, senhora de uma pequena parte da provincia de Traz-os-Montes.

O primeiro rei de Portugal que foi ungi-do, foi D. Affonso V.

REI D'ARMAS — vide 3.º vol., pag. 372, col. 1.ª

REI (S. João de Rei) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Póvoa de Lanhoso. Já está sob a palavra *João de Rei* (S.), no 3.º vol., pag. 414, col. 2.ª

Está, ha muitos annos, annexa a esta freguezia a de S. Pedro da Ajuda, ou de Ajude.

Como o facto que vou referir, teve logar annos depois de publicado o 3.º volume, não tenho remedio senão relatal-o aqui.

Nasceu n'esta freguezia e aqui falleceu, em abril de 1877, Antonio Manuel da Costa.

Esteve muitos annos no Brazil, onde juntou bons cabedaes. Regressando á sua terra natal,ahi viveu e morreu na maior miseria, como se fosse um dos mais pobres da freguezia.

Pelo seu testamento, conheceu-se que deixou uma riqueza superior a oitenta contos de réis fortes, instituindo por seu herdeiro universal um irmão.

Deixou 70 contos de réis nominaes, em inscripções de assentamento, metade ao hospital de S. Marcos, em Braga, e outra metade ao sr. Pinto Leite, do Porto.

Deixou um conto de réis fortes, para ser distribuido pelos pobres da sua freguezia; mas esta *deixa* foi causa de uma renhida questão.

Os pobres da freguezia de Ajuda, queñam ser contemplados, visto que a sua freguezia está annexa á de S. João de Rei; porén, os d'esta freguezia allegaram que Ajuda, continúa como curato separado, no qual são feitos todos os officios parochiaes, *desobriga*, etc., e que só no temporal está annexa, não tendo regedor nem junta de parochia, por não haver numero de fogos sufficientes para isso.

Por fim venceram os de S. João de Rei.

Tambem depois de estar publicado o 3.º volume, recebi os seguintes apontamentos, que teve a bondade de me mandar o reverendissimo sr. padre José Lopes d'Araujo e Silva, da freguezia de S. João de Rei, e que eu muito agradeço, porque, na verdade, são curiosissimos.

Peço desculpa de algumas pequenas mas inevitaveis repetições.

S. João de Rei foi povoado pelo conde D. Ozorio de Cabreira, filho de D. Sancho Velloso e de Moninha Forjaz, e descendente dos reis de Leão; D. Ozorio, veio em 1093, com o conde D. Henrique, para Portugal; povoou, e assenhoreou-se das terras de Cabreira e Ribeira, S. João de Rei, Berredo e Lanhoso, e fez o seu solar entre Homem e Cávado; perto d'Almares, na casa e torre dos Vasconcellos, da qual ainda ha muitos vestigios. Foi casado, segundo uns, com D. Sancha Moniz, e segundo outros, com D. Rufa Moniz, sua prima, e neta de D. Fernando Magno, primeiro rei de Castella e Leão.

Sendo, João Affonso de Beça, senhor de S. João de Rei, perdeu o senhorio d'esta terra e outras, por ser infiel a el-rei D. João I; e passou a Lopo Dias d'Azevedo, filho de Diogo Gonçalves d'Azevedo e de D. Aldonça Coelho, senhora de Terras de Boure, e neta de Pedro Coelho, valido de D. Affonso IV, a quem D. Pedro I mandou tirar o coração,

pelo peito, em Santarem, estando ainda vivo.¹

Lopo dias d'Azevedo, era decimo setimo neto de D. Arnaldo, natural d'Allemanha, da geração dos imperadores, que veio para Portugal em 1016, na armada dos normandos, e senhor do couto e casa de Azevedo e Castro, e de terras de Bouro, que por servir com muita satisfação e lealdade a el-rei D. João I, foi armado cavalleiro, pelas mãos do mesmo rei, na batalha d'Aljubarrota, a 14 d'agosto de 1385, é investido nos senhores de S. João de Rei, Aguiar de Pena, e Jales em Traz-os-Montes, e nos direitos reaes da honra de Frazão, no termo do Porto.

S. João de Rei foi concelho, composto de quatro freguezias, abaixo mencionadas, com foral dado por el-rei D. Manuel a 25 de dezembro de 1514, com o nome de Sanhoane de Rei.

¹ Teve lugar esta barbara vingança (mais do que justo castigo) em 1357, na praça, em frente do paço real, hoje chamado *largo de Cimo de villa*.

D. Pedro I, de Portugal, pactuára com seu sobrinho, D. Pedro, também 1.º (o Cruel) de Castella, de este lhe entregar Pedro Coelho, Diogo Lopes Pacheco e Álvaro Gonçalves—os tres assassinos de D. Ignez de Castro—e o tio lhe entregar D. Pedro Nunes de Gusmão, adiantado-mór de Leão; D. Mem Rodrigues Tenorio; D. Fernando Gudiel de Toledo e D. Fortão Sanches Calderon (que foi o mesmo que entregal-os ao carrasco.) O rei castelhano não pôde entregar senão Álvaro Gonçalves e Pedro Coelho, porque Diogo Lopes Pacheco conseguiu fugir para França, vestido de almocreve.

D. Pedro, apenas viu os dois assassinos, deu com um azurraque, que sempre trazia, em Pedro Coelho, que rompeu em publicas injurias contra o rei. Este disse então.—*Olá! trazei-me sebola e vinagre para este coelho.*

Os dois assassinos foram condemnados, sem forma alguma de processo. A Coelho, foi-lhe arrancado o coração pelo peito, e a Gonçalves, pelas costas, sendo depois queimados na mesma praça, na presença do rei, que, enquanto os dois cadáveres eram queimados, estava elle jantando a uma janella.

Os fidalgos castelhanos que haviam sido entregues a D. Pedro Cruel, morreram também, no meio dos mais atrozes supplicios.

(Os que desejarem saber mais circumstanciadamente este facto, vejam o 3.º vol., pag. 250, col. 2.ª e seguintes.)

S. Pedro d'Ajude, ao norte de S. João de Rei, e banhado pela margem esquerda do Cávado, tinha 30 fogos, em 1850; sendo abbade José Carlos Pereira, annexou-a a S. João de Rei, que se achava vaga por fallecimento do abbade João José d'Araujo. Santa Maria de Verim, ao poente d'Ajude e sul do Cávado, tem 92 fogos, era commenda de Christo com a annexa de Friande: a sua egreja é muito antiga, foi mosteiro dos Templarios, e sagrada em 1131, pelo arcebispo D. Paio Mendes; o senhor do concelho, recebia o sexto dos fructos d'esta freguezia; tem em Pégo Negro, margens do Cávado, uma fonte sulfurea, e medicinal. S. Martinho de Monsul, ao sul de Verim e do Cávado, tem 164 fogos, o lugar de Pousadella foi Couto da Marqueza de Niza, a cadeia e o pelourinho com a pedra d'armas, estão derribadas; o senhor da terra recebia o quinto dos fructos. S. João de Rei, ao nascente de Monsul, tem com a annexa d'Ajude 140 fogos; o senhor do concelho recebia o quarto dos fructos; a egreja d'esta freguezia dista de Braga 16 kilometros, d'ella se desfructa a ribeira do Cávado desde o Salgueiral até quasi á sua foz, que é em Fão. Os senhores d'esta terra perderam todos os foros e regalias que tinham, e os seus descendentes ainda aqui possuem algumas propriedades e uma casa em ruinas.

Produce em annos temperados, muito pão, bom vinho, muito azeite, laranja e mais fructas; caça de monte, coelho, lebre e perdiz; do rio, vogas, escalos, barbos, algumas trutas, e em alguns annos lampréas e salmões.

Em 1836, reuniu-se este concelho ao da Povia de Lanhoso, e por carta de lei, de 4 de julho de 1837, tornou a ser reintegrado, adicionando-se-lhe as sete freguezias seguintes: Santo André de Friande, que pertencia ao concelho da Ribeira de Sôas, tem 126 fogos, e é banhada pela margem esquerda do Cávado. As seguintes pertenciam á Povia de Lanhoso: S. Martinho d'Agua Santa, ao sul do Cávado, de 130 fogos, Santa Maria de Moure, ao sul de Agua Santa, de 81 fogos; já não existe n'esta freguezia o celebre castanheiro, que dava um moio de castanhas, nem a vide que dava trinta almudes de vinho, como diz o padre Antonio de Carvalho

na sua Corographia, mas ainda hoje ha perto da egreja uma carvalha que dá quarenta alqueires de bolotas, ou oito centos litros pouco mais ou menos; S. Julião de Covellas ao sul de Moure, de 66 fogos; S. Martinho de Ferreiros, ao nascente de Covellas, de 98 fogos; ainda existe n'esta freguezia a casa e torre que foi solar dos Machados; Santo Estevão de Geraz e Santa Tecla, annexas, ao nascente de Ferreiros, de 154 fogos. Já não existe n'esta freguezia a torre de Berrêdo, solar dos Berrêdos, como diz o padre Carvalho.

REI SALVADOR — freguezia, Alemtejo, comarca d'Elvas, concelho de Monforte (em 24 de outubro de 1855 passou para o concelho da Fronteira, mas, em 18 de dezembro de 1872, tornou para o concelho de Monforte), 24 kilometros d'Elvas, 270 ao E. de Lisboa, 45 fogos.

Em 1757, tinha 38 fogos.

Orago, o Salvador.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

A mitra apresentava o prior, collado, que tinha de rendimento (a que chamam bólla) 180 alqueires de trigo.

É terra fertil em cereaes.

REIGADA ou **ARREIGADA** ¹ — villa, Beira Baixa, concelho a 12 kilometros ao N. de Almeida, comarca de Pinhel (foi da comarca do Sabugal) 12 kilometros a E. de Pinhel, 335 a E. de Lisboa, 110 fogos.

Orago, S. Vicente, martyr.

Districto administrativo da Guarda, patriarchado de Lisboa, por ser do grão-priorado do Crato.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano*, por esquecimento, pois é freguezia muito antiga.

É a melhor povoação do concelho, e está situada em uma fertil planicie.

O rei D. Manuel lhe deu foral, em Évora,

a 15 de novembro de 1519. (*Livro de foaes novos da Beira*, folha 157, col. 1.^a).

Tem foral novissimo, dado por D. João IV, em 1650, dando-lhe então o titulo de villa.

REIGADO ou **ARREIGADO** — portuguez antigo ainda muito usado.

O que está connaturalizado, firme, fixo estabelecido em alguma terra, tendo casa familia.

Mando, que o Alcaide meor da Villa, seja vesinho, ou se faça vesinho arreigado, cm'ê de costume.

(Documento da camara secular de Câm-bra, de 1331).

Guardem bem as Cidades e Villas, conhomens jurados naturaes, ou moradores ereigados na terra.

(Codigo alf., liv. 1.^o tit. 30, in princ).

Ao pé da letra, significa o que ganhou raizes, radicado.

REIGAMENTO ou **ARREIGAMENTO** — portuguez antigo, fiança ou abono de pessoa que estava reigada na terra.

Mando, que este arreigamento, quando se ouver a fazer, que se faça nas naves (embarcações) que estiverem na agua, que tan-gem o seu termo de villa Nova, ou Gaya. E este arreigamento se não deve fazer n'aquelles averes, cujos donos forem arreigados, por aver outras ffiadores.

Assim o determinou D. Affonso IV, nas quartas côrtes de Santarem, de 1340. ¹

(Documento da camara do Porto).

REIGOSO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 19 kilometros ao S. de Montalegre (foi da mesma comarca, mas do supprimido, concelho de Ruivães) 51 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757, tinha 68 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

¹ Esta villa já fica descripta, sob o nome de *Arreigada*, no 1.^o vol, pag. 238 PP, col. 1.^a (a 2.^a Arreigada) mas aqui rectifico alguns erros, causados pela posterior mudança de divisão administrativa, e augmento o mais que d'esta povoação vim a saber.

¹ Viterbo diz que estas côrtes foram convocadas por D. Affonso IV, em 1369. É erro, foram em 1340. Em 1369 já D. Pedro I reinava havia 12 annos, porque seu pae fallecera em Lisboa, a 28 de maio de 1357. As ultimas côrtes a que presidiu D. Affonso IV, foram as quartas de Lisboa, convocadas em 1352. (Volume 2.^o, pagina 393, col. 1.^a).

O abade de S. Pedro do Covello do Geréz, apresentava o vigario collado, que tinha 80.000 réis e o pé de altar.

Esta freguezia está situada em terreno levemente accidentado, na margem direita do Regavão, que lhe corre ao sul.

A igreja matriz, foi construida em 1614.

A parochia compõe-se de trez aldeias, Reigoso, séde da parochia; Ladrugães, e Curraes.

Tem duas capellas publicas — uma, dedicada a S. Lourenço, em Ladrugães — outra de S. Miguel, em Curraes.

Fica a freguezia, abrigada do norte, pela serra de Lamas, e é abundante d'aguas, o que a torna muito fertil em milho, centeio, batatas e feijões.

Antigamente produzia algum vinho verde; mas hoje não o ha n'esta terra.

Pelo centro da freguezia, passa a antiga estrada de Braga, para Montalegre.

Pelo E. da freguezia, corre o ribeiro de Vallongo, que nasce na serra da Lomba do Régo, proximo a Fervidellas, e morre, com 6 kilometros de curso, no Regavão.

Réga, móe, e traz algum peixe miúdo.

REIGOSO — freguezia, Beira Alta, comarca de Vouseila, concelho de Oliveira de Frades, 30 kilometros ao N. de Vizeu, 270 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757, tinha 69 fogos.

Orago, S. Lourenço.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

A mitra apresentava o abade, que tinha 250.000 réis de rendimento.

É terra fertil, em gado e caça.

REIMBRAR — portuguez antigo, (tambem se dizia *remembrar* e *renembrar*) lembrar.

D'aquí *reimbrança*, recordação, lembrança.

Vem do verbo saxonio, *remember* (lembrar).

Os inglezes ainda teem o *remember*, com a mesma significação.

REIMONDA ou **REYMONDA** — já está sob a palavra *Raimondo*, aqui accrescento:

Reimondo, ou Reymondo, é appellido nobre em Portugal. Veio da Galliza, mas não se sabe quem o trouxe a este reino. O 1.º

que se acha com este appellido, é João Rei-

mondo, alcaide mór de Lisboa, que assistiu á doação que o rei D. Diniz fez da villa da Lourinhan, a seu filho bastardo, D. Affonso Sanches, conde de Albuquerque. (Vide *villa do Conde*).

As armas dos Reimondos, são — escudo esquatellado — no 1.º e 4.º, de azul, uma flor de liz, de prata — no 2.º e 3.º, do mesmo, uma arvore verde. Timbre, um peixe (*reimão*) de prata, com um ramo da arvore do escudo, na bocca.

REITOR — portuguez antigo, juiz árbitro. Hoje dá-se o nome de reitor ao que rege a universidade, ou qualquer egreja.

Na cathogoria ecclesiastica, reitor é o logar intermediario entre o vigario e o abade.

RELAMPADO ou **RELAMPADOS** — portuguez antigo — aliviado, abolido, relaxado, extincto.

Seria proveito á vossa terra taes degredos serem relampados.

(Côrtes de Leiria e Santarem, convocadas por D. Duarte I, em 1434.

Vide vol. 2.º, pag. 394, col. 2.ª

RELAÇOM — portuguez antigo. — *Casa da relaçom*, a que hoje chamamos casa da camara.

Fazer relaçom, era o mesmo que dizer — dar audiencia, fazer justiça ás partes.

RELEGADO — portuguez antigo — pegado, prêso, unido, aferrado.

Vem do latino *religatus*.

Não tem em ellas havenças, que os tenham relegados, e de ligeiro se vão, quando lhes praz.

(Documento da camara do Porto, de 1439.)

Relegado era synonymo de relego.

O vinho *relegado*, era o que se vendia no relêgo.

RELEGAGEM — portuguez antigo — certa pensão ou fôro que se pagava do vinho vendido por algum particular, emquanto durava o relêgo.

Era de 10 até 15 soldos por tonel.

(Documento da camara secular de Coimbra, de 1361).

Na cidade de Silves, se pagava de *relegagem*, por cada carga *cavallar*, um almude, e por carga *asnal*, meio almude.

(Documento da camara de Silves, de 1398).

RELÊGO — portuguez antigo — parece ser contracção, ou abreviatura, de *regalengo*.

Era um direito com que o soberano, ou seu donatario, podia livremente vender o vinho que nos seus *reguengos*, *coutos* ou *julgadas* se criava: e isso, em certos mezes, e por uns tantos dias, durante os quaes mais ninguém podia vender vinho sem se expor á pena de relegagem.

O tempo do relego, vinha marcado nos foraes, provisões, ou carta de mercê.

É por isto que tambem se dava o nome de relêgo, ao lagar, tulha, adega ou celleiro, em que o tal vinho se fazia e guardava.

RELÊGO — portuguez antigo — tambem se dava este nome ao a que nós hoje chamamos *relêvo*.

Huus castiças de prata, dourados, e lavrados de sinzel de meio relêgo.

(Documento de Alpendurada, de 1346).

RÊLHO — portuguez antigo — o fecho, ou fivelão com que se apertavam os cintos preciosos das senhoras portuguezas.

RELIGAS — portuguez antigo — reliquias de santos.

Mando as minhas religas, a minha filha, D. Berengueira.

(Documento de Almoester, do 1287).

RELIQUIAS — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Odemira, (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Ourique) 103 kilometros ao O. d'Evora, 140 ao S. E. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757, tinha 160 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Beja.

(Foi do arcebispado d'Evora, até á criação do de Béja).

A mitra apresentava o cura, que tinha 198 alqueires de trigo.

É terra fertilissima em cereaes. Muito gado e caça.

Em um domingo, 5 de setembro de 1875, pelas 9 horas da manhã, principiou um pavoroso indendio, na herdade do Valle da Casca, freguezia de S. Luiz, e propagou-se com tal velocidade, que, pouco depois, ardião soberbas mattas, pertencentes ás freguezias do Salvador, e das Reliquias.

Causou enormes prejuizss aos seus proprietarios.

REM — portuguez antigo — cousa — vem do latino *rem*. Até ao seculo 11.º significava *as couzas* que qualquer possuia, tanto em moveis, como em imoveis ou semoventes.

Em 1061, reinando D. Fernando Magno, fez, o presbytero Fromosinho Romariguiz, doação a seu filho, o padre Sandila — *de Baselicis, et omnia suo rem*, etc. — Desherdando o mesmo presbytero Fromosinho, a seu filho Fernando, por lhe ser desobediente, diz — *pra quo exivi meo filio Fernando, de meo praecepto, exhaeredavi eum de tota mea rem*. (Doc. d'Alpendurada, de 1062.)

REM — portuguez antigo — absolutamente nada, cousa nenhuma. Esta era a significação d'este vocabulo, nos documentos dos seculos 12.º, 13.º e 14.º Vem do francez *rien* (talvez já viesse dos gallos-celtas.) Os francezes modernos, para darem mais força á expressão, dizem *rien du tout*.

REMAESCER — portuguez antigo — ficar, restar. Vem do latino *remaneo*. (Doc. de Sazedas, do anno de 1312).

REMEDIOS (Nossa Senhora dos) — Vide 4.º vol., pag. 44, col. 1.ª — a 2.ª *Lamellas*.

Ao que então disse, tenho a acrescentar os successos posteriores.

Depois de 23 annos de assiduos trabalhos do ermitão José Lopes, para a conclusão do formoso templo de *Nossa Senhora dos Remedios da Divina Providencia*, na aldeia de Lamellas, freguezia, concelho e comarca de Castro Daire, e por ordem do sr. bispo de Lamego, foram, no sabbado de Ramos, 13 de abril de 1878, em visita ao novo templo, o arcepreste do districto, o reverendo sr. Antonio Bizarro, e o abba de da respectiva freguezia, o reverendo sr. João de Barros, com auctorisação para benzerem a egreja, e ser admittida ao culto divino, se a achassem nas circumstancias.

Ficaram os dois ecclesiasticos maravilhados do que viram. O templo estava no maior aceio; o altar-mór de bella talha moderna, com o seu throno para a exposição do Santissimo, e n'elle uma rica banqueta nova, dourada, e mais quatro altares lateraes, com formosissimas imagens, e, alem disso, todos

os mais paramentos e alfaías necessarias, sendo alguns d'estes objectos de grande preço.

O sr. arcipreste, como visitador, marcou logo o dia 30 d'aquelle mez, para a benção do templo, e assim se effectuou.

Foi esse um dia do maior rigosijo para os fieis d'aquelles sitios, que todos concorreram a esta solemnidade. Todos os bemfeitores da obra e grande numero de senhoras e cavalheiros, das principaes familias de Castro Daire e outras povoações, se acharam presentes a este acto.

Os meninos de Baltar, Villa-Pouca, Santa Margarida, Farejinhãs e Lamellas, previamente ensaiados pelo digno capellão da nova igreja, entoaram alegres canticos a Nossa Senhora dos Remedios.

Houve missa cantada, em acção de graças, estreando-se então os riquissimos paramentos e frontal, houve um commovente sermão, e missas resadas, nos altares lateraes.

Todas as provincias de Portugal concorreram para esta obra, menos a do Algarve, onde José Lopes não foi, e assim um homem pobre e analfabeto, á força de incommodos, humiliações e perseverança, conseguiu levar ao cabo, com feliz exito, uma empreza a que outro qualquer, em melhores circumstancias, se não abalançaria.

A Santissima Virgem lhe pagará na gloria eterna os trabalhos a que elle se sujeitou n'esta vida, para lhe erigir um templo, digno da Rainha dos Anjos.

REMEDIOS (Nossa Senhora dos) — Vide *Peniche*.

Depois de escripto o artigo d'esta villa e praça de guerra, teve alli logar o facto seguinte.

Em maio de 1877, deu á costa, no Cabo Carvoeiro, proximo ao templo de Nossa Senhora dos Remedios, um enorme spermacete, já sem cabeça, e ao qual o povo deu o nome de baleia. Foi vendido por 100.000 réis, para se lhe extrahir o azeite e a preciosa gordura, a que se dá o nome de spermacete, materia bem conhecida.

Foi enorme o concurso de povo para ver o monstruoso cetaceo.

REMEDIOS (Nossa Senhora dos) — Vide *Lamego*.

REMEDIOS (Nossa Senhora dos) — Santuario, na Extremadura, freguezia d'Alvega, concelho e 12 kilometros ao S. de Abrantes. (Vol. 1.º, pag. 176, col. 2.º)

É um bom templo, com 9 metros de comprimento, por 4 e meio de largo, todo revestido de azulejo, interiormente, no corpo da igreja, e tem mais a capella-mór, também azulejada, com 3,70 de comprimento, por 3 de largo. Tem altar-mór e dois lateraes: sacristia, de abobada, e alpendre.

Segundo a tradição, esta ermida foi igreja matriz de uma freguezia que já não existe, e á qual pertencia a actual villa do Sardoaal. Tinha prior, que dizia missa e administrava os sacramentos aos freguezes, menos o do baptismo, que se hia administrar á ermida de S. Simão, que fica ao N. do Sardoaal, e onde ainda existia em 1730, a pia baptismal.

(Para evitar repetições, vide *Sardoaal*).

A festa da Senhora dos Remedios, de Alvega, costuma fazer-se a 15 d'agosto, e é concorridissima; porém a maior de que ha noticia, foi feita em agosto de 1877, sendo juiz (reitor) o sr. D. Miguel Pereira Coutinho, que então era deputado ás cortes, pelo circulo d'Abrantes.

Alem da devoção que os povos d'estas redondezas tem á Senhora dos Remedios, accrescia a circumstancia de haver a cumprir muitos votos que foram feitos pela occasião das inundações do inverno de 1876, invadindo o Tejo completamente o logar de Alvega, arrazando quatro casas, e causando outros grandes prejuizos, não havendo todavia desgraças pessoaes a lamentar.

Houve na vespera da festa, um esplendido fogo de artifício, musica e arraial, e no dia, missa cantada, sermão, *Te-Deum laudamus* (em acção de graças, por não morrer ninguem na inundaçào) e grande concurso de povo d'estes arredores, que correu a dar graças á Santissima Virgem pelos beneficios recebidos.

REMEDIOS (Nossa Senhora dos) — Santuario; Beira Baixa, na freguezia d'Alfrivida, ou Alfrevida, no concelho de Villa Velha do

Rodam, comarca, districto administrativo, bispado, e 12 kilometros de Castello-Branco.

Fica o templo da Senhora a pouca distancia da ribeira de Alfrivida, muito abundante de peixe, que lhe entra do rio Tejo, no qual, a pouca distancia, se vae metter.

Segundo a lenda, a imagem da Santissima Virgem appareceu no tronco de uma sobreira, que estava junto de uma fonte em terreno dos ascendentes de Manuel Brandão Castello-Branco, os quaes levaram para sua casa a santa imagem, em quanto se lhe não construiu ermida propria, para a obra da qual muito concorreram os mesmos, e todo o povo do logar.

Como a imagem apparecida é muito pequenina, pois só tem palmo e meio (0,^m33) d'alto, se mandou fazer outra da mesma invocação, para estar no altar-mór; de 1,^m10 d'alto, e de boa esculptura.

O templo é grande e bello; tem um espacoso alpendre, com uma fonte, a cuja agua attribue o povo muitas virtudes therapeuticas.

REMEDIOS (Nossa Senhora dos) — Sanctuario, Beira Baixa, na freguezia, concelho, comarca, districto administrativo, bispado, e 2 kilometros da Guarda.

Está a igreja da Senhora dos Remedios na estrada que vae da cidade para a villa do Sabugal.

Foi fundada por Simão Antunes de Pina, prior de trez egrejas (S. Pedro de Jarmello, S. Pedro da Remolla, e S. Pedro da Cidade) clérigo de grandes virtudes e muito devoto da Santissima Virgem, e que yvia no meiado do seculo xvj.

Segundo a tradição, o motivo que levou o padre Simão a edificar este templo, e dedicar o a Nossa Senhora dos Remedios foi o seguinte:

O logar onde hoje vemos a igreja, era triste e solitario, e, nem pastores, nem caminhanes se atreviam a passar por alli de noite, porque lhes appareciam medonhos phantasmas que os aterravam, pois que as bruxas e duendes vinham qui fazer as suas reuniões (sabbaths) por ser uma encruzilhada das estradas que vem da Aldeia do Bispo, para a Povoia de Milieu, e da referi-

da, para o Sabugal. Alem disso era o sitio um emaranhado mattagal, habitado por animaes ferozes de varias especies.

Feita a igreja, e destruidos os matos a uma grande distancia em redor, ficou o sitio limpo e alegre, e nunca mais alli foram vistos os taes phantasmas.

Esta igreja pertence á freguezia da Sé, cujo parcho apresentava o capellão.

Instituiu-se logo uma irmandade, que mandava aqui, em todos os primeiros sabbados de cada mez, dizer uma missa pelas almas dos irmãos vivos e defuntos.

Conta a tradição, que no primeiro sabbado de agosto de 1696, estando o padre Francisco da Guerra, natural da cidade e capellão da Senhora, para dizer missa, viu-se que não havia agua. Um dos confrades da irmandade, que tinha uma enxada na mão, disse: — «Se a Senhora quizesse, bem podia fazer aqui rebentar uma fonte» e cavando no chão, logo á segunda cavarella nasceu um manancial de agua perenne, e é a que está no alpendre.

Tanto se propagou a devoção á Senhora, que concorriam a visital-a, não só os habitantes da cidade, mas os de muitas leguas de distancia, e trazendo-lhe grande partes dos romeiros, toda a qualidade de *ex-votos* e ofertas.

Como o concurso dos romeiros crescia de anno para anno, se ampliou o templo, fazendo-se lhe uma nova capella-mór, de cantaria lavrada, e é hoje um bom templo, ainda bastante visitado dos fieis.

REMEDIOS (Nossa Senhora dos) — Extremadura, no bairro d'Alfama, hoje denominado bairro oriental, na cidade de Lisboa.

Está esta igreja no principio da rua antigamente chamada das Portas da Cruz, e hoje, rua dos Remedios, na freguezia de Santo Estevam e perto das célebres obras de Santa Engracia.

Eis a origem d'esta igreja:

Pelos annos de 1470, ainda não haviãa em Lisboa hospital da Misericordia (que só foi principiado em 1492) e os pescadores do alto, com o fim de acudirerem aos seus collegas enfermos, instituiram uma irmandade, denominada do Espirito Santo, e, como não tinham

casa propria, esteve a irmandade na igreja parochial de S. Miguel, de Alfama; mas só tinha por fim os suffragios dos irmãos fallecidos e o seu enterro em tumba propria.

Suscitando-se algumas duvidas e contendas com os clérigos, por causa de interesses insignificantes, decidiram construir igreja propria.

Escolheram o sitio, no lugar onde acaba a rua da Regueira e principia a das Portas da Cruz, e alli construíram um bom templo, (1581) de boa architectura e grande robustez, e o dedicaram ao Espirito Santo.

Bullas pontificaes approvaram os estatutos d'esta irmandade, e lhe concederam varios privilegios.

Foram continuando por muitos annos, com a sua tumba levantada, e coberta com um rico panno de velludo preto, com barra e cruz de brocado de ouro, franjado do mesmo, e uma riquissima cruz, com sua manga igual ao panno da tumba, e tudo com a divisa do Espirito Santo, que era uma pomba branca, cercada de um resplendor de ouro.

Enterravam não só os irmãos, mas também suas mulheres, filhos, creados e escravos, mandando-lhes fazer os suffragios dos estatutos, e tudo gratuitamente.

A igreja annexaram um hospital de caridade, para os irmãos pobres, e aos que falleciam davam mortalha e sepultura, e mandavam-lhe dizer certo numero de missas.

Instituido o hospital da Misericórdia na praça do Roçio (hospital de Todos os Santos) oppoz-se a direcção d'este hospital, a que irmandade do Espirito Santo enterrasse os seus defuntos, com tumba levantada, e suscitou-se renhida demanda; porém sendo provedor do hospital de todos os Santos, Mathias d'Albuquerque, veio a um accôrdo com os pescadores, que, por escriptura publica, de 12 de agosto de 1602, se obrigaram a mandar enterrar sómente os irmãos, suas mulheres e filhos (em quanto estes estivessem debaixo do patrio poder) e mais ninguém.

Até aqui ainda se não falla de Nossa Senhora dos Remedios, pelo que o seu apparecimento parece ser posterior ao anno de 1602.

Na igreja do Espirito Santo, havia um poço, á entrada da porta principal, em um canto á esquerda.

Hindo um servente de pedreiro tirar agua do poço, veio no balde uma imagem da Santissima Virgem, o que causou grande surpresa e alegria aos officiaes da irmandade.

Foi tão grande a devoção que o povo principiou a ter com esta santa imagem (a que deu o titulo de Nossa Senhora dos Remedios) que pouco a pouco foi esquecendo a denominação do antigo padroeiro, e dando-se-lhe a dos Remedios; e mais tarde se deu o mesmo nome á rua onde a igreja está situada, nome que ainda hoje conserva.

A rua dos Remedios, principia pelo S.Ó., na Ribeira-Velha, no largo do chafariz de Dentro (mesmo junto ao chafariz) e finda na rua do Paraizo (vide *Portas da Cruz*).

A rua da Regueira, é a primeira á esquerda na rua dos Remedios, indo do lado do chafariz de Dentro, e finda no largo do Salvador, que pertence ás freguezias de S. Vicente de Fóra, S. Miguel, e Santo Estevam.

REMEDIOS (Nossa Senhora dos)—santuário, na Extremadura, na freguezia da Espiçandeira. (Vol. 3.º, pag. 60, col. 2.º)

A igreja de Nossa Senhora dos Remedios fica perto da aldeia da Espiçandeira, e, segundo as memorias escriptas no livro das visitas da freguezia, a sua origem é a seguinte:

Em 1410, andando Miguel, filho de Miguel Leitão, do logar da Bordalia, e Cosme, filho de Thomaz Gomes, do logar da Patacaria (ou Petacaria) ambos de menor idade, a brincar junto a uma fonte que está em um soute de arvores silvestres, proximo ao dito logar da Bordalia, acharam sobre a mesma fonte, uma imagem da Santissima Virgem, de 1,=10 d'alto, e de uma perfeita escultura,

Correram as duas creanças a dar parte do achado a seus paes e visinhos, os quaes, tendo o caso por milagroso, trataram logo

de construir uma ermida á Senhora, á qual deram a invocação dos Remedios, no mesmo lugar da Bordalia, e logo appareceu um devoto que quiz ser eremita da Senhora.

Toda a gente da freguezia e circūvisinhas, principiou logo a ter grande devoção com a Senhora, e lhe faziam muitas romagens e offertas.

Á agua da fonte onde a Senhora appareceu, attribuem a virtude de curar as febres intermitentes, molestia endemica d'estes sitios.

Faziam-se a esta Senhora duas grandes festas cada anno, uma a 11 d'agosto, e outra a 8 de setembro, ás quaes concorriam não só os povos da freguezia e immediatas, como das villas de Alemquer, Azambuja, Pontével, e Santarem.

Parece que a razão porque se lhe fazia a primeira festa a 11 d'agosto, é por que n'esse dia é que foi achada pelos dois meninos.

REMEDIOS (Nossa Senhora dos) — santuario, Extremadura, na freguezia de S. Vicente do Paul (6.º vol., pag. 507, col. 1.ª, ultima linha).

Esta igreja já fica descripta no mesmo 6.º vol., a pag. 688, col. 2.ª

Todos os mais santuarios de Nossa Senhora dos Remedios, vão nos logares onde estão situados.

REMELHE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757, tinha 85 fogos, comprehendendo a freguezia de Molde, annexa.

O orago da freguezia de Remelhe, é Santa Marinha, e o de Molde, é S. Thiago apostolo.

Arcebisado e districto administrativo de Braga.

O real padroado apresentava o cura, de ambas as freguezias, que tinha de rendimento 55\$000 réis e o pé d'altar.

REMELLA—Vide *Ramella*.

REMEMBRAR—portuguez antigo—Vide *Reimbrar*.

REMIMAR—portuguez antigo—remir, esgatar, perdoar. (Doc. d'A lpendurada, de

de 1286 e 1336.) Daqui, *remimento*, *remissão*, *resgate*, *perdão*, etc.

REMOAES—freguezia, Alto-Minho, comarca e concelho de Melgaço (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Monção) 70 kilometros ao N. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 56 fogos.

Em 1757, tinha 50 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Arcebisado de Braga, e districto administrativo de Vianna.

O abbadê de S. Payo de Melgaço, apresentava o vigario, collado, que tinha 8\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Clima excessivo e pouco fertil. *

REMOELLA—portuguez antigo—agente, pirraça, desfeita, etc.

REMONDES ou **REIMONDES**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 180 kilometros ao N.E. de Braga, 410 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757, tinha 60 fogos.

Orago, Santa Catharina, virgem e martyr.

Arcebisado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O real padroado apresentava o cura, que tinha 8\$000 réis de congrua e o pé de altar.

O nome d'esta freguezia significa—filho, ou da familia de *Raymond* (Raymundo). Depois dizia-se *Raymundes*.

REMOUCO—ribeira, Douro, no concelho da Tábua. Nasce perto da aldeia de Ollar, e depois de tomar o nome de *Ribeira d'Azere*, desagua no Mondego.

RENDAR—portuguez antigo—pagar foros, pensões, ou rendas. É dos seculos 12.º, 13.º e 14.º

RENDER—portuguez antigo—pagar. *Atá que rendamos a vós, a dita parte das eraldas dobradas.* (Doc. da universidade, de 1323.)

RENDÓ—freguezia, Beira Baixa, (no Ribacôa) comarca e concelho do Sabugal, 120 kilometros ao S.E. de Lamego, 300 a E. de Lisboa, 175 fogos.

Em 1757, tinha 188 fogos.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O arcediágo do Côa (da Sé de Lamego, a cujo bispado pertenceu esta freguezia até á creação do de Pinhel) apresentava o cura, que tinha 40\$000 réis e o pé d'altar.

RENDUDO—portuguez antigo—rendido.

RENDUFE—freguezia, Miho, comarca e 2 kilometros a E. de Villa Verde, concelho e 5 kilometros a O. d'Amares (atté 1853, do mesmo concelho, mas da comarca do Pico de Regalados), 9 kilometros ao N.O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 180 fogos.

Em 1757, tinha 186 fogos.

Orago-Santo André, apostolo. Mas da freguezia primitiva (capella) era a Santissima Trindade.

Arcebisado e districto administrativo de Braga.

O templo do extincto mosteiro benedictino serve de igreja parochial d'esta freguezia.

For villa e couto, com justiças proprias; mas nunca teve foral, velho ou novo.¹

O D. abbade do mosteiro de Rendufe, apresentava o parcho, que era um monge do mosteiro, de nomeação triennial, e tinha 6\$000 réis, de congrua, e o pé d'altar.

O nome de Rendufe, procede de D. Rendufe, marido de D. Acha, senhor d'este logar. Vide adiante.¹

A antiga igreja matriz era, segundo a tradição geral na freguezia, a pequena capella de S. Braz, com a denominação de Santissima Trindade da Capella, segundo Carvalho e o *Port. Sacro e Profano*, ou, segundo o documento seguinte; o Salvador da Capella.

No anno de 1596 passou a ser matriz d'esta freguezia a igreja do mosteiro, como consta do traslado d'uma escriptura, que se conserva no archivo parochial, celebrada entre os reverendos padros do mosteiro e os freguezes da Capella, cujo theor é o seguinte:—«Contracto dos muito reverendos padres do mosteiro de Rendufe e os freguezes da Capella.

«Em nome de Deus. Amen. Saibão quantos este instrumento de obrigacão para sem-

¹ O couto era só no civil, com juiz, eleito pelos monges. O D. abbade servia de ouvidor.

pre virem, que no Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quinhentos noventa e seis annos, aos treze dias do mez de outubro do dito anno, em este mosteiro de Santo André de Rendufe, que está sito em seu couto, deste concelho de Entre Homem e Cávado, na casa do capitulo do dicto mosteiro, estando em elle fazendo capitulo, por som de campa, tangida, segundo seu uzo e antigo costume, o muito reverendo padre frei Engenzo de San-Thiago, abbade do dito mosteiro, e o padre frei Urbano, prior, e frei Francisco das Chagas, e frei Anselmo da Conceição, e frei Felix, e frei Roberto, e frei Pedro, e frei João, e os mais padres abaixo assignados, todos monges e conventuaes do dicto mosteiro, e por elles foi dito perante mim taballiam e testemunhas, tudo ao diante nomeado, que a mayor parte dos freguezes da freguezia do Salvador da Capella, anexa ao dito seu mosteiro, tinham dito e consentido que eram contentes que a dita freguezia da Capella, se tornasse a incorporar no dito mosteiro, como já em tempo antigo foi, por lhes parecer ser serviço de Nosso Senhor e proveito de suas almas, o que tinham assignado em hum autho que disse fez Manoel Pereira, notário apostolico, feito no mesmo dia, o que fizeram assignaram com a condiçam que elle padre abbade e convento os desobrigasse de toda a fabrica da dita Igreja perpetuamente para sempre, e porque elles padres eram disso contentes se obrigaram em seus nomes e seu mosteiro e successores a fazerem sempre a dita fabrica e tudo o mais necessario para se administrar os Sanctissimos Sacramentos; e todas as obras que se em todo o tempo fizerem e mandarem fazer por visitaçam e visitaçoens e de outrá qualquer maneira que seja necessario, porque elles padres desobrigam os freguezes disso e os querem as suas custas fazerem sempre e lhes farão seu altar dentro do dito mosteiro em parte commodat....¹ os cure como sempre foram curados e lhes mandarão tanger os sinos quando for necessario e aos defuntos de graça e os bancos e toda a fabrica para o

¹ Está uma palavra que se não pôde ler por estar o papel comido.

presente e futuro, de hoje para sempre, e que darão no dito mosteiro adro commodo onde se sepultem e que querendo qualquer dos dictos freguezes trazer os ossos de seus antepassados da dita Igreja ao mosteiro, lhes darão sepultura assim dentro no mosteiro como fora, assim como os tem na dita Igreja; finalmente estarão em sua freguezia no dicto mosteiro como sempre estiveram na Igreja sem fazerem os freguezes cousa alguma de fabrica, e que os freguezes terão suas confrarias livremente como sempre tiveram sem elles padres dominarem nellas, nem impedirem em cousa alguma e ficarem libertados de tudo ditado, para sempre; e assim o outorgaram e mandaram escrever, e obrigaram os bens e rendas do dicto seu mosteiro ao assim cumprir como se n'esta escriptura contem e eu taballiam como pessoa publica estipulante e acceitante o estipulei e acceitei em nome das partes, a que tocar possa, que presentes não estivessem, e pedir os instrumentos e os mandarem dar, e outorgaram estando a tudo presentes por testemunhas os senhores —Manuel Pereira, de Agro Longo —e Belchior Rebello, taballiam em Villa Cham —e Salvador Gonçalves, da Quintam, de Lago, deste couto; e eu Antonio Fernandes, taballiam, o escrevi. —Frei Engenzo de São Thiago—Frei Anselmo da Conceição—Fr. Urbano—Fr. Roberto da Assença—Fr. Pedro de Guimaraens—Frei Felice—Frei Adriano—Frei Marco das Chagas—Frei Callistro de Faria—Belchior Rebello—Manoel Pereira—Da testemunha Salvador Gonçalves, uma cruz —Frei João de São Bento—Frei Bento.

A igreja mencionada no documento supra e que principiou então a servir de matriz da freguezia, foi, segundo diz frei Leão de São Thomaz, edificada por Dom Henrique de Sousa, ultimo commendatario e um dos maiores bemfeitores do mosteiro, assim no espiritual, como no temporal; e estava construida (a igreja) onde esteve o lagar, que foi no meio do andar terreo do dormitorio, chamado o *Collegio*.¹

¹ Encontro a seguinte contradicção:—Fr. Leão de São Thomaz diz—Que Dom Henrique de Souza entrou no governo do mosteiro

Ha n'esta freguezia tres capellas—S Braz, antiga matriz, e Senhora das Neves, ão da freguezia; e S. Sebastião, pertencente a irmandade do Senhor dos Passos e S. Sebastião; tambem pertencem a esta irmandade as capellinhas dos Passos da Paixão do Nosso Senhor, existentes ao sul da cêrca lo caminho por onde segue a procissão dos Passos, que esta mesma irmandade faz no domingo da Paixão, de dois em dois annos, ou antes, um anno sim, outro não.

Foi couto, e compunha-se das freguezias de—Barreiros, Bico, Rendufe e Lago; e n'elle apresentava o mosteiro um juiz para as causas civeis, e no crime do dito couto, conheciam as justiças do concelho de Entre Homem e Cávado (Amares).

Esta freguezia é situada em terren plano, mas agradável e fertil, principalmente nos fructos proprios do paiz. É banhada ao O. pelo rio Homem, que a separa da freguezia da Loureira; e cortada ao sul pela estrada districtal de Barcellos a Mont'alegre.

O templo, se não se recommenda por grandezas architectonicas, é notavel pelas suas proporções e solidez da construcção. A frontaria principal está virada ao poente e a capella mór ao oriente, conforme determinam a liturgia e constituições apostolicas.

Interiormente é de uma só nave e em forma de cruz. Tem de comprimento, afóra as paredes, cuja espessura é 2^m,25, da porta principal até ao cruzeiro 24^m,40; do cruzeiro á grade da capella-mór 5^m,10; dita capella-mór 17^m,13; o espaço que fica por de traz d'esta 3^m,37 e tem de largura o corpo da igreja 10^m,15; o cruzeiro 21^m; a capella mór 7^m,90; altura do pavimento ao tecto, que é de abo-

ro no anno de 1550, e que foi o ultimo commendatario; e que a 10 de setembro de 1570 foi nomeado por primeiro abbade o padre frei Placido de Villa-lobos: no cruzeiro da actual igreja está uma campã com a inscripção, que diz — Que D. Henrique de Souza falleceu a 3 de fevereiro de 1551. Se não ha contradicção — como pôde D. Henrique de Souza fazer tantos serviços ao mosteiro, dentro de um anno? Qual a razão porque o mosteiro esteve tanto tempo sem abbade?

Qu D. Henrique de Souza prestou estes serviços antes de ser commendatario? Vide a 14.^a inscripção.

bada de tijolo e volta quasi inteira, uns 16^m. A capella mór tem menos altura, e tecto de estuque. O corpo da egreja tem uma porta e dois arcos de cada lado; as portas dão para os fundos das torres, onde ha duas capellas, dedicadas, a da esquerda de quem entra e direita da egreja, a Nossa Senhora da Soledade, e a da esquerda, ao Senhor dos Passos; e nos arcos quatro altares; o primeiro da esquerda, dedicado ao Santo Amaro; o segundo a Santa Escholastica, e tem gravada no arco do lado do Evangelho a seguinte inscripção :

J. P. BREVE DO
SS. P. PIO VI. PS.^{do}
NO AN. DE 1779.
HE ESTE ALTAR
DE S.^{ta} ESCOLAS-
TICA PREUILEGI-
ADO IN PERPTU-
UM P.^a TODOS OS
SACERDOTES RE-
GULARES E SECU-
LARES E SEM AL-
GUMA LEMITAÇÃO.

Os da direita da egreja são dedicados, o primeiro, hindo da porta principal, a S. Plácido, e o segundo a S. João. Os supeda-neos d'estes altares estão divididos do resto do pavimento por uma grade de pau.

Tem quatro frestas, duas de cada lado, porém, as do sul estão inutilisadas, por estarem tapadas com a abobada da escada do côro; tornando por isso o corpo da egreja bastante escuro.

Entre o corpo da egreja e o cruseiro tem dois pulpitos de madeira com talha dourada, para os quaes se entra do cruseiro por escadas de pedra, abertas no meio das paredes.

Nos intervallos das sanefas dos altares e pulpitos, logo por baixo da cornija da egreja, estão em peanhas, que sahem da parede, quatro imagens, de tamanho natural, de santos, pintadas de branco, sendo duas de cada lado.

O cruseiro conta dois altares, que são col-lacteraes da capella mór; o da parte da epis-tola dedicado ao Crucificado; e o do evan-gelho a Nossa Senhora do Rosario.

No topo do sul abre-se uma porta, que dá para os claustros e serve de porta tra-vessa; e superior a esta porta está uma ja-nella, que dá para o andar superior do claus-tro, da parte do nascente, e servia para os monges fazerem a visita ao SS. Sacramento.

No topo norte, abre-se a capella do SS. Sacramento. Ha aqui, cruseiro, sete campas; a 1.^a (contando da capella do SS.), e a 7.^a não tem inscripção; a 3.^a tem, mas não se pôde ler, por estar quasi apagada.

A 2.^a tem a seguinte :

S.^a DO COMEN
DATARIO D.
HENRIQUE DE
SOUSA FID.^o DA
CAZA DE S.^a MA-
G.^{de} GR.^{de} BEMEEI-
TOR DESTE MOS-
T.^o MANDOV
REEDIFICAR
OP. P. FR. M.^{cl} DOS
ANIOS D. ABB.^o
DESTA CASA.
FALECEO O DI-
TO FI.^{do} A 3 DE
FY.^{ro} DE 1551

3.^a ilegivel.

4.^a

S.^a DO M. R.
P. P. F. R.
ANT.^o DE
S. BOAU.^a D.
ABB.^o DES-
TE MOST.^{ro}
FALECEO
AOS 26 DE
JUNHO DE
1745

5.^a

S.^a DO R.^{mo} P.
P. GERAL
FR. THOMAS
DO SACRAM.^{to}
FALECEO
NO P.^{ro} DE JU-
NHO DE
1747

6.^a

S. DO R.^{mo} P. M. D.
FR. FERNANDO
DE JESUS M.^a J.^o
2.^a VES GERAL
BENEDI-
CTINO
FALLECEO
AOS 18 DE JUNHO
DE
1773

Existe tambem no cruseiro um cofre ou arca de madeira, ignorando-se o que ella contem. Dizem conter este cofre as reliquias d'um santo, ou de pessoa com opinião de santo, que os monges d'este mosteiro furta-ram aos monges d'Adaúfe.

A capella mór está separada do cruseiro por uma grade de pau, de simples, mas bonito feitio. Tem por cada lado tres grandes frestas envidraçadas, que lhe dão muita luz; a que está do lado da epistola, junto ao arco, serve de entrada para um coreto, onde está um pequeno órgão; e por baixo d'esta fresta está uma porta, que dá serventia para a sacristia; em frente d'esta porta está uma outra que não tem sahida exterior e serve sómente para fazer symetria a esta.

A tribuna, toda de talha muito bem trabalhada e com os pedestaes de pedra e dourada, é magestosa; o altar mór está separado da tribuna e tem um rico frontal de madeira; o sacrario, tambem dourado e muito bem trabalhado, está no fundo da tribuna atraz do altar. No centro da tribuna estão trez imagens de corpo inteiro e estatura natural, sendo a do centro de Santo André, apostolo, a do lado do evangelho, de S. Bento, e a do lado da epistola de S. Bernardo.

Abaixo dos degráus do presbyterio, estão duas ordens de assentos, para o clero; a ordem superior tem estantes.

A capella do SS. Sacramento, que separa do cruseiro uma balaustrada ou grade de pedra, é de abobada de pedra e fôrma circular, cujo diametro é 7^m,33. Tem altar, sacrario e tribuna, tudo de pedra, dentro d'um arco, aberto na parede. Tem duas grandes frestas, uma ao nascente e outra ao poente;

e sobrepostas a estas outras duas, mais pequenas; e dentro do arco do altar tambem duas, as quaes todas dão bastante luz.

O pavimento é lageado, em fôrma de xadrez, de marmore branco e preto. Tem seis seraphins de pedra e de estatura, pouco menos de natural, collocados, em pedestaes de pedra, dois aos lados da grade; dois aos lados do altar e os outros dois aos lados do arco do altar. Tem tambem quatro imagens, egualmente de pedra, e de tamanho natural, collocadas sobre peanhas, que resaltam da parede; uma de S. Pedro, á entrada da capella, do lado do evangelho, com a seguinte inscripção.

7.^a

HUM INDIGNO
PREL.^o DESTE MOS-
TR.^o P.^{los} AN. CHRISTO
1777. MÂDOU FABRI-
CAR ESTA CAP.^a P.^a O SS. SA-
CRAM.^{to} E SENDO SEG.^{da} UEZ D.
ABB.^e P.^{los} AN. DE XPÔ. 1783
A. FES ADORNAR DE SUMP-
TUOSAS ALFAIAS E EN-
RIQUEGER DE INDUG.^{as}
DECLARADAS NAS AL-
MOFADAS CORRES-
PONDENTES.

Outra, Jesus Resuscitado, junto ao altar, e a inscripção.

8.^a

O SS. P.^o PIO VI
CONC.^{do} INDUEG.^{ca} PLE.^a
A TODO O FIEL XPÃO
Q. ARREPÑ.^{do} CONFES.^{do} E CO-
MG.^{to} UISITAR ESSA CAP.^a
DESDE AS PR.^{as} UESP.^{as} ATE O
POR DO SOL NO DIA SEG.^{to} RO-
GANDO A D.^a P.^a JA CONC.^{dia} DOS PRIN-
CP.^s XPAOS EXTIRP.^{ção} DAS HE-
RESIAS E EXALTA.^{ção} DA ST.^a M.^o E E-
GR.^a EM CADA HU DOS DIAS E FES-
TAS Q. UAÕ NAS AL-
MOFADAS DO OU-
TRO LADO

A 3.^a Nossa Senhora da Conceição, junto ao altar do lado da epistola, e a inscripção seguinte:

9.^a

SAO OS DIAS
DE INDULGENCIAS
NESTA CAP.^a O DE REIS,
DOMINGO DE RAMOS,
O DA ASCENSÃO DO SNR.,
O CORPO DE D.^o, O DO
CORACÃO DE IESUS,
O DE S.^{to} ANDRE APOST.^o,
O DA COMEMORAÇÃO
DOS FIEIS DEFUNTOS,
PELOS QUAES SE PO-
DE APLICAR POR MODO
DE SUFERAGIO.

A 4.^a S. Paulo, junto á grade ou á entrada da capella do lado do epistola e a inscripção seguinte :

10.^a

A MESMA E PLE-
NR.^a INDULG.^a FOI CONC.^{da}
NA FOR.^{ma} JA EXPRESSA NAS
DUAS FESTAS DA IMACU-
LADA CONCEIÇÃO É ANUCI-
AÇÃO DA VIRGE MARIA MÃI
DE D.^a SNRÂ NOSSA E NAS
OUTRAS SINCO FESTAS DA M.^a
SNRA. E EM CADA HUA
DELAS SINCO AN. E CINCO
QUARENTENAS DE PER-
DÃO. TODAS SAO IN-
DULG.^{as} PERPT.^{as}

Estas quatro inscripções estão gravadas na parede, de traz das imagens dos Santos. O altar é sagrado, assim como toda a igreja.

Por cima da porta principal, do lado de dentro, se eleva o côro, que tem de comprimento 10^m,15; e duas ordens de assentos, com 49 cadeiras, tendo a ordem superior 29 e a inferior 20; está ornado em toda a volta com quadros de madeira, guarnecidos de talha dourada, representando a vida de S. Bento; no centro está uma imagem de Jesus crucificado, de tamanho natural e de boa escultura. Tem muita luz, que lhe é fornecida por trez grandes frestas. Em dois acrescimos, que se seguem ao côro, como encostados ás paredes lateraes do templo, está, no do lado do norte, um grande e bom orgão, com caixa de talha, e no do lado

do sul, uma caixa em tudo semelhante á outra, mas sem orgão.

A sachristia, sem cousa que mereça menção, está ao S. da capella mór e N. da escada de Santa Escolastica e tem de comprimento 31^m,05; e de largo 6^m,56.

Entre a sachristia e capella mór ha um corredor lageado, com a mesma largura da sachristia e comprimento de 8^m,86; tem duas portas, que abrem, uma para o claustro, e outra para a capella mór. A servidão para o coreto do orgão pequeno, que está na capella mór, é por este corredor.

Tem uma fonte com sua concha, onde os sacerdotes purificam as mãos antes e depois da celebração da missa; e ao sahir da porta da capella mór uma campá com a seguinte inscripção.

11.^a

S.^a DO R.^{mo}
P.^o M.^o O D.^{or}
FR. PEDRO
DA ASCEN-
ÇÃO Q. FA-
LECEO AOS
26 DE IV-
LHO DE
1718.

A serventia que leva ao côro e torres, é por uma escada, ao sul da igreja, de boa pedra, com tres lanços; tendo o 1.^o lanço 3 degraus; o 2.^o 32 e 3.^o 3; no cimo do segundo lanço tem uma porta que abre para o andar superior do claustro. Esta escada tem de largura 2^m,87; e está coberta de abobada de tijolo, e tapada do sul por uma parede de altura, quasi da igreja, a qual parede facêa com a torre do sul e com o topo do cruseiro da igreja. A entrada para esta escada é pelo claustro, e por ella desciam os monges, que já não eram collegiaes, para a igreja.

No frontespicio da igreja não ha obra singular; e assim pela parte de cima se termina com um triangulo de pedra, que toma toda a sua largura; e á base d'este triangulo, que é um frizo de pedra, liso, se seguem por baixo trez grandes frestas de fôrma elliptica que dão luz para o côro da igreja. Depois

das ditas frestas, se veem trez nichos, ficando no do centro a imagem de Santo André; no do norte a de S. Bento, e no do sul a de Santa Escholastica. Estas imagens são de pedra e tamanho natural.

Logo pela parte inferior dos nichos, e por cima das padieiras da porta principal, estão gravadas em pedra, no centro, as armas da Ordem beneditina, e nos lados as duas inscrições seguintes :

No lado norte.

12.^a

O R.^{mo}
P. P. IVBILA
DO FR. P.^o DOS
MARTIRES SEN-
DO D. ABBADE
G.^{al} LĂÇOV A I.^a
PEDRA FVTAL¹
DESTA IGRA. AOS
8 DE 7^{bro} DE
1716.

No lado sul.

13.^a

VM
INDIGNO
FILHO DE S.
BT.^o SEDO DŌ
ABB.^e DEST MOS-
T.^{ro} MĂDOV FA-
ZER ESTA IG.^{ra}
A QVAL SE ACABOU
AOS 30 DE ABRIL DE
1719

Nos dois angulos da fachada da igreja, estão duas torres quadradas, de boa cantaria. Tem na base 5^m.50, por lado e as cúpulas são de tijolo. Foram construidas juntamente com a igreja.

A porta principal abre sobre o adro, laçado de boa pedra, o qual tem de comprimento 13.^m, e de largura, medido de norte a sul, 25.^m; é fechado por uma balaustrada de pedra, que tem 1.^m d'altura. Do adro desce-se, por uma escada de cantaria, com quatro degraus, para um terreiro que tem a

¹ Fundamental.

mesma largura do adro, e de comprimento de nascente a poente uns cento e tantos metros. O templo occupa o lado do E.; a parte do mosteiro, chamada galeria, occupa parte do lado S.; e os restantes lados são occupados por muros de propriedades, outr'ora pertencentes ao mosteiro. No lado norte está, em frente da galeria, mettida na parede da cêrca, uma linda fonte, com sua concha e tanque, e tem esculpidas em pedra as armas da Ordem, e gravada a era de 1742.

Alguns metros ao O. d'esta fonte, está a antiga casa das audiencias e cadeia do conto; hoje serve de sala da aula regia de instrução primaria. Tem escada com patim para o terreiro. Quasi no fim d'este está um cruzeiro, ordinario, de pedra.

D. Egas Paes de Penagate, começou a fundar este mosteiro alguns annos antes de 1100 da era vulgar; por que no anno de 1091, o abbade de Rendufe, foi um dos juizes árbittros n'uma questão, havida entre os monges de S. Pedro d'Arouca e uma senhora, chamada D. Godinha. A contenda versava sobre a pretensão de os mōnges lhe concederem o dito mosteiro, para n'elle recolher suas filhas e parentas, visto ser padroeira do mesmo.

Edificado o mosteiro em termos de ser habitado, foi D. Egas Paes pedir aos mosteiros de Adaúfe e das Montanhas de Nossa Senhora da Abbadia, monges para que habitassem o seu novo mosteiro. Do mosteiro de Adaúfe lhe deram cinco monges e da Abbadia tres, os quaes eram da mesma ordem de S. Bento.

D. Egas obrigou-se a dar o mosteiro concluido e provido com sustentação necessaria para os monges; mas occupado e enthusiasmado com amores illicitos com uma sua parenta em grau proximo, e por cujo respeito estava censurado pelo arcebispo, S. Gerálido, descuidou-se de satisfazer seu compromisso.

«N'este tempo, convidou o conde D. Henrique a S. Giraldo para que lhe dissesse missa de pontifical em uma festa, que fazia em Guimarães, onde se achavam reunidas as principaes pessoas do seu condado. Estando já o santo prelado revestido de todas as vestes pontificaes, subiu ao altar, e viran-

do-se para o povo, viu a D. Egas Paes, junto ao conde, disse com liberdade christan: — *Lancem fóra da egreja a Egas Paes, porque é peccador público e por tal está evitado*¹ *da egreja, como membro podre, e se assim o não fizerem, nem proseguirei com o sacrificio, nem vós ouvireis missa.* Soffreu D. Egas tão mal o dito, que confiado no valimento do príncipe, se atreveu a maltratar o santo, vomitando mais peçonha pela boca, do que lançaria de si uma vibora pisada. Finalmente foi tal a colera e paixão, de que se deixou vencer, que intentou affrontal-o com as mãos, e certamente o faria, se Deus Nosso Senhor não castigasse logo esta soberba, permitindo entrasse o demonio n'elle; o que fez o inimigo universal de nossas almas, atormentar do lhe o corpo horivelmente. Levaram-o então meio morto para fóra da egreja, e o santo arcebispo continuou com a missa, que tinha principiado, sem alteração alguma.

Acabada a missa, o conde D. Henrique, e sua mulher, a rainha D. Thereza, e os mais fidalgos, que alli se achavam, pediram humildemente ao santo, se compadecesse da miseria d'aquelle homem, e que rogasse a Deus por elle. S. Geraldo, tendo compaixão do miseravel, fez oração a Deus e logo o demonio deixou de o atormentar e cobrando o seu juizo perfeito, veio lançar-se aos pés do santo, pedindo-lhe perdão das affrontas que lhe dissera, e prometendo emenda de sua escandalosa vida, e mereceu, pelas lagrimas do arrependimento, ter uma venturosa morte, que adquiriu com obras santas e piedosas, sendo uma d'estas a conclusão e dotação d'este mosteiro. Aconteceu isto pelos annos de 1107 da era vulgar. E n'este mesmo anno começou a pagar sua pensão à Sé primaz de Braga, como tambem pagavam outros mosteiros mais antigos, assim consta do livro do archivo da Sé, chamado *Liber fidei*, no qual se lêem estas palavras:—*A Monasterio Rendufe solvitur Ecclesiae Bracharensi, ab anno mcviii. A Monasterio de Adaufe solvitur Ecclesiae Bracharensi, ab anno 1077. A Sancta Maria de Bouro olim Abbatia in*

montanis solvitur Ecclesiae Bracharensi ab anno 588.»

E d'este anno por diante começou o mosteiro a crescer a olhos vistos, assim em rendas, como em monges.

O commendatario D. Henrique de Sousa, edificou a egreja anterior á actual, toda de cantaria, á sua custa, e comprou muitas casas para augmentar as rendas do convento.

Os nossos antigos reis honraram este mosteiro com mercês reaes, que lhe fizeram, e lhe deram a jurisdicção de quatro coutos. Eram o do mosteiro, que se compunha das freguezias de Barreiros, Bico, Capella, e hoje Rendufe, e Lago; o de S. Thiago de Sabariz, o de S. Pedro de Codeceda, e o de Santa Maria de Paredes Secas, hoje S. Miguel de Paredes Secas.¹

O edificio do actual mosteiro é de fórma quadrangular, com tres dormitórios, um a E., outro ao S., outro a O., fechando o quadro, ao N., a egreja. Estes dormitórios constam de cellas, com janellas para a cerca e corredores que se communicam uns com os outros e com o andar superior do claustro.

O dormitorio do E., unido á capella-mór pelo norte, tem de comprido 45,"36, e de largo 5,"56, sendo de corredor 2,"63. No andar terreo está a sachristia, e no superior, pegado á capella-mór, a sala que foi a livraria. Tem ao S. uma sacada sobre a horta, e no centro uma escada de cantaria que dava serventia para a cerca e claustro; e por ella desciam os collegiaes, quando iam para a egreja. Chama-se escada de Santa Escholastica.

É tradição que este dormitorio foi o mosteiro que D. Egas Paes mandou edificar; mas tem soffrido reformas.

O dormitorio do S., tem de comprido

¹ Dizem o padre Antonio Carvalho da Costa, *Corographia Portugueza*, fls. 209 e 227, segunda edição, e fr. Leão de S. Thomaz, *Benedictina Lusitana*, pag. 329, tom. 2.º «Que estes dois coutos ultimos se perderam com o decorrer dos annos.» Se estes auctores fallarem verdade, então o mosteiro tornou a adquirir a regalia dos ditos coutos, pois em 1834 tinha ainda o referido mosteiro a jurisdicção dos mesmos.

¹ Excommungado.

31,^m30, e de largo 8,^m25; sendo de corredor 3,^m60.

Diz fr. Leão de S. Thomaz, que foi edificado pelos annos de 1650 e tantos.

O dormitorio do O. tem de comprido, de norte a sul, 141^m; e de largo 10,^m60, sendo de corredor 3,^m72. O andar inferior é de abobada de tijolo, e são n'elle o refeitório, botica e outras officinas; tem uma porta que abre para o adro, e sobre a verga d'ella está a era de 1688. No andar superior tem sobre o adro duas portas com sacadas: muito proximo ao angulo externo S. e O., tem uma varanda coberta com grandes vistas, virada ao poente; a casa do capitulo é tambem n'este andar. É n'este lanço por uma escada de cantaria a entrada para todo o mosteiro. A serventia d'esta escada é pelo claustro. Este lanço foi reservado, quando ha poucos annos se vendeu o mosteiro, para residencia parochial.

Segue para E. em perfeito alinhamento pelo S. com os dormitorios do nascente e meio dia, um outro dormitorio chamado—*Collegio*; o qual tem de comprimento de E. a O. 44 metros e de largo 9,^m55. Compõe-se d'um corredor pelo centro com a largura de 3,^m88, e pelos lados de cellas, com janellas para a cêrca. Logo á entrada está, do lado do norte, a sala das aulas, e quasi no fim e do mesmolado está o archivo, que é todo de pedra. Tem no fim, virada ao nascente, uma varanda coberta, medindo a mesma largura do dormitorio.

Este dormitorio era destinado sómente para os collegiaes, chamando-se por isso o *Collegio*.

Prolonga-se para O., faceando pelo norte com o dormitorio do poente, um outro lanço, chamado a *Galeria*, o qual tem de comprimento, de E. a O. 52,^m76; e de largo 9,^m55. Consta d'um corredor, medindo de largo 3,^m88, com dez grandes janellas, para o norte, sobre o terreiro, e duas, para o poente, sobre o caminho; e oito salas com janellas, para o sul, sobre o pateo. No andar inferior, que é de abobada de tijolo, estão os celheiros.

Este lanço era designado para residencia do D. Abbade, recebedor e mestres jubilados.

A portaria principal do mosteiro é pelo terreiro junto ao adro, por baixo da sala da entrada da galeria.

Ao sul da galeria e ao O. do dormitorio do poente, está um quinteiro (pateo) circundado pelo sul e poente de casas para caseiros; é tambem n'este quinteiro a cosinha do mosteiro, hoje do parochio.

O mosteiro e claustro tinham sido reformados, principalmente nos fôrres, no primeiro quartel do seculo actual.

No centro do mosteiro está o claustro, que é quadrangular e mede de largura 3,^m44; e de comprimento, nos lanços de E. O. 31,^m68, e nos de N. e S. 31,^m30.

O centro é occupado por um jardim, no meio do qual está um chafariz com taça e tanque.

O claustro tem dois andares. O terreiro, muito bem ladrilhado de pedra, servia de cemiterio para os monges, que não tinham exercido o professorado ou cargo superior na ordem, porque estes eram enterrados no cruseiro da egreja, e os freguezes no corpo da mesma.

No lanço do norte, debaixo das escadas do coro, está, com porta para o claustro, uma capella, dedicada a Nossa Senhora da Abbadia.¹

O andar superior é construido sobre nove arcos de pedra, em cada lanço, abertos para o jardim e formados em dez columnas inteiriças de pedra, sendo duas meio embebidas nos pés direitos. No lanço E. ha, no angulo interior E.S., uma fonte com concha, de que se serviam os collegiaes; no topo norte abre para a egreja, em frente da capella do Santissimo Sacramento, uma janella destinada para os monges visitarem o Santissimo Sacramento. No peitoril d'esta janella está, para a parte do claustro, a seguinte inscripção:

¹ Sendo esta capella pequena, e tendo de madeira o soalho e altar e n'este uns farrapos de cortinas, apesar de lhe ter ardido a porta no dia 29 de julho de 1877, escapou de ser devorado pelo incendio. Este acontecimento causou admiração a muita gente, chegando a ser julgado por alguns miraculoso.

14.ª

ESTE M. (mosteiro) MÃDOV REEDIFI-
CAR ODOARIO DE SOVSA,
COMEDAT.º DELE, POR QUIR
TODO POR TRA. ANO 1551. ¹

Communica este andar com todos os corredores dos dormitórios.

O mosteiro tem uma grande cêrca contigua, murada sobre si, de pedra, a qual tem dentro campos, hortas, pomares, uma deveza de muitas arvores e uma eira muito bem ladrilhada de pedra, cujo comprimento, (da eira) de N. a S. é 27^m,70 e largura de E. a O. 23 metros.

O mosteiro, cêrca e outras propriedades rusticas foram julgados bens nacionaes e vendidos; a cêrca e propriedades rusticas logo depois da extincção das ordens religiosas, e o mosteiro ha poucos annos. Tudo isto, menos a egreja que é a matriz da freguezia, como já o era antes; um pequeno bocado da cêrca, deixado para passal do parochio, que foi vendido no dia 4 d'agosto de 1877, por 2:996\$800 réis; o dormitorio do O. destinado para residencia parochial, e algumas outras propriedades, tudo isto digo, foi comprado pelo commendador Antonio Ignacio Marques, ex-official maior do governo civil de Braga.

É hoje, o mosteiro e parte da cêrca de Antonio dos Santos d'Azevedo Magalhães, chefe de secção na direcção das obras publicas do mesmo districto. Tem-o como um dos herdeiros do finado commendador, de quem é genro.

No dia 29 de julho de 1877, pela volta das 9. para as 10 horas da noite, rebentou no andar superior da galeria, ao lado do poente, um violento incendio, que em menos de cinco horas reduziu a cinzas e a um montão de ruinas todo o mosteiro.²

Graças ao vigoroso e reforçado das paredes, ficou apenas salva das chammas a egreja, o celloiro, morada dos caseiros, cosinha e

¹ A ultima palavra da 3.ª linha e as tres primeiras da quarta, não se entendem.

² O incendio foi casual; não obstante alguns jornaes dizerem o contrario.

os andares, que eram de abobada, demandando ainda assim concertos e reparos.

A galeria acabou de ser coberta em outubro do mesmo anno de 1877.

No dia 28 d'agosto de 1876 tinham-se reunido n'este mosteiro 32 sacerdotes, e ahi, debaixo da direcção dos reverendos João Baptista Melly e Francisco Pereira, fizeram por dez dias exercicios espirituaes, que concluíram com uma solemne festa, feita com toda a decencia e aparato religioso.

Quem presenciou, n'estes dez dias o estado de conservação em que ainda se achava o mosteiro, a caridade e humildade dos directores, a docilidade e obediencia dos exercitandos (uns parochos encanecidos e outros jovens levitas), o palmodiar cadenciado do Officio Divino, o enthusiasmo e devoção dos fieis, quem presenciou tudo isto, repito, não pôde deixar, ao contemplar um montão pavoroso de ruinas, de sentir uma viva saudade e verter copiosas lagrimas.

15.ª—Inscripção que está na fonte do terreiro, em frente da egreja do mosteiro:

EM LATICES PHEBI POTA
PERIGRI NE LI QUORES
EXILIVM AVXILII NIL
SIBI AVA RE TENET
1742
NIHIL SIBI.

Devo este curiosissimo artigo ao obsequio do esclarecido abbade de Cairas, no conceelho d'Amares, o reverendo sr. José dos Santos Moura.

Do precedente artigo vê-se a razão porque eu, no 2.º vol., pag. 99, col 1.ª, na primeira *Capella*, disse que não achava esta freguezia nos mappas modernos. O antigo nome d'esta freguezia, era *Capella de Rendufe*, e é a mencionada no lugar citado.

O que se segue é transcripto de um impresso publicado pelo distinctissimo doutor, o sr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas, lente de mathematica, no lyceu de Braga.

(Peço aos meus leitores desculpa de algumas pequenas, mas inevitaveis repetições, mas não podia—nem devia—cortar ou sup-

primir uma única palavra, escripta por escriptor de tão grande auctoridade.)

I—A umas duas leguas a norte de Braga, nos territorios denominados outr'ora *Entre Homem e Cávado*, edificou-se em tempos antiquissimos um mosteiro da Ordem de S. Bento,—religião entrada em nosso paiz nos annos de 537 da era vulgar, e inaugurada no mosteiro de Lorvão a umas duas leguas de Coimbra—mosteiro ao depois de religiosas da Ordem de S. Bernardo.

Foi este mosteiro, o de Santo André de Rendufe, no concelho d'Amares na actualidade—concelho rural dos mais importantes do nosso districto de Braga.

II—Deu começo a este mosteiro D. Egas Paes de Penagate, fidalgo dos principaes então na côrte do nosso conde D. Henrique—tronco a que devemos os lineamentos da nossa autonomia nacional, e de quem temos a ossada veneranda na Sé cathedral braca-rense.

Era D. Egas Paes o sogro do alferes-mór do conde D. Henrique, o aguerrido e denodado D. Fafes Luz, pae de D. Godinho Fafes, de quem a nossa villa de Fafe tomára o nome.

Teve logar este começo do mosteiro alguns annos antes de 1100 da era vulgar,—visto que no anno de 1091 fôra juiz árbitro um abba de do mosteiro de Rendufe, n'uma contenda entre os monges de S. Pedro d'Arouca — ao depois de religiosas da Ordem de S. Bernardo — e a padroeira então do mesmo mosteiro.

III—Chamava-se D. João este abba; e foi companheiro seu na arbitragem, o abba de D. Pedro do mosteiro de S. João de Pendobrada; com o senhor de Paço de Sousa, D. Egas Hermiges, fidalgo de nobilissima geração.

A fidalga padroeira era D. Godinha, avó de D. Egas Odoris: — e a contenda que ella suscitára, era a pretensão de lhe cederem os monges o convento, para recolhimento das filhas e parentas da mesma padroeira, dando-lhes esta em troca o mosteiro de S. Martinho de Cucujães.

IV—Edificado o mosteiro de Rendufe —

em termos de ser habitado — foram tomar conta d'elle cinco religiosos do mosteiro de Santa Maria d'Adaúfe, e trez do mosteiro das Montanhas da Senhora da Abbadia. — Pediu estes monges a estes mosteiros o mesmo D. Egas Paes.

Eram da mesma Ordem de S. Bento ambos estes mosteiros, denominando-se ao depois mosteiro de Santa Maria de Bouro o ultimo d'elles.

V—Descuidou-se D. Egas Paes (embevecido em amores censuraveis com uma sua parenta em grau proximo) de continuar a edificação do mosteiro de Rendufe.

Aconteceu no entanto — no meio d'este decurso de tempo — que o arcebispo braca-rense S. Geraldo, n'um dia de solemnidade na côrte vimaranense, do conde D. Henrique, o fizesse pôr fóra da egreja como excomungado, sob pena de não começar sem isso o sacrificio da missa.

Cahiú então em si D. Egas Paes; e reconciliado com o primaz das Hespanhas, a rogos e solicitações da mesma côrte, acabou e dotou galhardamente o mesmo mosteiro.

Teve isto logar nos annos de 1107 da era vulgar.

VI—A situação d'este mosteiro, comquanto em paragem um pouco baixa, é d'uma posição agradável e prazenteira, como todas as situações campestres em montanhas do Minho.

O templo d'este mosteiro é digno da Ordem do patriarcha dos monges do Occidente, oriundo da antiquissima familia dos Anicijos, de que fôra um dos membros o imperador romano Justiniano.

Edificou esta egreja o commendatario D. Henrique de Sousa, um dos maiores benefactores do mosteiro.¹

VII—Honraram outr'ora os nossos reis o mosteiro de Rendufe, dando-lhe a regalia da jurisdicção de quatro coutos. — Eram o do mosteiro; o de S. Thiago de Sabariz, ao

¹ D. Henrique de Souza, varão de muita virtude, e grande caridade, foi assassinado á traição, por Francisco Machado, que o convidára para jogarem. A causa d'este crime foram ciúmes, mas depois provou-se que D. Henrique estava innocente.

pé do Pico de Regalados; o de S. Pedro de Codecêda em terras então de Nóbrega, e depois de Ponte da Barca; e o de Santa Maria de Paredes Seccas, em terras de Santa Martha de Bouro, donde, segundo a tradição, era senhor D. Egas Paes.

Com o decorrer dos annos, perderam a dois d'estes coutos os religiosos, ficando apenas com o do mosteiro e o de Sabariz, até os ultimos tempos em que os tiveram.¹

Teve isto logar em 1834, com a supressão das ordens monasticas, ordenada então em decreto de 28 de maio, referendado pelo affamado estadista, Joaquim Antonio de Aguiar—filho da cidade de Coimbra.

VIII—Entre os abbades memoraveis d'este mosteiro—depois do começo da reformação do cardeal infante D. Henrique, em 1569, como legado da Sé Apostolica—occorrem-nos á lembrança quatro d'estes abbades triennas.

Fr. Balthasar de Braga, oriundo da capital do Minho a que dá honra.—Deve-se-lhe a erecção do convento magnifico de Lisboa, delineado pelo insigne architecto Balthasar Alvares, e de que se lançára á terra a primeira pedra em 1598.—Deve-se-lhe igualmente a erecção do convento da Victoria, no Porto, não inferior ao de Lisboa na magestade da construcção.—Deve se-lhe a impressão das *Constituições dos Monges de S. Bento da Congregação de Portugal*, obra dada á luz, em Lisboa, em 1590, em 4.º, na officina typographica d'Antonio Alvares.—Deve-se-lhe emfim a impressão do *Breviarium Monasticum Reformatum secundum consuetudinem Monachorum Nigrorum Ordinis Sancti Benedicti Regnorum Portugalliae*, obra dada á luz em Coimbra, em 1607, em 4.º, na officina typographica de Diogo Gomes Loureiro.

Fr. Gonçalo de Moraes, oriundo de Villa Franca de Lampazes, em Traz os-Montes, eleito ao depois bispo do Porto pelo rei D. Philippe II, com sagração em 1602, e a quem deve os comêços o mosteiro do Milagre em Santarem, com dadivas de rendas e esmolas durante o seu episcopado.—Foi eleito, em Tibães, em 1587.

¹ Além d'isto, tinham seis grandes quintas e innumerous campos.

Fr. Martinho Golias, eleito em 1599, oriundo de Guimarães.—Foi varão dos mais estimaveis então da Ordem Benedictina, e um dos filhos mais exalçadores do berço da monarchia, nas virtudes que o adornavam, apparentado com as familias mais illustres da nossa provincia do Minho.

Fr. João do Apocalypse, oriundo de Guimarães, como fr. Martinho Golias.—Foi eleito em 1608:—e fr. Gregorio Argaez, na *Perla de Catalunya*, pag. 458, § 134, o elogia sobremodo, qualificando-o n'estas poucas palavras:—*Talento cultivado com las letras y las virtudes.*

IX—Fr. Martinho Golias, nobilissimo no appellido, foi uma das vergontes mais viçosas—uma das hastes mais floridas—da parentella do dr. Rui Gomes Golias, mestre-eschola da collegiada da Senhora da Oliveira, em Guimarães, e instituidor do morgado e capella do nome de Jesus, com tribuna para as suas casas nobres, na antiga rua dos Fornos, no berço da monarchia.

Fr. João do Apocalypse, prégador famigerado no seu tempo, deixou-nos em manuscrito a *Chronica da Religião de S. Bento de Portugal, e dos Reis em cujo tempo floresceu, e das fundações dos seus Mosteiros.*

Dividida em 40 livros, com 390 folhas ao todo, conservava-se respeitosamente no mosteiro de S. Salvador de Travanca, onde este monge antiquario exhalára a vida, em 22 de abril de 1632.

X—Com este mosteiro de Rendufe, conviveu outr'ora o nosso Francisco de Sá de Miranda, filho egregio de Coimbra, assistente então na proxima quinta da Tapada:—casa das mais illustres da nobiliarchia minhota, e onde elle exhalára os ultimos alentos, em 15 de março de 1558, retirado do bulicio do mundo desde muitos annos.

Com este mesmo mosteiro conviveu igualmente seu cunhado Manuel Machado d'Azevedo, senhor d'Entre Homem e Cávado, de quem nos escrevéra a vida o marquez de Montebello, Felix Machado da Silva Castro e Vasconcellos, n'um volume raro—em que ha versos de correspondencia poetica entre estes dois engenheiros seiscentistas.

Com este mosteiro, emfim, conviveu na

sua primeira quadra da vida, o nosso finado amigo D. João d'Azevedo Sá Coutinho, prosador e poeta de renome, uma das vergonheas mais egregias da casa e quinta da Tapada, e a quem Braga é devedora do seu primeiro periodico politico e litterario, em 1836 — *O Cidadão Philanthropo*.

XI—Em 1809, na invasão do nosso paiz pelo exercito francez do general Soult, ao mando de Napoleão, arvorou-se o mosteiro de Rendufe n'um castello fortificado.

Os monges e os collegiaes armaram-se em defeza da patria, fazendo causa commum com o povo das cercanias, e com as tropas a que se reuniram.

Abandonaram os exercicios religiosos; e adornados dos atavios militares, hostilizaram os nossos invasores com garbo e denodo.

XII—Depois da retirada do exercito francez, acolheram-se de novo ao mosteiro de Rendufe, assim os religiosos como os seus collegiaes.

Não foi no entanto possivel, nem á austeridade do prelado, nem á seriedade dos mestres, corrigir então os excessos dos collegiaes, e induzil-os a reatar o fio dos estudos, interrompidos na occasião do seu alistamento patriotico.

Acostumados á vida soldadesca, não se reaccommodavam aos exercicios claustraes — preferindo aos aromas do incenso o cheiro da polvora, e o clangor das cornetas ás harmonias do órgão.

XIII—No meio d'este estado anarchico, surgiam conflictos graves a cada instante no mosteiro de Rendufe—appellidado então entre o povo o *castello dos tyrolezes*.

A obediência monastica, desceu n'esses dias ao maximo do postergamento: — e o mosteiro teve de ser entrado á força — não sem resistencia—por tropas alli enviadas de Braga.

XIV—Sobre-sahiu n'esta lucta collegial, o nosso finado amigo Antonio do Carmo Velho de Barbosa, filho egregio de Barcellos, de quem soubemos estas especies, em nosso berço das Caldas de Vizella, estando alli a banhos este illustrado parcho de Leça do Bailio.

D'elle soubemos igualmente, que o fizeram andar de convento em convento com os companheiros, em castigo da turbulencia contra os superiores: — não sendo elle ainda assim dos mais punidos, graças á insinuação da palavra de que a natureza o dotára, aproveitada opportunamente em defeza propria.

Alguns dos collegiaes — sem igual compromettimento escholar—pagaram em rigoroso carcere o excesso da insubordinação.

XV—Convertido em propriedade particular este mosteiro de Rendufe—depois da regeneração politica de 1834, roborada então na batalha da Asseiceira, em 16 de maio — era hoje senhor d'elle o nosso amigo, Antonio dos Santos d'Azevedo Magalhães, chefe de secção, na direcção das obras publicas do nosso districto.

Tinha-o elle de seu, como um dos herdeiros do finado commendador Antonio Ignacio Marques, ex-official do governo civil de Braga, e proprietario dos mais abastados, mais trabalhadores, e mais economicos do nosso districto.

Fôra elle—sogro do nosso amigo — o que o arrematára primitivamente em praça publica.

XVI—No domingo preterito, 29 de julho, rebentou n'este mosteiro um incendio violento, com apparencias de não casual. — Irrompeu impetuoso na volta das 9 para as 10 horas da noite, com visos d'abafado até então.

Trabalharam debalde os povos da localidade, no affan de salvar das chammas o edificio incendiado. — Foram impotentes os seus braços — e infructuosa a sua dedicação — para sustar por um pouco sequer a intensidade do fogo.

O mosteiro abrasado — rúbido com o clarão das chammas — apparentava a erupção pavorosa d'um vulcão, no lance do seu maior afogoeamento.

XVII—Na volta das 2 para as 3 horas da noite, partiram d'aqui, de Braga, para Rendufe, os hombeiros voluntarios, com outros collegas seus, dos municipaes.

Trabalharam com energia e coragem, auxiliados d'um sem numero de povo das cercanias. — Era tarde no entanto. — Não ha-

via heroismo proficuo em semelhantes alturas.

Até o calor intensissimo—com o deslumbramento do clarão—opponha resistencia aos soccorros.

XVIII—Das immensas casarias do mosteiro de Rendufe—augmentadas e melhoradas com o volver dos annos, e reformadas de todo no primeiro quartel do seculo actual—restam agora apenas as ruinas desoladoras.

Campus ubi Troja fuit—no dizer sentencioso do cantor augusto da ENEIDA—só os raios do sol aquecerão alli d'ora ávante, *ermos e solitarios*, os vestigios d'um passado memoravel.

Graças ao vigoroso e reforçado das paredes, ficou apenas salva das chammas a egreja—com o celleiro e a morada dos caseiros—demandando ainda assim concertos e reparos.

XIX—Deixando aqui bosquejada a historia do mosteiro de Rendufe, lembrar-nos-hemos sempre com saudade, que nas pedras d'aquellas ruinas—*tisnadas e resequidas*—muitas ha, que foram testemunhas d'asperimas penitencias, dos que deixavam outr'ora o mundo pelo claustro.

Muitas ha, que presenciaram alli nos ministros do Christo—*com o volver incessante dos seculos*—muita vida de fé, apoiada na crença—muita vida d'esperança, confiada no galardão—muita vida de caridade, liberalisada na esmola.

XX—No meio do montão pavoroso de ruinas, muitas nos estão alli dizendo na mudez da contemplação, o que nos decanta assim na sua ARRABIDA o nosso *Alexandre Herculano*:

- Aqui veio talvez buscar asylo
- Um poderoso, outr'ora anjo da terra,
- Despenhado nas trevas do infortunio!
- Aqui gemeu talvez o amor trahido,
- Ou pela morte convertido em cancro
- D'infernal desespero! aqui soaram
- Do arrependido os ultimos gemidos,
- Depois da vida derramada em gôsos,
- Depois do gôso convertido em tédio!

XXI—Resta-nos agora apenas—em meio das ruinas—a amplidão da egreja salva, para nos patentear ainda, nas suas campas, a morada extrema de muitos justos:—*vações venerandos, que viveram n'aquelle mosteiro muita vida de contricção, especada na emenda—muita vida d'uncção, embevecida no Altissimo.*

Braga, 1 d'agosto de 1877.

O professor do Lyceu Bracarense
Pereira Caldas.

É tradição que n'este mosteiro falleceu *D. Rendufe* (que deu o nome ao lugar), casado com *D. Acha*, dos quaes foram filhos, *D. Pedro Rendufes*; *D. Toda Rendufes*, que casou com *D. Martim Anião*, alcaide-mór de Coimbra; *D. Mór Rendufes*, que casou com *D. Fernão da Cunha*. Parece que d'estes foi herdeiro, *D. Egas Paes de Penagate*.

Logo abaixo do mosteiro, está a *quinta da Regada*, que foi de *Jácome Coelho*. Produzia 600 alqueires de pão e 20 pipas de vinho.

Para as *Caldas de Rendufe*, vide *S. Thiago de Caldellas*, e vol. 2.º, pag. 43, col. 1.ª

Em 25 de outubro de 1824, foi feito primeiro barão de Rendufe, *Simão da Silva Ferraz de Lima e Castro*, commendador da ordem da Conceição, intendente geral da policia da corte e reino, em 1823, e conselheiro do conselho da fazenda e deputado ás côrtes, em 1834, e par do reino em 1835. Em 13 de outubro de 1852, foi feito 1.º conde de Rendufe, seu filho, o 2.º barão do mesmo titulo, *Simão da Silva Ferraz de Lima e Castro*.

O 1.º barão de Rendufe, nasceu a 13 de maio de 1795. Era filho de *Thomaz da Silva Ferraz*, moço fidalgo, commendador da ordem de Christo, deputado da companhia do Alto-Douro, nascido a 8 d'abril de 1760, e fallecido a 13 de janeiro de 1833.

Tinha casado, no 1.º de setembro de 1787, com *D. Anna Aurelia de Lima e Castro*, nascida a 17 de julho de 1755, e era filha de *Thomaz Antonio de Carvalho Lima e Castro*, do conselho de *D. Maria I*, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo,

e desembargador do paço, e de sua mulher, D. Joanna Margarida Barbosa Correia.

O 1.º barão de Rendufe, teve tres irmãos, todos mais velhos do que elle:—1.º, Thomaz Antonio, commendador da ordem de Christo, coronel de milicias, e recebedor-geral da fazenda, da provincia de Traz-os-Montes.—2.º, D. Maria Urbana.—3.º, D. Anna Augusta.

O 1.º barão de Rendufe, tornou-se célebre como deputado, nas côrtes abertas em 15 de agosto de 1834, pelos insultos que dirigiu ao sr. D. Miguel I, pintando-o como o *maior monstro produzido desde a criação do mundo*, (!!!) *mil vezes peor do que Nero, Calígula,* etc., etc.

Na sessão de 28 do dito mez, mandou para a mesa, uma proposta com dois artigos—1.º, para se applicarem ao sr. D. Miguel, as penas do livro 5.º, tit. 6.º das Ordenações (morte natural) *como traidor á patria*.—2.º, que desde logo fosse privado da prestação de 60 contos, estipulada na convenção de Evora-Monte (prestação que aliás nunca houve tenção de se lhe dar, como publicamente disse em côrtes, o tristemente celebre ministro, Agostinho José Freire.

Tambem na sessão antecedente, o deputado Sousa Azevedo, tinha proposto que fosse ratificado pelas côrtes, o decreto de 18 de março d'esse anno, que *exauctorou* o sr. D. Miguel, e que se declarasse que a sua successão, nunca podesse reinar em Portugal. (Este deputado foi um grande miguelista até 1829, mas *virou a casaca* por o não fazerem desembargador da casa da supplicação. Ha a este respeito um folheto muito interessante, publicado em 1842.) O deputado Silva Sanches, tambem pediu a pena de morte para o sr. D. Miguel, se voltasse a Portugal.

RENDUFE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1756, tinha 80 fogos.

Orago, S. Romão.

Arcebisado e districto administrativo de Braga.

O cabido de Guimarães apresentava o curato, que tinha 30\$000 réis e o pé d'altar.

Foi conto e villa, ha muitos annos supprimidos.

Pouco fertil; mas cria bastante gado de toda á qualidade.

RENDUFE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 40 kilometros ao O. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757, tinha 83 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebisado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O arcediago da Labruja (da Sé de Braga) apresentava o vigario, que tinha 70\$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Gado e caça.

No monte de Travanca, d'esta freguezia, se deu a grande batalha, em que D. Francisco de Sousa, conde do Prado, desbaratou o exercito castelhano, em 9 de agosto de 1663.

RENDUFINHO—freguezia, Minho, comarca e concelho da Povoia de Lanhoso, 42 kilometros ao N.E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757, tinha 101 fogos.

Orago Nossa Senhora da Misericordia.

Arcebisado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 360\$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil, e cria muito gado, de toda a qualidade.

Nasceu n'esta freguezia, e aqui falleceu no dia 23 de agosto de 1876, o doutor Francisco Hilario Teixeira de Brito, um dos ornamentos do fóro portuguez, cavalheiro de reconhecida probidade, e porisso estimado e respeitado de quantos o conheciam. Foi deputado ás cortes pelo partido legitimista, a que sempre pertenceu, em 1858, pela Póvoa de Lanhoso; mas não chegou a tomar assento na camara, por não querer prestar juramento.

Era casado com a sr.ª D. Felizarda Rosa Vieira de Campos, irmã do sr. abbade, José Bento Vieira de Campos, a qual ainda vive. Teve dois filhos, os srs. doutores, Antonio Bernardino Ribeiro de Brito, e padre Francisco José Ribeiro Vieira de Brito.

O illustre finado deixou um irmão, o sr. padre José Narcizo Ribeiro de Souza e Brito.

RENGA ou **RENGUE**, e, por fim, **RENQUE**—portuguez antigo—fiada, corrente, fileira, carreira, etc.—Vem do francez *rang* que significa o mesmo.

RENHUÇAR ou **RENUNÇAR**—portuguez antigo—renunciar, largar, demittir de si, etc. *Relinquimus e renhuçamos quanto direito nós havíamos, etc.* (Doc. de Arnoia de 1299).—*Eu Polinhairo Steves, renunço o fóro que me nom possa a el chamar.* (Doc. de Moncorvo, de 1337.)

RÊO, RÊU, e ARRÊO—portuguez antigo—a fio, de fio a pavo, a seguir sem interrupção.

REPEENDIMENTO, e RREPEENDIMENTO—portuguez antigo—satisfação, paga, recompensa, etc.—*Dou a Maria Carvalho, a minha leira d'olival, em rrepeendimento dos peccados do meu filho.* (Doc. de S. Christovam de Coimbra, de 1348.) Vem do latino *rependo*.

REPÊZES—aldeia, Beira Alta, na antiga freguezia de S. Martinho, extramuros e um dos curatos de Viseu, hoje freguezia de Santa Maria, da mesma cidade, d'onde dista apenas um kilometro.

Ha n'esta aldeia uma bonita capella, dedicada a Santa Eulalia, na qual se faz todos os annos uma concorrida festa ao nosso portuguez Santo Antonio, de Lisboa.

N'esta povoação nasceu, pelos fins do seculo 16.º, um *christão-novo*¹ chamado Antonio Dias Ribeiro.

¹ Em 1485, foram expulsos de Hespanha todos os judeus, que se espalharam por varias nações da Europa, vindo muitos d'elles para Portugal, onde os acolheu favoravelmente D. João II. Seu filho unico, D. Affonso, morre junto a Santarem, em 1491, da queda de um cavallo, deixando viuva e sem filhos, a sua joven esposa, a princesa D. Isabel, herdeira do throno de Castella.

Fallecido D. João II (25 de outubro de 1495) e não podendo elevar ao throno, seu filho bastardo, D. Jorge, duque de Coimbra, como muito pretendêra, foi aclamado rei, seu primo e cunhado, o duque de Beja, filho do infante D. Fernando, duque de Viseu, e filho do rei D. Duarte.

Era muito devoto da Santissima Virgem, e, como era bastante rico, lhe mandou construir uma formosa capella, com a invocação de Nossa Senhora dos Prazeres, no lugar de Abravezes, freguezia da Sé de Viseu, e proximo da mesma cidade.

Para evitarmos repetições, vide 7.º vol., pag. 660, col. 2.ª

REPOSTEIRO MÓR ou **REPOSITARIO-MÓR**—é um dos principaes officios da casa real portugueza.

Ha duvidas sobre a data d'estes grandes

D. Manuel contratou o casamento com a princesa D. Isabel (a viuva do principe D. Affonso) mas sob a condição de expulsar os judeus, e mouros, de Portugal, o que elle fez em 1497, com a ambição de vir a ser rei de Portugal e Hespanha; deixando sahir d'este reino as immensas riquezas dos expulsos. Ficou porem sem ellas e sem o throno de Hespanha (apesar de ser jurado rei d'este reino, em Toledo, a 28 d'abril de 1498) porque D. Isabel morreu de parto, em Zaragoça, e seu filho, D. Miguel da Paz, pouco lhe sobreviveu. D. Manuel casou em segundas nupcias com sua cunhada, a princesa D. Maria, irmã de D. Isabel, recebendo se em Alcer do Sal, em 1501. D'este casamento teve —D. João, depois rei, 3.º do nome; D. Isabel, que casou com o imperador Carlos V; D. Brites, que casou com o duque de Saboia; D. Luiz, duque de Beja; D. Fernando, duque da Guarda; D. Affonso, cardeal, D. Henrique, cardeal e rei; D. Duarte, duque de Guimaraes, e D. Maria e D. Antonio, que morreram de pouca idade.

D. Manuel casou em terceiras nupcias, com D. Leonor, filha de Philippe I, de Castella, da qual teve, D. Carlos que morreu de pouca idade, e D. Maria, que foi senhora de Viseu e Torres Vedras.

Não consta que este rei tivesse filhos bastardos.

Muitos mouros e judeus preferiram adoptar a religião catholica, a sahirem de Portugal. Aos que foram expulsos, se lhe tiraram os filhos menores de sete annos, que foram baptisados, e educados na religião christã. A estes e aos adultos convertidos se ficou chamando *christãos-novos*, e foram sempre olhados com desprezo pelos *christãos-velhos*, e muitos d'elles morreram nos carcereiros da Inquisição, ou queimados em vida; porem a maior carnificina d'estes infelizes, foi em Lisboa, a 19 d'abril de 1506, em cujo dia foram assassinados (e muitos queimados vivos) 4:000 christãos novos. (4.ª vol., pag. 111, col. 1.ª, e pag. 172, col. 2.ª, no fim.)

officiaes do pago. Frei Antonio Brandão diz que o officio de reposteiro-mór (*repositarius maior*) foi creado por D. Affonso II, em 1217, sendo o primeiro que o teve, Pedro Garcia.¹ No reinado de D. Sancho II, tinha este officio, um tal *Dominicus Scribanus Maius Repositarius*, que assignou como testemunha, o foral de Santa Cruz da Villariça, em 1225. (Doc. de Moncorvo.)

Em quanto em Portugal não houve camareiros móres, eram os reposteiros-móres que tinham este exercicio.

O emprego de reposteiro-mór, é o de descobrir a cadeira do rei, nas funcções publicas, e está junto d'ella, em quanto o monarcha se não levanta.

Pela Ord. do livro 3.º, tit. 4.º, tinham os reposteiros-móres os mesmos privilegios que os alferes-móres, etc.

No reinado de D. João III, entrou o officio de reposteiro-mór, na casa dos Távora, na pessoa de Bernardim de Távora, 3.º filho de Alvaro Pires de Távora.

Por morte de Bernardim de Távora (neto do 1.º reposteiro-mór d'esta familia, de igual nome) e não tendo filho varão, herdou a casa, sua filha, D. Guiomar de Távora, casada, em segundas nupcias, com Luiz de Souza e Vasconcellos, 3.º conde de Castello-Melhor, que, em razão d'esta alliança, foi reposteiro-mór de D. Affonso VI, e assim passou o officio, para a casa de Castello-Melhor.

Não eram só os reis que tinham reposteiros-móres: da rainha D. Philippa, mulher de D. João I, foi reposteiro-mór, *Fernão Lopes de Avreu*; da rainha D. Leonor, filha de D. Fernando I d'Aragão e mulher do nosso rei D. Duarte, foi reposteiro mór, *Vasco da Fonseca*; do infante D. Duarte, tinha sido reposteiro-mór, *Diogo Fernandes d'Almeida*, que continuou no mesmo emprego, depois

¹ Mas, no codicilo de D. Sancho I, feito em 1181, e que se acha no cartorio da Sé de Viseu, se lê—*Tetum repositum, tam pānus, quam vasa argentea, et scudellas, et culiaves et quid in Reposito est*, etc.—o que parece demonstrar que já então havia reposteiro, visto que havia reposito.

de D. Duarte ser aclamado rei; do infante D. Fernando, irmão de D. Duarte, foi reposteiro mór, *Fernão Rodrigues*.

Entre os monges tambem havia o officio de reposteiro, que vinha a ser o mesmo que *vestiario*.

Segundo o *Cod. Alf.*, livro 2.º, tit. 43, o reposteiro vinha a ser o mesmo que *thesoureiro*.

REPRÊZA—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Monte-Mór-Novo (foi da mesma comarca, mas do concelho d'Arraiolos), 30 kilometros d'Evora, 90 ao S.E. de Lisboa. Tem 80 fogos.

Em 1757, tinha 50 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação (vulgò das *Candeias*).

Arcebisado e districto administrativo de Evora.

O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o prior, que tinha de rendimento, 540 alqueires de trigo, 120 de cevada, e 10\$000 réis em dinheiro.

É terra fertil, sobre tudo em cereaes.

REPREZA (quinta da)—Alemtejo, na freguezia de Orióla. Vide 6.º volume, pag. 293, col. 2.ª

REPROCHAR—portuguez antigo—reprehender, censurar, criticar, etc.—É gallicismo, que, apesar de tão escusado, foi muito usado em Portugal, n'outro tempo. Ainda hoje ha escriptores afrancezados que empregam este verbo inutilissimo.

REQUEÃO, ou **REQUIÃO**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros ao O. de Braga, 340 ao N. de Lisboa.

Tem 300 fogos.

Em 1757, tinha 193 fogos.

Orago, S. Silvestre, papa.

Arcebisado e districto administrativo de Braga.

A mitra primacial apresentava o reitor, que tinha 250\$000 réis de rendimento.

Esta freguezia pertenceu ao antigo julgado de Vermuim, do qual era cabeça Villa Nova de Famalicão.

Diz-se que o nome d'esta freguezia pro-

vêm do substantivo latino *requie*, descanço: será.¹

A situação desta freguezia é aprazível, e o seu terreno é muito fértil. Cria muito gado, de toda a qualidade.

Tinha um mosteiro de frades cruzios, fundado no século XII, pelos templários, e que, em 1319, passou para os cruzios.²

Em frente d'esta freguezia fica outro mosteiro, também de cruzios, de fundação muito antiga (1096) na freguezia de Landim (antigamente *Nandim*) do mesmo concelho. Vi-de *Landim* e *Nandim*.

Em 1448, o arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, converteu o mosteiro de Requião em egreja secular, por breve do papa Martinho V.

É n'esta freguezia a casa de Ninães, e n'ella nasceu, em 1782, D. João da Assumpção Carneiro, ultimo geral dos conegos regran-tes, da congregação de Santo Agostinho, de Santa Cruz de Coimbra.³

Falleceu na sua casa de Ninães, em 18 de janeiro de 1873, com 90 annos de idade.

Foi em toda a sua vida um varão virtuosissimo. Tomou ordens de presbytero em 1805, e foi por trez triennios reconduzido no generalato da sua nobilissima ordem.

Decidido e exemplarissimo legitimista, foi de grande representação nos reinados dos srs. D. João VI, e D. Miguel I.

Foi sepultado no logar mais distincto do cemiterio de Requião, no dia 20 do dito mez e anno.

¹ É tradição que, quando se fundou o mosteiro, estava este sitio deshabitado, e que os frades, em vista da sua amenidade, lhe deram o nome de *Requie et folgança*, que degenerou em *Requião*. Póde ser.

² Mas a *Benedictina Lusitana* diz que, em 1176, o mosteiro era de monges bentos. Talvez dos templários passasse aos bentos e depois aos cruzios.

³ Não se confunda esta casa de Ninães, com o paço de Ninães, de que adiante fallo. A casa de Ninães é de abastados e honradissimos lavradores, e não de fidalgos. O avô de D. João da Assumpção Carneiro, teve dois filhos—Manuel Carneiro, a quem deu a casa da Ribeira, que é hoje de seu filho, o sr. Matheus Carneiro—e Antonio Carneiro (pae de D. João) ao qual deu a casa de Ninães, que é a mais importante e rica do logar.

Os pobres, de quem era a Providencia, muitos annos chorarão a sua morte.

É da casa de Bragança.

Ha n'esta freguezia a ermida de Nossa Senhora da *Pedra leitã* (pedra que causa leite!)

É um bom templo, com alpendre e sacristia; e tão antigo, que se não sabe quem foi o seu fundador.

Os povos d'estes sitios teem grande devoção com esta Senhora, e lhe fazem uma grande festa a 5 de agosto (dia de Nossa Senhora das Neves), que é sempre muito concorrida.

Antigamente, em todos os domingos e dias santificados hia o povo à capella rezar o terço; e era então a Senhora visitada por muitas romagens, não só dos habitantes d'estes sitios, mas até dos povos distantes.

Junto à ermida ha alguns gigantescos carvalhos, que se julgam tão antigos como a capella.

Tambem junto à ermida (à esquerda de quem entra) está um grande penedo, com umas cortaduras, que servem de escadas, abertas n'elle. Ao seu cume sobem as mulheres que teem falta de leite, e, depois de rezarem uma *Ave Maria*, beijam a pedra, crendo que, fazendo isto, lhes acode o leite.

Foi este penedo que deu o titulo à Senhora.

Existiu n'esta freguezia a casa do *Paço de Ninães* (ao qual José Avellino d'Almeida, no seu *Diccionario abreviado*, por engano, dá o nome de *Paço de Novaes*).

Esta nobre casa deu assumpto ao sr. Camillo Castello-Branco, para o seu formosissimo romance, que intitulo — o SENHOR DO PAÇO DE NINÃES.

Segundo o padre Carvalho (*Chorographia Portugueza*, pag. 327) a casa do Paço de Ninães, foi fundada por um tal Affonso Fernandes de Novaes, castelhano, senhor do castello de Novaes, em terra de Queiroga na Hespanha.

É por esta circumstancia que alguns es-

criptores se teem enganado, chamando ao Paço de Ninães, Paço de Novaes.

Novaes, é uma antiga freguezia d'este mesmo concelho, de que eram donatarias as freiras de Santa Clara (franciscanas) de Villa do Conde, e que hoje está unida á de Ruivães.

Talvez que esta freguezia, tomasse o nome, do tal Affonso Fernandes, e que este ou seus descendentes fossem senhores do que depois foi das referidas freiras; mas é mais provavel que o appellido pertença a outros Novaes, que o tomassem d'esta freguezia.

Diz o mesmo padre Carvalho, que o Paço de Ninães, é o solar dos Pimenteis, em Portugal; mas nos manuscritos da casa Palmella, dá-se-lhe uma origem muito diversa.

Vidè no 1.º vol., pag. 384, col. 2.ª

Ainda ha poucos annos se viam restos do nobre paço de Ninães. Era um lanço de parede que donotava muita antiguidade, com suas séteiras e janellas ogivaes. Hoje já nada d'isto existe.

Ficava o paço de Ninães perto da actual casa dos srs. Carneiros, de Ninães.

O que foi da familia do paço de Ninães (ou pelo menos, o terreno em que foi o paço) é hoje do sr. Francisco Ignacio d'Aguiar Pimenta Carneiro, da casa da Verêia (vulgo Brêia) na freguezia de Vermoim.

O antigo paço de Ninães, pertence, ha muitos annos, á familia do sr. Pimenta Carneiro; mas, nem elle mesmo sabe porque titulo, pois que um incendio lhe devorou quasi todos os titulos da sua casa.

REQUEÃO (quintas de) — e *Torre de Vasconcellos*, Miho, proximo á villa d'Amareis, no districto da freguezia de Ferreiros. É o mais antigo morgado que a nobilissima familia Vasconcellos possuiu em Portugal.

No 3.º vol., pag. 476, col. 2.ª, no fim, e seguinte, fallei na Torre de Vasconcellos: aqui serei mais explicito.

Tambem tenho d'aqui rectificar um erro em que teem cahido muitos escriptores, e

no qual eu tambem por culpa d'elles, cahiu — é dizerem que Martim Moniz era filho de D. Egas Moniz (4.º vol., pag. 384, col. 2.ª) — o que não é verdade, pois apenas é da mesma familia, como adiante veremos.

Da Torre de Vasconcellos, apenas existem algumas paredes desmanteladas, e das *quintas de Requeão*, até o nome se perdeu, e supõe-se que eram proximo ao terreno hoje chamado *as minas*.

A maior parte do que constituia o morgado dos Vasconcellos, n'esta freguezia, pertence actualmente aos srs. condes da Figueira, por herança dos *Machados*.

Muito perto d'estas minas, e ao N. E. d'ellas, existe a capella de Santa Luiza, de construcção antiquissima, e que se suppõe ter pertencido á familia Vasconcellos, e fazer parte da quinta da Torre. Hoje é publica:

Segundo a tradição, em uma noite, véspera de Natal, se juntaram na referida quinta, trez irmãos, da familia Vasconcellas, e todos tres bispos, que então sagraram a capella. É certo que sobre a porta, em uma lapide, se lê esta inscripção:

ESTA CAPELLA HE SAGRADA E SEGUNDA VES REEDIFICADA, TEM RELIQUIAS, NO ALTAR, E INDULG.ª

Vamos ao Martim Moniz.

Nos *Retratos e elogios dos varões e donas*, se lê o que aqui digo em resumo. (Não cito as paginas, porque o livro não tem numeração.)

1147

D. Martim Moniz, cavalleiro nobilissimo, foi filho 2.º de D. Mousinho Ozorio de Cabreira, e Ribeira, conde d'estas terras, e de D. Maria Nunes, filha de D. Nuno Soares, fundador do mosteiro de Grijó.

Era neto do conde D. Ozorio de Cabreira e Ribeira ¹ que veio para Portugal com o conde D. Henrique, e ao qual serviu, nas guerras do seu tempo. Teve o seu domicilio na comarca de Vianna e foi casado com

¹ Este conde D. Ozorio, era filho do infante D. Velloso, que era filho incestuoso de D. Ramiro 3.º de Leão, e de sua irmã, D. Ermenezinda.

D. Rufa Moniz, filha de D. Mousinho Fernandes de Touro, e neto do rei D. Fernando, pae de D. Affonso o 6.º (ao qual chamaram imperador).

D. Martim Moniz, obrou prodigios de valor na memoravel batalha de Campo d'Ouri-que, em 25 de julho de 1139.

Alguns dos nossos historiadores o confundem com outro D. Martim Moniz, filho do grande D. Egas Moniz; mas advirta-se que este commandava a ala direita do exercito, com 2:000 infantes e 200 ginetes, na batalha d'Ourique, e n'ella morreu. Além d'isso, os da sua familia tomaram os appellidos de Coelhos e Viégas, que depois mudaram em Athaides; e o nosso D. Martim Moniz, veio á tomada de Lisboa, oito annos depois, e os seus descendentes tomaram o appellido de Vasconcellos.

Foi casado com D. Theresa Affonso, filha bastarda do rei D. Affonso de Leão. O filho primogenito de D. Martim Moniz e de D. Thereza Affonso, foi D. Pedro Martim da Torre, rico-homem. Chamou-se da Torre por ser senhor da Torre de Vasconcellos, solar d'esta familia, e das quintas de Requeição, com 12 casaes, que eram honras de sua familia.

D. Pedro Martins, casou com D. Thereza Soares da Silva, filha de D. Soeiro Pires Escacha da Silva,¹ e de D. Froila Viegas, dos quaes nasceu D. João Pires' o primeiro que se appellidou de Vasconcellos, por ser senhor da Torre d'este nome, no reinado de D. Affonso 3.º

Todos sabem que o nosso D. Martim Moniz, atravessando-se na porta do N. do castello de Lisboa (a que fica para o lado do convento da Graça) franqueou a entrada aos portuguezes, como fica dito no logar citado do 1.º volume.

D. Affonso Henriques, em memoria d'este acto de coragem e abnegação, lhe mandou collocar o busto sobre a dita porta. Por baixo do busto se gravou, d'alli a 500 annos, a seguinte inscripção:

¹ Supponho que foi este fidalgo que deu o nome á freguezia de Suropires, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel.

EL-REI DÕ AFFONSO HENRIQUES
MANDOU AQUI COLOCAR ESTA
STATUA E CABEÇA DE PEDRA, EM
MEMORIA DA GLORIOSA MORTE

QUE DÕ MARTI MUNIZ,
PROGENITOR DA FAMILIA DOS
VASCONCELLOS, RECEBEU NESTA PORTA
QUANDO, ATRAVESSANDO-SE N'ELA
FRANQUEOU AOS SEUS A ENTRADA,
COM QUE SE GANHOU AOS MOUROS
ESTA CIDADE, NO ANNO DE 1147

—
JOÃO ROIZ DE VASCONCELLOS E SOUZA,
CONDE DE CASTELMELHOR, SEU
DECIMO QUARTO NETO POR BARONIA,
FEZ AQUI PÔR ESTA INSCRIPÇÃO,
NO ANNO DE 1646.

Tudo quanto os Vasconcellos tinham em Amares, passou depois á corôa, e D. João 1.º o vendeu a Pedro Machado, que ficou sendo senhor d'Amares.

Este Pedro Machado é progenitor do sr. conde da Figueira, e é por isso que elle é o actual senhor da desmantelada Torre de Vasconcellos, e de tudo mais que pertence a esta familia, em Amares.

REQUEIXADA — portuguez antigo — acanhada, estreita, opprimida. Tambem significava deserta, despovoada. Dizem, que a terra do dito logo (logar) *he requeixada por tal guiza, que non ha hi homee, que aia (tenha) terra que avonde hum a junta de bois a lavrar..... A minha terra fica por esta rrazom mays requeixada para os meos forros e direitos.* (Doc. da camara secular de Lamego, de 1352.)

Ainda hoje ha varias propriedades com o nome de Requeixadas, que lhe provem de terem sido antigamente em sitio despovoad.

REQUEIXADA (quinta da) — Extremadura, freguezia da Triana, em Alemquer. Esta quinta e a do Contador, formavam um vinculo, que em 1707 era administrado por D. Thomaz de Napoles Noronha e Veiga, descendente de Estefano de Napoles, filho do infante da Hungria e principe da Morea, e neto de Carlos II, rei de Napoles, Hungria e Jerusalem. O representante d'esta nobre familia, é actualmente o sr. D. Thomaz de Napoles, feito 1.º visconde d'Alemquer,

em 11 de dezembro de 1873. É filho do sr. Manoel Joaquim d'Almeida, feito 1.º barão d'Alemquer, em 3 de julho de 1862. O sr. D. Thomaz herdou estas quintas, por parte de sua mãe.

REQUEIXARIA—portuguez antigo—o que pertence aos queijos e lacticínios (porque os nossos avós diziam *queixo* em vez de *queijo*.)—*Homeens de todos os Officios, asy como da mantearia, copa, reposte, requeixaria, erquitaria, e de forno*, etc. (Livro Vermelho do rei D. Affonso V, n.º 34.)

REQUEIXO—portuguez antigo—ainda muito usado nas provincias do norte.—Significa, acanhado, comprimido, oppresso, constrangido, etc.—Tambem significa deserto, despovoado—*Terra de requeixo* (terra deserta.)

REQUEIXO—freguezia (foi villa), Douro, concelho, comarca, districto administrativo, bispado, e 15 kilometros a E.S.E. de Aveiro, 45 ao N.O. de Coimbra (a cujo bispado pertenceu), 245 ao N. de Lisboa, 566 fogos.

Em 1737, tinha 624 fogos.

Orago S. Pelagio (S. Paio).

A casa de Bragança, a quem esta freguezia pertence, apresentava o prior, que tinha 850\$000 réis de rendimento.

D. Manoel Ihe deu foral e a fez villa, em Lisboa, a 2 de junho de 1516. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fol. 220, col. 1.ª)

Veja-se a minuta para este foral, na gav. 20, maço 12, n.º 12.

Esta minuta pertence tambem ao foral da villa d'Eixo.

Para a sua etymologia, vide *Requeixada* e o Requeixo antecedente.

Chamava-se antigamente *Requeixó de Ri-ba Voiga*, e pertencia ao concelho d'Eixo, que foi supprimido.

Está esta freguezia situada junto á margem esquerda do Rio Agueda, e o seu terreno é muito fertil em todos os generos agricolas do nosso clima; todavia já foi mais povoada, como vemos no principio d'este artigo; provavelmente pela sua pouca salubridade.

O marnel chamado *Pateira de Fermentél-*

los (que tem 3 kilometros de comprido por 1 de largo) posto estar quasi todo na freguezia de Fermentéllos, banha tambem, em parte, as freguezias do Espinhel, Óis da Ribeira, e esta de Requeixo.

Estes terrenos são em grande parte invadidos pelas aguas da ribeira Cértima (ou Cértoma) que os atravessa, formando uma infinidade de ilhotas no *Paúl do Panno*, sob as quaes, e apenas coberta por uma delgada capa de terra, existe uma vasta turfeira, reduzida a vaza.

Ainda nos sitios mais enchutos, treme o chão com o attrito dos pés.

Em diferentes logares ha poços cavados pela natureza, e de grande profundidade.

Diz-se que ha aqui galerias e cavernas subterraneas, occupadas pelas aguas estagnadas.

Estes terrenos podem comparar-se aos *bogs*, que estanceiam entre Carudulla e Ballylerry, na Irlanda.

Uma páte do pantano, produz arroz, o resto apenas produz uma infinidade de plantas aquaticas, que o povo aproveita para adubo das terras.

Tem sido por varias vezes lembrado o enxugamento d'este marnel, ou por um bom systema de drainagem, ou construindo um canal que communicasse a lagôa com a ria d'Aveiro, e que teria uns 85 kilometros de extensão; mas as despezas d'estas obras foram calculadas em um milhão de crusados, e o plano ficou no papel.

Este melhoramento, tornando melhores as condições de salubridade, dariam um juro vantajoso pelo capital empregado, pois transformariam em bellos e ferteis campos, o que hoje são terrenos doentios e quasi improductivos.

O logar de Requeixo, séde da freguezia, tem 116 fogos.

Foi couto, que, com o d'Eixo, foi doado por D. Pedro, conde de Barcellos, (o auctor do *Livro das linhagens*) filho bastardo do rei D. Diniz, ao mosteiro de Santo Thyrsó. (*Ben. Lusit.*, edição de 1644, tom. 2.º, pag. 35, § 5.º)

O logar da Requeixo e todas as mais ter-

ras do antigo termo d'Eixo, são reguengas, e d'ellas foram donatarios os condes de Barcellos, e é por isso que vieram á casa de Bragança.

A egreja parochial é boa, porém mal situada, porque fica proxima á pateira de Fermentellos, e isolada da povoação, que fugiu d'aquelle lugar, pela sua insalubridade, vindo, em 1774, a formar a povoação de S. Paio.

Tanto a estatua de S. Paio, que está no frontispicio da egreja, como algumas das imagens de santos que estão no seu interior, revelam muita antiguidade, pelo tosco da sua esculptura.

É a freguezia abundante de peixe, do rio Agueda, e do mar.

Na pateira tambem se pesca algum peixe, e enguias monstruosas.

São optimas as laranjas de Requeixo, sobretudo as do Carregal e Mamodeiro.

Na ultima divisão judicial (Lei de 16 de abril de 1875) ficou Requeixo sendo séde do juizo ordinario, composto das freguezias de Eixo, Eiról, Oliveirinha, Palhaço, Nariz e Requeixo.

N'esta divisão attendeu-se mais a influencias de campanario, do que á commodidade dos povos.

Notemos uma coincidência — o rio *Féveros*, do Minho (vol. 3.º, pag. 181, col. 1.ª) passa pela povoação de Requeixo, que foi *villa* (casa de campo) e o Requeixo de que aqui trato, está na margem do Cértima, que antigamente se chamava tambem *Féveros*. Ainda ha outro ribeiro com o nome de Féveros, que divide a freguezia de Avintes da de Oliveira do Douro, no concelho de Gaia. (3.º vol., pag. 180, col. 2.ª no fim.)

Parece me que Féveros vem do portuguez antigo *febre*, que significava fraco. Nas côrtes do Porto, de 1373, convocadas por D. Fernando I, se diz—*E por a moeda que era febre, lhis nom acrescentaremos nas tenças*, etc. Moeda febre, queria dizer *moeda fraca*, que tinha liga, ou falta de peso legal.

No lugar de Requeixo, ha uma capella, dedicada a Nossa Senhora da Purificação

(ou das Candeias) da qual não pude obter informações.

Junto ao lugar do Régo do Espinheiro, a 3 kilometros de Raqueixo, está a ermida de Nossa Senhora dos Envendos, dentro dos limites da freguezia de Requeixo, mas pertence á egreja de S. Simão, de Oyan, do concelho de Oliveira do Bairro, comarca da Anadia. (Esta freguezia de Oyan, foi um curato annexo á freguezia de Espinhel.)

A ermida da Senhora é antiquissima, mas não se sabe quando nem por quem foi fundada.

A lenda da Senhora dos Envendos é muito extensa, direi aqui sómente o principal.

Appareceu em um sitio despovoado, entre uma mouta de carvalhos, estando dois sinos ao pé da imagem da Virgem. Foi achada por uma menina que andava a guardar cabras.

Ainda então não existia a freguezia de Oyan, que era uma aldeia da do Espinhel.

A menina deu parte do achado, e o parochio do Espinhel foi buscar a imagem para a sua egreja, em quanto se lhe não construiu casa propria, no lugar do apparecimento, o que se levou logo a effeito.

Passados annos, e como a ermida estava em terreno pantanoso, proximo á pateira de Fermentellos, lhe construíram uma nova capella, no alto de um monte fronteiro.

Feita a nova ermida, levaram a Senhora e os sinos, em um barco, para ella, mas, ao atravessarem a lagôa, foi o barco ao fundo, com a imagem e os sinos.

Como a lagôa tem pouca altura, os tripulantes, tiraram a Senhora da agua, e depois de enchugar esta, e entendendo que a Senhora queria só estar na sua antiga ermida, a tornaram a conduzir para ella; menos os sinos, que não poderam tirar da lagôa; os quaes *ainda por muitos annos depois, se ouviram tocar debaixo da agua, em dia de S. João*.

Ainda ha vestigios de alicerces da capella do monte.

Esta capella (a nova) fica perto da quinta

do Morangal, na freguezia do Espinhel. (5.º vol., pag. 538, col. 1.ª, no fim.)

Quando se construiu a capella, era o sitio um deserto inculto e um denso matagal; mas em volta da ermida se foram construindo casas de habitação, e em poucos annos, estava creado o lugar do Régo do Espinheiro, com mais de 30 fogos.

A festa da Senhora, é a 8 de setembro, dia da sua Natividade.

Ha tambem n'esta capella uma antiquissima imagem (de pedra) de *Nossa Senhora das Febres* (nome talvez tomado de *Fêveros*, antigo nome do rio Cértima, como fica dito.)

Em 1685, cahiu um raio mesmo por detraz do retabulo, mas não causou outro prejuizo na capella, senão fazer um buraco no ferro, no sitio por onde entrou.

Em março de 1876, deu-se n'esta freguezia uma coincidencia notavel, que refiro por a julgar digna de menção.

Haviam aqui nascido duas creanças no mesmo mez, e sendo baptisadas no mesmo dia, a ambas pozeram o nome de Roza. Foram crescendo as duas moças, e ultimamente no dia em que uma era atacada pela molestia que alli grassa, cahiu a outra de cama á mesma hora.

Como o mal se lhes aggravasse, foram sacramentadas uma apoz outra, com differença de poucas horas; afinal morreram as infelizes Rosas no mesmo dia e quasi á mesma hora.

É natural d'esta villa, D. frei José da Assumpção, missionario apostolico, do seminario do Varatojo, nomeado bispo de Lamego em janeiro de 1833, e confirmado em consistorio de 23 de junho do mesmo anno, não chegando a receber as bullas, por causa da guerra civil d'esse tempo.

Poucos mezes administrou o bispado, mas, durante elles, mostrou que era um prelado de grande illustração e muitas virtudes.

A aproximação das tropas liberaes de Lamego, fugiu, levando todas as pratas da egreja, que depositou nas mãos de D. Maria José Esteves, de Celorico da Beira, com expressa recommendação de só as entregar a

elle ou ao seu legitimo successor no bispado; e com effeito, fallecendo D. frei José da Assumpção, e succedendo-lhe D. José de Moura Continho (Vide *Telhó*) aquella senhora lhe entregou tudo, sem a minima falta, em 1844.

D. frei José da Assumpção, falleceu nos arrabaldes de Lisboa, em 18 de outubro de 1841.

Escreveu e publicou (sem nome de auctor) as obras seguintes:

Defensor da Religião, em 3 volumes.

Palestras religiosas, em 4 volumes.

Homilias, 2 volumes.

Disputas, 6 volumes.

Cathecismo, 1 volume.

Além de outros muitos escriptos de me-nos vulto, tudo sobre assumptos religiosos.

REQUESTA—portuguez antigo—peleja, bulha, refrega, desafio, contenda, etc.—Vem do verbo *requestar*, pelear, etc.

Hoje tem a palavra *requestar* outra significação—quer dizer—pretender, fazer diligencia por conseguir, namorar, etc.

REQUEZENDE—aldeia, Douro, na freguezia de Ramalde, concelho de Bouças, comarca do Porto.

É uma bonita povoação, nos suburbios do Porto.

Ha n'esta aldeia uma formosa capella, dedicada a *Nossa Senhora do Porto*, á qual se faz uma concorridissima festa, a 15 de agosto de cada anno, vindo romeiros, não só dos arredores, mas até, em grande numero, da cidade do Porto.

Requezende, é corrupção de *Requezeno*, nome proprio d'homem (gôdo) ou—e é o mais provavel—de *Requezendes*, patronimico de Requezeno.

REQUISIR—portuguez antigo—rogar, pedir, supplicar, etc.

RÉRIZ—villa, Beira Alta, comarca, concelho e 6 kilometros a S.O. de Castro Daire (foi até 1834, cabeça de concelho, e sendo então supprimido, passou a formar parte do concelho do Sul. Sendo este supprimido em 1855, passou para o de Castro Daire) 30 kilometros ao N.O. de Viseu, 310 ao N. de Lisboa, 245 fogos.

Em 1757, tinha 150 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400,5000 réis de rendimento.

Foram donatarios d'esta freguezia os *Castros das treze aruellas*, senhores de Rézende, representados actualmente pelo sr. conde de Rézende.

É povoação muito antiga. D. Manoel I lhe deu foral, em Lisboa, e foro de villa, a 9 de maio de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fol. 77, col. 2.^a)

A antiga villa de Rériz, tinha em 1757, apenas 60 fogos, e o resto da freguezia 90.

Está situada ao fundo de um monte aspero, chamado Cabeçadas, ramo da serra do Gafanhão, que lhe fica proxima, ao norte.

A raiz d'este monte, passa o rio Paiva, que divide, aqui, o bispado de Viseu do de Lamego; e tambem aqui se destaca a serra de Monte Muro, na direcção de E. a O.

No alto do monte, em um platô, está a antiquissima ermida de Nossa Senhora de Rhodés. Ao fundo lhe fica a povoação de Rériz, cuja egreja parochial está edificada em um tésio, chamado serra do *Ladairo*¹ que corre para o S., por espaço de 24 kilometros, até à cordilheira de *Alcôfra*—antigamente—*Alcuba*.

No alto pois da serra ou monte das Cabeçadas, fundou o celebre eremitão, Leovigildo (ou Vigildo) Pires de Almidra (ou d'Almeida) a capella de Nossa Senhora de Rhodés (a que alguns escriptores, dão erradamente o titulo de Nossa Senhora da Rosa.)

Não se sabe com certeza o anno em que Leovigildo construiu a capella, mas suppõe-se, com bons fundamentos, que foi em 1140, pouco depois da gloriosa batalha de Ourique, em 25 de julho de 1139.

O capitão, Diogo Ribeiro Pinto d'Almei-

¹ Ladairo, portuguez antigo—significa—procissão, rogativa, clamôr, ladainhas, etc.—Deu-se lhe este nome, porque antigamente vinham aqui os povos em procissão, no mez de maio, fazerem os seus clamores, (ou *cramadouros*, como então se dizia.)

da, na descripção que publicou da origem d'esta capella, dá a Leovigildo a seguinte ascendencia.

(Note-se porem que este escriptor é suspeito, por ser Almeida, e portanto pretender nobilitar o seu appellido, que aliás não precisa tão remota ascendencia para ser nobilissimo, pelas brilhantes acções praticadas pelos que em todos os tempos o teem usado.)

A familia dos Almeidas, teve principio em *Celocorio*, capitão romano, filho de Lucio Catilio Severo, (Lurio Caio Atilio) governador de Braga e ouvidor da Bisciaia pelos romanos, e de Almidra Assenta.¹

Os descendentes de *Celocorio* estabeleceram-se em Toledo, e d'elles procedia Epitacio de Almeida² que, com seus irmãos, vieram para Portugal, em 570, fugidos ás crueldades de Leovigildo, *rei godo herege, e de Ariamiro seu tio*.³

¹ O que aqui vão de patranhas!—Accrescentou a Lucio Caio Atilio, o appellido *Severo*, que elle nunca teve. Era governador da Lusitania e da Galliza. Os romanos nunca tiveram magistrados com a denominação de *ouvidores*, nem (que os tivessem) Lucio Caio o podia ser da Bisciaia, que fica na extremidade opposta (septentrional) da Península. Sua mulher chamava-se *Calcia Brula*, e não *Almidra Assenta*, nem semelhantes nomes são romanos (nem de outra nação, que eu saiba.)

Este Lucio Caio Atilio e sua mulher, *Calcia*, são os paes das *nove irmãs*, santas de Braga. (Vol. 1.^o, pag. 442, col. 2.^a)

O nome de *Celocorio* parece-me tão romano, como Almidra.

² Aqui encaixou o *Almeida*, que tambem nunca foi appellido romano: é o substantivo árabe *almeida*, que significa *mêza*. O appellido Almeida, foi usado 9 ou 10 seculos depois, tomado da nossa praça de Almeida, na Beira Baixa.

³ Outra patranha!—Theodomiro, rei dos suevos, abjurou o arianismo em 564, e mais nenhum rei suevo ou godo tornou a ser herege. Ariamiro não era tio de Leovigildo, mas filho de Theodomiro e pae de Eburico, todós catholicos. Leovigildo, rei dos godos, só tomou conta do reino dos suevos em 585 (e não em 570) e não perseguiu os catholicos, porque tambem o era e muito.

Epitacio d'Almeida, fundou, junto ao rio Paiva, no bispado de Viseu, a *quinta de Rebello*, primeiro solar d'esta familia, e que fica a meia legua de Rériz, e n'ella viveu com seus irmãos.

Este Epitacio d'Almeida, casou com Leovigilda, sobrinha de Leovigildo, 15.º rei dos godos.¹

Foi 4.º neto d'este Epitacio, outro Epitacio d'Almeida, que teve tres filhos, o primeiro dos quaes se chamou Leovigildo Pires de Almeida. Este, tendo 20 para 25 annos, doou, por carta de testamento, ao segundo irmão, a quinta de Rebello, da qual o doado tomou o appellido.²

Esta quinta é hoje (1700) possuida, por Christovam d'Almeida, de S. Pedro do Sul.³

«Movido (Leovigildo—palavras textuaes) de huns grandes desejos da virtude, voltando as costas ao mundo, desterrando-se de sua patria, e da companhia de seus irmãos, se foy, pelos annos de 179,⁴ a viver solitario em os campos de Ourique, junto a Castro Verde, onde fazia uma dura e aspera penitencia.»

«Aqui viveu sessenta annos, louvando a

¹ Então Leovigildo, *herege* (segundo o tal capitão) e perseguidor dos catholicos, deu a sobrinha em casamento a um dos seus perseguidos?

² Tambem isto não é liquido. Nos manuscritos da livraria Palmella—quasi sempre exactissimos—diz se «*Rebello*, appellido nobre em Portugal, cuja familia tem seu solar no couto de Rebello (d'onde tomou o appellido) no concelho de Roriz, na provincia do Minho, comarca da cidade de Porto. (É a actual freguezia de Roriz comarca e concelho de Santo Thyrso.) Mas, frei Manuel de Santo Antonio, diz que, na freguezia de S. Martinho, no bispado de Viseu. O primeiro que usou d'este appellido, foi Mem Rodrigues, senhor do dito couto, que o herdou de seu pae, Ruy Vasques, o qual vivia no reinado de D. Affonso III. Os Rebello trazem por armas, em campo azul, tres coticas de ouro, em faxa, cada uma carregada de sua flôr de liz, de púrpura, ficando todas tres em banda. Elmo de prata, aberto; e por timbre, um leopardo d'ouro, armado de azul, com uma flôr de liz do escudo, na testa.

³ Adiante tratarei d'esta quinta, para não interromper a narrativa do tal capitão.

⁴ É manifesto erro typographico. Deve lêr-se 1709.

Deus, em santa contemplação, até ao tempo em que El-Rey D. Affonso Henriques foy buscar ao Rey Ismario, e aos outros quatro Reis Mouros, que o acompanhavão contra os christãos.»

Resumamos agora.

Foi este santo eremitaõ que, na vespera da batalha, se dirigiu á tenda de D. Affonso Henriques, animando-o e promettendo-lhe a victoria. Segundo a *Monarchia portugueza* (parte 3.ª, Livro 10, cap. 2.º) foi João Fernandes de Sousa (fidalgo da casa de D. Affonso Henriques, descendente de D. Soeiro Belfaguer, tronco da illustre casa de Sousa) o introductor do eremitaõ, na tenda do principe.

Vencida a batalha, regressou Leovigildo a Rériz, e fundou logo a casa da Senhora de Rhodes.

Outros pretendem que Leovigildo não construiu de novo, mas reedificou a casa da Senhora, que seu quinto avô, o tal primeiro Epitacio de Almeida, havia fundado com o titulo de Nossa Senhora da Natividade.

Querem alguns, que o titulo de Rhodes seja corrupção de *Rhoda*, palavra persa, que significa *jardim* ou *paraizo*: outros porém dizem que é por ter a santa imagem vindo da ilha de Rhodes, mandada pelos cavalleiros de Rhodes, depois, chamados de Malta, uma das ordens militares creadas na Palestina, no principio do seculo 12.º, e cuja séde principal n'este reino era a villa do Crato.

N'esta ermida viveu Leovigildo trez annos, morrendo aos 90, em cheiro de santidade, no dia 17 de julho de 1143.

Foi sepultado junto á capella em frente do altar-mór.

Ainda aqui existe a irmandade de Nossa Senhora de Rhodes, por elle fundada. Possue ella uma rica bandeira, tendo no centro um primoroso retrato de Leovigildo, attribuido ao nesso *Grão Vasco*, que alguns pretendem ser natural da aldeia de *Mossão*, d'este concelho, o que não é provavel.

(Vide *Moinhos do Pintor*.)

Esta bandeira, que acompanha á sepultu-

ra os irmãos defuntos, tem de um lado a imagem da Senhora, e do outro, a batalha de Ourique, entre dois rios, figurando o Cobre, e o Terges. De uma parte estão os christãos, e da outra, os cinco reis mouros. No centro Jesus Christo crucificado, e aos pés da cruz, D. Affonso Henriques, de joelhos.

Da boca de Jesus Christo sae esta legenda:—*Ego enim aedificator, et dissipator Imperiorum, et Regnorum sum: Volo enim in te, et, in semine tuo Imperium mihi stabilire, ut deferatur nomen meum in exteris gentes: et ut agnoscant Successores tui Datorem Regni; et insigne tuum ex pretio quo ego nunc manum genusemi, et ex eo, quo ego à Judaeis emptus sum, compones: et erit mihi Regum sanctificatum, fide purum, et pietate dilectum.*

Junto ao rei, vê-se o escudo das cinco Quinas, e a um lado o eremitão, fallando a D. Affonso Henriques, da tenda, entre sombras.

(Ou a bandeira é muito grande, ou as figuras e as letras são muito pequenas, para caber tudo isto!)

Lucio Catilio d'Almeida, 3.º irmão de Leovigildo, foi um dos batalhadores de Ourique (já devia ser bem velho!) e consta que cortou a cabeça a Ismael, um dos reis mouros companheiros de Ismario. Cortaria.

Este Lucio Catilio, teve quatro filhos:

O 1.º chamava-se Leovigildo, (ou Iliovigildo ou Vigildo) d'Almeida—o 2.º foi monge de Cister, no mosteiro d'Alcobaça—o 3.º foi Rodrigo Pires d'Almeida, do qual procedem nobilissimas familias—o 4.º foi Fernão Alvares d'Almeida, tronco dos Almeidas, marqueses d'Abrantes.

Do 3.º filho, Rodrigo Pires d'Almeida, nasceu Gonçalo Annes d'Almeida, e d'este, Estevam Pires d'Almeida, que casou na freguezia do Gafanhão, na casa dos condes de Penella.

Este Estevam Pires d'Almeida, reedificou segunda vez a ermida de Nossa Senhora de Rhodes.

Dava-se uma singularidade n'esta ermida. A sua capella-mór estava dentro dos marcos da freguezia do Gafanhão, e o corpo da igreja, na de Rériz, o que originou diversas con-

tendas entre os respectivos abbades. Vieram por fim a um accordo, assentando que as offertas e mais direitos parochiaes fossem divididos entre ambos.

Eram elles que apresentavam o eremitão da capella, e a *provisão* era assignada pelos dois.

O templo é de boa fabrica, e a capella-mór tem seu arco cruseiro de pedra bem lavrada. É vasto o corpo da igreja, tendo uma boa sacristia, e uma galilé ou alpendre, assente sobre columnas de cantaria lavrada.

Em frente da porta travessa (que fica ao E.) está um carvalho gigantesco, e proximo, para o mesmo lado, uma boa fonte, construida de pedra de cantaria.

As casas que eram residencia do eremitão, ficam proximas á ermida.

A imagem da Senhora, é de marmore branco (pedra d'Ançan) de boa esculptura, com um metro de alto.

É a Senhora de Rhodes objecto de grande devoção dos povos d'estes sitios, e lhe fazem varias romarias pelo decurso do anno.

Teve uma rica irmandade, composta de 200 irmãos, 75 irmãs, e quantos clérigos n'ella quizessem entrar.

Tinham de suffragios, trez officios, de nove lições, assistidos por nove clérigos, alem de outras rezas particulares.

Cada anno se fazia um anniversario, por todos os irmãos defuntos, no primeiro sabbado da quaresma, ao qual eram obrigados a assistir todos os irmãos, com suas ópas brancas, e com murças. Havia, para os irmãos, indulgencia plenaria, por bullas apostolicas.

A festa principal da Senhora é no dia da sua Natividade (8 de setembro) havendo então jubileu.

Esta confraria era não só composta de irmãos das freguezias de Rériz e Gafanhão, mas tambem dos das freguezias do Sul, S. Martinho das Moutas, Pepim, e Alva, todas do bispado de Viseu; e de Castro Daire, Píñheiro, e Parada d'Esther, no bispado de Lamego.

A procissão sae um anno da igreja de Rériz (a um kilometro da ermida) e no outro, da igreja da aldeia de Grijó, freguezia do

Gafanhão, a igual distancia da ermida, para a parte do O.

A igreja parochial de Rériz, foi edificada pelos Castros das treze aruellas, senhores (hoje condes) de Rézende, os quaes tinham aqui uma antiquissima casa, que hoje é fореira á nobre familia dos Pintos Ribeiros, cujos ascendentes eram da familia do famoso dr. João Pinto Ribeiro, o heroe de 1640. (Vide 4.º vol., pag. 317, col. 2.ª, no fim.) Esta familia reside na casa do *Balcão*, d'esta freguezia.

Ainda existe, mas muito desfigurada, a casa que foi dos Castros, e que conserva ainda o nome de *Paço*.

A capella de S. Sebastião, hoje publica, tambem foi dos Castros, bem como um poço que ha no rio Paiva, chamado o *Pêgo da Dona*.

Pelos annos de 1780, sendo abbade de Rériz o padre Agostinho, reformou a igreja matriz, á sua custa, e é o magestoso templo que hoje admiramos.

Fica em uma eminencia sobranceira á villa. A capella-mór é oitavada e termina em um zimbório, que foi primeiramente de vidro, mas depois foi coberto de chumbo, por causa dos temporaes.

Tinha ainda em 1852 casa da camara, cadeia e pelourinho, como memoria da antiga autonomia do concelho de Rériz, mas os *ilustrados* camaristas de então, não o entenderam assim, e derribaram tudo!

É tambem n'esta freguezia a casa vincular, denominada de *S. José*, da qual é actual proprietario, o sr. José Maria Bandeira Monteiro Subágua, ou Subaga, da Granja.

O appellido *Bandeira* d'esta familia, procede de Gonçalo Pires Bandeira, o qual, na batalha de Tôro, resgatou a bandeira portugueza do poder dos castelhanos, arrancando-a das mãos do fidalgo hespanhol Sotomaior.

A distancia de um kilometro da villa de Rériz, está a nobilissima casa do *Testamento*, de cuja familia descendia o eremitaõ Leonigildo Pires d'Almeida.

Já a traz fica a sua genealogia.

Esta casa é hoje de um descendente de Rodrigo Pires d'Almeida, (3.º filho de Lucio Catilio, do qual já fallei) que é o sr. Antonio Maria d'Almeida Azevedo da Cunha e Vasconcellos, feito visconde de Rériz, em 18 de julho de 1866.

Tem o sr. visconde a honra insigne de ser descendente do famoso Duarte d'Almeida—o *Decepado*—alferes-mór de D. Affonso V, e um dos mais bravos guerreiros do seu tempo, e o qual, na batalha de Toro (Hespanha) dada em maio de 1476, tendo-lhe os castelhanos cortado a mão direita, empunhou a bandeira com a esquerda, e sendo-lhe tambem cortada esta, seguiu a bandeira com os dentes; e d'aqui lhe veio a alcunha de *Decepado*. (Vide *Paços de Valtharigues*, 6.º vol., pag. 397, col. 2.ª; principio.)

A freguezia está situada em um valle, na margem esquerda do Paiva, cercada por quatro montanhas escarpadas. Junto á villa ha uma extensa veiga, cortada e regada pelo rio, que, correndo em quasi toda a parte precipitado por entre penedias, aqui corre placido e sereno, fertilizando os campos, que produzem muitos cereaes, vinho, legumes e, sobretudo, grande abundancia de linho, que se exporta transformado em finas teias, e constitue um dos rendosos commercios da freguezia.

Cria tambem muito gado, principalmente cabras e ovelhas, e os seus montes são abundantissimos de caça.

O rio fornece aos povos da freguezia optimo peixe, sobretudo saborosissimas trutas, que são das melhores e maiores do paiz.

As suas inguias tambem são excellentes, e tão grandes como lampreias.

Ha n'esta freguezia vestigios de construcções arabes, e na serra das *Almenáras*, e em outras muitas partes, ainda se vêem restos dos *telegraphos* de que usavam os antigos luzitanos.

(Vide *Almenára e Facho*.)

Ha tambem minas de ferro, que se não exploram.

RESAÍU, REÇAIO e ARRESSAIO—portu-

guez antigo—Rocio. *Quomodo vadit pelo re-saiu.* (Doc. de Tarouca, de 1203.

RESPONSO—portuguêz antigo—resposta. Também diziam *responsom*, no mesmo sentido.

RESPONSOM—portuguêz antigo—toda a qualidade de tributos, foros, pensões, etc., que se pagavam ao rei ou aos direitos senhoriaes.

RETEAR—portuguêz antigo—encurrular, obrigar a recolher, fechar, etc.

RÊTO—portuguêz antigo—duello, desafio. Hoje dizemos *repto*.

RETORTA—freguezia, Douro, concelho e comarca e 1 kilometro ao E.N.E de Villa do Conde, 3 ao E.S.E. da Póvoa de Varzim, 25 ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757, tinha 46 fogos.

(Em 1500 tinha apenas seis fogos!)

Orago, Santa Maria, e antigamente, Santa Marinha.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O parcho (abbade) obtinha o beneficio por concurso synodal, e tinha 300\$000 réis de rendimento.

Ainda que a freguezia é pequena em população, é vasta em territorio.

Está situada sobre a margem esquerda do rio Ave, que a separa da freguezia de Fromariz ¹ que lhe fica ao N., separando tambem o bispado do Porto do arcebispado de Braga.

A igreja matriz fica a poucos metros do rio, mettida entre arvoredos, na encosta de um monte, de pouca elevação.

É pequena, mas muito bonita e esculpulosamente tratada.

A primitiva igreja foi edificada em tempos de que não ha memoria, e tambem se não sabe com certeza quem foi o seu fundador.

Dizem uns, que foi edificada por um santo anachorêta; outros dizem, que, nos seus principios, era uma capella particular, pertencente a D. Soeiro Mendes da Maia, rico-

¹ Fromariz (vulgo *Formariz*) é corrupção de Frumarigues, filho ou da familia de Frumario.

homem do conde D. Henrique, que tinha aqui o seus solar. ¹

D. Soeiro Mendes era pae do conde D. Mendo Soares, e este, pae de Soeiro Mendes, o *Bom*; de D. Payo Mendes, arcebispo de Braga; e do grande Gonçalo Mendes da Maia, o *Lidador*, rico-homem, e adiantado (o 1.º que teve este titulo, em Portugal) de D. Afonso Henriques

(Vidê vol. 3.º, pag. 347, col. 1.ª, e 2.ª—e 5.º vol., pag. 36, col. 1.ª, no principio).

O rei tinha feito fronteiro-mór do Alentejo (*adiantado*, como então se dizia) ao seu velho amigo e fiel companheiro, Gonçalo Mendes da Maia, inimigo implacavel e vencedor constante das hostes agarenas, que tremiam só ao ouvir pronunciar o seu nome.

Em 4 d'abril de 1170 ² e proximo á cidade de Beja, encontrou-se o Lidador com o

¹ Terá a freguezia da Retorta a honra de ser a patria do inclito guerreiro, Gonçalo Mendes Maia, o *Lidador*? É verdade que isto só consta da tradição (que eu saiba) mas, na falta de outros documentos, tem ella grande valia

Todos os escriptores dizem que elle era natural da Maia (d'onde tomou o appellido).

A *Terra da Maia* comprehendia antigamente 44 freguezias, que formavam uma extensa comarca, que durou até 1834, e a freguezia da Retorta, e as circumvisinhas, eram da comarca e Terra da Maia.

Como os escriptores dizem apenas que o *Lidador* era da Maia, sem declararem de qual das 44 freguezias d'esta antiga circumscripção, pôde muito bom ser d'esta. Mas o solar do Lidador era na freguezia de Guilhabreu (que tambem foi comarca da Maia, e hoje o é da de Villa do Conde.)

Guilhabreu fica a uns 40 kilometros ao S.E. da Retorta.

Podia muito bem ser o Lidador natural da Retorta, onde seu avô tinha o paço, o o solar d'elle (Lidador) ser em Guilhabreu.

Dizem uns que Guilhabreu é corrupção de *Gil Abreu*, outros pretendem que seja de *Guy de Abreu*.

² No lugar citado, do 5.º vol., disse eu (guiado pelo que diz o sr. Pinheiro Chagas, nos seus *Portuguezes Illustres*, pag. 8) que foi em 1169. O sr. J. L. Carreira de Mello, na sua *Historia Chronologica*, pag. 73, diz que foi em 1185. Escolho o meio termo, e sigo o *Ann. Historico*—tomo 1.º, pag. 429, que marca o anno 1170.

rei mouro Al-Boleimar¹ e, posto que os portugueses fossem em numero muito mais inferior, offereceram bizarramente batalha aos mouros. Durou esta muitas horas, mas os portugueses saíram victoriosos, ficando morto no campo, Al-Boleimar, e grande numero dos seus guerreiros.

Mal o lidador havia embainhado a espada, foi acomettido por Al Boacem, rei de Tanger² que vinha em soccorro de Al-Boleimar.

Foi casado com D. Leonor Viegas, filha do famosissimo Egas Moniz, e deixou descendencia, da qual procedem nobilissimas familias portuguezas e hespanholas.

Tudo o mais que diz respeito a D. Soeiro Mendes (o velho) e a seus descendentes, vae, em resumo, no logar citado do 6.º volume.

Se a igreja foi capella d'esta familia, é provavel que o seu paço fosse onde hoje é a residencia parochial

Não se sabe como depois passou este sephorio para as religiosas benedictinas do mosteiro da Ave Maria, do Porto.

Como a igreja antiga era muito pequena, em 1742 (segundo consta de uma inscripção

¹ Segundo diz o conde D. Pedro, este Al-Boleimar, era um dos homens de mais forças do seu tempo, cortando facilmente, com os seus pesados golpes, as mais fortes armaduras.

² Tinha vindo a Portugal, assegurar a villa de Mértola, de que era senhor, e com a qual se havia levantado um seu emir, ou alcaide.

A batalha foi terrivel; os portuguezes, apesar da extenuação do primeiro combate, ganharam novas forças, em vista do perigo. e á voz do seu intrepido chefe, arremecendo-se furiosamente contra os mouros, os derrotaram, escapando poucos. e entre elles Al-Boacem, que deveram a salvação á velocidade dos seus cavallos.

Mas esta victoria custou cara aos portuguezes!

Gonçalo Mendes da Maia, morreu no fim d'ella, coberto de feridas, e na idade de 95 annos.

(S. frei Francisco de Santa Maria não errou a data, o que quasi nunca lhe aconteceu, nasceu o Lidador, em 1075).

que está sobre a porta travessa) foi reedificada e ampliada.

Tinha na frente um alpendre, que então se demoliu, occupando o corpo da igreja o logar que elle occupava.

Sobre a verga (ou padieira) da porta da sacristia, lê-se a seguinte inscripção:

O ABB. ANDRÉ DARAUJO SILVA
MANDOU FAZER AS ACHISTIA NA 1
ERA DE 1672 COM HUA MISA CAD-
A MES E HUA AMENTAL TODOS O-
S DOMINGOS POR SUA ALMA E
FICA O CAMPO DE TOUGUES²
DIZIMO A DEOS LINHARES.³

Logo abaixo da igreja, estão as azenhas da Retorta, que rendem 1:200 alqueires de milho por anno.

Eram antigamente pertença da igreja, e foram depois as que deram o titulo ao bairro da Retorta, do qual adiante tratarei.

Hoje são propriedade da *Companhia industrial agricola portuense*.⁴

Diz-se que o nome de Retorta, vem a esta freguezia de duas grandes voltas que faz aqui o rio Ave.

Uns 6 ou 700 metros ao O. da igreja, é a estação do caminho de ferro do Porto á Povoa de Varzim e Villa Nova de Famalição

¹ Queria dizer a *sacristia*, na.

² Tougues, é uma freguezia proxima, e do mesmo concelho.

³ Não entendo. Supponho que queria dizer que o campo em Tougues se chamava dos *Linhares*; mas na escriptura de compra, diz-se *Linhaes*.

O abbade da Retorta, André d'Araujo e Silva, comprou em 11 de janeiro de 1664, a Maria Jorge, a Polla, solteira, por 26,5000 réis, o campo dos Linhares, na freguezia de Tougues, e o deu á sua igreja, com as condições da inscripção.

⁴ Esta companhia anda construindo, em frente d'estas azenhas, na margem opposta do rio (direita) em terreno da freguezia de Fromariz, uma grande fábrica de fição e tecidos d'algodão, e tambem fabrica de moagem (de que serão propulsores o vapor e a agua do Ave) no local onde havia umas antigas azenhas, que a companhia comprou, assim como os passaes da Retorta e outras propriedades.

(esta ultima parte ainda por concluir.) A estação é já na freguezia de Villa do Conde.

Barão da Retorta

Domingos Miguel da Cunha Velho Sotto-Maior d'Azevedo e Mello Távora d'Albergaria e Castro, moço fidalgo da casa real, com exercicio no paço, commendador das ordens de Christo e da Conceição; condecorado com a medalha militar da expedição a Pernambuco, em 1824, e com as honras de tenente-coronel.

Nasceu no Rio de Janeiro, em 12 de abril de 1806.

Casou em Portugal, com a sr.^a D. Anna Emilia de Castro Almeida Ferraz, que ainda vive, tendo d'este matrimonio 17 filhos, dos quaes são hoje vivos 13: Domingos, Miguel, Lourenço, José, Antonio, Fernando, Alberto, D. Maria, D. Julia Emilia, D. Anna, D. Julia, D. Felismina, e D. Joaquina, e 36 netos.

Quasi todos os filhos estão casados.

Foi commandante do batalhão movel de Berceillos, em 1847, e tinha sido almotacé da mesma villa, e feito barão (1.^o) da Retorta, em 3 de novembro de 1853.

Seguiu sempre o partido liberal.

Falleceu em Braga, em 25 de outubro de 1877.

Era o mais rico proprietario de Villa do Conde, e um dos mais ricos proprietarios de Berceillos, e morreu pobre, *sem ter nada de seu* (!) em casa de seu filho, o sr. Lourenço da Cunha Velho Sotto Maior.

As azenhas da Retorta, que deram o titulo ao barão, pertenciam á egreja d'esta freguezia: metade era um prazo fatusim perpétuo dos antepassados do barão, e do qual pagavam 2 alqueires de trigo, 5 de milho, 20 de centeio e duas lampreias, fóra o dizimo.

A outra metade era prazo de vidas, do qual pagavam de renda á mesma egreja, 20 alqueires de pão meiado (milho e centeio).

Vieram á familia dos Velhos, de Villa do Conde, por uma renovação de emprazamento, feito pelo abbade da Retorta, André de

Araujo e Silva, em 18 de outubro de 1644, a João Pires Velho e sua mulher Maria de Macedo.

Este emprazamento foi renovado em 12 de outubro de 1708, pelo abbade d'esta freguezia, Antonio Ferreira d'Avellar, em Manoel Luiz Velho de Macedo e sua mulher, D. Josefa Maria Luiza de Mello.

Era esta propriedade que constituia o baronato.

No cartorio d'esta egreja havia muitos livros e documentos antigos (provavelmente de grande valor historico) mas foram devorados por um incendio.

Agradeço ao rev.^{mo} sr. José Antonio Ferreira Monteiro, actual abbade d'esta freguezia, a franqueza com que me mandou a minha casa todos os papeis que restam, e pelos quaes pude redigir o presente artigo.

RETOUÇAR — portuguez antigo — saltar, dançar, tripudiar, calcar. Ainda se usa nas provincias do norte.

RETRAER — portuguez antigo — arremedar, representar. (Ê d'Azinheiro.)

RETRAÇAR — portuguez antigo — agazalhar, dispor, preparar, etc.

RETRAHIR — portuguez antigo — tornar a tirar o que se tinha dado, ou não dar o que se tinha promettido.

Retrahir-se, tambem queria dizer — recolher-se, retirar-se, esconder-se, etc.

RETROITAR — portuguez antigo — contrariar, contradizer. Tambem averiguar a causa com maior exactidão. *Quero terlado* (traslado) *do dito processo, e da dita sentença, pera aver conselho, pera retroitar e empunar e poêr meu direito contra todo.* (Doc. do século XVI).

REVÊL — aldeia, Traz-os-Montes, na freguezia de S. Miguel de Trez-Minas, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar.

Em um monte sobranceiro a esta aldeia, existem umas concavidades. Foram minas de estanho, provavelmente já exploradas pelos romanos.

Ainda ha vestigios de um assude, ou cano, por onde conduziam a agua do rio Ti-

nhella, tomada no lugar de Tinhéllo de Cima, a uns 10 kilometros de distancia, attendendo ás repetidas voltas do cano, atravessando, por baixo do chão, um grande monte, no lugar de Folhagosa.

Consta que estas minas tornaram a ser lavradas, pelos annos de 1584, por um hespanhol, natural de Madrid, chamado Fernando Annes, pae de Cosme Machado, e do qual procedem os Machados d'estes sitios.

REVELAR MULHER — portuguez antigo — conhecel-a carnalmente.

REVÊLHE — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, bispado e districto de Bragança, 80 kilometros ao N. de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Em 1757, tinha 14 fogos.

Bispado e districto de Bragança.

O reitor de Fiozéllo apresentava o cura, que tinha 8\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta pequena freguezia foi supprimida, e incorporada á de Cabeça da Igreja, da mesma comarca, concelho, bispado e districto.

REVÊLHE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Fafe (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Guimarães) 30 kilometros ao N.E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757, tinha 105 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebisado e districto de Braga.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 370\$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil em cereaes, e cria muito gado de toda a qualidade. Caça.

REVÊLLES — freguezia, Douro, comarca de Monte-Mór Velho (foi da comarca de Soure, concelho extinto da Abrunheira) 30 kilometros ao O. de Coimbra, 190 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757, tinha 276 fogos.

Orago Nossa Senhora do Ó (ou da Expectação, do Porto, ou da Esperança, pois com todos estes nomes é conhecido).

Bispado e districto de Coimbra.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 170\$000 réis de rendimento.

É terra fertil, e freguezia muito antiga.

Em tempos remotos, pertenceu á freguezia de Nossa Senhora da Alcáçova, da villa de Monte Mór Velho.

A igreja matriz está situada no alto do monte, proximo á povoação de Revêlles.

A capella dedicada antigamente a Nossa Senhora a Velha, e, depois, a Nossa Senhora da Saude, é antiquissima, e consta que foi a primeira matriz da freguezia. Está situada ao pé de um monte, e junto ao rio Mondego, a pouca distancia da quinta da Galêta, que foi dos jesuitas, de Coimbra.

Fica a ermida entre a freguezia de Revêlles e a extincta de Peras-Alvas, e por isso tambem a denominam Senhora de Revêlles, ou Senhora de Peras-Alvas.

Tambem fica perto da quinta da Alumieira, que foi dos conegos de Santa Cruz, de Coimbra, e não mui distante da villa de Buarcos.

A imagem é de pedra, e de boa escultura, apesar da sua antiguidade. Tem um metro de altura.

A capella é de boa construcção e ampla: tem altar-mór, e dous lateraes; sacristia e grande átrio. Está cercada de alpendres em volta, sustentados por columnas de pedra.

Faz-se a sua festa em dia de Sant'Anna, mãe de Nossa Senhora (a 30 de julho.) O rei lhe concedeu uma feira franca de trez dias, por tempo de cinco annos, na occasião da festa; depois se lhe concedeu que fosse perpétua. Principiava no dia 26 de julho, mas já ha muitos annos que se não faz esta feira.

A nova matriz principiou a edificar-se em 1638, e continuaram as obras até 1640.

Com a restauração, se deu mais desenvolvimento ás obras e foi a igreja accrescentada. É um bom templo.

Do seu adro se vê o Oceano, a barra da Figueira, Buarcos, o rio Mondego e varias povoações. Vê-se do mar, a grande distancia.

REVERSO—portuguez antigo—a pessoa que se entrega a todos os vícios e immoralidades. *E sendo caso que esta Margarida*

seja desmanhada e reversa, que nom faça feitos de booa molher, etc. (Doc. de S. Pedro. de Coimbra, de 1529.)

REVINHADE—freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Lousada) 30 kilometros ao N.E. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757, tinha 70 fogos.

Orago, Santa Maria.

Arcebisado de Braga, e districto administrativo do Porto.

O reitor de S. Pedro de Torrados, apresentava o reitor, que tinha 50\$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil. Gado e caça.

RÉZENDE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Coura (era do mesmo concelho, mas da comarca de Vallença) 50 kilometros a N.E. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757, tinha 75 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebisado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O abbade de Santa Marinha, da Cunha, apresentava o vigario, que tinha 40\$000 réis, e o pé d'altar.

Terra fertil em cereaes e algum vinho. Muito gado, de toda a qualidade, e grande abundancia de caça.

RÉZENDE — villa, Beira Alta, cabeça de concelho e comarca, 18 kilometros ao O. de Lamego,¹ 315 ao N. de Lisboa, 800 fogos.

Em 1757, tinha 649 fogos.

Orago, o Salvador.

Bispado de Lamego, e districto administrativo de Viseu.

O conde-almirante (conde de Rézende) apresentava o abbade, que tinha 750\$000 réis de rendimento.

O concelho de Rézende, é composto de 15 freguezias, todas no bispado de Lamego. São —Anreade, Barrô, Cárquere (ou Quarquere) Feirão, Felgueiras, Fontoura, Freigil, Mio-

mães, Ovadas, Panchôrra, Páus, Rézende. S. Cypriano, S. Martinho de Mouros, e S. Romão—todos com 4:500 fogos.

A comarca é composta só do seu julgado. Não tinha foral velho.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 16 de julho de 1514, (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 96 v., col. 2.^a)

O concelho de Rézende estende-se por um terreno bastante accidentado, sobre a margem esquerda do Douro, subindo sempre para o S., até alguns montes e serras de diversas denominações. Tem bastantes valles, de pequenas dimensões, mas bastante férteis, por serem regados por varios ribeiros que descem das alturas. Grande parte dos seus montes são arborisados, e offerecem, a quem navega pelo Douro, uma vista pittoresca.

Ha por estes sitios muitos vestigios de terem sido povoados desde tempos remotissimos, e uma anta que existe nas ruinas do castello de S. João, na freguezia de Miomães, prova que já aqui habitaram os povos celtas, ou pre-celtas. (Vide *Miomães*.)

Adiante darei noticia de outras antiguidades.

É provavel que este territorio se despovasse com as continuas e destruidoras guerras da idade media, e que assim o achassem os mouros quando, em 817, se apossaram das terras em redor de Lamego e até á margem esquerda do Douro. Por uns 200 annos, estiveram elles senhores d'este territorio, e, ou o deixaram despovoado no que depois constituiu o concelho de Rézende, ou apenas alli tiveram algumas quintas ou casas de campo.

O concelho de Rézende foi, até 24 de outubro de 1855, muito mais limitado do que hoje é, tendo apenas de comprido, pela margem do Douro (de E. a O.) 8 kilometros; e de largo (de N. a S.) 3 kilometros.

Então foram supprimidos no districto de Viseu seis concelhos—Mões, Leomil, Ferreiros de Tendaes, Trevões, São Fins, e S. Martinho de Mouros—ficando este ultimo encor-

¹ Fallo do centro do concelho, porque, da sua extremidade E., que é a freguezia de S. Martinho de Mouros, apenas dista de Lamego 6 kilometros.

porado no concelho de Rézende; bem como
• d'Aregos, também supprimido.

Mas tiraram-lhe da comarca, o concelho de Sinfães, e o, então supprimido, de São Fins, para com elles e com o, também então supprimido, concelho de Ferreiros de Tendaes, formarem a nova comarca de Sinfães, também sobre a margem esquerda do Douro, e que termina, pelo O., com o rio Paiva, que divide o concelho de Sinfães do do Castello de Paiva.

O concelho de Rézende, tem agora 18 kilometros de comprido, de E. a O., sempre pela margem esquerda do Douro, na sua maior parte. É separado do concelho de Lamego (a E.) pelo desabrido monte das *Dornas* e pela frígida serra das *Meadas*, desde a Cavallar até á Mesquitella, e d'aqui até á Ribeira e Bernardo, á beira do Douro.

É separado do antigo concelho de Sinfães, pelo O., por o ribeiro de Cabrum, que desce da serra da Gralheira e deságua no Douro, em Frieira, ou Rapa. Como o concelho de Sinfães foi accrescentado com o de São Fins, supprimido em 1855, ficou o actual concelho de Sinfães limitado ao O. pelo rio Paiva, que o separa, na sua maior parte, do concelho do Castello de Paiva, e o resto com o de Arouca (comprehendendo também o extincto concelho d'Alvarenga).

Pelo S., parte com o concelho de Castro Daire, desde a Cavallar até aos montes da Gralheira.

Pelo lado do N., todo o concelho é limitado pelo rio Douro.

O nome d'este concelho, procede do 1.º senhor christão que o povoou, D. Rosendo, ou Rausendo Ermiges, irmão de D. Thedon, e de D. Toda Alboazar Ramires, filhos de D. Ermigio (ou Hermigio) Godines, e de D. Dordia Ozores; netos de Alboazar Ramires e de D. Helena Godines; e bisnetos de D. Ramiro II, de Leão, e da formosa moura Zaira, da qual tenho fallado em varios logares d'este Dicionario. (Vide *Ancora*, rio.)

D. Rosendo Ermiges, vindo com seu irmão D. Thedon, para Portugal, pelos annos 1030, reinando em Leão D. Bermudo III; em Castella, D. Sancho I; e na Navarra, D. Sancho III. Aqui os dois irmãos guerrearão

os mouros, sem tréguas, e a sua gloriosa victoria dada nas margens do rio Távora (1037) os tornou senhores de todo o territorio que constitue o actual concelho de Rézende.

N'esse mesmo anno de 1037, havendo desavenças entre D. Bermudo III e seu cunhado D. Fernando, o Grande, de Castella, foi D. Bermudo morto, na batalha de Lantade, e, não tendo filhos, D. Fernando uniu os dois reinos de Castella e Leão, ficando Portugal formando parte d'este novo reino.

D. Fernando, o Grande, terminada a guerra com os leonezes, entrou em Portugal, tomando aos mouros as praças de Badajoz, Evora, Beja, Mérida e Cêa. Marchando para o norte, tomou-lhes d'assalto, Viseu e Lamego. (Esta ultima era defendida por Zaddão-Iben, que ficou tributario do rei christão.)

Consta que o rei de Leão deu a D. Rosendo todas as terras que elle havia conquistado aos mouros (ou, mais propriamente, resgatado) na margem esquerda do Douro.

D. Rosendo, agradado do sitio de Rézende, fundou a casa e quinta a que deu o seu nome, e que mais tarde se denominou *quinta do Paço*.

Em volta d'esta quinta, se foram pouco a pouco construindo diversas habitações e quintas, e assim se deu principio á povoação d'este territorio.

Constituido o reino de Portugal, em 1093, tratou o conde D. Henrique de alargar os seus limites, arrancando do poder dos mouros varias terras ao sul do Douro.

Em 1102, era rei de Lamego Echa-Martin, que, não só se negou a pagar o tributo a D. Henrique, mas ainda invadiu e saqueou algumas povoações christãs.

Carregados de despojos, marchavam os mouros para Lamego; porém, a 50 kilometros de distancia, para O., D. Henrique e seu companheiro, o rico homem D. Egas Moniz, lhes sahiram ao encontro, junto á

villa d'Arouca, e os derrotaram, retomando-lhes todos os roubos e fazendo prisioneiro Echa-Martim. (Para evitarmos repetições, vide vol. 1.º pag. 238 B B, e seguintes.)

Depois d'esta derrota, e ainda mais, por Echa Martim se fazer christão, o odiavam e desprezaram os seus vassallos, pelo que elle cedeu dos seus direitos e do seu pequeno reino ao conde D. Henrique, que deu a D. Egas Moniz os territorios de Lamego, Leomil, Salzédas, e S. Martinho de Mouros, tudo a pouca distancia a E. de Rézende.

(Vide *Cárquere Quarquere*).

Já disse que ha em Rézende vestigios de povoação celta, e, segundo a tradição, foi Carquere uma *cidade* (isto é, o centro de uma circumscripção) no tempo dos romanos, e que comprehendia o territorio que estancaia desde a *Devêza* ¹ até á ponte de Carcavellos, e d'aqui até aos *Paços* e *matta dos pa-dres*.

É certo que dentro d'este ambito teem apparecido, enterrados, caldeirões, culheres, varios instrumentos de ferro, pedras lavradas, tijolos, moedas de ouro, prata e cobre; e algumas de um metal desconhecido, de varios imperadores, até Constantino Magno.

Tambem em 1732, em uma escavação junto ao mosteiro de Carquere, appareceu uma lapide com a figura de Diana, em baixo-relevo, de um metro de altura e 0,™ 60 de largura, com a inscripção:

DIANA SACCELLO FLAVA
CARCAVELLUS F. A. B. XXV.

Esta lapide foi mandada collocar, pelo doutor Alexandre Pinto, no melhor da parede da sua casa de Béba.

Em outros sitios d'este concelho tem apparecido em diferentes épocas, vestigios de povoações antiquissimas.

Passados uns 70 annos, os descendentes de D. Rosendo, mudaram o seu domicilio para Távora (d'onde lhes veio o appellido) e a quinta do Paço—não se sabe porque ti-

¹ Já se vê que dou os nomes actuaes.

tulo, ficou pertencendo a D. Egas Moniz, e é hoje propriedade dos Castros, senhores de Rériz, e condes de Rezende.

D. Egas Moniz foi senhor da Feira, Arouca, Cresconha (em S. Thiago de Piães) Rézende, Lamego, S. Martinho de Mouros, Leomil, Salzédas, e varias terras ao norte do Douro.

Tudo isto consta de uma escriptura que existe no cartorio do mosteiro d'Arouca, feita na era de 1220 (1182 de Jesus Christo).

É certo que D. Affonso Henriques foi criado em Rézende, mas dizem uns que na quinta do Paço, outros que em Carquere, e outros que em S. Thiago de Piães.

Entendo que foi n'esta ultima freguezia, e na povoação de *Cresconha*.

(Vide vol. 7.º, pag. 8, col. 1.ª no fim e 2.ª).

Nas *Inquirições* de D. Affonso 3.º, se diz—(tradução)— *Vimos com os homens bõos (louvados) a este logar, e achamos que a quinta de Rézende (a do Paço) Mirão, Vinhós, Sinfães, Ossaes, Cimo de Rézende, Massas, Crujeiros, Tedões, Morganhos, Ferroz, Felgueiras, Minhães, Igreja de São Salvador, Chãos dos Paços, Veirós, Rendufe. São Semiliano, Paredes, Novaes, Tabuadillo, Villa Garcia, Quintan, e Córvo, todas estas villas são da honra de Rézende, que foi de D. Egas Moniz.*

Todas estas povoações são no antigo concelho de Rézende, que poucas mais comprehendia.

Vê-se que a cathogoria de *honra* é antiquissima em Rézende, por aqui ser creado D. Affonso I.

Nas *Inquirições reaes*, do rei D. Diniz se lê—*Item, na freguezia de S. Thiago de Piães, a quinta que chamam Cresconha, que foi de D. Egas Moniz, e é povoada, que a viram as testemunhas sempre honrada desde que se recordam, e que ouviram dizer que o foi de mui longe, e que crearam alli D. Affonso o primeiro.*

Rézende não é uma villa propriamente dita, mas um aggregado de quintas, granjas e casaes.

A casa da camara e cadeia, que estava na povoação de Vinhós, hoje é em S. Gens.

A igreja matriz está em uma elevação, entre as aldeias de Minhães, Ossaes, e Prés-timo, e quasi no centro da freguezia. A sua capella-mór é de abobada, bem lavrada, e construída em 1634, á custa de D. João de Castro, ascendente dos condes de Rézende, para sepultura de seus paes, sua e de seus descendentes.

Tambem foi este D. João de Castro que mandou fazer um cruzeiro, para sepultura dos abbades, o que tudo consta de uma inscripção que está em uma lapide embebida na parede interior da capella, do lado do Evangelho, que diz:

D. JOÃO DE CASTRO, PADROEIRO
DESTA EGREJA, IN SOLIDUM,
SENHOR D'ESTE CONCELHO DE
REZENDE, E DOS DE PENELLA,
BEM VIVER, SUL, RERIZ,
E DAS HONRAS DE EIRÓS, GOZENDE,
RIBADELLAS, OU RIBELLAS, E
MONTAJO, MANDOU FAZER
ESTA CAPELLA, PARA SEPULTURA
DE D. SIMÃO DE CASTRO E DE
D.^a MARGARIDA DE VASCONCELLOS,
SEUS PAES, E PARA ELLE E SEUS
DESCENDENTES,
E O CRUZEIRO, PARA SEPULTURA
DOS ABBADES SÓMENTE, POR
ESTAREM EXCLUIDOS DESTA
CAPELLA. ANNO DE 1634.

A igreja é vasta e boa, mas esteve em pessimo estado de conservação, e em grande abandono, hoje está reparada convenientemente.

Havia n'esta igreja uma collegiada com quatro beneficiados, um com 80\$000 réis de rendimento—outro com 132\$000 réis—outro com 40\$000 réis—e o ultimo, com réis 60\$000.

Todos estes beneficios eram apresentados pelo abbade da freguezia, que tambem apresentava o cura de Felgueiras.

Tudo isto acabou, ha muitos annos.

Os dizimos d'esta freguezia, rendiam annualmente 1:500\$000 réis, dos quaes tinham os condes 1:364\$000 réis, e o abbade réis 135\$500 réis.

Esta divisão foi feita por bullas apostolicas.

Ao N. de Rézende, e a pouco mais de um kilometro da margem esquerda do Douro, está o paço dos condes-almirantes (condes de Rézende) padroeiros da igreja.

É o paço que foi de D. Egas Moniz, e portanto antiquissimo, o que facilmente se vê da sua architectura e do miseravel estado de ruina em que se acha este venerando monumento, que tantas glorias nos recorda, e que era digno de melhor sorte.

É de vastas dimensões e não tem vestigios de ter em tempo algum, torre, ou outra qualquer obra de defesa.

Junto ao paço, e ao E., está a capella de Santo Antonio, tambem antiquissima.

Na frente do edificio ha uma avenida, murada dos dois lados, que vae até á estrada publica, e ao fundo da avenida, junto ás casas, se vêem os restos de um alto chafariz, de excellente construcção.

A casa está no centro da *quinta do Paço*, e esta é vasta e rendosa, constando de fer-teis campinas, tendo annexa a *alugôa de D. João*, na serra da Gralheira, alem de valiosos foros que lhe pagam os povos de Felgueiras e Veiros; mas perdeu um dos seus melhores rendimentos, que eram os dizimos.

Ao N.E. do paço, e a pequena distancia, fica a magestosa casa de *Ossaes de Baixo*, da qual é actual proprietaria, a familia do sr. José Joaquim Pereira dos Santos, natural d'esta casa, feito (1.º) barão de Fornéllos, em 15 de outubro de 1851, e fallecido em 1852.

Seu filho, o sr. Fernando Maria Pereira dos Santos, foi feito barão (2.º) do mesmo titulo, em 14 de janeiro de 1864.

N'esta quinta, tambem chamada de *Saes*, mandou construir a Sr.^a D. Maria José de Fornéllos, ajudada por sua irmã, a sr.^a D. Virginia, em 1874, uma linda capella, dedicada a Nossa Senhora de Lourdes, á qual, desde 1875, se faz uma sumptuosa festa.

O papa Pio IX, concedeu a esta capella, por breve apostolico, indulgencia plenaria,

para os que no dia da festa (15 de agosto) se confessarem e commungarem.

Os reverendissimos bispos do Porto e Lamego tambem concederam 40 dias de indulgencia, aos que visitarem a capella no dia da solemnidade da Senhora.

Deus não deixara sem premio a obra d'estas duas nobilissimas damas.

Ao E. do paço, está a excellente casa de *Villa Pouca*, que é um palacete no gosto moderno, e pertence ao sr. José Manuel Teixeira Pinto de Figueiredo, que aqui reside.

Um pouco acima da egreja matriz, está a nobre casa de *Cottas*, do sr. José Maria Cardoso Borges Coutinho, que a herdou dos seus parentes Borges.

Nasceu n'esta casa o celebre jurisconsulto, Manoel Borges Carneiro, escriptor de grande merito, e homem de bem.

Uniu-se aos revoltosos de 16 de maio de 1828, e não querendo fugir para a Inglaterra, como fizeram os mais espertos (os que tinham promovido a revolução) foi preso e morreu, n'esse mesmo anno, na cadeia do Limoeiro, em Lisboa.

A pouca distancia, e ao S. da casa de Cottas, está a antiga casa do *Préstimo*, ou *Apréstimo*, propriedade das sr.^{as} Albergarias, de Lamego.

Foi d'esta esclarecida familia, D. Francisco Gomes Monteiro, lente da universidade de Coimbra, e depois bispo de Vizeu.

Tambem foi d'esta familia, o virtuosissimo e caridoso padre Sebastião Pereira Monteiro, que morreu abbade da freguezia de Miumães.

Ao S.E. do paço, fica a antiga casa de *Massas* (vulgarmente chamada a *casa grande*, posto ser mais pequena do que as de *Ossaes* e *Villa Pouca*). Pertence á sr.^a D. Maria Leonor, e a seu filho, o sr. Manoel Pereira.

Ao S. de Massas, mas em pequena distancia, está a casa da *Granja*, propriedade do sr. José Maria Bandeira Monteiro Subágua,

do qual já fallei em *Rériz*, e para lá remetto o leitor.

É tambem em Rézende, a nobre casa do *Enxertado* (ou *Outeiro do Enxertado*) que foi da esclarecida familia dos Lemos.

É seu actual possuidor, o sr. Luiz Malheiro Peixoto Mello e Vasconcellos, feito barão de Castro Daire, em 23 de maio de 1840.

Alem das casas nobres que ficam mencionadas, ha ainda em Rézende outras muitas notaveis, não só pela grandeza dos edificios, como pela antiguidade e nobreza de suas familias; taes são—a da *Portella de S. Gens*, do sr. doutor Augusto de Sousa Pinto—a de *Ossaes de Cima* (ou *quinta das Vinhas*) a qual, segundo a tradição, é das mais antigas e nobres de Rézende—a *quinta de Safões*, dos srs. Sousas, da Lagariça—a casa de *Bêba*—a de *Semilião*—a *quinta do Matto*, dos srs. Cardosos—e a de *Paredes*, muito antiga.

Ainda ha n'este concelho outras casas dignas de nota, que não menciono, por não ter obtido os esclarecimentos que pedi.

Uma das melhores povoações do concelho é S. Gens, situada em uma planicie e constando de uma comprida rua, com alguns edificios bons.

É aqui que residem, o juiz de direito, o delegado, os trez escrivães de direito, e os officiaes de diligencias; e n'esta povoação se construim, em 1874, uma boa casa da camara, tribunal das audiencias e cadeia. Até então não havia para isto edificio proprio, era uma casa arrendada.

Feiras — Ha em Rézende as seguintes— em Vinhós, mercado, a 29 de cada mez, e feira annual, a 29 de setembro, e mercado a 7 de cada mez, e feira d'anno a 25 de julho, em S. Christovão.

O principal modo de vida d'estes povos, é a agricultura, mas tambem se fabricam muitos tamancos, pannos de linho, pentes (de canna) para teares, pão de trigo, doces de varias qualidades (sendo de grande fama, as

cavacas de Rézende) e outros objectos, que exportam em grande quantidade.

Ha tambem muitos negociantes de gado bovino.

Os que habitam proximo do rio Douro (Mirão, Loureiro, Riboura, e outros) empregam-se na navegação fluvial, conduzindo para o Porto os generos que sobejam do consumo; além de grande quantidade d'alqueires de trigo que se exportam por terra, para Lamego, Marco, Canavezes, Amarante, etc.

Pelo rio, o que mais exportam para o Porto, são castanhas, batatas, laranjas e outras frutas, e vinho.

Varios ribeiros regam e fertilizam este concelho, sendo o principal o *Côrvo*, que desce dos montes Coelhooso e S. Christovam e passando por entre as aldeias de Felgueiras e Veiroz, e por entre as freguezias de Rézende e Cárquere, morre na margem esquerda do Douro, na Foz do Mirão. É atravessado por tres pontes de pedra—a de Caravellos (muito alta e robusta) a do Córvo e a de Fornellos. Suas aguas são tambem empregadas em fazerem mover as rodas de um lagar de azeite, e oito moinhos de cereaes.

Rézende é tambem um appellido nobre em Portugal, cuja familia procede de Martim Affonso de Bayão, que deixou o appellido da sua varonia (Bayão) por haver herdado o senhorio de Rézende, por sua mãe, D. Uraca Affonso. Suas armas, são — em campo d'ouro, duas cabras, de negro, gotadas d'ouro, passantes, em palla. Elmo d' aço aberto, e por timbre, uma das cabras. (Albergaria diz que as cabras são de vermelho, a que chama *esfolladas*.) Alguns Rézendes, continuaram a uzar das armas dos Bayões.

Consta que a primeira propriedade rural que os jesuitas tiveram em Portugal, foi na freguezia de Cárquere, d'este concelho.

Em março de 1875, falleceu na Régua, o doutor Alexandre Vieira Pinto, presidente da camara municipal da mesma villa, e natural de Rézende. Escreveu um pequeno li-

vro sobre antiguidades de Rézende, que está inédito. Tem bastantes cousas aproveitaveis, que eu respiguei para este artigo.

Ha um barão de Rézende, feito em 21 de maio de 1844—é o sr. João Xavier de Moraes Rézende. Note-se, porém, que este cavalheiro é apenas barão do seu appellido, e nada tem com o concelho de Rézende.

Tivemos tambem um marquez de Rézende; mas este, como o barão, nada tem com o concelho d'este nome. Menciono-o aqui, por ser portuguez; por pertencer a uma das mais nobres familias d'este reino, e finalmente, por ser um homem de bem, e um escriptor distincto.

Uma rapida biographia do marquez de Rézende, se acha a pag. 588, col. 1.^a do 6.^o volume, para onde remetto o leitor. Aqui só accrescentarei, que nasceu em Lisboa, a 22 de setembro de 1790, e falleceu na idade de 84 annos e cinco mezes.

Condes de Rézende

Os condes de Rézende, são os Castros legitimos, denominados os *Castros das treze*, por trazerem no seu escudo d'armas, em campo de prata, 13 aruellas azues, e por timbre, um leão de ouro.

Descendem de D. Fernando de Castro, conde de Castro Xerez e senhor de Lemos (He-panha) e irmão da infeliz D. Ignez de Castro, mulher de D. Pedro I. de Portugal. Note-se, porém, que D. Fernando, era filho legitimo e sua irmã, filha natural.

Os Castros, de Rézende, tiveram o titulo de *almirantes de Portugal*, em 23 de fevereiro de 1317—de *senhores de Penella*, em 28 d'abril de 1378—de *senhores de Bem-viver*, em 22 d'abril de 1424—de *morgados de Rézende*, em 5 de fevereiro de 1465.¹

O 1.^o conde, de Rézende, foi D. Antonio

¹ Esta familia teve tambem o senhorio da capitania dos Ilheus, e das villas de Camamú, Boupéba, Cayni, e Itaparica, e de mais 50 leguas de territorio, no estado (hoje imperio) do Brazil.

José de Castro, por mercê de D. José I, em 10 de junho de 1754.

Não deixou de si nota digna de menção, o 2.º conde de Rézende, que falleceu em Lisboa, no seu vasto palacio de Santa Clara,¹ em 23 de março de 1819

Foi 3.º conde de Rézende, D. Luiz Innocencio Benedicto de Castro, 13.º senhor de Penella, 14.º senhor de Bem-Viver, senhor do morgado de Rézende, 17.º almirante de Portugal, 7.º capitão da guarda real dos archeiros, commendador das ordens de Christo e Torre Espada, governador da praça d'Abrantes, inspector das milicias do Alemtejo, e marechal de campo.

Nasceu em 5 de setembro de 1777; casou em 2 de março de 1813, com D. Maria José Emerenciana da Piedade Silveira, filha de D. Braz José Balhazar da Piedade e Silveira.

Succedeu a seu pae, em 23 de março de 1819, e falleceu a 7 de janeiro de 1824.

Foi 4.º conde de Rézende, D. Antonio Benedicto de Castro, filho unico do anteceden- te. Teve todos os senhorios e titulos de seu pae, e foi feito par do reino, em 1826, e porteiro-mór da casa real, no 1.º de dezembro de 1834.

Foi commendador da ordem de Christo, e 8.º capitão da guarda real d'archeiros.

Nasceu em 30 de novembro de 1824, e falleceu em 1865.

Tinha casado com a sr.ª D. Maria Balbina Pamplona de Sousa Holstein, nascida a 20 d'agosto de 1819. Era filha de Manuel Pamplona Carneiro Ringel Velloso Barreto de Figueirôa, 1.º visconde e 12.º senhor de Beire, padroeiro de Santo André de Sobrado, commendador das ordens de Christo e Torre-Espada, tenente general do exercito, de-

putado ás cortes, em 1837, governador das armas do Porto, em 1823, e das do Alemtejo, em 1826.

Nasceu a 3 de outubro de 1774, e succedeu na casa de seu pae, em janeiro de 1815.

Casou em 22 d'abril de 1818, com D. Maria Helena de Sousa Holstein, 4.ª filha do conde de Palmella, D. Alexandre de Sousa Holstein, e de sua 2.ª mulher, D. Balbina de Sousa.

Falleceu (o visconde de Beire) em 12 de maio 1848. Tinha sido feito visconde, por D. João VI, em 3 de julho de 1824.

Teve quatro filhas.

1.ª A sr.ª D. Maria Balbina Pamplona de Sousa Holstein, que, como já disse, casou com o 4.º conde de Rézende, e ainda vive, no seu palacio do Campo de Santo Ovidio, no Porto.

2.ª A sr.ª D. Henriqueta, que nasceu a 21 d'agosto de 1820, e morreu a 17 de julho de 1833.

3.ª A sr.ª D. Emilia Maria Antonia Pamplona de Sousa Holstein, que nasceu em 19 de outubro de 1821, e falleceu em 31 de outubro de 1856. Tinha casado, em março de 1846, com Sebastião de Castro Lemos Magalhães e Menezes, da casa do Covo, junto a Oliveira de Azemeis, do qual teve quatro filhos e quatro filhas. Uma d'estas (a 2.ª) é a actual senhora condessa da Ribeira, D. Maria Helena de Castro Pamplona de Sousa Holstein, e a 1.ª a sr.ª D. Maria Isabel de Castro P. de S. H., está casada com o sr. D. Manuel da Gama, filho do fallecido marquez de Niza.

4.ª A sr.ª D. Julianna de C. P. de S. H. nascida a 23 de outubro de 1822. Casou com Geraldo José Braamcamp (irmão do sr. Anselmo José Braamcamp) e morreu sem filhos. Seu marido tambem já falleceu.

O primeiro (e ultimo) visconde de Beire, era filho de José Pamplona Carneiro Ringel de Tovar, 11.º senhor de Beire, padroeiro de Santo André de Sobrado, fidalgo da casa real, cavalliro da ordem de S. João de Jerusalem, major governador do castello do Queijo (junto a Mattosinhos.) Tinha succe-

¹ Este palacio, que era um dos maiores de Lisboa, fica perto (ao E.) das celebres obras de Santa Engracia, e da estação principal dos caminhos de ferro do norte e leste, que lhe fica logo abaixo, ao sul.

Esta ao fundo do largo de Santa Clara, e do novo mercado, construido em 1877.

O palacio está em grande abandono, e em parte destelhado: mas ainda s'á habitado por diversos inquilinos, na parte melhor conservada, onde tambem ha um pequeno theatro.

dido na casa, a seu irmão João Pamplona Carneiro Rangel. Morreu em janeiro de 1815.

Havia casado com D. Antonia Ignacia Barreto de Miranda, filha de Barnabé Velloso Barreto de Miranda, morgado de Santa Martha (junto a Vianna do Minho) fidalgo da casa real, e de sua mulher, D. Antonia The-reza Correia d'Araujo, senhora do morgado de Cabéda, na freguezia de Villar de Maçada, em Traz-os-Montes.

José Pamplona, teve seis filhos:

1.º—*D. Maria Amalia Pamplona*, que foi viscondessa de Canellas.

2.º—*Manuel*, (o visconde de Beire.)

3.º—*D. Marianna Pamplona*, que casou com o fidalgo da Boa-Vista, Martinho Pinto de Miranda Montenegro. (Vide no artigo *Porto, Correias, da Rua-Chan*.)

4.º—*João Pamplona*, que foi capitão de cavallaria da ordem de S. João de Jerusa-lem.

5.º—*D. Anna*, que morreu solteira.

6.º—*D. Joanna*, que casou com João Thomaz d'Araujo Rangel e Castro, senhor da casa de Franzeres (em Gondomar) fidalgo da casa real e alferes do regimento de infantaria n.º 6 (1.º do Porto.) Ficando viuva, casou com Manuel Velho.

Tornemos aos condes de Rézende.

Fallecendo o 4.º conde de Rézende, D. Antonio, foi feito conde (5.º) do mesmo titulo, de juro e herdade, em 19 de julho de 1866, seu filho primogenito, D. Luiz Manuel Benedicto da Natividade de Castro Pamplona de Souza Holstein, que nasceu a 24 de agosto de 1844.

Frequentou o curso da academia polytechnica da cidade do Porto, completando os seus estudos como um dos mais distinctos estudantes do seu tempo.

Apezar das verduras da mocidade, que o fizeram praticar bastantes actos menos reflectidos, induzido por más companhias, preferiu sempre os estudos aos prazeres, e, em quanto não soubesse perfeitamente a sua lição, não se entregava aos divertimentos.

Chegado aos 25 annos de idade, desligou-se completamente dos máus companheiros, e dedicou-se com fervor a ser um verdadei-

ro catholico, e um cidadão pacifico e exemplar.

Foi par do reino, como lhe pertencia por direito hereditario, e foi, pelo sr. D. Luiz I, nomeado official-mór da casa real, e almirante honorario de Portugal.

Em 1874, foi eleito presidente da Associação Catholica, do Porto, defez idendo-a brilhantemente na camara dos pares, das injustas e calumniosas imputações que lhe dirigira um outro par.

Falleceu em 23 de maio de 1875, tendo um passamento verdadeiramente christão e edificante, com todos os sacramentos da egreja.

Por fallecimento do 5.º conde de Rézende, succedeu no titulo, seu irmão, o sr. D. Manuel Benedicto de Castro Pamplona de Sousa Holstein, feito conde de Rézende, de juro e herdade, em abril de 1876, e vem a ser o 6.º conde de Rézende.¹

Em 22 de junho de 1876, casou, na cidade do Funchal (ilha da Madeira), com a sr.ª D. Mathilde da Camara Carvalho, filha primogenita, e herdeira, do sr. D. Antonio da Camara do Carvalho-Esmeraldo Atouguia de Sá Machado, 2.º conde do Carvalho, feito em 3 de agosto de 1852, e filho do 1.º conde do mesmo titulo, João do Carvalho, que tinha obtido o titulo em 8 de setembro de 1835.

O sr. conde de Rézende, já tem descendencia.

Não se confunda o conde do Carvalho, com o conde de Carvalhoes, que é d'outra familia.

O 1.º (e ultimo) conde de Carvalhoes, foi José Maria de Almada Castro de Noronha Lobo, 13.º senhor de Carvalhoes, Ilhavo, e Verdemilho. (Vide *Verdemilho*.)

Fallando n'este artigo, do titulo (hoje puramente honorifico) de *almirante de Portu-*

¹ Este cavalheiro porém, não póde ser por hereditariedade, par do reino, porque esta dignidade não se transmite a collateraes, segundo a lei interpretativa, de 11 de abril de 1845.

gal, direi, em breve resumo, o que respeita a este titulo.

Póde dizer-se que o 1.º almirante d'este reino, foi o valerosissimo D. Fuas Roupinho. (Vide 7.º vol., pag. 571, col. 2.º)

Em tempo do rei D. Diniz, foi almirante Manuel Passanha, fidalgo genovez, ao qual o rei deu o senhorio da villa de Pereira (no concelho de Monte Mór-Velho) e o 5.º das prezas que fizesse.

Parece que este cargo foi concedido hereditariamente, porque, a Manuel Passanha succedeu seu filho Carlos Passanha, que morreu sem successão, passando o titulo a seu irmão, Bartholomeu Passanha. Ainda este morreu sem filhos, e o titulo passou a outro irmão, chamado Lançarote Passanha. Foi o titulo continuando n'esta familia, até que passou para Lopo Vaz d'Azevedo, filho de Gonçalo Gomes d'Azevedo e de uma bisneta de Lançarote.

D'esta familia passou para D. Simão de Castro, senhor de Rézende e Rériz, por ter casado com D. Bernarda de Menezes, da familia Azevedo.

D. João de Castro, filho d'estes, herdou o almirantado.

Succedeu-lhe D. Francisco de Castro, e a este, seu 2.º filho, D. Luiz Innocencio de Castro, senhor de Rézende, Eiras, Ribadelas, Rériz, Gozende, Sul, Beneviver, metade da villa de Penella e seus padroados; e no Brasil, a capitania dos Ilheus, as villas de Camamu, Bompemba, Cayrú e Itaparica.

D. Luiz Innocencio de Castro, casou com D. Joanna de Lencastre, e d'ella teve D. Antonio José de Castro, que, como fica dito, foi o primeiro conde de Rézende, e almirante de Portugal.

Ainda em Portugal ha outro titulo, tambem honorifico, d'*almirante das Indias*. Foi conferido a D. Vasco da Gama, e anda nos seus descendentes, marquezes de Niza e condes da Vidigueira.

O ultimo que teve este titulo, foi D. Domingos Francisco Xavier da Gama Athaide Noronha Silveira e Sousa, que era marquez de Niza, desde 20 de junho de 1842, e fallecido ha poucos annos.

Hoje pertence este titulo a seu filho, o sr. conde da Vidigueira, quando o requerer; assim como o de almirante de Portugal ao novo conde de Rézende.

No quadro actual da marinha portugueza, não ha o posto de almirante, e só o de vice-almirante, e quatro contra-almirantes, antigos chefes de divisão.

É tal a decadencia da nossa marinha de guerra, que se torna escusada a nomeação de um official general para almirante, que vinha a ser tão inutil como um general de terra, sem ter exercito para commandar.

A nossa insignificante esquadra (numericamente fallando) nem ao menos chega para as indispensaveis estações do Ultramar, o serviço da costa.

RIA D'AVEIRO—Douro.—A ria d'Aveiro, é um lago immenso separado do oceano por uma longa trincheira d'areia na extensão de 35 kilometros. É na sua exploração que consiste a industria d'Aveiro: por toda ella estão espalhadas as marinhas, cujo numero passa de quatrocentas, divididas por innumeros canaes, a que se dá o nome de esteiros.

Entre ellas tambem se encontra não pequeno numero de ilhas, que produzem junco e bonho. N'uma d'estas ilhas, Sama, houve antigamente um lazareto para onde eram mandadas as pessoas que soffriam molestias contagiosas. Sobre esta mesma ilha houve tambem uma grande questão entre o duque d'Aveiro e a camara, dizendo aquelle que a ilha lhe pertencia: mas afinal o pleito foi decidido a favor da camara, que provou que desde tempos immemoriaes a ilha tinha aquelle destino, e que por isso era propriedade publica.

Não se sabe ao certo quando foram feitas as primeiras marinhas em Aveiro, mas por documentos authenticos prova-se que ellas são anteriores á fundação da monarchia. Julga-se que o fabrico do sal tivera principio entre nós, durante a dominação arabe. No foral que D. Manuel deu a Aveiro, em 4 d'agosto de 1515, se ordenava que o sal fosse medido, e julga-se que a primeira medida adoptada fôra a que denominavam *búcio*.

Por accordam da camara, de 16 de julho de 1814, se ordenou que a medida do sal fosse o moio de 20 rasas, e não o conto, como até ahi.

O aspecto das marinhas com os seus montes de sal, é admiravel, e concorre immenso para que Aveiro seja mais risonho. É exacta e elegante a descripção que vamos apresentar, devida á penna d'um illustrado escriptor contemporaneo.

«Aveiro, visto de longe, diz elle, quasi a perder-se no horisonte, offerece um aspecto mui singular, que é difficil de esquecer, observado uma vez. As pyramides de sal que lhe ornarn as lagôas, semelhando alvos monumentos mortuarios, destacam d'um terreno baixo e escuro, e apenas avivado com as fitas de prata de uma abundante ria que fertilisa o paiz, dão-lhe um tal colorido de melancholia e saudade que seus filhos consagram e que já são proverbiaes.¹»

A ria é abundantissima em peixe, que presentemente está por um preço bastante elevado—tal é a exportação que tem logar com destino a Hespanha.

Ha muitos annos que na ria se estão commettendo abusos com relação á pesca, que se torna necessario cohibir o mais breve possivel—o «da pesca feita com redes de malha extremamente miuda, resulta que a maior parte do peixe não chega a desenvolver-se, e a outra parte, a que procura as aguas da ria em certas estações, não encontrando sustento no peixe miudo, emigra, escasseando assim a pesca na ria.»

O ex governador civil d'este districto, Guerra Quaresma, tentou remediar este mal, elaborando um regulamento sobre a pesca. Por edital do ex-secretario geral do governo civil, servindo de governador, Augusto Correia Godinho Ferreira da Costa, de 26 de maio de 1868, foi mandado pôr em pratica, mas segundo nos consta nunca chegou a ter execução.

Não é menos prejudicial a apanha do bribão, porque sendo esta pesca feita com gadanhos de ferro, estes revolvem as areias,

¹ Sr. J. Horta, *Revista contemporanea*, pag. 438, vol. 1.º

que depois, levadas pelas correntes, vão formar junto da barra grandes depositos denominados *restingas*, que continuamente a vão obstruindo.

Está tambem tendo grande importancia a apanha do *moliço*, «planta aquatica que continuamente se reproduz no fundo da ria e que se emprega no adubo das terras. Esta exploração torna a ria menos piscosa do que deveria ser, porque, de envolta com o *moliço*, é colhido muito peixe em embrião.»

O rendimento annual da ria é calculado em 365:000\$000 réis.

Segundo se deprehende do *Elucidario*, de Viterbo, no tempo dos romanos ainda não existia o aggregado d'aguas que hoje forma a ria d'Aveiro.

Diz o citado auctor, que com o andar dos tempos a costa se entupio e alteou por causa das areias, e os rios estagnados, não só esterilizavam os campos, mas tambem fechavam a passagem dos caminhos, como succedeu com a *Estrada Romana* ou *Via Militar*, que sahindo de Condeixa a Velha atravessava o Mondego entre Pereira e Coimbra, e passando o Eminium, rio Agadão, cortava o Vouga, não distante de Talabriga, e d'aqui por entre Lacobriga, que Vasconcellos, na *Discript. Regn. Luzitan.*, diz ser a Villa da Feira, e o mar, se dirigia a Cale.

Em 1862, o governo encarregou o distincto engenheiro hydrographo, Antonio Maria dos Reis, de tirar a planta da bacia «hydrographica, que constitue o extenso ancoradouro do nosso porto e do immenso reservatorio d'aguas, cujas correntes carecem de ser reguladas convenientemente para não prejudicarem e antes favorecerem as condições da barra.»

Em 1868, achando se bastante adiantados os trabalhos hydrographicos, estando já em grande parte tirada a planta da ria, graças ao incançavel zelo e actividade do habil engenheiro Reis, foram os ditos trabalhos interrompidos, ficando assim por concluir uma obra que podia vir a ser de grande utilidade, para o melhoramento da barra.

A ria está em communicação com a cidade, por um braço canalizado, com um bello caes em ambas as margens.

Em 1680, por provisão de D. Pedro II, então regente, a camara foi auctorizada a lançar o imposto, por espaço de tres annos, de um real em cada quartilho de vinho tabernado, para poder occorrer ás despezas da reconstrução do caes que n'esta época se achava bastante arruinado.

D. Maria I mandou tambem reedificar o caes, encarregando da inspecção da obra que teve principio em 31 d'agosto de 1780, o desembargador da Casa da Supplicação, Antonio Gravito Simões da Veiga.

Foi de pouca solidez esta nova construção, porque era tal o seu estado de ruína em 1858, que o governo o mandou reformar completamente, principiando as obras a 26 d'abril do mesmo anno, e concluindo-se a 30 de setembro de 1872, elevando-se a despesa a 50:218,085 réis.

Este curiosissimo artigo, foi publicado em o n.º 183 do illustrado jornal *Districto de Aveiro*, pelo infatigavel investigador, o sr. João Augusto Marques Gomes, auctor das *Memorias d'Aveiro*, do *Districto d'Aveiro* (livro) e de outras publicações de muito merecimento.

RIBA, RIRIBA, e RIBADA (em latim, *ripa*) —portuguez antigo—margem alcantilada ou sobranceira a qualquer rio, estrada ou povoação.

Em 897, Gondezindo fez uma notavel doação ao mosteiro de S. Salvador de Labra (hoje Lavra) que, desde os tempos antigos, estava fundado IN RIPA MARIS.

RIBA-CAVÁDA —logar, Traz-os-Montes, concelho e junto á villa da Torre de Moncorvo. Nada tem de notavel, senão haver aqui uma antiquissima ermida, dedicada a Nossa Senhora da Esperança, cuja festa se faz no dia da Assumpção da Santissima Virgem. O povo dá a esta Senhora tambem o titulo de Nossa Senhora de Riba-Caváda.

RIBA-COA —Beira Baixa, antiquissima comarca, ha muitos annos supprimida, da qual a maior parte fórma a actual comarca do Sabugal.

Esta circumscripção pertenceu em tempos remotos ao bispado de Caliábria, passando depois de 716 para o de Ciudad Ro-

drigo, depois para o de Lamego; e desde 1774, pertenceu uma parte á diocese de Pinhel.

Estende-se este territorio pela margem direita do rio Côa, que o separa da Extremadura Hespanhola. (Vide *Caliabria*, *Pinhel* e *Sabugal*.)

Não sei porque rasão, os antigos chamavam ao territorio de Riba-Côa, *bispado novo*.

Foi pelos annos de 1400. sendo rei D. Diniz, pontifice Bonifacio IX, e bispo de Lamego, D. Gonçalo Gonçalves, que o districto de Riba-Côa se desmembrou de Ciudad Rodrigo, e passou para Lamego.

Ha pelos seus montes muitos vestigios de fortalezas e povoações, destruidas desde o principio do seculo 8.º até ao 12.º Ignora-se quem as fundou e o nome que tiveram.

Vide *Sabugal*, onde direi mais circumstanciadamente o que foi e o que é Riba-Côa.

RIBA DE ANCORA—freguezia, Minho, concelho e 6 kilometros ao S. de Caminha, comarca, districto, e 12 kilometros ao N. de Vianna do Lima, 50 ao O. de Braga, a cujo arcebispado pertence, 440 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757, tinha 152 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção.)

A casa do infantado, donataria d'esta freguezia, apresentava o reitor, que tinha 230,000 réis de rendimento.

Este senhorio tinha sido dos Noronhas, marqueses de Villa Real, e duques de Caminha, que o perderam, como tudo o mais que possuíam, e a vida, na praça do Rocio, em Lisboa, em 29 de agosto de 1644, sendo degolados, por traidores ao rei e á patria.

Os dizimos d'esta freguezia constituíam um prestimónio da ordem de Christo.

Está a freguezia situada em terreno muito accidentado, sobre a margem direita do rio Ancora, ficando-lhe contiguas, a O., as freguezias d'Ancora e Gontinhães, na costa do Oceano.

Ha n'esta freguezia a capella de *Jesus Maria José*, vulgarmente chamada *capella dos Pintos*, fundada em 1776, por Antonio Rodrigues de Oliveira, mas á custa de seu ir-

mão, o padre Sebastião Rodrigues de Oliveira, que depois foi reitor d'esta parochia. Tem varios privilegios e indulgencias, concedidos pelos summos pontifices e pelos arcebispos de Braga.

Um dos privilegios é poderem as pessoas da familia, baptizar-se, casar-se e enterrar-se n'ella.

Antonio Martins d'Oliveira, d'esta freguezia, deu á egreja matriz, alguns ricos paramentos e alfaías, e 600\$000 réis em apolices do banco de Lisboa, para se fazer todos os annos a solemnidade da Semana Santa.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas, cria muito gado bovino para exportação, nos seus montes ha muita caça, o rio Ancora lhe fornece algum peixe e é abundante do de agua salgada, pois que o mar lhe fica apenas a 2 kilometros de distancia.

É povoação antiquissima e já povoada desde o tempo das primeiras invasões dos celtas, perto de dez seculos antes do nascimento de Jesus Christo.

Se não ha monumentos de tão remota antiguidade (senão o dolmen de Gontinhães) ainda existem alguns nomes de logares que nos provam que aqui, em tempos pre historicos, existiram povos vindos da Asia: por exemplo, ha a aldeia do *Mêdo*. e o logar do *Sub-Mêdo*, a *Veiga de Sapôr* (parte d'esta já é na freguezia d'Ancora.)

Para evitarmos repetições, vide *Ancora*, rio; *Ancora*, freguezia; e *Gontinhães*.

Em 25 de novembro de 1876, houve por estes sitios tão grande temporal, que causou enormes prejuizos aos proprietarios.

Eis a avaliação d'estes prejuizos, mandada fazer pela administração do concelho de Caminha. (Official.)

Freguezias

Ancora.....	1:180\$000
Arga.....	400\$000
Argella.....	8:200\$000
Azevedo.....	3:000\$000
Cristéllo	169\$900
Gontinhães	5:940\$000
	18:889\$900

<i>Transporte</i>	18:889\$900
Gondar.....	2:856\$800
Mollêdo	4:700\$000
Orbacem.....	2:374\$400
Riba d'Ancora.....	1:400\$000
Venade.....	3:024\$300
Villar de Mouros.....	1:147\$000
Ville.....	880\$000
Estrada municipal.....	42\$000
Ponte sobre o Coura.....	1:100\$000
Somma.....	36:444\$400

A isto deve juntar-se a destruição da ponte nova (feita em 1857) sobre o rio Ancora, na estrada real de 1.^a classe de Lisboa para o norte, e que tinha custado ao estado réis 9:200\$000—veio a sommar todo o prejuizo causado por este temporal, e o de 1866 na quantia de 45:614\$400 réis.

Era natural d'esta freguezia, e aqui falleceu a 16 de fevereiro de 1877, Gabriel Antonio Franco de Castro, tenente coronel de artilheria, do exercito portuguez convencionado em Evora-Monte.

Tinha feito parte da expedição do Brasil e Montevideu, em 1817, tendo a condecoração da campanha de Montevideu.

Foi deputado ás côrtes, em 1849; vogal e presidente da junta geral do districto de Vianna e administrador do concelho de Caminha. Era um cavalheiro rico, intelligente, energico, e de grande probidade.

Era parente do general realista do mesmo nome (por alcunha o *Caréca*) que foi governador das armas do Porto, em 1828, e era tambem natural d'esta freguezia.

É tambem natural d'esta freguezia, o sr. commendador José Bento Ramos Pereira, rico proprietario e capitalista, e um dos mais nobres e philantropicos caracteres d'estas terras. Tem aqui uma formosa casa, onde reside no verão.

Fundou, quasi á sua custa, em 1867, uma boa casa para escola de instrucção primaria, casa para se leccionarem os alumnos, e para viver o professor, e, no pavimento terreo, uma sala, para as sessões da junta de parochia.

O sr. Ramos Pereira era de familia pobre, e adquiriu a sua bem empregada riqueza, no imperio do Brasil.

RIBA D'AVE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros ao O. de Braga, 350 ao N. de Lisboa. 240 fogos.

Em 1757, tinha 48 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebisado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 250\$000 réis.

Foi n'esta freguezia o mais nobre solar de Portugal, fundado por D. Ruy Gonçalves Pereira (o primeiro d'este appellido), filho de D. Gonçalo Rodrigues de Palmira e de sua primeira mulher, D. Troyla, filha de D. Afonso, conde de Cella-Nova.

D. Ruy Gonçalves Pereira, um dos mais intrepidos guerreiros do seu tempo, nasceu em 1192, e foi um dos capitães mandados por D. Affonso II com um exercito, em socorro de D. Affonso VIII, de Castella,¹ contra o poderoso Mahomet IV, que tentava conquistar as Hespanhas.

Taes actos de bravura praticou na famosissima batalha e gloriosa victoria de *Navas de Tolosa*, em 1212, que causou espanto a todo o exercito christão, muito mais, porque D. Ruy não tinha então mais de vinte annos.

É progenitor do famoso condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, do qual procede a real familia de Bragança, o imperador do Brasil, e todos os reis christãos da Europa. (Vide *Feira*.)

RIBA D'AVE—Minho, comarca e concelho de Santo Thyrso (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Negrêllos).

Esta freguezia já fica descripta sob a palavra *Estevam de Riba d'Ave* (Santo), mas, como d'ahi a um anno aconteceu aqui uma grande catastrophe, passo a referil-a.

Na noite de sabbado de Alleluia (27 de março de 1875) para domingo de Paschoa, pela uma hora da madrugada, varios ran-

chos de rapazes, davam, com musica e des-cantes, as *boas festas*, ás portas dos seus amigos, lançando varios foguetes. Um d'estes, foi cahir sobre uma rima de lenha, que estava encostada á casa de Francisco Ribeiro, o qual tinha na mesma casa um grande deposito de polvora, em que negociava.

Ribeiro, presentindo o perigo, fugiu de casa com a sua familia, e poucos momentos depois, uma estrondosa detonação aterrou toda a gente das immediações. A casa voou pelos ares, hindo a pedra e os materiaes da armação, cahir a grandes distancias.

Ficaram partidos e carbonisados, uma mulla e um porco. A casa visinha foi tambem victima das chammas. As portas de muitas casas abriram-se de par em par, e foram despedaçados os vidros das janellas de quasi toda a povoação. Apesar de não haverem desgraças pessoas, este incendio ainda é recordado com horror em toda a freguezia.

RIBA-D'ELLAS—aldeia, Beira-Alta, na freguezia de Lalim, concelho de Tarouca, comarca, bispado e 6 a 8 kilometros de Lamego.

Junto a esta aldeia está a antiquissima capella de Nossa Senhora da Gloria, que se festeja a 2 de fevereiro, havendo então um grande jubileu, concedido pelo papa Gregorio XIII, pelos annos de 1575.

RIBA DE MOURO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Valadares), 60 kilometros ao N. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757, tinha 504 fogos.¹

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebisado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A casa do infantado, donataria da freguezia, apresentava o reitor, que tinha 180\$000 réis.

Era aqui o solar dos Quintellas (mas não dos Quintellas, hoje condes do Farrobo). A familia dos Quintellas d'esta freguezia, floresceu no reinado de D. Diniz. Hoje está extincta.

¹ Não foi só Portugal, todos os principes christãos da Peninsula se colligaram então contra os mouros.

¹ Parece-me muito fogo. É provavel que seja engano do *Portugal Sacro e Profano*.

O senhorio d'esta freguezia era dos marquezes de Villa Real, e foi um dos que passou a formar a casa do infantado. (Vide *Quéluz*.)

Os dizimos eram um prestimonio da ordem de Christo. Foi conto.

Segundo a tradição, era senhor de uma grande quinta n'esta ribeira, um mouro chamado Juzão. Perseguido pelos christãos, chegou ao sitio hoje chamado *Ponte do Mouro*, e alli saltou o rio a cavallo, promettendo a S. Thiago que, se o livrasse d'este perigo, se faria christão; e como escapou, se baptizou e fez christão.

Diz-se que é d'este facto que a freguezia tomou o nome de Riba de Mouro.

RIBA D'UL — freguezia, Douro, comarca, concelho e 3 kilometros ao N. de Oliveira d'Azeiteis, 36 kilometros ao S. do Porto, 285 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757, tinha 200 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

A esta freguezia dá-se geralmente o nome de *S. Thiago de Riba d'Ul*, ou simplesmente *S. Thiago*.

O reitor de Oliveira d'Azeiteis, apresentava o cura, que tinha 80\$000 réis de rendimento e o pé d'altar.

É parochia muito antiga, e, segundo a tradição, houve aqui um mosteiro de freiras bentas, que foi destruido pelos mouros, em 718. Não ha vestigios d'elle. Diz-se que era na margem direita do rio Ul, que atravessa esta freguezia, e lhe dá o nome.¹

As rendas d'este mosteiro, passaram depois para o mosteiro de monges da mesma ordem, na freguezia de Cucujães, immediata a esta.

Tambem passa n'esta freguezia, e aqui se junta ao Ul, o ribeiro de Cavalleiros, sobre o qual ha uma boa ponte, de cantaria, construida ha poucos annos, em substituição da antiga.

¹ O primeiro nome d'este rio, foi *Ral*, e ainda aqui perto ha a *ponte do Ral*; depois se chamou *Ferral*, e por fim *Ul*. Muda de nome em Estarreja, chamando-se *Autuan*. Vide esta palavra.

Foi junto a esta ponte (á primeira) que alguns individuos da Arrifana mataram dois officiaes francezes, em 1809, e cujo assassinato deu pretexto ao horroroso morticínio que os jacobinos fizeram na Arrifana. Vide *Arrifana* e *Madeira* (S. João da).

Ainda em 1870 appareceram n'esta sitio (do ribeiro dos Cavalleiros) alguns ossos, que se suppõe serem dos taes officiaes.

No logar de Villa-Cóva, d'esta freguezia, ha vestigios de uma antiquissima torre, no sitio chamado ainda, por isso, a *Torre*.

Esta torre fica a E., e a um kilometro de distancia do *Castro Trancal*, na freguezia de São Martinho da Gandara. (Vide esta palavra, e *Cucujães*.)

Consta que a tal aldeia de Villa-Cóva, teve foro de villa, o que não é muito provavel.

Segundo a tradição, esta freguezia principiou a sua povoação por uma casa (que ainda existe) na aldeia do *Aido de Cima*, e a qual casa foi construida por um individuo que para aqui veio degredado.

RIBA-FEITA — freguezia, Beira-Alta, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 12 kilometros de Viseu, 290 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757, tinha 262 fogos.

Orago, Nossa Senhora das Neves.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 350\$000 réis de rendimento.

Vide *Quelha de Gonta*.

É terra fertil. Gado e caça.

RIBAFRIA — aldeia, Extremadura, freguezia e concelho de Cintra, 30 kilometros ao N.O. de Lisboa. (Vide *Cintra*.)

Foi este logar que deu o appellido á nobre familia dos Ribafrias, que procede de Gaspar Rodrigues de Ribafria, natural d'esta aldeia. O rei D. Manuel o fez porteiro da camara, pelos serviços que lhe havia feito. D. João III o fez cavalleiro da ordem de Christo, alcaide-mór de Cintra, lhe deu solar em Ribafria, e carta de brazão d'armas, a 16 de setembro de 1544, que são — Em campo verde, torre de prata, lavrada de negro, aberta de azulejos de azul e ouro, sobre um contrachefe de ondas de azul e prata, entre duas estrellas de ouro, de 8 pontas, acan-

tonadas: élmô de aço, aberto; e por timbre, um leopardo azul, armado d'ouro, com uma das estrellas do escudo na espádua.

São representantes d'esta familia, os condes de Penamacor.

O primeiro que obteve este titulo, foi Antonio de Saldanha Albuquerque de Castro Ribafria Pereira, feito em 17 de dezembro de 1814.

Seu filho, o sr. Antonio Correia de Saldanha Albuquerque de Castro Ribafria Pereira, é o segundo conde de Penamacor, feito em 6 de junho de 1864.

Este sympathico cavalheiro, na flor da idade, pois apenas conta 35 annos, aparentado com as mais distinctas familias de Portugal, jaz actualmente preso na cadeia do Limoeiro, em Lisboa, sob a terrivel accusação de moedeiro falso.

Deus queira que se justifique plenamente, provando a calúnia de tal accusação, para honra dos seus nobilissimos appellidos, e para satisfação de sua esposa, filhos e parentes.

Disse, por mal informado, a pag. 422, col. 2.^a, do 6.^o vol., que a Ribafria que deu o appellido aos condes de Penamacor, era na freguezia de Palha-Cana, concelho de Alemquer. Ha, é verdade, n'esta freguezia o logar de Ribafria, mas, como vimos no presente artigo, a Ribafria dos condes de Penamacor, é em Cintra.

RIBALDEIRA — freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 12 kilometros a E. de Torres-Vedras (foi da mesma comarca, mas do concelho de Ribaldeira, supprimido em 1855), 40 kilometros ao N.O. de Lisboa, 700 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

A esta freguezia está unida a de *Dois Portos*, e é por isso que tambem se chama *Ribaldeira e Dois Portos*.

É sobre esta ultima denominação que vem

no *Portugal Sacro e Profano*. Vide *Dois Portos*.¹

Proximo á aldeia chamada *A dos Milheiros*, na parte da freguezia, que foi da de *Dois Portos*, está a capella de Nossa Senhora dos Milagres, ou da *Fonte Santa*.

Foi construida em 1578. É baixa, recebendo a sua capella-mór a luz por uma claraboia de ferro e vidro, e o corpo da egreja, pela porta e por duas janellas que estão aos lados d'ella. Não tem côro, por não ter altura sufficiente. Tem sacristia, ao E, e pegada a ella a casa do eremitão, e mais duas moradas de casas, onde habitam duas familias.

Tem um magnifico alpendre, ao S., com assentos de pedra, assim como os tem o muro do adro, do lado do E., que deita para umas pobres terras que dão ao eremitão, pelo trabalho de accender a alampada (que está a maior parte do tempo apagada, apesar de receber muitas esmolos e offertas de azeite!...)

Ha na ermida uma alampada, uma cruz, galhetas e prato, thuribulo e naveta, tudo de prata lavrada.

A Senhora tem uma corôa de ouro, que lhe deu, em 1873, o sr. Isidoro Francisco da Cruz, natural da aldeia de Alfeiria, e residente no Brasil.

O altar-mór é sustentado por columnas de marmore, feitas em espiral, e a imagem da Senhora está dentro de uma bonita maquinetta envidraçada. O altar é uma urna de marmore com baixos-relevos de merecimento.

A parede da capella-mór, é revestida de excellentes azulejos, de primoroso desenho, representando varias scenas da vida da Senhora.

Consta que esta imagem não é a primitiva, mas sim uma que está na capella do sr.

¹ Por escriptura publica, de 14 de novembro de 1593, feita entre os moradores d'esta freguezia, e os beneficiados de Torres Vedras, se obrigaram aquelles a ter constantemente acceza a alampada do Santissimo Sacramento d'esta freguezia.

capitão, do logar da Ribeira de Maria Afonso, d'esta freguezia.

Pela roda do anno se dizem aqui muitas missas, em cumprimento de promessas, pois a Senhora é objecto de muita devoção, dos povos d'estes sitios.

A ermida tem bôas alfaias e ricos paramentos, dados pelos devotos da SS. Virgem.

Os moradores dos logares da Maceira, d'esta freguezia, e de Alfeiria, freguezia de Carmões, festejam a Senhora no ultimo domingo d'agosto, havendo um grande arraial, fogo preso e do ar, dois sermões, procissão, etc.

No dia 8 de setembro, ha a festa chamada *da casa* paga pelo cofre da Senhora.

Não tem cofraria.

Antigamente vinham aqui cirios de Lisboa, havendo então grandes festas e cavalhadas.

Tambem havia uma grande feira, que hoje está em muita decadencia, pois apenas consta de junco, tabuado, cebolas, cestos de vime, e louça ordinaria.

A capella fica em uma elevação, a 1:500 metros ao N. da villa de Sobral do Monte Agraço.

Ao fundo da costeira, do lado do E., ha um bom chafariz de cantaria, que é a *fonte Santa*, que a Senhora fez rebentar de um rochedo.

Do adro da capella se gosa um vasto e formoso panorama, e em dias claros, vê-se o Oceano, ao O.

Esta ermida é administrada por dois individuos (cunhados) do logar da Maceira, que desfructam algumas terras pertencentes á Senhora.

A maior parte d'estes esclarecimentos, devo-os á generosidade do sr. padre Venancio da Costa e Oliveira, da aldeia da Corujeira, freguezia de Carmões, ao qual dou os mais sinceros agradecimentos.

A origem d'esta capella e da sua invocação, consta da lenda seguinte:

Que formosa ermida é esta
Que alveja na cumiada?
N'ella a lua se reflecte,
N'ella o sol faz alvorada.

—É a VIRGEM DOS MILAGRES
Dos homens adevogada:
A Casta Pomba de Deus,
MARIA IMMACULADA.

—Quem foi que fez n'este monte
Obra tão bem detalhada,
Que nos dá prazer á vista,
Que nos convida á orada?

—Foi o amor d'este povo
Á virgem santa adorada,
Por lhe dar a *fonte Santa*,
A fonte santa chamada.

—Diz-me tu, oh pegureiro,
Como esta fonte foi nada:
Como se achou n'este monte
A fonte santa chamada?

—Era uma sésta d'agosto.
N'esta serra, que abrasava,
Um pastorinho innocent
Suas ovelhas guardava.

Morria o triste de séde,
Com séde o triste chorava.
Por ver que n'aquella serra
Nenhuma fonte encontrava.

Viu então formosa virgem
Que ao pastor se acercava,
E com maternal carinho
Estas palavras soltava

—Porque choras, meu menino?
Diz-me quem te maltratara?
—Tenho séde, sem ter agua
Com que me desalterara.

—Vés aquella penedia
Tão ressequida e tisaada?
Vae lá, verás uma fonte
Com agua clara e nevada.—

Não eria o pastor, mas foi,
Porque a sêde o allucinava;
E logo, vendo uma fonte,
N'ella se desalterava.

Veio dar graças á Virgem
Que de tal sêde o livrava;
Mas, chegando ao seu rebanho
Já ELLA alli não estava!

Logo o povo d'estas terras
Este milagre notava,
E á SANTA VIRGEM MARIA
Esta ermida fabricava.

O menino pediu agua
ELLA uma fonte lhe dava:
A Fonte Santa da VIRGEM
Que até os peccados lava.

CASTA POMBA DO SENHOR,
MARIA IMMACULADA,
N'esta vida e mais na outra
Sede nossa adevogada.

RIBA-LONGA—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Carrazêda d'Anciães, comarca de Moncórvio, 120 kilometros ao N.E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757, tinha 51 fogos.

Orago, Santa Marinha, virgem e martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor de S. Miguel de Linhares, apresentava o vigário, que tinha 40\$000 réis e o pé d'altar.

É terra pouco fertil, em razão do seu clima excessivo. Cria muito gado e é abundante de caça.

RIBA-LONGA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho d'Alijó (foi da comarca de Villa-Real, extincto concelho de Villar de Maçada), 96 kilometros ao N.E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757, tinha 49 fogos.

Orago, Santa Anna, mãe de Nossa Senhora.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O reitor de São Miguel de Trez Minas,

apresentava o cura, que tinha 40\$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil. Bom vinho, gado e caça.

RIBAMÁ—pequeno rio, Beira-Alta, que morre no Vouga, perto de S. Pedro do Sul.

Provém o seu nome de correr por ingremes ribanceiras (*ribas*), entre Queiran e Ventosa. Rega os terrenos onde as suas margens são planas, e traz peixe miudo.

RIBAMAR (Santa Catharina)—aldeia, Extremadura, sobre a direita do Tejo, na freguezia de Carnaxide, concelho d'Oeiras, 11 kilometros ao O. de Lisboa.

Esta bonita povoação é vulgarmente conhecida sob o nome de *Dáfundo*, ainda que, verdadeiramente, Santa Catharina de Ribamar é o que foi mosteiro e cêrca dos frades arrabidos, hoje propriedade do sr. Fernando Palha, e fica sobre o Dáfundo. (Vide vol. 2.º, pag. 463, col. 1.ª)

No sitio onde hoje se vêem as ruínas da igreja e pequeno mosteiro dos frades arrabidos, existia uma antiquissima ermida, dedicada á virgem e martyr Santa Catharina, pertencente aos beneficiados da igreja de Santa Cruz do Castello, em Lisboa.

Na *Historia ecclesiastica de Lisboa*, diz o arcebispo d'esta cidade, D. Rodrigo da Cunha, que, quanto á antiguidade d'esta ermida, só se sabe que já existia em 1171, sendo então igreja parochial, que tinha por freguezes, não só os habitantes d'esta margem do Tejo, mas tambem os das actuaes freguezias de Bemfica, Campo-Grande (então *Alvalade*), Lumiar, e todas as aldeias intermedias; sendo a 3.ª freguezia christã creada depois da tomada de Lisboa aos mouros, em 1147. (A primeira foi a Sé, e a segunda os Martyres.)

Com o andar dos tempos, e sendo o templo pequeno para matriz de uma vasta freguezia, ficando de mais a mais na extremidade d'ella, foi a parochia mudada pará a actual igreja de S. Romão de Carnaxide, ficando a antiga matriz annexa, como ermida, á collegiada de Santa Cruz do Castello, ficando o prior de Santa Cruz com o direito de apresentar o prior de Carnaxide.

—
A infanta D. Isabel, filha de D. Jayme, du-

que de Bragança, e viuva do infante D. Duarte, duque de Guimarães, filho do rei D. Manuel, emprehendeu fundar junto á ermida de Santa Catharina, um mosteiro de frades arrabidos, a ordem mais pobre e de maior penitencia e austeridade de vida que então havia em Portugal, e filial do famoso mosteiro da Arrabida, junto ao cabo do Espichel, proximo e ao O. de Setubal. (Vol. 1.º, pag. 238 K K, col. 2.ª)

Mandou D. Isabel, pelo infante D. Luiz, pedir ao prior e beneficiados de Santa Cruz do Castello, licença para a construcção do mosteiro, ao que elles annuiram, mediante a renda annual de 2:000 maravidis, do que se lavrou escriptura publica, que auctorisavam o arcebispo de Lisboa (D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, 2.º filho de D. Affonso de Vasconcellos, 1.º conde de Penella) e o rei D. João III.

Sobre umas rochas, ao E. da *Cruz Quebrada*, e sobranceiras ao logar do Dáfundo (que então ainda não existia) fundou a piedosa infanta o pequenino mosteiro, no anno de 1551.

Foi a obra tão mal construida, que, pelos annos de 1590, foi preciso reedificar o mosteiro; mas, com tão máus materiaes, que, em 1625, se viram os religiosos obrigados a abandonal-o, por ameaçar imminente ruina.¹

Esteve assim deshabitado e desmantelado, até que, em 1634, Diogo Lopes de Souza, 2.º conde de Miranda, edificou aos religiosos um novo mosteiro, proximo ao antigo; construindo n'elle o mesmo conde o seu jazigo e o de seus descendentes, que depois foram marquezes d'Arronches e, por fim, duques de Lafões.² Entre os membros d'esta familia que foram aqui sepultados, se acha o infante D. Miguel, filho legitimado de D. Pedro II, que foi casado (o infante) com D. Luiza Casimira de Souza, herdeira da casa dos

¹ O convento de frades arrabidos da Boa Viagem, foi construido para dar abrigo aos religiosos de Santa Catharina de Ribamar, antes que o conde de Miranda construísse o novo mosteiro. Para se evitarem repetições, vide *Boa Viagem*, vol. 1.º, pag. 403, col. 1.ª, no fim.

² Vide no artigo *Porto*, anno de 1647, e pag. 508, col. 1.ª

marquezes de Arronches, e 1.ª duqueza de Lafões.

Depois de 1834, o mosteiro, abandonado pelos religiosos, tornou-se um montão de ruinas, que foram compradas por Estevam Palha de Faria Gião, e é hoje de seu filho, o sr. Fernando Palha, que o reuniu á sua bella quinta do Dáfundo. O que foi cêrca está muito aformoseado, mas do mosteiro não existem senão algumas paredes. (Vide *Dáfundo e Porto-Salvo*.)

Ao O. de Santa Catharina de Ribamar, e já proximo de Paço d'Arcos, está o forte de S. Pedro, bem conservado e com guarnição, estando actualmente estabelecido n'elle o deposito de torpêdos.

Sobre a porta principal (e unica) do forte, se vê esta inscripção:

REINANDO EL-REI NOSSO SENHOR,
D. JOÃO IV, SE FEZ ESTA OBRA,
POR MANDADO DO CONDE DE
CANTANHEDE, DOS SEUS CONSÊLHOS
DE ESTADO E GUERRA, E VEDOR
DA FAZENDA — NO ANNO DE
1649.

Viscondes de Ribamar

O primeiro visconde de Ribamar, foi João da Costa Carvalho, feito em 23 de agosto de 1864.

Nasceu em S. João da Foz do Douro, em 8 de março de 1790, e era filho de um pobre, mas hórrado negociante, que morreu quando seu filho era ainda creança.

Foi para a cidade da Bahia, em 1804, e o primeiro logar que ahí obteve foi o de praticante, a bórdo do brigue *Paquêta da Bahia*. Em 1810, era piloto da galéra *Flor de Pernambuco*, e em 1817, era capitão do brigue *Audaz*, que tinha 20 peças de artilheria e 120 pessoas de tripulação.

Por serviços importantes que Costa Carvalho prestou ao Brasil, como commandante do brigue *Audaz*, foi por carta régia de 3 de abril de 1819, feito capitão-tenente, cavalleiro do habito de Christo, e condecorado com a estrella d'ouro, da campanha de Montevidéu.

Tornado o Brasil independente, veio Cos-

ta Carvalho para Portugal, sahindo de Pernambuco em 2 de julho de 1823, e chegando a Lisboa no fim d'agosto.

O brigue *Audaz* deu baixa por desarmamento (era navio mercante, armado em guerra) e em agosto de 1824, foi feito commandante da charrua de guerra *Princeza-Real*, que tambem deu baixa em abril de 1826.

Finalmente, nas guerras civis de 1828, 1832 e 1834, seguiu o partido liberal, e chegou ao posto de contra-almirante, e ao titulo de visconde.

Tinha uma quinta em *Gibalta*, ao O. da Cruz-Quebrada, que é hoje dos seus herdeiros, e é d'ella que tomou o titulo, porque ainda aqui se chamava antigamente Ribamar. Esta quinta tem um bom palacio.

O primeiro visconde de Ribamar, foi um militar distincto e um perfeito cavalheiro.

Em 16 de maio de 1866, foi feita viscondessa de Ribamar, sua filha, a sr.^{ma} D. Henriqueta da Costa Carvalho Talone: e no mesmo dia obteve egual titulo, seu marido, o sr. Frederico Carlos Agnello Talome, que é o actual visconde de Ribamar.

RIBAMAR (S. José)—aldeia, Extremadura, na mesma freguezia de Carnaxide, e egual distancia ao O. de Lisboa, ficando ao E. de Santa Catharina de Ribamar, e do Dáfundo, e a distancia apenas de 250 metros d'estas duas povoações.

Foi o 4.º mosteiro da ordem da Arrabida, que se construiu em Portugal.

Foi fundado em 1559, por D. Francisco de Gusmão, e sua mulher, D. Joanna de Blasevelt—o 1.º, mordomo-mór da infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel, e a 2.ª, aia da mesma princeza.

Tanto a igreja como o mosteiro eram pequenos, e tão mal construidos, que logo em 1595 foi preciso reedifical-os. Ainda depois soffreram varias reconstrucções e bastantes melhoramentos.

Apezar de pequeno e pobre, teve este convento muitos privilegios e regalias.

O cardeal-rei, D. Henrique, mandou construir, junto á capella-mór da igreja, um edificio, com trez salas, e n'elle passava al-

gumas temporadas, em convivencia com os monges.

A rainha D. Catharina, viuva de Carlos II de Inglaterra, filha do nosso D. João IV, gostava muito de frequentar este mosteiro, e alli jantou varias vezes, pagando n'esse dia toda a despeza do mosteiro. (Esta senhora foi a fundadora do palacio da *Bemposta*, ou *das Rainhas*, em Lisboa. (Vide 4.º vol., pag. 131, col. 2.º)

D. João V, veio por muitas vezes aqui assistir ás rezas do côro, pela manha e á noite, em 1712, quando assistia no palacio dos duques de Cadaval, em Pedrouços, que é a uns 300 metros ao E. de S. José de Ribamar.

Além d'isso, todos os annos, no dia da festa de S. Francisco, hia jantar com os monges no refeitório, não consentindo que n'essas occasiões fosse tratado senão como qualquer simples religioso.

A igreja possuia ricas alfaia; um quadro de S. José, que se dizia ser o verdadeiro retrato d'este santo, pintado por o evangelista S. Lucas; e varias joias de muito valor, dadas da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, e de outras princezas e fidalgas, que se encommendavam a S. José, para terem successão, e que davam ao mosteiro varias esmolas, depois de obtido o milagre.

Aqui foram sepultados os fundadores, e além d'elles—e apezar de terem jazigo proprio em outras igrejas—D. João de Portugal, bispo de Lamego; D. Maria de Azevedo, condessa do Vimioso; D. Miguel de Portugal e sua mulher, tambem condes do Vimioso; D. Maria de Lencastre, condessa de Castello-Melhor; D. Marianna de Vasconcellos, marquezia do mesmo titulo; D. Diogo da Silva, 6.º conde de Portalegre, e seu irmão, D. João da Silva, capellão-mór de D. Philippe IV, de Hespanha; Francisco de Távora, conde d'Alvôr; D. Julianna de Noronha, condessa d'Aveiras; e outras muitas pessoas notaveis.

O mosteiro e a sua cêrca, bem arborizada, foram vendidos, logo depois da supressão das ordens religiosas, e é hoje uma bellissima propriedade do sr. Eduardo Augusto da Silva Cabral, feito 2.º conde de Cabral,

no 1.º d'abril de 1869. É filho do fallecido José Bernardo da Silva Cabral, que foi feito 1.º conde de Cabral, em 24 de outubro de 1867.

O actual possuidor do mosteiro, tem aqui feito grandes melhoramentos, e construido varias casas que arrenda na estação dos banhos, vindo elle tambem com a sua familia aqui residir no verão. É uma habitação deliciosa, e com formosissimas vistas, como todas as povoações d'esta margem do Tejo, sobre tudo, desde a torre de Belem, até S. Julião da Barra.

Os srs. condes de Lumiares tinham uma propriedade junto e ao nascente da cerca do mosteiro. O sr. conde de Cabral a comprou, em fevereiro de 1875, e é hoje uma bonita e grande casa, logo á entrada do portão de ferro, da quinta. E' tambem para alugar.

Ainda á entrada da quinta d'este lado (E.) em um terreno exterior, se vê um cruzeiro que foi do convento, e que o sr. conde de Cabral para aqui mandou remover do logar primitivo.

A pequena mas formosa egreja, está optimamente conservada e com muito acceio, isto devido aos sentimentos religiosos do sr. conde: e quando aqui reside, ha sempre missa, nos domingos e dias sanctificados.

Em frente d'esta quinta, ao S., em um terreno entre ella e a estrada real de Oeiras, mandou a repartição das obras publicas, construir um bonito jardim, que ainda mais valor dá á quinta.

Tambem proximo e ao S.O. da mesma quinta, existiu o forte de S. José de Ribamar, que foi arrasado depois de 1834, e já nem d'elle ha vestigios.

Ainda em frente da quinta, do lado do E., existiu o forte de Nossa Senhora da Conceição, que foi vendido, depois de 1834, e sobre as suas muralhas se construiu um predio, hoje do sr. Gaspar Gomes dos Anjos. (Vide *Pedroços* e o 2.º *Porto-Salvo*.)

RIBAMAR (S. José) — Na villa da Póvoa de Varzim, ha tambem um sitio chamado *S. José de Ribamar*. Fica mesmo na praia dos banhos. O povo da villa, com esmolos suas, e com as sollicitadas aos banhistas,

principiou em 1876 a construir aqui uma grande capella, dedicada á sagrada familia JESUS MARIA JOSÉ.

Já n'ella se diz missa (1878) e já tem altar-mór e dois lateraes. Ainda anda em obras.

RIBA-PAIVA — Douro e Beira-Alta — dava-se em geral o nome de *Riba-Paiva*, ao territorio das duas margens do rio Paiva, que divide a provincia do Douro da Beira-Alta; mas em especial á freguezia de Santa Maria de Sardoura, que hoje está dividida em duas—Santa Maria, e S. Martinho—ambas no concelho do Castello de Paiva.

A freguezia de Sardoura, é uma das mais antigas de Portugal, e que já existia em 989, pois n'esse anno, fez Vimarêdo, abade do mosteiro duplex, de S. Miguel de Riba-Paiva, proximo a Sardoura, *escambo* (troca) de uma propriedade por outra, a certo particular, *con consensum fratribus et sororibus nostris*. N'este escambo assignaram, com o titulo de *Deo-Vôdas* (devotas) Ermilli Etualla, e Mara: e com o titulo de *sorores*, Aetina, Martina, Egila, Tederona, Iquila, e Amedrudia. (Doc. do real mosteiro d'Arouca.)

Este mosteiro de S. Miguel era da ordem benedictina.

Tambem no archivo do mesmo real mosteiro, se acha a doação da ermida de *S. João da Foz* (que depois foi do mosteiro de Santo Thyrsó), feita por D. Afonso Henriques, em 1145, ao mosteiro de S. Miguel de Riba-Paiva. Vide *Rem*.

Já ha mais de 400 annos que não existe o mosteiro de S. Miguel de Riba-Paiva, nem d'elle resta o minimo vestigio, nem mesmo tradição, nem se sabe o sitio exacto em que estava fundado. Perguntei por isto a varias pessoas das mais velhas d'estes sitios, mas nada me souberam dizer. Só consta da sua existencia, pelos documentos do cartorio das freiras d'Arouca.

Sabe-se apenas que era perto de *Villa-Real* (a actual freguezia de Real, do concelho de Paiva) *territorium Enegia, subtus mons Serra-Sicca, discurrntem rivulo Sardoura*.

As duas freguezias de Sardoura, são com effeito nas margens do rio do seu nome, e

sobre a margem esquerda do Douro, onde desagüa—pouco acima de Linhares—o rio Sardoura, que apenas merece o nome de ribeiro.

RIBA-PENHÃO—freguezia de Traz-os-Montes, concelho de Sabrosa, comarca e districto administrativo de Villa Real, arcebisado de Braga, d'onde dista 100 kilometros, ao N. E., 365 ao norte de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 152.

Oraço S. Lourenço, martyr.

A mesa archiepiscopal de Braga apresentava o reitor, que tinha 100\$000 réis de renda.

Esta freguezia pertenceu ao extinto concelho de Villar de Maçada.

RIBAS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 50 kilometros ao N.E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757, tinha 195 fogos.

Oraço, o Salvador.

Arcebisado e districto administrativo de Braga.

A mitra primacial apresentava o reitor, que tinha 160\$000 réis de rendimento.

É terra fertil: muito gado, caça, e peixe do Tâmega e de alguns ribeiros.

Houve n'esta freguezia um mosteiro de conegos regnantes de Santo Agostinho (cruzes), fundado por D. João Peculiar, arcebispo de Braga.

Principiaram as obras do mosteiro, em 1153, e, em 1160, tomou posse d'elle, o seu primeiro prior, D. Mendo, e seus frades.

Este D. Mendo foi sepultado na claustra, em uma arca de pedra, mettida na parede. Tem uma inscripção latina, que traduzida, diz — *«Aqui jaz D. Mendo, o 1.º prior que foi d'este mosteiro, o qual nunca deu um unico passo que não fosse em serviço de Deus. Falleceu a 2 de outubro da era de 1208. (1170 de J. C.)»*

Em 1566 passou o mosteiro a poder de commendatarios, e o cardeal D. Henrique (depois rei) o uniu para sempre ás commendas de Christo.

A egreja do mosteiro é a matriz da freguezia, e parte do mosteiro é a residencia do parochio, o resto foi demolido.

RIBAS—aldeia, Douro, freguezia, concelho e proximo á villa de Ílhavo, comarca, bispado, districto e 5 kilometros ao S. O. de Aveiro.

É um lugar fertil e bonito, e tem uma capella dedicada a Nossa Senhora do Rosario, á qual se faz annualmente uma grande festa, havendo arraial muito concorrido.

Ribas é tambem appellido nobre em Portugal, cuja familia veio de Hespanha, que o tomou da villa de Ribas, junto á cidade de Ledesma, no reino de Leão. É antigo, porque já na batalha das Navas de Tolosa (1212) se achou com elle Salvador Gracia de Ribas, a quem D. Affonso IX armou cavalleiro. Consta que passaram a Portugal alguns individuos d'esta familia, que deram o seu appellido a uma aldeia da comarca de Guimarães.

Trazem por armas em campo de ouro, cruz azul, floreada; orla azul, carregada de sete flores de liz, de ouro. Elmo de aço, aberto, e por timbre uma das flores de liz das armas.

RIBA-TUA—freguezia, Traz-os-Montes. Vide *Mamede de Riba-Tua* (S.)

RIBA-VISELLA—duas freguezias d'este nome, na provincia do Minho.

Vide *Visella*.

RIBEIRA—freguezia, Minho, concelho de Terras de Bouro, comarca de Villa Verde.

Esta freguezia já está em *Matheus da Ribeira* (S.)

RIBEIRA. Vide *Iria da Ribeira* (Santa).

Esta freguezia é a da Ribeira de Santa-rem. Vide esta palavra.

RIBEIRA (Nossa Senhora da). Sanctuario junto ao lugar de Torrozello, na freguezia de Folhadosa, comarca e concelho de Cêa.

Está situado em um delicioso campo, proximo ao rio Alva, que lhe passa junto á egreja.

A imagem da padroeira appareceu a um pastor, surdo-mudo de nascimento, que desde então adquiriu o uso dos dois sentidos que lhe faltavam.

Este pastor era natural da Villa de Lourosa, e para lá levou a santa imagem; mas esta fugiu para o sitio onde tinha sido achada, que era o ôco de um sobreiro. Construiu-

lhe então o povo uma pequena e tosca eremida: porém; como fosse crescendo a devoção à Senhora, se lhe construiu uma vasta e boa capella, tendo contiguas umas casas para residência de dois eremitães, e com uma boa cerca para logradouro dos mesmos.

Este sanctuario fica perto das villas de Cêa e Bobadella.

RIBEIRA — appellido nobre d'este reino, cuja familia veiu de Hespanha, e tinha o seu solar na Galliza. Passou a Portugal, no reinado de D. Manuel, que o trouxe Ruy Dias da Ribeira. Este fidalgo foi alcaide-mór da villa da Amieira, na comarca da Certan, concelho de Oleiros, no Alemtejo.

Foi seu filho, Damião Dias da Ribeira, escrivão da fazenda de D. João III, que lhe deu brazão d'armas, na cidade de Evora, no 1.º de abril de 1526, composto do modo seguinte: — Em campo azul, um leopardo de prata, passante, armado de ouro: chefe de ouro, carregado de trez estrellas, de purpura, de cinco pontas. Timbre, o leopardo do escudo, com uma das estrellas na espadua.

Os marquezes de Montemór-o-Velho, descendiam d'estes Ribeiras.

RIBEIRA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros ao O. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 250.

Orago S. João Baptista.

Arcebisado de Braga, districto de Viana.

O morgado dos Pereiras, de Mazarefes, apresentava o abbade, que tinha 900\$000 réis de rendimento annual.

É terra muito fertil em todos os fructos do paiz, e cria muito gado que exporta.

Houve aqui um mosteiro de monges benitos, muito antigo, que passou a abbadia secular, do couto de Paradella, pertencente á casa dos Azevedos.

No lugar de Fonte-Coberta, d'esta freguezia, é que existiu o mosteiro. Ainda alli existe a bonita e grande capella de *Nossa Senhora da Abbadia* (assim chamada em memoria do mosteiro), á qual se faz uma grande festa, no dia 15 de agosto de cada anno, e sempre concorridissima.

Em 985, reinando em Leão, D. Bermudo II, doou a D. Tello e sua mulher, D. Munia, os coutos de Mazarefes, Paradella, Crasto, Casaes de Freiriz, e Gimieira. Como não tiveram filhos, doaram os ditos coutos e o padroado d'esta egreja, e da de Mazarefes, ao mosteiro de S. Paio-Ante Altares, em Compostella, na Galliza.

Em 1574, o nosso rei D. Fernando, tirou esta doação ao D. abbade, por ter tomado o partido de D. Henrique II, de Castella, e emprazou tudo a Martim Mendes de Berrêdo, casado com D. Maria Pereira, filha de Ruy Pereira, senhor da Feira. D'este matrimonio não houve filhos, e ficando viuva D. Maria Pereira, e senhora dos coutos, os vendeu com tudo quanto lhes pertencia, ao seu parente, Diogo Pereira, para fundar o mosteiro de Jesus, em Aveiro.

Nos coutos, tinham a quarta parte de tudo, incluindo lenha e tojo: ninguem podia levantar casa de sobrado, sem licença dos senhores do couto.

No monte de Santa Catharina, d'esta freguezia, ha vestigios de povoação ou fortaleza muito antigas.

RIBEIRA. — Vide as trez freguezias de *S. João da Ribeira*, que estão na 1.ª col. da pag. 447, do 3.º vol.

RIBEIRA-BRANCA—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Novas, 120 kilometros ao N. E. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757, tinha 150 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Patriarchado de Lisboa.

Districto administrativo de Santarem.

O prior da freguezia de S. Pedro, de Torres Novas, apresentava o cura, que tinha 60 alqueires de trigo e 25 almudes de vinho.

É terra fertil.

RIBEIRA D'AGODIM — freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 6 kilometros de Leiria, 155 ao N. E. de Lisboa.

Tinha em 1757, 313 fogos.

Orago Nossa Senhora dos Milagres.

É actual freguezia dos *Milagres*, que fica descrita a pag. 220, col. 2.ª, do 5.º vol.

RIBEIRA DE ALHARIZ—Vide *Alhariz*.

RIBEIRA DE ALIJÓ — aldeia, Traz-os-

Montes, comarca, concelho e districto de Villa Real, no arcebisado de Braga.

Pertence á freguezia de Alijó.

Em 21 de novembro de 1867 foi feito visconde da Ribeira d'Alijó, o sr. Joaquim Pinto de Magalhães. Em 30 de abril de 1874 foi feito visconde do mesmo titulo, o sr. Antonio Julio de Castro Pinto de Magalhães, que falleceu em 5 de dezembro de 1875.

Em 16 de novembro de 1876, foi feito visconde do mesmo titulo, o sr. Roberto Augusto Pinto de Magalhães.

RIBEIRA-DE-BOI—Vide *Rapoila do Cóa*.

RIBEIRA-DE-COZELHAS — Sitio formosissimo, proximo ao Mondego. Vide *Coimbra e Mondego*.

Ha aqui uma optima fabrica de sabão, da qual são proprietarios os srs. José Duarte Ariosa Junior, e Joaquim Maria de Almeida. Incendiou-se em maio de 1876, mas foi logo reconstruida a parte que ardeu.

RIBEIRA-DE-FORNOS—aldeia, Beira-Baixa, freguezia de Penajoia, comarca, concelho e bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

É uma veiga muito fertil, e que produz os fructos muito temporãos.

Ha aqui varias quintas, sendo a principal do sr. D. Joaquim de Azevedo Mello e Faro, da nobilissima casa do *Soenga*.

RIBEIRA-DE-FRADES—Vide *Nazareth*.

RIBEIRA-DE-FRÁGUAS—freguezia, Douro, concelho de Albergaria-Velha, comarca de Agueda (foi do concelho do Pinheiro da Bem-Posta, comarca de Estarreja), 60 kilometros ao N. de Coimbra, 270 ao N. de Lisboa, 210 fogos. Tinha, em 1757, 180 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Esta freguezia está situada 1:500 metros a E. da margem esquerda do Caima, e 9 a N. E. de Albergaria-Velha.

São n'esta freguezia as famosas minas do *Palhal* e de *Telhadella*.

As do Palhal foram descobertas por uns inglezes, em 1744.

Ha n'ellas vestigios de industria metallurgica, do tempo dos mouros, segundo a tradição.

Em 1769, uma grande cheia do rio Caima, as inundou, pelo que foram abandonadas.

Em 1776, foi construida a ponte de pedra da aldeia chamada *Ponte do Palhal*, que fica junto ás minas, e liga as duas margens do Caima.

José Ferreira Pinto Basto, da Vista Alegre, obteve os direitos de concessionario d'estas minas, em 3 de maio de 1859, e as passou á *Lusitanian Mining Company* (Companhia Lusitana de Mineração).

Produzem cobre, galena de chumbo, blenda, nickel e cobalto. Tambem produzem alguma prata, mas em diminuta quantidade.

O poço mestre, *Taylor's shaft*, é o mais fundo de Portugal, e provavelmente de toda a peninsula, pois tem 400 metros de profundidade. As galerias tem já uma extensão de quasi 13 kilometros.

Ha junto ás minas, casas de habitação, officinas para preparação e serragem de madeiras, casas para deposito de machinas, e outros edificios que transformaram um deserto em formosa povoação.

Consta que os exploradores do seculo passado, sómente cuidavam em extrahir minério de prata.

As minas de *Telhadella*, ou *Talhadella*, tambem chamadas das *Voltas* e *Longas*, foram concedidas em 2 de abril de 1861, a Hermann Lourenço Fewerheerd.

Principiou a sua exploração em 1866, pela *Companhia de mineração de Talhadella*, á qual a vendeu o concessionario.

O capital social d'esta companhia é de 100 contos de réis.

Produzem cobre e alguma prata. Diz-se que tambem produzem algum ouro.

Nos sitios da *Matta de Santo Antonio* e do *Carvalho Cerquinho*, d'esta freguezia, ha tambem minas de ferro, e talvez que em tempos remotos, nas margens do Caima, ou nas suas proximidades, houvesse algum estabelecimento de fundição de ferro, e que d'ahi prôvenha á freguezia o nome de *Fráguas*.

Em junho de 1877, foi concedida a mina de ferro, do *Valle de Sobreira de Cima* e do *Valle da Figueira*, por tempo ilimitado, aos

srs. Francisco Ricardo Pereira Negrão e João Fortunato José de Almeida.

No lugar de Talhadella, ha uma bonita ermida, dedicada a Santa Anna, á qual se faz uma grande festa no 1.º domingo depois do dia 25 de julho.

A seita protestante, tem feito alguns preselytos n'esta freguezia, protegida por os inglezes empregados nas minas, e apezar do disposto nos estatutos das mesmas.

Por differentes vezes, e com o maior desaforo, aqui teem prégado as heresias presbyterianas, um padre inglez, e o tristemente celebre apostata, padre Guilherme Dias, de Mezão-Frio.

Os estatutos, pelos quaes se rege o estabelecimento mineiro do Palhal, prohibem expressamente, que os seus empregados insultem a religião do estado, ou préguem doutrinas contrarias á mesma religião; e isto está em harmonia com o disposto nos artigos 130.º e seguintes do *Codigo Criminal Portuguez*.

O mesmo Codigo, no artigo 137.º, diz que, se o prégador fôr estrangeiro, será expulso do reino, e que—«Se algum portuguez, professando a religião do reino, apostatar ou renunciar publicamente, será condemnado á perda dos direitos politicos: E SE FÔR CLE-RIGO DE ORDENS SACRAS, SERA EXPULSO PARA SEMPRE DO REINO.»

Custa a crer, como as auctoridades d'estes sitios tenham consentido em semelhante desprezo das leis vigentes.

RIBEIRA-DE-LITEM—Vide *Litem*.

RIBEIRA-DE-NIZA—freguezia, Alemtejo, concelho, comarca, districto, bispado e 12 kilometros de Portalegre, 180 ao S. E. de Lisboa, 250 fogos. Em 1757 tinha 167 fogos. Orago Nossa Senhora da Esperança.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo de rendimento.

É terra fertil.

Existiu aqui o antiquissimo mosteiro da *Provença* (Providencia) de Valle de Flores, que foi de monges beneditinos, do qual apenas resta a tradição no povo, e a memoria nas chronicas da ordem. (*Thebaida Portugueza*, por frei Manuel de S. Caetano Damazio. tom. 2.º, pag. 369.)

Iria Gonçalves do Carvalho, mãe do grande condestavel, D. Nuno Alves Pereira, deu a quinta chamada de frei Alvaro, e outras propriedades, a este mosteiro.

RIBEIRA-DO-OLIVAL—Vide o 2.º *Olival*, de pag. 251, do 6.º vol.

RIBEIRA-DO-OLIVAL—aldeia, Extremadura, na freguezia e 6 kilometros de Ourem, concelho de Villa Nova de Ourem.

É uma bonita aldeia, e muito bem situada.

Tem uma sumptuosa capella, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, fundada por Diogo da Praça.

É um templo espaçoso e de boa architectura, tendo as paredes interiores revestidas de bellos azulejos.

A capella-mór é apainelada, em quadros, tendo em cada um, os passos da vida de Nossa Senhora, pintados a oleo.

A imagem da padroeira, é de pedra, de 1 metro de alto, e tanto a Senhora, como o Menino Jesus, são de uma esculptura perfeitissima.

Disse-se a primeira missa em 1560.

Varios devotos deram á Senhora bastantes fóros e algumas fazendas, para com o seu rendimento occorrerem ás despezas da fábrica.

O mesmo Diogo da Praça, fundou junto á capella, um hospital ou albergaria, para peregrinos, doando-lhe para a sua sustentação, tudo quanto possuia; porém, com o decurso do tempo, se foram perdendo (ou roubando) as propriedades, até se perderem totalmente.

A igreja e suas dependencias passaram depois para o padroado da casa de Bragança, e até 1834 era o rei que apresentava o eremita.

RIBEIRA-DE-PALHEIROS — aldeia, Extremadura, freguezia de S. Lourenço dos Francos, ou Myragaia, concelho da Lourinhan, comarca de Torres Vedras.

Ha n'este lugar uma capella dedicada a Nossa Senhora da Piedade, de fundação muito antiga.

Os moradores da Lourinhan, quando ha falta de chuvas, levam a imagem da Senhora, em procissão, para a igreja matriz da

villa, e lhe fazem uma novena, para que a Senhora os favoreça nas suas calamidades.

Também no domingo da Paschoella, hia antigamente a irmandade da Misericórdia, da Lourinhan, buscar a Senhora á sua ermida e a levavam em procissão para a egreja parochial, fazendo-lhe uma grande festa, a que assistiam todas as auctoridades da villa.

A festa principal se fez primeiramente a 5 de agosto (dia de Nossa Senhora das Neves), mas depois se mudou para o dia 25 de julho. Era sempre concorridissima.

RIBEIRA-DE-PENA — villa, Traz-os-Montes, cabeça do concelho do seu nome, na comarca de Villa-Pouca de Aguiar, 64 kilometros ao N. E. de Braga, 445 ao N. de Lisboa, 860 fogos, em duas freguezias (Santa Marinha com 220 e o Salvador com 640).

Arcebispoado de Braga.

Districto administrativo de Villa Real.

Em 1757, a freguezia de Santa Marinha tinha 120 fogos, e o reitor da freguezia de S. Thiago de Soutello de Aguiar, apresentava o vigario, que tinha 10\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

A freguezia do Salvador, em 1757, tinha 336 fogos, e a mitra apresentava o reitor, que tinha 28\$000 réis de rendimento.

O concelho é composto de 6 freguezias, que são—Além-Tâmega, Alvadia, Cerva, Lições, e as duas de Ribeira de Pena.

Nunca teve foral velho ou novo.

Foi aqui o solar da antiquissima e nobre familia dos *Ribeiras*, de *Riba-Tâmega*, d'onde procedia a célebre e formosissima D. Maria Paes Ribeira (a *Ribeirinha*) amante de D. Sancho I.

Para este appellido, vide *Amieira*, villa do Alemtejo, *Cantanhede* e *Ribeira*, appellido nobre em Portugal.

Na freguezia do Salvador está a quinta da Olaria, que foi vinculada, e era de Balthazar Pereira da Silva; o morgado do Buzeiro, que foi de Francisco Leitão de Almeida; a quinta do Temporão, que foi de Ambrozio Gonçalves Penha; a quinta do Picanyol, de Francisco Pacheco de Andrade; e a quinta de Freúmes, de João de Valladares Vieira.

N'esta freguezia do Salvador se faz todos os annos, a 15 de agosto, uma grande festa a Nossa Senhora das Angustias, em despique á de Nossa Senhora da Guia, que se faz na freguezia de Santa Marinha, e que também é sumptuosa.

Este despique tem por vezes sido causa de grandes desordens.

Em 19 de fevereiro de 1851, foi feito 1.º barão de Ribeira-de-Pena, Francisco Xavier de Andrade e Almeida, já fallecido; e, em 27 de dezembro de 1867, foi feito barão do mesmo titulo, seu filho, o sr. Francisco Xavier de Andrade Valladares Aguiar.

Em 8 de julho de 1874, falleceu na sua casa de Santa Marinha, D. Maria Angelica Valladares, 1.ª baroneza de Ribeira-de-Pena, viuva do 1.º barão, e mãe do actual. Tinha nascido em 1807, e era filha de Manuel Thimotheo de Valladares Sousa Martins, e de D. Catharina Pacheco Valladares, da antiga e nobilissima casa da Senra de Baixo, d'este concelho.

RIBEIRA-DE-PERNES—freguezia, Extremadura, concelho, comarca e districto administrativo de Santarem, no patriarchado de Lisboa, d'onde dista 100 kilometros, ao N. E.

Em 1757, tinha 68 fogos. O seu orago é a Santa Cruz.

O vigario de Cazével apresentava o cura, que tinha 60 alqueires de trigo e 15\$000 réis em dinheiro.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Cazével. Vide esta palavra.

RIBEIRA - DOS - CARINHOS — freguezia, Beira-Baixa, comarca, concelho, districto administrativo e bispado da Guarda, 100 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Não pude obter mais informações com respeito a esta freguezia.

RIBEIRA-DO-OURO—hoje **OURO**—povoação situada sobre a direita do rio Douro, na freguezia de Lordello do Ouro, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 3 kilometros ao O. do Porto, na provincia do Douro.

Foi antigamente do concelho denominado *Terra da Maia*.

A Terra da Maia, comprehendia antigamente todo o territorio que estanceava entre os rios Douro e Lima, e depois se circumscreveu ao que ficava entre o Douro e o Ave. É a esta região que os romanos denominavam cidade de Palancia, e depois os christãos, *Terra de Santa Maria*¹.

N'esta povoação está a capella de Nossa Senhora da Ajuda, construida, segundo alguns escriptores, no principio da nossa monarchia; mas o templo actual não revela tão grande antiguidade, attenta a perfeição da sua architectura, e provavelmente é reconstrucção da primitiva. (Vidê adiante). Tem capella-mór, com seu altar, e dois lateraes no corpo da egreja. Tem um bom côro, e um magestoso alpendre, ou átrio, sustentado por columnas de pedra.

No altar do lado do Evangelho, se vê uma perfeitissima imagem de Jesus Christo Crucificado, objecto de grande devoção para os povos d'estes sitios. Consta que esta imagem foi trazida para Portugal pelos catholicos, fugidos á perseguição do hereje Henrique VIII.

Segundo a lenda, a imagem da padroeira appareceu em sonhos, a uma mulher casada, por nome Catharina Fernandes, ordenando-lhe que fosse a uma fonte, que fica junto da ermida, e que alli acharia a imagem da Senhora.

Esta mulher sahio de Myragaia, onde morava, e dirigindo-se á indicada fonte, em companhia de Pedro, seu marido, viram uma pomba esvoaçando sobre um silvado, e

entre elle a imagem da Santissima Virgem, que trouxeram para sua casa.

Trataram logo de construir um templo á Senhora, proximo ao logar do seu apparecimento; e como não tivessem dinheiro, venderam uma morada de casas que tinham no Porto, para as despezas da obra, dando á imagem o titulo de Nossa Senhora do Ó, por ser achada no dia da sua Espectação.

Continúa a lenda dizendo, que a santa imagem fugiu varias vezes para o silvado onde tinha sido descoberta, o que muito affligia os devotos consortes.

N'esta conjunctura viram entrar pela barra, nove embarcações inglezas.

As oito primeiras passaram o sitio da Ribeira do Ouro, sem obstaculo, porém a nona, alli parou, sem que podesse passar adiante.

Este navio trazia a imagem referida, de Christo crucificado, e os inglezes a foram collocar na ermida da Senhora, e assim conseguiram que o navio seguisse a sua viagem e que a imagem da Senhora não tornasse a fugir para o silvado¹.

A imagem que os inglezes trouxeram, tinha invocação de Nosso Senhor da Ajuda e por isso os devotos mudaram tambem a invocação da padroeira, em Nossa Senhora da Ajuda; mas a sua festa principal foi ainda por muito tempo, no dia de Nossa Senhora do Ó, a 18 de dezembro.

Além d'esta festa, os mórdomos que servem a Senhora lhe fazem outra festá na dozinga infra oitava da sua Natividade, em setembro. Teve (e não sei se ainda tem) um ermitão que cuidava no aceio e limpeza do templo.

Tem uma irmandade, á qual o Papa Julio III, por bulla de 1540, concedeu muitas

¹ Todo o territorio das immediações da cidade do Porto, tanto ao N. como ao S., que os christãos resgataram do poder dos mouros, nos seculos x e xi, foi chamado *Terra de Santa Maria*. Depois, só se ficou dando esta denominação ás terras que ficavam ao S. do rio, e ás quaes se chamou depois *Terra da Feira* (107 freguezias). Ás do N., se deu então o nome de *Terra da Maia*. Esta circumscripção ainda em 1834 comprehendia 44 freguezias, que foram distribuidas pelas *varas* do Porto, e comarcas de Villa do Conde e Santo Thyrsó.

¹ Aqui a lenda commette um anachronismo dos seus 500 annos, ou então a capella não tem tão grande antiguidade, e os seus fundadores viveram no seculo XVII (que foi quando Henrique VIII, de Inglaterra, se declarou hereje e fóra da obediencia do Papa) e não nos primeiros seculos da monarchia.

É certo, porém, que a imagem de Jesus Christo crucificado, é mais moderna, na capella, do que a da Senhora.

graças e indulgencias, não só para os irmãos, mas também a todos os fieis que visitarem a casa da Senhora, no dia das suas festividades; e esta bulla foi confirmada e ampliada pelo bispo do Porto, D. Thomaz de Almeida.

RIBEIRA DE SABROSA—logar, Traz-os-Montes, na freguezia de Sabrosa, concelho, comarca, districto administrativo, e 5 kilometros de Villa-Real, arcebispoado e 105 kilometros ao N.E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, proximo das margens do rio Corgo, e d'uma quinta dos Pizarros. (Tem uma capella redonda, muito antiga.

Em 30 de outubro de 1541, deu o rei D. João III esta quitta, com o titulo de senhorio, a um ascendente dos Pizarros. Este senhorio foi instituido em morgado, no anno de 1598.

Em 22 de setembro de 1835, foi feito 1.º (e unico—até hoje) barão da Ribeira de Sabrosa), o distinctissimo e honradissimo militar, Rodrigo Pinto Pizarro Pimentel de Almeida Carvalhaes, 8.º morgado do mesmo titulo, 9.º senhor de Monte de Calvos e Soutellinho do Mezio; commendador da ordem da Conceição, brigadeiro do exercito (general de brigada, como hoje se diz), commandante interino da 5.ª divisão militar, administrador (o mesmo que governador civil) do districto de Bragança, e deputado ás côrtes, em 1836 e 1837.

Nasceu na freguezia de Villar de Maçada, em 30 de março de 1788, e falleceu a 8 de março de 1844, sem deixar descendentes.

Era filho de Francisco Pinto de Almeida Carvalhaes, 8.º senhor de Monte de Calvos e Soutellinho do Mezio (no concelho de Villa Pouca d'Aguiar), 7.º morgado da Ribeira de Sabrosa; casado com D. Antonia Mauricia da Nóbrega Pizarro, filha de Luiz Alvares da Nóbrega Cão e Aboim, morgado da Ribeira de Cabril, e de D. Luiza Ignacia Xavier Taveira de Magalhães Pizarro.

Tiveram os paes do 1.º barão da Ribeira de Sabrosa, 11 filhos, que são:

1.º, *Antonio*, que foi tenente coronel do regimento de cavallaria n.º 12 (dragões de Chaves), e que morreu em vida de seus paes.

2.º, *D. Maria do Lorêto*, que casou com seu tio materno, Sebastião Maria da Nóbrega Pizarro, morgado da Ribeira de Cabril, fidalgo da casa real e commendador da ordem de Christo.

3.º, *D. Anna Carlota*.

4.º, *Rodrigo*, o 1.º barão da Ribeira de Sabrosa.

5.º, *Gaspar Pizarro*, que foi desembargador.

6.º, *D. Rita Julia*.

7.º, *Francisco Pizarro*, cavalleiro da ordem de Christo, tenente do regimento de infantaria n.º 15, que morreu em 1828.

8.º, *Fernando Pizarro*.

9.º, *D. Luiza Carolina*.

10.º *José Maria*, bacharel em leis.

11.º, *D. Marianna Augusta*.

A residencia d'esta familia é em Villar de Maçada.

Vide *Sabrosa*, *Villar de Maçada*, e no 7.º vol., pag. 334, col. 2.ª, o ultimo periodo.

O barão da Ribeira de Sabrosa, era um dos homens mais honrados do seu tempo, não só do partido liberal, a que pertencia, mas também no partido realista não havia quem o excedesse em honradez, probidade, intrepidez e patriotismo.

RIBEIRA - DE - SANTAREM — formosa e grande povoação, Extremadura, sobre a margem direita de Tejo, na freguezia, concelho, comarca, districto administrativo e 4:500 metros ao S. E. de Santarem.

É aqui a 12.ª estação dos caminhos de ferro de norte e leste.

Foi antigamente freguezia, da invocação de Nossa Senhora da Encarnação do Alfange. É também em frente d'esta povoação, e no rio Tejo, o famoso *Padrão de Santa Iria*, e perto d'elle está uma ermida, dedicada á mesma santa.

Unida a esta ermida, está a capella de Nossa Senhora das Neves.

A ermida de Santa Iria, é muito antiga, mas não se sabe a data da sua fundação. Segundo a lenda, a imagem da santa, appareceu sobre um grande penedo que alli havia, e n'esse mesmo sitio se lhe edificou a ermida.

A capella de Nossa Senhora das Neves, é

muito mais moderna, e foi construida no meiado do xv secolo.

Antigamente, era famosa em toda a Extremadura, e em parte do Alemtejo, a festa que annualmente se fazia a Nossa Senhora das Neves, pela sua grandeza e sumptuosidade; havendo, além da festa da igreja e procissão, de grande magnificencia, comédias, danças, cavalhadas, corridas de touros e variadissimos fogos de artifício.

Esta devoção, porém, veio de tal modo a esfriar, que por fim, nem uma missa se cantava á Senhora, no seu dia.

Passados annos, alguns barqueiros, desejando festejar a Senhora, mas tendo para isso pouco dinheiro, resolveram vender, para ajuda das despesas da festa, uns *atabales* que pertenciam á Senhora.

Levaram-os a Lisboa, e os venderam a um fundidor de sinos, chamado João Rodrigues Palavra, natural de Santarem, a quem declararam qual era a applicação que queriam dar ao producto d'esta venda.

O fundidor pagou, sem dizer mais nada aos barqueiros, e com o maior segredo encomendou o sermão e grande quantidade de fogo, para o dia da Senhora.

Mandou fazer um riquissimo vestido e manto para Nossa Senhora; um frontal para o seu altar, e paramentos para os padres; tudo da maior magnificencia.

Comprou uma alampada de prata, dois castiças do mesmo metal, e mais quatro de bronze; esteiras para o pavimento da capella, e tudo o mais que julgou indispensavel para que a festa da Senhora fosse n'esse anno da maior sumptuosidade.

Uma sua filha tambem deu á Senhora, e lhe poz ao peito, uma joia de muito valor.

Na vespera da festa, se apresentou João Rodrigues, com toda a sua familia no bairro do Alfange (hoje Ribeira), sem que ninguém o esperasse, e levando tudo quanto havia comprado para offerecer á Senhora.

Teve esta grande solemnnidade logar no dia 5 de agosto de 1660.

João Rodrigues ficou servindo a Senhora, emquanto viveu, e á hora da morte, recomendou a seu filho, Lucas Rodrigues Palavra, que continuasse a servir a Senhora, e

fizesse a mesma recommendação aos seus descendentes, o que elle cumpriu.

Este mesmo Lucas Rodrigues, mandou ampliar a capella e dourar o seu altar.

A Senhora teve no principio bastantes rendas proprias, porém já a este tempo se tinham perdido, por desleixo, ou criminalidade, de um prior da freguezia.

No pavimento da capella, está uma sepultura com a inscripção seguinte :

AQUI JAZ O MUYTO HONRADO
VASCO PASSANHA D'ALMEIDA,
CAVALLEIRO FIDALGO, DA CASA
DELREY DOM AFFONSO Vº,
CONTADOR MÓR QUE FOY, DA
CASA DE CEUTA, E DE LOGARES DA-
LEM. ESTA CAPELLA MANDOU FA-
ZER. FALECEU EM MAYO DE 1511
ANNOS.

E na mesma sepultura estão gravadas as armas dos Almeidas, compostas da maneira seguinte—escudo esquartellado; no primeiro e quarto, seis bezantes de prata, em campo de púrpura, entre uma doble cruz de ouro, e bordadura do mesmo—e no segundo e terceiro, em campo de prata, as armas dos Braganças.

É representante principal d'esta nobilissima familia, o sr. marquez da Fronteira, D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto, feito marquez de Alorna, em 22 de outubro de 1839.

Alorna, é uma cidade e praça da India Oriental, que o marquez de Castello-Novo tomou ao rajah de Bonsoló. O rei, por isso, lhe mudou o titulo do marquezado para Bonsoló.

O 1.º marquez d'Alorna, foi D. Pedro de Almeida Portugal, feito por D. João V, em 9 de novembro de 1748.

O marquez de Castello-Novo, era tambem conde d'Assumar.

O 1.º conde d'Assumar, foi D. Francisco de Mello, feito por D. Filippe IV, em 30 de março de 1636.

Tambem aqui havia a capella de S. Bartholomeu, que, segundo a tradição, foi dos cavalleiros da ordem de S. Miguel d'Ala, instituida por D. Affonso Henriques, em memoria de tomar Santarem em dia de S. Miguel.

RIBEIRA DE SERNADELLA — pequeno rio, Beira-Baixa. — Nasce na serra de Santa Quiteria, e recebendo alguns regatos, desagúa no rio Alva, depois de um curso de 5 kilometros.

RIBEIRA DE SOAZ — titulo legal de um antigo concelho do Minho, ao pé da serra do Gerez, e suprimido ha muitos annos.

Era da comarca da Povoia de Lanhoso.

O rei D. Manuel, lhe deu foral, em Lisboa, a 16 de julho de 1515. (*Livro dos foraes novos do Minho, fl. 26 v., col. 1.ª*)

Este foral serve para as terras seguintes :

Aventosa, Berrezal, Caniçada, Cova, Formellos, Fradellos, Freande, Parada de Bouro, Portella, Pousadella, Soengas e Ventosa.

É terra fertil em cereaes, vinho, azeite, castanha, fructas, mel, cera, gado, e grande quantidade de perdizes e coelhos.

Fica perto da raia da Galliza.

Vide *Caniçada e Soengas*.

RIBEIRA DE VIDE — aldeia, Alemtejo, freguezia, concelho e 6 kilometros ao N. da villa de Souzél, comarca da Fronteira, arcebispado de Evora, districto de Portalegre. Fica 5 kilometros a E. da villa de Aviz, e 6 a E. da villa do Carmo, 50 de Evora, e 120 ao S. E. de Lisboa.

É n'esta aldeia, a nascente de aguas mineraes, chamada *Fonte da Lagem*, no principio de um valle que fica na falda do monte da Lagem, e junto a uns rochedos de schisto, e á estrada que vae para o Ervedal.

Tem um poço, coberto de uma abobada de pedra tosca (do tal schisto).

A sua agua é clara, em tempo secco, e lactea quando chove. Não tem cheiro, e o seu sabor é levemente ácido, parecido com o de uma tenuissima dissolução de vitriolo em agua commun.

Não deixa sedimento nos sitios por onde passa, nem nas garrafas. Não tem porção alguma de ferro.

Diz-se que é remedio efficaz contra as lombrigas, em razão do gaz carbonico que contém, combinado com o carbonato.

RIBEIRADOURA ou **RIBEIRA-D'OURA** — valle, Traz-os-Montes, que dá o nome á freguezia d'Oura (6.º vol., pag. 311, col. 2.ª) e que o recebe do rio Oura, que aqui passa e desagúa na esquerda do rio Tâmega. O rio fica na extremidade d'este vasto e fertil valle, onde tambem estão as famosissimas aguas thermaes de *Vidago*.

Vidê esta palavra.

O vinho (verde) da Ribeiradoura, é um dos melhores do reino, na sua especie, e não inferior aos mais afamados vinhos verdes do Alto e Baixo Douro.

RIBEIRÃO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 24 kilometros ao O. de Braga, 350 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757, tinha 118 fogos¹.

Orago S. Mamede.

Arcebisado e districto de Braga.

O papa, a mitra e os beneditinos de Santo Thyrsó, apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 120\$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

É n'esta freguezia a formosa ponte pensil da estrada do Porto para o norte, sobre o rio Ave, chamada *Ponte da Barca da Trófa*.

Na Trófa é a 4.ª estação do caminho de ferro do Minho.

RIBEIRADÃO — freguezia, Beira-Alta, concelho de Oliveira de Frades, comarca de Vouzella, 35 kilometros ao N. de Vizeu, 265 ao N. de Lisboa, 325 fogos.

Em 1757, tinha 215 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 40\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia chamava-se antigamente *Ribeira de Diu*, e era do concelho extincto de Lafões.

É povoação muito antiga, e, segundo a

¹ Tinha mais 78 fogos, que eram meieiros com Santa Leocadia de Fradellos : total 196.

tradição, já existia no tempo dos romanos, com o mesmo nome.

É terra muito fértil em todos os géneros agrícolas do nosso paiz, cria muito gado, de toda a qualidade, que exporta; é abundante em madeiras e lenhas. Nos seus montes ha bastante caça.

O reitor d'esta freguezia, apresentava os curas das freguezias do Couto d'Esteves e Cedrim, ou Sedrim.

Proximo ao logar de Souto-Maior, d'esta freguezia, está o antiquissimo templo de *Nossa Senhora Dolorosa*, á qual o povo chama *Nossa Senhora de Lourosa*. Foi em tempos antigos, matriz d'esta freguezia, e das de Cedrim, e da villa de Couto d'Esteves. Ainda conserva a pia baptismal, para memoria.

Está a egreja edificada no platô de um monte de bastante elevação, ao qual (platô) dão o nome de *Adro da Senhora*, e está cercado de altos rochedos, que a distancia parecem uma fortaleza. Ao E. e S., ha umas altas serras, e ao O. corre o rio Vouga, aqui bastante largo e profundo, e com uma barca de passagem: ao N. fica a serra do *Arestal*, vulgarmente chamada do *Restal*.

D'este platô se vêem as freguezias de Roccas, Junqueira, Arões, Manhouse, S. João da Serra, e Arcozello; além das serras já ditas e outras.

A egreja é toda construida de pedra de cantaria lavrada, e denota grande antiguidade, mas não se sabe quando nem por quem foi edificada.

Como estivesse em mau estado, foi reedificada, principiando as obras em 1685, e concluindo-se todos os reparos, em 1688.

Tem capella-mór, com seu altar, e dois lateraes.

No altar-mór se vêem dois quadros a óleo, attribuidos ao Grão Vasco. Um, representa *Nossa Senhora ao pé da Cruz*, e o outro, S. João, evangelista.

A imagem da padroeira, é de pedra de Ançã, de 1^m,40 de alto, cavada pelas costas. Apesar de muito antiga, é de boa esculptura, e, segundo a tradição, foi feita por um dos estatuarios do templo de Santa Cruz, de Coimbra.

A sua festa principal, é a 8 de setembro (Natividade de Nossa Senhora) e sempre concorridissima, não só por gente da freguezia, mas pela da circumvisinhas. Ha n'esse dia muitas missas, além da principal, procissão, sermão, fogo preso e do ar, etc.

Antigamente vinha aqui, no dia da festa da Senhora, uma procissão, da freguezia de Cedrim, trazendo-lhe valiosas offertas.

Ainda nos meados do seculo passado aqui vinham n'este dia, povos de Aveiro, Esgueira e outras terras da Beira-mar, e até da cidade do Porto.

Um devoto, da villa de Tentugal (a 100 kilometros do templo) lhe offereceu uma rica alampada de prata.

Em tempos antigos, e além da festa principal, havia aqui muitas pelo decurso do anno, e nos trez sabbados, antecedentes ao dia 8 de setembro, se faziam *alvoradas* (vesperas) á noite, com muitas danças, musicas, luminarias e outros festejos; mas, como n'estas occasiões sempre se praticavam algumas irreverencias, as prohibiu, em 1686, o abbade, Luiz de Sampaio.

Por occasião da fome geral que houve n'este reino, em 1684, em razão da praga de lagartos e gafanhotos que destruíram as plantas e arvoredos, o povo d'esta freguezia levou da egreja matriz, em solemne procissão, a imagem de Jesus Christo crucificado, á capella da Senhora Dolorosa, invocando o seu patrocínio para que o flagello acabasse. Foram ouvidos os seus rogos, e a praga desapareceu.

Em memoria d'este beneficio, o povo prometteu hir todos os annos, no primeiro domingo de março, á capella da Senhora, levando a imagem do Crucificado em procissão, ou clamor, como então se dizia.

O inverno de 1706, antecipando-se, com chuvas e tempestades, apanhou os fructos por colher, deitando-os por terra, e, em pouco tempo, apodreciam n'ella.

O povo recorreu de novo á Santissima Virgem Dolorosa, hindo-a visitar com a mesma imagem de Jesus Christo.

No dia seguinte, cessou o vento e a chuva, e os lavradores poderam fazer as suas vindimas e colheitas.

Em memoria d'este milagre, o povo fez voto de levar o mesmo Senhor Crucificado em procissão á capella da Senhora, em todos os domingos de outubro.

Hoje todas estas devoções teem decahido muito do seu antigo esplendor; porém a devoção á *Senhora de Lourosa* não se extinguiu ainda totalmente no coração dos povos d'estas terras.

RIBEIRA-VELHA — lugar, Beira-Alta, no extincto couto de S. Pedro das Aguias, que era dos religiosos da ordem de S. Bernardo, no bispado, e a 45 kilometros de Lamego, e hoje pertence á freguezia de Casaes, comarca e concelho de S. João da Pesqueira, no districto de Viseu.

Existe aqui a igreja de Nossa Senhora da Annunciação, vulgarmente denominada *Senhora da Ribeira-Velha*.

Foi em tempos antigos matriz das aldeias de Vallença do Douro, Serzedinho, Casaes e outras, e ainda conserva a pia baptismal.

É um templo de boas dimensões, com capella-mór e seu altar, além de dois lateraes, no corpo da igreja.

A festa principal d'esta Senhora, é a 25 de março, e antigamente se fazia aqui n'esse dia uma grande feira, á qual concorriam povos não só das visinhanças, mas até de terras muito distantes.

Havia então, além de outros divertimentos do tempo, lucta de gladiadores, nús da cintura para cima, e untados de azeite, como os athletas romanos, e, como estes, obtinham premio os vencedores.

Esta igreja, segundo a tradição, já existia no tempo dos godos, e os mouros deixaram n'ella fazer todos os officios divinos, mediante certo tributo.

Fica junto aos alcantilados montes de Luena, e de S. Pedro das Aguias, e a pouca distancia do rio Torto.

Vide *Casaes*, na col. 1.^a, pag. 141, do 2.^o vol.

RIBEIRA-VELHA — Vide *Lisboa*.

RIBEIRINHA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes. Foi supprimida ha muitos annos, e está annexa á freguezia de Valle de Janeiro, no mesmo concelho.

RIBEIRINHA—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Villa-Flor (foi do extincto concelho da Torre de Dona Chama), comarca de Mirandella, arcebispado de Braga, districto de Bragança.

Foi supprimida ha muitos annos, e está annexa á freguezia de Villas-Boas, no mesmo concelho.

RIBEIRO — aldeia, Beira-Alta, na freguezia de Penajoia, comarca, concelho e bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Viveu n'esta aldeia, no primeiro quartel d'este seculo, Antonio Correia de Magalhães, professor de latim, que, á força de palmatoadas e puchadellas de orelhas, ensinou muitos discipulos, pelo que houve n'esta freguezia, por esse tempo, um numero extraordinario de padres e frades.

RIBEIRO (quinta do)—Douro, na freguezia de S. Lourenço do Douro, comarca e concelho de Marco de Canavezes, bispado e districto do Porto, d'onde dista 40 kilometros a E. N. E.

Está esta quinta situada sobre a margem direita do rio Douro, e é o solar da antiga e nobre familia dos *Vieiras Cabraes*, pelo casamento de D. Brites Vieira, com Pedro Gonçalves Cabral, filho de D. Nicolau Martins Cabral, commendatario de Villa-Boa-do-Bispo, e irmão de Julio Geraldês, vassallo do rei D. Fernando I, ambos (os irmãos) sepultados em nobres mausoleus, na igreja de Villa-Boa-do-Bispo.

É hoje representante d'esta esclarecida familia, o sr. Carlos Leme Guedes, da quinta do Bairral, na extincta villa de Entre Ambos os Rios, freguezia de Santa Clara do Torrão, comarca e concelho de Penafiel, bispado, districto e 36 kilometros ao E. N. E. do Porto, sobre a direita dos rios Tamega e Douro.

Leme, é um appellido nobre em Portugal, e veiu de Flandres. Passou primeiro á Hespanha um membro d'esta familia, que fez seu assento na cidade de Burgos, na Castella-Velha, e d'ahi passou a Portugal, na pessoa de D. Martim Leme, no reinado de D. Affonso V, ao qual fez grandes servicos nas guerras da Africa. Em premio d'el-

les, o rei mandou reformar as suas antigas armas dos Lemes, que ficaram construídas do modo seguinte—em campo d'ouro, cinco merlétas negras, em aspa: élmô d' aço aberto, e por timbre, uma aspa d'ouro, e no centro, uma das merlétas do escudo.

Os descendentes de Manuel Leme, variaram o seu escudo, do modo seguinte — em campo de prata, tres merlétas¹ negras, em roquete: élmô d' aço aberto, e por timbre, uma aspa de prata, com uma das merlétas das armas, no centro.

Ainda outros Lemes usam, em vez de merlétas, cinco passaros pardos, sem pés (mas com bicos) em aspa. Elmo e timbre, como dos primeiros Lemes.

As armas dos Vieiras, são—cinco vieiras (conchas) d'ouro, realçadas de negro em campo de púrpura. (Vide *Sabugosa*, nos seus marquezes).

Em *S. Lourenço do Douro* direi mais alguma coisa sobre a família hoje representada pelo sr. Carlos Leme Guedes.

RIBEIRO DE FRADES—logar, Beira-Alta, na freguezia de Lourosa, concelho, comarca, districto administrativo, bispado, e 3 kilometros a E. de Viseu, e dentro do seu áro.

Além das capellas já mencionadas na ultima *Lourosa* (vol. 4.º, pag. 466, col. 1.ª, no fim), ha mais a seguinte:

Nossa Senhora do Ribeiro de Frades, edificada em uma muito antiga e nobre propriedade, chamada *Quinta dos Frades*, e proximo do ribeiro que deu o titulo á Senhora.

A capella denota grande antiguidade, mas não se sabe quando ou por quem foi construída.

A imagem da padroeira é tambem muito antiga, o que claramente demonstra a sua tosca esculptura.

Segundo a tradição, houve n'esta quinta um antiquissimo mosteiro de frades beneditinos, dedicado a Santa Clara, e a capella actual pertenceu a esse mosteiro, por

¹ Merlêta, é um movel da armaria, que representa um pequeno melro, de perfil. Em alguns brazões se vê sem pés nem bico.

isso ainda muitos lhe chamam capella de Santa Clara.

É certo que junto á ermida existem vestigios de um grande edificio, distinguindo-se ainda alicerces, pedaços de columnas e varias pedras lavradas, além de outros materiaes que os donos da quinta teem empregado em obras d'ella.

Junto á ermida existiu (e não sei se ainda existe) uma pedra de 2^m.40 de comprimento, cavada pela parte superior, em fórma de sepultura.

Alguns sustentam que o mosteiro não foi de frades beneditinos, mas de freiras franciscanas, das quaes foi matriarcha Santa Clara, visto que foi esta santa a padroeira do mosteiro; mas contra isto ha a ponderar, que a tradição diz que o mosteiro foi destruido pelos mouros, no seculo viii, e ainda então não existia a ordem franciscana; e, de mais a mais, o nome de *Quinta dos Frades*, que sempre teve a referida propriedade.

Já em 1716 se queixava frei Agostinho de Santa Maria, do grande descuido que tinha nos reparos da ermida, o seu padroeiro, que era então, Antonio Coelho de Campos.

Antigamente hia todos os annos, na ultima oitava do Espirito Santo, uma procissão, da egreja matriz, visitar a ermida da Senhora, levando todos os sacerdotes que havia na parochia, e grande concurso do povo.

Não tinha dia certo para a sua festa, era marcado pelos devotos.

RIBEIRO DE POMBEIRO — pequeno rio, Douro. Nasce na serra de Santa Quiteria, junto ao lugar do Salgueiral; passa junto a Pombeiro, e desagúa no rio Alva, no sitio chamado *Foz da Ribeira*. Cria barbos, bôgas e algumas trutas.

Na mesma serra de Santa Quiteria, nasce a ribeira de Sarnadella, a qual, depois de receber no seu percurso alguns regatos, morre tambem no Alva, com 5 kilometros de curso.

RIBEIROS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Fafe (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Guimarães), 30 kilometros ao N. E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757, tinha 108 fogos.

Orogo, Santa Maria.

Arcebispado e districto de Braga.

As religiosas do mosteiro de Santa Clara (franciscanas) de Guimarães, apresentavam o vigário, collado, que tinha 30\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fértil.

RIBOLHOS—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Castro Daire, 24 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 45 fogos.

Em 1757, tinha 27 fogos.

Orago, Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 60\$000 réis e o pé d'altar.

Teve antigamente foro de villa e foi couto; mas nunca teve foral, novo ou velho.

RICHOSE ou **ROCHOSO**—freguezia, Beira-Baixa, comarca, concelho, e 18 kilometros da Guarda, 340 ao E. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757, tinha 202 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O cabido da sé da Guarda apresentava o vigário, que tinha 80\$000 réis e o pé d'altar.

Segundo a tradição, o nome da aldeia de Richoso proveiu de um senhor d'ella muito demandista e turbulento, por isso cognominado o *Rixoso*. Conservou este nome (a povoação) até ao principio d'este seculo; mas desde então, o povo preferiu que a sua freguezia se denominasse *Rochoso*, e é como hoje se vê em documentos officiaes.

Junto á aldeia de Rochoso, mas já no districto da freguezia de Cerdeira, existe uma capella antiquissima, dedicada a *Nossa Senhora do Monte*.

A imagem da padroeira é notavel, por ser apenas um seixo rolado, de fórma oblonga, sem obra alguma d'arte, e cavado por um lado (onde lhe *fungiram* as costas) mas tambem obra da natureza.

A pedra é durissima, e n'ella adaptaram uma cabeça, braços e mãos, que tudo vesti-

ram, e assim construíram uma imagem da Santissima Virgem! Tem 1^m,40 de alto.

Apezar da imperfeição da sua esculptura, é objecto de muita devoção para os povos d'estes sitios, e lhe faziam antigamente, trez grandes festividades, havendo tambem em cada uma d'ellas uma boa feira, e todas muito concorridas. A 1.^a, era no dia de S. Bento (21 de março)—a 2.^a, a 15 de agosto, dia da Assumpção da Senhora—e a 3.^a, dia da sua Natividade, a 8 de setembro.

Tudo isto acabou.

Tinha um eremito, apresentado pelo parrocho de Cerdeira, para cuidar da conservação e asseio da ermida.

RICIÃO.—Vide *Recião*.

RICO-HOMEM—foi o titulo mais honorifico na nossa Peninsula, desde o tempo dos reis das Asturias.

Nas leis Affonsinas (parte 4.^a, tit. 25. leg. x), se diz — *Ricos omes, segundo costumbre de Espanha, son llamados los que en las otras tierras dicen Condes, o Barones*.

Eram os ricos-homens, mestres de campo, e generaes na guerra; e só elles podiam levantar gente d'armas e sustental-a, sem reconhecerem outra auctoridade senão a do rei, do qual haviam recebido o titulo, e os senhorios com que podessem sustental-o.

Eram do conselho do rei, e tinha grande peso o seu voto, tanto em cousas de paz, como nas da guerra.

Podiam ajudar, com seus vassallos, os reis de outra nação, quando a sua podia dispensar os seus serviços.

Só podiam hir á guerra, quando o monarcha fosse em pessoa.

Os seus vassallos gosavam os mais exorbitantes privilegios.

As mulheres dos ricos-homens, se chamavam *ricas-donas*, e logravam as preeminencias de condessas, e seus filhos eram infanções.

O *pendão* e a *caldeira*, eram o distinctivo dos ricos-homens, e por isso se denominavam *ricos-homens de pendão e caldeira*. Significava o pendão, que podiam levantar gente de guerra, e a caldeira, que a podiam sustentar e pagar-lhe.

Algumas vezes, quando o rei creava um

rico-homem, lhe dava logo o pendão e a caldeira, como insignias da sua auctoridade e preeminencia.

No seculo xv, se mudou o titulo de rico-mem, no de conde, visconde, ou barão.

RIGO—port. ant.—rijo, forte, duro, etc.

RIMAR—port. ant.—decente, honesto, etc.
— *Cá (porque) mais rimaria ao Fidalgo comprar 10 gibanetes pera quando cumprisse, que despende quanto háa em louçaynhas.* (Côrtes de Lisboa, de 1459.)

RIO-CABRÃO.—Vide *Cendufe*.

RIO-CALDO—freguezia, Minho, concelho de Terras de Bouro, comarca de Villa Verde (foi do concelho de Santa Martha de Bouro, comarca da Povia de Lanhoso), 2½ kilometros ao N. de Braga, 384 ao N. de Lisboa, 200 fogos. Em 1757, tinha 136 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebisado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abade, que tinha 560\$000 réis de rendimento annual.

Caldo, é portuguez antigo—significa *amarrello*.

Junto á povoação de Rio-Caldo, existiu, segundo alguns, a antiga cidade de *Obobriga*. (Vide esta palavra).

Tambem alguns dão a esta cidade morta, o nome de *Abobriga* ou *Abobrica*.

É certo que esta cidade era na Galliza, e pertenceu á Mancellaria de Braga. (Plinio, livro 4.º, cap. 20) mas alguns pretendem que fosse no lugar da actual Villa do Conde (Baudrand, *Lexicon geographico*.)

O *Agiologio Lusitano*, diz que existiu entre Lindoso e Manim, no sitio chamado *Calhas de Santa Eufemia*, junto á aldeia de Rio-Caldo.

Isaac Vassio, nas *Notas* ao livro 3.º, cap. 1.º, de Pomponio Mella, diz que *Abobrica* era na actual Corunha.

Segundo o latinorio de Mella, a que *Vossio* se atem, era com effeito no paiz dos artabros, hoje Corunha.

Eis a traducção :

•Nos Artabros está uma enseada, apertada na bôca, que recebe o mar, em dilatado ambito, e rodeia a cidade de Abobrica e as fozes de quatro rios.

Na inscripção da ponte de Chaves, que copiei no lugar competente, e que designa os povos que ajudaram á construcção d'esta obra, e que todos estanceavam a pouca distancia de Chaves, se designam os *aborigenes*, que eram os habitantes de Abobriga.

D. Jeronymo Contador de Argote (Mem. do arceb. de Braga, tom. 1.º, pag. 376) pretende que esta cidade existiu onde hoje se vê Ribadavia, povoação da Galliza, não muito distante de Chaves.

Talvez que houvesse duas cidades, uma chamada *Obobriga*, e outra *Abobriga*, e que isto seja a causa da divergencia de opiniões dos escriptores.

Seja como fôr, o que é certo, é que nem em Rio-Caldo, nem nas suas proximidades, ha vestigios de semelhante cidade.

Entre esta freguezia e a da Ventosa, e sobre o rio Cávado, havia uma ponte, cuja construcção primitiva se attribue aos romanos, para seguimento da *estrada da Geira*. Foi reconstruida no reinado de D. João V; mas, estando em mau estado, foi reedificada, desde os fundamentos, em 1874. Chama-se mesmo a ponte de Rio-Caldo.

Vide *Villar da Veiga*.

RIO-COBRAL—rio, Beira-Baixa, tambem chamado *Levada*. É uma derivação do rio Alva, junto á ermida de Nossa Senhora do Desterro, a par de S. Romão, no concelho de Cêa.

Tem 27 kilometros de curso; passando pelos concelhos de Cêa, Sandomil (extincto) e Oliveira do Hospital.

Deságua no rio Cêa, no *ponto dos Pisões*, já no extincto concelho do Ervedal (hoje de Oliveira do Hospital). Rega tambem as freguezias de Travanca e Lagares.

RIO-COVO—freguezia, Minho, comarca, concelho e 6 kilometros de Barcellos, 18 ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos. Em 1757, tinha 53 fogos.

Orago, Santa Eugenia.

Arcebisado e districto administrativo de Braga.

O reitor do mosteiro de conegos seculares, de S. João Evangelista (loyos) da cidade do Porto, apresentava o vigario, que tinha 250\$000 réis de rendimento.

É terra fértil. Muito gado e caça.
Foi do antigo julgado de Vermoim.

Em junho de 1874, cahiu sobre esta freguezia uma *tromba d'agua*, que causou prejuizos superiores a 3 contos de réis.

O rio Cávado, que aqui passa, cresceu de tal modo, que um moleiro morreu afogado, apesar de ter subido para cima do telhado do moinho!

Tambem morreu bastante gado afogado.

RIO-GOVO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 15 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757, tinha 280 fogos.

Orago, Santa Eulalia (antigamente dizia-se Santa Olaia.)

Arcebisado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 60\$000 réis e o pé d'altar.

Foi commenda dos templarios, e depois passou para a ordem de Christo.

Foi do antigo julgado de Vermoim.

Ha n'esta freguezia a capella de *Nossa Senhora das Aguas Santas*, titulo que lhe deram em razão de uma nascente de agua mineral que aqui ha, e que foi em tempo muito concorrida de pessoas que n'ella se vinham banhar, esperando achar remedio para as suas enfermidades.

Em tempos antigos, foram estas aguas ainda muito mais frequentadas, pois que, pelos annos de 1700, em uma excavação que se fez no sitio da nascente, se acharam soterrados varios tanques, proprios para n'elles se tomarem banhos.

Houve n'esta ermida uma confraria, toda composta de sacerdotes, instituida em tempos de que não ha memoria. Os seus estatutos foram reformados em 1644, e approvados pelo pontifice Urbano VIII.

Os irmãos lhe faziam a festa na 2.^a oitava da Paschoa, e era sempre muito concorrida.

RIO DE COUROS ou RIO DOS COUROS—freguezia, Extremadura, concelho de Villa Nova d'Ourem, comarca de Thomar (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho d'Ourem), 30 kilometros de Leiria, 150 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757, tinha 180 fogos.

Bispado de Leiria.

Districto administrativo de Santarem.

Orago, Nossa Senhora da Natividade.

O cabido da collegiada d'Ourem apresentava o cura, que tinha 20\$000 réis de rendimento e o pé d'altar.

Deu-se a esta freguezia o nome de Rio de Courcs, porque antigamente havia aqui muitos cortumes.

Foi annexa á freguezia de Freixianda; mas as offertas e oblações eram do extincto cabido (collegiada) d'Ourem.

Consta que existiu aqui uma cidade, ou grande povoação, cujo nome se ignora.

É certo que na egreja matriz se vêem algumas lapides romanas, cujas inscripções estão illegiveis, e com cujas pedras se construiu a egreja, que, antes de ser parochial, foi por muitos annos capella, dedicada a Nossa Senhora de Rio de Couros (ou *Rade-couros*, como antigamente se dizia) e que por fim se mudou para Nossa Senhora da Natividade, que é a actual padroeira.

Fez-se-lhe sempre a festa principal a 8 de setembro, e havia então uma boa feira, que ha muito tempo se não faz.

Em excavações que se teem feito nas visinhanças da egreja, se tem achado ossos de homens de grande estatura; craneos em proporção, ainda com dentes; cippos; aliterceres; pedaços de telhas, de 5 centimetros de espessura; e outros objectos, denotando todos grande antiguidade.

Na egreja existe uma arca de pedra com sua tampa. Segundo a lenda, era a prisão de um captivo christão d'esta terra, que a Senhora trouxe aqui na mesma arca, livrando-o do captiveiro.

Para evitarmos repetições, e para se comprehender bem este artigo, é preciso ver o ultimo periodo da col. 2.^a, pag. 324, do 6.^o volume.

RIODÁDES ou RIO D'ÁDENS—Outros dizem *Rio d'Aves*, mas não me conformo, visto que aos adens (patos) se chamava antigamente *ades*—freguezia, Beira-Alta, comarca, concelho, e 22 kilometros de S. João da Pesqueira (foi da comarca de Taboão, con-

celho de Trevões), 40 kilometros de Lamego, 10 de Moimenta da Beira e 320 ao N. de Lisboa, 215 fogos. Em 1757, tinha 150 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado de Lamego, e districto administrativo de Viseu.

O reitor de Paredes da Beira, apresentava o cura, que tinha 8,5000 réis de congrua e o pé d'altar. A congrua era paga pela Universidade.

Dava-se na apresentação dos curas d'esta freguezia uma singularidade digna de nota. Havia annos em que eram apresentados dois curas parochos, com eguaes honras, direitos, interesses e responsabilidade.

É reitoria desde 23 de janeiro de 1870, sendo em 1.º reitor, collado, o sr. padre Geminiano José Gomes, hoje abbade (tambem o 1.º) de S. Pedro de Páus.

É povoação muito antiga, e era solar de muitas familias illustres. Hoje, porém, só aqui reside a dos Azevedos, representada pelo sr. Alexandre de Azevedo Menezes Pimentel Botelho Sarmento.

A igreja matriz torna-se notavel pela sua pobreza e abandono. É talvez o templo parochial mais ordinario de Portugal! É muito antiga, pois do lado esquerdo da porta principal, na parte exterior, se vê a data de 1110, não se sabendo, se é a da sua fundação, se de alguma reconstrução. Se fôr a era de Cesar, como é provavel, é o anno de 1072 de J. C.

A povoação principal é compacta, e situada em logar ameno e com bonitas vistas, sendo o seu territorio muito fertil, por estar na margem direita do rio Távora. Vêem-se aqui arvores de prodigiosa grandeza, principalmente castanheiros, pereiras e marmelleiros.

Havia um freixo que media 5 metros de diametro no tronco: um rapaz, por brincadeira, o incendiou ha uns 10 ou 12 annos; era a maior arvore d'estes sitios.

A quinta do referido sr. Azevedo é notavel pela sua fertilidade: um só pé de trigo, deu em um anno 86 espigas, e outro pé de centeio 122!

Produz muito e bom vinho, azeite, linho, cereaes, legumes, fructas, etc.

Tem uma boa ponte de pedra, de um só arco, sobre o rio Távora, que liga esta freguezia com a de Sendim: é a mais alta que se vê sobre o Távora, nos 54 kilometros do seu curso.

No alto de um monte bastante elevado, está a capella de Nossa Senhora da Alegria, de muita antiguidade, e com formosas e dilatadas vistas.

Foi reparada, com as esmolas dos devotos, pedidas pelo reverendo parochio, em 1876.

A sua festa principal, é no dia da Ascensão de Nosso Senhor Jesus Christo, e é concorridissima, por ser a padroeira objecto de grande devoção para os povos d'esta freguezia e circumvisinhas.

Ha mercado em todos os 2.ºs domingos de cada mez, muito concorrido.

Ainda pelos annos de 1700 existiam aqui as seguintes familias de antiguidade e nobreza conhecida:

Guedes—cuja casa ainda existe, e mostra muita grandeza e antiguidade.

A ultima pessoa d'esta familia, foi a sr.ª D. Antonia, esposa do sr. Antonio Perfeito, de Cambres.

Leitões-Loureiros—hoje representados pelo sr. Antonio Velloso da Costa Aragão, do Minhocal.

Rebello—hoje representados pela sr.ª D. Maria Feliciano Rebello de Faria, esposa (em 2.ª nupcias) do sr. José de Lemos e Napoleões.

A familia dos *Pimentes Botelhos*, constitue hoje trez casas distinctas e muito illustres.

1.ª, a sr.ª D. Maria da Piedade Azevedo Menezes, viuva de Ayres de Sá Botelho.

2.ª, o sr. Alexandre de Azevedo Menezes Pimentel Botelho Sarmento (de quem já falei) casado com a sr.ª D. Anna Amelia Pinto de Mesquita e Vasconcellos.

3.ª, o sr. desembargador, Salvador de Souza Rebello.

Ainda aqui existe a familia de Antonio Ferreira da Silva Santos, representada por seu filho unico, o sr. José Joaquim Affonso Ferreira da Silva Santos, casado com a sr.ª D. Maria da Estrella Pinto Saraiva de Melrelles Falcão e Aragão.

No Távora ha varias azenhas de moer cereaes, e nas suas levadas se cria bastante e optimo peixe.

Antigamente tinha Riodâdes foro de villa, assim como Paredes da Beira, sua limitrophe, havendo em cada uma das freguezias egual numero de auctoridades, com poderes em tudo eguaes. Pertencia então á comarca de Trancoso.

Os dizimos d'esta freguezia pertenciam á universidade de Coimbra.

A parochia é formada unicamente pela povoação de Riodâdes, e é corrente ser mais antiga do que a monarchia portugueza.

Foi resgatada do poder dos mouros, bem como todas as mais povoações e territorios immediatos, pelos tantas vezes citados n'esta obra, D. Thedou e D. Rauzendo.

A egreja matriz está no centro da povoação; mas é tradição que a primitiva foi um templo que existiu no sitio chamado hoje o *Santo*, a uns 250 metros da povoação actual, e no qual ha uma ermida, dedicada ao Salvador, que se diz ser a capella-mór da antiga matriz; revela grande antiguidade.

Então a freguezia era formada por varias quintas e casaes dispersos, do que ainda existem vestigios nos sitios hoje denominados *Ferrarias*, *Parada*, *Carrolas*, *Maria Diz*, *Maria Vaqueira*, *Pae Fernandes* (talvez corrupção de Payo Fernandes) e *Maria Martins*.

Fica nos limites d'esta parochia, parte do célebre *Valle dos Mil* (vide *Paredes da Beira*) onde se feriu uma batalha, na qual os mouros ficaram mortos aos milhares.

Tambem no districto d'esta freguezia é o *Valle de Mós*, onde se encontram sepulturas abertas na rocha, o que demonstra ter sido um almocabar (cemiterio) mourisco; e tanto em *Carapito*, como em *Roborêdo*, que ficam ao N.E. e proximo do Valle de Mós, se vêem ruinas de antiquissimas fortalezas.

Ha n'esta freguezia uma nascente d'aguas férreas, que já foram muito concorridas; dorém o dono da propriedade em que ella

brotam, as inutilisa, misturando-as com outras, para irrigação.

Tem a parochia um cemiterio decente, com um bonito portão de ferro, feito em Adorigo, por o sr. Manoel Carlos Valente, artista de muito merecimento, e rico proprietario. É irmão do sr. Francisco Cardoso Valente, um dos mais acreditados negociantes da praça do Porto.

Proximo ao cemiterio parochial, ha um môrro chamado da *Atalaya*, que, segundo a tradição, foi uma almenâra dos lusitanos.

Esta freguezia, pela fertilidade do seu terreno, podia ser uma das mais ricas do concelho, mas é pobre por duas razões:

1.^a, porque os maiores proprietarios dos terrenos são de fóra da terra;

2.^a, pela falta absoluta de estradas. D'aqui á villa da Régua são apenas 30 kilometros, e o transporte de um carro de bois, custa para lá, 4\$500 réis, por que tem de hir a Moimenta da Beira e a Lamego, fazendo uma derrota de 55 kilometros!

Muitas das familias que tiveram os seus solares em Riodâdes, e que aqui não menciono, vão nas terras onde hoje residem.

RIO DE FÓRNOS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes (foi do concelho de Vinhaes, mas da comarca de Bragança), 70 kilometros de Miranda, 470 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Em 1757, tinha 35 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Espectação.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Paçô apresentava o cura, que tinha 6\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi supprimida no principio d'este seculo e está unida á de Valle de Janeiro, do mesmo concelho.

RIO DE GALINHAS — freguezia, Douro, comarca e concelho de Marco de Canavezes (foi da extinta comarca e concelho de Soalhães), 35 kilometros ao N.E. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757, tinha 65 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.
O reitor de Tuhias apresentava o cura, que tinha 8\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

RIO DE LOBA—freguezia, Beira-Alta, concelho, comarca, districto administrativo e bispado de Viseu, 43 kilometros de Lamego, 75 de Pinhel, 90 ao S.E. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 430 fogos.

Orago, S. Simão.

Não vem no *Port, Sacro e Prof.*, nem pude d'esta freguezia ter outra noticia, senão que é terra fertil, e que cria muito gado.

RIO DE MEL—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 48 kilometros de Viseu, 325 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1757, tinha 136 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O abbade da freguezia de Santa Maria, de Trancoso, apresentava o cura, que tinha 6\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pouco fertil e pobre.

RIO DE MOINHOS — freguezia, Alemtejo, comarca e 12 kilometros de Extremoz, concelho de Borba, 40 kilometros de Evora, 145 a S.E. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757, tinha 194 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebisado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 230 alqueires de trigo, 50 de cevada e réis 50\$000 em dinheiro.

É terra muito fertil em cereaes.

Em 10 de abril de 1867, foi feito barão de Rio de Moinhos (mas não sei de qual) o sr. Manoel Augusto de Almeida Vallejo.

Na herdade do Seixo, d'esta freguezia, ha uma mina de ferro, que promete ser abundante.

A 3:500 metros da villa de Borba, nos limites d'esta freguezia e da do Sobral, é a planicie de *Montes-Claros*, onde em 17 de junho de 1665 se deu a gloriosa batalha por isso chamada de *Montes-Claros*.

Para evitarmos repetições, vide vol. 1.º, pag. 418, col. 2.ª—e 5.º vol., pag. 534, col. 2.ª

RIO DE MOINHOS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 35 kilbmetros ao N.E. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 290 fogos.

Em 1757, tinha 266 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa, a mitra e o mosteiro de monges beneditinos de Paço de Souza, apresentavam o reitor, que tinha 240\$000 réis.

É terra muito fertil.

Os dizimos d'esta freguezia, eram para os Leites Pereiras, de Campo-Bello, como administradores da capella dos Reis, no convento de S. Francisco do Porto, com obrigação de casarem certo numero de orphans.

RIO DE MOINHOS — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Abrantes, 180 kilometros da Guarda, 144 ao E. de Lisboa, 330 fogos.

Em 1757, tinha 256 fogos.

Orago, Santa Eufemia.

Bispado de Castello Branco, districto administrativo de Santarem. (Foi do bispado da Guarda.)

O vigario da freguezia de S. Vicente, da villa de Abrantes, apresentava o cura, que tinha 120\$000 réis.

É terra fertil.

RIO DE MOINHOS—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 24 kilometros ao O. de Braga, 384 ao N. de Lisboa, 175 fogos.

Em 1757, tinha 160 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

Arcebisado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira (depois marquezes de Ponte do Lima) apresentavam, *in solidum*, o abbade, que tinha 400\$000 réis de rendimento.

Metade d'esta freguezia e da sua annexa, S. Thomé d'Aguião, era um beneficio simples dos mesmos viscondes.

É n'esta freguezia a torre de Rio de Moinhos, com um casal annexo, que foi de Garcia Rodrigues de Caldas, do Paço de Vascoas, e de sua mulher, D. Leonor de Souza.

Doaram-o a sua filha, D. Isabel Rodrigues de Caldas, casada na Galliza, na casa de Lira.

Ficando viuva e sem filhos, casou com João Rodrigues de Novaes e Ozores, fidalgo gallego, senhor dos coutos de Pedra-Furada, Souto-Nobre, Corcãos, Tinellas e Fiães, em cuja descendencia se continuou até á guerra dos 28 annos (1640 a 1668).

Então, Garcia Ozores Sotto-Maior e Lemos, conde de Amarante, e senhor d'aquella casa, o vendeu a Gonçalo de Mello e Lima, e é hoje de seus descendentes.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas do paiz, e cria muito gado de toda a qualidade, que exporta. Nos seus montes ha bastante caça.

Foi abbade d'esta freguezia, Antonio Damazo de Castro e Souza, que falleceu no 1.º de julho de 1876.

Nasceu em Lisboa, a 11 de dezembro de 1804, e era filho de Antonio Caetano de Castro, fidalgo da casa real, e de sua mulher, D. Ursula Thereza Rosa de Souza.

Foi Antonio Damazo de Castro e Souza (vulgo o *Abbate Castro*) academico honorario da academia das Bellas-Artes; socio do conservatorio real, de Lisboa; socio de merito, da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes; commendador de numero, de Isabel a Catholica; grande official da ordem do Nicham, de Iftihar de Tunes; condecorado com os habitos de diversas ordens, civis e militares; adjunto do provedor da Santa Casa da Misericordia, de Lisboa, etc.

Compoz varias obras de grande valor litterario, e tidas em grande apreço pelos entendidos.

A todos estes dotes scientificos, reunia outros, não menos apreciaveis: era de uma extrema bondade de coração, amigo dedicado, affavel, modesto e caritativo, pelo que deixou perpétua saudade a quantos o conheciam.

RIO DE MOINHOS—freguezia, Beira-Alta, concelho de Satam, comarca, districto administrativo, bispado e 48 kilometros de Vi-seu, 295 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757, tinha 230 fogos.

Orago, o archanjo S. Miguel.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 40\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga, e foi villa e cabeça de concelho.

D. Sancho II lhe deu foral, na Guarda, em 10 de julho de 1240. (*Maço 12 dos Foraes antigos.*)

O rei D. Manoel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 6 de maio de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 68 v., col. 2.º)

D. Sancho II, que estava na cidade da Guarda quando deu a esta povoação o foral velho, arrendou aos concelhos de *Zaatan* (hoje Satam) e de Rio de Moinhos, todas as suas *colheitas* (aposentadorias) por 225 maravedis novos.

É terra fertil em todos os generos agricolas do paiz, e cria muito gado. Nos seus montes ha abundancia de caça.

Em 1876, descarregou uma furiosissima trovoadra, acompanhada de vento e chuva torrencial, sobre as povoações de Luzinde, esta de Rio de Moinhos e circumvisinhas, que causou grandes estragos.

Pontões, açudes, moinhos, lagares de azeite, batataes, linhares e mais terras lavradas, ficaram destruidos e arrazados!

Ainda hoje é lembrado com horror este terrivel temporal, que reduziu muitos lavradores á miseria.

RIO DE MOURO—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Cintra, 24 kilometros ao N. de Lisboa, 325 fogos.

Orago, Nossa Senhora de Belem.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Não vem no *Port. Sacro e Profano*.

A egreja matriz é um formoso templo de trez naves. Tanto o altar-mór, como os dois lateraes, são de primorosa talha dourada.

Todas as santas imagens d'esta egreja, são de magnifica esculptura e foram encarnadas ainda ha cinco ou seis annos.

O retabulo do altar-mór, é uma pintura de grande merecimento.

Tudo aqui respira aceio e alegria.

Possue jarras lindissimas; castiças; algumas banquetas douradas e outras prateas-

das, e formosas maquinetas para resguardarem as imagens da humidade.

Na igreja matriz ha uma custodia de prata dourada, que em 1877 foi vendida, *por engano* (!) ao sr. visconde de Monserrate; porém, á força de reclamações tornou a vir da Inglaterra, para onde tinha hido. Esta custodia é um primor da arte de ourivesaria, e obra de grande merecimento.

Existiu aqui, por muitos annos, uma escola de instrucção primaria, protestante, fundada e regida por um padre hespanhol que para aqui veio residir, o qual, para *ca-sar* com uma mulher rica, d'esta freguezia, apostatára da religião catholica.

Como não havia outra escola, era esta concorrida por muitas creanças da localidade, ás quaes ensinavam doutrinas hereticas.

Uma associação de pessoas piedosas, projectou fundar aqui, uma escola catholica, para o que promoveu uma subscripção, alugou casa propria, nomeou professor e professora, pessoas sinceramente religiosas e de moral exemplar, para educarem as creanças de ambos os sexos.

Esta escola foi inaugurada no dia 19 de março de 1878, e, em pouco tempo, contou grande numero de discipulos, que fugiram da escola protestante.

O sr. Philippe José da Luz, rico proprietario e fabricante, d'esta freguezia, e fervoroso catholico, concorreu, mais do que outro qualquer, para se levar a effeito a obra d'esta benemerita empresa.

Deus lhe dará o premio dos seus louvaveis esforços e sacrificios.

Muitos catholicos sinceros, não reconhecem o grande mal que a seita protestante faz n'este reino, pelo facto do pequeno numero de pessoas que apostatam.

É um engano. É verdade que são poucos (felizmente!) os renegados até hoje, e esses pouca falta fazem ao christianismo; pelos seus pessimos precedentes; mas os propagadores da heresia, se não conseguem adeptos, semeiam nos corações da gente ignara, a indifferença e a descrença; e todos sabem que é melhor ter uma religião qualquer, do que não ter nenhuma.

Vide *Ribeira de Fráguas*.

É n'esta freguezia a formosissima aldeia de *Albarraque*¹, povoação antiquissima, a 3 kilometros da de Rio de Mouro.

Ha em Albarraque uma nascente d'aguas ferreas, á qual se attribuem muitas virtudes therapeuticas.

Não só por esta circumstancia, mas para gozarem os ares puros e a amenidade d'este sitio, vem para aqui passar a estação calmosa muitas familias ricas de Lisboa.

N'esta aldeia está a formosissima capella de *Nosso Senhor dos Afflictos*, a cujo padroeiro se faz todos os annos uma festa sumptuosissima.

A sagrada imagem do Crucificado é de primorosa escultura e de um valor artistico inexcédível, e os povos d'estes sitios lhe consagram uma grande devoção.

RIO DE ONOR (ou de **HONOR**) — freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, districto administrativo e bispado de Bragança, 65 kilometros de Miranda, 500 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 26.

Orago, S. João Baptista.

O reitor de Rabal, apresentava o cura, que tinha 6\$600 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fria, pobre e pouco fertil. Fica perto da raia.

RIO DOS ODRÉS antigamente **RIO UTIL**. Serviu no tempo dos suevos de divisão das dioceses de Braga e Lugo.

Trata d'este pequeno ribeiro a *Divisão dos condados*.

RIO DE VIDE—freguezia, Douro, concelho de Miranda do Corvo, comarca da Louzan (foi da mesma comarca, mas do extin-

¹ Albarraque é corrupção do substantivo árabe *albarrada*, que significa *vaso de flores*, nome que os mouros deram a este lugar, pela sua belleza e amenidade.

Os arabes tambem escreviam *warrada*, que se póde traduzir pelo substantivo portuguez *rosario*, que, propriamente, significa vaso onde se mettem *rosas*. Deriva-se de *wardou*, *rosa*.

Depois, estendeu-se o nome ao vaso que continha, não só *rosas*, mas outras quaesquer flores.

cto concelho de Semide), 15 kilometros a E. de Coimbra, 200 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757, tinha 78 fogos ¹.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O vigario da Foz de Arouce, apresentava o cura, que tinha 50\$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

RIO DOURO—freguezia, Minho, concelho de Cabeceiras de Basto, comarca de Celorico de Basto, 40 kilometros ao N. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 430 fogos.

Em 1757, tinha 222 fogos.

Orago, Santo André, apostolo.

Arcebisado e districto administrativo de Braga.

O D. abbade, benedictino, de S. Miguel de Refojos, apresentava o vigario, collado, que tinha 100\$000 réis de rendimento.

É terra fertilissima. Muito gado e caça, e algum peixe do Tâmega, e de outros ribeiros.

Vidê *Cabeceiras de Basto*.

RIO FRIO — freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, districto administrativo e bispado de Bragança, 35 kilometros de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757, tinha 99 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

O cabido da Sé de Bragança, apresentava o cura, que tinha 6\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Está annexa a esta freguezia, a de S. Vicente do Paço, que já fica descripta no lugar competente.

São terras pobres e pouco ferteis, proximas da raia hespanhola.

Esta freguezia pertenceu ao extincto concelho do Outeiro.

Deve o seu nome ao pequeno Rio Frio, que a atravessa, e desagúa na margem esquerda do Sabôr.

Vidê o 2.º *Frio* ou *Rio-Frio*.

¹ Acho muito pouca gente. É provavelmente engano do *Port. Sacro e Prof.*

RIO-FRIO—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 33 kilometros ao N. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 365 fogos. Em 1757, tinha 307 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Arcebisado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o reitor, que tinha 100\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O reitor, até 1834, era sempre um freire da ordem de Christo.

Foi mosteiro e commenda dos templarios até 1314, passando em 1319 para a ordem de Christo.

Foi aqui commendador, Payo Rodrigues d'Araujo, senhor das casas d'Araujo e Lôbios, na Galliza, e das de S. Fins e Penojas, em Portugal.

Foi alcaide-mór de Lindoso, e guardamór de D. João I e de seu filho, o infante D. Henrique (o de Sagres).

Foi tambem commendador de Rio-Frio, seu filho, Rodrigo Alves d'Araujo, que foi sepultado na matriz d'esta freguezia, e tem numerosa descendencia, que são os Araujos de diversas casas nobres do Minho.

É povoação muito antiga, e já existia antes da monarchia portugueza.

Na aldeia do Enxerto, d'esta freguezia, houve uma torre, antigo solar de uma familia extincta.

Em 1679, era senhor d'esta torre, Balthazar de Araujo, que vendeu a pedra de que fôra construida, ao dr. Pedro Gomes Dantas, o qual com ella mandou fazer as casas, chamadas do Hospital, que passou á familia dos Caldas, de Vascões.

Ha aqui um penhasco a que chamam o *castello*. Segundo a tradição, houve n'este sítio uma fortaleza mourisca.

Junto ao penedo ainda existe uma gruta, a que chamam *lapa da moura*, por ter pertencido a uma árabe, senhora do tal castello.

RIO-LIVRE—concelho extincto, Traz-os-Montes, que depois se uniu ao tambem hoje extincto, de *Monforte do Rio Livre*.

É uma povoação antiquissima, pois já existia no tempo dos romanos.

Teve foral velho, dado por D. Affonso III, em Guimarães, a 17 de junho de 1253. (*Livro 2.º de Doações de D. Affonso III*, fl. 16 in fine, e *Livro de foraes antigos de leitura nova*, fl. 104 v., col. 1.ª, no principio.)

Para evitarmos repetições, vidè *Monforte do Rio Livre*.

RIO-MAIOR—villa, Extremadura, cabeça de concelho, na comarca e districto administrativo de Santarem, 85 kilometros ao NE. de Lisboa, 850 fogos.

Em 1757, tinha 632 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Patriarchado de Lisboa.

O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia, apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada e 20\$000 réis em dinheiro, tudo pago pela commenda.

Está situada junto do rio do mesmo nome, que, com 54 kilometros de curso, deságua na margem direita do Tejo, quasi em frente de Salvaterra de Magos.

O concelho de Rio-Maior, é composto de sete freguezias, todas no patriarchado, e com uma população de 2:900 fogos. São—Alcobertas, Arruda dos Pisões, Azambujeira, Fráguas, Outeiro da Cortiçada, Ribeira, e Rio-Maior.

É povoação muito antiga: mas não tem foral, novo ou velho; pelo menos, Franklim não o traz.

A noticia mais antiga que encontro d'esta povoação, é uma venda feita por Pero Baragão e sua mulher, Sancha Soares, em 1177, aos templarios, da quinta parte que tinham no *poço e salinas de Rio-Maior*, cujo poço partia pelo E. com a *Albergaria do Rei*, pelo O. com D. Pardo e com a ordem do Hospital, pelo N. com marinhas da mesma ordem (*Espitalle*, se escrevia então), e pelo S. com marinhas do dito D. Pardo.

Já então as salinas de Rio-Maior eram exploradas, mas consta de memorias escriptas, que antes do seculo XII o tinham sido em muito maior escala.

Adiante fallarei sobre o estado actual d'estas marinhas.

Na aldeia da Azinheira, proxima á villa, e da sua freguezia, ha uma bonita capella,

dedicada a Santo Antonio, e, perto d'ella, grandes pedreiras de optimo silex (pedre-neira) que se extrahem em grande quantidade; e ainda em muito maior se tirava antes de haver armas de fulminantes.

Os povos da Azinheira, empregados na factura de pedreneiras, foram até 1834 isentos do recrutamento. Hoje, a maior extracção d'este producto, é para a Hespanha e Ultramar.

Rio-Maior nunca teve foro de villa, mas, sendo elevada a séde de concelho, por decreto de 6 de novembro de 1836, foi desde então considerada como tal.

A primitiva igreja matriz estava a uns 4 metros do antigo leito do rio, e a uns 50 da povoação.

Consta que havia sido feita pelos ascendentes do sr. marquez de Penalva, que eram commendadores da commenda de Nossa Senhora da Conceição, d'esta freguezia, com a obrigação dos reparos da mesma igreja; mas esta nunca se chegou a concluir.

Em 1810 principiou a arruinar-se, e d'ella apenas hoje restam as paredes e a torre, na qual ainda estão os sinos parochiaes.

Mudou-se a matriz para a pequena igreja do Espirito Santo, que pertence á irmandade da Misericordia, e é insufficiente para conter o povo d'esta grande povoação. É de simples architectura e tem altar-mór e quatro lateraes.

A requerimento do povo, foi, em 1875, ordenado, pelo ministerio das obras publicas, que se levantasse a planta para a nova igreja matriz.

Foi orçada a obra em 5 centos de réis, e os parochianos offereceram um conto.

Está marcado para local da nova igreja, o sitio onde existiu o castello mourisco de que já fallei; mas, sabe Deus quando ella se fará.

Capellas d'esta freguezia

Santo Antonio—no antigo hospicio de frades franciscanos.

Foi isto vendido depois de 1834, e a capella ficou profanada.

O seu altar era de primorosa talha dourada, e os azulejos que revestiam as paredes interiores, eram de notavel correcção de desenho.

S. Gregorio — ao E. da villa: d'ella só restam as ruínas.

S. Miguel, archanyo — no ponto mais elevado d'este sitio, e d'onde se gosa um magnifico panorama. Pertence á irmandade das almas.

S. Sebastião — em sitio alegre e espaçoso, e cujo padroeiro é objecto de grande devoção do povo.

Foi construida em 1569 e o alpendre feito em 1688.

Todas estas capellas são em Rio-Maior.

Santo Antonio — na aldeia da Azinheira. É publica, e festeja-se o padroeiro no seu dia.

Santo André — junto ao logar da Anteposta. A festa do padroeiro é no 1.º de janeiro de cada anno.

Tambem n'esta ermida se festeja Santo Antonio, no domingo anterior ao dia 13 de junho de cada anno.

S. Domingos e Santo Amaro — no logar da Asseiceira, a 5 kilometros da villa; publica — e cuja festa é em um dos domingos de outubro.

Desde este logar até á villa, ainda se vêem varios laços de muros de suporte e outros vestigios, da antiga estrada militar, de Lisboa para Peniche, e que passava pela villa.

S. João Baptista — no logar da Fonte da Bica: é publica, e se festeja no seu dia.

Tambem n'esta capella se festejam todos os annos as imagens de Nossa Senhora do Monte do Carmo, Nossa Senhora da Ajuda, Santo Antonio e S. Sebastião.

S. Payo — na quinta do mesmo nome, hoje propriedade do sr. Vicente Augusto de Araujo Camizão.

Antigamente, quando alguém tinha sessões, recorria a este santo, e hiam á sua capella em romaria, e alli comiam sopas de ovos!

Este costume acabou; mas ainda se faz uma festa annual ao padroeiro.

Nossa Senhora da Luz — em uma proprie-

dade da sr.ª Viuva Caldas, de Santarem. A padroeira é objecto de grande devoção dos povos d'estes sitios, que lhe fazem uma esplendida festa, no dia designado pelos devotos.

Santa Anna — na serra das Bóccas. Está em ruínas.

Nossa Senhora de Nazareth — na antiga quinta do Jogadouro.

Tanto a capella como as casas da quinta, foram devoradas por um incendio, em 18 de janeiro de 1823.

Segundo a tradição, esta quinta já existia no tempo dos mouros, e o seu nome lhe provém de um jogo que elles aqui jogavam, com bolas e paus de ouro, ou dourados. É certo que ha uns 30 annos, em uma excavação que se fez n'esta propriedade, appareceram algumas pequenas barras de ouro, em fórma de disco.

Esta quinta é banhada pelo rio, e é circumdada de grandes arvores, que denotam muita antiguidade.

O hospicio de frades franciscanos (arrabidos) em que já fallei, foi fundado por uma D. Anna de tal, em 1763, segundo se lê em uma inscripção que ainda alli se vê, e diz — *Ædificata est aedicula Sacra Familia, 1763.*

A fundadora doou o hospicio aos franciscanos, com a obrigação de estabelecerem alli uma fabrica de bureis, para empregar as pessoas necessitadas d'esta povoação.

O edificio foi cedido á camara municipal, por um officio do governo civil de Santarem, em 1837, tomando a camara posse em 19 de fevereiro de 1838.

Estão n'elle estabelecidas as repartições publicas do concelho, camara, administração, repartição de fazenda, tribunal judicial, escola do sexo masculino.

Junto á capella de S. Miguel, já mencionada, existiu um pequeno castello, que se diz construido pelos mouros. Foi completamente demolido, e no chão que occupava se construiu uma escola de instrucção primaria, para ambos os sexos, com dois pavimentos, fundada pelo benemerito sr. João José da Costa, da quinta das Bastidas, pro-

ximo d'esta villa, que a offereceu á camara municipal.

O rio que atravessa a povoação, e lhe dá o nome, nasce na grande serra das *Bóccas*. Ainda em 1870 brotava a agua por entre serros; hoje sae por orificios, abertos na muralha que cinge a estrada real que alli passa. É um dos sitios mais aprasiveis d'esta freguezia.

As nascentes são importantissimas, deslizando-se a alguma distancia por terreno alcantilado, mas depois entra nas ferteis veigas que circumdam as suas margens, até ao Tejo.

Segundo a tradição, parte d'esta agua era desviada, por meio de canalisação subterranea, da qual ainda restam vestigios, para uso de uma fabrica de fundição de metaes, no tempo dos árabes. Esta canalisação principiava (a julgar pelos vestigios) nas barreiras chamadas do *Tufo*, no sitio da *Buraca da moura*, e terminava no sitio das *Covas do Adro*, onde estava o tal estabelecimento metallurgico.

Em agosto de 1874, andando um lavrador a alqueivar a terra, na quinta das Bastidas¹

¹ Ha muitos sitios em Portugal com o nome de *Bastida* (em algumas partes corrompido em *Vestida*) e é provavel que nem todos saibam a significação d'esta palavra.

Bastida, era uma torre de madeira, que egualava ou excedia a altura das muralhas da praça que se queria atacar, e para da tal torre atirarem os bésteiros.

Dava-se tambem o nome de bastidas, ás trincheiras ou palissadas, com que se defendiam as posições militares, ou mesmo qualquer povoação; e egual nome tinham todas e quaesquer obras de defeza.

Finalmente, tinham ainda o nome de bastida, a *balsa* ou jangada, de muitos páus, presos e ligados entre si. (*Vida de D. João I*, por Lopes, parte 1.ª, cap. 64.—*Damião de Góes*, fl. 70.)

Julgo que herdamos esta palavra dos normandos, que diziam *bastille*, com a mesma significação.

Foi celebre a *Bastille* (bastilha) de Paris, fortaleza construida por Carlos V, rei de França, em 1369, para defender a cidade das invasões dos inglezes, e que depois foi convertida em prisão do estado. Os republicanos francezes a arrazaram, a 14 de julho de 1789.

a um kiiometro da villa, sentiu que o dente do arado se lhe prendêra em uma grande pedra de marmore.

Deu parte d'isto ao dono da quinta, e, depois de algumas horas de trabalho, se descobriu um magnifico subterraneo, que d'esta propriedade se dirigia para o rio, passando pela quinta do *Jogo d'Ouro*. Julga-se que este subterraneo está em comunicação com outros.

A tradição attribue esta obra aos mouros, mas, pela sua magnificencia e solidez, parece mais obra romana.

Hospital

Existe n'esta villa um pequeno hospital, fundado em 1619, que, segundo consta de documentos antigos, era administrado pelo hospital da Misericordia, de Santarem. Os moradores de Rio-Maior, pediram a D. José I, em 17 de janeiro de 1759, a criação de uma irmandade da Misericordia, para curar do edificio e do tratamento dos doentes pobres. O rei lh'o concedeu, por alvará de 18 de abril do mesmo anno, com obrigação de prestar contas annuaes ao provedor da camara de Santarem.

A construcção primitiva d'este estabelecimento de caridade, era acanhada e em más condições hygienicas; mas, em 1870, por donativos de bemfeitores, foi reconstruido, e actualmente é um edificio proprio para o fim a que é destinado; podendo accommodar até 30 enfermos que d'elle necessitem, na sua passagem para as Caldas da Rainha, que é para o que elle desde o principio se construiu.

Para custear as despesas do hospital, deu-xou a infanta D. Isabel Maria, filha de D. João VI, quando regente, e por alvará do anno de 1826, para a Misericordia, os rendimentos das irmandades do Menino Jesus, Nossa Senhora das Dores, e S. Sebastião.

Estradas

Passava por esta villa a estrada real, de Lisboa ao Porto, mandada construir por D. Maria I, e n'ella se encontram algumas obras

d'arte de muita importancia, como as pontes da Asseiceira, e Fonte-Branca: havia tambem a da Amieira, que foi demolida. As outras ainda estão bem conservadas.

Ao sul da villa, foi construida, em 1870, por conta do governo, uma optima ponte de cantaria e alvenaria, sobre o rio. É municipal.

Actualmente, é atravessada pela estrada real em construcção, que hade ligar Santarem com a praça de Peniche, e com a que liga esta villa com a estação do caminho de ferro da Ponte de Sant'Anna.

É n'esta estrada a ponte de *Freiria*, cujo taboleiro foi lançado a 27 d'abril de 1876. Esta ponte está entre Rio-Maior e o Cartaxo.

Offereceu grandes obstaculos a construcção dos fundamenios para os encontros.

A ponte é de ferro, e tem 40 metros de vão, e a viga é em treilli, com 4 metros de altura. A sua construcção foi dirigida pelo distinctissimo engenheiro, o sr. Domingos da Apresentação Freire, que foi o auctor do projecto.

Foi construida pela acreditada casa *Fives Lille*.

Ao acto do lançamento do taboleiro assistiram os administradores de Rio-Maior e Cartaxo, as camaras municipaes d'estes dois concelhos, o director das obras publicas do districto, os engenheiros da mesma direcção, mr. Labille (representante da empreza constructora Fives-Lille) e mais de 4:000 pessoas das vizinhanças.

Durante a operação, tocaram as philarmônicas do Cartaxo e Rio-Maior, e houve diferentes vivas.

A ponte é no sitio chamado *Porto da Freiria*.

Andam em construcção, a estrada de Rio-Maior a Alcobaga, e a da mesma villa a Torres Novas.

Ha tambem uma boa estrada municipal, nova, que vae d'aqui á aldeia das Alcobertas, na extensão de 3 kilometros.

Já se vê que este concelho não é dos mais mal dotados, quanto a viação publica.

Esta villa tem tido muito desenvolvimentto; possui alguns bons predios, de cons-

trucção moderna; tem bons estabelecimentos commerciaes, cujo movimento é de bastante importancia.

Ao E. e S., estendem-se por mais de 12 kilometros, magnificos pinheiraes, cuja madeira, pela sua boa qualidade, tem prompta e vantajosa exportação para diferentes localidades do districto e para Lisboa.

Ao O., existem inexgotaves pedreiras de cantaria e alvenaria, d'onde se extrahem e exportam grande numero de carradas de pedra, não só para diferentes obras do concelho, como para outras localidades, algumas das quaes estão a mais de 30 kilometros de distancia.

Minas

Nas vizinhanças d'esta villa, e dentro dos limites do seu concelho, ha minas de diferentes metaes e metaloides. Os *asfloramentos* mais visiveis, são:

Pyrites de ferro, ao S. da villa, no sitio chamado Fonte-Rabaça. É de pouca importancia, apezar de conter alguma prata; mas, em tão diminuta quantidade, que não promette bom resultado a sua lavra.

Antracites (carvão mineral) existem minas em diferentes partes do concelho, que se não exploram, por desmazello, ou por falta de capital.

Cobre, ao N. da villa, proximo ao logar da Fonte da Bica. Não se explora.

Enxofre, na serra da Senta. Tambem não se explora.

Chlorurêto de sodium, metaloide descoberto por Schéele, em 1771. É a mais importante de todas, e inexgotavel. É esta mina que dá origem ás famosas *marinhas de Rio-Maior*.

Em junho de 1875, manifestou o sr. Bernardino Arêde Soveral, na camara d'este concelho, uma mina de pedras lytographicas, com algum minerio de prata.

Aguas mineraes

Abundam por estes sitios as nascentes de optima agua-ferrea, mas, infelizmente, nenhuma aproveitada, pela incuria dos povos do municipio.

Ha tambem algumas nascentes de aguas sulphorosas ; mas, nem estas, nem aquellas, foram ainda competentemente analysadas.

Ha tambem abundancia de boa agua potavel, e, em 1864, com um subsidio do governo, construiu a camara mais dois chafarizes.

Ha em Rio-Maior uma feira annual, nos dias 1, 2 e 3 de setembro, na qual se fazem importantes transações, principalmente em gados, madeiras, generos alimenticios e outros. Antigamente, fazia-se esta feira nos dias 15, 16 e 17 do mesmo mez: é concorridissima.

Proximo á aldeia da Fonte da Bica, é o sitio chamado *Valle das Laranjas*, pelas muitas e óptimas que produz, e que são das melhores (senão as melhores) de todo o reino; pelo que dão em toda a parte muito mais dinheiro do que outras quaesquer. Em Lisboa são muito apreciadas.

O clima d'este concelho é um dos mais saudaveis da provincia.

Em 1876 construiu-se um theatro, a expensas da associação denominada—*Progresso dramatico rio-maiorense*.

Alem d'esta associação, ha mais as seguintes:

Gremio de instrucção e recreio rio-maiorense, estabelecida em um magnifico predio, no melhor sitio da villa, e formado pelas pessoas mais importantes do concelho, e de alguns cavalheiros dos immediatos.

Monte-Pio, ou associação protectora rio-maiorense, que fornece aos socios doentes, facultativo e medicamentos.

Centro promotor rio-maiorense, tem por fim, unir, para todo e qualquer objecto proveitoso ao concelho, os seus habitantes.

Estas duas ultimas associações, devem-se á iniciativa do sr. commendador, Vicente Augusto d'Araujo Camizão, abastado proprietario d'este concelho, e ex-delegado do thesouro em Santarem.

Ha n'esta villa algumas fabricas de cortumes.

Exporta madeiras, rezinas, sal, pedra de cantaria, pedreneiras, azeite, vinho, fructa e outros generos agricolas.

Quintas

Ha no concelho as seguintes:

S. Payo, do sr. Camizão, e da qual já falei.

Quinta Nova e a dos Figueiredos, do sr. commendador Francisco Luiz dos Santos.

Assentiz e Sanguinhal, da viuva do commendador Freire.

Sobreiros, do sr. João da Maia Rosa.

Carvalho, do sr. Francisco Ferreira Campos, cirurgião-mór militar.

Seabra, dos srs. viscondes da Bahia.

Bastidas, do sr. João José da Costa, d'esta villa, mas residente em Lisboa.

Alem de outras de menos importancia.

Ha no concelho 80 moinhos, para cereaes, alguns com duas, tres e quatro mós; e 73 lagares de azeite—servindo a todos de motor, a agua do rio.

Condes de Rio-Maior

O primeiro conde de Rio-Maior, foi feito pelo principe-regente, depois D. João VI, em 8 de janeiro de 1803. Era 16.º morgado do vinculo de Oliveira, instituido em 1262.

2.º—*Antonio de Saldanha d'Oliveira Juzarte Figueira e Sousa*, 17.º morgado de Oliveira, gentil-homem da camara do rei D. João VI, grão-cruz das ordens de S. Thiago e Conceição, commendador da de Christo, embaixador extraordinario ao Brasil, em 1823, commissario-real para acompanhar o sr. D. Miguel I (quando ainda infante) em suas viagens, coronel do regimento de milicias dos voluntarios reaes de Lisboa (por elle creado.) Nasceu a 16 de novembro de 1776, e falleceu, em Vienna d'Austria, a 3 de março de 1825. Tinha casado, em 16 de novembro

de 1806, com sua prima, D. Maria Leonor Ernestina de Carvalho Daun e Lorena, filha dos terceiros marqueses de Pombal.

Foram seus filhos :

1.º—*D. Maria Francisca*, nascida a 21 de março de 1809.

2.º—*João*, que foi o 3.º conde.

3.º—*D. Maria Amelia*, nascida a 11 de janeiro de 1815, casou em 25 de fevereiro de 1835, com Luiz Carlos d'Abreu Bacellar Castello Branco, moço fidalgo, commendador da ordem de Christo, deputado da extincta junta do tabaco.

4.º—*Nuno*, nascido a 13 de maio de 1822.

5.º—*Luiz*, nascido a 30 de novembro de 1824 e fallecido a 12 de novembro de 1852.

3.º conde—*João de Saldanha Oliveira Juzarte Figueira e Sousa*, 18.º morgado de Oliveira, par do reino em 1826, commendador da ordem de Christo, alferes do regimento de cavallaria de lanceiros, e ajudante de campo do conde de Villa-Flor.

Succedeu a seu pae, a 3 de março de 1825.

Nasceu a 18 de setembro de 1811; casou a 22 de setembro de 1835, com D. Isabel de Sousa, nascida a 12 de julho de 1813, e era 1.ª filha dos condes de Villa-Real.

Teve dois filhos :

1.º—*Antonio*, o conde actual.

2.º—*D. Theresa*, nascida a 4 de setembro de 1837.

4.º conde—*Antonio de Saldanha Oliveira Juzarte Figueira e Sousa*, 19.º morgado de Oliveira, nascido em 8 de julho de 1836, e feito conde em 13 de agosto de 1853.

Reside no seu palacio do largo da Annuciada, em Lisboa.

A sr.ª condessa de Rio-Maior, é uma das damas mais caritativas d'este reino. Sempre coadjuvada por seu digno esposo, é o anjo da caridade de todos os desvalidos; e se vê á frente de todas as instituições que tenham por fim o interesse dos pobres.

Tem fundado escolas catholicas, para os dois sexos, em diferentes localidades.

Obteve do governo a concessão do mosteiro das carmelitas, da rua Formosa (Lis-

boa) e alli fundou um asylo para cegas, que foi inaugurado em 16 de julho de 1878, com oito cegas, mas pôde conter muito maior numero.

Se a sr.ª condessa não tivesse praticado anteriormente tantas obras piedosas, que exaltam o seu illustre nome, bastava esta para revelar a immensa bondade do seu coração, e para ser tão respeitada no mundo, como hade ser premiada na Bemaventurança.

A nobreza da sua alma bemfaseja, é muito superior á que herdou dos seus esclarecidos ascendentes.

Marinha de sal

A dois kilometros ao N. da villa, em um extenso valle, proximo ao logar da Fonte da Bica, está esta importantissima e juntamente famosa marinha, unica no seu genero na Peninsula Hispanica; pena é que não seja mais bem explorada.

No meio do terreno occupado pela marinha, está uma nascente inexgotavel, da qual nos mezes do estio se tira agua, *por meio de dois baldes* (!) de noite e de dia, e é conduzida, por ordem, a cada um dos depositos, ou compartimentos, feitos no sólo, com um metro de profundidade, e a que chamam *talhos*. Pertencem estes a diversos donos, e valem (segundo a distancia a que se acham da nascente) termo medio, cada talho 80\$000 réis.

O sal aqui produzido, é superior em qualidade, e mais forte do que o sal marinho, ou commum.

Já vimos que, em 1177, era explorada esta marinha, e que já o havia sido em maior escala, em tempos muito anteriores.

Segundo a tradição, a marinha não era no sitio actual, mas uns 60 a 70 metros mais ao N., e a nascente tão pouco abundante que apenas dava para 6 talhos, e que fazer a 3 ou 4 homens; não chegando o sal que ella produzia, nem para o consumo das povoações circumvisinhas.

Uma pequena que andava na planicie (hoje local da marinha) apascentando uns jumentos, sabia que junto a uns juncos ha-

via uma nascente de agua, e como tivesse sede foi alli beber, mas notou que era excessivamente salgada.

Regressando a casa, deu parte d'esta circumstancia ao pae, que, junto com outros visinhos, se foram ao juncal, e alli abriram um poço, e quanto mais o profundavam, maior quantidade de clorurêto de sodium era expedida: mas a antiga nascente, secou.

Estes exploradores, trataram logo de fazer talhos, e a colher optimo sal, em boa quantidade.

Foi-se desenvolvendo esta industria, e hoje ha, nada menos de 400 talhos, valendo cada um dos mais proximos da nascente 144\$000 réis, e os mais remotos 14&400 reis.

O poço actual (d'onde brota a agua) tem 11 metros de profundidade, e 8 de circumferencia.

O sal, como o extrahido da agua do mar, forma-se por evaporação, e, quando o calor é mais intenso, está o sal prompto em quatro dias.

Dá-se ao producto d'estas marinhas, o nome de *sal espuma*. É mui claro, secco, e brilhante de tal maneira, que d'elle se formam bellissimas pyramides e varias outras figuras, como do assucar refinado de *lasca*, ou de pedra.

Excede tanto em qualidade o *sal commun* (marinho) que, para salgar carnes, basta metade da porção do extrahido da agua do mar.

É summamente saturado de muriato de sôda, purissimo, e sem mistura de muriatos calcareos e magnesianos, que se encontram nos outros saes communs, e que os tornam amargos e deliquescentes.

Saindo do logar d'esta marinha, está uma vasta planicie, cuja parte mais consideravel pertenceu aos monges bernardos de Alcobaga, e o resto a particulares. Aqui, no sitio chamado *Marinha Velha* (onde primeiramente se colheu sal) ainda nos estios se fórnam á periferia bellissimos crystaes de muriato de sôda.

N'este sitio, sobremaneira infertil, apparece com vigorosa vegetação, a *Salsola-Kali*, de Linneu, e algumas das outras plantas pro-

prias das visinhanças do mar, e das cinzas das quaes se faz a *sôda* ou *barrilha*.

Gruta das Alcobertas

Esta maravilha da natureza, talvez sem rival na Europa, fica proximo á aldeia das Alcobertas.

Não posso dar d'ella melhor descripção, do que resumindo o que o sr. Bernardino Arede Soveral publicou no n.º 127 do *Diario Illustrado* de 4 de novembro de 1872.

Peço desculpa ao sr. Soveral por cortar as bellezas da dicção com que adornou o seu bello artigo, mas um dictionario, a não se descrever tudo sem *flores de rhetorica*, enfadaria os leitores, e augmentaria inconvenientemente o volume da obra.

Eis o resumo da descripção do sr. Soveral:

«A dois kilometros da povoação, começa a levantar-se o dorso da serra: é ella toda cintada com fiadas de pedras, similhantes a extensissimos degrãos de uma escada de gigantes, e de tal modo a prumo, que, apesar de galgarmos com ancia tão ingreme subida, gastámos n'esta tarefa quasi meia hora e quasi tambem as forças.

.....
 Accenderam-se portanto, e distribuiram-se os brandões de cera que levavamos. Bem depressa a luz do dia desapareceu, e esta especie de procissão caminhava á luz das tochas. Eramos ao todo 9 pessoas.

Tinhamos caminhado uns 15 a 20 metros, e a gruta já tinha uma capacidade de 3 metros de alto e 2 de largo: nas paredes d'ella começavam a apparecer camadas de diversas crystalisações, que similhavam um fôrro de musgo; mas tão branco e transparente, como se uma camada de neve, em manhã d'inverno, houvesse cahido por cima d'elle, conservando-lhe a fórme ramosa. Era lindo ver como as nossas luzes faziam refulgir uns reflexos cambiantes d'aquelles grumos apparentes de um orvalho gelado.

Tenho visto algumas das grutas que ha no paiz. Li na excellentê obra de Adolphe Joanne (*Voyage illustrée dans les cinq par-*

ties du monde) as descripções de diversas grutas, e não encontrei alli, como na gruta que descrevo, tantas, tão variadas e tão imponentes crystalisações, em uma distancia de mais 300 passos, com abobadas de cinco a nove metros de altura, recamadas de estalagmites admiraveis pelo volume, pelas côres, pela transparencia e pelo brilho. É realmente surpreendente o ver como das paredes da galeria brotam umas crystalisações como se fosse vegetação de marmore e vidro, aflorando aquellas superficies perpendiculares; outras vezes, pousando aquelles ornatos sobre uns degraus que vão esconder-se nos franjados que pendem dos extremos da abobada: faz parecer que uma cascata acabava de se gelar n'aquelle momento.

A gruta das Alcobertas tem de extensão 210 metros: a galeria d'ella tem algumas curvas, e a não ser necessario subir e descer em trez logares, a 2 e 3 metros de altura, podia caminhar-se até ao fim em um plano quasi horizontal. Não é necessario descer a perigosas profundidades, como na famosa gruta das fadas, na cordilheira da Serane, onde Cimarozza, e Rossini, descendo ao abysmo do monte Tharene, e escutando os sons das harpas eolicas, recebiam, das correntes do vento, lições de harmonia. Esqueceu-me levar uma bussola para conhecer a direcção da galeria, mas pareceu-me que seguia o dorso da montanha, para o lado do Sul.

A gruta contém quatro grandes salões, o ultimo dos quaes, é colossal: em toda a galeria não ha o menor espaço de pedra nua; a abobada e lados d'ella, a não terem algumas agglomerações de crystal de rocha, podia dizer-se que eram completamente forradas de crystaes, de carbonato de cal, coloridos, brancos, opacos ou transparentes, e por isso, despertando sempre a curiosidade, pela variedade dos quadros que apresenta.

Em alguns dos intervallos dos quatro salões, ha umas curvas com uns porticos assimilhando diversas entradas para outras galerias. Apparecem alli, em um d'elles, uns cortinados, pendentes de uma especie de architrave, e assimilhando as pregas e apanhados de tecidos, encorpados, dando reflexos

como se fossem bordados de lantejoulas. Em outros, nota-se a semilhança de bambinellas, que ora se escondem para o centro de largas fendas cavadas nos flancos da rocha, cheias de sombras que resistem á força das nossas luzes; ora deixando apparecer na altura de 5 a 18-decímetros um agrupamento de columnas alvissimas, de diametro entre um e tres decímetros. Aquellas tapecerias consistem de uma lindissima aggregação de crystalisações calcareas, tão unidas e lisas, que o lapis mais experiente, não assombra com tanta suavidade, as voltas do encanudado de um formoso pavilhão. Ninguém dirá que tem a dureza da pedra, aquelles apanhados de pregas, de dois e trez metros de altura, coloridos diversamente por via das infiltrações de almagre, que alli ha em abundancia, e, mais ou menos saturados pela côr vermelha d'elle, formando um contraste admiravel sobre a brancura das columnas.

O primeiro salão que eu denominei—*dos órgãos*—é um dos que mais me encantou. Tem quasi cinco metros de alto, e quatro de largura: nos lados e frente levantam-se uns porticos em ogiva, de aberturas e ornatos diversos.

Notam-se alli desde a cupula até á base, ao lado esquerdo de quem vae, umas laminas separadas parallelamente por intervallos desde dois decímetros até dez centímetros, que se assemilham a uns bastidores colossaes, de uma superficie aparentemente lapidada, e de uma espessura de 5 a 8 centímetros: póde introduzir-se por entre ellas um braço, e por isso collocámos algumas das nossas luzes na lombada, deixe-me assim dizer, d'aquelle enorme livro meio aberto; e que lindo effeito isto produzia! Alguns de aquelles diaphragmas, apesar de bem espessos, tem muita transparencia, e deixam coar, entre as luzes, uns reflexos acafoados, lindissimos.

Outros de maior espessura, e com aberturas eguaes, parecem os tubos perpendiculares de um magestoso orgam, e com a notavel circumstancia de que, batendo-lhe levemente, davam uns sons prolongados, e muito semelhantes aos que são vibrados por um relógio em que a mola substituiu a campainha.

Entre este 1.º e o 2.º salão que eu denominei—das estatuas—é mister passar, subindo e depois descendo, por cima de um rochedo admiravel, e que mede apenas metro e meio de elevação.

Surprehendeu-me a quantidade de fulgor dos lampejos que se despediam da superficie d'este penhasco, quando se fazia oscillar diante d'elle uma luz. Aquella pedra tem uma superficie escura e aveludada; parece forrada de feltro, e sendo este comprimido pela mão, abate-se, e os lampejos desaparecem. Todavia creio que reaparecem; porque aquella pedra tem soffrido muitos attritos, na passagem dos que visitam a gruta, e nós encontramol-a radiante dos seus crystaes, e tão brilhantes que pareciam milhões de pyrilampos a esvoaçar pelo meio das sombras.

A poucos passos do indicado penedo, encontra-se o 2.º salão—o das estatuas: elle tem um não sei que de triste. É um ambito curvo, de extensão aproximada a 11 metros, conservando uma largura de 5 metros, e 6 de altura. Ao approximar-nos d'este recinto, parece que do centro das sombras se levantam aqui e alem, umas estatuas, á altura de 1 metro e metro e meio.

Aquelles vultos são de uma apparencia tal, que é necessario vel-os de perto para crêr que o cinzel do estatuario não andou por alli esboçando figuras humanas.

Aquellas estatuas, deixem-me assim chamar-lhes, estão em semi-circulo, e no eixo da curva, ha uns penhascos tambem cobertos de crystalisações; porém, com quanto muito resplandecentes, assentam n'uma superficie escura, e entre elles ha umas aberturas elipticas, que dão a apparencia de arcadas, além das quaes tudo são sombras.

Pareceu-nos este logar a parte central das abobadas subterraneas, proximas a Seringapatán, onde existem os mausoleos das dynastias musulmanas de outras eras.

O 3.º salão designei-o—A cathedral;—porque se assimilha ás ruínas de um templo grandioso, conservando-se ainda de pé uns restos surprehendentes que attestam a sua primeira magnitude.

O espaço é oblongo; tem 6 metros desde

a base até á abobada, e na sua maior largura 5 metros.

De um lado vê-se uma rocha elevada, do volume e feição de um pulpito. As paredes, recamadas com innumeraveis crystalisações de uma belleza que não pôde descrever-se, estão fendidas a prumo, assimilhando gradamentos meios destruidos.

A um dos lados vê-se uma saliencia na rocha, com uns côrtes tão em esquadria que fazem parecer um altar, sobre o qual se alonga uma especie de docel, do qual pendem, á altura de 4 metros, umas curvas orladas de franjas, compostas de pequenos tubos, com a transparencia cambiante de madreperola, e terminadas por umas gotas d'agua, que de espaço a espaço descem a luzir até ao solo, constituindo uma perspectiva impossivel de pintar.

Dos outros lados d'este salão, pendem, junto á abobada, uns ornatos, como capiteis corinthios, com as suas folhas de acantho, e pousando sobre umas columnas, brancas como jaspe, parte das quaes parecem quebradas pelo meio, e parte veem-se estendidas entre pequenos montes de crystal de rocha.

Fazem lembrar aquellas esplendidas crystalisações, os delineamentos da architectura phoceana, similhante á que os Egypteos empregaram no templo de Karnac.

O 4.º e ultimo salão é enorme, e fechado por uma grande cupula de 6 metros de diametro, na altura de 9 metros!

Alli, o sr. Germano do Souto, nosso intrepido companheiro, subiu a um rochedo de 4 metros de altura, que está a um lado, e levantou a luz do seu brandão. A oscillação d'ella com as de todas as nossas tochas, formava um conjunto de reflexos tão bellos, que a mente mais opulenta de ficções grandiosas, por muito prevenida que estivesse, havia de extasiar-se alli, e conhecer que a descripção mais cheia de pompa, não ia além dos traços de uma miniatura imperfeita. Lembrei-me n'aquelle enorme subterraneo do infeliz Francisco I. Caldas, morto na Bolivia pelas commoções politicas, porque me veio á mente a descripção que elle faz da famosa caverna *Guaya Suma*, proximo ao gi-

gantesco Chimborazo, na cordilheira dos Andes.

Neste 4.º salão, ha, na sua maior altura, duas grandes aberturas ellipticas, que indicam o seguimento de outras galerias.

Não fomos lá; porque não só faltava escada propria para hir áquella altura; mas também porque ninguem se afoitára ainda a hir além do ponto aonde nós fomos. Conta-se que um explorador ousado, quiz tentar a investigação do resto da gruta, mas ficou transido de terror, pelos precipícios que vira, e desistira do intento.

É possível que seja isto verdade, e effectivamente quem intentar a exploração do resto da gruta, deve munir-se de cordas e bons companheiros, sondando com toda a cautella a solidez do fundo das galerias, e verificando de espaço a espaço se o ar é nocivo á respiração.

RIO-MAU—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa-Verde (foi do concelho de Penella, comarca de Pico de Regalados, extinctos) 25 kilometros ao N. de Braga, 385 ac N. de Lisboa 160 fogos.

Em 1757, tinha 102 fogos.

Arcebisado e districto administrativo de Braga.

Orago, S. Martinho, bispo.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 680\$000 réis de rendimento annual.

É terra muito fertil. Cria muito gado; é abundante de madeiras, e nos seus montes ha muita caça.

Esta freguezia é dividida da de Goães e Duas Igrejas pelo rio Neiva, que nasce na freguezia de Gondinhaços, tendo a sua origem nas vertentes do monte *Oural*.

RIO-MAU—ribeiro, Douro, nasce na freguezia de Silva-Escura, concelho de Sever do Vouga. Passa junto das grandes minas do *Braçal*, e entra na direita do Vouga.

RIO-MAU—ribeiro do Minho.—Nascia no Monte-Negro, e regava uma *villa* (casa de campo) também chamada Rio Mau, e passando junto á igreja do mosteiro de Santo Estevam, desaguava no rio Sanguinhêdo.

Este ribeiro mudou de nome, e ignora-se qual tem hoje.

Vem mencionado no livro *Fidei*, do cartorio do arcebisado de Braga.

Ha em Portugal varios ribeiros com o nome de Rio-Mau, mas não merecem menção n'esta obra, por serem de pouca importancia.

RIO-MAU—bonita aldeia, Douro, na freguezia de Sebolido, concelho de Gondomar, comarca, districto, bispado e 32 kilometros a E. do Porto, sobre a direita do rio Douro.

Dá-lhe o nome um pequeno ribeiro que lhe passa ao O., e alli mesmo desagua no Douro.

Tinha uma pequena capella, dedicada a Santo Antonio, muito antiga. O sr. Amorim, natural d'esta aldeia, e que enriqueceu no Brasil, a reconstruiu á sua custa, em 1860, dando-lhe maiores proporções, e tornando-a uma magnifica ermida.

Faz-se uma grande festa ao seu padroeiro, no dia 13 de junho.

Esta aldeia fica em frente da povoação e freguezia de Pédorido, no concelho do Castello de Paiva (margem esquerda do Douro) e é no areal (*arinho*) de Pédorido que os de Rio-Mau vem fazer as suas grandes pescarias de deliciosos saveis e saborosissimas lampreias, no tempo proprio.

O rio Douro lhe produz ainda outras muitas variedades de peixe, de optimo sabor, principalmente trutas, que são das melhores do reino. Em 1846, vi uma que tinha trez palmos de comprimento! (0^m,66.)

RIO-MAU—freguezia, Douro, comarca, concelho e 7 kilometros a N.E. de Villa do Conde (foi da mesma comarca, mas do concelho da Póvoa de Varzim) 20 kilometros ao O. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757, tinha 152 fogos.

Orago, S. Christovam.

Arcebisado de Braga, districto administrativo do Porto.

O prior de conegos regantes (cruzios) de S. João da Junqueira, apresentava o vigario, que tinha 60\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É n'esta freguezia a quinta de Várzea, que anda unida á de *Cavalleiros*, e das quaes é actual proprietario o sr. D. Rodrigo José

de Menezes, feito conde de Cavalleiros, em 17 de novembro de 1865.

A quinta fica perto da aldeia do Casal-Novo, na estrada de Braga á Póvoa de Varzim.

Esta freguezia fica perto da de Rates, e foi, em tempos antigos, da comarca de Barcellos.

Houve aqui um mosteiro de conegos regerentes de Santo Agostinho (cruzios) muito antigo. Ignora-se a data da sua fundação, mas sabe-se que já existia em 1122, pois n'esse anno lhe doou D. Ouzenda Soares, filha de Soeiro Mendes¹ uma herdade que tinha junto ao rio Ave.

(Vide *Rio Tinto*, o 1.º)

Em 1488, uniu o arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, este mosteiro ao da Junqueira (que é a 3 kilometros de distancia) por breve do papa Martinho V.

Poucos annos depois, passou a abbadia secular, apresentada pelos cruzios de S. Simão da Junqueira.

É terra muito fertil. Gado, caça e peixe do rio Ave, que fica perto, e do mar.

Está a freguezia situada na margem direita do rio Éste (ou *Deste*) em um pequeno valle ao O. da serra de Rates (onde ha minas de ferro) a maior parte da qual, é dentro dos limites d'esta freguezia. Do alto d'esta serra se gosa um vasto e bello horisonte, vendo-se tambem uma grande extensão do Oceano Atlantico.

Parece que o nome d'esta freguezia procede do rio Éste, por ser n'estes sitios muito tortuoso; mas segundo a tradição, deu-se-lhe o nome de Rio-Máu, por que por baixo d'elle ha profundas cavernas e galerias, defendidas por dragões, serpentes e outros bixarocos medonhos, que guardam thesouros encantados, de grande valia.

A igreja matriz está situada quasi na extremidade S.O. da freguezia, em logar hu-

¹ Esta doação me confirma mais na opinião de que o famoso Gonçalo Mendes da Maia (o lidador) era natural da freguezia da *Retorta*, que fica perto d'esta, e sobre o Ave. (Vide *Guilhabreu* e *Retorta*.)

mido e acanhado : a sua architectura denota grade antiguidade. É toda de cantaria, e a abobada e pavimento da cápella-mór, são de granito.

Ao lado do altar-mór, está uma inscrição que diz :

FOI FEITA ESTA EGREJA, EM 1135

mas esta inscrição é muito mais moderna do que o templo : foi copiada de umas inscrições que se acharam por detraz da tribuna, das quaes já pouco se podia ler. A mais bem conservada, ainda existe; mas não a psoo dar como é, por ter letras *dobradas*, e não haver hoje typos semelhantes.

Depois de muito estudar esta inscrição pude conseguir lêr o seguinte :

IN ERA
D CXXX V
PERUS DE...
... DECANUS
... MOST.º P...¹

O abbade do mosteiro da Junqueira, mandou reedificar esta igreja, no reinado de D. Pedro I (1357 a 1362) e foi então que se achou a lápide com a inscrição antecedente, e que se gravou em uma pedra da capella-mór a data da fundação da igreja, como atraz fica dito.

O povo acredita que esta igreja foi construida pelos mouros, para sua mesquita; mas ha uma circumstancia que destroe esta crença—qual é—os mouros não consentiam nos seus templos, ou mesquitas, figuras de homens ou animaes, e nos capiteis das columnas veem-se grupos de carrancas, bustos e cariatides, o que faz suppor que mais facilmente se póde attribuir esta construcção aos romanos do que aos mouros.

Accresce que, é facil de ver que o côro, pulpito e sachristia são mais modernos do que o resto do templo, e que no logar da actual tribuna houve uma ára, toda de pedra, que ainda existe na rectaguarda do altar-mór. Esta circumstancia e a solidez e

¹ *Purificavit* ?—Já se vê que esta inscrição diz 635, e não 1135. Vide a nota da columna seguinte.

sumptuosidade (para aquelles tempos) do templo nos levou a acreditar que é obra romana.

É verdade que nas paredes se veem algumas cruzes, em relevo, e estatuas de bispos catholicos, mas isto não prova que o templo fosse originariamente romano. A minha opinião (que não obrigo ninguém a seguir) é que este templo foi originariamente romano. Em 635—que é a verdadeira data da inscripção, e não 1135, como entendeu quem poz a inscripção, no seculo 14.º—e nos reinados de Swintila e Sézinando¹ desapareceram da Península os ultimos romanos. É pois muito provavel que este templo romano fosse purificado,² e convertido em igreja christan, em 635, e se considerasse esta data como a da sua fundação. As cruzes e as estatuas dos bispos, podiam muito bem alli serem collocadas quando se reconstruiu a igreja, no reinado de D. Pedro I.

Os religiosos da Junqueira—freguezia visinha—mesmo depois do mosteiro de Rio-Mau ser reduzido a abbadia secular, sempre ficaram padroeiros d'elle, e aqui vinham algumas vezes cantar os officios divinos, e todos os annos receber os dizimos da freguezia, que eram d'elles.

A igreja tem a sufficiente capacidade para conter o povo da freguezia. A porta princi-

¹ Swintila (Flavio Swintila) filho de Flavio Ricaredo I, rei dos gôdos, foi aclamado em 621. Era um intrepido guerreiro, e optimo general. Foi elle que *expulsou completamente os romanos da Península* (note-se isto) e foi um dos melhores reis do seu tempo; porem as suas victorias, e prosperidades, o encheram de orgulho, e o transformaram em um abominavel vicioso; pelo que os gôdos o expulsaram do throno (com ajuda de Dagoberto, rei de França) em 636 (note-se ainda esta data) e aclamaram Sizinando, que convocou o 4.º concilio de Toledo, onde se acharam 72 bispos catholicos. Succedeu-lhe seu irmão, Chintila, que convocou o 5.º e 6.º concilio de Toledo.

(Swintila (o rei deposto) se retirou para a Galliza, onde ainda viveu 10 annos, completamente abandonado.

² E é provavelmente o que significa a ultima letra da inscripção, como já fica dito.

pal é para o lado do mar (O.) e está resguardada por um alpendre, ao lado do qual está um pequeno e tosco campanario, com um unico sino.

Tanto a porta principal da igreja, como as duas lateraes, são ornadas de columnas e arcos concentricos, de boa esculptura.

Desde a sua primitiva construção, tem soffrido varias reformas: a parte superior da fachada, foi reconstruida em 1742, segundo se vê de uma data alli gravada. Foi então que se demoliu o antigo campanario que alli havia, e se fez o actual.

Em 1854, quando se reformou a tribuna, appareceu, em pedaços, uma imagem do padroeiro, feita de pedra, e, provavelmente, a primeira que teve esta igreja. Foi collocada em um nicho, atraz da igreja.

Por esse mesmo tempo appareceu, enterrada no ádro, uma sepultura de pedra, de 1^m,87 de comprido (oito e meio palmos) e já antes d'isso se tinham achado outras. Algumas foram destruidas, outras estão servindo de pias para lavar roupa, junto aos pços dos quintaes de alguns particulares.

Junto á igreja está a residencia parochial, e a tulha onde os frades da Junqueira recolhiam os dizimos d'esta freguezia e da dos Arcos, que é visinha.

A freguezia é cortada por uma nova estrada a mac-adam, perfeitamente conservada, que liga a povoação com Villa do Conde, Povia de Varzim, e Villa-Nova de Famalição. É muito concorrida, sobre tudo na época dos banhos do mar.

Desde agosto de 1875, tem caixa do correio, no logar da Estrada, para o transporte das cartas d'esta freguezia e circumvisinhas.

Dou os mais sinceros agradecimentos ao reverendo sr. padre Antonio Domingues Ferreira, d'esta freguezia, pelos curiosos apontamentos que se dignou mandar-me, os quaes me habilitaram a fazer este artigo mais completo.

RIO-MEÃO—freguezia, Douro, comarca e concelho da Feira, 23 kilometros ao S. do Porto, 295 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757, tinha 109 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

O commendador (da ordem de Malta) de Rio-Meão, apresentava o reitor, que tinha 115\$000 réis.

Situada em terreno pouco accidentado e fertil, regado em parte pelo ribeiro do seu nome. Ha n'esta freguezia muitos pinheiraes, dos quaes se extrae muita madeira e lenha, que vae para o Porto e outras localidades.

Ha aqui um monstruoso pinheiro *manso* secular, que é uma maravilha do reino vegetal. O *pinheiro de Rio-Meão* é por isso famoso muitas leguas em redor.

Os povos d'esta freguezia tinham os grandes privilegios e isenções de *caseiros de Malta*, e entre as suas regalias avultavam as de não darem soldados, senão quando o rei em pessoa fosse á guerra; e de não poderem ser citados fóra do seu domicilio.

RIO MOURINHO—Vide o artigo—*Frades paulistas*—no 6.º vol., pag. 495, col. 1.ª

RIO-REAL—pequeno rio (ribeiro) Extremadura.—Passa junto e a E. da villa d'Obidos; na sua margem do N., e a uns 400 metros da ponte que o atravessa, ha uma nascente d'agua thermal *hydrogenio-sulphurada*. que rebenta em quantidade de duas ou trez telhas.

Antigamente nascia esta agua na base de um rochedo de marmore, que fica a E., entre este sitio e a famosa egreja do *Senhor da Pedra*; mas, seccando alli, foi rebentar um pouco mais acima, no sitio actual.

Esta agua, em tudo semelhante á das Caldal da Rainha, é apenas menos pura. O seu grau de temperatura—ao sahir da nascente—é de 74° F., ou 18 1/2 R.—Póde ser applicada em banhos, ou internamente.

RIO-SÉCCO—freguezia, Beira Baixa, concelho d'Almeida, comarca de Pinhel (foi do mesmo concelho, mas da comarca do Sabugal) 96 kilometros de Lamego, 350 ao E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757, tinha 147 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado de Pinhel (foi do bispado de Lamego) districto administrativo da Guarda.

O papa e a mitra apresentavam alternativamente o abbafe, que tinha 200\$000 réis de rendimento.

O nome d'esta freguezia provem do pequeno rio que n'ella nasce.

(Vide *Rio-Sécco*, rio.)

É povoação muito antiga. A primeira noticia que encontrei d'esta terra, foi uma *carta de povoação da herdade do Rio-Sécco*, passada no anno de 1222, por D. Affonso II.

N'esta carta se estipula que—ausentando se algum dos povoadores, entregue o seu casal ao visinho mais proximo, que pagará o devido foro; e que o colono volte—*ad suum casale ad tres annos. Et si aliquis reliquerit suum casale, et non Saboraverit illud duos annos, in tertio perdat suam facturam.*

Esta freguezia está no termo da villa de Castello-Rodrigo. Em tempos antigos, foi da comarca de Pinhel; depois, passou para a de Trancoso, depois, para a do Sabugal, e por fim tornou para a de Pinhel.

Viscondes de Rio-Sécco

O seu 1.º titulo foi o de *barão de Rio-Sécco*, dado por D. João VI (no Brasil) em 12 de outubro de 1812.

O titulo de visconde, foi lhe dado pelo mesmo monarcha, ainda residente no Rio de Janeiro, em 6 de fevereiro de 1818.

O primeiro imperador do Brasil, lhe deu as *honras de grandeza*, em 9 de janeiro de 1827.

O 1.º barão e 1.º visconde do Rio-Sécco, foi Joaquim José d'Azevedo, senhor da villa de Macahé (Brasil) alcaide-mór de Santos (Brasil) commendador das ordens de Christo, Conceição e Torre-Espada; escrivão dos *filhamentos*, [thesoureiro da casa real e da real capella, almoxarife dos paços reaes, comprador das guardas-roupas do paço, da coroa e das cavallariças reaes, fiel do bolsinho, tudo durante a estada de D. João VI no Brasil; e depois—grande do imperio, primeiro marquez de Jundiahy, porteiro-mór do primeiro imperador do Brasil, e por este feito commendador das ordens da *Rosa* e do *Cruzeiro*.

Nasceu a 12 de setembro de 1761, e falleceu no Rio de Janeiro, a 7 d'abril de 1835. (Já se vê que não quiz regressar á patria com o seu rei, e que se fez brasileiro.)

Casou a 1.^a vez, em 17 de abril de 1787, com D. Maria Carlota Millard, que havia nascido em 1773, e morreu no Rio de Janeiro em 15 de abril de 1831—e a 2.^a vez, casou com D. Marianna da Cunha Pereira, filha dos primeiros marquezes de Inhambupe, no Brasil. D'este segundo matrimonio não teve filhos. Do primeiro teve cinco, que foram:

1.^o—*Ignacio Bento*, que morreu no Rio de Janeiro.

2.^o—*D. Maria Carlota*, que casou duas vezes e teve geração.

3.^o—*João Carlos*, que foi o segundo visconde.

4.^o—*D. Maria Zeferina*, viscondessa do Geraz de Lima, nascida a 26 de agosto de 1801.

5.^o—*D. Maria Magdalena*, condessa da Éga, que nasceu a 25 de maio de 1805.

2.^o visconde—*João Carlos d'Azevedo*, também 2.^o barão do mesmo titulo, alcaide-mór d'Evora, commendador da ordem de Christo, nascido a 4 de novembro de 1790.

Casou a 20 de dezembro de 1818, com D. Maria Gertrudes Rosa Pereira Caldas Machado, nascida a 23 de fevereiro de 1799. Era filha de Antonio Francisco Machado, fidalgo da casa-real, do conselho de sua magestade, commendador da ordem de Christo, coronel de milicias—e de D. Anna Maria Cleofa Pereira Caldas.

Tiveram quatro filhos:

1.^o—*D. Anna Carlota*, nascida a 16 de outubro de 1819.

2.^o—*Joaquim*, 3.^o visconde.

3.^o—*Antonio Francisco d'Azevedo*, que nasceu a 17 de março de 1823.

4.^o—*D. Maria Luiza*, nascida a 25 de agosto de 1825.

5.^o—*João Carlos d'Azevedo*, nascido a 19 de fevereiro de 1828.

3.^o visconde e 3.^o barão de Rio-Sécco—com honras de grandeza—*Joaquim José de*

Azevedo, nascido a 30 de setembro de 1822, e feito visconde em 14 de maio de 1861.

Morreu repentinamente, estando no club Lisbonense, em 3 de agosto de 1876, de uma congestão cerebral.

Tinha casado, em 7 de junho de 1852, com a sr.^a D. Maria Gertrudes Machado, filha dos primeiros viscondes de Benagazil, que ainda vive. Deixou descendencia.

O visconde do Rio-Sécco (o 3.^o) era um cavalheiro de muita illustração, e um perfeito homem de bem; digno descendente dos seus esclarecidos antepassados, ainda era mais nobre pelas suas acções. Deixou indelevel saude em quantos tiveram a honra de o conhecer e tratar.

RIO-SÉCCO—ribeiro, Beira Baixa.—Nasce na freguezia antecedente, e lhe dá o nome. Até ao sitio das Juntas, limite da Vermiosa, conserva o nome de Rio Sécco e d'ahi em diante toma o de *Ribeira d'Aguiar*, até desaguar na margem esquerda do Douro, no sitio chamado *Calábre*, com 35 kilometros de curso.

Rega, mõe e traz peixe miudo.

RIO-SÉCCO—Vide *Pontido*.

RIO-TINTO—freguezia (teve foro de villa) Douro, concelho de Gondomar, comarca, districto administrativo, bispado e 6 kilometros ao E.N.E. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 1:200 fogos.

Em 1757, tinha 610 fogos.

Orago, S. Christovam.

(Em 1700 pertencia á comarca de Pinhel.)

Os monges beneditinos, do Porto, apresentavam, *in solidum*, o vigario, que tinha 400\$000 réis de rendimento annual.

Houve aqui um mosteiro de freiras agostinhas (eremitas de Santo Agostinho, ou graciosos) fundado em 1062, por D. Diogo Tructezendes, e seus filhos, Tructezendo Dias, Gonçalo Dias, e Unisco Dias, que o dotaram com grandes rendas, e com o padroado de 12 egrejas.

Sendo abbadessa D. Hermezinda Guterres (1144) D. Affonso Henriques coutou o mosteiro e suas dependencias, pela quantia de 500 maravidis de ouro, que lhe deu a abbadessa.

Na freguezia de Moreira (da Maia) havia

um mosteiro de cruzios, que no seu principio era de frades e freiras; mas como esta circumstancia trazia comsigo muitos inconvenientes, foram as freiras mudadas para o mosteiro de Rio-Tinto, levando grande parte das rendas do de Moreira. (Para evitarmos repetições, vide *Moreira*, da Maia, no 5.º vol., pag. 544, col. 2.ª)

Em 1535 foram as freiras de Rio-Tinto unidas ás de S. Bento da Ave-Maria, do Porto, levando todas as suas propriedades e rendas, e mudando a regra agostiniana para a benedictina.¹

O mosteiro de freiras bentas, do Porto, foi fundado pelo rei D. Manuel, em 1518. Seu filho, D. João III, concluiu a obra, em 1528. (Vide no 5.º vol., pag. 43, col. 1.ª, a palavra *Malhos*—e no 7.º vol., a col. 2.ª de pag. 295.

O nome d'esta freguezia, provem-lhe de um ribeiro que alli passa, denominado *Rio-Tinto*. (Para evitarmos repetições, os que desejarem saber a razão porque assim se chama o tal ribeiro, vejam o que digo no 2.º periodo da col. 1.ª de pag. 60, do 2.º vol.)

Vindo do real mosteiro d'Arouca, em romaria a Nossa Senhora da Silva, a rainha Santa Mafalda, filha de D. Sancho I, aqui falleceu, no 1.º de maio de 1290.² Foi depois transferida para o seu mosteiro.

¹ A pag. 154, col. 1.ª d'este volume, tratando da freguezia da *Retorta*, disse eu que se não sabia como esta freguezia veio a pertencer as freiras benedictinas, do Porto. No texto deixo explicada a razão.

A freguezia da *Retorta* era em 1122, uma quinta da freguezia de Azuréra, pertencente a D. Ouzenda Soares, que a deu n'esse anno aos cruzios de Moreira, quando deu outra herdade aos cruzios, da Junqueira. Ambas estas propriedades eram na margem esquerda do Ave. (Vide o ultimo *Rio Mau*.)

A propriedade da *Retorta* foi uma das que em 1535 passou para o mosteiro do Porto.

² Alguns escriptores dizem que ella morreu em 2 de maio de 1250, o que é erro, porque a *Chronica de Cister* (que merece mais credito) designa positivamente a data do texto. Todos sabem que a Santa Roinha, foi para o seu mosteiro de Arouca, em 1220, e vivendo alli 70 annos, já se vé que falleceu em 1290.

(Vide o 1.º vol., pag. 238 F. F., col. 1.ª, no ultimo periodo e seguintes.)

Ha n'esta freguezia uma grande romaria, que se faz todos os annos a S. Bento no dia 11 de julho, e dura trez dias. Denomina-se *S. Bento das Pêras*.

Ha então comboios a preços reduzidos, porque em Rio-Tinto é a primeira estação dos caminhos de ferro do Minho e Douro.

É uma festividade esplendida e concorridissima, vindo não só grande numero de habitantes do Porto, como de muitas leguas em redor.

Vide vol. 3.º, pag. 220 col. 1.ª, na palavra *Fosso*.

RIO-TINTO—freguezia, Minho, concelho de Espózenda, comarca de Barcellos, 27 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757, tinha 65 fogos.

Orago, Santa Marinha.

Arcebisado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 390\$000 réis de rendimento.

Foi abbade d'esta freguezia, Joao Ignacio Magalhães Malheiro, que falleceu em Barcelinhos, no fim de setembro de 1876, com 103 annos de idade. Conservou o seu juizo até ao ultimo momento. Ainda no dia 7 do dito mez, tinha assignado, *sem oculos* (!) uma escriptura; e, até novembro de 1875, desempenhou perfeitamente todas as obrigações parochiaes do seu cargo.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, e cria muito gado de toda a qualidade. Ha uma grande abundancia de sebolos, que exporta para diferentes localidades.

Tomou o seu nome de um ribeiro, affluente do Cávado, que passa por esta freguezia, e que tem o seu nome.

Para se evitarem repetições, veja-se *Fonte-Bôa*

RIO-TORTO—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 90 kilometros de Coimbra, 280 ao N.E. de Lisboa, 205 fogos.

Em 1757, tinha 101 fogos.

Orago, S. Domingos.

Bispado e districto administrativo da Guárda.

O prior de S. Julião, de Gouveia, apresentava o cura, que tinha 8\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O seu primeiro orago foi Santa Maria.

É parochia muito antiga, mas o documento de data mais remota que encontro d'ella, é de 1269. N'este anno, o mosteiro de S. Pedro das Aguias, deu foral á villa de Vallenga do Douro, dividindo a terra em 24 casaes. Os monges ficaram obrigados a dar-lhes clérigos que lhes dissessem missa de 15 em 15 dias, em *Santa Maria de Rio-Tôrto*, e n'esta mesma igreja lhes administrassem os sacramentos, trez vezes por anno.

É terra fértil.

RIO-TORTO—freguezia, Extremadura, comarca e concelho d'Abrantes.

Vide *Miguel de Rio-Torto* (S.)

RIO-TORTO—freguezia, Traz-os-Montes. comarca e concelho de Valle de Paços (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Chaves) 95 kilometros ao N.E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757, tinha 80 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebisado de Braga, e districto administrativo de Villa Real.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 80\$000 réis e o pé d'altar.

É terra fértil.

Está situada a freguezia perto do rio do seu nome, que morre na direita do Túa perto de Seixes.

RIOS—freguezia, Minho, comarca de Monção, 60 kilometros ao N. de Braga, 455 ao N de Lisboa, 375 fogos.

Em 1757, tinha 390 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebisado de Braga, e districto administrativo de Vianna.

A casa da Barbeita apresentava o reitor, que tinha 150\$000 réis de rendimento.

Não encontro esta freguezia nos mappas modernos.

RIPANÇA—ponto, no rio Douro, proximo do logar de Porto-de-Rei. Vide *Pontos no Douro*.

ROÃES—Vide *Ruões*.

ROALDE—grande fonte, Traz-os-Montes, na freguezia de S. Martinho d'Anta. Dá origem ao rio Ceira, que entra pela margem direita do Douro, proximo de Galafúria.

ROBALLO ou **CELLA-NOVA** ou **NOSSA SENHORA DA ROSA**—logar, Extremadura (mas ao S. do Tejo) na freguezia de Caparica, comarca, concelho e 6 kilometros ao O. de Almada.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Houve aqui um eremiterio, fundado por um santo varão, chamado Mendo Gomes, no reinado de D. João I, dando-lhe este rei o terreno para a edificação, em um sitio chamado o *Roballo*, ao qual o fundador mudou o nome para o de *Cella-Nova*. Foi isto em 1410.

Viveu Mendo Gomes, n'este hospicio, com mais alguns companheiros, por espaço de muitos annos, até que o entregou aos congregados da Serra d'Ossa (paulistas) para o virem habitar.

O fundador falleceu, com fama de santo, no mosteiro da Serra d'Ossa, em 1481.

Era este mosteiro situado entre dois montes, onde as aguas que se juntavam no inverno, corriam para o mar, por um esteiro, onde então chegava a maré.

Consta que no seculo 17.º deu á costa n'esta praia, e proximo á cêrca do mosteiro, uma náu genoveza, que se despedaçou. Entre os seus despojos, que o mar arrojou á praia, veio ter ao referido esteiro, um primoroso quadro a oleo, com a imagem de Nossa Senhora, sentada, tendo o Menino Jesus no braço esquerdo, e na mão direita uma rosa, que lhe offerece, e, de cada lado um anjo com um açafile de flores, que offerece á Senhora.

Sendo este quadro achado pelos frades, o levaram para a igreja do mosteiro. e, como não sabiam a invocação da Senhora, lhe chamaram *da Rosã*. D'esta maneira perdeu o mosteiro o seu segundo nome, como tinha perdido o primeiro, e se ficou chamando *convento da Rosa*.

No sitio onde o quadro foi achado, havia uma fonte, até então chamada *do Esteiro*, e que desde então se ficou denominando *Fonte*

Santa, e creê o povo que a sua agua sara muitas enfermidades, principalmente cutaneas.

Faziam os frades a esta Senhora uma grande festa, no dia da sua natividade (8 de setembro.)

Fica o mosteiro perto da costa do Oceano. (Vide 2.º vol., pag. 98, col. 1.ª)

Roballo, é tambem um appellido nobre em Portugal, que tinha o seu solar na villa de Penamacôr, na Beira Baixa.—Trazem por armas—em campo azul, um roballo de prata, em banda, entre duas estrellas d'ouro.

É brazão incompleto.

ROBURÊDA—Vide *Reborêda*.

ROBORÊDO—Vide *Reborêdo*.

RÓCA—Vide *Cabo da Roca* e *Cintra*.

ROCA-AMADOR ou ROQUE-AMADOR, ou RECLAMADOR—A religião ou instituto de Roca Amador, de irmãos hospitaleiros, foi antigamente celebre e muito caritativa em Portugal, em quanto as Misericordias se não instituíram; e muitos hospitaes de Roca-Amador, foram o principio ou origem das Misericordias.

Os escriptores não são concordes na etymologia d'esta palavra (e porisso se escrevia e pronunciava de diversos modos) a mais verdadeira parece ser a que lhe dá Viterbo (tom. 2.º, pag., 193, col. 2.ª da 2.ª edição.)

Segundo este escriptor—*Santo Amador*, é natural de Narbona (França) e passou os ultimos annos da sua vida, em um altissimo rochedo, separado o commercio dos homens; dando-se depois ao tal rochedo o nome de *Roca-Amador*. A sua sepultura e despojos mortaes, foram achados em 1166, junto á rocha.

Erigiu-se logo alli uma igreja, com o titulo de *Santa Maria de Roca Amador*, e junto d'ella um famoso hospital, para enfermos pobres, o qual era s-rvido por varões cheios de abnegação e piedade.

Os povos das visinhanças deram muitas offertas, esmolas e valiosas doações de propriedades e rendas, a este estabelecimento; mas os abbades em cujo districto ficava, se apropriaram de tudo, e o hospital nunca passou do que foi na sua fundação.

Todavia, o caritativo Amador prestou um grande serviço á humanidade, porque o instituto de *Roca-Amador* se estendeu em breve por toda a Península, e por outros reinos da Europa, sobre o titulo de *eremitas de Nossa Senhora de Roca de Amador*.

Entrou este instituto em Portugal, no anno de 1189, trazido pelos cruzados que ajudaram D. Sancho I a resgatar a cidade de Silves do poder dos mouros.¹

Em 1193, fez D. Sancho I doação a esta ordem, da villa de *Sôsa*, junto ao mar (a villa, e que já não existe, por estar coberta com as areias do mar) proximo de Vagos, hoje na comarca, districto administrativo e bispado d'Aveiro.

Na *Sôsa* (ou *Sôza*) estabeleceu a ordem a sua capital, e d'alli se difundiram pelos hospitaes de Lisboa, Porto, Coimbra, Santarem, Leiria, Torres-Vedras, Guimarães, Braga, Chaves, Lamego, e outras povoações.

Estes religiosos guardavam a regra de Santo Agostinho, e foram muito respeitados dos povos, emquanto não decahiram da antiga observancia; porém, com o tempo, curando mais dos seus interesses, do que da fiel administração dos hospitaes a seu cargo, D. Affonso V, por auctoridade do papa Pio II, em 1459, fez a igreja de *Sôza* (que então se chamava *Santa Maria da Roca de Amador*), commenda da ordem de S. Thiago; e assim se extinguiu este, já então inutil instituto.

Foi substituido pelos conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) que, até á sua suppressão, em 1834, exerceram com o maior desinteresse, e com verdadeira cari-

¹ Mas tornou a perder-se, logo em 1191, porque o Miramolim de Marrocos, invadiu n'esse anno o reino de Portugal com um poderoso exercito, e achando-se o reino opprimido por uma grande fome, e uma terrivel peste, lhe foi facil tornar a apoderar-se de todas as povoações do Algarve que estavam em nosso poder.

Foi só em 9 janeiro de 1242, no reinado de D. Sancho II, que o famoso fronteiro-mór do Algarve, D. Payo Peres Correia, reconquistou Silves, que, desde então, não tornou a sahir do dominio portuguez.

dade evangelica, o emprego de hospitaleiros¹.

Emquanto a ordem de Roca-Amador cumpriu, com integridade, a sua regra, foi geralmente respeitada, e os nossos reis, particularmente D. Affonso II, em 1221; a rainha Santa Isabel, em 1327, lhe doaram muitas e valiosas rendas e propriedades; e o mesmo faziam muitos particulares, de modo que chegou a possuir grandes riquezas, que, na sua supressão, algumas passaram para commendadores, e a maior parte para as differentes Misericordias do reino.

Eis a razão porque vemos em tantas terras de Portugal, logares com o nome, mais ou menos adulterado, de Roca-Amador.

ROCA DA PONTEIRA.—Vidê *Ponteira*.

ROCAMONDO — freguezia, Beira-Baixa, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 12 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 175 fogos.

Em 1757, tinha 125 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

O prior d'Alvendre, apresentava o cura, que tinha 4\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Clima excessivo; terra pouco fertil e pobre. Bastante gado miudo, e nos seus montes abundancia de caça grossa e miuda.

Dá-se tambem a esta freguezia o nome de *Rocamundo*; e parece que isto procede dos rochedos em que abundam estes sitios, e sobretudo, de um monstruoso penedo que existe em um monte da freguezia.

ROÇAS ou **ROSSAS** — freguezia, Douro, comarca, concelho e 8 kilometros ao O.S.O. d'Arouca, bispado e 54 kilometros ao O. de Lamego, districto administrativo e 60 kilometros ao N.E. de Aveiro, 55 ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757, tinha 220 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Os commendadores de Rôças, da ordem de Malta (Vilhenas), apresentavam o vigário, que tinha 20\$000 réis e o pé d'altar.

¹ O povo, por isto, lhes dava a alcunha de *seringas*; o que os não deshonrava, antes ennobrecia, pois significava a caridade com que cumpriam a regra do seu instituto.

É povoação muito antiga, pois a povoou Odorio Espinel, ou Espinhel, na era 1100 (1062 de Jesus Christo.) Depois, fez doação (o mesmo Odorio) das terras de Rôças, a Salvador Peres. (*Brito*, l. 7.ª, c. 25.) A darmos credito á data que se lê sobre a verga da porta principal da pequena igreja matriz, foi esta fundada na era de 1111, que é o anno 1073 de Jesus Christo; o que é muito verosimil, porque, em 1280, mandou a santa rainha Mafalda, construir na serra da Freita, *freguezia de Rôças*, uma albergaria para peregrinos que d'ella se quizessem aproveitar. (Perto d'esta albergaria, está actualmente um marco geodesico, cu trigonometrico; e na propria casa da albergaria, existiu um telegrapho do systema antigo.)

Vidê 3.º vol, pag. 230, col. 1.ª, pr.

É terra muito fertil, e produz optimo vinho verde.

Fica sobre a margem esquerda do rio Arda; e é atravessada pela nova estrada, de Arouca a Oliveira de Azemeis.

Ainda existe a casa vincular dos commendadores de Rôças, da qual é hoje proprietario, um descendente dos Vilhenas, que é o sr. Virgolino de Quadros (se acaso ainda vive, porque foi ha mais de 25 annos para Moçambique, empregado, e não se tornou a saber d'elle.)

Para as armas dos Quadros, vidê *Couto d'Esteves*.

ROÇAS ou **ROSSAS** — freguezia, Minho, no concelho de Vieira, comarca da Povoação de Lanhoso, 30 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 600 fogos.

Em 1757 tinha 418.

Orago, o Salvador.

Arcebisado e districto administrativo de Braga.

A casa dos Abreus, de Regalados, e os duques de Souto-Maior (Hespanha), apresentavam alternativamente o abbade, que tinha um conto de réis de rendimento. Era um dos melhores beneficios do arcebisado.

Foi conto. O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 23 de outubro de 1514. (*Livro dos foraes novos do Minho*, fl. 124, col. 2.ª)

Este foral serve para Aldeia de Ladrões,

Bairral, Bairro, Celleiro, Covêllo, e Lamêdo.

É terra muito fertil. Grande abundancia de gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha caça grossa e miuda.

Foi senhor d'esta freguezia, Fernão de Souza Botelho, casado com D. Ignez de Sot-to-Maior, que era viuva de Lopo Gomes de Abreu, senhor de Regalados e Valladares, filho do 1.º visconde de Villa Nova da Cerqueira, D. Leonel de Lima.

Depois, passou este senhorio para a corôa.

Houve aqui um antiquissimo mosteiro de monges benedictinos, que, em 1195, foi doado por frei João Paes, ao arcebispo de Braga, D. Martinho, e depois foi para os Abreus de Regalados.

Ainda aqui existe a *torre do Bairro*, com seu carcere, edificio muito antigo, e que foi solar do dito Fernão de Souza Botelho.

No lugar da Lama, d'esta freguezia, ha outra torre, que foi de Antonio Machado Coelho, e pertence hoje aos seus descendentes.

ROÇAS ou **ROUÇAS** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Melgaço (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Monsão), 80 kilometros ao N. de Braga, 450 ao N. de Lisboa, 225 fogos.

Em 1757, tinha 88 fogos.

Orago, Santa Marinha (o *Portugal Sacro e Profano*, diz que é Nossa Senhora dos Anjos.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo e 75 kilometros ao N. E. de Vianna.

A mitra apresentava o abade, que tinha 350,000 réis de rendimento.

A padroeira d'esta freguezia, é uma das *nove irmãs* bracharenses, filhas de Lucio Caio Atilio.

Vidê *Braga*.

Esta parochia foi primeiramente padroado da antiga e nobre familia dos senhores do paço de Rôças, que era n'esta freguezia, mas que ha alguns seculos pertence á de S. Payo, contigua a esta.

Ainda se vêem as ruinas de uma antiquissima casa, chamada o *Paço*, solidamente

construida, e, em parte, ainda habitada. O lugar em que está, chama-se mesmo *Paço*, nome tomado da dita casa.

O padroado passou depois para Manoel Pereira (o *Mil-Homens*) da villa de Monsão, e o solar para os Castros, de Melgaço. Por fim, passou o padroado para os arcebispos de Braga.

O territorio d'esta freguezia, tem 7 kilometros de comprido, por 5 de largo, estendendo-se desde a encosta O. da serra de *Pernidêllo*, até junto ás muralhas da villa de Melgaço, pertencendo ainda á freguezia de Rôças, as primeiras casas da villa.

Ainda que em terreno muito accidentado, os seus valles são fertilissimos, e o vinho que produz é de optima qualidade, principalmente o dos sitios das *Barreiras* e *Valle de Cavalleiros*, em nada inferior ao excellente vinho de Monsão.

É n'esta freguezia a grande quinta que foi do mosteiro de Fiães, d'este concelho, e que, ficando sobranceira á villa, é uma bellissima vivenda. É hoje propriedade particular do sr. dr. José Joaquim Gomes.

A egreja matriz é das maiores, não só da comarca, mas do districto administrativo. O zêlo do reverendo abade actual, e a devoção e religiosidade dos parochianos, tem convergido para que este templo esteja ornado com a maior magnificencia.

Estes melhoramentos principiaram em 1864.

Tem altar-mór e quatro lateraes, todos ricamente adornados, e as santas imagens que os decoram, são de excellente escultura, sendo notavel a de Nossa Senhora da Soledade, de tamanho quasi natural, e offerecida á freguezia pela benemerita familia Salgado, aqui residente.

A sua torre dos sinos, é bastante alta, e tem dois bons sinos. O coro é bom, e tem um pequeno órgão.

Tem optimas alfaias e paramentos, para o culto divino, tudo feito ha poucos annos. No tecto da egreja ha boas pinturas, representando os apóstolos e os evangelistas; e a Fé, Esperança e Caridade.

Na parede exterior da capella-mór, está embutida uma lapide, com esta inscripção:

BLAZIUS D'ANDRADA DA
GAMA, ABBAS, IN UTRO-
QUE JURE LAUREA-
TUS, A FUNDAMENTIS
EREXIT. MDCLXXX.

Collige-se d'esta inscripção que o templo foi fundado em 1690, á custa do benemerito abbade da freguezia, Braz d'Andrada da Gama.

Está construida em um formoso sitio, pela sua posição elevada, e com dilatados horizontes.

A festa da padroeira, faz-se a 18 de julho (que é o seu dia.) É uma romaria concorridissima, vindo gente até da Galliza, em grande numero, com offertas, para que Santa Marinha os cure, ou preserve de sesões.

O lugar presta-se maravilhosamente para a romaria, porque é um vasto terreiro, o maior que se vê na provincia, em frente das egrejas, depois do de Fiães.

Fica ao S. da igreja, e é assombrado por gigantescos e vetustos castanheiros, contemporaneos do primitivo templo.

A residencia parochial foi reconstruida em 1870, desde os alicerces.

É um edificio no gosto moderno, commodo e decente; e feito á custa dos parochianos, que da melhor vontade, e por amor ao seu digno parcho, se prestaram a esta não pequena despesa.

Ha n'esta freguezia seis capellas, que são:

1.^a, *Santa Rita*, na aldeia de Villela, com missa em todos os domingos e dias sanctificados. É publica.

2.^a, *Nossa Senhora da Conceição*, no *Côlto do Preto*. Tem uma bem esculpida *pedra de armas*, da ordem da Conceição, sobre a porta principal. É particular.

2.^a, *Santo Antonio*, no lugar da Córga. É particular.

4.^a, *Nossa Senhora das Dores*, no lugar de Cavalleiros, com missa em todos os domingos e dias santos. É publica.

5.^a, *S. João Baptista*, no lugar do Fêxo. É particular.

6.^a, *Nossa Senhora da Graça*, a poucos metros de distancia da antecedente, e que é a melhor de todas, tanto pela sua posição eminente á villa, como pela magnifica pedra

de cantaria de que é construida. (Do monte onde está a capella, é que sahe o finissimo granito para as construcções de todos os edificios d'estes arredores.)

O *Sanctuario Marianno*, vol. 4.^o, pag. 254, diz o seguinte :

«Em um eminente monte, sobranceiro á praça de Melgaço, no districto da freguezia de Santa Marinha, do lugar de Rouças, sitio, ainda que alto, muito agradável e delicioso, não só pela variedade do horizonte (porque d'elle se descobre muita parte do reino de Galliza, pela corrente do rio Minho acima, e todas as terras do termo de Melgaço, Valladares, Monsão, e das mais que correm em frente do mesmo caudaloso Minho) mas, pela frescura dos arvoredos e pomares que d'aquelle alto sitio se estão avistando, se vê o Santuario de Nossa Senhora da Graça.»

Foi este Santuario construido em 1594, por o abbade d'esta freguezia, Tristão de Castro, em cumprimento de um voto que havia feito a Nossa Senhora, pelo motivo seguinte :

Vindo o tal abbade, da villa de Melgaço, sendo já alta noite, para sua casa, ao passar no sitio onde hoje está a capella da Senhora, então coberto de mattos e arvoredos, lhe appareceu um monstruoso phantasma, que não só o assustou a elle, mas até ao cavallo em que vinha montado, que saltou desatinadamente por aquelles escuros e profundos barrancos.

Foi então que o abbade prometeu á Senhora, se o livrasse de tão grande perigo, construir-lhe alli mesmo uma ermida, o que cumpriu, sem demora.

Tambem antigamente chamavam á padroeira da ermida, *Nossa Senhora da Carvalheira*, porque assim era denominado o sitio onde está a capella.

Para custeamento do culto e conservação do templo, deu o abbade á Senhora algumas fazendas, e instituiu uma capella, para que o capellão d'ella fosse obrigado a dizer missa no altar-mór, em todos os dias das differentes festividades da Senhora.

—
Antigamente, em todos os domingos e

dias santos do anno, vinham visitar a Senhora, numerosos romeiros de muitas leguas em redor, tanto portuguezes como gallegos, mas a sua festa principal é em um domingo de julho. É esplendida e concorridissima.

A capella é particular.

À padroeira d'esta ermida se attribuem muitos milagres; mencionarei apenas um reputado como tal, por prender com a nossa historia.

Nos annos de 1660, durante a guerra da Restauração, hindo Gregorio Vaz, natural d'esta freguezia, e soldado do exercito portuguez, com mais dois camaradas, reconhecer os movimentos do exercito castelhano, que se achava acampado nos Arcos (Galliza), cahiram todos trez em poder do inimigo.

Gregorio Vaz, invocou o patrocínio de Nossa Senhora da Graça, e prometeu-lhe, se o livrasse da morte, de ser eremita da sua capella, e de a servir toda a vida.

Filippe IV, mandava enforcar todos os prisioneiros que cahiam nas garras dos seus soldados, e os nossos trez portuguezes tiveram a mesma sorte.

Gregorio foi o ultimo a ser enforcado, mas a corda partiu-se e o desgraçado cahiu no chão, sem sentidos, e com a garganta horivelmente ferida.

Foi julgado morto, e, como os seus camaradas, foi abandonado aos pés da forca; mas, quando no dia seguinte vieram os frades franciscanos para lhes darem sepultura, acharam Gregorio sentado, encostado a uma mão, e tendo na outra umas contas.

Os frades tambem eram castelhanos, e portanto, tão inimigos dos portuguezes como as tropas do neto do *Diabo do Meio Dia*, e, em vez de terem caridade com tão grande infeliz, o entregaram ao carrasco, que lhe deu duas lançadas, que o atravessaram do peito ás costas.

Os frades o levaram a enterrar, mas, pelo caminho, viram que elle dava ainda signaes de vida. D'esta vez, enfim, attribuiram o caso a milagre, e o curaram.

Fez depois remettido para Corunha (então

capital da Galliza), e mettido em um carcere.

Filippe IV teve noticia d'este facto, e attribuindo-o tambem a milagre, fez o milagre (ainda maior) de o mandar soltar, e deixar vir em paz para Portugal.

Gregorio cumpriu o voto e foi viver para junto da ermida da Senhora, como seu eremita, mudando o nome para *Gregorio da Graça*, e alli falleceu de avançada idade, pois ainda vivia em 1712, quando frei Agostinho de Santa Maria publicou o 4.º volume do seu *Santuário Mariano*. Ainda então conservava as cicatrizes das feridas.

Isto consta de documentos que existem na secretaria das *Mercês*, e de um alvará, assignado por D. Pedro II, e pelo qual o rei mandou dar a Gregorio da Graça um tostão por dia, para seu sustento.

Nasceu n'esta freguezia, o padre Manoel Alves Salgado, que, emquanto estudante, foi o mais perito caçador do Minho.

Foi famulo do infante D. Gaspar, arcebispo de Braga¹, filho natural reconhecido de D. João V, e depois secretario da camara ecclesiastica do arcebispado, no tempo do mesmo principe.

Era o padre Manoel Alves Salgado, um ecclesiastico exemplar, e muito intelligente, sabendo reunir ao rigoroso cumprimento dos deveres do seu então importantissimo cargo, a maior modestia e affabilidade.

Era summamente caridoso, pelo que a sua morte foi sinceramente chorada pelos desvalidos a quem a sua beneficência já-mais deixara de soccorrer.

Por sua morte, nomeou sua herdeira, sua sobrinha, a sr.ª D. Thereza Alves Salgado, da cidade de Braga, hoje representada por suas duas filhas, as sr.ªs morgadas do Carvalho, da mesma cidade.

Ao reverendissimo sr. José Manoel Alves Salgado de Castro, que, por varias vezes, se tem dignado mandar-me valiosos e curiosos

¹ Um dos trez *meninos de Palha-Vã*. (Vide 6.º vol., pag. 424, col. 1.ª, no fim, e seguintes.)

simos apontamentos, para varias povoações do Minho; e que teve a bondade de me mandar bastantes sobre esta freguezia, agradeço tanta generosidade.

Se todos os homens illustrados das provincias fizessem como o sr. padre Salgado, sahiria esta obra mais completa e perfeita.

ROÇAS ou **SANTA COMBA** — freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, districto administrativo e bispado de Bragança, 54 kilometros ao N. de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757, tinha 44 fogos.

Orago, Santa Comba.

O reitor de S. Nicolau, de Salsas, apresentava o cura, que tinha 8\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pobre e pouco fertil.

RÓCCAS ou **RÓCCAS** — freguezia, Douro, concelho e 5 kilometros ao N.E. de Sevrê do Vouga, comarca d'Agueda, 55 kilometros ao O. de Viseu, 270 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757, tinha 259 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Bispado de Viseu, districto administrativo de Aveiro.

O abbade de Santa Maria de Sevrê do Vouga, apresentava o cura, que tinha 6\$000 réis de rendimento e o pé d'altar.

É povoação muito antiga, e, até 1834, pertenceu ao extincto concelho de Couto de Esteves (d'onde era natural o 18.º bispo do Porto, como adiante direi)

Em terra de Sevrê, havia em dezembro de 1180¹ uma herdade, chamada da *Róca*, ou da *Rocha*, á qual D. Affonso Henriques deu n'esse anno, o nome de villa (casa de campo?) em uma sentença sobre um pleito que havia, entre a Sé de Viseu e o mosteiro de Sevrê; mandando que seis casaes da villa da Rocha, ficassem para a cathedral de Viseu, e outros seis para o dito mosteiro e para outras pessoas.

A freguezia do Couto de Esteves, formou antigamente com esta, uma só parochia, e, como n'aquella não fallei no 18.º bispo do Porto, o menciono n'este lugar.

¹ É a era 1218 de Cesar, que vem a ser 1180 de Jesus Christo.

Na freguezia pois do Couto de Esteves nasceu o famoso D. Pedro Rabaldes (1.º do nome) 18.º bispo do Porto, successor e sobrinho do não menos famoso, D. João Peculiar¹. D. Pedro já era arceidiago da Sé do Porto, feito por seu tio.

Em 12 de outubro de 1138, o infante D. Affonso (D. Affonso Henriques) neto do imperador de Hespanha e filho do consul, D. Henrique e da Rainha D. Tareja, principe da provincia de Portugal, confirmou o couto de Crestuma, ao Bispo D. Pedro Rabaldis e seus successores, que a Rainha D. Tareja tinha dado ao Bispo D. Hugo. (Catalogo dos bispos do Porto, parte 2.ª, pag. 28.)

D. Affonso Henriques era particular amigo de D. Pedro Rabaldes, e no tempo d'este prelado fez varias doações á Sé do Porto; entre ellas—a herdade e casal de Loriz, que depois coutou, sendo bispo do Porto, D. Martinho—o couto e mosteiro de S. João de Valerio (hoje S. João de Vêr) na Terra da Feira, com todos os seus passaes, fóros e rendas—no mesmo anno (1141)—metade da dizima de todas as barcas que viessem das partes de França, á cidade do Porto (mas o bispo e cabido, deram ao rei, por esta doação, 100 maravidis de ouro.)

Em 1144, deu D. Pedro Rabaldes, licença a Hero Calvo, Soeyro Pelayo, Payo Pires e seus successores, para viverem e morrerem no couto da Régua, que a rainha D. Thereza dera ao bispo D. Hugo; com a condição de que elles e herdeiros lhe pagariam o sexto

¹ D. João Peculiar (o *Ovelheiro*), que foi um dos primeiros conegos regrantes de Santa Cruz, de Coimbra. Era francez de nação e veio para Portugal, para mestre-escola da Sé de Coimbra. Elle e D. Tello, arceidiago da mesma Sé, e outros varões, illustres por nobreza de sangue, por sciencia e virtudes, foram os fundadores do mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra, no sitio onde hoje está.

D. João Peculiar, foi depois para o mosteiro de Grijó, da mesma ordem (cruzio) e d'alli foi para bispo do Porto, e passados dois annos e meio, foi feito arcebispo de Braga, e successor do arcebispo D. Pelagio, ou Payo.

Foi D. João 37 annos e meio arcebispo de Braga, fallecendo no 1.º de dezembro de 1177 (era de 1215.)

do pão, o quinto do vinho, e outras miuças.

D. Pedro Rabaldes, falleceu no Porto, em 29 de junho de 1145.

ROCHA — serra, Douro, no extincto concelho de Fajão, hoje concelho da Pampilhosa, comarca de Arganil, bispado e districto administrativo de Coimbra.

Este concelho é o mais montanhoso do districto administrativo, e pôde dizer-se que consta de uma serie não interrompida, de altos montes e profundos valles.

Uma das principaes e alcantiladissimas serras d'esta região, é a da ROCHA. Principia no sitio denominado *Aguas de Ceira* (tambem chamado *Serra da Cebola* e *Serra Amarella*.)

Segue, quasi sempre na direcção de S.O., pelos concelhos da Pampilhosa, Góes, Álvares (este ultimo supprimido) e outras terras, até Figueiró dos Vinhos, no comprimento de 60 kilometros.

O seu ponto culminante chama-se *Picôto*: fica proximo a Figueiró.

Divide-se a serra da Rocha, em varios ramos (que todos tomam nomes differentes) para os lados da Covilhan, Fundão e outros; dos quaes devo especialisar o *Ladeira* (vidê esta palavra) ao E., que, correndo coroado de broncas penedias, abate de repente no sitio do Amieiral, para dar passagem ao rio Zêzere, apparecendo na mesma altura, do outro lado do rio.

É tambem muito notavel o monte chamado Penedos de Fajão—ramo da Rocha—ao O., pelas grandes massas de rochedos, de marmore, nús e escarpados, que vão precipitar-se repentinamente sobre o rio Ceira.

(Vidê *Penedos de Fajão* e *Sarzêdas*.)

Rocha é tambem um appellido nobre em Portugal. Vidê *Guimarães*.

ROCHA DO CONDE D'OBIDOS — Vidê 4.º vol., pag. 136, col. 1.ª

ROCHA DOS SOUDOS — sérro, Algarve, na freguezia e a 1 kilometro ao N. da povoação d'Alte, comarca e concelho de Loulé.

Do alto d'este sérro se gosa um vasto panorama, vendo-se a cidade de Lagos, que fica a 50 kilometros de distancia. Serve de guia aos navegantes d'estes mares. Vidê *Alte*.

ROCHOSO.—Vidê *Richoso*.

ROCINAL—portuguez antigo—a carga de um rocim ou cavallo pequeno.

Nos foraes antigos se distinguem as cargas dos machos e cavallo, das dos rocins e asnos, sendo a *portagem* dos primeiros, o dobro da dos segundos.

A carga *rocinal* e *asnar* (de burro) pagava a mesma portagem.

ROCIO DE LISBOA—(Praça do Rocio, hoje denominada *Praça de D. Pedro*).

Além do que fica dito com respeito a esta praça, no 4.º vol., pag. 125, 164, 172 e 379, accrescento aqui mais o seguinte.

Por baixo do Hospital Real de Todos os Santos, que existiu n'esta praça, havia uma ermida, dedicada a Nossa Senhora do Amparo (que deu o nome á rua do Amparo e rua Nova do Amparo).

Era a padroeira objecto de grande devoção do povo de Lisboa, e todas as noites, ás Ave-Marias, se lhe rezava o terço, ao qual assistia o capellão, que dava no fim a beijar ao povo, a corôa da Senhora.

A imagem era de roca, de 0^m,77 (trez palmos e meio) de altura.

Estava em um camarim, envidraçado, no meio de um retabulo, construido de marmore azul e encarnado, de boa escultura, e collocada sobre um globo, tambem de marmore, cercada de anjos e seraphins.

Esta capella era frequentemente visitada pelas principaes damas da côrte, que, além das offertas que davam á Senhora, tinham por devoção, fazer as camas dos enfermos, dar-lhes esmolos e doces.

O famoso cardeal da Cunha, hia visitar a ermida em todos os sabbados do anno.

Tinha a Senhora um capellão, que dizia missa na ermida, todos os dias.

Esta capella (das missas) instituiram, Domingos de Basto Figueirôa, e sua mulher, D. Barbara Antunes Brandôa, em 1625, que (em cumprimento de suas disposições testamentarias) foram sepultados n'esta ermida. Doaram á Senhora duas moradas de casas, que então rendiam 83\$448 réis, o que prova serem boas propriedades.

D'esta renda se dariam ao capellão (*que havia de ser natural da villa de Amarante*

63\$000 réis, e o resto para os entrevados do hospital annexo.

Domingos de Basto Figueirôa falleceu em 2 de maio de 1653.

A origem d'esta ermida, foi uma albergaria, para acolheita dos peregrinos, aos quaes se dava casa, cama, agua e luz. Tinha 40 leitos, 20 para cada sexo, separados uns dos outros, Tinha dois hospitaleiros, um homem para os do seu sexo, e uma mulher para o feminino.

D. João II, mandou construir o sumptuoso Hospital Real de Todos os Santos, sobre 35 magestosos arcos de cantaria, e occupando toda a frente E. do Rocio, e sob esta vasta galeria havia umas 200 lojas de capellista, onde se vendiam varias quinquilherias.

Um devoto, havia instituido por herdeira de toda a sua fazenda, a Misericordia de Lisboa, e entre varias alfaias e peças preciosas lhe deixou a imagem de Nossa Senhora do Amparo, para a qual os irmãos da Misericordia mandaram construir a ermida, annexando-lhe uma enfermaria para entrevados, que primeiro estava no claustro do hospital, e ficava por baixo da igreja, onde depois foi o celleiro e despensa, e d'aqui é que foi mudado para sob os arcos do rocio. Ainda antes do incendio que destruiu o hospital, e ao lado da porta do referido celleiro, se via uma lapide com esta inscripção :

ESTA ENFERMARIA DOS INCURAVEIS
CONSERVARÃO OS IRMÃOS A SUA CUSTA,
E NA MISERICORDIA OS PROVERÃO
DO NECESSARIO, EM ABRIL DE 1565

Segundo uma outra inscripção que estava nos azulejos da ermida, os entrevados foram mudados para a antiga albergaria (que então se extinguiu) em 1583.

ROCIO DO SUL DO TEJO ou ROCIO DE ABRANTES — freguezia, Extremadura, comarca e concelho d'Abrantes, 170 kilometros ao E. de Lisboa, 300 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Castello Branco, districto administrativo de Santarem.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano*,

por que ainda não existia quando se publicou esta obra.

Esta freguezia era na provincia da Beira Baixa, mas, pela nova divisão, ficou pertencendo á Extremadura, apesar de ficar ao S. do Tejo, e sobre a sua margem esquerda.

Fica em frente da villa de Abrantes.

No dia 6 de dezembro de 1876, subiu o Tejo a tal altura, que causou espanto ás pessoas mais antigas do Rocio e da villa de Abrantes. Do lado do sul, chegou ao *Fôjo*, e do norte, á ponta do rio Pombal, attingindo mais 1,^m75 do que a grande cheia de 18 de fevereiro de 1855. Não houve predio no Rocio, por mais elevado que estivesse, que não tivesse, pelo menos, sete palmos d'agua; o que fez cabir muitas casas.

Muitas familias fugiram para Abrantes, e outras para o Tramagal.

No quartel de S. Domingos (Abrantes) foram recolhidas 60 e tantas pessoas, ás quaes os camaristas mandaram dar dois ranchos por dia.

O Tejo chegou quasi ao leito da ponte, e abateu uma grande parte do seu aterro, do lado do Norte. Algumas casas do Rocio, ficaram completamente debaixo d'agua.

Pelo rio abaixo, viam-se boiando, carros, bois, madeiras, etc.

A estação do caminho de ferro e os vastos campos do sul e norte foram totalmente inundados.

Os prejuizos foram incalculaveis, ficando muitas familias reduzidas á mais lamentavel miseria.

Esta povoação é muito moderna, o seu estado era prospero, e tinha-se desenvolvido espantosamente.

RÓDA ou **RHODA**—substantivo persa, que os árabes adoptaram e o transmittiram aos luzitanos—significa *jardim*, e tambem *paraizo*.

Em Portugal ha varios logares com esta denominação. Vide *Redinha* e *Villa Velha do Rodam*.

RÓDA—rio, Douro, no extincto concelho d'Álvares, hoje concelho de Góes, comarca d'Arganil.

Nasce nas *Pedras do Lumiar*, e deságua na ribeira de Unhães, 3 kilometros abaixo da mesma villa de Unhães.

Dão-se também a este rio os nomes de *Ribeira da Velha* e *Rio Sinhel*.

Todo o territorio que formava o antigo concelho d'Álvares, é montuoso, e porisso, tanto a elle, como aos concelhos de Fajão (extincto) e Pampilhosa, se dá vulgarmente o nome de *concelhos da Serra*. (Vide a 1.^a Rocha.)

Alem do rio da *Roda*, são estes concelhos atravessados por mais os seguintes :

Ribeira da Foz—Nasce na serra de Entre-Capellos¹ e desagúa na ribeira de Unhaes, junto ao povo porisso chamado *Foz*.

Ribeira de Amioso Fundeiro—Nasce nas faldas da serra de Trevim, e desagúa tambem na ribeira de Unhaes, na foz do Amioso, 4 kilometros abaixo do lugar onde desagúa o antecedente.

Ribeira do Méga (ou d'Oméga)—Nasce nas faldas da mesma serra, e desagúa na mesma ribeira, uns 5 kilometros abaixo da antecedente.

Rios Unhaes, e *Zêzere* de que fallarei no lugar competente.

Todas estas ribeiras criam barbos, bogas, trutas, enguias, e outro peixe miudo; e todos estes peixes são muito saborosos, por serem de corrente precipitada as aguas em que se criam.

RÓDA—quinta, Minho, na freguezia de Lanhellas, concelho, comarca e 4 kilometros ao N.E. de Caminha.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Esta propriedade fica proxima á igreja matriz, e pouco distante da margem esquerda do rio Minho. Foi de desembargador José Manuel d'Amorim Guerreiro, filho do ministro de estado José Antonio Guerreiro: hoje é dos seus herdeiros. Vide a 1.^a *Róda*.

RÓDA—casa antiga e nobre, Minho, na freguezia e concelho da Ponte da Barca, comarca de Valle de Vez.

¹ A serra de *Entre-Capellos*, fica ao E. da villa d'Alvares. É bastante alta e de difficil transito, está ao N. de outra serra, chamada *Pedras do Lumiar*, de clima frigidissimo e na qual tem morrido muita gente *afogada* em neve.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

D'esta casa foram modernamente senhores—Rodrigo Antonio da Costa Pereira de Gouveia, mestre de campo dos auxiliares (milicias) governador da praça de Melgaço, e fidalgo da casa real; e Gaspar José da Costa Pereira de Gouveia, alcaide-mór de Ervêdo, cavalleiro da ordem de Christo, e fidalgo da casa real.

É actual representante d'esta esclarecida familia, a sr.^a D. Guiomar da Costa Pereira de Vilhena Coutinho.

Vide a 1.^a *Róda*.

RODAGEM—grande e excellente quinta, Douro, na freguezia de *Pombeiro de Riba Visella*, concelho e comarca de Felgueiras.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Era a cerca do mosteiro dos monges beneditinos de Pombeiro. (Vide *Pombeiro de Riba Visella*.)

Fica proximo á estrada da Rodagem, que vae da villa de Felgueiras para Guimarães.

Depois de 1834, foi vendida a Antonio Pereira Leite Guimarães.

É toda cercada de alto muro, e compõe-se de muitos campos de terra lavradia, matos, e a tapada de Santa Cruz, casas de venda, grande parte do edificio do mosteiro e outros para caseiros. Grande encanamento d'aguas, das quaes é muito abundante, com um grande e magnifico chafariz.

É uma das melhores propriedades d'estes contornos.

RODAM—Vide *Villa Velha do Rodam*.

RODAS DO MARÃO—Vide *Portella da Gaiva*.

RODELLA—ribeiro, Douro. Nasce na freguezia da Cadima, comarca e concelho de Cantanhêde, bispado e districto administrativo de Coimbra; e morre na celebre ribeira da Fervança.

Ainda n'esta freguezia nascem os ribeiros da *Lagôa-Sêcca*, *Moita*, *Olho*, e *Aljuriça*.

ROGE—freguezia, Douro, concelho e 1:500 metros ao E. de Macieira de Cambra, comarca e 8 kilometros ao N.E. de Oliveira d'Aze-meis (era do mesmo concelho, mas até 1855, da comarca d'Arouca) 70 kilometros ao N.

de Coimbra, 275 ao N. de Lisboa, 415 fogos.

Em 1757, tinha 119 fogos.

Orago, o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

A casa do infantado apresentava o prior, que tinha 600.000 réis de rendimento.

O terreno d'esta freguezia, como o da maior parte do concelho de Cambra, é fertilissimo em todos os generos agricolas; cria muito gado, de toda a qualidade, que exporta, e nos montes visinhos ha abundancia de caça.

É regada por varios ribeiros, confluentes do Cambra, e este do Caima, que deságua na esquerda do Vouga, pouco acima de Serrem. Criam peixe miúdo.

O Cambra atravessa o formoso e feracissimo valle de Cambra, e muitos já aqui lhe dão o nome de *Caima*. (Eu julgo que Caima é corrupção de Cambra, como Cambra é corrupção de Coimbra. (Vide *Cambra e Macieira de Cambra*.)

A egreja parochial, ainda que antiquissima, é um bello e magestoso templo, de excellente e sólida construcção, e está luxuosamente decorado; o que é devido á religiosidade d'este povo, e á sollicitude do seu actual prior, o reverendo sr. Manuel Tavares d'Amorim, cavalheiro de muita illustração, zeloso no cumprimento dos seus deveres, e um dos melhores oradores sagrados d'estes sitios.

Faz-se n'esta egreja, em todos os annos, uma esplendida festa á nossa tão popular rainha Santa Isabel.

No alto d'um monte d'esta freguezia, alveja a formosa capella de Nossa Senhora do Destino, á qual se faz todos os annos uma brilhante festa, e concorridissima romaria.

O panorama que se gosa do terreiro d'esta ermida, é vasto e encantador.

Esta freguezia é uma das mais ricas do concelho, e tem prosperado muito em nosos dias, como se póde ver do augmento da sua população, pois que, sendo em 1757 apenas de 119 fogos, está hoje elevada quasi ao tresdobro.

Não sei se *Rôge* é corrupção de *Rojas*, o que sei é que, em 1525, veio a Portugal, como dama da rainha D. Catharina (filha de D. Philippe I, de Hespanha, e mulher do nosso D. João III) uma senhora castelhana, por nome, D. Catharina de *Rojas*. Esta senhora, casou n'este reino, com Diogo Soares d'Albergaria, do qual houve successão.

N'esta freguezia ainda existe a casa dos Soares d'Albergaria (descendentes de Diogo Soares d'Albergaria) da qual é actual representante, o sr. dr. Alexandre Celestino Soares d'Albergaria (vide *Buraco*)—e na proxima freguezia de Castellões, d'este concelho, a casa de Areias, da qual é hoje proprietario, por herança de seus paes, o sr. dr. Antonio Soares Leite Ferraz de Albergaria. (Vide *Castellões*—a 2.ª de pag. 198, col. 2.ª; do 2.º volume.)

Ainda n'este concelho ha outras familias d'appellido Soares d'Albergaria, e muitas mais do appellido Soares sem Albergaria que é provavel descenderem (por linha legitima ou bastarda) do referido Diogo Soares de Albergaria.

ROIOS ou ARROIOS—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Villa Flor, comarca de Mirandella. Vide—2.º *Arroios*, do 1.º vol., pag. 238 verso, col. 1.ª

D. Affonso III deu fofal, com o titulo de de villa, a esta povoação, em Guimarães, a 2 d'abril de 1258. (*Livro de foraes antigos de leitura nova*, fl. 126 verso, col. 1.ª.)

RÔL—grande quinta, Douro, na margem da ribeira d'Ançan, e no centro da *Varzea d'Ançan*. É dos srs. Ferreiras Pintos Bastos, da Vista-Alegre.

Para evitarmos repetições, vide *Portunhos*.

RÔL—Vide *Ponte do Rôl*.

ROLIÇA—freguezia, Extremadura, concelho d'Obidos; comarca e 18 kilometros ao O. das Caldas da Rainha, 54 kilometros ao N.O. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1757, tinha 338 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Purificação.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

Os beneficiados de S. Pedro, d'Obidos,

apresentavam o cura, que tinha 60 alqueires de trigo, 30 de cevada, um tonel de vinho, e 4\$000 réis de congrua.

É terra muito fértil, em todos os generos agricolas do paiz.

É glorioso, para esta freguezia, em particular, e para a nação em geral, o dia 17 de agosto de 1808, no qual, o exercito luso-britânico obteve a primeira victoria contra as hordas de salteadores jacobinos, do infame Junot.

Os francezes eram inferiores em numero aos alliados, mas as suas quasi inacessiveis posições suppriam-lhes muito a inferioridade do numero.

Era cabecilha do inimigo, o malvado Laborde, e chefe dos alliados, o immortal sir Arthur Willesey (depois lord Wellington, conde do Vimeiro, marquez de Torres-Vedras, e duque de Wellington.)

Os jacobinos tiveram mais de 500 mortos e feridos.

Note-se que o exercito portuguez era composto, na sua quasi totalidade, de soldados bisonhos, feitos á pressa, e que entravam em fogo pela primeira vez, e de milicias e paisanos, mal armados, e que tambem nunca tinham assistido a qualquer combate.

Os soldados inglezes, tambem quasi todos, era a primeira vez que tomavam parte em uma batalha.

Apezar d'estas circumstancias desfavoraveis, era um quadro arrebatador, ver a bravura, sangue-frio e disciplina, com que os intrépidos alliados, e estes destemidos galuchos atacaram á *bayoneta callada*, e tomaram as alcantiladas posições do inimigo.

Esta batalha foi o preludio da do Vimeiro, dada logo a 21 d'agosto, e que ambas foram a causa da expulsão do rapinante Junot e dos seus camaradas.

Esta gloriosa acção foi dada nos limites da *Roliça*, da *Columbeira*, e da *Azambujeira dos Carros*.

(Vide *Óbidos*, *Tavarêde* e *Vimeiro*.)

O general Loison, que estava em Abrantes, marchou sobre Otta e Alcoentre, para se unir a Laborde, e, perdendo a batalha da *Roliça*, retirou para Torres-Vedras, para se

unir ás tropas de Junot, que vinham de Lisboa.

Em quanto Junot occupava Torres-Vedras, sir Arthur Willesey marchava pelo caminho da Lourinhan, com o fim de aproximar-se da costa, para estar protegido pela esquadra ingleza, que andava nas aguas de Peniche e Ericeira, tendo a sua maior parte fundeada em frente da Atalaya.

Nasceu na Roliça, a esposa do sr. Carlos José Caldeira (irmão do sr. conde de Casal Ribeiro) que falleceu, na sua casa de Chelias, freguezia do Beato, a 29 de abril de 1877. Foi uma dama virtuosissima, e de exemplar caridade.

Deixou 100\$000 réis para os pobres da freguezia do Beato, e 50\$000 para os da Roliça: 450\$000 réis ao asylo dos cegos, de Castello de Vide; e alguns legados de 50\$000 réis a estabelecimentos de beneficencia, tudo na importancia de 2:000\$000 réis, incluindo os legados a parentes pobres.

Deixou dois filhos.

ROMANS—freguezia, Beira Alta, concelho de Satam, comarca e 24 kilometros ao E. de Visen, 310 ao N. de Lisboa, 255 fogos.

Em 1757, tinha 110 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Valle.

Bispado e districto administrativo de Visen.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 80\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O *Portugal Sacro e Profano* (não sei com que fundamento) dá a esta freguezia o nome de ROMARIZ.

Pertence ao antigo concelho de Gultar. (Vide *Pinheiro d'Aguiar*.) Fica sobre a margem esquerda do rio Vouga, em frente de Ferreira d'Aves.

Ha nesta freguezia um alcantilado monte, chamado o *Barrocal*. Entre uns altos e escabrosos rochedos, está a capella de *Nossa Senhora das Romans* ou do *Barrocal*¹ tendo

¹ A verdadeira invocação da padroeira, é Nossa Senhora da Purificação, ou das Candeias, mas o povo dá-lhe vulgarmente o titulo referido no texto.

ao lado do norte, um pequeno valle, regado por uma fonte de crystalinas e frescas aguas.

Varios caminhos, todos pedregosos, vão dar á capella, e um d'elles é o do povo do Carvalhal, para a matriz; que passa mesmo junto da ermida. Ao E. d'esta, se veem umas casas terreas, residencia do eremita, com uma horta e pomar contiguo, murados, e sobre um despenhadeiro.

O templosinho é bonito, e todo construido de pedra de cantaria.

Ignora-se quando foi construido o primitivo: o actual, é uma reconstrução desde os alicerces, feita por ordem do bispo de Viseu, D. João de Mello.

Tem em volta uma *sapata* ou banqueta para commodidade dos romeiros. Tambem sollicitou para esta capella um grande legado que deixára Manuel de Figueiredo, fallecido na povoação de *Mariquita* (Castella) e natural do lugar de Decermillo, ou Sermillo, então concelho de Gufar, freguezia annexa a esta de Romans. Este homem era muito rico, e não tinha herdeiros forçados; pelo que, por testamento, deixou a maior parte dos seus haveres, para que com elles se fundasse um mosteiro de monges benedictinos.

As riquezas do testador estavam porem nas garras dos castelhanos, e não era facil arrancar d'ellas a herança. Apenas, depois de muitas diligencias do bispo, e contestações dos castelhanos, se poudo cobrar o sufficiente para reconstruir a ermida, e comprar alguma fazenda, que rendia annualmente 50\$000 réis, com o que D. João de Mello instituiu uma capella de missas, a pequena congrua do eremita, a sufficiente renda, para custeio dos reparos e conservação da ermida, e os paramentos necessarios para o culto divino.

São administradores da ermida, os provisores do bispo de Viseu. O eremita era até 1834 apresentado pelo parochio da freguezia, e confirmado pelo bispo.

As esmolas são para o eremita.

A imagem da Senhora é de pedra d'Angan e tem 0^m,77 de alto: é de boa esculptura, e a festa se lhe faz no seu dia proprio, que é a 2 de fevereiro.

ROMÃO—portuguez antigo—romano (de Roma.)

ROMÃO (S)—monte, Douro, nos limites das freguezias de Eiriz, e S. Pedro Fins de Ferreira, no concelho de Paços de Ferreira, comarca de Lousada.

Arcebispo de Braga, districto administrativo do Porto.

Fica este monte 3 kilometros ao S. dos rios Ave e Visella. Tem bastante altura, e deve o seu nome a uma ermida de S. Romão, que alli existiu, e da qual ainda ha vestigios. Corre o monte de N. a S., e pela sua posição elevada, se descobre d'elle um vasto horizonte.

No seu cume ha um platô, onde existiu uma antiquissima cidade, ou povoação, e a cujo sitio dá o povo o nome de *Cidade Velha*. Era esta cercada de um bom muro, com uns 1:500 metros de circumferencia, e de 1^m,54 de espessura, e ainda no principio d'este seculo conservava a altura de 0^m,66.

No seu ambito ha ruinas de pequenas casas, e vestigios de ruas, estreitas e ladrilhadas. No centro ha uma elevação, cercada de outro muro da mesma grossura do antecedente, e dentro do seu ambito, se veem ruinas de algumas casas maiores, e de um castello, ou fortaleza, de forma circular, e de boa cantaria. (É outra *Citanian*.)

Fóra do cinto de muros exteriores, a uns 400 metros de distancia, ao N. e ao S., se veem vestigios de trincheiras.

Em um valle proximo, se descobriu, no principio do seculo passado, uma grande cova, tapada com uma pedra redonda, com um orificio quadrado. A cova é fechada de abobada, de optima cantaria, e tem grande profundidade.

Perto d'esta cova, está um penedo gigantesco, tendo no centro um grande buraco, redondo, tambem muito fundo.

A uns 1:200 metros ao E. da *Cidade Velha*, ha um penedo redondo, que tem gravada a seguinte inscripção:

COS. NE. AE.
P. S.

Esta fica ao lado do E., e no lado op-

posto, ha outra, da qual apenas póde lêr-se:

FIDV. PIC.

No centro das ruínas da tal cidade, se achou também no principio do século passado, a estatua de uma mulher, com uma roca na cinta. O povo a quebrou, por entender que era um idolo pagão!

Pela solidez e perfeição dos muros, casas e castello, supõe-se ser isto tudo construção romana.

ROMÃO (S.)—aldeia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão. É a 3.^a estação do caminho de ferro do Minho, e fica entre as estações da Trófa, e Ermezinde.

ROMÃO (S.)—Vide *Nogueira*, do concelho da Barca, e a 2.^a Quintella.

ROMÃO (S.)—aldeia, Douro, no concelho de Vagos, comarca, districto administrativo, bispado e 12 kilometros ao S.O. d'Aveiro, 40 ao N. de Coimbra, 250 ao N. de Lisboa.

É povoação muito antiga, e já existia no tempo do conde D. Henrique, pae de D. Afonso I.

Era uma parochia cujo orago foi S. Romão, e os cruzios de Grijó apresentavam o cura, que tinha 60\$000 réis de rendimento.

Pertencia então (como todo o bispado de Aveiro) á diocese de Coimbra.

D. Sancho I deu o senhorio d'esta freguezia, a D. João Fernandes; e D. Fernando João, filho d'este, doou o senhorio ao santuario de Nossa Senhora de Vagos, em 1202. Depois, passou o santuario e o senhorio de S. Romão, para o mosteiro de conegos regntes de Santo Agostinho (cruzios) de Grijó.

A povoação de S. Romão, foi villa e couto, ao qual o rei D. Sancho I deu foral, em 1190, quando a deu a D. João Fernandes.

ROMÃO (S.) (de Dadim)—Vide *Nogueiró e Dadim*.

ROMÃO (S.) (de Cêa)—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 5 kilometros ao S. de Cêa (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Gouveia) 70 kilometros ao E. de Coimbra, 265 ao E.N.E. de Lisboa, 430 fogos.

Em 1757, tinha 380 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Soccorro.¹

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O real padroado apresentava o prior, que que tinha 460\$000 réis de rendimento.

Foi villa e couto, ao qual o rei D. Manuel deu foral, em Lisboa, a 24 de janeiro de 1514. (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 137, col. 2.^a)

Está esta freguezia situada nas faldas da serra da Estrella, e passa-lhe pelo meio, o rio Alva, aqui atravessado por uma boa ponte de pedra, chamada *ponte do Peramal*. Mais abaixo ha outra ponte, também de pedra, chamada *Ponte d'Alem-d'Alva*.

É terra fértil,

Grande abundancia de gado, principalmente miúdo, muita caça, grossa e miuda, e peixe do rio.

Ha aqui duas boas fabricas de tecidos de lan, produzindo pannos de varias qualidades, e cujo propulsor é a agua do rio.

O primeiro nome d'esta freguezia, foi *Cabeça de Romão*.

O rei D. Manuel, deu o senhorio d'esta villa ao 1.^o conde de Portalegre, D. Diogo da Silva; mas depois tornou para a coroa.

A extincta villa de S. Romão de Cêa, fica entre as, também extinctas, villas de Mello e Santa Marinha.

Ao N.E. da povoação, está a serra do mesmo nome da freguezia, e n'ella, a uns 500 metros do lugar, está um nicho aberto na rocha, no qual, segundo a lenda, appareceu uma imagem de Nossa Senhora. Mais adiante, cerca de 15 metros, está outro nicho, em outra penha, onde se diz apparecera uma imagem do Menino Jesus. Ainda mais adiante uns 100 metros (no sitio onde hoje está a capella) é fama ter apparecido uma imagem de S. José.

Esta ermida fica a uns 20 metros da margem do Alva, e a 3 kilometros para N.E. do povo de S. Romão. Foi construida logo depois da appareção das santas imagens, e pelos annos de 1650, e posto que seja dedicada

¹ O seu primeiro orago, foi S. Romão.

à *Sagrada Familia*, se deu á padroeira o título de *Nossa Senhora do Desterro*, alludindo á sua fugida para o Egypto.

Em poucos annos se tornou a capella de *Nossa Senhora do Desterro*, um dos mais famosos sanctuarios da Beira Baixa, e, com as offerias, esmolas e doações dos fieis, não só se aformoseou o templo, como tambem se construíram casas e cêrca para residencia do eremitaõ, e para abrigo e hospedagem dos romeiros.

Está a egreja em logar solitario, mas alegre e ameno no verão. O parochio da freguezia, é que apresentava o eremitaõ.

Alem do templo da Senhora, se teem construido varias capellinhas, um bom chafariz e uma boa ponte de pedra, sobre o Alva.

A romaria de *Nossa Senhora do Desterro*, é uma das mais concorridas da provincia.

Vide *Cêa*, principalmente a 2.^a col. de pag. 222, do 2.^o volume.

ROMÃO (S.) — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Monte-Mór-Novo (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Arraiolos), 35 kilometros de Evora, 90 ao S.E. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757, tinha 66 fogos.

Orago, S. Romão.

Arcebisado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 62 de cevada.

No districto d'esta freguezia, é a 11.^a estação do caminho de ferro do sul e sueste, officialmente denominada de Monte-Mór-Novo.

É terra muito fertil em cereaes.

ROMÃO (S.) — freguezia, Alemtejo, comarca de Extremoz, concelho de Villa Viçosa, 54 kilometros de Evora, 155 ao S.E. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757, tinha 79.

Orago, S. Romão.

Arcebisado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 90 de cevada.

É terra muito fertil em cereaes.

ROMÃO (S.) — freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Rézende—foi do mesmo concelho, mas da comarca de Lamego, d'onde dista 12 kilometros ao O.N.O., 360 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757, tinha 85 fogos.

Orago, S. Romão.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de Anriade, apresentava o cura, que tinha 40,8000 réis de congrua e o pé d'altar.

ROMÃO (S.) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros ao O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa.

Em 1757, tinha 16 fogos.

Orago, S. Lourenço.

Arcebisado e districto administrativo de Braga.

O real padroado apresentava o cura, que tinha 30,8000 réis e o pé d'altar.

Esta freguezia foi supprimida, por pequena, no principio d'este seculo, e unida á confioante.

ROMÃO DE NEIVA (S.) — Vidê *Neiva*.

ROMÃO. — Vidê *Poço Romão*.

ROMÃO (S.) — pequeno rio, Extremadura, que dá origem ao Sado. Vidê esta palavra.

ROMÃO (S.) — Vidê *Sadam (S. Romão do.)*

ROMÃO (S.) — Vidê *Coronado (S. Romão de.)*

ROMÃO (S.) — pequeno rio, Douro, na freguezia de S. Romão de Coronado (a antecedente) da qual toma o nome, e morre no Ave, depois de um pequeno curso.

ROMÃO (S.) — logar, Alemtejo, na freguezia e concelho de Alvito, comarca de Cuba.

Vidê o 3.^o *Alvito*. •

Fica junto e ao S. de Alvito, 4 kilometros de Villa Nova da Baronia, 5 de Vianna do Alemtejo, 4 de Villa-Ruiva, e 5 de Villalva.

Foi n'este logar o primitivo assento da actual villa de Alvito, da qual o 1.^o nome foi *Villa Nova de Alvito*, e é como vem designado nos foraes.

Ainda existe a antiga egreja matriz, dedicada a S. Romão (cujo padroeiro deu o primeiro nome á freguezia) e está hoje reduzida a capella, da invocação de *Nossa Senhora da Graça*.

O parcho da freguezia de S. Romão, e depois o de Alvito, foi, até 1834, um frade do mosteiro da Santissima Trindade, de Santarem, apresentado pelo ministro do mesmo mosteiro, que era commendador d'esta egreja.

O parcho tinha 300\$000 réis de rendimento annual.

A villa, quando era em S. Romão, prolongava-se até á *horta das Adegas*, onde existiu o palacio de Estevam Annes, e no quintal d'elle havia uma tão grande parreira, que chegava á egreja matriz (S. Romão).

A abobada d'este palacio abateu em 1872, e o resto do edificio foi demolido.

A primeira fonte da villa de S. Romão, foi na horta das Adegas.

Com o correr dos tempos, foi-se a povoação estendendo para o lado de Santo Antonio, ao norte.

Ainda aqui não parou a povoação, e se foi povoando o terreno, sempre na direcção do norte, até ao sitio da villa actual.

Ainda ao sul da capella de Santo Antonio, se vêem muitos alicerces de casas, no sitio onde hoje são os ferragias.

Tem, por varias vezes, n'estes contornos apparecido esqueletos humanos, completos e bem conservados; e quando se abriram as covas, para plantar amoreiras, no rocio de S. Sebastião (onde está a capella d'este santo) acharam alli grande quantidade de ossos, que se julga serem dos habitantes da villa (então florescente cidade romana, cujo nome se ignora) assassinados pelos barbaros do norte, no principio do seculo v, e que arrazaram a povoação.

De quasi todos os pontos de Alvito, se vêem as ruinas do castello de Villa-Ruiva.

O outeiro de S. Miguel, junto á villa, é de de bastante elevação, e do seu topo se vê Beja, Cuba, Farinho, Villa Ruiva, Villalva, Portel, Agua de Peixes, Ferreira, Alfundão, Beringel, Villa Nova da Baronía e Odivellas.

Houve n'este monte a ermida de S. Miguel, archanjo (que lhe deu o nome) a qual

foi vendida e profanada. É hoje um moinho de vento!

Principia n'este monte, a serra de Muxagata, e n'ella e no monte, ha varios moinhos de vento.

A parte da serra de Muxagata, que pertencia á freguezia de Alvito, foi aforada, em courellas, aos seus moradores, em 1863, e acha-se hoje cultivada, produzindo trigo, batatas, cevada, vinho, azeite e outros fructos.

A outra parte da serra, pertencente á freguezia de Villa da Baronía, tambem foi aforada, em 1874.

Tanto o lugar de S. Romão, como a villa de Alvito, são muito saudaveis; e tanto que, havendo nas freguezias circumferentes uma epidemia de variola (bexigas) que durou muito tempo, e fez bastantes victimas, aqui, rarrissimas pessoas foram atacadas, e nenhuma falleceu.

A planicie em que está fundada a villa, é em sitio elevado, e é essa a causa da sua salubridade.

Está cercada de olivae, principalmente ao N., onde o olival chega até Vianna.

O rio Odivellas, que rega esta freguezia, nasce nas immediações de Portel, sendo até Oriolla um pequeno ribeiro. Principia aqui a engrossar, e passa por Villalva, Villa-Ruiva, Alvito o Odivellas, e desagua no Sado.

As suas aguas fazem mover as rodas de muitos moinhos e lagares de azeite. Traz peixe.

Em 1875, fechou-se a opulenta fonte da praça de Alvito, conduzindo-se a sua agua, por um aqueducto subterraneo, para as novas fontes e tanques publicos; hindo os seus remanescentes desaguar no rio Odivellas, depois de servirem de motores a nove azenhas e regarem varias hortas.

Além d'este aqueducto, mandou a camara construir um amplo canal, para dar vazão á agua no inverno, porque então, é em tão grande quantidade, que, antes d'esta obra, eram frequentes as inundações na villa. Este cano conduz a agua ao ribeiro das *Graves*, que morre no Odivellas. É todo de robusta cantaria.

O largo da Trindade, foi todo plantado de amoreiras, em 1863.

A estação do caminho de ferro, fica a 1 kilometro da villa, e ha para ella uma boa estrada moderna, á mac-adam. É um bonito passeio.

O cemiterio foi feito á custa da camara, em 1855, e dentro d'elle está a capella do *Senhor das Almas*, que é a antiga ermida de Nossa Senhora dos Martyres. É fechado por um portão de ferro.

Junto á igreja da Misericordia, está a capella de Nossa Senhora da Purificação (ou das Candeias.)

No largo de Santo Antonio, está a igreja do mesmo santo, que foi de um mosteiro de frades capuchos antoninhos, supprimido muitos annos antes de 1834.

Junto á igreja existe um ferragial, que ainda conserva o nome de *Cerca de Santo Antonio*, e era a do mosteiro. Proximo está um lagar de azeite.

O edificio do mosteiro, estando em ruinas, foi demolido pelos annos de 1790.

Ha na villa dez lagares de azeite.

No centro da villa, é o largo do Relogio, onde está a casa da camara, com todas as accomodações para as sessões municipaes, administração do concelho, repartição de fazenda e cadeia.

N'este mesmo edificio está a bibliotheca publica municipal, que já conta uma boa porção de livros, e a camara emprega em cada anno uma verba de 100\$000 réis, para hir augmentando a livraria.

No andar terreo, se vende a carne e o peixe.

N'esta casa da camara existe, bem conservado, o brazão de armas da villa, que é um touro louro em campo de púrpura, com uma aranha no focinho. Segundo a tradição popular, o touro que deu causa a estas armas, fugiu para um vasto silvado, e de lá sahíu, com uma grande aranha no focinho. Quando se deu este caso, ainda a villa era em S. Romão.

Note-se porém que as armas *officiaes* da villa, se vêem em todos os livros desenhadas de outra maneira.

Vidê no vol. 1.º, pag. 182, col. 2.ª, a ultima linha.

Para se evitarem repetições, é preciso ver o 2.º *Alvito*, na 2.ª col. de pag. 180, do 1.º volume.

ROMÃO (S.) (de Briteiros) — monte, do Minho, nas freguezias de Santo Estevam e Nossa Senhora da Piedade, de Briteiros, comarca e concelho de Guimarães.

Já nas duas mencionadas freguezias, e na palavra *Citania* (vol. 2.º, pag. 308, col. 2.ª) fallei da hoje famosa cidade a que se dá o nome (quanto a mim generico) de Citania; mas depois da publicação do 2.º volume, o sr. dr. Francisco Martins Sarmiento, de Guimarães (dono da quinta de Briteiros, a 3 kilometros das *Taipas*, e da maior parte do monte de S. Romão), levado pelo simples amor da sciencia, tem, á sua custa, feito grandes excavações e descobertas no referido monte, com o que tem prestado um relevantissimo serviço á archeologia¹.

É por isso que eu aqui torno a fallar na *cidade morta* do monte de S. Romão.

Em primeiro logar, vejamos, em resumo, o que diz D. Jeronymo Contador d'Argote, nas suas *Memorias para a historia ecclesiastica de Braga*, tomo 2.º, pag. 457:

(Este livro foi publicado em 1734.)

A legua e meia (9 kilometros) ao O. de Guimarães, e a mesma distancia ao N.E. de Braga, no alto de um monte, junto ao rio Ave, 3 kilometros a E. da estrada que conduz de uma a outra d'estas cidades, estão umas ruínas a que o povo dá o nome de Citania.

Segundo alguns historiadores, são os restos da cidade romana de *Cinania*².

O monte de S. Romão, é bastante alto e muito despenhado do lado do E., S. e O. Pelo N., communica com outros de inferior altura.

¹ O mesmo esclarecido cavalheiro, tem feito, tambem á sua custa, grandes excavações e valiosissimas descobertas no monte de *Sabroso*, que fica proximo ao de S. Romão. Vidê *Sabroso de Briteiros*.

² Ptolomeu diz que o *Avus* (Ave) corre á vista da cidade de *Cinania*. Ou houve uma cidade chamada *Citania* e outra *Cinania*, ou Ptolomeu lhe adulterou o nome.

Do E. (do lado do Ave) se subia por uma calçada, muito larga e ainda hoje pouco damnificada, e coberta de matto, que hia até ao alto do monte, e ahi o rodeava.

Pelo norte se veem vestigios de dois ba-luartes de fôrma circular. Junto d'um d'elles, se vêem vestigios de outra calçada, que subia da parte do O., e dá indício de ter sido estrada coberta.

A povoação era no alto do monte, onde ha vestigios de casas, pela maior parte, redondas, e construidas de pedras miudas.

As ruas eram estreitas, *não cabendo mais de duas pessoas a par (!)*: só uma, que corre de E. a O., e atravessa toda a povoação, tem largura para quatro pessoas em linha.

Ao S., está uma casa, que é a maior, e se acha ainda com paredes de dois ou tres palmos. Parece ter sido templo, e affirmou um individuo, que, pelos annos de 1700, se lhe viam arcos subterraneos, os quaes, um chantre de Braga, desfez, para levar as pedras melhores para uma sua quinta; entre as quaes foi uma de marmore, da qual adiante se trata.

As ruínas da povoação estão cingidas por uma muralha de 2,^m20 de largo, e n'ella um portal da mesma largura. D'esta muralha, até outra que fica mais abaixo, ha a distancia de 30 metros. Ainda a 111 metros de distancia ha outra muralha, todas da espessura da primeira.

Segundo as informações de um archeologo que visitou estas ruínas, do lado do S. e O.. por ser o monte despenhado, só tinha uma muralha; mas do N., por onde se communica com outros montes mais baixos, tinha, na parte mais fraca, cinco; e no resto quatro, com bastidas, entre uma e outra muralha.

Eram obra muito bem acabada, e até, em partes, romperam os rochedos a picão, com incrivei trabalho.

Entre diversas pedras aqui encontradas, se achou uma, no sitio onde existiu um templo pagão, ou ermida catholica com esta inscripção:

XHVCO

Foi por essa occasião que se achou a celebrada *Pedra formosa*. O chantre da Sé de

Braga, Ignacio de Carvalho, abbade de Santo Estevam de Briteiros, a mandou remover para o sitio chamado o *Poço da Olla*, onde esteve até ao anno de 1718, sendo então levada por 11 juntas de bois, para o adro da dita egreja de Santo Estevam.

Tem esta pedra 2,^m64 de largura, 2,^m42 de alto, e 0,^m44 de espessura. Do lado da frente tem diversos desenhos, de fôrmas extravagantes. (Vide *Briteiros*, Santo Estevam.)

Esta pedra está outra vez no seu primitivo logar, por diligencias do sr. dr. Sarmiento.

Achou-se outra pedra, quadrada, com o lavor de um laço muito usado entre os romanos. Outra, tambem quadrada, tendo gravadas varias figuras, entre ellas, a de um satyro, nú, com uma tocha na mão, e por traz d'elle outro, tambem nú, com os braços estendidos.

O doutor Barros, nas suas *Antiquidades de Entre Douro e Minho*, diz que houve em Citania, um moimento muito velho, que constava ser a sepultura do rei Wamba.¹

Conclue Argote que houve aqui povoação romana, que ainda existia no tempo dos suevos, dos godos e dos mouros.

Ainda no livro 5.º (2.ª edição) de *Antiquitatibus conventus bracarangustani*, a pag. 166, diz o padre Argote, em summa, o que segue:

Quasi todos os nossos geographos e historiadores asseveram que, em um monte que fica entre Braga e Guimarães, existiu a anti-quissima cidade de *Cinania*, que já era illustre pela iatrepidez de seus habitantes, antes da expedição do consul Decio Junio Bruto,

¹ Não foi sepultura do rei Wamba, mas de um santo abbade, do mesmo nome, que talvez fosse parcho de uma freguezia do arcebisado de Braga, chamada *Citania* ou *Gutania*, da qual falla o concilio lucense, convocado por Theodomiro, rei dos suevos, em 568, e portanto 114 annos depois que o rei Wamba abdicou a coroa, em Ervigo, (682) que havia adoptado.

Este abbade Wamba era o de um antigo mosteiro benedictino, cuja egreja é a actual matriz de Santa Leocadia de *Briteiros*. (Vi-de 1.º vol. pag. 491, col. 2.ª, no principio.)

contra os lusitanos, no anno 135 antes de Jesus Christo. (Vide 4.º vol., pag. 93, col. 2.ª)

Pondo Bruto um apertado cêreo á cidade de Cinania, e vendo que a não podia tomar, mandou dizer aos cercados, que por certa quantia, levantava o sitio e os deixava em liberdade. Os lusitanos responderam, que os seus antepassados lhes não deixaram ouro para comprar a liberdade, mas ferro para a defender.

Até aqui Argote. Vejamos agora o que o benemerito sr. dr. Francisco Martins Sarmiento tem descoberto até á actualidade (1879.)

Até dezembro de 1876, se tinham descoberto muitas casas circulares, talvez obra dos antigos lusitanos. Teem uma só porta, alta, por onde se trepava por degraus moveis.

Foram achadas algumas esculturas, com inscripções que fazem recordar o typo das antigas esculturas celticas-irlandezas.

Fragmentos de alampadas; amphoras de barro saburtino; uma grande pedra, de 3 metros de comprido por trez de largo, coberta de labores semelhantes aos da *idade de ferro*, as ultimas dos tempos pre-historicos.

Tem-se descoberto muralhas de 3 e 4 metros de espessura.

As casas que teem apparecido, são umas circulares, e outras quadrangulares, já encostadas a outras, já separadas por um intervallo de 0,45. Estão todas em um certo alinhamento, e separadas por estreitas ruas, calçadas com lages de granito.

No alto da povoação houve uma pequena praça.

Todas as figuras e ornatos que teem apparecido, são pre-romanas, segundo demonstra o estylo e a execução, e tudo indica que a arte da esculptura ainda estava na infancia, e o carcomido das pedras mostra evidentemente a sua muita antiguidade.

Appareceram tambem muitas pedras com cruzes, gravadas de varias formas, mas, só uma d'ellas se parece com o symbolo do christianismo: esta porem, parece ser de época mais moderna do que as outras.

Apparecem duas ordens de inscripções.

Sobre alguns fragmentos de barro, e, no que parece ser padieira de uma porta, vê-se o nome *Camal*, que parece celta, mas escripto em caracteres romanos.¹

Tem apparecido varias inscripções, com caracteres desconhecidos (por emquanto) mas os alphabetos n'ellas empregados, é provavel que sejam manifestamente os greco-italiotas.

Acharam-se fragmentos de diversos vasos que parecem romanos, e até em muitos se lê o nome do oleiro que os fabricou; mas outros são tão toscos, que parecem mais antigos. Uns são fabricados do celebre *barro saguntino*, outros de uma argilla grossa e mal preparada.

Tem-se tambem encontrado as costumadas *fuzaiolas*, cujo destino é por ora tão disputado, mas que parece haverem sido de uso muito geral em todas as épocas antigas pois não ha excavação em que não appareçam.

Pela diminuta quantidade de telhas (fragmentos) que se tem encontrado, suppõe-se que as casas eram cobertas de côlmo, e só os beirões de telha.²

¹ É provavel que, se esta palavra não é de origem lusitana, a herdassemos dos celtas. O que é certo é que, no portuguez antigo, *camal*, *camalho*, e *bacinête*, era o morrião ou chapéu de ferro, de aço, ou de cobre, com que os antigos guerreiros defendiam a cabeça, dos golpes do inimigo. Ainda no principio do 15.º seculo se dava o nome de *camal* (*camaal*) a esta parte da armadura.

Propriamente queria dizer *babeira*. D. João I, mandou dizer aos povos de Freixo de Espada à Cinta, em 1410, que escolhessem—ou ter as *Cotas*, ou *peças com bacinetes de Camaaes*, ou de *babeira*, e com *avambraços*, (bêsta de garrucha) ou ter as *sôlhas* (especie de cotas, guarnecidas de laminas de aço, do feitio de sôlhas, peixe) e *gorgetim* (depois disse-se *gorjal* ou *gorqueira*—era a peça da armadura que defendia o pescoço) *qual antes quizessem, tal tenham*. (Doc. da Camara de Freixo de Espada à Cinta, de 1410.)

² Talvez fossem, na maxima parte, feitas de obobada, em vista da grande quantidade de pedra faceada que apparece; e eis a razão de se acharem tão poucos fragmentos de telha.

Acham-se muitas mós e *andadeiras*, o que prova que este povo fazia uso diario do pão.

Os objectos de metal encontrados, são em pequena quantidade, e tão oxidados, que não é facil determinar-lhes as fórmas. Pela mesma razão se não pôde verificar evidentemente, a materia de que foram construídos, mas parecem de cobre e ferro.

As moedas apparecidas, também são poucas e todas celtibericas; duas, porem, teem a palavra *Augusto*.

Em agosto ou setembro de 1876, descobriram-se 17 sepulturas, formadas de pedras pequenas, e contendo vestigios d'ossos, misturados com terra, cacos e carvão, e fragmentos de diversos metaes. Todas foram achadas no sitio da primitiva capella de S. Romão, da qual ainda ha vestigios. Duas estão mesmo dentro do ambito da capella, o que faz suppor que são de uma epoca mais moderna, e jazigo de christãos: talvez do tempo dos suevos. Trez ou quatro sepulturas, são de grandes dimensões: as outras são pequenas, sendo as maiores de um metro de comprido.

Em vista da robustez e espessura das muralhas do N., é de suppor que esta cidade tivesse muitos seculos de duração; porque não se faziam tão solidas construcções para uma residencia ephemera. O mesmo attesta a boa construcção das casas, e o calcetamento das praças e ruas.

Tem-se achado fragmentos de vidro, e escorias de forja, e alguns, poucos, objectos de prata; cobre e prata, com esmalte; e ouro, com liga de cobre.

Ignora-se quem foram os fundadores, e quem os destruidores d'esta povoação; o que se conhece é que não foi o correr dos seculos, mas a mão do homem, que a destruiu.

É provavel porem que os seus fundadores fossem os gallos-celtas (ou *gallici*) que deram o nome á Galliza.

Esta Citania estava no districto da tribu tamacana (vide Canavezes) uma das que ajudou a construir a ponte de Chaves.

Segundo alguns archeologos, o nome proprio d'esta cidade (circumscripção) era *Briteiros* e dizia-se a *citania de Briteiros*. ou

citania dos Briteiros, dando-se aos povos d'estes sitios o nome de *briteiros*, nome que ainda conservam as freguezias de Santo Estevam, Santa Leocadia, e S. Salvador, todas n'esta localidade e contiguas umas ás outras. Será assim, mas briteiros parece-me palavra muito moderna.

Já em 1873 disse, a pag. 309, col. 2.ª, do 2.º volume, que, em vista do numero de cidades da Peninsula chamadas *Citania*, me parecia que este nome não era proprio mas generico. Tive a satisfação de ver que, em 1877, o fallecido academico, marquez de Souza Holstein, e o sr. Simão Rodrigues Ferreira¹ foram da minha opinião.

Desde o Estreito de Gibraltar, até á nossa actual Extremadura, houve no litoral varias cidades com o nome de *Carteia*, o que me faz suppor que esta palavra era termo generico, e significava *cidade maritima*. (Vide *Carteia*, *Peniche*—a pag. 649, col. 1.ª do 6.º volume—e *Meridiano*).

No interior do reino, houve também varias *Citanias*—lembram-me as seguintes—1.ª, esta de que estamos tratando—2.ª, a de *Róriz*—3.ª, a do monte da *Saia*—4.ª, a de *Bayão*.

Estou pois convencido, que, assim como *carteia* significa *cidade maritima*. *citania* queria dizer *cidade de interior*.

Tambem ha duvidas quanto á etymologia da palavra *citania*.

Do que fica dito se collige que esta povoação foi fundada nos tempos pre-historicos, que continuou por toda a época dos antigos insitanos e gallos-celtas, e que floresceu no tempo dos romanos, depois de pacificos senhores da Lusitania. Mas quem a destruiu? —Talvez os suevos, vandalos e wisigodos, no seculo quinto.

Entre os gallos-celtas, *citan*, significava cidade ou povoação, como *tan* era synonymo de paiz, ou região. Nas ilhas britannicas, *cy-*

¹ Recommendo aos meus leitores o folheto publicado por este esclarecido cavalheiro, em junho de 1877, na typographia do *Commercio do Porto*. É um estudo muito interessante e curiosissimo.

tian tinha a mesma significação (e talvez fossem os bretões inglezes que introduziram o termo nas Gallias, quando, atravessando o cannal da Mancha, se foram estabelecer na Armorica, cujo nome mudaram em Bretanha. (Vide *Druidas*.)

Da palavra *tan*, se fez *tania* e é d'estes dois termos provavelmente que se deriva—*Indostan*, *Turkestan*, etc.; e, *Lusitania*, *Pensylvania*, *Marcomania*, *Sarmania*, etc.

Porei aqui termo a este artigo, apesar de haver sobre o que fica dito materia para um grosso volume; mas se as pessoas dadas aos estudos archeologicos se deleitavam com elles, as mais—e são a maior parte—acham-os sobremaneira enfadonhos e soporificos.

ROMÃO (S.) DE ARMAMAR—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho d'Armamar (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Lamego—12 kilometros de Lamego, 335 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Em 1757, tinha 80 fogos.

Orago, S. Romão.¹

O povo apresentava o cura, que tinha 24\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Está esta freguezia situada entre as de S. Thiago, que lhe fica a E., e a de Tões, que fica a O.

É composta de quatro aldeias:

Travasso, em uma eminencia, e onde está a capella do Espirito Santo, e no dia da sua festividade, vem alli os parochos de algumas freguezias, em clamor, com as cruzeiras levantadas, e se reune então um grande arraial.

Alcouce,² e aqui está a capella de S. Gonçalo.

¹ O padroeiro é advogado contra a hydrophobia, e a sua festa é a 9 d'agosto.

O povo tambem recorre á sua intercessão, para a cura das sesões, e para afastar as trovoadas: e quando as ha, collocam o santo entre duas velas, á porta da egreja, crendo que, assim, a trovoadá desaparece.

² O verdadeiro nome d'esta aldeia, é *Alcouço*, que no portuguez antigo significa *sul*, ou *que está do lado do sul*.

Passos, existe aqui a capella de Nossa Senhora da Boa-Morte, na qual ha—entre outras—tres admiraveis imagens—a da padroeira—a do Senhor da Agonia—e a de S. João Baptista.

S. Romão, onde está a capella de Nossa Senhora do Direito, vulgarmente denominada *Senhora da Costa*, por estar em um serro.

Junto d'esta capella, e em sitio arejado e salubre, é que foi construido o cemiterio parochial, bastante espaçoso, e com extensas vistas para o E., O., e N.

Ha n'esta freguezia, uma pia usança, semelhante á da Lourinhan (4.º vol., pag. 463) e é—quando se precisa de sol, é o padroeiro da freguezia conduzido em procissão á capella da Costa, e alli fica até cessar a chuva; e quando esta é continuada, tornam a levar o santo para a capella até vir tempo de sol.

É opinião de muitos dos meus leitores, que sou um segundo frei Bernardo de Brito, semeando milagres n'esta obra, com a maior prodigalidade. É engano. Creio firmemente que *a Deus nada é impossivel*; mas, nem os milagres que refiro, os dou como taes, nem obrigo pessoa alguma a crer n'elles; mesmo porque não são *pontos de fé*. Relato esses *factos*, e nada mais.

Aqui vão pois dois *factos* acontecidos n'esta capella de Nossa Senhora da Costa.

A sécca esterilizadora do anno de 1874, aterrou a maior parte do povo portuguez, principalmente os lavradores.

Os parochianos de S. Romão de Armamar, recorreram—na fôrma do costume—á sua antiga devoção. No dia 1.º de setembro d'esse anno, levaram o seu padroeiro, em procissão, á capella da Senhora da Costa, e logo no dia 3 choveu abundantemente. No dia 4, continuou a estiagem.

Na terça feira, 15 de agosto de 1876 (o ultimo anno de sécca geral n'este reino, no periodo de tres annos) tambem o povo da freguezia levou o padroeiro á capella da Se-

Alcouce, é corrupção de *Alcouço*.

Portanto o nome da povoação não é synonymo de prostibulo, mas de cousa que está do lado do meio-dia. (Documentos dos seculos XIV e XV.)

nhora, no meio de um calor intensissimo, e sem haver o menor indicio de chuva.

No dia seguinte, appareceram algumas nuvens, e no dia 17 choveu torrencialmente por estes sitios, e o calor diminuiu.

A igreja matriz está na aldeia de S. Romão.

Estava muito arruinada, mas o reverendo parcho actual, o sr. Manuel Alves dos Reis, presidente da junta de parochia, e os membros, os srs. doutor João Maria Mergulhão Neves Cabral, e padre Antonio Augusto Pinto de Carvalho, com o maior zello e sollicitude, mandaram reparar o templo convenientemente, e está hoje no maximo aceio. Os mesmos cavalheiros lhe compraram ricos paramentos e alfaia.

A sachristia é magnifica, tanto pela sua amplidão e altura, como pela abundancia de luz; e, sobretudo, pelas primorosas molduras e relevos das madeiras que a revestem nas paredes interiores do lado do norte, onde ha um nicho em que está collocado um Crucifixo, de excellente escultura.

Andando em visita, o bispo de Lamego, D. João Antonio Binet Pinto, affirmou que em todo o bispado, não achara em nenhuma freguezia rural uma sachristia que equalasse esta.

As pinturas do tecto da igreja, são tambem primorosas, e as *sybillas* que adornam a capella-mór, são geralmente admiradas, não só pela sua perfeição, como pela antiguidade que revelam.

Com effeito—esta freguezia é muito antiga. De uma renhida demanda que houve no seculo 17.º, sobre a *quinta do Ribeiro do Sobrado*, hoje propriedade da sr.ª D. Mathilde Aurora de Souza, d'esta freguezia, se occupa *Pegas Forense*, no tomo 2.º, pag. 759. Viveu então n'esta quinta, um famoso *licenciado*, por nome Duarte Rodrigues.

A freguezia, está situada na encosta E. e N. de uma doce elevação, donde se descobre um vasto horisonte, que abrange parte da Beira-Alta, até ao rio Douro, e Traz-os-Montes, até muito além de Villa-Real.

O seu territorio é fértil em milho, centeio.

cevada, batatas, feijões, vinho, hortaliças, muita e saborosissima fructa, e alguma castanha.

Tem seis fontes publicas—são—fonte do Santo, Enxertado, Fontainha, da Catharina, dos Pas-os, e do Travasso. Cinco reservatorios publicos, cujas aguas são distribuidas no verão, para rega de muitos predios rusticos, por um repartidor nomeado para cada um dos reservatorios, pela respectiva camara.

Estes reservatorios se denominam — Enxertado, Tapar, Extremadouro, Ameal de Cima, e Ameal de Baixo.

Houve tambem um bom manancial d'aguas ferreas, excellentes para os padecimentos do estomago, porem o dono do terreno onde ellas brotavam, fazendo n'elle algumas obras, as deixou subterradas.

Ha nos limites d'esta freguezia algumas minas de metal, e uma de phosphoreto, que foi lavrada pelo subdito hespanhol, Diogo Peres Paulino, mas acha-se abandonada desde 1875.

É tambem aqui a fértil e importante quinta do *Malheiro* ou *Pontinha*, da qual foi proprietario, o sr. padre Manuel Caetano Soeiro, um dos mais instruidos ecclesiasticos d'estes sitios, e hoje a possui seu sobrinho, o sr. padre Manuel Antonio Soeiro d'Albuquerque.

Nasceu n'esta freguezia o padre *Domingos das Neves* (tio de Luiz das Neves Pinto Gomes, de quem adiante fallo) celebre, pela sua vasta intelligencia, e pelas suas numerosas poesias. Foi um dos melhores poetas repentistas do seu tempo.

Encetou brillantemente a carreira universitaria, em Coimbra, chegando a matricular-se no 3.º anno de direito; mas, abusando do seu muito saber, cahiu na tentação de fazer exames preparatorios em nome e por conta de outros estudantes. Descoberta a fraude, teve de fugir de Coimbra, sem concluir a sua formatura, e foi residir para Lisboa, onde frequentava a sociedade mais escolhida, na qual era apreciado pelo seu ameno trato, variada instrucção e estro poetico.

Na capital o cognominaram o *poeta gallê-*

go, por ser do norte do reino. Regressando a esta freguezia, aqui falleceu, no 1.º de março de 1785. A vasta collecção das suas poesias desencaminhou-se.

Conta-se que, dando-se-lhe, em uma sociedade aristocratica da capital, o mote — *A mais formosa que Deus* (de proposito para o atrapalhar), elle o glosou de repente do modo seguinte:

De uma certa romaria,
Entre duas damas vim;
Uma feia me par'cia
E a outra um seraphim.
Vendo-as eu taes assim,
Sós, e sem amantes seus,
Lhes perguntei:—Anjos meus,
Quem vos pôz em tal estado?
Disse a feia, que o peccado;
A mais formosa, que Deus.

Em 6 de fevereiro de 1803, falleceu n'esta freguezia, o mórgado, José de Carvalho, na idade de 117 annos, conservando até ao ultimo momento todas as suas faculdades intellectuaes.

José Pinto d'Azevedo, era um mórgado d'esta freguezia, e pessoa de muita nobreza. O parcho d'então, era homem de genio irascivel, e tendo certas desavenças com o mórgado, receando a sua vindicta, abandonou a freguezia e fugiu para a sua terra.

O povo estimava o parcho, e reunindo-se, no dia 21 de abril de 1793, marchou para a terra do parcho, na intenção de o trazer para a freguezia; mas, no caminho, lhe sahiu o mórgado, ao encontro, armado de uma espingarda, e perguntando onde hia toda aquella gente, um da turba lhe fallou inconvenientemente, e o mórgado o matou com um tiro. O povo então, exasperado, matou o assassino, á paulada.

Ambos os mortos foram enterrados no dia seguinte; ficando 18 pessoas culpadas. Ainda hoje é aqui este facio recordado com horror.

Esta freguezia em 1811 foi saqueada pelas hostes francezas, soffrendo graves dam-

nos. Foi até isso consignado nos livros da Irmandade das Almas, como consta das duas actas seguintes:

«Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus-Christo de 1812, aos nove dias do mez de fevereiro, n'esta egreja parochial de São Romão, aonde se achavam juntos a meza e irmãos da Irmandade das Almas d'esta freguezia, e por elles e com parecer de todos assentaram uniformemente, que visto terem os francezes no saque, que deram a esta egreja, rasgado e destruido os moveis e alfaias pertencentes á mesma Irmandade, e achando-se esta sem fundo algum, com que possa reparar esta perda e comprar outros etc. . . . o que visto por todos, e como não resta meio algum de poder subsistir por máis tempo esta Irmandade, se desse por extincta, fazendo-se para isso requerimento ao dr. provedor d'esta Comarca, e entregando os livros pertencentes á mesma Irmandade a quem por elle for mandado, e de quem esperavam assim o haver por bem, etc. . . . e fiz este termo que todos assignaram.»

«Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus-Christo de 1817, aos 13 dias do mez de junho, n'esta egreja parochial de S. Romão, aonde haviam sido convocados, e se acham juntos o juiz, mordomos, e mais officiaes da Irmandade das Almas d'esta freguezia, afim de darem cumprimento ao que determina o dr. provedor d'esta comarca, e examinando os moveis, alfaias e ornamentos que possuia esta Irmandade, se achou, que todos hâviam sido roubados, rasgados e estragados pelos soldados francezes, quando invadiram e saquearam a egreja e toda a freguezia, e que por isso e desde então ficou privada dos moveis, alfaias e ornamentos que possuia, sem que haja cousa alguma que possa descrever-se.»

A Irmandade acima alludida, achando-se já erecta na egreja matriz d'esta freguezia, foi approvada pelo Santo Padre Paulo V, por breve de 1616, no qual concedeu grandes privilegios e vantagens á mesma, taes como indulgencia plenaria aos irmãos no dia da sua entrada, confessando-se e commungando; e outro tanto no dia de S. Romão, bem como outras graças e indulgencias nos dia

de S. Pedro e S. Paulo, de Santo Antonio, de S. Francisco, e de Nossa Senhora dos Prazeres.

Apesar das deliberações supra, a Irmandade subsiste ainda hoje em estado, se não florescente, muito soffrivel.

O periodo decorrido de 1834 a 1838, foi de devastação e de terror para a Beira Alta: quadrilhas arregimentadas assaltavam á viva força, de noite, as casas, ao principio dos miguelistas, e mais tarde de quaesquer cidadãos opulentos, fosse qual fosse a sua politica; tendo quasi sempre passado os dias em orgias e bachanaes, ora aqui, ora alli, com a maior publicidade; e felizes os que não eram assassinados, como o foram barbaamente o dezembargador Rodrigo Sarmiento de Vasconcellos e Castro, o ex-magistrado Antonio Vaz Borges de Medeiros, a bondade personalisada, e o misero frei Pedro, a quem no convento de Salzedas crivaram de facadas, até que expirou, pedindo-lhe de cada uma d'ellas o seu dinheiro, que elle não tinha!

Foi então que n'esta freguezia se deu uma sanguinolenta scena, no dia 8 de maio de 1838, que hoje faz ainda estremecer de horror os poucos vivos d'essa geração que a presenciaram. Fixou aqui a sua residencia um dos chefes da quadrilha, ave de arrição vinda da provincia de Traz-os-Montes, e vivia em Santo Adrião outro chefe, conhecido pelo nome de José Teixeira, o *Cavallaria*, de execranda memoria, que a outros crimes incriveis, juntára o de matar e enterrar elle proprio, apenas nascidos, os filhos havidos de coito incestuoso com sua propria irman, e que mais tarde pagou com a vida, assassinado com um tiro por um soldado da guarda nacional, quando, na qualidade de capitão, lhe passava revista.¹

¹ O bandido não morreu logo, apesar da bala lhe entrar por um hombro e chegar quasi ao outro. Como não houvesse maca, o levaram em um esquife, para o hospital de Lamego. No meio do caminho, escorregando os conductores, cahiu o malvado por uns barancos a baixo; mas ainda assim, não morreu! Chegou ao hospital, e, quando se julgava quasi curado, falleceu de repente. Suspei-

Entre os dois chefes occorreram divergencias na partilha de um rico e avultado roubo, e o *Cavallaria* protestou vingar-se. Mandou pois vir de noite a sitio despovoado e medonho, entre S. Cosmado e Contim, o seu collega; a pretexto de effectuar-se o roubo de um grande proprietario ainda hoje existente, e quando este ia chegando com a sua gente, foi recebido por uma descarga de fuzilaria, que lhe matou trez homens, e elle mesmo ficou mal ferido; e fugindo atravez de uma serra, foi parar a S. Romão, tendo recebido no caminho seis novos tiros. Pediu confissão, e quando proximo a receber o Sagrado Viatico, foi assaltado por o tal *Cavallaria* e outras pessoas, que lhe vinham no encalço, e lhe dispararam (*horresco referens*) varios tiros, alguns já depois de morto, com uma crueldade injustificavel.

Este acontecimento foi o principio da dissolução da quadrilha d'aquelles canibaeis, porque as auctoridades, adquirindo alguma força moral, prenderam uns e processaram outros, e os povos fizeram em muitos justiça por suas mãos. O certo é que algum tempo depois a quadrilha pertencia á historia, e encher-se-hiam volumes das suas atrocidades, se algum se desse ao trabalho de escrevel-os.

Para o monte de *Misarella*, d'esta freguezia, vide vol. 5.º, pag. 338, col. 1.ª (a 2.ª *Misarella*).

Na aldeia de S. Romão, d'esta freguezia, nasceu, em 28 de fevereiro de 1815, o sr. doutor, João Maria Mergulhão Neves Cabral. Foram seus paes, Luiz das Neves Pinto Gomes, cavalheiro geralmente estimado, e de grande talento e instrucção; exercendo com honra e probidade varios empregos publicos, judiciaes e administrativos, e D. Anna Amalia Pinto Cabral Mergulhão, da familia dos Mergulhões, de Moimenta da Beira.

Casou em 18 de outubro de 1838, com a sr.ª D. Maria Maximina das Neves Pereira

tou-se que foi envenenado, com o receio—aliás bem fundado—de que, se aquella féra se apanhasse outra vez em liberdade, assassinasse varias pessoas.

da Gama, nascida em 1800, e fallecida em 1867. Era filha de Alexandre das Neves Carvalho, e neta de Antonio Pereira Pinto de Souza Velloso, fidalgo cavalleiro da casa real, cujo fôro foi renovado por D. Maria I, em seu filho, Luiz Pereira Pinto de Souza Azevedo e Gama. (Torre do Tombo, L.º 26 das mercês, a folhas 309 v.)

Matriculou-se na faculdade de direito, da universidade de Coimbra, em outubro de 1839, e formou-se em 1844.

Foi laureado em todos os annos, com premio pecuniario e obteve informações distinctas.

O sr. dr. Mergulhão, é um dos advogados mais distinctos da Beira, mas só advoga no seu escriptorio, tendo numerosissima clientela.

É tambem um escriptor distinctissimo, e primoroso poeta. Tem escripto muito, sobre varios pontos de direito; na *Revista de Legislação*, na *Gazeta dos Tribunaes*, no *Jornal de Jurisprudencia*, e em outros periodicos de direito publico; e semanarios de litteratura e recreio.

Para não enfadar o leitor, só aqui transcreverei trez das suas composições poeticas, curiosissimas, pela difficuldade da sua metrificação, pois se lêem em portuguez e em latim, dando sempre o mesmo sentido em ambas as linguas.

A Portugal

SONETO

Preclarissima és tu, patria formosa,
Conservando valores eminentes,
Submissas contemplando externas gentes,
Venerando-te, Lysia tam famosa.

Tu fulges tam, quam stiva rosa!
Recordando heróes dignos, valentes,
Erige, constitue áras decentes,
Sacros cultus tu praesta gloriosa.

Ingentes glorias lusas tu diffunde,
Assidua sparge, narra, fama clara,
Triumphos memorando tam constantes.

Hostes suas terrificas confunde,
Demonstrando, quem és, victoria rara
Contra lusos belligeros, ovantes!

À Santissima Virgem

OITAVA

Humanas tuas gentes protegendo,
Purissima te exaltas, oh MARIA;
Satanicas insidias removendo,
Demonstras, quam tu és benigna, e pia.
Nós, miseros, presiste defendendo
Ah! de luciferina turba impia;
Supplices, oh MARIA, te rogamus,
Ante áras sacrosantas te adoramus.

A D. Vasco da Gama

OITAVA

Tu, africanas terras circumdando,
Asiaticas plagas manifestas;
Neptuninos furores superando,
Domas hostes indomitas, infestas.
Catholicas doctrinas propagando,
Depuras gentes rudes, inhonestas.
Ah! inclitos heróes excedes, Gama;
Tam eminentes glorias canta, oh Fama.

O sr. dr. Mergulhão, vive na sua formosissima casa, da aldeia de S. Romão, com sua filha solteira, a sr.ª D. Maria dos Prazeres Mergulhão Cabral Macedo e Gama; e com suas irmãs, tambem solteiras, as sr.ªs D. Maria, D. Fortunata e D. Quiteria: quatro senhoras das mais virtuosas da provincia, e que passam o seu tempo em obras de caridade e devoção.

De sr. dr. Mergulhão e de sua fallecida esposa foi filho:

O dr., Acacio Mergulhão Cabral Macedo e Gama, que nasceu em 7 de maio de 1843.

Formou-se em direito, pela universidade de Coimbra, em 1871.

Foi tambem premiado em todos os annos do seu curso, e obteve tambem informações distinctas.

Como seu pae, publicou varios artigos da incontestavel merecimento, nos diversos periodicos de direito publico, e em varios semanarios de instrucção e recreio.

Aos seus vastos conhecimentos em varios

ramos de litteratura, alliaua o comportamento mais exemplar, não parecendo homem d'esta época.

Na florescente idade de 33 annos (4 de junho de 1876) foi arrebatado pela morte este esperançoso mancebo, meu verdadeiro amigo, ao qual e a seu esclarecido pae muito deve esta obra, pelos muitos e preciosos esclarecimentos com que a teem dotado.

Todos quantos conheceram este, tão illustrado como sympathico mancebo, o amavam, e sentirão por elle uma perpetua saudade.

Tanto o pae como o filho, pertenceram sempre ao partido legitimista, que sobremodo se honrava de contar no seu grémio, dois varões de tão raras e tão apreciaveis qualidades.

Não podendo dar ao sr. dr. João Maria Mergulhão Neves Cabral, outro testemunho da minha indelevel gratidão, transcrevo aqui o que, sobre o fallecimento do seu sempre chorado filho, disseram dois jornaes auctorisados.

Varios outros jornaes das differentes fracções politicas em que hoje está dividida a familia portugueza, noticiaram o fallecimento do dr. Acacio Mergulhão, mostrando todos o maior pesar por esta morte prematura, e fazendo a devida justiça ao illustre fallecido.

Eis a cópia do que com respeito a este lamentavel acontecimento dizem os dois jornaes a que acima me refiro.

Correio da Tarde

N.º 1202, de 12 de junho de 1876.

«Associamo-nos ao nosso amigo Ayres de Mendonça B. Faro e Lencastre, nos sentimentos que manifesta pela morte do seu parente, e nosso commum amigo, o ex.^{mo} sr. Acacio Mergulhão Cabral Macedo e Gama, e nos pesames que dá ao pae do finado, o ex.^{mo} sr. João Maria Mergulhão.

«Deus, Senhor Nosso, piamente o cremos, terá dado logar entre os escolhidos á alma do amigo, cuja falta sentimos; esta crença deve ser grande consolação para parentes e amigos.

«Eis o que sobre este triste successo escreve o nosso amigo Ayres de Mendonça:

Á memoria de ex.^{mo} Acacio Mergulhão Cabral Macedo e Gama.

O dia 4 de junho, foi de profunda dôr e consternação para meu primo João Maria Mergulhão, e para toda a sua ex.^{ma} familia, parentes e amigos.

N'este dia, pela uma hora da madrugada, preparado com os Sacramentos, deixava este mundo para receber o premio dos justos, seu filho o ex.^{mo} Acacio Mergulhão Cabral Macedo e Gama.

Dotado de bellissimas qualidades moraes, era exemplo vivo de solida religião, piedade, doçura, e pureza inalteravel de costumes: fructos estes, provenientes da frequencia dos Sacramentos, com que se fortalecia aquella candida alma, ardendo sempre em vivissimas chammass de divino amor.

Quem se chega á Fonte da vida encontrará a verdadeira vida; e que o illustre finado a encontrou, piamente o cremos pelas suas obras.

Aqui o apresentamos como modelo do bom christão, do bom filho, e bom irmão: como servo fiel de Jesus-Christo que não desperdiçou os talentos que de seu Creador recebera.

Era bacharel formado em Direito, pela Universidade de Coimbra, cursando aquella faculdade com grande distincção, na qual foi considerado com os primeiros premios.

Escreveu sobre jurisprudencia na Revista de Legislação de Coimbra, mostrando cabalmente que aquella sciencia lhe era familiar.

Publicou varios artigos nos jornaes *Bem Publico* e o *Direito*, manifestando tanto o seu grande talento, como a sua applicação e amor das letras.

No seu trato familiar era agradável, suave, e cheio de modestia.

Contava apenas 33 annos de idade. Mas a sua hora tinha chegado, porque o Eterno queria premiar suas virtudes, podendo applicar-se-lhe «*me expectant justí donec et ibuas mihi*».

A seu ex.^{mo} pae e familia damos os nossos sentidos pezames, tomando parte nas suas penas como christão, parente e amigo.

Pedimos um P. N. e uma A. M. por sua alma.

S. C., 6 de junho de 1876.

A. de Mendonça B. Faro e Lencastre.

A Palavra

N.º 1157, de 13 de junho de 1876.

O ex.^{mo} sr. dr. Accacio Mergulhão

«Uma grande perda acaba de soffrer a commarca de Armamar e a nação portugueza. No dia 4 do corrente finou-se na sua casa de S. Romão d'Armamar o sr. Accacio Mergulhão Cabral, bacharel formado em direito, distinctissimo advogado e socio da Associação Catholica estabelecida n'esta cidade.

Era o illustre finado, filho do ex.^{mo} sr. dr. João Maria Mergulhão Neves Cabral, nosso amigo, um dos maiores ornamentos do fôro portuguez.

Havia poucos annos que o mallogrado mancebo concluiu a sua formatura na Universidade de Coimbra, com uma distincção pouco vulgar, juntando á excepcional illustração as qualidades moraes mais apreciaveis e a modestia mais exemplar. Bem quizera a faculdade de direito e o corpo docente, que o talentoso bacharel tomasse a resolução de acceitar os louros do doutoramento, mas o seu amor de familia, a dedicação filial, e o desejo do retiro, o afastaram das gloriosas lides academicas, para ir entregar-se, no remanso do gabinete, ao árduo mister de aconselhar e dirigir os litigantes, nos enredados desvios dos tribunaes.

Dedicando-se a esta nobilissima e difficil profissão, a que tantos se consagram, mas em que poucos, pouquissimos, alcançam merecida reputação, o sr. Accacio Mergulhão contemplava um perfeito modelo no respeitavel jurisconsulto, que elle tivera a fortuna de ter por pae. Modelo é elle de virtude, probidade, sciencia e lealdade; não é facil imital-o, mas impossivel excedel-o.

O grande nome, que o sr. dr. Mergulhão

tem no paiz inteiro, é a justa recompensa do grande saber, alliado ás mais alevantadas virtudes, como homem e patrono. Quem tem a fortuna de conhecel-o sabe que n'esse homem respeitavel só ha honradez e inconcussa lealdade. O advogado é um confessor, a quem o cliente confia com toda a segurança os seus segredos, a sua honra, a sua vida e a sua fortuna.

Tudo quanto é caro ao homem pôde depositar-se confiadamente ao venerando jurisconsulto, que se chama João Maria Mergulhão, typo modelado no antigo, gloria do fôro e do paiz.

Seu filho, dirigido desde os seus primeiros annos por tão habil mestre, foi para a Universidade, sabendo mais do que costumam saber os seus alumnos mais distinctos, quando terminam seus estudos, e aos seus vastos e precoces conhecimentos, additava a joia inestimavel de solida educação religiosa e moral.

Voltando á casa paterna, depois de continuos triumphos academicos, o novel jurisconsulto auxiliou seu pae na tarefa forense e, como era de esperar, imitou em tudo o nobre modelo, que sempre tivera presente, igualou-o, e, quem sabe... talvez o excedesse ou excederia na amplitão do talento, no grandioso dos conhecimentos, no vigor da dialectica, na harmonia da dicção. — Os dois jurisconsultos eram procurados por clientes de todos os logares de Portugal, e mal podiam satisfazer ás consultas, que lhes enderessavam e ás questões, que tratavam.

Obtiveram victorias assignaladas em luctas, onde os contendores oppostos, tinham por patronos as primeiras notabilidades juridicas, e a protecção de notabilidades politicas. Contra os esforços da sciencia e das influencias, pelejava ovante a argumentação cerrada e vigorosa dos dois Mergulhões, pae e filho, a cujo saber e consciencia vergava a frente a imparcialidade da justiça.

Estes dois sabios, na sua modestissima aldeia, situada na collina, que, partindo da serra de S. Domingos, circumda com a de Nossa Senhora da Piedade, a bacia do rio Temilobos, não aspiravam a cousa alguma que não fosse o estudo consciencioso da

sciencia juridica e a servir com lisura christan áquelles que recorriam ao seu valioso auxilio. Primeiro como mestre e depois como collega, o pae discutia com o filho, os pontos e questões mais delicadas e apuravam o que havia de favoravel e adverso, nas differentes hypotheses, que lhes eram submettidas.

Nem um nem o outro pleiteavam cargos da magistratura judicial ou administrativa, não solicitavam o mandato popular legislativo ou a investidura real do pariato, não pretendiam commendas, cartas de conselho, ou titulos.

E comtudo, quanto eram merecedores de todas as honras e distincções, com que os cidadãos e o soberano costumam ou deviam costumar recompensar as virtudes civicas e a sciencia verdadeira!

O sr. dr. Mergulhão, pae, não quiz nunca ser mais do que advogado, na plenitude de independencia, que lhe assegura o saber, a consciencia e a fortuna. O sr. dr. Mergulhão, filho, nunca teve outro modelo senão o pae, e não queria mais do que continuar as suas honrosas tradições. E bastavá. Ainda na flor dos annos, aprouve á Divina Providencia chamar á mansão dos justos, a alma do sr. Accacio Mergulhão. Adoremos os seus decretos, mas não nos impeça a resignação christan, que choremos a perda, que soffre o pae desconsolado, a familia extremosa, os seus amigos e admiradores, a sciencia e o fóro portuguez.

O extinto jurisconsulto, desdenhando a jactancia balofa da falsa sciencia, saturado ao contrario da verdadeira, foi sempre visitado das sanctas inspirações da religião catholica, que confessou sempre em todas as épocas da sua vida, já nos estudos preparatorios, nas aulas de Lamego, já nos bancos da Universidade, já no officio de advogado, já nos seus actos publicos e particulares, seguindo escrupulosamente os preceitos d'esta religião divina.

A Associação Catholica d'esta cidade tinha a honra de contar-o no numero dos seus associados, como se gloria de contar muitos dos melhores e mais illustrados filhos d'esta terra, abençoada pela Virgem Mãe de Deus.

É mais uma perda, que a Associação soffre n'este anno de 1876, em que do seu seio teem desaparecido tantos membros illustres, a quem esperamos que a Misericordia Divina haverá destinado o unico galardão inestimavel, que o homem pôde desejar como termo do seu afanoso lidar.

Rogamos aos nossos leitores que não deixem de suffragar a alma do finado, e d'aqui mandamos sentidos pezames ao desditoso pae, nosso velho amigo, que tivemos a fortuna de conhecer pela primeira vez, quando elle, quintanista laureado, dava a protecção ao novato inexperiente que se acercava do liminar do templo das sciencias, e que hoje se assigna

Conde de Samodães.

Parochos d'esta freguezia

* Esta freguezia ha tido desde 1784, a que abrangem os livros parochiaes, os seguintes parochos :

1.º — Padre Domingos das Neves Pinto, o celebre poeta e litterato, de que já se fallou n'este artigo, era parcho n'esta freguezia no S. João de 1784, e falleceu na mesma em o 1.º de março de 1785.

2.º — Padre Luiz Amado Feio de Aguiar, succedeu áquelle no dito anno de 1784, e funcionou até ao fim do anno ecclesiastico (24 de junho seguinte).

3.º — Padre Christovam José da Cunha, serviu de parcho desde 1785 a 1787.

4.º — Padre Joaquim Pereira, de 1787 a 1788.

5.º — Padre Manuel Teixeira de Queiroz, de 1788 a 1790.

6.º — Padre Manuel Caetano Pinto Cardoso, de 1790 a 1791.

7.º — Padre Joaquim Pereira da Silva, natural da freguezia de Mondim, de 1791 a 1793.

8.º — Padre Nuno Pinto da Silva, natural d'esta freguezia de S. Romão, de 1793 a 1794.

9.º — Padre José Homem de Sousa Mello, natural da freguezia de S. Pedro do Sul, de 1794 a 1796.

10.º — Padre Antonio Pinto Cardoso da

Fonseca, natural da freguezia de Tões, de 1796 até 24 de fevereiro de 1807, em que falleceu n'esta freguezia de S. Romão.

11.º — Padre *Nuno Pinto da Silva* (pela segunda vez), desde fevereiro de 1807 até ao S. João de 1810. Era bastante instruido, orador sagrado, e homem muito valente, fallecendo mais tarde na mesma freguezia de S. Romão.

12.º — Padre *Manuel Gomes de Carvalho*, natural da freguezia de Poiares, de Traz-os-Montes, desde 1810 até 1813. Mais tarde collou-se com o titulo de abade, na freguezia da Queimada, onde falleceu.

13.º — Padre *João Hyppolito do Amaral*, de 1813 até 1814.

14.º — Padre *Antonio Rodrigues Pinto*, natural da freguezia de Sande, concelho de Lamego, de 1814 a 1817. Foi depois abade collado na freguezia das Chãs de Tavares, em que se finou: era um sacerdote de vasta instrucção, e a sua conversação sempre amena e eloquente.

15.º — Padre *Manuel Cardoso dos Santos*, natural da freguezia de Queimadella e ahi fallecido, desde 1817 até 1820.

16.º — Padre *Luiz Antonio de Carvalho*, natural d'esta freguezia de S. Romão, desde 1820 até 1823. Morreu na freguezia da Queimada, onde era encomendado: tinha perfeito conhecimento da lingua latina, que professou com grandes creditos.

17.º — Padre *José Antonio de Figueiredo*, natural da freguezia da Coriscada, desde 1823 até 1827, e fallecido em Armamar.

18.º — Padre *Antonio Rodrigues Pereira*, natural da freguezia da Figueira, concelho de Lamego, e ahi depois fallecido, desde 1827 até 1828.

19.º — Padre *Antonio Ferreira de Gouveia*, natural da freguezia da Queimada, desde 1828 até 1833, e falleceu em Armamar.

20.º — Padre *José d'Oliveira Pinto*, natural d'Armamar, e hoje alli residente, desde 1833 até 1836.

21.º — Padre *Paulino Mendes*, desde 1836 até 19 de outubro de 1857, em que morreu n'esta mesma freguezia. Foi exposto na roda da villa de Armamar, e começou por aprendiz de sapateiro, mas não tendo voca-

ção para officios mechanicos, largou a tripeça, e obtendo ser sacristão da igreja da mesma villa, passava o tempo a orar, ajudar ás missas, velar pela limpeza da igreja, e em todas as obras de piedade para que se lhe offerecia ensejo. Conhecidas as suas virtudes, o padre José Dias de Carvalho Coutinho, excellente professor particular de latim, fallecido ha poucos annos, encarregou-se de ensinal-o gratuitamente, e quando habilitado para fazer o exame, varios cavalheiros do concelho de Armamar, se quotisaram para o sustentar em Lamego durante a frequencia dos estudos maiores, e para lhe fazerem patrimonio ecclesiastico. Ordenando-se, não enganou a expectativa publica, tornando-se um presbytero de bastante instrucção, exemplarissimo, verdadeiro apóstolo, que nunca a mais ligeira nodoa manchou. Morreu alfim a morte do justo, passando por santo, e até se lhe attribuem milagres, sendo um muito evidente, e cujas testemunhas estão vivas, a cura repentina de uma hydropsia que se desenvolveu e progredia rápidamente em uma senhora, a despeito dos esforços da medicina.

22.º — Padre *Antonio Augusto*, natural d'esta freguezia de S. Romão, e hoje residente em Armamar, succedeu áquelle e serviu até 1860.

23.º — Padre *José Antonio da Veiga Seixas Cabral*, natural de Armamar e alli fallecido, serviu desde 1860 a 1861.

24.º — Padre *Antonio da Costa Telles de Macedo*, natural de Santo Aleixo, freguezia de Varzea de Abrunhaes, e hoje alli residente, serviu desde 1861 até 1864.

25.º — Padre *Joaquim Leite Laranjo*, da freguezia da Ucanha, hoje arcepreste d'aquelle districto e residente na sua quinta de Abbadia Velha, serviu desde 1864 a 1865.

26.º — Succedeu-lhe o actual parochio, o rev.^{ma} sr. *Manuel Alves dos Reis*, de que acima se fallou, que principiou a funcção em 1865.

ROMARIGÃES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Coura (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Vallença), 40 kilometros ao N.O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757, tinha 109 fogos.

Orago, S. Thiago, apóstolo.

Arcebispo de Braga, districto administrativo de Vianna.

O abade de S. Payo d'Agua-Longa, apresentava o vigário, que tinha 100\$000 réis de rendimento.

O nome d'esta freguezia significa — *terra dos Romariguez*, appellido de familia.

(Vide *Agua-Longa*, vol. 1.^o, pag. 31, col. 1.^a, no principio.)

É povoação antiquissima, provavelmente do tempo dos romanos, e, com toda a certeza, do tempo dos gódos, e foi uma cidade, com o nome de *Labruja*.

No archivo da Sé de Braga, existe um códice, contendo a divisão que D. Fernando, o Magno, rei de Leão e Castella, fez dos condados de Entre o Douro e Minho, em 1026,¹ e tratando do primeiro condado, diz:—(tradução)

«O primeiro condado principia no lugar de *Cabeça do Minho*, onde o rio d'este nome entra no mar² e o rio *Froilano*³ entra no rio Minho. D'alli, pela costa do mar, vae correndo até á foz e *Cabeça do Rio Lima*⁴, e d'alli, pelo rio acima até *Britinia*, onde antes foi *Britonia*.⁵ Depois, até *Pena Maior*, sobre a antiga cidade de *Labruja*, que agora se chama *Romariganes*. Desde alli, pelo termo do rio *Froilano*, até ao *Castello Pequeno*

¹ Aqui ha anachronismo por força. Desde o anno 1000 até 1027, foi rei de Leão e Castella, D. Affonso IV, filho de D. Bermudo II (o *Gotoso*) e succedeu-lhe seu filho, D. Bermudo III.—Fazendo-lhe guerra, seu cunhado, D. Fernando o Magno, aquelle morreu da batalha de Lantade, e, não deixando filhos, herdou a corôa de Leão o rei de Castella, D. Affonso Magno (1037) unindo então os reinos de Castella e Leão.

² Hoje a villa de Caminha.

³ O actual rio Coura. (Vide 2.^o vol., pag. 413, col. 1.^a, no principio.)

⁴ Hoje a cidade de Vianna.

⁵ Vide *Bertiande*, vol. 1.^o, pag. 391, col. 1.^a.—*Bertiandos*, pag. 392, col. 1.^a.—*Britonia*, pag. 493, col. 2.^a.—e *Britonia do Lima*, na mesma pagina e columna. Esta ultima Britonia já existia no anno 55 de J.-C., imperando Néro. Vide ainda no 1.^o vol., pag. 495, col. 2.^a

de *Tuy*, que se chama *Vallença*;¹ e desde alli, pela corrente do Minho, onde começamos. O qual termo pertencia antigamente á cidade de Britonia,² que jaz destruida, e agora pertence, parte á cabeça do Moinho, parte ao Castello de Cerveira,³ e parte ao lugar de Limia,⁴ excepto o grande couço que os reis deram antigamente ao mosteiro Maximo, situado no monte altissimo, chamado *Arga*,⁵ etc.

Ha n'esta freguezia um monte, ainda hoje chamado *da Cidade*, ou *Penado do Curral das Eguas*, que mostra vestigios de uma grande fortaleza com trez linhas de muralhas e outros tantos fossos; estradas cobertas, e no centro um castello. Segundo a tradição, foram os mouros que destruíram esta cidade ou fortaleza, em 716.

Seria aqui a tal cidade de *Labruja*?

Na *Portella da Labruja*, tambem ha vestigios de uma grande praça ou fortaleza, a que o povo dá o nome de *Cidade Murada*.

Posto que de clima excessivo, esta freguezia, como a de Agua-Longa, sua visinha, é muito saudavel, havendo aqui bastantes pessoas de idade muito avançada, e de perfeita saude e grande robustez.

É terra muito fertil, como todas as d'estes sitios; cria muito gado, de toda a qualidade, e nos seus vastos montes, ha abundancia de caça, grossa e miuda.

Para a etymologia, vide a freguezia seguinte.

ROMARIZ — freguezia, Douro, comarca, concelho e 11 kilometros ao N.E. da Feira (foi até 24 de outubro de 1855 do concelho e 3 kilometros ao O. de Fermedo, comarca d'Arouca), 25 kilometros ao S. do Porto, 12 ao S.O. do rio Douro, 10 ao N.O. de Oliveira d'Azeiteis, 42 ao N. de Aveiro, 285 ao N. de Lisboa, 400 fogos (incluindo a sua annexa).

¹ A nossa actual praça de Vallença do Minho.

² Britonia do Lima.

³ Hoje Villa Nova da Cerveira.

⁴ Ponte do Lima.

⁵ Vide o ultimo periodo da col. 1.^a, a pag. 238 M, do 1.^o vol.

Em 1757, tinha 200 fogos, e Duas Egrejas, 32.

Orago, Santo Isidoro.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

O papa, a mitra, e o collegio da Graça de Coimbra, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 800\$000 réis de rendimento annual.

Os dizimos d'esta freguezia, eram do mosteiro de frades gracianos (eremitas calçados, de Santo Agostinho) da cidade do Porto.

Em 1835, foi annexada a esta freguezia, a de S. Silvestre de Duas-Egrejas, curato apresentado pelo abbade de S. Jorge de Caldellos, tendo o cura 20\$000 réis e o pé de altar. (Vide vol. 2.º, pag. 487, col. 1.ª)

É povoação muito antiga, e com toda a certeza ja era povoada nos tempos pre-historicos. (Vide *Castro* ou *Crasto*, monte, Douro, no 2.º vol., pag. 200, col. 2.ª)

Segundo uns, o nome d'esta freguezia é romano ¹ e, segundo outros, é corrupção de *carn*; pois que o primeiro nome d'esta freguezia foi *Crasto*. ² Na minha opinião, Romariz é nome muito mais moderno, procedente de algum nobre gôdo, que foi senhor d'esta freguezia.

Vemos nas nossas chronicas antigas, alguns appellidos de *Romariz* e *Romarigues*, talvez patronimico de *Romão*. Em 1037, vê-se que o conde *D. Rodrigo Romariz*, ajudado pelos antigos dinamarquezes (nórmandos) venceu no castello da Pena, os vascões, da Galliza. (Vide *Laudomanes*.)

Quando tratei do monte do *Castro*, ou *Crasto*, disse que existem alli varios caras, uma mãoa, e outros muitos vestigios de uma não pequena povoação; o que prova plenamente que este territorio é habitado ha mais de 3000 annos.

Ao fundo do monte do *Castro*, junto ao

¹ É certo que o nome *Castro*, dado ao monte d'esta freguezia, que fica sobranceiro e ao N.O. da igreja, se não vem de *carn* (vide esta palavra) é romano. Acresce que a freguezia que lhe fica contigua, ao S., se chama *Cesár*.

² Ainda conserva o nome de *Crasto* a aldeia onde está a igreja parochial.

logar do mesmo nome, foi construido o cemiterio parochial, ha dois ou trez annos.

Ao S.E. da igreja matriz, está o monte do Pinheiro, já na freguezia de Cesár, onde tambem ha vestigios de construcções celtas ou pre-celtas.

Ao S.O. da freguezia, e contigua a ella, está a de Milheiroz de Poyares, do mesmo concelho, e ao logar d'esta freguezia mais proximo de Romariz, está uma aldeia chamada *Mãoa*, por alli ter existido uma, da qual ainda ha vestigios.

Proximo ao logar do *Castro*, d'esta freguezia de Romariz, está a aldeia de *Fafião*, e, como todos sabem, *Fafião* é nome proprio de homem, gôdo.

Ha tambem n'esta parochia, a aldeia de *Goim*, corrupção do baixo-latim *grugum* substantivo onomatopaeico, que significatromba ou focinho de porco. Mesmo que seja corrupção de *Guinde*, substantivo que significava, *vaso de bocca larga*, feito de couro, páu ou metal, em todo o caso é nome muito antigo.

Pela extremidade O. d'esta freguezia, passa uma zona ou veia, de dois ou trez metros de largo, de boas pedras de amolar.

A sua direcção é de N. a S.—Vem da freguezia de Nogueira, concelho d'Oliveira de Azemeis, e vae (segundo me informam) terminar ao Cabedello, na foz do rio Douro.

Esta freguezia, é separada da sua annexa, que lhe fica ao N. e N.E., pela pequena serra denominada *Monte de Mó*, da qual se extrahem boas mós de moinhos, de granito phoroides. Só servem para morder milho.

Esta freguezia é, na sua maior parte, situada em um valle fertilissimo, regado por varios ribeiros anonymos, e cercado por todos os lados, de montes, que a abrigam da maior furia dos ventos.

Cria muito gado bovino, do qual exporta para Inglaterra uma grande parte.

A igreja matriz é de uma architectura simples e desengraçada, mas denota muita antiguidade. Interiormente, está bem adornada, graças ao zello e sollicitude do seu actual e digno abbade, o sr. João Soares d'Azevedo,

que é também vigário da vara do 4.º districto da comarca ecclesiastica da Feira.

Em volta da egreja, ha um espaçoso adro, que é cercado por uma grande alameda, povoada de corpolentos carvalhos e castanheiros.

N'esta egreja se faz, no 4.º domingo de junho, uma grande festa a Nossa Senhora dos Remedios, concorrida por grande numero de romeiros, de algumas leguas em redor.

Capellas d'esta freguezia

1.ª—S. *Thiago*, na aldeia de Villa-Nova.

A festa do padroeiro faz-se-lhe no seu dia (25 de julho.)

2.ª—Santo *Antonio*, na aldeia de Fafião.

3.ª—Nossa Senhora da *Portella*, no lugar da Portella.

4.ª—Santo *Antonio*, no lugar de Goim.

5.ª—Nossa Senhora dos *Remedios*, no lugar de Romariz.

Todas são publicas; e, á excepção da segunda, que foi construida pelos annos de 1855,¹ todas as outras são muito antigas.

A de Nossa Senhora dos Remedios, é grande e de boa architectura.

Segundo a tradição, foi a matriz primitiva da freguezia.

6.ª—Santo *Antonio*, no lugar do Carvalhal, construida em 1837.

É particular.

É natural d'esta freguezia, João d'Almeida Romariz, fallecido em Villa Nova de Gaia, no anno de 1835.

Póde, e deve, considerar-se este caridoso bemfeitor, como fundador do *Asylo da mendicidade portuense*, pois, no seu testamento, ordenava que o remanescente da sua herança (que foram 6:500\$000 réis) fosse applicado á creação de um asylo para mendigos.

Por decreto de 18 de maio de 1838, foi

¹ Foi seu fundador o fallecido abbade, Domingos José de Pinho e Sousa do Amaral, da Murtosa, da Arrifana, irmão do sr. Francisco Maria de Sousa Brandão, coronel do estado-maior de engenharia.

creado este asylo, e lhe foi dado o seu regulamento, em 31 de julho de 1846.

Foi grandioso o pensamento do testador, e, sendo então presidente da camara municipal do Porto, o famoso tribuno popular, José da Silva Passos, empregou este benemerito cidadão, a maior sollicitude para, levar a effeito o cumprimento da ultima vontade de João d'Almeida Romariz.

O 1.º provedor, foi o barão de Nova Cintra, e o 2.º, o visconde de Lascasas, ambos grandes bemfeitores do estabelecimento.

Vide 7.º vol., pag. 399.

ROMARIZ—Vide *Romans*,

ROMARIZ—Formoso palacete, e grande quinta, Douro, na freguezia de Meinédo, concelho de Lousada. (5.º vol., pag. 160, col. 1.ª)

Antonio de Mendonça, senhor da quinta da Capella, em Agilde, e de outras muitas quintas e propriedades, morreu sem descendencia, deixando tudo quanto possuia, a seu irmão, frei José de Mendonça, monge da ordem de S. Bernardo. Este, por sua morte, e não tendo senão parentes remotos, deixou todos os seus haveres ao dr. Antonio Pinto Coelho Soares de Moura, da casa da Lousa, na freguezia de Santa Marinha de Lodares, e irmão do bravo general realista, Bernardino Coelho Soares de Moura.

O dr. Soares de Moura, ficou com uma casa que lhe rendia annualmente 300 carros de pão (12:000 alqueires!)

Tendo uma filha então já casada, na casa de Cabanellas, deu a sua casa de Segude, a seu filho mais novo, o sr. dr. Francisco Pinto Coelho Soares de Moura; e a de Lama, ao filho mais velho, o sr. dr. Antonio Manuel Pinto Coelho Soares de Moura.

É pois actual proprietario, por herança paterna, da quinta de Romariz, o referido sr. dr. Francisco Pinto.

É uma propriedade das melhores e mais rendosas d'estes sitios, e seu dono a tem augmentado com valiosissimas obras, sendo a principal, a abertura de uma mina que produz grande abundancia d'agua, a qual fez conduzir para a quinta, por cannos de granito, na extensão de 1:200 metros.

Passa junto á quinta, um ribeiro, no qual

tem o proprietario d'ella, alguns moinhos. Este ribeiro, atravessa as propriedades annexas á quinta, e toda a sua agua, de verão e de inverno, pertence exclusivamente á mesma quinta de Romariz.

ROMEIRA—freguezia, Extremadura, concelho, comarca, districto administrativo e 6 kilometros ao N. de Santarem, 90 ao N.E. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757, tinha 70 fogos.

Orago S. Braz.

Patriarchado de Lisboa.

O povo apresentava o cura, que tinha 60\$000 réis e o pé d'altar.

É terra fértil.

Ha n'esta freguezia, um vinculo, que D. Affonso V deu, em 12 de maio de 1442, a Fernão Rodrigues Mendo, descendente de D. Payo Mogudo de Sandim, casado com D. Barba, filha de Ruy Garcia de Villa-Maior, descendente de D. Ordonho—o *Cego*—filho de D. Ramiro II, rei de Leão, e da rainha D. Thereza.

São estes os progenitores dos Barbas Correias Alardos, familias nobilissimas d'este reino.

Ruy Barba Correia Alardo, filho de Pedro Barba Alardo e de D. Ignez de Mesquita, casou em Santarem, com D. Mecia Dias Girão, e foi seu filho (entre outros) Ruy Barba Correia, um dos poucos fidalgos portugueses que tomou o partido de D. Antonio, prior do Crato, em 1580, pelo que D. Philippe II lhe tirou todas as honras, privilegios e mercês da corôa: mas não lhe pôde tirar a honra de ser um verdadeiro portuguez, e corajoso patriota.

ROMEIRA—quinta e magnifica fábrika de lanifícios, na freguezia, comarca, concelho e proximo da villa d'Alemquer.

Foi esta fabrica construida no local onde havia uma antiga azenha, já chamada da *Romeira*.

Esta azenha foi mandada fazer por Lourenço Martins, instituidor do morgado de Santa Catharina, por licença especial do rei D. Diniz, passada em 1303.

Pertenceu ao antigo vinculo, até 1758, sendo então desannexada d'elle.

Era em 1868 do sr. José da Costa, que então a vendeu ao sr. Francisco José Lopes, fundador da fabrica.

Principiaram as obras no fim do anno de 1870, e foi inaugurada a fabrica, em 29 de setembro de 1872, havendo grande regosio na villa, festa na proxima egreja de Santa Catharina, e um lauto jantar, de 135 talheres, no edificio da fabrica.

O plano da casa foi traçado pelo engenheiro francez, Philippe Linder.

O edificio custou uns 60 contos de réis.

O motor da fabrica é a'agua do rio.

Não se confunda esta fabrica, com a outra d'esta freguezia, mencionada a pag. 108, col. 2.ª, do 1.º volume.

ROMEIRA DE BAIXO—aldeia, Extremadura, no caminho que vae de Villa-Longa (hoje Via-Longa) para Bucellas; ambas estas freguezias no concelho dos Oliveaes, proximo a Lisboa.

Ha aqui uma grande quinta, que foi dos marqueses de Arronches, e depois duques de Lafões.

Tem uma antiga capella, dedicada a Nossa Senhora da Encarnação. Vide *Vallada*.

Esta quinta é na freguezia de Via-Longa.

ROMEIRA DE CIMA—aldeia, Extremadura, na mesma freguezia de Via-Longa, concelho dos Oliveaes.

Proximo a aldeia da Verdélha, e a 6 kilometros de Bucellas, está a grande quinta da *Romeira de Cima*, que é dos herdeiros do fallecido marquez de Castello-Melhor.

Dentro d'esta quinta, está a bonita capella de Nossa Senhora das Virtudes, que é bastante antiga.

Era senhorio directo d'esta quinta, o mosteiro de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, que a trazia dividida em casas.

Em 1505, emprazou esta propriedade a Antonio Carneiro e sua mulher, D. Britez d'Alcáçova.

Foi 2.ª vida n'este prazo, Antonio Carneiro. Em 1561, sua filha, D. Elvira d'Alcáçova, casou com D. Bernardim de Távora, e por sua morte, ficou este prazo a sua neta, D. Maria de Távora, filha d'Alvaro Pires de Távora e de D. Isabel de Mello.

Antonio Carneiro, a quem

foi emprazada esta quinta, era pae de D. Pedro d'Alcáçova Carneiro, conde de Idanha, e fundador do mosteiro de Casa-Nova, e da quinta da Verdélha, em 1546.

ROMEU — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros (foi até 1855 da comarca de Chacim, concelho e proximo dos Corticos — extinctos) 60 kilometros de Miranda do Douro, 40 da Torre de Moncorvo, 40 de Mirandella, 420 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757, tinha 44 fogos.

Orago Nossa Senhora da Anunciação,¹ Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Mascarenhas, apresentava o cura, confirmado, que tinha 60\$000 réis e o pé d'altar.

Romeu foi até ao meiado do século 18.º uma aldeia da freguezia de Mascarenhas, sendo então desmembrada, para formar um curato independente. Tanto a freguezia de Mascarenhas como esta, eram dos cavalleiros de S. João de Jerusalem (Malta) pelo que tinham grandes privilegios e isenções.

No alto de um monte, que é parte d'esta freguezia e parte da de Mirandella, está a capella de Nossa Senhora de Jerusalem (á qual o povo tambem chama Nossa Senhora de S. Marcos) fundada pelos cavalleiros de Malta, pelos annos de 1500.

A capella-mór, da primitiva ermida, ficava em terreno do termo de Mirandella, e o corpo da egreja, no termo de Mascarenhas (na parte que hoje é de Romeu) pelo que os dois parochos — de Mirandella e Mascarenhas — ambos queriam as offertas e esmolas que os fieis davam á S-nhora.

Os de Mascarenhas, para evitarem uma renhida demanda entre os dois parochos, de-

¹ O *Portugal Sacro e Profano*, diz que o orago é Nossa Senhora da Assumpção, o que é erro. Nossa Senhora da Assumpção é o orago da freguezia de Mascarenhas, e quando Romeu se desmembrou d'aquella freguezia, tomou para sua padroeira, Nossa Senhora da Anunciação. Ambos os parochos d'estas freguezias, eram antigamente freires de Malta.

moliram a capella em construeção, e a edificaram toda em terreno da sua freguezia, que era da jurisdicção do *isento* da ordem de Malta, quando o resto do monte era dentro dos limites do arcebispado de Braga.

A imagem da padroeira, é de roca, e tem 1.º 32 d'alto.

A sua festa, é a 8 de setembro, dia da Natividade de Nossa Senhora.

Na encosta N. d'este monte, e a 200 metros abaixo da capella, está uma cerca, que pertencia ao eremitaço, que n'ella tinha a sua horta e pomar, e no centro ha uma fonte perenne, de optima agua potavel.

RONCÃO — ribeiro, Traz-os-Montes, nasce em Favaio, e entra na direita do Douro, na Foz do Roncão. O vinho do Baixo Roncão, é classificado como dos melhores do *Paiz do Vinho*, do Alto Douro.

RONFE — freguezia (villa extincta) Minho, comarca e concelho de Guimarães, d'onde dista 10 kilometros a O. — egual distancia a E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757, tinha 194 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 100\$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

ROQUE-AMADOR, ROCA-AMADOR, e RE-CLAMADOR — Já na palavra *Roca-Amador* tratei do instituto que tinha esta denominação; aqui direi mais.

A capella de Nossa Senhora da Silva, na rua dos Caldeireiros (antiga rua da Ferraria de Cima) do Perto, foi a de uma albergaria de Roque-Amador, fundada pela rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques, e avô da rainha Santa Mafalda. Vide 7.º vol., pag. 465, col 1.ª, no fim e seguintes.

Ainda no meu tempo de rapaz, os velhos davam a esta albergaria de Nossa Senhora da Silva, o nome de hospital de *Roque-Amador*.

Vide *Torres Vedras*.

ROQUE ANNES — quinta, Extremadura, na freguezia da Alhandra.

Os cardeaes-patriarchas de Lisboa, eram senhores donatarios da villa da Alhandra.

D. Thomaz d'Almeida, primeiro patriarcha de Lisboa, filho do conde d'Avintes, e irmão do primeiro marquez do Lavradio (vide 4.º vol., pag. 276, col. 1.ª) vendo que o hospital da Misericordia da Alhandra, estava no maior estado de pobreza e abandono! comprou, pelos annos de 1720, a quinta de Roque Annes, e a deu aos pobres da Alhandra. Esta quinta rende annualmente 80\$000 réis, e é o unico rendimento que tem o hospital, que teria acabado de todo, se a nobre e caridoza senhora marqueza da Bemposta Sub-Serra, não tivesse dado muitas esmolas a este hospital, abonando-lhe, além d'isso, uma prestação mensal de 6\$000 réis.

A mesma senhora pediu ao sr. Antonio da Costa Paiva, (feito barão do Castello de Paiva, em 5 d'abril de 1854) uma esmola para este estabelecimento, e elle lhe legou para depois da sua morte—uma inscripção de 500\$000 réis.

Mais nenhuma alma caridosa se lembrou ainda de dotar o estabelecimento com qual quer legado.

Antigamente promoveram-se grandes touradas, brilhantes bazares, e varios espectaculos theatraes, em beneficio do hospital, hoje apenas, lá de longe a longe, se dá alguma receita no theatro, cujo producto liquido é applicado á conservação d'este estabelecimento, que, apesar de tudo, se acha nas mais deploraveis condições.

ROQUEL—cidade romana, que se diz ter existido na Extremadura portugueza.

Vide *Ourem* e *Villa Nova de Ourem*.

RÓRIZ—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Negrellos) 24 kilometros ao N. do Porto, a mesma

¹ Maria Annes, uma santa mulher da Alhandra, fundára, em tempos antigos, um hospital para pobres. Com o andar do tempo, foram-se desencaminhando (roubando) as rendas d'este piedoso estabelecimento, que em 1591, estava reduzido a uma simples albergaria. Pelos annos de 1720, é que D. Thomaz d'Almeida restaurou este hospital, como se diz no texto. Vide *Alhandra*.

distancia ao S. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 265 fogos.

Em 1757, tinha 214 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebisado de Braga, districto administrativo do Porto.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 100\$000 réis e o pé d'altar.

É povoação muito antiga, e foi villa e cabeça de concelho, supprimido ha muitos annos. Nunca porém teve foral régio, antigo nem moderno.

Foi o solar dos Rebello.

Rebello, é um appellido nobre em Portugal, cuja familia tinha o seu solar no conto de Rebello, concelho de Roriz, então comarca do Porto¹.

O primeiro que usou este appellido foi Mem Rodrigues Rebello (e não Martim Rodrigues de Rebello, como querem alguns) tomado d'este logar, de Rebello, e senhor do conto d'este nome, o qual conto herdou de seu pae, Ruy Vasques, no reinado de D. Afonso III.

Nuno de Rebello, foi alcaide-mór de Santarem.

As armas dos Rebello, são — em campo azul, trez cotias de ouro, em faxa, cada uma carregada de sua flor de liz, de púrpura, ficando todas trez em banda. Elmo de prata, aberto, e por timbre, um leopardo, de ouro, armado d'azul, com uma das flores de liz do escudo na testa.

Mosteiro de Róriz

Houve n'esta freguezia um mosteiro de monges beneditinos, antiquissimo. Não se sabe quando nem por quem foi fundado, mas sabe-se que já existia em 887, reinando em Leão, Portugal e Galliza, D. Afonso, o Magno, que n'esse anno o deu á condessa Muma Dona. (Vide *Guimarães*.)

Parece que este mosteiro passou a com-

¹ Frei Manuel de Santo Antonio diz que o solar dos Rebello é na freguezia de S. Martinho do bispado de Viseu, o que é erro. Elle confunde *Réris* (S. Martinho de) na Beira Alta, com este *Róriz*, antiga provincia do Minho, hoje do Douro.

mentatarios, e por fim, tornou á côrôa, por que D. Afonso Henriques, em 20.d'abril de 1173, o deu aos conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios.)

Em 1492, D. João II, por auctoridade do pontifice Innocencio VIII, e do arcebispo de Braga, fez d'este mosteiro uma commendata.

Em 1560, falleceu, sem successão, o ultimo commendatario, tornando o mosteiro á côrôa; e, n'esse mesmo anno, o cardeal D. Henrique (depois rei) pediu á rainha D. Catharina, viuva de D. João III, e regente do reino, na menoridade de seu neto, o rei D. Sebastião, que este mosteiro e suas dependencias e rendas, fossem dados aos jesuitas, do collegio de S. Paulo, de Braga; ao que a rainha annuiu.

Pela suppressão da Companhia de Jesus (1759) passou o mosteiro de Róriz para a universidade de Coimbra, que o vendeu. É seu actual proprietario, o sr. Manuel Marinho Falcão de Castro, filho do fallecido primeiro visconde de Róriz.

A egreja, porém, continuou a ser a matriz da freguezia, que nunca teve outra, que conste.

Entre as varias propriedades d'este mosteiro, havia uma em Canavezes, de Riba-Tâmega, que o prior, cruzio, emprazou em 1214.

Em um cabeço d'esta freguezia, chamado *Monte do Facho*, ou *Eira Moura*, ha umas vastas ruinas, que, segundo a tradição popular, são os restos da antiga cidade de *Sa-noana*. Pretendem uns, que esta palavra é corrupção de *Citania*, e outros que é de *Sanhoane*. Parece mais provavel esta ultima versão. Vide *Sanhoane*.

Estas ruinas são muito semelhantes ás da Citania de Briteiros, e demonstram ser da mesma época.

As casas eram aqui circulares, ovas, semi-circulares e quadrangulares, como em Citania: trez ou quatro muralhas de circumvalação, completas, circuitavam, com diversos intervallos, a povoação. As calçadas, principaes pelo lado do sul, davam ingresso para esta povoação.

Em diversos penedos existem pias quadrangulares, abertas por mão de homem, e em algumas, buracos como que destinados ao eixo de mós, e por este polidos; ha um penedo levantado e a prumo que os vizinhos chamam da *Pata do cavallo*, junto do qual se tem feito grandes excavações em busca de thesouros que o povo alli crê existentes; proxima fica a eira dos Mouros, largo espaço, cujo pavimento era todo forrado de pedra de esquadria, em grande porção já levada d'alli para diversas obras pelos moradores das freguezias em volta.

No cimo e ponto mais elevado da povoação, existem grandes penedos, e uma como anta informe, cujo apoio de um lado já está tombado. Ao lado norte d'esses penedos, em plano um pouco inferior, ha outros penedos, em que se vêem abertas pequenas pias circulares, e por cima d'ellas se acha a pedra rasgada em dois sitios, como que á feição do corpo de ovelha ou carneiro, e de novilho, ou rezes de igual corpolencia; as pedras empregadas na construcção, são pequenas, e em geral quadrangulares ou triangulares, em fiadas alternadas de umas a outras; descoberta uma das casas circulares, mediu de diametro no vasio 4,^m55, d'altura de parede, desde o lastro soalhado, exteriormente, de pedra (talvez rua) até á superficie do solo 0,^m85, e de espessura da mesma parede 0,^m33: as maiores pedras empregadas n'essa casa não hiam a mais de 0,30 por 0,25; appareceram nas excavações d'aquella casa e em outras na chamada *Eira dos Mouros*, muitos fragmentos de tijolo e objetos de barro, sendo o tijolo todo cosido ao sol, e de diversas qualidades de barro, mais ou menos grosseiro, e formando como em bicas ou calles, mas chatas, e um d'elles tinha uma roseta, como que marca d'olaria; tambem appareceu uma pedra de amolar, fragmentos e escorias de ferro, pequenos pedaços de lousa. Na parte inferior da chamada *Eira dos Mouros*, informam os vizinhos do montê, que havia, outr'ora, uma pia de pedra, áonde vinham ter umas calles tambem de pedra, o que faz suppor, visto apparecerem no sitio fragmentos de carvão e como que pregos de ferro, ter sido abial-

guma olaria, sendo aquella eira destinada á secca e cosimento, ao sol, dos seus productos.

Appareceram, ha annos, na base do monte, duas pequenas hachas de bronze, de que é actual possuidor o sr. Domingos José dos Santos Ferreira, negociante em Barcellos.

—
É terra abundante de boas aguas e muito fertil em cereaes, legumes, fructas e vinho (verde, mas de boa qualidade.)

Tem fama a laranja de Róriz, principalmente a dos pomares do mosteiro e do Monte-Sô.

Os pomares d'esta ultima casa, continham ainda em 1853, umas 500 laranjeiras, plantadas em 1755. Teem seccado, em grande parte, mas o seu possuidor tem tido o cuidado de fazer novas plantações.

Ha tambem no districto d'esta freguezia grande variedade de plantas medicinaes.

No outono, apparecem nos montes e outros logares incultos, grande quantidade de açafão (*crosus autumnalis*, de Linn. e Brotero) que quasi ninguem aproveita.

—
Tinha esta freguezia trez irmandades—Santissimo Sacramento, Nossa Senhora do Rosario, e S. Pedro—mas, ha poucos annos, foram as duas ultimas incorporadas na primeira.

Teve ainda a irmandade das Almas, que acabou, pouco depois de 1820.

—
A caritativa sr.^a D. Michelina Julia de Jesus Gouveia de Azevedo, rege gratuitamente uma escola particular do sexo feminino.

—
Passa por esta freguezia um ribeiro que tem varios nomes, segundo os sitios por onde passa. Chamam-lhe *ribeiro de Fôjo, de S. Miguel, da Audiencia e dos Asnos*. Réga, móe, e traz algumas enguias e trutas.

Nasce no lugar do Bustello (de S. Fins de Ferreira) e morre na margem esquerda do Visella, abaixo da aldeia do Monte, na freguezia de S. Martinho do Campo.

Passa por aqui a nova estrada, a macadam, que liga o concelho de Santo Thyrsó com o de Pagos de Ferreira.

—
A egreja matriz, de architectura gothica, é um bom templo, de uma só nave e bastante espaçoso, e muito alto.

Era o do mosteiro dos cruzios. A porta principal é ampla e magestosa; as hombreiras são formadas por cinco columnas, das quaes, a primeira, terceira e quinta, são mais grossas, e a segunda e quarta mais delgadas. A primeira, terceira e quinta, são ornadas de flôres e conchas, em relevo, e com ornatos nos capiteis, e terminam todas com uma cabeça de touro.—A segunda e quarta, são lizas.

Sobre estas dez columnas se apoia o arco, em ogiva, com ornatos em relevo. *Tudo isto foi ha poucos annos bezuntado com uma grossa mão de cal!* Esta porta e a claraboia são soberbas. A cimalha lateral, é assente em varias figuras de phantasia.

O arco cruzeiro, é de architectura moderna, e assenta sobre dois bellos pilares de cantaria, muito bem lavrados. Está ladeado por dois bustos muito antigos, representando um mouro e uma moura.

A capella-mór é de abobada de pedra, muito bem conservada.

Fôra da egreja, e debaixo de um portico, está um antigo tumulo, com o brazão d'armas dos Mascarenhas e dos Silveiras Lobos; mas não se sabe quem alli está sepultado.

Na parede exterior da egreja estão duas inscripções, ambas illegiveis, uma por que a lapide foi partida, e o que resta não faz sentido; outra, por estar quasi toda apagada pelo tempo. A primeira é em antigo normando—a segunda em latim.

Na capella-mór, e junto aos degraus do altar, estava a sepultura de João Fernandes Farto, commendador dos mosteiros de Villarinho e do d'esta freguezia. Era de pedra preta, e tinha uma cercadura de latão, de um decimetro de largo, e com uma inscripção. O actual reitor, o sr. *Antonio Julio Gonçalves*, de Murça, mandou demolir este monumento, vendeu o latão da cercadura, e fez collocar a lousa debaixo da pia da agua benta! No lugar da antiga sepultura, mandou pôr uma lageira tosca, na qual *fez gra-*

var o seu nome (!) em caracteres ainda mais toscos, *ad aeternam memoriam*.

Capellas

1.^a—*Santa Maria de Negrêllos*, que foi igreja matriz da freguezia assim denominada e que se annexou a esta, no tempo dos jesuitas. (Vide 16.^o vol., pag. 30, col. 1.^a) É publica.

2.^a, 3.^a e 4.^a—no lugar do Calvário.

5.^a—Na casa da *Singevirga*; particular.

6.^a—Na casa de *Cabreira*; particular.

7.^a e 8.^a—Nas casas de S. Miguel, e de S. João (no lugar d'este nome) ha as capellas d'estes santos, ambas em ruínas.

Na aldeia de Virões, d'esta freguezia, houve antigamente uma igreja parochial, que era a matriz de uma freguezia ha muitos annos extincta, denominada S. Payo de Virões. Compunha-se só de duas aldeias, Soutello, que passou para a freguezia de S. Thomé de Negrêllos; e Virões, que passou para esta de Róriz.

Em 17 de fevereiro de 1853, foi feito primeiro visconde de Róriz, Antonio Marinho Falcão de Castro Moraes, ja fallecido.

Era filho de Manuel Marinho Falcão de Castro Moraes, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da Conceição, conselheiro de estado, e do rei. Tinha sido juiz de fóra em Guimarães, desembargador da relação do Porto, e ministro da justiça, em 1823.

Veio casar na casa do Mosteiro, e aqui falleceu, em 7 de fevereiro de 1831.

Está sepultado na capella-mór da igreja matriz, e na mesma estão sepultados seus filhos—Sebastião Marinho Falcão de Castro Moraes, desembargador da relação do Porto, e o primeiro (e ultimo) visconde de Róriz.

Conto de Róriz

«Declaração do couto de Róriz—pertencente antigamente aos padres cruziões, depois dos da Companhia, e hoje se acha incorporado na corôa. Consta do Tombo, feito em 1543, pelo D. Prior do mesmo mosteiro.

«Item—Tem este mosteiro, couto e juris-

dição, no civil somente—e o prior do mosteiro, com homens bons, do couto, põem cada um anno, juiz, porteiro, jurados, e outros officios, como se contém no privilegio e doação do mosteiro.

«O qual couto está por marcos e divisões, e começa uma divisão, sob a *Portella*, sobre a igreja de S. Mamede, (de Negrêllos) por um padrão que está direito, qual é a pedra em cima cavada, com a figura de certan—e d'ahi corre direito ao rio Visella, sob o lugar a que chamam *Agrêllo*, no qual lugar está um padrão alçado, que tem signal de cruz, em cima—e para a parte do couto, signal de chave—e d'ahi, corre pelo monte de *Virões*, e d'ahi á *Portella de Covello*, onde está uma pedra, a qual tem signal de letra—e d'ahi corre ao *Fôjo* onde está outro padrão alevantado, que tem em cima outro signal de chave—e d'ahi ao monte de *Penouços*, e d'alli direito á *ermida* S. *Cibão*, assim como verte a agua contra o rio Visella, e d'alli a S. Mamede, onde começa a divisão.

«E o juiz do couto, ouve todos os feitos civeis, e d'elle appellam para o prior, e do prior para el-rei. E os agravos d'ante o juiz, ao corregedor da comarca, etc.»

RÓRIZ—freguezia, Traz-os-Montes, na comarca e concelho de Chaves (era da mesma comarca, mas do extincto concelho de Monforte do Rio Livre.) Vide *Castanheira e Róriz*, a pag. 165, col. 1.^a do 2.^o volume.

RÓRIZ—freguezia, Minho, comarca e concelho e 7 kilometros de Barcellos, 12 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757, tinha 134 fogos.

Orago, o archânjo S. Miguel.

Arcebispo e districto administrativo de Braga.

O reitor do convento de Villar de Frades (os *bons homens da Villar*) apresentava o eura, que tinha 305000 réis e o pé d'altar.

A esta freguezia está annexa a de Queiroz (Vide n'este vol., pag. 17, col. 2.^a o 1.^o Queiroz) e por isso se lhe dá o nome de *Róriz e Queiroz*, ou de *Queiroz e Róriz*.

É terra fértil.

ROSA—Vide *Roballo*.

ROSA (mosteiro da)—Extremadura, Lisboa.—Alem do que disse a pag. 239, col. 1.ª, do 4.º vol., accrescento aqui mais o seguinte:

Luiz de Brito, fundador do mosteiro, era casado em segundas nupcias, com D. Joanna de Athaide, filha do senhor de Pena-Cova, e esta senhora tambem concorreu muito para esta fundação, pois, como não tinha filhos, deu toda a sua fazenda, que era muita e de grande valor.

É proximo e ao O. do castello de S. Jorge, em sitio muito elevado, d'onde se goza a vista da maior parte de Lisboa e do Tejo.

Principiou a fundação, em 29 de novembro de 1519, com auctoridade do rei D. Manuel—que tambem contribuiu muito para esta obra—sendo juiz apostolico, o doutor Braz Neto, que depois foi bispo de Cabo-Verde, e que assistiu ao lançamento da primeira pedra, por ordem do papa Leão X.

Principiou o convento com treze religiosas, e era da invocação de Nossa Senhora da Conceição.

Foi incendiado em 1670, o que causou grandes prejuizos, pois só o da sacristia foi avaliado em 40.000 crusados (16 contos de réis.) Foi logo reedificado.

ROSARIO (Nossa Senhora do)—freguezia, Alemtejo. Comarca e concelho d'Almodovar (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Mértola) 105 kilometros ao O. d'Evora, 135 ao S. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757, tinha 96 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Rosario.

Bispado e districto administrativo de Beja.

O tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o capellão, curado, que tinha 120 alqueires de trigo, 30 de cevada e 10.3000 réis em dinheiro.

É terra fertil.

ROSARIO (Nossa Senhora do)—freguezia, Alemtejo, comarca do Redondo, concelho do Alandroal (foi do mesmo concelho, mas da comarca d'Estremoz) 30 kilometros d'Elvas, 150 ao E. de Lisboa, 120 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Rosario.

Bispado d'Elvas, districto administrativo d'Evora.

O tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o capellão, curado, que tinha 180 alqueires de trigo, e 120 de cevada.

É terra muito fertil em cereaes, e nos mais generos agricolas.

ROSARIO (Nossa Senhora do)—freguezia, Alemtejo, concelho d'Arronches, comarca de Portalegre, d'onde dista 24 kilometros, 180 ao S.E. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757, tinha 31 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Rosario.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo.

É terra fertil em cereaes.

ROSAS—antigo nome da actual freguezia de Rôças, na comarca e concelho d'Arouca. Douro.

Foi commenda da ordem de Malta.

Esta povoação foi fundada em 1100, por *Odorio Espinel*, ou *Espinhel*, que a doou depois, a *Salvador Peres*. Vidé *Rôças de Arouca*.

ROSMANINHAL—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Idanha Nova (foi da mesma comarca, mas do concelho de Salvaterra do Extremo) 240 kilometros ao E. de Lisboa, e 35 da Guarda, 400 fogos.

Em 1757, tinha 214 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 40.3000 réis e o pé d'altar.

Foi villa, cabeça de concelho, ao qual o rei D. Manuel deu foral, em Santarém, no 1.º de junho de 1510. (*Livro dos foraes novos da Beira*, ff. 26 verso, col. 1.ª.)

Tem minas d'ouro, que se não exploram.

Era commenda da ordem de Christo, e eram seus commendadores e alcaldes mór, os marquezes da Fronteira, condes da Torre, e de Assumar, e marquezes d'Alorna, cuja casa esta actualmente representada pelo sr. D. José Transimundo Mascarenhas Barreto, marquez da Fronteira, mas que se assigna marquez de Alorna, titulo que lhe foi dado, em 22 de outubro de 1839.

Este cavalheiro, é 7.º marquez da Fronteira, 5.º marquez d'Alorna, 8.º conde da Torre, e 7.º conde d'Assumar. (Alorna é uma cidade da India Oriental, que foi do rajah de Bonsoló, e ao qual a tomou D. Pedro de Almeida Portugal, marquez de Castello Novo e conde d'Assumar; pelo que, D. João V lhe deu o titulo de marquez d'Alorna, em 9 de novembro de 1748.)

Alem da commenda do Rosmaninhal, tinham os senhores d'esta casa, mais cinco commendas, todas da ordem de Christo:

O 1.º conde d'Assumar, foi D. Francisco de Mello, feito por D. Philippe IV, em 30 de março de 1636.

O 1.º marquez da Fronteira, foi D. João Mascarenhas, 2.º conde da Torre. (Para evitarmos repetições, vidé 3.º vol., pag. 240, col. 2.ª)

A esta familia, uma das mais nobres de Portugal, pertenciam tambem os marquezes de Gouveia (depois duques de Aveiro) os condes d'Alva, os condes de Coculim (villa indiana, na comarca de Salsete) os condes de Sandomil, e os de Portalegre; além de outras esclarecidas familias, do appellido Mascarenhas. Tambem eram d'esta familia os marquezes de Castello-Novo.

D. João Mascarenhas, 1.º marquez e senhor da Fronteira, e 2.º conde da Torre, foi mestre de campo-general do exercito portuguez da provincia do Minho, durante a guerra da Restauração, mestre de campo-general da cavallaria, da provincia do Alemtejo; mestre de campo-general, junto á pessoa do rei, na corte e provincia da Extremadura; governador das armas de Cascaes e Setubal; gentil-homem da camara de D. Pedro II (quando principe regente) do seu conselho de estado e guerra, védor da fazenda, e grão-prior do Crato. Foi dos mais bravos e leaes militares do seu tempo e grande valido do rei. Falleceu em 16 de setembro de 1681, na florescente idade de 48 annos, pois havia nascido em 18 de julho de 1633.

Foi este fidalgo o fundador da sumptuo-

sissima quinta e magestoso palacio dos srs. marquezes d'Abrantes, em Bemfica. (Vol. 1.º, pag. 378, col. 1.º)

Este palacio e o seu jardim e quinta, são uma das mais bellas vivendas de Portugal, e fica a 6 kilometros de Lisboa, na encosta da serra de Monsanto, do lado de Bemfica.

Chamava-se a este sitio, *Morgado-novo*, e eram terras dos Mascarenhas.

A casa está guarnecida de azulejos, onde estão pintadas todas as batalhas em que tomaram parte os membros d'esta familia, notando-se a batalha do Ameixial, onde se vé o fundador do palacio e quinta, batendo-se corpo a corpo com D. João d'Austria.

Entre os retratos dos antepassados do actual marquez de Fronteira, existentes n'este palacio, se veem os da marqueira de Távora, D. Leonor de Távora, degolada e queimada no caes de Belem, em 13 de janeiro de 1759; o de D. Magdalena de Vilhena; o de D. Francisco d'Almeida, primeiro vice-rei da India; e dois do marquez d'Alorna, um tirado antes de entrar para os carcereiros da Junqueira, e outro tirado quando saiu de lá, no fim de 18 annos (em 1777, pelo fallecimentó de D. José I.)

Este palacio foi construido pelos annos 1680, porem a sua capella é muito antiga, e foi reedificada em 1580.

Na sala chamada *das batalhas*, e que agora serve de sala de jantar, se veem os bustos de varios fidalgos d'esta familia, entre elles:

D. Fernão Martins Mascarenhas, chefe da casa dos Mascarenhas, senhor da casa de Lavre, commendador de Mértola e de Almodóvar, alcaide-mór de Monte-Mór Novo e de Alcacer do Sal, e capitão de ginetes de D. João II, e de D. Manuel.

D. Manuel Mascarenhas (o *Espada Cortadora*) um dos principaes que tomaram Azamor, em 1513, e que morreu governador de Arzilla (Africa.)

D. Fernando Mascarenhas, morto na batalha d'Alcacer-Kibir, em 4 de agosto de 1578.

D. Manuel Mascarenhas, gravemente ferido e captivo, na mesma batalha.

D. Fernando Mascarenhas, 1.º conde da Torre, governador de Ceuta e Tanger.

D. Francisco Mascarenhas. 1.º conde de Coculim (villa na comarca de Salsete, na Índia) feito por D. Pedro II, em 3 de junho de 1676.

Tambem aqui estão os bustos do 2.º, 3.º, 4.º e 5.º marquezes de Fronteira.

Em um dos lados d'esta sala, vê-se em alto relevo, e do tamanho natural, o 1.º marquez da Fronteira, a cavallo, e com o uniforme de marechal.

Tem por baixo uma extensa inscripção, designando todos os postos e dignidades do marquez.

Em um dos maiores tanques do jardim, está uma varanda, e n'ella, em bonitos nichos, estão os bustos—em marmore de Carrara—de todos os reis de Portugal, desde D. Affonso Henriques, até D. João VI.

Rosmaninhal, foi praça d'armas, com seu castello e muralhas com seus competentes revelins, e barbacans.

Já disse que eram alcaides môres d'este castello os marquezes da Fronteira.

Está situada sobre a margem do Tejo, na confluyente do rio Elga, com aquelle, porisso chamada *Foz do Elga*.

Das suas antigas fortificações apenas restam alguns muros desmantelados.

ROSSAS—Vidé *Rôças*.

ROTELLA—portuguez antigo—rompimento, força, rotura, violencia, etc.—No foral da villa de Linhares (Beira Baixa) dado por D. Affonso I, em 1169, se lê—*De rotêla de sua casa cum lanzas (lanças) et scutos*, (escudos) da sua porta a dentro, *pectet* (peite, ou pague de peita) *ccc (300) soldos*.

ROTORIA ou **ROTURA**—portuguez antigo—rompimento de terra (arroteia) que transforma em campos os terrenos bravios. Em Arouca, ainda a arroteia se dá o nome de *rômpida*.

RÔTULO—portuguez antigo—rôlo de pergaminho, ou de outra qualquer materia, em que se escreviam os livros, e o qual se enrolava em um cylindro, para se não engeilhar. A este modo de escrever, se chamava *escrever em bandeira*.

ROUBA ou **ROUBADIA**—portuguez antigo—roubo ou furto. (Doc. de Vairão, de 1304.)

ROUBADO (Senhor)—Vidé *Carriche*.

ROUÇAS—Vidé *Rôças*.

ROUSADA, ROUXADA e ROUZADA—portuguez antigo—mulher violada. Vide *Rausador*. Andando D. Pedro I á caça em Bemfica (termo de Lisboa) onde tinha um palacio e quinta, ouviu chamar uma mulher a outra, *Maria Rouçada*. Perguntando a razão de tal alcunha, soube que a mulher havia sido violada por o homem que depois foi seu marido. (Para evitarmos repetições, vide n'este volume, pag. 58, col. 2.º)

ROUSADOR, ROUSAR, ROUSO, ROUXADA, ROUXO, ROUZADA e ROXO—portuguez antigo—era o mesmo que—*rausar, rauso, rausso, rauxada, etc.*

ROVINA—Vidé *Ruvina*.

ROZEM—freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco Canavezes (foi da comarca e concelho de Soalhães) 48 kilometros ao N.E. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757, tinha 47 fogos.

Orago, Nossa Senhora das Neves.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa e a mitra, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 400\$000 réis de rendimento.

É terra fertil em todos os generos agricolas.

Gado, e peixe do Tâmega, e de alguns ribeiros anonymos.

RUA (pedras da)—Vidé *Pedras da Rua e Pontos do Douro*.

RUA—villa, Beira Alta, concelho de Sernancêlhe, comarca e 6 kilometros de Moimenta da Beira, 30 kilometros de Lamego, 345 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757, tinha 140 fogos.

Orago, S. Pelagio.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O padroado real, apresentava o reitor, que tinha 40\$000 réis e o pé d'altar.

Esta villa, como a de Caria (vol. 2.º, pag. 108, col. 1.º e seguintes), é povoação antiquissima, e foi a capital do concelho de *Caria e Rua*, supprimido em 1854, e encorporado no de Sernancêlhe.

Está situada em uma fertil e vasta bacia, cercada de varios outeiros de pouca elevação, uns plantados de vinha e outros povoados de diferentes arvores, formando um rissonho e aprazivel quadro durante a primavera e estio. Ao longe se avistam altas serranias, que a neve cobre no inverno.

É este valle feracissimo em todos os fructos, especialmente em vinho, milho e trigo.

A villa é cortada pela estrada que de Trancoso conduz a Lamego.

Ha aqui uma optimã fabrica de fiacao de seda, pertencente aos industriaes, os srs. Francisco Cabral Paes e Filhos.

Os productos d'esta fabrica se teem exportado para diversos paizes, onde são muito apreciados, e os seus proprietarios teem obtido varios premios, nas exposições a que teem concorrido. Adiante fallo mais detidamente d'esta fabrica.

Segundo a tradição, a 500 metros da villa, no sitio chamado *São João*, houve uma grande povoação, ou cidade, chamada *Arrochella* ou *Rochella*,¹ da qual ainda existem vestigios (alicerces de muros, tijolos grossissimos, e outros objectos), todos denotando grande antiguidade.

Em 1872, um proprietario d'estes terrenos, achou em uma vinha, grande quantidade de moedas de cobre, pesando todas uns 6 kilogrammas. Muitas d'estas medalhas, são do tempo dos romanos, outras ainda anteriores ao seu dominio na Península. Uma que se encontraram entre seis grossos tijolos, foram offerecidas a camara municipal do Porto, que as teve em grande apreço, e as mandou collocar no seu museu. Algumas estavam tão oxidadas, que eram completamente illegiveis. Os seis tijolos onde haviam sido guardadas, estavam dispostos em forma de caixa (fundo, tampa, e os quatro lados). Uma boa parte d'ellas (medalhas) ainda estavam bem conservadas.

No mesmo sitio teem apparecido varias sepulturas de pedra, muito bem trabalhadas.

No fim de janeiro de 1877, um jornalista

¹ *Rochella*, significa *pequena rocha*.

que andava plantando videiras, achou a um metro de profundidade, um vaso de barro, coberto com uma pedra, e dentro d'elle, alguns bocados de prata, em bruto, e do peso de 2½ kilogrammas, e entre a prata, algumas moedas romanas, do mesmo metal.

Entre o grande numero de medalhas que aqui se teem encontrado, apparecem em maior numero as romanas e arabes; mas tambem se encontram duas que julgo serem do seculo XI (entre 1037 e 1067) e de D. Afonso o Magno.

O senhor Francisco Cabral Paes, teve a generosidade de me mandar 36 d'estas medalhas, sendo uma d'ellas de prata, que eu offereci ao museu archeologico do Carmo, em Lisboa, onde agora existem.

Examinei estas medalhas, e eis o que pude averiguar — as de cobre:

Goticas? — duas — em uma, de um lado, um homem com uma especie de turbante na cabeça, e virada para elle, uma mulher, ambos de pé, e entre elles um M. — A outra tem de um lado uma mulher, com um ramo ou palma, na mão, e da legenda só se lê victo; e no reverso, o busto de um guerreiro, e só se pôde ler GRATIA.

Leonezas? — duas, tendo de um lado dois guerreiros, de pé, virados um para o outro, e entre elles uma estante, ou pyra. Em uma, a legenda desapareceu, na outra apenas se pôde ler ons TERTIUS. Será D. Afonso III (o Grande?)

Romanas — de varios imperadores, 18.

Arabes — 13.

E uma arabe, de prata.

A antiga villa de Caria, hoje aldeia, andou até 1854 unida a esta da Rua, para todos os effeitos judiciais, administrativos e municipaes. Caria, fica 2 kilometros ao S.O. da Rua, 5 ao S. de Moimenta da Beira e 5 ao N. do famoso Sanctuario de Nossa Senhora da Lapa (vide *Quintella da Lapa*.)

Em todos os documentos antigos, quando se trata d'estas terras, se diz sempre — *Caria e Rua* — e ambas contam igual antiguidade, e o que se diz de uma, pôde applicar se á

outra: é por isso que eu trato aqui de factos respeitantes a ambas.¹

Em 18 de maio de 1878, em um monte, entre Rua e Caria, andando uns operários a demolir os restos de um antigo muro, acharam nos alieceres uma grande quantidade de moedas de prata (umas 400) de 20 diversos tipos, mas todas romanas, e do valor (com referência ao seu peso) de 150 a 250 réis cada uma.

As mais notáveis d'estas moedas, são — uma, que tem de um lado, o busto de uma mulher, coroada por um diadema, e por baixo—xxxviii. No reverso, tem um cavalleiro, correndo a toda a brida, e por baixo a legenda L. PISURUGI. D'este typo, acharam-se quatro moedas, mas tendo cada uma diversa inicial, e só uma tem a era de xxxix.

Uma, também com busto de mulher, tendo na frente uma espiga de trigo, e a legenda D. METELI, e por baixo um arado. No reverso, tem um gladiador, e por baixo L. F. G. F. G.

Grande numero, tendo de um lado, um elephante e por baixo a legenda CAESAR; e no outro, uma espada, um facho e um machado.

Outras tem um busto de homem, e no reverso, um homem, de corpo inteiro, com ca-

¹ Note-se que havia trez *Carias* — *Caria-Velha*, da qual adiante trato — *Caria-Suzan* (Caria de Cima) que é a actual Caria, onde primeiramente esteve a casa da câmara, e era a capital do concelho — e *Caria Juzan* (Caria de Baixo) que é a actual villa da Rua, para onde depois se transferiu a capital do concelho, até 1854, assim como a casa da câmara, pelourinho, justiça, etc.

Um kilometro ao N. de Caria, existem as ruínas da *Caria-Velha*, sendo-se no centro d'ella os restos do seu vetusto castello, ao qual hoje o povo dá o nome de *Casa do Pastor*. Fica isto na orla de um bosque, na encosta do monte que pertence ao sr. José de Lemos de Napoles, e faz parte da sua quinta, chamada *Boa-Vista*; porque os antepassados d'este cavalleiro, compraram aquellas ruínas e parte do bosque, aos jesuitas.

Dentro do recinto d'estas ruínas, se descobriam, em 1867 ou 1868, varias sepulturas, abertas a picão, na rocha granitica, e dentro d'ellas, ossadas humanas, meos mal conservadas.

pacete de plumas, e empunhando uma espada. Está sentado sobre um globo, e tem por baixo ROMA N. FABI.

Para não fatigar o leitor, não menciono expressamente mais d'estas medalhas.

Em 1868, no monte *dos Cabaços*, um caçador, ao tirar musgo de um rochedo, achou uma moeda de ouro, que vendeu a peso, ao sr. visconde de Moimenta da Beira.

Tem de um lado, uma cruz, suspensa por um collar, e por baixo a legenda, bastante apagada, que parece ser *Coifo, Goifo, ou Coiko*, VIII. — Do outro lado, tem um homem com a cabeça cingida por uma fita, com borlas nas extremidades. Suppõe-se que seja uma moeda do baixo-imperio, das mandadas cunhar por Constantino Magno, o 1.º imperador christão de Roma. Outros pretendem que seja gothica.

Há na villa da Rua, um mosteiro que foi de frades franciscanos, fundado em 1443. — Só uma pequena parte do edificio se acha em bom estado de conservação, o resto está desmantelado. A igreja, porém, está muito bem conservada, devido ao zelo dos irmãos da ordem 3.ª de S. Francisco, que se estabeleceu n'este templo.

Havia outro, de frades bernardos, que nas suas proprias casas, no logar de *Tabosa*, fundou D. Maria Pereira, viuva de Paulo Homem Telles, tenente-general e governador da Beira.

Fabrica de fiação de seda

DOS SRS. FRANCISCO CABRAL PAES E FILHOS

Portugal foi por muitos annos quasi completamente desconhecido no estrangeiro, em relação a materia prima da industria da seda. A magnifica raça de *casullo amarello* portuguez, em maior ou menor quantidade, era empregada (ou melhor diria, perdida) toda no fabrico de retroz. Nenhuns, ou muito poucos tecidos se fabricavam, pela falta de fiações nacionaes, que se assemelhassem ás estrangeiras, em perfeição nos productos

e, ainda hoje, não teríamos dado um passo, se um acaso não viesse a isso impelir-nos: foi o seguinte: — Desde 1863 até 1872, deu no *sirgo* estrangeiro uma doença que o matava quasi todo, causando immensos estragos na sericultura.

Então os estrangeiros, sem terem sementes isentas da molestia, tiveram de hir procural-as a outros paizes, onde ella não existia. Hespanhóes, italianos e francezes, vieram em grande numero comprar-nos a semente do *sirgo*, em vista dos optimos resultados colhidos d'ella. O casullo triplicou então de valor e as sementes eram vendidas por alto preço.

Em vista d'esta vantagem, tomou grande desenvolvimento na Beira-Alta, a criação do bixo da séda. Só os srs. Cabral Paes e Filhos, exportavam annualmente 250 a 300 kilogrammas de semente.

As prosperidades duraram apenas nove annos, porque, em 1872, tambem o *sirgo* portuguez foi atacado da molestia, o que afugentou a concorrência estrangeira.

Os illustrados industriaes de quem estou tratando, entenderam que os seus casullos deviam ser empregados mais proficuamente do que outr'ora; e, relacionados com muitos sericultores estrangeiros que visitaram a sua fabrica durante a epidemia do *sirgo*, principiaram a exportar em grande escala os productos da sua fabrica de fiação de séda, que, não só foram elogiados e muito apreciados lá fóra, mas obtiveram menção honrosa nas exposições de Londres e Paris, e foram recompensados com a medalha d'honra, e com a 1.^a medalha de prata, nas ultimas exposições agricolas e nacionaes de Lisboa; e nas duas de sericultura do Porto, em concurso ao 1.^o premio pecuniario.

Em 1869, os srs. Cabral Paes e Filhos, augmentaram o seu estabelecimento, e a sua fabrica de fiação de séda, tendo de instruir n'esta industria, os vinte e tantos operarios que empregaram n'ella.

O motor é a braço, e o systema de fiação, o italiano. Produz 600 kilogrammas de séda em rama, annualmente.

As pessoas que desejarem mais amplas

noticias d'esta povoação, vejam *Caria*, a pag. 108, col. 1.^a do 2.^o volume.

RUA, é um áppellido nobre d'este reino, e cuja familia é oriunda das Asturias. Um membro d'esta familia casou com uma senhora da casa de Athougua. Depois, D. Ignez Martins da Rua, filha d'Alvaro Annes da Rua (escudeiro do infante D. Fernando, pae do rei D. Manoel), casou com Luiz d'Athougua, seu parente. As primeiras armas d'esta familia, eram, em campo azul, trez flores, de ouro, com tulipas raiadas de púrpura: elmo de aço aberto, e por timbre, um leão d'ouro. A Francisco Martins Rua, da cidade do Porto, sendo feitor de Portugal em Flandres, lhe deu o imperador Carlos V, novo brazão d'armas, o que foi confirmado pelo nosso D. João III.—São agora—em campo d'ouro, 6 rosas de púrpura, em duas pallas, folhagem verde, e no meio do *chefe*, uma flor de liz azul. Elmo e timbre como os antigos.

Martins Ruas, da villa de Caminha, talvez descendente d'estes Ruas, foi auctor de um livro que elle denominou *A Pedreira*, e disse ser um *poema epico*. (!) É uma das obras mais celebres do seculo XIX, e rival do famoso *Diccionario da lingua portugueza*, do padre Bernardo de Lima Bacellar, e publicado em 1783.

RUA—Vide 3.^o vol., pag. 212, col. 1.^a, periodo 2.^o

RUÃES — aldeia, Minho, na freguezia de S. Payo de Merelim, no antigo conto de Tibães, suprimido (Vide *Tibães*), concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Em 25 de setembro de 1872, foi feito visconde de Ruães, o negociante da praça do Porto (hoje fallido) Bento Luiz Ferreira Carmo, casado, em 16 de fevereiro de 1876, com a sr.^a D. Anna Carolina Jacome de Souza Pereira de Vasconcellos, na nobre casa dos Avellares, em Braga.

Passa aqui o rio Cávado, e aquelle negociante fundou n'este logar, e em uma quinta sua, proximo da Ponte do Prado, em 1870, uma grande fabrica de papel. Depois, passou esta fabrica a ser propriedade de uma

companhia, sendo o fundador e seu sobrinho, Eduardo Luiz Ferreira Carmo, os principaes accionistas.

O propulsor mechanico é o vapor, e a agua do rio.

A fabrica foi muito augmentada e melhorada, sob a direcção do distincto engenheiro Thomaz Smith. Fizeram-se os ensaios em 30 de janeiro de 1876.

Foi inaugurada, em 25 d'abril de 1877, depois da benção religiosa do ritual, feita pelo rev.^{mo} abbade de Tibães (Merelim).

A machina a vapor, é da força de 100 cavallos, e a *turbina*, movida pela agua do Cávado, é da força de 50.

Os seus productos são dos melhores do paiz, na sua especie, e rivalisam com o melhor papel que vem do estrangeiro.

A fábrica está excellentemente montada, e as machinas foram construidas no acreditado estabelecimento dos srs. *Easton & Anderson*, de Londres.

O mestre da fabrica, é o sr. *Benjamin Peake*, inglez.

O pessoal da fabrica, na sua inauguração, era de 40 homens e 60 mulheres.

—

O sitio é alegre, bonito e sadio, ficando-lhe perto povoações que lhe podem consumir grande quantidade de papel, principalmente Porto e Braga. Tem excellentes estradas para diversos centros, para onde póde fazer exportação em grande escala, ficando, de mais a mais, a pequena distancia do caminho de ferro do Minho.

—

Pois com todas estas condições de prosperidade, teve a sorte de quasi todas as nossas grandes emprezas industriaes, falliu! — Devia ao sr. José Pereira Loureiro (visconde de Fragozella, desde 25 de maio de 1870), 70 contos de réis, que lhe não ponde pagar. O sr. visconde demandou a companhia, e fez-lhe penhora na fabrica, e todas as suas dependencias, sendo tudo avaliado em réis 60:655:080 (1).

Foi posta em praça, no dia 27 de outubro de 1878, e arrematada pela quantia de cincoenta contos e trezentos mil réis, pelo sr.

Alberto de Oliveira, como representante de uma sociedade de parceria.

Consta que esta sociedade é constituida por cavalheiros emprehendedores e grandes capitalistas. Deus queira que este patriotico estabelecimento caia em poder de industriaes mais felizes do que os antecedentes, e attinja o grau de prosperidade de que é merecedor.

RUÃO—portuguez antigo—o que vive na cidade ou villa, onde as casas estão *orruadas*. Vinha a ser o meio termo, entre os fidalgos e os peões. Hoje diz-se *burguez*.

RUBIÃES — freguezia, Minho, comarca e concelho de Coura (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Valença), 40 kilometros ao N. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 225 fogos.

Em 1757, tinha 150 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebisado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira (depois marquezes de Ponte de Lima) apresentavam o abbade, collado, que tinha trezentos mil réis.

É n'esta freguezia a nobre e antiga casa vinculada, das *Antas*, da qual é actual proprietario, o sr. Francisco José Dantas Montenegro. (Vide vol. 3.^o pag. 212, col. 1.^a, periodo 2.^o)

A aldeia das *Antas*, foi villa, e solar dos Antas, descendentes de Francisco Soares de Novaes.

Antas ou *Dantas*, é um appellido nobre em Portugal, que já existia no principio do seculo XIII.

Pelos annos de 1230, os creados da rainha Santa Mafalda, filha de D. Sancho I (a de Arouca), causavam grandes damnos na albergaria do Monte Fuste, ou Monforte, que então era de Estevam Vasques d'Antas, vendo se este obrigado a reunir os seus creados e familiares, a correr aquelles.

Queixou-se Estevam Vasques, a D. Sancho II (*o Capello*) e foram feitas as pazes com a rainha, Santa Mafalda, os Antas, e os creados de ambas as partes, assistindo D. Rodrigo Gil, prior da ordem de Malta, no dia 29 de junho de 1243.

Segundo antigos documentos que existem na casa das Antas, tinham os senhores do vínculo, um paço acastellado, com suas torres, o que tudo foi arrazado pelos leonezes, em 1129.¹

Lopo Dantas (*o romano*) construiu a capella de S. Bartholomeu, em 1592, gastando muita da sua fazenda com esta fundação, e com a criação de trez capellarias, para cada capellão dizer uma missa em todos os dias do anno. Também dava muitas esmolas aos peregrinos que hiam em romaria a S. Thiago de Compostella.

No alpendre em frente da porta principal da capella, estão servindo de columnas, seis marcos miliares romanos, com inscripções, mas tão apagadas, que se não podem lêr. São todas monolithicas, e vieram de *Cossourado*, por onde passava uma das cinco vias militares romanas, mandadas construir pelo imperador Vespasiano, e que de Braga hiam a Astorga.

No mesmo alpendre estão trez sepulturas—são do dito Lopo Dantas, de seu pae e de seus irmãos.

Frei Belchior Dantas, dominicano, era d'esta familia, e morreu na ilha de Solôr (Oceania) com fama de Santo.

RUIDADES—Vide *Rio d'Ádes*.

RUILHE—freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 6 kilometros de Braga (foi da comarca e concelho de Barcellos), 360 kilometros ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757, tinha 75 fogos.

Orago, S. Payo.

Os condes de Redondo (depois marquezes de Bórba) apresentavam o abbade, que tinha 300\$000 réis.

Esta freguezia e a de Cunha, eram obri-

gadas a varrerem as praças e talhos de Guimarães, nove vezes em cada anno. (Vide *Barcellos*, a 1.^a *Cunha*, e *Guimarães*.)

É terra fertil.

RUIVÃES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros ao O. de Braga, 350 ao N. de Lisboa, 225 fogos.

Em 1757, tinha 108 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebisado e districto administrativo de Braga.

Os condes de Villa Nova apresentavam o abbade, *in solidum*, que tinha 430\$000 réis de rendimento.

A esta freguezia está annexa a de Novaes, e por isso se diz *Ruivães e Novaes*.

É terra fertil. Muito gado e caça.

Ha n'esta freguezia trez casas que foram vinculadas, e todas procedem da familia que foi senhora do paço, torre e honra de Novaes. Ha ainda outra casa antiga e nobre, com uma torre, que foi de Matheus Mendes de Carvalho; e na aldeia de Rebordêlo, está a casa de Manoel Correia de Lacérda, senhor de Frolães.

RUIVÃES—villa, Minho, no concelho de Vieira, comarca da Póvoa de Lanhoso (foi villa e cabeça de concelho, da comarca de Montalegre, em Traz-os-Montes), 60 kilometros ao N. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757, tinha 305 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebisado e districto administrativo de Braga.

O reitor de Santa Maria de Veade, apresentava o reitor, que tinha 200\$000 réis.

Esta freguezia compõe se das nove povoações seguintes:—*Ruivães* (séde da parochia), *Espinho*, *Frades*, *Zebral*, *Quintan*, *Valle*, *Santa Leocadia*, *Botica*, e *Soutêllo*. As cinco ultimas aldeias, formavam uma das *sete honras de Barroso*.

Era da casa de Bragança, cujo ouvidor entrava n'ella em correição, assim como o provedor da comarca de Guimarães.

Até 1834, foi concelho, pertencente a Traz-os-Montes, o qual se compunha d'esta freguezia e da de Campos, e das aldeias de Fa-

¹ Alguns fidalgos gallegos, haviam offerecido a D. Affonso Henriques, o reino de Gallaiza, offerta que o principe portuguez acceitou, o que deu causa á guerra com D. Affonso VII, rei de Leão, e primo de D. Affonso Henriques. Os leonezes foram derrotados nas batalhas de *Cerneja*, e dos *Arco de Valle de Vez*. O arcebispo de Braga, interveiu na contenda, e conseguiu que os dois primos fizessem as pazes, terminando a guerra, pelo tratado de Tuy, em 1129.

ção, Pincães (que no espirital pertenciam à freguezia de Cabril), *Canigó e Linharêlhos* (que, no espirital, pertenciam à freguezia de Salto).

Tinha um capitão-mór, com duas companhias de ordenanças, cada uma com seu capitão, dois alferes, dois sargentos, e quatro cabos.

Este concelho dava recrutas para os regimentos.—12 de infantaria, 6 e 9 de cavalaria, e milícias de Chaves.

Em 1836, era da comarca de Chaves.

Em 1842, compunha-se o concelho de Ruivães (que era também julgado) das dez freguezias seguintes:—*Ruivães, Cabril, Covêllo de Gerez, Reigoso, Pondras, Villa da Ponte, Venda Nova, Salto, Campos, e Ferral*, todas com 1:103 fogos.

Foi este concelho supprimido em 1853, e as freguezias que o constituíam passaram a formar parte do concelho de Montalegre, menos as de Ruivães, e Campos, que se uniram ao concelho e julgado de Vieira, da comarca da Póvoa de Lanhoso, no Minho.

A freguezia de Ruivães, é situada em terreno muito accidentado, e limitada ao N. pelos rios Cávado, e Regavão; ao S., pela serra da Cabreira; e ao O. pelo rio Saltadouro.

Ao O., e proximo a esta villa, ha uma boa ponte de cantaria, de um só arco, lançada sobre o Saltadouro, e por ella passa a antiga estrada de Braga para Chaves. D'esta ponte á villa, ha uma extensa e ingreme calçada.

Pelo centro da freguezia, passava uma das cinco vias militares romanas. Esta hia de Braga a Chaves e Astorga.

Junto á aldeia da Botica, de Ruivães, foram achados no seculo passado, dois marcos milliares romanos, pertencentes á referida estrada. Em um, a inscripção estava completamente ilegivel, e no outro, apenas se podia ler:

..... TRAJANUS
.....
..... XLIII. M. P.

Ruivães era a ultima villa da provincia de Traz-os-Montes, para o lado do O., e dis-

tante 60 kilometros de Chaves, e 36 de Monte-Alegre—tudo para o O.

O rio Regavão, divide por este lado, a provincia de Traz-os-Montes, da do Minho.

Fica proxima a famosa ponte da *Misarella*, da qual tratei no lugar competente. Vidé *Regavão*.

Em 9 de setembro de 1836, a guarda nacional, de Lisboa, revolta-se, e deita por terra a carta, substituindo-a pela constituição de 1822.

A 4 de novembro, ha uma reacção para restabelecer a carta, porem os revoltosos triumpham logo no dia seguinte, e o ministro da sr.^a D. Maria II, (Agostinho José Freire) é assassinado pelos populares, na Pampilha.

Em julho de 1837, os marechaes Terceira e Saldanha, do partido da côrte, á frente de alguns corpos de linha, emprehendem restabelecer a carta, mas, em 27 de agosto, o conde do Bonfim, general dos populares, bate os dois marechaes no Chão da Feira, junto á villa da Batalha, na Extremadura, obrigando os cartistas a retirarem para as provincias do norte.

O barão de Leiria, cartista, consegue revoltar o batalhão de caçadores n.º 4, na Ponte da Barca. A estes se reuniram alguns voluntarios da rainha, que estavam em Braga e uma pequena parte de infantaria n.º 9; mas, o barão d'Almargem os persegue até os encurralar na praça de Vallença, do Minho.

Emquanto estas desordens occorriam em Portugal, na Hespanha o general carlista Zariategui, obriga a abandonar precipitadamente as posições do Ebro, a *divisão auxiliar portugueza*, commandada pelo então visconde das Antas, que teve de fugir até Portugal, entrando por Traz-os-Montes.

Parte das tropas (uns 1:000 homens) do Antas, toma o partido da côrte, e se reúnem ás forças do barão de Leiria, e o resto—uns 2:000 homens, ficam ao serviço dos setembristas, com o general que os trouxe da Hespanha.

Em 18 de setembro (ainda de 1837) dá-se

a batalha de *Ruivães* (n'esta freguezia) e os cartistas são derrotados.

No dia seguinte, termina a guerra civil, pela *convenção de Chaves*, feita entre os generaes, Antas, Terceira e Saldanha. Os dois ultimos, e outros cartistas mais comprometidos, fogem para o estrangeiro.

RUIVÓS ou **RUIVOZ** — freguezia, Beira Baixa, na comarca e concelho do Sabugal (foi da mesma comarca, mas do extinto concelho de Villar-Maior) 120 kilometros ao S.E. de Lamego, 305 ao E. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757, tinha 50 fogos.

Orago, Nossa Senhora das Neves, e S. João Baptista.

Bispado de Pinhe (foi do bispado de Lamego) e districto administrativo da Guarda.

O reitor da Nave do Sabugal, apresentava o cura, que tinha 24\$000 réis e o pé d'altar.

É no Riba-Côa, e foi das povoações do bispado da Ciudad Rodrigo, que a rainha Santa Isabel trouxe para Portugal em dote, no anno de 1282.

É povoação antiquissima, já povoada pelos povos pré-celtas, o que evidentemente provam cinco dolmens que existiam nas proximidades da capella de S. Paulo, d'esta freguezia, e que ainda em 1756 estavam em soffrivel estado de conservação. (Vide *Sabugal*.)

A esta freguezia esteve annexa a de Valle d'Eguas, no mesmo concelho.

Barão de Ruivoz

Em 28 de setembro de 1835, foi feito primeiro (e até hoje unico) barão de Ruivoz, Francisco Saraiva da Costa Refoyos, do conselho de sua magestade; commendador das ordens de S. Bento; d'Aviz, e de Nossa Senhora da Conceição, de Villa-Viçosa; cavalleiro da Torre Espada; marechal de campo. Foi governador militar de Santarem, e das armas do partido do Porto: general commandante do exercito liberal, em 1828; perfeito da provincia dos Açores (archipélago dos Açores) e encarregado da auctoridade geral militar da mesma provincia; per-

feito da provincia do Minho, e deputado ás côrtes de 1834 e 1835.

Nasceu a 4 de outubro de 1779.

Era o sexto e ultimo filho de Pedro Saraiva da Costa Pereira Refoyos, 10.º senhor do do padroado da igreja de S. Thiago Maior, de Villa Garcia (no concelho da Guarda) senhor do morgado annexo de varios outros, em Ruivoz, Sabugal, Cima-Côa; dos de Vella, e dos-Pinheiros, em Castello-Branco.

E de sua mulher, D. Maria Antonia d'Almeida Amado e Menezes, filha de Isidoro de Almeida Amado Sá e Menezes, senhor do morgado do Terrenho, e do couto da Quinta de Matta-Mã, capitão-mór de Moreira, na comarca de Trancoso; e de sua mulher, D. Rosa Umbelina de Loureiro e Vasconcellos.

Irmãos do barão de Ruivoz

1.º—*Mendo*, do qual trato adiante.

2.º—*Joaquim*, que foi desembargador da casa da supplicação. Nasceu a 23 de outubro de 1770, e morreu a 6 de agosto de 1833.

3.º—*José*, tenente do regimento de cavallaria d'Almeida, que falleceu em 1804.

4.º—*D. Rita*, moça do côro, do real mosteiro da Encarnação (de Lisboa) da ordem de S. Bento d'Aviz. (As commendadeiras da Encarnação.) Morreu a 19 de fevereiro de 1837.

5.º—*Pedro*, cavalleiro da ordem de Christo, desembargador da casa da supplicação; e que nasceu a 23 de agosto de 1777, e casou, em 8 de setembro de 1832, com D. Gertrudes Magna Garcez Freire, viuva, filha de Manuel Figueira Freire, e de D. Escolastica Rosa Garcez, sobrinha e herdeira de Manuel Ferreira Garcez.

Esta senhora, ficando viuva d'este segundo marido (que morreu em 28 de novembro de 1846) tornou a casar, em terceiras nupcias, e falleceu a 29 de abril de 1855.

6.º—*Francisco*, o barão de Ruivoz.

Mendo, irmão primogenito do barão, foi 11.º senhor do padroado de Villa Garcia, e dos morgados annexos, e outros que possuiram seu paó. Era fidalgo da casa real; ca-

valleiro da ordem de Christo; superintendente das caudelarias da comarca da Guarda. Nasceu em 1769, e morreu a 29 de agosto de 1820. Casou com D. Luiza Alexandrina de Mello Mascarenhas, açafta de D. Maria I. Era filha de Antonio Mascarenhas de Mello Figueiredo, senhor de um morgado em Santarem; fidalgo da casa real; estribeiro menor do infante D. Manuel; e tenente coronel do regimento da primeira Armada—e de sua segunda mulher e sobrinha, D. Genoveva Francisca Maria Mascarenhas e Mello, dona da camara da rainha D. Marianna Victorina, mulher de D. José I.

Deixou seis filhos:

1.º—*João*, 12.º senhor do padroado da egreja de Villa Garcia, etc.—cavalleiro da ordem de Christo, coronel do regimento de milicias da Guarda. Casou com D. Josepha Ludovina Saraiva de Souza Coutinho, primeira filha e herdeira de Bento de Souza Coutinho, senhor do morgado de Ortigal, no termo da Covilhã, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo—e de sua mulher, D. Caetana Benedicta Saraiva Sampaio. D'este casamento houve só uma filha, D. Maria Antonia, nascida a 8 de abril de 1811.

2.º—*Antonio*, bacharel em leis, nascido a 24 de agosto de 1795.

3.º—*Pedro*, bacharel em leis, nascido a 23 de maio de 1798.

4.º—*D. Maria Augusta*, nascida a 4 de julho de 1801. Casou a 5 de maio de 1824, com Antonio Camello Fortes de Pina, senhor do morgado de S. Domingos, da villa de Algodres, fidalgo da casa real; do conselho de sua magestade; commendador da ordem de Christo; lente cathedratico, jubilado, da universidade de Coimbra; membro do supremo tribunal de justiça. Nasceu a 14 de março de 1770. Era filho de Antonio Camello Fortes, capitão-mór da villa d'Algodres, e de D. Josepha Maria de Pina Osorio.

5.º—*D. Marianna do Carmo*, nascida a 2 de janeiro de 1803.

6.º—*D. Genoveva*, nascida a 25 de julho de 1805.

RUIVÓS ou **RUIVOZ** — freguezia, Minho, no concelho da Ponte da Barca, comarca dos

Arcos de Valle de Vez, 24 kilometros ao O. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757, tinha 73 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

Arcebisado de Braga, e districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 240\$000 réis.

É povoação muito antiga, pois já na era de 1086 (1048 de Jesus Christo) o bispo de Braga, D. Pedro, tinha aqui uma fazenda, que n'esse anno emprazou a Anagildo Fromarigues.

Chamava-se então *Ruviólos* ou *Ruivólos*¹.

É n'esta freguezia, a antiga e nobre casa de *Real*, onde viveram Gil de Cerqueira e sua mulher, Margarida Martins Velho, progenitores de Leonel d'Abreu Figueira, que deixaram muitos descendentes, ligados com familias muito nobres do Minho.

É terra fertil. Muito gado e caça.

RUNA—freguezia, comarca, concelho e 7 kilometros ao S.E. de Torres-Vedras, 42 kilometros ao N.E. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757, tinha 116 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O prior de S. Pedro, de Torres Vedras, apresentava o cura, que tinha 150\$000 réis.

Feira a 29 de setembro.

No 1.º de novembro de 1810, houve aqui um pequeno combate, entre os alliados e o exercito francez, commandado por Massena, e logo a 14, este retira para Santarem, não se atrevendo a atacar as famosas *linhas de Lisboa*.

Em 1877, no alto do monte que está entre a povoação de Runa e a villa da Alhandra, se collocou, sob a direcção do distincto general de brigada, o sr. Joaquim da Costa Cascaes (o que fez tambem o monumento do Bussaco, que um raio destruiu) um elegante padrão, memorando a retirada dos francezes.

¹ Julgo que já então tinha o actual nome, que, na baixa latinidade, se escrevia *Ruivólos*.

Houve na Lusitania uma antiquissima cidade chamada *Runa*.

Segundo uns, era n'esta freguezia, outros porém, pretendem que era no sitio da actual villa da Aljubarrôta. Vide *Ourem*.

Asylo e hospital dos invalidos militares, de Runa

A princeza D. Maria Francisca Benedicta, filha de D. José I, e irman de D. Maria I, casou com seu sobrinho, o principe do Brasil, D. José, filho d'aquella rainha, fallecido na flor da idade, em 1788, deixando uma saudade indelevel, não só a sua esposa, e a seus paes, mas até a toda a nação portugueza, que fundava grandes esperanças no jovem principe.

Sua esposa dedicou-se a obras de caridade, em favor dos pobres e desvalidos.

Vendo que em Portugal não havia um unico estabelecimento para abrigo dos militares, que mutilados nas batalhas, ou envelhecidos no serviço da patria, podessem terminar seus dias, sem esmolarem ou morrerem na miseria, resolveu fundar um hospital e asylo para os invalidos do exercito.

A rainha sua irman, lhe offereceu para o novo estabelecimento, a quinta real da Luz, onde actualmente está o collegio militar; porem a princeza julgou o sitio acanhado, e sabendo que junto a Runa tinham os frades bernardos, de Alcobaca, uma propriedade denominada *quinta d'Alcobaca*,¹ que era muito vasta, obteve que elles lh'a vendessem, em 11 de agosto de 1790, comprando tambem, pouco depois, varias propriedades proximas, e a quinta de S. Miguel, na freguezia de Enxâra do Bispo, comarca e concelho de Mafra, o que tudo custou uns 40 contos de réis.

Principiaram as obras do asylo, no dia 18 de junho de 1792,² com mais de 300 operarios, entre pedreiros e serventes.

¹ Por esta razão, ainda o povo d'estes sitios dá ao asylo o nome de *Alcobaca*.

² A nobilissima resolução da caridosaprinza, foi confirmada por decreto de 25 de julho de 1802, e alvará de 27 do mesmo mez e anno.

Quando a familia real fugiu para o Brasil (29 de novembro de 1807) já estava construida a maior parte do edificio, e, mesmo do Brasil, mandou a santa fundadora, por muitas vezes, grandes quantias para continuação das obras, além dos rendimentos da sua casa, que todos eram n'ellas empregados.

Quando a familia real regressou a este reino, em 1821, estavam as obras quasi concluidas, e tanta sollicitude empregou a princeza, que no dia do seu anniversario natalicio, 25 de julho de 1827¹ se inaugurou o asylo, com 16 militares invalidos—um primeiro tenente de artilheria, trez sargentos e 12 cabos, anseçadas, e soldados.

A fundadora presidiu à todas as ceremonias da inauguração, com o maior prazer, e com grande benevolencia e caridade, serviu ella mesma os primeiros pratos aos asylos. O resto foi servido pelo seu mordomo-mór, o marquez do Lavradio e pelos creados da casa real.

Gastou na construção do edificio e magestosa capella, seus ornamentos e alfaia, mais de 600 contos de réis.

Reservou parte do edificio para a sua habitação e o resto, para os invalidos, e para os necessarios empregados, e quartel para tropa.

Os rendimentos applicados pela fundadora para o costeamto das despesas com os invalidos e indispensaveis empregados, e com os reparos do magestoso edificio, podiam dar asylo a mais de 120 militares velhos ou estropiados; porem o decreto que extinguiu as commendas, cerceou notavelmente as rendas do asylo, que consistiam no seguinte:

A commenda de S. Thiago de Beduido, (Estarreja) que a obteve em troca de 8 contos de réis de tença, que a fundadora recebia, pela folha da alfandega grande, de Lisboa, contrato confirmado pelo alvará de 19 de janeiro de 1826.

Uma apolice, com o vencimento de 5 por cento, do capital de 26 contos de réis.

¹ A fundadora havia nascido em 25 de julho de 1746, e fazia n'esse dia, 81 annos de idade.

Um titulo de divida publica, do capital de 11:999\$960 réis.

Duas acções da companhia geral de agricultura dos vinhos do Alto-Douro, no valor de 800\$000 réis.

As quintas de Alcobaça (Runa) Amora (no concelho do Seixal) Enxára do Bispo, e propriedades annexas, que então produzião um rendimento annual de 900\$000 réis.

E varias dividas activas; das quaes, uma grande parte se perdeu.

Actualmente o seu rendimento, anda por 9:000\$000 réis, e a despeza por 8:000\$000 réis, porque apenas dá abrigo, sustento e vestuario, a uns 50 asylados.

A fundadora, falleceu em 18 de agosto de 1829, com 83 annos de idade, declarando seu universal herdeiro, o asylo de Runa.

O testamento foi confirmado pelo sr. D. Miguel I, que fez passar a administração das rendas, para um conselho administrativo, o qual, e todo o estabelecimento, é superentendido pelo ministerio da guerra, em cumprimento da ultima vontade da doadora.

Dá entrada ao edificio, uma comprida rua, no topo da qual se vê um largo ajardinado, onde se levanta, com um kilometro de frente, sobre 61 de fundo, a magestosa fabrica, que tem, ao todo, 400 casas recebendo luz por 365 janellas.

A igreja, é de architectura romana, em fórma de cruz, com o throno ao centro do cruzeiro, e é construida de bello marmore de varias côres, avultando o preto, extrahido das pedreiras de *Pêro Negro*, que ficam proximas á Sapataria, no concelho da Aruda, comarca de Villa Franca de Xira.

As quatro estatuas que defrontam com os quatro angulos do throno, são de bellissimo marmore de Carrára, assim como as do vestibulo, aos lados da porta principal. A sua execução artistica é de grande primor; e bem assim o grupo da Gloria, tambem de marmore, que corôa a cimalha da capella, ao fundo.

Enterra ainda esta igreja outros objectos artisticos de grande merecimento, como o

busto do pontifice Leão XII, de marmore de Carrára; um quadro, a oleo, de S. Jeronymo; ricas alfaias e magnificos paramentos. A custodia, de prata dourada, cravejada de uma infinidade de pedras preciosas, e de mais de um metro de altura, é um objecto de grande valor e gôsto artistico.

Todos os annos se celebra n'este asylo, com grande esplendor, o anniversario da sua inauguração, ao qual chamam *festa da princeza*; assim como o anniversario do fallecimento da santa fundadora.

A festa da inauguração principiou em vida da princeza, e então, pelo meio dia, os religiosos da communidade de S. Pedro de Alcantara, de Lisboa, e os musicos da capella-real, celebraram uma missa solemne, na capella do asylo, á qual assistiu a fundadora, a sua côrte, os asylados, e centenaes de fieis, da freguezia e arredores.

Na ultima solemnidade a que assistiu a piedosa princeza, dirigindo-se aos asylados, proferiu ella as celestiaes palavras, cujo êcco parece escutar-se ainda nas vastas abobadas do grandioso edificio:

Estimo ter podido concluir o asylo que mandei construir para descansardes dos vossos honrosos trabalhos: em recompensa, só vos peço, a paz e o temor de Deus.

Ainda hoje é lembrada, e o será sempre, esta virtuosissima princeza, que fallava com a maior franqueza e benevolencia aos seus asylados, tratando-os sempre por filhos.

Quando passeiava pelos arredores do asylo, toda a gente ajoelhava com respeito e affecto, serena e humilde, como diante de uma santa missionaria do Omnipotente. Ella levantava-os sorrindo carinhosamente, beijava as creanças, e dirigia a todos meigas palavras, que os enchiam de consolação.

No dia 24 de julho de 1877, inaugurou-se em Buna um bonito theatro.

O sr. João Gualberto de Barros e Cunha, actual deputado e que já foi ministro das

obras publicas, tem aqui uma bella casa e bonita quinta.

Runa tambem soffreu muito com as inundações de 1876-1877. No dia 6 de janeiro d'este ultimo anno, o rio Sizandro, sahindo do seu leito, alagou os campos das suas margens, e a cheia tornou-se assustadora n'esta freguezia, assim como nos logares do Furadouro (ou Aforadouro) Ribaldeira, Maxial, e outros.

RUPIÁ ou **ROPIÁ** — moeda do Grão-Mogól, que tem curso forçado na India portugueza. Antigamente, valia 400 réis, hoje vale mil réis.

RUVINA ou **ROVINA** — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, 120 kilometros ao S.E. de Lamego, 300 ao E. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757, tinha 41 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Rosario (foi primeiramente o Espirito Santo.)

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O reitor de Nossa Senhora da Conceição do Sabugal, apresentava o cura, que tinha 50\$000 réis e o pé d'altar.

É terra pouco fertil e pobre. Clima excessivo. Cria bastante gado.

S

S. — Antigamente valia — 1.º, 7, e depois 70 — com um til, valia 70:000.

SA — portuguez antigo — *sua* — tambem se escrevia *ssa*, e *saa*.

SA — rio, Douro, na Terra da Feira. Nasce de varios arroyos, no concelho da Feira, e depois de atravessar diversas freguezias, tomando os nomes das povoações por onde passa, deságua na esquerda do Douro, em Crestuma, depois de um curso de 20 kilometros.

SA — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 35 kilometros ao O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757, tinha 65 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O abbade de Santa Maria d'Alvóra, apresentava o vigario, que tinha 60\$000 réis, e o pé d'altar.

SA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção (foi da mesma comarca mas do extincto concelho de Valladares) 65 kilometros ao N.O. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757, tinha 94 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O arcipreste da collegiada de Vianna, apresentava o vigario, que tinha 17\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Foi n'esta freguezia o solar dos Cãos, a cuja familia pertencia Diogo Cão da Nóbrega, descobridor de Angola e Congo, em 1483, e um dos creados do conde D. Henrique (o de Sagres.) Diogo Cão, levantou um padrão na foz do rio Zaire e outro no Cabo do Padrão, alem do reino do Congo.

Foi seu filho, Pedro Cão da Nóbrega, que foi alferes (porta-bandeira) de D. Francisco d'Almeida, primeiro vice-rei da India, em 1503.

Suppõe-se que esta familia se uniu á dos Noronhas, marquezes de Villa-Real.

(Vide no artigo *Sabrosa*, a biographia do 13.º homem notavel, *Afonso Botelho de Sam-paio e Souza*.)

As propriedades que a familia Cão teve n'esta freguezia, foram divididas por diversos lavradores.

SA — aldeia, Minho, termo de Guimarães;

e appellido nobre em Portugal, cuja familia procede de Payo Rodrigues de Sá, que vivia pelos annos de 1300 (reinando D. Diniz) no concelho de Lafões, hoje comarca de Vissella, na Beira Alta.

Foi seu filho, D. João Affonso de Sá, vassallo de D. Affonso IV e de D. Pedro I.

O verdadeiro solar dos Sás, era n'esta aldeia, á qual deram o nome, ou d'ella tomaram o appellido.

Muitas familias nobres, da provincia do Minho, e da cidade de Coimbra, que teem o appellido Sá, descendem de D. João Affonso de Sá.

Os Sás, trazem por armas—escudo xadreado de azul e prata, de 6 peças em fxa e 7 em palla; escudo de prata, aberto, e por timbre, um búfalo negro, xadreado de prata e azul, armado do mesmo, com uma argola de ouro nas ventas.

SÁ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 30 kilometros ao O. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757, tinha 126 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Annunciação.)

Arcebisado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 250\$000 réis—isto é—tinha metade dos dizimos da freguezia, e a outra metade constituia um beneficio simples, dado tambem pela mitra.

Esta egreja, com metade da de Afife, foi dada por D. Affonso III, á Sé de Tuy, pelos annos de 1260, em troca, da da Ariosia, junto a Vianna.

É terra fertil.

Gado, caça, e peixe do rio Lima e do mar.

SÁ—aldeia, Minho, freguezia de Covide, que foi da extincta comarca de Pico de Regalados. É hoje no concelho de Terras de Bouro, comarca de Villa-Verde. (Vide 3.º vol., pag. 431, col 1.º)

Quando tratei da freguezia de Covide, disse que no lugar da Egreja estava um cruceiro, assente sobre um padrão romano, cuja inscripção não podia lér-se, por estar enterrada.

D. Jeronymo Contador d'Argote (*Memo-rias do arcebispado de Braga*) diz que este padrão (marco milliar) se achou enterrado em uma horta, d'esta aldeia de Sá, e que a sua inscripção é a seguinte :

IMP. CAE. . .
C. MES. QUINTO
TRAIANO DECIO
INVICTO PIO FEL. AVG.
PONT. MAX. T. P.
PROCOS IIII
CÖS. II. P. P.
A BRAC. MIL.
P. XXV.

(Ao imperador, Cesar Cayo Messio, quinto Trajano, Decio, Invicto, Pio, Feliz, Augusto, Pontifice Maximo, Tribuno do povo. Proconsul a 4.ª vez, Consul 2.ª, Pae da Patria. D'aqui a Braga 25 mil passos.)

No tempo dos romanos, existiu aqui uma grande povoação, que alguns pretendem ser a cidade de *Calcedonia* (vidé Covide) e da qual tem apparecido muitos vestigios.

Passava por estes sitios a famosa via militar dos romanos, chamada da *Geira* (vide esta palavra) e por varias vezes se teem aqui achado marcos milliares romanos.

Em uma pequena volta que faz a via militar romana, no sitio onde se dividem os termos do lugar de Covide e do Campo, havia um outro marco milliar, hoje tambem transformado em pedestal de um cruceiro. Tinha esta inscripção :

IMP. CAES.
C. MISSO. TRA.
DACO. NUTO.
PIO. FEL. AVG.
PONT. MAX. TR. P.
PC. IIII. C II.
P. P. A BRAC.
M. P.
XXVII

(Esta columna foi dedicada ao imperador Cesar Cayo Messio Trajano Decio, Invicto, Pio, Feliz, Augusto, Pontifice Maximo, Tribuno do Povo, Proconsul a 4.ª vez, consul a 2.ª, Pae da Patria. D'aqui a Braga, são 27:000 passos.)

Do sitio onde havia grande numero de marcós milliares, ao qual, porisso, se ficou

chamando *Leira dos Padrões*, foram arrancados dois, que foram para a igreja de S. João, e na reedificação d'ella, os quadraram, tirando-lhe a sua forma primitiva (redonda) desaparecendo as inscripções.

Em 1736, andando uns trabalhadores roçando matto, junto á referida via militar da Geira, acharam o resto de um marco milhar, com o final da respectiva inscripção.

A BRACARA AVG.
XXVIII.

Proximo a esta pedra, se achou tambem então, outro marco milliar de 3^m,25 de comprimento, e 2^m,65 de circumferencia com esta inscripção :

D. N.
.... C... I... ARL.
BIM.... AT.
SEMPER AVG.
MAXIMO
MAGNENTI....
TERRA. MAR.
VICTORI. P. RO. V.
DEDICAVIT
Q. MORI.

(Quinto Mario (?) dedicou esta memoria, a nosso senhor... sempre Augusto Maximo Magnencio, vencedor por mar e terra, do povo romano.)

Ha ainda por estes sitios outras muitas columnas que foram marcos milliares, com as inscripções mais ou menos legiveis. Não as menciono, para não enfadar o leitor, e tambem porque bastantes já ficaram mencionadas nas freguezias onde existem, ou foram achadas.

SA—aldeia, Douro, freguezia de Esgueira, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e proximo (ao N.) d'Aveiro.

Fica esta povoação entre a villa d'Esgueira, que lhe fica ao N., e a cidade de Aveiro, que lhe fica ao S.

Ha aqui o convento de Sá, de freiras ranciscanas, fundado em 1644. (Vidé *Aveiro*.)

Suppõe-se que o primeiro nome d'esta povoação, foi *Sala*, e que houve aqui um antiquissimo mosteiro duplex, da ordem de S. Bento; porque, em um inventario que exis-

tiu no mosteiro de Pedroso (de Villa Nova de Gaia) feito em 1050, se diz (traducção)—Bens que adquiriu D. Gonçalo e sua mulher, D. Flamula.—O mosteiro *Sála*, e o de S. Julião (junto á foz do Mondego) e metade do *Cedarim* (Cedrim) e metade da igreja de Recardães, etc.

Ha tambem no logar de Sá, a antiquissima capella de Nossa Senhora da Alegria, cuja data da fundação e o nome do fundador se ignora. É um templo bonito, e amplo, com altar-mór e dois lateraes. Tem na frente, um bom alpendre.

A sua festa, é a 15 de agosto, e muito concorrida.

Tambem se faz, n'esta capella, todos os annos, uma boa festa, ao martyr S. Sebastião, á qual concorrem muitas familias de Aveiro e de outras localidades. Julga-se que esta ermida, é o templo mais antigo, não só da cidade, como de outras terras em redor.

No largo, em frente da capella, está um cruseiro, construido pelos irmãos da confraria da Senhora, em 1556.

A cruz sustenta-se sobre quatro columnas de marmore, e é coberta por uma cúpula, de fórma pyramidal.

Como o sitio onde está fundada a capella é alguma cousa elevado, d'alli se vê o Oceano, e os navios que sulcam estes mares.

Os pescadores d'estes sitios, teem muita devoção com Nossa Senhora da Alegria, e no seculo 16.º se obrigaram por voto, a serem seus feudatarios perpetuos, dando-lhe a quarta parte das suas pescarias, que era applicada para a festa, e para obras e alfaia da capella.

Os pescadores d'Aveiro e Esgueira, sustentavam, alem das despesas da ermida, um hospital para os seus doentes, na rua de Villa-Nova; mas este já não existe.

Segundo o *Santuário Marianno* (4.º vol., pag. 424) esta povoação constituia ainda em 1712, uma freguezia independente, tendo por padroeira *Santa Maria de Sá*, e esta igreja, com o seu padroado, deram os seus proprietarios, ao rei D. Diniz. Era igreja muito antiga.

SÁ (Santa Maria de)—antiga freguezia, Beira Baixa, no então julgado—hoje comarca e concelho de Cêa. Esta freguezia ainda existia em 1700, e não sei quando foi suprimida.

Sá, foi villa e couto. D. Affonso III lhe deu foral, em Lamego, a 6 de agosto de 1254. (*L.º 1.º de Doações de D. Affonso III*, fl. 5, col. 2.ª)

Não teve foral novo.

D. Soeiro Raymundo, ricò-homem, e alferes-mór de D. Affonso II, foi o fundador da actual villa de Mello, nas faldas da Serra da Estrella (Beira Baixa) em 1204 (vidé 4.º vol., pag. 173, col. 1.ª) e foi tambem o fundador da ermida de *Nossa Senhora do Couto*, que, em 1539, D. Mem Soares d'Alvim, seu descendente, demoliu, fazendo em seu logar a egreja do mosteiro de freiras agostinhas, junto á villa de Mello.

De D. Soeiro Raymundo, foi neto, D. Mem Soares de Mello (o primeiro que tomou o appellido de *Mello*) e que casou com D. Thereza Affonso Gata, filha do rico-homem, D. Affonso Pires Gato.

D. Gonçalo de Sá, senhor e primeiro povoador da villa do seu appellido, fallecendo solteiro e sem filhos, deixou a casa e solar de Sá, a sua sobrinha, a referida D. Thereza Affonso Gata.

Foi neto da Gata e de D. Mem Soares de Mello, D. Martim Affonso de Mello, rico-homem de Portugal, e senhor de Cêa, Gouveia, Linhares, e Celorico, tudo na Beira Baixa, e nas proximidades da Serra da Estrella.

Foi este fidalgo tambem senhor da villa de Mello, que seu avô havia fundado, junto á mesma serra da Estrella, e foi no seu tempo que Mello se elevou a cathegoria de villa, e teve brazão d'armas, tudo por ordem de D. Affonso III.

De D. Mem Soares e da Gata, procediam os condes de Olivença, de Assumar, e de S. Lourenço (estes ultimos, depois, marquezes de Sabugosa) e procedem os condes de Tentugal e marquezes de Ferreira, que são hoje os duques do Cadaval (vidé *Tentugal*) e outras muitas familias nobilissimas d'este reino; porém, o ramo primogenito é hoje re-

presentado pelos condes de Mello, senhores d'esta villa, desde 12 d'abril de 1373¹.

O 1.º conde de Mello foi Luiz Francisco Soares de Mello da Silva Breyner Souza Tavares de Moura, par do reino, em 1835, official da ordem da Torre e Espada, cavalleiro das de Christo e Conceição, e general de brigada. Foi feito conde, em 24 de janeiro de 1835. Falleceu em 12 de novembro de 1865. Tinha nascido a 23 de setembro de 1801.

Em 20 d'abril de 1866, foi feita condessa de Mello (segunda) a sr.ª D. Thereza Francisca de Mello da Silva Breyner de Souza Tavares de Moura, neta do primeiro conde.

O primeiro conde de Mello, succedeu na casa a sua mãe, em 20 de março de 1821. Casou, em 18 de fevereiro de 1835, com D. Frederica Xavier Botelho (nascida a 28 de julho de 1812) filha de Sebastião Xavier Botelho e de D. Thereza Maria Antonia Alvaes Fernandes de Carvalho.

Foi filho unico d'este matrimonio, Pedro Francisco Soares de Mello, etc., nascido a 25 de agosto de 1836, e que morreu em vida de seu pae. É sua filha, a actual condessa.

O primeiro conde de Mello, pertenceu sempre ao partido liberal, e distinguio-se na defeza das linhas do Porto, em 1832 e 1833.

Durante a guerra de 1846 e 1847, tomou o partido da causa popular, á qual fez bastantes serviços.

Era filho de D. Anna Rufina Soares de Mello Souza Tavares e Moura, 18.ª senhora de Mello, filha unica de Estevam Soares de Mello, e de D. Thomazia Rita de Souza Lemos Alvim e Menezes, e que casou (D. Anna Rufina) em 4 de outubro de 1793, com Pe-

¹ O senhorio de Mello, data de 1204 (anno da fundação e povoação da villa) porem o alvará mais antigo que se encontra na Torre do Tombo, com respeito a este senhorio, foi passado por D. Fernando I, em 12 de abril de 1373, a favor de D. Mem Soares de Mello, que, como os seus ascendentes, desde 1204, se intitulavam senhores de Mello.

O palacio que os condes de Mello teem em Lisboa, é á Cova da Moura.

dro de Mello Breyner, senhor da Trófa, conselheiro de estado, commendador da ordem de Christo, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario a Roma e Pariz.

Quando Junot se lembrou de crear em Lisboa uma *regencia* em nome de Buonaparte (1.º de fevereiro de 1808) escolheu para ella quatro *portuguezes* (!!!)—CONDE DA EGA—D. FRANCISCO RAPHAEL DE CASTRO—CONDE DE SAMPAIO—e PEDRO DE MELLO BREYNER. (Ponho os nomes d'estes homens em versaletes, *ad perpetuam rei memoriam*.) Junot fez-se presidente d'esta *regencia*, que logo no mesmo dia, 1.º de fevereiro, gostosamente tomaram posse dos seus logares, e o seu primeiro acto, foi um decreto, ainda no tal dia 1.º de fevereiro, impondo a Portugal a contribuição de CEM MILHÕES DE FRANCOs, (!) que vem a ser 45 milhões de crusados, calculando o franco a 180 réis. (Um franco, são 20 *sous*, ou 160 réis, mas, por causa do cambio, pagasse cá por 180.)

«Dizei-lhe que tambem dos portuguezes,

.....»

Foi ministro d'estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça, em 1827 (durante a regencia da sr.ª infanta D. Isabel Maria.)

Morreu na torre de S. Julião da Barra, de Lisboa, a 29 de dezembro de 1830. Foi 6.º filho de Francisco de Mello e de D. Isabel de Menezes Breyner, condessa de Ficalho.

Para as armas dos Mellos, vidé *Guimarães*, no logar competente.¹

SÁ—aldeia, Douro, na freguezia de Santa Eulalia, comarca, concelho e 3 kilometros ao O. d'Arouca, bispado de Lamego, districto administrativo d'Aveiro.

É povoação antiquissima e foi villa : o seu primeiro nome foi *Sala*. Em 6 de abril de

1129, fez D. Affonso Henriques doação a D. Monio, das villas de *Sála* (esta) e *Saêla* (hoje a aldeia de Cella, proxima e ao O. d'esta, e da freguezia de Varzea, do mesmo concelho) no valle de Arouca.

—

Ha mais em Portugal varias povoações com o nome de *Sá*, mas—que me conste—nada teem de notavel, que mereça mencionar-se.

SAÃ—portuguez antigo—som, voz, estrondo, etc.—*Chamados a capitulo per saã de campã tanjada*. (Doc. da Torre do Tombo, de 1350.)

SAAR—portuguez antigo—curar, sarar.

SABACHEIRA—freguezia, Extremadura comarca e concelho de Thomar (foi da mesma comarca, mas do concelho, extincto, d'Ourem) 12 kilometros de Thomar, 135 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757, tinha 220 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

É na prelazia de Thomar, actualmente annexa ao patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

A meza da consciencia e ordens, apresentava o vigario, que tinha 100\$000 réis e o pé d'altar.

Foi commenda de Christo.

É terra fertil, e produz trigo, centeio, milho e feijões, duas vezes no anno.

SABADÊLHE ou **SEBADÊLHA**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Villa Nova de Foz-Côa (foi da comarca de S. João da Pesqueira, e do extincto concelho de Freixo de Numão) 60 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757, tinha 105 fogos.

Orago, S. Lourenço.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

perdesse a memoria da existencia d'esta povoação, ou da sua *chrisma*.

Estou convencido que é a actual freguezia de Santa Marinha, povoação antiquissima, a 4 kilometros de Cêa (é que tambem foi villa) e já fica descripta no 5.º vol., e é a 2.ª *Santa Marinha*, da col. 1.ª da pag. 74.—Podia muito bem ser que por erro de cópia, mudassem *Marinha* em *Maria*. Mas, Santa Marinha de Sá, é que já se não chama.

¹ Não sei que caminho levou semelhante villa de Sá! O sr. doutor, Pedro Augusto Ferreira, illustrado abbade de Miragaia, no Porto, ao qual tanto deve esta obra, escreveu para Cêa, para Gouveia e para Coimbra (cartorio episcopal) a amigos seus, e nenhum lhe soube dar noticias da villa de Sá, no termo de Cêa. Ou deixou de existir, ou mudou de nome; entretanto, custa a crer, como, apenas no espaço de 178 annos, se

O povo apresentava o vigário, collado, que tinha 80\$000 réis.

Dá-se a esta freguezia a depominação de *Sabadêlha do Freixo de Numão*.

É situada em planície, muito fertil e alegre.

Ha aqui uma boa feira, no dia do padroeiro da freguezia (10 de agosto.)

O *Portugal Sacro e Profano*, que tem o costume de diminuir muito os rendimentos dos parochos, diz que o vigário tinha 80\$000 réis; porem a verdade é—que a Universidade de Coimbra lhe pagava 80\$000 réis de congrua, e que os outros rendimentos parochiaes, andavam annualmente por 170\$000 réis—total, 250\$000 réis.

Estando a torre dos sinos muito arruinada, cahiu com o terremoto de 1755, sobre a frontaria da igreja, demolindo grande parte d'ella, tendo de ser levado o Santissimo Sacramento para a capella de Santo Antonio, em quanto duraram os concertos da igreja.

Era então parochio, Miguel Jeronymo, irmão do desembargador José Antonio Donas Boto Pinto, e ambos muito zelozos pela conservação e aceio do templo, e como elle não estava em boas condições de segurança, solicitaram da universidade (que recebia a terça dos dizimos da freguezia) a reconstrução de toda a igreja; mas, como a universidade só era obrigada á conservação da capella-mór e sacristia, só pagou a despeza da reedificação d'estas duas obras. O corpo da igreja ainda até hoje se não reconstruiu; pelo que teve de se fechar o arco cruzeiro, e benzida a capella-mór, serve de igreja parochial.

É tradição que esta igreja foi construida em substituição da de S. Pedro, extra-muros de Numão, e que os dizimos dos novaes; e só, como pensão, se deviam á universidade, dos fructos das terras já antes rôtas e fabricadas—os dizimos—isto é—a terça da freguezia, na qual as outras terças eram do cabido e chantre de Lamego.

Ha n'esta freguezia as capellas de—*Nossa Senhora da Piedade*, com seu alpendre—*S. Sebastião*—e *Santo Antonio*. Esta ultima per-

tence aos herdeiros do referido parochio, Miguel Jeronymo, e do desembargador seu irmão.

Ha n'esta freguezia grande abundancia de azeite, vinho, pão, melões excellentes, muita fructa, gado e caça.

SABADÊLHE ou **SEBADÊLHE**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 54 kilometros de Lamego, 380 ao N. Lisboa, 110 fogos.

Em 1757, tinha 65 fogos.

Orago, Santa Margarida. (o *Portugal Sacro e Profano*, diz que é Santa Maria Magdalena, e, com effeito, era o antigo orago.)

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

Para distinguir esta freguezia da antecedente, se lhe dá vulgarmente o nome de *Sebadêlhe da Serra*.

O commendador de Cernacelhe, apresentava o cura, que tinha 40\$000 réis, e o pé d'altar.

Era commenda de Malta, e tinha grandes privilegios, como todas as terras que pertenciam a esta ordem.

É povoação muito antiga, e D. Affonso II lhe deu foral, no Guardão (concelho de Tondella) em fevereiro de 1220.

Não tem foral novo.

É terra fertil em cereaes e castanhas.

Ha n'esta freguezia as capellas publicas de S. Sebastião e Santo Antonio, e uma particular, no logar da Cunha.

SABADIM—freguezia, Minho, concelho e comarca dos Arcos de Valle de Vez, 35 kilometros ao O.N.O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 225 fogos.

Em 1757, tinha 215 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebisado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira (marquezes de Ponte do Lima) apresentavam, *in solidum*, o abbafe, que tinha 600\$ réis de rendimento.

É povoação muito antiga, da qual se ignora o primeiro nome.

O que tem, lhe foi posto pelos árabes, no seculo 8.º, e se conserva com pequena corrupção.

Sabe-Eddim é nome proprio de homem (árabe) que significa—*leão da fé*, ou *da religião*. É composto de *sábe* (o leão) do artigo *al*, e de *din*, religião.

Houve aqui um mosteiro de templarios, que depois passou para os beneditinos. No seculo 15.º passou a commendatarios, que foram os Limas, viscondes de Villa Nova da Cerveira.

Hoje não ha vestigios d'este mosteiro, e apenas consta por tradição que a egreja matriz é a que foi do convento, e que a residencia parochial é parte d'elle.

O arcebispo de Braga, pretendeu o padroado da egreja, e houve demanda, que os viscondes venceram.

Os abbades de Sabadim, apresentavam os curas da Portella e de Padroso; depois, o direito da apresentação da Portella passou para a mitra, e o de Padroso para os ditos viscondes.

Foi antigamente senhor d'esta freguezia, D. Nuno Sella, natural de Villa-Nova da Muhia, que era tambem padroeiro de outras egrejas. Era ainda senhor da casa solar de Giella, que havia fundado um D. abbade beneditino d'este mosteiro, o qual fundou tambem a capella de Nossa Senhora da Conceição, na villa dos Arcos de Valle de Vez, a qual depois passou para os Caldas, e por fim, para os Pereiras Lobatos.

SABARIZ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa-Verde (extincta comarca e concelho de Pico de Regalados) 12 kilometros ao N. de Braga, 372 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757, tinha 39 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebisado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, collado, que tinha 70\$000 réis e o pé d'altar.

Foi villa e conto extinctos, cujo senhorio teve Pedro Fernandes de Cambra, e lhe veio por sua mulher, D. Maria Ouriques da Nóbrega, filha de D. Ourigo (ou Eurico) da Nóbrega, o *Velho*.

Seus descendentes trocaram o senhorio d'este couto, por uma quinta e casaes junto a Braga, com os frades de Rendufe.

Os abbades de Rendufe, senhores d'este couto, eram os seus ouvidores, e a elle vinham em correição com um escrivão da comarca de Pico de Regalados.

Os dizimos d'esta freguezia, eram — metade para os arcebispos e a outra metade para os abbades de S. Vicente do Bico.

Houve n'esta freguezia um antiquissimo castello, com sua torre, do qual foi senhor, Martim Guimarães, e passou o senhorio a sua filha D. Ignez Guimarães, mulher de Pero d'Araujo; e d'elles procedem os Pereiras, os Lagos, e os Araujos, de Braga.

É povoação antiquissima, e aqui teve uma herdade, Froila Cresconis, e a doou ao bispo D. Pedro, e á Sé de Braga, em 1078. Em 1099, a mesma Sé, deu, por emprazamento, a villa de Sabariz, a Payo Cresconis (filho de Froila) e a sua mulher D. Flamula.

Ha em Portugal varias aldeias com o nome de Sabariz, mas nenhuma tem cousa notavel.

SABOIA—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho d'Odemira (foi do mesmo concelho, mas da comarca d'Ourique) 130 kilometros da cidade d'Evora, 180 ao S.E. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1757, tinha 256 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mitra apresentava o cura, que tinha 240 alqueires de trigo.

É terra muito fertil.

SABOR—rio, Traz-os-Montes.—Nasce na Galliza, passa perto de Bragança, e desagua na direita do Douro, na foz do Sabôr, 8 kilometros ao S.O. de Moncorvo, depois de um curso de 130 kilometros.

Ao fundo do *Valle de Villariça*, do lado do N., se ergue a serra de Bornes, antigamente chamada Monte-Mel, que está 1:202 metros acima do nivel do mar. (Esta altitude é tomada do ponto onde existe uma pyramide geodesica.)

Em uma das gargantas d'este monte, junto á aldeia da Burga, nasce a ribeira da Villariça, que atravessa, serpenteando, todo o

formoso e feracissimo Valle de Villariça, entrando no rio Sabôr, proximo da sua foz.

Vidé *Villariça*.

SABROSA—Vidé *Trápa* (Santa Cruz da).

SABROSA—villa, Traz-os-Montes, cabeça do concelho do seu nome, comarca de Villa-Real (foi do mesmo concelho, mas da comarca d'Alijó) 90 kilometros ao E.N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757, tinha 176 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O reitor de Santa Maria de Paços (freguezia distante 2 kilometros) apresentava o vigario, que tinha 80\$000 réis e o pé de altar e permicias.

Este concelho foi creado por decreto de 6 de novembro de 1836.

Em 31 de dezembro de 1853, foi supprimido o antigo concelho de Proveze (6 kilometros ao S. de Sabrosa) e annexado a este. (O concelho de Proveze abrangia tambem as freguezias que constituíram antigamente o supprimido concelho de Gouvães do Douro.)

Por decreto de 24 de outubro de 1855, foram mais encorporadas no concelho de Sabrosa, as freguezias de S. Lourenço de Riba-Penhão, e a de Parada de Riba-Penhão, que até então haviam pertencido ao extincto concelho de Villar de Maçada, na comarca d'Alijó. (Mas, em 1861, perdeu a pequena, mas importantissima povoação do Penhão, que, por estar na outra margem do rio d'este nome (a margem esquerda) foi annexada ao concelho d'Alijó, que fica d'aquelle lado.

Actualmente, a aldeia de Penhão é o ponto commercial mais importante de Traz-os-Montes, depois da Régua (apesar de ter, por ora, menos de 40 fogos) por ser a estação da via ferrea do Douro mais central da outr'ora riquissima região vinhateira do Alto-Douro.

Em 1876, foi supprimido o julgado de Sabrosa, mas ficou o concelho.

Actualmente, é este concelho composto de 15 freguezias, todas no arcebispado de Braga

—são—Anta, Celleiroz, Covas do Douro, Gouvães do Douro, Gouvinhas, Parada de Penhão, Paradella de Guiães, Paços, Proveze, Riba-Penhão (S. Lourenço) Sabrosa, S. Christovam, Souto Maior, Torre do Penhão, e Villarinho de S. Romão—todas com 3:500 fogos.

Sabrosa está situada em um degráu que alli fórma a serra da Azinheira, e a meia altura d'esta montanha, junto ás ábas de um outeiro escaldado e esteril, de rocha granítica; porém, o terreno em que assenta a villa é de formação schistosa, pertencente ao periodo siluriano.

O seu clima é temperado, e as aguas são aqui excellentes.

Esta freguezia, é abundante em *saborosas* frutas, do que alguns sonhadores de etymologias pretendem derivar o nome da povoação; e isto deu causa ás engraçadas armas que modernamente lhe foram concedidas.

Nunca teve foral, antigo nem moderno.

A igreja parochial, é um bom templo, de uma só nave, e tem as irmandades do *Coração de Jesus*, com estatutos desde 20 de agosto de 1773, e a de *Nossa Senhora do Rosario*, com estatutos approvados em 17 de julho de 1795. Esta tem um bom rendimento.

A igreja matriz primitiva, era pequena e muito antiga: fôí demolida no seculo passado e construída a actual. Havia n'aquella um altar (capella) que pertencia ao vinculo do famoso navegador, Fernando de Magalhães. Tinha um legado pio, destinado para soccorrer os pobres mais necessitados da freguezia. Ainda existe este legado, no novo altar do *Coração de Jesus*, que foi do referido vinculo.

Ainda que, segundo a tradição, esta villa seja muito antiga, nenhum monumento aqui existe que nos prove uma remota antiguidade. Os edificios mais antigos, remontam, quando muito, aos principios do 16.º seculo.

Consta que os primeiros habitadores de Sabrosa, vieram da pequena aldeia da *Sancha*, situada no fundo da montanha, e perto do rio Penhão; mas não se sabe em que

época teve lugar esta transferencia, se acaso existiu.

É certo que no fundo da precipitada ladeira da serra, em cuja encosta está a villa, existe a pequena aldeia da Sancha, e sobranceiro a ella, estava o antiquissimo castello da *Sancha*, totalmente fóra da vista da villa actual, e na aresta oriental da *serra do Criveiro*, nome pomposo que se dá a um outeiro granítico, esteril e alcantilado, ao longo de cuja base se estende a deliciosa veiga de Sabrosa, quasi toda occupada por esta povoação.

O castello era pequeno, e foi construido sobre uma saliencia do môro do Criveiro. Pelos dois lados mais accessiveis, tinha uma muralha de granito, grosseiramente trabalhado, sem cimento algum, e por fóra d'ella, o respectivo fosso.

Pela parte de baixo, tinha duas ordens de muralhas, sem fossos.

Ainda no principio d'este seculo, tinham as paredes do castello, 2, 3, e algumas 4 metros de altura, e no centro, os restos de uma pequena torre circular, tendo ainda em parte 2,^m20 d'altura. Tinha 5 metros de diametro. Parece mais uma atalaya dos antigos lusitanos, ou dos romanos, do que obra dos mouros.

Dizem alguns velhos d'esta terra, que, sobre a pequena e completamente destruida parte do castello, havia uma inscripção em caracteres para elles desconhecidos; e em letras romanas, a palavra PARALIO, seguida de outras illegiveis. Com effeito, os latinos davam o nome de *paralios*, aos povos que habitavam nas margens dos rios, e é provavel que a ultima letra (o S) estivesse apagada, e que a palavra fosse *paralios*.

Paralio, que se declina *paralii*, *paraliorum* no singular, significa certa especie de papoula, flôr.

A camara de Sabrosa, quando pediu á sr.^a D. Maria II, que concedesse brazão d'armas ao concelho, foi buscar a origem do seu nome, adjectivo *saborosus* (que aliás não é latino) e, com effeito, obteve para a terra umas armas allusivas a esta exquisita derivação.

Parece mais verosimil que Sabrosa venha do adjectivo latino *sabulosus*, que significava areiento ou *saibroso*—a que os latinos davam o nome de *sabulum*, ou *terra sabulosa* (a mudança de L em R, é muito vulgar nas nossas provincias do norte) e, na verdade, este territorio é *saibrento*, e de areias grossas.

Tornemos ao castello.

Esta pequena fortaleza, é de fórma quasi triangular, tendo em um dos angulos, no seu ponto mais elevado, e era no vértice d'este angulo a porta, cuja entrada se acha obstruida; e a acanhada embocadura de uma cisterna, que descia, por degraus, o môro da fortaleza.

Esta cisterna, poço, ou galeria, é entre a muralha e o fosso, de maneira que em tempo de guerra, era vedada esta serventia, aos defensores do castello. Quando a entrada d'este poço estava menos entupida, alguns homens corajosos desceram até bastante profundidade, mas não conseguiram chegar ao fim, porque a accumulção dos gases, lhes abafava a respiração, e apagava as luzes.

É tradição que no fundo do poço ha uma galeria, que communicava esta fortaleza com o fronteiro *castello de Cheires*, o que não é facil acreditar, porque, de uma a outra fortaleza, medeiam dois kilometros, e o solo é todo constituido de rocha granitica, tendo de descer a uma profundidade de 600 metros, para ahi passarem por um tunnell ou galeria, por baixo do rio, e de novo subir outro tanto, para chegarem ao castello de Cheires.

Tudo leva a crer que a primitiva Sabrosa (formada de pobres cabanas) era situada ao N. e E. do tal castello da Sancha, sob as suas muralhas, e no ponto quasi opposto ao lugar onde está a actual Sabrosa.

Nas pedras faceadas de que o castello foi construido, veem-se umas garatujas, abertas a cinzel, que mais parecem signaes dos pedreiros que as lavraram, do que letras.

Estes signaes, acham-se em muitas construcções romanas e árabes.

Em volta do castello viam-se restos da antiga povoação, isto é, paredes toscamente construidas, formando pequenos casebres.

Em uma escavação feita perto d'este lugar, foi achada uma antiga forja de ferreiro, ainda com alguns instrumentos d'este officio, bem conservados, e um tubo de barro, que parece ter servido para conduzir agua para a officina.

Um pouco mais distante, se acharam vestígios de sepulturas antiquissimas.

Os restos do castello e dos casebres, desapareceram ha cinco ou seis annos, porque os seus materiaes foram applicados para calçar as ruas da villa. Ha dois ou trez seculos, que a maior parte das casas de Sabrosa, tem sido feitas com os restos venerandos de construcções antigas.

Durante o dominio dos romanos, pertenceu Sabrosa á circumscripção da famosa cidade de Panoyas, dentro de cujo áro se achava, e que muito mais tarde devia formar parte da primitiva freguezia de Santa Marinha de Provezende, visto que a antiquissima freguezia de S. Lourenço de Riba-Penhão, era cabeça de todos os povos que demoravam ao N. de Sabrosa, os quaes, até 1834, pagavam *um vintem de reconhecimento*, por cada fogo, ao parochio da sua antiga matriz—Santa Marinha.

Ao fundo da montanha do lado da Sancha, está a antiga quinta da *Ribeira de Sabrosa*, que produz optimo vinho, e é da illustre familia dos Pintos Pimentes, de Villar de Maçada, e que deu o titulo ao barão *Ribeira de Sabrosa*. (Vidé esta palavra.)

Brasão d'armas de Sabrosa, concedidas em 12 de maio de 1837

São—escudo partido em faxa—na 1.ª, em campo de prata, um chafariz, lançando agua—na 2.ª, uma arvore com seus fructos pendentes, tudo allusivo ás boas aguas e *sabrosas* fructas. Timbre, um braço, empunhando uma espada, alludindo aos *serviços de muitos militares seus naturaes*. (?) *em pró da independencia nacional*—diz isto o decreto que concedeu as armas.

Se ter dôas aguas e boa fructa, e ser patria de alguns militares valentes, é motivo para

ter brazão d'armas, centenares de povoações portuguezas que as não tem, as deviam ter, com direitos eguaes, e até maiores, do que Sabrosa.

A moderna poveação de Sabrosa, tem tido varias familias illustres, como são a dos *Teixeiras Lobos*, hoje (pelos lados paterno e materno) ramo da casa do morgado de Ribeira de Sabrosa.

A dos *Azeredos*, quasi extincta, e que ja aqui não reside.

A dos *Barros Lobos*, hoje barões de Provezende.

A dos *Pereiras de Magalhães*, representantes do vinculo instituido na casa da *Pereira*, pelo famoso navegador, Fernando de Magalhães, descobridor do estreito do seu appellido, na extremidade da America do Sul.

A dos *Canavarros*, e outras.

Homens notaveis de Sabrosa
n'estes ultimos seculos

CASA DA PEREIRA

1.º—O licenceado, *André da Silva Coelho* (6.º sobrinho do famoso descobridor do estreito de Magalhães) freire conventual da ordem de S. Thiago, de Palmella, que foi alumnado do real collegio dos militares de Coimbra; superior do convento de Palmella, com as vezes de prior-mór; conego e monsenhor da Patriarchal, de Lisboa; do conselho de sua magestade.

2.º—*Luiz Pereira da Silva*, sobrinho do antecedente, prelado mitrado da Patriarchal de Lisboa e freire conventual do mosteiro de Palmella.

3.º—O doutor, *Manuel José Pereira da Silva* (9.º sobrinho do grande Fernando de Magalhães) juiz de fóra da villa da Barca, e desembargador no Rio de Janeiro.

4.º—*Antonio Luiz Alvares Pereira Coelho da Silva Castello-Branco Magalhães*, (irmão do antecedente) morgado da Pereira, cavalleiro da ordem de S. Thiago, encarregado de uma missão secreta pelo governo de Cas-

tella, junto do de Portugal, para as pazes entre as duas nações.¹

Reclamou do governo hespanhol, o cumprimento do tratado feito com seu 9.º tio, Fernando de Magalhães, como herdeiro do vinculo d'este, e seu unico e legitimo representante; porém morrendo da queda de um cavallo, nada obteve.

5.º—*Antonio Pinto Alvares Pereira*, brigadeiro (hoje diz-se general de brigada.) Fez a campanha peninsular, e foi governador militar da praça de Marvão, pelos liberaes. Foi deputado, em 1834, e morreu no anno seguinte. Teve a medalha de ouro, de toda a campanha peninsular, e outras condecorações.

6.º—*João Pinto Alvares Pereira*, fez toda a campanha peninsular, no posto de capitão de cavallaria. Ficando prisioneiro dos francezes, teve a habilidade de poder fugir lhe, com toda a sua companhia, sem perder um unico soldado, vindo reunir-se ao exercito aliado.

Em 1823, acompanhou o sr. D. Miguel a Villa-Franca de Xira, fazendo então a pequena campanha, denominada *guerra da poeira*. Falleceu em 1828, no posto de coronel de cavallaria de Chaves.

CASA DOS AZEREDOS

7.º—*José d'Azeredo Pinto*, coronel, e um dos commandantes da expedição realista que foi contra a ilha terceira, em 1829.²

¹ Já se vê que este individo se tinha passado para o serviço dos castelhanos.

² A expedição era commandada pelo então coronel, José Antonio d'Azevedo Lemos, Sahiu de Lisboa a 16 de junho de 1829. Era composta de caçadores n.º 1 e 11, e de infantaria n.º 7 e 16; artilheria, sapadores, etc.—Na ilha de S. Miguel, recebeu mais, os segundos batalhões dos regimentos n.º 1, 13 e 20 de infantaria, e alguma artilheria. O commandante, era o chefe de esquadra, Rosa. Os realistas, tentaram o desembarque a 11 de agosto, na Villa da Praia, mas foram repellidos com grandes perdas, fallecendo os bravissimos, D. Gil Eannes da Costa (irmão do conde da Madeira) então major, e José d'Azeredo Pinto, de quem se trata no texto. Os realistas tiveram de retirar para Lisboa. D'esta expedição havia muito que dizer mas não é este o lugar proprio.

Morreu á frente dos seus soldados, no dia 11 de agosto de 1829, junto á Villa da Praia, depois de ter combatido intrepidamente.

8.º—*Luiz d'Azeredo Pinto* (irmão do antecedente) serviu sempre a causa legitimista, e sendo brigadeiro, sob as ordens de D. Alvaro da Costa, conde da Madeira, defendeu esta ilha, até 1834, emigrando então para Roma.

CASA DA CAPELLA

9.º—*Francisco Teixeira Lobo*, brigadeiro de cavallaria. Fez a campanha peninsular, até á tomada da praça de S. Sebastião, da Biscaya.

10.º—*Francisco Teixeira Lobo* (irmão bastardo do antecedente.) Fez tambem a campanha peninsular, e morreu no posto de brigadeiro.

CASA DOS BARROS LOBOS

11.º—*Antonio Teixeira de Barros de Barbosa*, brigadeiro de infantaria. Fez toda a campanha peninsular, sendo-lhe conferida a medalha d'ouro. Foi cavalleiro professo nas ordens de Christo, e S. Bento d'Aviz, e commendador da de Torre e Espada.

Era pae do 4.º barão de Proveze, José Antonio de Barros Teixeira Lobo de Barbosa. (Vide 7.º vol., pag. 693, col. 1.ª, no fim.)

O 1.º barão de Proveze, falleceu a 2 de janeiro de 1879.

CASA DOS CANAVARROS

12.º—*Philippe de Sousa Canavarro*, fez a campanha peninsular, levantando á sua custa uma companhia de cavallaria. Foi tenente general e governador das armas do Porto.

13.º—*Afonso Botelho de Sampaio e Souza*, fidalgo cavalleiro da casa real; 7.º senhor do morgado e casa de Paços, junto a Sabrosa. 8.º administrador do vinculo instituido em Proveze, por Diogo Cão da Nóbrega (o morgado de S. Thiago); 6.º administrador do morgado de Nossa Senhora da Piedade, com capella na egreja matriz de Proveze,

instituído por Matheus Frois; 5.º senhor do legado e capella de Nossa Senhora da Branca, d'esta mesma villa. Era 9.º neto do grande navegador e descobridor, o dito Diogo Cão da Nóbrega, e 13.º neto de Affonso Botelho, o *Velho*. 1.º alcaide-mór de Villa-Real de Traz os-Montes, feito pelo rei D. Diniz.

Nasceu em Sabrosa, no anno de 1792. Fez toda a campanha da Península, portando-se sempre como bravo militar.

Serviu sempre na arma de caçadores, e sendo tenente coronel graduado, do batalhão de caçadores 7, do exercito realista, foi demittido, por decreto de 7 de julho de 1831.

Foi depois inspector das estradas do Douro, conseguindo, com os proventos d'este emprego, resgatar a sua casa, que estava empenhadissima.

Foi duas vezes deputado ás côrtes, e n'ellas se mostrou decidido campeão das medidas restritivas, e dos privilegios do Alto-Douro.

Tambem trabalhou para que aos seus antigos camaradas, os officiaes do exercito portuguez convencionado em Evora-Monte, em 27 de maio de 1834, se garantissem os postos, segundo o estipulado na mesma convenção; mas nada obteve.

Pelo decreto de maio de 1851, promulgado durante a dictadura Saldanha, recebeu o soldo correspondente ao posto que tinha ao tempo da morte de D. João VI—que era o de capitão—como os outros officiaes legitimistas nas mesmas circumstancias; e, como todos os mais que tinham já em 1826 direito a reforma com o soldo do posto immediatamente superior, por diuturnidade de serviço, foi considerado depois major, com o soldo respectivo, pela tabella de 1814.

Mas nunca mudou de opinião politica, sendo sempre um realista puro, confessando-o francamente; e mandando por muitas vezes, presentes dos seus vinhos mais finos ao sr. D. Miguel I, para a Allemanha, e o rei lh'os aceitava reconhecido, por serem productos da patria que tanto amara (e que tão mal soubera governar!)

Affonso Botelho foi, antes de tudo, um verdadeiro homem de bem:

Falleceu no Porto, em 1867, e foi sepultado no cemiterio do *Prado do Repouso*.

—

Alem dos 13 cavalheiros que ficam mencionados, outros muitos individuos de Sabrosa se tornaram notaveis pelas suas virtudes, e nas armas e nas lettras, cuja enumeração seria longa e enfadonha.

Fernando de Magalhães

No 7.º vol., pag. 296, col. 1.ª disse eu, que —segundo alguns escriptores, tinha nascido na cidade do Porto, este navegador famoso, e n'aquelle logar dei uma rapida biographia d'este esclarecido portuguez.

A um meu respeitavel amigo, e incansavel investigador, ao qual muito deve esta obra, devo amplas noticias sobre a naturalidade de Magalhães, e as vou aqui dar em resumo, como o pede um dictionario. A modestia d'este cavalheiro, priva-me do prazer de publicar o seu nome, o que muito me custa.

—

Se não ha certeza, ha toda a probabilidade para crermos que Fernando de Magalhães nasceu na sua casa solar da *Pereira*, de Sabrosa, ainda que uns o fazem natural do Porto, outros de Figueiró dos Vinhos, e, finalmente, ainda outros, de diversas localidades.¹

A causa d'esta confusão, é porque, no principio do seculo 16.º houve varios individuos d'este mesmo nome, e, pelo menos alguns, da mesma familia de Fernando de Magalhães, como se pôde ver em differentes nobiliarios.

Investigações feitas modernamente em

¹ Frei Francisco de Santa Maria, conego secular, chronista, e geral da Congregação de S. João Evangelista (loyos) lente jubilação, de theologia, qualificador do Santo Officio, examinador das trez ordens militares, e provedor do hospital real das Caldas da Rainha; é um dos nossos mais acautelados, e por isso dos mais veridicos escriptores. No seu *Anno Historico* (tomo 1.º, pag. 522) tratando longamente de Fernando de Magalhães, e não sabendo com certeza d'onde elle era natural, não diz nada a este respeito.

face de documentos authenticos, põe fóra de toda a duvida, que, se elle não foi de Sabrosa, pelo menos alli tinha, *com toda a certeza*, a sua casa, e a sua unica familia, que foi herdeira e representante do seu nome e administradora do vinculo por elle iustituido, na *casa da Pereira*, d'esta villa.

O grande nobiliario do *Casal do Paço*, manuscrito da bibliotheca publica do Porto (tom. 7.º, pag. 189) diz—que—Lopo Rodrigues, foi para a villa de Figueiró dos Vinhos, ser tutor dos filhos do senhor de Figueiró, e de Pedrogam-Grande, os quaes eram sobrinhos de D. Isabel de Souza, mulher de seu tio, João de Magalhães, senhor da Barca.¹

Lopo Rodrigues, teve de sua mulher, oito filhos (quatro de cada sexo) tendo o mais velho, por nome, Fernando de Magalhães, como seu avô paterno. Note-se porem, que, *nenhuma das irmans d'este Fernando, se chamava Thereza*.

Gajo, no seu extenso nobiliario, existente no archivo da Misericordia de Barcellos (tomo 23.º, letra M, § 27) conforma-se com o manuscrito do *Casal do Paço*, mas aponta mais trez individuos da familia Magalhães, todos chamados Fernando de Magalhães, cada um dos quaes tem passado por descobridor do estreito do mesmo nome.

O arcebispo de Braga (primeiramente, bispo do Porto) Dom Rodrigo da Cunha, auctor do *Cathalogo dos bispos do Porto*, e que attentamente estudou a questão, fundando-se em que, do inventario de Fernando de Magalhães, diz que constava que elle viveira na ilha da Madeira, e é de parecer, que é filho de Lopo Rodrigues, o tal tutor de Figueiró dos Vinhos.

Ainda o mesmo Gajo nota, que um dos trez mencionados Fernandos de Magalhães, era *senhor do vinculo de Merilheias, o qual perdeu, por se passar para o serviço de Castella*.

O sábio Muñós, diz que elle fizera um ou-

tro testamento, em 24 d'agosto de 1519, e que n'elle se declarava *Vicino de Oporto*, de onde collige que elle devia ser natural d'esta cidade, e accrescenta que, por este testamento, instituiu por herdeiro, seu irmão Diogo de Souza (ou de Magalhães, segundo Gajo) no caso que fallecesse o filho que havia tido de sua mulher, D. Beatriz Barbosa, realizando-se esta ultima hypothese.

Finalmente, de antigos documentos consta haver nada menos de seis Fernandes de Magalhães, em diferentes terras do reino, alguns d'elles militares, e fazendo parte das nossas expedições á Africa e á India; mas, o que é certo, é que de nenhum d'elles ha noticias tão authenticas e positivas como do da casa da Pereira, de Sabrosa.

O sr. dr. Alexandre Manoel Alvares Pereira de Aragão, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição, de Villa Viçosa, natural de Parada do Pennhão, d'este concelho de Sabrosa, e hoje residente em Villa Flor (onde casou com uma senhora, sobrinha do fallecido general, Antonio Pinto de Seixas Pereira de Lemos, feito 1.º (e unico) visconde de Lemos, em 29 de março de 1854) é actualmente o unico representante legitimo da casa e familia de Fernando de Magalhães.

Possue o sr. dr. Alexandre Manoel, dois documentos, que derramam a luz mais clara, sobre esta questão.

O 1.º d'elles é o testamento do proprio Fernando de Magalhães, feito em Belem, nas notas do tabellião, Domingos Martins, a 17 de dezembro de 1504, trez mezes antes da sua partida para a India, com o 1.º vice-rei d'ella, D. Francisco d'Almeida.¹

N'aquelle testamento institue por seus unicos herdeiros, *sua irman D. Thereza de Magalhães*, seu marido, João da Silva Telles, e ao filho d'estes, Luiz Telles da Silva; sem mencionar n'este documento, qualquer outro seu irmão ou irman.

De todos os seus bens, que elle mesmo declara serem poucos, instituiu pelo testa-

¹ D. Isabel de Souza, era filha de Ruy Vaz Ribeiro de Vasconcellos, senhor de Figueiró dos Vinhos, e Pedrogam-Grande. Vidé *Ponte da Barca*, e tambem *Paço Vedro de Magalhães*.

¹ D. Francisco d'Almeida sahiu de Lisboa para a India, a 25 de março de 1505.

mento, um vínculo, em favor da referida sua irmã, marido e filho, na casa da Pereira, de Sabrosa, e na sua pequena quinta da *Souta*, junto a esta villa, e sobranceira ao *Valle da Porca*, com o encargo de 12 missas annuaes, unindo tudo ao seu altar do Senhor Jesus, da igreja matriz (a antiga) de Sabrosa.

Ora, se elle chama para lhe succeder no vínculo, uma irmã, é de crer que não tinha irmãos, porque, se os tivesse, não legaria o morgado a fêmea, contra o uso geral d'aquelles tempos.

O outro documento que possui o sr. dr. Aragão, é um testamento, feito por Francisco da Silva Telles, filho do já referido Luiz da Silva Telles.

Este documento não deixa a mais pequena duvida de que o Fernando de Magalhães que descobriu o estreito do seu nome, é este de Sabrosa e não outro.

O testador, dominado pelo medo que ainda tinha ás iras do rei D. Manuel, legadas aos seus successores, contra a sua familia, exprime-se da maneira mais interessante, e deixa transparecer o terror de que estava possuido, querendo fazer acreditar ás justicas de el-rei, que elle desaprova tambem o procedimento de seu tio, Fernando de Magalhães.

Dá muita luz á questão, o seguinte periodo do tal testamento.

„Mandando a todos os meus descendentes e herdeiros que na *minha casa da Pereira, em Sabrosa*, não ponham armas, nem outro brazão, porque quero que, em todo o tempo se conservem picadas e rasas, da mesma maneira que as mandou pôr o nosso senhor e rei, pelo delicto de Fernando de Magalhães, de se passar a Castella, em desserviço d'este reino, a descobrir novas terras, onde morreu em desagrado do nosso rei; ¹ e, como elle era irmão de minha avó, D. Thereza de Magalhães, se mandaram picar as armas, por cujo motivo de

¹ Nenhum rei portuguez teve melhores ministros e mais bravos generaes, do que D. Manuel, e nenhum dos nossos monarchas foi tão ingrato, castigando muitos que devia premiar.

Se elle fosse tão sollicito em dar o premio

•vergonha, me passei a viver no Maranhão, onde agora me acho, ao tempo do outhor-gamento d'este meu testamento. E faço esta declaração, para que aos meus vindouros, fique por exemplo, não só os castigos do senhor rei, mas os do Ceu, que fez que meu dito tio, Fernando de Magalhães, irmão de minha avó, morresse tão desastradamente, como dizem que morreu, em uma ilha chamada *Maltan*, ás mãos de herejes¹, ou, melhor, de seus peccados, atravessado por uma lança. E cuidem todos os meus descendentes e herdeiros, em servir os seus principes, se querem a minha benção, que lhes negaria, se soubesse que haviam de ter tão baixos sentimentos, e tão ruinosos para as familias, como tem sido para mim e meu pae, que deixámos a nossa patria, por vergonha, e medo que se levantassem os visinhos contra nós, pois, com justiça, não podiam soffrer quem hia contra Portugal, que é sua patria, servir castelhanos, nossos inimigos naturaes, etc.»

Este testamento, foi feito no Maranhão, nas notas do tabellião Damião Carneiro, a 3 d'abril de 1580.

O brazão d'armas da casa da Pereira, ainda está picado e arrazado, tal como o mandou o rei D. Manuel.

O sr. dr. Aragão, ainda possui outros documentos, pelos quaes se prova a identidade d'este Fernando de Magalhães, e que elle era da nobilissima familia do appellido Magalhães, appellido que elle proprio, em seu testamento, diz—com referencia ás suas armas—ser dos mais distinctos, antigos e nobres d'este reino, pedindo que juntem ás suas armas, a dos Magalhães.

Fol ainda o medo que obrigou esta familia a deixar o illustre appellido de Magalhães.

Na *Nouvelle biographie general*, editada por Mr. M. Fermin Didot Freres, sob a direcção do doutor Hoefer, vem uma extensa bio-

graphie de aquelles que tanto lh'o mereceram, como em castigar Fernando, de Magalhães, que uma ingratidão do rei lançara no serviço de Castella, mais bem mereceria da patria e da posteridade.

¹ O testador queria dizer idolatras.

graphia de Fernando de Magalhães, o se menciona o seu testamento.

Segundo a tradição, quando constou que Fernando de Magalhães se passou para o serviço de Castella, o povo de Sabrosa fez toda a qualidade de insultos a seus sobrinhos, chegando até a correl-os á pedra; e por isso, viram-se elles obrigados a fugir para o Maranhão, ainda n'esse tempo quasi todo despovoado; e não quizeram pedir ao monarcha hespanhol o cumprimento do que tinha promettido a seu tio.

A sua casa de Sabrosa, abandonada por elles, cahiu, como é facil de suppor, no maior estado de ruina, e quando regressaram á patria, nem se animaram a voltar para a sua terra natal, hindo, ao que parece, residir para Fafe.

Só nos fins do seculo 18.º, é que seus descendentes se animaram a usar do appellido de Magalhães.

Em 1793, Antonio Luiz Alvares Pereira Coelho da Silva Castello-Branco Magalhães, avô do sr. dr. Aragão, requereu, na qualidade de unico herdeiro de Fernando de Magalhães, ao governo castelhano, o titulo de *adelantado*, e uma indemnisação, pela vintena, das terras e rendimentos promettidos ao fundador da sua casa; mas nada conseguiu.

O antigo vinculo instituido por Fernando de Magalhães, está hoje em poder de pessoas estranhas a esta familia, porque a mãe do sr. dr. Aragão, o vendeu e deixou partir.

As armas da casa de Pereira, picadas por ordem do rei D. Manuel, foram apeadas na reconstrução da casa, e servem hoje de cunhal em um dos angulos d'ella.

Successores latteraes de Fernando de Magalhães

1.º *D. Thereza de Magalhães*, irman de Fernando de Magalhães, sua unica herdeira, e 1.ª morgada do vinculo instituido, na casa da Pereira, em Sabrosa.

Casou com João Telles da Silva, fidalgo da casa real—tiveram.

2.º *Luiz Telles da Silva*, fidalgo da casa real, o que fugiu para o Maranhão.

Casou com D. Rosa de Castro e Vasconcellos—e tiveram:

3.º *Francisco Telles da Silva*, fidalgo da casa real, casado com D. Maria Moreira.

Tiveram:

4.º *Antonio da Silva (de Magalhães?) Faria*, fidalgo da casa real.

Casou com D. Francisca Pereira da Silva.

Tiveram:

5.º *Gonçalo Alvares Moreira Telles*, que casou com D. Maria Marinha.

6.º *D. Maria Moreira*, que casou com Francisco da Silva Pinheiro de Faria, de Royos (ou Arroyos) junto a Villa Real, de Traz-os-Montes.

Tiveram:

7.º *Manuel Alvares Coelho de Faria*, que casou com D. Anna Maria Pereira, de Donélio.

Tiveram:

8.º *D. Caetana Rosaura Pereira Coelho da Silva*, que casou com Luiz Ribeiro Valente Castello Branco.

9.º—*D. Quiteria Joaquina Pereira Coelho da Silva*, que casou com o doutor Amaro Pereira d'Aguiar, juiz de fóra de Villa Pouca d'Aguiar.

Tiveram:

10.º *Antonio Luiz Alvares Pereira Coelho da Silva Castello-Branco Magalhães*, do qual ja fallei, no capitulo *Homens notaveis de Sabrosa*.

Casou a 1.ª vez, com a herdeira unica da casa e vinculos dos Cunhas Amaraes, de Provezende e Villa Real, e senhora de mais cinco differentes vinculos. Teve d'ella duas filhas que falleceram de tenra idade.

Casou segunda vez, com D. Petronilla Lopes de Aboim e Cuña de Sande Soares Carreto, filha de D. Eugenio José Lopes de Aboim e Cuña, e sobrinha do tristemente celebre Godoi, ao qual o rei de Castella deu o titulo de *principe da Paz*.

Tiveram:

11.º *D. Petronilha Laura Alvares Pereira de Magalhães*, ultima senhora da casa da Pereira.

Casou com o marechal de campo, Manuel

Antonio Ferreira d'Aragão, de Villar-Chão, proximo de Alfandega da Fé, morgado e senhor da casa de seus paes.

Tiveram:

12.º—O dr. *Alexandre Manuel Alvares Pereira de Aragão*, fidalgo cavalleiro da casa real, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição, de Villa Viçosa, actual representante da casa de Fernando de Magalhães.

Casou em Villa Flôr, com a sr.ª D. Felicidade Amelia Pinto Lemos, sobrinha do falecido general visconde de Lemos, do qual já fallei.

Ha d'este matrimonio, até hoje, dois filhos e duas filhas, todos menores.

É irmã de Francisco Teixeira Lobo—o morgado da Capella—a ex.^{ma} sr.ª D. Maria das Dores Teixeira da Gama Lobo, casada com o sr. José Cypriano da Costa Godolphin, que nasceu em Marvilla, a 3 de novembro de 1843.

Costa Godolphin tem sido redactor e collaborador de muitos jornaes e muitos dos seus escriptos teem sido transcriptos e traduzidos, principalmente nos jornaes hespanhoes e da America.

D. Luiz Vidard, escrevendo-lhe a biographia na *Illustracion* de Madrid, compara algumas das suas poesias com as odes do celebre poeta Manzoni.

Tem prestado muitos serviços á instrucção popular e ás associações, sendo por isso socio honorario de grande numero d'ellas.

É socio effectivo da Sociedade de Geographia e da dos Archeologos Portuguezes, e vice-presidente do Albergue dos Invalidos do Trabalho.

O governo de Hespanha agraciou-o com a commenda de Izabel a Catholica.

Tem publicado varias obras; entre ellas citaremos:

Versos, dois volumes.

Lendas arabes;

Sepulchro em Perrho, poemeto traduzido do verso sueco;

Visita a Madrid;

Paginas soltas;

A Associação, historia e desenvolvimento das associações portuguezas;

Lendas escandinavas, e varios opusculos, como *O Celibato clerical*, *A Religião dos paes*, *A instrucção*, *Monumento a Camões*, *Portugal e Hespanha*, etc.

Em Portugal, como diz na *Evolução* o sr. Consiglieri Pedroso, lente do curso superior de letras, sabemos apenas de tres dos nossos homens de letras, que tenham conhecimento de algumas das linguas escandinavas, ou que se entreguem ao estudo das suas respectivas litteraturas. O primeiro é o sr. Latino Coelho, o segundo o sr. Costa Godolphin e o terceiro o sr. Gonçalves Vianna.

As tres bibliothecas populares, do Centro Promotor, Gremio e Civilisação Popular, foram organisadas por Costa Godolphin.

É filho de José Cabral da Cunha Godolphin, official convencionado em Evora Monte, do exercito do Sr. D. Miguel I, fidalgo da casa real por succeesão de seus maiores, e de D. Maria Izabel da Costa Freire, filha de Manuel Cypriano da Costa, poeta distincto, commendador da Ordem de Christo, cavalleiro da Ordem da Conceição, official maior do antigo senado de Lisboa, secretario da casa de Bragança. Foi homem muito importante na sua época pelo seu elevado talento: era filho do distincto poeta da Arcadia, Jeronymo Martins da Costa, o *Cassidro*.

Costa Godolphin descende de Lord Godolphin, que foi thesoureiro-mór de Inglaterra, e ministro no tempo da rainha Anna.

O escriptor inglez Anisworth escreveu o seguinte a seu respeito:

«O porte de Godolphin, sem ser altivo era frio. Odiava de tal modo a lisonja, que chegava a não gostar da simples polidez, preferindo muitas vezes os modos rudes, que tomava por sinceridade.

«O rosto bastante trigueiro e as sobrançellas fartas augmentavam-lhe a dureza da physionomia. A estatura era menor que mediana, e ainda que contava mais de sessenta annos, parecia tão forte no moral como no physico.

«Godolphin foi um dos melhores, senão o maior ministro que dirigira os negocios politicos da Inglaterra.

«Quando o posto eminente que occupava lhe foi offerecido, recusou-o, cheio de modestia; Marlborough, porém, obrigou-o a acceptal-o, declarando que, se os subsidios não fossem regulados por Goodolphin, renunciaria o commando do exercito.

«Sob a administração d'este financeiro os rendimentos do estado augmentaram tanto, apesar das dividas contrahidas pela nação, que os fundos publicos davam cinco por cento.

«Este homem fazia-se notavel tambem por uma probidade incorruptivel na administração do thesouro, que lhe fôra confiado, e ninguem se atreveu a accusal-o de venalidade na nomeação dos logares.

«Foi visconde de Rialton e conde de Goodolphin; morreu em 1710. Seu filho mais velho foi casado com a filha do principe e duque de Marlborough.»

Ha no concelho de Sabrosa varias minas de diferentes metaes, porém estão por explorar.

Em janeiro de 1873, o sr. Ladislau Zarzichi, obteve concessão definitiva de trez minas de chumbo, nos sitios da *Machucha*, *Agua-Alta* e *Valle de Maceira*, todas n'este concelho.

Como no 7.º vol., a pag. 296, col. 1.ª, dei apenas em rapido esboço a biographia de Fernando de Magalhães, copiarei aqui o que diz frei Francisco de Santa Maria, no seu *Anno Historico*, tomo 1.º, pag. 522.—É o seguinte :

«Fernando de Magalhães, portuguez por nascimento e castelhano por eleição, foi cavalleiro do habito de S. Thiago, e nobre em sangue e em valor : serviu, com grande reputação, em Africa, depois na India. Acompanhou o famoso Albuquerque, na conquista de Maláca, e em outras grandes emprezas d'aquelle tempo. Fez-se singularmente pratico na arte de navegar, e no conhecimento das alturas e demarcações dos portos e terras orientaes.

Voltando a Portugal, pretendeu de el rei D. Manuel que lhe quizesse accrescentar a moradia, mercê proporcionada á sua quali-

dade, e inferior aos seus merecimentos; mas negou-lha el-rei, ou porque o pretendente lhe não cahiu em graça, ou sugerido de ministros que dormindo no ócio da côrte, não sabem estimar os disvelos e perigos da campanha, e, como querem tudo para si, não soffrem as vantagens dos outros.

Pouco importava a negativa, quanto á utilidade, muito porém, quanto á graduação da nobreza com que vinha a topar a pretensão, mais em honra que em interesse: e como o Magalhães era summamente elevado e brioso, resentiu-se summamente e dispôz vingar-se de modo que reconhecessem, el-rei e os ministros, quanto era em prejuizo do bem commum, desattender ás pretensões dos vassallos benemeritos:

Passou-se a Castella e lá se desnaturalizou de Portugal, com publicas e solemnes demonstrações, e, tomada esta salva, para se furtar ao labéu de traidor, se offereceu ao imperador Carlos V, prometendo-lhe descobrir um novo caminho para as Molucas, que facilitaria aos hespanhoes aquella navegação e conquista, que, de muitos tempos, deviam tocar-lhe.

Acceitou o imperador a offerta e lhe mandou dar cinco navios, com 250 homens, e com elles partiu de Carthagená, no anno de 1519.

Começou ao mesmo tempo em Portugal a ouvir se o nome de Magalhães, carregado de infinitos oprobrios e injurias, por esta acção, e depois o calumniaram gravemente gravissimos escriptores. Seria com muito zello, mas não sabemos se com igual justiça.

Justo é que os vassallos soffram os descuidos dos príncipes, mas tambem é injusto que os principes desattendam totalmente aos merecimentos e serviços dos vassallos. Servem estes pelo premio, e o principe que nega o premio a quem o merece, nega o de que é devedor. Se querem amor e fidelidade nos subditos, fujam de lhe apurarem a paciencia, e muito mais, de lhe offenderem a reputação.

Muito longe de ouvir as invectivas que corriam contra a sua pessoa, em Portugal, proseguia o Magalhães a sua viagem, e pas-

sado o Rio de Janeiro, na Nova Lusitania, começaram a recrescer os trabalhos, de modo, ou tão sem elle, que já se faziam insoffríveis aos companheiros.

Eram rigorosos por extremo os frios de aquelles novos climas: sentia-se já falta de mantimentos, picavam as enfermidades; com o que tudo se encaminhava a uma total desconfiança de algum bom successo, produzindo estas experiencias e considerações, uma tão grave comoção nos animos, que passou a declarado tumulto, intentando alguns tirar-lhe a vida; mas elle os previniu com prompta e destemida resolução, e, presos os cabeças, os mandou enforcar e fazer em quartos, com o que os mais se accommodaram obedientes.

Invernaram em um cabo, promontorio não conhecido até então, onde descobriram homens de estatura agigantada, que excedia de doze palmos; de côr alva e bem parecidos; mas de lingua que se não entendeu.

Passaram depois a outro cabo, a que chamaram das Virgens, por ser visto no dia das Onze-mil; e adiante, descobriram o estreito que buscavam, com uma legua de largo correndo de uma e outra parte, elevadas montanhas, já de aspera penedia, já de frondosos arvoredos; e no cume d'ellas appareciam outras de neve, que alli se conserva todo o anno.

Navegaram 50 leguas por esta estreiteza, até que foram dar em outra maior, que os fez entrar em considerações sobre o proseguir a viagem: prevaleceu, contra o parecer de todos, o voto do capitão, e prosseguindo, desembocaram nos mares do poente, deixando o Magalhães o seu nome apropriado áquelle estreito, com que um e outro serão conhecidos e nomeados, em quanto a memoria dos homens permanecer sobre a terra.

Acharam n'aquelle mar, varias ilhas habitadas de gentios, cada uma com seu rei, todos pobres e de condição branda e flexivel.

Na ilha chamada *Subo*, converteu o Magalhães, ao rei, e a mais de 800 pessoas; e os baptizou.

Andava o mesmo rei de guerra com outro seu visinho, contra o qual se valeu dos

nossos, que o ajudaram e venceram duas victorias; mas, em terceiro encontro, ajustados já, occultamente, os dois reis, em offensa dos estrangeiros, mataram a maior parte, e entre elles, a Fernando de Magalhães, n'este dia (27 d'abril) anno de 1521.

Os que estavam nos navios (já estes não eram mais que trez, por se haver perdido um e fugido outro) queimaram outro, obrigados da falta de gente que o podesse marear, navegaram, vencendo grandes trabalhos e perigos, até ás Molucas, a que chegaram finalmente, e alli ficou outro navio destrocado.

Restou o navio, ou náu *Victoria*, á qual, com mysterio, se déra este nome, porque venceu a mais dilatada, a mais nova e a mais perigosa navegação, de quantas referem e encarecem as historias. D'ella e só d'ella, se disse que—*Totum circumdedit orbem*—porque deu uma volta inteira a todo o globo da terra, e depois de navegar QUATORZE MIL LEGUAS aportou felizmente em Hespanha.

SABRÓSA—Vide *Sobrósa*.

SABRÓSO—logar, Beira Alta, na freguezia de Barcos, comarca d'Armamar, concelho de Taboão.

Fica quasi em frente de Sabrosa (a antecedente) mas na outra margem do Douro (esquerda, ou do sul.) Está aqui a antiquissima ermida de Nossa Senhora de Sabroso, e que foi a primitiva igreja matriz da freguezia de *Barcos*.

(Vidé o vol. 1.º, a pag. 334, col. 2.ª)

Fica esta ermida sobranceira ao rio Têdo, na sua margem direita, e 1 kilometro ao N.E. da villa de Barcos, a cuja freguezia pertence,

É toda construida de granito, e ainda n'ella se celebram os officios divinos. A capella-mór, parece mais antiga do que o corpo da igreja. As paredes são lizas, com frestas estreitissimas, tendo uma cornija ou cimalha, com *cachôrros* salientes, e figuras em alto relêvo, representando cabeças de animaes, e de homens, e outros objectos; porém, as paredes do corpo da igreja, são lizas. Diz-se que a capella-mór foi construida no seculo 12.º

Ainda conserva a pia baptismal.

Vinham a esta igreja, em dias determinados, e desde tempos remotissimos, varias romarias, clamores e ladainhas, de muitas freguezias em redor, e de algumas bem distantes, até mesmo da margem direita do Douro (Traz-os-Montes.)

Tambem aqui foram sepultadas, em eras remotas, pessoas illustres, de povoações muito distantes—de Donéllo, Provezende, e outras de Traz-os-Montes.

Ainda em 1869, se viam em redor da ermida, muitas sepulturas, com tampas de pedra, e n'ellas gravados diversos emblemas da primeira nobresa, como pendões, caldeiras, lanças, cruzes (de diversos estylos) e outros objectos.

Hoje, de tão venerandos monumentos, apenas restam alguns bocados, servindo de alvenaria, em uma tosca parede do adro: tudo o mais foi roubado, e se empregou em paredes e vallados, das aldeias proximas.

Desde tempos de que não ha memoria, se faz aqui uma feira, nos principios de junho.

A distancia de uns 60 metros d'esta ermida está um môrro de granito, do qual se descobre um vasto horisonte, e um panorama surprehendente.

Veem-se n'esta penedia, vestigios de antiquissimas fortificações, e ha aqui uma fenda ou caverna, hoje quasi toda obstruida, que, segundo a lenda, era uma estrada coberta, dos mouros.

Perto d'este môrro, ha uma capellinha, dedicada ao apostolo S. Pedro, tambem muito antiga. Foi reedificáda em 1866, achando-se então—nas escavações que se fizeram no seu pequeno adro—algumas amphoras e moedas romanas.

Ao sopé da encosta do morro, na margem direita do rio Têdo, e junto á ponte de Santo Adrião (vide *Adrião*) se encontrou, ha annos, outra galeria, ou *tunnell*, cuja construcção o povo attribue aos mouros.

Por estes sitios, se encontram com frequencia sepulturas abertas a picão, nas rochas, e vestigios de construcções antiquissimas, taes como o castello da freguezia de Pinheiros, que é limitrophe, o monte do Crasto, em Goujoim, etc.

A villa de Barcos é muito antiga, e tem

familias nobres, entre as quaes se dintingue a familia Magalhães. Extinguiram-se outras familias antigas, entre ellas a dos Heredias.

Barcos já foi cabeça de concelho e de comarca, passando a séde d'esta para Taboagço, e d'aqui para Armamar.

Não tinha foral velho ou novo.

Barões de Sabroso

João Infante de Lacerda (pae do primeiro e do segundo barão de Sabroso) foi fidalgo da casa real e coronel de milicias. Nasceu a 13 de julho de 1770. Casou a 8 de dezembro de 1790, com D. Felicia Joanna de Frias de Macedo de Souza Tavares, filha e herdeira de Thomaz de Souza da Costa de Aguiar, e de D. Anna Julianna Joaquina de Sequeira da Gama.

Foram seus filhos:

1.º—*D. Maria Carlota*, açafasta da rainha D. Carlota Joaquina, mulher de D. João VI, com exercicio no quarto de Sua Magestade, quando princeza da Beira. Nasceu em 4 de novembro de 1791, e casou, a 12 de fevereiro de 1822, com Alexandre de Magalhães Coutinho, fidalgo da casa real, commendador da ordem de Christo e major do exercito.

2.º—*Simão*, do qual adiante trato.

3.º—*Carlos*, idem.

4.º—*D. Maria Amalia*, açafasta da mesma rainha D. Carlota Joaquina.

5.º—*Francisco Infante de Lacerda*, capitão de cavallaria, nascido a 3 de dezembro de 1800. Casou, a 9 de novembro de 1834, com D. Maria Emilia Teixeira Gravito, filha de Francisco Manuel Gravito da Veiga Lima, cavalleiro da ordem de Christo, desembargador da casa da supplicação (Vide 7.º vol., pag. 328. col. 2.º) e de D. Marianna Teixeira Pinto d'Azevedo Cabral.

6.º—*D. Maria da Conceição*, nascida a 18 de novembro de 1810.

1.º Barão

Carlos Infante de Lacerda de Sousa Tavares, 3.º filho de João Infante de Lacerda, nasceu a 18 de dezembro de 1796, e morreu em Paris a 22 de setembro de 1830.

Foi commendador da ordem de Christo, cavalleiro das da Torre e Espada, e da Legião d'Honra em França.

Era coronel de cavallaria, governador da Torre do Outão.

Foi um militar distincto na guerra peninsular e na do Rio da Prata (America).

Foi ajudante de ordens do general Sebastião Pinto, e em 1828 emigrou com o general Saldanha para França, por não poderem entrar na Ilha Terceira, por os estorvar o cruzeiro inglez (Vide na 2.^a *Saldanha*, a biographia do general d'este appellido).

Foi feito barão em 26 de outubro de 1823.

2.º Barão

Simão Infante de Lacerda de Sousa Tavares, do conselho de Sua Magestade, commendador da ordem de Christo, cavalleiro das de S. Bento de Aviz, e Torre Espada; governador da India, e brigadeiro do exercito. Succedeu a seu irmão no titulo a 10 de fevereiro de 1835.

Nascera a 4 de novembro de 1793, e casou duas vezes—a primeira a 10 de fevereiro de 1823, com D. Maria Antonia de Magalhães Pizarro (açafta da rainha D. Carlota Joaquina). Havia nascido a 11 de novembro de 1797, e falleceu a 24 de julho de 1835. Casou segunda vez a 7 de agosto de 1837, com D. Maria Thereza de Mello, viuva de D. Manuel da Camara (Ponta Delgada)

Nascera a 8 de novembro de 1795, e era filha dos segundos marquezes de Sabugosa.

Só teve filhos do matrimonio, e foram:

1.º—*João*, do qual adiante trato.

2.º—*João Maria Infante de Lacerda*, nascido a 10 de junho de 1824.

3.º—*Antonio Infante de Lacerda*, nasceu a 26 de outubro de 1825.

3.º Barão

João Infante de Lacerda Sousa Tavares Pizarro, nascido a 16 de março de 1823.

Foi feito barão em 30 de abril de 1858.

SABRÔSO — aldeia, Traz-os-Montes, na freguezia de Vereia de Bornes, concelho e 9 kilometros ao N.E. de Villa-Pouca-d'Aguiar.

Esta pequena povoação tornou-se notavel, pelo facto seguinte:

Pego desculpa por ser alguma cousa difuzo, mas, anda tão deturpada a nossa historia contemporanea, que me vejo obrigado a tratar este ponto mais circunstanciadamente.

Serei, n'esta narração, imparcialissimo, e nada direi que não seja da mais exacta verdade.

Em maio de 1846, varias freguezias da provincia do Minho, revoltam-se contra o governo do ministro Antonio Bernardo da Costa Cabral, que havia sido feito conde de Thomar, em 8 de setembro de 1845.

Em breve, ou, para melhor dizer, com a rapidez do raio, a revolução se estendeu por ambas as provincias do norte, e pelo resto de Portugal.

O povo, principalmente do Minho e Traz-os-Montes, proclamava, na sua maxima parte, o sr. D. Miguel I.—Tambem não faltava quem proclamasse a republica, mas era geral o grito de *viva o povo! Morram os Cabraes!*¹

Os partidos realista e septembrista trataram cada um de guiar para o seu lado os insurreccionados; porém muitos realistas, julgando a *fructa ainda muito verde*, tomaram o partido da junta do Porto.

Antonio Ribeiro Saraiva, animava de Londres os realistas, e o proprio Sr. D. Miguel se tinha transferido para aquella cidade, com o fim de estar mais proximo dos revoltosos

¹ Já tenho dito e repetido—fôra do dicionario, sou legitimista, mas n'esta obra, sou apenas catholico e portuguez—nada menos e nada mais: quem julgar o contrario, engana-se. Se algumas vezes errar, quando tratar de cousas politicas contemporaneas, não é por vontade, mas por más informações. N'este artigo porem, não me engano, porque acompanhava o Macdonell, na qualidade de capitão de atiradores do regimento de infantaria de Braga (vulgo —*regimento do Populo*) e que depois da liga com os da junta do Porto, se denominou, primeiro, *terceiro regimento de fusileiros da liberdade*, e depois—*infanteria n.º 9*.

Já se vê que conto o que presenciei.

e poder reunir-se mais facilmente a' elles, se as cousas corressem favoraveis aos realistas.

Em Portugal tinham-se organizado clandestinamente commissões, em muitas localidades, a favor do Sr. D. Miguel, e os *esquelleros* dos batalhões estavam formados em agosto de 1846.

Ribeiro Saraiva convidára o general escocês, Reynaldo Macdonnell (Mac-Donald) para se pôr á testa do movimento realista, ao que elle logo annuiu.

Mas os realistas principiaram desde logo a ser atraçoados, e tanto os principaes partidarios da Sr.^a D. Maria II, como os membros da junta do Porto, sabiam tanto (ou talvez mais) do que se hia passando entre os realistas, do que estes mesmos.

Os cabralistas mandaram para Londres as suas instrucções ao general Saldanha, que tinha fugido para lá, e estou inteiramente convencido que elle se colligou com Macdonnell, para que a revolução tivesse o fim que teve em 1847.

O que é certissimo é que Saldanha e Macdonnell sahiram de Londres no mesmo vapor inglez, com direcção a Portugal.

Saldanha recebeu desembarcar em qualquer ponto do litoral portuguez, e foi desembarcar em Gibraltar, vindo por terra para Lisboa (disfarçado não sei em qué) para fazer a emboscada de 6 de outubro.

Macdonnell já tinha desembarcado no Porto, com passaporte passado em outro nome, 5 ou 6 de agosto de 1846, e foi para casa do *consul* inglez, onde esteve alguns dias.

Os realistas souberam logo da chegada do seu futuro general; mas, antes d'elles, já o sabiam os chefes do partido cabralista.

Macdonnell deixou-se estar no Porto, muito descansado, sem cuidar de cousa nenhuma que respeitasse ao fim para que vinha, e só a poder de muitas instancias sahio do Porto para a quinta de Linhares (sobre a margem esquerda do Douro, na freguezia de Sardoura, concelho de Castello de Paiva, a 35 kilometros do Porto) a 6 de setembro.

Em Linhares tratava só de ler o *The Tablet* e outros jornaes britannicos; de comer bem, e *beber melhor* (como bom inglez) e de dormir.

Todo o mundo sabia onde elle estava, e nada era mais facil á junta do Porto, do que mandal-o prender; mas não o fez, porque suppunha, do interesse do seu partido, que os realistas se posessem em campo, para que, sahindo-lhes as cousas adversas, se reunissem aos republicanos, como se realisou.

Por mais que fosse instado para proclamar o Sr. D. Miguel, se recusava sempre a isso, allegando que *só elle sabia* quando era occasião propria. (Na minha opinião, esperava pela *emboscada* de 6 de outubro.)

Só a 14 de novembro é que deu ordem para se fazer a acclamação na villa de Sobrado, capital do concelho de Castello de Paiva.

Rodrigo de Sousa Tondella (o fidalgo do Atalho) tinha a sua gente prompta em Agueda e suas immediações—o major Vasconcellos, em Aveiro—João d'Albuquerque (ofidalgo da Insua) nas proximidades de Viseu—os Bandeiras, em Estarreja—Antonio de Castro Corte-Real (tio de José Luciano de Castro), na Feira—Sebastião de Castro e seu irmão, Antonio Carlos de Castro (os fidalgos do Covo) em Oliveira de Azemeis.—Estes eram os que estavam mais proximo de Linhares; e do mesmo modo havia forças clandestinamente angariadas e que estavam promptas á primeira voz, ao S. e ao N. do Douro; porém Macdonnell, não deu parte do dia da revolta, senão ao commandante do batalhão denominado *voluntarios realistas de Paiva*, que foi o unico que fez a acclamação. Este batalhão, *sahiu á rua*, com a força de 470 homens, só das primeiras 4 companhias (duas de Paiva 1.^a e 2.^a—a 3.^a de Melres—e a 4.^a de Fermêdo) porque a 5.^a e 6.^a, que deviam ser de Canêdo e Grijó, não se formaram, porque se não apresentaram senão trez individuos, que deviam ser officiaes, para ambas as companhias, e um *soldado* de cada uma! Depois é que se organizaram com gente que se foi apresentando.

Bernardo José da Silva Tavares (filho do brigadeiro Tavares, de quem tenho de fallar) estava nomeado capitão da 5.^a, e não poudo reunir mais do que um alferes e um soldado.—Um funileiro, de appellido Freitas, de

Este punhado de gente sahiu de Paiva a 16, e a 18 estavamos em Buáças, quando passou pelo rio abaixo o general Sá da Bandeira, com a sua gente em 13 barcos, na retirada da derrota de Valle de Paços. Houve então ao longo do rio, um tiroteio entre realistas e septembristas, do qual apenas resultaram—um guerrilha realista morto; e um capitão e trez guerrilhas prisioneiros.¹ Nos patuleias houve alguns feridos, mas nenhum morto. Como Sá da Bandeira tinha mandado por terra—pela margem esquerda do rio—o batalhão nacional da Vista Alegre, commandado por Alberto Ferreira Pinto Basto, cahiu todo—que era muito pequeno—em poder de uma guerrilha miguelista que, mesmo sem ordem de ninguem, se tinha levantado em Nespereira, e era commandada pelo capitão-mór, Luiz do Amaral Semblano. Os da Vista Alegre foram todos desarmados e mandados para suas casas.

Tambem antes do tiroteio, tinham sido em Buáças aprisionadas 36 praças da guarda municipal do Porto, que hiam reunir-se ao Sá da Bandeira, commandadas por um coronel de artilheria. Foram desarmados (menos o coronel) e deixados hir em paz. Como alli lhe dissemos que as tropas da junta tinham sido derrotadas em Valle de Paços, por causa da traição de alguns corpos, voltaram para o Porto.

Tambem então os realistas tomaram aos da junta 2:500 pares de sapatos, que vinham de Villa Real, por terra, pela margem direita do Douro.

Foi uma providencia para os realistas, porque os seus guerrilhas, hiam uns de sapatos, outros de chinellos, e a maior parte, de tamancos.

Grijó, nomeado capitão da 6.ª, e que tinha certificado que a sua parte levaria mais de 300 homens, apresentou-se só com um, que, logo em Marco de Canavezes, foi expulso por ladrão!

¹ O aprisionamento d'estes quatro guerrilhas teve sua graça. Elles estavam n'uma enseada, gritando para os dos barcos—«Á terra! Á terra!»—Um barco de patuleias obedeceu; mas, chegando a terra, e vendo só quatro paizanos, agarraram-os e os levaram no mesmo barco para o Porto.

Apesar dos realistas sahirem de Paiva só com 470 homens, chegaram, no mesmo dia 18, ao Marco de Canavezes, com perto de 2:500, porque logo na margem direita do Douro, se lhes reuniu a gente de Bayão, Bem-Viver, e outras localidades.

D'aqui marchámos para Braga, por Guimarães, mas tudo na maior desordem, e apesar d'isso, a força hia sempre crescendo, e, se tivessemos armas, polvora, e que lhes dar a comer, quando chegámos a Braga, levaríamos 10 ou 12 mil homens.

A derrota que soffreram os realistas em Braga, pelas tropas do Casal, a 20 de dezembro de 1846; e a sua inqualificavel retirada para Guimarães, e de lá para Amarante, onde estiveram 23 dias, sem nada fazerem, é de todos bem conhecida, nem eu quero enfadar os leitores com a narração circumstanciada d'esta marcha.¹

¹ Sempre aqui contarei uma anecdota, que é de muito poucos conhecida.

Nós retirámos (melhor diria—*fugimos desordenadamente*) de Braga para o Carvalho d'Este, e de lá para a Senhora do Porto d'Ave. D'aqui é que marchámos no dia 22 para Guimarães.

Chegados a esta cidade, alli nos deixámos ficar, tão descuidados e descansados, como se todo o reino estivesse em profunda paz. Não tínhamos um posto avançado para o lado de Braga (O.) nem sequer um piquete na frente: apenas tínhamos alguma gente em trez pontos, á entrada da cidade.

Eu estava vendo quando uma bella manhã éramos suprehendidos inopinadamente pelas tropas do Casal, e feitos todos em postas.

Uma noite em que eu estava de *official superior*, chamei um sargento e cinco soldados da minha companhia, nos quaes tinha plena confiança, e com cujo silencio contava, e guiados por um realista de Guimarães sahimos da cidade, pelas 11 horas de uma noite escurissima, e fomos dar trez descargas, uma a cada um dos taes nossos piquetes. Feito isto, recolhemos pelo mesmo caminho, e fui dar ordem ao *supporte* (que estava na casa da camara) para se pôr em armas, mandando a corneta tocar a reunir, por todos os cantos da cidade.

Fui dar parte do occorrido ao Macdonell, que estava aquartellado em casa do conde da Azenha, dizendo-lhe que já trez dos nossos piquetes tinham sido atacados pelos cabraes. Só assim, e ainda á força de instan-

Talvez publique, em livro, toda a historia d'essa revolta miguelista, que tão desfigurada tem andado até hoje.

Finalmente, a 20 de janeiro de 1847, deu Macdonnell ordem para marcharmos sobre Villa Real.

Sahimos de Amarante muito tarde, pelo que tivemos de passar o Marão de noite e com neve de 0^m,60 de alto, chegando á Campaen pelas duas horas da noite!

No dia seguinte marchámos para Villa Real, na força de 1:200 homens.

Mas já então estavam em armas na provincia do Minho, mais de nove ou dez mil homens, que alli tinham ficado.

O celebre *padre Casimiro*, tinha uma força de quatro a cinco mil homens (grande parte d'elles cobertos de *palhoças*, e todos mal armados e peor disciplinados).—O *abade de Priscos*, commandava outra guerrilha—O *Padre Manoel das Agras* tinha levantado outra—O *brigadeiro Luiz Leite* tinha reunido uma força superior a mil homens—O *coronel Francisco d'Abreu* estava nas proximidades de Vianna, á frente de uns 300 ou 400 homens—E finalmente o *marechal Bernardino Coelho Soares de Moura* (que depois a junta fez barão de Freiamunde) estava em Penafiel com uns 600 ou 700 homens, sendo 60 de bons soldados de cavallaria, perfeitamente armados, e optimamente montados.

Este nunca quiz obedecer ao Macdonnell; e teve juizo.

Porém o Macdonnell não quiz levar para Traz os Montes mais do que os taes 1:200 homens—*elle lá se entendia*.

Emquanto estivemos em Villa Real, andava o Vinhaes, com uns 500 homens, pelos arredores da Villa, sem se atrever a atacarnos.¹

cias, é que o homem se resolveu a retirar á meia noite, e na maior desordem, na fórma do costume.

O que é certo é que na madrugada do dia seguinte, entraram as tropas do Casal em Guimarães.

Vejam do que nós escapámos!...

¹ As forças de Vinhaes eram compostas de contingentes de caçadores 3, infantaria 3 e 15, um pequeno batalhão de empregados

Os povos d'estes sitios queriam que Macdonnell lhes desse pelo menos 200 homens do meu regimento, comprometendo-se a derrotarem completamente as forças do Vinhaes; mas elle recusou-se obstinadamente a esta exigencia

Por fim, contentavam se em lhes darem algumas centenas de maços de cartuxos; mas elle nem a isto annuiu. Deram-se-lhes apenas 50 ou 60 maços sem que o general soubesse.

Em 30 de janeiro, resolveu o Macdonnell marchar sobre Chaves, com o fim — dizia elle — de tomarmos posse da praça, que só tinha de guarnição alguns veteranos, e apoderarmos-nos de grande numero de armas, mochilas, cantis e outros petrechos de guerra, que o 13 de infantaria havia deixado no castello.¹

Pelas 11 horas da escurissima noite de 30 para 31 de janeiro, sahimos de Villa Real, debaixo de um temporal desfeito, de chuva e vento, não tendo os infelizes soldados, capotes nem patronas, nem guardas-fechos, nem ao menos bornaes.

Alagados em agua, foram ficando pelas aldeias que estanciavam pelo caminho, de maneira que quando Macdonnell chegou no dia 31 a Villa Pouca de Aguiar, não levava 400 homens.

O resto foi-se-lhe reunindo aos grupos, cada um por sua vez. Todos alli chegaram sobremodo cansados, molhados e mortos de fome.

Vinhaes, sabendo logo da retirada dos realistas, marchou em seu seguimento, mas entrestando-se os seus soldados, durante a marcha, a praticarem as atrocidades do costume.

Em Villa-Sécca, assassinaram o desgraça-

fiscaes, e uns 40 cavallos (quasi todos estropiados) de cavallaria n.º 7.

¹ Era a unica cousa em que o escocoz não mentia. Com effeito, em abril, a brigada de Soares de Moura (da qual eu commandava então a guarda avançada) alli foi encontrar, dentro de uma cisterna enxuta, grande quantidade de utensilios militares, e até a espada que tinha sido do general Macdonnell, que Soares de Moura me deu.

do e velho Pacheco, que tinha sido official convenccionado em Evora-Monte. Em Zimão, na Gralheira e em Villa Pouca de Aguiar, tambem acutilaram algumas pessoas; e até algumas mulheres e creanças!

Os realistas haviam passado a noite de 31 em Villa Pouca: mas na manhã do dia seguinte, ouve-se o grito aterrorador de—*Os Cabraes!*—Foge tudo, na maior desordem, na direcção de Chaves, mas a uns 9 ou 10 kilometros da villa, mudou de rumo; torcendo para Ribeira de Pena.

Macdonell, chegando a um cabeço, chamado *Tapada do Ervedeiro*, na descida da serra do Mação, proximo á aldeia de S. Payo, freguezia de Villa Pouca de Aguiar, apeia-se e põe-se com o oculo a observar os movimentos do inimigo, que se descobria perfeitamente em uma planicie á nossa retaguarda.

Ao lado do Macdonell estava o seu *estado maior*, que se compunha dos seguintes individuos:—Victorino José da Silva Tavares, brigadeiro, servindo de quartel-mestre-general; Sebastião de Castro Lemos Magalhães e Menezes, commandante do pequeno batalhão de voluntarios realistas de Estarreja—seu irmão, Antonio Carlos de Castro (os fidalgos do Côvo)—José Maria d'Abreu, irmão do coronel Francisco de Abreu (de quem já fallei) ajudante d'ordens do general—Manoel Negrão (filho do desembargador Negrão) ajudante d'ordens—e Ferreira Rangel (*o escrivão fidalgo*) idem—todos montados.

As forças realistas já hiam longe, e toda esta gente—que, como se vê, era a principal—estava separada da sua tropa.

Debalde expunham ao escocoz o perigo em que estavam, elle teimava em conservar-se no mesmo sitio, e respondia—«Eu sei o que faço.»—

Talvez não soubesse muito bem, porque nunca sahia do seu quarto de cama, sem ter bebido uma boa porção de aguardente.

Os cabralistas avançavam sempre, e quando o sequito do Macdonnell viu que elles estavam apenas a alguns passos de distancia, fugiram a toda a brida.

Antonio Carlos de Castro, que ainda se demorou alguns momentos, a ver se convenia o general a retirar, deveu á velocidade do seu cavallo, escapar a uma morte tão horrivel como ingloria.

Só o infeliz Ferreira Rangel, levado de uma mal entendida quanto mal empregada abnegação, dissera aos que lhe pediam que fugisse—«Hei de morrer onde morrer o meu general.»—

Um sargento e trez soldados de cavallaria, cabralistas, são os primeiros que chegam ao pé do Macdonell, e este offerece a sua espada ao sargento, que lhe responde com uma cutilada. O general diz-lhe:—«Oh, eu sou o general Macdonell.»—Outra cutilada.—«Eu quero fallar ao general Vinhaes.»—Uma estocada, que o mata.

O desgraçado Rangel ainda se defendeu por alguns momentos, mas o que podia fazer um velho,¹ contra quatro cavallarias e elle apeado? Teve a sorte do Macdonell.

O sargento, occupou-se logo em saquear o general, roubando-lhe 33 peças, em ouro, que tinha recebido em Amarante, e o mais que já trazia; o collete, que era bordado a ouro, e as esporas, que eram de prata. (São os prós dos carrascos.) Os trez soldados lhe roubaram o resto, assim como ao Rangel, deixando-os a ambos apenas em camisa e seroilas.

O povo os enterrou (diz-se que por ordem de Vinhaes) na ermida de Santo Amaro, da aldeia de Sabroso, a 9 kilometros de Villa Pouca, e da freguezia da Varéia de Bórnos, concelho de Villa Pouca. (Em Sabroso ainda ha outra capella, da invocação de Nossa Senhora do Loréto, particular.)

Assim terminou a existencia, um homem que, se não fosse traidor nem bebado, talvez n'aquella conjunctura tivesse feito alguma cousa a favor do partido legitimista, pe-

¹ Macdonell tinha quasi 80 annos e Rangel, 60. Estes dois assassinatos foram pois estupidamente cobardes e infames. Só cabralistas seriam capazes de praticar um acto tão deshonoroso para um militar portuguez! Quanto mais, era evidentissimo que o escocoz se queria entregar, visto estarem conseguidos os fins a que veio—a intervenção estrangeira.

lo menos, obter uma capitulação vantajosa para os realistas.¹

O sequito do general, foi reunir-se á força, que esperava na Ribeira de Pena, e o Vinhaes não se atreveu a atacar ali os realistas, apesar de estarem bem proximos, e ainda no concelho de Villa Pouca d'Aguiar.

Da Ribeira de Pena, marchou a força para Cavéz (concelho de Cabeceiras de Basto) e d'alli se foi reunir ao general Soares de Moura, que estava em Guimarães, e já tinha feito a junção com as tropas republicanas.

Assim acabou a revolta miguelista de 1846, tão mal principiada, como pessimamente dirigida; porém o fim do Saldanha e dos cabralistas estava conseguido—era a intervenção da Hespanha, França e Inglaterra, allegando para o conseguirem, que os revoltosos tentavam collocar no throno o monarcha exilado.

SABROSO—monte, Minho, proximo e em frente de Citania de Briteiros.

(Vide *Briteiros*, *Citania*, e *Romão de Briteiros* (São)—Fica a 3 kilometros das Taipas.

O sr. doutor Francisco Martins Sarmento, de Guimarães, do qual já mais de uma vez tenho fallado com louvor, n'esta obra, não satisfeito com os incommodos pessaes, e com os sacrificios pecuniarios a que o tem levado o seu amor pela archeologia, mandou tambem, em setembro de 1877, principiar as escavações n'este monte de Sabroso, onde ha muitos e claros vestigios de uma povoação destruída, e que existiu em eras remotissimas.

O sr. Sarmento, tem aqui achado monumentos que parecem ainda mais antigos do que os achados no monte de S. Romão de Briteiros (a *Citania* de que tanto se tem fallado.)

Eis o final de uma carta que este incansavel investigador escreveu, em 1878, ao sr. Manuel Maria Rodrigues:

¹ Foi a primeira vez que se viu morrer ferido, o general de uma força qualquer, sem ser ferido ou prisioneiro um só dos seus soldados.

«O typo das construcções de Sabroso é em geral o da Citania, mas ha aqui suas differenças.

«As casas circulares, por exemplo, algumas são cercadas até certa altura por outra parede circular, só com a face para fóra e que não sei para que serviam, porque não reforçam de certo as paredes principaes da casa.

«Mesmo no planalto, algumas casas estão soterradas 2 e meio a 3 metros. Em uma escavou-se até á profundidade de quasi 3 metros, encostrando-se sempre carvão, fragmentos de ossos e de louça, sem chegar ao fim.

«Para o anno escavarei mais fundo.

«O carvão e ossos são abundantissimos, mas os fragmentos dos ossos, infelizmente, são miudissimos.

«Faz reflectir o seguinte: em Sabroso não encontrei ainda, nem fragmentos de telha, nem de amphoras, nem de louça vermelha, nem de vidro, e, cousa não menos digna de notar, quasi toda a ornamentação da louça é differente da da Citania.

«Objectos de bronze encontrei, no pouco tempo que escavei, um terço dos que tenho reunido na Citania.

«Entre elles figura um braseléte de estylo celtico, se não nos enganam os especialistas, um broche tambem curioso e uma agulha do tamanho e fórma das nossas agulhas albardeiras. Do mais, fibulas, alfinetes e outros fragmentos inclassificaveis.

«A muralha não é destacada como as da Citania; é como um muro de suporte ao planalto, onde ficava o forte da povoação. Julguei que seria de pouca altura e mandei descobrir um lanço d'ella. Appareceu-me uma muralha, que na parte conservada tem 3^m,34 de altura; mas se a completarmos até onde ella ia primitivamente, como o mostra a fieira de pedras que fórma a aresta da planura, temos 5^m,10 e de largura 4^m,50!

«Ao pé da muralha, a escavação deu muito caco, muito carvão, objectos de bronze e de ferro, que parecem accusar ainda um feitiço de armas, e um pequeno machado de pedra polida, esverdeada.

«Este machado, da fórma muito conheci-

da dos Machados de silex, parece pelas suas pequenas dimensões não ser uma arma, mas um amuleto, ou um objecto pertencente ao culto.

«Lembrarei que na Citania, tenho uma cabeça de boi, de pedra, e um focinho do mesmo animal. A cabeça, na parte posterior, mostra evidentemente que encaixava em um corpo, que ha muito anno, de certo, foi feito pedaços.

«Fui ver uma pedra que pertenceu a Sabroso e hoje está em casa de um lavrador. Tem 2,06 de largo e 0,92 de alto. Ao centro vê-se um sulco, com o rebaixe de 0^m,02; e dos lados, em direcção ao mesmo sulco, outros dois com o rebaixe, começando (de dentro para fóra) n'uma pollegada e acabando em zero.

«Esta pedra estava, dizem, sustentada por duas outras cylindricas, uma das quaes vi. Tem de alto 0,35, e de diametro 0,16. Apesar das diferenças que existem n'ella, não me sahe da ideia que esta pedra tinha uma applicação identica á da *Pedra Formosa*.

«Existe ainda um pedreiro que a viu no sitio em que se achava. Hei-de chamal-o e tractar de saber ao certo o local que ella occupou, para o explorar cuidadosamente.

É possivel que em Sabroso esteja a chave de muitos enigmas da Citania. Para o anno vou atacal-o com coragem. A illustre camara vimaranense já me deu ampla licença para escavar o morro e marcar alguns penedros, onde, como na Citania, estão gravados circulos concentricos e outros signaes, salvando-os dos montantes e dos lavradores visinhos, que já não levaram pouco ladrilho e pedraria.

«Ora aqui tem o meu amigo o que me deu este anno a archeologia. Pouco é, mas se só bastasse dar duas cavadellas para encontrar thesouros, quem não entraria n'esta faina? Seu, etc.—*F. Martins Sarmento*.

SABUDO—portuguez antigo, *sabido*.

SABUGA — famosa fonte, Extremadura, junto á villa de Cintra.

A sua architectura nada tem de notavel, mas é afamada pela salubridade e frescura da sua agua, que é sempre fria de neve,

mesmo ao meio dia, nos dias mais calmosos de verão.

Vem aqui a *talho de fouce*, responder a um anonymo, que ha poucos dias me escreveu uma carta muito delicada, fazendo grandes elogios a esta obra, mas accusando-me de mencionar cousas de pouca valia, deixando no esquecimento outras mais importantes.

Como o anonymo é sobremodo cortez na sua queixa, respondo-lhe:—Tem razão; mas eu não sou Deus, nem o diabo. Escrevô de tudo quanto vejo que pôde dar algum interesse á obra; mas só d'aquillo de que posso obter informações, ou que vou examinar com os meus proprios olhos. Não adivinho: se tivesse esse condão, muito mais perfeita seria esta obra, porque todo o meu desejo é que ella satisfaça os meus loitores, e que eu cumpra o que lhes prometti nos prospectos.

Tenho feito todas as diligencias para isso, e, se o não tenho conseguido, a culpa, em grande parte, cabe a muitas pessoas a quem me tenho dirigido, a pedir informações, e que me não dão resposta.

N'este numero (com magua o digo), entram muitos reverendos parochos, que se teem recusado, tacitamente, a satisfazer aos pedidos que com toda a humildade lhes tenho feito, e que mostram bem pouco amor ás cousas da sua freguezia, pois nem se dignam responder ás minhas cartas. Deixal-os.

SABUGAL—villa, Beira Baixa, cabeça da comarca e do concelho do seu nome, 120 kilometros ao S.E. de Lamego, 30 da Guarda, 300 ao E. de Lisboa.

Tem 350 fogos.

Em 1757, tinha 248.

Orago, S. João Baptista.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Esta villa é composta de duas freguezias, hoje unidas:

São João Baptista, que é a actual matriz.

Em 1757, tinha 123 fogos.

A mitra apresentava o abade, que tinha 200\$000 réis.

Nossa Senhora do Castello, que em 1757, tinha 125 fogos.

Tambem era abbadia da mitra, e o abade tinha 150\$000 réis.

O concelho do Sabugal, é composto de 44 freguezias, sendo 29 no bispado de Pinhel, que são:

Aldeia da Ponte, Aldeia do Bispo, Aldeia da Ribeira, Aldeia Velha, Alfaiates, Bismulla, Badamallos (ou Badamalhos), Bemdada, Cerdeira, Foyos, Forcalhos, Lageosa, Malhada Sôrda, Miusella, Nave, Nave d'Aver, Parada, Porto d'Ovelha, Quadrazaes, Rendo, Rebolosa, Ruivoz, Sabugal, Souto, Valle de Espinho, Villa Bôa, Villar Maior, Valle de Eguas e Valle Longo.

No bispado da Guarda 15, que são:

Agua Bellas, Castelleiro, Lomba, Malcata, Moita, Pena Lobo, Pousa Folles, Quintas, Rapoula do Côa, Ruvina, Santo Estevão, Seixo do Côa, Sortelha, Urgeira, e Villa do Touro.

Todas com 7:800 fogos.

Este concelho tinha ainda mais 13 freguezias, todas do bispado de Pinhel, que pertencem agora ao concelho d'Almeida.

São:

Ade, Aldeia Nova, Amoreira, Azenhal, Cabreira, Castello Mendo, Freixo, Leomil, Monte Perobolso, Mesquitella, Mido, Péva, e Senouras.

(É preciso ver *Castello Mendo*, por causa das freguezias que foram para o concelho d'Almeida.)

A comarca do Sabugal é composta só do seu julgado.

Está a villa edificada em uma planicie, proximo ao Rio Côa, que a rega pelo sul.

É a principal povoação do districto denominado *Riba Côa*, ficando a distancia de 6 kilometros da villa de Sortelha, 60 ao S.E. de Castello Branco, e 18 ao N.E. da raia de Hespanha.

Era uma das povoações que em 1282 passaram para a corôa de Portugal, como dote da rainha Santa Isabel, filha de D. Pedro III, rei de Aragão, e mulher do nosso rei D. Diniz.

Fazia até então parte da Estremadura hes-

panhola, e pertencia ao bispado da Ciudad de Rodrigo.

Segundo a maior parte dos escriptores, foi fundada por Affonso X de Leão, em 1220, dando-lhe o nome de Sabugal, pelos muitos sabugueiros que aqui havia.

É porisso que as suas armas são:

Em campo azul, um sabugueiro da sua côr, tendo á esquerda uma chave d'ouro, alludindo ao seu castello.

Estas armas lhe foram dadas pelo rei D. Diniz.

Esta villa é celebre pelos muitos factos historicos n'ella occorridos—mencionarei os principaes.

Em 1224, aqui assentaram pazes, estando prezentes, D. Sancho II, de Portugal, e D. Fernando III, de Castella.

Em 1287, tambem tiveram uma entrevista no Sabugal, o nosso rei D. Diniz, e D. Sancho, o *Bravo*, rei de Castella.

Em 1328, ajustado o casamento da nossa infanta D. Maria, filha primogenita de D. Affonso IV, e da rainha D. Brites (filha de D. Sancho IV, de Castella) com o rei D. Affonso XI, de Castella, sahiu a noiva de Coimbra, acompanhada por seus paes, e pela rainha Santa Isabel, sua avó.

Chegou a real comitiva ao Sabugal, e aqui se demorou alguns dias, para receber a infanta D. Leonor, irmã do rei castelhano, que veio com um brilhante séquito, para visitar a Rainha Santa, que era tambem sua avó, e os reis portuguezes, seus proximos parentes.

Houve por esta occasião muitas e luzidas festas, em obsequio dos reaes hospedes, que d'aqui partiram para a villa d'Alfaiates, proximo da fronteira da Extremadura, que então pertencia aos reis de Leão, e a essa villa chegou D. Affonso XI, e se celebrou na egreja matriz o ajustado casamento.

Estas festas e alegrias, duraram bem pouco tempo; porque ainda no mesmo anno de 1328, houve guerra entre Portugal e Castella, havendo grandes perdas de parte a parte. Terminou esta campanha pelo casamento do infante D. Pe-

dro, filho de D. Affonso IV, com a infante D. Constança, filha do infante D. João Manoel, ainda em 1328.

D. Constança morreu em 1345.

O rei D. Diniz, logo que recebeu as povoações leonezas que sua mulher lhe trouxe em dote, tratou de fortificar todas as que julgou serem pontos mais importantes, em caso de guerra com leonezes ou mouros.

Pelos annos de 1296, mandou construir o forte castello de Sabugal, e no centro d'elle a torre de menagem, de grande altura, e de fórma pentágona, e no fecho da sua mais alta abobada, mandou collocar as armas de Portugal, e por baixo d'ellas, esta inscripção:

ESTA FEZ EL-REI D. DINIZ,
QUE ACABOU TUDO O QUE QUIZ;
E QUEM DINHEIRO TIVER,
FARA' TUDO O QUE QUIZER.

É também alludindo á fórma estrambótica d'esta torre, que em quasi todo o reino se canta esta quadra:

*Castello de cinco quinas
Não o ha em Portugal,
Senão junto ao rio Côa,
Na villa do Sabugal.*

Tambem foi o rei D. Diniz que deu foral a esta villa, estando elle em Trancoso, a 40 de novembro de 1296.

(*Livro 2.º das Doaçõs do rei D. Diniz*, fl. 128, col. 1.º)

O rei D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de junho de 1515.

(*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 127, col. 2.º)

Este foral é também o de Forcalhos, e Souto da Silva.

Como quasi todas as nossas povoações da raia, Sabugal foi *couto do reino*.

(Vide o 1.º *Couto*, no vol. 2.º, pag. 445, col. 1.º)

Grande feira a 25 de julho.

Misericordia e hospital.

Ainda que de clima excessivo, é terra saudavel, e muito fertil em todos os generos agricolas do paiz.

Muito gado, de todas as qualidades, cêra e mel; caça grossa e miuda, e peixe do Côa.

O primeiro senhor d'esta villa, foi o infante D. Pedro, filho do rei D. Affonso, o *Sábio*, de Leão.

Depois, foi senhor do Sabugal, o infante D. Fernando, filho do nosso rei D. Manuel.

O 1.º conde do Sabugal, foi D. Duarte de Castello Branco, feito por D. Philippe II, em 20 de fevereiro de 1582.

(Vide adiante, onde trato dos condes de Obidos, Palma e Sabugal.)

Em 1708, era senhor do Sabugal, D. Fernando Martins Mascarenhas, que procede de Estevam Rodrigues Mascarenhas, primeiro povoador, e senhor de Mascarenhas, em Traz-os-Montes, no reinado de D. Sancho I.

É progenitor dos condes d'Obidos e Sabugal.

Os romanos davam ao rio Côa, o nome de *Cuda*, e porisso aos povos que estanceavam na sua margem esquerda, denominavam *cudanos*, e aos da direita, *transcudanos*.

Frei Bernardo de Brito (*Geographia Lusitana*) diz que as aguas do Côa, são excellentes para tingir lans e caldear o ferro; mas que são pezadas para beber, e de má digestão; que causam tristeza e dores de cabeça e do ventre; que fazem obtuzo o intendmento; e que offendem o rosto aos que se lavarem com ellas.

Apezar d'estes inconvenientes (dado serem verdadeiros) o Côa rega e fertiliza os campos das suas margens, fazendo-os produzir, com abundancia, cereaes, fructos (especialmente castanhas) linho e optimas pastagens, onde se cria e engorda muito gado de toda a qualidade.

(Vide *Côa*, vol. 2.º, pag. 314, col. 1.º)

Na serra da *Marvana*, por cima de *Valle*

Bolido, e em frente de Quadrazaes, nasce o rio *Basáqueda*.

(Vide esta palavra).

O general francez Massena, tendo recebido um reforço de 30:000 homens, nem assim tenta forçar as *linhas de Lisboa*, e retira a 5 de março de 1811.

O marechal inglez Beresford, com uma divisão de portuguezes e inglezes, segue o inimigo, e o ataca no Pombal, Redinha e Foz d'Arouce.

Massena marcha sempre em retirada, mas os portuguezes o continuam a seguir, e a 3 d'abril o atacam nas planicies do Sabugal, obrigando-o a fugir para a Extremadura hespanhola, no dia seguinte.

No tempo de D. Pedro I, era senhor d'um grande olival, no termo d'esta villa, um tal D. Alvaro, que tomou o appellido, da terra do seu senhorio.

É pois este D. Alvaro do Olival, o progenitor das familias que teem o seu appellido.

As armas dos *Olivaes*, são:

Em campo de prata, duas oliveiras da sua côr, em faxa, com azeitonas d'ouro: elmo de aço, aberto; e por timbre, uma das oliveiras do escudo.

Para não fazer este artigo ainda mais extenso, vide *Sacaparte*.

Ha n'este concelho, minas de mercurio, cobre, ferro e outros metaes.

Nos limites do logar de Ruivoz, termo d'esta villa, e junto a uma *anta*, foram, em 1756, achados, pelo padre José Gaspar Simões, varios machados de pedra (amphibole cinzenta e verde) e facas de silex (pederneira) que estão no museu archeologico d'Evora.

Isto prova que estes sitios são habitados desde os tempos da *idade de pedra*, ou pre-historicos.

A villa do Sabugal, é considerada como cabeça do territorio denominado *Riba-Côa* ou *Cima-Côa*, que pertencendo até 1400 ao

bispado da Cidade de Rodrigo (Extremadura hespanhola, e antigo reino de Leão) se lhe deu, quando vieram para Portugal varias das suas povoações, o titulo de *Bispado novo*.¹

(Vide adiante, onde trato de *Riba-Côa*.)

Este territorio, quando ficou sendo portuguez em toda a sua extensão, foi unido ao bispado de Lamego; mas depois, foi dividido pelos trez bispados, de Lamego, Guarda, e Pinhel.

Como praça de guerra fronteira, foi importantissima até ao seculo 17.º, tendo sempre um governador militar (além do alcaide-mór) e uma boa guarnição de tropa.

O Sabugal, exultou com a mudança de nacionalidade, e tanto que, ainda no reinado de D. Diniz, se formou aqui uma companhia de cavalleiros, como ordem militar, na qual entravam todos os moradores da villa e seu termo, que podiam ter cavallo, e se obrigava cada um a pagar uma libra áquelle a quem morresse o cavallo; e o que crescia, se guardava no deposito da companhia para os seus gastos communs; isto sob pena de 50 libras, ao que faltasse, e com poder executivo para o seu mórdomo cobrar o imposto, passados 15 dias.

Condes do Sabugal,² de Obidos e da Palma, com honras de parentes

(Foram tambem condes d'Azinhoso)

Ja no artigo *Obidos*, e a pag. 186, col. 2.ª, do 6.º volume, tratei dos condes d'Obidos da Palma e do Sabugal, que hoje são representados pelo sr. conde do Sabugal.

Aqui direi mais apenas o seguinte:

A este ramo da familia Mascarenhas (que era tambem a dos duques de Aveiro e mar-

¹ Deu-se-lhe o nome de *Bispado Novo*, depois que a maior parte das freguezias de Riba-Côa, passaram a formar o bispado de Pinhel, creado em 1774.

² Aos condes do Sabugal dá-se vulgarmente a denominação de condes-meirinhos-môres. Veja se no 5.º vol., pag. 162, col. 1.ª, onde se dá a razão porque a estes condes se dá o nome de condes-meirinhos-môres.

quezes de Gouveia) foi dada, por D. João III, em 27 d'abril de 1523, a alcaidaria-mór de Óbidos; e pelo mesmo monarcha, logo no dia seguinte, a alcaidaria-mór de Selir. O titulo de meirinho-mór, pelo mesmo D. João III, em 13 de junho de 1536. O titulo de conde do Sabugal foi dado por D. Philippe II, a 20 de fevereiro de 1582. O titulo de conde de Palma, foi dado por D. Philippe IV, a 30 de março de 1624.—Dom Vasco Mascarenhas, foi feito conde d'Obidos, por D. Philippe IV, em 22 de dezembro de 1636.

D. Brites Mascarenhas, filha e herdeira de D. João Mascarenhas, 2.º conde de Palma, e 3.º conde do Sabugal, casou com D. Fernão Martins Mascarenhas, conde d'Obidos, e assim se uniram, até hoje, os trez condados.

O 1.º conde d'Obidos era tambem alcaide-mór da villa d'este nome.

Em 8 de fevereiro de 1839, foi feita condesa do Sabugal, Obidos, e Palma, a sr.ª D. Eugenia d'Assis Mascarenhas.

Em 14 d'agosto de 1839, foi feito conde dos mesmos trez condados, o sr. D. Pedro de Souza Coutinho.

Em 27 de setembro de 1859, teve os mesmos titulos, de juro e herdade, o sr. D. Manuel d'Assis Mascarenhas de Souza Coutinho.

Em 28 de fevereiro de 1867, foi feito conde dos trez condados, de juro e herdade, o sr. D. Luiz d'Assis Mascarenhas.

Para as armas d'esta familia, e para o mais que d'ella se quizer saber, vide *Obidos*.

Vide tambem *Meirinho-mór*.

José Alexandre de Campos e Almeida

Nasceu n'esta villa, em 17 de novembro de 1794. Fez os seus primeiros estudos, em casa de seu avô, que era capitão-mór do Sabugal.

Matriculou-se em direito, na universidade de Coimbra, em outubro de 1812.

Foi um dos estudantes mais distinctos do seu tempo, sendo-lhe conferido em todos os annos, menos no 4.º, o premio pecuniario.

O desejo de instruir-se e a sua inclinação para as sciencias naturaes, o levou tambem

a matricular-se no 1.º anno philosophico, que combinou com o juridico, e obteve egualmente o premio pecuniario em todos os annos, o qual com a maior caridade cedeu para o resgate dos portuguezes captivos em Argel. Obtido o grau de doutor (de capéllo) foi pouco depois habilitado oppositor ás cadeiras da faculdade de direito.

Seguiu sempre a politica liberal, e em 12 de maio de 1834 foi nomeado vice-reitor da universidade.

Foi deputado ás côrtes, desde 1834, até 1842, fazendo-se notar pela sua vasta erudição e louvavel independencia.

Redigiu um plano para reforma dos estudos, que foi plenamente approved pelos decretos de 15 e 17 de novembro e 5 de dezembro de 1836, e que seria de grande vantagem para a instrucção geral, se não fosse depois, em grande parte, mutilado.

Foi presidente da camara dos deputados, desde 3 de junho até 10 de agosto de 1837, sendo n'este dia nomeado ministro e secretario de estado dos negocios ecclesiasticos e da justiça, logar que exerceu com grande intelligencia e honradez.

Exonerado em 1842, foi para a universidade, reger a cadeira de economia politica, disciplina que havia creado, e que era inteiramente nova entre nós, desempenhando-se d'esta disciplina, com geral applauso.

Em 1823, havia sido preso por causa das suas opiniões politicas, e remettido para o Limoeiro, sendo poucos dias depois, posto em liberdade.

Tomando parte na revolta de 16 de maio de 1828, esteve preso na cadeia d'Almeida, até 1834.

Em 1845, tornou a ser preso, por ordem do governo cabralista, sendo barbaramente tratado, a bórdo da fragata *Diana*, e soffreria os horrores do brigue *Audaz*, se um acaso providencial não houvesse demorado a sua viagem, da Figueira para Lisboa.

Esteve preso até julho de 1847, sendo então solto, em consequencia da convenção de Gramido.

Vendo a má direcção que levavam os negocios politicos, retirou-se á sua casa de Villar Torpim, d'onde não tornou a sahir,

fallecendo a 21 de novembro de 1850, depois de longos e dolorosos padecimentos, exacerbados pelo muito que soffreu quando foi preso em 1847, pois, estando doente de cama, foi d'ella barbaramente arrancado, no rigor do inverno, e conduzido pela serra da Estrella (então coberta de neve) e d'alli para Viseu, Oliveira de Azemeis, Coimbra, Figueira, e por mar para Lisboa; de modo que a sua morte foi causada pelas crueldades que sobre elle haviam exercido os que desde 1820 até 1842 haviam seguido a sua politica.

Felizmente para elle, morreu como bom christão e fervoroso catholico, pois pediu e recebeu os sacramentos da igreja, com a maior contrição, no dia 18, trez dias antes do seu fallecimento.

Pouco antes da sua morte, deu as ordens que julgou convenientes, com respeito ao seu funeral, que, em vista das suas ultimas disposições, foi destituído de toda a pompa.

Sepultou-se a 23, no cemiterio publico da freguezia de Nossa Senhora dos Prazeres, de Villar Torpim.

Foi do conselho de Sua Magestade; ministro e secretario de estado honorario; commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa; lente cathedratico da faculdade de direito da Universidade de Coimbra, membro honorario da sociedade pharmaceutica e da academia de bellas artes. Tinha casado em 8 de julho de 1843, com D. Josefa Marianna de Campos e Almeida, sua prima, senhora de rara coragem, grandes virtudes e dedicação sublime, que o acompanhou sempre e lhe serviu de anjo tutelar durante a injusta e brutal perseguição que soffreu desde fevereiro até julho de 1847.

A maior prova da honradez e probidade de José Alexandre de Campos, é que, tendo exercido tão altos e importantes cargos, não deixou á sua viuva e a suas quatro filhas (a mais velha das quaes não tinha ainda completado seis annos á morte de seu pae) senão o patrimonio que herdára, e esse mesmo bem mal reparado. Deixou-lhes, porém, uma herança de mais valia, que foi um nome sem mancha.

Era seu irmão o dr. Pedro Balthazar de Campos, que fallecendo em Pinhel, em 1870, e não tendo herdeiros forçados, legou tudo quanto possuia a sua sobrinha, a Sr.^a D. Marianna, filha segunda de José Alexandre de Campos, a qual casou com o sr. dr. Joaquim Simões Ferreira, de Coimbra, cavalheiro de muita illustração, que fixou em Pinhel a sua residencia, para melhor poder dirigir os negocios da grande casa de sua esposa. (Vide *Pinhel*.)

José Alexandre de Campos deixou impressos os seguinte livros:

Os acontecimentos de março, na capital, considerados nas suas causas e efeitos.

Memoria dedicada aos amigos da revolução de setembro. Esta publicação não tem nome de auctor, mais foi-lhe sempre attribuida, e como obra sua a trazem Figanieri na *Bibliotheca historica*, e Innocencio Francisco da Silva no seu *Diccionario bibliographico*.

Dos numerosos discursos que pronunciou na camara electiva, apenas se imprimiram em separado :

Discursos de S. Ex.^a o Sr. José Alexandre de Campos, deputado pela Guarda, recitados nas sessões de 27 e 30 de agosto de 1841, contra a decima dos fundos publicos. Lisboa, na typographia de José Baptista Morando, 1841. É em 8.^o e consta apenas de 24 paginas.

(Dr. Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, no Porto.)

Riba Côa

As freguezias que estanceiam dentro da circumscripção denominada *Riba Côa* ou *Cima-Côa*, e ás quaes se deu antigamente o nome de *Bispado novo*, foram até 1400 do bispado de Cidade de Rodrigo, na Extremadura hespanhola, e no reino de Leão.

É uma lingua de terra entre o Côa e o Agueda¹ na sua embocadura no Douro, ten-

¹ Não é o rio Águeda da provincia do Douro, que nasce em Campia, e desagua no Vouga, junto á ponte de Almeir; mas sim outro Agueda, da Beira Baixa, que divide Portugal de Castilla, e morre na esquerda

do 90 kilometros de comprido do N. ao S., e 24 de E. a O. na sua maior largura.

É limitado ao O. pelo Côa, e a E., é dividido pela Extremadura hespanhola, subindo pelo Agueda até ao rio Tourões, perto de Villar-Maior.

Ao E. confina com o bispado de Cidade de Rodrigo; ao N., pelo Douro, com o arcebispado de Braga; ao O., com o bispado de Lamego; e ao S. e O. com os de Viseu, Guarda e Castello Branco.

Os povos que habitavam esta região eram denominados transcudanos, no tempo dos romanos, e a sua capital era a famosa cidade de Calábria, da qual ainda ha vestigios no termo de Almendra. (Vide *Calábria e Urrós*.)

Segundo a tradição e memorias escriptas, Calábria era séde do bispado do seu nome, cujos bispos, fugidos dos mouros, foram para a provincia de Traz os Montes, onde fundaram o bispado de Miranda, hoje de Bragança; porém o districto de Riba-Côa, ficou pertencendo desde o seculo XI ao bispado de Cidade de Rodrigo, e só no reinado do nosso D. João I, se conseguiu desannexar-o de lá, por breve do pontifice Bonifacio IX.

Desde então ficou pertencendo ao bispado de Lamego, até ao reinado de D. José I. Estando interrompida a comunicação com a corte de Roma, desde 23 de março de 1760 ¹ se abriram as communicações em 1770, sendo então creados, por breve do papa Clemente XIV, os bispados de Pinhel e Miranda, o ephemero de Penafiel, e restaurado o de Beja.

No anno seguinte, e por breve do mesmo papa, foi creado o bispado de Castello Branco.

Foi pois em 1770, que do bispado de Lamego sahiram a maior parte das parochias do districto de Riba-Côa.

O territorio de Riba-Côa, comprehende 60 freguezias, que são:

do Douro, no logar de S. Martinho, freguezia de Escalhão.

¹ Em vista d'esta interrupção, o conde de Oeiras (depois, 1.º marquez do Pombal) mandou sahir de Lisboa o nuncio apostolico, em 15 de junho de 1760.

1.ª—*Aldeia do Bispo* (do bispado de Pinhel) ¹ situada em uma planicie, cercada de montes, a 3 kilometros da nascente do rio Lageosa.

Esta freguezia, pouco mais produz do que centeio.

Tem a capella de Santo Antão, abbade.

2.ª—*Aldeia da Ponte*, tambem em planicie, e do mesmo bispado de Pinhel.

A egreja matriz é de trez naves.

Tem as ermidas de Santa Barbara, S. Braz, S. Sebastião, Santa Catharina, e a de Jesus Christo Crucificado.

O rio Lezirom a réga e fertilisa.

É terra saudavel.

3.ª—*Aldeia da Ribeira*, do mesmo bispado, situada em um alto, d'onde se descobre a cidade da Guarda, e Villar Maior.

É fertil em cereaes, e são excellentes os seus queijos de ovelha e de cabra, das quaes aqui ha grandes rebanhos.

4.ª—*Aldeia Velha*, do mesmo bispado, e foi commenda de Malta.

Egreja matriz de trez naves.

Ha no logar a ermida de Nossa Senhora da Estrella, e fóra d'elle a de Jesus Christo Crucificado.

É terra fertil e cria muito gado.

O rio Côa e um ribeiro anonymo regam esta freguezia.

5.ª—*Alfaiates*, villa acastellada e murada (tudo em mau estado) e foi praça d'armas.

É do mesmo bispado.

Foi dos condes de S. Vicente, mas voltou á corôa.

Nasceram n'esta freguezia:

Ruy Tavares de Brito, cavalleiro de Christo, capitão de cavallos.

Foi um valoroso militar na Africa, e na guerra da aclamação.

Seu filho, *Gaspar Tavares de Brito*, foi mestre de campo, no reinado de D. João IV, e militar muito distincto.

Gaspar de Távora e Brito, filho de *João Martins de Távora*, e governador de Ben-guella, ambos intrepidos guerreiros.

¹ Os bispados de Pinhel e de Aveiro foram creados em 1774, por breve do mesmo pontifice, Clemente XIV.

Antonio de Távora, sargento-mór de batalha, em Flandres.

Bernardino (ou *Bernardim*) *de Távora*, capitão de infantaria, e sargento-mór de Setubal.

Outro *Bernardino de Távora*, inquisidor apostolico em Lisboa.

6.^a—*Algodres*, do mesmo bispado.

Terra muito fertil.

Tem uma atalaya no meio da povoação e um reducto junto á igreja.

Ha n'esta freguezia varias ermidas, sendo as principaes, Santa Cruz e Santa Barbara.

7.^a—*Almeida*, praça d'armas, que foi cabeça de toda a provincia da Beira, no militar.

É do mesmo bispado.

Foi da casa do infantado. Fica a 2 kilometros do rio Côa.

8.^a—*Almendra*, do mesmo bispado.

Situada em um extenso valle, a 12 kilometros de Castello Rodrigo, e 12 de Villa Nova de Foz-Côa.

Era dos condes (depois marquezes) de Castello Melhor, por ser commenda de Christo, que era d'elles.

Tem as capellas de Nossa Senhora do Campo, Nossa Senhora do Socorro, de São Pedro, e de S. Sebastião.

Terra fertil, e cria muito gado.

Tem uma antiga fortaleza, e d'entro d'ella, a praça, o pelourinho, a casa da camara e cadeia, e a torre do relógio.

Pretendem alguns que foi aqui a cidade de Ravéna, na qual foi martyrisado Santo Apolinario, bispo; não o de Ravena, na Italia, cuja festa é a 23 de julho, mas o que foi bispo de Caliabria, cuja festa é a 13 de agosto, e do qual os restos mortaes estão na freguezia de Urrôs.

9.^a—*Almofala*, do mesmo bispado, situada em um valle, a 3 kilometros do rio Águeda.

Terra fertil.

Tem as capellas de Santa Martha, dentro da povoação, e fóra d'ella as do Senhor Crucificado, S. Sebastião e Santa Barbara. Santa Maria Magdalena, na quinta do Colmeal; e a de Santo André.

É terra fertil em cereaes.

O rio Águeda divide aqui Portugal de Castella.

Produce este rio alguns saveis e lampreias, e peixo miudo.

10.^a—*Badamalhos* ou *Badamallos*, do mesmo bispado.

Situada em alto, a 3 kilometros do Côa, e fertil.

No meio do povo tem os restos de um reducto.

11.^a—*Bendada*, do mesmo bispado. É no termo da Reigada.

12.^a—*Bismulla* ou *Pisnulla*, do mesmo bispado.

Tem as ermidas de Santo André e Santa Barbara.

Tem os restos de um reducto, que cercava a igreja matriz, e os de uma atalaya.

Terra fertil; muitas ôvelhas, cabras e porcos.

É regada pelo rio Souto.

13.^a—*Castello Bom*, villa do mesmo bispado. Fica a 12 kilometros de Almeida, em um alto, d'onde se avista esta praça.

É cercada de muralhas, que foram muito fortes, mas que estão dismanteladas.

No centro estão os restos do castello, do qual foram alcaides-móres os viscondes de Villa Nova da Cerveira, marquezes de Ponte de Lima.

Fóra da circumvallação ha as ermidas de Santa Martinha, Santa Maria Magdalena, e S. Sebastião.

Ainda existe a torre de menagem, que depois serviu de cadeia.

É terra bastante fertil.

O Côa divide o termo d'esta villa do de Castello Mendo.

14.^a—*Castello-Melhor*, villa, do mesmo bispado.

O seu terreno parte com o de Villa Nova de Foz-Côa.

A villa está situada em um baixo, porém o castello, que lhe dá o nome, está no alto de um monte, com dilatadas vistas.

(Do alto da serra de Castello-Melhor se descobrem territorios de sete bispados.)

Ha n'esta freguezia as capellas de Nossa Senhora das Eiras, Santa Barbara, e S. Ga-

briel Archanjo. (Vide 2.º vol. pag. 180, col. 2.º)

Marquezes de Castello-Melhor

O primeiro conde de Castello-Melhor foi Ruy Mendes de Vasconcellos, feito por D. Philippe III, em 21 de março de 1611, segundo D. Antonio Caetano de Sousa—*Memoorias historicas e genealogicas dos grandes de Portugal*, pag. 345. ¹

Ruy Mendes de Vasconcellos tinha herdado de seus maiores o emprego de *reposteiro-mór* dado por D. João I, em 27 de abril de 1421—o senhorio da villa da Calhêta (na ilha da Madeira) dado por D. Affonso V em 25 de novembro de 1451—e o senhorio de Castello-Melhor, por mercê do mesmo D. Affonso V, a 16 de agosto de 1478.

Foi tambem môrdomo-mór da rainha D. Margarida d'Austria, filha de Carlos de Austria, irmão do imperador Fernando II, e mulher de D. Philippe III. (Isto mais confirma a verdade de que foi este usurpador que lhe deu o titulo de conde.)

O 2.º conde foi D. João Rodrigues de Vasconcellos e Sousa, por ter casado com D. Marianna de Lencastre e Vasconcellos, herdeira de seu irmão, o conde da Calhêta, e filha de Simão Gonçalves da Camara, 3.º conde da Calhêta, e 7.º capitão donatario da ilha da Madeira, casado com a condessa D. Maria de Menezes, filha e herdeira do 1.º conde de Castello-Melhor.

O 3.º conde foi Luiz de Vasconcellos e Sousa.

O 4.º conde foi José de Vasconcellos e Sousa Caminha Camara Faro e Veiga, reposteiro-mór, senhor donatario da capitania do Funchal (Madeira) e da de Santa Maria; senhor das villas de Ponta do Sol, Camara de

Lobos e Calhêta—tudo na mesma ilha—e das Ilhas Desertas, em frente da Madeira e da ilha de Porto Santo, n'este archipelago. Em Portugal era senhor donatario das villas de Almendra, Castello Melhor, Valbêlhas, Gongo e Famalicão (da Beira Baixa), senhor dos morgados da Mouta Santa, Tajuês e Ronafe; senhor donatario das Saboarias de Coimbra, Thomar e Esgueira; e das comarcas de Lamego, Viseu, Guarda e Pinhel; e das conquistas do Ultramar; alcaide-mór das villas de Pombal, Penamacor, e Salvaterra do Extremo; commendador do Pombal, Redinha, Fachal, e Salvaterra do Extremo, todas da ordem de Christo.

5.º conde, Luiz de Vasconcellos e Sousa, irmão do antecedente. (Vide 2.º vol., pag. 180, col. 2.ª—4.º vol. pag. 136, col. 2.ª—e 7.º vol. pag. 140, col. 1.ª)

O condado de Castello-Melhor foi elevado ao titulo de marquizado, por D. José I, em 4 de setembro de 1765.

O ultimo marquez de Castello-Melhor foi João de Vasconcellos e Sousa Camara Caminha Fáro e Veiga, feito em 6 de abril de 1859 (de juro e herdade).

Morreu em Lisboa, em 1878, no estado de solteiro.

15.ª—*Castello Rodrigo*—do mesmo bispado. (Vide vol. 2.º, pag. 186, col. 2.ª)

16.ª—*Cinco-Villas*—villa, no territorio do mesmo bispado, mas isenta, por pertencer á prelazia de Thomar, annexa ao patriarchado de Lisboa. (Vide 2.º vol., pag. 300, col. 2.ª)

Egreja matriz de trez naves. Ha n'esta freguezia as capellas de Nossa Senhora do Pranto, S. Sebastião, e S. Julião do Pereiro, onde, segundo a *Monarchia Lusitana* de Fr. Antonio Brandão (tom. 3.º, L.º X.º, cap. 37) se fundou a ordem militar de S. Julião do Pereiro, quando o Riba-Côa era ainda do reino de Leão, e estava fronteira a terra de mouros.

Esta ordem foi fundada em 1155, por D. Soeiro, natural de Salamanca (a 60 kilometros de Cinco-Villas) e outros cavalleiros, os quaes vieram procurar o eremita Amândo a esta capella de S. Julião do Pereiro, com o qual se congregaram, formando a nova or-

¹ Na *Resenha das familias titulares do reino de Portugal*, pag. 69, diz-se que o primeiro conde de Castello-Melhor, foi feito em 20 de agosto de 1576. Portanto, não foi feito por D. Philippe III, mas por el-rei D. Sebastião. É engano: e até D. Antonio Caetano de Sousa diz que a carta de mercê foi passada em Madrid. Quanto mais, Ruy Mendes de Vasconcellos foi môrdomo-mór da mulher de Philippe III, e valido d'este.

deu que tinha por fim a guerra contra os mouros.

Amando, transformado de eremita em capitão, tomou a seu cargo a defeza do castello das Cinco-Villas, no qual obrou proezas de grande valor.

O bispo de Salamanca, D. Ordonho, approvou esta milicia, e, em 1183, o papa Lucio III a confirmou. O superior era denominado *mestre*, como nas outras ordens militares.

O rei D. Affonso IX, de Leão, tomou aos mouros a praça de Alcantara, e a deu á ordem de Calatrava, que a cedeu á de S. Julião do Pereiro.

Quando o Riba-Côa passou para a corôa portugueza, em 1282, a ordem militar de S. Julião do Pereiro se mudou para Alcântara, unindo-se á de Calatrava, cujo grão mestrado se incorporou na corôa de Castella. Ainda existem vestigios do mosteiro que foi berço e cabeça da ordem de S. Julião do Pereiro, junto á capella do mesmo santo.

Este mosteiro e sua capella tinham sido fundados pelos templarios.

17.^a—*Colmeal*, do bispado de Pinhel.

É a terra das cebolas e dos pimentos.

18.^a—*Escalhão*, do mesmo bispado. Situada em planicie.

D. João IV a fez villa e lhe deu foral *novissimo*.

Foi villa acastellada, e ainda existem as ruinas da sua fortaleza.

19.^a—*Escarigo*, do mesmo bispado.

20.^a—*Figueira de Castello-Rodrigo*, do mesmo bispado.

Fica junto da villa de Castello-Rodrigo, e é na Figueira que se fazem as feiras e mercados da villa, por ser melhor sitio.

É terra fértil. Ha optimos queijos e abundancia de caça.

21.^a—*Fojos do Côa*, do mesmo bispado.

22.^a—*Forcalhos*, no termo d'Alfaiates, do mesmo bispado.

23.^a—*Freinêda*, no termo de Castello-Bom, do mesmo bispado.

24.^a—*Freixêda do Torrão*, no termo de Castello-Rodrigo, do mesmo bispado.

25.^a—*Junça*, termo de Almeida, do mesmo bispado. Perto da povoação está a grande capella de Nossa Senhora do Mosteiro, junto

da qual ha vestigios de um antigo mosteiro duplex, da ordem de S. Bento.

26.^a—*Lageosa*, no termo do Sabugal, do mesmo bispado.

27.^a—*Luzellos*, termo de Castello-Rodrigo, do mesmo bispado.

28.^a—*Malhada Sôrda*, termo de Villar-Maior, do mesmo bispado. Mosteiro de eremitas descalços de Santo Agostinho (*grillos*).

29.^a—*Malpartida*, termo de Castello-Rodrigo, do mesmo bispado.

30.^a—*Matta de Lobos*, termo de Castello-Rodrigo, do mesmo bispado.

Foi até 1834 commenda da ordem de Christo, que recebia os dizimos.

Aqui nasceu o dr. João Bernardo Falcão de Mendonça, desembargador do paço, fidalgo da casa real, e filho de José Freire Falcão de Mendonça, cavalleiro da ordem de Christo, e desembargador da mesa da consciencia e ordens.

31.^a—*Nave de Aver*, do mesmo bispado.

32.^a—*Nave Redonda*, termo de Castello-Rodrigo, do mesmo bispado.

33.^a—*Nave do Sabugal*, no termo d'esta villa, do mesmo bispado.

34.^a—*Naves*, termo de Castello Bom, do mesmo bispado.

35.^a—*Pena d'Agua* ou *Penha d'Agua*, termo de Castello-Rodrigo, do mesmo bispado.

36.^a—*Pôço Velho*, termo de Castello-Bom, do mesmo bispado.

37.^a—*Quadraxes*, termo do Sabugal, do mesmo bispado.

38.^a—*Quintan de Pero Martins*, termo de Castello-Rodrigo, do mesmo bispado.

39.^a—*Ráza*, no termo do Sabugal, do mesmo bispado, 120 kilometros de Lamego, 300 ao E. de Lisboa.

Tinha duas capellas. Falla d'esta freguezia o padre Carvalho na sua *Chorographia*, porém já não existe ha mais de 100 annos.

Tinha em 1750 80 fogos.¹

40.^a—*Rebolosa*, termo d'Alfaiates, do mesmo bispado.

42.^a—*Reigada*, ou *Arreigada*, villa do mesmo bispado.

¹ Supponho que esta freguezia é a que se chama *Rendo*.

42.^a—*Rende*, no termo do Sabugal, do mesmo bispado.

43.^a—*Rio Sécco*, termo do Sabugal, do mesmo bispado.

44.^a—*Rovina*, *Ruvina* ou *Ruivinha*, termo do Sabugal, do mesmo bispado.

45.^a—*Ruivoz*, do mesmo termo e bispado.

46.^a—*Sabugal* (Santa Maria do Castello).

47.^a—*Sabugal* (S. João Baptista).

48.^a—*Souto*, no mesmo termo e bispado.

49.^a—*Valle de Coelho*, villa.

50.^a—*Valle de Affonsinho*, termo de Castello-Rodrigo.

51.^a—*Valle de Espinho*, termo do Sabugal.

52.^a—*Valle das Eguas*, idem.

53.^a—*Vallongo* ou *Valle-Longo*, idem.

54.^a—*Valle de la Mulla*, termo de Almeida.

55.^a—*Vermiosa*, termo de Castello-Rodrigo.

56.^a—*Villa-Bôa*, termo do Sabugal.

57.^a—*Villar d'Amargo*, termo de Castello-Rodrigo.

58.^a—*Villar Formoso*, termo de Castello-Bom.

59.^a—*Villar-Maior*, villa.

60.^a—*Villar Torpim*, termo de Castello-Rodrigo.

SABUGO—aldeia, Extremadura, na freguezia de Almargem do Bispo, concelho de Cintra, 22 kilometros ao NO. de Lisboa, e 7 de Bellas, 408 fogos, em duas aldeias (Sabugo de Cima e Sabugo de Baixo).

Passa lhe pelo meio a estrada real de Lisboa a Mafra.

A um kilometro de distancia está a bonita ermida de Nossa Senhora da Piedade, onde ha missa todos os domingos e dias santificados, e grande festa annual á Padroeira e a S. Sebastião, com um concorrido arraial, tudo á custa dos habitantes do Sabugo.

Segundo a tradição, esta ermida foi fundada em cumprimento do voto que fez um marítimo, que, vendo-se em perigo, no alto mar, prometteu fazer uma capella dedicada á Senhora da Piedade, no primeiro monte que visse em terras de Portugal.

O povo d'esta aldeia, emprega se quasi exclusivamente na agricultura, e é trabalhador e de bons costumes.

É uma povoação bonita e muito saudavel e a sua agua é talvez a melhor de todo o concelho de Cintra.

Tem uma boa pharmacia, mas o cirurgião mais proximo móra na villa de Cintra, pelo que o boticario faz as suas vezes.

Pouca gente d'aqui sabe ler, porque a escola de instrucção primaria é na povoação de Almargem, a uns 5 kilometros de distancia.

Tem um talho e carne de vacca, nas terças e sabbados.

Vem para aqui passar os mezes da estação calmosa algumas familias de Lisboa, e entre ellas o actor querido das nossas platéas, Raymundo de Queiroz Sarmiento e os seus.

SABUGOSA—villa, Beira Alta, na comarca e concelho de Tondella (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de S. Miguel do Outeiro) 15 kilometros ao S. de Viseu, 285 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757, tinha 130 fogos.

Orago Nossa Senhora do Pranto.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Os freguezes apresentavam o cura, que tinha 30\$000 réis e o pé d'altar.

É povoação muito antiga. Em 1133 D. Affonso Henriques contou para o mosteiro de Lorvão, o de *Sperandei*, com a villa, do mesmo nome *Sabugosa*, *Treixêdo* e *Miões*.

O rei D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 28 de junho de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 115 vs. col. 1.^a) Este foral serve tambem para *Minhólos* e *Póvoa do Carregueiro*.

Quando se contou e deu esta freguezia aos frades de Lorvão, em 1133, era padroeiro d'ella S. Mamede, e a matriz na aldeia que ainda conserva o nome do seu primitivo padroeiro. Ainda existe este templo, que não passa de uma ermida, onde apenas cabem 40 pessoas.

Ainda em um dos cunhaes d'esta ermida se conserva desde a data do foral a medida

do *guorazel*¹ que o que matava porco tinha de dar ao mosteiro de Lorvão.

Segundo a tal medida, esta peça de carne devia ter—«cinco palmos *largos*, da parte de cima—quatro palmos e tres dedos *largos* da parte de baixo—um palmo *largo*, de alto.

Os cinco palmos são da parte da barriga; ficando a parte mais curta da suan.»

Deve, porém, confessar-se que, com o tempo, os frades se limitaram a exigir apenas aquillo a que hoje se dá o nome de *corasil*—o rabo e um palmo do espinhaço, de 4 dedos de largo.

O foral diz assim:

«Pagam mais quaesquer moradores nos Logares das Sabugosas, se matarem porco macho, um guorazel, a saber: Cortado ho porco pollo meyo, e fendido, toma se d'ametade d'aquelle porco, huum pedaço, contra o rabo, d'onde tomam uma medida de conto: (é a tal que está no cunhal da capella) e d'alli correm contra as costas, até chegarem na segunda costa, contando a *mendinha* (primeira costella posterior) e cortam por aquelle direito da *medida grande e pequena*, a cordel, direito; e d'aquillo chamam Guorazel. A qual marca fica demarcada na parede da Igreja do seu Lugar, a que chamam S. Mamede. *E por ella mandamos que todallas da Comarca se julguem*. De porca femea não se paga *Gorazyl*, que aqui chamam *Gorázel*, nem outro fóro, salvo se a porca fôr capada na cama; porque, se depois a caparem, não se pagará *Guazel* (cada vez escreve esta palavra de diverso modo) déla: e da capada na cama pagarão como de porco.»

É muito provavel que os povos d'aqui não cahissem em matar porcos nem *porcas capadas na cama*, preferindo matar porcas capadas *no tarde*, para se eximirem de dar quasi metade aos frades.

¹ *Guorázel*, portuguez antigo—hoje diz-se *corasel* ou *corasil*. É o rabo do porco e a extremidade posterior da espinha dorsal, com o seu competente toucinho; mas para os frades de Lorvão, o *guorazel*, abrangia uma grande parte do porco, como se vê do texto.

Acabámos de ver que, segundo o foral, a igreja da freguezia, em 1514 era a de S. Mamede, no lugar d'este nome. Vejamos agora o que diz o *Sanctuario Mariano* vol. 5.º pag. 414.

«A villa de Sabugosa, que dista da cidade de Viseu quasi tres leguas para a parte do meio dia, é antiga, mas, em seus principios, devia ser muito limitada, e devia ter muito poucos vizinhos; e assim, tinham a sua parochia em um lugar distante um quarto de legua, a que ainda hoje chamam *Canas de Sabugosa*,¹ que lhe fica tambem quasi ao sul, e cuja matriz se intitula Santa Maria de Canas.²

«Na villa tinham uma ermida, dedicada a Nossa Senhora do Pranto,³ com a qual todo aquelle districto havia mui grande devoção.

«Cresceu a villa em moradores, e, levando estes agramente o trabalho de hir a Canas, principalmente no inverno, a satisfazer o preceito da missa, em que lhes era forçoso passar um rio, que no inverno é caudalossissimo, fizeram seus requerimentos ao bispo diocesano, e conseguiram que a casa da Senhora do Pranto se erigisse em parochia, ficando os moradores obrigados a satisfazer ao seu novo parcho o trabalho e a assistencia. Dizem que foi isto pelos annos de 1580, pouco mais ou menos.

«Quanto aos principios da primeira casa de Nossa Senhora do Pranto, não ha (por

¹ Canas de Sabugosa ainda existe e é uma freguezia do mesmo concelho de Tondella. (2.º vol. pag. 77, col. 2.ª)

² A sua primeira padroeira foi Nossa Senhora da Assumpção: (Santa Maria de Canas) hoje, é Nossa Senhora da Purificação ou das Candeias.

³ Hoje diz-se Nossa Senhora da Piedade. D'esta obra, não se falla na igreja de S. Mamede!—O foral e todos os livros antigos dão a esta freguezia o nome de *Sabugosas*. Seria uma Sabugosa onde hoje é a actual villa, e fosse sua Padroeira Nossa Senhora do Pranto; e outra na aldeia de S. Mamede, tendo este Santo por padroeiro? É o que parece mais provavel.

«ser antiquissima) quem possa dizer d'ella alguma cousa.

«Consequindo os moradores da villa de «Sabugosa a licença de levantarem nova parochia, edificaram de novo, *a fundamentis*, «um templo capaz para o seu povo, e fizeram-lhe a porta para a parte occidental; «mas, como pelas costas lhe ficava a estrada real, que vae para a cidade de Coimbra, a mudaram logo para a parte do «oriente.

«Este novo templo dedicaram á mesma «Senhora do Pranto, querendo que ella fosse, como havia sido até alli, a sua protectora e padroeira, que não era justo deixarem de a acceitar por tal.»

A imagem da primitiva padroeira é de barro, e de uns 70 centímetros de alto, com seu filho morto nos braços, e, apesar de antiquissima, é de optima esculptura.

Pelos annos de 1660, mandaram fazer nma nova imagem da padroeira, e a collocaram no altar-mór, pondo a antiga na sacristia, onde se acha.

Construida a nova egreja, instituiram n'ella uma irmandade, cujos estatutos foram confirmados depois, pelo doutor provisor do bispado, *in sede vacante*, a 22 de fevereiro de 1651.

Diz Frei Agostinho de Santa Maria, que já antes da confirmação, pelo provisor, o papa Urbano VIII, por bulla de 5 de maio de 1649, havia concedido grandes indulgencias aos membros d'esta irmandade.

Frei Agostinho, quasi sempre tão bem informado e verdadeiro, errou aqui (ou o fizeram errar) porque Urbano VIII, foi eleito papa, em 1623, e falleceu em 1644.

Em 1649, já era papa o seu successor, Innocencio X.

Condes (hoje marqueses) de Sabugosa

1.º conde — *Vasco Fernandes Cesar de Menezes*. Sendo vice rei do Estado do Brasil, em 1729, o secretario de estado, Diogo de Mendonça Corte-Real, lhe participou que D. João V lhe havia dado o titulo de conde de Sabugosa (a elle Vasco) e que logo podia assignar-se conde, sem embargo de não

ter ainda a carta, que se lhe passou a 19 de setembro d'esse mesmo anno de 1729.¹

Por herança de seus maiores, era Vasco Fernandes Cesar de Menezes, alcaide-mór de Alemquer e outros castellos, desde 11 de maio de 1499—alferes-mór, desde 23 de julho de 1664. A varonia d'esta casa, é *Cesar*.

Procede de *Pedro Pires Cesar*, cidadão de Leiria, e que já anda nomeado no foral que D. Sancho I deu a esta cidade, em 13 de abril de 1195.

Sabe-se que ainda vivia em 1219.

Foi seu 3.º neto, *João Cesar*, nobre fidalgo, natural da mesma cidade de Leiria, e n'ella vereador da camara, do qual D. João I fazia grande conceito, e n'elle tinha plena confiança, pois o occupou nas *Inquirições reaes* sobre honras, e em outras que mandou fazer em Alem-Douro, em 1301.

D'este procede *Vasco Fernandes Cesar* que serviu em Africa, no reinado de D. Manuel, e foi capitão de Çafim, e que depois, sendo capitão de uma galé, ou fusta, com ella desbaratou seis chavecos de mouros.

Quando regressou a Portugal, já tinha morrido o rei D. Manuel, e seu filho, D. João III, lhe accrescentou o seu brazão de armas com seis galés, em memoria da sua façanha na Africa.

O mesmo soberano o nomeou provedor dos Armazens, em 1531, e no mesmo anno o fez commendador de Lomar, da ordem de Christo.

Foi seu filho, *Luiz Cesar de Menezes*, commendador de S. Pedro de Lomar, e guarda-mór das naus da India, e depois provedor dos Armazens, e alcaide-mór de Alemquer.

Foi seu filho:

Vasco Fernandes Cesar, do conselho d'el-rei, provedor dos Armazens e armadas d'este reino, general da artilheria, alcaide-mór de Alemquer, commendador de S. Pedro de Lomar, e de S. João do Rio Frio, tambem da ordem de Christo.

¹ Na *Resenha das familias titulares, do reino de Portugal*, diz-se (pag. 196) que o titulo de conde, data de 26 de junho de 1640. Se assim é, este titulo não foi confirmado por D. João IV, depois da restauração do 1.º de dezembro d'esse anno.

Falleceu em 24 de dezembro de 1640.

Tinha casado com D. Anna de Menezes (filha de D. Manuel Pereira, filho e herdeiro de D. Diogo Pereira, 4.º conde da Feira) a qual tinha fallecido em 16 de dezembro de 1638.

Filhos d'este matrimonio:

1.º—*Luiz Cesar de Menezes*, que lhe succedeu, e do qual adiante trato;

2.º—*Manuel Pereira Cesar*, que nasceu em 1631, e, passando a servir na India, lá falleceu.

3.º—*Pedro Cesar de Menezes*, commendador de S. Salvador do Minho, da ordem de Christo, governador e capitão-general de Angola, do conselho de guerra. Falleceu em 1666.

Tinha casado com sua sobrinha, D. Guiomar Henriques, filha de seu irmão, Luiz Cesar, e tiveram D. Vicência Luiza Henriques, que casou com seu primo, D. Fernando Forjaz Pereira Pimentel, conde da Feira, e não tiveram filhos.

4.º—*Sebastião Cesar de Menezes*, que foi deputado do Santo Officio, em Coimbra, e na mesma cidade inquisidor geral, arcediogo da Sé de Lisboa, desembargador do paço, deputado da junta dos Tres Estados, bispo eleito do Porto e de Coimbra, arcebispo eleito de Lisboa, embaixador a França, inquisidor geral, e do conselho de estado.

Morreu no Porto, em 29 de janeiro de 1670.

5.º—*Diogo Cesar*, religioso franciscano, da provincia de Xabregas, da qual foi provincial.

6.º—*D. Cecilia de Menezes*, mulher de D. Pedro de Castello-Branco, 1.º conde de Pombeiro.

7.º—*D. Joanna da Silva*, mulher de D. Alvaro Coutinho, commendador e alcaide de Almourol.

D. Luiz de Menezes, filho primogenito de Vasco Fernandes Cesar, foi alcaide-mór de Alemquer, commendador de Lomar e de Rio-Frio, provedor dos Armazens e armadas, officio que largou pelo de alferes-mór do reino. Morreu a 12 de agosto de 1666.

Tinha casado com D. Vicência Henriques, filha de Manuel de Mello, monteiro-mór do reino, e de D. Guiomar Henriques, filha de Pedro da Cunha, senhor de Gestaço e Panoias.

Foram seus filhos:

1.º—*Vasco Fernandes Cesar de Menezes*, do qual adiante trato.

2.º—*Francisco Cesar*, conego e arcediogo da Sé de Lisboa.

3.º—*Pedro Cesar de Menezes*, que na guerra da acclamação foi general de cavallaria, das provincias do Minho e Traz-os-Montes, e mestre de campo general. Serviu com grande reputação de valente, durante esta guerra; e sendo mandado pelo regente (depois D. Pedro II) por governador e capitão general do reino de Angola, morreu no naufragio que padeceu o seu navio em 1674.

Vasco Fernandes Cesar de Menezes, não succedeu na casa, por morrer em vida de seu pae (em 1658).

Casara com D. Maria Magdalena de Lencastre, filha de D. João Mascarenhas, 3.º conde de Santa Cruz, e tiveram um unico filho, que foi

Luiz Cesar de Menezes, que succedeu a seu avô na casa.

Foi alcaide-mór de Alemquer, commendador de S. João de Rio Frio, e de S. Pedro de Lomar, alferes-mór do reino, governador do Rio de Janeiro, capitão-general de Angola, e depois da Bahia, d'onde voltou em 1710, e falleceu a 20 de fevereiro de 1720.

Tinha casado com D. Marianna de Lencastre, filha de Rodrigo de Lencastre, commendador de Coruche.

Foram seus filhos:

O 1.º conde de Sabugosa

1.º—*Vasco Fernandes Cesar de Menezes*, do qual adiante se tracta.

2.º—*Rodrigo Cesar de Menezes*, brigadeiro de infantaria, e depois, governador da capitania de S. Paulo (Brazil) e, no seu districto, descobriu as minas de Cuyabá.

Voltando ao reino, foi nomeado governador e capitão general d'Angola.

Foi depois (1735) feito general de batalha.

Falleceu em 1738.

3.º — *D. Ignez de Lencastre*, mulher de Diogo Correia de Sá, 3.º visconde da Asseca.

4.º — *José Cesar de Menezes*, prior da collegiada de Cedofeita (Porto) e principal da Sé de Lisboa.

5.º — *D. Maria d'Alemcastre*, mulher de João Pedro Soares da Veiga Avellar, Taveira e Noronha, provedor da alfandega de Lisboa.

Esta senhora, casou a 31 de janeiro de 1698; e no mesmo dia adoeceu de bexigas, morrendo logo a 13 de fevereiro!

6.º — *D. Joanna Bernarda de Noronha*, mulher de João de Saldanha da Gama, senhor da villa de Assequins, commendador da ordem de Christo, gentil homem da camara do infante D. Antonio.

7.º — *João Cesar*, monge de Cister (bernardo) e mestre de theologia na sua ordem.

Vasco Fernandes Cesar de Menezes, 1.º conde de Sabugosa, nasceu a 16 de outubro de 1673.

Foi alferes-mór do reino, alcaide-mór de Alemquer, commendador de S. João de Rio-Frio, e de S. Pedro de Lomar.

Foi mestre de campo do terço da armada, e, depois, general de batalha, e vice-rei da India, e por fim, vice-rei do Brasil.

Morreu em 24 de outubro de 1741.

Tinha casado em 1696, com D. Julianna de Lencastre, filha de D. João Mascarenhas, conde de Santa Cruz, mórdomo-mór de D. Pedro II.

Foram seus filhos:

1.º — *Luiz Cesar de Menezes*, do qual adiante se trata.

2.º — *D. Thereza Ignacia de Moscoso*, dama do paço, mulher de D. Henrique da Costa, 4.º conde de Soure.

3.º — *João Carlos Cesar de Moscoso*, deão da Sé de Lisboa e depois principal da mesma.

4.º — *D. Marianna Rosa de Lencastre*, mu-

lher de Rodrigo de Mello da Silva, conde de S. Lourenço.

5.º — *Pedro Cesar de Menezes*, que morreu solteiro, na idade de 35 annos.

6.º — *Joaquim Cesar de Menezes*, que morreu na idade de 3 annos.

7.º — *D. Ignez Brazza de Gusmão*.

8.º — *D. Francisca Policena*, freira do convento da Annunciada, em Lisboa.

Luiz Cesar de Menezes, 2.º conde de Sabugosa, nascido a 27 de agosto de 1698, herdeiro da casa de seu pae.

Foi veador da casa da rainha, D. Mariana, d'Austria (filha do imperador Leopoldo I, mulher de D. João V); capitão de cavallos; academico, e censor da academia real, deputado da junta dos Tres Estados, e gentil-homem da camara de D. José I (quando ainda principe do Brasil) feito em 13 de agosto de 1730.

Casou, em 16 de outubro de 1728, com D. Anna Mascarenhas, dama do paço, filha de D. Fernão Martins Mascarenhas, 2.º conde d'Obidos, meirinho-mór do reino, e de sua mulher, D. Brites Mascarenhas da Costa, condessa do Sabugal.

Foram seus filhos:

1.º — *D. Maria Thereza d'Assis Mascarenhas*, nascida a 31 d'agosto de 1729, e fallecida a 25 de outubro de 1742.

2.º — *Vasco José Cesar de Menezes*, que nasceu a 27 de fevereiro de 1731, e falleceu a 26 de janeiro de 1749.

3.º — *Fernando José Cesar de Menezes*, que nasceu a 7 de setembro de 1733, e morreu de tenra idade.

Não deixando herdeiros Luiz Cesar de Menezes, 2.º conde de Sabugosa, passou a casa a sua irman:

D. Marianna Rosa de Lencastre, 3.ª condessa de Sabugosa, 6.ª condessa de S. Lourenço, por casar com Rodrigo de Mello e Silva, 6.º conde de S. Lourenço.

Nasceu (a condessa) em 18 de dezembro de 1700, e falleceu a 10 de novembro de 1748.

Nasceu d'este matrimonio:

Marquezes de Sabugosa

Antonio Maria de Mello da Silva Cesar e Menezes, 4.º conde e 1.º marquez de Sabugosa, 7.º conde de S. Lourenço, 9.º alcaide-mór d'Elvas, 7.º alferes-mór do reino, gentil-homem da camara de D. Maria I, grão-cruz da ordem de S. Bento d'Aviz, commendador da de Christo, e conselheiro de guerra.

Nasceu a 31 de janeiro de 1743, e morreu a 4 de junho de 1805.

Casou a primeira vez, em 1760, com D. Joaquina José Bento Maria de Menezes, 2.ª filha dos 4.ºs marquezes de Marialva — e a 2.ª, com D. Anna Francisca de Souza (dama da rainha D. Maria I) filha dos 5.ºs condes de Villa-Flor, Antonio Francisco de Paula Manuel de Souza e Menezes, e de D. Joana Maria Josefa Manuel de Mendonça, sua tia (do marido) e dama da rainha D. Marianna d'Austria.

D. Anna Francisca de Souza, tambem era viuva de D. João de Mello Homem.

Filhos do 1.º matrimonio:

1.º—*D. Anna Rosa*, que casou com o conde de Barbacena.

2.º—*D. Maria José*, nascida a 25 de julho de 1762, e morreu a 18 de abril de 1794.

Foi casada com D. João Manuel da Costa, da casa dos condes de Carvalhaes:

3.º—*José Antonio*, do qual adiante se trata.

4.º—*Manuel José*, que foi conego da patriarchal.

5.º—*D. Joaquina Maria*, condessa de Sampaio.

6.º—*D. Helena Gertrudes*, viscondessa da Asseca.

7.º—*João José*, cavalleiro de S. João de Jerusalem, official de cavallaria.

8.º—*Pedro José*, que morreu de pouca idade.

9.º—*D. Marianna Delfina*, condessa de Soure.

10.º—*D. Isabel Fausta*, condessa de São Vicente.

Ficando viuva, casou 2.ª vez, em 11 de novembro de 1816, com D. José Fernando de Menezes Cabral Brito d'Alarcão Freire

d'Andrade, senhor de um morgado em Coruche, do Alemtejo.

11.º—*D. Margarida Domingos*, condessa de Carvalhaes.

12.º—*D. Maria das Dores*, condessa de Barbacena.

Filhos do 2.º matrimonio:

13.º—*D. Maria José*, condessa de Villa-Flor (depois, duqueza da Terceira).

14.º—*Antonio*, official de cavallaria.

—

2.º marquez de Sabugosa, José Antonio de Mello da Silva Cesar e Menezes, 8.º conde de S. Lourenço, 10.º alcaide-mór d'Elvas, 8.º alferes-mór, par do reino em 1826, gentil-homem da camara de D. Maria I, grão-cruz da ordem de Christo, commendador da de Torre Espada, tenente-general, conselheiro de guerra, presidente do conselho ultramarino, deputado da junta dos Trez Estados, governador e capitão general dos Açores.

Succedeu a seu pae em 4 de junho de 1805.

Tinha nascido a 19 de novembro de 1763, e casado, a 12 de fevereiro de 1793, com D. Leonor Maria José de Sampaio, fallecida em 28 de fevereiro de 1816, e 1.ª filha dos 1.ºs condes de Sampaio.

Foram seus filhos:

1.º—*Antonio José de Mello Silva Cesar de Menezes*, de quem adiante se trata.

2.º—*D. Maria Thereza*, casada com D. Manuel Maria da Camara, coronel de cavallaria, e vice-rei da India, do qual teve 5 filhos e seis filhas.¹

Casou 2.ª vez, com o barão de Sabroso. (Vide Sabroso).

3.º—*José*, gentil-homem da camara de D.

¹ D. Manuel Maria da Camara, era 3.º filho de D. Luiz Antonio José Maria da Camara, 6.º conde da Ribeira Grande, que foi casado tres vezes, e D. Manuel Maria, era filho do 3.º matrimonio, e sua mãe, era, D. Francisca Tellés da Silva, 7.ª filha dos 2.ºs marquezes de Penalva.

A 1.ª filha (do 2.º matrimonio, pois do 1.º não houve filhos) do 6.º conde da Ribeira Grande, foi a 1.ª marqueza de Ponta Delgada, D. Leonor da Camara, fallecida em 27 de março de 1850.

João VI, commendador da ordem de Christo, e official de cavallaria, nascido a 23 de abril de 1800, e já fallecido.

Antonio José de Mello Silva Cesar de Menezes, herdou a casa e os titulos de seu pae, e foi 3.º *marquez de Sabugosa*, e 9.º conde de S. Lourenço.

Naseeu em 17 de novembro de 1794.

Foi tenente general do exercito realista que depois convencionou em Evora-Monte, mas tinha sido demittido pela ordem do exercito (do sr. D. Miguel I) n.º 130, de 21 de dezembro de 1833, por se ter apresentado aos liberaes, antes da convenção.

É actual marquez de Sabugosa (desde 30 de abril de 1852) o sr. Antonio Maria José de Mello Silva Cesar de Menezes, que herdou a casa e titulos de seu pae.

As armas dos marquezes de Sabugosa, são:

Escudo esquartelado — no 1.º quartel, 6 fustas, em agua, em duas pallas, com ramos d'ouro, e cada um com dois pendões de púrpura, um na prôa, outro na pôpa — no 2.º, cinco vieiras de ouro, realçadas de negro, em campo de púrpura — no 3.º, as armas dos Mascarenhas (trez faxas d'ouro, em campo de púrpura) — e no 4.º, a dos Alencastres (as de Portugal, com a quebra de bastardia) — Por timbre, uma das fustas do escudo.

(Já fica dito porque razão se augmentou o escudo dos Cesares, com as seis fustas).

O sr. Antonio Vasco de Mello, filho primogenito do actual sr. marquez de Sabugosa, é bacharel em direito, pela universidade de Coimbra, e casado com a sr.ª D. Marianna das Dôres de Mello, feita condessa de Murça, no 1.º de março de 1871.

Já tem filhos.

Em outubro de 1875, o governo effectuou a compra dos raros e riquissimos manuscritos que possuirá a casa dos condes de S. Lourenço, da qual é hoje representante, a sr.ª condessa de S. Lourenço, e o sr. marquez de Sabugosa seu filho.

São 897 documentos, e todos elles de grande valor como subsidio para a historia politica.

Fazem parte da collecção 64 cartas de D. João de Castro e authographos das seguintes notabilidades — conde da Castanheira, D. Jeronymo Ozório, o chronista João de Barros, André de Rezende, D. João de Mascarenhas, Martim Affonso de Souza, D. Alvaro de Castro, D. Aleixo de Menezes, Antonio Moniz Barreto, Antonio Pinheiro, D. Estevão da Gama, Henrique de Souza Chichorro, D. Jeronymo de Menezes, Lourenço Pires de Tavora, Luiz Falcão, etc.

Tambem se encontram n'esta preciosa collecção os documentos relativos ás côrtes de Torres Novas, reunidas em 1438, para prover ao governo do reino por morte de D. Duarte: documentos anthenticos que tiram as duvidas que existiam ácerca d'aquellas côrtes, como succede com as de Lamego.

Embora a collecção estivesse avaliada no inventario em 4:500,000 réis, o sr. marquez de Sabugosa preferiu cedel-a ao governo portuguez, mais barata ainda, a vendel-a no estrangeiro por quantia superior, que de certo alcançaria.

É digno de louvor e honroso o seu procedimento.

Sabugosa 17 de setembro de 1855.

Chegaram hontem á noite a esta villa, onde se demoram alguns dias, os honrados cavalheiros Antonio Correia da Silva, José Correia d'Oliveira, Antonio Correia de Oliveira e a mais familia.

Os srs. Correias foram e tem sido sempre muito bem recebidos n'esta terra, onde são admirados, e com razão, pela sua rara philanthropia e piedade, e eu faltaria a um dever, tornando-me digno de censura, se em nome de toda esta freguezia, não viesse d'este tribunal agradecer-lhes, conforme m'ó permite o meu acanhado talento, tantos e tão grandes beneficios que suas senhorias tem feito a esta freguezia.

Aborreço a lisonja, e não intento tecer elogios, porque conheço a minha insufficien-

cia, e com grande sacrificio me arrojô a manifestar a minha ignorancia do idioma patrio, mas a isto me obriga não tanto a gratidão, como o desejo de expôr aos olhos de todos, acções que podem servir de norma e incitamento á pratica da virtude, e que não devem ficar no esquecimento.

Os srs. Correias, são naturaes de Sabugosa; porem, amigos do trabalho e dotados de um genio emprehendedor, resolveram viajar, invocando o auxilio da Senhora do Pranto; e o sr. Antonio Correia da Silva, foi para Lisboa, e seus sobrinhos, os srs. José Correia de Oliveira e Antonio Correia de Oliveira, emigraram, cêrca do anno 1850, para o Pará, d'onde regressaram em 1873 para Lisboa, onde actualmente todos residem.

Em acção de graças a Nossa Senhora do Pranto, por terem chegado ao reino a salvamento, e por terem sido felizes nos seus negocios, aquelles rarissimos e generosos, homens protestam, não obstante terem filhos, ceder de grande parte da sua fortuna a favor dos pobres e obras pias.

Eis, além d'outros que omitto, alguns exemplos.

O sr. Antonio Correia da Silva, mandou dar nova fôrma e encarnar a imagem da dita Senhora do Pranto, presenteando-a com um riquissimo andor, brilhantemente dourado, e suas respectivas andas ou muletas; e agora n'esta visita, trouxe para a igreja da mesma Senhora, uma pia baptismal de marmore, tão bem exarada que até não está em proporção com a igreja.

Não posso dizer o valor dos objectos, porque os doadores não o dizem e aborrecem quem lh'o pergunta ou os elogia.

O sr. Antonio Correia de Oliveira, constando-lhe que esta igreja estava quasi em ruinas, supplicou e pôde mover a junta de parochia a reedificá-la, offerecendo a quantia de 150\$000 réis, para aproveitar a qual esmola é que a obra se fez; e deu mais um vestido de seda para o Menino Jesus.

O sr. José Correia de Oliveira apresentou a mesma Senhora com uma capa que se sabe custou 48\$000 réis e com uma riquissima corôa de prata; deu mais para uso d'esta igreja uma umbella, que é avaliada

em 50\$000 réis; e trouxe finalmente agora uma capa para a Senhora do Rozario, que ainda não vi, mas que deve ser tambem rica.

É tambem digna de menção uma estrondosa festividade, que a expensas suas mandou fazer este senhor, no dia 9 de agosto de 1874, á mesma Senhora do Pranto, mandando-me distribuir pelos pobres d'esta villa a quantia de 7\$000 réis, além d'outras avultadas esmolas que elle mesmo deu a alguns necessitados, etc.

Ahi ficam descarnadamente e sem commentarios, porque d'elles não carecem, descriptas algumas acções que enobrecem os illustrissimos senhores Correias.

Bem hajam, pois, suas senhorias, mil vezes bem hajam, e Deus seja servido conservar largos annos taes homens, para exemplo sobre a terra, porque o Ceu de certo lhes pertence.

Padre João Luiz Parreira.
(Extrahido da *Atalaia*, de Viseu.)

SABUGUEIRO—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Cêa (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Gouveia) 80 kilometros a E.N.E. de Coimbra, 310 ao E. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O reitor de Cêa apresentava o cura, que tinha 25\$000 réis e o pé d'altar.

Clima excessivo, mas saudavel. Fertil em cereaes. Muito gado miudo, e grande abundancia de caça grossa e miuda.

SACA—portuguez antigo (é arabe)—dava-se este nome ao direito que se pagava das fazendas ou generos que hiam por mar para o estrangeiro.

Dava-se o mesmo nome á licença para transportar cousas para fóra do reino. *Eramos requeridos dos nossos naturaes, e de outros estrangeiros. que lhe hovessemos de dar saca de pam e de gaados, pera fóra dos nossos Regnos.* (Cod. Alf., 2.º 5.º, tit. 48, § 3.º)

D'aqui vinha *sacar*, que significava—levar qualquer cousa de uma para outra parte.

No estylo figurado, significava *proferir muitas mentiras*. Hoje o povo diz *despejar o sacco* das mentiras, com a mesma significação.

Com o andar do tempo veio a dar-se o nome de *sacada*, á contribuição, finta, fôro, renda, ou tributo; e ainda se chama *sacador* ao que se occupa na cobrança d'estas cousas.

Teuerom per ben de alcançarem fintas e sacada, pelo termo da Villa de Viseu, no anno de 1536, em que cason com D. Constança, o infante D. Pedro. (Doc. de Maceira dão.)

As sacadas não eram porém eguaes em toda a parte: regulava o antigo costume da terra.

Eram isentos de sacadas todos os logares, aldeias, casaes e herdades, das egrejas, ou dos mosteiros, e todos os reguengos que pagavam fôro á corôa.

Os povos da freguezia de *Agro-Chão* (Traz os Montes), concelho de Vinhaes, eram, por antigo privilegio, e por consentimento da cidade de Bragança (a cuja comarca então pertenciam) isentos do pagamento de sacadas, *em remuneração de grandes serviços que em tempo de suas aperturas (da cidade) lhe fizeram.*

Como a maior parte dos tributos e contribuições se pagavam no fim de junho, tambem em muitas partes se dava aos *sacadores* o nome de *sanhoaneiros*, e depois *sanjoaneiros*, e ás rendas que então se pagavam —*sanjoaneiras*.

SACAPARTE (Nossa Senhora de)—Grande e antiquissimo templo do Riba-Côa, (Beira Baixa) na freguezia e a 3 kilometros da villa de Alfaiates, comarca e concelho do Sabugal, antigo bispado de Cidade de Rodrigo, depois de Lamego, e desde 1774, do de Pinhel.

Fica perto da villa do Sabugal e da freguezia de Aldeia da Ponte (tambem do concelho do Sabugal).

Está entre a villa de Alfaiates e a raia hespanhola, d'onde dista tambem 3 kilometros. Está a egreja situada em uma vasta planicie, onde não ha outros edificios ou habitações além do templo, residencia do eremito e casas para abrigo dos romeiros.

Segundo o padre Vasconcellos, na *Descrição do reino de Portugal* (pag. 539, n.º 16) e a *Monarchia Lusitana* (5.ª parte L.º 16, cap. 51), esta egreja foi construida no tempo dos gôdos, e n'ella se celebraram os officios divinos em todo o tempo do dominio mourisco, mediante certo tributo.

Não se sabe qual foi a primeira invocação d'esta Senhora, e para explicarmos a actual, temos que hir consultar a Historia.

Havia nos primeiros annos do seculo xiv, na Castella Velha, um fidalgo poderosissimo, chamado D. Alvaro Nunes de Lára, senhor da cidade de Lára, na Castella Velha.

Era rei de Castella, D. Sancho, o *Bravo*, (filho de D. Affonso, o Sabio) que não podia tolerar a soberba d'este fidalgo arrogante. Principiou com elle as hostilidades, sitiando-lhe o pae (D. João Nunes de Lara) na cidade de Albarrazim.¹

D. Luiz, ajudado com tropas do rei de Navarra e de algumas do de França, rompeu a guerra contra D. Sancho; e, como Portugal era o valhaçouto de todos os descontentes leonezes, castelhanos e mais hespanhoes, localizou-se esta guerra no territorio do Riba-Côa, onde os castelhanos praticaram grandes roubos e destruições, sem que o nosso rei D. Diniz podesse então atalhar tantas desgraças.

Com os Lâras vinha tambem o infante portuguez D. Affonso, filho segundo do nosso rei D. Affonso III, trazendo em sua companhia, Fernão Soares e Sentil Soares, nobres fidalgos, filhos de Soeiro Gonçalves de Barundo, e irmãos de Payo Soares, mórdomo mór do mesmo infante.²

¹ A cidade de Albarrazim, era uma das do senhorio da nobilissima familia dos Lâras. D. Sancho, o Bravo, ajudado por D. Pedro, rei de Aragão, tinha tomado esta cidade aos seus senhores, dous annos antes, dando-a a seu filho, o infante D. Fernando; mas os Lâras a reconquistaram pouco depois.

² D. Affonso III, casado com a condessa de Bolonha, annullou, *auctoritate qua fungor*, este casamento, e casou com D. Brites, filha de D. Affonso X, rei de Leão. A condessa de Bolonha não teve filhos, e o primogenito de D. Brites, foi D. Diniz, que nasceu ainda em vida da condessa de Bolonha. D. Affonso, e seu segundo filho, nasceu depois da

Os dous partidos vieram ás mãos, dando-se uma furiosa batalha junto á villa de Alfaiates, na qual o partido dos Laras foi vencido, ficando muitos mortos no campo, sendo d'este numero Fernão Soares e seu irmão Sentil Soares.¹

Até aqui a historia.

Segundo a lenda—vendo-se os povos da villa (então praça de guerra) de Alfaiates em risco de serem tomados por um ou outro dos partidos contendores, recorreram ao patrocínio de Nossa Senhora *Sáca-os á parte*, como quem diz—*tira-os para longe de nós*; e os castelhanos não atacaram a villa.

D'aqui se originou dar-se á Senhora o titulo de *Sacaparte*.

(É uma etymologia, como qualquer outra.)

No reinado de D. Diniz, era esta capella pequena e estava, por velha, muito arruinada; e como o rei vinha aqui frequentes vezes fazer grandes caçadas, pois havia por estas charnecas, grande abundancia de vea-

morte de Mathilde, e fundava os seus direitos á corôa de Portugal, dizendo que era filho legitimo e D. Diniz adulterino. Isto deu em resultado grandes desordens e guerras, que muito prejudicaram o reino e que só a prudencia da rainha santa Izabel contribuiu a terminarem.

¹ D. Alvaro Nunes de Lara pôde escapar da batalha, e pôr-se ao serviço do nosso rei D. Diniz, que o recebeu com grandes distincções, e lhe fez muitas honras.

Veio D. Alvaro a ser o tronco dos Laras portuguezes, cujas armas são:

Em campo de púrpura, duas caldeiras em palla (distincção dos rico-homens) xadrezadas de ouro e negro, com oito cabeças de serpe, verdes, salpicadas de ouro, quatro em cada pegado das azas da caldeira, duas para dentro e duas para fóra.

Outros do mesmo appellido trazem por armas—em campo de prata, duas caldeiras negras, em palla, com bocaes de ouro e azas levantadas. Tanto um como outro escudo, teem elmo de prata, aberto e por timbre, meio galgo, de prata, malhado de negro, com colleira de púrpura, guarneçada de ouro.

Foi D. Affonso II (o *Gordo*), de Castella, que deu estas armas ao conde D. Alvaro Nunes de Lara, pela sua bravura na batalha das Navas de Tolosa, a 16 de junho de 1212. (Vide *Navas*.)

dos, corças, ursos, javalis, e outra caça, passava muitas vezes, por junto da capella, e, vendo-a n'aquelle estado, a mandou reedificar, desde os fundamentos, dando-lhe muito maior amplitude; por isso alguns escriptores o dão como fundador d'este santuario. As suas armas se vêem ainda no alto do retabulo do altar-mór.¹

Emquanto a villa de Alfaiates foi cabeça de concelho, era a sua camara que administrava esta egreja, e nomeava eremitação e mórdomo.

O sitio onde está o templo, ainda que deserto, é agradável e abundante de optima agua potavel, que brota de uma boa fonte, e com um tanque para beber o gado. (Alem do poço que está dentro do templo, e a cuja agua o povo attribue virtudes milagrosas.)

Junto á egreja ha uma grande albergaria para osromeiros, a qual antigamente tinha muitas camas no primeiro andar, e nos baixos cavallariças para béstas e gado.

Em 1726, se juntaram n'esta egreja alguns devotos, sacerdotes e seculares, quinze ao todo, e fundaram um mosteiro de frades *agonisantes*, da invocação de Nossa Senhora de Sacaparte; tendo por missão confessarem, prégarem, e resarem em côro.

No reinado de D. João V, se aggregaram á ordem de S. Camillo de Lellis, de clérigos regulares, para soccorro temporal e espiritual dos enfermos.

Desde D. Diniz foram os reis de Portugal, padroeiros d'esta egreja.

Na camara de Alfaiates, existia uma sentença dada por Philippe III a favor dos vereadores, contra o bispo de Lamego (a cujo bispado então este territorio pertencia) da qual transcrevo o seguinte:

«Dom Philippe, por graça de Deus, etc.—
«A vós, Bispo da cidade e bispado de Lamego, etc.... Nossa Senhora de Sacaparte, que foy instituida por El Rey Dom Diniz, que está no Ceo, cuja immediata pro-

¹ O povo de Alfaiates diz que esta reedificação foi feita pelo rei, em cumprimento da promessa que fez á Senhora, quando, em uma caçada se viu só, e accommittido por um grande urso (outros dizem javali) e em perigo de vida.

«tecção era sua, e dos Reys passados, e minha; sempre servida e administrada por pessoas leygas... e como se mostra estar em posse immemorial de alevantar hum Altar portatil na Igreja de Nossa Senhora de Sacparte, onde põem uma Imagem do Menino Jesus; e as offertas que no dito altar se offerecem, serem para a fábrica da dita Igreja, para o que tem mordomos elleytos em Camara, etc. Porto, 14 de Junho de 1603.—O doutor, *Gonçalo de Faria e Andrada.*»

A igreja tem capella-mór, com o seu altar, e dous lateraes no corpo da igreja, todos de bôa talha dourada. Em 1710, estando o forro da capella-mór em mau estado, se lhe construiu um novo, com grande magnificencia, e que custou 300,000 réis.

Tem a igreja uma porta principal e duas lateraes, e um bom alpendre em volta, como o de Nossa Senhora da Nazareth, da Pedrneira.

É a Senhora de Sacparte objecto da veneração de todos os póvos da Beira Baixa e da Extremadura hespanhola (vindo antigamente ás suas romarias gente da Serra da Gata, de Cidade de Rodrigo, Cória, e campos de Aragão) e do Riba-Côa, vinham os povos do Sabugal, Villar-Maior, Castello-Mendo, Aldeia da Ponte, Castello-Bom, Castello-Branco, e outras muitas povoações, quasi todos acompanhados dos seus respectivos parochos.

Tinha a Senhora varias fazendas, que alguns fleis lhe haviam doado, para com os seus rendimentos se occorrer ás despezas do culto; porém a sua receita principal consiste em esmolas e offertas dos romeiros que aqui concorriam em tão grande cópia, que, segundo a opinião de alguns, se podia construir uma igreja de prata.

Quando a villa de Castello-Mendo era capital do concelho do seu nome, fazia todos os annos uma visita á Senhora, que constava dos membros da camara, encorporados, todos montados, e muitos cavalleiros e peões, de ambos os sexos, todos vestidos de gala—isto na primeira segunda-feira, oitava da Paschoa da Resurreição.

Concorria n'esse dia muita gente dos arredores, e ainda de povoações muito distantes, formando um immenso e vistoso arraial.

Havia n'esse dia missa cantada, sermão, musica, fogo de artificio, e antigamente, jogos de cannas, cavalhadas e outros divertimentos.

No sequito dos de Castello-Mendo, vinham 18 homens, nós, da cintura para cima, trazendo cada um d'elles um grande cirio, correspondente ás principaes 18 povoações do concelho. Cada um dos cirios pesava 140 arrateis (1) e eram offerecidos á Senhora.

A esta festividade presidia o parcho de Castello-Mendo.

Tambem em todos os sabbados da quaresma era aqui grande o concurso de povo, havendo sempre sermão, missa e ladainha.

Segundo a lenda, a festa dos 18 cirios teve a origem seguinte:

Em tempos de que não ha memoria, apparecia por estas terras um terrivel urso, que não só devastava os campos e destruia os fructos, como matava todas as pessoas que encontrava.

N'estes apertos, recorreram á Senhora, que os livrou do monstro, e em acção de graças lhe fizeram esta grande festa.

Tambem no vasto terreiro que fica em volta do templo, houve antigamente trez grandes feiras, que coincidiam com as trez festas principaes, que eram: Anunciação, Assumpção e Natividade, e todas grandemente concorridas.

Desejando dar aos meus leitores noticias exactas sobre o estado actual d'este famoso santuario do Riba Côa, escrevi uma carta muito humilde ao sr. presidente da camara do Sabugal, pedindo-lhe, como um grande obsequio, me dissesse em que estado se achava o templo, e se ainda a elle concorriam, como em outro tempo, as romarias da Beira Baixa e de Castella.

SUA EXCELLENCIA, julgando que responder a um obscuro e humilde escriptor publico, seria descer da posição olympica a que o

guindaram os cabos de policia da sua terra, não se dignou responder-me! Muito obrigado, sr. presidente da camara do Sabugal: fez VOS-A EXCELENCIA muito bem!

Tenho encontrado tantos d'estes!...

SACARÍA—portuguez antigo—vem de *saca*—dava-se o nome de *sacaría* ao imposto que o povo pagava para a corôa.

D. João I disse que era seu desejo *fazer a cidade de Lisboa franca e livre de sacarias de alguns direitos de pequena condição, que os Reys em ella avião, de guiza que todos vezessem sem rezezes sojeições, usando livremente do que houvessem.....*

..... Entences, lhes quitou estes custumes e direitos que haviam em usança pagar e eram—Relêgo, Jugidas de pam e de vinho, Mórdomado, Anadarias, Açougagem, Selario, Mealharia, Londos e Alcavala. E que todos vezinhos da Cidade e seu termo, não pagassem nenhum direito, de todalas mercadorias que levassem ou trouxessem, assi pera seus mantimentos, como pera vender. E des-te lhe mandou fazer escrituras, as mais fortes, etc (Lopes, Chronica de El-Rey D. João I, parte 1.ª, cap. 154.)

SACAVEM—freguezia, Extremadura, concelho dos Oliveas, comarca, districto administrativo e patriarchado de Lisboa, d'onde dista 15 kilometros ao E., 330 fogos.

Em 1757 tir ha 350 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

A casa de Bragança apresentava o prior, que tinha 240,000 réis.

Está a povoação poeticamente situada nas margens do rio Friellas, e proximo á sua confluencia com a margem direita do Tejo.

Sacavem é incontestavelmente uma povoação antiquissima, e que já existia no tempo dos romanos.

Por aqui passava uma das trez vias militares romanas (a que hia mais pelo N.) que de Lisboa se dirigia a Mérida, então capital da Lusitania, e hoje da Extremadura hespanhola.

Esta estrada sahia da parte oriental de Lisboa, passando por Chellas (parece que por junto do mosteiro das freiras) e era ahi o primeiro marco milliar

Dirigia-se a Sacavem, atravessando ahi o Friellas, por uma ponte, da qual ainda em 1670 se viam algumas ruinas.

D'aqui hia a Alvérea, onde tambem existia um marco milliar.

Torcia alguma cousa para o N. do Tejo, e passava por Alemquer, onde ainda existem claros vestigios d'esta estrada, e havia um marco milliar, dedicado ao imperador Trajano.

A primeira estação d'esta via, era em *Sclabicastrum* (Santarem), e ha todas as razões para crer que ahi atravessava o Tejo por uma ponte, da qual ha muitos annos não restam os menores vestigios.

D'alli se dirigia a Almeirim e Alpiarça, tomando o rumo de S. E., e hia passar a Alter do Chão, etc.

Como nas terras por onde passava esta estrada, fiz d'isso menção, e para se evitarem repetições, para lá remetto o leitor.

No livro intitulado *Fundação, antiguidades e grandezas de Lisboa*, escripto pelo capitão Luiz Marinho d'Azevedo, natural da mesma cidade, e a pag. 234, se lê o seguinte:

«Logo que os mouros, senhores dos logares visinhos de Lisboa, entend-ram que estava cercada, temendo que se a cidade se perdesse, havia el-rei D. Affonso de destruil os; intentaram soccorrê-la, para o que juntaram 5:000 de cavallo, das villas de Thomar, Torres-Novas, Alquer, e Obulos (Obidos), parecendo lhe, que á ligeira, se poderiam metter dentro da cidade.

«Teve el-rei aviso do designio dos mouros, a tempo, e mandou 1:500 dos nossos, que lhe fossem impedir o passo, na passagem da ponte de Sacavem, de que ainda permanecem os primeiros arcos e alicerces de outros.

«Chegaram os nossos ao alto do lugar de Sacavem, em que havia um castello que estava pelos mouros, e á vista d'elles commetteram os que acabaram de passar a ponte animosamente; e como eram os con-

«trários mais em numero, esteve algum espaço duvidosa a victoria, porque os mouros pelejavam valentemente, com mortes e ferimentos de alguns dos nossos, os quaes, animando-se mais, com um espirito sobre-natural que lhes sobreveio, fizeram perder aos infieis os brios, e voltando estes as costas, como não podiam caber pela ponte, uns se afogaram no rio, e outros foram mortos a ferro, chegando uns e outros a 3:000.

«Chegou a socorrer os mouros *Bezci Zaide*, alcaide do castello (de Sacavem) que vendo os seus desbaratados, se reconciliou a elle, e sendo cercado pelos nossos, lh'o entregou logo, não podendo defender-se.

«Affirmaram os que se acharam na batalha, ver, no maior trance d'ella, muitos homens estrangeiros não conhecidos, que os ajudaram, ao tempo que imploravam o favor da VIRGEM MARIA, Senhora nossa, á qual el-rei D. Affonso attribuiu tão milagroso successo, mandando logo edificar em seu favor uma ermida, de que o mouro *Zaide* foi o primeiro eremita, convertido por uma visão maravilhosa que teve antes que a batalha se começasse.

«Havia tradição confusa d'este successo, em tempo d'el-rei D. Sebastião, o qual, desejando ter d'elle mais inteira noticia, mandou por um desembargador, tirar informação, no anno de 1577, e achou um livro antigo na igreja do lugar, em que se continha toda esta relação, a qual, com a ermida antiga, fundada por el-rei D. Affonso, que ainda permanecia, e a fama que corria entre os moradores do lugar, confirmou a memoria do livro.

«Esta quiz perpetuar Miguel de Moura, secretario e valido de el rei D. Sebastião, pedindo-lhe o lugar da ermida, para fundar n'elle um mosteiro de religiosas; e sendo-lhe por elle concedido, o edificou, no lugar da batalha¹ com o titulo de Nossa Senhora dos Martyres, em memoria dos que n'ella morreram, pelejando; para o que foram religiosas do convento da Madre de

«Deus d'esta cidade, que o fundaram, de baixo da regra de Santa Clara (franciscanas) imitando bem, com tal filiação, as grandes virtudes, clausura, e religião do seu instituto, que é dos mais notaveis que tem a christandade, e de cuja recolleção trataremos na terceira parte d'esta obra.»

Ainda aqui existem os restos de uma antiga torre.

No reinado de D. Sancho I (1191) foram as prebendas da igreja parochial, incluídas na divisão feita para atalhar as contendas entre o prelado de Lisboa e o seu cabido.

Tinha então esta freguezia 900 fogos.

A primitiva igreja parochial estava no actual Largo da Saude, mas foi totalmente destruída pelo terramoto do primeiro de novembro de 1755, e não tornou a reedificar-se.

Era collegiada.

Desde então ficou servindo de matriz a capella de Nossa Senhora da Victoria, até que, em 11 de abril de 1853, a requerimento da junta de parochia, passou, por concessão do fallecido patriarcha, D. Manuel Bento Rodrigues, para a igreja do mosteiro de Nossa Senhora da Conceição dos Martyres.

A actual freguezia de S. João da Talha, era uma aldeia d'esta parochia, e d'ella foi desmembrada em 1388, e ficou formando freguezia independente.

Camarate era tambem uma povoação d'esta parochia, da qual se separou, para constituir freguezia independente, a 9 de junho de 1511.

Ha em Sacavem uma praça de touros, principiada em 1875 e inaugurada em 16 de maio d'esse mesmo anno, por occasião da feira do Espirito Santo

É propriedade dos srs. Francisco da Silva Almeida Pontes, e João Laureano Duarte.

Está construída na margem direita do rio, junto á estrada que conduz á estação do caminho de ferro, e proximo á mesma estação (que é a 3.ª do caminho de ferro do norte e leste; e que tem aqui uma bonita ponte de ferro de trez arcos).

¹ Não é preciso dizer aos leitores, que esta batalha teve lugar em 1147.

Quando aqui ha touradas, e tambem nas festas de Nossa Senhora da Saude, ha sempre bilhetes de caminho de ferro a preços reduzidos.

Ha em Sacavem, grandes armazens para deposito de vinhos.

Tem trez feiras annuaes, a primeira no domingo do Espirito Santo; a segunda, a 14 de agosto; e a terceira, a 14 de setembro.

Duram trez dias cada uma.

Estando, no anno de 1415, o rei D. João I e sua virtuosissima esposa, a rainha D. Philippa, e a sua familia em Sacavem, lhe chegou a noticia de que uma terrivel peste se tinha desenvolvido em Lisboa e seus arredores.

O rei sahiu immediatamente com a familia real para Odivellas; mas, apenas lá chegou, foi a rainha atacada, logo a 8 de julho, fallecendo a 18, com 56 annos de idade, pois tinha nascido em 1359.

Foi casada 28 annos.

Foi natural de Sacavem o padre Balthazar Barreira, da Companhia de Jesus.

Foi um sollicito evangelizador no reino de Angola, e muito contribuiu para a conservação d'aquelle estado, pelos sabios conselhos que deu ao governador Paulo Dias de Novaes, e pelo animo e coragem que inspirou aos portuguezes.

Depois de aqui passar quatorze annos, empregados na conversão de grande numero de gentios, passou com o mesmo fim, a Cabo-Verde, Guiné e Serra-Leôa, convertendo e baptizando, em todas estas terras, muitos reis, chefes e gentios, e edificando grande numero de egrejas.

Tinha nascido em 1538; foi 56 annos padre da companhia, e falleceu em Cabo-Verde, a 4 de junho de 1612, com 74 annos de idade.

Foi sepultado com as maiores honras, e com geral sentimento e perda para o reino de Angola.

Capellas d'esta freguezia

1.^a—*Nossa Senhora da Saude*, e que primeiro foi da invocação de Santo André.

Pertence á junta de parochia.

Em 1599 houve n'este reino uma grande peste, que causou muitas victimas.

Em Sacavem eram tantos os mortos, que já na egreja não havia logar onde se enterrassem.

Junto á egreja havia uma capella dedicada ao apostolo Santo André, e que havia sido, em tempos, a ermida de uma albergaria para passageiros pobres, e depois o foi de uma gafaria.

Resolveu o parochio que os defunctos fossem enterrados n'esta ermida, e logo ao abrir a primeira cova, se achou uma imagem da Santissima Virgem, de bôa escultura, em marmore, o que muito alegrou o povo da freguezia, o qual tratou logo de collocar a santa imagem em um andor, e levá-la em procissão em volta da freguezia.

Consta que logo cessou a peste, pelo que deram á Senhora o titulo da Saude, collocando-a no altar da ermida, que desde então se ficou denominando Nossa Senhora da Saude.

Pelos annos de 1700, estando o templo em mau estado, por ser muito antigo, o povo á sua custa o demoliu, construindo uma outra capella, com a mesma invocação. Em quanto duraram as obras, estiveram as santas imagens na capella da quinta dos viscondes de Barbacena.

Foi restaurada a ultima vez em 1872, com as esmolas que a junta de parochia sollicitou e obteve.

Faz-se-lhe em todos os annos uma pomposa festa, no primeiro domingo de setembro, que é sempre concorridissima, porque os povos da freguezia e circumvisinhas tem grande devoção com esta Senhora.

2.^a—*Nossa Senhora da Conceição* na quinta das Prêtas. É particular, e pertence aos herdeiros de Geraldo José Braancamp.

3.^a—*Santo Antonio*, na quinta de Santo Antonio da Sena, pertencente ao sr. dr. Ignacio Francisco Silveira da Motta.

4.^a—*Nossa Senhora da Piedade*, na quinta do Património. Pertence ao sr. José Romão Zuniga.

5.^a—*Nossa Senhora da Purificação*, na quinta da Victoria. É do sr. José Augusto Braamcamp.

6.^a—*Nossa Senhora dos Anjos*, na quinta dos Anjos (vulgarmente chamada *quinta do Romão José*). Pertence á sr.^a D. Maria Joana Pereira Guião.

7.^a—*Nossa Senhora dos Milagres*, na quinta de S. José. É do sr. Francisco dos Santos Silveira.

8.^a—*S. Francisco*, edificada no largo da Saude, em 1766. Estando em ruínas, foi demolida em 1876. Durou exactamente um seculo. Era publica.

9.^a—*S. Roque*, na quinta do Rio. Era particular, e está em ruínas. Pertence aos herdeiros do ultimo conde de Barbacena.

10.^a—*Nossa Senhora da Victoria*, na estrada de Sacavem. É publica, e serviu de matriz, desde 1755 até 1863. Fica á entrada da povoação, do lado do O.

É templo antiquissimo, e ha toda a probabilidade para crer que já existia no tempo dos godos.

Parece que os mouros deixaram n'elle praticar os officios divinos, mediante um certo tributo, como fizeram em outras partes; pois quando D. Affonso Henriques cercava Lisboa, em 1147, estava a capella aberta ao culto, e se dava á sua padroeira o titulo de *Nossa Senhora dos Prazeres*, que o rei lhe mudou para o de *Senhora da Victoria*, desde que os portuguezes ganharam junto ao rio de Sacavem, aquella que fica referida.

Estando muito arruinada, foi demolida, pelos annos de 1690, e reconstruida de novo a capella-mór, á custa de esmolos do povo, e com uma avultada offerta dada pelo desembargador, José Galvão de Lacerda; e o corpo da egreja, á custa de D. Pedro II.

É uma bonita capella, muito clara, e revestida interiormente de azulejos.

No altar-mór está tambem a imagem de S. Francisco, que a irmandade dos terceiros alli mandou collocar, e do outro lado a de S. Caetano.

A sua festa é na primeira oitava do Espírito Santo, com grande arraial e feira, muito concorridos.

11.^a—*Espirito Santo*.

12.^a—*Madre de Deus*, na quinta da Francêlha.

13.^a—*S. Sebastião*, na quinta do Visconde, particular.

14.^a—*S. José*, tambem particular.

Quintas d'esta freguezia

1.^a—*de S. João* (vulgo, *do Marchante*)—do sr. visconde da Vargem da Ordem.

2.^a—*da Condessa*—do sr. conde de Penamacor.

3.^a—*do Francêlho de Cima*—do sr. J. Campello Trigueiro Martell.

4.^a—*do Francêlho de Baixo*—do sr. José de Sá Nogueira.

5.^a—*da Vargem*—do sr. João Nunes Manso.

6.^a—*das Prêtas*—do sr. Anselmo José Braamcamp.

7.^a—*da Serra de Cima*—do mesmo.

8.^a—*da Victoria*—do sr. José Augusto Braamcamp.

Geraldo José Braamcamp, fallecendo em 1876 (em janeiro ou fevereiro) instituiu seu irmão, o sr. José Augusto Braamcamp, seu herdeiro e testamenteiro, de todos os seus bens, com obrigação de nunca alienar esta quinta para fóra da familia; pedindo-lhe que a deixe, por sua morte, a seu sobrinho, o sr. Anselmo, irmão do sr. barão de Almeirim.

Legou á congregação da Caridade, da freguezia de S. Mamede, de Lisboa, cinco contos de réis, em inscripções; e igual quantia a uma senhora que estava em sua casa; outra igual quantia ao sr. Soares.

Deixou ao caseiro da quinta de Sacavem um conto de réis em dinheiro; e ao seu criado de quarto e ao cosinheiro (do testador) 450\$000 réis a cada um.

Geraldo José Braamcamp era viuvo de D. Juliana Maria de Sousa Holstein, irman da sr.^a condessa de Rézende, e tia da sr.^a

condessa da Ribeira. Não houve filhos d'este casamento.

- 9.^a—do Carmo—do mesmo.
 10.^a—de Santo Antonio da Serra—do sr. Ignacio Francisco Silveira da Motta.
 11.^a—da Serra de Baixo—do sr. Antonio Dias de Sousa.
 12.^a—do Meirinho—do sr. José Romão Zuniga.
 13.^a—do Património—do mesmo.
 14.^a—dos Assequins—do mesmo.
 15.^a—da Nora-Alta—do mesmo.
 16.^a—do Nuno—do mesmo.
 17.^a—do Roldão—do mesmo.
 18.^a—da Chouriça—do mesmo.
 19.^a—dos Almosteis—do mesmo.
 20.^a—do Mercador—do sr. Pedro Dias de Sousa.
 21.^a—do Casquilho—da sr.^a D. Maria José Pinto Basto.
 22.^a—do Ferro—do sr. visconde dos Oliveira.
 23.^a—do Cangalheiro—do mesmo.
 24.^a—Quinta Velha—dos herdeiros do visconde de Benagazil.
 25.^a—do Pinheiro—dos mesmos.
 26.^a—do Prior Velho—do sr. Manuel Joaquim da Silva.
 27.^a—do Coelho—do sr. visconde de Pereira.
 28.^a—das Areias—dos herdeiros do visconde do Rio-Sécco.
 29.^a—do Azeiteiro—dos mesmos.
 30.^a—Quinta Nova—da sr.^a D. Marianna Herculano de Oliveira.
 31.^a—da Cêrca—da sr.^a D. Maria Angelica Villar Miranda Osorio.
 32.^a—de S. José—do sr. Francisco dos Santos Silveira.
 33.^a—da Fontz—da sr.^a D. Marianna Emilia Nogueira.
 34.^a—da Horta do Meio—do sr. José Augusto Braamcamp. (Este senhor paga do seu bolso a educação de 12 meninas, nas escolas particulares.)
 35.^a—da Manteiga—do sr. Francisco Soares da Motta.
 36.^a—dos Anjos—da sr.^a D. Maria Joanna Pereira Guião.

- 37.^a—do Covo—do sr. Francisco Luiz Coelho.
 38.^a—da Calçada—do sr. Manoel Joaquim da Silva.
 39.^a—da Fonte Pêrra—da sr.^a D. Julia Maximiana Duarte.
 40.^a—do Fonseca—do sr. Silvestre dos Santos Ferreira.
 41.^a—do Rio—dos herdeiros do conde de Barbacena.
 42.^a—da Torre Vedra—do sr. Diogo de Sousa Mello.
 43.^a—da Queimada—do sr. visconde de Moléllos.
 44.^a—das Pinheiras—do sr. Augusto Frederico Ethur.
 45.^a—do Aranha—do sr. visconde de Ouguella.
 46.^a—do Casalinho—do sr. Augusto Frederico Ethur.

Casaes

- 1.^a—do Mόcho—do sr. Antonio Maia de Campos.
 2.^a—da Figueira—do sr. João Francisco Villão.
 3.^a—Casalinho do Arzeiro—do sr. Manuel Joaquim da Silva.

Montes

- 1.^a—de Cintra—onde se está construindo uma fortificação. O seu reduto fica em boa posição, tendo por fozso o rio. Friellas, batendo a linha ferrea e o valle, e cruzando o fogo com o reduto que deve construir-se no alto da Malvazia. Tem dirigido estes trabalhos o sr. capitão Eugenio de Azevedo.
 2.^a—do Convento.
 2.^a—do Casal do Mόcho.

Lezirias

- 1.^a—da Quinta Velha.—2.^a—do Pinheiro.—3.^a—do Lourenço.—4.^a—do Homem.—5.^a—das Pencheiras.—6.^a—da Queimada.—7.^a—do Aranha.—8.^a—da Quintinha.—9.^a—da Bôcca do Rio.—10.^a—do Visconde do Rio, Sécco.—11.^a—do Moinho.—12.^a—do Vermelho.

1.^a—*de Chitas*, na quinta das Penicheiras, do sr. Augusto Frederico Ethur.

2.^a—*de louça ingleza*, na quinta do Ara-nha, do sr. João Houssos.

É a unica fabrica de faiança fina que, por emquanto, existe em Portugal, rivalisando os seus productos com os melhores do mes-mo genero que nos vem de fóra.

Os differentes objectos aqui fabricados teem obtido premios e menções honrosas, nas exposições portuguezas e estrangeiras.

3.^a—*de limpeza d'ossos e derretimento de gorduras*, proxima à estação, do sr. Eduar-do da Costa Casinha.

4.^a—*de fundição de ferro*, do sr. Theoto-nio José Xavier.

5.^a—*de chitas*, do sr. Daniel Dias de Sousa.

Ha em Sacavem—9 ruas—4 travessas—7 béccos—6 calçadas—18 largos—22 azinha-gas—4 arcos—uma ponte de ferro—uma de madeira (construida em 1844, em substitui-ção da antiga ponte de barcas) tem recebe-dor e ajudante, para cobrarem os direitos de portagem—ha só uma fonte publica.

Mosteiro de freiras franciscanas, de Nossa Senhora da Conceição, de Sacavem

O convento de Nossa Senhora da Concei-ção dos Martyres, em Sacavem, começou a a edificar-se em 1577, anno em que el-rei D. Sebastião fez mercê da ermida que esta-va no lugar em que agora existe a igreja do convento.

A doação é datada de Salvaterra, aos 7 de dezembro do dito anno.

Foi Gregório XIII, quem por breve de 14 de junho do mesmo anno concedeu a Miguel de Moura e sua mulher D. Brites ¹ da Cos-

¹ No testamento da fundadora, vê-se *Breatiz*, e o mesmo se vê, na inscripção da sua sepultura no côro. Lá estão ambos os funda-dores.

Em todos os mais documentos, está *Bri-tes*.

(Brites, Breatiz, e Beatriz, era tudo o mes-mo nome, escripto de módo diverso.)

ta, a fundação á sua custa, do convento, concedendo lhe o padroado, e auctorisação para trazer do da Madre de Deus, as religio-sas que lhes parecessem, e para com os pa-dres fr. Damião da Torre e fr. Alvaro d'Oli-veira, fazerem os estatutos, para o convento gosar todos os privilegios dos da 1.^a regra de Santa Clara.

O cardeal-rei, por carta de 27 de janeiro de 1580, datada de Almeirim, mandou dar execução ao breve.

Vieram as religiosas (8) em 13 de outu-bro de 1581, sendo a 1.^a abbadeça (que já o era na Madre de Deus, de Xabregas) soror Vicencia de Jesus, e 2.^a, soror Leonor, mãe da fundadora, que exerceu o cargo 7 annos, até ao seu fallecimento.

Miguel de Moura, em 21 de julho de 1584, doou, em Sacavem, o padroado e casas de residencia, ao convento, servindo estas, por seu fallecimento, para residencia do physi-co e sangrador.

Fez a escriptura o tabellião Antonio Ser-rão.

Esta doação foi approvada e confirmada por Philippe II, em carta regia de 16 de no-vembro do mesmo anno.

Só este convento, d'entre os da 1.^a regra d'este reino, era vigariaria, e n'elle havia mais religiosas do que em todos os da pro-vincia do Algarve.

A pedra fundamental do convento foi lan-çada em 13 de dezembro de 1577.

A 1.^a pedra para a igreja, foi em 1 de se-tembro de 1596 (domingo).

Officiou o patriarcha de Jerusalem, vice-legado de Sua Santidade, acompanhado de seus ministros, padre S. Francisco, e os do convento pegado, cujo vigário era confessor.

Houve grande pompa n'esta festividade. Miguel de Moura era acompanhado do con-de de Penaguião, camareiro-mór do rei, do con-de de Tarouca e outras pessoas nota-veis.

Junto ao convento (a pouco mais de 1 me-tro de distancia) havia um outro de frades, sendo 1 o vigário, e os restantes para missas no convento e serviço das religiosas (assim diz a instituição).

Por fim chamou-se a este convento «hospedaria», e hoje serve para aquartelamento da força d'engenheiros que trabalha nas novas fortificações.

D. Sebastião, em 26 de junho de 1578, concedeu a este convento tantas esmolas quantas ao de Xabregas.

D. Philippe II, em 3 de março de 1582, concedeu-lhe:

Pela fazenda real:

500\$000 réis annuaes.

Pela obra pia:

40 arrobas de assucar.

O mesmo D. Sebastião (confirmado por D. Philippe II).

Pela alfandega de Lisboa:

3 arrobas de cera, 1 pipa de vinho, 1 pipa de vinagre, 1 pipa de azeite, 4 quintaes d'arroz, 2 quintaes de amendoas, 6 peças de figos, 6 arrobas de passas d'uvas, 50 varas de Ruão, 24 moios de trigo, 10 moios de cevada, 150 pannos de palha, 8 moios de milho, 40 alqueires de grão, e mais 5 arrobas de cera.

Em 1634, o rendimento d'este mosteiro, era de 2:875\$700 réis.

Em 27 de julho de 1598 concedeu-se a soror Maria do Espirito Santo, enquanto viveu, 50\$000 réis annuaes.

Em 4 de novembro de 1593, Philippe II tomou o mosteiro para sempre em sua real protecção, favor e amparo e de todos os reis seus successores.

D. João IV, em 5 de setembro de 1650, concedeu pelo almoxarifado do reguengo de Sacavem, moio e meio de sal.

D. Philippe II, concedeu ao mosteiro «comprar toda a carne, pescado, gallinhas, frangãos, ovos e tudo quanto precisar, pagando pelo preço da terra, e mandou os almotacés e mais justanças fizessem logo dar estas cousas primeiro que a outras pessoas, levando assignado da abbadessa, assim em Lisboa como em Sacavem, e o que não cumprisse esta determinação, pagaria de pena 2\$000 réis para os captivos.»

É tradição que a pia baptismal, existente na igreja, era a cúpula de um mirante,

pertencente ao mouro, governador do castello que ali existiu, onde houve a referida acção.

O que é certo é ser uma obra de grande merecimento artistico.

Por decreto de 24 de maio de 1877, foi o edificio entregue, em 28, ao ministro da guerra, com exclusão da igreja, côro e algumas casas contiguas, precizas á junta de parochia e irmandade do Santissimo.

Sobre a fundação do mosteiro de Sacavem, lê-se na chronica de D. Henrique, sobre a vida de Miguel de Moura, por elle escripta, o seguinte:

(Miguel de Moura, no 2.º § d'estas suas breves e singelas memorias diz que fôra baptisado na igreja dos Martyres, tão antiga como a d'este mosteiro e da mesma invocação, e fundada pela mesma causa, «onde espero em Deus ser enterrado».)

«El-rei D. Sebastião partiu de Lisboa aos 11 de dezembro de 1576, a visitar em romaria o famoso sanctuario de Nossa Senhora de Guadalupe, em Hespanha, d'onde recolheu á capital d'estes reinos em 13 de janeiro seguinte: n'esta jornada entrou em sua comitiva Miguel de Moura.»

Este Miguel de Moura teve a singular vantagem de servir sob as ordens de cinco soberanos, successivamente reinantes, em graves crises politicas, pelo que attento o seu character, teve de todos muita consideração. Feito por D. João III, moço fidalgo e escrivão de sua fazenda, serviu como escrivão da Puridade em tempo de D. Sebastião, que tambem confiava n'elle, e que não poucos segredos lhe depositava.

«Dois dias depois da partida d'El-rei, ateou-se subita e imprevisamente um horroroso incendio nos armazens de deposito, sitos á Pampilha, especie de alfandega onde entravam generos e mercadorias estrangeiras.

Teve a sua origem em pegar o fogo n'uns 146 barris de polvora, de 3 quintaes cada

um; a explosão foi terrível, o estampido medonho, e as consequências inevitáveis devastaram boa parte da cidade. Nas casas do provedor, Luiz Cesar, em lugar eminente e sobranceiro ao Tejo, residia então Brites da Costa, mulher de Miguel de Moura, que aos primeiros echos da calamidade, prostrou-se de joelhos, com sua família, ante a imagem de Nossa Senhora da Conceição: mas o edificio de sua morada foi um dos que mais padeceram, ficando convertido n'um montão de ruínas, nas quaes Brites ficou soterrada, e d'onde foi a custo tirada, gravemente ferida.

Á noticia d'este acontecimento quiz Moura retroceder, mas não lh'o concedeu El-rei. Recolhido á patria, o que não tardou, fez voto de erigir um templo e mosteiro de religiosas da invocação da Mãe de Deus, para commemoração do milagroso livramento de sua mulher, e em testemunho de gratidão aos beneficios divinos.

Tal foi o motivo da fundação do convento das religiosas franciscanas de Sacavem.

No sitio em que este existe, havia uma ermida intitulada de Nossa Senhora dos Martyres, mandada construir primitivamente por D. Affonso Henriques, quando estava sobre Lisboa, em memoria de uma peleja em que alli ficára vencedor dos infieis; porquanto, tendo os mouros de Thomar, Torres Novas, Alemquer, Obidos e outras povoações da Extremadura, noticias de que os seus compatriotas de Lisboa se achavam muito apertados com o sitio posto pelos christãos, acudiram em seu auxilio com 5.000 combatentes, pela maior parte de cavallo.

D. Affonso, querendo cortar o soccorro, mandou contra elle a diminuta força de 1.500 de cavallo e alguns peões; mas bastaram estes para de todo desbaratar aquella gente, que já tinha passado o braço do Tejo, em Sacavem.

O alcaide mouro do castello da eminencia fronteira, Bezai ou Baffay Zaide, vendo o destroço dos seus, não só se entregou, mas converteu-se á fé de Christo, e foi o primeiro eremita do oratorio de Nossa Senhora dos Martyres que El-rei fez erigir.

Como Miguel de Moura possuia uma quin-

ta junto da ermida, por ser esta do padroado regio, a pediu a D. Sebastião, para alli fundar o mosteiro e cumprir o seu voto.

Mandou El-rei averiguar da veracidade da origem da ermida um ministro desembargador, o qual não só a confirmou com a tradição local; mas, o que é mais importante, com um documento que achou no registro da antiquissima parochia de Sacavem, e que passou para o alvará da concessão feita a Miguel de Moura, dado em Salvaterra aos 8 de dezembro de 1577, o mesmo anno de que data a fundação do convento.

Morto Miguel de Moura, sua mulher se recolheu ao convento, cujas fundadoras foram do da Madre de Deus, ficando o de Sacavem com a denominação de Nossa Senhora dos Martyres e Conceição, commemorando a um tempo a antiga ermida e a imagem da Virgem, com que Brites se abraçou no grande perigo, que deixamos relatado.

Em 1863 só existia uma freira n'este mosteiro.

Sendo intimada para sahir para outro mosteiro, recusou; mas vendo que, mais dia menos dia, a punham á força na rua, tratou de vender quadros, alfaias, e tudo o mais que lhe podia dar dinheiro.

Em fevereiro de 1877, procedeu-se a inventario dos objectos d'este mosteiro, porque a freira de que tratei foi transferida, a seu pedido, para o convento de Sant'Anna, de Lisboa.

Consta que tem havido cinco pontes no rio de Sacavem:—a 1.^a construida pelos romanos, da qual ainda existiam vestigios no tempo em que Miguel Leitão de Andrade escreveu a sua *Miscellanea*, em 1629.

A 2.^a, de barcas, foi inventada pelo infeliz mathematico Bento de Moura, e já existia quando João Baptista de Castro publicou o seu *Mappa de Portugal*, em 1745, e portanto é mais antiga do que a ponte de barcas sobre o Douro, em frente do Porto.

3.^a toda de madeira, que foi queimada pelos realistas, em 12 de outubro de 1833, quando retiraram de Lisboa para Santarem.

4.ª, a bella ponte de cantaria e erro, feita em 1812 (que ainda existe) sobre quatro pérgões, com um rodizio no centro, para passagem dos barcos.

O arco é de ferro, fundido nas officinas do Arsenal Real do Exército, e tem 18 metros de comprimento, e uma curvatura de dois metros no centro. Pesa 1:425 kilogrammas.

A 5.ª, do caminho de ferro. Veio já feita de Inglaterra, e foi assente pelo engenheiro Black.

As feiras fazem-se em uma vasta planicie junto ao rio.

O rio de Sacavem é navegavel até Santo Antão do Tojal, mas só com as marés.

Tem-se por muitas vezes, particularmente nos reinados de D. João IV, e de seu filho, D. Affonso VI, aventado a idéa de communcar o rio Friellas com o Oceano Atlantico, hindo o rio desembocar ao Baleal, proximo á praça de Peniche, e formar assim uma boa linha de defeza da capital, e promovendo ao mesmo tempo um grande melhoramento para os povos das duas margens do rio, e das suas immediações; mas tudo tem ficado em projectos, como a maior parte das boas lembranças d'esta terra.

Em 15 de setembro de 1875, principiam a ser collocados na estrada de Sacavem, os candieiros para a iluminação pública.

Em 16 de dezembro de 1741 falleceu em Sacavem, Anna da Silva, da freguezia dos Olivaeas, na idade de 115 annos, pois tinha nascido em janeiro de 1626.

Foi casada duas vezes, tendo muitos filhos de ambos os casamentos, e deixando numerosa descendencia. Nunca foi sangrada nem purgada.

Dois annos antes de morrer, foi, a pé, visitar o Senhor da Pedra, e regressou a sua casa tambem a pé.

Conservou tão boa memoria até ao fim da sua vida, que referia minuciosamente tudo quanto succedeu no dia da aclamação de

D. João IV, em Lisboa, onde ella então residia.

Serviu, por devoção, 25 annos, os pobres do hospital de Sacavem, com grande zelo e caridade.

Foi sepultada na egreja matriz d'esta freguezia.

Depois que cahiu a ponte romana até se fazer a primeira ponte de barcas, passava-se o rio em uma barca, cuja portagem era dos duques de Bragança, que a traziam arrendada por 300\$000 réis annuaes.

Primeiramente rendia 12\$000 réis por anno, e pagava cada cavalleiro, ou béstia de carga, 3 réis.

Depois os duques elevaram as portagens, pagando cada peão (que até ahí nada pagava) 5 réis, cada cavalleiro ou béstia de carga 20 réis, e cada carro 40 réis.

Foi aqui estaleiro em tempos antigos, e n'elle se construíram, ou querenaram varios navios, e até náus de guerra.

Em 30 de julho de 1874, foi feito visconde de Sacavem, o sr. José Joaquim Pinto da Silva, casado com a sr.ª D. Amelia Augusta da Silva Lima, viuva do 1.º visconde de Valmór, José Isidoro Guedes, que tinha obtido o titulo, em 11 de março de 1867.

O sr. visconde de Sacavem, é natural do Porto, e filho de outro José Joaquim Pinto da Silva, negociante de sola na mesma cidade do Porto, e que falliu com 360 contos de réis.

A sr.ª viscondessa é natural de Lamego, filha de Bento José da Silva Lima, que foi n'esta cidade negociante de pannos, e, fallido, foi depois escrivão do juizo de direito da mesma cidade.

É irmão do sr. doutor Bento José da Silva Lima, actual juiz de direito da comarca do Redondo.

Ao sr. Francisco Augusto Cordeiro da Camara Leme, e ao sr. Henrique d'Azevedo Queiroga, devo o obsequio de muitos esclarecimentos com respeito a Sacavem, e a outras povoações do concelho dos Olivaeas.

A estes dois cavalheiros dou os meus mais cordiaes agradecimentos.

SACCO DE TERRA—portuguez antigo, ainda usado na Estremadura e Beira—é o terreno que pôde levar seis alqueires de semeadura. No Ribatejo dá-se o nome de môle de terra á porção de campo, ou lezíria, que se semeia com moio e meio (90 alqueires) ou 15 saccos de 6 alqueires.

SACCOMARDO—portuguez antigo—saqueador, ladrão.

SACCOM DE CASAS—portuguez antigo—fileira de varias casas, grandes e pequenas, altas e baixas em qualquer rua.

Tambem certo numero, de pardieiros, mais ou menos alinhados.

É d'aqui que vem janellas, ou portas, de saccada.

SACCOIAS—freguezia, Trazos Montes, bispado, districto administrativo, comarca, concelho e 6 kilometros ao E. do Bragança, 60 kilometros de Miranda, 485 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 53 fogos, mas depois chegou apenas a 35.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

O abbade de Meixêdo apresentava o cura, que tinha 7\$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia foi supprimida, por pequena, e annexa á de Meixêdo, que lhe fica 6 kilometros a O., e d'onde havia sido antigamente desmembrada.

Segundo a lenda, no 1.º de dezembro de 1640 (dia da 1.ª acclamação de D. João IV) tocaram (repicaram) os sinos da igreja, sem que pessoa alguma os tangesse. Este milagre foi authenticado pelo cabido da sé de Miranda, *in sede vacante*; e constando isto á rainha, D. Luiza de Gusmão, mulher de D. João IV, mandou á padroeira da freguezia uns riquissimos vestidos de tela branca.

No dia 15 de agosto, que é a festa principal da Senhora, havia aqui antigamente um concorridissimo arraial.

A igreja matriz fica fóra do lugar, pelo que o Santissimo está em uma capella dentro d'elle.

A igreja é antiquissima, e segundo a tradição, foi construida no tempo dos gódos, sendo depois mesquita mourisca.

Esta freguezia, como a de Meixêdo e circumferentes, são da casa de Bragança.

SACOTO e ASINHAL—appellido nobre em Portugal, como se vê dos manuscritos de frei Manuel de Santo Antonio.

O seu primeiro brazão d'armas foi—em campo de ouro, trez estrellas, de púrpura, de oito pontas, postas em cruz: élmô de aço aberto; e por timbre meia onça da sua côr, com uma das estrellas do escudo na espádua.

No reinado de D. João II, se fez muito conhecido Gonçalo Mendes Sacôto, adail-mór d'este reino,¹ o qual militou nas guerras da Africa, e alli, sendo capitão de Çafim, desbaratou cinco alcaides mouros.

Em premio d'este feito lhe deu o rei D. Manuel (além das outras mercês) novo brazão de armas, que foi—em campo de púrpura, cinco pendões azues, em aspa, com empunhadura de ouro, tendo cada um, um crescente de prata. Timbre e élmô os antigos.

Ao mesmo Gonçalo Mendes Sacôto, pelos grandes serviços que fez em Tanger e Azamôr (Africa) alcançando grandes victorias contra os mouros, deu o rei D. João III um accrescentamento ás suas armas, a saber—ao escudo primeiro accrescentou um chefe de ouro, carregado de quatro cabeças de mouros, toucadas, de azul e prata, e cortadas em sangue. Timbre um braço armado de ouro, com uma das cabeças do escudo pendurada da mão pelo turbante.

Assim o refere Montarroyo, que copiou a carta de mercê, passada a 19 de julho de 1538.

Outros Sacôtos trazem por armas—em campo azul, cinco estrellas de ouro, de oito pontas; e o mesmo timbre e escudo.

Depois que os Sacôtos se enlaçaram com os Azinhaes, compuseram as suas armas da seguinte fôrma—escudo esquartelado; no 1.º e 4.º, as armas dos Azinhaes, que são—em

¹ *Adail* é corrupção da palavra arabe *addalil*. O seu dever era ensinar o caminho, guiar, dirigir as tropas. Na Africa tinha tambem as attribuições de governar os *almocadens*, *almogavures*, e mais gente que fazia correrias no campo inimigo (*Asia Portuguesa*, tom. 3.º pag. 191.)

campo de prata, uma azinheira da sua côr; e no 2.º e 3.º, ás primeiras dos Sacôtos: o mesmo êlmo, e por timbre a azinheira.

SACOM — portuguez antigo — occasião, tempo proprio e opportuno, estação, etc.

Hoje diz-se *sasão*.

SACRAMENTAES—portuguez antigo—dizia-se vulgarmente, *conjuradores sacramentaes* — eram 12 homens que nos juizos feudaes, juravam com o litigante, ser verdade o que elle dizia.

SACRAMOR — portuguez antigo — nome proprio de homem.

SADÃO—vide *Mamede do Sadão* (São.)

SADÃO—vide *Margarida do Sadão* (Santa.)

Esta freguezia fica descripta a pag. 70, col. 1.º do 5.º vol.

Aqui acresciento:—Fica 18 kilometros ao S.O. d'Alcacer do Sal, ao S. do logar do Torrão, e entre os rios *Sádo* e *Xarrâma*.

Existiram na egreja d'esta freguezia, seis inscrições, uma d'ellas christã, do anno 682, pela qual se vê que esta egreja foi originariamente dedicada aos martyres, São Justo, e São Pastor, que foram muito reverenciados em toda a Península.

Dizia:

HVNC. DENIQVE. EDIFICIUM
SANCTORVM NO-
NINE CEPTVM IVSTI ET
PASTORIS MARTIRVM
QVORVM CONSTAT ESSE
SACRATVM CONSV-
MATVM EST QC OPVS
ERA DCCXX.

(Anno 682 de Jesus Christo.)

As outras eram romanas:

1.ª

IOVI. O. M.
FLAVIA. L. P. RVFINA
EMERITENSIS. FLA-
MINICA. PROVINCE.
LVSITANIAE. ITEM. COL.
EMERITENSIS. PERPET.
ET MVNICIPI. SALACIEN.

2.ª

FORTVNAE. OBSEQUIEN-
TI. SACRVM
FLAVIA MODESTINA
PERP. EIVS. ANTISTES
EX VOLVNTATE. TEREN-
LI AEMILIANI. VIRI
SVI. IN. PRÆDIO
A PATRE. FL. MODESTO
SALACIENSI. SIBI
RELICTO. A. L. F.

3.ª

SERGIVS TERENTIVS
SERG. F. AEMILIANVS.
CENTVR. EMER. VIX. N. LXX.
ORDIN. DVX. SVB.
L. POSTVMIO. MODES-
TINA. MARITO.
MERENTISSIMO.
P. H. S. E. S. T. T. L.

4.ª

L. RVBRIVS.
PRISCINVS.
ANN. XXVI.
H. S. E.

5.ª

É uma lapide sepulchral, cuja inscrição o tempo apagou.

Conferindo o contheudo n'estas inscrições com outras que foram achadas em Alcacer do Sal, e que D. frei Manuel do Cenaculo levou para Beja, ficamos crendo que a antiga cidade de *Salácia*, foi originariamente fundada proximo da egreja matriz d'esta freguezia de Santa Margarida do Sadão.

O que é incontestavel, é que por esta freguezia passava uma via militar romana que de Lisboa hia a Ossonoba (Faro); pois teem por estes sitios apparecido, em varias épocas, marcos milliares romanos:

SADÃO ou **SÃO ROMÃO DO SADÃO**—freguezia, Extremadura (mas ao S. do Tejo), comarca, concelho e proximo a Alcacer do Sal, arcebispado e 54 kilometros a O. d'Evo-ra, districto administrativo e 90 kilometros ao S.E. de Lisboa

Tem 280 fogos.

Em 1757, tinha 290 fogos.

Orago, S. Romão.

O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens (por ser commenda da ordem de S. Thiago) apresentava o capellão, que tinha 180 alqueires de trigo, 90 de cevada, e 10\$000 réis em dinheiro.

É terra muito fertil, mas doentia.

SÁDO, SADÃO ou SADAM—rio do Algarve, Alemtejo e Extremadura.

Nasce na serra de Monchique (Algarve) da junção de trez rios—*Damine, Xarrama e Sado*—que se reúnem no lugar de *Porto d'El-Rei* (Extremadura).

Suas aguas conteem grande porção de hydro-chlorato de sodium (sal commun.)

Corre ao N., até perto de Alcacer do Sal, e voltando depois ao O., vai formar a grande e salifera *Ria de Setubal*, tendo em frente d'esta cidade, 5 kilometros de largura.

Suas margens são cobertas de salinas abundantissimas, desde Alcacer do Sal, até proximo de Setubal (53 kilometros).

Recebe mais 12 rios menores, por ambas as suas margens, e em todo o seu precurso, que é de 153 kilometros—sendo navegavel, 75. (Vide *Alcacer do Sal e Setubal*.)

O Sado, tem tido varios nomes.

No tempo dos romanos, se chamava *Calipis*, ou *Calipolis*, ou *Kalipis*, e depois *Salacia*.

Os arabes lhe chamaram primeiramente *Xatêr*, *Xatuêr* ou *Xantêr*, como quem diz—*rio do piloto*—Outros dizem que elles lhe davam o nome de *Chetawir*, que vinha a ser—*rio do prudente, perito ou sabio*.

Por fim lhe deram o nome que ainda conserva—*Sado*—que significa *feliz, rico, abundante*.

(Vide no artigo *Algarve*, o 1.º periodo de pag. 125, col. 1.ª do 1.º vol.)

Vê-se pois que é êrro, inveterado, escrever *Sadão* ou *Sadam*.

Em maio de 1878, foi feito *visconde do rio Sado*, o sr. doutor, Augusto Correia Godinho Ferreira da Costa, irmão do sr. José Correia Godinho da Costa, feito visconde de Correia Godinho, em 11 d'agosto de 1864.

Foram enormes os prejuizos causados nas marinhãs de sal, d'este rio, pelos furiosos temporaes de dezembro de 1876, e janeiro de 1877.

Houve proprietarios que perderam quas todo o sal, e que se viram obrigados a importantes pendios pela damnificação das marinhãs, algumas, ainda mesmo reparadas, não produziram sal em abundancia nos annos seguintes, pelo deslocamento do solo e por terem os alagamentos cheios de agua doce.

Os prejuizos foram calculados em mais de 50:000\$000 réis, pois só a perda de sal se elevou a 60:000 moios.

Os alludidos proprietarios, cujos lucros tinham sido insignificantes nos ultimos annos, pela carestia dos jornaes, que elevaram a muito o custo do fabrico do sal, e ainda pelo preço por que este era vendido, descendo a 700 e 600 réis o moio, pagando todavia a contribuição respectiva ao duplo d'aquelle valor, viram-se dobradamente aggravados.

Alguns deixaram perder as marinhãs, por falta de meios para occorrerem ao dispendio necessario para as reconstruir, pois ficaram arrazadas.

O damno a que nos referimos constituiu uma verdadeira calamidade para Setubal, cujo commercio quasi exclusivamente é o do sal.

A casa de Bragança, tem na margem direita do Sado, e a 20 kilometros d'Alcacer do Sal, a valiosissima propriedade, denominada—*Herdade do Pinheiro*, com uma superficie de 5:266 hectares, e que vale mais de quarenta contos de réis.

Na margem do rio, tem cinco portos, um dos quaes, dá accesso a vapores de pequenas dimensões.

N'esta propriedade ha já hoje 28 colonias, e este numero pôde facilmente elevar-se a 100.

O arvoredor occupa uma extensão de 486 hectares, contendo 127:395 arvores, das quaes 94:950 pinheiros mansos, 12:600 pi-

nheiros bravos, 18:224 sobreiros e o resto de diversas arvores.

O resto da propriedade, divide-se do seguinte modo:

3;781 hectares de charnecas incultas, 516 parceis, 340 cultura de cereaes, 55 arroz, 37 paúes, 2 vinhedo, 3 terras que foram maninhas.

SAELLA — aldeia, Douro, do valle de Arouca.

Vide no 2.º vol., pag. 231, col. 1.ª, a 3.ª Cella.

Julgo mais etymologico que o nome d'esta aldeia se escrevesse *Sella*.

SAFARA—freguezia, Alemtejo, na comarca e concelho de Moura, 70 kilometros ao S.O. d'Evora, 175 ao S.E. de Lisboa, 330 fogos.

Em 1757, tinha 192 fogos.

Orago, Nossa Senhora d'Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Beja

A mesa da consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha 120 alqueires de milho, 120 de cevada, e 20\$000 réis em dinheiro.

Fica proximo da raia hespanhola, e é terra fertil em cereaes, e abundante de gado de toda a qualidade e caça.

É mesmo a palavra arabe, sem corrupção —*safára*—que significa *campina*.

Foi para esta freguezia mudada a alfandega de Serpa.

(Para evitarmos repetições, vide *Serpa*, onde se trata d'esta mudança.)

Por carta de lei de 24 de maio de 1878, foi a sede do juizo ordinario da freguezia de Santo Al-ixo, mudada para *Safára*.

SAFIRA ou **SAPHIRA**—freguezia, Alemtejo, na comarca e concelho de Monte-Mór Novo (foi do mesmo concelho, mas da comarca d'Arraiólos) 40 kilometros d'Evora, 65 ao S.E. de Lisboa.

Tem 110 fogos.

Em 1757, tinha 120 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Natividade.

Arcebisado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 330 alqueires de trigo.

É terra fertil em cereaes.

Muito gado, e alguma caça.

O seu nome vem do hebraico—*saphir*—especie de pedra preciosa.

SAFURDÃO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Trancoso) 75 kilometros de Viseu, e 365 ao E.N.E. de Lisboa.

Em 1757, tinha 55 fogos.

Orago, Santo Antão.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

O abbade do Lamegal (de cuja freguezia havia sido desmembrado) apresentava o cura, que tinha 6\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pobre e pouco fertil.

Está outra vez, e ha muitos annos, unida á do Lamegal, d'onde havia sahido.

SAGAÇARIA—portuguez antigo—sagacidade, ardil, finura, etc.

Nenhum aviso antigo podia ser igual ás sagaçarias d'este novo guerreiro. (Lopes, *Vida de D. João I*, parte 2.ª, cap. 192.)

Vem do latino *sagire*, que significa ter bom fâro.

D'aqui se disse—*sagaz*, no adjectivo, e *sagaçaria* no substantivo.

SAGEIRA e **SAGÊZA**—portuguez antigo—sabedoria.

Do francez *sagesse*—que significa o mesmo.

SAGES—portuguez antigo—sabio, honesto, prudente, virtuoso.

Como fosse demanda antre o honrado Barro, e Sages, D. Gonçalo Steves, Dayão de Lamego, de huma parte, e o Vigario e outros Raçoeiros d'Almacave da outra, etc. (Doc. da Sé de Lamego, de 1337.)

Vem do adjectivo francez—*Sage*—que tem a mesma significação.

Esta palavra foi, provavelmente, introduzida em Portugal pelos nórmandos, ou gascoês, no seculo X, ou pelos francezes que vieram ajudar D. Affonso Henriques, na tomada de Lisboa, em 1147, e por cá ficaram.

SÁGO — freguezia, Minho, na comarca e concelho de Monsão, 54 kilometros ao N.O. de Braga, 415 ao N. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Em 1757, tinha 81 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebisado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O real padroado, e depois os jesuitas, apresentavam o vigario, que tinha 40\$000 réis e o pé d'altar.

É terra pobre e pouco fertil.

Cria porém bastante gado, e nos seus montes ha muita caça.

SAGRES—villa, Algarve, na comarca de Lagos, concelho da Villa do Bispo, 75 kilometros de Faro, 225 ao S. de Lisboa.

Tem 110 fogos.

Em 1757, tinha 49 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

A mesa da consciencia, apresentava o prior, que tinha 100\$000 réis e o pé d'altar.

O seu primeiro titulo, era o de capellão da guarnição.

O seu nome é corrupção do arabe—*sacron*—certa qualidade de peça de artilheria.

É praça maritima, em fórma de península, murada para o lado de terra, com seus revelins, em cujo recinto apenas encerra as casas do governador, as que foram residencia do infante D. Henrique, os quarteis da guarnição e a egreja matriz da freguezia, que foi construida em 1519, quando esta parochia se desmembrou da da Villa do Bispo.

Esta freguezia é quasi toda espalhada por casaes, fóra da praça, e esta fica 6 kilometros a E. do Cabo de S. Vicente, sobre uma ponta de grandes rochedos, com a altura de 440 metros acima do nivel do mar. (1)

Tem duas bahias, uma a E. e outra a O. da ponta que entra muito pelo mar dentro; e ambas dão seguro abrigo ás embarcações que não podem montar o Cabo.

Foi fundada (com mais probabilidade reedificada) em 1419, pelo famoso infante D. Henrique, duque de Viseu (5.º filho de D. João I e da rainha D. Philippa), que lhe deu o nome de *Terça Naval* (vide *Tercêna*) ou *Villa do Infante*, ou *Villa Nova do Infante*,

pois por todos estes nomes era conhecida. ¹

Por alvará de 2 de junho de 1461, se deu aos seus moradores o privilegio de não pagarem meia siza do que comprassem ou vendessem.

Este alvará foi confirmado por D. Affonso V, em 14 de março de 1461, e depois, por D. João II, em 13 de agosto de 1486.

N'esta villa assentou o infante a sua residencia, para dirigir as descobertas que no seu tempo se fizeram no Ultramar.

Foi este infante, que em Sagres fundou o 1.º observatorio astronomico que viu Portugal—e talvez a Europa—e no seu mesmo palacio, estabeleceu escolas de mathematica, nautica, geographia, astronomia, cosmographia, e commercio, para as quaes convidou, com bons partidos, varios sabios, portuguezes e estrangeiros: tudo á custa do infante, assim como tercenas, casas, forties, etc.

N'estas escolas se formaram os nossos melhores navegadores d'aquelle tempo, e até muitos estrangeiros, que vieram aqui estudar, pela fama dos mestres que as dirigiam.

Do porto de Sagres fez o infante sahir os argonautas ousados, que transpando os limites do *Cabo Não*, na costa occidental da Africa, na latitude de 28°, 38'—e na longitude occid. de 2°, e 49'.

Deu-se-lhe o nome de *Cabo Não*, porque, segundo o que até então se dizia, d'elle ávante não se passava.

¹ D. João I. teve sete filhos legitimos:

1.º, *D. Branca*, que morreu de teura edade.

2.º, *D. Affonso*, que tambem morreu creança.

3.º, *D. Duarte*, que lhe succedeu na corôa.

4.º, *D. Pedro* (o d'Alfarrobeira) duque de Coimbra.

5.º, *D. HENRIQUE*.

6.º, *D. Isabel*, duqueza de Borgonha, mulher de Philipp III o Bom.

7.º, *D. Fernando*, mestre d'Aviz, que morreu captivo em Africa.

Teve tambem dois filhos bastardos:

D. Affonso, conde de Barcellos, tronco da casa d' Bragança.

D. Brites, que casou com o conde d'Aron-del.

O infante morreu em Sagres, a 13 de novembro de 1460, com 66 annos de idade, e foi sepultado na matriz de Lágos.

Em 1461, seu irmão, o infante D. Fernando, o fez transferir para o real jazigo da Batalha, onde jaz.

Foi muito povoada esta villa, mas hoje nada existe da sua antiga grandeza, senão as casas, aliás ordinarias, onde consta que morava o infante.

Em novembro de 1839, se collocaram n'esta casa, duas lapides de marmore, embutidas na parede.

Cada uma d'estas lapides tem 1,^m25 d'alto e 1,^m15 de largo.

Em uma estão gravadas as armas do infante (que são as de Portugal) tendo por timbre a cabeça de uma serpente alada, com a legenda—TALENT DE BIEN FAIRE—de que o infante usava.

Do lado esquerdo, vê-se um globo terrestre, e do direito um navio á vela.

Foi esculpida por Manuel Simões.

A lapide da direita, tem uma inscripção laudatoria, narrando os relevantes serviços que á patria, ás sciencias mathematicas e á navegação, fez o esclarecido infante.

Não a copio aqui por ser muito extensa.

Já está quasi ilegivel, pela má qualidade da pedra.

—

Em 25 de maio de 1587, uma esquadra ingleza, commandada pelo feroz vice-almirante, Francisco Drake, deitou aqui gente em terra, que incendiou a villa depois de a ter saqueado.

Depois, foram fazer o mesmo ao convento do Cabo, d'onde fugiram os religiosos para Lagos, e alli estiveram 12 annos, até que em 1606 Philippe III o mandou reedificar e tornaram para elle os frades.

Drake, commandava trinta navios de guerra.

As disputas eram entre os inglezes e castelhanos, mas nós é que pagavamos as differenças.

O *valentão* britannico virou a sua sanha contra povos innocentes e indefezos, e que nenhuma culpa, tinham nas desavenças da Hespanha contra a Inglaterra.

Alem de tudo quanto os tiez Philippes e os seus sequazes nos roubaram, e de todas as crueldades que praticaram durante aquelles terriveis e ominosos 60 annos, ainda por cima tivemos de aguentar com o rancor e injustas vinganças das nações com que os Philippes estavam em guerra!

—

O terramoto do 1.º de novembro de 1755, tambem n'esta povoação, como em todo o Algarve, causou grandes estragos, arrazando a maior parte das muralhas, que eram de cantaria, com mais de uma braça de grosso, cahindo toda a entrada da porta da praça, apesar de ser obra fortissima.

A igreja matriz, que estava a E., e era de abobada de pedra, ficou fendida; foram a terra as casas do governador e os quarteis da guarnição, bem como a residencia do parrocho.

Cahiu ao mar toda a bateria do E., e uma peça, de bronze, de calibre 48, que alli estava.

Muitas casas que havia proximo da praça, foram arrazadas.

A fortaleza da *Baleeira*, ficou raza, e na do *Beliche*, que fica 1:500 metros ao O., rachou a ermida e os quarteis, mas as muralhas pouco soffreram.

O Oceano recuou 3 kilometros, deixando em secco encêadas onde podiam ancorar naus; depois avançou para terra, com tal violencia, que, pelo lado do N., montou rochedos da altura de 130 metros, deitando dentro da praça grande quantidade de peixe.

Entrou pela praia do *Murtinhal*, fronteira, a E., mais de 3 kilometros pela terra dentro, arrancando vinhas e deixando, ao recuar, a terra alastrada de peixe de varias qualidades e grandes penedos (um de mais de 300 arrobas!) com muitos mariscos pegados a elles.

Por trez vezes repetiu o mesmo fluxo e refluxo, sendo maior o primeiro.

No sitio de *Vallongo*, a 3 kilometros da villa, ha uma fonte, que ficou sécca.

No mosteiro de Cabo de São Vicente, abriu toda a abobada da igreja, e cahiram duas abobadas das cellas dos frades, e as dos corredores ficaram muito arruinadas.

Os muros da fortaleza, que cercam o mosteiro, nada soffreram!

O mar, tambem aqui recuou 3 kilometros, deixando completamente em secco um sitio que tem 80 palmos de fundo.

Depois, cresceu com tanta furia, que chegou ao nivel da rocha e muralhas da fortaleza do Beliche, que tem 300 palmos de altura!

Trez foram tambem os fluxos e refluxos do mar, como em toda a costa algarvia.

Seis kilometros ao N. da praça, rebentou uma fonte d'agua salgada.

Com todos estes horrores, houve, ao menos, a fortuna de não morrer ninguem, o que parece milagre.

O termo d'esta villa, que tem 9 kilometros de comprido, e 3 de largo, comprehende algumas terras ferteis, e nos areaes, junto á praça, ha vinhas que dão bom vinho *palhête*.

O espaço até ao Cabo de S. Vicente, é pedregoso, árido, e açoitado do vento em todas as estações; mas ha por aqui muita caça miuda.

O peixe que se pesca nas suas rochas, é saborosissimo, assim como os mariscos, especialmente os percêves e as lagostas.

Na ponta da terra que entra no mar, tambem se cria alguma caça, de sabor delicado.

Tem varias furnas, por onde o mar entra.

Quando está bom tempo, vão a estas furnas os pescadores de polvos e outros mariscos; porém quando o mar está bravo, o estrondo que faz por ellas dentro, é medonho.

O embarque e desembarque, faz-se na praia da bahia do E., ou, quando o mar está bom, saltando (com risco) das lanchas para uns penedos, no sitio das *Pôças*, onde ha muito fundo.

Todo o terreno d'estes arredores, é cheio de rochas calcareas, e no sitio da Baleeira,

ha uma camada abundantissima de argilla, esverdeada, contendo bastante micca, que se funde com facilidade, e serve para fazer garrafas, botijas e outros objectos grosseiros, em fornos proprios.

Ha aqui abundancia de lenha.

O *Promontorio de Sagres*, fôrma uma península — chamada a *Ponta* — de 4:500 palmos de comprido (1:000 metros), por 2:000 de largo (445 metros).

É todo composto de um descarnado rochedo, em quasi toda a parte minado pelo mar.

No termo da villa, ha finissima plombagina (*graphites*) — ardozias escuras, amarellas, e ondeadas, muito duras, e susceptiveis de polimento — e muito e optimo gesso (sulphato de cal.)

Dá-se tambem por estas terras, muito asafração ordinario (ao qual chamam aqui *açaflor*) sôda, baga de zimbro, gran de carrasco (*kermes*) e urzella; tudo sem cultura, isto é — espontaneamente.

Ságres fica em 37° de latitude, e 11° 45' de longitude.

É á iniciativa do infante D. Henrique que se deve a descoberta das ilhas da Madeira, Porto-Santo e Desertas; a das nove ilhas dos Açôres; e a costa occidental da Africa, na extensão de 370 leguas, desde o *Cabo Bojador*, até á *Serra Leão*.

A cidade do Porto, tem a gloria de ser patria do infante D. Henrique, pois que nasceu nos paços reaes d'esta cidade, na *Rua Nova de S. Nicolau* (hoje Rua dos Ingleses) e onde está a *Alfandega velha*, ¹ a 4 de março de 1394.

Os principaes navegadores, do tempo do infante, foram *João Gonçalves Zarco*, *Tristão Vaz Teixeira*, *Bartholomeu Perestrello*, e *Gil Eanes*.

¹ Pretendem alguns que elle nasceu no paço episcopal, mas parece mais provavel que nascesse nos paços da Rua Nova.

A 1.^a descoberta, foi a da ilha de *Porto Santo*, em 1418; e a *Madeira*, em 1419.

Era D. Henrique, duque de Viseu; mestre da ordem de Christo; cavalleiro da ordem da Jarreteira (em Inglaterra) general das armas nas costas da Africa; fronteiro-mór de Leiria, e senhor da Covilhan, Lagos e Sâg-res.

Todas as suas rendas—que eram enormes—as empregava não só em edificios necessarios em Sagres, como em compra de navios; soldo aos marinheiros e officiaes de bórdo; premios aos benemeritos; e esmolos aos infelizes.

Tambem foi D. Henrique o fundador da capella de *Nossa Senhora do Rastêllo*, d'on-de, em 1497, partiu para a descoberta do caminho da India, pelo Cabo da Boa Esperança, o famoso D. Vasco da Gama. (Vide *Niza e Vidigueira*.)

Quando o rei D. Manuel mandou construir o sumptuoso e venerando templo dos Jeronymos, de Belem; no local da capella da Senhora do Rastêllo, mandou collocar, para memoria, o busto do infante sobre a columna que divide a porta lateral do templo.

Muitos escriptores dizem que D. Henrique foi o fundador de Sâgres. Não é exacto.

Esta villa é povoação antiquissima, talvez mesmo anterior ao dominio dos romanos.

Os árabes lhe mudaram o nome para *Chak-Rack* (que, segundo alguns, quer dizer—*Ilha dos Rochedos*) mudando-lh'o ainda depois para *Sacron*¹ que se corrompeu em Sâgres.

¹ Sigo o que dizem escriptores de muito credito; mas, com sua licença, não me conformo com semelhança etymologia.

É verdade que frei João de Souza, nos seus *Vestigios da lingua arabica, em Portugal*, diz, a pag. 142, que *sacron* significa uma especie de peça de artilheria: mas, como podiam os mouros dar semelhante nome a Sagres, se só passados 135 annos depois da sua completa expulsão do Algarve, é que cá appareceram, pela 1.^a vez, peças de artilheria?

Entendo que Sagres é corrupção de *Chak-Rack* e não de *Sacron*; mesmo porque era mais facil a corrupção.

O infante, pois, só a reedificou.

Tudo é pouco, quanto se diga em louvor do benemerito infante D. Henrique, a quem tanto deve Portugal, porisso, aqui transcrevo um artigo, publicado em o n.º 1974, do *Jornal da Noite*, de 14 de julho de 1877.

É o seguinte:

A escola de Sagres e as tradições do infante D. Henrique, pelo sr. marquez de Sousa Holstein.

Conferencia feita na Academia Real das Sciencias de Lisboa, em a noite de 14 de junho (de 1877.)

«Coubera ao sr. marquez de Souza o honroso encargo de encetar a serie de conferencias instituidas pela Academia Real das Sciencias ácerca dos descobrimentos e colonisações dos portuguezes na Africa.

Da segunda d'estas conferencias já n'este logar nos occupámos largamente e com devido louvor.

O volver d'olhos retrospectivo que hoje relanceamos sobre a primeira conferencia é um pouco tardio.

A demora porém que puzemos na menção do trabalho do primeiro conferente, de modo nenhum importa a mais leve sombra de desconsideração, nem para o prelector, nem para a sua obra.

Diversas circumstancias, que fôra longo enumerar aqui, determinaram a preferencia dada á prelecção do sr. Pinheiro Chagas.

Tal preferencia, quaesquer que fossem as razões que a motivassem, nunca poderia offender o sr. marquez de Souza, a quem nos ligam laços de boa amizade.

Dadas estas explicações, aliás desnecessarias, entramos em materia.

O objecto da prelecção foi com muito acerto escolhido.

N'uma serie de conferencias ácerca da influencia tão proveitosa e potente, outr'ora exercida na Africa pela exuberancia da nossa actividade nacional, fôra imperdoavel falta esquecer o grande infante.

A natureza dos serviços prestados á patria pelo immortal Regedor e Governador da Ordem de Christus, com os quaes se avançou a não poucos dos melhores, e presidiu gloriosamente a todos, dava-lhe indiscutivel direito a occupar na serie, o primeiro logar, a ser o objecto da primeira conferencia.

Assim o entendeu o sr. marquez de Souza e comnosco o sentirão de certo todos.

Tinha porém o assumpto não vulgares difficuldades. Era já de si origem de não poucas a sua propria grandeza.

Ácerca d'elle escreveu o sr. Major um livro volumoso, sem lograr no seu proprio sentir, exaurir o assumpto.

Na Torre do Tombo suppõe o escriptor inglez acharem-se vastos e importantes subsidios para o conhecimento da vida e feitos do illustre Duque de Visu e o accesso a tão precioso thesouro achava-se-lhe naturalmente defezo.

A escassez das noticias que nas nossas chronicas e documentos impressos encontra o historiador do Infante centuplica essas difficuldades.

Temos na conferencia a imagem inteira e banhada de luz do glorioso infante? A deficiencia relativa da sua obra reconheceu-a o prelector com louvavel franqueza.

Na escassez das informações encontra em parte e fundamenta a sua justificação. O infante D. Henrique, observa o illustrado prelector, não tem mesmo uma lenda.

A estranheza d'este facto affigura-se-lhe, e, justamente, enorme.

«Tem-n'a seus irmãos D. Pedro e D. Fernando; tem-n'a o grande condestavel; teve-a depois D. Sebastião; tiveram-n'a muitas outras figuras, certamente menos poeticas do que a do illustre solitario de Sagres; só elle ficou esquecido.»

Mais longe escreve o esclarecido prelector com o mesmo acerto:

«Não foi mais feliz com a historia severa e conscienciosa, o nosso grande infante. Ainda não mereceu em Portugal as honras de uma monographia completa.»

É deveras para lamentar que ainda depois da prelecção que actualmente nos oc-

cupa e apezar dos seus meritos, a ultima phrase continue igualmente verdadeira.

Para este resultado contribuíram largamente as difficuldades a que acima alludimos.

Sobrevieram outras porém que enleivavam cada vez mais, e ainda mal, as intenções e esforços do esclarecido conferente.

De duas origens diversas derivam ellas. O sentimento vivo no esclarecido prelector; e as condições do publico, ao qual principalmente se destinava a conferencia, afastou-o talvez das investigações longas e minuciosas nos velhos documentos, sepultados nas sombras e no silencio sagrado do nosso grande archivo nacional, ao qual só com a nossa ausencia pertinaz significamos o profundo respeito que nos merece.

As datas rectificadas, os factos averiguados cuidadosamente, as circumstancias d'elles ou restabelecidas, ou substituidas, ou rigorosamente e por seguro exame eliminadas, as lacunas preenchidas com zelo e criterio, aconselhavam o illustre prelector a escrever a monographia que falta, a pagar ao infante a divida sagrada que a inexplicavel indifferença de Portugal, conserva injustamente e ha tanto tempo em aberto.

Para sermos justos, precisamos accrescentar que a estreiteza do tempo com que, segundo a sua propria declaração, teve que lutar o auctor da conferencia, desviou-o de mais longas e eruditas investigações.

Felizmente porém para a sua conferencia e para nós, o sr. marquez de Souza, não se sentiu tomado do sagrado terror que incute a Torre do Tombo como se fosse as *rupes rabidae delubra Sibyllae*.

Na obra do esclarecido conferente, encontramos os vestigios de rapidas mas não estereis indagações.

Na propria modestia, encontrou o prelector uma segunda origem de difficuldades. Julgou-se falho em parte de recursos para arcar com a empreza.

Receiou de si. Imitando uma phrase de Littré, poderíamos dizer-lhe que nos importa não ter em nós excessiva confiança; mas trabalhar como se tal confiança nos animasse.

Apezar de tudo, a obra sahiu ao prelector crédora dos nossos elogios.

Lição abundante e selecta das fontes impressas, tanto nacionaes como estrangeiras, correcta disposição dos elementos apurados na estrutura da obra, fórma elegante e elevada muitas vezes, tersa, e attrahente sempre, comprehensão exacta da importancia da materia, e aquelle amor estremecido, sem o qual as obras mais estudadas não interessam o leitor, são qualidades que não faltam á prelecção que nos occupa e lhe granjearam applausos.

As indagações do sr. marquez de Souza sômos devedores de um documento precioso.

O testamento do illustre infante, nunca d'antes, ao que parece, havia sido publicado.

Teve o prelector a boa inspiração de nol-o dar na integra n'uma nota.

Da intelligencia penetrante do grande homem, do seu saber dilatado e profundo, quanto o soffriam os preconceitos scientificos, os methodos deficientes, os systemas defeituosos do tempo, da sua energia indomita e fecunda, da sua perseverança inflexivel, que havia de produzir no futuro, resultados superiores aos que antevia o seu genio, presentimos, se nos não é dado ainda medir, o alcance.

Os seus feitos, os seus habitos, a sua influencia nos successos e nos homens do seu tempo denunciavam-nol'o descommunalmente grande; o seu testamento, escripto sobre o tumulto que tinha de fechar-se sobre tantas grandezas feitas por um só homem, e lhe havia de dar o ultimo e o primeiro descanço, revela-nol'o excepcionalmente bom.

É o espelho sincero e fiel onde vem reflectir-se suavemente as suas virtudes domesticas.

Amamol-o depois de havel-o admirado.

Grande homem e grande crente, falla a linguagem sublime da verdade, ante as mysteriosas e incommensuraveis grandezas da morte.

Modestia nobre e varonil que tão deliciosamente contrasta com os esplendores do seu engenho e do seu character, é a primei-

ra virtude que transluz no documento, onde se lê a sna derradeira vontade.

Quer que o «seu corpo seja chamente levado ao moimento que lhe está destinado no mosteiro de Santa Maria da Victoria, onde jaz el-rei seu senhor e padre e n'elle seja soterrado chamente e sem dó que manda por elle não façam.»

Nas dividas que os seus vastos empreendimentos poderam originar, pensa a casta exacção da seu character e determina que de suas rendas sejam pagas escrupulosamente, se poder ser que em sua vida as não haja satisfeito.

Aquellas de que o constituiu crédor a vastidão do seu engenho, dos seus commettimentos, desvanecem-se ante as suggestões de uma gratidão excessiva.

As copiosas rendas que usufruia, não eram aos seus olhos, retribuição justissima de serviços enormes: eram simples mercê.

Ao grande homem que tanto havia feito, parecia-lhe haver feito pouco.

Assim é que pede a el-rei, por mercê, que elle queira ser seu testamenteiro, pois d'el-rei é todo o de que faz testamento.

Os seus serviços affiguram-se-lhe já bem pagos.

Julga-se mesmo obrigado á restituição, quem tanto do seu e de si havia dado ao rei, á patria, á humanidade.

Ao infante D. Fernando, resalva o seu carinho de pae estremecido uma parte de seus bens; a el-rei deixa por herdeiro de tudo que lhe pertencia á hora da sua morte, assim de raiz como de movel.

Antevê logo depois a delicadeza do seu animo, em seu senhor e rei, a possivel resolução de recompensar no filho, os serviços do pae e agradece-lh'o, mas só rapido e de fugida, como receiando com o agradecimento, suggerir a idéa do galardão.

Mas o grande infante não é só pae.

O homem de estado, prudente, assiste, moderando-as, ás manifestações do affecto paternal.

O seu zelo patriotico, previne el-rei contra as possibilidades d'uma generosidade excessiva, vedando-lhe que dê ao infante D. Fernando, Lagos, a Ilha da Madeira e as ou-

tras cousas, que elle deseja fiquem para a sua corôa e a de seus successores.

Os seus servidores leaes e dedicados não podiam ficar e não ficaram esquecidos.

A el-rei, e ao infante seu filho pede que os recebam em seu serviço.

A recommendação que d'elles faz é bem digna do seu character e do seu coração.

«E a Deus louvores, taes são que haverão por bem empregada a mercê que lhes fizeram.»

Doce e commovedor elogio!

Para os companheiros dos seus trabalhos, para os desvelados servidores do infante, deviam ser, e foram de certo, estas palavras escriptas em tão solemne documento a mais injevada e grata recommendação.

Em conclusão, preferiamos em vez de um elogio uma monographia do infante.

A conferencia do sr. marquez de Souza, tal qual é não deixa de ser um bom serviço, e um trabalho que lhe faz honra.

—

Os que pretenderem mais amplas noticias do infante D. Henrique, vejam os *Retratos de Varões e Donas*, a pag. 61.

SAGUÃO ou **XAGUÃO**—é voz corrupta do substantivo árabe *shanon*. Significa pateo destelhado, no interior das casas, e para onde correm as aguas da chuva.

SAIBO—portuguez antigo—sábio, douto.

SAIBADE—portuguez antigo—cura (de qualquer doença).

SAINHAS ou **SAINHAS**—praia, Extremadura, junto e ao O. da torre de *S. Julião da Barra* (Lisboa).

Ha aqui um jasigo de pedras lithographicas, descoberto pelo sr. Jorge Freire da Silva, em maio de 1877.

SAIO—portuguez antigo—(tambem se escrevia *sayo* e *saya*). Vem do latino *sagum*.

Era vestidura militar, curta, quadrada, de panno grosseiro, e com abas ou quartos.

O *sayno* era um gibão redondo e sem abas.

O *sayo de malha* era a peça do vestido dos guerreiros, que descia da cintura até aos joelhos, e feita de escamas, ou rede de ferro, para defender o ventre.

As mulheres tambem usavam de *sayos* ou

sainhos, que depois se chamaram *albornozes*, *roupões*, *saltimbarcas* e *báguis*.¹

A este vestido se veio por fim a chamar *mantêu*, trajo ainda usado pelas nossas ar-raianas do Traz os Montes, e pelas gallegas do campo. É um panno que se enrola em volta da cinta, preso por uma fita grosseira, ou por botões ou colchetes, e serve de *saia*, palavra derivada do antigo *sayo*.

SAIONIZIO—estipendio ou gajes que se davam antigamente aos alcaides, beaguins, esbirros, ou carrascos; e que depois se denominou *salario de mão posta*, que era a paga de amarrarem os criminosos. (Doc. de Paço de Sousa, de 1403.)

SAL—portuguez antigo—sahir (d'este mundo), morrer. Vem de *salir*, fallecer.

E se se Paay (Payo) Martinz ante sal ca eu (morrer primeiro do que eu). Doc. de Alpendurada de 1292.

SAL-FINTO—portuguez antigo—*sal coalhado*, segundo Viterbo—mas, *sal por junto*, segundo J. P. Ribeiro; e esta opinião parece-me mais verosimil.

SÁLA—portuguez antigo—salva, de qualquer metal.

SÁLA ou **SÁLLA**—cidade antiquissima da Lusitania, na provincia do Minho, da qual ainda ha vestigios, no sitio hoje chamado *Sá*, na freguezia do Couto, concelho de Santo Thyrsio.

Já no vol. 2.º, pag. 416, col. 1.ª, no ultimo Couto, e no vol. 5.º, pag. 471, col. 1.ª na palavra *Monte Córdova*, tratei d'esta cidade: aqui darei mais as seguintes noticias, que são interessantes.

A D. Ramiro II succedêra seu filho, D. Ordonho III, que foi um sabio e intrepido guerreiro.

No anno 933, Abd-el-Rahman,² kalifa de Córdova³ invade o reino de Castella com um grande exercito; porém, D. Ordonho e o poderoso conde, D. Fernando Gonçalves,

¹ *Báju* é corrupção do francez *abat-jour*.

² Ab-el-Rahman é nome proprio árabe—significa—*Servo do Misericordioso*.

³ *Kalifa*, *Chalifa*, ou *Khalifah*, é a auctoridade suprema de uma nação árabe. Significa *successor* ou *herdeiro* (de Maôma).

senhor da Catalunha, o vencem e derrotam na batalha de Osma.

O kalifa vae á Africa buscar novos reforços, e juntando-os aos arabes castelhanos, fórma um grande exercito, com que, no mesmo anno, torna a invadir a Castella, e de novo é derrotado na famosa batalha de Clavijo.

D. Ordonho não descançou sobre os louros da victoria, mas atravessou a Lusitania (que já então se principiava a chamar Portugal) chegando até Lisboa, que tomou e saqueou.

Voltando para a sua côrte de Leão, poucos annos sobreviveu a tantas e tão assignaladas victorias.

Foi este rei que doou a aldeia de Moreira (da Maia) ao mosteiro de *Vimarões*—a actual cidade de Guimarães.

A D. Ordonho III succedeu seu irmão, D. Sancho I, que, por ser hydropico, foi cognominado o *Górdo*; mas este rei não convinha aos senhores de Leão, que capitaneados pelo conde D. Fernando Gonçalves, o expulsaram do throno, e obrigaram a fugir para a Navarra, cujo rei era seu parente, que o aconselhou para que fosse a Córdova, consultar os medicos arabes, que gosavam de grande fama.

Foi, e Abd-el-Rahman o tratou com a maior distincção, convocando os medicos mais celebres de Córdova, que curaram completamente o rei christão.

Não se limitou a isto a generosidade de Abd-el-Rahman, porque até lhe deu um exercito árabe, com o qual D. Sancho recuperou os reinos de Leão e Galliza.

D. Ordonho IV, filho de D. Affonso IV, o *Monge*, que reinava havia apenas um anno, foi morto em uma batalha, em 960.

No ultimo anno do reinado de D. Sancho, se rebellou contra elle a Galliza, (que então chegava ainda até á margem direita do Douro), porém o rei reprimiu esta revolta.

Os condes da provincia de Entre Douro e Minho, passaram com as suas tropas para o sul do Douro, e se uniram ao conde D. Gonçalo, e juntos intentaram a guerra contra D. Sancho. Chegando, porém, á margem esquerda do Douro, se reconciliaram com o

rei, e assentaram pazes, que foram juradas por este e pelos condes.

O perfido conde D. Gonçalo, convidando o monarcha para um jantar, lhe offereceu um bello fructo, mas envenenado. O rei, apenas o comeu, sentiu grandes ancias, e voltou para Leão; mas, chegando á margem esquerda do rio Minho, morreu do veneno, no anno 967.

Os condes do Minho não foram conniventes no crime, e declararam D. Gonçalo cavalleiro aleivoso e desleal.

O conde D. Froila de Vermoim, em nome de todos, se offereceu para sustentar no campo esta declaração, e desafiou a D. Gonçalo, que acceitou, e se apresentou na *VILLA DE SALAS*, junto á cidade do Porto, e ahi foi vencido por D. Froila.

SALA ou **SALAS**—(Para evitarmos repetições, vidê vol. 5.º, pag. 471, col. 1.ª)

Na cidade de *Sála* ou *Sálas* era o solar do conde D. Guterres Arias e de sua mulher a condessa D. Aldara, senhora virtuosissima. Já fica dito, no artigo *Monte Córdova*, o que ha a respeito do nascimento de seu filho primogenito, *S. Rosendo* ou *Rodesendo*, que veio a ser bispo de Dume (proximo a Braga) no seculo X.

Foi depois bispo de S. Thiago de Compostella (Galliza). Perseguido pelos gallegos, que o odiavam por não ser do seu paiz, fugiu para Portugal, onde veio fundar o mosteiro de Cella Nova, com as rendas que herdára de seus paes.

N'este mosteiro professou o santo, sob a regra de S. Bento, e foi o seu primeiro abade.

Foi um varão virtuosissimo, e a providencia dos desgraçados ou afflictos d'aquelles sitios.

Morreu de uma idade muito avançada, no principio do seculo XI.

SALA—Vidê *Sá*.

SALÁCIA ou **SALÁRIA**—consta que, foi uma cidade romana, nas margens do Sado, no sitio onde hoje existe a villa de *Alcaçer do Sal*. Vidê esta palavra.

Pelos annos. 305 de Jesus Christo, sendo imperador o cruel Diocleciano, e pretor na Lusitania o sanguinario Daciano, houve um

concílio em Hespanha (parece que na cidade de Granada) no qual se achou o bispo de Salácia (ou, Salária) S. Januario.

Disse a pag. 57, col. 1.^a do 1.^o volume, que este sancto prelado e seus trez companheiros—os padres, *Felix, Septimo* e *Fortunato*—foram aqui martyrisados pelos romanos, a 7 de janeiro d'aquelle anno.

Outros escriptores, porém, affirmam, que não querendo S. Januario adorar os idolos dos romanos, nem entregar os livros sagrados, foi martyrisado com os ditos seus companheiros, na cidade de *Heracléa*.

O que é certo é que estes quatro martyres morreram pela fé de Jesus Christo.

Vê-se, pois, que muitos seculos antes de Portugal se tornar famoso pelas suas homericas façanhas e pelas suas portentosas descobertas e navegações, já era celebre, por ter no Ceu grande numero de martyres e confessores, primicias da sua firme e inabalavel crença na Santa Religião Catholica Apostolica Romana.

Depois de impresso e publicado o primeiro volume d'esta obra, deu-se aqui um facto, de cujo conhecimento não quero privar os meus leitores, por ser interessante e o menciono n'este logar.

Ainda em Portugal se não tinha achado a *necropole*¹ de uma grande povoação ou cidade: apenas tinham apparecido em muitos logares sepulturas romanas, em maior ou menor numero.

Em maio de 1873, porém, na propriedade do sr. Antonio de Faria Gentil, querendo este cavalheiro nivelar o terreno de um antigo olival, em sitio apropriado para uma eira, descobriu, apenas na profundidade de palmo e meio (0^m,33) freios de ferro e folhas de espadas, algumas com punhos de bronze cinzelado; fibulas de bronze; vasos lacrima-

torios; alampadas mortuarias, de barro; moedas romanas e outros objectos; entre elles um retrato, em argilla, coberto de estuque colorido, de rara perfeição.

Tambem se acharam quatro urnas de diversos tamanhos, no estylo etrusco, contendo cinzas.

Junto d'estas urnas, foi achada uma moeda romana do imperador Claudio, e isto indica que taes objectos são da sua época.

Os trabalhadores quebraram duas d'estas urnas ao tempo da cava.

A maior que escapou, e que está muito bem conservada, demonstra que foi feita em allusão ás ceremonias funebres usadas pelos povos da Etruria.

Na face principal está representada uma mulher, segurando um braseiro, ou perfumador, tendo de cada lado um mancebo, empunhando um grande espeto, em acção de assar carne, allusivo á refeição que tinha logar nas suas ceremonias funebres. Por detraz d'elles, vê-se um velho, com a mão esquerda sobre o coração, indicando com a mão direita uma arvore, da qual um homem arranca uma folha.

Do outro lado da urna se descobre o contorno de trez figuras, todas trez nuas, duas com capacetes na cabeça, e outra com ella descoberta, mas apresentando uma cauda de cavallo na extremidade da espinha dorsal. Entre ellas, ha uma mulher, sustentando na mão esquerda um escudo oval, em acção de querer separar os combatentes.

O achado d'estas antigualhas é curiosissimo, e dá assumpto para um sério estudo dos archeologos.

(Vide *Alcacer do Sal, Necropolis* e *Sadão*.)

SALÁCIA—Vide *Salamonde*.

SALAMONDE—freguezia, Minho, comarca da Póvoa de Lanhoso, concelho de Vieira, 30 kilometros ao N. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 135 fogos. Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago, S. Gens.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O papa e a mitra apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 440\$000 réis de rendimento annual.

¹ *Necropole* ou *necropolis* é uma palavra grega, composta de *necros*. (mortos) e *polis* (cidade). Vem pois a significar *cidade dos mortos*, isto é, *cemiterio*.

Os romanos adoptaram dos gregos esta e outras muitas palavras, como adoptaram as suas mythologicas divindades.

É uma freguezia grande, rica e abundante de todos os generos agricolas, assim como de gado, caça e peixe (do Cávado, pois está situada perto da margem esquerda d'este rio).

É povoação antiquissima, e foi uma cidade com o nome de SALÁCIA, e ficava sobre a via militar romana, que de Braga sahia para *Aguas Flavias* (Chaves).

Não ha outras noticias d'esta cidade, senão por vir mencionada no *Itinerario* de Antonino Pio.

Foi abbade d'esta freguezia o celebre Antonio José de Mesquita Pimentel. Tomou posse em 8 de junho de 1781.

Depois de alguns annos de parochio, renunciou o beneficio em seu sobrinho, Antonio Joaquim de Mesquita Pimentel; mas ainda continuou a curar a parochia emquanto viveu; fallecendo, de avançada idade, em 21 de setembro de 1821, com 80 annos e 40 de parochio.

Era bacharel formado em canones pela universidade de Coimbra, e desembargador da relação ecclesiastica de Braga.

Nascêra na freguezia de Sambade (Traz os Montes) pelos annos de 1741.

Tornou-se célebre por ser o auctor da *Cartilha da doutrina christan*, o livro mais popular de quantos existem, e do qual se teem feito innumeraveis edições.

Depois da *Cartilha do Padre Ignacio* (Ignacio Martins, jesuita) a *Cartilha* do abbade de Salamonde é a obra mais classica, no seu genero. Não ha menino de escola que a não tenha.

Este interessante livrinho está hoje muito accrescentado; e todos os annos se faz uma ou duas edições d'elle, em vista da sua grande extracção.

Contém em resumo toda a doutrina christan, com as suas explicações, por um methodo clarissimo, com muitas devoções.

O abbade Pimentel é tambem auctor de outro livro, publicado em 1793, intitulado *Soccorro de moribundos*.

Esta freguezia é notavel, por ser sobremaneira montanhosa e cheia de precipicios,

e pelo grande numero dos seus pequenos valles.

Em 15 de março de 1809, houve aqui um pequeno combate, entre as tropas portuguezas e as do general francez Soult, que vinha da Galliza.

Os portuguezes, que eram muito poucos, tiveram de retirar, e Soult marchou para a frente, entrando em Braga logo a 20, e no Porto a 29.

Wellesley, com o exercito alliado, expulsa Soult do Porto, em 12 de maio do mesmo anno, e vindo em perseguição dos francezes, ainda aqui lhes offereceu batalha, no dia 17, que elles não acceitaram, e depois de trocados alguns tiros, entre o nosso regimento de infantaria 10 e o inimigo, este fugiu para a Galliza, onde entrou no mesmo dia 17.

SALANIANA — antiga cidade da Lusitania, que hoje não existe.

Ficava a pouco mais de 5 leguas ao N. E. de Braga, sobre uma das 5 vias militares romanas, que d'esta cidade hia a Astorga. É provavel que fosse situada onde hoje está a aldeia das *Travessas*, ou na de *Moimenta* (freguezia) vide a 1.^a *Moimenta*.

Segundo o *Itinerario d'Antonino*, d'esta cidade a Braga, eram 21:000 passos e estava na 3.^a via militar. (*Geira*).

Não ha vestigios de similhante cidade, e nenhum escriptor antigo ou moderno falla d'ella, senão o *Itinerario* d'Antonino Pio.

SALÇAS—vide *Salsas*.

SALCELLAS—vide *Salsedas*.

SALDANHA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro (foi da mesma comarca, mas do concelho do Vimioso) 24 kilometros ao N. de Miranda, 480 ao N. de Lisboa. Tem 100 fogos.

Em 1757, tinha 50.

Orago, S. Nicolau.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Travanca, apresentava o cura, que tinha 6\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pouco fertil e pobre.

Cria bastante gado, e nos seus montes ha muita caça.

SALDANHA — freguezia de Traz-os-Montes, concelho de Alfandega da Fé, comarca de Moncorvo (foi da comarca e concelho de Chacim, supprimida em 1855) 140 kilometros ao N. E. de Braga, 405 ao N. de Lisboa.

Tem 105 fogos.

Em 1757, tinha 42.

Orago, S. Martinho, bispo. Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O abbade de Castro-Vicente, apresentava o cura, que tinha 8\$000 réis de congrua e o pé de altar.

Saldanha—é um appellido nobre em Portugal. Para evitarmos repetições, vide no 5.º vol., pag. 48, col. 1.ª

No lugar sitado vem alterados os nomes dos srs. doutores Saldanhas; deve lêr-se — Manuel Baptista Camossa Nunes de Saldanha, e João Camossa Nunes de Saldanha.

Marechal Saldanha

João Carlos Saldanha Oliveira e Daun, par do reino em 1835. ministro e secretario de estado honorario, grão-cruz das ordens de Christo, Torre e Espada, e da de S. Fernando em Hespanha. Commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, cavalleiro da de S. João de Jerusalem; condecorado com varias cruces e medalhas da campanha da guerra peninsular, tanto por D. João VI, como pelos reis de Hespanha e Inglaterra; condecorado com a Estrella d'ouro, pela republica argentina.

Foi deputado ás cortes, em 1834, conselheiro de estado, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra e presidente do conselho de ministros, em 1835, em 1851 e em 1870. (Vide adiante.)

Sentou praça de cadete, no regimento de infantaria n.º 1, em 1805, e logo n'esse mesmo anno foi feito alferes, tenente e capitão.

Fez com distincção as campanhas da Peninsula. Passando ao Brasil, foi commandante de um regimento da divisão de *voluntarios reaes del-rei*, na campanha do Rio da Prata, em 1817. Pouco depois, foi feito capitão-general do Rio Grande do Sul, onde se

conservou fiel á patria, quando o Brasil se tornou independente.

Tornando a Portugal, em 1822, foi um grande amigo de senhor infante D. Miguel (depois rei) como adiante se verá; mas, em 1826, mudando de opinião politica, fez-se liberal.

Sendo general das armas no Porto, fez com que fosse proclamada a *Carta Constitucional*, e o sr. D. Pedro, em 11 de julho de 1826.

Na guerra civil de 1826 e 1829, entre os liberaes e os realistas, pouco se distinguio Saldanha: apenas marchou para o Algarve, para suffocar a revolta miguelista¹ mas, o regimento de infantaria 14, (que estava em Tavira) o batalhão de caçadores n.º 4 (que estava em Castro-Marim) e algumas praças de infantaria n.º 2, artilheria n.º 2, e cavalaria n.º 2, (que estavam no Algarve) e que tinham tomado parte na revolta, sabendo que Saldanha vinha contra elles, com uma divisão de 8:000 homens, atravessaram o Guadiana, no dia 20 de outubro de 1826, e passaram-se para a fronteira cidade de Ayamonte, na Andaluzia.

Saldanha, nada mais teve de fazer, senão reintegrar as auctoridades liberaes.

A senhora infanta, D. Isabel Maria, regente do reino, tinha-o feito seu ministro da guerra; mas como elle queria mandar mais do que a infanta, esta o demittiu, a 20 de julho de 1827.

Os seus amigos, pedem tumultuosamente a sua reintegração, e ha grandes desordens em Lisboa, mas o general conde de Villa Flôr, em quatro dias (24 a 27 de julho) á força d'armas, faz restabelecer a ordem.

Á chegada do senhor D. Miguel a Lisboa (22 de fevereiro de 1828) Saldanha teve de emigrar para o estrangeiro, em março do mesmo anno.

Em 16 de maio, teve lugar a revolução liberal do Porto. Saldanha, que estava na Inglaterra, vem logo para o Porto, com os generaes, conde de Villa-Flôr, Stubbs, e com

¹ Tinham os realistas feito a revolução, a favor do senhor D. Miguel, em 8 de outubro do mesmo anno de 1826.

o marquez de Palmella, e outros, a bordo do vapor inglez Belfast.

O general realista, Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Póvoas, derrota os liberaes, levando-os de vencida, desde a Cruz dos Meirinhos até ao Porto.

Então, Saldanha, Villa-Flor, Palmella e todos os chefes principaes da revolução, os membros da junta, e as pessoas que tinham tomado parte mais activa na revolta, fogem, na noite de 2 para 3 de julho, para bordo do mesmo navio Belfast, e vão para a Inglaterra, abandonando as tropas que n'elles tinham confiado, e que tanto se tinham comprometido.

Em 1829, hindo para a Ilha Terceira, com um reforço para os liberaes, foi-lhe prohibido o desembarque pelo cruzeiro inglez, e retirou para França.

O senhor D. Pedro, nunca perdoára a Saldanha, a sua fidelidade á patria, em 1822, e o não querer annuir á revolta para a independencia do Brasil; por isso, não consentiu que elle o acompanhasse a Portugal, em julho de 1832; mas, vendo-se em grandes apuros, no céreo do Porto, o mandou chamar, e o general entrou n'esta cidade, no dia 25 de janeiro de 1833, e o sr. D. Pedro o fez, pouco depois, major general, e seu chefe de estado-maior.

Sustentou com bravura o ataque dos realistas ao castello da Foz do Douro, em 4 de março de 1833; e no dia 25 de julho do mesmo anno, o ataque que o conde de Bourmont deu á cidade.

Tendo o sr. D. Pedro embarcado para Lisboa, em um vapor inglez, a 26 de julho, chegou á capital no dia 28.

Saldanha fica governando o Porto, e, a 18 d'agosto, faz levantar o sitio, pelo lado do norte.

O conde de Almer, general francez, realista, abandona tambem o sitio do sul, em 20 de agosto.

Saldanha, vendo a cidade descercada, embarca para Lisboa, onde se une aos liberaes, e commandou por bastante tempo o exercito de observações.

No dia 11 de novembro (1833) com uma força de 4:000 homens, vem sobre Pernes,

que estava pouco defendida; põe em fuga os realistas, destroe os moinhos, e inutilisa todas as farinhas destinadas ao exercito realista.

Da carnificina de Leiria, e das batalhas de Almoester e Pernes, fallo adiante.

SALDANHA, foi feito conde de Saldanha¹ em 14 de janeiro de 1833—marquez do mesmo titulo, em 27 de maio de 1834—duque, de juro e herdade, em 8 de maio de 1855; e teve as honras de *duque parente*, em outubro de 1862.

Em 9 e 10 de setembro de 1836, a guarda nacional de Lisboa, revolta-se, e annulla a *carta constitucional*, substituindo-a pela constituição de 1822, que a sr.^a D. Maria II é obrigada a jurar, na casa da camara.

A 4 de novembro tentam os do partido da côrte, restabelecer a *carta*.

A rainha tinha-se retirado para o palacio de Belem, e hindo conferenciar com ella, o seu ministro, Agostinho José Freire, foi assassinado á Pampulha, no mesmo dia 4.

Os inglezes, chegaram a desembarcar tropas, em Belem, para auxiliar os cartistas; mas, á vista do grande numero de revoltosos, tornaram a embarcar.

Muitos soldados da marinha e de outros corpos, que em Belem se tinham conservado fieis á sr.^a D. Maria, foram mortos, e no dia seguinte (5) a revolução triumphava em em toda a parte, e obrigava a rainha a ratificar, na casa da camara, o juramento que havia feito em setembro.

Em julho de 1837, os marechaes, Saldanha e Villa-Flor, á frente de alguns corpos do exercito, proclamam a *carta*; mas o general, José Lucio Travassos Valdez (já feito barão do Bomfim, desde 17 de setembro de 1835, e que foi feito conde do mesmo titulo, em 4 de abril de 1838) bate os dois marechaes, no *Chão da Feira*, proximo á villa da Batalha, na Extremadura, em 27 de agosto do

¹ Mas do seu appellido, e não de qualquer das duas freguezias do seu titulo, onde nunca teve cousa alguma.

mesmo anno, obrigando-os a fugir para as provincias do norte.

O barão de Leiria, ¹ consegue revoltar o batalhão de caçadores n.º 4 (que estava na villa da Ponte da Barca) a favor da carta, e se lhe juntam alguns *voluntarios da rainha*, que estavam em Braga, e uns poucos de soldados de infantaria n.º 9.

O general Marianno José Barroso (que tinha sido feito barão d'Almargem, em 23 de setembro de 1835) persegue o barão de Leiria, e o obriga a encurralar-se na praça de Vallença.

As forças cartistas, conseguem reunir-se, mas o general, visconde das Antas ² os derrota em Ruivães (Traz-os-Montes) em 18 de setembro de 1837, o que obriga os cartistas a capitularem, logo a 19 (*convenção de Chaves*.) Saldanha, Villa-Flor e outros, fogem para o estrangeiro.

Em 1846, Saldanha, á frente das tropas cartistas, derrota as tropas setembristas da divisão commandada pelo conde de Bomfim, a 23 de dezembro, em Torres Vedras, ficando prisioneiras quasi todas as tropas.

Apezar de todos os elogios que a Saldanha tem feito os liberaes, e das centenas de contos com que o gratificaram; apezar mesmo da sua incontestavel bravura, é certissimo que, em toda a sua vida, só alcançou duas victorias decisivas—a de Pernes, contra os realistas, a 30 de janeiro de 1834 (vide *Pernes*) e esta de Torres Vedras, contra os setembristas.

Dão-lhe o cognome de *heroe d'Almoster*, mas o que é

¹ José de Vasconcellos Bandeira de Lemos, foi feito barão de Leiria, no 1.º de outubro de 1835, e visconde do mesmo titulo, em 20 de outubro de 1862.

² Francisco Xavier da Silva Pereira, foi feito barão das Antas (logar dos arrabaldes do Porto) em 17 de setembro de 1835—visconde do mesmo titulo, em 10 de outubro de 1836—e conde, a 4 d'abril, de 1838.

Morreu em 20 de maio de 1852.

verdade, é que a 18 de fevereiro de 1834, na batalha das pontes de Santa Maria, do Celleiro e da Assêca (chamada *batalha de Almoster*) Saldanha nada mais fez do que conservar as suas posições, e repeller os realistas, mas sem ganhar sequer um palmo de terreno.

Os realistas soffreram grandes perdas, é verdade ¹ e dois brigadeiros (Santa Clara e Brassaget) ficaram mortos no campo; mas as dos liberaes não foram menores, tendo grande numero de officiaes mortos, e entre elles, o intrépido coronel Miranda.

A famosa *victoria de Leiria*, não foi mais do que uma ignobil carnificina, em que os liberaes já mais deviam fallar, porque foi um acto mais proprio de canibae, do que de militares portuguezes, quasi sempre tão bravos no combate, como bizzaros e generosos na victoria. ²

¹ Só o meu regimento (caçadores da Beira Baixa, ou n.º 8) perdeu, entre mortos, feridos e prisioneiros (d'estes muito poucos) mais de 200 homens, incluindo o nosso commandante, o bravissimo tenente coronel *Feirão*. Só de officiaes inferiores, tivemos 16 fóra do combate!

² O coronel Pitta Osorio (realista) tinha em Leiria apenas uns 4:800 homens, quasi todos milicianos e voluntarios realistas, e um esquadrão de cavallaria n.º 4—Saldanha, trazia 4:500 infantes, trez regimentos de cavallaria e seis peças de artilheria. Os realistas, em vista da sua inferioridade numerica, abandonaram a cidade, retirando pela estrada dos Machados. A cavallaria liberal, corre sobre elles, e não dá quartel. O *philantropico* Saldanha, na parte que deu ao ministro da guerra diz:—*Eu e todo o meu estado-maior, temos as espadas, até aos copos, tingidas no sangue dos rebeldes* (1)—Devia dizer—*no sangue de portuguezes, que sem resistencia, procuravam na fuga a sua salvação*.

Tambem os liberaes, não dizem que Saldanha foi um grande realista, e que, em 27 de maio de 1823, se foi apresentar (na companhia de D. Thomaz d'Assis Mascarenhas) ao Sr. D. Miguel I, (então infante) no campo do Quadro (Santa-rem) e que estes dous fidalgos ajudaram a deitar abaixo a constituição de 1820; tornando-se, d'ahi a trez annos, inimigos encarniçados dos realistas.

Saldanha, depois de ter tão poderosamente coöperado para que os irmãos Cabraes, tornassem ao poder, teve o devido premio, pois em fevereiro de 1850, foi demittido de mordomo-mór da casa real.

Escandalisado por tão grande ingratidão da côrte, a favor da qual tanto tinha lido, e varias vezes arriscado a vida, pede a demissão de todos os seus cargos de commissão, e se declara inimigo do conde de Thomar.

D'ahi a pouco mais de um anno, revoltase contra o governo dos Cabraes, sahindo de Lisboa a 7 d'abril de 1851, foi a Mafra, na intenção de revoltar o regimento de infantaria n.º 7; mas apenas alguns soldados tomaram o seu partido. Tambem se lhe uniram, os batalhões, de caçadores n.º 1, que estava em Setubal, e n.º 5, que estava em Leiria.

Perseguido pelas tropas do governo, fuge para a Beira, e vendo a sua causa perdida, abandona os dous batalhões que n'elle tinham confiado, e fuge para Lóbios (Galliza) deixando a sua gente exposta ás iras dos Cabraes.

Felizmente para o Saldanha, José da Silva Passos, José Victorino Damasio e outros, conseguem, no Porto, revoltar o batalhão de caçadores n.º 9, e o regimento de infantaria n.º 2.¹

¹ O coronel Cardoso, commandante d'este regimento, não queria deixar levar as bandeiras, e, agarrado a ellas, foi assassinado pelos soldados.

Morreu cumprindo o seu dever, como militar brioso que era.

O conde do Casal,¹ general e governador militar do Porto, fuge da cidade, com a tropa que o quiz acompanhar, em 24 de abril.

O general, barão de Mesquita² que estava em Coimbra, com o sr. D. Fernando Coburgo (commandante em chefe do exercito) abandona-o, desertando para o Porto com a sua brigada, composta dos regimentos de lanceiros da rainha, granadeiros da rainha, infantaria n.º 1, e uma companhia de infantaria 16. (O sr. D. Fernando, teve de retirar para Lisboa)

Os dous batalhões de caçadores, 1 e 5, marcham para o Porto, a unir-se aos revoltosos.

Saldanha, tendo noticia do triumpho da revolução no Porto, sae da Galliza, e vem-se reunir aos revoltosos, até então seus inimigos.

O conde de Thomar, havia tornado para ministro, em 1849, por influencia do Saldanha, o qual tinha declarado em cortes, que, *antes queria todos os Cabraes na camara dos deputados, do que um só da junta do Porto* (Tempora mutantur, et nos mutamur in illis...)

Saldanha foi para Lisboa como *triumphador*, fazendo a sua *entrada solemne* na capital (desembarcando na Praça do Commercio) a 13 de maio, e foi com as suas tropas, passar em continencia, em frente do palacio real, mais como affronta á rainha, do que como acto de submissão. N'essa mesma noite, a sr.^a D. Maria II e o sr. D. Fernando, soffreram insultos no theatro de S. Carlos.

O conde de Thomar, fuge, pela segunda vez, para o estrangeiro, e Saldanha, tomando conta do governo, como dictador, promulga grande numero de leis.³

¹ José de Barros e Abreu, foi feito barão do Casal, no 1.º de dezembro de 1836—e conde do mesmo titulo, em 20 de janeiro de 1847.

² Miguel Correia de Mesquita Pimentel, foi feito barão de Mesquita (do seu appellido) em 17 de janeiro de 1848.

³ Uma d'estas leis (a de 23 de outubro de 1851) determina que aos officiaes convenccionados em Evora Monte, se dêsse o soldo

Já do Porto elle principiou a dar leis para Lisboa, e foi por sua ordem, que alguns navios de guerra, e transportes, o foram buscar ao Porto e ás suas tropas.

Finalmente, depois de varios acontecimentos que seria enfadonho mencionar, termina a primeira dictadura de Saldanha, e assim vae passando o tempo, até á sua

Segunda dictadura

Na madrugada de 19 de maio de 1870, o velho marechal Saldanha, á frente do batalhão de caçadores n.º 5, e do regimento de infantaria n.º 7, proclama a queda do ministerio Loulé. Só a guarda municipal, alguma artilheria e um esquadrão de lanceiros, deixou de unir-se logo aos revoltosos.

Saldanha, dirige-se com a força que angariára, ao palacio da Ajuda, onde uma bateria do 3 de artilheria, lhe faz fogo, que é correspondido pelos caçadores revoltados; mas a resistencia durou poucos minutos, e os artilheiros rendem-se, ficando apenas mortos uns 5, e igual numero de feridos.

Varias balas dos caçadores, esmigalharam as vidraças do paço e lhe furaram os estuques, passando uma balla (segundo se disse) a poucas pollegadas da cabeça do sr. D. Luiz, que, tendo recolhido depois da meia noite, do theatro, se levantára assustadissimo, poucos momentos depois (2 da manhã) porque acordára ao estrondo dos tiros.

O ministerio quer conservar-se a todo o transe, não lhe importando que para isso corra a jorros o sangue de portuguezes—e todos liberaes!

O ministro da guerra (Lobo d'Avila) dá ordens e contra ordens, de minuto a minuto.

correspondente aos postos que tinham ao tempo da morte de D. João VI.

Foi meia justiça, porque os officiaes que tinham os seus postos dados pelo sr. D. Miguel I, e que lhes tinham sido garantidos na convenção, ficaram injustissimamente excluidos do beneficio d'esta lei.

O rei estava aterrado. Não quer guerra, não quer sangue, e está por tudo o que quizer Saldanha. Manda chamar o duque de Loulé, para se lavrar o decreto da demissão dos ministros, mas o duque se recusa terminantemente a referendar tal decreto, dizendo ao sr. D. Luiz, que o governo tem força sufficiente para debelar os revoltosos, que vão ser immediatamente aniquilados; mas, vendo que o rei se obstina em não querer guerra, diz-lhe que se avenha como poder, e vae reunir-se aos seus collegas, para envidarem todos os meios de soffocar a revolta.¹

O visconde de S. Thiago, general da 1.ª divisão, que se tinha conservado no seu posto, marcha com a força que estava fiel ao governo, em direcção da Ajuda, mas, chegando á Tapada, encontra uma ordenança, com ordem do sr. D. Luiz, para retrogradar.

Finalmente, o rei assigna o decreto da demissão do ministerio, e o Saldanha fica senhor da situação, e dictador. Elle, a quem a idade provecta deveria ter feito mais cauto, prudente e reflectido, principia a sua dictadura, não só promulgando uma aluvião de decretos, na fórma do seu louvavel costume;² exercendo vingança; e dando premios, segundo a sua vontade, soberana. As exonerações, demissões, substituições, nomeações e reintegrações eram ás dezenas em cada dia!

¹ Ainda na vespera da revolta, os ministros tinham feito a mesma declaração e as mesmas ameaças, nas duas casas do parlamento.

² Decretos de que pouco depois ninguem fez caso, apesar de estarem sancionados pelo rei. Nem se quer houve por elles a consideração de os annullar por um decreto posterior.

Um d'estes decretos, (o de 13 de agosto) determinava que aos officiaes do exercito realista, não contemplados no decreto de 1851, fosse pago o soldo que se lhes havia garantido por um tratado solemne, celebrado entre as quatro nações da alliança; mas, apesar de então só existirem 114 officiaes (dos 4:000 e tantos que convencionaram!) a quem este decreto podesse aproveitar, teve elle a mesma sorte dos outros.

Tambem choveram titulos e commendas, a quem lhe pareceu.¹

Saldanha, convida o illustrado e patriota bispo de Vizeu (o sr. Antonio Alves Martins) para fazer parte do ministerio. O digno prelado responde, que *só acceita se lhe der para collegas, homens que estejam á altura da sua missão, em circumstancias tão criticas*; mas, como o marechal quer sómente impôr os seus amigos, o eselarecido prelado recusa.

A 25 de maio, constitue-se o novo ministerio, do qual Saldanha se faz presidente, e ministro da guerra e estrangeiros—fazendo, *José Dias Ferreira*—reino; *Antonio Rodrigues Sampaio* (que era seu inimigo encarniçado, ha mais de 30 annos!...)—obras publicas; o novo *marquez d'Angeja*²—marinha, *D. Antonio da Costa* (sobrinho do Saldanha).

Deve confessar-se que este ministerio, hybrido e heterogenio, desagradou quasi geralmente; e não poucas pessoas o alcunharam de *iberico*, o que não passava de calumnia.

As cortes são adiadas, até 20 de junho; mas, no principio d'este mez, é prorogado o adiamento, até 31 de outubro.

José Dias Ferreira, que veio a ter nada menos de trez pastas, cede uma a Antonio Vieira de Magalhães Junior (filho do visconde da Alpendurada) que era barão de Magalhães desde 13 de maio de 1854, e tinha sido feito conde do mesmo titulo, pelo Saldanha, tambem a 24 de maio d'este anno de 1870.

Não convindo a Saldanha, nem á maior parte dos seus collegas, a camaradagem com o marquez d'Angeja, para se descartarem

¹ Logo a 24 de maio, o sr. D. Caetano de Almeida e Noronha Portugal Camões de Albuquerque Moniz e Sousa, que era conde de Peniche, foi feito marquez de Angeja, em duas vidas: e no dia seguinte foi feito visconde Castilho, o grande poeta, Antonio Feliciano de Castilho.

² Este cavalheiro, um dos mais nobres fidalgos do reino, havia tomado parte na revolta, e mettu-se no Castello de S. Jorge, com uma força de populares (a que o povo principiou a dar o nome de *penicheiros*) e alli esperou o resultado da marcha do Saldanha, ao palacio da Ajuda.

d'elle, o fazem nosso embaixador em Bruxellas.

Saldanha, tem uma parentella numerosissima, e, ainda por cima, de cada canto lhe surgem parentes improvisados, que o marechal emprega, invadindo com elles, todas as repartições publicas.

O descredito do governo, pelos seus actos irreflectidos, se vae propagando por todo o reino, e, quanto ao credito financeiro, nem o tem em Portugal, nem lá fóra. As inscripções, que achou cotadas ao par, chegaram a 27! Todos temiam uma imminente e desastrosa bancarrota.

O marquez de Sá da Bandeira, e outros cavalheiros prudentes, tanto instaram com o rei, expondo-lhe o risco em que estava a patria, que elle resolve-se a demittir semelhante ministerio, a 29 de agosto, e se ficou denominando o periodo antecedente o *governo dos 100 dias*, que tantos esteve d'esta vez o Saldanha no poder.

Ha toda a probabilidade para acreditar' que o novo ministerio já estava combinado antecipadamente, porque, apenas nomeado, entraram logo os ministros nos seus logares.

Ficou assim constituido—presidente, guerra, e interinamente da marinha, *Sá da Bandeira* (octogenario, surdo, trôpego e mané-tal)—reino e instrucção publica, *bispo de Vizeu*—fazenda, estrangeiros e justiça, *marquez d'Avila* (hoje duque do mesmo titulo)—obras publicas, *Carlos Bento da Silva*.

Bastou a nomeação d'este ministerio, para as inscripções subirem logo a 32.

O governo, para se descartar de Saldanha, o conspirador sempiterno, o faz nosso embaixador em Londres, onde fallece, com mais de 80 annos de idade, pois havia nascido a 17 de novembro de 1790.¹

¹ Era tão temido dos nossos governos, que quando lhes pedia dinheiro—alem de tudo quanto recebia pelos seus numerosos empregos—e elles lho não davam, ameaçava-os de vir para Portugal.

Não era preciso mais nada, para que logo lhe mandassem quanto elle queria. Saldanha, que sabia o meio de obter dinheiro de prompto, não se descuidava em o empregar.

Foi casado duas vezes (da segunda vez, em Londres, com uma senhora Ingleza, quando já era octogenario) e d'esta não teve filhos. Da sua 1.^a mulher, teve trez filhos — Augusto Carlos de Saldanha d'Oliveira Daun, conde d'Almoster, que nasceu a 26 de dezembro de 1822—João Carlos, nascido a 20 de novembro de 1825 e D. Eugenia, nascida a 25 de maio de 1831. (Vide *Tavarêde*.)

O duque de Saldanha, era 9.^o filho de João de Saldanha Oliveira e Sousa, 1.^o conde de Rio Maior; 1.^o 16.^o senhor do morgado de Oliveira, gentil-homem da camara da rainha, D. Maria I, grão-cruz da ordem de Christo, conselheiro de estado, presidente do Terreiro Publico; e que nasceu a 22 de maio de 1746, e morreu a 26 de janeiro de 1804.

Casou em 1774, com D. Maria Amalia de Carvalho e Daun (nascida a 15 d'agosto de 1756, e fallecida a 16 de setembro de 1812) 3.^a filha dos 1.^{os} condes de Oeiras, e 1.^{os} marquezes do Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello, e D. Leonor Ernestina de Daun, camarista da rainha D. Marianna d'Austria, mulher de D. José I, e nascida em Vienna d'Austria.

Filhos d'este matrimonio

1.^o—*D. Maria Constança*, condessa da Ponte.

2.^o—*Antonio*, 2.^o conde de Rio Maior.

3.^o *José Sebastião*, senhor de Pancas, por casar com sua prima, D. Maria Leonor Carolina Manuel de Vilhena da Costa Freire Martins da Fonseca, senhora de Pancas, cujo morgado herdou de D. Francisco Xavier da Costa Noronha. Era filha de D. Christovão Manuel Vilhena, e de D. Maria Francisca Xavier Eva Anselma de Daun, irmã da 1.^a condessa de Rio Maior.

4.^o—*D. Marianna*, mulher de seu primo, D. Luiz Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcellos, senhor da quinta da Torre (solar dos Vasconcellos) em S. Martinho de Ferreiros. (Vide *Ferreiros*, no vol. 3.^o, pag.

176, col. 2.^a—e *Requeão*, n'este vol., pag. 144, col. 1.^a) 10.^o senhor d'Entre Homem e Cávado, é do morgado de Mendonça Ave Maria, e alcaide-mór de Mourão.

5.^o—*D. Maria Ignacia*, condessa de Mesquitella.

6.^o—*D. Anna Isabel*, viscondessa da Bahia.

7.^o—*D. Francisca de Paula*, mulher de D. Fernando Antonio d'Almeida e Silva Sanchez de Baena Jaques Farinha de Sousa e Vasconcellos, trinchante-mór da casa real, senhor dos morgados de Oliveira dos Arcos e de Linhares.

8.^o—*D. Leonor Ernestina*, marqueza do Pombal.

9.^o—*João Carlos*, (o duque de Saldanha).

10.^o—*D. Maria Joanna*, mulher de Miguel Paes do Amaral de Almeida Quifel Barberino, 3.^o senhor da Abroñhosa e Villa-Mendo, e 11.^o senhor da casa de Mangualde.

11.^o—*Francisco*, commendador da ordem de Christo, cavalleiro de S. João de Jerusalem—diplomatico.

12.—*Domingos*, do conselho de sua magestade, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da de Torre e Espada, e governador d'Angola, onde morreu, a 3 de setembro de 1800.

SALÉSIAS—(freiras) mosteiro, Extremadura. na freguezia e concelho de Belem, comarca, patriarchado. districto administrativo, e 6 kilometros ao O. de Lisboa.

Está fundado na rua das *Salesias*, que vae do *Altinho*, onde termina a rua da Junqueira, e começa a rua Nova da Junqueira, e vae ter á rua dos Quarteis, á Boa Hora, na Ajuda.

Está o mosteiro cercado de renques de frondosas oliveiras, e n'elle vivem as sempre exemplarissimas religiosas, da ordem de S. Francisco de Salles, e da invocação da *Visitação de Nossa Senhora*.

N'este mosteiro são educadas, com o maior esmero e sollicitude, meninas de todo o reino, e ainda do estrangeiro, aqui attrahidas pela optima fama de que goza esta excellente casa de educação, e d'aqui sahem perfeitissimas donas de casa, tão instruidas nas cousas da terra, como nas do Ceu.

¹ Vide n'este vol., pag. 202, col. 2.^a

O edificio é vasto e distribuido segundo todas as regras da hygiene. As suas cêrcas estão povoadas de frondosos arvoredos, perfeitamente tratados.

O templo foi concluido pelo zelo do esclarecido orador sagrado, o padre A. R. dos Anjos Beirão. É vasto e bello, em fôrma de cruz, com um elevado zimbório, que dá uma luz clarissima á egreja.

Vêem-se alli bons quadros, e na sacristia é objecto de justa admiração, um grande e primorosissimo, representando o Senhor Morto, junto a Nossa Senhora da Soledade, e entre S. João Evangelista e Santa Maria Magdalena.

São de muito gôsto e grande preço, todos os utensilios do culto divino, principalmente os ricos paramentos, todos primorosamente bordados no mosteiro.

São directores espirituaes do convento, os benemeritos e bemquistos padres, Joaquim Moreira S. da Cunha, e Luiz B. da L. Pacheco, proprietario da *Livraria Catholica* (à praça do Rocio) director e principal redactor das *Leituras Populares*.

O mosteiro foi fundado pelo virtuoso e esclarecido, padre Theodoro d'Almeida, famoso auctor das *Recreações Philosophicas*, do *Feliz Independente*, e de outros livros de grande merecimento.

O padre Theodoro tambem ajudou o padre Carvalho, na fundação do seminario dos orphãos.

O mosteiro das Salésias, foi destinado pelo seu fundador, para educação de meninas, e para aqui vieram, do mosteiro de Annecy, da Saboya (onde se conservam as reliquias de S. Francisco de Salles) as primeiras religiosas da ordem do mesmo santo, em 1714, sendo recebidas com grande solemnidade.

SALÉMA—corrupção da palavra arabe *salamá*. — É a saudação, ou comprimento de uso entre os árabes.—*Os mais lhe vieram fazer a sua Sálema, que é como entre nós beijar as mãos aos reis, em reconhecimento de senhorio.* (Barros, *Década* 4.^a, fl. 415.) Tambem diziam *salamalek*.

Salema, é tambem um appellido nobre em Portugal, e mais antigo do que a nossa monarchia.

Em 1193, era vassallo de D. Sancho I, Péro Saléma, O solar d'esta familia, é na herdade denominada Saléma, no Alemtejo.

O seu brazão d'armas, é—em campo verde, um castello d'ouro, coberto do mesmo, lavrado, com portes e frestas de negro: orla azul, carregada de sete salémas (peixes bem conhecidos) de prata. Elmo de aço aberto, e por timbre, o castello do escudo.

Outros Salémas, trazem por armas—em campo de púrpuras 5 achas d'armas, de ouro, em áspa; e o mesmo élmio e timbre. (É d'esta ultima maneira que se acha na livraria da casa Palmella.)

Vide no 1.^o vol., o ultimo *Bairros* da col. 1.^a col., pag. 309.

SALGADÉLLA—sitio da Beira Baixa (Riba-Côa.) No 2.^o vol., pag. 187, col. 2.^a, no fim, mencionei a batalha que teve logar junto á villa de *Castello-Rodrigo*, e no sitio que, desde então, se ficou chamando *Salgadella*; aqui darei mais desenvolvidos pormenores sobre esta batalha, tão gloriosa para os portuguezes.

Esta batalha, foi dada a 7 de julho de 1664, e não de 1544, como, por erro typographico, se disse no logar citado.

O duque de Ossuna, capitão-general da Castella-Vella, para se vingar das repetidas derrotas que tinham soffrido as tropas do seu commando, marchou a 3 de julho do referido anno de 1664, sobre a nossa praça de Castello-Rodrigo, com 4:000 infantes, 600 a 700 cavallos, e nove peças de artilheria grossa e quatro petardos (e não 91, como, por erro typographico, se disse no 2.^o vol.) e muitos carros, com o trem e munições correspondentes.

Vinha tão certo da victoria, que já trazia frades, para occuparem o visinho mosteiro de Santa Maria d'Aguiar; e justicas, para deixar na villa.

A guarnição da praça, constava apenas de 150 homens, mas eram commandados pelo intrepido mestre de campo, Antonio Ferreira Ferrão, governador do castello.

Achava-se então no Alemtejo, o conde de S. João, governador das armas de Traz-os-Montes, e Affonso Furtado do Rio Castro e Mendonça, governador das armas do partido

de Penamacôr; que, unidos ás tropas do grande marquez de Marialva, tinham tomado a praça hespanhola, de Valença de Alcantara, no mez antecedente.

Apenas souberam que o duque de Ossuna se dirigia a Castello Rodrigo, voaram em soccorro da praça ameaçada; mas foram anticipados pelo valoroso Pedro Jacques de Magalhães, governador das armas do partido d'Almeida, que se achava mais proximo de Castello-Rodrigo.

Em 2 dias, pôde Magalhães reunir 2:500 infantés e 500 cavallos, e como sabia que os castelhanos que tinham hido em soccorro de Valença d'Alcantara, haviam chegado a Ciudad Rodrigo, para se unirem ás de Ossuna, e que Castello-Rodrigo se não podia sustentar por muitos dias, contra tão grandes forças, pela vetustez e ruina das suas obras de defeza, e pelo pequeno numero de seus defensores, que, de mais a mais, apenas tinham duas pequenas peças de campanha; não esperou por mais reforços, e fiado na sua intrepidez, e na bravura dos portuguezes que commandava, sahiu de Almeida, a 6, pelas 4 horas da tarde, e na madrugada do dia seguinte, chegou, sem ser presentido pelos castelhanos, á serra da *Marófa*, proxima da nossa praça, na occasião que Ossuna lhe dava um furioso assalto, chegando a tomar uma barbican, mas sendo bizarramente repellido pela guarnição, que lhe matou e feriu muita gente.

(N'este assalto e nos anteriores, perderam os castelhanos, 200 homens.)

Ao romper do sol, viu Ossuna as tropas de Magalhães a pouca distancia das suas, e se poz em defeza, no campo que havia entrincheirado á pressa, com molhos de trigo, e mandou disparar toda a sua artilheria, contra os nossos.

Mandou logo Magalhães, o tenente general, D. Antonio Maldonado, commandante da cavallaria, contra os castelhanos, e tão gallhardamente os carregou, que antes de chegar Magalhães, já D. Antonio levava o inimigo de vencida, e lhe tinha tomado uma peça e varias carretas. Os castelhanos, passaram um pequeno ribeiro que alli ha, e formaram em batalha, no lado opposto.

Receberam os portuguezes com uma descarga geral, á *queima-roupa*; mas os nossos, apanhando os inimigos com as armas descarregadas, cahiram sobre elles com tal furia, que immediatamente os pozeram em vergonhosa debandada, acutilando-os sem piedade, e perseguindo-os até ao rio Agueda, (da Beira Baixa).

Foram degolados, 1:200 infantés, e ficaram prisioneiros 1:800, cahindo, como em uma rede, toda a infantaria.

Da cavallaria, ficaram mortos, ou prisioneiros, 330, recolhendo-se logo no campo da batalha, 200 cavallos, e apanhando-se-lhes dispersos, nos dias seguintes, mais 130.

Ficaram mortos na acção, quatro mestres de campo; D. João Giron, filho do duque de Ossuna, e capitão da sua guarda; e alguns outros capitães, sargentos-móres, e varios fidalgos de Salamanca e d'outras terras.

Toda a artilheria ficou em poder dos portuguezes. (Eram 9 peças e 4 petardos, como já disse.)

Perderam toda a bagagem, incluindo a recamara e secretaria do duque, que fugiu com uma carapuça na cabeça (e depois, vestido de frade) deixando a um ajudante, o bastão e o chapéu, adornado de grandes plumas; largando tambem o cavallo, para mais facilmente poder escapar, e fugindo por uma ladeira, até ao rio Agueda, corrido á pedra, pelos lavradores d'aquelles sitios.

Assim, a pé, correu até ao castello de S. Felices, d'onde seguiu, deitado em uma carroça, até Ciudad Rodrigo, onde chegou morto de fome, moido, e coberto de poeira.

Foi esta a 7.^a derrota que soffreu, até áquella data, durante a guerra da restauração.¹

Distinguiram-se n'este glorioso feito d'armas, além de Pedro Jaques de Magalhães, e D. Antonio Maldonado, mais os seguintes guerreiros:

Manuel Ferreira Rebello, mestre de campo—Antonio Velloso de Figueiredo, mestre de campo—os capitães de cavallaria, Paulo

¹ A 1.^a, foi em Niza—a 2.^a, em Elvas—a 3.^a, em S. Miguel, sobre Badajoz—a 4.^a, nas linhas de Elvas—a 5.^a, em Escalhão—e a 6.^a, em Almeida.

Homem Telles, Antonio Ferrão de Castello-Branco, João Soares d'Almeida, Christovão Correia Freire, e Martim Affonso de Mello —o sargento-mór, José de Figueiredo da Silveira—o governador da comarca de Pinhel, Alvaro Saraiva da Gama —o alcaide-mór de Castello-Mendo, Francisco Coelho Osorio—e o sargento-mór, Antonio de Figueiredo.

Na defeza da praça, cobriram-se de gloria, o governador, Antonio Ferreira Ferrão —o sargento-mór, João da Fonseca—e o capitão, João Gomes.

Os principaes prisioneiros castelhanos, foram:

D. Antonio Isaque, tenente general de cavallaria, cavalleiro da Ordem de S. Thiago —D. João de Chaves Maldonado, capitão de cavallaria—D. Antonio Colmenaso, sargento mór, e governador de Abbadengo—D. Christovão Honorato, sargento-mór—18 capitães, 3 tenentes, 24 alferes de infantaria, e 4 de cavallaria, 15 sargentos, e 1:800 soldados.

Ficaram em nosso poder:

Canhões pedreiros de calibre 36.....	1
Meios canhões pedreiros de calibre 24..	1
Quartos canhões de calibre 12.....	2
Meias columbrinas de calibre 8.....	2
Meios <i>sagres</i> de calibre 5.....	3
Petardos	4

Bôcas de fogo..... 13

Era toda a artilheria dos castelhanos.

Mais lhe tomámos:

9 Cucharras, com soquêtes—um sacatrapo—10 reparos — 8 armões — um carro de matto—1 cabrilha—4 calabres grandes—2 calabres pequenos—800 balas de artilheria —6 cunhetes com balas miudas—20 arrobas de cordas! (para que quizeriam elles tanta córda?)—250 marretas—9 arrobas de polvora (a outra ardeu por desastre)—4 arrobas de pregadura grossa—100 carrétas grandes, com munições e petrechos de guerra—400 carrétas com bagagens e mantimentos—1:000 bois—150 cavalgadas de carga—6 carroças de fidalgos, entre ellas, a do duque—muita prata do serviço d'este—

toda a sua recamara, com muito bons vestidos, que os soldados repartiram entre si —a secretaria do duque, com muitas cartas de Philippe, 4.º. de seu filho, D. João d'Austria, de varios ministros, e outros individuos.

D. Affonso VI estava na quinta d'Alcantara, quando chegou a Lisboa, Henrique Jaques de Magalhães, filho de Pedro Jaques de Magalhães, no dia 13 do dito mez de julho, com a parte official d'esta derrota monumental dos castelhanos; o que deu causa a grandes festas publicas, na capital e em todo o reino, que duraram muitos dias.

Na parte que ao rei deu d'esta batalha, o grande Magalhães, lhe recommendava os cabos de guerra que mais se distinguiram, e para elle, apenas *pedia duas das peças de artilheria, tomadas ao inimigo*, como memoria de tão glorioso feito d'armas.

(Vide o *Mercurio Portuguez*, de julho de 1664, no *Portugal Restaurado*. O *Mercurio*, era a gazeta official do tempo da guerra da independencia.)

Não assistiu a esta batalha, D. João d'Austria, como, por mal informado, disse em *Castello-Rodrigo*. D. João d'Austria, estava então em Badajoz ou immediações.

A *Cruz de Pedro Jaques*, padrão commemorativo d'esta victoria, fica a 5 kilometros da villa de Castello-Rodrigo; 8 ao O. do rio Agueda; 2 ao S. da povoação e freguezia de *Matta de Lobos*, e dentro dos limites d'esta parochia; e 3 ao E. do mosteiro de Santa Maria d'Aguiar.

No pedestal da *Cruz de Pedro Jaques*, se gravou uma inscripção, commemorando esta batalha. Por extensa, e por ser o resumo do que fica dito, não a copio.

Esta derrota, a das *linhas d'Elvas*, em 14 de janeiro de 1659, e a do *Ameixial*, a 8 de junho de 1663, foram as maiores que os castelhanos soffreram durante os quasi 28 annos que durou a guerra da restauração.

O Dr.—*Pedro Augusto Ferreira*.
abbade de Miragaia.

SALGUEIRAES—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira (foi da mesma comarca, mas do concelho de Li-

nhares) 105 kilometros ao E. de Coimbra, 300 ao E. de Lisboa.

Tem 110 fogos.

Em 1757, tinha 76.

Orago, Nossa Senhora das Neves.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O prior da villa de Linhares, apresentava o cura, que tinha 8\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Clima excessivo e pouco fertil. Muito gado e caça. Fabricam-se aqui optimos queijos.

SALGUEIRO—freguezia, Beira Baixa, concelho e comarca, districto administrativo e bispado, e 6 kilometros de Castello Branco. 35 kilometros da Guarda, 260 ao E. de Lisboa.

Tem 310 fogos.

Em 1757, tinha 170.

Orago, S. Pedro, apostolo.

O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o vigario, que tinha 170\$000 réis.

É terra fertil. Gado e caça.

SALGUEIRO—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, 75 kilometros da Guarda, 220 ao E. de Lisboa.

Tem 230 fogos.

Em 1757, tinha 37.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O vigario da freguezia de S. Bartholomeu da Covilhan, apresentava o cura, que tinha 250\$000 réis, e o pé de altar.

É terra fertil. Grande abundancia de gado e caça.

A esta freguezia está annexa a das Quintans, e por isso se diz vulgarmente *Salgueiro e Quintans*.

SALHARIZ—Vide *Selhariz*.

SÁLIA—rio, Minho,—Vide *Sêlho*.

SALINAS—é um appellido nobre em Portugal: veio de Hespanha, tomado da villa de Salinas, na Guipuscoa. Não se sabe quem o trouxe a Portugal. O seu brazão d'armas, é—em campo de prata, uma asna de purpura firmada, entre 3 flores de liz do mesmo—élmo d'ago, aberto; e por timbre o pesco-

ço e cabeça de um unicornio, da sua côr, com a ponta de prata.

SALIR ou **SELIR**—freguezia, Algarve, na comarca e concelho de Loulé, 24 kilometros de Faro, 225 ao S. de Lisboa.

Tem 800 fogos.

Em 1757, tinha 514.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Fâro.

A mitra apresentava o prior, que tinha 720 alqueires de trigo, de renda por anno.

É uma grande povoação, e antiquissima. Foi villa, no tempo dos mouros, e praça fortificada. Ainda conserva as ruinas do seu vestusto castello, a uns 250 metros ao N. O. da povoação. Esta é situada sobre uma collina.

Com o terramoto do 1.º de novembro de 1755, cahiram 40 moradas de casas; mas só morreu uma menina, ainda de peito.

A egreja é pequena para o tamanho da freguezia, e nada tem de notavel.

O territorio da freguezia, fica entre dous ramos da serra do Algarve, tendo cada um d'elles, 18 kilometros de comprido.

É terra fertilissima, e são famosos os seus vinhos, chamados d'Alicante; produz optima laranja, que exporta para Inglaterra.

Fabrica-se aqui muita aguardente de medronhos; e ha vastos montados, onde se criam muitos porcos, e são abundantes de caça.

A uns 200 metros da povoação, corre a ribeira de Salir, que réga, mõe, e traz algum peixe. Junto á aldeia de Tôr, toma este nome.

Pela lei de 7 de abril de 1838, perdia, para o Ameixial, os dez *Valles de Luiz Nêto*—os oito *Valles da Rosa*—os dous das *Cortigadas*—os 6 da *Ameixieira*—e os cinco das *Fornalhas*. Para Querença, perdia os *Valles do Barranco do Velho*, e os de *Sêrro Alto*.

Esta lei não teve effeito.

Seis kilometros ao N. de Salir, está a montanha da *Rocha da Pena*, cortada perpendicularmente, com 3 kilometros de extensão; a qual, pelo referido terramoto, ficou rachada em varias partes, e lançou penedos, de prodigiosa grandeza, a grandes distancias.

Só é accessivel ás aguias, buffos, e grifos, que fazem bastantes estragos no gado miu-

do. No seu cume, ha um profundissimo lagar.

Trez kilometros ao O. d'esta serra, ha outra, chamada *Peninha*, e na raiz d'ambas ha nascentes d'aguas ferreas.

Salir é uma palavra portugueza muito antiga: significa—*morrer*. *E se se Paay* (Payo) *Martinz ante sal ca eu per morte* (se morrer antes de mim.) Doc. de Alpendurada, de 1292.—*Sal*, tambem era synonymo de sahir, ou de *sahimento*. Ainda hoje empregamos este ultimo substantivo, para designarmos o acompanhamento de um enterro.

SALIR DO PORTO—freguezia, Extremadura, comarca e concelho das Caldas da Rainha (foi da comarca d'Alcobaça, concelho extinto de S. Martinho do Porto), 100 kilometros ao N. O. de Lisboa.

Tem 120 fogos.

Em 1757, tinha 50.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

O prior de S. Pedro, d'Óbidos, apresentava o cura, que tinha 60 alqueires de trigo, 30 de cevada, e 50 almudes de vinho.

Fica a 3 kilometros ao S. de S. Martinho do Porto, e por isso, ainda alguns chamam á barra de S. Martinho—*barra de Salir*.

É terra fertil.

Foi villa e cabeça de concelho (couto d'Alcobaça) com juiz ordinario, capitão-mór e uma companhia de ordenanças.

Dizem alguns, que teve foral velho, dado por D. Sancho I, o que é duvidoso.

O antigo nome d'esta freguezia, era *Salir da Foz*, e é o nome que tem no foral que lhe deu o rei D. Manuel, em Lisboa, a 10 de março de 1515. (*L. 1.º dos foraes novos da Extremadura*, fl. 139, col. 2.º)

É terra abundante de peixe do mar, que lhe fica a 3 kilometros ao N. O.

Esta povoação é antiquissima, e ficava a pouca distancia da famosa cidade da antiga Lusitania chamada *Eburobriga*. (Vide *Alfeizirão*, *Evora d'Alcobaça*, *Eburobriga*, e vide tambem o *Salir* seguinte.)

Para a etymologia, vide o 1.º *Salir*.

SALIR DOS MATTOS—ou *Salir do Matto*—freguezia, Extremadura, comarca e con-

celho das Caldas da Rainha, 105 kilometros a N. O. de Lisboa, e 5 do *Salir* antecedente.

Tem 360 fogos.

Em 1757, tinha 221.

Orago, Santo Antonio, patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

O abbade geral do mosteiro de religiosos bernardos d'Alcobaça, apresentava o vigario, que tinha 120\$000 réis, e o pé d'altar.

Como o *Salir* antecedente, é povoação antiquissima, e foi villa e cabeça do concelho do seu nome (couto de Alcobaça) e tinha juiz ordinario, apresentado pelo D. abbade de Alcobaça.

D. Manuel I, lhe deu foral, em Lisboa; no 1.º de outubro de 1514. (*Livro dos foraes novos da Extremadura*, fl. 132 col. 1.º). N'este foral se lhe dá o nome de *Salir do Matto*.

Ficava tambem, como o antecedente, proximo da cidade de *Eburobriga*, e da villa de Alcobaça. (Vide *Alfeizirão*, *Eburobriga*, e *Evora d'Alcobaça*).

Que esta povoação foi habitada pelos romanos, o prova uma lápide, mencionada por o doutor allemão, Emilio Hubner, nas suas «Noticias archeologicas de Portugal» pag. 56.

Eis a inscripção da lápide:

D. M. S.
SOLPICIAE C. OL.
SIPONESI AN.
XXXV CALLECVS
R... SL... VXORI
P... P... C.

É pois um monumento sepulchral, e quer dizer—*Dedicado aos deuses manes. Aqui jaz Sulpicia, natural de Colippo* (Leiria) *irmã de Calleo, a qual falleceu na idade de 35 annos.*

As tres letras da ultima linha, talvez signifiquem *Pientissimae Poni Curavit*.

Calleo, parece ser lusitano, e era duunviro, provavelmente do municipio de *Eburobriga*.

Em *Alfeizirão*, se tem descoberto varias lápides, com inscripções romanas, e entre ellas, a seguinte:

SULPICIAE.
L. F. AVITAE.
EX. T. SVO. Q.
SERVILIUS.
AVITVS HER.
G. SERVILI.
LAVRI PATRIS.
SVIF . . . C.

Parece que é a sepultura de uma Sulpicia, que, por testamento, deixou encarregado do seu funeral a seu parente Servilio Avito.

Pôde muito bem ser que esta Sulpicia fosse irman, ou da familia Sulpicia da inscripção achada em Salir dos Mattos; e talvez ambas da cidade de Calippo, onde a familia Avito foi muito considerada, e á qual familia ambas as Sulpicias pertenciam.

(Para a etymologia, vide o primeiro *Sallir*.)

SALLAMONDE—Vide *Salamonde*.

SALOIO—o habitante dos arredores de Lisboa. Julga-se gerálmente que a etymologia d'esta palavra vem do árabe *çála* ou *saláh*, que significa, oração, rogativa ou deprecação.

Deriva-se do verbo *sállá*, orar, rezar, deprecar.

A *çala* era rezada pelos mouros, cinco vezes por dia:—1.ª ao romper d'alva, e se chamava *salat el sobbi*, que significava *oração da madrugada*.—2.ª ao meio-dia, e se chamava *salat el dôhri*, oração do meio-dia.—3.ª ás 4 horas da tarde, e se chamava *salat el arsi*, oração da tarde.—4.ª ao sol-posto, e se chamava *salat el megreb*, oração do sol-posto.—5.ª ás oito ou nove horas da noite, e se chamava *salat el dxé*, oração da noite.

De fazerem a *çala*, se deu aos mouros o nome de *salóios*.

Quando D. Affonso Henriques tomou Lisboa aos mouros, em 1147, não os quiz, nem aos judeus, misturados com os christãos, para evitar continuas rixas e desordens, nas quaes os mouros e judeus ficavam sempre mal.

Aos judeus foi designado para a sua habitação o bairro da Ribeira-Velha, que por isso se ficou chamando *Judiaria*.

(Para evitar repetições, vide *Judiaria*, a

pag. 421 do 3.º vol.—no artigo *Lisbõa*, 4.º vol., pag. 172, col. 2.ª—e no mesmo artigo *Casa dos Bicos*—e a pag. 170, col. 1.ª *Villa Nova de Gibraltar*.)

Aos mouros foi marcado o terreno que principiava fóra do *Arco do Marquez de Alegrete* (actual largo da Mouraria) e comprehendia as actuaes ruas da *Mouraria*, *Cavalleiros*, *Capellão*, *Amendoeira*, e todas as travessas e béccos immediatos.

A este sitio ainda se continua a chamar *bairro da Mouraria*.

Os mouros se foram convertendo pouco a pouco ao christianismo, e se ligaram com familias christans, o que lhes facultou poderem estender-se pelos arredores de Lisboa, fóra dos limites primeiramente marcados.

Muitos physionomistas julgam ainda perceber nas caras dos salóios o que quer que seja do typo árabe.

Deixem-nos confessar que, se os salóios se parecem com os mouros, estes não eram de certo nenhuns Adonis, nem Apollos de Bélvedere; nem as salóias Venus ou Junos.

Julga-se que tambem da palavra *çala* vem o nome de *çalaya*, tributo que pagavam do pão cosido, os padeiros salóios, e que depois se estendeu a todos os padeiros, quer do termo, quer de Lisboa.

Çala Ben Çala (Saléh Bed Saléh) é nome proprio de homem, árabe. Significa—*Justo filho de Justo*.—Deriva-se do verbo *salêha*, ser justo, perfeito, completo.

SALRÊU—freguezia, Douro, comarca, concelho e 3 kilometros ao S. de Estarreja, 18 kilometros ao N. de Aveiro, 265 ao N. de Lisboa, 900 fogos.

Em 1757 tinha 701 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

A abbadessa do mosteiro de Lorrão (de freiras bernardas) apresentava o prior, que tinha 2:400\$000 réis de rendimento annual.

Situada em terreno levemente accidentado e fertilissimo. Cria muito gado, de toda a qualidade, e a *ria* e o mar lhe dão abundancia de peixe.

Tem uma vasta e sumptuosa igreja ma-

riz, de 3 naves, optimos passaes e boa casa de residencia parochial.

A egreja foi restaurada em 1878, obtendo-se do governo um subsidio de 600,000 réis.

Foi aqui prior o sr. Dr. Antonio Ayres Tavares de Pinho, actual prior da freguezia de Santa Justa e Rufina, de Lisboa, e desembargador da Curia Patriarchal. É um cavalheiro de muita illustração e do mais exemplar comportamento; pelo que é geralmente respeitado e estimado.

Diz o padre Carvalho, na sua *Chorographia portugueza*, que havia aqui muitas familias nobres.

A maior parte dos habitantes d'esta freguezia são lavradores, e muitos d'elles ricos proprietarios.

A grande quantidade de *seixos rolados* que se encontram aqui e nas freguezias limitrophes, provam que o Oceano occupou por muitos seculos este territorio.

No logar de S. Martinho, desta parochia, se construiu, em 1871, uma bonita ermida, dedicada a Nossa Senhora das Dores.

É de bella architectura, e as pinturas interiores são primorosas.

Foi feita por devoção e á custa do sr. Elisiario Antonio de Sousa, proprietario d'esta freguezia. Faz-se a festa á Senhora, no primeiro domingo depois da festa de S. Payo da Torreira, e é sempre concorridissima.

No alto de um cabeço está a capella de *Nossa Senhora do Monte*. É tambem um formoso templo, de bella cantaria, e muito antigo; mas não pude saber quando e por quem foi construido. É grande e tem capella-mór com seu altar, e dois no corpo da egreja.

No terreiro que circumda a capella, ha algumas oliveiras, e d'aqui se gosam bonitas e dilatadas vistas.

A imagem da padroeira é de marmore, de boa esculptura e de um metro de alto. A sua festa é feita no dia da Assumpção, e é sempre muito concorrida.

Ainda pelo decurso do anno vem aqui muitos fieis visitar a Senhora.

Tem uma boa confraria, que cuida na conservação e aceio do templo e lhe faz a festa.

Em abril de 1876, morreu aqui Joaquim Milina, na idade de 102 annos.

Foi soldado, e fez toda a campanha da guerra peninsular, e, quando já não podia trabalhar, mendigava, para não morrer de fome. É o premio que os governos portuguezes dão a quem os serve, e é balda velha.

No mesmo anno de 1876, foi esta freguezia invadida por uma temerosa praga de gafanhotos, que devastava tudo.

No dia 10 de julho, pelas 6 horas da manha, juntaram-se o regedor da parochia, com seus cabos de policia, e muitos lavradores, e dando caça aos gafanhotos, encheram grande numero de canastrás d'estes insectos damnhinhos.

Onde causaram maiores prejuizos foi nas lavouras dos *Ternos da Gandara*, devorando a terça parte das searas. Deixavam-se apanhar facilmente.

Esta lavoura tem trez kilometros de comprimento, e outro tanto de largo; a maior parte pertence a esta freguezia, e o resto é já no concelho de Albergaria-Velha.

No *Districto d'Aveiro* n.º 731, de 17 de fevereiro de 1879, lê-se o seguinte:

Cartas de Estarreja

«Fomos admirar os effeitos da cheia do rio Antuan; e são realmente grandes!

No caminho de ferro, entre Salreu e Estarreja, são importantes os estragos. Admira como a força da corrente fosse capaz de arrastar consigo obras que se julgavam tão solidas.

Os prejuizos que a cheia da noite do dia 9 para o dia 10 do corrente causou em parte do nosso districto, pôdem ser calculados em mais de quatrocentos contos!

Ul, freguezia do concelho d'Oliveira d'Azeiteis, ficou sem todos os seus moinhos, que eram muitos e importantes; e no rio Cáima foram tambem grandes os prejuizos. Pontes, aqueductos, casas, açudes, tudo foi arrastado atraz de si.

Erá tal o estrondo que a agua fazia no rio Antuan, que muitas pessoas se levantaram de

noite, julgando presencear o diluvio universal!

Na segunda-feira de manhan, viam-se aqui e alem, envolvidas na corrente impetuosa, madeiras, e algumas de grandes dimensões, caixas, soalhos, moégas, médas de palha e animaes mortos. Felizmente não ha a lamentar muitas vidas, porque apenas nos consta o serem uma ou duas as pessoas que morreram afogadas.

As aguas agglomeraram-se junto á ponte do caminho de ferro, e como esta não poude dar vação áquellas, em vista talvez das madeiras que alli se juntaram, subiram acima da linha, arruinando-a desde o kilometro 286,600 a 287,200; seiscentos metros de extensão.

O pégaõ da ponte, do lado do norte, desabou completamente, arrastando comsigo parte da ponte de ferro, levando-a a uma distancia talvez de duzentos metros.

Do lado do sul da ponte, ha um rombo consideravel. Os rails, como estavam ligados uns aos outros, ficaram suspensos como uns esqueletos. Pareciam uma cousa phantastica, como se o Deus das trevas tivesse tomado alli sua parte importante.

As providencias que as circumstancias reclamavam, não se fizeram esperar por parte da companhia. Só em Estarreja trabalharam aproximadamente cem pessoas. A estes trabalhos presidiu o ex.^{mo} sr. Espergueira, com os srs. Macgherman, chefe da via e obras; chefe de secção ajudante, Villaça, e com o activo capataz Nunes.

Nos rombos que houve entre Ovar e a Granja, tambem se trabalhou activamente, sendo estes trabalhos dirigidos pelo engenheiro chefe de secção, Gil.

Se o tempo o permittir, talvez que dentro em cinco ou seis dias possam vir os comboios do Porto a Estarreja. Sabemos que quando, porém, aquí chegarem, a companhia estabelece diligencias entre Estarreja e Salreu, visto que o comboio ascendente chega até alli, e isto tão sômente enquanto se não faz a ponte provisoria sobre o Antuan, que pôde levar trez semanas a um mez, para se concluir.

A companhia merece louvores pelas pro-

videncias e actividade que empregou; porque d'esta maneira harmonisa os seus interesses com os interesses do publico.

O serviço do correio, como já devem saber, entre o Porto e Estarreja, é feito por terra.

—Na estrada districtal de Estarreja a Albergaria, distante da de ferro trezentos metros, pouco mais ou menos, fez tambem a cheia alguns estragos, porque, subindo acima do seu leito talvez metro e meio, destruiu metade d'ella.

Não ha memoria d'uma cheia assim. Foi imponente. Do mais que souber escreverei. —*Um lavrador.*»

Como o actual sr. prior de Santa Justa, de quem já fallei, foi, como então disse, muitos annos prior de Salreu, escrevi-lhe, a pedir por muito favor, alguns esclarecimentos com respeito á sua antiga parochia, pois, sendo um cavalheiro de tanta illustração, muito hade saber d'aquella terra. Sua Ex.^a anda, porém, tão azafamado a *encabrestar os padres do patriarchado* (expressão d'elle) com o seu famoso *Regulamento*, que nem resposta se dignou dar-me! Talvez julgasse descer da sua alta dignidade, correspondendo-se com um obscuro e humilde escriptor publico. Muito obrigado, sr. prior.

SALSAS—freguezia, Traz os Montes, concelho, comarca, districto administrativo, e bispado de Bragança (foi do concelho de Izéda, comarca de Chacim—extinctos) 45 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 180.

Em 1757 tinha 36 fogos.

Orago S. Nicolau.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 60\$000 réis e o pé de altar.

Clima excessivo, mas saudavel e fertil.

Muito gado e caça.

SALSELLAS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Macédo de Cavalleiros (foi da comarca de Chacim, concelho de Izéda—extinctos), 30 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa. Tem 165 fogos.

Em 1757, tinha 60.

Orago, S. Lourenço.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abba de do Valle da Porca, apresentava o cura, que tinha 6\$000 réis de congrua e o pé de altar.

Clima excessivo, mas saudavel e fertil.

Gado e caça.

Salsella, é o mesmo que *Salsa pequena*.

Esta freguezia foi desmembrada da antecedente, com a qual confina ha mais de 200 annos.

SALTADOURO — rio, Minho.—Nasce nas vertentes septentrionaes da serra da Cabreira, no concelho de Vieira.

Despenha-se apertado por entre alcantilados rochedos, formando bellas cascatas e muitas cachoeiras. Morre, com 9 kilometros de curso, no rio Cávado.

Nas suas escarpadas margens, criam-se frondosos castanheiros, oliveiras, e arvores silvestres.

É atravessado por duas pontes muito conhecidas — a de Ruivães e do Saltadouro: esta é construida a uns 500 metros de distancia da confluencia d'este rio com o Cávado. Foi reconstruida no principio d'este seculo, e tem de altura, na estiagem, desde a superficie da agua até ao pavimento, 8^m,5, e de comprimento 22^m,5.—Tem um só arco, e guardas de cantaria.

Fica esta ponte, a 3 kilometros ao N. E. da povoação de Salamonde. O primeiro kilometro de estrada, da ponte a Salamonde, é um atalho ingreme, subindo sempre em curvas de pequeno raio, ou ziguezagues; á direita do viandante, ha uma encosta escarpadissima, e ao fundo um precipicio.

Dá-se a este sitio a denominação de *Vol-tas do Saltadouro*.

Este rio, serviu antigamente de divisão das provincias do Minho e Traz-os-Montes; era esta divisão, entre o Cávado e o Tâmega, da fôrma seguinte:

Subia pelo rio Saltadouro até ao cume da serra da Cabreira, pelo regato da *Ribeira da Lagem*, até á *Cruz*, e d'ahi ao *Marco do Touro*, pela *Portella-Velha*, onde ainda existe o marco da divisão: d'alli, paseava ao *Lo-deiro d'Arque*, onde tem tambem um marco, a 50 metros da povoação: passa ao *Marco do Carvalho* e subia a serra da *Seixa*, onde tem outro marco; e d'ahi subia ao *Valle d'Arca*,

onde tambem existe um marco; e d'ahi passava aos *Pontões*, onde se reune o rio *Beça*, com o de *Covas*, e d'ahi pelo *rio das Mestras*, até desaguar no Tâmega.

SALTEAR — portuguez antigo—guerrear. No tempo de Viriato, o herminio, dava se o titulo de *latro*, ao que depois se chamou *adiantado*, e por fim, *fronteiro*.

Na Hspanha ha uma nobre familia de apellido *Ladrão* (Ladron.)

Junto á *praça de Cima*, em Lamego, em um quintal que foi dos Duartes, existiu uma inscripção romana, dedicada a *Porcio Lattro*, e se faz menção de uma familia dos *Ladrões*, e de outros appellidos hespanhoes.

No tempo dos romanos, se dava o nome *Laterones*, á guarda nobre do imperador; e os membros d'ella eram tão considerados, que até tinham talher á mesa d'elle; por isso tambem se chamavam *bucellarios*. Era uma especie d'archeiros.

Vemos pois que, ser *ladrão* é titulo de nobreza, não só dos nossos tempos, mas dos antigos.

(Aviso aos advogados que tiverem de defender algum reu, por crime de injuria, comprehendido nos artigos 407 e 410 do *Codigo Penal*.)

SALTEIRO—portuguez antigo—*psalterio*. —Em um testamento que existia na livraria do Mosteiro de Maceiradão, de 1331, se lê—*Mando resar sobre mim, dous salteiros*.

Psalterio se denominam os 150 psalmos de David—os 7 psalmos penitenciaes, com as suas ladainhas—e tambem o rosario da Santissima Virgem, que consta de 150 *Ave-Marias*.

Psalterio, é tambem um instrumento musico, de cordas.

SALTINHO—Vide o 1.º *Poiares*, e *Pontos no Douro* (n.º 90, que é o ultimo.)

SALTO—portuguez antigo—cérro, outeiro, ou outro qualquer logar eminente, povoado de arvoredo.

SALTO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 24 kilometros ao S. de Montalegre (foi desde 1841 até 1853, da mesma comarca, mas do extincto concelho de Ruivães) 58 kilometros ao N. E. de Braga, 400 ao N. de Lisboa.

Tem 400 fogos.

Em 1757, tinha 200.

Orago, Nossa Senhora do Pranto.

Arcebisado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Até ao reinado de D. Pedro I, era da coroa. Este monarcha a annexou á abbadia de Santa Senhorinha de Basto, cujo abbade apresentava o reitor de Salto. Depois, passou a ser da casa de Bragança, e commenda de D. Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, que apresentava o reitor, e este tinha 200,5000 réis de rendimento annual.

Para evitarmos repetições, é preciso ver a palavra *Pranto*, no 7.º vol., pag. 658, columna 2.ª

Ha n'esta freguezia o monte chamado *Lamas de Milhoso*, que está quasi sempre coberto de neve, no inverno, e n'elle teem morrido algumas pessoas geladas.

Em 16 de março de 1809, houve aqui um pequeno combate, entre alguns soldados portuguezes, e os do general Soult, quando invadiu este reino.

Esta freguezia é muito antiga. Existia, segundo consta, com o titulo—*Ad Saltum*—no tempo que os suevos occupavam o norte de Portugal. Tambem consta, que em um livro antigo, impresso em Hollanda, ha uma estampa, em que está o lugar de Salto com a sua igreja e toda a freguezia, estendida entre dois rios; assim como a freguezia da Villa da Ponte.

Em um documento do seculo XIII se lê: A rainha D. Thereza, deu á igreja de Santa Maria de Salto, no julgado de Barroso, uma herdade, da qual a dita igreja recebe o ter-rádigo e el-rei as direituras.

Enquanto á igreja matriz, vid. vol. 7.º, pag. 658.

O Sacrário da Igreja de Salto foi posto, em 1606, á custa dos devotos freguezes, que davam dois almudes de azeite; e o commendador dava um, que consignou na renda em 1686.

No altar mór se acha a Senhora do Pranto. Os devotos mandaram fazer uma imagem, que está dentro do nicho e um calix dourado, em 1520. As casas da residencia parochial, foram reformadas e augmenta-

das pelo reitor Affonso Annes, da casa da Cornjeira, do lugar de Carvalho, d'esta freguezia.

No paredão do ádro da igreja matriz, estão sete moimentos, ou sepulturas antigas de pedra bem lavrada. Datam, pelo menos, do anno de 1300, segundo consta d'uma memoria escripta em letra gothica muito antiga.

No chão do mesmo adro, veem-se outras muitas sepulturas rasas, da notavel grandeza de 12 palmos.

A mais famosa é uma que tem os marcos das cabeceiras lavrados e distantes um do outro 18 palmos. Dizem ser d'um *gigante* que houve na Revoreda. Será do celebre *Muxa?* (Vide adiante.)

Compõe-se esta freguezia de 19 povoações, a saber: Salto, séde da parochia, Cerdeira, Pomar da Rainha, Pereira, Amear, Linharelhos, Canicó, Paredes, Carvalho, Amial, Bagulhão, Lodeiro d'Arque, Ceara, Córva, Beçós. Virandellos (povoação moderna), Taboadella, Póvoa e Revoreda.

Em 1836 ainda pertenciam, para os effeitos civeis, ao concelho de Basto—Serra com 5 fogos; Beçós, com 16; Carvalhal, com 10; Lodeiro d'Arque, com 4; e ao concelho de Ruivães, Canicó, com 20; e Linharellos, com 16 fogos.

Ha n'esta freguezia quatorze capellas publicas e trez particulares e são:

S. *Thiago*, na povoação de Canicó; *Santa Comba*, em Linharelhos; *Santa Maria Magdalena*, em Corva; *Santa Quiteria*, em Amial; S. *Bento*, em Lodeiro d'Arque; *Nossa Senhora das Neves*, em Bagulhão; *Santo Antonio*, no Carvalho; *Santa Barbara*, em Beçós; S. *Gonçalo*, na Serra; S. *Fructuoso*, em Taboadella; S. *João*, na Revoreda; S. *Pedro*, na Póvoa; *Santo Antonio*, em Pereira; S. *Martinho*, em Amear. As particulares são—S. *José*, em Pomar de Rainha, pertencente a familia de José Alves Pereira, S. *Domingos*, em Paredes, edificada pelos annos de 1723, por mandado de Domingos Alvares, da casa d'Agrez, do mesmo lugar, e *Senhor dos Afflictos*, na serra da Cabreira, e pertence ao reverendo Domingos José Alvares Barroso.

Esta freguezia é, sem duvida, a mais dis-

persa e uma das mais populosas da comarca.

Apesar das suas 19 povoações se acharem situadas entre ramos destacados das trez serras Alturas, Cabreira, Gondiaes ou Seixa, não é accidentado de mais seu terreno. Produz centeio e muita batata, e em muitas povoações bastante milho e feijão. Cria muitos e bons gados, em rasão das abundantes pastagens, principalmente vaccum, sendo o d'esta freguezia o melhor de Barroso, de maior corpo e melhormente formado. A vitella d'esta freguezia é muito estimada e afamada pelo seu bom gosto e excellente qualidade.

Em abril de 1878, o intendente de pecuaria do districto de Braga, comprou a José Gonçalves Pereira, do lugar de Bagulhão, duas toiras, pelo preço de 72\$000 réis cada uma; as quaes foram mandadas pelo nosso governo para a exposição universal de Paris; e uma obteve o 3.º premio.

Por esta occasião, o mesmo intendente, comprou á sr.ª D. Julia Ferreira Caldas, do lugar de Villarinho de Negrões (Montalegre) uma junta de bezerros, por 135\$000 réis, que foram tambem para a exposição de Paris.

Ha n'esta freguezia trez pisões de mantas de lan, onde se fabricam annualmente mais de 1:500 mantas, que vão para a feira de S. Miguel, em Basto.

No dia 15 d'agosto, solemnisa-se o orago d'esta freguezia, sob a invocação de Nossa Senhora do Pranto, e apesar de não ser festejada com aquelle esplendor, com que era ha annos, todavia affluem alli, no proprio dia, muitos romeiros. Nota-se porem a falta d'estes, principalmente desde que deixou de haver fogo d'artificio. A causa da falta d'elle agora, foi communicar no dia 15 de agosto de 1844, um foguete, o fogo a uma porção de palha de centeio, e d'esta passar ás casas, ficando toda a povoação de Salto reduzida a cinzas.

Além d'esta festa, ha uma outra, com character especial. É a de S. Sebastião, feita expontaneamente a expensas de devotos, que para a mesma concorrem com suas es-

colas. Ha missa cantada e sermão; e depois, a distribuição do carôlo, a qual é feita pelos juizes da festa a todos os romeiros ricos e pobres, que, postos em circulo, em um grande campo, recebem o *carôlo*, a que attribuem grande virtude. Em alguns annos o numero dos romeiros excede a oito centos.

O carôlo é uma fatia de pão, feito de milho e centeio, que os juizes da festa recebem no peditório, que fazem na freguezia.

No lugar da Córva, ha uma casa apalaçada, que foi do, ha pouco, fallecido, Braz Antonio Pereira, e actualmente pertence, por titulo de herança, á sr.ª D. Emilia Pereira de Barros, sobrinha d'aquelle.

Esta casa, mandada fazer pelo reverendo Antonio Fernandes Pereira, reitor de Mouços, com o producto dos vinhos da quinta da Retorta, em Villarinho dos Freires, no Douro, é a unica peça de architectura civil, existente em Barroso, digna de menção.

Proximo ás povoações de Bagulhão, Póvoa e Taboadella, nasce um riacho, que, tendo percorrido, na direcção de E. a O., dentro dos limites da freguezia, uns oito kilometros e engrossando com alguns ribeiros, sob a ponte do Arco, cujo nome toma, acaba, com o curso de doze kilometros, no Regavão seis kilometros acima da ponte da Misarella Cria peixe. Réga e móe.

Esta freguezia é atravessada de sul a norte por uma estrada transversal, antigo systema, que de Cabeceiras de Basto segue para Mont'alegre e Galliza.

Pelo norte d'esta freguezia, passava uma das mais antigas vias romanas, que decorriam da Chancellaria de Braga para *Aguas Flavias*, hoje Chaves¹. A direcção d'esta estrada, ou antes via, segundo a tradição e alguns poucos vestigios, ainda existentes, era Zebral de Ruivães, Amear, Beserelho, Co-

¹ Segundo o *Itinerario* de Antonino Pio, quatro estradas militares romanas sahiam de *Bracara-Augusta* (Braga) para *Asturica* (Astorga.) A 1.ª, esta de que se falla no texto, por *Aguas-Flavias* (Chaves.) A 2.ª, a maritima (em parte) por Fão. A 3.ª, a da *Geira*, pelo Geréz. E a 4.ª, por *Limia* (Ponte do Lima.)

vello do Monte, Ailhó, hoje Atilhó, Quintas, Boticas de Barroso, Casas Novas, Chaves.

Antes de existir a ponte de Cavéz, a estrada de Braga para Traz-os-Montes, vinha de Casares, a Lodeiro d'Arque, Beçós, Fonte-Fria, Lomba da Cerva (assim chamada em razão d'uma grande Cerva, que uns caçadores ali apanharam,) passava pelo teso de Mesouquinhas, Filgueira, rio de Covas, por baixo do lugar d'Alijó, ao rio de Canedo, por baixo do lugar de Veral; atravessava o rio Tâmega, para Parada de Monteiros, no concelho d'Aguar.

Ainda existem muitos vestígios d'esta estrada. Consta que perto de Fonte-Fria existiam duas casas que davam estalagem; em uma d'ellas se recolhiam muitos salteadores; e n'outra vivia uma mulher, que tinha uma filha; desconfiando a mãe que a filha lhe tinha roubado algum dinheiro, veio correndo apoz ella até ao sitio, chamado Portella da Estafa, onde lhe deu uma grande *estafa* de pancadas; motivo porque assim se ficou chamando o local.

A filha, muito apaixonada, por estar innocente no crime que lhe era imputado, e vendo-se tão mal tratada por sua mãe, retirou-se a um córrego, e alli se enforcou em uma arvore. Passados alguns dias a mãe procurando a filha e encontrando-a enforcada, se enforcou tambem na mesma arvore.

Córrego ficou chamando-se *das Enforcadas*.

Tinha antigamente esta freguezia, feira nos dias 27 de cada mez; agora tem feira annual, mas pouco concorrida, nos dias 30 e 31 de outubro e 1.º de novembro.

Confina pelo sul e poente com a provincia do Minho; e por esta freguezia passa a linha divisoria das duas provincias. Vide *Saltadouro*.

Houve n'esta freguezia dois parochos, dignos de especial menção—foram:

1.º O *reverendo João Baptista*, natural do lugar de Salto, reitor d'esta freguezia pelos annos de 1600. Era muito exforçado e mau, pelo que chegou a commetter muitos

e varios crimes. Veiu de Braga, para o prender, uma *alçada dobrada*, em uma quinta feira santa, e chegando na occasião em que estavam cantando no côro, o officio divino, teve o reitor noticia secreta; deixou no côro um leigo vestido com a sua roupa e sahio coberto com um gabão de burel, atado com um cingidouro de palha. Da mesma maneira sahio o seu coadjutor o *reverendo Antonio Pires*, natural da Revoreda. Era de eleguaes costumes e sentimentos aos do reitor.

Em seguida foram ambos maltratar e desbaratar os criados e cavalgaduras, dos da alçada, que estavam no cruzeiro.

Cortaram as orelhas e arreios ás cavalgaduras, deixando-as em tão mau estado, que os cavalleiros retiraram a pé para Braga; e trez criados ficaram mortos no caminho.

Resultou d'isto, nunca mais sêr procurado, nem novamente processado, ficando livre dos crimes passados.

Foi capellão d'um arcebispo de Braga.

2.º O *reverendo Gonçalo Barroso Pereira*, natural da Ceara, foi ordenado de presbytero, em Lisboa, pelo bispo de Targa.

Foi vigario de S. Pedro do-Couto de Dornellas, por espaço de quinze annos, e depois, reitor d'esta freguezia de Salto, por trinta e cinco annos.

Era abundante de palavras e dotado de grande talento.

Foi notario apostolico, commissario, visittador e muito instruido em diversas disciplinas e sciencias, chegando a ser mestre em algumas, por muitos annos. Era o pae caritativo dos pobres, allivio dos atribulados, columna forte dos parentes e amigos, valente defensor da sua terra natal; bem disposto, robusto e esforçado.

Teve grandes differenças e desintelligencias com o arcipreste de Barroso, Francisco Palhares de Castro, natural de Monção, findando a causa a favor d'elle reitor. Tambem teve com outros visitantes varias altercações e algumas bulhas.

Tirou, em virtude de duas sentenças que alcançou, o lançamento d'éguas, que sua magestade mandava lançar a todo o concelho de Barroso. Estas sentenças foram guardadas por mais de trinta annos; ainda em 1722

eram observadas. Fez á sua custa esta mercê ao concelho de Mont'alegre.

Fez riscar, por ordem d'el-rei, um capitulo, feito pelo juiz de fóra de Mont'alegre, e pela câmara da mesma villa, no qual se determinava «Que não servisse cargo nobre, de vereador, almotacel etc., homem algum do concelho; e no caso que algum quizesse servir, daria quarenta mil réis ou faria á sua custa as Endoenças na villa, e que sómente seriam de fóra da villa os procuradores e recebedores.» Tudo isto fez annular e riscar pelos annos de 1697.

Sustentou uma grande demanda, que houve entre os moradores d'alguns logares da freguezia de Salto e os do concelho de Ruivães. A demanda originou-se pela causa seguinte: os habitantes d'alguns logares, da freguezia de Salto, traziam antigamente no monte, ou antes na serra da Cabreira, muitos bois e eguas de criação e alguns até traziam os porcos; e sempre foram senhores d'estes montados. Os moradores do concelho de Ruivães, porque queriam prohibir esta posse, levavam e encurralavam todos os gados e béstas, que no monte achavam, no curral da villa de Ruivães, e depois quem queria tirar o seu gado, pagava por cada cabeça 600 réis, ou o que a camara determinava. Moveram se duvidas e principiou-se uma grande demanda, que durou desde 1680 até 1695, contra o morgado de Ruivães, Gervasio da Pena, e contra todo o concelho de Ruivães, que por final sentença da Relação do Porto, foram excluidos de todo o direito que pretendiam ter ao dito monte, pagaram todas as custas, e ouviram contra si a brava sentença, sem appellação, e sob pena de condemnações e asperos degredos para as ilhas maritimas.

Fez conservar o direito e costume de pastarem promiscuamente os gados grossos e miudos, dos moradores da Ceara, com os dos logares de Carvalho, Beçós e outros; e tirou uma provisão real para poderem pastar os da Ceara, até ás paredes dos contrarios; e tambem obteve duas sentenças, da Relação do Porto, a favor dos moradores da Ceara: isto pelos annos de 1691.

Conseguiu, por ordem de sua magestade,

expulsar da Relação de Braga, dois desembargadores—Manuel Dias Vidal e o Castello Branco—por serem contrarios a seu primo, o reverendo João Barroso de Carvalho, abade de Souza, em uma demanda, que corria na dita Relação. Esta demissão fez grande abalo e causou grande sentimento na Relação, pois os ditos desembargadores eram magnates do arcebispo D. João de Sousa.

Os desembargadores metteram-se religiosos.

Revolveu a Relação e tribunal do civil, do Porto, de tal maneira, que fez embargar e annullar uma sentença de força, já julgada e sellada na Junta, contra um Lourenço, do logar de Covello do Monte, freguezia de Cerdédo, o qual tinha feito uma morte, e que merecia ser castigado com mil forcas.

Deu-se volta á esta sentença, em vinte e nove dias, e foi commutada a pena de morte em degredo perpétuo, para a ilha de S. Thomé, mas se voltasse a este reino, morresse morte natural.

Ainda lhe fez outro favor, que foi ir a sentença a registrar na ilha de S. Thomé, e o reu para casa de seu filho Aleixo, que residia no Brasil: Pelos annos de 1697, voltou ao reino, e foi-se accommodar ou recolher a Rio Caldo, em casa d'um filho, que alli estava casado. Mandou pedir ao reitor, licença para o visitar, mas o reitor não lh'a concedeu e respondeu: Que não desejava vê-lo nem saber onde estava.

Quando o reitor se mudou do Couto para Salto, queria deixar n'aquella freguezia, o reverendo Antonio Barroso, o Cabeçudo, porém não o quizerm aceitar, do que resultaram grandes demandas, que não tiveram fim. Vieram da Ceara ao Couto mais de 40 homens da freguezia de Salto; os do Couto fugiram e não tornaram.

Teve dois filhos—Antonio Barroso de Carvalho, que casou em Braga e teve um filho, capitão de Malta, e outro letrado e casado no Porto; e Manuel Pereira, que foi para a India, onde casou muito rico e nobremente; foi eleito governador da praça Callao do Lima, e duas filhas—Ignez, que casou no logar de Gondiaes, e Isabel, que casou no logar de Bagulhão.

Foi sepultado na egreja de Salto, em fevereiro de 1705, tendo 75 annos de idade.

Teve muitos parentes ecclesiasticos, abbades, religiosos, e seculares formados e ministros; homens notaveis nas letras e santidade; entre outros: o reverendo Geraldo Pereira, beneficiado; o reverendo João Barroso Pereira, seu tio, abbade de Parada d'Outeiro; o reverendo João Barroso Pereira, seu primo, prior da Ceara; o reverendo João Barroso, seu irmão, vigario da Ponteira; o reverendo João Barroso de Carvalho, seu primo, famoso nas letras, abbade de Souzella; o reverendo João Barroso Pereira, natural de Caniçô, famoso nas letras, reitor da Torre de Moncorvo, depois abbade de Castello Branco, onde foi sepultado em 1722; o reverendo Pedro Barroso de Macedo, filho do capitão mór de Caniçô; Gervasio Barroso, reitor, por mais de trinta annos, em S. Thiago d'Adeganha; o padre mestre fr. João, da ordem de S. Domingos, de Villa Real; fr. João de Baroso, guardião de S. Francisco; e outros muitos, simples sacerdotes; o dr. Geraldo Pereira, juiz de fóra, da villa de Trancoso, depois corregedor de Lagos, no Algarve e em Coimbra, e eleito desembargador do Porto: foi sepultado pelos annos de 1717; e Alexandre Pereira, filho do anterior, foi corregedor de Lamego, e cavalleiro do habito de Christo.

Farei aqui menção d'alguns individuos, notaveis, d'esta freguezia e que existiram de 1600 em diante.

Bacharel, Antonio Pereira Barroso, natural do lugar de Salto, foi ministro:

Bacharel, Antonio Pereira Barroso, filho do anterior, natural do mesmo lugar, foi lente em Coimbra.

Bacharel, Affonso Pereira, natural do mesmo lugar, foi vigario em S. Lourenço de Dorrães, termo de Barcellos.

Bacharel, Antonio Barroso, por alcunha o *Arigas*, tambem natural de Salto, abbade de S. Martinho do Campo, termo de Barcellos.

Bacharel, Diogo Gonçalves Pereira, ainda natural de Salto, beneficiado e abbade de S. Pero Fins de Tâmel, termo de Barcellos.

Bacharel, Gonçalo Pereira, irmão do anterior, abbade de S. Thiago de Cerdêdo,

termo de Mont'alegre. Estes quatro individuos eram da familia dos *Borrallheiros* e nascidos na casa de Baixo, dos annos de 1600 em diante.

Bacharel, Balthazar Pereira Barroso, natural de Salto, formado em direito canonico e civil: defendeu theses em 22 de julho de 1726, ficando approvado—nemine discrepante—foi prégador, advogado e reitor, na villa de Mont'alegre—1727 a 1754.

Bacharel, Bento Pereira Barroso, natural do mesmo lugar, advogado, e reitor em Mourilhe em 1819; depois reitor em Mont'alegre. Era um outro Corrêa Telles, que as partes iam consultar de muito longe. Existia, ha pouco tempo, um velho da freguezia de Villa Cova e Banhos (Santa Maria), que de Barcellos foi lá consultal-o, e dizia: Que o achára de polainas ao lume e alli mesmo respondêra á consulta.

Padre, Domingos Barroso Pereira, filho de Antonio Barroso, natural do lugar de Salto, foi sepultado em Coimbra, em 1720, cursando direiro canonico.

Bacharel, João Barroso Percira, irmão do anterior, cavalleiro do habito de Christo, juiz de fóra, da villa da Torre de Moncorvo, ouvidor e auditor de guerra, em 1727, na praça de Margão (India), cargo que exerceu por trez annos; foi eleito syndico de Cabo Verde; e, em 1730, provedor de Evora, com capello de desembargador.

Bacharel, João Pereira Barroso, natural do mesmo lugar, desembargador no Porto

Bacharel, Antonio Joaquim Gonçalves Pereira, nasceu no lugar de Salto, a 9 d'agosto, de 1823, concluiu a sua formatura em direito, na universidade de Coimbra, no anno de 1850.

Foi nomeado, no 1.º de março de 1854, administrador do concelho de Mont'alegre, cargo que exerceu com honradez e probidade, por espaço de onze annos consecutivos, com intervallo d'um anno, do decimo para o undecimo.

Foi procurador da Casa de Bragança, em Chaves, desde 1868 até 1872. Actualmente exerce a profissão de advogado, com grande fama e boa reputação, nos auditorios d'aquella villa.

Bacharel, Antonio Alves de Sousa, natural do lugar de Paredes; foi advogado e reitor d'esta freguezia por quarenta annos.

Antonio Alves Barroso, natural do mesmo lugar de Paredes, bacharel em medicina.

Bacharel em canones, Antonio Gonçalves Pereira, natural do lugar de Pereira, foi pré-gador e advogado em Mont'alegre por cincoenta annos.

O reverendo *Antonio Barroso*, natural do mesmo lugar de Pereira, ordenado em Roma. Antes de ir para Roma, matou, na freguezia da Venda Nova, dois individuos irmãos, da familia dos Bahias, e quando chegou a Roma já havia feito mais cinco mortes. O papa deu-lhe por penitencia que andasse n'aquella curia sete annos; passados os quaes é que foi ordenado; e chegando á terra natal, foi morto, na Villa da Ponte, pelos netos dos Bahias.

Padre Manuel Francisco Domingos dos Milagres, Mont'alegre, natural de Amear, frade capucho, foi guardião no mosteiro de Chaves e no Porto, pelos annos de 1697 a 1724.

André Paulo Gonçalves de Sá, natural da Revoreda. Está cursando, em 1879, o segundo anno da Academia Polytechnica do Porto.

Militares

Gabriel Pereira Diodares, natural d'Amear, soldado famoso, foi mestre de campo na praça de Tanger, e obteve por seus serviços o habito de Christo.

Teve um irmão alferes de infantaria.

Afonso Pereira, filho de João Gonçalves e da familia dos Coelho, natural da Cerdeira, foi alferes de cavallaria, em Chaves, pelos annos de 1727 a 1730.

Teve um irmão, que, em Minas Geraes, foi capitão da mesma arma.

Na Revoreda houve um famigerado soldado, valente (e companheiro do conde de S. João, Luiz Alvares Távora) conhecido pela alcunha de *Muxa*, que fez grâdes proezas nas guerras de 1660.

Afonso Dias Pereira, natural da Revoreda: passou a Minas Geraes, e ahí exerceu o posto de capitão (por Carta Patente de 5 de

maio de 1760), da companhia d'Ordenanças a pé, da freguezia de S. José da Barra, termo da cidade de Marianna.

Foi cavalleiro de Christo, com tença de 12,8000 réis (Alvará de 27 d'agosto de 1760). Professou em Villa Rica a 15 de janeiro de 1761. Serviu com muita honra (como consta de certidão authentica e legal de 16 de janeiro de 1804) desde 1772 até 1800, de thesoureiro geral dos rendimentos da coroa, na capitania de Minas Geraes.

Foi promovido, por Carta Patente de 11 d'abril de 1780, ao posto de coronel do primeiro regimento de cavallaria auxiliar de Villa Rica, no qual posto serviu com actividade, honra e zelo (são as proprias expressões com que o honrou o capitão general, Luiz da Cunha e Menezes, que servia em 1788); e foi finalmente reformado no mesmo posto, por decreto de 20 de novembro de 1800, com todas as honras, privilegios, isenções e liberdades.

Gervasio Barroso, natural de Caniçô, da casa do Rio, foi pelos annos de 1635 capitão-mór no concelho de Ruivães; e serviu el-rei com cavallos e armas suas por vinte e oito annos.

Teve um filho, chamado Gaspar de Macedo, que foi sargento-mór em Ruivães.

Estes dois individuos eram parentes do celebre reitor, Gonçalo Barroso Pereira.

—

N'esta freguezia ha muitas familias, que fundadas ou escudadas em um documento, extrahido em 1730, d'uma memoria, escripta em pergaminho, com letra gothica e antiga, blasonam e ufanam-se de ser oriundas de estirpe fidalga.

Lê-se no tal manuscrito:

«Pelos annos de 1260, havia n'esta freguezia, quatro familias illustres, mui apotentadas, chamadas ricos-homens.

Foram valentes e esforçados soldados nas guerras do Minho e da Beira.

Em certos dias faziam escaramuças e outros divertimentos, então usados; mas, especialmente, o jogo da barra era o mais frequente, por cuja razão havia muitos desafios e, por vezes, mortes ou, pelo menos, muita pancadaria. Em dias de festa jogavam a es-

pada e, ás vezes, com duas. Iam em ranchos á feira de S. Miguel em Basto; e todos temiam estas familias, por serem valentes.

Pelo decorrer dos tempos foram procurar outras terras e cidades, de sorte que em 1312 muitas tinham abandonado suas casas n'esta freguezia.

Aos descendentes d'estas familias se pagavam foros e actualmente ainda se pagam alguns.

Os Barrosos enxertam-se em Vasco de Alvim Barroso e D. Maria Mendes Petite, cuja genealogia é a seguinte:

Vasco d'Alvim Barroso, grande cabo de guerra, adiantado nas guerras do Minho e Beira, homem rico, senhor da casa de Pedraça e de muitas terras: Revoreda, Taboadella e Póvoa, a que chamam Quinta de Barroso, onde tinha seu paço e capella de S. João, junto á fonte: casou com D. Maria Mendes Petite, filha de D. Soeiro Mendes, senhor da Terra da Feira, adiantado e valido dos reis, grande cabo de guerra, e de D. Maria Sapata, sobrinha de D. Mayor Mendes Petite, abbadessa de Santo Thyrsó.

Tiveram, segundo se lê em alguns manuscritos existentes n'esta freguezia de Salto, dois filhos: D. Francisco Barroso e Sousa, primeiro conde de Basto e D. Leonor de Alvim¹. Morreu Vasco de Alvim Barroso, e sua mulher D. Maria Mendes Petite passou a segundas nupcias com Joaquim Gonçalves Barroso, da Póvoa, homem muito agigantado, valente soldado, adiantado nas guerras do Minho, onde morreu, estando casado havia nove annos.²

D. Maria Mendes Petite, sentiu tanto esta segunda viuvez, por causa do muito amor que tinha a seu marido, do qual não houve filhos, que resolveu deixar Barroso e recolher-se a um convento, o que só pôde effectuar passados oito annos, porque depois de ter mandado compôr suas casas e estando proxima a partir, foi obrigada a demorar-se o tempo indispensavel para juntar a sua gen-

te para a guerra, no caso de que houvesse perigo. Para este fim mandou collocar um facho no alto da serra da Seixa, para que se tocasse uma busina (corno de boi) no alto d'um monte ao nascente da Revoreda, que ainda hoje conserva o nome de *Corno da Revoreda*. É tradição que a tal busina se ouvia na distancia de trez leguas.

Arrendadas suas quintas e concluidos todos os seus negocios, partiu para a cidade do Porto, onde deu principio ao mosteiro de S. Domingos, de Villa Nova de Gaya, com invocação de Corpus Christi; o qual se fez todo á sua custa. Dotou-lhe as quintas de Barroso, que ainda hoje lhe pagam foros.

Jaz alli sepultada e oi padroeira do mesmo mosteiro.

A fundação do dito mosteiro foi pelos annos de 1340 a 1348, reinando D. Affonso IV, que lhe deu licença para tal fim.

D. Maria Mendes Petite, vivia de verão na Revoreda e no inverno em Pedraça.

—

D. Leonor de Alvim, filha, segundo uns, neta, segundo outros, de D. Maria Mendes Petite, casou com Vasco Gonçalves Barroso cavalleiro de grande qualidade.

Tinham seu solar, com sua grande torre, em Pedraça, onde viviam de inverno, e de verão viviam na Revoreda, onde tinham suas casas junto á fonte.

Morreu Vasco Gonçalves Barroso, não tendo havido filhos, e deixou a sua meação aos frades de Refojos de Basto, onde está sepultado; e d'aqui proveiu a commenda de Canédo e suas annexas ou filiaes.

A viuva, D. Leonor de Alvim, casou com o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e d'este casamento nasceu D. Brites Pereira, unica herdeira, que depois casou com D. Affonso, filho natural de D. João I; e foi o primeiro conde de Barcellos, e primeiro duque de Bragança, tronco da casa reinante de Portugal.

Consta que, quando D. Nuno se retirou para Bragança, escolhéra n'esta freguezia Salto, ou antes na povoação de Revoreda, doze homens agigantados, que muito estimava, e os levava comsigo; e que todos elles o acompanharam nas jornadas de Lisboa. D'es-

¹ Isto está em contradicção com o que dizem Carvalho e Pinho Leal, quando tratam de Villa Nova de Gaia.

² Temos a mesma contradicção: ou D. Maria Mendes Petite seria casada trez vezes?

tes só voltou á sua terra natal, Francisco Delgado, da Póvoa, por haver quebrado uma perna n'uma escaramuça.

Com a retirada de D. Nuno, ficou a casa da Pedraça deserta; o que apressou a sua ruína; e pelo andar do tempo os moradores visinhos, foram se aproveitando da pedra para novas casas; e da pedra da torre se fez a ponte do Arco de Baulhe.

D. Francisco Barroso e Sousa, primeiro conde de Basto, homem muito esforçado e corajoso, de estatura fóra da marca, e grande atirador de barra, morreu arrebetado por uma ilharga, a atirar a barra, afim de ganhar ou ficar vencedor dos Pereiras, da Taipa.

Outros dizem que morreu em consequencia d'uma arma lhe arrebetar nas mãos.

Sua familia, muito estimada e nobre, teve uma grande contenda, por causa d'este desastre, com a familia dos Pereiras, no campo do Sécco, ou campo da Feira, em Basto, que tomaria proporções assustadoras, senão intervissem os religiosos do mosteiro; e só quando viram que um d'estes se aproximava d'elles contendores, é que suspenderam as hostilidades e largaram as armas.

N'esta occasião os Barrosos se abraçaram com a cruz e diziam que eram amigos de Christo.

Desde esta data, acabaram as pendencias entre estas duas casas; e os Barrosos e Pereiras se congraçaram e uniram por casamentos. Razão porque as armas dos Pereiras andam unidas ás dos Barrosos.

A cruz das armas dos Pereiras é allegoria da que foi mettida no meio d'elles, na occasião da contenda.

Valerio Lopes de Carvalho, casado na casa do Espirito Santo, da cidade de Lamego, foi senhor de grandes rendas, no lugar de Salto, ou perto, no sitio chamado Oliveira, onde tinha suas fazendas e quintas: e ahi morreu.

Doou parte d'estas rendas aos religiosos de S. Jeronymo, de Coimbra, dos quaes era padroeiro, e vendeu os restantes foros a Antonio José Dias, da Revoreda, por quatorze mil cruzados.

Os Lopes d'esta freguezia, procedem d'este fidalgo.

Francisco Gonçalves Pereira teve seus paços nos campos de Oliveira, em Salto,¹ e era senhor de todos os dizimos d'esta freguezia. Tambem foi senhor da illustre casa e morgado da Taipa, em Basto.

Foi perseguidor da casa de S. Miguel, de Refojos, e por esta causa se originou uma renhida pendencia com os Barrosos, que eram protectores da dita casa.

Na Taipa, era senhor de grandes palacios, e por seu fallecimento, ficou sua mulher herdeira d'elles, mas, segundo a tradição, ella morreu coberta de bichos e os palacios se foram arruinando.

Gil Pereira de Alacassus, fidalgo cavalleiro, do habito de Christo, solteiro, furtou da corte uma nobre senhora, chamada Sophia de Alvim, e com ella se aposentou em Cristello, limites da Ceara. Alli teve seus paços, e mandou fazer uma capella, dedicada a Santa Sophia, com terreiro, onde corria cavallos e fazia escaramuças. Tinha tambem uma fonte, chamada da Carvalhinha, da qual bebeu Santa Senhorinha e a benzeu.

Teve igualmente casas e aposentos, com terreiro de passear cavallos, na portella do Outeiral; e casas e jardim na Revoreda, onde chamam o Paço, e aqui viveu com sua familia, mais de doze annos. Actualmente, apenas se vêem os vestigios de seus palacios e o terreiro, onde faziam escaramuças.

Foi valente e esforçado nas guerras do Minho e Beira e cognominado o *Cortez*.

Tinha dois capellães, que o acompanhavam sempre e se chamavam: Affonso Annes, o *Mimoso*, e Pedro Gomes Barroso. Este ultimo, foi bispo de Lisboa, Coimbra e Sevilha, n'esta ultima cidade falleceu em 1374, com 80 annos de idade.

Sua esposa (de Gil Pereira) a nobre Sophia, não viveu na companhia d'ella mais de sete annos e dois mezes; e foi sepultada em

¹ Se os campos de Oliveira só tiveram um possuidor, de certo foi este, e não Valerio Lopes de Carvalho.

um dos jazigos, que estão em volta do adro da igreja matriz d'esta freguezia.

Tiveram trez filhos, cujos nomes são :

Organtino das Montanhas, Henrique de Seixas, e padre João de Christo e Alvim.

Organtino das Montanhas, foi um valoroso guerreiro; e depois de enfadado do trato militar, professou n'um convento de Castella, chamado Malahor. Sabia muitas linguas: caldêa, hebraica, siriaca e arabica. Passou ao Oriente, soffrendo grandes trabalhos pela fé de Christo, foi operario da vinha do Senhor. Morreu na Syria com opinião de santo. Assistiram sobre sua sepultura trez aves brancas, fazendo suas musicas ao Eterno, e desapareceram, passados trez dias.

Henrique de Seixas, religioso de S. Bento em Bastos, foi escriptor e pregador.

Padre João de Christo, o mais novo, foi grande atirador de barra e grande esgrimidor, chegando, por vezes, a ter desafios com senhores de alto poder. Foi o causador da contenda em que aconteceu o desastre ao conde de Basto.»

Em um documento que existe no cartorio da camara de Cabeceiras de Basto, refere-se outra legenda relativamente a este individuo, e é a seguinte:

Gil Pereira, cavalleiro professo do habito de Christo, natural de Belem ou cercanias, condemnado á pena de dez annos de degredo, foi enviado á camara de Basto, e juntamente uma ordem, para que a refrida camara lhe assignasse a serra mais alta que houvesse no seu districto, para na mesma passar os dez annos de degredo, em que tinha sido condemnado.

A camara, em cumprimento do que lhe era ordenado, designou-lhe um sitio, por baixo da serra da Seixa, a que hoje chamam Cristello, onde passou dez annos e sete mezes; e alli teve capella, dedicada á Santa Sophia, e passeio para correr cavallos.

Este cavalleiro empregava seus criados na cultura da terra, e parecendo-lhe que o sitio, onde actualmente está o lugar da Ceara, era melhor, mandou cultivar-o e lhe chamava *as Cearas* e d'aqui deriva o nome da povoação.

Tinha aposento, cêrca e outras proprieda-

des no local, a que ainda chamam Paço, e para aqui vinha um rego d'agua do ribeiro, a que chamam a Melra, cujos vestigios ainda existem. Tinha, no Outeiral, umas pias para lavar roupa e beberem os cavallos, mós de moinhos de mão, e fengenho de mostarda.

Feita pela camara a devida participação do cumprimento do degredo, mandou el-rei, que Gil Pereira se recolhesse a Thomar. Partiu do lugar do Outeiral, com grande receio de ser mal recebido por el-rei (no que se não enganou) acompanhado de alguns familiares, e deixando outros para cultivarem as suas terras.

Tendo chegado a Thomar, foi posto, por ordem de el-rei, em custodia, até se juntassem os Estados do reino.

Vendo Gil Pereira o que se passava, lhe pesou muito ter deixado suas brenhas e matos, já muito bem cultivados, e parecendo-lhe que passaria alli muito bem o resto da sua vida, tentou pôr-se a caminho; porém, um seu tio, frade, sabiu-lhe ao encontro e levou-o para o convento de Belem. Obedeceu, com grande repugnancia, aos desejos do tio.

Gil Pereira doou ao convento de Belem, um foro, das terras, que lhe tinham pertencido. Este foro, a principio não era certo, e pagaram por muito tempo como senso e sem praso, e ultimamente foram obrigados a fazer praso, como consta, segundo tradição, do tombo velho do referido convento.

Álguns dos individuos que acompanharam a Gil Pereira, quando se foi apresentar a el-rei, voltaram para Basto.

Martin Agno de Alcaçuss, casado com Marinha Affonso, foi, depois de Gil Pereira, o primeiro habitante, casado, do lugar da Ceara.

Teve um filho chamado Martin Agno da Charneca, que, depois de cansado da vida militar, tomou o habito de S. Bento, no mosteiro de Basto, em 1312.

Consta que a aldeia de Salto já era habitada no tempo dos mouros.

Egualmente consta, que no cume do Crasto tiveram os mouros uma cidade bem mu-

rada, d'onde sahiam a roubar os lavradores; e que na Portella de Coartas, tinham o seu passeio, e alli jogavam os torneios e faziam escaramuças.

N'uma d'estas occasiões, um capitão, chamado Lux Fafes (ou *Fufes Luz*) sahindo d'uma emboscada, onde espreitava oportunidade, cahiu, com uma grande manga de soldados, sobre os mouros, quebrou-lhes as Coartas de pau (?) (d'isto proveio o nome do local), então muito usadas, desbaratou-os e matou muitos, que foram inteirados em um córrego, a que ainda hoje por isso chamam da *Paizão*.

O reverendo João Barroso Pereira, da casa de Alvasú, do lugar da Ceara, filho de Gervasio Barroso e de Maria Pereira, nascido em 1682, ordenado presbytero em 1709, fez um caderno, muito curioso e com muito boa letra, das cousas notaveis d'esta freguezia, copiado, em grande parte, de bons auctores, cujas obras lhe confiava um seu tio, que era bibliotecario no mosteiro de S. Miguel, em Refojos de Basto.

Foi d'este caderno que extrahi os apontamentos d'este artigo, cuja veracidade, na maior parte, não garanto.

Assevero que n'esta freguezia tem havido muitos ecclesiasticos, e grande numero d'elles foram abbades, reitores e vigarios. Talvez se possa dizer que é a freguezia sertaneja, onde houve mais padres e doutores.

José dos Santos Moura (abbade de Caires).

SALTO — lugar, Douro, na freguezia de S. Romão, de Aguiar de Sousa, comarca e concelho de Paredes.

(Vide no 1.º vol., pag 39, col. 2.ª)

A uns 6 kilometros da aldeia de Aguiar de Souza, está a serra do mesmo nome, a qual corre de N. a S., mas é cortada pela corrente do Souza, que aqui se despenha com medonho fragor, precipitando-se em um temeroso abysmo.

No alto, é tão estreita a quebrada do rio, apenas tem uns 3 metros. A este sitio a o nome de *Salto*.

No platô que fica ao S., está a capella de *Nossa Senhora do Salto*.

Eis a lenda d'esta Senhora:

Abaixo do templo, está um penhasco, entre castanheiros e matto, e n'elle (penhasco) se vê uma lapa ou gruta, onde umas pastorinhas das aldeias de Alvares, e Senande, que por alli apascentavam os seus gados, acharam uma imagem da Virgem.

O povo lhe construiu, junto ao rochedo, uma ermida; e, de uma fonte, proxima, manava, não só agua, mas também vinho, azeite e vinagre, para os operarios, em quanto duraram as obras; e o rio os fornecia abundantemente de peixe.

O apparecimento da Senhora, foi em dia da Ascensão de Christo, e por isso se faz n'esse dia a festa da padroeira.

Perto da ermida, existiu as ruinas de uma pequena casa, onde consta ter passado os ultimos annos da sua vida, uma devota da padroeira (esta é de pedra de Ançã, e tem 0,60 de alto.) A romaria que se faz á Senhora do Salto, costuma ser muito concorrida.

Ha n'esta freguezia minas de antimonio, das quaes foram considerados descobridores legaes, em maio de 1876, Miguel da Costa Faria, e José Carneiro de Sampaio.

SALTO DA SARDINHA—famosa cachoeira do rio Douro, logo acima da Barca d'Alva, onde termina a subida dos barcos.

SALTO DO PASTOR—outra cachoeira do Douro, também de grande celebridade. O *Salto do Pastor*, é formado por dois enormes rochedos. Diz-se que tem este nome, porque um pastor o transpoz de um salto, salvando o rio a uma altura vertiginosa, e passando assim, de Portugal para Castella.

Fica este *Salto*, proximo da cidade de Miranda.

SALUQUIA—nome proprio de mulher árabes. Significa *engenhosa*.

Houve uma moura d'este nome, filha de Bu-Hassun, senhor de muitas terras no Alentejo. Saluquia, foi *alcaldessa* do castello de Moura, e é d'ella que se julga proceder o actual nome da villa. Vide *Moura*.

SALVADA—freguezia, Alentejo, concelho, comarca, districto administrativo, bispado

proximo de Beja, e 75 kilometros a O. de Evora, 140 ao S. de Lisboa.

Tem 700 fogos.

Em 1757, tinha 265.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

A mitra, apresentava o cura, que tinha 420 alqueires de trigo, de renda annual.

Em outubro de 1874, andando um trabalhador a desaterrar o pavimento de uma casa, achou, a um metro de profundidade, uma panella cheia de moedas árabes, perfeitamente conservadas.

SALVADOR—freguezia, Beira Baixa, comarca de Idanha a Nova, concelho de Penamacor (foi da mesma comarca, mas do concelho de Monsanto—extincto) 50 kilometros da Guarda, 260 ao E. de Lisboa.

Tem 190 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Oliveira.

Bispado e districto administrativo de Castello-Branco.

Nenhuma freguezia do Salvador, vem no *Portugal Sacro e Profano*! Esqueceu.

Ha n'esta freguezia a grande quinta do *Cerrado*, que foi dos condes de Belmonte, e é mesmo n'esta quinta que está a igreja matriz.

Segundo a tradição, a imagem da padroeira appareceu no concavo de uma oliveira, e por isso se lhe deu tal invocação.

Por estar em propriedade dos condes de Belmonte, ficaram estes com o padroado da igreja.

Quasi todos os moradores da freguezia eram caseiros d'estes condes.

É templo muito antigo, e estando em ruinas, foi a S-nhora transferida para a igreja de Santa Maria Magdalena, matriz da freguezia da Aldeia de João Pires, que era então annexa a esta, e o templo da Senhora da Oliveira foi demolido, para se construir o actual, e n'aquella igreja esteve a Santa imagem alguns annos, porque os condes se recusaram a reconstruir a igreja que seus ascendentes haviam fundado.

Os parochianos, em vista de tão injusta recusa, tiveram de construir a igreja á sua custa, mas não no local primitivo, porém em uma elevação proxima.

Sendo bispo da Guarda (a cuja diocese

pertenceu antigamente esta parochia) D. Rodrigo de Moura Telles, em visita ao bispado, achou a imagem da padroeira em tal estado, que a mandou enterrar e fazer outra nova.

SALVADOR—capella, Douro, na freguezia de Villa-Côa do Bispo, comarca e concelho do Marco de Canavezes.

O bispo do Porto, D. Sisnando, irmão de D. Moninho Viegas, resignou o bispado, e foi viver no mosteiro de Villa Bôa, que o dito seu irmão havia fundado.

Costumava o santo bispo, ir todas as sextas feiras dizer missa á capella do Salvador, que estava em um monte, no alto da freguezia. Sabendo isto os mouros, que estavam na margem opposta do Douro (esquerda) em *Maurilhe* (hoje Mourilhe) e *S. Martinho de Mouros*, passaram o rio de noite, e foram assassinar ás lançadas o bispo, quando elle dizia missa na referida capella.

Os christãos o sepultaram em uma arca de pedra, no mesmo lugar onde foi morto, e por baixo do supedaneo do altar.

Foi o 1.º bispo que n'esta diocese se enterrou dentro de um templo.

Na sua sepultura se gravou a seguinte inscripção:

III KAL. FEBRUARI
OBIT IN DOMINO, D. SESNANDUS,
EPISCOPUS PORTUC.
A MAURORUM TELIS CONFRIXUS,
DUM SACRUM FACERET.
ERA MLXIII.

(Aos 30 de janeiro de 1063, o bispo do Porto, D. Sesnando, foi assassinado ás lançadas, pelos mouros, quando celebrava o santo sacrificio da missa.)

SALVADOR—quinta, Beira Baixa, nos arredores de Viseu. Vide *Pinhanços*, vol. 7.º, pag. 46, col. 1.ª

SALVADOR—freguezia, Beira Alta, concelho, comarca, districto administrativo, bispado, e 1 kilometro ao S. de Viseu.

Tem 350 fogos.

Orago. Nossa Senhora das Neves.

Da-se a esta freguezia o nome de *Salvador*, porque principiou por uma ermida dedicada ao *Salvador do Mundo*, mandada con-

struir por um fidalgo, cujos descendentes vivem hoje em S. Pedro do Sul.

Esta ermida está em um sitio delicioso e fresco, cercado de vinhas, e pomares de boa fructa, proximo ao rio Pavia. Ha tambem junto á ermida uma abundante fonte de excellente agua potavel.

Está em terreno que pertencia ao fundador, o qual tinha por estes sitios muitas e valiosas propriedades.

Em volta da ermida se foram construindo algumas moradas de casas, até chegar a ser uma vasta aldeia, que tomou o nome do padroeiro da ermida.

Esta é bonita, e tem 16 metros de comprimento, por 6 de largo, no corpo da egreja, e a capella mór tem 7 metros de comprimento e 5 de largo. Tem altar-mór e dous lateraes, todos de talha dourada.

No altar-mor, está a imagem do Salvador, e nos lateraes, estão—em um, Nossa Senhora das Neves, e em outro, Santo Antonio.

Por morte do fundador, os seus herdeiros trataram sómente de desfructar os rendimentos das propriedades, e nada quizeram saber da capella, apezar de estarem aquellas encaçadas e vinculadas n'esta,¹ nem cuidaram em satisfazer os encargos de missas, a que eram obrigados pela instituição do vinculo.

Com o tempo, e falta de reparos, se foi arruinando o corpo da egreja, e chegou a cahir a capella-mór.

Os habitantes da povoação do Salvador, decidiram reedificar a ermida, e na reconstrucção, lançaram fóra o escudo de armas do fundador, e a capella ficou desde então, e sem a minima opposição do successores do fundador, sendo do dominio do publico.

Instituiu-se uma grande irmandade a Nossa Senhora das Neves (que ja tinha uma confraria) para cuidar da conservação e aceio do seu altar, e para lhe fazer a festa, a 5 de agosto de cada anno; mas como n'este dia se fazia tambem a festa de Nossa Senhora das Neves, de Ranhados, que é pro-

xima, se mudou o dia para o da Natividade da Senhora.

O bispo de Viseu, D. Diniz de Mello, confirmou os estatutos da Senhora das Neves, em 1638.

Os irmãos mandaram, depois d'isto, fazer outra imagem da sua padroeira, que collocaram no altar-mór.

A irmandade foi instituida com 100 irmãos seculares e 12 sacerdotes, mas depois, o numero, tanto d'aquelles como d'estes, foi muito augmentado. Tinha tambem 26 irmãos, donzellas.

Como a nova imagem de Nossa Senhora das Neves foi collocada junto á do antigo padroeiro, se ficou denominando Nossa Senhora do Salvador.

Em 1646, o pontifice Alexandre VII¹ concedeu á irmandade, uma bulla perpétua com muitas e grandes indulgencias.

Constituida a aldeia do Salvador em parochia independente, desmembrando-se da da Sé de Viseu, foi a capella elevada a matriz da nova freguezia, e ficou sendo sua padroeira, Nossa Senhora das Neves.

SALVADOR DO ADRO (São) — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Miranda, 60 kilometros de Miranda, 400 ao N. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Orago, S. Salvador.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O rei D. Diniz deu foral á aldeia do Pical, na freguezia de *S. Salvador da Pena*, (julgo que é esta) em Lisboa, a 11 de novembro de 1290. (Gavêta 11, maço 11, n.º 36, § 47.)

Não pude obter mais noticias d'esta freguezia. Escrevi ao parochio, que se não dignou responder-me!

SALVADOR DO BURGO—freguezia, Dou-

¹ Estou resumindo estas noticias do *Santuario Marianno* (vol. 5.º, pag. 317) mas aqui ha um anachronismo. Alexandre VII, não era papa em 1646. Innocencio X foi feito papa em 1644, e governou a Egreja de Deus até 1655, e, fallecendo n'este anno, lhe succedeu Alexandre VII. É provavel que a bulla fosse expedida em 1656.

¹ Este vinculo passou depois a Diogo de Barros, de S. Pedro do Sul.

ro, no concelho e comarca, e 2 kilometros ao S.O. da villa d'Arouca, e no seu formoso valle, 11 kilometros ao S. E. do Castello de Paiva, 14 ao S. E. do rio Douro, 50 ao O. de Lamego, 75 ao N. E. de Aveiro, 50 ao S. E. do Porto, 280 ao N. de Lisboa.

Tem 285 fogos.

Em 1757, tinha 222.

Orago, o Santissimo Sacramento.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro.

A abbadesa do real mosteiro de freiras bernardas, de Arouca, apresentava o abba-de, collado, que tinha 200\$000 réis e o pé de altar.

Dá-se a esta freguezia vulgarmente a denominação de *Salvador*, porque o seu padroeiro, até ao fim do século passado, foi o Salvador do Mundo.

Officialmente, dá-se-lhe o nome de *freguezia do Burgo*; porem o Burgo é uma pequena villa, que foi cabeça do concelho do seu nome, hoje supprimido, e nunca foi freguezia, mas sempre pertenceu á do Salvador.

A igreja matriz, é um templo antiquissimo, mas está bem conservado, em consequencia das varias reconstrucções que tem recebido, feitas á custa das freiras de Arouca, que recebiam dous terços dos dizimos. Fica em uma elevação, d'onde se descobre a maior parte do bello e fresquissimo *valle d'Arouca*.

É terra muito fertil e cria muito gado de toda a qualidade. O rio Arça, e um ribeiro, que nasce na Forcada, atravessam e fertilizam a freguezia; fazem mover as rodas de alguns moinhos, e trazem peixe miúdo.

É composta dos logares do Burgo, Eiras, Eiriz, Soto (ou Sótam) Milhaço, Mouta, Malarézes, Aido, Frága, Corujeira, Pisão, Devezas, Espinhaço de Cão, Pimenta, Villa-Nova e Santo Antonio do Burgo.

A igreja parochial está em sitio dezerto, não tendo junto a ella senão a residencia parochial.

Os dizimos do pão, vinho, azeite, e sanjoaneira, eram divididos em trez partes, duas para as freiras, e uma para o abba-de.

Ha n'esta freguezia as capellas, do Espirito Santo, S. Domingos, Santo Aleixo, Santo

Antonio, e o oratorio de Eiriz, fundado por D. Antonia Maria Michaela, e pertence hoje ao sr. Jeronymo Leite Cabral Castello-Brandão. Vide *Arouca*, e *Villa Mean do Burgo*.

O bispo de Lamego, D. Fernando de Menezes Coutinho e Vasconcellos, assignou, em 1514, um pergaminho, que se guarda authenticamente, no cartorio do mosteiro d'Arouca, pelo qual consta que, a instancias da abbadesa, D. Melicia de Mello, se uniram ao mosteiro as egrejas, do *Salvador*, e *Santa Eulalia*, no valle de Arouca; com auctorisação do arcebispo de Lisboa, D. Jorge de Almeida, seu metropolitano, concedida a 15 de junho de 1513.

SALVADOR DA BARREIRA—ermida, na freguezia de *Nossa Senhora da Luz, de Matreira*, comarca, concelho, districto administrativo e bispado de Leiria.

Foi construida pelos moradores da aldeia da Barreira, em 1534, ficando os mesmos obrigados á sua fábrika, como consta de uma escriptura que está no cartorio do cabido de Leiria.

Foi o infante D. Henrique (depois cardeal rei) que, sendo prior-mór de Santa Cruz de Coimbra, e a requerimento de João Vicente, da Barreira, deu licença para se levantar o altar, com obrigação do requerente dar um calix de prata, para a ermida.

Em 1602, o bispo de Leiria, D. Pedro de Castilho, fez mudar a capella, que estava onde hoje se vê o alpendre, para o local em que agora existe.

SALVADOR DE CERVÃES—freguezia, Minho.—Vide *Cervães*.

SALVADOR DE LÁVRA—Vide *Lávra*.

SALVADOR DO MONDEGO—antiga freguezia, Douro, que foi ha muitos annos supprimida, e está hoje annexa á de Monte-Mór-Velho.

SALVADOR DO MUNDO.—Cachão extinto, Beira Alta, e Traz-os Montes, que se chamou tambem, *Cachão do Salvador da Pesqueira*, na freguezia, concelho e comarca de S. João da Pesqueira.

Tambem se lhe dá o nome de *Cachão da Valleira*, ou da *Pesqueira*, mas o ponto da *Valleira*, é o immediatamente inferior e na mesma freguezia.

No 1.º vol., pag. 60, col. 2.ª, mencionei o *ponto do Cachão*, que é o 61.º dos *pontos* do rio Douro. Aqui darei sobre elle mais algumas informações, por ser o logar proprio.

Fica este ponto, 120 kilometres ao N. E. da cidade do Porto, e proximo á ermida do Salvador do Mundo, á qual deve o seu nome, e era inacessivel antes de serem rompidos a fogo e a picão, os penedos que formavam um temeroso cachão, ou catadupa.

A junta da *companhia geral da agricultura das vinhas do Alto Douro*, obteve de D. Maria I, em 1779, a auctorisação necessaria para cobrarem 40 réis em pipa de vinho e outros liquidos, que fossem transportados pelo rio Douro, até ao Porto, sendo o producto d'esta contribuição applicado ás obras do mesmo rio.

Dez annos levou a romper o rochedo enorme que interrompia a navegação, e, em 1792, já os barcos passavam este temivel ponto, que, mesmo assim, não é isento de perigos.

Ao sopé do rochedo da margem esquerda, mas na altura de 247 palmos (54 metros) acima do nivel do rio, e em logar inacessivel, e portanto não se pôde ler de parte alguma, está gravada a seguinte inscripção, na propria rocha, e em letras de bronze:

IMPERANDO D. MARIA I,ª
SE DEMOLIU O FAMOSO ROCHEDO
QUE, FAZENDO AQUI UM CACHÃO
INACCESSIVEL, IMPOSSIBILITAVA
A NAVEGAÇÃO DESDE O SEU PRINCIPIO
E DOS SECULOS DUROU A OBRA, DE
1780 A 1792.

É este ponto, o limite do *Douro superior*, e é sobremodo temeroso. Amontoados de enormes rochedos ladeiam a estreita garganta que dá perigosa passagem aos barcos, e é precisa toda a pericia dos barqueiros para que se transponha esta medonha galeria.

Se um barco se despedaçar aqui, de encontro á penedia, a morte dos tripulantes e passageiros, é quasi certa, porque as ribas são perpendiculares, sem que á raiz tenham o mais estreito carreiro, ou espaço sufficiente em que os naufragos se possam sustentar, em quanto esperam por soccorro.

Á entrada d'esta garganta, e no vertice de um sérro de medonha altura, alveja o temposinho do *Salvador do Mundo*, que dá o nome ao sérro e ao ponto.

É o padroeiro d'esta ermida, muito venerado por estes sitios, e sobre tudo pelos que navegam este rio. Os barqueiros descobrem-se, com a maior devoção, e se encomendam ao Salvador do Mundo, para que os deixe passar a salvamento, e guardam um profundo silencio durante esta passagem.

Segundo diz D. Jeronymo Contador d'Argote, nas suas *Memorias de Braga*, já no tempo de D. João III, se fizeram tentativas, para destruir este obstaculo invencivel; e no reinado de D. Pedro II, aqui veio, por ordem d'este monarcha, Miguel de Lascal, para fazer os necessarios estudos, e este distincto engenheiro, no seu relatorio, disse que o empreendimento, posto offerecer bastantes difficuldades, não era impossivel; mas nada mais por então se fez.

D. João V, encarregou dos mesmos estudos, Bento de Moura Aragão, que disse o mesmo que havia dito Lascal; mas as obras não se principiaram, por não haver quem se quizesse arriscar a trabalhar em tão perigoso sitio.

Finalmente, no reinado de D. Maria I (como já disse) deu-se principio a tão grande empreza, em 1780, sendo a direcção das obras confiada ao padre Antonio Manuel Camêlla, da Pesqueira, homem energico, e de grande habilidade, mas pouco habilitado para esta obra, por falta dos indispensaveis conhecimentos theoricos que ella exigia.

Oito annos depois de principiada a obra, veio da Italia, o engenheiro hydraulico, José Maria Yola, para o coadjuvar, e, desde então, os trabalhos se fizeram com a maior regularidade, e, a 22 de outubro de 1789, subiu e desceu n'este sitio, o primeiro barco, sem perigo; porem as obras só se concluíram em 1792.

No anno seguinte, o engenheiro das estradas do Douro, José Auffolienner, na companhia de dous deputados da companhia dos vinhos, embarcou na Barca d'Alva, e desceu o rio, até passar o cachão do Salva-

dor do Mundo, e attestou que era possível tornar o rio navegável, desde a fronteira hespanhola até á barra do Porto.

O alvará do 1.º de setembro de 1807, autorizou o capitão-mór de Moncorvo, João Carlos de Oliveira Pimentel, ¹ a formar uma companhia, por acções, para levar a effeito tão gigantesco quanto util empreendimento.

Mas, a invasão de Junot obstou á formação da companhia, porém o concessionario não abandonou a empresa, e ao mesmo tempo que tomava parte activa na guerra contra os francezes, alcançou ter, em 1809, prompta a navegação, até á Foz do Sabor; e em 1811, até á Barca d'Alva, servindo então já esta via fluvial, para facilitar o fornecimento dos exercitos aliados.

Foi isto de grande vantagem, não só para Traz-os-Montes e Beira Alta, mas até para os hespanhoes, e principalmente para os que navegam desde Salamanca a Zamora.

Apezar do rompimento do cachão do Salvador do Mundo, ou da Valleira, a passagem d'este ponto, que é facil e sem risco nas aguas baixas, se torna perigosissima, e por vezes impraticavel nas enchentes do rio, por causa da sua corrente impetuossissima a que a estreiteza do rio obriga as aguas que aqui refervem com fragor medonho, aterrando o navegante, por mais intrépido que elle seja.

Por muitas vezes, enormes rochedos se desprendem d'estas ribas alcantiladas, e precipitando-se no rio, criam n'este logar novos perigos á navegação, e tem causado bastantes naufragios, e a morte de muitas pessoas, sendo uma d'ellas, o barão de Fo-

rester, como já disse a pag. 199, col. 2.ª, do 7.º volume.

Entre as rochas do *Cachão*, do lado do N. (Traz-os-Montes) na margem direita, e proximo do rio, está o enorme *Penêdo das letas*. Vide *Rapa-Velha*.

SALVADOR DO MUNDO—Vide no 2.º vol. pag. 343, col. 2.ª, a 5.ª freguezia antiga de Coimbra. Aqui só accrescentarei o seguinte:

A freguezia—hoje supprimida—do *Salvador do Mundo*, é uma das mais antigas de Coimbra, como fica dito no logar acima citado.

A capella de que alli fallo, mandada fazer por *Guimmar de Sá*, é dedicada á *Santissima Virgem Mãe de Deus*, cuja imagem é de marmore, e de estatura agigantada.

Segundo a tradição, uma senhora, chamada Marianna de Sa, ascendente dos fidalgos Sás, da Anadia, foi quem mandou fazer esta imagem, e uma sua filha ou neta, a tal Guimmar de Sá, lhe construiu a capella, na referida egreja, e doou para a sua conservação e aceio, muitas fazendas, ficando a fundadora com o padroado da capella; porem os seus herdeiros negaram-se a dar os rendimentos das terras, pelo que o prior da freguezia moveu contra elles demanda, no fim do seculo XVII.

A Senhora, Mãe de Deus, era objecto de grande devoção dos moradores de Coimbra, em tempos antigos, principalmente dos estudantes da universidade, que a Ella recorriam, para serem felizes nos seus exames.

SALVATERRA DE MAGOS—villa, Extremadura (mas ao S. do Tejo) cabeça do concelho do seu nome, comarca e 6 kilometros a N. E. de Benavente, 60 kilometros ao E. S. E. de Lisboa.

Tem 650 fogos.

Em 1757, tinha 453.

Orago, S. Paulo, apostolo. Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 60 alqueires de trigo, e 70\$000 réis em dinheiro.

O concelho de Salvaterra de Magos, é composto só da freguezia d'este nome e da de Muge.

¹ Avô paterno do sr. Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, feito visconde (2.º) de Villa-Maior, em 15 de julho de 1861.

Este cavalheiro, é o auctor do formosissimo e curiosissimo livro, a que deu o titulo de DOURO ILLUSTRADO, uma das mais elegantes obras litteraria, do ultimo quartel do seculo XIX, impressa com o maximo luxo e enriquecida de muitas e bellas gravuras. É, mais do que um livro, um album primoroso, para adornar as mezas das salas luxuosas.

Tem 1:000 fogos.

Está situada em uma vasta e fértil planície, entre o Tejo (margem esquerda) e o Sorraia. Gado, caça, e peixe, do Tejo, do Sorraia e do mar.

Foi antigamente da comarca de Santarem.

Tem alguns palácios de boa architectura; porem quasi todos em mau estado.

Foi fundada por el rei D. Diniz, em 1295, e a egreja parochial, pelo bispo de Lisboa, D. João Martins de Soalhães, em 1296.

O seu primeiro foral, tem os privilegios do de Santarem, mas não tem data; porem foi-lhe dado por D. Diniz. Este mesmo monarcha, lhe deu outro foral, em Coimbra, no 1.º de junho de 1295. *L. 2.º das Doações de D. Diniz*, fl. 104, col. 2.ª

O rei D. Manuel, lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de agosto de 1517. *L. de foraes novos do Alemtejo*, fl. 108 v., col. 1.ª

Tem uma grande coutada, da casa real, com um bom palacio, fundado em 1514, por o infante D. Luiz, duque de Beja, filho do rei D. Manuel e de sua segunda mulher, a rainha D. Maria, filha dos reis catholicos D. Fernando e D. Izabel, que era viuva do infante D. Affonso, filho de D. João II (e que seria rei, se não morresse, da queda de um cavallo, junto a Santarem, em 1491, na vida de seu pae.)

Na tapada, faziam os nossos reis frequentes e grandes caçadas—hoje está muito deteriorada.

D. Pedro II, accrescentou este palacio e mandou fazer bellos jardins, pelos annos de 1690. Hoje está em bastante ruina.

Tem um paúl, chamado dos *Magos* (o que deu o sobrenome á villa) que D. João IV mandou abrir, pelos annos de 1650.

O rei D. Diniz fez doação d'esta villa ao referido bispo, D. João Martins de Soalhães, para elle e seus successores, logo em 1295.

Tem Misericordia e hospital.

Os primeiros donatarios d'esta villa, foram os condes da Atalaya, e a deram ao dito infante D. Luiz, recebendo em troca, a villa da Asseiceira e outros logares.

Aqui é a luxuosa casa de campo, que foi de Garcia de Mello, monteiro-mór do reino.

Está a freguezia na confluenta do Sorraia com o Tejo.

Morte do 1.º marquez de Loulé

Na noite de 28 para 29 de fevereiro de 1824, deu-se em Salvaterra um facto naturalissimo, que os liberaes aproveitaram afanosos, para desacreditar o sr. D. Miguel I—então infante—e, como lhes foi impossivel convencer o publico, conseguiram, pelos meios mais torpes, tornar o caso obscuro, para que a calunnia não fosse completamente destruida.

Na referida noite, houve um ensaio, no theatro do paço real, ao qual assistiram muitas pessoas da côrte, e entre ellas, o marquez de Loulé, que se retirou antes de terminar o ensaio.

O edificio do palacio, já então principia-va a arruinar-se. O marquez, tomou por um corredor que não estava illuminado, e foi a uma antiga porta que foi construida para dar entrada a uma sala que já não existia, e estava transformada em saguão, e, por consequente, a porta estava servindo de janella rasgada.

O marquez, ou por conhecer pouco esta parte do edificio, ou (o mais provavel) por esquecimento, foi andando, e, como a janella não tinha grades, cahiu sobre uma pilha de enlulho, que estava no saguão, e morreu da queda.

Quando na manhã de 29¹ appareceu o cadaver do marquez; ninguém se lembrou de que fosse assassinado por ordem do sr. D. Miguel; mas é certo que, como Loulé se tinha posto ao serviço de Buonaparte, contra Portugal, desde 1807 até 1815² e ainda ti-

¹ Sempre será bom notar aos meus leitores, que o anno de 1824 foi bissexto.

² D. Agostinho Domingos José de Mendonça, marquez de Loulé, e pae do 1.º duque do mesmo titulo, foi condemnado á morte, e exautorado de todos os seus titulos, honras e privilegios, por traidor á patria, por sentença de 11 de novembro de 1811, sendo o seu maior crime, vir em 1810 contra Portugal, no exercito de Massena.

O marquez, tinha muitos parentes e amigos, na corte de D. João VI. Este monarcha

nha por isso alguns inimigos, e bastantes pessoas de boa fé, attribuiram a morte a vingança de algum patriota exaltado; chegando mesmo a dizer-se que o marquez *foi abafado com uma manta de campino, para não gritar, e ferido com uma choupa, que entrando pelo ceu da bocca, lhe sahio pela nuca!*¹

O integerrimo magistrado, doutor Torres, corregedor da comarca, procedeu logo a auto de exame e corpo de delicto, no cadaver e os dous cirurgiões, e as testemunhas do auto, declararam n'elle, *que o marquez não tinha o mais leve signal de ferimento ou contusão.*

Mas o ministro da justiça, Lacerda, inimigo implacavel do sr. D. Miguel, queria por força attribuir a um crime, a morte do marquez, e imputal-a ao principe.

Chamou o corregedor e exigiu que elle substituísse o auto de corpo de delicto, por outro dictado por elle, e com as testemunhas indicadas por Lacerda; mas o honrado corregedor, recusou-se obstinadamente a tão grande infamia.

Lacerda, para que o facto ficasse pelo menos duvidoso, sumiu o auto, que nunca mais appareceu.

Os inimigos do sr. D. Miguel I, não se contentando em exagerar-lhe os defeitos, lhe teem assacado todas as especies de calumnias, mas ainda nenhum se lembrou — que me conste—de o chamar hypocrita ou desleal; portanto, se o sr. D. Miguel tivesse parte, directa ou indirecta, na morte do marquez, não continuaria conservando na sua intimidade os filhos d'elle: nem os filhos,

estava muito indignado contra o marquez, porem os amigos d'este, conhecendo o caracter bondoso do soberano, o induziram a um passio, pelos arredores do Rio de Janeiro, e, tendo preparado uma emboscada, d'ella sahio Loulé, que, ajoelhando aos pés de D. João VI, com as lagrimas nos olhos, lhe pediu perdão. O rei, não só lhe perdoou e lhe restituiu todas as honras e titulos, mas até o fez seu camarista e valido.

¹ Então se não queriam que elle gritasse, e o tinham *abafado* com uma manta, como lhe atinaram com a bocca, para lhe dar a *choupada*, e como é que elle *se pôz a geito*, com a bocca aberta (e sem gritar!...) para o ferirem alli?—Que disparate!

que eram uns perfeitos homens de bem, continuariam a ser amigos do assassino de seu pae.

Ainda mais, o sr. D. Miguel, foi sempre verdadeiro amigo do marquez, que nunca lhe deu o mais leve motivo de desagrado; continuou a ser o inseparavel companheiro de seus filhos, e esta affeição durou até aos ultimos momentos do sr. D. Miguel.

Foi ainda este principe, que, no dia seguinte ao da morte do marquez, apresentou ao rei seu pae, o filho primogenito d'aquelle¹, (D. Nuno José Severo de Mendonça Rôlim de Moura Barreto; desde então 2.º marquez de Loulé, 9.º conde de Valle de Reis etc., etc.) e D. José Maria de Mendonça, filho natural do 1.º marquez de Loulé, e de madame Bruni.

Levou-os para a sua companhia, e toda a gente de Lisboa viu os trez, passeiarem de trem ou a cavallo, como intimos amigos.

Quando as intrigas palacianas obrigaram D. João VI a mandar viajar o sr. D. Miguel, com a obrigação de fixar a sua residencia em Vienna d'Austria, para onde embarcou a 9 de maio do mesmo anno de 1824, um dos camaristas que o principe escolheu, foi o referido D. José Maria de Mendonça.

Nem o 1.º duque de Loulé, nem um só de seus filhos, se lembraram já mais de attribuir ao sr. D. Miguel a morte do marquez, e foram sempre dos que mais concorreram com avultados subsidios, para a sustentação do sr. D. Miguel, depois que a *quadrupla aliança* o obrigou a deixar o throno e a patria.

Vemos hoje o nobilissimo conde de Azambuja e sua virtuosa esposa, assistirem ás festas de familia, de seu primo germano, o sr. D. Miguel II, e serem dedicados amigos d'este principe, o que muito os honra, tratando-os com a familiaridade e franqueza, propria de pessoas da sua familia.

Sendo, como incontestavelmente são, todos os filhos do 1.º duque de Loulé, cava-

¹ Que depois foi 1.º duque de Loulé, e casou no 1.º de dezembro de 1827, com a infanta D. Anna de Jesus Maria, filha de D. João VI, e da rainha D. Carlota Joaquina, assistindo esta senhora, ao casamento.

lheiros da mais rigorosa delicadeza, em pontos do honra, a sua amizade sincera e leal ao príncipe proscripto, é, quanto a mim, uma prova irrefragavel de que o 1.º marquez de Loulé morreu de um desastre, e não de morte violenta.

Argumentam os liberaes com o decreto de 24 de junho de 1825, assignado por D. João VI, no qual, entre outras culpas imaginarias, assacadas ao sr. D. Miguel, vem tambem a *historia* do assassinato do marquez de Loulé; mas todos sabem que o rei, cercado de inimigos de seu filho segundo, sem o ter a seu lado, para o proteger, e, de mais a mais, de animo extremamente indeciso e pusilanime, o que queria era que os seus ministros o deixassem em paz, e assignava quanto elles quizessem (e isto, suppondo que a assignatura do monarcha fosse verdadeira.)

Tambem elle tinha assignado o decreto de 30 de maio de 1823, que accusava o sr. D. Miguel de rebelde e inimigo do rei, e logo em junho, por outro decreto, faz os maiores elogios á sua dedicação e fidelidade, e o nomeia commandante em chefe do exercito.

Note-se que o sr. D. Miguel II, tem tratado os filhos do 1.º duque de Loulé, com todas as attentões e preferencias, como seus proximos parentes, e que, nem o sr. D. Pedro, quando regente, nem sua filha, nem seus netos, quizeram reconhecer o casamento d'aquelle fidalgo, com a infanta D. Anna de Jesus Maria, apezar das instancias feitas pelo duque, e dos serviços que sempre prestou á causa liberal.

Ninguém pôde alcunhar de suspeito, o doutor A. da Silva Gaio, pois que é inimigo implacavel do sr. D. Miguel I; e, apezar d'isso, no seu *Mário* (tomo 2.º pag. 166 e seguintes, da 2.ª edição) depois de *pesar* todos os argumentos pró e contra, termina assim a narração da morte do marquez de Loulé.

Posso dizer, com socôgo de consciencia, que estou convencido de que o infante (o sr. D. Miguel I) o não mandou perpetrar. (O assassinato do marquez.)

Uma tourada em Salvaterra de Magos

Havia antigamente em Salvaterra grandes e esplendidas touradas, *divertimentos* a que os nossos reis eram muito inclinados.

D. José I, que se dobrava a tudo quanto queria o marquez do Pombal, nunca transgiu com elle quanto ás corridas de touros, com que Pombal embirrava.

Em 1762, houve uma grande tourada em Salvaterra. Um dos mais destros cavalleiros d'aquelle tempo, era o conde dos Arcos, filho e discípulo do marquez de Marialva, o mais famoso cavalleiro da Península.

Sahi do curro um touro preto, tão temivel, que nenhnm cavalleiro se atreveu afrontar-lhe as iras, senão o conde dos Arcos, que lhe metteu um ferro. O touro, furioso, investe com o cavallo do conde, que cahe na arena, arrastando consigo o conde, que, ferido em uma perna, se não pôde levantar. O touro o arremeça aos ares, e esperando-o com as armas, na queda, o esmagou depois com as patas.

Esta desgraça aterrou o monarcha e todos os espectadores.

O marquez de Marialva, tinha setenta annos, mas desceu com a velocidade de um mancebo, os degraus do amphitheatro, para vingar a morte do filho querido, ou morrer com elle.

Um camarista o intima, por ordem do rei, para que não desça á arena, acrescentando — «Sua magestade entende que o dia já foi bastante desgraçado, e não quer perder n'elle dous vassallos.»

Marialva respondeu.

— «El-rei manda nos vivos, e eu vou morrer. Aquella (apontando para o cadaver do conde dos Arcos) é o corpo de meu filho.

Está alli! Sua magestade pôde tudo, menos deshonrar os cabellos brancos do creador que o serve ha tantos annos. Deixe-me passar, e diga isto a el rei.

O rei amava o marquez (que era seu estribeiro-mór) pelas suas virtudes e pela sua lealdade nunca desmentida, e a resposta do ancião o petrificou.

Quando o marquez pisava a praça, com a coragem e sangue frio de um verdadeiro fi-

dalgo, todos os espectadores se levantaram por um impulso instantaneo, e com os olhos arrazados de lagrimas.

O marquez ajoelhou junto do cadaver do filho, e o beijou na fronte. Desabrochou-lhe o talim e cingiu-o: levantou do chão a espada de dous gumes, passou a capa no braço e cobriu-se; e, collocado no meio da praça, esperou o touro a pé firme.

O animal o investe, régo e irado, mas o marquez com a maior destreza lhe evita a pancada.

Em fim, depois de um combate de alguns momentos, a espada do marquez se embebe até aos côpos, na nuca do touro, que dando um temeroso bramido, cae morto aos pés do vencedor, que então abraçou o corpo do filho, cobrindo-o de beijos.

O rei, virando-se, viu de pé, coberto de pó, como quem vinha de grande jornada, o rosto severo do marquez do Pombal, que lhe disse:—«Temos guerra com a Hespanha, senhor. É inevitavel. Vossa magestade não pôde consentir que os touros lhe matem o tempo e os vassallos.»

D. José, reconhecendo a justiça d'estas palavras, respondeu:—«Foi a ultima corrida, marquez. A morte do conde dos Arcos, acabou os touros reaes, enquanto eu reinar.»

«Assim o espero da sabedoria de vossa magestade (disse Pombal.) Não ha tanta gente nos seus reinos, que possa dar-se um homem, por um touro. Vossa magestade autorisa-me a hir em seu nome consolar o marquez de Marialva?»—«Vál É pae. Sabe o que ha de dizer-lhe?»—«O mesmo que elle me diria a mim, se o meu Henrique estivesse como está o conde dos Arcos.»

Pombal chegou á praça, e, como era mais alto do que o marquez, o levantou nos braços, e, com voz meiga e tri-te, lhe disse:—«Senhor marquez, os portuguezes como v. ex.^a, são para darem exemplos de grandeza d'alma, e não para os receberem. Tinha um filho, e Deus levou lho. Altos juizos Seus. A Hespanha declara-nos guerra, e El rei, meu amo e meu senhor, precisa do conselho e da espada de v. ex.^a»

D. José cumpriu a palavra dada ao seu

primeiro ministro, e no seu reinado, não houve mais touradas em Salvaterra.

Recommendo aos meus leitores o bello livro do fallecido escriptor, Luiz Augusto Rebello da Silva, intitulado *Contos e lendas*; e cujo ultimo conto é—*Ultima corrida de touros, em Salvaterra.*

Foi d'elle que resumi o que deixo escripto com respeito á morte do conde de Arcos.

Os constantes e diuturnos temporaes do inverno de 1876 para 1877, foram terriveis para muitas povoações de Portugal, e principalmente para as das margens do Têjo.

Em Salvaterra, a enchente chegou até ao meio da rua de S. Paulo, invadiu a igreja da Misericórdia, e muitas casas.

É sempre com o maior prazer, que menciono n'esta obra as acções dignas de memoria, praticadas por benemeritos filhos d'esta nossa terra.

Por isso copio do n.º 3:591 do *Diario Popular*, de 15 de dezembro de 1876, o que se segue.

Peço desculpa aos meus leitores, da extensão do artigo, mas nada lhe pude resumir.

Eil-o :

«Agora que as communicações se acham restabelecidas, vão-se recebendo informações mais completas acerca das peripecias e dos desastres das ultimas cheias.

Eis o que temos de Salvaterra :

No dia 6 e noite de 7 do corrente, no dia 7 e noite de 7 para 8 até ás 5 horas da manhã, d'este ultimo dia, foi a maior força e o maior perigo da enchente, envolvendo as povoações do Reguengo, Vallada, Alqueidão, etc.

Ás 5 horas da madrugada de 8, começou a vasante da cheia e o maior perigo ia passando.

No dia 6 de madrugada todos os marittimos de Salvaterra, com excepção dos de um barco, se poz-ram ás ordens do sr. José Vicente da Costa, proprietario e negociante em Salvaterra.

Este cavalheiro e seu filho, o sr. José Vicente da Costa Junior, prestaram valiosos serviços, como se vae ver da narração.

O sr. José Vicente da Costa, mandou logo partir um barco para Vallada, com ordem de salvar, primeiro gente e depois gado e ecreaes, no que muito se lidou e com bom exito.

Às 10 horas, todo o campo era um mar, o vento soprava rijo e chovia a torrentes.

Queria partir o barco do João d'Azambuja, mas só tinha dois homens.

O sr. José Vicente da Costa, á vista do povo accumulado no caes, offerecia tudo para apparecerem mais tripulantes, mas ninguem se movia. Então o sr. José Vicente da Costa Junior saltou para dentro do barco, despiu-se, descalçou-se e foi servindo como marítimo.

Com este auxilio o barco largou, e uma hora depois chegava ao Alqueidão, não sem ter corrido perigo de sossobrar ao desembocar da valla de Salvaterra no Tejo.

O barco destinado pelo sr. José Vicente a soccorrer o Alqueidão, largou ferro na Tapada. Então o sr. José Vicente da Costa Junior, encostado a um pau com que ia sondando o terreno inundado, mettendo-se na agua e no lodo, foi até o povo de Reguengo, avisar de que em breve chegaria em seu soccorro outro barco mandado de Salvaterra por seu pae. Aquella pobre gente chorava e abraçava o excellente rapaz, que com perigo de vida ia levar-lhe palavras de esperanza.

Infelizmente a cheia crescia e o barco annunciado não podéra ainda chegar.

Um homem chamado José Zêco, apontava chorando para o colleiro onde tinha 4 moios de trigo, únicos haveres da sua pobre familia, e que a agua começava a invadir.

O sr. José Vicente da Costa Junior, correu ao barco e a muito custo conseguiu arranjar sacos para 3 moios de trigo.

Ensaçou-se rapidamente o cereal, e, quando acabou esta faina, alagou-se todo o colleiro.

N'este ponto começaram novas tribulações, porque a gente do Reguengo queria o barco para salva-la e ao mesmo tempo era necessario accudir ao Alqueidão.

O barco vindo de Salvaterra, não podia transpor a Tapada, nem os do Alqueidão podiam refugiar-se n'ella por falta de lanchas.

Infelizmente no Reguengo só havia duas lanchinhas, que andavam atarefadas em tirar mobilia das casas alagadas e aluidas. A final o sr. José Vicente da Costa Junior conseguiu arranjar uma lancha, e mettu-se n'ella, levando consigo um homem que no Alqueidão tinha a mulher.

O fragil barco partiu ao longo da Tapada, e lutou duas horas contra o mar, a agua que se despenhava da Tapada e o vento. A final os valentes tripulantes conseguiram pôr a lancha sobre a Tapada, d'onde já se ouvia o choro da gente refugiada na casa do Alqueidão.

Envolvidos pela agua, derrubados muitas vezes, ora nadando, ora agarrando-se ás oliveiras, conseguiram o sr. José Vicente da Costa e seu companheiro chegar á casa do Alqueidão, onde foram recebidos com incrível alvoroço.

O sr. José Vicente do Costa, trouxe d'alli 3 barcadas de gente, que foi largar sobre a Tapada, rodeada d'agua, e onde só havia a largura livre de 3 palmos.

Na 1.^a barcada vieram mulheres. Na casa só ficaram o administrador, que protestava não largal-a em quanto não abatesse, dous guardadores e uma irman do administrador.

No sobrado da casa, estavam 100 moios de trigo, que o administrador para alli mandára transportar.

O rio enchia mais, chovia a cantaros, e o vento era bastante forte.

N'este apuro o sr. José Vicente da Costa Junior, transportou para o barco a gente que estava sobre a Tapada, e navegou para o Reguengo.

No caminho avistou um barco com bandeira de soccorro. Era o barco do Côdea, que o sr. José Vicente da Costa mandára de Salvaterra para Vallada.

O barco, atulhado de gente e trigo, encahlhára n'um comoro e estava em perigo de sossobrar.

O sr. José Vicente da Costa Junior, ali-

viou-o de 8 moios de trigo, com o que conseguiu safar-se.

Depois dirigiu-se o sr. José Vicente para o Reguengo, e acabou de carregar o barco com gente d'aquella terra, e mandou-a para Salvaterra, d'onde a esse tempo já tinham chegado mais dois barcos com saccos para 50 moios, destinados ao trigo de Joaquim Martins, que tinha o cellero um metro fóra d'agua.

O sr. José Vicente entendeu melhor não seguir exactamente as ordens de seu pae, e deu 40 moios de saccos a Pedro Gaspar, que tinha 50 moios de trigo só 0^m,01 fóra da agua. Os restantes 10 moios de saccos foram distribuidos pelos pobres para salvarem os seus cereaes.

Finalmente ainda chegou mais um barco mandado pelo sr. José Vicente da Costa Senor, que tambem enviara já trez para Vallada.

A agua ameaçava rebentar a tapada que protege o Reguengo.

Os dois barcos que ficaram no Reguengo, passaram alli a noite, e deram abrigo ao povo que receava ficar nas casas.

A bordo de um d'elles, uma mulher deu á luz uma creança.

Os vapores do governo chegaram no dia 8 de manhã, depois de passado o maior perigo, que foi nos dias 6 e 7. Estes vapores podiam acudir a Vallada, que fica á beira do Tejo, porem não ao Reguengo, que está assente no meio do campo.

Alem do que fica dito, o sr. José Vicente da Costa tem trabalhado dia e noite, obrigando a partir os barqueiros, que temiam o tempo e a força da corrente.

Nos seus celleiros tem abrigado mais de 500 moios de cereaes de diversos.

Mandou 200 pães para o Reguengo, farinha e milho para Vallada, e de accordo com o sr. João Luiz Neto e outros cavalheiros de Salvaterra, deu abrigo á gente fugida de Vallada, Reguengo e Alqueidão.

Durante o maior perigo não se arredou do caes de Salvaterra, ora fazendo partir os barcos, ora desamarrando-os com as suas proprias mãos, ora apressando o carregamento de 30 carros que tinha juntado para a des-

carga irapida dos barcos, afim d'estes poderem de novo partir em soccorro dos inundados.

O sr. José Vicente da Costa Junior, esteve dous dias sem comer, e quatro dormindo encharcado dentro dos barcos atulhados de gente e gado.

No dia 9 foi dentro d'uma lanchinha de dous palmos de largo, a Vallada, prevenir os lavradores de que na bocca da valla de Salvaterra estavam cinco barcos para os soccorrer, mas que não podiam navegar por falta de vento.

D'alli partiu na fragil casca de noz, para bordo do *Pescador*, cujo mestre mostrou o maior zelo, guiou o navio até á bocca da valla, e uma hora depois estava com os barcos em Vallada.

Finalmente, no dia 11, pedindo-lhe um pobre singeleiro que salvasse a sua junta de bois que morria de fome na tapada, foi n'um barco buscal-a.

O sr. José Vicente da Costa e seu filho, teem na sua consciencia, nas benções dos povos de Vallada, Reguengo, Porto de Muge e Alqueidão, a melhor recompensa dos relevantes serviços, que com perigo de vida e prejuizo da sua fazenda prestaram.

Mas aos poderes publicos cabe o dever de lhes darem uma manifestação de reconhecimento nacional por tantas vidas e tantos haveres deedicadamente arrancados á furia dos elementos.

No *Correio da Tarde*, n.º 1:588, de 9 de janeiro de 1877, se lê o seguinte:

«Transcrevemos, com a devida venia, de um collega da capital, parte de uma correspondencia de Salvaterra, que manifesta bem ao vivo o estado actual dos campos por alli.

«A causa de Cadaval teem-lhe morrido, segundo me consta, quarenta e tantas cabeças de gado cavallar, e note-se que esta casa, sendo a mais opulenta do districto, não lhe faltam piastagens e recursos; mas as melhores estão todas inundadas, restando lhe apenas aremeiros e charnecas onde necessariamente os animaes comem muita areia junta

com a pouca herva que apanham, e d'aqui lhe sobrevem dôres que os matam em poucas horas.

«E não é só a este lavrador que isto acontece; está acontecendo a quasi todos.

«Em resumo, temos os gados em parte cansados, os pastos a acabarem-se e as terras cheias de agua; de modo que as que se poderem tapar só em fim de fevereiro ou margo podem ser fabricadas!

«Os cofres abertos para receberem as collectas e nem ao menos nos concedem a moratoria, com que o thesouro pouco perdia.

«E ainda mesmo que não nos concedam a moratoria, de certo as contribuições não podem entrar todas no cofre até fevereiro, porque ainda que pnhorem e façam quantia tyrannia lhes parecer, de certo que emquanto não chegar a colheita, não ha-de estar feita a arrecadação.»

Em setembro de 1877, foram arrematados, na repartição de fazenda do districto de Lisboa, os bens pertencentes à extincta comenda de Salvaterra de Magos, da qual foi ultimo administrador, o sr. conde da Ribeira Grande, do concelho de Salvaterra.

Em 1379, renova-se a guerra com Castella.

O principe de Cambridge, vem com um exercito inglez, em soccorro de Portugal, e justo a casar com a infanta D. Beatriz, filha de D. Fernando I, e de D. Leonor Telles de Menezes.

Esta guerra, desastrosa para ambos os paizes, continuou até 1382.

D. Fernando, de Portugal, e D. João I de Castella, estavam entre Elvas e Badajoz, decididos a darem batalha; mas vieram a concertos, e a 2 de abril d'este anno, foi assignado o tratado de Salvaterra de Magos, segundo o qual, o rei castelhano casou com a duca D. Beatriz, e a guerra terminou.

O principe de Cambridge, foi para Inglaterra com as suas tropas, com razão, despeitado pela falta de palavra, do rei portuguez.

Este casamento violava o determinado nas côrtes de Lamego, e por causa d'elle, perderiamos então a nossa authoromia, se não fosse a bravura do joven Mestre de Aviz, e a intrapidez e lealdade do ainda mais joven¹ D. Nuno Alvares Pereira, e da fidelidade e coragem dos portuguezes, pela causa da patria.

O casamento do rei castelhano com D. Beatriz, realisonou-se a 14 de maio de 1383.

Magos, é—com pequena corrupção—a palavra persa, *Majus*, que significa *philosopho*.

A religião, ou seita, dos magos (que adoravam o fogo) foi introduzida na Persia e na Chaldea, por Zoroastes ou Zoroasto, e durou 400 annos.

Omar III, kalifa dos árabes, a extinguiu.

Gerardo João Vossio, porém, deriva a palavra *magos*, do hebraico *mahgin*, do verbo *haja*, que significa *buscar, examinar*.

Talvez que o sobrenome de Salvaterra, não proceda nem do persa, nem do chaldeu; mas do antigo portuguez *môgo*, que significa *marco*, que divide uma propriedade ou territorio, da confinante. Acho isto mais verosimil.

SALVATERRA DO EXTRÊMO—villa, Beira Baixa, comarca e concelho de Idanha Nova (foi cabeça do concelho do seu nome, e da mesma comarca) 85 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Li. boa. 300 fogos.

Em 1757, tinha 114 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado, districto administrativo e 25 kilometros a E. de Castello Branco.

(Foi do bispado da Guarda.)

O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o vigario, que tinha 40\$000 réis e o pé d'altar.

¹ D. João I. (o Mestre de Aviz) tinha em 1333, 25 annos, pois nascera a 14 de abril de 1358—D. Nuno, tinha apenas 23 annos; mas n'estes dois heroes, a bravura suppria a idade.

Dá-se a esta villa o nome de Salvaterra do Extremo, não só para a distinguir da antecedente, mas porque, com effeito, está sobre a margem direita do rio Elgas, que a separa da Hespanha.

Ainda nos fins do seculo passado, havia um curato chamado *Monfortinho*, contiguo a esta freguezia.

Era uma pequena aldeia de 5 fogos.

Foi annexa a esta.

Vide *Monfortinho*.

Fica Salvaterra a 6 kilometros da villa de Sarça, na Extremadura hespanhola.

O seu concelho, que foi supprimido por decreto de 24 de outubro de 1855, tinha 1:000 fogos.

Tem misericórdia, e é terra fértil, ainda que de clima excessivo.

Foi praça de guerra; cercada de muralhas, com seu castello, mandado construir pelo rei D. Diniz, em 1290.

Já se vê que está tudo desmantelado.

A nascente d'aguas mineraes, chamada *Fonte Santa*, fica perto da villa, e no districto da supprimida freguezia de Monfortinho, onde já fica mencionada.

D. Sancho II lhe deu foral, na Guarda, a 2 de maio de 1229.

(*Maço 3 de foraes antigos n.º 4*—e no *Livro 1.º de Doações*, do rei D. Diniz, fl. 76, col. 2.º)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Santarém, no 1.º de junho de 1510.

(*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 27 v., col. 2.º)

Em 24 de julho de 1810, houve aqui um pequeno combate, entre as tropas portuguezas, e as francezas de Massena.

Em junho de 1876, foram estas terras invadidas por uma nuvem de gafanhotos, que fizeram grandes devastações nos campos e pomares.

Para se fazer ideia aproximada da grande quantidade de gafanhotos que assolaram estas terras, basta dizer, que, no dia 2 de junho, 30 pessoas, em 45 minutos, apanharam 60 alqueires d'elles!

Não foi só aqui a invasão d'estes terríveis insectos: quasi todo o districto administrativo foi invadido, vendo se o general da divisão obrigado a empregar 200 soldados no seu exterminio.

Nos concelhos d'Elvas, Salvaterra do Extremo (hoje Idanha Nova) e Figueira de Castello Rodrigo, foram então apanhados 44:400 kilogrammas de gafanhotos!

Veiu esta praga, da Extremadura hespanhola (e que cousa boa nos virá de Hespanha). Os castelhanos lhe chamam *langostas*.

Ainda no dia 21 de maio de 1877, tornaram os campos, e até mesmo as terras incultas, de Salvaterra de Magos, Figueira de Castello Rodrigo, Escarrigo, Almofalla, Matã de Lobos, e outras freguezias d'esta região, a ser invadidas por outra praga de gafanhotos; porém a freguezia que mais soffreu, foi esta de Salvaterra do Extremo.

No referido dia 21, foram apanhados 1:291 kilogrammas d'estes insectos—no dia seguinte, 2:208 e meio kilogrammas—e no dia 23, 2:232 e meio kilogrammas.

Foram pagos aos apanhadores, a razão de 40 réis o kilogramma, o que somou em 229\$280 réis, pois o total da apanha, foi de 5:732 kilogrammas pagos.

Alem d'isto, foram apanhados gratuitamente, pelos lavradores da freguezia, 2:000 kilogrammas, o que faz a totalidade de 7:732 kilogrammas.

Os gafanhotos

Pertencem, provavelmente, os que invadiram o nosso paiz, á especie *Grillus migratorius*, de Linneu, *La Sauterelle de passage*, de Cuvier.

Foi encontrada esta especie por Barrow, no sul d'America, cobrindo um espaço de duas milhas quadradas, e é mencionada por um correspondente de Kirby, e Spence, o qual em Mahrata, região da India, viu uma columna de gafanhotos de quinhentas milhas de extensão, que obscureciam o sol, como se houvera um eclipse.

O habito d'estes insectos é voarem n'uma

columna extensa e cerrada, abaixando-se á terra para se alimentarem, ou cahindo exhaustos de forças.

No mar, formam um arraial immenso, fluctuante, elevando-se em montões, formados pelos es orços dos mais fortes para cavalgarem sobre os mais fracos.

Diz João de Barros, no livro terceiro da segunda Década, capitulo quarto, que com as trovoadas de Guiné, se criam tantos gafanhotos, que cobrem o céu, e abraçam a terra por onde passam; que no interior da Africa algumas vezes se veem nuvens de gafanhotos, que cobrem o espaço de quasi oito leguas de caminho.

Em algumas nações, em pousando os gafanhotos, os matam, e seccos ao sol, em grandes medões, os guardam para mantimento, e que n'aquelles desertos, não chovendo outro manjá áquella triste gente, tem por grande praga a falta d'esta praga.

Diz o mesmo João de Barros, que passando uns capitães, por umas povoações alem da cidade de Dabul, pelo rio acima, acharam muitas jarras cheias de gafanhotos em conserva, como vianda muito estimada dos mouros, que se leva como mercadoria do Estreito de Meca para fóra.

Na *Relação do novo caminho, que fez por terra e mar, vindo da India para Portugal*, diz o padre Manuel Godinho, descrevendo Baçorá, no capitulo XVI:

«Tem esta cidade muitas ruas cobertas por cima ao modo turquesco, nas quaes estão as tendas dos officiaes e lojas de mercadores.

Na sua praça foi a primeira vez que vi vender gafanhotos, e tambem vi que se levavam ás rebatinhas; cosem-nos em agua e sal, e não lhes botam fóra mais que as azas e os pés: quando navegam, levam-nos por mantimento, seccos em jarras.

Eu os comi, e achei serem muito bons para quem não tem outra cousa, como S. João Baptista não tinha no deserto.»

Diz Cuvier, que a especie *Gryllus migratorius* é originaria da Tartaria, e arriba, algumas vezes, em columnas innumeraveis, aos paizes orientaes da Europa, como Polonia, Hungria, e até mesmo á Alemanha.

SALZÊDAS—freguezia, Beira Alta, comarca de Armamar, concelho de Mondim da Beira, 40 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Orago, o SS. Nome de Jesus.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano*, porque em 1757 ainda não era freguezia, mas pertencia á chamada *Burgo de Salzêdas*, que tinha então 70 fogos.

O D. abbade do mosteiro de Salzêdas, apresentava o cura, que tinha 60\$000 réis e o pé d'altar.

É povoação antiquissima, e foi couto.

Tem um foral velho, sem data, que se acha na Torre do Tombo, na Gavêta 9.ª, maço 10, n.º 27, fl. 1, no principio.

Sabe se apenas que esta carta de foral, é do principio da monarchia, e lhê dá o nome de *Salzêda*, e é este o que se vê em todos os documentos antigos.

Em 1152, D. Affonso Henriques, fez doação do couto de *Argeriz* (que depois foi de Salzêdas) a Fernandus Cativus, *curiae dapifer* (mordomo-mór da casa real.)

Em 1155, fez o mesmo D. Affonso Henriques, doação de todos os direitos reaes de varias terras, ao mosteiro de Salzêdas.

Em 1164, D. Mendo, bispo de Lamego, por escriptura publica, fez renuncia dos direitos episcopaes do couto de Salzêdas, ao mosteiro d'esta freguezia.

Sendo já abbade de Salzêdas, D. João Nunes, em 1155, entregou D. Thereza Affonso, mulher de D. Egas Moniz, este mosteiro a frei João Cirita, e a todos os seus frades que alli quizessem viver, segundo a regra de S. Bento.

Frei João Cirita, morreu no mosteiro de S. Christovão de Alafões, e no seu tumulo está a seguinte inscripção:

JOANNES ABBAS CIRIT.
REXIT MONASTERIUM S. JOANNIS,
S. CHRISTOPHORI, SALZEDAE, S. PETRI.
CLARUS VITA, CLARUS MERITIS,
CLARUS MIRACULIS, CLARET IN COELIS.
OBIT X KAL. JANUARIJ
E MCCII. 1

Em 1203, Miguel Mendes, e sua mulher, Tóda Paes, para remedio de suas almas, deram ao mosteiro de Salzedas, uma *pitança* annual, em dia de S. Martinho, a saber — *LXX peisotas* (pescadas) *C* (100) *et panibus* (et *fiant tali mensura, idest, est faciant V* (5) *panes ex una taliga*): *una reste de allia*: *una alqueire de manteiga*: *C. (100) ova. Et post obitum nostrum filij nostri supradictum Censum persolvant Fratribus Salzedae. Et hoc relinquimus eis. unde illum Censum habent, idelicet, illum campum, etc.*

(Livro das doações do mosteiro de Salzedas.)

Do mesmo livro de doações consta que, em 1209, D. Elvira Égas (ou Viegas) doou a este mosteiro, quatro casaes em Breteande, para que, todos os annos—*Ex fructu ipsorum Casalium Diem meum Anniversarium faciat Prior Salzedae Refectorium Monachorum, et Conversorum sufficientissimè.*

Esta mesma D. Elvira, deixou outros casaes que tinha em Canellas do Douro, junto a Luzim, a este mosteiro, applicados só para os usos da cosinha; declarando, que estariam sempre na administração do *cellareiro*, sem que os abbades os podessem applicar para outra cousa.

Em 1227, Fernão Pires Ferreiro, e sua mulher, D. Agueda, deixaram ao mosteiro, a *pitança de 17 teigas de pam cosido, 20 peixotas, e dois mōdios de vinho.*

D. Châmoa (Chama, e tambem—em latim—*Flamula*) Gomes, deixou no seu testamento, feito em 1258, varias rendas a este mosteiro.

Eis uma verba do tal testamento—*Se quizer sêr Zaadoñā* (senhora, livre, fôrra, ingenua) *Christiana, que a baptizem, e lhe dem de vestir, e lhe fação bem.*

Referia-se esta clausula, a Elvira Vazques, uma menina moura, que fôra escrava de D. Châmoa, e que ella *forrava* no seu testamento que ainda em 1834 existia, no cartorio do mosteiro.

Menciono estas doações por serem das mais antigas e curiosas, pelos termos de que se servem os doadores; mas, depois d'isto, muitas e valiosas

doações foram feitas ao mosteiro; porém o que se não sabe é quem hoje cumpre os bens d'alma, por essas doações impostas aos frades, e que elles sempre cumpriram religiosamente...

Este mosteiro era o maior e o mais rico de monges portuguezes, depois do de Alcobaca.

Constava de quatro dormitorios, formando um quadrado, tendo no centro um jardim (talvez o melhor da provincia) com um bello chafariz, no meio de um vasto e formoso tanque.

Os claustros eram de abobada, tendo por cima um eirado descoberto, e por baixo, as sepulturas dos frades.

Havia outro claustro para o S., com varandas de madeira, destinado para os hospedes.

Tinha botica, celleiros, tulha, cosinhas e mais officinas, assim como vastas cavallariças.

Este edificio venerando, está desmantellado, excepto o dormitorio que fica por cima da sacristia da igreja, os claustros e varandas, e a casa do cellêiro, na qual vivem os herdeiros do comprador d'esta casa e cêrcas.

Do vasto e formoso jardim, já nem vestigios ha.

A igreja está menos mal reparada, por que é—já desde o tempo dos frades—matriz da freguezia.

E' um magestoso templo, como não ha muitos no reino, construido em fôrma de cruz, com trez altas e amplas naves.

Tem 14 altares, ou capellas, alem do altarmór, que é elegante e bem esclarecido, tendo capacidade para 60 lumes.

O retabulo do camarim, representando a Assumpção de Nossa Senhora, e attribuido a Paschoal, é uma obra prima de pintura.

Ainda existe na capella-mór, o coro dos frades, com duas ordens de cadeiras, de optimo pau sancto, e excellentemente lavradas.

Andava em construcção o frontespicio da igreja, quando Junot invadiu Portugal, em

1807; pelo que as obras pararam, e nunca mais, até hoje, se concluiu.

As cercas do mosteiro que foram vendidas depois de 1834, são duas, e muito ferreiras, por serem regadas por um ribeiro, o qual também faz mover as rodas de alguns moinhos, e um lagar de azeite.

No territorio da freguezia, viviam os senhores; mas no couto (que era o mosteiro, jardim e cercas) só viviam os monges e os seus creados e operarios.

Os monges viviam do seu trabalho, cavando, lavrando, semeando e fazendo todos os mais serviços agricolas, como consta das suas chronicas.

Fóra d'estes trabalhos, entregavam-se ao retiro do mundo, á oração e penitencia, e nunca comiam carne.

O D. abbade do mosteiro, apresentava o parochio d'esta freguezia, e os de Ucanha, Villa Chan de Cangueiros, Simbres, e Granja Nova, tendo em todas estas freguezias jurisdição ordinaria.

Antes de ser elevada a matriz a igreja do mosteiro, a igreja parochial era uma capella, dedicada ao Santissimo Nome de Jesus, e tinha um só altar.

As aldeias d'esta freguezia são:

Meixêdo, Cortegado, Murganheira, Burgo (o mosteiro) e Villa Pouca.

Ha n'esta freguezia, as capellas, do *Salvador*, *Santa Barbara*, *São Martinho*, *Santa Luzia*, *Santo André*, *Santo Antonio*, e *Espírito Santo*.

Esta freguezia é muito abundante em trigo, milho, painço, centeio, azeite, vinho e castanhas.

Cria muito gado, e nos seus montes ha boa quantidade de lebres, coelhos, e perdizes.

O rio *Tôrno*, banha esta freguezia, correndo de E. a O.

Foi D. Fernando, D. abbade do mosteiro de Salzedas, que, em 1427, construiu, á custa da ordem, a ponte de cantaria sobre o Varosa, e a torre á entrada da villa de Ucanha.

Alem de D. Vasco Coutinho, conde de Marialva, e *mariscal do reino*, e de sua viuva, D. Maria de Souza, aqui foi sepultado, D. João Coutinho Gomes, também conde de Marialva, valente batalhador, que foi feito em postas, pelos mouros, na tomada de Arzilla, na Africa, em 1460.

N'esta infeliz guerra, o rei (D. Affonso V) perde a flor do exercito portuguez.

O mosteiro de Salzedas, é quasi contiguo ao de S. João de Tarouca, da mesma ordem, e eram filiaes do de Claraval.

E' natural d'esta freguezia, o sr. Silvestre d'Aguiar Bizarro, distincto professor de musica, residente no Porto, onde rege a 1.^a musica de capella, d'esta cidade.

E' um perfeito homem de bem, e cavalleiro geralmente bemquisto, pelas suas apreciaveis qualidades.

Tudo o mais que se não achar n'este artigo, com respeito a Salzedas, deve procurar-se no artigo *Burgo e Salzedas*, vol. 1.^o, pag. 506. col. 1.^a

SAMAIÕES e OUTEIRO JUSÃO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 90 kilometros ao N.E. de Braga, 455 ao N. de Lisboa.

Tem 140 fogos.

Em 1757, tinha 96 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Expectação.

Arcebisado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O vigario, collado, do Salvador, de Villa de Nantes, apresentava o vigario, *ad nutum* que tinha 70\$000 réis e o pé d'altar.

Vide *Outeiro Jusão*.

SAMÃO e GONDIAES—freguezia, Minho. Vide *Gondiaes e Samão*.

SAMARITANA—vide *Beato e Xabregas*.

SAMBADE—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Monção, concelho d'Alfandega da Fé (foi do mesmo concelho, mas da extincta comarca de Chacim) 120 kilometros ao N. E. de Braga, 440 ao N. de Lisboa.

Tem 280 fogos.

Em 1757, tinha 313 fogos. ¹

¹ Sambade tem actualmente 205 fogos, Co-

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 110\$000 réis e o pé d'altar.

Vide *Salamonde*.

A esta freguezia estão annexas as de *Co-véllas* e *Villa Nova*.

Foi abbade d'esta freguezia, *Manuel de Souza Moreira*, academico de numero, da academia real de historia.

Era natural do Mogadouro, e falleceu aqui em Sambade, em 1722.

Escreveu o—*Theatro historico, genealogico y panegyrico: erigido a la immortalidad de lu Excellentissima casa de Sousa. Dedicale al Ex.^{mo} Sr. Carlos José de Ligne, marquez de Arronches, Senescal de Hognaut, principe del S. R. S. del consejo de Su Magestad. Paris, en la enprenta real, por Juan Anisson. 1694, fol. maximo.*

Como se vê, é livro escripto em castelhano, e nitidamente impresso, com um bellissimo ante-rosto gravado, e muitas estampas e vinhetas, bem gravadas, e adornando todo o livro.

Está esta freguezia vistosamente situada na vertente austral da bem conhecida serra do Monte-Mel ou serra de Bornes, distante de Mirandella, 18 kilometros.

É terra fria, porem mui saudavel e fertilissima: produz abundantemente bom vinho, saborosa batata e castanha, trigo, centeio, milho, feijão e toda a casta de hortalica, fructas saborosissimas, optima carne de porco, seda, lã, gado de toda a especie, e muitas outras produções, em que não é tão farta, mas sufficientes para os proprios habitantes.

Sambade, era outr'ora bastante notavel pelas fabricas de lan que sustentava, cujo producto tinha, pelas differentes terras, tal estimação e importancia, que chegou a acarretar para Sambade copiosas sommas de di-

nheiro, e de que proveio a riqueza de muitas familias, cujas casas, ainda que quasi desmornadas, hoje recordam a sua opulencia passada.

Depois, desde os fins do seculo VIII, Sambade começou a sentir, com pezar, a sua decadencia; ainda que hoje é a principal povoação do concelho d'Alfandega da Fé e que bem se pôde dizer que a dita villa é sustentada com os productos d'aquella freguezia, e lhe fornece a feira que alli se faz aos 17 de cada mez, com batata, castanha, centeio, porcos, etc.

Ainda que o solo de Sambade, é improprio para azeite, com tudo, muitas familias o colhem, não só para seu gasto mas para negocio; porque possuem na Villariça grandes casaes ou quintas, com ricos olivaeis.

Nos tempos em que Sambade se mostrava soberba com a sua sufficiente riqueza, fazia divulgar tambem a sua subida instrução pelos seus contornos; pois que ainda hoje os seus moradores mais antigos recordam com dôr as pessoas respeitaveis de todos os estados; mas o que mais avultava ainda era o clero, que, segundo se diz, o numero de padres (de missa) era de 18, afora menoristas, todos naturaes d'alli; e o que lhes facilitava a sciencia ou ordenação, eram dous ou trez padres que alli havia, que ensinavam latim, logica, e moral, cujas aulas eram numerosamente frequentadas, não só pelos estudantes de Sambade, mas de muitas freguezias, e até algumas muito distantes.

Hoje porém decaiu em tudo: antigamente havia alli um reitor ou abbade e dous curas, alem de todos os outros padres acima mencionados, hoje existe sómente um abbade. Antigamente havia, alem das aulas acima ditas, mais duas de instrução primaria, hoje ha uma que, apesar de ser regia, desgraçadamente é frequentada por dez a quinze alumnos.

Foi Sambade tambem uma das povoações que, em 1834, supportou as iras e crueldades do partido liberal, chegando no dia 15 de maio do dito anno, algumas pessoas nobres da freguezia a serem victimas do seu cobiçoso furor, depois de lhe serem rouba-

véllas, annexa, 35, e *Villa Nova*, 40; total 280.

Não sei a causa porque Sambade diminuiu desde 1757, nada menos de 108 fogos.

Talvez fosse engano do *Portugal Sacro e Profano*, e não tivesse, quando elle se publicou, tão grande numero de fogos.

das as suas joias e mais objectos de valor.

Ha em Sambade uma grandiosa casa da residencia, onde está o abbade, á qual se junta um rico pomar; porém, hoje está quasi arruinada.

Proximo da residencia acha-se a magnifica egreja, cujo exterior, tanto em extensão como em obra de arte, se pôde sem receio comparar a qualquer das nossas cidades; esta obra é admirada pelos viajantes que a vêem.

O granito dos seus cunhaes e cornijas é primorosamente lavrado; apresenta uma elegante torre com trez grandes sinos, assim como uma bôa sacristia, a qual tem sido admirada pelos seus visitantes. Tem cinco ricos altares, nos quaes se acham grandes imagens.

A egreja que agora existe, não é a primitiva, pois que esta era muito mais pequena. O que admira é, como em tempos tão modernos se alli fez tal obra; pois que, segundo a era que se acha na porta lateral da sacristia, esta egreja ainda foi acabada em 1798.

É tradição assente aqui, que—quando a fazer-se as escavações para os alicerces da nova egreja, se encontrára no logar em que existia a velha, um corpo de mulher (diz-se que era d'uma moça, que tinha sido sepultada havia já muitos annos, e a qual fora morta por um seu irmão), e depois de vestida novamente com outros vestidos, foi mettida n'um caixão de pau, forrado de seda, e mettido em um outro de latão, e este ainda dentro d'um de granito, e o depositaram depois n'um tumulo, que para isso foi destinado, ao lado direito da capella-mór da nova egreja.

Depois (porque hoje já alli não existe nada, senão o caixão e uma lapide lavrada em cima, mas sem inscripção alguma) esta santa (nome que lhe deram logo) foi roubada (o que se não sabe é para onde).

Não sabemos com certeza se isto aconteceria; o que se sabe é, que ainda ha pouco tempo, o povo mettia rosarios ou outra qualquer cousa n'um fenda que existe no tumulo, e tirando-os, a fé lhes dizia que ficavam bentos.

Diz-se tambem haver reliquias da dita santa.

Ha em Sambade, além da egreja parochial, mais trez capellas: a primeira é dedicada a Nossa Senhora do Rosario, com um rico altar dourado, porém de muita antiguidade.

A segunda, dedicada a Santo Antonio, é a que hoje se acha mais velha.

E a terceira, dedicada a S. Sebastião, é ainda moderna, foi reedificada nos annos de 1867—1868—1869, sobre as ruinas d'uma outra antiquissima capella dedicada ao mesmo santo.

Alem d'isso, ha em cada uma das annexas uma capella: em Villa Nova ha uma dedicada a S. Roque, tambem muito antiga; e em Covellas, ha uma grande capella, com a dedicação de Nossa Senhora das Neves; esta é ainda moderna, mas já não é a primitiva.

Ha n'esta capella um tronco d'uma arvore (mas já mui pequeno), que, segundo a tradição, — existia já, quando se começaram os alicerces para a primitiva capella; e que o motivo de se alli levantar a mesma foi, porque appareceu Nossa Senhora sobre o tronco da mesma arvore, entre um circulo de neve, cujo espaço era o que devia occupar a capella que a mesma Senhora queria que alli se lhe edificasse.

O que é certo, é que ainda hoje os fieis que visitam a dita capella, levam uma porçãozinha de pau do dito tronco para suas casas, como reliquia.

Sabe-se tambem que depois que se levantou a capella á Senhora, no logar marcado, ella começou a fazer muitos milagres; e tempo depois, o producto d'essas esmolas deu para se lhe augmentar mais a capella, que é a que agora existe.

A actual imagem da Senhora, é uma das mais perfeitas de Portugal, que tem sido admirada por diferentes esculptores e pintores.

É esta imagem, nas occasiões d'alguma calamidade, o alvo das supplicas e promessas de todos aquelles povos.

E quando a faltá d'agua se faz sentir, trata-se de levar-a em procissão para a egreja da freguezia, para alli lhe pedir soccorros por meio de novena; então é que aqui os

sambadenses ansiosamente visitam com respeito e veneração a santa imagem.

A Senhora conserva-se depois aqui, até ao dia da sua festa (5 d'agosto), dia em que os sambadenses, auxiliados também pelas freguezias circumvisinhas, fazem á sua protectora, uma esplendida festa, pelo beneficio recebido (pois que acabada a novena, estes povos são quasi sempre attendidos).

No dia da festa, conduzem, á sua verdadeira casa, a imagem da Senhora, em uma pomposa procissão, com lindos andores, não só da mesma freguezia de Sambade, mas das freguezias visinhas; e apezar da distancia e aspereza do caminho, todos os fieis acompanham alegres aquella procissão.

Era Sambade reitoria, mas ha annos foi elevada a abbadia, por determinação do sr. arcebispo de Braga, D. José (actual) na pessoa do reverendo José Manuel Cordeiro, que ha vinte annos exerce aqui este santo lugar, tornando-se digno de estima dos seus parochianos.

É natural da Alfandega da Fé, e pertence á familia dos Cordeiros.

A capella de S. Sebastião, foi reedificada a expensas de alguns devotos da freguezia, e aos esforços do reverendo paroco.

SAMBARCO—portuguez antigo—chinéllo, sapato velho.

SAMBENITO—habito de penitencia que os inquisidores obrigavam a vestir aos penitentes convencidos de heresia.

É corrupção de *sacco bento* (ou *benito*.)

Os castelhanos lhe chamavam também *Zamorra*.

Já desde o tempo dos hebreus se chamava *sacco* ao vestido de penitencia, e era vulgar dizer-se—*andar vestido de sacco*.

Até ao seculo xiii, o vestido de sacco era benzido, e por isso se lhe chamava *benito*.

Consistia o sam-benito, em uma tunica semelhante a uma abbatina; mas de cor amarella, com figuras de diabos, pintados de negro.

SAM-CERIZ (ou *São Cyriaco*)—villa e freguezia extincta, Traz-os-Montes, no concelho, comarca, districto administrativo, bispado e proximo a Bragança, a cuja fregue-

zia hoje pertence, 40 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Em 1757, tinha 25 fogos.

Orago, S. Cyriaco.

A mitra apresentava o cura, que tinha 65000 réis de congrua e o pé d'altar.

Tambem se escrevia *Sanseriz*, e é o nome que lhe dão os foraes.

É povoação antiquissima.

O rei D. Diniz lhe deu foral, em Lisboa, a 24 de junho de 1285.

(L.^o 1.^o dos foraes do rei D. Diniz, fl. 140, col. 2.^a)

O rei D. Manuel, lhe deu foral novo, sem data.

(*Livro de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 73, col. 2.^a)

Este foral remette-se ao foral de Miranda, que foi dado em Santarem, no 1.^o de junho de 1510.

Foi cabeça do concelho, com casa da camara, vereadores, juiz, escrivão e mais officiaes de justiça.

Ainda não ha muitos annos, que na casa da camara d'esta antiga villa, existia um freio com o qual se castigavam as *mulheres bravas, maldizentes ou mexeriqueiras*.

Tinha *lingua* para a bocca, argola para o queixo de baixo, *cambas*, para pôr sobre o nariz; tudo de ferro.

Tinha também cabeçada, com *sobre-testa* (testeira) para prender o freio á cabeça, com uma fivella que fechava para traz; e *re-deas*.

O mesmo instrumento havia nas camaras de Murça, Mós, e outras de Traz-os-Montes, e para o mesmo fim.

Os taes freios desapareceram de todo em 1834.

SAMEICE ou **ÇAMEIÇA**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Cêa (foi da comarca de Gouveia, concelho, extincto, do Ervedal) 60 kilometros a E.N.E. de Coimbra, 275 ao E. de Lisboa.

Tem 220 fogos.

Em 1757, tinha 122 fogos.

Orago, São Martinho, bispo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O rei, pelo trihumal da mesa da consciên-

cia, apresentava^o prior, que tinha 350\$000 réis de rendimento.

Clima excessivo, mas terra fértil.

Muito gado, de toda a qualidade, e caça grossa e miuda.

O nome d'esta freguezia, é corrupção do árabe *Xameiça*, que significa, *logar descoberto e exposto ao sol*.

SAMEIRO — freguezia, Beira Baixa, comarca de Gouveia, concelho de Manteigas (foi do mesmo concelho, mas da comarca da Guarda) 30 kilometros da Guarda, 305 ao E. de Lisboa.

Tem 220 fogos.

Em 1757, tinha 41 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O commendador da Covilhan (da ordem de Malta) apresentava o cura, que tinha 50\$000 réis, e o pé d'altar.

Terra abundante de castanhas e batatas, do mais, pouco.

Gado e muita caça.

Clima excessivo.

SAMEIRO—monte, Beira Baixa, na freguezia antecedente, e á qual dá o nome.

É um ramo da Serra da Estrella.

SAMEIRO—monte, Minho, na freguezia de Espinho, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado e 3 kilometros ao N.E. de Braga, e 2 ao S. do Bom Jesus do Monte.

É frágoso e ingreme, mas revestido de permanente verdura.

Do seu cume se descobrem sete *Sanctuários*, todos dedicados á Santissima Virgem —as cidades de *Braga*, *Vianna* e *Guimarães*, e as villas de *Barcellos* e *Espozende*, *Santo Thyrsó*, *Villa do Conde*—o *Alto do Morangueiro*, na serra do Geréz—a *egreja da Lapa*, do Porto—grande numero de freguezias —e uma vasta extensão do *Oceano Atlantico*.

A' custa dos fieis, se construiu aqui um monumento, dedicado á *Purissima Conceição da Santissima Virgem*, lançando-se-lhe a 1.^a pedra, a 14 de junho de 1863, dia anniversario d'aquelle em que, no anno de 1637, se jurou em Braga, em synodo, cele-

brado pelo arcebispo, D. Sebastião de Matos e Noronha¹ a crença da Immaculada Conceição de Maria Santissima.

A imagem, de marmore, da Senhora, collocada no monumento, chegou a Braga a 6 de agosto de 1869, foi benzida solemnemente, pelo arcebispo, D. José Joaquim d'Azevedo e Moura (já fallecido) a 29 do mesmo mez, depois de estar collocada no seu logar, desde o dia 12.

A imagem, fóra o globo e a base, tem 3^m,10 d'altura.

Foi feita por Emygdio Carlos Amattuci, do Porto (já fallecido) o qual, tendo ajustado a sua esculptura em 1864, só a deu concluida em julho de 1869.

Ainda á custa dos fieis, anda em construção uma formosissima egreja, tambem dedicada a Nossa Senhora da Conceição.

Principiaram as obras, em 31 de agosto de 1863, mas teem sido morosas, por falta de meios.

As paredes já teem 3^m,50 de alto, mas, segundo o risco, a sua altura será de 14 metros, por 5^m,55 de largo, e 8 de fundo.

Representa uma cruz romana, e commemora o concilio ecumenico do Vaticano.

A formosissima imagem de Nossa Senhora da Conceição, que hade hir para esta capella, chegou a Braga no dia 7 de agosto de 1878.

Em quanto não vae para o seu destino, está exposta no templo de Nossa Senhora do Populo, que foi de religiosos agostinhos calçados (gracianos) no Campo da Vinha.

A imagem foi esculpida em Roma (de proposito para esta capella) por Eugenio Maccagnani.

De Sameiro vae uma optima estrada para o famosissimo Sanctuario do Bom Jesus do Monte, a qual é um formosissimo passeio.

A commissão encarregada de promover os donativos para estas obras, é composta de cavalheiros da maior probidade, e que tem empregado toda a sua sollicitude para que ellas se concluem.

Na exploração dos terrenos d'este monte,

¹ Vide 1.^o vol., pag. 445, col. 1.^a, o ultimo periodo.

se descobriram magnificas nascentes de optima agua potavel, que, além de darem muito mais valor ao sitio, podem abastecer Braga, com muito pouca despeza.

Além da freguezia de *Sameiro*, e dos montes do mesmo nome, ha ainda em Portugal a aldeia de *Sameiro*, na freguezia de Canêdo, concelho da Feira, e outros logares tambem assim chamados.

Por mais que procurei, não acho a significação d'esta palavra.

Talvez seja corrupção de *Sameice*, que significa logar descoberto, exposto ao sol, circumstancia que effectivamente se dá em todos os sitios designados com o nome de *Sameiro*.

Tambem tenho notado que ha algumas freguezias e varias aldeias com o nome de *Bornes*.

Todos sabem que *borne*, é a parte do tronco da arvore, que está entre a casca e o *cérne*. Ora, *borne* e *samo*, são synonymos.

Nas provincias do norte, para designarem um objecto no singular, juntam ao positivo a terminação *eiro* ou *eira* — vgr. — cabêllo, *cabelleiro*—grão, *graeiro*—um grão de centeio, *centieiro*—um grão de milho, *milheiro*—palha, *palheiro*—etc.

Quem sabe se de *samo* fizeram *Sameiro*?

Todavia, parece-me mais plausivel que *Sameiro* seja corrupção de *Sameice*.

SAMÉL—aldeia, Douro, na freguezia de Mamarroza, concelho de Oliveira do Bairro, comarca da Anadia.

Na antiga estrada real, de Coimbra para Aveiro, entre esta aldeia e a da Mamarroza, situadas ambas em um delicioso valle, está o templo de *Nossa Senhora dos Banhos*, objecto de muita devoção dos povos da Bairrada, que lhe fazem muitas romarias.

A igreja é muito linda.

Tem capella-mór, fechada por grades de ferro.

Em volta do templo ha uns alpendres, onde se compõem as procissões, que d'alli fazem a sua entrada.

Antigamente vinham aqui muitos cirios.

É igreja bastante antiga, mas não se sabe quando nem por quem foi construida.

O nome de *Senhora dos Banhos*, provem-lhe de que, mesmo debaixo do altar-mór, nasce uma fonte de agua á qual se attribuem grandes virtudes therapeuticas.

Corre por um aqueducto, para um tanque que está dentro de uma casa, fóra da igreja, e alli vão tomar banhos muitas pessoas, na esperança de acharem cura, ou allivio aos seus padecimentos.

Nunca (que me conste) foram estas aguas analysadas scientificamente; mas supponho que são sulphuricas, visto haver por estes sitios, minas de carvão fossil, contendo bastante quantidade de enxofre.

SÂMIL — freguezia, Traz-os Montes, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e proximo a Bragança, 480 kilometros ao N. de Lisboa.

Tem 85 fogos.

Em 1757, tinha 65 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

O prior de Santa Maria de Bragança, apresentava o cura, que tinha 8\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Terra pouco fertil.

Gado e caça.

SAMODÃES ou **SAMUDÃES**—freguezia, Beira Alta, concelho, comarca, bispado e 10 kilometros ao N. de Lamego, 350 ao N. de Lisboa.

Tem 170 fogos.

Em 1757, tinha 105 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Districto administrativo de Viseu.

O D. abbade cisteriense (bernardo) do mosteiro de S. João de Tarouca, apresentava o abbade, que tinha 600\$000 réis de rendimento annual.

Fica esta freguezia sobre a margem esquerda do Douro, e é situada em uma aprazivel elevação.

É terra fertil em todos os generos agricolas do paiz, e cria muito gado, de toda a qualidade.

Nos seus montes ha bastante caça miuda, e o Douro a fornece de optimo peixe, principalmente de excellentes lampreias e saborosos saveis.

No tempo do exclusivo da companhia geral de agricultura das vinhas do Alto Dou-

ro, era esta freguezia comprehendida na demarcação dos *vinhos de feitoria*, sujeitos á inspecção da mesma companhia.

O rei D. Manuel, lhe deu foral, em Lisboa, a 26 de julho de 1514.

(*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 97, col. 1.^a)

Era reguengo, e sempre pertenceu ao termo e jurisdicção de Lamego.

É povoação muito antiga, e foi das que D. Thedon e D. Rousendo resgataram do poder dos mouros, no seculo xi. Chamava-se então *Camudaens*, ou *Zamudães*.

O documento mais antigo que encontrei d'esta freguezia, é uma carta de doação que D. Affonso Henriques fez, em 1133, a Mendo Viegas, da povoação de *Camudaens*, com todos os seus logares e termos, assim como *partia com Pena-Judéa* (hoje Penajoia) *Avões, Paço*, e outras terras.

Era do padroado real, em 1258. Contava então 25 casaes, que davam ao rei, no 1.º de maio, oito varas de bragal e outros foros.

Ha n'esta freguezia as capellas de *Nossa Senhora da Graça* — *S. Sebastião* — uma em *Angorez* — outra no meio das vinhas — outra de Antonio de Azevedo (hoje do sr. conde de Samodães) outra de Simão Pereira — outra de Joaquim Cardoso — e, finalmente, outra de Manuel Teixeira — ao todo oito capellas.

É na freguezia de Samodães, a grande e bellissima *quinta do Mourão*, 3 kilometros ao O. da Régua, e sobre a margem esquerda do Douro, na extremidade oriental da freguezia, ficando-lhe Cambres a E., e Penajoia ao O.

Prodiz optimo vinho de embarque, muita fructa de boa qualidade, excellente laranja, e abundancia de cereaes, legumes e hortaliças.

Tem um vasto jardim, cercado por uma grade de ferro, e o palacio d'esta quinta é de grande magnificencia: d'elle e do jardim se gozam lindas vistas.

É seu actual possuidor, o sr. Bernardo Pereira Leitão, fidalgo da casa real, e residente na cidade do Porto.

Ainda existe n'esta freguezia, a casa onde nasceu o 1.º conde de Samodães.

Foi fundada em 1679, e era vinculada, desde 1639, sendo instituidor d'este morgado, o licenciado, padre Miguel de Carvalho, que o fez em favor de Belchior Botelho, da villa de Mondim, com a obrigação de casar com D. Brites de Carvalho, irman do instituidor.

Em 1695, falleceu na cidade de Viseu, sua neta, D. Maria de Magalhães, e o vinculo de Mondim passou para a casa de Farelães (hoje conde de Cavalheiros. — Vide Rio-Mau, do concelho de Villa do Conde.)

O vinculo de Samodães, passou para Manuel Teixeira de Carvalho, primo de D. Maria de Magalhães, por ser filho de André Teixeira de Carvalho, irmão de D. Brites de Carvalho, de quem já fallei.

Este Manuel Teixeira de Carvalho, foi bisavô do 1.º conde de Samodães.

Francisco de Paula de Azeredo Teixeira de Carvalho, foi feito visconde de Samodães, em 20 de maio de 1835.

Foi feito conde do mesmo titulo, em 23 de julho de 1842.

Seu filho, o sr. Francisco de Azeredo Teixeira d'Aguilar, foi feito visconde de Samodães, em 28 de fevereiro de 1840 — e conde do mesmo titulo, no 1.º de março de 1849.

Para o mais que se desejar saber d'esta esclarecida familia, veja-se *Gojim* ou *Gogim*, no 3.º vol., pag 284, col. 2.^a

SAMÕES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho de Villa-Flor, 135 kilometros ao N. E. de Braga, 390 ao N. de Lisboa.

Tem 120 fogos.

Orago, S. Braz.

Arcebisado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano*.

Entre esta freguezia e a de Cadoso, no sitio dos Barreiros, houve, durante a guerra da restauração, uma grande batalha entre portuguezes e castelhanos, sendo estes derrotados.

Em memoria d'esta batalha, se ficou chamando a uma fonte que alli ha, a *fonte de Mil-Almas*, que tantos foram os inimigos que alli ficaram mortos.

SAMÕES—antiga freguezia, Traz-os-Montes, ha muitos annos supprimida, e annexa á da villa de Chaves, que fica proxima.

Tinha por padroeira, Nossa Senhora do Ó.

Ha n'esta aldeia, uma boa quinta, pertencente aos herdeiros de João Baptista de Carvalho.

N'esta quinta fundou Balthazar de Carvalho, em 1670, uma bonita capella, dedicada a *Nossa Senhora das Necessidades*, para cabeça de um vinculo, que n'esse mesmo anno instituiu.

A imagem da padroeira, posto ser de barro, é de boa escultura, e tem um metro de alto.

A sua festa, é a 2 de julho, dia da Visitação de Nossa Senhora; é feita á custa dos mórdomos, e das esmolos e offertas que se fazem á Senhora.

SAMORA CORREIA ¹—villa e freguezia, Extremadura (mas ao S. do Tejo), comarca, concelho e 17 kilometros de Benavente, 45 kilometros ao E. S. E. de Lisboa.

Tem 500 fogos.

Em 1757, tinha 280.

Orago, Nossa Senhora da Oliveira.

É no patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarém.

O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada, e 205000 réis em dinheiro de renda por anno.

Está esta freguezia bellamente situada em uma vasta planicie, sobre a margem esquerda do Tejo.

É fertilissima em todos os generos agricolas do paiz e cria muito gado—e tambem touros bravos, para as corridas—tem matas, que produzem muita lenha, e criam muita caça.

É abundante de peixe do Tejo, e cria muitos porcos, que exporta.

O rei D. Manuel, lhe deu foral, em Santarém, a 13 de abril de 1510. (*L. de foraes novos do Alemtejo*, fl. 79, col 2.º)

Foi collegiada (priorado) com dous bene-

ficiados, da ordem de S. Thiago, de Palmella, da qual era commenda.

Tem Misericordia e hospital, e teve até 1834, uma companhia de ordenanças, com os respectivos officiaes.

Junto ao porto onde fundeiam os barcos, está a capella de *Nossa Senhora de Guadalupe*, que fica a 3 kilometros de distancia da villa, e jundo a uma grande quinta que foi dos condes de Sarzedas.

É templo antigo, mas não se sabe o anno em que foi construido; porém devia ser no 3.º quartel do seculo xvi.

Em 1632, estando muito arruinado, se reconstruiu, e pelos annos de 1700 se lhe fez uma rica tribuna, de talha dourada.

Teem os povos do Riba-Tejo, muita devoção com esta Senhora, e lhe fazem varias romarias. Antigamente eram estas concorridissimas dos habitantes das duas margens do Tejo que lhe ficavam em redor, e até por muitas familias de Lisboa.

É povoação muito antiga, e foi dos duques d'Aveiro, que tinham por estas terras, e em Setubal, Palmella, Azeitão, e até ás praias do mar, muitas quintas, herdades e fóros, que tudo perderam, com a vida, em 1759, como em varias partes d'esta obra tenho referido.

Dom Jorge de Alemcastre, 2.º duque de Aveiro, casou com D. Magdalena Giron (filha dos duques de Ossuna, condes de Du-reña) pelos annos de 1560. Vivia esta familia muito descontente, por não ter filhos, e prometeu a Nossa Senhora de Guadalupe, de lhe mandar construir uma capella, se tivesse geração. Como lhe nasceu uma filha, cumpriu o voto.

Foi esta filha, D. Juliana, que herdou a casa de seus paes, e casou com D. Alvaro de Alemcastre, seu primo, filho de D. Affonso de Alemcastre, irmão do 2.º duque, e foram, esta senhora e seu marido, os 3.º duques d'Aveiro.

D'este matrimonio, nasceu D. Jorge de Alemcastre, que foi o 1.º duque de Torres-Novas, feito por D. Philippe III, e não che-

¹ Antigamente escrevia-se *Çamora*, e é assim que está no foral.

gou a ser duque d'Aveiro, por morrer antes de seu pae.

D. Jorge, casou duas vezes — da primeira mulher, que morreu pouco depois de casada, não teve filhos; — casou segunda vez, com D. Anna Maria Manrique de Lára, filha do duque de Maquêda (Hespanha), D. Nicolau de Cardenas Manrique de Lára.

D'este casamento nasceram — D. Raymundo, que deixou o reino, como moço imprudente, e perdeu a sua casa; — D. João, duque de Maquêda, que morreu solteiro, — e D. Maria de Guadalupe, que foi para Castella, e lá casou com o duque dos Arcos.

A dita duquesa d'Aveiro, D. Magdalena Giron, mandou construir a formosa capella da Senhora de Guadalupe, em terreno do seu ducado, e junto a um excellente palacio que alli tinha; mas que em 1700 já estava em ruínas.

O templo é bastante grande, com capellamór e seu altar, e no corpo da egreja ha dois altares lateraes. Tem um bonito alpendre, com um grande átrio, e ao pé, as casas para residencia do eremitão, que foi apresentado pelos duques até 1759, e desde então pelo parochio da freguezia.

Tudo estava construido com magnificencia, e a duquesa e seus successores, dotaram a capella com ricos paramentos e alfaías.

Os temporaes do inverno de 1876 para 1877, causaram muitos prejuizos n'este concelho. — Na *Varzea de Samóra Correia*, subiram as aguas a grande altura, e cobriram a grande estrada que a atravessa.

No viaducto, as *bermas* (sapatas) e taludes do atterro, do lado de juzante, foram levados pela cheia; e nos aterros junto das obras d'arte, houve grandes rasgões, interrompendo-se a viação.

A villa ficou incommunicavel com a capital do concelho. Esta inundação causou grande miseria nos habitantes pobres da freguezia.

SAMORINHA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncôrvo, concelho de Carrazêda de Anciães, 140 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Em 1757, tinha 23 fogos.

Orago, a Santa Cruz.

Arcebisado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor d'Anceães, apresentava o vigario, que tinha 40\$000 réis e o pé d'altar.

É terra pouco fertil. Cria bastante gado, de toda a qualidade, e é abundante de caça, grossa e miuda.

SAMOUÇO — freguezia, Extremadura (mas ao S. do Tejo), comarca d'Aldeia Gallega do Riba Tejo, concelho de Alcochête, 18 kilometros ao S.E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757, tinha 80 fogos.

Orago, S. Braz.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o capellão, curado, que tinha de rendimento, 210 alqueires de trigo, 90 de cevada e 12\$000 réis em dinheiro.

Esta freguezia foi desmembrada da de Alcochête, para formar parochia independente, no seculo xvi.

Foi, como Alcochête, commenda da ordem de S. Thiago de Palmella, de *pleno jure*.

É terra fertilissima em todos os generos agricolas do nosso paiz, principalmente em cereaes: cria muito gado, e é abundante de peixe do Tejo (em cuja margem esquerda está situada) e do mar.

Ha n'esta freguezia uma boa propriedade, dos condes de S. Vicente, chamada *Quinta Rôta*, onde esta nobilissima familia costuma vir passar a estação calmosa.

Tem uma linda capella, dedicada á Santissima Virgem, e que os seus proprietarios conservam com todo o acceio.

A *Quinta Rôta*, foi feita em 1693, pelo cardeal-regedor, Dom João Nuno da Cunha.

Foi vinculada em 1780.

Andou muitos annos fóra d'esta familia, mas foi reivindicada em 1870.

Na *Ribeira de Samouço*, ha varias marinhas, quasi todas pertencentes ao hospital real de S. José, de Lisboa.

Em 18 de julho de 1877, todas estas marinhas foram *desamortisadas*, e postas em praça publica, pelo rendimento de cinco an-

nos!—isto é—pela quarta parte do seu valor.

Felizmente subiram muito, porque, sendo o valor da lista, a quantia de 2:417\$000 réis, foram vendidas por 9:384\$550 réis.

A maior parte d'estas marinhas, estão em terreno da freguezia de São João Baptista, d'Alcochête.

SAMPRIZ ou SÃO PRIZ ou SÃO PRISCO—freguezia, Minho, comarca dos Arcos de Val de Vez, concelho de Ponte da Barca.

Esta freguezia já fica descripta na palavra Priz, 7.º volume, pag. 675, ultima linha da 1.ª columna. Aqui accrescento mais.

Foi do real padroado, passando depois para os cruzios de Villa Nova da Muhia, e, por fim, para os senhores de Barca.

O *castello da Nóbrega*, d'esta freguezia, era a cabeça do julgado (quando Sampriz era villa) e n'elle se faziam as audiencias, e as sessões da camara. Depois, a séde do concelho se mudou para a villa da Barca.

É povoação antiquíssima, e até alguns pretendem que foi fundada por Brigo, 4.º rei de Hespanha, que lhe deu o nome de *Nóbri-ga*, ou *Anobriga*. (Vide *Nóbrega*, no 6.º vol., pag. 102, col. 1.ª)

Um viajante (*touriste*) vendo as ruinas d'este vetusto castello, lhe mandou gravar em uma das suas pedras, estas quadras:

Nunca ninguem me venceu,
Nem creio que me fez guerra,
Senão um raio do ceu,
Que atirou comigo a terra.

Deram-me a um certo homem
Com boas rendas no fim;
Mas, os senhores que as comem
Nada se lembram de mim.

Ha n'esta freguezia a irmandade da Santissima Trindade, erecta ha poucos annos.

O actual arcebispo primaz (o sr. Dom José) por despacho de 26 d'abril de 1864, autorisa a entrar para esta irmandade, todas as pessoas do arcebispado que o exigirem; podendo os parochos das freguezias dos pretendentes, tomar-lhes os nomes, e requisitarem dos mesarios, em Sampriz, as cartas-patentes respectivas.

SAMUEL—freguezia (foi villa), Douro, na comarca, concelho e 6 kilometros ao S. de Soure (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho da Abrunheira), 30 kilometros ao S. de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa, 525 fogos.

Em 1757, tinha 504 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Purificação (Candeias).

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O D. abbade cisterciense do mosteiro de Ceíça, apresentava o vigario, *ad nutum*, que tinha 140\$000 réis e o pé d'altar.

Tem annexa, *Urmар*, e por isso se diz vulgarmente—*Samuel e Urmар*.

Urmар tambem foi villa, e teve, em tempos antigos, um castello, que depois se converteu em hospicio do mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra.

Eram estas duas freguezias (Samuel e Urmар) da casa dos duques d'Aveiro, que lhe deram foral em 1714. D'ahi a 45 annos, pela extincção do ducado d'Aveiro, passaram para a corôa.

É terra muito fertil. Peixe do Mondego e caça.

Para evitarmos repetições, vide *Verride*.

SANCHE—freguezia, Douro, comarca e concelho d'Amarante. Esta freguezia já fica descripta na palavra *Isidoro* (Santo).

SANCHES—appellido nobre em Portugal, e patronimico de Sancho. Esta familia tem a sua origem em Hespanha. Durante o reinado de D. João III, passaram a este reino, trez irmãos, d'este appellido. Albergaria, não declara os seus nomes (fl. 189 v.) e é por isso que ha diferentes brazões d'armas d'este appellido. Frei Manoel de Santo Antonio, diz qué vira, em livros antigos, dos reis d'armas d'este reino, os brazões dos Sanches. O 1.º brazão, é o dos Sanches de Ciudad Rodrigo (Hespanha) e é—em campo de prata, uma torre de negro, sahindo do alto d'ella um braço, com uma espada azul, em acção de descarregar o golpe, e, arrimada á torre, uma escada da sua côr. Timbre, o braço com a espada. Villas-Bôas, lhe dá uma estrellla no chefe.

O 2.º brazão d'este appellido, é—escudo

dividido em palla—no 1.º, de púrpura, uma torre de prata, com porta e frestas d'azul. Na 2.ª ordem, de púrpura, um pendão, ou bandeira, com hastea e lança de ouro, que aponta para a direita do escudo, e por baixo do pendão, uma caldeira, do mesmo metal. Timbre, um braço, armado de prata, com o pendão na mão, e este, cheio de bandadas de ouro e púrpura. Assim as achou frei Manoel de Santo Antonio, na *carta de bração* que passou o rei d'armas, João de Hespanha, no reinado de Philippe II, a Diogo Mendes de Brito, em 23 de julho de 1590.

O 3.º escudo dos Sanches, cujo bração foi passado pelo rei d'armas, Pedro de Souza, é—escudo dividido em palla—na 1.ª, d'azul, sete estrellas d'ouro, de 8 pontas, em 3 palhas — na 2.ª, também d'azul, banda de púrpura, perfilada d'ouro, entre duas flores de luz, do mesmo. Timbre, uma das estrellas do escudo.

O 4.º bração d'este appellido, segundo consta da carta de bração que o rei d'armas, Francisco Gonçalves Correia, passou a Bernardo Sanches Pereira, em 15 de junho de 1683, é — ao escudo antecedente, acrescentou uma orla de púrpura, carregada de 8 áspas de ouro, como a orla das armas dos Azevedos. Timbre, uma áspa do escudo, carregada de uma estrella azul.

Outra familia d'este appellido (segundo diz Villas Bôas, no capitulo 44, a pag. 329) traz por armas o 4.º bração — que é — em campo azul, um gallo de prata, picando uma espiga de trigo. (Na livraria Palmella, este gallo é de côr parda, com crista e barbas de púrpura, tendo á direita um mólho de trigo, com espigas de ouro, pendendo para a parte do gallo, tudo sobre contra-chefe estreito, de terra, da sua côr.

Em 10 de fevereiro de 1869, foi feito visconde de Sanches de Baena, em duas vidas, o sr. Augusto Romano Sanches de Baena Farinha.

SANDE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (antiga comarca e concelho de Pico dos Regalados), 15 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757, tinha 126 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

Arcebisado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400\$000 réis.

É terra muito fertil. Cria muito gado, e nos seus montes ha caça grossa e miuda.

O primeiro nome d'esta freguezia, foi *Ba-bo*, corrupção de *Babon*, substantivo árabe que significa *porta*; assim como *babe* significa *portinha*.

Já se vê que é povoação antiquissima, e muito anterior á fundação da nossa monarchia.

Sande, é corrupção do substantivo hebraico—*Sandel*—especie de calçado usado pelos antigos, e que nós corrompemos em *Sandalhas*. Vê-se pois que, mesmo o nome actual d'esta freguezia e das outras assim chamadas, é muito antigo.

É n'esta freguezia, a casa da Penha, que foi de Bento da Silva Menezes, e passou a seu cunhado, Lourenço de Souza.

Consta que n'esta freguezia era o verdadeiro solar dos *Barros*, que foram, em tempos antigos, padroeiros d'esta egreja.

SANDE—freguezia, Beira Alta, concelho, comarca, bispado e 3 kilometros ao N.O. de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos. (Em 1531, tinha apenas 56 fogos.)

Em 1757, tinha 110 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Districto administrativo de Viseu.

O vigario de S. João Baptista, de Avões, apresentava o vigario, que tinha 400\$000 réis de renda.

Foi villa, e ainda conserva a cadeia e o pelourinho.

O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 17 de maio de 1514. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 71 v, col. 2.ª)

Foi cabeça de concelho, com justiças proprias, vereadores, e mais empregados municipaes. Foi ha muitos annos supprimido.

O documento mais antigo que achei d'esta freguezia, é um prazo, feito pelo bispo de Lamego, D. Egas Paes, e seu cabido em 1251, a João Pires, e sua mulher, Ouroana Egas, do *casal do Lagêdo*, da freguezia de Sande.

Depois se acha (doc. de Tarouca) uma car-

ta de *escambo*, do rei D. Díniz, feita em 1306, pela qual, dá ao mosteiro de Tarouca, a *villa de Sande*, e outros bens, pela terça parte da villa (hoje cidade) de Aveiro, que até então era do dito mosteiro.

Está esta freguezia situada em terreno aprazível, e fértil em cereaes, muito bôa fructa, optimo vinho de embarque, e muito azeite. Fica sobre a margem esquerda do rio *Va-rosa*.

A igreja matriz, é um bom templo, e mostra muita antiguidade.

Ha n'esta freguezia uma capella publica, dedicada a Santa Luzia, que se festeja a 13 de dezembro, havendo sempre um arraial muito concorrido deromeiros.

Ha mais duas capellas particulares, onde se celebram os officios divinos — uma pertence ao sr. doutor, José de Beires, de quem adiante trato—e outra, ao sr. doutor, Antonio Rodrigues Pinto.

Atravessa esta povoação, a nova estrada, á mac adam, de Lamego á Régua.

Tem duas escolas régias de instrucção primaria, uma para cada sexo.

Ha aqui optimas propriedades, sendo uma das principaes, a *quinta de Sequeiros*, dos srs. viscondes d'Alpendurada, João Baptista Pereira da Rocha, e D. Josephina Augusta Vieira de Magalhães, filha do 1.º visconde d'Alpendurada. Esta senhora e seu marido, obtiveram o titulo, em 9 de agosto de 1865.

(Antonio Vieira de Magalhães, 1.º visconde d'Alpendurada, foi feito barão d'este titulo, em 13 de julho de 1848, e visconde, em 13 de maio de 1851. Foi seu filho, o sr. Antonio Vieira de Magalhães Junior, feito barão de Magalhães, em 13 de maio de 1854, e conde do mesmo titulo, em 24 de maio de 1870, e n'este mesmo anno feito ministro da fazenda, pela dictadura Saldanha.)

A senhora D. Henriqueta Augusta Vieira de Magalhães, condessa de Samodães, é irman da senhora viscondessa d'Alpendurada, Josephina.

Para os marquezes de Sande (titulo hoje extincto) vide vol. 7.º, pag. 162, col. 1.ª, no fim, e seguinte; e col. 1.ª de pag. 163. Os marquezes de Sande, eram condes da Ponte,

villa da Beira Alta. (Vide os logares citados.)

—
Em 1668, o conde de Mesquitella, D. Rodrigo de Castro, mandou matar o marquez de Sande, Francisco de Mello. O conde, em consequencia d'este assassinato, foi degradado para a India, por toda a vida, com a notificação de que—*vindo a Portugal, morreria de morte natural, e seus bens seriam confiscados para a corôa*.

O conde sahiu de Lisboa para a India, a 2 de abril de 1671. Não se dando bem em Gôa, foi para Roma, e lá morreu.

—
Na antiga villa de Sande, nasceu a 23 de março de 1825, o sr. doutor, José de Beires. É filho dos senhores Justo de Beires e D. Mafalda Maria Pereira, ambos já fallecidos.

É filho dos mesmos paes, o sr. doutor, *Manoel de Beires*, que foi delegado do procurador regio em Mangualde, onde tambem foi administrador do concelho. Tambem foi administrador dos concelhos de Castro Daire, e depois de Vouzella. Hoje, é juiz de direito da comarca de Mangualde.

Se os senhores José e Manoel de Beires, não contam nos seus antepassados, fidalgos de antiga nobreza hereditaria, contam com justo orgulho, filhos do povo, nobilitados pelo seu amor e dedicação ao trabalho honrado, e que, por elle, chegaram a obter alguma fortuna, adquirida com o suor do rosto, é não legado de ociosos, que nada fizeram para a gozarem, porque nasceram ricos.

O sr. doutor José de Beires, formou-se em direito, pela universidade de Coimbra, em 1852. Foi advogado e depois administrador do concelho de Lamego, em 1856. Foi secretario geral do governo civil de Viseu, em 1861. Teve depois o mesmo emprego, em Villa Real. Foi nomeado governador civil d'Aveiro, em 1868. Passou a exercer o mesmo cargo, em Fâro, e por fim, em Portalegre. Em 1878, foi exonerado d'aquelle cargo, para exercer outro superior, em uma das repartições do ministerio da marinha.

Em todos estes importantissimos empregos, que não sollicitou, e que só deve aos incontestaveis merecimentos, tem sido o sr.

José de Beires, um magistrado exemplarissimo, pelo que é geralmente estimado e respeitado.

Tambem é natural d'esta villa, o sr. doutor, Antonio Rodrigues Pinto, actual juiz de direito. É filho de outro do mesmo nome, que foi capitão de milicias, ambos cavalheiros distinctissimos, pelas suas bellas qualidades. O sr. doutor Rodrigues Pinto, é o mais rico proprietario d'esta freguezia.

Sande, é tambem um appellido nobre, em Portugal, cuja familia é de Hespanha, e tem o seu solar no castello de Sande (Galliza).¹ Não se sabe (dizem os manuscritos da casa Palmella) quem o trouxe a este reino, mas já no reinado de D. Diniz, foi notavel por seu valor, Fernão de Sande, que tinha o seu solar na *quinta de Sande*, comarca de Guimarães — Suas armas, são — em campo de púrpura, leão d'ouro, armado de prata, lampassado de azul, entre quatro flores de liz; d'ouro, postas em cruz: élm de prata, aberto; e por timbre, meio leão de púrpura, com uma das flores de liz do escudo, na cabeça.

Segundo outra opinião, o primeiro Sande que veio para Portugal, foi Lopo Affonso de Sande, no reinado de D. João I; o que consta de um brazão d'armas, concedido pelo rei D. Manoel, em fevereiro de 1513, a Francisco de Sande, 3.º neto do dito Lopo Affonso de Sande.

Esta familia se estabeleceu na provincia do Minho, onde reedificou o mosteiro de São Martinho de Sande, de monges beneditinos, nove kilometros ao O. de Guimarães, e do qual trato no artigo seguinte.

Julga-se porem que este *Lopo Affonso de Sande*, é descendente de *Fernão de Sande*, que primeiro nomeei, porque as suas armas são as mesmas que já descrevi.

Outros Sandes, trazem por armas — em

¹ O appellido de Sande, ainda se conserva na actual provincia de Orense (Cella-Nova) antiga Galliza, e ao seu solar ainda se chama o *castello de Sande*. Os marquezes de Valle de Fontes, na Extremadura hespanhola, pertencem a esta familia.

campo d'ouro, uma águia négra, e na orla, um cordão pardo.

Outros do mesmo appellido, uzam do brazão, seguinte—em campo de prata, águia négra, e de roda, do escudo, seis estandartes e seis bandeiras. Estas armas, são as principaes, por serem as dos Sandes da Galliza, progenitores dos de Portugal.

Ha actualmente n'este reino, muitas familias nobres; de appellido Sande, todas descendentes do mesmo tronco; mas que teem composto as suas armas, com as de outras familias com que se ligaram.

Para a etymologia, vide o Sande antecedente.

SANDE—freguezia, Minho, comarca, concelho e 9 kilometros ao O. de Guimarães, 7 ao N.E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757, tinha 187 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebisado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 160,000 réis de rendimento.

É terra fertilissima.

Muito gado e caça.

Como já fica dito no artigo antecedente, houve aqui um mosteiro de monges beneditinos de fundação antiquissima. Em 1596 ou 1597, o arcebispo de Braga, D. frei Agostinho de Castro, deu este mosteiro aos eremitas de Santo Agostinho, do convento do Pópulo, em Braga, e estes, passado pouco tempo, o reduziram a abbadia secular. Foi depois commenda da Ordem de Christo.

Julga-se que estava abandonado, quando passou aos agostinhos, e supponho que os frades do Pópulo tambem nunca o habitaram. Ignora-se a data da fundação d'este mosteiro, mas sabe-se que já existia no seculo v. É perto da serra da Falperra.

Em 3 de março de 668, falleceu aqui o abbede d'este mosteiro, de beneditinos, o famoso Receswinto, varão esclarecido. Foi insigne poeta e orador, como o testemunham as cartas que escreveu a Santo Ildelfonso, cheias de piedade e erudição; e o elegante poema que compoz, em louvor de Santa

Engracia, e seus 18 companheiros no martyrio.

O abbade Receswindo, assistio ao X concilio, de Toledo, convocado pelo rei Receswindo, pelos annos de 660, tendo por companheiro, o abbade Wamba, tambem benedictino, do mosteiro de Santa Leocadia de Briteiros. Ambos estes abbades, morreram com fama de santos. (Vide *Idanha Velha*.)

No 1.º vol. do seu *Anno Historico* (pag. 95) diz Frei Francisco de Santa Maria, que o rei Wamba, falleceu a 20 de janeiro de 672; e no 3.º vol. (pag. 71) diz que elle foi ungido rei, com grande pompa, na cidade de Toledo, a 19 de setembro de 672 (!) — «*Aliquan do dormitat Homerus.*»

Tornemos ao abbade Receswindo.

O arcebispo de Braga, Liuba, foi que o mandou, como seu procurador, e como grande theologo e orador insigne, ao referido concilio de Toledo,¹ onde se distinguio pela sua eloquencia e profundo saber.

Em abril de 1877, a sr.ª D. Maria Alexandrina Vieira Marques, offereceu ao governo, uma casa, para escola de instrucção primaria, n'esta freguezia.

Esta casa, é no sitio das *Gaias*, e foi avaliada em 1:600\$000 réis.

A junta de parochia, fornece a mobilia, e os utensilios necessarios, e offereceu 40\$000 réis, para as despesas da inauguração.

São insufficientes os maiores elogios que se façam a esta caritativa senhora; e a benemerita junta de parochia tambem se tornou digna da gratidão publica.

Em 9 de agosto de 1823, D. João VI, fez barão de Sande, a João de Campos Navarro, do conselho de sua magestade, commendador da ordem de Christo, medico da real

camara, physico-mór do reino, lente jubilado de medicina.

Foi deputado pela universidade de Coimbra, para o acto da coroação de D. João VI.

Casou com D. Maria Leonor Cabral de Aragão Calmon, filha de Francisco Xavier Cabral da Silva, do conselho de D. Maria I, commendador da ordem de Christo, do conselho da fazenda no Rio de Janeiro, e de D. Anna Romana de Aragão Calmon, 1.ª baroneza e 1.ª condessa de Itapagipe (Brasil), e dama da imperatriz do Brasil. Acompanhou a sr.ª D. Maria da Gloria, na sua viagem á Europa, em 1828. Já ambas falleceram, e até agora não foi renovado o titulo.

Tiveram quatro filhos—1.º, D. Anna Luiza—2.º, D. Maria Carlota—3.º, D. Maria Joana—4.º, Sebastião de Campos Navarro.

O 1.º (e unico, até hoje) barão de Sande, era filho do doutor, Sebastião Navarro de Andrade, que foi medico em Guimarães, e de D. Anna Luiza de Campos Pereira.

Estes tiveram 9 filhos.

1.º—*João* (o que foi barão de Sande.)

2.º—*Joaquim Navarro d'Andrade*, do conselho de D. João VI, commendador da ordem de Christo, lente jubilado, de medicina, director litterario da *academia real de marinha e commercio*, da cidade do Porto, e deputado ás cortes em 1821.

3.º—*Luiz Thomaz*, do conselho de sua magestade, commendador da ordem de Christo, e bacharel em direito.

4.º—*Antonio*, que foi abbade em Gondarem.

5.º—*José*, que foi desembargador da casa da supplicação.

6.º—*Rodrigo*, 1.º barão de Villa-Sécca. (Vide esta palavra.) Todos fallecidos.

7.º—*Sebastião*, lente jubilado de philosophia, em Coimbra, e que casou na Bahia e lá morreu.

8.º—*Jacinto*, cavalleiro da ordem de Christo e conego da Sé de Lisboa. Fallecido.

9.º—*Vicente*, 1.º barão de *Inhomerim* (Brasil) commendador da ordem de Christo, medico da camara, e casado com D. Maria Joaquina Vianna.

¹ Alguns escriptores dizem que este concilio foi o XIV, e não o X.

Para a etymologia, vide o 1.º *Sande*.

SANDE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 9 kilometros ao N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757, tinha 113 fogos.

Orago S. Clemente.

Arcebispo e districto administrativo de Braga.

O reitor de S. Martinho de Sande (a freguezia antecedente) apresentava o vigario, collado, que tinha 120\$000 réis de rendimento annual.

É terra muito fertil.

Cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha bastante caça.

SANDE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 6 kilometros ao N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757, tinha 120 fogos.

Orago S. Lourenço.

Arcebispo e districto administrativo de Braga.

O reitor de S. Martinho de Sande, no mesmo concelho, apresentava o vigario, collado, que tinha 80\$000 réis de rendimento.

Terra fertil.

Gado e caça.

Para a etymologia, vide o 1.º Sande.

Estas trez ultimas freguezias (S. Martinho, S. Clemente e S. Lourenço) formaram até ao seculo 16.º, uma só parochia. Depois dividiram-se em trez curatos (depois vigariarias) filiaes da de S. Martinho, e é por isso que o reitor d'esta, apresentava os parochos das outras duas.

SANDE—freguezia, Douro, comarca e concelho de Marco de Canavezes (foi da comarca de Soalhães, concelho de Bem-Viver) 50 kilometros ao N. E. do Porto, 305 ao N. de Lisboa, 440 fogos.

Em 1757, tinha 276 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O padroado real, apresentava o abbade, que tinha 700\$000 réis.

É terra muito fertil.

Muito gado de toda a qualidade.

É povoação muito antiga. Já em 1277, era abbadia, pois n'es-e anno, o abbade d'esta freguezia, appellou do bispo do Porto, D. Vicente, por aqui ter instituido um beneficio.

Doc. d'Alpendurada, do referido anno.

Para a etymologia, vide o 1.º Sande.

SANDE ou **VILLA NOVA DE SANDE** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 12 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757, tinha 62 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Abbadia).

Arcebispo e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 700\$000 réis de rendimento.

É terra fertil, e povoação muito antiga.

Ha ainda em Portugal algumas aldeias com o nome de Sande, mas não são parochias, nem teem cousa digna de nota.

SANDIÃES ou **SANDEÃES** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 18 kilometros ao O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757, tinha 85 fogos.

Orago, S. Mamêde.

Arcebispo de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 350\$000 réis de rendimento.

Terra fertil.

Muito gado e caça, peixe do rio Lima, e do mar.

SANDIM—freguezia, Douro, concelho de Villa Nova de Gaia, comarca, districto administrativo, bispado, e 20 kilometros ao S. E. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757, tinha 300 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Expectação.)

As religiosas do mosteiro de S. Bento da Ave-Maria, do Porto, apresentavam o reitor (hoje abbade) que tinha 210\$000 réis de rendimento.

É terra fertilissima, e uma das maiores, mais bonitas e mais ricas freguezias do concelho.

Nos nossos dias, tem prosperado muitíssimo, com o dinheiro vindo do Brasil.

É no districto da antiga *Terra da Feira*.

SANDIM, ou **SENDIM**—freguezia, Douro, na comarca e concelho de Felgueiras, (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Louzada) 30 kilometros ao N. E. de Braga, 120 ao N. E. de Guimarães, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 230 fogos.

Em 1757, tinha 187 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispo de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra primacial, e o D. abbade, benedictino, do mosteiro de Pombeiro, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 500\$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil, e povoação muito antiga.

É certo que por estes sitios se tem achado em varias épocas, vestígios de edificios, que denotam ser construcções de eras muito remotas.

Ha aqui uma torre, de que foi senhor, Gonçalo Lopes de Carvalho, e que pertenceu aos antigos senhores dos coutos de Negrellos e Abbadim. É solar dos Sandins, d'onde sahiram os senhores de Riba-Visélla.

Segundo alguns escriptores, ainda nos primeiros seculos do christianismo existiu n'este logar, a antiquissima cidade de *Aufragia*, da qual foi governador, Lenciano. Seus paços estavam ao sopé do monte Columbino (em portuguez, Pombeiro, ou dos pombos) e é a actual rica e grande quinta de *Cergude*, á qual estão annexas muitas rendas, e uma extensa matta.

Aufragia, foi arrazada pelos mouros, no principio do 8.º seculo.

(Para evitarmos repetições, vide *Aufragia* e o 1.º *Pombeiro*.)

Na *Vida e martyrio da insigne virgem e martyr prodigiosa, Santa Quiteria*, escripta pelo doutor, frei José de Santa Maria, D. abbade geral da ordem benedictina, publicada em 1722, a pag. 37, diz—«não mui distante d'ella (a ermida de S. Pedro, da qual fallei em *Pombeiro*) está o *Valle da Aufragia*, porque é tradição muito commum, e

com ella não faltam opiniões que digam que aquelle delicioso Valle, que cerca este monte (Columbino, ou Pombeiro) pelas partes do Nascente, até ás do Norte, *começando na freguezia de Sandim*, e acabando em *Tarêja*, foi o *Valle da Aufragia*, porque n'elle esteve situado, no principio de Christandade, esta cidade (Aufrágia) como assim absolutamente o diz; um gravissimo, ainda que moderno auctor, ¹ na sua *Chorographia portugueza*, descrevendo o concelho de Felgueiras e as suas freguezias, chegando á de *Sandim*, diz estas formaes palavras—*N'esta freguezia, em um bello valle, esteve no tempo da primitiva igreja, a cidade de Eufrazia, de que foi regulo, Lenciano, cujos paços estão ao pé do Monte-Columbino, que, supposto ella pereceu, na invasão dos mouros, de que só ficaram memorias e ha vestígios; permaneceu, entre tantos tormentos, esta régia casa e a sua grande torre, para vir a ser, não cova de coelhos, mas morada e solar, dos senhores d'este appellido (Coelhos) a qual se chama Cergude, etc.*»

É tradição que na quinta de Cergude, ou Sergude, viveu o grande Egas Moniz. ²

No reinado de D. Sebastião, herdaram esta quinta, por casamento, Martim Teixeira de Azevedo (troneo dos Teixeiras) casado com D. Maria de Mello Coelho, filha de Gonçalo Coelho da Silva, o homem da mais agigantada estatura e das mais herculeas forças do seu tempo.

O actual solar dos Teixeiras Coelhos, é na Teixeira.

SANDIM—Vide *Sendin* e *Sindim*.

SANDOMIL—villa, Beira Baixa, comarca, concelho e 10 kilometros de Cêa (foi da comarca de Gouveia, concelho, extincto, de Sandomil), 75 kilometros ao E.N.E. de Coimbra, 210 ao E. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757, tinha 132 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

¹ Refere-se á *Chorographia* do padre Antonio Carvalho da Costa, tomo 1.º, cap. 23, pag. 121.

² Parece-me que, quem foi senhor d'esta quinta, não foi o famoso aio de D. Affonso Henriques, mas seu sobrinho, o poeta, Egas Moniz Coelho, progenitor d'estes Coelhos, de Cergude.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O padroado real apresentava o prior, que tinha 350\$000 réis.

É povoação muito antiga, e foi um concelho com 1:400 fogos. Tinha casa da camara, vereadores e mais justiças, cadeia e pelourinho. Foi supprimido em janeiro de 1856.

O pelourinho foi demolido em 1876. Onde existiu a casa da camara, se construiu — com os seus materiaes — uma escola de instrução primaria.

Foi senhora donataria d'esta villa, D. Uraca Fernandes, que lhe deu o seu primeiro foral.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 80, col. 1.º)

É terra fertil. Grande abundancia de gado, de toda a qualidade, e muita caça, grossa e miuda.

Produz milho, vinho, azeite, legumes, e fructa de varias qualidades, que amadurece muito cedo; pelo que se vende por preços vantajosos, para diversas localidades.

D. João V, fez conde de Sandomil, em 12 de março de 1732, a Pedro Mascarenhas. Este titulo está hoje extinto.

Os condes de Sandomil, pertenciam a uma das mais nobres familias de Portugal; pois era a mesma dos duques d'Aveiro; marqueses de Fronteira; marqueses de Gouveia; marqueses d'Alorna; condes da Torre; condes de Assumar; condes d'Alva; e condes de Cuculim.

Os condes de Sandomil, traziam por armas — trez fexas, d'ouro, em campo de púrpura. Timbre, um leão de púrpura, armado e lampassado de ouro.

Actualmente, o unico edificio d'esta villa que tem brazão d'armas, é a casa do sr. Joaquim Manoel da Silveira Castello-Branco.

Esta freguezia é formada pelas seguintes povoações — a villa, *Córgas*, *Furtado*, e *Cabeça d'Eiras*.

As freguezias limitrophes, são — *Folhadosa*, *Torrozello*, *Villa-Cova da Coelheira*, *Vallezim*, *Sezes da Beira*, *São Gião*, *Penalva d'Alva*, e *Lagos da Beira*.

Consta que foi natural de Sandomil, D. frei

Bartholomeu dos Martyres, bispo no Ultramar, e que morreu no principio d'este seculo.

A 2 kilometros da villa, passa a nova estrada de Coimbra a Celorico da Beira.

Residem na villa, trez bachareis, um formado em theologia, outro em direito, e outro em medicina: além d'outros que estão fóra da terra.

Os francezes, incendiaram aqui trez moradas de casas, em 1810.

Onze pessoas d'esta villa foram culpadas por causa da revolta de 16 de maio de 1828.

Em 2 de junho de 1847, uma força de infantaria cabralista fuzilou aqui cinco individuos, por serem patuleias!

Fica a 15 kilometros da villa de Gouveia.

A egreja matriz foi incendiada pelos annos de 1760, e não se reconstruiu.

Serve desde então de matriz a capella que está no centro da villa.

Ha n'esta freguezia, mais as capellas de *Nossa Senhora da Esperança*, *S. João Baptista*, *S. Sebastião*, *Senhora das Preces*, *Senhora da Piedade*, *S. Cosme*, *Senhora da Expectação*, e *Santo Antonio*.

É cabeça do arciprestado de Sandomil.

Tem direcção do correio, e uma aula de preparatorios (particular).

Apezar de tudo quanto fica dito, não tem esta povoação prosperado, o que era de esperar, do concurso de circumstancias favoraveis ao seu desenvolvimento.

Em 1691, nasceu n'esta villa, *Maria do Sacramento*, filha de paes nobres. Na idade de 15 annos, entrou para o mosteiro de freiras franciscanas (de Santa Clara) da villa de Vinhó, na comarca e concelho de Gouveia, onde professou, e alli viveu 32 annos, sendo uma religiosa exemplarissima, e um compendio de todas as virtudes christans. Morreu, com fama de santa, a 2 d'agosto de 1738.

O povo de Vinhó tem grande devoção com esta freira, á qual attribue muitos milagres.

SANFINS—Vide *São-Fins*.

SANGALHA—portuguez antigo — medida sangalha, era de sólidos e liquidos.

SANGALHO—portuguez antigo.—Medida de pão que constava de cinco selamins, se-

gundo documentos dos cruzios de Grijó, e da Serra do Pilar (Gaia).

SANGALHOS — villa, Douro, na comarca, concelho e 7 kilometros a N.N.O. da Anadia (foi da mesma comarca, mas do concelho de S. Lourenço do Bairro), 15 kilometros ao S. d'Aveiro, 30 ao N.O. de Coimbra, 230 ao N. de Lisboa, 640 fogos.

Em 1757, tinha 580 fogos.

Orago, S. Vicente, martyr.

Bispado e districto administrativo d'Aveiro.

O mosteiro de freiras franciscanas, de Santa Clara, de Coimbra, apresentava o vigario, que tinha 200\$000 réis de rendimento.

O nome d'esta freguezia, provém-lhe das medidas (*sangalhos*) que os seus moradores pagavam ás religiosas, padroeiras da igreja.

O rei D. Manoel, lhe deu foral, em Lisboa, a 20 d'agosto de 1514. (*L.º de foraes novos da Extremadura*, fl. 101, col. 1.º)

Este foral, serve tambem para—*Amoreira da Gandara, Fogueira, Paraimo, Peregal, Póvoa da Cortiça, Sá, e São João*.

É povoação muito antiga, e, com toda a certeza, já existia no tempo dos gódos; pois no anno de 1040, os frades do mosteiro da Vaccariga (Mealhada) fizeram uma justificação, pela qual provaram, que já antes da invasão dos mouros, em Portugal (716) lhe pertenciam as seguintes povoações, com suas igrejas:

Monçarros, Villar de Coreixa, Barró, Sangalhos, Morangaus (Morangal?), Tamengos, Horta, Ventosa, Cepins, e outras mais.

D. Fernando III (o Magno) que tinha resgatado Coimbra e o seu territorio, do poder dos mouros, em 1037, confirmou as doações que os reis gódos haviam feito aos frades da Vaccariga, e lhes deu as indicadas freguezias.

Fica esta parochia, 6 kilometros a E. da margem esquerda do Cértoma, e 4 kilometros a S.E. da estação do caminho de ferro, de Oliveira do Bairro.

Ha n'esta freguezia vastos pantanos, que

se semeiam d'arroz, o que torna a terra insalubre.

A cheia, causada pelos temporaes do inverno de 1876, destruiu a ponte de *Portouro*, sobre o Cértoma, e que dava passagem d'esta freguezia para a de Oliveira do Bairro.

Nasceu, e ainda vive, aqui uma mulher, em 1772; tem portanto actualmente (1879) nada menos de 107 annos. Conserva todas as suas faculdades moraes, e ainda faz alguns serviços caseiros.

Ha no logar da Amoreira, d'esta freguezia, uma lindissima capella, dedicada ao Santissimo e Immaculado Coração de Maria, tendo uma archiconfraria, que todos os annos faz uma esplendida festa á sua Padroeira, que dura trez dias, durante os quaes são feitas muitas off-rtas á Senhora.

Faz-se n'esta freguezia, uma esplendida festa a Santa Eufémia.

Ha tambem aqui a nobre e antiga familia dos srs. Brancos de Mello, filhos do fallecido Antonio Maximo Branco de Mello.

Segundo o jornal *Campeão das Provincias*, que se publica em Aveiro, um grão de trigo, nascido por acaso, na cova arrazada, de uma videira que se tinha *mergulhado*, em um sólo argiloso, do districto d'esta freguezia, produziu, em junho de 1878, *TAINTA E NOVE* espigas de trigo, com 40 grãos (termo médio) cada uma, total 1:560 sementes!

SANGUÊDO, ou **TERREIRO** — freguezia, Douro, comarca, concelho e 12 kilometros ao N.N.E. da Feira.

Esta freguezia já está descripta sob a palavra *Guêdo* (S.) no 3.º vol., pag. 344, col. 2.º; mas aqui tenho a acrescentar:

O primeiro nome d'esta freguezia, foi *Sanguanhêdo*, ou *Sanguinhedo*.

É povoação antiquissima, pois, segundo os documentos que existiram no mosteiro de Pedroso (freguezia, no concelho de Gaia) sabemos que:

Gondezindo, filho d'Ero, e sua mulher,ENDERQUINA Pala, filha do capitão, Mendo Gutierrez, tiveram (Gondezindo e Pala) quatro

filhos: — *Soeiro, Ermesinda, Adosinda, e Froila.*

No dia 9 das kalendas de março, da era de Cesar 935 (27 de fevereiro do anno 897 de J.-C.), o dito Gondezindo e sua mulher, doaram ao mosteiro de monges e monjas, da ordem de S. Bento, do Salvador, de Lavra (o Salvador é ainda o padroeiro da freguezia de Lavra, no concelho de Bouças) junto á praia do mar (*fundato ab antiquo in ripa maris*) e pouco ao N. de Mattosinhos, os trez mosteiros da mesma ordem, e tambem dobrados, que haviam fundado, e eram:

1.^o—*S. Miguel, d'Azevedo* (hoje ainda esta aldeia conserva o nome official de *Azevedo*, mas denomina-se vulgarmente, *Azeveduce*, na freguezia de S. Jorge de Caldellas, do concelho da Feira — para a distinguir de outra do mesmo nome, a 4 kilometros ao N.E. d'esta, e na freguezia de Gião, do mesmo concelho. D'este mosteiro de S. Miguel, de Azevedo, não existe o minimo vestigio.

(Vide *Azevedo, aldeia*, vol. 1.^o, pag. 292, col. 2.^a, no fim.)

2.^o—*SÃO CHRISTOVAM DE SANGANHÊDO*, onde já havia uma antiga igreja de *Santa Eulalia*, entre Douro e Vouga. (Santa Eulalia, é ainda actualmente a padroeira da freguezia de Sanguêdo. Vê-se portanto que esta parochia já existia antes da invasão dos mouros na Lusitania, em 716.)

Ainda existem vestigios d'este antiquissimo mosteiro, junto á igreja; e formava parte d'elle, a actual residencia do parcho — já se sabe, muitas vezes reconstruida.

3.^o—*S. Pedro, de Dide*, entre o Douro e Tâmega. (?) Esta doação foi feita, sendo abbade do mosteiro de Lavra, *D. Desterigo*, e com a condição de ser n'este mosteiro religiosa, sua filha, *D. Froila*, á qual deram tambem os doadores, *100 escravos, para que a servissem em sua vida, e por sua morte, ficassem forros, bem como suas mulheres, filhos, e netos.* «*Et non habeant licentiam ex genere meo accipiantur illos, pro servitio.*»

1 Quer dizer—E não terão licença de tratar com rigor os escravos, por causa do trabalho. *Acrepantar*, era um verbo do antigo portuguez, e significava, *subjugar, obrigar ao trabalho, tratar com rigôr*, etc.

Todos estes trez mosteiros foram fundados em quintas dos doadores.

Ainda na mesma data, Gondezindo e sua mulher, doaram tambem ao mosteiro de Lavra (*no qual sua filha Adosinda se havia feito religiosa*), entre outros muitos bens, os padroados das seguintes egrejas:

1.^a—*Santa Eulalia, de Gondomar.*

2.^a—*São Pedro, de Kauso.* (?)

3.^a—*São Martinho, de Vallongo.* (Hoje, São Martinho do Campo, no concelho de Vallongo, comarca do Porto.)

A doação foi feita—*ad Fratres, et Sorores, qui ibi sunt avitantes, vel qui ibidem Dominus super duxerint, et in vita Sancta perceberint*, sub manus de ipsa Abba, et de ipsa filia mea, *jam superius nominatis.*

Protestaram os doadores, que era sua suprema vontade, que, **em nenhum tempo, e sob qualquer pretexto, se possam estes bens vender, dar, doar, ou por outro qualquer modo alienar do dito mosteiro,** etc.

Na primeira doação que fica referida, onde se inclue o mosteiro de *Sanganhedo*, declaram os doadores, que sua filha Froila, nascera tão alejada e contrafeita, que se não podia sentar; o que attribuiam a castigo das suas culpas (d'elles doadores). E para que Deus lhes perdoasse, libertaram todos os seus escravos, e separaram a quinta parte de todos os seus bens, que eram immensos, e com ella fundaram e largamente dotaram os trez mosteiros benedictinos, duplex, da primeira doação, e que n'ella doaram ao mosteiro de Lavra, do qual era então abbadessa, *D. Gelvira.*

A *D. Adosinda* deram tambem 100 escravos fôrros, d'ambos os sexos, para a servir emquanto ella vivesse.

Esta mesma senhora, depois da morte de sua mãe, fundou com varias herdades do seu dote, o mosteiro de *S. Martinho, d'Avintes*, sobre a margem esquerda do Douro, e á 3 kilometros ao E. do Porto; ao qual seu padroou o senhorio da mesma villa d'*Avintes.*

Estas escripturas de doação acham-se, originaes, no archivo da universidade de Coimbra.

SANGUINHÊDA — aldeia, Douro, na comarca e concelho da Tábua (foi do mesmo concelho, mas da extincta comarca de Miões—e antes d'isso tinha sido do concelho de Farinha (odre) 35 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa. Tem 100 fogos.

Esta povoação, que é muito antiga, foi villa, e hoje nem freguezia é, pois está ha muitos annos annexa á da *Carapinha*. (Vi-de esta palavra.)

Foi antigamente cabeça de concelho, com justicas proprias.

D. Manoel I, lhe deu foral, em Lisboa, a 2 de novembro de 1513. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 57 v., col 2.º)

Esta povoação tem decahido muito da sua antiga importancia.

Para a etymologia de *Sanguinhêda* e *Sanguinhêdo*, vide o ultimo periodo do 3.º *Sanguinhêdo*.

SANGUINHÊDO—aldeia, Traz os Montes, na freguezia de Codeço do Arco, comarca e concelho de Montalegre (foi do concelho das Boticas da mesma comarca).

Arcebisado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A freguezia de Codeço do Arco está ha muitos annos annexa á de Santa Marinha do Ferral.

Pela aldeia de Sanguinhêdo passava uma das quatro vias militares, romanas, que de Braga hiam a Astorga.

Ainda no fim do seculo passado, existia aqui um marco milliar, dedicado ao imperador Claudio.

Estava servindo de hobreira da porta de um curral. (1)

Tinha esta inscripção:

CLAUDIUS CAESAR
AUG. GERMANICUS
PONT. MAX IMP.
V. CÖS. III TRIB.
POT. III. P. P. BRAC.
AUG. XXXV.

(O imperador Claudio Cesar Augusto, germanico, Pontifice Maximo, imperador cin-

co vezes, e trez vezes investido do poder tribunicio; mandou concertar este caminho. D'aqui a Brachara Augusta, são 35:000 passos.)

Vê-se da inscripção, que esta via militar foi reparada no anno 43 de J. C.; pois que era então Claudio, pela 3.ª vez do poder tribunicio, em 41.

Sendo imperador Trajano, mandou reparar esta estrada, no anno 103 de J. C., desde Braga até diante d'esta aldeia de *Sanguinhêda*.

O doutor João de Barros, nas suas *Antiquidades d'Entre o Douro e Minho*, menciona dous marcos milliares d'esta estrada, que provam aquella data, pois que Trajano, teve a 7.ª vez o poder tribunicio, desde outubro de 103, até 104.

Um d'estes marcos estava no lugar da *Pastoria*, a 6 kilometros de Chaves, e dizia—

IMP. CAESAR
DIVI NERVAE
F. AUG. GERM. MAX.
TRIB. POT. VII. IMP. IV.
AQUIS FLAVIS
M. P. IV.

(Dedicado ao imperador, Cesar, filho do divo Nerva Augusto, Germanico, Maximo, do poder tribunicio sete vezes, imperador a 4.ª D'aqui a Braga são 4:000 passos.)

Junto a *Sanguinhêdo*, e na mesma freguezia, estava outro marco, que dizia—

IMP. CAES. DIVI
NERVAE F. NERVAE
TRAIANO AUG. GER.
DACICO. PONT. MAX.
TRIB. POT. VII. IMP. IV.
AQUIS FLAVIS M. P. XLII.

(Dedicado ao imperador Cesar Nerva Trajano, filho de divo Nerva, Augusto, Germanico, Dacico, Pontifice Maximo, do poder tribunicio sete vezes, e a 4.ª vez imperador. D'aqui a Chaves, são 42.000 passos.)

No anno 16 de J. C., o mesmo Trajano mandou concertar esta estrada, segundo consta de outro marco milliar que existiu proximo da povoação das Boticas e tinha esta inscripção—

IMP. CAES. TRAIANUS
AUG. P. M. TR. POD. XX.
REFICIT AQUIS FLAVIS
M. P. XLIII

(O imperador Cesar Trajano Augusto, Pontífice Maximo, do poder tribunicio 20 vezes, reformou esta estrada. D'aqui a Chaves, são 43:000 passos:)

Consta tambem, que esta mesma estrada se reconstruiu no tempo do imperador Adriano, principiando as obras em agosto do anno 136.

Prova-se isto, por um marco milliar que existe no cemiterio do hospital real, de Chaves, e diz—

IMP. CAES. TRAIANUS
ADRIANUS AUG.
P. M. F. POT. XX REFE-
CIT. AQUIS FLAVIS
M. P. II.

(O imperador Cesar Trajano Adriano Augusto, Pontífice Maximo, do poder tribunicio 20 vezes, mandou reparar esta estrada. D'aqui a Chaves, são 2:000 passos.) Vem a ser 3 kilometros.

Ainda por estes sitios teem apparecido outros *padrões* (marcos milliares) que não menciono, para não enfadar o leitor.

Sanguinhêdo, é uma povoação antiquissima, e foi freguezia independente, com 60 fogos; mas supprimiu-se ha muitos annos, unindo-se á de Codeoso do Arco.

D. Sancho II, (o Capêllo) achando-a abandonada, a mandou povoar, em 1223.

É terra fertil em pão, vinho, e cria muito gado, de toda a qualidade.

É abundante de cãça.

SANGUINHÊDO, ou **SANGUINÊDO** — rio do Miho.

Diversas doações, do tempo da anarchia, mencionam este rio, e dizem que corria por baixo do *Monte de Santo Adrião*, a par da *villa de Lagenas*, e junto á *villa de Guadinales*, por baixo do *monte Barriello*.

Vem a ser o rio que passa pela villa de Regalados, e que hoje se chama *Cabariz*. Passa por uma rendosa propriedade que

ainda conserva o antigo nome d'este rio (*quinta de Sanguinhêdo*).

Desagua no rio Homem, pouco antes d'este se juntar ao Cávado.

SANGUINHÊDO—aldeia, Beira Alta, na freguezia de S. Pedro de Cotta, concelho, comarca, districto administrativo, bi-pado e 16 kilometros ao N. O. de Viseu. (Foi do extinto concelho de Mões, comarca de Castro-Daire.) Vide 2.º vol., pag. 411, col. 1.ª

Proximo á aldeia de Sanguinhêdo está a capella de *Nossa Senhora do Freixo*, de construção antiquissima.

Ao sitio onde está construida esta capella, dá o povo o nome de *Terra de Santa Maria*.

Não se sabe porque deram a esta senhora o titulo de Santa Maria do Freixo, pois que, nem n'aquelle logar, nem por aquelles arredores, ha freixos.

O templo está em uma cova, e para se entrar n'elle, é preciso descer bastantes degraus. Tem uns 7 metros de comprido, por 2,=50 de largo, no corpo da igreja. A capella-mór, tem 4 metros de comprido e 3,=50 de largo. O arco que divide a capella-mór, do corpo da igreja, é muito mais moderno do que esta, pois foi construido em 1549, segundo se vê da data, gravada em um dos pés direitos d'elle.

Os povos d'estes sitios teem muita devoção com esta Senhora, e antigamente vinham aqui muitas procissões pelo decurso do anno. No dia da Ascensão do Senhor, vinha a de S. Pedro de Cotta, com o seu parcho e freguezes—Vinha a de S. Sebastião de Queiriga, que se juntava com a de Cotta—Na quinta feira santa, vinha a da freguezia da Ermida. Alem d'estes dias, ainda vinham aqui outras procissões e romarias.

Não tem irmandade, porem mórdomos annuaes, que lhe fazem a festa, e cuidam da conservação e reparos da ermida, á custa de esmolos e offertas dos fieis.

Alem d'estes trez logares com o nome de Sanguinhêdo, e do de Sanguinhêda, ha ainda outras aldeias em Portugal com a mesma denominação.

Ou elle se deriva de *sanguinho*, tambem

chamada *Sempre-noiva*, que é uma planta rasteira e medicinal, bem conhecida—ou de *Sanguinho* ou (*Sanguinheiro*) arvore silvestre, muito vulgar nas nossas mattas incultas.

SANGUINHEIRA — aldeia, Alemtojo, na freguezia da Amieira, concelho de Portel. (Vide vol. 1.º, pag. 199, col. 1.ª, a 2.ª *Amieira*.)

Fica esta aldeia proxima e ao N. da villa da Amieira, depois de se passar uma pequena ponte de pedra, sobre o ribeiro da Amieira.

No alto de um outeiro, povoado de oliveiras, está a antiquissima ermida de *Nossa Senhora da Sanguinheira*, que, segundo a tradição, foi no tempo dos romanos, um templo dedicado á deusa *Lucina*, invocada pelos idolatras, nos partos difficeis de suas mulheres. ¹

A capella-mór da ermida, é fechada de abobada de pedra.

Alem do altar-mór, tem dois lateraes, no corpo da egreja; e tanto esta como aquella, foram antigamente revestidas interiormente de azulejos.

Para a porta principal, se sóbe por quatro degraus, e se entra em um átrio, tão antigo como o templo.

Já em 1711 se queixava frei Agostinho de Santa Maria (*Sant. Mar.*, tom. 3.º, pag. 430) que a devoção a esta Senhora, estava *muito fria*.

Tinha um unico sino, que os castelhanos roubaram no seculo XVII.º, durante a guerra da independencia.

¹ Parece-me que não passa de uma fabula, e que se diz isto por causa do titulo da Senhora (*Sanguinheira*) e porque ainda hoje esta Senhora é invocada pelos fiéis, quando suas mulheres estão com as dores da maternidade.

Tambem dizem que se deu esta invocação á Senhora, por ser advogada das mulheres n'aquellas occasiões; quando tal denominação só procede de estar a ermida em sitio onde antigamente havia *sanguinheiros* (ou *sanguinheiras*—Vide o 3.º *Sanguinhêdo*, no fim.)

A verdadeira invocação da padroeira, é *Nossa Senhora da Natividade*, e tanto que a festa se faz no seu dia proprio, a 8 de setembro.

Tinha esta ermida muitas propriedades e rendas, annexas a uma capella, cabeça do vinculo, cujo administrador era obrigado á fabrica e despezas da casa da Senhora, e de mais trez ermidas—a do Salvador, a do Espirito Santo, e a de Santo André.

Estas propriedades e foros, vieram depois á corôa, e D. João IV, deu tudo (1642), á Santa casa da Misericordia, da Amieira, que era pobre; com a condição de fazer a festa á Senhora, ficar obrigada aos reparos do templo, e mandar n'elle dizer duas missas cada semana.

Muitas d'estas rendas, foram..... perdidas, e a Misericordia abandonou a capella

A imagem primitiva da Padroeira, tão antiga como a capella ¹ estava tão mal feita, que foi mandada enterrar pelo visitador, e a actual foi esculpturada pelos annos de 1686.

Ainda no seculo passado vinham em cada anno trez procissões a esta capella—a 1.ª, no domingo do Espirito Santo—a 2.ª, na quinta feira de Corpus Christi—e a 3.ª, no dia 8 de setembro, dia da Natividade da Senhora.

Para cada uma d'estas procissões, tinha a Misericordia da villa da Amieira, obrigação de dar 60 cirios, pela instituição do vinculo de que já fallei.

Por não ter ido no logar competente, direi aqui o seguinte.

Na villa da Amieira, nasceu o feroz *Francisco de Mattos Lobo*, a 2 de julho de 1814. Era filho de José Pedro de Mattos Conde, e de D. Maria Vicencia.

Destinado por seus paes á vida ecclesiastica, foi mandado, em 1829, para o Seminario de Sernache do Bom Jardim, onde estudou grammatica latina, rhetorica e philosophia, e se distinguio, mais do que pela sua applicação, pelo seu genio turbulento e pouco religioso.

Fechado o Seminario, em 1834, regressou

¹ Alguem pretende que era a propria estatua de *Lucina*, transformada na santa imagem, depois, pelos christãos. Seria.

Mattos Lobo a casa de seus paes, e foi desde então que deu largas ás suas paixões. Filhou-se no partido liberal, a que também pertencia seu pae, e nas desordens e tumultos entre a villa da Amieira e a do Gavião¹ fez-se cabeça de motim, e tornou-se tão saliente pelo seu mau procedimento, que até seu pae o reprehendia por muitas vezes, agourando-lhe mau fim.

Para não cansar o leitor com a historia d'este scelerado, tão geralmente conhecida, direi apenas:

Consta que, ainda estudante, em Sernache do Bom-Jardim, roubára o relógio, d'ou ro, a um seu condiscipulo. Que a um tio, que fôra capitão-mór da villa de Mação, roubára um faqueiro de prata. E, finalmente, que assassinára um pobre soldado do exercito realista, convencionado em Evora-Monte.

Seu pae, viu-se obrigado a expulsar-o de casa, pelo seu pessimo comportamento, e pela falta de respeito com que tratava os auctores de seus dias.

Tinha vindo para Lisboa, sua prima, D. Adelaide, viuva do pianista, João Evangelista Pereira da Costa, natural de Proença Nova (BB) fallecido em Calais (França) em 1832.

Viera esta senhora, sob o pretexto de educar seus dois filhos; porem mais ainda, por conselho do primo de seu marido, o padre João Pereira, para se subtrahir ás indignas perseguições de Mattos Lobo.

Assentou a sua residencia em uma casa de trez andares, na rua de S. Paulo n.º 5, com frente também para a rua Nova do Carvalho, e junto ao arco grande, da rua do Alecrim.

Mattos Lobo, soube d'esta fuga, e mar-

¹ Depois de 1834, os de Gavião queriam que o concelho da Amieira fosse supprimido, e incorporado ao seu; o que conseguiram, mas por pouco tempo; porque, é verdade que o concelho deixou de existir, mas passou a fazer parte do de Portel.

Estas rivalidades, deram causa a grandes motins.

chou para Lisboa, em perseguição da sua victima, que, ou com vontade, ou sem ella, e temendo algum escandalo, teve de o receber em sua casa.

Vivia D. Adelaide, com sua filha Julia, menina de 17 annos; seu filho Emygdio Pereira da Costa, de 11 annos; e uma creada.

Pelas 11 horas da noite de 25 para 26 de julho de 1841, o filho de um negociante que morava na casa fronteira, viu um homem passear no quarto da menina Julia, e uma cadellinha d'esta ladrar-lhe freneticamente, e o homem pegar n'ella e arremeçal-a pela janella.

Fez-lhe isto grande impressão, e deu parte a uma patrulha.

Esta, e outras auctoridades, suppondo algum crime, se dirigiram á casa de D. Adelaide, e, como estivesse fechada e trancada por dentro, teve de servir-se de uma escada e entrar por uma janella, o capitão *Barrote*, da guarda municipal, que abriu a porta aos mais.

Examinada a casa, foram achar estendidas em um grupo, e alagadas em sangue, a dona da casa, seu filho e a creada, todos mortos!

Ouvindo suspiros afflictivos em um quarto distante, foram dar com a menina, ferida, com 17 punhaladas, e com o punhal do assassino, que, atravessando-lhe o ventre, foi cravar-se na espinha dorsal!

Esta menina ainda vivia, e conservava toda a lucidez de espirito. Interrogada pelas auctoridades, declarou que o assassino de todas estas quatro victimas, fôra seu primo Francisco de Mattos Lobo.

Esta desgraçada menina ainda viveu até ás 10 horas do dia seguinte, e repetiu a sua declaração, perante as auctoridades civis e administrativas.

Perguntando-lhe estas, se o roubo seria o motivo d'estes crimes, respondeu que não sabia; mas indicou os logares onde sua mãe guardava as pratas da casa, e pediu que fossem ver se lá estavam. Nada faltava.

Como tivesse dito que seu primo ainda estava n'aquella casa, foi procurado por toda a parte, mas não appareceu.

Perguntaram-lhe se sabia onde elle morava, e respondeu que na rua de S. Bento, n.º 4, 1.º andar.

O capitão Barrote, mandou immediatamente um alferes com quatro soldados, proceder á prisão. Foram achar o monstro muito descansado em sua casa; e, tendo chegado n'aquelle momento, apenas tivera tempo de tirar o casaco, e estava em mangas de camiza, e com a maior desfaçatez e serenidade.

O alferes perguntou-lhe:

—É o sr. Francisco de Mattos Lobo?

Respondeu orgulhosamente:

—Eu mesmo.

—O senhor acaba de assassinar uma familia inteira.

—É mentira. *Em casa não ha ninguém que possa provar isso (III)* ¹

—Engana-se. Sua prima Julia, ainda não morreu.

O malvado perturbou-se, mas, tomando logo o seu descarado sangue-frio, respondeu muito admirado:

—*Pois ella ainda está viva?*

—Está viva e declarou tudo.

Mattos Lobo, encolheu os hombros, e não respondeu.

O alferes disse-lhe:

—Vista o casaco e acompanhe-me.

Lobo, queria mudar de roupa, mas o alferes, vendo-lhe as calças, o coléte e as mãos manchadas de sangue, não consentiu.

Ao pôr o chapéu na cabeça, cahiu d'elle um rôlo de papeis e, entre elles, trez acções do banco commercial do Porto, tudo pertencente a D. Adelaide. O official, apoderou-se immediatamente d'estes papeis.

O assassino, estava tão desorientado quando acabou de commetter tantos e tão grandes crimes, que não reflectiu que fazia um roubo inutil, pois que todos estes papeis não lhe

serviam de mais nada senão para a sua condemnação.

A entrada d'este malvado na casa das suas victimas, causou um terror geral.

Mattos Lobo, era corpulento, muito trigueiro, grande boca, beiços grossos, olhos ferozes e feições pronunciadas. Era o typo completo de um assassino.

O capitão Barrote, disse-lhe:

—Vossé é o Francisco de Mattos Lobo?

O malvado, em vez de responder á pergunta, disse descaradamente:

—*Eu não matei ninguém.*

Foi levado á presença dos cadaveres de D. Adelaide, do filho e da creada.

O assassino, metteu as mãos debaixo dos braços, e poz-se a olhar para as victimas com a maior indifferença.

Foi depois levado ao quarto da menina, que ainda vivia. Ella, apenas o viu, disse, com voz já muito debil:—É elle, é o mesmo Mattos Lobo, que nos matou.

Elle respondeu descaradamente:—É mentira.

O official, ao vér-lhe as mãos ensanguentadas, perguntou-lhe:—Que é isso?—Elle respondeu com a maior indifferença:—É sangue.

Interrogado sobre os motivos que o levaram a perpetrar tantos crimes, respondeu que D. Adelaide queria que elle casasse com a menina Julia, e como elle se recusasse a isso, ella (D. Adelaide) e a criada se lançaram a elle, armadas de facas, e então teve de fugir pela janella que dava para o arco.

—Então porque não gritou?

—Porque não queria que me imputassem estas mortes. (!)

O desgraçado contradiztia-se em todas as suas respostas.

D. Julia, disse aos circumstantes, que Mattos Lobo raras vezes hia áquella casa, e que tal casamento jámais havia sido fallado, nem pensado.

D'alli foi conduzido ao Carmo, e lá confessou que tinha assassinado, *por ciúmes (!)* toda aquella gente.

O monstro, não satisfeito de ter roubado

¹ Não é preciso dizer aos meus leitores, que não estou a fazer um romance, mas a escrever um dicionario. Tudo quanto digo d'esta damnada fera, é da mais rigorosa verdade, e foi plenamente provado nos autos.

a vida a quatro innocentes, quiz tambem roubar-lhes a honra!

Todavia, apesar da prova incontestavel do roubo, negou-o sempre, dizendo que as trez acções, as havia recebido á conta do dote para o seu casamento com D. Julia!

Depois de não ter negado o crime, inventou outra mentira.—Disse que na casa havia um hospede, que teve desordem com a familia, e a assassinou. Elle acudiu ao barulho, mas, como visse todos mortos, fugiu, para evitar incommodos.

—Então porque tem vossé as mãos e a roupa manchadas de sangue?—Não sei.

As calças estavam tão manchadas de sangue, no sitio dos joelhos, que tinha repassado as seroulas, e até chegado á pelle: signal evidente de que elle tinha ajoelhado sobre a guma das victimas, para a acabar.

—Quem era esse hospede que matou as quatro pessoas?

—Não o conheço: só sei que é da provincia.

Pelas 3 horas da manha, tornaram a levar o á casa onde perpetrara os crimes, para se formar o auto de exame e corpo de delicto.

D'este exame, viu-se que, D. Julia tinha 17 punhaladas; Julio, 14; e D. Adelaide e a creada, mais de 30! O punhal com que foram feitos os ferimentos, era uma especie de faca de matto, grosseiramente fabricada, e de 0^m,33 de comprido.

A infeliz meua, ainda teve forças para repetir tudo quanto já tinha dito.

Então o scelerado virou-se para ella, e disse-lhe: — *A prima bem sabe porque isso foi. (1)*

Quando o malvado foi d'alli removido de novo para o Carmo, já era dia claro, e já muita gente sabia do acontecido, e se tinha agglomerado á porta onde tivera logar a tragedia; e se não fosse a grande força da guarda municipal que o escoltava, seria despeçado pelo povo.

Na tarde do mesmo dia 26 de julho, foi o reu conduzido, no meio de uma grande for-

ça de infantaria e cavallaria, para a cadeia do Limoeiro, e, pelo tracto, grande trabalho teve a tropa para livrar o malvado do justo rancor do povo lisbonense.

Durante os oito mezes e 20 dias que esteve no Limoeiro, conservou-se quasi sempre com a maior audacia e sangue-frio, negando obstinadamente os crimes. Escreveu varios artigos para os jornaes, pretendendo justificar-se, mas cahindo sempre nas mais absurdas contradicções. N'estas correspondencias, e mesmo em cartas particulares, insultava os juizes, os empregados da cadeia, e sobretudo os medicos.

Quando os remorsos o acommettiam com mais violencia (se é que pôde ter alguns remorsos uma alma tão depravada) tentava suicidar-se; pelo que foi preciso vestir-lhe o colete de força. Sendo, na 1.^a instancia, sentenciado a pena ultima, appellou para a relação, e não conseguindo annullar o processo, recorreu de revista, para o supremo tribunal de justiça, mas não teve provimento (4 de março de 1842).

Foi então que, perdendo toda a esperanza de escapar a uma morte infamante, pelos crimes de assassino e ladrão, perdeu o seu orgulho, e deixou de comer, no proposito de morrer de fome; pelo que foi preciso deitar-lhe, á força, o caldo de gallinha por um funil.

Custa a crer, mas é verdade — este homem, apesar dos seus monstruosos crimes, teve muitos protectores, e foi isso a causa de o seu processo levar quasi nove mezes a terminar.¹

Foram tambem estes protectores que tentaram (mas, por fortuna, inutilmente) obter do *poder moderador* a commutação da pena.

O assassino estava então desanimado. Já não era o insolente orgulhoso, que insultava a todos: tornára-se humilde para com os seus guardas, até á mais nojenta baixeza.

Foi por este tempo (27 de janeiro de 1842) que Antonio Bernardo da Costa Cabral (ho-

¹ A audiéncia do julgamento. foi logo a 30 d'agosto, 35 dias depois do crime; porém os recursos entretiveram quasi oito mezes!

je marquez de Thomar) fez a revolta do Porto, restaurando a *carta constitucional*.

Os amigos de Mattos Lobo, deram-lhe esperanças de escapar à força, em vista da nova phase politica, e elle tornou a ser o reu altivo, motejador e impertinente; mas, pouco lhe durou este periodo de mal fundadas esperanças. A mudança de politica nada influíu no seu destino fatal.

A desesperação apossou-se novamente d'esta alma depravada. Só lhe ficou a impenitencia, e a falta completa de arrependimento.

Negava-se obstinadamente a ouvir os clérigos destinados ao soccorro espirital dos condemnados: só quiz ter a seu lado, o seu antigo amigo, o prior de Marvão.

Este padre, tinha estado preso alguns annos, por varios crimes.

Em 1834, fez como outros muitos—disse que estava preso por liberal, e foi solto.

Era homem turbulento, vingativo e rancoroso.

Ainda depois de posto em liberdade, continuou, a seu pedido, a ficar sendo capellão do Limoeiro.

Era só d'este padre que Lobo queria ouvir missa, e era só a elle que se confessava.

Entre estes dous homens, havia um laço mysterioso de união, que ficou para sempre ignorado.

Até 25 de março escreveu cartas a diferentes conhecidos, e *artigos*, quasi todos inconvenientes e aggressivos, para os jornaes.

Finalmente, a 14 de abril, pelo meio dia, foi-lhe lida a sentença que o condemnava á morte. O reu, que havia sempre mostrado a maior insolencia, e o mais ignobil descaramento, desmaiou, e esteve muito tempo sem sentidos.

Foi logo conduzido ao oratorio, e só então se resolveu a que o prior dos Martyres o ouvisse de confissão; mas este recusou-se, respondendo que isso competia ao prior de Marvão, ao qual até alli se tinha confessado.

O padre Gregorio de Salles Pinto, que estava no oratorio, empregou todos os seus

recursos oratorios, na conversão do reu, e conseguiu o.

O thesoureiro dos Martyres, que era amigo, ou, pelo menos, conhecido de Mattos Lobo, instou com elle, para que fizesse uma publica confissão do seu crime.

O reu consentiu, e pediu ao padre Salles que a escrevesse, e assignou-a.

Pelas 11 horas do dia 15 de abril de 1842, sahio do oratorio, para o patibulo, em uma cadeirinha, em razão do seu estado de abatimento.

Ao meio dia, chegou ao sitio onde tinha commettido os crimes, e onde devia dar trez voltas, em cumprimento da sentença.

O padre thesoureiro dos Martyres (José dos Santos Silva) de uma das janellas da casa de D. Adelaide, fez uma commovente *prática allusiva ao crime, e leu a declaração que o reu havia assignado no oratorio, confessando que fôra elle o unico auctor d'aquellas mortes, repentina e inevitavelmente arrebatado por circumstancias graves do momento, e por força de uma cega e louca paixão, originada de muito antes, mas que tocára então o seu termo, sem idea alguma de roubo.*

O reu ouviu tudo isto com a maior impassibilidade, e completamente aniquilado.

O seu rosto causava pavor a toda a gente, e uma escuma sanguinolenta sahia de seus grossos labios.

Chegado o funebre préstito ao caes do Tôjo (à Boa Vista)¹ foi o reu entregue ao carrasco,

¹ Em Lisboa havia então dois logares denominados *Caes do Tôjo*; o primeiro, era no sitio hoje occupado pela estação principal dos caminhos de ferro do norte o leste, e era ali que estava uma força permanente, onde eram suppliciados os assassinos e ladrões. Este logar porém, é no districto da freguezia de Santa Engracia, e como o dia 15 de abril, é santificado alli, por ser o da padroeira, foi Mattos Lobo enforcado á Boa Vista.

O segundo, que ainda existe com o mesmo nome, apesar das grandes alterações que no sitio se fizeram, com o formoso *atêrro da Boa-Vista*, é perto e a E. da *Rocha do Conde d'Obidos*, no districto da freguezia de Santos-o-Velho.

Ambos estes logares são á beira do Tejo, um (o 1.º) no bairro oriental; e outro (o 2.º) no occidental, de Lisboa.

que teve de o subir em braços pela escada do patíbulo.

O prior de Marvão, disse debaixo.—*Filho, dize de todo o teu coração: Virgem Maria, encaminha a minha alma...* Não pôde dizer mais, porque cahiu morto, com uma apoplexia fulminante.

Muitos dos espectadores dizem que, quando Mattos Lobo viu cahir morto o seu antigo amigo, olhára, para o cadaver, com um pronunciado gesto de satisfação. Porque?—Ninguém o soube.

Para terminar esta horrivel historia, direi, que o reu morreu enforcado, e a justiça dos homens foi cumprida.

Na mesma tarde do supplicio, os lentes da escola medico-cirurgica de Lisboa, os doutores, Francisco Martins Polido, e João José de Simas, tomaram conta do cadaver do suppliciado, para no seu craneo fazerem experiencias phrenologicas; as quaes se verificaram nos dias 17 e 18, no theatro anatomico do hospital real de S. José onde ainda existe a cêveira.

O exame demonstrou que a organização da cabeça de Mattos Lobo, affirmava os caracteres proprios dos facinorosos, e a propensão para a *destructividade*, ao passo que as secções correspondentes ás faculdades moraes e intellectuaes, eram diminutissimas; d'onde se mostrava que os bons sentimentos e a intelligencia, deviam ter n'este facinora, um mui pequeno desenvolvimento: o que estava provado pelos factos, em vista dos insignificantes resultados dos seus trabalhos intellectuaes.

SANGUNHEDO — aldeia, Traz-os-Montes, concelho das Boticas, comarca e 18 kilometros ao S. de Montalegre, e na freguezia do Salvador de Eiró. (Vide *Eiró*)

Ao meu esclarecido amigo, o reverendissimo sr. José dos Santos Moura, dignissimo Abbade de Caires, e que tantos e tão relevantes serviços tem feito ao *Portugal Antigo e Moderno*, devo os apontamentos que constituem este artigo.

A freguezia de Eiró, está situada na margem direita do rio Têrva; e na parte E. da serra de Leiranco, em uma baixa e amena

planicie. Era commenda da ordem de Christo, e seus commendadores, os marqueses d^e Marialva.

Compõe-se de trez povoações—*Eiró*, séde da parochia — *Boticas*, capital do concelho d'este nome, e *Sangunhedo*.

Os commendadores, recebiam os dizimos d'esta freguezia e da de Santa Maria da Granja, que era da mesma commenda.

A egreja matriz da freguezia, é muito antiga, e foi reedificada em 1817. O vigario, principiou a ter o titulo de reitor em 1837.

A freguezia está abrigada do N. e N. O., pela serra de Leiranco, e como é abundante d'aguas, o seu sólo é fertilissimo, em centeio, milho, legumes, hortaliças, vinho (verde) excellente fructa, e optima castanha.

Eiró e Sangunhedo, eram *casaes cerrados*.

Pelo centro da freguezia corre (de N. a S.) um ribeiro, que tem duas origens—uma ao N., no sitio do *Fontão*, e por isso, chamado ribeiro do *Fontão* — outra, ao O., junto ás povoações de *Seirões* e *Quintas*, chamado, *ribeiro de Ladrêdo*, ou *Córgo da Ribeira*. Juntam-se abaixo da villa das *Boticas*, e com 5 kilometros de curso, logo abaixo da ponte de Requeixo, mas ainda na freguezia de Eiró, no sitio da *Palla*, na direita do *Têrva*, que corre ao S. da freguezia.

O ribeiro de que fallei, tem duas pontes — uma junto á povoação de Sangunhedo — outra nas *Boticas* — e um pontão, na confluencia dos dous ribeiros. Regam, móem, e criam algum peixe miudo.

A freguezia, é atravessada por uma estrada real, antiga, que de Chaves vae a Braga, passando pelo centro da villa das *Boticas*,¹ sendo aqui cortada por outra estrada, também antiga, que de Villa-Real se dirige a Montalegre, e d'aqui á Galliza, na direcção de S. E. a N. O.

São ambas muito frequentadas.

Tambem pela villa das *Boticas*, passava uma das quatro vias militares romanas que de Braga hiam a Astorga, por Chaves.

Segundo o novo *traçado*, ainda ao N. de

¹ A esta nova villa, dá-se vulgarmente a denominação de *Boticas de Barroso*.

Eiró, ha de passar a nova estrada em construção, de Braga a Chaves; e pelo meio das Boticas, a estrada districtal, de Montalegre a Villa-Real.

Nas Boticas, ha duas escolas de instrução primaria, uma para cada sexo, e duas feiras (mercados) a 5 e 20 de cada mez. Foram creadas em 1787.

Capellas na freguezia de Eiró

1.^a *Santo Aleixo* — em Sangunhedo, pertencente aos moradores da aldeia.

2.^a *Nossa Senhora das Necessidades* — na aldeia de Eiró. É particular, e foi mandada construir, por Lazaro Vieira de Carvalho, juiz dos orphãos em Montalegre. Pertence hoje (1879) ao sr. Antonio Joaquim Aues, da mesma aldeia.

3.^a *S. Francisco* — no centro da villa das Boticas. Foi fundada por João Baptista de Queiroga, juiz de fóra, de Braga. É particular, e pertence, actualmente, aos herdeiros de José Maria da Silveira, residentes em Braga.

Era natural das Boticas, o bacharel, fundador da ermida de S. Francisco, que falleceu no principio d'este seculo.

Foi juiz de fóra, em Braga; corregedor, em Santarem; ouvidor em Chaves. Foi sogro do doutor Francisco Antonio de Sousa da Silveira, natural de Braga, fidalgo da casa real (em 1783) e desembargador do paço.

Teve este trez filhos, todos nascidos nas Boticas, e que tiveram o foro de fidalgos da casa real, eram Antonio da Silveira, José Maria da Silveira, e Joaquim Alberto da Silveira.

Em Sangunhedo, nasceu o bacharel João Monteiro de Miranda advogado, e que vivia em 1813. É bisavô materno do sr. Augusto Xavier Teixeira, filho do sr. Manuel Joaquim Xavier Teixeira e de D. Leonor Xavier Monteiro de Miranda.

O sr. Augusto, nasceu em Sangunhedo, a 25 de setembro de 1855.

Estudou preparatorios em Braga, obtendo em seus exames, varias distincções. Matriculou-se, na universidade de Coimbra, nas

faculdades de mathematica e philosophia, em 1872. Sentou praça, em 28 de julho de 1874, no regimento de artilheria n.º 1, em Lisboa, e foi feito alferes alumno, em 1 de agosto do mesmo anno. Matriculou-se na escola do exercito, em novembro de 1876, concluindo o curso em 1878. Obteve seis premios na universidade de Coimbra, e no 1.º e 2.º annos da escola do exercito.

Tambem em Sangunhedo, nasceu, no 1.º de janeiro de 1851, o sr. Abel Xavier Teixeira de Magalhães, filho natural do dito sr. Manuel Joaquim Xavier Teixeira, e Maria Joaquina Rodrigues, solteira.

Frequenta actualmente o 3.º anno de direito, na universidade de Coimbra.

O sr. Manuel Joaquim Xavier Teixeira, pae dos dois cavalheiros antecedentes, é natural da villa de Montalegre, é um distincto facultativo, do partido da camara das Boticas, e formou-se na escola medico cirurgica de Lisboa.

É hoje administrador d'este concelho. É geralmente estimado e respeitado, pela sua affabilidade e honradez.

SANHOANE — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mogadouro, 30 kilometros de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa.

Tem 80 fogos.

Em 1757, tinha 55.

Orago, S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O real padroado apresentava o cura, que tinha 8\$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pouco fertil e pobre. Muito gado e caça.

Para a etymologia, vide o ultimo *Sanhoane*.

SANHOANE — Vide *Pinheiro de Sanhoane*.

SANHOANE — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Santa Martha de Penaguião, comarca do Peso da Regua, 84 kilometros ao N. E, do Porto, 13 kilometros ao O. da Regua, 360 ao N. de Lisboa.

Como esta freguezia está ha muitos annos unida á de *Medim*, vide esta palavra.

Houve na freguezia de Sanhoâne, antes de estar unida á de Medim, um antiquissimo mosteiro duplex, da ordem de S. Bento, que no seculo XV foi unido ao de S. João de Tarouca. (Vide esta palavra.)

N'este mosteiro de Tarouca, havia um testamento, feito em 1335, no qual o testador declara dever ao mosteiro de Sanhoane, 10 libras que me emprestaram para minha soterraçom. (Soterraçom, é portuguez antigo —significa enterro, e tambem funeral.)

Os antigos portuguezes diziam *Sanhoâne*, por *S. João*. Depois, disseram *S. Joanne*. O nosso Camões ainda diz nos *Lusiadas*, *Joanne* em vez de *João*.

SANJOMIL—Vide *Jomil* (São.)

SANJURGE, ou *S. Jurge*—freguezia, Traz os Montes, comarca e concelho de Chaves, 80 kilometros ao N. E. de Braga, 480 ao N. de Lisboa.

Tem 80 fogos.

Em 1757, tinha 66.

Orago, Santa Clara, virgem.

Arcebisado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O reitor de Bobabella, apresentava o vigario, collado, que tinha 50\$000 réis e o pé d'altar.

É terra fria, pouco fertil e pobre.

Esta freguezia esteve algum tempo annexa á do *Outeiro Sêcco*.

Os antigos portuguezes, em vez de *Jorge*, diziam *Jurgo*, e depois, *Jurge*.

O nome d'esta freguezia, procede de ser *S. Jorge* o seu primeiro orago.

SANOM—portuguez antigo—*senão*.

SANOMEDE—portuguez antigo, *S. Mamede*.

SANTA ANNA—freguezia, Alemtejo, comarca de Moura, concelho de Serpa. (Vide 1.º vol., pag. 217, col. 2.ª, no fim).

Orago, Santa Anna.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 40 de cevada.

Em 1757, tinha 37 fogos.

SANTA ANNA—freguezia, Alemtejo, concelho de Portel, comarca, arcebisado, districto administrativo e 35 kilometros, de Evora, 120 ao S. E. de Lisboa.

Tem 130 fogos.

Em 1757, tinha 80.

Orago, Santa Anna.

Foi do mesmo concelho, mas da extincta comarca de Monçaraz.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 30 de cevada.

É terra muito fertil.

Esta freguezia já fica descripta no 1.º vol. pag. 217, col. 2.ª (a penultima *Anna* (*Santa*).

Repito-a aqui, para rectificar um pequeno erro do 1.º volume.

Na *Serra dos Velhascos*, d'esta freguezia, ha grande abundancia de caça miuda, ras-teira e do ar, e tambem corças, veados e javalis.

SANTA ANNA—freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, districto administrativo, bispado, e 12 kilometros da Guarda, 295 ao E. de Lisboa.

Tem 90 fogos.

Em 1757, tinha 64.

Orago, Santa Anna.

O prior de Ramella, apresentava o cura, que tinha 40\$000 réis e o pé d'altar.

É terra de clima excessivo, e pouco fertil.

Muito gado miudo e caça.

(Vide 1.º vol., pag. 217, col. 2.ª—a segunda *Anna* (*Santa*.) Esta freguezia repete-se, pelo mesmo motivo da antecedente.

SANTA ANNA—(Estação do caminho de ferro do N. e L.) Vide a primeira *Anna* (*Santa*) no 1.º vol., pag. 217, col. 2.ª

SANTA ANNA DA SERRA—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho d'Ourique (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Almodóvar).

Orago, Santa Anna.

Bispado e districto administrativo de Beja. A mitra apresentava o cura, que tinha 330 alqueires de pão meiado.

(Vide *Anna da Serra* (*Santa*) no 1.º vol., pag. 218, co. 1.ª)

SANTA ANNA DE CAMBAS—Vide a segunda *Cambas*.

SANTA ANNA DO CAMPO—Vide *Anna do Campo* (*Santa*).

Pela suppressão da comarca de Arraiolos, ficou a freguezia pertencendo ao concelho

d'este nome, mas á comarca de Monte-Mór-o-Novo.

SANTA ANNA DO MATTO — freguezia, Extremadura (ao S. do Tejo). Vide *Matto e S. Torquato*.

SANTA BARBARA—serra, Traz os-Montes.—Já está descripta na col. 1.^a pag. 322, do 1.^o vol. (É a 3.^a *Barbara (Santa)*.)

Aqui darei a *parte official* da batalha que alli teve logar, a 13 de março de 1823 (e não a 10 d'abril, como por mal informado disse no 1.^o volume.)

Devo a posse d'estes documentos, ainda ao meu illustrado amigo, o reverendissimo sr. José dos Santos Moura, dignissimo abba-de de Caires, no concelho de Amares.

Eis a copia textual da parte, dada pelo brigadeiro, Francisco Antonio Pamplona Moniz, que commandava as tropas liberaes, na ausencia de Luiz do Régo.

«Tenho tanta honra, como desventura em participar a v. ex.^a, para conhecimento de sua magestade, que no dia 13 do corrente das 6 para as 7 horas da manhã, foi atacada a divisão do meu commando, que se compunha dos batalhões de caçadores n.º 7, 9, 10, 11 e uma porção de infantaria n.º 21, o que fazia, pouco mais ou menos, uma força de novecentos combatentes, e se achavam aquartelados o batalhão n.º 7, em Ventuseles, n.º 9 e 10 em Bedoal, e o batalhão n.º 11 e infantaria n.º 21 em Pereira de Selão, e tudo ficou prisioneiro depois de trez horas de fogo, o que não succederia, apezar das forças com que fui atacado, constarem dos regimentos de cavallaria n.º 6, 12 e trez esquadroes do 9.^o regimento de infantaria n.º 24, o batalhão n.º 12 de infantaria, o regimento de Melicias de Chaves, parte da de Villa Real, e immensos paizanos armados, se o major Lima, commandante de caçadores n.º 7, cumprisse com a ordem, que lhe dei na vespera, diante da officialidade do seu commando, mostrando as posições, que devia tomar, quando fosse atacado, o que repeti ao ajudante na manhã do ataque, quando me veio participar de mando do dito major, que estava a ser atacado por instantes, por

que as tropas inimigas marchavam para esse fim, participação que haveria meia hora antes me tinha mandado dizer por um sargento, em consequencia do que mandei tocar immediatamente a assemblea, e mandei o commandante do batalhão n.º 10 postar á esquerda do batalhão n.º 7, communicando-se com elle, ordenando que logo que fosse forçado se retirasse para a forte e eminente posição da capella de Santa Barbara, onde se deviam reunir todos os corpos, á medida que fossem obrigados a ceder as primeiras posições; e depois de acabar de postar o batalhão de caçadores n.º 9, a esquerda do 10, communicando com elle para cobrir o flanco esquerdo, e retirar-se para a dita capella, quando fosse forçado, passei a ver se o batalhão de caçadores n.º 11 e infantaria n.º 21, que se achava á rectaguarda no Povo da Pereira de Selão, tinham tomado as posições do flanco direito, que lhe tinha mandado, que era o batalhão n.º 11, a direita de caçadores n.º 7, e infantaria n.º 21 á direita em communicação com os caçadores n.º 11, e assim esperava defender a posição por todo aquelle dia ou pelo tempo, que fosse preciso até que chegasse a divisão do general Rego, que se achava a pouco mais de trez leguas, em Villa Real, e para onde o dito general marchou da mesma posição, com toda a brevidade, a busca-la depois de ter assistido um pequeno espaço de tempo ao fogo, e até ter suposto, quando me veio a participação de que o inimigo avançava, que seria a cobrir o movimento de retirada para Bragança, porque assim constava, e chegando ao flanco direito vi que o batalhão n.º 11 e infantaria n.º 21 estavam sustentando a posição com um vivissimo fogo, e estando quasi a ser tomada a posição de infantaria n.º 21, esta com uma descarga, seguida de um bote de baioneta, arrojou o inimigo da posição, continuando estes dois corpos a sustentar o flanco direito na minha presença, e de repente sentindo sobre mim um vivo fogo cruzado da capella de Santa Barbara (posição que tinha escolhido para sustentar com toda a divisão depois que fossem forçados os primeiros pontos, em que me podia conservar até que

fosse obrigado pela fome), vejo que o inimigo se tinha apoderado d'aquelle importante ponto, por causa, como depois o soube, e que é constante por toda a divisão, e até pelo mesmo inimigo, o commandante de caçadores n.º 7, não ter tomado a posição que lhe ordenei, e em seu logar formar em ordem estendida, sem reserva, na frente do povo de Ventuzelos, em um terreno de planície, e por isso cedeu aquelle bravo batalhão á carga, que a cavallaria lhe deu, ficando todo prisioneiro, á excepção do commandante, que a pés de cavallo abandonou o batalhão, deixando-o entregue á sua sorte, e, se em logar de tomar a fuga, vem ter comigo ao fogo, dar-me parte do aprisionamento do seu batalhão, eu ainda tinha tempo de penetrar na capella primeiro que o inimigo, porque estava o batalhão n.º 11, a pequena distancia d'ella e segundo me consta o dito commandante, quando passou pelas bagagens, que iam em marcha para a rectaguarda, ainda o fogo durou por mais de duas horas depois que elle passou, e por isto se viram os batalhões n.º 9 e 10, forçados por toda a parte, e retirando-se quasi juntos com o inimigo, por não poderem retirar para a capella que se achava tomada pela falta de obstaculo, que acharam no batalhão n.º 7, que foi o ponto por onde os inimigos penetraram, porem a falta veio do commandante do batalhão, não tomar a posição, e não dos soldados e muito menos dos officiaes benemeritos, que eram dignos de melhor sorte; e d'esta forma e por toda a parte os inimigos, gritando:

Viva o rei e o nosso foro, camaradas não façam fogo, atirem para o ar, que todos sômos portuguezes.

E desgraçadamente vi que varios soldados assim o faziam, até que recorri ao ultimo recurso, mandando armar bayoneta, e tocar todas as cornetas, que alli se achavam, avançar, gritando lhes:

Viva a constituição! soldados, avança, avança, a victoria é nossa!

Porem a maior parte não correspondeu ao meu desejo, apesar do exforço que tambem faziam os officiaes, que alli se achavam, que em geral se portaram bravamente em

todos os sitios, em que me achei, mas nos soldados não se via aquelle encarniçamento que os fez formidaveis aos francezes, e até a maior parte se podia salvar de prisioneiros se fizessem por isso, porém, immensos, com a maior facilidade largaram as armas e começaram a abraçar-se e dár vivas ao rei, estando intimamente persuadido que se fossem inimigas tropas estrangeiras, que a acção não se perderia, ao menos teria sido mais sanguinolenta e não seria nem metade da divisão prisioneira, assim vendo tudo perdido, sem lhe poder dar remedio, tratei de salvar a infantaria n.º 21, que só se achava formada regularmente e seu numero, n'aquella occasião, pouco excederia de cem combatentes de bayoneta.

Então fiz uma retirada sobre o flanco direito, desviando-me dos caminhos por causa da cavallaria, que ia por toda a parte, até que o inimigo conhecendo a minha retirada, flanquearam com a cavallaria, por toda a parte, na direcção em que eu ia, ja por todos os lados cercado de cavallaria e até já de infantaria subindo pela montanha em que me achava.

Assim, em nada a minha consciencia me remorceia de ter faltado ao meu dever de commandante e soldado.

Em minha infelicidade tenho a consolação, que os inimigos olham para mim com respeito e consideração no meu estado de prisioneiro, e da divisão que commandei ainda nem um só individuo me arguiu ou ralhou de que eu fosse a causa da perda da acção, antes tenho d'elles recebido todas as provas de amor, sentindo a benemerita officialidade mais a minha desgraça, que elles a sua, e que não só com a divisão, mas até com o inimigo hei de provar em conselho de guerra, que desde já peço para me justificar perante a nação, esperando que até então suspendam qualquer juizo menos favoravel que de mim façam.

Chaves, 14 de março de 1823.

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Manuel Gonçalves de Miranda, Francisco Antonio Pamplona Moniz.

Conforme com uma copia (existente em meu poder), extrahida pelo medico, José dos Santos Dias, de Montalegre.

Mais. Em um folheto, impresso em 1823, e intitulado *Memoria e exposição authentica da conducta civil e militar de Luiz Vaz Pereira Pinto Guedes, visconde de Montalegre, desde 1821 até 1823*, lê-se a paginas 4: «e o dito visconde de Montalegre foi de proposito por Guimarães, em novembro do dito anno, quando fez a sua jornada para a provincia de Traz-os-Montes, convidar e concertar com seu primo o general Gaspar Teixeira de Magalhães, hoje visconde de Peso da Régua, que igualmente ambos se deram as mãos a entrar na dita combinação; bem como depois o communicou tambem aos dois capitães de cavallaria em Chaves, Miguel Vaz Pereira Pinto Guedes, seu sobrinho, do 6.º regimento de cavallaria (morto em o dia 13 de março na acção de Santa Barbara) e, em Villar d'Ossos, casa do mesmo visconde.»

Lê-se a paginas 8: «Na sempre gloriosa acção de Santa Barbara, em o memoravel dia 13 de março, á testa do regimento de cavallaria n.º 6 do seu immediato commando, e que fazia a vanguarda da columna da esquerda da cavallaria, commandada pelo general Gaspar Teixeira de Magalhães Lacerda, que a elle se lhe havia reunido em Villa Real, atacou o visconde de Montalegre, com os seus esquadrões, n'aquella acção tão denodadamente, que ás repetidas cargas dos mesmos esquadrões se deve inteiramente o vencimento d'aquella grande batalha cuja cobriu de uma gloria immortal a divisão Transmontana, por destruir, derrotar e aprisionar completamente de um golpe, e em poucas horas, a melhor divisão de tropas Ligeiras que tem havido jámais em Portugal, cujo combate deverá ter um bem distincto logar nos fastos da nossa historia portugueza.»

Esta memoria é assignada por differentes officiaes militares.

SANTA BARBARA. Vide no 1.º vol., *Barbara (Santa)* para todas as freguezias d'esta denominação.

SANTA BARBARA DOS PADRÕES. Vide *Padrões*.

SANTA CATHARINA. Vide a primeira *Catharina (Santa)*.

SANTA CATHARINA. Vide *Fonte do Bispo*.

SANTA CATHARINA. Vide *Riba-Mar*. (Santa Catharina).

SANTA CATHARINA (capella). Vide *Catharina (oratorio de Santa)*.

SANTA CATHARINA DE AZOIA. Esta freguezia da Extramadura, fica a 6 kilometros de Leiria, e já está descripta no 1.º vol., pag. 298, col. 2.ª (a 1.ª d'esta columna.) Aqui acrescento.

Disse no 1.º volume, que esta freguezia era *uma das mais antigas da comarca*; porém isto só se entende quanto á egreja, e não á parochia.

Na aldeia de Azóia, havia uma antiquissima ermida dedicada a Santa Catharina, virgem e martyr. Um devoto, d'esta aldeia, chamado *João Luiz*, deixou a esta ermida tudo quanto tinha, para que com os rendimentos se occorresse á conservação e acção do templo, e para que no dia da padroeira, houvesse missa cantada e sermão.

A imagem da Santa, está dentro de um nicho de marmore, e junto d'elle uma lapide com esta inscripção.

ESTA OBRA FEZ FERNÃO VAQUEIRO,
POR SUA DEVOÇÃO QUE TINHA
A' BEM-AVENTURADA
SANTA CATHARINA

Este nicho, denota muita antiguidade.

Azóia, era uma povoação pertencente á freguezia de S. Pedro de Leiria, e o bispe d'esta diocese, D. Alvaro de Abranches, a erigiu em parochia independente, em 1713.º Para isto, tinha mandado demolir a antiga capella, e erigir de novo a egreja actual, que tem 22,º50 de comprido, por 8 de largo e 8 d'alto.

A capella-mór é de abobada e alem do seu altar, ha mais dois lateraes, no corpo da egreja.

Em 1840, os francezes, de Massena, fizeram d'esta egreja cavallariça, construindo em cada uma das paredes lateraes, uma linha de mangedouras!

Da casa do baptisterio, fizeram dispensa. Queimaram tudo quanto na egreja havia que fosse de madeira, menos as portas.

Quando estes malvados fugiram, como a

egreja estava destruída e profanada, e o povo (que tinha fugido todo) regressou a suas casas, collocaram o Santíssimo Sacramento, na capella de *Alcugulhe*, e alli se confessavam e ouviam missa, mas os baptisados eram feitos na igreja matriz de Parceiros.

Em 1813, construíram um altar provisório, e uma nova pia baptismal.

Os parochianos, foram, pouco a pouco, reconstruindo a igreja e fazendo novos altares, até que, em 1822, veio para elle o SS. e ficou restituída a todos os officios divinos.

Tem esta freguezia duas confrarias—a do SS., cujos estatutos (*compromisso*) foram approvados pelo provisor João Henrique dos Reis, em 1744. Governava então a diocese de Leiria, o bispo de Coimbra, D. Miguel da Annunciação—e a confraria das Almas, cujo compromisso foi approvado em 1822.

A imagem de Nossa Senhora da Piedade que está no altar lateral, da parte do Evangelho, foi achada por uns trabalhadores, sob as ruínas de uma antiquissima ermida de S. João, na *Ribeira de Valle Gracioso*, á qual propriedade se dá hoje o nome de Quinta de S. João. É na freguezia da villa da Batalha.

Esta imagem é de primorosa esculptura.

Tambem ha muitos annos, e quando ainda a capella de Santa Catharina não era igreja matriz, e uns 500 metros ao N. E. da aldeia de Azóia, e na encruilhada de um caminho, foi achada a imagem do apostolo S. Thomé, que está na igreja.

Em memoria d'este achado, se erigiu no sitio onde foi feito, um cruzeiro, que se ficou chamando *Cruz de S. Thomé*. D'este cruzeiro só hoje existe parte do pedestal.

Nas vinhas que ha, entre Alcugulhe e Valle do Horto, está uma cruz, de marmore branco, de 2 metros d'alto, em um pedestal de alvenaria. É dedicada a S. Silvestre, papa, e lê-se no pedestal:

ESTA CRUZ FEZ UM DEVOTO
DE S. SILVESTRE. 1670.
CONTINUANDO O SANTO A TIRAR
AS SESSÕES, SE POZ A 3.ª CRUZ,
EM 1793

Em 1829, andando o d'opo da vinha mais proxima a este cruzeiro, cavando-a, achou

uma sepultura de pedra, contendo ossos humanos. Denotava muita antiguidade.

Ha n'esta freguezia duas capellas publicas, que são:

Santo Antonio de Lisboa, na aldeia de *Alcugulhe*.

É a ermida mais vasta e sumptuosa do bispado. Tem 22 metros de comprido, por 8 de largo e 9 1/2 d'alto. A capella-mór, é de abobada de pedra, e o pavimento do templo é todo de bellas lageas de marmore. Tanto o altar-mór, como os dois lateraes, no corpo da igreja, são de primorosa talha, dourada.

Não se sabe o anno em que foi construída esta capella, mas já existia em 1712. Em 1785 lhe fizeram uma bellissima fachada.

Foi seu fundador Jacome Leite, solteiro, natural da villa de Aljubarrôta, o qual comprou não só o *chão* da capella, mas tambem varias fazendas em redor, fazendo de tudo uma boa quinta, que é hoje dos herdeiros do conego, Ignacio dos Santos.

N'esta quinta residiu o fundador, por alguns annos.

Principiou a construir uma capella, só para elle e para a sua familia, porem, sabendo depois, que não podia prohibir o povo de lá hir á missa, e não querendo que a quinta fosse devassada, desmanchou o que estava feito, e mudou a capella para o sitio actual, que era terreno aberto.

Quando Jacome Leite falleceu, deixou todos os bens, ou grande parte d'elles, ao hospital da Misericordia, de Leiria, com a obrigação d'este hospital pagar a um capellão, que dissesse missa n'esta capella, á hora que o povo quizesse.

Quando o bispo, D. Manuel d'Aguiar, fez o novo hospital, determinou que a Santa Casa pagasse a um capellão para dizer missas na capella, mas só nos domingos e dias santificados.

A Misericordia, cumpriu isto até 1854.

O povo d'Azóia, reclamou energicamente o cumprimento d'esta clausula, e obrigou os mórdomos da Santa Casa a cumpri-la. Em 1866, porem, declararam os mórdomos formalmente que não pagavam mais ao capellão, e assim o fizeram!

Nossa Senhora da Saude—no valle do Hôrto.

Tem 17 metros de comprido, por 7 de largo, e 7 d'alto. Tem um só altar.

José Rodrigues, em cumprimento de um voto, e ajudado tambem com esmolas do povo, construiu uma edicula á Senhora, em 1752; porem, concorrendo aqui os fieis, e dando valiosas esmolas, se fez a actual capella, com mais amplas dimensões.

O povo de Valle do Hôrto, tinha instituido uma confraria de defuntos, muito antes de existir a capella, e celebravam as suas sessões, e guardavam os utensilios e arranjos necessarios, em uma casa que construíram junto e ao S. do lugar. Feita a capella, para alli mudarem a confraria, com auetorisação do provisor, João Henrique dos Reis, sendo bispo de Leiria, D. João de Nossa Senhora da Porta. Tem um compromisso approved em 1761, pelo provisor, Pedro Paulo de Barros Pereira, sendo bispo d'esta diocese, D. frei Miguel de Bulhões e Sousa.

Disse a pag. 298, col. 2.^a do 1.^o vol., que o parochio tinha 60\$000 réis de rendimento e é o que lhe dá o *Portugal Sacro e Profano* (que tem o costume de diminuir muito o rendimento dos parochos) mas a renda exacta do parochio d'esta freguezia, foi até 1834, a seguinte—53 alqueires de trigo, 20 de cevada, uma pipa de vinho, e 15\$000 réis em dinheiro, pago pelos dizimos.

O povo dava, no dia de Todos os Santos, o que queria em generos, e regulava isso por 50 alqueires de milho. Tambem pelo Natal e pela Paschoa, cada chefe de familia dava em dinheiro, a esmola que queria. Tinha alem d'isto o pé de altar. Andava tudo por 100\$000 réis.

SANTA CATHARINA—freguezia, Estremadura; na comarca e concelho das Caldas da Rainha. Vide 2.^o vol., pag. 213, col. 1.^a—*Catharina* (*Santa*).

Nos logares da *Portella* e da *Granja Nova*, ambos d'esta freguezia, ha, em cada um d'elles, uma mina de carvão fossil. Ambas estas minas foram registadas, em dezembro de 1876.

SANTA CATHARINA (*Nossa Senhora da Penha*)—serra, Minho, comarca, concelho e 3 kilometros a E. de Guimarães, 20 ao N. E. de Braga.

Tomou este nome, de uma antiquissima capella da virgem e martyr, Santa Catharina, cujas ruinas ainda existem no alto da serra, junto a uma pyramide geodesica.¹ Em volta d'esta ermida, veem-se muitos milhares de carradas de pedra de alvenaria, prova de que houve aqui, em tempos remotissimos, uma não pequena povoação, e provavelmente uma das muitas *ciudades mortas* que abundavam entre o Douro e o Minho, e cujo nome e as tradições foram esquecidas pelo correr de muitos seculos.

Varios sucalcos e alicerces de muros, provam tambem que parte d'este terreno foi cultivado.

A padroeira d'esta ermida, tem a sua lenda, conservada, de paes a filhos, entre o povo do Minho: eil-a.

Poucos metros ao S. da ermida, existe um grupo de penédos, e a um d'elles, que tem uma concavidade, chama o povo, *Cama de Santa Catharina*, por ser alli que, segundo a lenda, a santa passava as noites, em oração.

A santa virgem Catharina, pastoreava por

¹ É escandaloso o abandono em que está este templosinho, pois a padroeira tem uma irmandade com bastantes rendimentos, que são distrahidos, ninguem sabe em que; deixando os irmãos desmantelar a capella, veneranda pela sua antiguidade, e pela tradição que lhe anda ligada.

Nos primeiros tempos, era a capella fabricada pelos religiosos jeronimos do mosteiro de Santa Marinha da Costa, em Guimarães. (Vide 3.^o vol., pag. 358, col. 1.^a)

Os monges apresentavam aqui um eremita, e tratavam do culto divino e dos reparos da ermida.

Mesmo assim ainda se lhe faz uma grande romaria, no dia de S. Thiago, apóstolo (25 de julho) para o que vão buscar, na vespera, a imagem da Santa, e a trazem para a capella, cujas paredes (que não tem mais nada) são adornadas de colchas e flores. Chamam a esta romaria—não sei porque—*a Ronda*.

estes sitios desertos, numerosss rebanhos, sendo ao mesmo tempo, uma atalaya vigilante dos christãos, contra os serracenos.

Em certa noite, viu a Santa, que uma grande partida de mouros, com fachos accessos, descia a serra, em direcção a Guimarães, cujos habitantes descuidados dormiam a somno solto.

Era materialmente impossivel, avisal os a tempo, da iminencia do perigo.

Então a santa recorre a um estratagemma —áta velas accesas, nas pontas das cabras, e as faz descer a montanha.

Os mouros, já perto das portas de Guimarães, vendo á sua rectaguarda descer aquella multidão de luzes, suppõem ser um exercito de christãos, que marcha em soccorro da villa, fogem em desordem, e deixam os christãos em paz.

Bem vimos que esta lenda pecca bastante por inverosimil; porque seria difficil—senão impossivel—poder arranjar Santa Catharina tão grande numero de velas, n'aquelle deserto. Mesmo que em lugar de velas, fossem fachos de palha, em quanto a santa os fazia e accendia, tinham os mouros tempo de sobejo para assassinar ou captivar tudo, na villa; mas, o nosso bom povo, tem uma fé entranhada n'estas piedosas lendas, que são completamente inoffensivas, e é bem melhor crer n'ellas, do que ser falto de religião e obstinadamente incredulo.

Nossa Senhora do Carmo, da Pénha

Este famosissimo Sanctuario da provincia do Minho, fica, como já disse, a 3 kilometros ao E. de Guimarães, na serra de Santa Catharina, a mais bella e pittoresca da provincia. Até ao meio da sua encosta, é cultivada, em sucalcos ou comoros, que a certa distancia se assemelham a uma escada gigantesca, e é povoada de formosas granjas e casas de campo.

Do meio até ao alto, desaparece a vegetação opulenta da base, e o monte é formado de varios outeirinhos, ou cabeços, até quasi ao seu cume, que consta apenas de fragas escalvadas e penedos gigantescos, amontoados uns sobre os outros, formando

grupos fantasticos, imitando as ruinas magestas de vastas fortalezas, ou de palacios e templos em ruinas.

Por entre essa agglomeração de rochedos, se veem grutas extensas, e sinuosas cavernas, algumas de grande profundidade.

O panorama que se gosa d'estas alturas, é encantador e surprehendente.

Em baixo, em um valle, cercado de varios outeiros, senta-se a vetusta cidade de Guimarães, orgulhosa de suas tradições e da sua historia, e coroada com os restos venerandos do alcaçar do conde D. Henrique, onde nasceu o primeiro e um dos maiores—senão o maior—dos nossos reis; esse vulto legendario, que, com o seu pesado e temivel montante, á custa do seu sangue, e de quasi sessenta annos de continuo batalhar, nos deu uma patria e a liberdade.

Do alto da serra, e formando parte d'ella, se vê, ao S., no alto de um cabeço, a poetica ermida de S. Roque, cercada de frendoso arvoredor. Junto a esta ermida foram sepultadas muitas victimas de uma horrorosa peste que devastou esta terra, desde os annos 1507 até 1509.

É um sitio summamente aprasivel, e no centro das sepulturas, fundou um piedoso eremitão, uma pequena casa terrea, para agasalhar os aldeãos das visinhanças, e lhes ensinar a doutrina christan, e as maximas do catholicismo.

Por morte d'este eremitão, vieram para aqui viver dois clerigos seculares, que fundaram uma capellinha dedicada ao *Bom Jesus do Calvario*, e n'ella diziam missa todos os dias.

Os visinhos arroteiaram parte d'este terreno, reduzindo-o á cultura, plantando muitas arvores, e semearam grande quantidade de flores.

Um dos dois padres, chamado Francisco Ferreira, que era bom escultor, fez varias imagens de santos, que collocou em diversos pontos d'aquelle bosque, o qual é regado por uma fonte perenne, de agua crystallina, e em um nicho de murta, junto da fonte, se via a imagem de Jesus Christo Crucificado, e a seus pés, chorando, Santa Maria Magdalena.

Em outra parte, se via a imagem de apostolo S. Pedro, chorando lagrimas de arrependimento, por ter negado tres vezes, o seu Divino Mestre. (As lagrimas é a agua verdadeira, que a fonte lhe ministra.) E tinha uma inscripção, que dizia—*Non sum Petrus, sed miser senex.*

No centro de um outro grupo de copadas arvores, estava a imagem de S. Jeronymo, tendo na mão esquerda um Crucifixo, e na direita, uma pedra, com que batia no peito; e com a inscripção—*Tibi soli peccavi.*

O Divino Pastor, via-se dormindo, sobre uma cama de flores naturaes, e a inscripção—*Ego dormio, et cor meum vigilat.*

«Todo este sitio de santidade, é cercado de paredes, e pelas partes, do norte, nascente e poente, é a parede interlaçada de capellinhas, em que se manifestam os *Passos da Paixão de Christo*, do Horto até ao Calvario, as quaes tem as portas para dentro da cêrca, e para fóra as janellas, com grades de ferro, para que o povo possa fazer a sua oração.»

«De tudo isto, resta hoje (1873) apenas a capella do Bom Jesus do Calvario, alem da de S. Roque, e poucos vestigios mais, do que já fóra.»

«Mais alem, para o occidente, estendem-se as campinas de S. Miguel de Creixomil, amplas e viçosas, sementeas de casas de campo e palacetes, com a sua igreja parochial, a alvejar, no meio d'aquelle mar de verdura.»

«Depois, são collinas e montes de bellos e variadissimos contornos; depois, ermidas e igrejas, pontes e estradas, fontes, rios, bosques e campos, que formam um panorama surprehendente, que deleita docemente, os olhos e o espirito.»

«Alguns passos mais, e vencida a crista da montanha, veremos rasgar-se diante de nós, horisontes ainda mais espaçosos, e quadros mais bellos e variados.»

«É no cimo da *Penha*»

«Chegados aqui, vemo-nos collocados no centro de uma bacia enorme, cujas orlas são formadas ao nascente, por montanhas elevadissimas, que se destacam em magestoso amphitheatro, prolongando-se ainda para além

das raiaes d'esta provincia; ao norte, além de outras, pelas cordilheiras do Geréz, notaveis pela belleza e novidade de sua vegetação, e pela caça brava, sempre abundante n'aquellas paragens; ao sul, pela serra do Marão; sendo fechada ao poente, pelo Atlantico, que se avista, como largas fitas de prata, nas alturas de Mattosinhos, Villa do conde, Póvoa de Varzim, e Vianna do Castello.

«Dentro d'esta circumferencia, de grande extensão de kilometros, pousam e avistam-se d'aqui, as villas de Margaride, Santo Thyrso, Villa-Nova de Famalicão, e Fafe, perfeitamente destacadas, com as suas casarias brancas e espaçoso hospital geral.»

«Depois, descobrem-se as povoações da Lixa, Caldas de Visella e das Taipas, etc.»

«Além de muitos e importantes monumentos e grande numero de ermidas, que seria longo enumerar, vê-se ainda d'aqui (ao NO.) o mosteiro que foi de monges varatojanos, na serra da Falperra, adiante da igreja de Santa Maria Magdalena; e mais alem, a estatua colossal e o monumento da *Santissima Virgem, do monte Sameiro*, levantado na extremidade do concelho de Guimarães, e proximo ao famosissimo *Sanctuario do Bom Jesus do Monte*, em Braga.

«Mais proximo á Serra de Santa Catharina (ao N. E.) no centro de uma ribeira, coberta de esplendida vegetação, levanta-se a arrojada maça architectonica, do famoso *Sanctuario de S. Torquato*, ainda por concluir, mas tendo as obras já em grande desenvolvimento, e que é visitado por grande numero de romeiros, principalmente, no mez de julho.

«N'aquella cinta de montanhas, descobre-se, ao norte, o *Sanctuario de Nossa Senhora do Pilar*, e para o sul, o de *Santa Quiteria*, em Pombal, ambos com as suas capellinhas brancas, a mostrarem-se pur entre os arvoredos.»

Local e gruta-ermida

de Nossa Senhora do Carmo da Penha

Penedos descommunes, amontuados ao acaso, como se a mão de gigante monstruoso para alli os arremeçasse, formam uma

pyramide bizarra e ameaçadora. Outros, caprichosamente encostados, formam porticos magestosos, ou arcadas informes.

Mais adiante, outros penedos, alinhados como as antas de Carnac, formam uma imensa galeria.

Sob estes penhascos, ha vastos subterraneos, e grutas admiraveis.

Descendo uma extensa fraga, cortada nos passos menos accessiveis, por toscos degraus, abertos a picão, na rocha, chega-se á *Fonte de Santa Catharina*, cujas aguas limpidas e salutiferas rebentam de uns alterosos penhascos, e, seguindo ávante, chega-se á *Gruta do Sino*, que é uma garganta estreita, mas extensa, aberta entre altissimos penedos.

Dá-se-lhe este nome, porque, ao fundo, e á esquerda d'ella, ha um penedo, que ferido por outra pedra, produz o som, semelhante ao de um sino.

Passando alem da pyramide geodesica de que já fallei, e depois de um longo plano, chega-se á *Gruta-Ermida*, coberta de enormes penedias, cortadas por numerosas cavernas, que se communicam subterraneamente, formando um labyrintho de difficil percurso.

Por baixo d'esta penedia, abre-se uma grande caverna, formada por dois penedos collocados perpendicularmente, e por outro collocado sobre elles, formando lhe o tecto. O pavimento é formado por uma enorme lagem.

Á entrada, do lado esquerdo, ha outra caverna, que desce em linha quasi regular até grande distancia para o norte.

No fundo da entrada principal, ha ainda outra gruta, espacosa e alta, que depois se bifurca, tomando uma a direcção do O., e outra, que, tomando a direcção do E., dá sahida a estas informes galerias. O tecto de todas ellas, é formado de grandes penedos, sendo alguns alli collocados artificialmente.

Como esta penedia era inacessivel por todos os lados, fizeram os antigos, uma escada de pedra, de onze degraus, que fica ao sul, e pela qual se sóbe para um pavimento quasi regular, que, na frente, dá entrada para o hospicio, e pela esquerda dá

passagem para a *Gruta-Ermida*, por um estreito corredor, ao fundo do qual, se abre, em rocha viva, uma grutasinha artificial, forrada de cortiça e musgo, e n'ella está a imagem de Santo Elias, monge carmelitano, docemente adormecido.

D'aqui, por entre dous grandes penedos que se fecham em abobada, sobem-se por uma escada tosca e estreita, 48 degraus,—chega-se a um segundo pavimento, formando um terraço de 15 metros de comprido, por 12 de largo, plantado de flores, em taboleiros de buxo.

Ao N. d'este *jardim suspenso*, sobem-se mais 7 degraus, para se chegar ao *Terraço da Bandeira*, menos espaços que o antecedente, porem mais regular.

Subindo mais algumas escadas, e parte do costado de um penedo altissimo, chega-se á *Cruz Alta*, o ponto culminante d'estes alcantis.

Pelo que já fica dito, pôde fazer-se uma ideia, ainda que muito inferior á realidade, do imponente panorama que d'aqui se desfructa.

Da *Cruz-Alta*, desce-se por uma escada de 21 degraus, ao *Terraço da Ermida*, e d'este para a capella, ainda se desce outra escada de seis degraus.

A *Gruta-Ermida*, é composta principalmente, de dous grandes penedos, formando-lhe um d'elles, a parede do lado da Epistola, e o outro, o tecto, e as paredes da sacristia, do lado do Evangelho. Entre esta e o corpo da igreja, se construiu uma parede de estuque, não só para maior commodidade dos actos religiosos, como tambem para dar ao recinto mais alguma regularidade.

N'esta parede ha dous nichos, tendo um a imagem de *Nossa Senhora da Oliveira*, e o outro, a de *Nossa Senhora do Rosario*, e se levanta um dos altares lateraes, de talha muito antiga, com suas columnas torcidas, cobertas de varios ornatos.

É dedicado a *S. José*, padroeiro da igreja. O altar que lhe fica em frente, tambem do mesmo gosto, é dedicado a *S. Simão Stok*, patriarcha da ordem do Carmo.

Á esquerda d'este altar, está o pulpito, e

à direita um banco, onde o celebrante e os acólitos tomam assento, nos dias solemnes.

O altar principal, onde está a imagem de *Nossa Senhora do Carmo da Penha*, e unico onde se diz missa, é de talha dourada, moderno, e de elegante e bonito gosto.

Por baixo do pavimento da ermida, ha uma profunda loja, para a qual se desce por uma escada de pedra. Este subterraneo, recebe a luz por uma janella, com caixilhos de chumbo, com vidros. Por baixo, ha ainda uma outra furna, escura e profunda, que se dilata pelo centro da penedia circumferente.

A ermida, tem, desde a porta da entrada até ao altar-mór, 8 metros de comprido, e de largo, de um ao outro altar lateral, 8^m,80, sendo a media da altura, 3^m,20.

O hospicio, ou casa da Senhora, está collocado sobre este montão de rochedos, para o lado do E.—Compõe-se de cosinha, dispensa, uma sala e dous quartos, tudo com communicacão para um corredor que dá serventia para um terraço, plantado de arbustos e trepadeiras.

Sahindo d'esta casa,, e descendo a escada da entrada principal, para E., e já fóra do grande grupo de rochedos que ficam descriptos, está um enorme penédo, para o qual se sobe por degraus abertos a picão no mesmo.

A superficie é cavada naturalmente, em fórma de bacia. É um reservatorio das aguas da chuva, e que tem servido muito para as obras de pedreiro e caiador que alli se tem feito.

Este penedo, é escavado na sua parte inferior, e fórma uma grande loja, que foi alargada artificialmente, e se lhe fez uma porta de entrada, e uma pequena janella. A esta concavidade se dá o nome de *Gruta-Verde*, por ter as paredes interiores revestidas de um mimosissimo musgo, semelhante velludo verde.

Abaixo d'esta gruta, ao E., a meia encosta, ha outra caverna muito regular, formada por um grande penedo, que veio pousar sobre dous que o sustentam, em fórma de columnas. Pretendem alguns que isto seja uma anta, construida por esses povos desconhe-

cidos, e a que se convencionou chamar pré-celtas, por se ignorar o seu verdadeiro nome.

Ao fundo d'esta gruta, ha ainda outro penedo, que lhe fórma parede por este lado. D'elle rebenta um arroio de crystalinas aguas, quando as chuvas são muito continuadas.

Ha ainda por todo este monte, muitos outros penedos, grutas e furnas, tudo de fórmas variadas e curiosas, cuja descripção seria enfadonha, por extensa.

Todos os penedos são mais ou menos esphericos, mostrando evidentemente que por muitos seculos andaram percorrendo esta parte da terra, impellidos pelas aguas do Oceano, até que este, abandonando uma grande parte da Europa occidental, os deixou ficar onde hoje os vemos.

Os geologos, dão a isto o nome de *penedos errantes*. Distinguem-se das outras rochas, pela ausencia absoluta de arestas.

São vulgares estes *penedos errantes*, na Península hispanica; mas, onde os tenho visto em maior abundancia, é nos concelhos de Arouca, Castello de Paiva, Sinfães e Castro Daire.

Acham-se em muito maior quantidade, nos altos ou nas encostas dos montes, que nos valles.

As celebres *Pedras de Linhares*, no rio Douro, a 35 kilometros ao E.N.E. do Porto, e as *Pedras da Rua*, no mesmo rio, e uns 3 kilometros mais acima, são *Penedos errantes*.

Origem da Gruta-Ermida
e hospicio de Nossa Senhora
do Carmo da Penha

Poucas noticias ha sobre a origem da Gruta-Ermida, e do hospicio. O primeiro escriptor que se occupou d'isto, foi frei Agostinho de Santa Maria, no seu *Santuário Mariano*, tom. 4.º, pag. 302.

Mas este livro foi publicado em 1712, e desde então, grandes alteraçoes tem aqui havido.

Depois d'este escriptor, mais nenhum se occupou d'esta notabilissima ermida, até que, em 1873, o sr. padre Antonio José Ferreira Caldas, publicou um curiosissimo li-

vrinho, ao qual deu o titulo de -- LOCAL E GRUTA-ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO CARMO DA PENHA, NA SERRA DE SANTA CATHARINA, CERCANIAS DE GUIMARÃES.

É d'este livrinho, primorosamente escripto, e que o seu autor teve a bondade de me offerecer, que eu resumi tudo quanto n'este artigo fica dito.

O *Santuário Mariano*, diz, no lugar citado, é em resumo, o seguinte:

Um devoto e virtuoso ermitão, chamado Guilherme, natural de uma aldeia proxima a Roma, sahiu da Italia, e depois de ter percorrido varias terras da Europa, atravessou a Hespanha até á Galliza, entrando em Portugal pela nossa praça de Vallença.

Foi percorrendo as montanhas da poetica provincia de Entre Douro e Minho, a ver se encontrava um retiro, onde, longe dos homens, podesse terminar os seus dias na oração e penitencia.

Achou este sitio apropriado ao seu intento, e se recolheu a uma das innumeraveis cavernas d'esta serra.

Quando já aqui estava havia bastante tempo, foi visto por um caçador, que, vendo aquelle homem de grandes barbas, e com um habito para elle desconhecido, fugiu aterrado, julgando-o um ser fantastico ou diabolico.

Deu parte d'esta appareição aos outros caçadores seus companheiros, que animados pelo numero, se atreveram a hir *requerer* o eremita, como se fosse *alma do outro mundo*.

Aos *exorcismos* que lhe faziam, respondia o bom do eremitão em italiano, lingua totalmente desconhecida dos caçadores, que ainda mais se assustaram, fugindo para Guimarães, onde contaram o succedido.

A justiça da terra, acompanhada de grande numero de curiosos, se foi á serra ter com Guilherme, e lhe perguntou quem era, e o que fazia entre aquelles penhascos.

O pobre asceta, lá foi respondendo por mimica, como pôde, e conseguiu fazer-se entender. Como lhe não acharam armas, e viram que era um homem pacifico e penitente, o deixaram.

Isto aconteceu em setembro de 1702.

Como vivia e do que se sustentava o pobre eremita, não o diz o *Santuário Mariano*. Só diz que elle mandára a Braga, fazer uma imagem da Santissima Virgem, e a collocou em um altazinho que fez, na lapa que agora se vê por baixo da ermida, e a qual já descrevi.

O povo dos arredores, principiou a venerar o eremitão, como santo, e a ter grande devoção com a santa imagem, dando-lhe muitas esmolos, fazendo-lhe muitas offertas, e designando-a pela invocação de *Nossa Senhora da Penha*.

Frei Agostinho de Santa Maria, depois de descrever esta parte da montanha, no estado em que tudo estava no seu tempo, continúa:

«É de saber que esta casa, hoje da Senhora, era uma furna, ou lapa, como ainda é ao presente; porque do mesmo penhasco e rochedo são formadas as paredes e o tecto. E porque o districto era apertado e estreito, lhe fez o eremitão, em ordem a o alargar, algumas minas, e com o fogo, fez mais espacoso o lugar. E, como o rochedo era altissimo, fez o eremitão que no alto d'elle se mettessem algumas traves (porque então, não chegariam os seus cabedaes a lhe formar alguns arcos de ujob; ou porque este não o haveria, o que se poderá fazer, pelo tempo adiante).»

«Naquelle vão, e sobre aquellas traves, que assoalhou muito bem, dispoz a casa e ermida da Senhora, e para ella, depois de composta e acceida, ainda que pobremente, se trasladou a imagem da Virgem Nossa Senhora, do seu primeiro lugar, ou lapinha em que o eremitão a havia posto. Nesta nova casa, lhe levantou um altar, adornado com papeis pintados, e, supposto que tudo está ainda muito pobre, ainda assim, o acceio e a fervorosa devoção do eremita, faz que tudo se estime e louve, como precioso; e espera que venha a crescer muito aquelle limitado lugar, em um grande e devoto edificio.»

Devemos dar credito a tudo quanto diz frei Agostinho de Santa Maria, visto ser contemporaneo dos acontecimentos que relata.

É tradição constante, que o hospicio da Penha, foi construido mais tarde, pelos re-

ligiosos carmelitas calçados, e aqui viviam sempre alguns noviços, em companhia de um monge professo, que se intitulava *presidente*, d'esta pequenina comunidade.

Não se sabe, porém, o anno em que os carmelitas construíram este hospício, em um dos cunhaes do qual, ainda se vê esculpido o emblema da sua ordem: o que se sabe é que já existia em 1766.¹

Residiram aqui, até á supressão das ordens religiosas em Portugal, ou até muito pouco antes d'esse acontecimento, pois ainda ha muita gente em Guimarães, que se lembra de os ver aqui.

Não se sabe quando falleceu o virtuoso cenobita, fundador da *gruta-ermida*. Á porta da sacristia d'ella, vê-se uma pequena cavidade quadrilonga, forrada de tijolos, em fórma de sepultura. Diz-se que foi aqui sepultado o santo Guilherme, pelos frades carmelitas. Hoje está esta sepultura cheia de terra, e não se sabe onde foram parar os ossos do pobre italiano.

Em 1870, alguns, poucos, devotos, decidiram levantar o culto da Virgem da Penha, e aformosear e engrandecer a ermida e seus arredores.

Recorreram á piedade das senhoras vimaranenses, as quaes concorreram com valiosos donativos e mimosas prendas, que, vendidas em leilão, produziram os meios sufficientes para que, logo no primeiro anno, se realisassem bastantes m'horamentos.

A 23 de julho de 1871, dia designado para a romagem á Senhora, alguns milhares de fieis subiram á serra, e ficaram satisfeitos por ver como os seus donativos tinham sido conscienciosamente empregados.

A gruta-ermida, tem agora um aspecto inteiramente novo. Todo o seu recinto foi cui-

dadosamente reformado e retocado. Todas as imagens antigas, foram encarnadas, e se adquiriram outras novas. As alfaias e mais objectos do culto, são em numero sufficiente e boas.

Os terraços foram aplanados, e n'elles collocadas mesas de pedra (lousa) e plantados de buxo, trepadeiras e flores.

Construiu-se um novo *Passo*, elegante e magestoso, dedicado á *Assumpção da Virgem*, que foi benzido solemnemente, no referido dia 23 de julho, na presença de grande numero deromeiros.

Em 1872, os mesmos e outros devotos, á custa de muito trabalho e sacrificios, repararam a casa do hospício da Senhora, e mandaram estudar por um engenheiro habilitado, o nivelamento das aguas, que sahindo da *Fonte de Santa Catharina*, devem ser convenientemente canalizadas para o sitio da *Penha*; e ao mesmo tempo marcou o lugar onde se devem construir seis novos *Passos*.

Instituiu-se a irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha, com os competentes estatutos, approvados por alvará de 23 de março de 1872.

N'este mesmo anno se principiou e concluiu o 2.º *Passo*, que foi solemnemente benzido a 21 de julho d'esse anno. É dedicado a Nossa Senhora da Anunciação.

Em uma pittoresca gruta, sob um lindo grupo de penedos, foi collocada uma imagem de S. Francisco Xavier, o famoso missionario da India.

Esta imagem, que é de primorosa escultura, foi offerecida á mesa da irmandade, por um devoto, de Guimarães.

Trata-se da completa reforma do hospício, e da aquisição dos terrenos necessarios, para edificação de novos *Passos*; tem-se arborizado os que já eram da Senhora, e vae abrir-se uma estrada, que, seguindo de Guimarães, pela de Fafe, até a freguezia de São Romão, córte aqui, pelo *Senhor dos Serodios*, em direcção á *Penha*, para onde depois se póde hir de carroagem.

Muitos naturaes da provincia do Minho, que estão no Brasil, tem concorrido para estas obras, com valiosas sommas.

Muitos fieis, além de avultadas esmolras,

¹ Em 29 de novembro de 1766, casou, na freguezia de S. João Baptista, de *Pencêllo*, Domingos Machado, com Joanna Maria. Entre outras testemunhas, se vê que o foram tambem, o *padre Joaquim de Santo Elias*, *presidente d'este hospício*, e seu creado, João de Carvalho.

O livro onde está este asento de casamento, ainda existe em *Pencêllo*.

teem offerecido á Senhora, varios objectos para o culto divino e outros variados donativos. Muitos devotos se teem offerecido para trabalharem gratuitamente n'estas obras.

Além da romaria annual, que se faz no 1.º domingo depois do dia de Nossa Senhora do Carmo, uma das mais bellas e concorridas romagens d'estes arredores, vêem-se em todo o decurso do anno, muitos fieis, subindo estas penedias, em visita á Senhora.

Muitas familias de Guimarães, vão alli passar os domingos e dias sanctificados; e varios individuos tratam de adquirir terrenos n'esta serra, para n'elles construirem *chalets*, e casas de recreio, attrahidos do pittoresco e vistoso do sitio, e na bem fundada esperanza de que este Sanctuario venha a ser um dos primeiros da provincia, collocado, como está, em uma serra, a que, sem contradicção, se pôde dar o nome de *Cintra do Norte*.

SANTA CATHARINA DA SERRA — freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 12 kilometros de Leiria.

Esta freguezia já está descripta, a pag. 215, col. 1.ª, do 2.º volume. Aqui accrescento mais:

Esta parochia foi creada em 1549, por D. frei Braz de Barros, primeiro bispo de Leiria, religioso da ordem de S. Jeronymo, varão de grandes virtudes, que foi reformador dos conegos regantes de Santa Cruz de Coimbra, e que persuadiu a D. João III que impetrasse do pontifice, a desmembração das rendas do mosteiro de Santa Cruz, para a universidade de Coimbra.

O bispado de Leiria, foi creado por D. João III, em 1545 (no mesmo anno em que foi creado o de Miranda, hoje Bragança) e confirmado pelo papa Paulo III.

Em 1553, D. frei Braz, resignou, e foi viver para Lisboa, á espera das bullas da confirmação. De Lisboa, recolheu ao mosteiro do *Matto*, da mesma ordem de S. Jeronymo, e d'alli passou para o de *Penha-Longa*,

da mesma ordem, fundado no alto da serra de Cintra, e ahi falleceu, sendo sepultado no claustro do mosteiro.

Quando se criou esta freguezia, constava apenas de 30 fogos.

A igreja matriz, está longe do povoado. Tem altar-mór, e trez lateraes, no corpo da igreja. Era uma antiga capella, dedicada á actual padroeira (Santa Catharina)

Ha n'esta freguezia trez capellas publicas — são — 1.ª, *S. Guilherme*, no lugar de *Pedrome* (contração de Pedro-Homem.) Faz-se-lhe uma grande romagem, por ser advogado contra as febres intermitentes.

Tinha eremitação, mas já ha muitos annos que o não tem.

2.ª *S. Miguel, archanjo* — no lugar de *Valle do Summo*, feita em 1610.

3.ª *Santa Martha* — no lugar da *Loureira*, tambem feita em 1610.

Os moradores dos logares onde estão estas capellas, são obrigados á sua fábrica.

Em todas trez se administram os sacramentos ao povo.

SANTA CHRISTINA — aldeia, Douro, na freguezia de Nossa Senhora da Natividade, de Luso, concelho da Mealhada, comarca da Anadia, bispado de Coimbra, districto administrativo de Aveiro.

Junto a esta aldeia ha uma abundante mina de optimo carvão fossil.

Uma companhia ingleza registou esta mina, e tem principiado a exploração em grande escala. Vae abrir um caminho de ferro, do systema americano, para ligar a mina com a estação do caminho de ferro do norte, na Mealhada.

SANTA CHRISTINA DO COUTO — freguezia, Douro, na comarca e concelho de Santo Thyrso (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Negrêllos) 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 150 fogos, Orago, Santa Christina.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Está freguezia ainda não existia em 1757: era uma aldeia da freguezia de S. Miguel do Couto, e curato da de Monte-Córdova, cujo reitor aqui apresentava o cura. Tinham

então a freguezia de S. Miguel, e a actual de Santa Christina, apenas 52 fogos.

Foi antigamente esta freguezia (ainda unida á de S. Miguel) da comarca e termo do Porto: depois é que passou a formar parte do concelho de Negrellos.

Vide o ultimo *Couto*, col. 1.^a da pag. 416 do 2.^o volume. Vide tambem *Monte-Córdova*, e a 2.^a *Sala*.

SANTA CLARA—freguezia, Douro, no concelho de Coimbra. Vide *Clara (Santa)* no 2.^o vol., pag. 309. col. 2.^a, a ultima linha.

SANTA CLARA A NOVA.—Vide *Clara Nova (Santa)*.

SANTA CLARA A VELHA.—Vide *Clara Velha (Santa)*.

SANTA COMBA.—Vide *Roças ou Santa Comba*.

SANTA COMBA.—Vide no 2.^o volume, desde pag. 363, todas as *Combas (Santas)*.

SANTA COMBA—serra, Traz os Montes.—Vide *Lamas d'Orelhão*.

SANTA COMBA DE BASTO—mosteiro antiquissimo, Minho, na freguezia de S. Miguel de Refojos de Basto. (Vide o 1.^o *Refojos*.)

Este mosteiro, era de freiras benedictinas, e foi fundado no 6.^o ou 7.^o seculo christão.

Dizem alguns escriptores, que este mosteiro foi de vestaes, no tempo dos romanos¹ e que, expulsos estes da Lusitania, esteve o mosteiro abandonado uns cento e tantos annos, até que se purificou, transformando-se em convento de monjas beneditinas.

Ignora-se quando deixou de existir este convento, mas é certo que já estava abandonado no principio da nossa monarchia.

¹ *Vesta*, divindade mythologica, era, segundo a Fábula, filha de Saturno e de Ops, ou Cybele. Tinha dous templos em Roma; Rómulo, fundou um d'elles, e Numa Pompilio o outro. Numa consagrou-lhe sete virgens, denominadas *vestaes*, que eram obrigadas á mais rigorosa castidade, e que conservavam o *fogo sagrado*, perpetuamente accêso no templo. Este fogo era renovado todos os annos, nas kalendas de março, pela acção dos raios do sol. Se as vestaes faltavam ao seu dever, com respeito a estes dous pontos, eram enterradas vivas.

Em *Chellas* (freguezia do Beato, termo de Lisboa) houve outro mosteiro de *vestaes*. (Vide 2.^o vol., pag. 287, col. 2.^a, no fim.)

Suppõem alguns, que Al-Mançor, kalifa de Córdova, invadindo a Lusitania, em 985, destruindo muitas povoações e assassinando todos os christãos que pôde agarrar¹ veio a este mosteiro, onde assassinou todas as religiosas, e *Santa Comba*, sua abbadesa, desmantelando a egreja e o mosteiro².

Isto não está satisfatoriamente provado (vide a nota) mas é certo que este mosteiro deixou de existir ha mais de oito seculos.

Tudo nos leva a crer que existiu n'este logar, ou muito proximo, uma povoação romana, com fôro de *município*, e não é pois inverosimil que existisse aqui o tal mosteiro de vestaes.

Em 1805, frei Bento de Santa Gertrudes, monge do convento beneditino d'esta freguezia, achou nas ruinas do mosteiro de Santa Comba, uma inscripção romana, que copiou e mandou para a Academia real da historia, e é a seguinte:

..... CAES. M.
..... TONIO
..... RDIANO
....G. PIO. P. P.
.....CRATVM
.....R. M. VAL
.....RVM. ET.
.....VAL. PRO
.....LINVM. E
.....PRAEF

O doutor Emilio Hubner (*Noticias ar-*

¹ Foi n'este anno de 985, que Braga, Lamego, Viseu, Coimbra e outras povoações fortificadas, cahiram em poder do feroz Al-Mançor, que as arrasou e incendiou.

² A *Monarchia Lusitana*, diz que este mosteiro era proximo a Lamego: talvez fundasse esta asserção em que n'este mesmo anno de 985, Al-Mançor assassinou todas as freiras do mosteiro de *Sismiro* (junto a Trancoso) e lhe destruiu o mosteiro, como fez a outros muitos.

Isto concorda com o que deixo dito no penultimo periodo, col. 2.^a, de pag. 364 do 2.^o vol. Note-se porem que o martyrio d'esta Santa Comba (Dão) e das suas freiras, teve logar a 19 de fevereiro de 982, e portanto, mais de 3 annos antes do martyrio de Santa Comba, de Basto. Deixo estes mysterios historicos para serem explicados por individuos mais competentes do que eu.

cheologicas de Portugal. pag. 81) completa do modo seguinte esta inscripção :

IMP. CAES. M.
ANTONIO
GORDIANO
AVG. PIO. P. P.
CONSCRATVM
PER M. VAL
CARVM. ET.
M. VAL PRO
CVLINVM. E
IVS. PRAEF.

Termino este artigo, observando aos meus leitores que—se não está provado o martyrio de Santa Comba, n'este mosteiro, mas sim no de Santa Comba Dão; está plenamente provado que existia aqui um mosteiro de monjas beneditinas.

Ha porem uma circumstancia em ambos estes mosteiros de Santa Comba, que não comprehendendo. Pois, se desde o martyrio d'estas duas Combas, os seus mosteiros deixaram de existir, como é que já em 982, ou 985, tinham a invocação de *Santa Comba*? Quem havia canonisado estas duas santas abbadesas, mesmo antes da sua morte, para as fazer padroeiras dos seus conventos?

Quem escreve das nossas cousas antigas, quantos mais livros consulta, quanto mais enleado se vê muitas vezes!

SANTA COMBA DÃO.—Esta villa, já está descripta a pag. 364, col. 2.^a, do 2.^o volume. Os compositores, por um d'aquelles enganos vulgares em obras de grande extensão, não paginaram duas columnas ou *graneis*, o que me obrigou a fazer uma repetição, a pag. 464, col. 1.^a, do mesmo 2.^o volume, sob a palavra *Dão*. (É preciso ver também *Santa Comba de Basto*—a antecedente.)

Em junho de 1876, se abriu n'esta villa, uma estação telegraphica, de serviço limitado.

SANTA COMBINHA.— Vide *Combinha* (*San'a*.)

SANTA CRUZ.—Vejam-se as *Cruzes*, que principiam a pag. 451, col. 1.^a do 2.^o vol.

SANTA CRUZ DA BATALHA.—Esta villa e freguezia, já fica descripta a pag. 348, col. 2.^a (no fim) e seguintes do 1.^o volume. Aqui accrescento mais.

O concelho da Batalha, pertence actualmente á comarca de Porto de Moz.

O julgado da Batalha, foi supprimido por decreto de 23 de dezembro de 1873, sendo annexado ao de Porto de Moz.

Affonso Domingues, constructor do sumptuosissimo mosteiro dominicano, d'esta villa, era natural de Lisboa, nascido e baptisado na freguezia da Magdalena.

D. João I, querendo levantar este edificio, no mesmo sitio onde teve lugar a batalha, ou proximo a elle, comprou a Egas Coelho e sua mãe, Maria Fernandes de Meira, a *quinta do Pinhal*: o que consta da carta de doação que fez ao mosteiro de Nossa Senhora da Victoria, da Batalha, em Coimbra, a 14 de janeiro da era de 1436 (3 de janeiro de 1398 de Jesus Christo.)

A tal quinta, abrangia o lugar onde está o mosteiro, parte da cerca actual, e alguns terrenos, onde se fizeram as necessarias officinas, para os differentes artistas que trabalhavam na obra, e foram as casas d'estas officinas que deram principio á villa.

Foi a Batalha elevada a parochia independente, em 14 de setembro de 1512, pelo bispo da Guarda, D. Pedro, que era D. prior-mór de Santa Cruz de Coimbra. E como o dia da criação da parochia, era o da *Exaltação da Santa Cruz*, ficou sendo padroeira, e é dia santo de guarda na freguezia.

Como consta de uma inscripção que está na porta principal da igreja matriz, debaixo das armas do rei D. Manuel, foi elle que mandou construir este templo, em 1532¹, ficando os freguezes obrigados á fabrica do corpo da igreja, e os bispos de Leiria, á da capella-mór, que é de abobada.

O parochio, como disse no 1.^o volume, era apresentado pelo bispo, que, até 1834, lhe dava de *ordinaria*, annualmente, 40 alqueires de trigo, 25 almudes de vinho, e 85000 réis em dinheiro, o que tudo regulava por

¹ D. Manuel, determinou no seu testamento, que, á custa da sua herança, se construísse esta igreja; mas, só dez annos depois da sua morte (elle falleceu a 13 de dezembro, de 1521) é que a obra se concluiu.

50\$000 réis, além do pé de altar. Não tem casa de residência.

No altar da Santíssima Trindade, se instituiu uma irmandade do mesmo título.

Como em Leiria, pelas festas do Espírito Santo, havia aqui, no domingo da Santíssima Trindade, corridas de touros, e bôdo aos pobres eromeiros.

As rendas d'esta irmandade, são apenas as esmolas e offertas. É muito antiga, e já em 1536, se mandou que não comprassem touros bravos, para o referido bôdo, mas sim rezes mansas.

Ha n'esta villa da Batalha, um hospital, próximo da egreja parochial, e junto da ermida de Nossa Senhora da Victoria.

Tem de renda annual, uns 30\$000 réis, e obrigação de dar agasalho a pobres e peregrinos.

Tem tumba, confrades e um provedor, que acompanha os d-functos, com vestes da Misericordia, e vara preta. Tem mais, um escrivão, um môrdomo, um andador, e um coveiro.

É uma instituição muito antiga, e ainda conserva o seu compromisso, feito em 1427.

O bispo D. Diniz de Mello, lhe quiz ordenar a irmandade da Misericordia, mas nunca os moradores da villa se concordaram para este fim.

Ha n'esta freguezia as seguintes ermidas:

1.^a *Nossa Senhora da Conceição*—abaixo do logar das Brancas, junto á estrada que vae para Porto de Móz, e no mesmo sitio onde existiu outra muito antiga, da mesmo invocação. Sempre teve confraria e compromisso.

Tem de renda annual, 3\$230 réis, em dinheiro, oito alqueires de trigo, e algumas missas de obrigação.

A ermida é de abobada, e tem um só altar, a sachristia e um sino pequeno.

2.^a *Santo Antão, abbade*—junto ao logar da *Fanqueira*,

É antiquissima. Tem confraria, mas não tem rendas.

3.^a *S. Bento*—no logar da Cividade, também muito antiga.

Tem sachristia e um alpendre, feito em 1582. Tem uma confraria de defunctos, da albergaria do Aforadouro, a qual tinha compromisso e obrigações, como a da Torre, e ainda conserva o tombo, em pergaminho, feito em 1513.

A casa d'esta albergaria, está proxima ao ribeiro de S. Bento.

4.^a *Senhor Jesus*—no logar da Golpelheira. Estão aqui instituidas duas capellas de missas; uma por Diogo Frade, com obrigação de 20 missas cada anno, e o possuidor da fazenda obrigado á fabrica da ermida. A outra capella tem a obrigação de 50 missas em cada anno.

Foi instituida por Pedro Gomes, escrivão da chancellaria do reino, que foi o fundador d'esta ermida.

Não tem sachristia, nem alpendre.

5.^a *Santa Maria Magdalena*—por cima da villa, e na estrada que vae para a *Boutaca*.¹

Foi construida em 1572, e dotada por um devoto, sendo bispo D. frei Gaspar do Casal.

6.^a *Nossa Senhora da Consolação*—no logar da Canoeira. Tem obrigação de 15 missas annuaes, por uma capella que instituiu em vinculo, Matheus Trigueiros.

As fazendas obrigadas a estas missas, e também á fabrica da ermida, são sitas no mesmo logar da Canoeira.

7.^a *S. João Baptista*—logo abaixo do dito logar da Canoeira. Tem confraria, e á fabrica da ermida, são obrigados os moinhos que foram de D. Maria de Sousa, do Arrabalde da Ponte, (Leiria) e os herdeiros de João Rodrigues, da Canoeira.

8.^a *Santo Antonio de Lisboa*—no logar de Bico-Sachos. Foi fundada por o padre Jeronymo Ribeiro, em 1625.

9.^a *S. Sebastião, martyr*—no logar do Freixo. É antiquissima; não tem rendas, e está em ruinas.

¹ Deu-se o nome de *Boutaca* a esta aldeia, por aqui ter vivido alguns annos, empregado nas obras do mosteiro, o famoso Boutaca, architecto do templo e mosteiro dos Jeronimos, de Belem.

10.^a *Santo Antonio de Lisboa* — no logar da Rebelaria. Tem sacramento, e o povo do logar é obrigado á sua fabrica.

Foi feita em 1643.

11.^a *Nossa Senhora da Victoria* — da qual adiante trato mais detidamente.

Salinas da Batalha.

No 1.^o vol. pag. 486, col. 2.^a, sob a palavra *Branças*, disse que havia aqui vestígios de salinas, ou marinhas de sal, e que *tinha cessado esta exploração, pelos pesados tributos que lhe impoz a camara de Leiria*; porrem no *Couseiro* (pag. 114) impresso em 1868, se lê:

«Alem da villa da Batalha, e da ermida da Conceição, defronte do logar das Brancas, do rio para alem, estão as salinas em que se faz sal, o melhor do reino. Corre a agua por um cano de pau de pinho, porque só este se conserva, e no principio lhe pozeram um de ferro, por onde sahisse a agua, a qual o consumiu brevemente.

Cae a agua em um poço, o qual nunca se enche; mas, em chegando a agua ao nivel, não passa para cima.»

«Não ha noticia d'onde nasce esta agua, e o sitio dista trez leguas, ou quasi, do mar.»

«Do poço, tiram a agua com caldeirões de pau, e por *cães* (calles) a vão repartindo por *talhos* que estão feitos, em que se coa-lha, e é cousa para ver, quando estão com agua e com o sal.

«Os ditos *talhos*, são de pessoas particulares. Os officiaes da camara, vão todos os annos visitar e devassar, e tem um sacco de sal grosso e um alqueire do fino, cada um, de ordinaria.»

«No mesmo caminho, que vae para Porto de Móz, estão outros olhos de agua salgada, mas não se aproveitam, por terem mistura da agua doce.»

«Paga-se o dizimo do sal, como das mais novidades.»

«El-rei D. Sancho, mandou, por uma provisão sua, que do seu sal se pagasse dizimo; cuja cópia authentica, está no livro intitulado *Das cartas e papeis, pertencentes ao bispado*, (de Leiria) a folhas 80, v.»

«Este rei, foi o segundo do nome, e que começou a reinar, no anno de 1223.»

Vide n'este 8.^o vol., a pag. 203, col. 2.^a, onde trato das salinas de Rio Maior.

Estas salinas, ficam 40 kilometros ao S. E. das da Batalha, e provavelmente são derivadas da mesma nascente.

Notemos que o tal livro a que me refiro, intitulado—*O couseiro, ou memorias do bispado de Leiria*, foi escripto nos principios do seculo XVII, um por clerigo, regular ou secular, cujo nome se ignora. Sabe-se apenas que o auctor existia no anno de 1605, porque, no cap. 5.^o diz:—*Em meu tempo, no anno de 1605, etc.*—e do capitulo 10.^o consta que ainda vivia em 1657.

Era varão de grande importancia no seu tempo, pois do capitulo 148.^o, consta que foi árbitro, entre os bispos, D. Pedro Barbosa d'Eça, e D. Diniz de Mello, na contenda que entre si tiveram, por causa de umas contas.

Como já disse, foi publicado em 1868, e anotado pelo cardeal, D. frei Francisco de S. Luiz, e por um *ecclesiastico do mesmo bispado de Leiria*, que se não nomeia.

Ermida de Nossa Senhora da Victoria

Quando D. João I deu principio ao grandioso mosteiro de Nossa Senhora da Victoria, da Batalha, mandou fazer junto a elle, uma ermida da mesma invocação, para que o grande numero de pedreiros, cabouqueiros e servidores, não tivessem de ir á missa, ás egrejas de Porto de Móz, que fica a 9 kilometros de distancia.

Esta ermida communica com o mosteiro, por uma porta interior.

No tempo dos frades, todos os dias se dizia missa n'esta ermida.

Tem trez altares—no principal, e em um retabulo de marmore, está a imagem da padroeira. Os lateraes, são—um de S. Jorge, e o outro de S. Domingos.

Antigamente eram enterrados n'esta ermida, a maior parte dos habitantes da villa.

Várzea

Várzea é o nome de uma grande quinta,

proxima ao Valle do Hôrto, e que é pertença do mesmo mosteiro. Tem campos de terra lavradia, moinhos, e um lagar de azeite.

É um lugar muito aprasivel no verão, e aqui vinham passar as férias e *aliviações*, os frades do mosteiro, e para isso, tinha o edificio, cellas e outras officinas.

A quinta é abundante d'aguas, e dentro d'ella está a ermida de S. Gonçalo.

Residia aqui sempre, um religioso da ordem, *leigo*, ou *converso*, para ter cuidado no amanho das terras, na administração dos moinhos e lagar, e na cobrança das rendas.

SANTA CRUZ DO MARMELLAL (ou **VEIRA CRUZ DO**) — aldeia, Alemtejo, no termo e concelho de Portel.

Ha aqui um rico templo e um bom palacio, que foi dos baillios da ordem de Malta.

Fazem-se n'esta aldeia duas grandes feiras annuaes, uma no 1.º de maio, e outra a 14 de setembro.

Além d'estas, faz-se, mesmo em Portel, uma concorridissima feira, que principia no ultimo sabbado d'agosto.

SANTA CRUZ DA VILLARIÇA — antiga villa, Traz-os-Montes, junto á ponte do Sabôr.

Entre os rios Douro e Sabôr, havia no principio do seculo XII, uma villa, denominada *Santa Cruz da Villariça*, que foi arrasada então pelos mouros.

D. Fernando Magno, rei de Castella e Leão, a reedificou em 1040.

Fica a 5 kilometros da actual villa da Torre de Moncorvo.

A villa de Santa Cruz, além de ser doentia e falta d'aguas, era aberta, pelo que os seus habitantes a foram pouco a pouco abandonando, para hirem residir na nova povoação da Torre de Moncorvo, que, além de estar em melhores condições de salubridade e fertilidade, tinha uma fortaleza que a protegia.

D. Affonso II, a 8 dos *idos* de junho, da era de 1263 (29 de maio de 1225 de J. C.) mudou para a Torre de Moncorvo, a villa de Santa Cruz, com o seu foral e todos os seus privilegios.

Santa Cruz, completamente abandonada, cahiu em ruinas, e d'ella apenas restam ves-

tigios de antigas muralhas, restos da egreja (a qual hoje dão o nome de *Derroida*) e de algumas casas de habitação.

É preciso vér, no 5.º vol., pag. 382, col. 1.º — Vide tambem *Sabôr* e *Villariça*.

SANTA EUFEMIA — formosa capella, Extremadura, na serra de Cintra, onde se faz em setembro uma devota e muito concorrida romaria.

O sitio é summamente pittoresco. — Vide *Cintra*.

SANTA EUFEMIA — Vide *Sorval*.

SANTA EUFEMIA — Vide *Eufemia* (Santa) no 3.º vol., pag. 87, col. 1.ª (a 2.ª *Eufemia*). Allí disse, por mal informado, que o lugar de *Touris* era na freguezia de Real, quando pertence á de S. Pedro do Paraizo, que é contigua. No mais está certo.

SANTA EUFEMIA — Vide *Eufemia*, ou *Euphemia*, vol. 3.º, pag. 87, col. 2.ª, no principio.

SANTA EUGENIA — Vide *Eugenia* (Santa).

SANTA EULALIA (castello de) — Vide 5.º vol., pag. 513, col. 1.ª — e a 1.ª *Santa Valha*.

SANTA EULALIA — Beira-Alta. — Vide *Couto de Baixo*.

SANTA EULALIA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalição. Vide *Arnôzo* (o 2.º) e *Mosteiro de Arnôzo*.

Ha n'este concelho trez freguezias d'*Arnôzo* — Nossa Senhora da Conceição, Santa Eulalia, e o Salvador. Esta ultima, está ha mais de 100 annos annexa á de Santa Eulalia. A extincta freguezia do Salvador, chamava-se antigamente *Mosteiro d'Arnôzo*, e ainda alguns chamam á freguezia de Santa Eulalia, *Mosteiro de Arnôzo*.

SANTA EULALIA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros ao O. de Braga, 380 ao N. de Lisboa.

Em 1757, tinha 90 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

Arcebisado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O bailio de Léça (*Léça do Bailio*), da ordem de Malta, apresentava o reitor, que tinha 100\$000 réis de rendimento.

Esta freguezia está ha muitos annos an-

nexa á de *Refojos do Lima*. (Vide esta palavra.)

SANTA EULALIA—freguezia, Douro, na comarca e concelho d'Arouca.

Já fica descripta no 3.º vol., pag. 87, col. 2.ª—Aqui accrescento:

O orago da freguezia, é *Santa Eulalia de Mérida*.

Ha n'esta freguezia, sete capellas — a de *Santo Antonio do Burgo*, de que já tratei; *Nossa Senhora do Monte*; *S. Mamede*; *Santo André*, e *S. João Baptista* — todas publicas — e *Nossa Senhora da Conceição*, e o *Senhor d'Amilo*; particulares.

O sitio onde está a capella de *S. João Baptista* (a aldeia de *Vallinhas*) é um alto cabeço, coberto de arvoredos. Foi aqui que *Éxa Martim* julgou pôr em segurança, sua mulher e as bagagens, quando principiou a batalha contra *D. Afonso Henriques*; mas lá foi *D. Egas Moniz*, e aprisionou tudo. Vide *Arouca*.

SANTA EULALIA DE CONSTANCE—Vide *Eulalia de Constance* (*Santa*) e *Marco de Canavezes*.

SANTA EULALIA DE OLIVEIRA—Vide *Oliveira do Douro*, 6.º vol., pag. 274, col. 2.ª

SANTA EULALIA—para todas as mais Santas d'este nome, vide *Eulalia* (*Santa*).

SANTA IRÍA—Vide *Iria* (*Santa*).

SANTA IRÍA—Vide *Iria* (*Santa*) e *Ribeiro de Santarem*

SANTA IRÍA—Vide *Iria* (*Santa*) ou *Póvoa de Santa Iria*.

SANTA ISABEL—freguezia, Extremadura, extramuros de Lisboa, e na sua comarca, districto e patriarchado, mas no concelho de Belem. Tem 150 fogos. Vide *Belem*, e *Lisboa*.

SANTA JUSTA—Para todas as freguezias d'esta denominação, vide *Justa* (*Santa*).

SANTA LEOCADIA—Vide *Leocadia* (*Santa*).

SANTA LUCRECIA—Vide *Lucrecia* (*Santa*).

SANTA LUZIA—monte, Minho, na freguezia de Areosa, concelho, comarca e distri-

cto de Vianna. (Vide *Afife*).—Tambem a este monte se dá o nome de *Cidade*.

Nas palavras *Afife* e *Britonia*, mencionei este monte, que fica 4 kilometros ao N.N.O. da cidade de Vianna; mas, depois de publicado o 1.º volume d'esta obra, tem-se aqui feito varias escavações, e como é um objecto de grande importancia archeologica, darei d'ellas algumas resumidas noticias.

Como já disse no lugar competente, existiu aqui (segundo varios escriptores dignos de credito) uma antiquissima cidade romana, da qual ainda restam claros vestigios; porém já antes dos romanos, aqui existiu uma povoação—provavelmente celta—cujo nome tambem se ignora, e da qual se encontram muitos vestigios.

Todo o povo d'estes arredores sabia, por tradição constante, de paes a filhos, que n'este monte existia uma *grande cidade*, e por isso ainda a este monte denominam *Cidade*; mas, como depois se construiu aqui uma ermida dedicada a *Santa Luzia*, se foi, pouco a pouco, perdendo a antiga denominação, que foi substituida pela da *Santa*.

Como o nosso povo attribue aos árabes todas as construções de remota antiguidade, dizia que esta cidade fôra edificada pelos mouros.

É o monte de *Santa Luzia*, uma projecção da grande serra d'Arga, que, com bons fundamentos, se suppõe ser o *Medulio*, dos romanos. (Vide *Arga* e *Medulio*.)

Segundo a divisão dos condados d'Entre o Douro e Mioho, feita no reinado de *D. Fernando Magno*, de Castella e Leão, pelos annos de 1026 (vide 1.º vol., pag. 494, col. 1.ª) esta povoação e outras muitas de que ha vestigios em varias partes da referida serra d'Arga, estava dentro da circumscripção da famosa cidade de Britonia.

A *Chronica do rei D. Affonso*, o *Sabio*, de Leão (2.ª parte, cap. 51) diz que—*Theodomiro*, rei dos Suevos (564 a 570) fez a divisão dos bispados de Galliza; e, tratando dos bispados de Tuy (vide *Braga*) diz a

paginas 194, col. 1.^a, no principio — *El Obispado de Tuy, tenga, desde esse lugar, em todas las Iglesias en derredor, Fasta Corvelli, Tolbenga, Ladapara: esta es Espaga, Aynome, Sagrica, el Vilione, Cabda, y todo lo al que y es pertenece al Obispado de Bretonica. El Obispado de Bretonica, tenga las Iglesias que en derredor della son, entre los Bretones deso uno con el gran Monasterio fasta el rio de Oca.*

Vê-se pois d'esta divisão, que o bispado de Britonia confinava com o de Tuy, e este incluia todo o territorio d'entre o Lima e Minho, e portanto, a serra d'Arga.

É provavel que uma das povoações nomeadas n'aquella divisão, seja a que existiu no monte de Santa Luzia, nenhuma das quaes já hoje existe, ou, pelo menos, mudou de nome, ignorando-se a qual das actuaes pertence o antigo.

Em 1857, visitei esta *povoação morta*, e em 1865, não só tornei a este monte, como percorri varios pontos da serra d'Arga, onde me disseram que havia restos de *ciudades mouriscas*. Vi, é verdade, bastantes vestígios de construcções antiquissimas, porém, para poder dar aos meus leitores alguma noticia mais circumstanciada, era preciso que eu dispozesse de muito tempo e de muito dinheiro; e ambas as cousas me faltavam. Mesmo assim, do pouco que examinei, dou noticia, em varios logares d'esta obra, segundo os nomes antigos ou modernos, com que são designadas as localidades onde existem esses vestígios.

O desmazêlo dos nossos governos, de todos os tempos, junto ao das auctoridades d'estes sitios, deixaram em completo abandono, e sem a minima investigação, esses restos de povoações construidas por os povos desconhecidos, que nos precederam, na Lusitania.

O monte de *Santa Luzia*, fica 680 metros acima do nivel do mar.

É encantador o vasto panorama que se gosa do seu cume; já vendo-se ao sopé, a formosa cidade de Vianna, e as pittorescas aldeias que, por entre frondoso arvoredor, poyoam as duas margens do Lima, tudo ao S. e S.E., já a sequencia interminavel de povoações, templos, campos, bosques e granjas, que orlam a estrada real, que de Vianna vae a Caminha, na direcção N., e que d'alli, fazendo um angulo obtuso, segue a direcção N.E., para Villa Nova da Cerveira, Vallença, Monção, Melgaço, etc.¹ — Tambem d'este ponto se avista, ao O., uma vasta extensão do Oceano Atlantico.

Em 11 de abril de 1877, o sr. Joaquim Possidonio Narcizo da Silva, esclarecido presidente da *real associação dos architectos civis e archeologos portugueses* (a cujo numero tenho a honra de pertencer), subiu ao cume do monte de Santa Luzia, e n'elle achou grande numero de ruinas, de casas circulares, já rentes com o nivel do solo. Facilmente obteve licença da camara de Vianna, para fazer escavações, e, coadjuvado pelos srs. Francisco Camacho, e Miguel de Souza, que lhe arranjaram alguns operarios, principiou o desentulho de algumas ruas, que estavam apenas cobertas de terra, da altura de 0^m,62, desobstruindo-se tambem o recinto de algumas casas irregulares, umas com o diametro de 5^m,25, outras com 3^m,82; e cujas paredes tinham a espessura de 0^m,38, formadas de duas ordens de pedras quasi cubicas, de 0^m,18, por 0^m,21, sem nenhuma argamasa.

Tambem appareceram algumas casas de forma oval, mas em pequeno numero.

As muralhas que circumdavam estas construcções, ainda em alguns sitios conservam a altura de um metro.

Nem todas as casas estão dentro do recinto das muralhas, algumas d'ellas se veem ex-

¹ Ainda ao O. da estrada real de 1.^a classe, de que fallo no texto, segue a mesma direcção, e parallelamente, o caminho de ferro do Minho, que já chega (junho de 1879) á freguezia de Segadães (ou Cristello-Côvo), 3 kilometros ao O. da praça de Vallença.

tra-muros, dos lados do O. e N., dispostas irregularmente.

A grande extensão occupada por estas ruínas, não só indica o augmento progressivo da população primitiva, mas também que, não receiando já hostilidades, aproveitavam os terrenos mais bem situados, e próximos da primeira fundação, para os habitar.

Só achou duas *casas* de fôrma quadrada, sendo uma d'ellas circundada por uma parede de 400 metros de cada lado.

Dentro d'este quadrado, achou o sr. Possidonio, cinco *casas* circulares, com a entrada para o E.

O lugar em que estão estas construcções, é o que domina a foz do Lima, e a actual cidade de Vianna.

Dentro da casa mais pequena, achou duas medalhas, uma de bronze, outra de cobre.

N'uma d'ellas, está bem visível uma effigie, com a corôa raizada.

Junto a uns penedos, com varios riscos, feitos a picão, em fôrma de cruces, está um *men-hir* (anta) de uns cinco metros de altura, tendo sobre a face do S., também gravada, a fôrma de uma cruz.

A pouca distancia d'este monumento megalithico, vê-se outro, formando um *crou-lech* (dolmen) composto de seis pedras.

Apezar da incontestavel competencia do sr. Possidonio, na materia, estou persuadido que as construcções a que elle chama *casas*, pertencem à mesma época dos *men-hires* e *cronlechs*, e são *carns*, isto é, também monumentos megalithicos, construidos pelos celtas, ou pre-celtas.

Não tinha noticia da existencia de um dolmen n'este sitio, mas de outro, ainda hoje perfeitamente conservado, 40 kilometros ao N. do monte de Santa Luzia, e na freguezia de Gontinhães; que vi e desenhei, em 1857.

(Vide *Ancora*—rio e freguezia—e *Gontinhães*.)

Os padres Carvalho e Cardoso, nas suas *Chorographias*, não se occupam de monumentos pre-celtas; e D. J. Contador de Ar-

gote, nas suas *Memorias do Arcebispado de Braga*, diz que na provincia de Entre-Douro e Minho, não existem dolmens (porque não tem noticia d'estes dois.)

Ora, eu, que percorri, por espaço de treze mezes, a cordilheira, que partindo do monte de Santa Luzia, e correndo de S. a N., abriga, pelo E., as freguezias de Ariosa, Carrêço, Afife, Ancora, Gontinhães, Mollêdo, Christêllo, Portella (ou Villarêlho) até à villa de Caminha, e que examinei detidamente tudo quanto por alli havia que me parecesse digno de nota, encontrei — principalmente nas freguezias do Mollêdo e Christêllo—grande numero de *carns*, a que o povo d'estes sitios chama *cerrados dos mouros*; e que, pela sua singela construcção, demonstra mais antiguidade do que os do monte de Santa Luzia; mas evidentemente nunca podiam ser *casas* de habitação, pois não são mais do que recintos, de differentes fôrmas e tamanhos, fechados por uma linha de pedras (de granito ou schisto) *espetados* perpendicularmente—alguns perfeitamente conservados—e que bem deixam ver que nunca tiveram, nem podiam ter mais altura.

(Para evitarmos repetições, vide, além de *Ancora*, *Christêllo*, 2.º vol., pag. 111, col. 1.ª, 449, col. 1.ª—e 5.º vol., pag. 371, col. 1.ª)

As *casas* do monte de Santa Luzia, quanto a mim, são *carns* mais modernos, e de melhor construcção; provavelmente, da mesma época dos do monte do *Crasto*, na freguezia de Romariz, na comarca da Feira.

(Vide *Castro* ou *Crasto*, no 2.º vol., pag. 200, col. 2.ª)

Notemos também, que em todo o litoral, desde Vianna até Caminha (ao qual os nossos antigos chamavam a *Marinha d'Ancora*) ha muitos e claros vestigios de monumentos de remotissima antiguidade, não só em construcções, como até nos nomes de differentes localidades, como *Sapôr*, *Mêdo*, etc., e mais modernos, mas também anteriores à nossa monarchia, como *Valle d'Azares*, *Batalhoz*, e outros, que ficam mencionados nos logares acima citados; o que prova que estes sitios foram incontestavelmente habitados, desde tempos remotissimos; por povos, cuja denominação hoje ignoramos.

Continuemos com as descobertas do sr. Possidonio.

Dentro d'estas construcções, encontrou varios fragmentos de objectos de barro, de diferentes qualidades, feitios e cores, sendo o barro misturado com mica, materia abundante n'estes sitios.

Estes objectos (louça) foram feitos ao torno, e, pela perfeição dos filetes e gommos, que ornão o exterior, demonstram que o povo que o construiu, estava bastante adiantado em civilisação.¹

Os adóbs são quadrados, tendo a côr muito rubra, e todos mostram um rebordo, no qual ha um entalhe, para sobrepôr á junta e ficarem mais unidos.

Teem som metalico, e foram encontrados no centro das casas, e de um dos lados, teem ferrugem.

Achou carvão vegetal, ferro e cobre, sem se poder sober a que objectos pertence-ram.

Encontrou em poucas casas, couceiras, com encaixe circular, no qual girava a porta, e outra pedra, com rebaixe para bater, *d'epoca mais recente,*² *porque, pela maneira como se mostra ter sido feita a construcção antiga das casas, não podiam estas ter portas nem janellas.*³

Não encontrou ossos humanos, nem de qualquer animal irracional, n'estas escavações.

Pela tal ou qual perfeição das pedras fa-

¹ Talvez que estes artefactos de barro, fossem fabricados pelos povoadores da primitiva Vianna, que era aqui.

² Estamos no mesmo caso da nota antecedente.

³ Nenhum *carn* tinha porta, ou *cortadura* para entrada, nem d'ella precisavam, saltando-se por cima, visto que a sua maior altura (nos mais modernos) nunca excedia a 0,88.

Os mais antigos, nem tinham as pedras unidas, pelo que, pelos espaços entre uma e outra pedra, collocada perpendicularmente, com a maior facilidade se podia entrar e sair.

São estas as taes construcções a que o povo d'estes sitios chama *cerrados dos mouros*.

ceadas d'estas ruínas, é certo que já pertencem á *idade do ferro*.

As construcções, de diferentes fórmās e tamanhos, são em numero de 1:600, pouco mais ou menos, abrangendo um espaço de quasi dois kilometros de comprimento e um de largo.

Os lavradores d'estes sitios, teem d'aqui tirado grande numero de carradas de pedra, para vedarem as suas tapadas.

Diz o sr. Possidonio: — «Em vista d'esta importantissima descoberta, *ou se verifique ou não, ser este o sitio da antiga Britonia, etc.*»

Não é, não senhor. Posto que hoje se não saiba com certeza a situação exacta da antiga Britonnia, sabe-se todavia que era sobre uma das margens do rio Lima (ou talvez sobre ambas.)

Vide *Britonia do Lima*.

No reinado de D. Fernando, de Leão (1026) se procedeu á divisão do condado d'Entre o Douro e Minho, e n'esta divisão se lê:

(Tradução.) — «Principia (o condado) no lugar, cabeça (foz) do Minho, onde o tal rio entra no mar, e o rio Froylano (hoje Coura) entra no Minho (Caminha.) *D'alli vae correndo pela costa do mar até á foz e cabeça do rio Lima* (hoje Vianna) *e d'alli, pelo mesmo rio Lima acima,* ATÉ BRITINIA, ONDE ANTES FOI BRITONIA, etc.

(Vide no 1.º vol., pag. 494 e seguintes.)

Pelos annos 970 de J. C., o feroz Abou-Amer, cognominado *o Almançor*, vendo os christãos entretidos com as guerras reciprocas, entre D. Bermudo II, rei da Galliza e Asturias, e seu primo, D. Ramiro III, rei de Leão, invadiu a Lusitania, pondo tudo a ferro e fogo, e, chegando a Britonia, os seus moradores lhe resistiram tenazmente, sendo esta cidade a que mais heroica resistencia lhe oppoz; mas, por fim, teve de ceder á enorme desproporção do numero.

Os mouros, furiosos, arrazaram de tal modo a cidade, que nem d'ella hoje restam vestigios.

«A maior parte dos britonenses, foram mortos ou captivos, e os que poderam escapar, foram estabelecer-se em um alto mon-

te, na costa do Oceano Atlantico, 4 kilometros ao N. N. O. da foz do Lima, e 2 ao E. do mar, *no sitio onde hoje existe a capella de Santa Luzia, e ahi edificaram uma povoação, a que deram o nome de Vianna.*¹

«Passados annos, e expulsos os mouros de toda a Lusitania, foram os povos da primitiva Vianna, pouco a pouco, estabelecendo-se na planicie que fica ao sopé do monte, do lado do S., proximo á foz do Lima, e sobre a margem direita d'este rio; e se foi despoando a antiga Vianna, por ser o sitio d'ella, escabroso e esteril.»

«Assim lançaram os fundamentos á moderna cidade de Vianna, e da velha, apenas restam ruínas.»

«Em 1258, passando o nosso D. Affonso III, pela velha Vianna, e vendo o estado de abandono em que estava, e a impropriedade de tão inhospito sitio, para uma povoação, a mandou remover, para o sitio da actual Vianna, aproveitando muitos materiaes da antiga», etc.

Em Vianna, serei mais explicito.

Ao meio da encosta do monte, do lado do S., existe uma mina (que o povo diz construida pelos mouros) para a qual ainda se distinguem as rampas, bem traçadas, do lado do O., e é a unica nascente d'agua d'este monte.

O sr. Possidonio propoz á camara de Vianna as providencias necessarias, para obstar á total destruição d'estas antiguidades; sendo attendido pelo presidente, o sr. Antonio Pinto d'Araujo Correia, que concordou em hir ver estas ruínas, com o sr. Joaquim Cabral de Noronha e Menezes, então governador civil de Vianna, e outros cavalheiros da cidade.

Com effeito, no dia 17 d'abril (do dito anno de 1877) sahiram todos, com o sr. Possidonio, em direcção ao monte de Santa Luzia, onde examinaram tudo o que era digno

¹ Mas este sitio já havia sido povoado em tempos remotos, por os celtas, ou outros povos, cujo nome hoje ignoramos, e talvez que depois, pelos romanos; como se póde colligir pelos vestigios de trez épocas diversas, que aqui se tem descoberto.

de exame, e resolveram estacionar alli um guarda, para que o povo não continuasse a destruir aquillo.

A camara continuou as escavações, dirigidas pelo sr. Felgueiras, director do collegio viannense; e n'ellas se acharam varias moedas de prata e cobre, alguns *penates*, e muitas outras preciosidades archeologicas.

Nomeou-se uma commissão, presidida pelo sr. Antonio Pinto d'Araujo, para dirigir os trabalhos de exploração, que principiaram logo em 2 de junho, e para a camara foi remettido um grande numero de moedas e medalhas, algumas em bom estado de conservação, e perfeitamente legiveis, e outros objectos que alli se hiam achando.

No principio de julho, já estavam a descoberto, treze *casas* (ou cousa que o parece) d'este monte.

Ha aqui vestigios de trez diferentes épocas, entre as quaes medeiam alguns seculos.

A 1.^a, pertence incontestavelmente aos tempos pre-historicos.

A 2.^a, com toda a probabilidade, aos romanos.

(Nem é de suppor que elles deixassem ao abandono, um ponto de tanta importancia militar.)

A 3.^a, com toda a certeza, é dos seculos x, xi, xii e xiii — isto é — do tempo da primitiva Vianna: (como era de esperar) ha d'este tempo mais numerosos vestigios.

Quando descrever a cidade de Vianna, direi o mais de que tiver noticia, com respeito ás ruínas do monte de Santa Luzia.

SANTA LUZIA—Vide *Luzia (Santa.)*

SANTA MARGARIDA (Lapa de)—Extremadura (mas ao S. do Tejo) comarca, concelho, freguezia, e 4 kilometros ao O. de Setubal.

Quasi á raiz da famosa serra da Arrabida, que fórma o cabo do Espichel—e *Pro-montorio barbarico* dos antigos (vide *Arrabida*) proximo á foz do Sado, e do *porto semaphorico*, no sitio onde o mar furioso arre-mega as suas ondas espumantes sobre alcan-

tilados rochedos, está uma gruta, obra da natureza, á qual se dá o nome de *Lapa de Santa Catharina*, virgem e martyr.

Segundo a tradição, a imagem d'esta santa, está aqui desde uma época remotissima.

Tem a gruta mais de 22 metros de comprimento.

A sua largura varia muito, em razão de varias outras grutas mais pequenas que se communicam com a principal; pelo que, em partes, vem a ter mais de 40 metros de largo.

Póde conter mais de 400 pessoas, e dentro rebenta uma fonte, de optima agua potavel, que nunca secca, ainda nas maiores estiagens.

O tecto está ornado de formosissimas stalactites, as quaes, vistas á luz de archotes, produzem um effeito surprehendente.

Tem uma grande rotura, por onde lhe entra o ar e a luz, e por onde tambem muitas vezes entra o mar. Á esquerda, fica a entrada da gruta.

Do alto da serra, para a lapa, desce-se por uma calçada, hoje em bastante ruina, que consta ter sido feita por um eremitaõ da santa.

Esta calçada vem ter a uma rocha em que bate o mar.

Tomando-se á direita, chega-se a uma varanda com assentos e parapeitos, que é o adro da ermida da gruta, descendo-se ainda para ella, 12 largos degraus.

A capella é quadrada, e se lhe fez um tecto, forrado e telhado, por causa da agua que cãe pelos intervallos ou flegas do rochedo superior.

Tem um só altar, tendo no centro a imagem de *Nossa Senhora da Salvação*, com uma gallé na mão direita, e o Menino Jesus na esquerda.

Á direita da Senhora, está a imagem de Santa Margarida, padroeira da ermida, e á esquerda, a imagem de Santo Antonio.

Todos os marinheiros e pescadores teem grande devoção com a Senhora da Salvação.

Segundo a lenda, que é muito verosimil, fugindo um barco de christãos a um corsario mourisco, se refugiou n'este sitio.

Os mouros o perseguiram até aqui; mas, encalhando o seu barco, todos foram agarrados pela gente da terra.

É por isto, que se collocou uma gallé na mão da Senhora.

Antigamente, quando em Portugal havia mais religião e temor de Deus, todos os homens do mar, de Setubal, se encarregavam da conservação e culto d'esta ermida, e faziam á Senhora da Salvação uma grande festa annual.

Até 1834, sempre aqui houve eremitas, a maior parte clérigos, que residiam em umas casas á maneira de recolhimento, com sua cêrca, tudo feito á custa dos duques d'Aveiro, que possuem por estes sitios muitas e grandes propriedades, e immensas rendas; e eram senhores de toda a serra da Arrabida.

(Vide *Arrabida*, *Azeitão*, *Setubal*, *Villa Fresca de Azeitão*, e *Villa Nogueira*.)

A pouca distancia da *Lapa de Santa Margarida*, na quebrada que a serra da Arrabida faz para o O., está a ermida de Nossa Senhora do Carmo, fundada por D. Magdalena Girão, duqueza d'Aveiro, filha dos duques de Ossuna (vide *Samôra-Correia*) a qual para que se soubesse que a fundação era de uma hespanhola, deu á Senhora o titulo *Del Carmen*.

É um templo vasto, tendo o corpo da igreja mais de 14 metros de comprido, além da capella-mór.

Sobre o arco cruzeiro, foram collocadas as armas dos duques d'Aveiro.

Tem só o altar-mór.

No centro está a imagem da padroeira, tendo á direita a da *Senhora da Pinha*, e á esquerda a do Menino Jesus.

Antigamente era esta capella muito concorrida, pelos povos de Azeitão, Cezimbra, Palmella, Setubal e outros, que lhe faziam grandes romarias, havendo em algumas d'ellas, além das missas cantadas, sermões, musica, fogo preso e do ar; tambem comedias, entremezes e bailes; mas, como n'isto se praticavam muitas vezes, actos menos honestos, o cabido de Lisboa, em *séde vacante*, prohibiu as comedias e bailes, em 1714, sob

pena de excommunhão-maior, por uma pastoral que mandou pregar na porta da igreja da Senhora.

A irmandade da padroeira, mandou fazer algumas casas, junto á ermida, para commodo e recolhimento dos irmãos e dosromeiros.

Sobre a verga de uma das portas d'estas casas se lê:

ESTAS CASAS MANDOU FAZER
A IRMANDADE DE SETUBAL,
E SE ACABOU A OBRA NO ANNO
DE 1611.

Até 1834, tinha esta capella um eremidão, com boas casas de residencia e sua cêrca, murada, contigua á igreja; e um capellão, que aqui dizia missa aos domingos e dias sanctificados.

A ambos dava uma *ordinaria*, a casa dos duques de Aveiro, até 1759.

A imagem de Nossa Senhora da Pinha, foi mandada fazer e collocar n'este templo, por D. Maria de Fâro, duqueza do Cadaval.

Tudo isto se vê actualmente no mais completo abandono.

(Vide *Arrabida e Setubal*.)

SANTA MARGARIDA DA SERRA — Vide *Margarida da Serra (Santa)*.

SANTA MARIA ALTA—portuguez antigo —hoje diz-se *Nossa Senhora do Pilar*.

SANTA MARIA D'ANTE NATAL—portuguez antigo — hoje diz se — *Nossa Senhora do Ó*, ou da Expectação.

SANTA MARIA DAS JUNIAS—vide *Piões*.

SANTA MARIA DE MEINÊDO — esta freguezia do Douro, já fica descripta a pagina 160, col. 1.ª, do 5.º volume; porém, como depois pude obter curiosissimos apontamentos, de que não quero privar o leitor, os pohnho aqui.

Esta freguezia foi sempre em *Terras de Lousada*, mas pertencia, no principio do seculo xviii, á camara de Penafiel do Souza, que lhe fica 6 kilometros ao sul.

Em 572 de J. C. (sendo rei dos soevos, Ariamiro, filho de Theodomiro) era Meinêdo uma cidade episcopal, já com o nome de *Santa Maria de Magneto*, que se corrompeu

em *Meinêdo*; mas durou pouco tempo este bispado, tendo só um bispo, que foi Santo Thyrsó, o qual foi morto ás pedradas, pelo povo de Arrifana do Souza (hoje Penafiel) o qual ainda então era idolatra.

Ariamiro supprimiu então este bispado, unindo-o ao do Porto.

(Vide 5.º vol., pag. 160, col. 2.ª)

A invocação da padroeira, é Nossa Senhora do Pilar, antigamente *Santa Maria Alta*.

Era esta imagem de estatura agigantada e de pedra, e, em 1686, pretendendo os mordomos fazer-lhe novo retabulo, de talha douurada, como a imagem, além de muito grande, era muito antiga, e de esculptura pouco correctá, a quizeram enterrar, ao que o povo se oppoz obstinadamente, pelo que os mórdomos, que já a tinham tirado do altarmór, onde estava, a collocaram em um dos altares lateraes.

Segundo a tradição, dava-se a esta Senhora a denominação de Santa Maria Alta, pela sua elevada altura.

Hoje a padroeira é Nossa Senhora das Neves.

Mas o primeiro padroeiro d'esta igreja, depois de Meinêdo ser elevado a parochia, foi Santo Thyrsó, o tal bispo de quem já falei, e cujo corpo está em uma capella abobadada, da parte do Evangelho, na igreja matriz d'esta freguezia.

Não se sabe quando Meinêdo mudou de padroeiro, mas, em 1553, ainda era Santo Thyrsó, como consta do Tombo da igreja e couto de Meinêdo, feito a 18 de dezembro d'esse anno, que dá á freguezia a denominação de *Santo Thyrsó de Meinêdo*, e declara ser arcediagado, do bispado do Porto.

(*Cathalogo dos bispos do Porto*, pelo bispo D. Rodrigo da Cunha, parte 2.ª, pag. 216.)

Nos seculos passados, tinha o povo d'esta provincia, tanta devoção a Santo Thyrsó, que varias freguezias o tomaram para seu padroeiro.

O mosteiro de *Santo Thyrsó de Riba de Ave* (de monges beneditinos) tomou a invocação d'este santo—não sendo seu padroei-

ro — por uma reliquia d'elle que poderam obter.

A egreja matriz de Meinédo, foi primitivamente a de um antiquissimo mosteiro beneditino.

O corpo do Santo, está, na referida capella, em uma sepultura raza, sob o altar, no qual está a imagem d'elle, em vulto.

Os povos d'estes logares, quando padecem qualquer molestia, tomam terra da sepultura do santo, e misturando-a com agua, a bebem, crendo que com este remedio saram, o que muitas vezes acontece, tal é a fé que depositam n'este singular remedio.

Segundo o *Sanctuario Marianno*, tomo 5.º, pag. 40, já em 572 era padroeira de Meinédo, *Nossa Senhora Alta*, e sustenta—contra o que diz D. Rodrigo da Cunha—que Santo Thyrsos nunca foi padroeiro d'esta freguezia.

Tambem o padre Carvalho, na sua *Chorographia Portugueza*, não diz que Santo Thyrsos foi bispo de Meinédo, nem martyrisado pelos da Arrifana do Souza, mas diz que o conde *Fonsa* (abreviatura de Fonseca) trouxera as reliquias d'este santo — natural de Toledo — da cidade de Constantinopla, no anno 600, onde padecêra martyrio, no tempo do imperador Décio.

A opinião mais seguida, porém, é que Santo Thyrsos foi martyrisado pelos romanos, na cidade de *Apollonia*, na Thracia, em 28 de janeiro do anno 284, como já fica dito em Meinédo.

O que é certo, é que a sua festa se faz a 28 de fevereiro.

SANTA MARIA DE NOGUEIRA -- Já está descripta no 6.º vol., pag. 104, col. 1.ª — a ultima *Nogueira* d'esta columna: aqui accrescento mais:

Pelo O. d'esta freguezia, corre o ribeiro *Almoróde*, que tem dois nascimentos — um na aldeia de Paredes, freguezia de S. Pedro de Avioso — outro na freguezia de Silva-Escura.

Juntam-se acima da ponte d'*Almoróde*, proximo a Nogueira, tomando então o nome d'*Almoróde*, que perde, mettendo-se no rio Leça, na freguezia de São Faustino, de Guifões.

Até á ponte d'*Almoróde* é denominado *Rio Calqueiros*, em razão de passar por uma aldeia d'este nome, na freguezia de Godim. Em Nogueira tambem lhe chamam *Rio da Pena*, nome de uma aldeia d'esta freguezia de Nogueira, e onde tem uma ponte, de pedra.

Diz o povo d'estes sitios, que o nome d'este rio, lhe provem da ponte de *Almoróde*, em Nogueira, onde ha uns moinhos pertencentes a um lavrador, de alcunha *Almoróde*, corrupção (segundo o povo) de *Ambrozio*, (1) nome antigo do primeiro dono d'estes moinhos.

Na minha opinião, *Almoróde*, é corrupção do substantivo árabe — *al-modde* — medida de cereaes, correspondente ao nosso alqueire, e que os portuguezes tambem corromperam em *almude*. (Os arabes pronunciavam *almôde*, e era facil a corrupção.) O almude veio depois — e até aos nossos dias — a ser medida de liquidos.

O *Almoróde*, corre de N. a S., por espaço de 40 kilometros. Nas suas aguas se criam saborosas trutas, barbos, bôgas, e algumas eiroides.

Desde 1869, faz-se na freguezia de Nogueira a procissão dos *Passos*, no domingo 3.º da quaresma. Para esse fim, se construíram, no caminho que conduz ao Calvario, varias capellas, representando alguns factos da *Paixão* de Christo. São cinco — 1.º, o *Horto* — 2.º, a *Prisão* — 3.º, o *Senhor preso á columna* — 4.º, a *coroação de espinhos* — 5.º, o *Senhor no pretorio*. No Calvario ha uma outra capella, que é a da *Crucifixão*.

Todos as cinco capellas são uniformes, de bella architectura, e as figuras, em vulto, de tamanho natural; obra admiravel, e que pôde competir com as melhores d'este genero, de qualquer cidade ou povoação notavel.

Tudo isto foi feito por donativos voluntarios dos moradores da freguezia.

Importou cada capella, fóra as imagens, em 100\$000 réis, e as imagens, cada uma em 200\$000 réis.

A capella do Calvario, que é maior, custou 150\$000 réis.

Toda a pedra d'estas obras, foi extrahida

das pedreiras de Nogueira, e é um granito de optima qualidade.

—
Anda em construcção, e está quasi concluída, uma estrada á mac-adam, desde a freguezia de Nogueira, até S. Mamede de Infesta; e liga com a estrada do Porto a Braga. Atravessa as freguezias de Milheiroz da Maia, Silva-Escura, e S. Mamede de Coronado, todas ao N. de Nogueira. Termina na 3.^a estação do caminho de ferro do Minho, em S. Romão.

—
Todos os annos se faz n'esta freguezia uma esplendida festa a S. Bartholomeu, no dia proprio (24 de agosto) havendo concorridissimo arraial.

O orago da freguezia, é Nossa Senhora do Ó, cuja festa se faz a 18 de dezembro.

SANTA MARIA DA OLIVEIRA—Vide *Guimarães*, e *Oliveira (Santa Maria da)* no 6.^o vol., pag. 255, col. 1.^a, pr.

SANTA MARIA DE OLIVEIRA—Já está descripta, sob a palavra *Oliveira*, no 6.^o vol., pag. 265, col. 1.^a, pr.

Aqui accrescento mais, o que o meu esclarecido amigo, o sr. doutor Pedro Augusto Ferreira, se dignou mandar-me, com respeito a esta freguezia.

—
Tem um pequeno passal e casa de residencia, que foram doados á freguezia em 1695, pelo abbade Francisco Gonçalves Cardoso.

Esta freguezia é limitada ao nascente pela de Fontellas, ao poente pelo ribeiro Sermaña, linha divisoria entre esta freguezia e a de Cidadelhe,—ao sul pelo Douro, e ao norte pela freguezia de Cediellos e pelo monte Mourinho.

O seu solo é muito fertil e todo bem cultivado. A sua producção dominante é vinho, bom para o *batxo-Corgo*;—e tambem produz baga de sabugueiro, azeite, fructa e legumes.

A egreja matriz é um bom templo. Tem o tecto forrado de castanho com molduras em relevo, e todas douradas. Foi esta obra feita em 1763, sendo abbade, Antonio Alberto da Torre, da nobre casa das Torres, que contribuiu com valiosos donativos. El-Rei D. João

v deu 600\$000 réis, e o restante foi dado pela confraria e por diversos parochianos.

Desde 1695 até 1797 houve 3 abbades dignissimos. O 1.^o foi Francisco Gonçalves Cardoso, que, alem d'outros beneficios relevantes prestados a esta parochia, a dotou com o passal e residencia;—o 2.^o foi o mencionado Antonio Alberto, da casa das Torres, que regularizou a escripturação, creou quatro irmandades, promoveu a sua dotação, fez obras importantes na igreja e deu-lhe um orgam, sinos, etc.—O 3.^o foi José Barbosa d'Albuquerque, que por escripturas feitas no Porto em 1790, 1792 e 1796, depositou na irmandade dos Clerigos a quantia de 7:200\$000 réis, para com o seu rendimento se celebrar perpetuamente na egreja matriz d'esta parochia um officio de oito padres com obrigação de missa, todos os annos, pela alma dos seus freguezes, e se dar por occasião da festividade da padroeira, no dia 15 de agosto, a esmola de 2\$400 a cada um de 25 parochianos pobres, de diferentes estados e edades, que provem boa moral, etc.

Alem d'isto dotou a egreja com as alfaias seguintes: um calix grande de prata, com molduras abertas a buril, patena e colher,—uma caldeira grande com hyssope,—uma bacia e um jarro,—um par de galhetas,—2 thuribulos, 2 navetas e 2 colheres,—um vaso grande para as communhões,—2 chaves para o sacrario, sendo uma muito rica e enfeitada, com caixa propria,—uma ambula grande para os Santos Oleos,—uma dita mais pequena para a Extrema-Unção,—4 calices com patenas e colheres,—um ostensorio (custodia) grande que mede quasi 4 palmos de altura, com um circulo de pedras vermelhas finas, rosas de pingos d'agua, luneta toda de diamantes, em uma caixa forrada por dentro de veludo vermelho, com duas almofadas de damasco de seda da mesma côr, e por fóra coberta de marroquim.

Todas estas alfaias são de prata e quasi todas douradas e lavradas.

Deu ainda mais para a egreja—um paramento branco de seda e capa d'asperges, tudo bordado,—um outro tambem de seda com capa d'asperges, de côr roxa, egualmente bor-

dado,—outro de velludo preto superior, com capa, etc., e guarnições de galão d'ouro fino;—um palio com 6 varas,—uma umbella,—um pano para o pulpito,—e um pavilhão para o sacratio, tudo de seda branca, bordada—um outro pavilhão roxo para o sacratio—6 lanternas de folha, e varas, tudo dourado. E deixou rendimentos consignados para a limpeza das alfaías e concerto dos paramentos, com a expressa condição de se não emprestarem para outra freguezia.

Em 1808, por ordem de um general francez, foram entregues ao juiz de fóra de Meção-Frio—1 caldeirinha, 1 jarro e bacia, 1 thuribulo e naveta, 2 galhetas e 2 cruces, tudo de prata, pesando 19 1/2 arrateis—salvando-se a custo o restante!...

Esta freguezia conta actualmente 180 fogos, com 700 habitantes, e a mortalidade é, termo medio, 18 a 20 fallecimentos por anno.

O seu clima é temperado e saudavel.

Ha n'esta freguezia 8 capellas que são—da Senhora da Esperança,—do Rosario (em ruínas),—Familia Sagrada,—S. José,—Santa Barbara,—Senhora da Livração,—Santa Anna,—e Senhora da Piedade, com uma riquissima imagem da Virgem.

Os habitantes d'esta parochia eram obrigados a ir a Meção-Frio comprar a carne nos talhos da villa, o que lhes era altamente incommodo, e por isso requereram privilegio para terem açougue proprio, o que lhes foi concedido em 28 de dezembro de 1583, por Philippe II, de Hespanha, de execranda memoria.

Esta freguezia é formada por uma povoação unica, e tem grandes proprietarios e bons edificios, avultando entre elles a elegante casa das Torres, toda de bôa cantaria, com duas torres, um corpo central e dous lateraes, e dous espaçosos terreiros. É seu actual possuidor o sr. Eduardo Affonso de Faria Girão.

Depois do vistoso palacete das torres é digna de menção a casa dos herdeiros de José Borges de Carvalho.

São tambem espaçosas as casas do sr. doutor José Januario d'Almeida Borges, distincto jurisconsulto, e a do sr. Luiz Pereira da Fonseca, lente jubilado da eschola medico-cirurgica do Porto, grande proprietario e pessoa de merecimento, natural d'esta freguezia.

Ainda pelo meiado d'este seculo havia n'esta parochia 7 presbyteros e 7 bachareis e doutores,—hoje, apesar do progresso, tem esta freguezia apenas um presbytero—o reverendo parochio, Domingos d'Almeida Pinheiro,—e um bacharel formado em direito, que é o mencionado doutor José Januario de Almeida Borges. O lente jubilado Luiz Pereira da Fonseca reside no Porto.

Terminaremos este artigo consignando um dos maiores disparates da nossa divisão parochial.

Indo de Meção-Frio para a Régua, a primeira freguezia que se encontra é a de Villa Marim; segue-se a de Cidadelhe, e depois a de Oliveira, sendo estas ultimas divididas pelo Sermanha, ribeiro d'alguma força e que corre por um valle fundo e medonho, como na Ponte Cavallar e em Nostim, limite de Cediellos, e mesmo debaixo da povoação d'Oliveira, ha sobre este ribeiro uns penedos collossaes, escavados e nus onde (diz a lenda) os demonios fazem audiencia á meia noite!

É o Sermanha difficil de transpor, e tanto que na confluencia com o Douro tem uma respeitavel ponte de pedra, que na linha fere marginal em construcção, vae ser substituida por outra, considerada uma das primeiras obras d'arte d'esta linha.

É pois o Sermanha a divisão natural d'esta freguezia d'Oliveira e effectivamente a limita a oeste, desde Cediellos até ao Douro, e vae pela margem do Douro até ás Caldas do Mollêdo, comprehendendo ainda n'estas Caldas, os *Quarteis amarelllos*, e todos os banhos (da Estrada, da Lameira e da margem do rio)—mas o pequeno povoado do Granjão (onde avulta a casa do barão d'este titulo) na margem esquerda do Sermanha, não pertence a esta freguezia d'Oliveira, nem á de Cidadelhe, na outra margem do ribeiro, mas

é da *Villa-Marim*, contigua a *Mezão-Frio*.

Desce a freguezia de Villamarim até ao Douro e vae pela margem d'este rio, com uma pequenissima nesga de terra, isolando o logar de Cidadelhe, buscar o Granjão, alem do Sermanhal

Não se acredita facilmente.

—E ainda para cumulo do escandalo, a estrada de Oliveira para as Caldas do Mollédo, que em parte, como dissemos, pertencem a Oliveira, atravessa o Granjão, e por consequencia terreno de *Villa-Marim*!...

(O doutor Pedro Augusto Ferreira—Abade de Miragaia.)

SANTA MARIA DO PEREIRO—templo antiquissimo, Beira Baixa, pertencente á freguezia da villa de Cinco-Villas. (Vide *Cinco-Villas*, e no 8.º vol., pag. 297, col. 2.ª, a requisição da mesma palavra.)

Fica o templo de Santa Maria do Pereiro, a pouca distancia da villa de Castello Rodrigo, na antiga comarca do Riba-Côa (hoje Sabugal). É uma egreja vasta e muito formosa, posto ser muito antiga, o que facilmente se conhece pela sua architectura.

Não sei com que fundamento, dá o povo d'aqui, o nome de *Santa Maria do Pereiro*, á padroeira d'esta egreja; e tambem alguns a denominam, *Egreja das Santas Reliquias*.

Ninguem sabe a data da construcção d'este templo, e só que é antiquissimo.

Segundo a tradição constante, houve n'este sitio, em tempos remotos, uma grande povoação, que foi abandonada e cahiu em ruinas.

Suppõe-se que foi em 1193, anno em que uma grande peste assolou estes sitios. Consta que a gente da antiga povoação (chamada *Pereiro*) fugiu d'aqui, indo residir para uma, então pequena, povoação, que é a actual Cinco-Villas, e fica perto do templo da Senhora.

Tambem é tradição que o primeiro nome de Cinco-Villas, era *Villa-Nova*, e que, refugiando-se aqui os moradores de quatro povoações, no tal anno de 1193, ficou, desde então, com a denominação actual.

Todavia, foi sempre povoação de pouca importancia, pois nunca teve foral, velho ou

novo, e se regia pelo da villa de Fontenares á qual o rei D. Manoel deu foral, em Evora, a 15 de novembro de 1519.¹

Esta villa de Fontenares, foi arrazada pelos castelhanos, durante a guerra da restauração (1640-1668) e d'ella apenas hoje restam poucos vestigios.

Nos livros mais antigos, que tratam de Cinco-Villas, se lhe dá o nome de *Cinco-Villas-da-Reigada*.

A freguezia (e antiga villa) da Reigada—ou *Arreigada*, nome que lhe dá o foral—fica proxima á de Cinco-Villas, e esta era dependente d'aquella. O rei D. Manoel, deu foral á Reigada, tambem em Evora, e no mesmo dia, mez e anno, em que o deu a Fontenares.

O padre Antonio de Vasconcellos, na sua *Descrição do reino de Portugal*, diz que a imagem da Senhora do Pereiro, e as santas reliquias que se veneram no seu templo, foram achadas no mesmo logar, enterradas pelos christãos, quando os mouros invadiram a Lusitania, em 716.

Não se sabe quando tudo isto foi descoberto, mas é certo que foi ha bastantes seculos.

Junto ao templo de Nossa Senhora do Pereiro, fica outro, ao S., e a uns 60 metros de distancia, dedicado a S. Julião, e consta que foi a matriz primitiva da freguezia do Pereiro. É tambem templo vasto e antiquissimo, e pertenceu á ordem de Christo. (Vide 8.º vol., pag. 297, col. 2.ª—e *S. Julião do Pereiro*.)

Consta que a egreja de Nossa Senhora do Pereiro, o foi de um mosteiro de templarios, o que é muito provavel, visto que em 1319, passou esta freguezia e immediatas a forma-

¹ É provavel que os templarios, antigos donatarios de Cinco-Villas, lhe dessem foral, ou, depois d'elles, seus *herdeiros*, os cavalleiros da ordem de Christo; mas Franklim não o traz. Foi, até 1834, commenda da ordem de Christo.

rem uma commenda da ordem de Christo, na qual se fundiu a do Templo.

A imagem da Senhora (de 0,30 d'alto) tem o Menino Jesus no braço esquerdo, e com a mão direita lhe está offerecendo um pômo; e é por isso que se lhe deu (não se sabe porque) o titulo do *Pereiro*.

SANTA MARINHA DE CÊA—villa, Beira Baixa.—Vide *Marinha (Santa)* no 3.º vol., pag. 74, col. 1.ª, a 2.ª *Marinha*.

SANTA MARINHA DO FERRAL—Esta freguezia ja está descripta com o nome de *Ferral*, no 3.º vol., pag. 169, col. 2.ª

Como o meu esclarecido amigo, o reverendissimo sr. José dos Santos Moura, digno abbade de Caires, se dignou dar-me mais esclarecimentos de muita valia, com respeito a esta parochia, os ponho n'este logar.

Fica esta freguezia, 22 kilometros ao O da villa de Montalegre, a cujo concelho e comarca pertence. Desde 1841 até 1853, era da mesma comarca, mas do concelho de Ruivães.

Consta por tradição, que até ao anno de 1452, era padroeiro d'esta freguezia S. João, com a denominação de *Misarélla*; e que a egreja matriz existia, no monte superior á ponte, e que n'esta egreja, de que ainda se encontram vestigios, se enterravam tambem os freguezes das annexas, Contim, Villa da Ponte, e Venda Nova.

A residencia parochial era no logar de Ferral.

Um morgado da casa da Poça, do logar de Santa Marinha, tinha uma capella, junto á casa, dedicada a Santa Marinha martyr, que ficou sendo, desde 1452, a padroeira da freguezia, em cumprimento da comminação, feita com o mórgado, que deu o terreno necessario para a nova egreja matriz, e ficar a mesma dentro do praso da casa da Poça. A capella-mór foi reedificada em 1725. A residencia parochial foi tambem, depois de muito tempo, mudada, pelo abbade José da Rosa Magalhães, natural de Villa-Real, para o mesmo logar de Santa Marinha, e fica, distante da egreja matriz uns 400 metros, no cume do logar, separada de visinhos e com caminho muito ingreme.

Era abbadia da Serenissima casa de Bragança e rendia em dizimos, primicias e são-joanneira, juntamente com as annexas ou filiaes, Villa da Ponte, Venda-Nova e meta-de de Contim, 1:030,8000, e destes pagava, em virtude de uma Bulla pontificia, do Santo Padre, Benedicto xiv, datada de 5 das Kalendaras de agosto de 1747, as quartas-nonas para a Patriarchal e as congruas dos parochos das ánnexas.

O abbade d'esta freguezia apresentava os parochos de Contim, Venda Nova e Villa da Ponte.

Tem esta freguezia cinco capellas publicas, dedicadas—a S. Thiago, na povoação de Sanzello—a Santo Antonio, em Nogueiró—a Nossa Senhora da Assumpção, em Viveiro—ao Bom Jesus, no Ferral—e á SS. Trindade, em Sichós.

Compõe-se de oito povoações — Sanzello; Nogueiró; Santa Marinha, séde da parochia; Ferral; Viveiro; Pardieiro; Villa Nova; e Sichós.

Está situada, em terreno accidentado, no angulo formado pela confluencia dos rios Regavão e Cávado. É, quasi, no seu vertice a legendaria ponte da Misarélla, obra de El-Rei D. Manoel, por alvará de 5 de setembro de 1514.

O seu solo, em rasão da sua baixa situação e exposição meridional, é muito fertil: produz centeio, milho, feijão, batatas, vinho verde, algum azeite e muita castanha.

Correm, na direcção de E. a O., ao norte o rio Cávado; ao sul o Regavão; e pelo centro, a estrada do antigo systema, de Mont'alegre a Braga.

São naturaes d'esta freguezia:

Manoel Antonio Alvares Pereira, nascido na casa do Principe, de Ferral, aos 17 de junho de 1793. Estudou preparatorios em Braga e Coimbra, tomou o grau de bacharel, na faculdade de Canones e Leis em 1821, e acabou a formatura em 1822, obtendo as competentes cartas, com boas informações, n'esse mesmo anno, e habilitado para os logares de letras e magistratura,

Foi advogado em Braga por quatro annos —1823, 1824, 1825, 1826—e n'este ultimo anno foi a Lisboa, onde se habilitou para

advogar na côrte e casa da supplicação. Foi por algum tempo, vigário geral de Chaves.

Foi vigário geral do arcebispado, desde 18 de abril de 1834, até ao seu fallecimento. Abbade de Amares em 1827; de Vieira em 21 de novembro de 1849, e de Priscos em 26 de setembro de 1855.

Foi governador do arcebispado, na ausencia do sr. D. Pedro Paulo, desde 19 de agosto de 1845, até abril de 1846. Examinador Synodal desde 1843 até á morte. Professor de Direito Canonico, no Seminario Diocesano, por muitos annos. Falleceu no 1.º de dezembro de 1866 e jaz sepultado na igreja de Santa Cruz, de Braga.

Desempenhou estes honrosos cargos com muita dignidade e aptidão.

Era amigo verdadeiro, leal e sincero; affavel, discreto, lhano e agradável em tudo e para tudo; atrahia a estima e respeito de todos quantos o conheciam.

Era apaixonadissimo por Barroso, a ponto de, em todas as suas conversações, fallar no *meu Barroso*.

Frei Manuel de Aguiar, nasceu em Sichós, aos 25 de março de 1776, foi ordenado em Evora, a expensas d'um lavrador do Gavião, com quem, depois, teve uma desintelligencia, perto da cidade de Evora. Consta que falleceu no Alementejo.

O logar de Sichós, foi incendiado, pelo exercito francez, no dia 16 de maio de 1809.

Por engano diz-se a pag. 343, do 2.º vol., e pa. 169 do 3.º vol., que a freguezia de Codeçoso do Arco, hoje venda Nova, está ha muitos annos annexa a esta, Ferral; mas não é assim; Codeçoso do Arco, ou *Venda Nova*, era annexa ou antes filial de Ferral; e conserva-se separada.

SANTA MARTHA—monte, Minho, sobranceiro ao da Magdalena, na serra da *Falpêrra*, antigamente denominada *Monte-Maior*. (Vide esta palavra.) O monte de Santa Martha, está 562 metros e 53 centímetros acima do nivel do mar, no sitio onde foi collocada uma pyramide geodesica (ou marco trigonometrico.)

D'este ponto se descobre um vasto e delectoso panorama.

Fica sobre o rio Éste, ou Dêste.

D. Jeronymo Contador d'Argote (*Memo-rias de Braga*, tom. 4.º, pag. 305) diz—«S. Martha, monte, sobre o rio Dêste; e *Villa-Egican*, (?) e sobre o rio *Cantabrigion*, (?) e *Villa*, e sobre Villar de Cêrvos, e Lodomar, e o rio Cantabrigion; segundo consta de diversas Doações, que existem no livro *Fidei*, algumas, do tempo da Anarchia. Hoje conserva o mesmo nome, que lhe provem de uma Capella que alli está, de Santa Martha.»

Está aqui a ermida de Santa Martha, que dá o nome ao monte, e á qual se faz uma grande romaria, no mez de julho; mas quasi todos os annos ha n'ella grandes desordens e pancadaria.

Muitos dos habitantes d'estes arredores, aguardam o dia d'este arraial, para se vingarem de seus inimigos, pelo que, é de costume hir sempre fazer a policia do logar, um forte destacamento de infantaria 8, estacionada em Braga, commandado por um capitão, e coadjuvado por uma força de cavallaria, que nem sempre obstam a que muitos dos romeiros regressem a suas casas com as cabeças rachadas.

A causa principal das desordens, é a grande quantidade de pipas de vinho, que na vespera e no dia da festa, se esgotam aqui. (Vide *Falpêrra* e *Monte-Maior*.)

SANTA MARTHA—Vide *Portozêllo*.

SANTA MARTHA—Vide *Martha (Santa)*.

SANTA MARTHA DA MONTANHA—Vide *Marta da Montanha (Santa)*.

SANTA MARTHA DE BOURO—Vide *Bouro (Santa Martha de)*.

SANTA MARTHA DE PENAGUIÃO—Vide *Martha de Penaguião (Santa)*.

Segundo a tradição, foram os irmãos, D. Thêdo e D. Rausendo, que expulsaram d'aqui os mouros, pelos annos de 1030. Quando os christãos se viram senhores d'estas terras, collocaram a bandeira dos Albuazares (a de D. Thêdo) no alto de um penhasco, e d'aqui procede o nome da villa = *penaguião*.—Procederá.

Em 3 de julho de 1823, D. João VI, fez 1.º visconde de Santa Martha (de Penaguião) a Manoel Gregorio de Souza Pereira de Sampaio, commendador da ordem de Christo, capitão de cavallaria, na extincta *primeira plana da corte*, deputado da companhia do Alto-Douro. Era filho natural, e foi legitimado a 17 de março de 1774. (Tinha nascido a 29 de novembro de 1766.)

Casou, a 8 de setembro de 1790, com D. Antonia Victorina Teixeira de Magalhães e Lacerda, 5.ª filha de Antonio Teixeira de Magalhães e Lacerda, senhor da casa da *Calçada*, em Villa Real (vide *Villa Real* de Trazos-Montes), e de D. Anna Thereza Pereira Pinto de Azevedo Souto-Maior.

Era filho de José de Souza Pereira Guedes Vahia de Sampaio, senhor da casa de Santa Martha de Penaguião, mestre de campo, do terço auxiliar de Chaves; casado com D. Joaquina Angelica de Menezes e Vilhena, filha de Sebastião Guedes Cardoso de Carvalho, senhor da casa de Adebarros, fidalgo da casa real, e capitão-mór de Caria, e de D. Cecilia Joaquina Guedes Viçoso Pereira Coutinho de Vilhena.

Do casamento de José de Sousa Guedes Vahia de Sampaio, só houve uma filha, chamada D. Helena Pereira Pinto Osôres.

Já disse que o 1.º visconde de Santa Martha era filho natural, legitimado. Foram seus filhos, *José* e *Antonio*.

José de Souza Pereira de Sampaio, o 1.º filho, foi 2.º visconde de Santa Martha, commendador das ordens de Christo e Torre-Espada, cavalleiro da Legião d'Honra (em França), condecorado com a medalha da campanha da guerra peninsular, pelos relevantes serviços que então prestou. Fez parte da expedição de Pernambuco (1817), como major de um dos batalhões da divisão dos *voluntarios leaes d'el-rei*; foi sub-chefe do estado-maior, do sr. infante D. Miguel (depois 1.º do nome) quando general em chefe do exercito (*generalissimo*) em 1823; governador das armas do Minho, em 1824; e tenente-general graduado, do exercito realista, feito em 26 de outubro de 1832; mas foi expulso do mesmo exercito, por se ter

apresentado aos liberaes, antes da convenção d'Evora-Monte.

Nasceu a 3 de junho de 1791.

Antonio José de Souza Pereira de Sampaio, irmão do antecedente, nasceu a 14 de agosto de 1806. Foi tenente de cavallaria n.º 8, do exercito realista, feito em 7 de fevereiro de 1834.

Tinha casado, em 4 de março de 1830, com D. Henriqueta Emilia de Souza Moraes Pizarro, 2.ª filha de Francisco Homem de Magalhães Pizarro, e de D. Antonia Adelaide de Moraes Sarmento Pereira Pinto, da casa dos viscondes de Bóbeda.

D'este casamento nasceram trez filhos — *Manoel, José* e *Joaquim*.

O titulo de visconde de Santa Martha, está actualmente extincto.

SANTA OVAIA—Vide *Ovaia* (*Santa*).

SANTA OVAIA DE BAIXO—logar, Beira-Alta, na freguezia de Canas (ou Cannas) de Sabugosa, comarca e concelho de Tondella. Vide *Canas de Sabugosa*.

N'esta freguezia ha o lugar de *Santa Ovaia de Baixo*, e ao E. d'elle, está o Sanctuario de Nossa Senhora da Expectação (ou do Ó) vulgarmente chamado *Nossa Senhora da Rua Fria*, por ter aqui havido uma antiquissima povoação denominada *Rua-Fria*, e da qual apenas restam tenues vestigios.

A construcção do templo da Senhora, revela muita antiguidade, mas ignora-se a data da sua fundação. Consta porém que é mais antigo do que a egreja matriz da freguezia.

Em 1691, fazendo-se uma escavação, fóra da porta principal do Sanctuario, se acharam, a pouca profundidade, duas sepulturas, de pedra d'Ançan, tendo uma d'ellas ainda alguns ossos humanos, de individuo de estatura agigantada. Eram compostos de duas pedras cada um—a inferior cavada ao geito do cadaver, e a superior, que era a tampa. Não tinham inscripção alguma.

Ainda ao N. do templo, da parte de fóra da capella-mór, se acharam pouco depois, e tambem enterradas, outras sepulturas semelhantes.

Pretendem alguns, que existiu n'este si-

tio um antiquissimo mosteiro de monjas benedictinas, que os mouros arrazaram no seculo IX. — Outros, porém, sustentam (com mais probabilidade) que foi de templarios, e que as sepulturas pertencem a cavalleiros d'esta ordem.

Note-se que o sitio é sobremodo *frio*, e que a distancia de uns 20 metros ao E. do templo, está uma fonte publica, de aguas crystalinas, que conservam a sua frescura, ainda na quadra da maior estiagem. É um manancial abundantissimo e perenne, do qual não só bebe o povo da freguezia, mas ainda serve para regar e fertilizar as fazendas adjacentes. Fica perto da estrada publica.

Ao N. e S. do templo, se vêem extensos arvoredos silvestres, sendo algumas das arvores de excessiva grandeza.

Ao E., ha excellentes terras cultivadas, que a sobredita fonte, e outras que vem do N., regam e tornam ferteis.

Ao O. fica a aldeia de Santa Ovaia de Bai-xo, cercada de campos, vinhas, hortas e pomares.

—

Sabemos pela historia, que, nos annos de 742 e 743, o rei D. Affonso, o Catholico,¹ acompanhado de seu irmão, D. Frucia, e com um bom exercito de christãos, entrou pelo N. da Lusitania, resgatando do poder musulmano, Braga, Chaves, Viseu, e outras muitas povoações d'entre o Douro e Mondêgo, achando-as quasi todas em ruinas, principalmente Braga e Viseu.

Pouco tempo, porém, estiveram estas terras livres dos inimigos da Cruz, porque um grande exercito de mouros, commandados por Omar, filho de Abd-el-Rahman, tornou a assolar toda a região resgatada por D. Affonso.

Passados tempos (824), sendo alcaide de Viseu, o mouro Rages, D. Ramiro I (filho de D. Bermudo I) tornou a reconquistar a maior

parte do territorio perdido; mas, achando a cidade de Viseu em misero estado, a acibou de destruir, e a abandonou.

D. Sebastião, bispo de Salamanca, repovoou a cidade, pelos annos de 840.

Subindo ao throno D. Affonso o Magno, em 862, tratou logo de reconstruir as obras de defeza, de Braga, Chaves, Viseu e outras; e, quando os christãos estavam occupados na reedificação de Viseu, invadiu a Lusitania, Abd-Alá, irmão do kalifa de Córdova, com um grande exercito, e retomou Salamanca, Viseu e outras terras, pelos annos de 875.

Os mouros, apenas estiveram senhores de Viseu 39 dias, porque D. Affonso Magno, lhe tomou a cidade de assalto, morrendo na tomada da cidade, a maior parte dos inimigos.

Na menoridade de D. Ramiro III (967) Almançor, kalifa de Córdova, tornou a invadir a Lusitania (que já, havia mais de 30 annos, se principiava a chamar *Portugal*), assolando toda a provincia da Beira, e retomou Viseu, que esteve em poder dos mouros, por espaço de 71 annos.

Emquanto os netos de Alboazar Ramires resgatavam do poder dos mouros varias terras sobre a margem esquerda do Douro, entre os rios Varôsa e Paiva, derrotando completamente os mouros em uma grande batalha, dada nas margens do Távora (1038) o rei D. Fernando Magno (que se denominou imperador) resgatou Viseu do poder dos infieis, e esta cidade ficou desde então e para sempre, livre das suas correrias.

D. Fernando Magno, tendo desavenças com seu cunhado, o rei D. Bermudo III, de Leão, morrendo este, em 1037, na batalha de Lantade; e, não tendo filhos, lhe tomou posse da corôa, D. Fernando, que ficou sendo rei de Castella e Leão, tomando o titulo de imperador.

—

Com estas repetidas invações dos serracenos, se destruíram e arrazaram muitas povoações da Beira-Alta, de tal maneira, que hoje, nem d'ellas ha vestigios.

¹ D. Affonso, era filho de D. Pedro, duque de Byscaia e Navarra, descendente do santo rei, Ricaredo, e cunhado (D. Affonso) do rei D. Favila, que tinha morrido em 739, despedaçado pelas garras de um urso, quando andava á caça.

É pois muito provavel, que uma das povoações destruidas, fosse no sitio do templo da Senhora da Expectação, e tivesse o nome de *Rua-Fria*.

O nome de *Santa Ovaia de Baixo*, que se dá á povoação proxima, faz-nos suppôr que ao que se chamou depois *Rua-Fria*, se des-se antigamente o nome de *Santa Ovaia de Cima*.

A imagem da padroeira do templo, é de pedra d'Ançan, e denota muita antiguidade. Tem 0^m,66 d'alto.

Tem romaria no seu dia proprio, que é a 18 de dezembro.

Tem uma antiga irmandade, instituida com 74 irmãos. Segundo os seus estatutos, cada irmão, padre ou solteiro, que fallece, tem 34 missas. Se é casado, tem 17, e a mulher outras 17.

Tinha tambem 30 irmans (solteiras ou viúvas) que, por seu fallecimento, tinha cada uma 30 missas.

Além d'isto, no 1.º sabbado da quaresma, havia um anniversario, pelas almas de todos os irmãos fallecidos, e cada irmão era obrigado a rezar um rosario quando morria algum confrade, e outro no dia do anniversario.

Tinha a irmandade um capellão, que era obrigado a dizer 20 missas, pelas almas dos irmãos vivos, e pelos bemfeitores da irmandade, em differentes dias do anno.

Ainda no principio d'este seculo se faziam á Senhora, trez procissões em cada anno — a 1.ª, na quarta feira das *rogações* — a 2.ª, dia de Santa Maria Magdalena (22 de julho) e a 3.ª, a 18 de dezembro.

Antigamente, concorriam aqui muitas romarias, pelo decurso do anno; mas as principaes, e mais concorridas, eram—desde 17 até 25 de dezembro—e, de 20 a 25 de março. Esta era a maior.

Pelo meiado do seculo XVII, foi reedificado e alargado o templo, que ficou com o corpo da igreja de 11 metros de comprido e 4^m,40 de largo; e a capella-mór, 4 metros de comprido, por os mesmos de largo. O fóro, tanto da capella-mór, como do corpo da

egreja, foi feito á custa de um devoto, do logar de Santa Ovaia.

SANTA QUITERIA DE MÉCA — Já tratei d'esta freguezia, nas palavras — *Espiçandeira* e *Méca*. Na palavra *Remedios* (a 8.ª d'este nome), 8.º vol., pag. 125, col. 2.ª, tratei do Sanctuario da Senhora d'esta invocação, na mesma freguezia.

Depois, deu-se outro facto, de cuja noticia não devo privar os meus leitores, e é o seguinte:

José Antonio Soares Leal (irmão de Augusto Soares Leal, empregado no escriptorio da *companhia do Grão-Pará*, e dono da quinta do *Carvalhal*, na freguezia da *Espiçandeira*, annexa á de Santa Quiteria de Méca—3.º vol., pag. 62, col. 1.ª) queria ser barão; mas, provavelmente, com aspirações a titulo mais elevado. Não quiz ser *barão do Carvalhal*, porque já havia um conde d'este titulo.¹ Tambem não quiz ser *barão da Espiçandeira*, que era um titulo bastante. . . . *esquizito*.² Foi pois, em 8 de agosto de 1855, feito *barão de Santa Quiteria* (de Méca)—e, em 6 d'agosto de 1859, foi feito visconde do mesmo titulo.

Em 14 de junho de 1878, foi agraciada com o titulo de viscondessa de Santa Quiteria, a sr.ª D. Maria Soares Leal (filha do 1.º visconde d'este titulo), permittindo-se que seu mari-

¹ Hoje já ha 2.º — Em 8 de setembro de 1835, foi feito conde do Carvalhal, João do Carvalhal, da ilha da Madeira. Em 3 d'agosto de 1852, obteve o mesmo titulo, o sr. D. Antonio da Camara do Carvalhal Esmeraldo Athougua Sá Machado, tambem da ilha da Madeira, filho do 1.º conde, e sogro do actual conde de Rézende, o sr. D. Manoel Benedicto de Castro Pamplona de Souza Holstein, que obteve o titulo em abril de 1876, por morte de seu irmão primogenito. (Vide *Rézende*.)

² Com o sr. José Cordeiro Feio, aconteceu um caso semelhante. Elle queria ser visconde. Tem uma propriedade nos arrabaldes de Setubal (ao E. e sobre a margem direita do Sado) chamada *Quinta da Parvoice*. Ser *visconde da Parvoice*, era um titulo. . . . triste: preferiu ser *visconde das Fontainhas*, que é outro sitio de Setubal, onde elle não tem nada.

do, o sr. Carlos Wachs, capitão chefe de esquadrão, do 2.º regimento de dragões, de Bاده, use do mesmo titulo, em sua vida.

Tornemos a José Antonio Soares Leal, 1.º barão e 1.º visconde de Santa Quiteria:

A *formosa Lusitania*, livro escripto em inglez por Catharina Carlota, Lady Jackson (e traduzido, prefaciado e anotado pelo nosso esclarecido escriptor publico, o sr. Camillo Castello-Branco, o mais fecundo e o primeiro dos romancistas portuguezes) se tem muitas cousas *bonitas*, e merecidos elogios a Portugal e aos seus filhos, é inegavel que traz tambem graves inexactidões, muitas apreciações erroneas e apaixonadas, e bastantes disparates, que o illustre traductor corrige, em notas tão sensatas como espirituosas.

Em muitas partes do famoso livro, patenteia a auctora, um odio implacavel ao sr. D. Miguel I; já pelas calumnias que os emigrados propalaram pela França, Inglaterra e outros paizes, desde 1828 até 1834, e ainda depois, por muitas vezes; já pelos cicerones de que se serviu em Portugal, que lhe *embutiram* toda a casta de patranhas, que ella *enguliu* com a maior facilidade, e escreveu e publicou, com a mais britannica semcerezomonia.

Uma d'estas patranhas allude ao 1.º visconde de Santa Quiteria, e lê se a pag. 173 e seguintes da *Formosa Lusitania*.

Para conhecermos quantos despropósitos impingiu aos seus leitores a crédula Lady, dou primeiro, em rapidos traços, a biographia do heroe d'aquelle *conto da carochinha*.

José Antonio Soares Leal, nasceu na quinta do Carvalhal, freguezia da Espiçandeira, concelho de Alemquer, pelos annos de 1804. Sentou praça de cadete, no regimento de infantaria n.º 4 (supponho que em 1824) e tomou parte na revolta d'este corpo, a 21 de agosto de 1834, que foi dominada no curto espaço de tres horas. ¹

¹ Os liberaes que estavam em Lisboa—fiados na protecção da esquadra franceza, do almirante Russin (composta de 6 naus, 3

José Augusto Soares Leal, poudesconder-se e fugir (diz-se que vestido de mulher) para bordo de um navio inglez, no qual foi para Londres, e d'alli para a Terceira, d'on-

fragatas e 3 corvetas) que tinha entrado no Tejo a 11 de julho do mesmo anno de 1834, e que nos roubou a nossa esquadra—conseguiram revoltar contra o governo do sr. D. Miguel, a maior parte do referido regimento, que principiou o grito de alarme, pelas 10 horas da noite, no quartel, assassinando alli mesmo, o capitão Victoria, e ferindo outros officiaes, sargentos e soldados, que não quizeram annuir á revolta.

Um official do regimento, correu a Valle de Pereiro, dar parte do occorrido, ao commandante de infantaria n.º 16, e, depois, a outros corpos da guarnição da capital.

Pelas 10 horas e meia, o regimento n.º 4, commandado por um official *desligado*, que nem pertencia a este corpo, sahiu do quartel, levando, á força, alguns dos seus officiaes.

Dirigiram-se a Valle de Pereiro, na intenção de attrahir ao seu partido o 16; mas, como este se poz em defeza, fechando as portas, e decidido a fazer fogo, os revoltosos tomaram a direcção da rua de S. Bento. Chegando ao arco, em frente do mosteiro (*hoje palacio das cortes*) já ahi acharam a 10.ª companhia da *guarda real da policia*, e o regimento de milicias de Lisboa Occidental, que os não deixaram avançar. Retiraram então na direcção da praça do Rocio, onde chegaram pela meia noite, assassinando pelas ruas do transito, o conde de S. Martinho (major da guarda real da policia) e outros individuos.

Do lado O. do Rocio, estava já postada a maior parte da policia, que deu uma descarga, á *queima roupa*, no regimento 4, o qual, perdendo a coragem, se poz em fuga, e perseguidos os revoltosos, pela policia e pelo regimento 16.º que accudiu ao sitio, foram sendo agarrados pelas ruas por onde fugiram, e outros se foram apresentar a diferentes quartéis militares.

Nuno Augusto de Brito Taborda, (que em 1833 se entregou aos liberaes) commandante do regimento revoltado, estava no largo da Boa-Morte, com as praças que não tinham annuido á revolta, e alli recebeu os officiaes e soldados que tinham sido levados á força pelos seus camaradas. Finalmente pelas duas horas da manha, toda a capital estava em paz.

Devemos confessar que esta revolta foi uma verdadeira traição á patria. O insulto e roubo escandaloso que então soffreu Portugal, não foi só um attentado contra o go-

de regressou para o reino, em julho de 1832. Fez a campanha até 1834, entrando depois na vida diplomatica.

Sendo nosso embaixador na Austria ¹ e voltando de um baile, em Baden-Baden, se lhe virou o trem, quebrando o visconde uma perna, por mais de uma parte. Não querendo que lh'a amputassem, lhe sobreveiu um tétano, de que falleceu.

Era bastante rico, e de varia instrucção; mas soffrivelmente tagarella, e gostava de pregar a sua péta.

Seria elle que contou á Lady, a historia que ella nos impingiu?—Eil-a—segundo a traducção do sr. Camillo Castello Branco; mas os sublinhados são meus.

«O caes de Sodré—palco do ultimo acto da *tyrania e crueldade miguelista*.

Foi a execução de oito ou nove mancebos estudantes de Coimbra, e officiaes que alli estavam aquartellados. (III) Accusados como suspeitos (este sublinhado é do sr. Camillo Castello Branco) de conspirarem para a que-

verno realista, foi-o contra todos os portuguezes. Muitos liberaes verdadeiros (entre elles, o coronel D. José Miguel de Noronha, que, de mais a mais, estava preso por liberal, na Torre de S. Julião da Barra) se offereceram para servir no exercito real, contra os inimigos da patria. O sr. D. Miguel, appreciou devidamente este acto de patriotismo, mandando immediatamente pôr em liberdade o coronel Noronha, mais nobre por esta acção de um verdadeiro fidalgo portuguez, do que pelos seus illustres e antigos pergaminhos.

Tristissimos foram os resultados d'esta revolta infeliz. No dia 10, de setembro, foram fuzilados 18 revoltosos, junto ao quartel de Campo d'Ourique (Li-boa). No dia 21, e no mesmo lugar, foram fuzilados mais 24. O conselho de guerra condemnou a serem fuzilados mais 30; mas, como no dia 26 de outubro fazia 29 annos o sr. D. Miguel, lhes perdoou, por decreto d'este dia, e a pena foi commutada na immediata.

Não se derramou mais sangue, por causa d'esta revolta.

¹ Isto segundo diz o sr. Camillo Castello Branco. O meu fallecido amigo e bem conhecido academico, Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, disse-me que quando morreu (1875 ou 1876) o visconde, estava addido á embaixada da Belgica.

da do *execrando D. Miguel* (III) Foram agarrados e presos, e como *traidores*, sentenciados á morte, e suas cabeças expostas em *espeques*, no caes do Sodré.» (I)

«D. Miguel (o Senhor) affizera a plebe de Lisboa á tão horrorosa scena; ainda assim, a *desventura d'aquelles mancebos excitou muita compaixão*.» (III)

«Os amigos de um d'elles, Dom (?) José Augusto Leal, *conde de Santa Quiteria, par do reino (?) sobornaram parte das guardas e quadrilheiros que escoltavam os presos, para o deixarem escapulir-se, ao que estes prometteram acceder, se possivel fosse, na occasião em que a chegada dos reus promovesse confuso tumulto*. Devia fazer-se a execução ao pôr do sol; (I) porem, quando os padecentes eram levados, um d'elles *desapareceu*. (I) Favorecidos pelo *lusco-fusco do rapido crepusculo d'aquella latitude*, (I) os amigos do conde, contavam facilitar-lhe *ensejo de fugir despercebido*. Tinham-lhe na passagem, um cavallo prestes; mas, apenas elle metteu pé no estribo, avisaram-o logo as vigias, que uma patrulha de cavallaria lhe hia na pista. Elle cravou esporas no cavallo; e, como quem foge á morte, despediu a galope, *pela rua do Ouro*, conseguia distanciar-se logo dos perseguidores; *entrou no Rocio* ¹—*n'aquelle tempo, escuro e solitario* como as ruas circumvisinhas, *temivel depois que anoitecia, e mui diversa praça do que é hoje* (?) ²—e, em vez de proseguir para diante, desandou por uma das ruas lateraes, e entrando na dos Fanqueiros, *foi dar á praça do Commercio*. ³ O conde, vendo que, ao

¹ Mesmo assim era esperto! Fugia para *aquelle deserto*, que foi e ha de ser sempre, o *coração da cidade*.

² A praça do Rocio, em 1831, era a *mesmissima cou-a* que é hoje, com a differença apenas, do *palacio dos Estaus* estar agora substituido pelo *theatro Agrião*.

³ O que aqui vão de desconchavos! — O conde (feito p-la auctora) fugiu do caes do Sodré (de certo pela rua do Arsenal—nem tinha outra) e viu ter ao *Terreiro do Paço*; correu pela rua do Ouro, *desandou por uma das ruas lateraes* (a travessa de S. Domingos, ou a rua da Bitesga? —(não ha outras para *aquelle lado*) e *entrando na dos Fanqueiros, foi dar á Praça do commercio* (Ter-

menos por instantes, desorientára (a lady é que estava *desorientada* quando escreveu isto) os perseguidores, desmontou de um salto, *prende*u o cavallo ás grades da estatua de D. José (havia de ser a sentinella do monumento que o ajudou a prender alli o cavallo) *desembarçou-se* do boldrié e da espada que levava consigo (então elle vinha a fugir da forcea, ou de alguma parada?) trocou a jaqueta por um capote e um lenço de cabeça que um amigo lhe havia mettido debaixo do braço (esqueceu-lhe a saia) desatou a fugir, a pé, e vingou metter-se em refugio seguro.»

«N'este comenos, um mancebo francez, *segundo dizem*, atravessando a Praça, deu tento do cavallo que saltava e escouceava para se desprender (eu já nem sublinho) e dirigindo-se para elle, reparou no cinturão e na roupa que o outro deixára. (Não me diga a sr.^a Jackson que o conde e par do reino—feito por ella—levava muita pressa, e corria *como quem foge á morte*, visto que teve tempo de largar as armas, despir-se e vestir-se, n'aquelle êrmo do Terreiro do Paço, e áquellas horas.) Apanhou o boldrié; e, quando o joven francez estava a examinal o á frouxa luz do lampeão (o diabo do homem até era capaz de *ver estrelas ao meio dia!*) eis que chegam os soldados que perseguiam o fugitivo (não haviam de vir muito suados) e o filam. Debalde protestava elle que não era a pessoa que buscavam, que não era portuguez, e que não estava desfardado, como elles affirmavam. *Cingiram-n'o com o boldrié que elle tinha nas mãos*; (nem elle podia ser enforcado sem hir bem armado) e, como acontecesse *estar-lhe á medida da cin-*

reiro do Paço)—isto é—fez uma *rodiosca* e foi ter ao mesmo sitio da partidál.—A mulher está muito atrazada na typographia de Lisboa!—Alem de todas estas patranhas, notemos tambem que os taes estudantes não foram enforcados no caes de Codré, mas no *caes do Tojo*, (o oriental) e então ainda a rodiosca do conde vinha a ser maior e mais desparatada!

O *lusco-fusco* da lady eram (como diz, e diz bem, o esclarecido traductor, *entre as tres e quatro horas de um clarissimo dia de junho*.

tura (então era boldrié, talim, ou cinturão?) concluíram *evidentemente* que era elle. ¹ Levaram-o ao local do patibulo. Ahi, rogos e supplicas, valeram-lhe tanto como os homens da justiça, *cujo cargo era completar o numero dos sentenciados* (isto era o cúmulo do disparate, se não fosse o supra summum do ridiculo!) como tinham valido com os soldados que o prenderam. *Elles eram responsaveis por um certo numero de padecentes; se um dos reus se tinha safado estava alli outro que o substituisse, e em circumstancias que o condemnavam*. (Oh, meu Deus! Que ficarão dizendo dos portuguezes, os que lá por fóra lerem semelhante. . . monstruosidade?!) *Foi portanto degolado* (está feito, ao menos não o enforcaram) ² protestando até morrer, a sua innocencia, e que não tivera parte no crime que lhe imputavam e do qual não tinha noticia.»

«.....»

«Elle (o conde e par) falleceu ha um ou dois annos sómente. O amigo que me referiu esta historia da fuga, *ouviu-a da propria boca do fugitivo.*»

É certo que o visconde de Santa Quitéria gostava de contar patranhas; mas não acredito que elle se atrevesse a forjar uma tão monstruosa.

«O sr. Camillo Castello Branco, em uma nota (pag. 175) diz:

«Quem seria o amigo que abusou da cre-

¹ Como em nossos dias muita cousa tem mudado de nome, não sei qual dão agora aos diversos utencillos militares.

No tempo em que eu servi (e portanto em 1831, época da tal historieta) a peça de que estava suspensa a bayoneta dos caçadores, se chamava *cinturão*—á que prendia a bayoneta das praças de pret, de infantaria, se dava o nome de *boldrié*—á dos porta-bandeiras, se chamava *talabarte*—e á que prendia as espadas dos officiaes, *talim*.

O *talabarte* e o *boldrié*, como se punha em diagonal (ao *tira-collo*) servia a toda a gente, não assim o *talim* e o *cinturão*, que era preciso acertar pela grossura da cinta do individuo.

² O que ella nos não diz, é onde o carasco foi desencantar o cutello para o *dego-lamento*. Seria com a espada com que os soldados o armaram no Terreiro do Paço, ou construíram alli, á pressa uma guilhotina?

dulidade infantil d'esta historiadora? Ou quem seria aquelle *conde de Santa Quiteria*, par do reino, que contou ao amigo de lady Jackson, uma historia tão verdadeira como o seu condado? Convem saber que o conde fugitivo, primeiramente, no livro d'esta dama, chamava-se *conde de Avila de T., par do reino*, e assim figura no texto; mas a auctora, *melhor informada*, escreveu uma errata que diz:

«*Conde d'Avila T., leia, D. José Augusto Leal, conde de Santa Quiteria.*»

«Isto peorou a verosimilhança do conto; mas salvou o sr. conde de Avila, hoje marquez ¹ e presidente de ministros, de figurar tão deploravelmente no cannibalismo dos estudantes, que por justas causas foram enforcados, no caes do Tojo, e não do Sodré, como diz a auctora, em 20 de junho de 1828.»

«.....»

«Como este academico, *conde e par do reino*, mal poderia pertencer a uma conjuração de homicidas, com seu tanto de salteadores de bahús, a ingleza conta-nos que os estudantes foram condemnados méramente como *suspeitos* de attentarem contra o *usurpador* (este sublinhado é meu) e *arranja o fusco e rapido crepusculo da nossa latitude*, para desculpar a cegueira da escolta, tendo sido aliás os reus justicados entre as 3 e 4 horas de um clarissimo dia de junho.»

«E o francez que foi enforcado em logar do estudante (*degolado*, diz o texto: *beheaded*) simplesmente porque o boldrié lhe servia, e porque era preciso enforcar um determinado numero de sujeitos?»

«Contam-se lá fóra coisas de Portugal, que elevam a um gráu chrystalino de tolice, as pessoas que as escrevem.»

Vide vol. 2.º, pag. 371, col. 2.ª, e 7.º, pag. 305, col. 2.ª, e 539, col. 2.ª

¹ Agora duque. Mesmo quando a auctora escreveu o livro, já era marquez. Foi feito conde, em 13 de fevereiro de 1864, e marquez, em 24 de maio de 1870, sendo dictador o marechal de Saldanha.

Peço perdão aos meus leitores por ser tão difuzo com respeito ao visconde de Santa Quiteria; mas, nem todos possuem a *Formosa Lusitania*, e eu desejo dar as informações mais verdadeiras, com respeito aos factos da nossa historia (principalmente da contemporanea) e mostrar como os estrangeiros os descrevem, adulterando-os, já por má vontade que nos teem, já pelos informadores, muitos dos quaes os iliudem de proposito, para depois os escarnecerem.

SANTA SENHORINHA DE BASTO—Esta freguezia já está em *Basto* (*Santa Senhorinha*) aqui accrescento mais:

Na egreja matriz está a seguinte inscrição.

.....MP. CAES
.....HADR-
.....ANTONINO
AVG. PIO
.....FVRNIVM
.....PROCVL
...T. A. VEGETI
.....
.....

Hubner (*Noticias archeologicas de Portugal*, pag. 80) completa-a assim:

IMP. CAES.
T. AELIOHADR-
IANO ANTONINO
AVG PIO
PER T. FVRNIVM
M. F. GAL. PROCVL.
VM ET A. VEGETI
UM... F. GAL....
.....

SANTA SOPHIA—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Monte-Mór-Novo (foi do mesmo concelho, mas da comarca d'Arraiolos) 18 kilometros d'Evora, 100 ao S.E. de Lisboa.

Tem 120 fogos.

Em 1757, tinha 79 fogos.

Orago, Santa Sophia.

Arcebisado e districto administrativo de Évora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 360 alqueires de trigo, e 121 de cevada.

É terra fertilissima em cereaes; cria mui-

to gado, produz bastante azeite, e nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda.

SANTA SUZANA—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho do Redondo (foi do mesmo concelho, mas da extincta comarca de Monçaraz) 18 kilometros d'Evora, 75 ao S.E. de Lisboa.

Tem 120 fogos.

Em 1757, tinha 110 fogos.

Orago, Santa Suzana.

Arcebisado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 210 alqueires de trigo, e 60 de cevada.

Fertil em cereaes, gado e caça.

SANTA SUZANA—freguezia, Extremadura (mas ao S. do Tejo) comarca e concelho d'Alcacer do Sal, 40 kilometros ao O. d'Evora, 65 ao S.E. de Lisboa.

Tem 110 fogos.

Em 1757, tinha 101 fogos.

Orago, Santa Suzana.

Arcebisado d'Evora, districto administrativo de Lisboa.

O rei, pelo tribunal da meza da consciencia e ordens, apresentava o capellão, curado, que tinha 180 alqueires de trigo, 90 de cevada, e 10\$000 réis em dinheiro.

Fertil em cereaes, azeite, vinho, gado e caça.

No logar da *Côrte do Pereira*, d'esta freguezia, ha uma mina de zinco argenteiro, da qual foi reconhecido proprietario legal, em 10 de janeiro de 1877, Mr. Charles Hyne.

SANTA TECLA—freguezia, Minho—Vide *Basto* (*Santa Tecla*.)

SANTA TECLA DO GERAZ—freguezia antiquissima, ha muitos annos unida á de Santo Estevam do Geraç.—Vide *Geraç* (*Santo Estevão*) e *Geraç* (*Santa Tecla*.)

SANTA VALHA ou **SANTA EULALIA**—antiquissimo castello, Douro, que deixou de existir ha muitos annos.

Foi n'este castello que o fallecido Luiz Augusto Rebello da Silva, fez representar as scenas mais interessantes do seu bello romance—*Odio velho não cança*—(Vide *Monte-Mór-Velho*, 5.º vol, pag 513, col. 1.º)

SANTA VALHA—freguezia, Traz-os-Mon-

tes, comarca e concelho de Valle Paços, 90 kilometros ao N. de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757, tinha 115 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

O padroado real, apresentava o abbade, que tinha um conto de reis de rendimento annual.

(Santa Valha, e depois Santa Olaia, é portuguez antigo; hoje dizemos Santa Eulalia.)

Ainda que de clima excessivo, é terra fertil e saudavel, e abundante de aguas.

Cria muito gado de toda a qualidade, e ha por aqui muita caça grossa e miuda.

Fica proximo da raia hespanhola.

SANTA VICTORIA—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Beja, 65 kilometros ao O. d'Evora, 125 ao S. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757, tinha 101 fogos.

Orago, Santa Victoria.

Bispado e districto administrativo de Béja.

A mitra apresentava o cura, que tinha 210 alqueires de trigo e 60 de cevada.

Terra muito fertil em cereaes e azeite.

Muito gado e caça.

SANTA VICTORIA—Vide o 3.º *Ameixal* ou *Ameixial*, vol. 1.º, pag. 194, col. 2.ª, no fim.

SANTAGÕES—freguezia, Douro, comarca e concelho de Villa do Conde (foi da mesma comarca, mas do concelho da Povoia de Varzim) 35 kilometros ao O. de Braga, 30 ao N. do Porto, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 25 fogos.

Em 1757, tinha 15 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebisado de Braga, districto administrativo do Porto.

As religiosas benedictinas, do mosteiro de Vairão, apresentavam o vigario, que tinha 40\$000 réis e o pé d'altar

É terra fertil, e fica perto do rio Ave.

Foi do condado de D. Payo de Bagunte, um dos sete condes enganados por D. Mem Soares de Novellas, sendo todos sete assas-

sinados, e foram sepultados em S. Pedro de Atei.

O antigo nome d'esta pequena freguezia era *Santiagões*, e assim está escripto no *Portugal Sacro e Profano*.

Segundo a tradição, viveram aqui dois irmãos, de appellido *São-Thiago*, tão ricos como turbulentos, despotas e amigos do alheio; por isso conhecidos pela alcunha de *Santiagões*, e foi d'elles que a freguezia tomou o nome que tem.

Diz-se que antes d'isso se chamava *Cividade*.

Parece que o antigo povo d'esta freguezia formava a companhia, ou quadrilha dos taes dois irmãos.

O que é certo é ainda hoje por estes sitios haver um anexam que diz—*Santagões, 15 freguezes e 16 ladrões*.

(Visto isso, também o vigario entrava na conta.)

Hoje é a freguezia composta de lavradores pacíficos e de bons costumes.

O monte da Cividade, foi uma grande povoação em tempos remotissimos.

É muito alto, e d'elle se descobre um vasto panorama, e grande extensão do mar.

Esta freguezia foi supprimida, por pequena, e annexa á de Bagunte.

Vide esta palavra.

SANTALHA—villa, Traz os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 80 kilometros de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa. Tem 160 fogos.

Em 1757, tinha 60 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 80\$000 réis e o pé de altar.

O nome d'esta villa é também corrupção de *Santa Eulalia*.

Foi capital do antigo concelho da Lomba, ao qual o rei D. Diniz deu foral, em Lisboa, no 1.º de fevereiro de 1311.

(*Gaveta 15, maço 3, n.º 10*—e *Livro 4.º de Doações do rei D. Diniz*, fl. 57 v., col. 2.º)

O mesmo D. Diniz lhe deu outro foral confirmando e ampliando o 1.º, em Lisboa, a 22 de agosto de 1324.

(*Livro 4 de Doações do rei D. Diniz*, fl. 101 v., col. 1.ª, in fine.)

O rei D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 4 de maio de 1512.

(*Livro de foraes novos de Traz os Montes*, fl. 9 v., col. 1.ª)

A esta freguezia estão annexas ha muitos annos as de *Contins*, *Penso* e *Seixas*.

SANTÃO—freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Lousada) 35 kilometros ao N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 120 fogos.

Em 1757, tinha 100 fogos.

Orago, Santo Adrião.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Era commenda da ordem de Malta, e o commendador apresentava o vigario, que tinha 50\$000 réis e o pé de altar.

É terra fértil, e cria muito gado.

É n'esta freguezia a nobre e antiga *casa de Santão*, da qual é hoje representante, o sr. Gaspar Lobo de Souza Machado e Couros.

Foram senhores d'esta casa Simão Lobo de Souza Machado Pereira, cavalleiro da ordem de Christo, familiar do santo officio; e seu neto, Simão Lobo de Souza Machado e Couros, tenente-coronel de milicias, fidalgo da casa real, e casado com D. Rita Bernardina de Moraes e Castro, acafata honoraria, filha de Bernardo de Moraes Madureira, fidalgo de antigo Solar, e de sua mulher, D. Maria José Correia de Moraes e Castro, dona da camara de D. Carlota Joaquina (mulher de D. João VI) quando ainda era princeza do Brasil.

SANTAR—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 30 kilometros ao O. de Braga, 385 ao N. de Lisboa.

Tem 60 fogos.

Em 1757, tinha 55 fogos.

Orago, Nossa Senhora das Candeias (Purificação.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era commenda da ordem de Malta, e o commendador de Távora, apresentava o vigário, collado, que tinha 115\$000 réis e o pé de altar. É terra muito fértil, bonita e saudável, próximo do rio Vez.

Metade dos dizimos d'esta freguezia eram da igreja de Paçô, no mesmo concelho, cujo vigário era obrigado a administrar os sacramentos aos povos de Santar.

Segundo a tradição, a infanta D. Urraca, filha de D. Ordonho II, de Leão, quiz (pelos annos de 915) fundar um mosteiro de monjas beneditinas, na freguezia de Outeiro Maior (hoje concelho de Villa do Conde) mas como o não podesse fazer, pela razão que fica dito em *Ermêllo* (vol. 3.º, pag. 46, col. 1.ª, no fim) chegando a este sitio com as suas companheiras, que, com ella, queriam ser religiosas; e vindo muito cansadas, lhes disse—*sentar*—e d'esta palavra se deriva o nome d'esta freguezia. Derivará.

A igreja matriz primitiva, era sagrada e antiquissima, mas foi demolida no seculo xvii, e sendo reedificada, perdeu o privilegio da sagração.

SANTAR—freguezia, Beira Alta, no concelho de Nellas, comarca de Mangualde (foi da mesma comarca, mas do extinto concelho de Senhorim) 12 kilometros de Viseu, e 240 ao N. de Lisboa.

Orago, São Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o abbafe, que tinha 380\$000 réis de rendimento.

N'esta freguezia nasceu, em 1808, Francisco Coeijo do Amaral, pertencente a uma das mais illustres familias da Beira-Alta.

Ainda muito joven, e quando cursava as aulas da universidade de Coimbra, sentou praça em artilheria.

Tomando parte na revolta de 16 de maio de 1828, ficou prisioneiro das tropas realistas, e esteve até 1834 nas cadeias de Estremoz e Abrantes.

Regressando a Santar, no fim da guerra civil, organisou e commandou uma companhia a que deu o titulo de *guarda nacional*.

No concelho de Nellas, foi juiz ordinario, presidente da camara e administrador do concelho, exercendo todos estes cargos com honra e desinteresse.

Foi tambem constantemente provedor da misericordia de Santar.

No tempo dos Cabraes, tomou o partido do povo, e parte activa na revolta de 1846; sendo pelo ministro da fazenda, da junta do Porto, feito thesoureiro pagador do districto administrativo de Viseu.

Formando-se por este tempo dois batalhões populares, em Viseu, foi um denominado *batalhão movel de Viseu*, do qual foi commandante o intrepido Jayme Garcia Mascarenhas—e outro denominado *batalhão provisório*, e cujo commando foi dado a Francisco Coelho do Amaral.

Na batalha de Torres-Vedras (22 de dezembro de 1846) ficou prisioneiro a maior parte do *batalhão movel de Viseu*, e o seu destemido commandante, depois de ter obra-do prodigios de valor.

Os que escaparam d'este batalhão, se uniram ao *provisório*.

Coelho do Amaral, com o seu batalhão, fez a campanha da serra da Estrella, sob as ordens do general realista, Póvoas, e pela sua bravura, foi feito, pela Junta, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição.

O seu batalhão, que era um dos melho-res da Junta, pelo aceio, valor e disciplina, marchou para Traz-os-Montes, com o 5.º *da Legião*, um meio esquadrão (de cavallaria) n.º 1, e outros corpos, em perseguição do general Simão da Costa Pessoa, já feito visconde de Vinhaes¹ e assistiu aos ataques e tomada de Mirandella (abril de 1847) sob as ordens do general realista, Bernardino Coelho Soares de Moura, que chegára a Mirandella com o regimento de infantaria n.º 9 (que tinha sido do Macdonell) e meio esquadrão de cavallaria; o que deu em resultado, a fugida de Vinhaes e dos seus pa-

¹ Tinha sido feito barão de Vinhaes, em 17 de junho de 1840.

Visconde do mesmo titulo, a 2 de janeiro de 1847—e foi feito conde, a 17 de junho de 1862.

ra a Galliza, sendo perseguidos até á raia, pelas tropas da Junta. ¹

A Junta, condecorou Coelho do Amaral, com o grau de official da ordem da Torre Espada, pela distincção com que se houve n'esta campanha.

Foi eleito deputado em diferentes legislaturas, e vice-presidente da camara dos deputados.

Foi convidado pelo sr. bispo actual de Viseu, para aceitar uma pasta no seu ministerio, o que recusou, bem como recusou o pariato, que pelo mesmo prelado lhe foi offerecido, declarando que — *não trocava a procuração do povo, pela farda do ministro nem pelos arminhos do par.*

Terminou seus dias, na idade de 68 annos, em casa de seu genro, o sr. doutor José Caetano Henrique dos Reis, na villa de Cannas de Senhorim, em 7 de outubro de 1876.

Mórgado dos Lemos, em Santar

Foi instituido por D. Joanna de Sampaio do Amaral, viuva de João d'Almeida Castello-Branco, capitão-mór do concelho de Senhorim, e filha de Domingos Sampaio do Amaral, capitão-mór do mesmo concelho, e de sua mulher, D. Maria Coelho de Sá. (Seu marido era filho de Manuel Fernandes de Figueiredo, e de sua mulher, D. Antonia de Almeida Castello-Branco.)

À instituidora succedeu seu filho, Manuel de Almeida Castello-Branco, e a este, sua irman, D. Maria Josefa Luiza d'Almeida Castello-Branco, mulher de Diogo Lopes de Souza d'Alvim, 18.º senhor da casa e terras de Bordonhos, e seus padroados.

(Vide *Bordonhos, Torre d'Alvim e Trófa*, do Douro.)

É hoje dono d'esta casa e representante d'esta nobilissima familia, o sr. Ruy Lopes de Sousa d'Alvim e Lemos de Carvalho e Vasconcellos, residente n'esta casa de San-

tar, e um dos mais respeitaveis fidalgos da provincia.

O sr. Ruy Lopes, é neto materno de José de Souza de Menezes Almeida e Vasconcellos, casado com D. Maria Rita de Mello Vilhena e Castro.

Esta Senhora, era irman de D. Maria Isabel de Mello Vilhena e Castro (ambas da nobilissima casa de Figueiredo das Donas) e mulher de seu primo, Gaspar Maria de Castro e Lemos Magalhães e Menezes, capitão do segundo regimento de infantaria do Porto (18.)

Este Gaspar Maria, era o 6.º de 22 irmãos (!) pela ordem das edades, porém, fallecendo sem filhos, seus irmãos, Duarte, Antonio, e Ignacio, e sendo os dois immediatos cavalleiros professos da ordem de Malta, que não podiam succeder em vinculos, veio o 6.º filho a herdar toda a grande casa de seus paes.

Teve Gaspar Maria só dois filhos; o sr. Antonio Carlos de Castro e Lemos Magalhães e Menezes, que foi capitão do batalhão de caçadores n.º 7 (feito em 24 de janeiro de 1834) convencionado em Evora-Monte, e que ainda vive, solteiro, na sua casa do *Cóvo* (junto a Oliveira de Azemeis) e Sebastião de Castro e Lemos Magalhães e Menezes, que, sentando praça, de cadete, em cavallaria, passou depois a coronel de milicias, do exercito realista; e já é fallecido.

Casou com D. Emilia Maria Antonia Pamplona de Souza Holstein, filha do fallecido tenente general Pamplona (visconde de Beire) e de sua mulher — tambem já fallecida — D. Maria Helena de Souza Holstein, irman do 1.º duque de Palmella.

Sebastião de Castro e sua mulher, tiveram 8 filhos:

Gaspar Maria, hoje casado e com filhos.

Manoel Maria, Antonio Maria, e José Maria, solteiros.

D. Maria Isabel, casada com D. Manoel de Niza.

D. Maria Helena, hoje condessa da Ribeira.

D. Anna Maria, e D. Maria da Conceição, ainda solteiras.

¹ N'esta campanha, fomos companheiros d'armas, pois que o batalhão de Viseu fez brigada com o meu regimento (o de infantaria n.º 9).

Vê-se pois que o sr. Ruy Lopes, é segundo o primo d'estes oito irmãos.

Além d'este proximo parentesco, ainda o sr. Ruy Lopes é parente dos referidos oito irmãos, pelo lado paterno, em razão do casamento de duas senhoras, filhas de seu 4.º avô, Bernardo de Carvalho Lemos, 8.º senhor de Trófa (a do concelho d'Agueda) e irmãos de seu 3.º avô, Luiz Thomaz de Carvalho Lemos, 9.º senhor de Trófa.

Uma d'estas duas senhoras, casou na casa dos Castros, de Villa Nova de Cerveira, e outra, na dos Magalhães, do Covo; casas que depois, por casamentos, se fundiram em uma só, que é a actual do Covo.

Além do senhorio da Trófa, possuíam os antepassados do sr. Ruy Lopes, na mesma freguezia, varios bens alodiaes, que foram repartidos por seus descendentes, pelo que, a casa do Covo, ainda alli tem bastantes rendas; assim como o sr. Ruy Lopes, que tambem ainda alli possui as ruínas do antigo palacio, solar dos Lemos, cujo herdeiro, em linha recta masculina, é este cavalheiro, sobrinho da actual senhora marquiza da Bemposta—Sub Serra,

(Vide *Alhandra, Roque-Annes, Torre de Alvim, Várzea, e Villarêlho.*)

Dos ditos, Manoel Fernandes de Figueiredo, e mulher, D. Antonia de Almeida Castello-Branco, paes do referido João d'Almeida Castello-Branco, procedem tambem, *Antonio de Abreu da Gama*, senhor da casa de Cannas de Senhorim; e por linha de varão, a casa de Midões (*Ribeiros Abranches Castellos Brancos*) representada actualmente pelo conselheiro, Cesar Ribeiro Abranches Castello Branco, fidalgo da casa real, dignissimo presidente da relação do Porto, feito 2.º visconde de Midões, em 21 de julho de 1870, e que é filho de Roque Ribeiro de Abranches Castello-Branco, que foi par do reino desde 1834, e senhor da casa de Midões, em que succedeu a seu pae (fallecido) a 12 de julho de 1783.

Roque Ribeiro tinha sido feito 1.º viscon-

de de Midões (com grandeza) em 23 de outubro de 1837.

SANTAREM—sitio, Traz os Montes, proximo ás aldeias de *Valle d'Egua, Zêbras, e Cabeça do Seixo*, no concelho e 20 kilometros de Chaves.

No sitio de Santarem, existem muitas ruínas de uma antiquissima e vasta povoação, de mais de 2 kilometros de circumferencia.

Ainda aqui se vê um arco, menos mal conservado, e uma torre, com grandes vestigios de edificios sumptuosos, com todos os signaes de obras romanas.

Em varios sitios, nas immediações de Chaves, se veem muitos vestigios de povoações antiquissimas, que todas, ou quasi todas, denotam ser obra dos romanos.

Vão nos lugares competentes.

Aqui só tratarei de duas *ciudades* ou *povoações mortas*, que ficam perto das de Santarem.

No lugar de *Curalha*, a 7 kilometros de Chaves, existem as ruínas de uma povoação, com sua cêrca de muralhas, e dentro d'ella, alicerees de diversos edificios.

Ainda se lhe dá o nome de *Castro da Curalha*.

Diz o povo, que foi *povoação de mouros*.

Consta que a este castro, vae ter uma estrada subterranea, bastante larga, que ainda ninguem se atreveu a examinar.

Tem principio em uma gruta, na margem opposta do rio Tâmega, em um lugar chamado *Bóveda*, e, a uns 10 ou 12 metros, principia a descer, enterrando-se por um monte que cae sobre o mesmo rio, e, passando por baixo d'este (que corre aqui entre penhascos) vae ter—segundo crê o povo d'aqui—ao tal castro. Se assim é (o que custa a crer...) deve tambem ser obra romana, e foi de grande despeza.

Entre uma montanha, chamada *Cóta de Mayros*, no termo de Monforte do Rio Livre, e o lugar de Villa Frade, existem as ruínas de outra grande povoação, com parte de seus muros ainda de pé. Vide *Villa*

Frade, Villa Nova do Monte, Villarandello, e Villas-Bóas.

O artigo que segue, é oferecido ao ex.^{mo} sr. Guilherme de Azevedo, esclarecido filho de Santarem, em testemunho de sincera amizade.

SANTAREM—cidade, Extremadura, capital do concelho, comarca e districto administrativo do seu nome, no patriarchado e 84 kilometros ao N. E. de Lisboa.

Tem actualmente trez freguezias (não contando com a de *Santa Iria*, ou *Ribeira de Santarem*—antigamente, *Ribeira do Alfange*—Vide *Iria (Santa)* a 2.^a col. do 3.^o vol., pag. 3:9, col. 2.^a, e *Ribeira de Santarem*.)

As freguezias da cidade, propriamente dita, são—*Nossa Senhora de Marvilla*, com 600 fogos—*S. Nicolau*, com 450—e o *Salvador*, com 500—total, 1:550 fogos, e 6:200 almas.

Antigamente, tinha 13 freguezias, que eram:

1.^a *Santa Maria de Alcáçova*—cujo parochio era prior, da apresentação do real padroado, e tinha de rendimento 250\$000 réis.

Em 1768, tinha 200 fogos.

2.^a *Nossa Senhora de Marvilla*—apresentada pela mitra patriarchal.

O prior tinha 500\$000 réis de rendimento.

Em 1768, tinha 285 fogos.

Em 24 d'agosto de 1876, o governo concedeu 300\$000 réis para reparos d'esta egreja.

3.^a *Santa Cruz*—O parochio tinha réis 160\$000. Era vigario, collado, apresentado pela collegiada de Santa Maria d'Alcáçova.

Em 1768, tinha 153 fogos.

4.^a *Santa Iria*—O parochio era vigario, da mesma apresentação. Tinha 180\$000 réis.

Em 1768, tinha 381 fogos.

(É a actual freguezia da Ribeira de Santarem, que é um arrabalde da cidade.)

5.^a O *Salvador*—A casa das rainhas apresentava o vigario, que tinha 120 alqueires

de trigo, 90 de cevada, dous cantaros de azeite e duas pipas de vinho.

Em 1768, tinha 481 fogos.

É hoje um dos melhores templos da cidade.

6.^a *S. Julião*—A abbadessa do mosteiro cisterciense de Odivellas, apresentava o prior que tinha 359\$000 réis.

Em 1768, tinha 210 fogos.

7.^a *S. Matheus*—Os duques do Cadaval apresentavam o prior, que tinha 500\$000 réis.

Em 1768, tinha 7 fogos!

8.^a *S. Nicolau*—Os beneficiados e capellães d'esta egreja, apresentavam o prior, que era collado pelo ordinario, e tinha de renda, 500\$000.

Em 1768, tinha 425 fogos.

9.^a *S. João do Alfange*—A collegiada de Santa Maria d'Alcáçova, apresentava o vigario, que tinha 100\$000 réis.

Em 1768, tinha 130 fogos.

10.^a *Santo Estevam* ou *Santo-Milagre*—A casa das rainhas, apresentava o prior, que tinha 400\$000 réis.

Em 1768, tinha 130 fogos.

11.^a *S. Martinho*—A mitra apresentava o prior, que tinha 200\$000 réis.

Em 1768, tinha 60 fogos.

12.^a *S. Lourenço*—da mesma apresentação. O prior tinha 300\$000 réis.

Em 1768, tinha 28 fogos.

13.^a *S. Thiago*—O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o vigario, que tinha 150\$000 réis.

Em 1768, tinha 17 fogos.

Vinham pois a ter as freguezias da cidade (então villa) 2:507 fogos; mas abatendo 381 da freguezia de Santa Iria (Ribeira) vinha a ter 2:126, mais 576 fogos (2:300 almas) do que actualmente!—É o resultado da extincção das ordens religiosas.

O concelho de Santarem, é composto de 28 freguezias, que são—*Abetureiras*, com 320 fogos—*Abraan*, 206—*Achête*, 310—*Alcanhões*, 270—*Alcanêde*, 590—*Almostér*, 390—*Ameaes de Baixo*, 170,—*Arneiro dos Milhariços*, 160—*Azinhaga*, 220—*Azôia de Baixo*, 100—*Azôia de Cima*, 114—*Cazêvel*,

140—*Louriceira*, 80—*Malhou*, 130—*Paúl*, 300—*Pérnes*, 200—*Pomballinho*, 150—*Póvoa dos Gallegos*, 100—*Ribeira*, 420—*Romeira*, 120—*Marvilla*, 600—*S. Nicolau*, 450—*O Salvador*, 500—(estas trez são as da cidade) *Tremez*, 200—*Vaqueiros*, 70—*Valle*, 160—*Valle de Figueira*, 160—*Várzea*, 220.—Todas com 6:850 fogos, ou 27:400 almas.

A comarca de Santarem, é composta do seu julgado e do de Rio-Maior, com 2:900 fogos. Total, 9:750 fogos.

O districto administrativo, comprehende 18 concelhos, que são:—Abrantes, Almeirim, Benavente, Cartaxo, Chamusca, Constancia, Coruche (do Alemtejo), Ferreira do Zézere, Gollegan, Mação, Rio-Maior, Salvaterra de Magos, Santarem, Sardoal, Thomar, Torres Novas, Villa Nova da Barquinha, e Villa Nova de Ourem.

Todos com 135 freguezias, e 45:000 fogos, ou 180:000 almas.

Pertence ao districto da 1.^a divisão militar, e é quartel de infantaria n.º 4 e artilheria n.º 3.

Tem estação telegraphica; e é a 12.^a estação do caminho de ferro do norte, no bairro da Ribeira (Vide *Iria* (Santa) e *Ribeira de Santarem*.)

Tem um grande mercado no 2.^o domingo de cada mez, e feiras annuaes pela Paschoella e a 11 de outubro.

Por onze vezes¹ aqui teve logar a convocação das cortes dos trez estados, como adiante verá.

Foraes de Santarem.—O primeiro lhe foi dado em 13 de novembro de 1095 (Livro preto, da cathedral de Coimbra, a fl. 10.)

O 2.^o por D. Affonso Henriques, em Coimbra, no mez de maio de 1179. *Maço 3 de foraes antigos*, n.º 2 e 3. Foi confirmado por

¹ A carta de lei, de 24 de dezembro de 1868, que lhe restitue a sua antiquissima categoria de cidade, diz que se convocaram aqui doze vezes cortes. Julgo ser erro typographico, porque eu não acho senão onze.

D. Affonso II, em Santarem, a 8 d'abril de 1214. (*Maço 3 de foraes antigos*, n.º 3.) Segunda vez confirmado e ampliado pelo mesmo soberano, em Coimbra, a 12 de novembro de 1217. (*Maço 12 de foraes antigos*, n.º 3, fl. 4 v., col. 2.^a) Este foral acha-se impresso, com os costumes, no tomo 4.^o de *Inedilos de historia portugueza*, pag. 531.

Tem uma sentença de foral, datada de 25 de maio de 1444. (*Corpo chronologico*, parte 2.^a, *maço 1.^o doc. 2.^o*) Tem outra sentença de foral, dada a favor de Santarem, contra o marquez de Villa Real. (Gaveta 3.^a, *maço 3*, n.º 13.)

O rei D. Manuel lhe deu foral novo, em Almeirim, no 1.^o de fevereiro de 1506. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 16 v., col. 2.^a)

Foi por muitas vezes côrte dos nossos reis, até 1834, e todos a distinguiram muito; e aqui viveram alguns, grande parte do seu reinado, nos paços reaes da Alcáçova, mandados fazer por D. Affonso I, junto á capella real da mesma denominação, reedificada pelos cavalleiros do Templo, sobre as ruinas de um templo romano.

D. Affonso I, desde 8 de maio de 1147, dia em que conquistou Santarem, até ao fim do seu reinado, enriqueceu esta povoação, não só com grandes privilegios, mas tambem com magestosos edificios.

O rei e os seus guerreiros, entraram em Santarem pela porta de *Atamárma* e perpetuou esta victoria, instituindo a ordem de *S. Miguel d'Ala*, e fundando o magestoso mosteiro cisterciense, de *Alcobaça*.

Para a palavra *Atamárma* vide o 1.^o vol., pag. 251 col. 2.^a

D. Pedro I, reconstruiu os paços de Alcáçova.

D. Manuel I, tambem aqui fundou magnificos templos, fontes, calçadas, a famosa *Torre das Cabaças*, a ponte da Asseca, e outros edificios.

Teve muitos palacios de titulares e outros

fidalgos, sendo os principaes, os dos duques de Bragança e os dos condes de Aveiras, da Palma, de Tarouca e de Unhão.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco primeiro, ao lado de Lisboa, Porto, Évora, Coimbra, e Elvas.

Até ao fim do século XVIII, foi Santarem governada pelo senado da camara, e por um vigario-geral, com jurisdicção, tanto no temporal, como no espiritual. O governo do rei, não podia intervir nos negocios municipaes, senão depois de concluidos, e para acudir-lhes com dinheiros do thesouro publico. Isto, em vista dos seus antigos privilegios, sempre-religiosamente respeitados pelos nossos monarchas.

Houve em Santarem muitas *emparedadas*, sendo as de maior fama de santidade, *Maria Domingues, D. Gontina, D. Maria Bernardes, Elvira Paes, e Elvira Durôa*.

O seu escudo d'armas, é—em campo azul, um castello de prata, com trez torres, sobre um rio, tendo o castello, sobre a porta, as armas de Portugal.

A alcaidaria-mór de Santarem, andava na casa dos condes de Assumar, depois, marquezes de Alorna e da Fronteira.

É cabeça do vicariato-geral, e assento do seminario patriarchal.

Santarem, é tambem um appellido nobre em Portugal. Procede de *João Guilherme de Santarem* (que tomou este appellido, por ser d'aqui natural) no reinado de D. Diniz; porém, D. João I, é que armou cavalleiro, a *João Affonso de Santarem*, na batalha de Aljubarrota, em 14 d'agosto de 1385. O mesmo soberano lhe deu por armas—escudo esquadrellado: no 1.º e 4.º, de negro, um leão de prata, armado de púrpura—no 2.º e 3.º, do mesmo, trez coticas de ouro, em palla—élmo d'aço aberto; e por timbre, o leão das armas, com uma cotica de púrpura, no costado.

Este João Affonso de Santarem, foi sepultado na igreja de S. Nicolau, da villa do seu nascimento, na capella de Jesus Christo, em um rico mausoleu, que ainda existe. Foi este fidalgo que instituiu o *hospital de Jesus Christo*, em 1426.

Foi 3.º neto de João Guilherme de Santarem, João Affonso de Santarem (outro) que usava de brazão d'armas differente — era — escudo dividido em palla — na 1.ª, de negro, um leão de prata, armado de púrpura — na 2.ª, do mesmo, trez coticas de ouro, em palla — élmo d'aço aberto; e por timbre — o leão das armas, com uma das coticas do escudo, na espadua.

Julga-se que foram estas as primitivas armas dos *Santarens*.

Fica esta cidade, quasi no centro da provincia da Extremadura. A sua parte principal, está assente no alto de um monte, que, do lado do este, é cortado quasi perpendicularmente sobre o valle. Ao fundo está o antigo *bairro do Alfange* (antigo *Alhanse*) e mais alem o da *Ribeira*, onde é a estação do caminho de ferro do norte.¹

A cidade é dividida em trez bairros — *Marvilla* (antigamente *Maravilhas*) *Ribeira*, e *Alfange*. *Marvilla*, occupa a parte superior (o platô) do monte. — Ainda aqui se veem alguns lanços de muralhas ameiadas, e algumas das suas antigas torres, cubellos e barbacans. Tinha cinco portas—da *Atamárma* (vide esta palavra) que ainda existe—a de *Leiria*, que foi arrazada—e a de *Mansos*, que ainda se conserva — a do *Sol*, actual-

¹ *Alhanse* pronunciava-se com o h aspirado, e, como nós transformámos em F aquella letra, diziamos *Alfanse*, que facilmente se corrompeu em *Alfange*.

mente tapada a pedra e cal¹—e a de *Santhiago*.

Tinha também varios *postigos*, alguns dos quaes ainda existem.

No ponto mais elevado da povoação, e sobranceiro ao Tejo, está a antiga cidadella da *Alcáçova*, com a sua cerca de muralhas, portas e postigos. Teve antigamente uma ponte levadiça, á entrada da porta principal.

Dentro d'esta cidadella, estavam os paços reaes, por isso chamados da *Alcáçova*. Ainda aqui se veem muitos vestígios de edificios antigos, e entre elles, uma porta, de bellíssima architectura gothica.

No bairro de *Marvilla* (a parte principal e mais nobre da cidade) estão os seus melhores edificios, e os monumentos mais respeitaveis da sua historia.

Os bairros do *Alfange* e da *Ribeira*, estendem-se pela margem direita do Tejo e pelo declive da encosta, orlando as calçadas que sobem para *Marvilla*: sendo a mais notavel a da *Atamárma*, que vae ter á fonte e á porta do mesmo nome, por onde entrou D. Affonso Henriquez, com a maior parte da sua hoste, quando, em 8 de maio de 1147, conquistou esta praça.

Estes dois bairros, são também antiquissimos, e foram igualmente cercados de muralhas, guarnecidas de torres, das quaes ainda ha muitos vestígios. Ha n'elles grande movimento commercial e industrial, por que são o deposito de todos os generos que a cidade importa e exporta, pelo Tejo, de que estão proximos.

O seu principal edificio religioso, e um dos mais antigos, é a *real collegiada de Santa Maria de Alcáçova*, fundada pelos templarios (que ajudaram D. Affonso I a conquistar Santarem) dentro da antiga cidadella de que tomou o nome, e ficava contigua aos paços

¹ Esta porta, dá sobre um medonho despenhadeiro (o de que já fallei) e durante o dominio dos arabes, eram d'aqui precipitados os reus de crimes graves, que mereciam a morte.

Quando chegavam ao fundo, hiam reduzidos a uma massa informe.

dos nossos antigos réis, servindo-lhes de capella-real, para o que havia uma communicação interior. Ainda conserva o titulo de capella-real.

Esta collegiada foi instituida pelos annos de 1282, reinando D. Diniz, com 17 cônegos, 4 meios cônegos e trez *dignidades* (chante, mestre-escola, e thesoureiro.) A igreja é de trez naves, e pequena. Exteriormente, nada conserva da sua architectura primitiva. No interior, apesar das repetidas reconstrucções (a maior das quaes, principiou em 1715 e terminou em 1724) ainda conserva bem visiveis alguns restos, que denotam muita antiguidade.

Na capella-mór d'esta igreja, do lado do Evangelho, está um tumulo de mármore, embebido na parede, onde foi sepultado D. Rodrigo Affonso, prior d'esta igreja, conego de Santa Cruz de Coimbra, e filho bastardo de D. Affonso III.

Alem d'esta, ha outras sepulturas de pessoas, mais ou menos notaveis.

No adro, estão dois cippos, com inscripções romanas, que dizem (tradução) uma — *Memoria, dedicada aos deuses dos mortos—Aqui está sepultado, Marco Antonio, natural de Lisboa, filho de Marco Lobo, da tribu Galléria*—a outra diz — *Memoria dedicada aos deuses dos finados. Aqui jaz, Quinto Antonio, militar, filho de Cayo, perfeito, natural de Lisboa.*

A *collegiada de Santa Maria de Marvilla* (antigamente, das *Maravilhas*) também foi instituida durante o reinado de D. Affonso Henriques. A sua igreja (parochial) é uma das mais bellas e vastas da cidade. É de trez naves, sustentadas por altas e elegantes columnas jonicas. Tem sido também por varias vizes reconstruida. O rei D. Manoel, reedificou *á fundamentis*, a capella-mór, e ampliou o corpo da igreja. A sua porta principal, é de architectura gothica, e adornada de primorosos lavores. (Vide o anno 1244.)

A igreja de *Santo Estevam* (mais conhecida pela denominação de *Santo Milagre*, e que foi matriz da freguezia do seu nome) foi fundada no seculo XII, e sagrada em 1244.

Não é tão vasta como a de Alcáçova; mas é também de trez naves, sustentadas por columnas de architectura toscana. Em quatro paineis, no corpo da igreja, está representada a historia do *Santo Milagre*. No 1.º vê-se a mulher que commetteu o sacrilegio, recebendo a communhão—No 2.º, vae ella em caminho de sua casa, levando escondida a sagrada particula—No 3.º, se vê a arca onde guardou a hostia, cercada de anjos e resplendores—No 4.º, se representa a procissão com que foi levada a hostia para a igreja de Santo Estevam, d'onde tinha sido ministrada. (Vide o anno 1226; e no 4.º vol., artigo *Lisboa*—o *Homem das botas*.)

A igreja parochial de *S. Nicolau*, é também de trez naves.

A primitiva foi devorada por um incendio, em 1613.

A igreja parochial do *Salvador*, é uma das mais vastas e formosas da cidade.

Todas estas trez igrejas estão no bairro de *Marvilla*.

Alem d'estas igrejas, ha ainda algumas que foram antigas matrizes, e grande numero de capellas.

Um dos mais famosos e venerandos templos de Santarem, era o de *S. João d'Alporão*. Foi templo romano, dedicado a Julio Cesar, depois, mesquita dos árabes, e por fim templo christão. (Vide o anno 49, antes de J. C.)

Julga-se que os mouros chamavam *torre do Alcorão*¹ a uma que estava ao lado d'es-

¹ É a palavra arabe *Al-koran*. Significa *livro por excellencia* (como entre christãos e judeus — *Biblia*.) Deriva-se do verbo *cará* (lêr, colligir escriptis.) O Alcorão, dos mahometanos, por muito tempo andou disperso por diferentes sectarios, em capitulos e rapsodias, e só depois de tudo reunido em um livro, é que se lhe deu este nome. É uma mistura de christianismo, judaismo e paganism, a que juntaram outras doutrinas de Mahomet.

Alcorão, também significa lugar eminente. — O *adail*, andou com elle a braços, e o lançou do Alcorão abaixo, o por ser muito alto, se fez em pedaços. (*Chronica d'el-rei D. Ma-*

te templo, e *Alcorão*, se corrompeu em *Alporão*.)

A igreja de *S. João d'Alporão*, tão veneranda pela sua remotissima antiguidade (tem nada menos de 1:928 annos!) foi transformada em um reles *theatro*, depois de 1834.

Actualmente anda a reparar-se, para se estabelecer alli o museu archeologico do districto. Valha-nos isso!...

(Vide adiante, onde trato d'este museu.)

Até ao principio do seculo XV, houve em Santarem grande numero de hospitaes, para pobres, que, em 1426, Dom João II, annexou ao de Jesus Christo, fundada por *D. João Affonso de Santarem*, no reinado de *D. João I*.

A torre do relógio (*torre das Cabaças*) é um monumento notavel.

Santarem, tinha jurisdicção sobre 16 villas, e grande numero de freguezias.

Sobre a *porta de Mansos*, havia uma torre quadrada, onde o tribunal da relação fazia as suas sessões; mudado este para Lisboa, ficou a torre, por muitos annos, servindo de casa da camara.

Foi mandada edificar pelo rei *D. Manoel*. Tem 22 metros de altura, e é rematada por uma cúpula, sobre a qual está um grande sino, sustentado por 4 robustos varões de ferro. É o sino das horas, e a sua voz é repercutida por sete bilhas quebradas, presas a varões de ferro. (Diz o povo que representam os 7 vereadores da camara—representarão.) É d'estas bilhas que á torre provem o nome de *Cabaças*.

A mais alta torre que havia em Santarem, era a *torre do Bufo*; que se supõe ser construeção romana, ou pelo menos, árabe. Era na Alcáçova. Foi demolida em 1640, para com os seus materiaes se reconstruirem as muralhas da praça.

Tambem na Alcáçova existia a *torre Alnoel*, por *Damião de Góes*, parte 4.ª, capitulo 39.)

barran (tão antiga como a do Bufo, e que teve a mesma sorte.)

As ruas de Santarem, como as de todas as povoações antigas, são estreitas, tortas, imundas e mal calçadas; mas tem algumas praças alegres e espaçosas, e quasi todas arborisadas modernamente.

Em *Fóra de Villa* (sitio assim chamado, por ficar extra-muros) ha um bonito passeio publico, arborisado, com alegrêtes, e assentos de pedra. É ali que se fazem as feiras e mercados da cidade. Hoje denomina-se *Campo de Sá da Bandeira*.

A praça onde está a casa da camara, e a igreja de Santa Maria de Marvilla, foi o antigo *tabolado* de Santarem. Aqui se faziam justas, torneios, jogos de cannas, e corridas de touros.

O *terreiro da Piedade*, chamava-se antigamente, *terreiro do Paço*, por estar em frente de um dos trez palacios que os nossos reis tinham em Santarem. Foi no chão d'este paço que se construiu depois o collegio dos jesuitas, hoje o seminario patriarchal.

O palacio dos condes de Unhão, que, por extincção d'esta familia, passou aos marqueses de Niza, foi comprado pelo patriarcha D. Guilherme I, que o reconstruiu, e é hoje o *palacio patriarchal*.

Ha em Santarem, um theatro, uma praça de touros, e uma casa de assembleia.

Tem varias fontes, mas nenhuma digna de menção, pela sua architectura.

Judiaria—Vide adiante—*Ermida de Santo Ildefonso*.

Todo o territorio comprehendido no districto administrativo de Santarem, é, em geral, fertilissimo, sobre tudo em cereaes, vinho, azeite, legumes, hortaliças e fructas.

São famosos, pela sua vastidão e antiguidade, os *olivaes de Santarem*.

Os que lhe ficam ao S.O. e O., foram mui-

to damnificados, tanto pelos realistas, como pelos liberaes, desde outubro de 1833, até maio de 1834.

Consta que, em tempos antigos, exportavam annualmente, termo medio, 3:000 pipas de azeite.

É tambem celebre, o *Campo da Gollegan*, vasta planicie que lhe fica ao N.E., com mais de 20 kilometros de comprido, por 6 a 8 de largo, toda cultivada, comprehendendo olivae, vinhas, cearas, hortas e pomares, e que o Tejo banha pelo sul.

Os mouros lhe chamavam *Valle de Assacaia*, palavra árabe, que significa *Valle dos Regatos*.

Ainda nos arrabaldes de Santarem, ha um sitio chamado *Assacaia*. É n'elle que se vê a estação do caminho de ferro.

Os árabes tambem diziam *Acequiat*, vem do verbo *sacá*, regar. D'aqui vem o substantivo do antigo portuguez, *acequia*. Hoje diz-se—*motta, madria, açúde, levada*, etc.—No Minho tambem se lhe dá o nome de *Naceiro*.

Assacaia, ou *Acequia*, tambem significa, valla para irrigação. *Antes de chegarem, haviam de passar muitas acequias.* (*Chronica de El-Rei D. Manoel*, por Damião de Góes, parte 3.ª, capitulo 74.)

O Tejo e o mar, abastecem Santarem e a maior parte do seu districto, de optimo peixe, de varias qualidades.

O clima de Santarem é bastante saudavel e muito mais o seria, se houvesse mais cuidado da sua limpeza.

Militarmente fallando, é Santarem um ponto importantissimo, e, se fosse conveniente mente fortificado, bem como Palmella, Almada, Torres Vedras, Peniche e a Ericeira, a cidade de Lisboa e a sua barra, tornar-se-hia quasi inconquistavel, depois de construidas as obras de defeza indicadas por Sá da Bandeira.

De quasi todos os pontos do bairro de Marvilla se gozam magnificas e extensas vistas, sobre tudo, do alto de São Bento, da

Porta do Sol, da torre do seminário, e do monte dos Cravos.

Alem dos Campos da Gollegan, e de vastíssimos olivedos, vê-se o curso do Tejo, em muitos kilometros de extensão; as villas de Almeirim, Muge, Salvaterra de Magos, Benavente e Coruche (do Alemtejo) e os logares de Vallada, Porto de Muge, e muitos outros.

Ao sul do Tejo, se veem vastos pinhaes, e longas cordilheiras de serras, e ao fundo, os bairros da Ribeira do Alfange, e mais além, o bonito arrabalde, que ainda conserva o nome árabe de *Assacaias*, e o das *Omnias*, estendendo-se pela margem direita do Tejo. Tambem se vê uma grande extensão da via ferrea.

Nos arrabaldes da cidade, ha muitas, ricas, extensas e magnificas quintas, todas muito ferteis.

Nos seus campos se cria toda a qualidade de gado, principalmente cavallar, que exporta em grande escala.¹

Tambem são abundantes de caça, e, no inverno, acode muita, de arribação, ás leirias, de que se fazem grandes e divertidas caçadas.

A cidade está ligada com Lisboa, Coimbra, Porto, Elvas, Badajoz, e outras muitissimas povoações intermediarias, pelo caminho de ferro do norte e leste.

Os homens notaveis nascidos em Santarem, vão mencionados nas annos competentes.

¹ Os antigos diziam que os cavallos dos campos de Santarem—eram—como os de Cintra—filhos de Vento; para exprimirem a prodigiosa velocidade da sua carreira. Com effeito, os antigos cavallos de uma grande parte da Lusitania, eram de finissima raça, e, eguaes, senão superiores aos da Arabia (os famosos *bereberes*) e aos melhores da Numidia. Os romanos e outros invasores de Portugal, nos roubaram os melhores, e a raça apurada, chegou quasi a extinguir-se. Hoje alguns creadores teem-se esmerado em aperfeçoar a raça cavallar, distinguindo-se entre todos, o sr. Carlos Relvas, da Gollegan, que tem uma das melhores caudelarias de Portugal.

No livro 3.º, pag. 22, da *Fundação, antiguidades e grandezas, da mui insigne cidade de Lisboa*, pelo capitão, Luiz Marinho de Azevedo, se diz que na *Porta do Pão* (Ribeira) em Santarem, existiu a seguinte inscripção

D. M. S.,
JULI. MARC. FAN. (?) XXVIII.
JUL. PATERNA. MATER.
FILIAE. PIENTISSIMAE,
OLISIPONENSI. ARAM.
POSUIT.
H. S. E.

(Consagrada aos deuses manes. Aqui está sepultada Julia Marcos, de 28 annos, natural de Lisboa. Sua mãe, Julia Paterna, dedicou esta ára, a sua piedosissima filha.)

O sabio doutor allemão, *Hubner*, varias vezes citado n'esta obra, diz que de Santarem sahia uma via militar dos romanos, em direcção á costa; provavelmente por Monte-Junto, talvez nas alturas da villa das Caldas-da-Rainha. «O que é certo (diz elle) é que na fertil região da costa, entre Peniche e Leiria, se encontram numerosos vestigios de colonias romanas.»

Calçadas

Eis os nomes das nove calçadas por onde se sobe para Santarem.

1.ª — *Atamarma*: nome que procede de uma fonte que alli ha, onde termina; tendo principiado na Ribeira.

2.ª — *Santa Clara*: Principia na Ribeira e termina no mosteiro de Santa Clara, e no de frades de S. Francisco.

3.ª — *S. Thiago*: Está actualmente quasi intransitavel. Principia junto da egreja de Santa Iria, na Ribeira, e acaba na *Porta da Alcáçova*.

4.ª — *Alfange*: Principia no bairro d'este nome, ao S. da cidade. Os arabes lhe chamavam *Alhanse*, que significa *cobra*, pelas voltas que dá até ao alto. O mesmo nome davam ao valle hoje chamado do Alfange. Termina no adro do mosteiro dos agostinhos.

5.ª — *Nossa Senhora da Vallada*: Tambem

chamada das *Omnias*, e da *Madre de Deus*. Principia nas *Omnias*, (margem do Tejo) e termina na rua do Pereiro. Viterbo suppõe que *Omnias* é corrupção de *almuinhas*; mas outros pretendem que venha do latim *Omnia*, por haver n'aquelle sitio varias hortas e pomares, que dão *toda* a qualidade de fructas, de optimo gosto.

6.^a — *Junqueira*: Tambem principia nas *Omnias*, vae a S. Lazaro, e d'ahi, dobrando ao N.E., entra na cidade pela *porta de Mansos*.

7.^a — *Do Sitio*, ou das *Pedreiras*: É a estrada de Lisboa, e termina junto do hospital civil, que foi mosteiro de S. Francisco. (Este mosteiro foi fundado em um lugar, chamado antigamente, *Sitio da Magdalena*.)

8.^a — *S. Domingos*: Termina no mosteiro de frades dominicos.

9.^a — *Nossa Senhora do Monte*.

Estas trez ultimas sobem do N. e O., e todas vem de profundos valles.

Portas

Eram oito. Eis os seus nomes.

1.^a — *Atarmaria*, no alto da calçada doseu nome. (Sobre esta porta foi construida a ermida de Nossa Senhora da Victoria, por entrar por aqui D. Affonso I, quando tomou Santarem.)

2.^a — *Leiria*, junto da igreja de Nossa Senhora da Piedade. Vide igreja de *Nossa Senhora da Trindade*, e mosteiro de agostinhos descalços.

3.^a — *Mansos*. Onde em uma ermidinha está a Senhora do Bom Successo. É por isto que a esta porta se chama hoje — *Arco do Bom-Successo*.

4.^a — *Vallada*, ou da *Madre de Deus*. (Por ter em cima a ermida d'esta Senhora) As capellas que estavam sobre estas quatro portas, foram mandadas construir por D. Affonso I.

5.^a — *S. Thiago*. Junto á porta do antigo castello de Alcáçova.

6.^a — *Sol*. Esta era mesmo no castello e ficava sobre o despenhadeiro perpendicular ao Tejo. (A *Alhufa*, dos mouros.)

É a esta porta (pelo S.) que vem ter a calçada do *Alfange*.

7.^a — *Alfange*. (Antigamente *Alhanse*.)

8.^a *S. Gens*. — Deu se-lhe este nome por que por ella entrou S. Gens, a prégar o Evangelho, aos santarenos. Outros, porém, dizem que o nome lhe provem de ser aqui martyrisado aquelle santo, pelos romanos.

Ignora-se o nome que tinha no tempo dos romanos e depois, no dos arabes.

9.^a *Postigo de D. Margarida*. — Fica ao O. — Tambem se ignora o nome primitivo d'esta porta; e é mesmo provavel que os romanos lhe dessem um, e os mouros outro.

O moderno foi-lhe dado, porque junto a ella havia umas casas, ou palacio, onde por muitos annos residiu D. Margarida, mulher de D. Martinho Affonso de Castro, vice rei da India, e mãe de D. Francisca de Távora e Castro, mulher de Fernão Telles de Menezes da Silveira, 1.^o conde de Unhão.

Todas estas portas foram construidas pelos romanos, e depois, os godos as guarneceram de fortes baluartes e cubélllos.

Sómente as quatro primeiras tinham ermidas.

Santarem foi sempre da coroa. Foi o 1.^o assento do tribunal da relação e casa do civil, d'este reino. Foi côrte por muitos annos, de varios dos nossos reis, que lhe concederam muitos e grandes privilegios.

Até 1834, era o senado da camara municipal composto de trez vereadores, um procurador do concelho, dous misteres, um alferes,¹ um escrivão, um thesoureiro, um sindico, dous almotacés com seus esvriães (um do bairro de Marvilla e outro do da Ribeira) um agente, um pagem, e um portachaves.

Tinha *casa dos vinte e quatro*, com juiz do povo, escrivão e um almotacé da limpeza.

Na praça da villa, existem (1740) as casas do senado da camara, com uma vistosa galeria, de janellas de sacada, com grades de ferro. No ultimo andar de cima, para on-

¹ O alferes tinha assento no senado, em cadeira de espalda; era chanceller e guarda-sellos da camara, e levava a bandeira municipal, nos actos solemnes.

de se sobe da grande sala em que o juiz de fóra faz a sua audiência, tem trez formosas salas, cuja sabida faz uma bem lançada escada de pedraria lavrada—a 1.^a, é a sala onde estão os porteiros e pagens—na 2.^a, está a meza dos senadores, e ahi tem uma bem armada *capella de Nossã Senhora, onde se diz missa todos os dias em que ha despacho*—e logo mais para dentro está uma grande casa, na qual existe o cartorio, ou archivo, onde se depositam todas as cousas pertencentes a esta villa, assim antigas como modernas. Por baixo logo d'estas casas da camara, ficam as dos *contos*, em que tem tribunal o provedor das lezirias, com a mesma grandeza, e janellas que as de cima. E por baixo d'esta dos contos, ficam as cadeias dos presos, que são, duas dos homens e uma das mulheres, todas com muita fortaleza de grades, e bem fechadas; com um carcereiro, o qual se obriga a dar conta de todas as pessoas prisioneiras que lhe entregam.»

«Contiguos a estas cadeias, estão os açougues, onde se vende carne e peixe, e no meio da escada em que se sóbe da praça para o dito senado, fica uma casa com sua janella de grades, sacada, que é onde os almotacés, em certos dias, fazem as suas audiencias. Defronte, na mesma praça, está o aljube, onde se mettem os presos que pertencem ao ecclesiastico, tendo por cima, o vigário geral, o seu tribunal, em que faz audiência.»

«Tem esta villa, um desembargador juiz do tombo das terras da corôa, e um procurador da mesma coroa real, que ambos são ministros de béca, com seu escrivão.»

«Tem provedor da camara, com um escrivão, um meirinho, um contador, e um *inqueredor*, que, além das villas d'esta comarca, entra em correção, na villa de Torres-Novas e seu termo, que é dos duques de Aveiro. E, alem do Tejo, na villa de Muge, que é dos duques do Cadaval; e na villa de Courche» (do Alemtejo).

«Tem juiz de fóra, com alçada e dez escrivães do civil e crime, um distribuidor, cinco *inqueredores*, dous alcaides (que nomeia o alcaide-mór d'esta villa, e os confirma o senado da camara) dous *escrivães das*

armas, um das execuções, com seu ajudante; cinco tabelliães, dous escrivães das cizas (um da repartição de Marvilla, outro da Ribeira) um escrivão do real d'agua, e um fiel das appellações.

«Tem juiz de fóra, dos orphãos, com alçada, o qual tem quatro escrivães do juizo, dous repartidores, dous avaliadores do concelho, um curador geral dos orphãos, um inqueredor e um distribuidor.»

«Ha n'esta terra um provedor das lezirias, o qual tem juri-dição, desde a villa de Abrantes, até á villa de Cascaes, com dous escrivães (um das lezirias, outro das jugadas) um procurador da fazenda, e um meirinho geral das Vallas. Tem quatro almoxarifes; um das jugadas, com seu escrivão, e porteiro, cujo almoxarifado se divide em cinco ramos, e cada um d'estes tem seu escrivão, carreteiro e medidor; e um d'estes ramos, por ser maior que os outros, tem dous escrivães. O almoxarife, tem um medidor-geral, de todos os celleiros, para pagamento das tenças e ordinarias que d'este almoxarifado se pagam.»

«Almoxarife do Paul da Asseca, com seu escrivão, carreteiro, medidor, e meirinho.»

«Almoxarife das Barrocas da Rainha, com seu escrivão e meirinho.»

«Almoxarife das cizas, com seu escrivão e dous thesoureiros.»

«Um almoxarife da portagem, que é da casa do infantado, com trez escrivães, um n'esta villa, outro em Porto de Muge, e outro na villa da Gollegan.

«Um almoxarife das quintas, reguengo da Tojosa, e jugadas de Casével, com dous escrivães, do que é donatario, o conde de Tarouca.»

«Provedor, e guarda-mór da saude, com seu escrivão, e meirinho.»

«Juiz das imposições e aposentadorias, com dous escrivães e um porteiro.»

«É d'esta villa de Santarem alcaide-mór, o conde de Assumar, onde tem seu mordomo; e quando o dito alcaide-mór assiste n'esta villa, é capitão-mór d'ella.»

«Tem sargento-mór da camara, com um ajudante, e manda 32 companhias—7 dentro d'esta villa, e 25 pela comarca.»

«Tem mestre de campo dos auxiliares, com seu sargento-mór, e ajudante; cujo dominio tem 10 companhias.»

«Ha n'esta villa, mamposteiro-mór dos capitulos, com escrivão e procurador.»

«Ha tambem juiz das coutadas, mattas e montarias, da repartição d'esta villa, com seu escrivão e meirinho.»

«Monteiro-mór, com 24 monteiros da guarda das mattas da banda do norte.»

«Dous superintendentes das caudelarias — um da repartição da Serra, outro do Campo; cada um d'elles com seu escrivão.»

No ecclesiastico tem:

«Um vigario-geral, com jurisdicção, tanto no temporal, como no espiritual; juiz dos residuos e casamentos; chancellor, e promotor, um escrivão da camara, 4 escrivães do juizo, inqueredor, distribuidor, contador, meirinho-geral, escrivão dos depositos e causas matrimoniaes, tesoureiro dos depositos, chancellaria, e solicitador.»

Ahl!—Até que emfim!...

Juntando toda esta gente, aos parochos, cônegos, beneficiados, sachristães, sineiros, coveiros, organistas, etc., das 13 freguezias; aos frades, leigos, donatôs, familiares e creados dos 11 conventos; ás freiras, seculares, educandas e creadas, de trez conventos; aos empregados dos diversos hospitaes; e ainda por cima, ao grande numero de fidalgos, camaristas, porteiros da canna, archeiros, familiares, creados e lacaios da casa real, quando a corte estava em Santarem, parece impossivel caber lá tanta gente!

Periodicos que me consta terem sido publicados em Santarem:

<i>Congresso Litterario</i>	1856
<i>O Scalabitano</i>	1857
<i>Aurora de Santarem</i>	1866
<i>O Alfageme</i>	1871
<i>Aurora do Tejo</i>	1878

O rei D. Manuel, fundou em Santarem uma grande fabrica d'armas.

Termo de Santarem

Tanquinhos, aldeia.

Azinhaga, freguezia, com Misericordia e um hospital, e cinco ermidas — (Espirito Santo, S. José, S. João, S. Sebastião, e Santa Catharina.)

Pombal, freguezia, cuja padroeira é Santa Cruz. (É a actual freguezia de *Pomballinho*, concelho de Santarem.)

Valle de Figueira, freguezia, com um mosteiro de frades arrábidos. (Vide *Valle de Figueira*.)

Alcanhões, freguezia.

Póvoa de Gallegos, freguezia.

S. Vicente do Paúl, freguezia, com as suas aldeias de—*Tojos, Corredoura, Carpinteiros, Martinhaes, Reguengo d'Alviella, e Arressaio*.

Vaqueiros, freguezia.

Castêl, freguezia.

Ribeira de Pernes, freguezia (hoje *Pernes*) com a sua ermida de Santo Antonio, e com as seguintes aldeias—*Outeiro, Chan de Cima* (com uma ermida) *Chan-de Baixo, Póvoa das Mós* (com as suas ermidas, de S. Bento e S. Miguel) *Aldeia da Mouta* (com a sua ermida da Senhora da Conceição) *Malhó* (ao pé da Serra de Santa Martha) *Arneiro das Milhariças* (hoje freguezia) *S. Lourenço* (hoje freguezia) com a sua ermida de S. Lourenço.

Espirito Santo (hoje freguezia) *Ameaes de Baixo*, com a sua ermida de S. Gens, *Louriceira* (hoje freguezia) com as suas ermidas de S. Vicente e Nossa Senhora da Purificação—esta, na Quinta dos Olhos d'agua.

Azêl, freguezia, com as suas aldeias de—*Fonte da Pedra, Cumeeiras, Verdêlho, A do Vagar, e A de D. Fernando*.

Tremez, freguezia.

Santos, aldeia.

Azôia de Cima, freguezia.

Azôia de Baixo, freguezia. (Foi n'esta freguezia, a *Quinta de Valle de Lobos*, que morreu o primoroso escriptor, *Alexandre Herculano*. Vide, *Valle de Lobos*.)

Romeira, freguezia.

Abetureiras, freguezia — com as suas aldeias de *Villa-Nova-da-Babeca, Mouçarrias, Povoado-Baixinho, Vidigan, Soydos, Lamarosa, Joanninho, Albergaria, Póvoa do Conde, Povo de Trez, e Porto da Oliveira*.

Rio-Maior, villa e freguezia, com as suas aldeias de — *Ribeira, Serra, Traz da Serra, e Marinhas.*

São João da Ribeira, freguezia, com as suas aldeias de — *Marmelleira, Malaqueijo, Arouquellas, e Assentiz.*

Almostér, freguezia, com o seu real mosteiro, de freiras bernardas, e com as seguintes aldeias — *Freiria, Atalaya, Alfôbres de Mel, Póvoa, Isenta, Pimenteira, Almedelim, Mata-Quatro, Casal do Paúl, Louriceira, Villa Nova do Couto* (com a sua ermida de Santa Victoria) *Outeiro, Alfinsomel, Valle do Gago, Albergaria* (com a sua ermida de Santa Catharina) *Bom-Palreu, Chuchêm* (com a sua ermida tambem de Santa Catharina) *Casaes da Charneca, Bairro-Falcão* (com a sua ermida de Santo Amaro).

Arrifana, freguezia com as suas 8 ermidas, e as aldeias de — *Alcoentrinho, Villa Nova de São Pedro, Póvoa do Sobral, Moccassa, Fonte-Nova, Carvalho, Foupineira, Ventosa, Calla, Barran, Lapa, Casaes de Alcoentrinho, Outeiro, Carrascal, Torre, Baraçal, e os casaes da Macusso, e Eireira.*

Varzea, freguezia com mais duas aldeias, que são — *Outeiro, e Villa-Gateira.*

Valle, freguezia.

Arruda dos Pisões, freguezia.

Ribeira da Cortiçada, freguezia, com as suas aldeias do *Outeiro, e Correias.*

Vallada, freguezia com a aldeia de *Porto de Muge*, e esta com a sua capella de S. João Baptista.

Pontével, freguezia.

Cartaxo, villa e freguezia, com as suas ermidas do Espirito-Santo, São Pedro, São Gens, e o mosteiro de frades franciscanos, da provincia de Portugal.

—

São do termo de Santarem, ao S. do Tejo: *Valle de Cavallos*, freguezia, (hoje do concelho da Chamusca.)

Alpiça, freguezia (hoje do concelho d'Almeirim.)

Pinheiro, freguezia (hoje chama-se Pinheiro-Grande, e é do concelho da Chamusca.)

Souto, freguezia extincta.

Rapoza, freguezia (hoje do concelho d'Almeirim.)

Santa Martha, freguezia extincta.

Monsão, freguezia extincta.

—

Pertenciam a jurisdicção do cível, e comarca de Santarem, as 14 villas seguintes

Azambuja, Aveiras de Cima, Aveiras de Baixo, Torres-Novas, Gollegan, Alcanêde, Azambujeira, Alcoentre, Almeirim (ao S. do Tejo) *Salvaterra de Magos* (ao S. do Tejo) *Mugem* (ao S. do Tejo) *Montargil* (ao S. do Tejo) *Érra* (ao S. do Tejo) *Lamarosa das Enguias* (ao S. do Tejo).

—

Barca da passagem

Em quanto se não conclue a magestosa ponte sobre o Tejo, traz a camara de Santarem arrendada a barca da passagem, por dois contos de réis annuaes.

A scena dos embarques e desembarques é excessivamente pittoresca. Em dia de grande concorrência, ha quasi sempre desordens sérias, e muita pancada. Os barqueiros raras vezes deixam de apanhar, como supplemento à sua modica remuneração, alguns muros e pauladas, do que elles se vingam, fazendo esperar os passageiros, uma hora e mais, á *torreira do sol*, nos areaes do sul, ou obrigando-os a estarem entre a estação do caminho de ferro e o Tejo, o mesmo tempo á espera que os barqueiros se dignem largar da margem opposta.

—

Museu districtal de Santarem

Foi creado por alvará de 16 de fevereiro de 1876.

A honra da iniciativa d'este estabelecimento, cabe ao então governador civil do districto, o sr. conselheiro, José Ferreira da Cunha e Sousa, natural de Aveiro e hoje aposentado.

Pelo referido alvará, foi creado um *museu archeologico*, e uma *exposição permanente dos productos industriaes* do districto.

No mesmo dia da data do alvará, foi nomeiada uma commissão, que logo no dia seguinte deu principio aos trabalhos de que foi incumbida.

A 17 de março, tinha ella concluido eaprovado o seu regulamento organico, que foi logo sancionado pelo digno governador civil.

As resoluções a que a benemerita commissão chegou, resumem-se no seguinte programma de trabalhos:

1.º) Collecção todos os objectos notaveis pelo valor artistico ou pela incontestavel antiguidade.

2.º) Expor permanentemente os productos de todos os ramos de industria do districto de Santarem, comprehendendo materias primas, suas transformações e processos relativos;

a.) Fazer os conhecidos dentro e fóra do paiz.

b.) Incitar por meio de concurso os industriaes e productores ao aperfeiçoamento d'elles.

c.) Expôr em collecções os productos dos demais districtos do reino, e os dos reinos estrangeiros, obtidos por troca, compra ou outro qualquer meio.

3.) Vigiar pela conservação dos monumentos e objectos d'arte que existirem no districto.

4.) Promover pesquisas archeologicas e realisar-as todas as vezes que possa.

5.) Fazer aquisição de machinas, instrumentos aperfeiçoados, sementes, plantas, modelos, etc., etc., logo que tenha meios pecuniarios.

6.) Mandar fazer estudos sobre diversos productos.

7.) Encarregar-se, mediante certos requisitos, da venda de objectos que qualquer productor ou industrial tiver exposto com aquelle fim.

—

A commissão, para ampliar a esphera da sua acção, resolveu nomear representantes seus, nos conselhos de districto, apesar dos *auxiliares natos* (administradores de concelho e presidentes das camaras municipaes) que o documento constitutivo da sua existencia determina.

Esses membros correspondentes teem a seu cargo:

1.º) Coadjuvar a mesma commissão, em-

pregando os meios ao seu alcance para que os concelhos de districto não deixem de estar representados, nas diversas secções do museu, por collecções de amostras dos productos das industrias que n'elles se exercem, já enviando officialmente as amostras que forem colligindo, já solicitando-as dos productores e industriaes que as remetam, e já fazendo-lhes ver as vantagens que das suas remessas poderão auferir.

2.) Communicar á commissão o apparecimento de qualquer objecto de valor artistico, ou archeologico, e procurar desde logo a sua aquisição para o museu.

3.º) Velar que nos seus respectivos concelhos não sejam damnificados e destruidos os monumentos d'arte que n'elles existam, representando á commissão sobre as providencias que entenderem precisas para a restauração, guarda e conservação dos mesmos monumentos.

4.º) Prestar todos os esclarecimentos que lhe forem pedidos pelos productores.

5.º) Informar sobre todos os objectos e assumptos que forem de interesse para o museu.

6.º) Enviar informações circumstanciadas acerca de qualquer aperfeiçoamento de industria local ou de introdução de nova industria.

7.º) Remetter relatorios e descripções dos monumentos archeologicos e trabalhos artisticos de que tiverem conhecimento e existirem nas respectivas localidades.

8.º) Encarregar-se de promover a organização de collecções para os concursos e exposições temporarias.

Vejamos agora as condições economicas do novo museu.

O magistrado que o creara, providenciou tambem acerca dos meios. A junta geral do districto deu um preclaro testemunho da sua intelligencia e do seu alto patriotismo, votando—a primeira no nosso paiz!—um subsidio annual ao museu:

Em 1876-77 de 486\$300.

Em 1877-78 de 500\$000.

A maior parte d'esta somma, foi absorvida pela restauração da séde definitiva do museu: a veneranda igreja de S. João de Alporão

da antiga ordem militar de S. João do Hospital de Jesusalem (depois: ordem de Malta) monumento que data dos primeiros tempos da monarchia e que ameaçava imminente ruína. Tinham ali estabelecido um miseravel theatro construido em 1849 por concessão provisoria do governo (!!) e que ia dando cabo da igreja, como o theatro de D. Luiz em Coimbra deu cabo (1860) da historica igreja de S. Christovam, de Coimbra, irman, pelo estylo (românico-byzantino) da de Santarem.

O governo remediou o mal com a concessão definitiva da igreja ao museu, a 1 de julho de 1876; dez dias depois a commissão tomava posse do edificio. Procedeu-se a uma restauração piedosa e artistica do monumento, respeitando todas as suas feições characteristics. Os trabalhos começaram a 16 de abril de 1877 e proseguem ainda.

Os trabalhos de restauração emprehendidos no futuro edificio do museu tiveram por fim: 1.º garantir a segurança material do edificio; 2.º restituir-lhe quanto possivel a sua antiga feição architectonica; 3.º adaptal-o convenientemente ao fim a que se destina, sem proceder a sensiveis alterações. Os habeis operarios da localidade, srs. Jeronymo Joré e José da Piedade, pae e filho, deram conta da tarefa, merecendo elogio da parte da commissão. Em resultado d'estes trabalhos, desatterrou-se o portico de entrada até á sua base; nivelou-se o pavimento interno, que, por sua anterior desigualdade de superficie, estava incapaz de servir; lageou-se a maior parte d'esse pavimento. Na capella-mór substituiram algumas peças lavradas, por as pedras antigas estarem damnificadas, e desobstruiram a capella dos sobrepósitos de alvenaria que escondiam e deturpavam as formas organicas da construcção; principiaram-se os concertos das frestas externas que dão luz á dita capella, etc., etc.; as modestas sommas dispendidas chegaram ainda para apparelhar varias peças necessarias em reparos ultteriores.

A commissão propõe ainda as seguintes obras, que demandarão sommas mais consideraveis.

Restauração do portico principal; cons-

trucção da parte arruinada dos olhaes do frontespicio o do arco cruzeiro; substituição dos fragmentos destruidos das cimbalhas; revestimento de algumas partes mais deterioradas das paredes externas, com a competente enxilharia.

Feito isto, pensa a commissão que estarão terminados os reparos; mas, mesmo antes, poderá transferir para ali o museu, sem perigo algum, fazendo as seguintes restaurações:

Rematar as obras do pavimento, da capella-mór e das frestas.

Cobrir exteriormente as abobadas, de modo a evitar a infiltração das aguas pluvias.

Converter o portico lateral em janella, reabrir em frente d'esta uma outra para dar passagem á luz que escasseia.

Guarnecer essas janellas, os olhaes e as frestas de caixilhos de vidro, para obstar á entrada das chuvas, dos animaes, etc.

Concluidos estes trabalhos seria ainda preciso:

Collocar rédes de ferro de resguardo, onde fôr necessario, para proteger os objectos expostos.

Construir os aparadores e estantes para elles.

É evidente que a dotação do museu terá de ser augmentada, logo que elle esteja installado definitivamente, e comece a fazer acquisição por compra. Até hoje os objectos tem sido collocados provisoriamente n'uma sala do paço municipal, cedida pela camara de Santarem, que significou d'este modo o alto apreço em que tem os esforços da commissão e os serviços da junta geral do districto.

Esse pequeno nucleo de museu, devido ao concurso, todo voluntario e patriotico, dos habitantes mais graduados do districto, é já digno de attenção.

Dos objectos adquiridos por diligencia da commissão, mencionaremos os restos de um precioso tumulo existente em uma parede do convento de S. Domingos (ha pouco demolido em Santarem), o qual se suppõe ser de D. João de Lacerda, casado com D. Maria Affonso, filha natural de el-rei D. Diniz; um precioso peitoril de janella, de pedra la-

vrada, do mesmo convento; as curiosas goiteiras da antiga torre da igreja de Marvilla; diferentes braços de armas lavradas em pedra; varios fragmentos de escultura ornamental em pedra; diversos exemplares de azulejos antigos de relevo e lisos; alguns padrões das antigas medidas dos concelhos de Santarem e Alcanêde; apreciaveis fragmentos de ceramica antiga, tijolos, telhas e manilhas, encontradas em antigas construcções, etc.

Dos objectos alcançados por offerta, ha a mencionar: a lapide sepulchral de D. Lopo de Sousa Coutinho, nascido em Santarem e pae do celebre escriptor frei Luiz de Sousa: dadia do ex.^{mo} sr. conego Joaquim Maria de Sousa, que a encontrára n'uma velha parede de sua casa, junto á igreja do Salvador.

Posteriormente o museu adquiriu mais umas curiosas pedras sepulchraes encontradas em 1873 n'um terreno da freguezia das *Olarias* do concelho de Torres Novas, quando o preparavam para cemiterio; uns troços de pedra a que os habitantes da povoação de *Rio Fundeiro* (freguezia de Aguas-Bellas, concelho de Ferreira do Zezere) prestavam culto e denominavam S. Silvestre (como consta de documento authenticico em poder da commissão); e um exemplar da gravura, já rara, a *sopa economica*, doada ao museu pelo padre José Corino Ribeiro, já fallecido.

«Maior seria ainda a importancia d'aquellas antigualhas e mais proficuo resultado houvera já obtido o museu districtal, se lh'o não obstasse a pouca capacidade da casa onde este *provisoriamente* se tem conserva do. É por esta causa que a commissão não pôde ainda adicionar ao *museu archeologico*, além de outras antiguidades que por mandado da competente auctoridade foram guardadas em logar seguro,—os mausoleus da illustre familia d'Ocem (e entre elles o de Martim d'Ocem, conselheiro e chanceller-mór de el-rei D. João I) os quaes sendo removidos do convento de S. Domingos, foram depositados na igreja de Nossa Senhora da Piedade; assim como tambem pelo mesmo motivo, ainda lhe não foi possível—em des-

empenho de um dos seus mais importantes fins—o fazer conhecidos convenientemente pela *exposição permanente*, alguns exemplares de novas machinas, para o que já a fabrica constructora de instrumentos agricolas de Howard de Londres se propoz a concorrer com diversos productos da sua industria.

A digna commissão tambem já encetou praticamente esta segunda parte do seu programma.

A 26 de abril de 1876 expedia uma circular, na qual, fazendo conhecida a sua instituição, fins e utilidade, convidava os productores do mesmo districto a apresentarem ali amostras dos seus productos agricolas e fabris.

Posto que nem todos respondessem, uma grande parte dos convidados accendeu promptamente.

Vinte e trez dias depois, já o museu districtal inaugurava a sua primeira exposição de productos naturaes.

Os srs. administradores dos concelhos de Almeirim, Barquinha, Mação e Thomar, merecem especial elogio pelo auxilio que prestaram á commissão.

Se a ajuda efficaz de todos os interessados continuar, como é natural esperar, podemos contar em poucos annos com um museu que marcará uma era nova na historia das collecções do paiz, dedicadas á instrucção geral.

A benemerita commissão desdobra uma perspectiva que illumina a vista de luz nova e conforta o coração.

«Será assim que na *sociedade archeologica*, não só se poderão reunir as preciosidades artisticas, que se tem accumulado no periodo d'alguns seculos, nos conventos d'Almostér, de Santa Clara, e das Donas de S. Domingos, e que pela suppressão mais ou menos proxima d'esses conventos, é de justiça que se recolham na dita secção — mas tambem se conseguirá juntar na mesma, as demais antiguidades e obras d'arte que existem em abandono por todo o districto, ou que n'elle se descuram com o correr dos tempos.»

«Será assim tambem que pela *exposição permanente* se poderá alcançar, tanto na re-

presentação verdadeira das materias primas creadas no districto, e dos productos devidos ao trabalho dos seus habitantes, como o conhecimento dos novos inventos, ou aperfeiçoamentos introduzidos pela sciencia no campo da industria agricola, ou fabril.»

A commissão diz afinal:

«Se os resultados obtidos, estão por emquanto longe do que ha a esperar-se, como a commissão é a primeira a reconhecer-o, são todavia um auspicioso começo que aconselha a promover o seu proseguimento.»

São mais do que isso, dizemos nós; são um alto exemplo dado a todo o paiz, dado inclusive á capital do reino, que soffreu que o *Museu Fradesso da Silveira* fosse desfeito, vandalisado.

E com tudo, esse homem que nos prestou como commissario¹ regio os maiores serviços em Vienna de Austria (1873) reuniu-o á custa da sua vida, á custa de um improbo trabalho (na Austria, na Belgica, em França) que o levou poucas semanas depois á sepultura; elle chegou a Lisboa com o museu, mas chegou quasi moribundo para se deitar na cama, de onde não se levantou mais.

Abriam o museu no arsenal da marinha e expulsaram-o d'alli, apenas o generoso fundador lechára os olhos, desfazendo-o, dividindo e lançando o resto n'um *bric à-brac*.

E todavia, esse *museu Fradesso da Silveira*, representava, assim como a secção industrial do museu de Santarem, uma ideia eminentemente pratica e fecunda.

Isto não é vergonha; é simplesmente infamia.²

Em face de uma scena d'estas na capital, não havemos de admirar a constancia e a fé de uma pequena cidade da provincia?

«Não desconhece a commissão que para o conseguir se exige, alem do emprego dos

meios já indicados, o dispendio de sommas de algum valor; porem entende a mesma, que uma tal exigencia não deve servir de obstaculo para se continuar um emprehendimento, que ennobrece este districto, um dos mais importantes do reino por sua riqueza e illustração.»

Isto não é enthusiasmo cheio de illusões; é a consciencia da difficuldade bem sentida, bem pezada, e do outro lado a nobre e tenaz coragem de quem quer vencer.

Estes factos que expomos, imparcialmente, sem outro impulso que não seja a nossa profunda sympathia pela ideia tão bem iniciada—porque não temos a honra de conhecer nenhum dos cavalheiros iniciadores¹—estes factos consummados dão ao *Museu Districtal de Santarem* o direito de reclamar todas as reliquias que estão dentro dos limites do districto.

«É de justiça que se recolham na dita secção,» diz a commissão; é de toda a justiça, accrescentaremos nós.

A capital teve ha quatorze annos quem lhe lembrasse o que devia fazer.

O sr. Julio Cesar d'Andrade, propoz então (1865) á direcção da *Sociedade Promotora de Bellas Artes* a organização de uma exposição de bellas artes, applicadas a industria².

«O conselho tomando na devida consideração esta proposta, julgou que ella deveria ser discutida pela assembléa geral, porque até certo ponto modifica o espirito dos nossos estatutos.»

Isto imprimia-se a 18 de agosto de 1865³

Pois a proposta nem sequer foi discutida! Em compensação a Sociedade teve tempo para fazer seis ou sete alterações dos estatutos, que transformaram completamente o character d'ella, como foi, por exemplo, a admissão de artistas estrangeiros á distribuição dos premios da loteria que, segundo o

¹ O imperador d'Austria despediu-se de elle n'uma carta que era acompanhada de uma grão-cruz austriaca.

² Aos que desejarem discutir connosco a respeito do rigor do termo empregado podemos apresentar provas—preto sobre branco—em como elle podia e devia ser mais forte.

¹ O proprio *Relatorio* de que nos servimos foi nos emprestado.

² É portanto ao sr. Andrade que cabe a honra de ter sido, entre nós, o primeiro que acertou no verdadeiro alvo, *Saum cuique*.

³ *Relatorio e contas* da Sociedade Promotora das Bellas Artes em Portugal no anno de 1864-1865.

Lisboa, 1865. Pag. 12.

estatuto primitivo, devia beneficiar exclusivamente artistas do paiz! Que admira que logo depois apparecessem 25 quadros de artistas estrangeiros na exposição¹ da Sociedade, em 1866?

Não é agora a occasião de analysar a influencia que a *Sociedade Promotora de Bellas Artes* exerceu sobre o movimento artistico do paiz, mas desde já affiaçaremos, que o publico se illudiu completamente, a respeito do alcance de similhante instituição, desde o principio, e que os corpos gerentes mesmo não tinham, nem um fim determinado pratico, um programma claro, uma distincção das necessidades locais e do paiz, em geral, em materia d'arte.

Fallamos depois de uma analyse miuda, laboriosa, de dez *Relatorios e contas*, e onze *Catalogos* de exposições; é o que se vê, depois de uma comparação rigorosa das ideias ahí expendidas, a qual nos revelou as contradições mais singulares e a falta de toda e qualquer norma de conducta, nos corpos gerentes que se succederam de 1861 até 1875.

A ideia fecunda está, portanto, em Santarem e não em Lisboa.

Que as outras cidades da provincia imitem o exemplo dado pela sua irman; que Coimbra, Braga, Evora,² Guimarães, e Vizeu, que todas as cidades eminentemente historicas sigam o mesmo caminho; é o que sinceramente desejamos.

Então e só então, depois de terem feito fallar os factos consummados, depois dos municipios terem creado e dotado convenientemente os seus museus districtaes, então e só então, repetimos, terão um argumento irrespondivel para reclamar a posse dos objectos que a força de lei secular fôr arrancando ás trevas dos conventos, onde nos consta andarem já aves de rapina, fazendo gordas prézas.

¹ Sociedade Promotora das Bellas Artes. Catalogo da *Quinta exposição*.

Lisboa, 1866, 8°

² Em Evora existe o *Museu Cenaculo*, de archeologia, devido á iniciativa do sr. A. F. Simões, mas hoje pouco n'nos que abandonado (v. o *Relatorio* de 1869.)

Para acabar condignamente esta noticia, inscrevemos no fim os nomes dos cavalheiros que formam a commissão organisadora do museu districtal de Santarem. O seu maior elogio é a sua obra.

Fundador—O sr. conselheiro José Ferreira da Cunha e Sousa.

Vice-presidente—Visconde de Atouguia.

Thesoureiro—Silverio Alves da Cunha.

Vogaes—Jacintho d'Almeida de Sousa Falcão, Antonio Lourenço da Silveira, João Peixoto da Silva, João Fagundo da Silva, Francisco José do Nascimento Moura, Alexandre Marques Sampaio, José Xavier da Silva.

Secretario (relator)—João Manuel de Carvalho.

Joaquim de Vasconcellos.

(Extrahido da *Actualidade*, de 14 de março de 1879.)

Santarem, é, indisputavelmente, uma das mais antigas e nobres povoações da Lusitania.

Quando a fundação e a historia de uma cidade, se perde na noite dos tempos, está sempre envolvida em fabulas e maravilhas, mais ou menos inverosimeis, e Santarem não podia ser a excepção d'esta regra geral; e o individuo que tiver de escrever a sua historia, hade forçosamente vêr-se na necessidade de seguir os livros antigos, e dar á povoação a origem que elles lhe deram, por mais inacreditaveis que ella lhe pareça.

Muitos escriptores teem tratado de Santarem, distinguindo-se entre elles, o padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos, natural d'esta cidade, e conego secular de S. João Evangelista (loyo) com a sua *Historia de Santarem edificada*, em dois grossos volumes, publicados em 1740.

De todos os livros que consultei, que foi um grande numero, extrahi o que se segue.

Entendi que, para maior clareza, e mais facil comprehensão do leitor, era mais curial descrever os factos principaes, pela ordem das datas. É o que faço.

HISTORIA CHRONOLOGICA DE SANTAREM

Annos antes de Jesus Christo

1372 (anno 2632 do mundo.)

Bacho, filho de Semele, á frente de uma numerosa legião de gregos, entra na Lusitania, pouco depois do fallecimento de *Sic-Ulo*, filho de *Luso*, e que, segundo varios auctores, foi o XX e ultimo rei indigena.

Não entrou em *som de guerra*; tratou leal e generosamente os lusitanos, que acceitaram para seu rei, o grego *Lysias*.

A este, seguiu-se *Lycinio-Caco*, e a este *Gergoris*, ou *Gorgoris*, filho de *Palatuo*.¹

Diz-se que *Gergoris*, foi co-nominado, o *Melicola*, por ser o primeiro que soube extrahir o mel, dos favos das abelhas. Seria.

Segundo Manuel de Faria e Sousa (*Epitome das historias*, pag. 15.) *Gergores* (a que elle dá o nome de *Gorgoris*) reinou 77 annos na Lusitania.

1215 (anno 2789 do mundo) e no reinado de *Gergoris*, *Ulysses*, rei de Itaca,² entrou no Tejo, com alguns navios, guarnecidos de tropas gregas, que andavam divagando (pirateando) pelos mares Mediterraneo e Atlantico, depois da tomada e destruição de Troia.

Gergoris, com um numeroso exercito de lusitanos, se dirige a Lisboa, para atacar *Ulysses*, mas este astucioso grego, em vez de tentar uma resistencia que lhe seria fatal, em vista da inferioridade numerica dos seus soldados, propoz a paz aos lusitanos, dando ao seu rei, muitos e valiosos presentes; pelo que *Gergoris* se tornou seu verda-

deiro amigo, deixando-o o pacifico senhor de Lisboa e do seu districto.

Ulysses, fundou um sumptuoso templo a *Minerva*, mandou erguer e reforçar os muros de circumvalação, construir fortissimas torres, e outros edificios, no proposito de fixar a sua residencia em Lisboa. Mudou o nome da cidade, que era *Elisa*, para *Ulyssea*.

Hoje, muitos escriptores de boa nota, negam obstinadamente a vinda do marido de *Penélope*, á Lusitania; porém, todos os escriptores antigos o affirmam. Todavia, o nome de *Elisa* (que se pronunciava *Elissa*) é tão parecido com *Ulyssea*, que a gente fica em duvida com respeito a esta *chrisma*.

Em factos de tão grande antiguidade, havemos de resignar-nos a escrever o que dizem os antigos, visto não termos provas em contrario.

Segundo o auctor da *Historia de Santarem edificada*, *Ulysses* seduziu *Calipso*, filha de *Gergoris*, e d'esta união nasceu *ABIDIS*, ou *Abidos*.

Gergoris, furioso contra *Ulysses*, o foi atacar a *Ulyssea*, mas o grego não esperou os lusitanos, e, embarcando com a maior parte dos seus, fugiu para o *Levante* (mar Jonico) e nunca mais cá tornou.

Calipso ficou em *Ulyssea* com o resto dos gregos. *Gergoris* os atacou e venceu; e, agarrando *ABIDIS*, o mandou lançar a uma caverna que havia entre penhascos, para ser devorado pelas fêrãs. Depois, mudando de parecer, mandou metter o menino em uma cesta e deital-o ao Tejo.

A maré, trouxe-o pelo rio acima, até umas brenhas que serviam de covil a uma cêrva, e esta amamentou a creança.

Diz-se que *ABIDIS* foi creado em um sitio escabroso, entre *Alcáçovas* e o *Pereiro* (Santarem.)

Alguns dizem que não foi uma cêrva, mas uma lóba que o creou.

¹ *Gergoris*, na antiga lingua peninsular, significa braza ou *chamma*.

² Pequena ilha do mar Jonico, hoje chamada *Val di Compari*. (Vide no 6.º vol., pag. 123.)

Segundo outros, ha aqui um anachronismo de 31 annos, ou então *Ulysses* andou todo este tempo *pirateando* por esses mares; porque a guerra de Troia terminou no anno do mundo 2820—431 antes da fundação de Roma, e 1184 antes do Nascimento de Jesus Christo.

O que nenhum escriptor nos diz (que eu saiba) é como o pequeno se arranjava no inverno, ou se a cérvia (ou a lóba) o vestia...

Cresceu o joven príncipe, e se foi creando por aquelles desertos, dormindo nas suas cavernas, e fugindo dos caçadores (única gente que por alli apparecia.)

Um dia, porém, pôde ser apanhado e o levaram, como uma raridade, á presença de Calipso, que, por certos signaes que o menino tinha, o reconheceu pelo filho que lhe havia sido roubado, e o conservou junto de si.

Faria e Sousa, na obra já citada (parte 1.^a, cap. 2.^o, pag. 15) conta isto com algumas variantes: diz elle (tradução):

Os gregos, abusando da generosidade dos lusitanos, corriam os seus mares pirateando, pelo que, os lusitanos lhes fizeram guerra, expulsando-os quasi todos.

(Parece-me que isto tem mais geito.)

Ao mesmo tempo que Ulysses fugia pela foz do Tejo, entrava pela do Minho, Diomedes, rei de Etholia (outro grego que tambem regressava da guerra de Troya) e fundou Tide, ou Tude) do nome de seu pae (ou de seu filho, Tideo), que é a actual cidade gallega de Tuy, em frente da nossa praça de Vallença. (Vide 7.^o vol., pag. 271, col. 2.^a)

Tornemos a Gergoris, segundo Faria e Sousa.

«*Uma hija suya (de Gergoris) se hizo preñada de un galan que seguia sus amores (de su propio padre, dize algun autor) porque luego que nació un niño deste parto, etc.*»

Faria e Sousa, conta a mesma historia da gruta, e da cêsta —que chegou—

«*junto á la villa de Santarem y fue hallado en la playa, adonde una cierva le dio leche, y con esta piedad, nombro al lugar, que le llamo del propio niño, llamado Abidis, llamandose Escalabis, casi esca Abidis.*»

«*De la madre silvestre heredó la ligereza con que vagava por aquellos montes, com admiracion de los caçadores, quando, encontrandole, advertian que era hombre en la fôrma, y en las acciones fiera.*»

Tendo Gergoris noticia de tão estranho caso, sem imaginar que o menino selvagem podia ser seu neto, mandou que lhe armassem laços, e, caçando-o, o trouxeram ao rei, que, por *notorias señales, vino á conocerlo.*

Tomou grande afeição ao menino, e o domesticou, dando-lheaios e mestres que o tornaram illustre em varias artes.

Fundou Abides a cidade de Astigi, que passados tempos se chamou Ezija; e a de Asturica (á qual deu este nome por estar na margem do rio Astura, confluyente do Douro) e é hoje Astôrga.

Até aqui, Faria e Sousa.

Gergoris, não tendo outra filha, reconheceu Abidis, por seu successor, e este chegou a ser um grande rei, governando toda a Península.

No meio das suas grandezas e sumptuosidades, nunca se esqueceu das brenhas incultas onde passou os primeiros annos da sua infancia, e decidiu fazer d'aquelles covis de fêras, uma cidade magnífica, e capital do seu reino.

Mandou pois construir uma formosa povoação, que cercou de muros com suas torres, e lhe deu o nome de Escalabis, que significa sustento ou manjar, de Abidis.

Princípios esta fundação, no anno do mundo 2863, 1141 annos antes de Jesus Christo.

Foi Abidis, um rei sábio, amou a justiça, era liberal, e por isso foi amado dos seus povos.

Tão intelligente para os negocios, como bravo na guerra, venceu muitas batalhas contra os seus inimigos.

Foi 26.^o rei de todas as Hespanhas, por successão continuada desde Tubal. Reinou 35 annos.

Eis, segundo a lenda, a origem da cidade de Santarem, nobilissima pela sua muita antiguidade (qualquer que ella seja) pelos seus venerandos monumentos, e pelos factos importantissimos da nossa historia, que tiveram lugar aqui, desde que ha documentos escriptos.

Mesmo a fabula que envolve a sua remo-

tíssima origem, é uma prova da mais incontestável antiguidade.

Morto Abidis, esteve a Lusitania quasi despovoada e sem rei, por espaço de 146 annos, em razão da sécca que principiou no anno 3009 do mundo.

(A *Historia de Santarem* diz que o interregno foi de 447 annos, mas de certo é erro typographico.)

995—da criação do mundo, 3009.

Uma sécca de vinte e seis annos esterilizou o solo das Hespanhas, e muitas familias se viram obrigadas a emigrar para paizes estrangeiros.

Quando terminou a calamidade, os lusitanos regressaram á sua patria, trazendo comsigo um grande numero de gallos-celtas, que augmentaram muito a população.

A fama da fertilidade e salubridade do nosso clima, atrahiu outros povos das Gallias, e atraz d'elles gregos e chaldeus; mas Santarem esteve sempre possuida pelos lusitanos.

954—da criação do mundo, 3050.

Chegada dos phenicios á Península—Santarem conserva-se em poder dos seus naturaes.

592—da criação do mundo, 3412.

Os carthaginezes invadiram o litoral da Lusitania, tratando bem os seus povos, e Santarem continúa sendo dos descendentes dos seus fundadores.

Terminam os tempos *pre-historicos*.

308—da criação do mundo 3696.

Os celtas apossam-se de Santarem, mas sem guerra, e ligam-se por casamentos com os lusitanos.

230—da criação do mundo 3774.

Época do famoso *Viriato*, o antigo, que se suppõe ser de *Eborobriga*, hoje Extramadura portugueza. (Para evitarmos repetições, vide *Alfeigirão*, e *Eburobriga*.)

212—da criação do mundo 3792.

Os romanos na Peninsula Iberica.

200—da criação do mundo 3804.

O senado romano, divide a nossa Península em duas provincias—*Citerior*, desde a direita do Ebro até aos Pyreneus—*Uterior*, desde a esquerda do Ebro até ao mar.

153—da criação do mundo 3851.

Época do famosissimo *Viriato*, o *hermínio*.

Vide *Póvoa-Velha*.

Até este tempo, Santarem conservou o seu primitivo nome de *Escalabis*.

84—da criação do mundo 3920.

Época do grande Sertorio. Vide *Evora*.

63—da criação do mundo 3941.

Os romanos tornam-se finalmente senhores da Lusitania, depois de uma guerra de 149 annos!

Foi n'este anno que Julio Cesar, veio por questor de Tuberon, para a Lusitania, que alagou em sangue dos seus naturaes, e só quando não existiam senão velhos, mulheres e creanças, é que se julgou seguro o dominio dos romanos.

49—da criação do mundo, 3955.

Julio Cesar, em guerra com os filhos de Pompeu, que se tinham feito fortes na Lusitania, recebeu entrar n'este paiz, lembrando-se das crueldades que n'elle tinha praticado como questor; mas era homem de bom senso, e sobremaneira astucioso, pelo que, para atrahir os lusitanos ao seu partido, fez com elles uma paz honrosa, em Beja—que, por isso, se ficou chamando *Paz-Julia*.

D'aqui marchou para Evora, á qual honrou com o titulo de *município do antigo direito latino*. Esta cidade, em reconhecimento d'este beneficio, tomou o nome de *Liberaltos Julia*.

Os romanos, tinham edificado, ou o que é mais provavel, reconstruido as velhas fortificações de Santarem, pondo-lhe o nome de *Scalabi-Castro*, e dando-lhe os privilegios de *colonia romana*, e depois, constituindo-a *município do antigo direito latino*.

Julio Cesar elevou Santarem a séde de um dos quatro *conventos juridicos* em que foi dividida a Lusitania, e abrangendo esta, todo o territorio das actuaes provincias das duas Beiras, Extremadura, e ainda parte da Extremadura hespanhola.

Os santarenos, reconhecidos, lhe edificaram um templo famoso, que veio a ser mesquita de mouros, e que depois os christãos purificaram, e D. Affonso Henriques deu aos templarios. É a egreja de S. João d'Alporão.

Tinha este templo romano uma varanda, da qual se leu ao povo o celebre edicto de Augusto—*ut adscriberetur universus orbis*—quando nasceu Jesus Christo.

A camara mandou demolir esta varanda, em 1799. (Já então havia vereadores *muito illustrados*!) ¹

Os romanos construíram magestosos edificios e uma sumptuosissima ponte de cantaria, sobre o Tejo, em frente de Santarem, na via militar que de Lisboa hia a Merida, então capital da Lusitania.

Foi então que Santarem atingiu o supremo gráu de importancia e grandeza, tornando-se uma das trez cidades principaes da Lusitania (Lisboa, Braga e Santarem.)

42—da creação do mundo, 3962.

Época do famoso *Octavio Augusto*, um dos melhores imperadores romanos. Repartiu a Lusitania em quatro chancellarias, que foram, *Merida, Beja, Braga, e Santarem*. Estas cidades lhe erigiram magnificas estatuas.

Estas chancellarias procederam, por ordem de Augusto, ao recenseamento da população da Lusitania, e consta que deu em resultado, quasi seis MILHÕES (!) de chefes de fami-

¹ D. Maria I, era esperada em Santarem, e para que o coche real podesse passar á larga, pela rua contigua ao edificio, é que a camara praticou este vandalismo estúpido.

D'esta varanda, que era uma especie de pulpito, é que se publicavam ao povo, todos os editos provenientes de Roma, ou dos consules, pretores e perfeitos das provincias conquistadas; e parece que, depois, os árabes tambem d'aqui *apregoavam gazua* (chamavam os seus á guerra.)

lia, ou perto de VINTE E QUATRO MILHÕES de almas!

Parece isto inacreditavel, e talvez que haja *cifra de mais*; mas, devemos notar que durante o dominio dos romanos, grande numero de italianos, e outros povos, se vieram estabelecer na Lusitania.

Quatrocentos cincoenta e oito annos durou a dominação romana na Peninsula, e, devemos confessar que—se esta sujeição custou rios de sangue aos lusitanos, e tambem não pouco aos romanos, estes, senhores pacificos do paiz, o elevaram a um grau supremo de prosperidade, e transformaram os semi selvagens lusitanos, em homens civilizados.

Ainda hoje admiramos grande numero de monumentos que, desafiando o longo correr dos seculos, existem de pé, attestando a magnificencia e sollicitude dos dominadores.

Estamos chegados ao anno do mundo 4004, 753 da fundação de Roma, que foi no anno 3251 do mundo.

Annos de Jesus Christo

1—Imperava Octavio Augusto, e reinava uma paz universal, ¹ e eram pretores na Lusitania, *Quadrato, e Tito Flavio Claudiano*.

É o anno 1.º do nascimento do REDEMPTOR.

14—Morte de Augusto, succedendo-lhe Tiberio. Para proconsul da Lusitania veio *Vibio Sereno*.

41—Suppõe-se que n'este anno foi, pela primeira vez, prégado o Evangelho na Lusitania, pelo apostolo, S. Thiago-Maior.

Imperava o ferocissimo *Néro*, que foi um cruel perseguidor dos christãos; mas os da Lusitania foram tratados com menos crueldade, porque tinham por pro-consul, o humano *Otho Silvio*.

74—Imperio de Vespasiano, que muitos

¹ Ainda hoje, quando qu-remos significar uma longa paz, dizemos—*uma paz octaviana*.

benefícios fez á Lusitania, construindo obras magnificas, soberbas pontes, e optimas estradas.

Succede-lhe seu filho Tito Vespasiano, e veio para questor da Lusitania, o grande escriptor *Plinio*.

Foi então a Lusitania dividida em trez comarcas, *Lérída, Beja e Santarem*.

Já então havia na Lusitania grande numero de *municipios romanos*, muitas *colonias*, e uma numerosissima população.

114—Época do immortal *Traiano* (hespanhol, natural da Cidade de Córdova) que grandes benefícios fez á Lusitania.

162—Succedeu-lhe *Adriano*, que tambem favoreceu a Lusitania.

Aestesuccedeu *Antonino Pio*. D'este imperador só consta que fez (ou mandou fazer) o celebre *Itinerario* do seu nome.

Passemos em claro um espaço de 144 annos, no qual, por muitas vezes o sangue dos martyres alagou o sólo da patria, como se tem lido em muitas partes d'esta obra; e chegemos ao tempo feliz do primeiro imperador christão, (306) *Constantino Magno*, filho de *Santa Helena*, que deu a paz á Igreja Catholica.

277 (18 de março)—S. Narciso, martyr, natural de Santarem.

(Vide *Santos portuguezes*.)

392—Roma contou este anno, no numero dos seus imperadores, um dos mais notaveis pelas suas virtudes e illustração: foi *Theodosio o Grande*, lusitano, natural da cidade de *Cauca*, situada entre Braga e Vallença. (Vide *Cauca*, e *Cossonrado*, do concelho de Coura)

Depois da morte de Theodosio o Grande, o imperio romano foi dividido em dois—*Oriental*, e *Occidental*. Foi o principio da decadencia d'este vasto imperio, que já então contava 1145 annos.

Invasão dos povos do norte

Em 395, hordas innumeraveis de povos do Norte, invadiram as Gallias—hoje França—onde ficaram os *ostrogodos*.

Os *wissigodos*, *wandalos*, *suevos*, *alanos*, *selingos*, e outros barbaros, vindos das selvas e montanhas da Gothia, Suecia, Norwe-

ga e Germania, passaram os Pyreneus, invadindo a nossa Peninsula, e assolando e destruindo, a ferro e fogo, tudo quanto acharam na sua passagem devastadora.

Chegaram á Lusitania, em 403. Os primeiros annos do seu dominio, foi uma verdadeira época de terror! Além dos lusitanos que morreram ás mãos d'estes ferozes invasores, tambem por esse tempo houve uma terrivel fome, á qual succedeu uma peste exterminadora, que causou a morte a muitos milhares (alguns dizem *milhões*) de pessoas, das nossas provincias.

Nas partilhas que entre si fizeram os barbaros, pertenceu aos alanos esta parte da Lusitania.

Os alanos e suevos, debalde tentaram tomar Santarem, cujo povo lhes oppôz sempre a mais tenaz resistencia, e só foi conquistada em 418.

Seuhores da cidade, os barbaros arrazaram quasi tudo quanto lhe podesse recordar o dominio dos romanos, e foi então que os seus mais nobres e sumptuosos edificios deixaram de existir.

Até o seu nome romano foi proscripto, restituindo-lhe o antigo de *Escalabis*.

A amenidade do clima, a fertilidade do sólo, e os costumes patriarchaes dos lusitanos, foram pouco a pouco domesticando os barbaros, de maneira que, pelos annos de 414, já o seu dominio era preferido ao dos romanos.

Quando o rei godo Eurico veio á Lusitania, pelos annos 500, já os barbaros e os aborigenes formavam um só povo.

Estes invasores eram, pela maior parte, hereges, arianos, e o resto idólatras.

No principio da sua occupação, destruíram indistinctamente todos os templos, quer fossem catholicos, quer romanos; mas, com o tempo, se foram convertendo ao catholicismo; até que, em 558, foi feito rei dos suevos, Theodomiro, que, sendo ariano, se converteu ao christianismo catholico, em 564.

Em 585, Leovigildo, rei dos godos da Gallia Narbonense, usurpou o throno de Eburico, filho de Ariamiro, rei da Lusitania e da Galliza, e ficou senhor de toda a Peninsula.

Para seu maior descanço, fez cortar o cabello a Eburico, obrigando-o a ser monge do mosteiro de Dume, no Minho; e a mesma sorte teve Endeca, o qual, como Eburico, era creança quando falleceu Ariamiro, que lhe havia usurpado os seus estados, que Leovigildo lhe tirou em proveito proprio.

Leovigildo, era ariano, e foi um feroz perseguidor dos catholicos, principalmente dos bispos, e dos principaes varões, notaveis em letras e virtudes.

Em 586, falleceu Leovigildo, e lhe succedeu seu filho; *Flavio Ricaredo*, que, convertido por seu irmão, Santo Hermenegildo, abjurou o arianismo, e em poucos annos deixou de existir esta seita.

—
631 — (6 de maio) S. João Godo, natural de Santarem. Vide Santos Portuguezes.

—
Foi no 2.º quartel do seculo VII (631 ou 632 de J. C.) que em Nabancia (hoje Thomar) teve logar o martyrio de *Santa Iria*, ou *Irêne*, ou *Eréa*. Era filha de Ermigio, e Eugenia, e sobrinha do abbade, Célio. Seu assassino, foi Tribaldo (ou Theobaldo) filho de Castinaldo e Cácia.

Segundo a lenda, o corpo da Santa Virgem, sendo lançado ao rio Nabão, este o lançou no Zêzere, e este no Tejo, onde os anjos lhe construíram um bello sepulchro, no meio do rio, em frente de Santarem, cuja povoação tomou, pouco depois, o nome de *Santa Irêne*, que se corrompeu no actual.

Onde existiu o tumulto da Santa, mandou depois a rainha Santa Izabel, mulher de D. Dioiz, erigir um padrão, que ainda existe.

653—O rei godo *Receswintho*, que era catholico, tomou aos alanos a cidade de Santarem, e lhe mudou então o nome para *Santa Irêne*, que facilmente se corrompeu no actual. Vide a 2.ª *Iria* (Santa) *Nabancia*, e *Ribeira de Santarem*.

—
Novo periodo de calamidades esperava esta povoação!

Destruído o exercito dos gódos, em 713, na desastrosa batalha de Guadalete, e morto; ou perdido o seu rei (vide *Pederneira*) pelo exercito mouro-africano de Tarif-Aben-Zarca, ajudado pelos traidores, conde Julião, e seu irmão o bispo Ópas, deixou de existir o imperio dos gódos, succedendo-lhe a terrível dominação dos árabes, que lhe chamaram *Chantaran* ou *Chantireyn*.

Estes, tomaram de assalto a cidade de Santarem, em 715, assassinando ou captivando os seus moradores.

Trinta e oito annos estiveram os mouros senhores de Santarem.

Pela morte de D. Affonso, o Catholico, rei de Oviêdo, lhe succedeu seu filho, D. Frue-la I, illustre guerreiro, que logo no principio do seu reinado, ganhou na Galliza grandes victorias sobre os árabes, commandados por Omar, filho de Abd-el-Rahman, kalifa de Córdova; e entrando na Lusitania, derrotou Ali-Aben-Tarif, resgatando (753) toda a Extremadura (a nossa) e o Algarve.

Em 760, Abd el-Rahman, tornou a conquistar Lisboa, Evora, Beja, Santarem, todo o Alemtejo, e o reino do Algarve.

Foi por este tempo, que Aben-Cri, senhor de Santarem, reconstruiu e ampliou as fortificações romanas d'esta praça.

Por morte do rei D. Affonso, o Casto, lhe succedeu D. Ramiro I, filho de D. Bermudo I. O novo rei, foi um militar distincto, e, depois de dominar a rebelião do conde Nepociano, nas Asturias, e derrotar os normandos, na Galliza, foi o seu reino invadido pelos mouros, porque o rei se tinha negado a pagar-lhes o infame tributo das *cem donzelas*. (Vide vol. 3.º, pag. 193, col. 2.ª) D. Ramiro ataca os mouros (824) obrigando Al-Hamar, rei mouro de Coimbra, a fazer-se tributario dos christãos; e tomando-lhes Santarem, e outras povoações da nossa Extremadura.

Vinte e seis annos depois (850) tornou Santarem a cahir em poder dos mouros, commandados por Mahomet, rei de Córdova, e a dominaram por espaço de *cem annos*, até que, D. Ordonho III, filho de D. Ramiro II, lh'a tomou, em 950.

1067—D. Fernando o Magno, por sua mor-

te, dividiu as Hespanhas pelos seus trez filhos—A *D. Sancho*, deu a Castella—a *D. Affonso*, Leão—e a *D. Garcia*, Portugal e Galliza.

Esta divisão não agradou aos dous primeiros, que qualquer d'elles queria para si sómente, o imperio das Hespanhas.

D. Garcia, tinha um valido, chamado *Verna*, que o fez commetter algumas crueldades, o que causou o descontentamento dos principaes senhores portuguezes e gallegos.

O conde, *D. Rodrigo Dias*, assassina *Verna*, mesmo na presença do rei, no paço de Coimbra.

D. Sancho e *D. Affonso*, irmãos de *D. Garcia*, mandam contra elle os condes castelhanos, *D. Nuno de Lára*, e *D. Garcia de Ca-bras*.

O conde *D. Rodrigo Dias*, e seus irmãos, *D. Pedro* e *D. Vermuiz*, portuguezes, derrotam os castelhanos (1070) na famosa batalha d'*Agua de Maías*, e os obrigam a retirar para Castella.

1071—*D. Sancho*, reúne um grande exercito e vem sobre Coimbra.

D. Garcia foge para Santarem, porém ahi o foi atacar *D. Sancho*, e depois de uma sanguinolenta batalha, este ficou prisioneiro, mas, podendo fugir, continuou a batalha. N'este comenos, chega ao campo castelhano, *D. Ruy Dias de Bivar* (o *Cid*) famoso guerreiro d'aquelle tempo, com um grande reforço de tropas, e a victoria pendeu para os castelhanos.

D. Garcia ficou prisioneiro, e seu irmão, depois de lhe mandar arrancar os olhos (!) o mandou encerrar em uma prisão do *Castillo de Luna*, villa do reino de Leão, e que hoje é a nossa villa de *Alfaiates*, no Ribacôa. (Vide *Alfaiates* e *Sabugal*.)

N'esta prisão terminou seus dias o infeliz principe.

D. Sancho ficou então (1071) rei de Portugal, Castella e Galliza.

Pouco tempo porem durou a usurpação de *D. Sancho*, porque logo em 1072, estando a cercar sua irman, *D. Urraca*, em Zamora (a qual tambem queria usurpar a herança paterna) foi morto, em um dos ataques que deu á cidade.

Seu irmão *D. Affonso VI*, ficou unico senhor de Portugal, Castella, Leão e Galliza, tomando o titulo de imperador.

Emquanto durou esta guerra fratricida, os mouros tornaram a apossar-se de Santarem.

1093—(21 d'abril) *D. Affonso VI*, expulsa os mouros de Santarem; e antes e depois, de outras povoações da Extremadura portugueza.

Foi n'este anno que elle, resgatando do poder dos mouros varias povoações em redor de Santarem, até *Almourol*, *Céra* e *Zêzere*, lhes arrazou todos os seus castellos e muralhas; o que só d'ahi a quasi um seculo foi reconstruido pelo famoso *D. Gualdim Paes*, mestre do Templo.

N'este mesmo anno de 1093, deu *D. Affonso VI*, o reino de Portugal, e tudo quanto se podesse resgatar do poder dos mouros, até á margem direita do Guadiana, a sua filha, *D. Thereza* e marido, o conde *D. Henrique*.

1095—(13 de novembro) 1.º foral de Santarem, dado pelo conde *D. Henrique* e sua mulher.

Suppõe-se que n'este anno, os templarios principiaram a fundação da igreja de Santa Maria d'Alcáçova, ou, pelo menos, n'estes 16 annos em que os portuguezes estiveram de posse de Santarem.

Dizem outros que já no local havia um templo romano, que os arabes converteram em mesquita, e que os cavalleiros do Templo demoliram, para com os seus materiaes edificarem a nova igreja catholica. Vide o anno 1154.

1110—Cyro, rei arabe, poz a Santarem um apertado cerco, e, depois de uma defeza heroica, a praça rendeu-se pela falta de mantimentos.

1147—(8 de maio) *D. Affonso Henriques*, toma aos mouros, por surpresa, a formidavel praça de Santarem.

Teem havido duvidas sobre a data (o dia) da tomada de Santarem por *D. Affonso I*.

Dizem uns, sem sombra de fundamento plausivel, que foi a 15 de março. Outros, susten-

tam que foi a 29 de setembro. Estes fundam-se em que a praça foi tomada em dia de S. Miguel. Os antigos escriptores, pela falta de explicação, deram causa a este anachronismo. Santarem foi então tomada no dia da Apparição de S. Miguel, que é a 8 de maio, como todos sabem.

Ha TODA A CERTEZA de que este feito militar, occorreu a 8 de maio.

1.º—Porque, por muitos seculos, no dia oito de maio, hia o senado da camara, com uma procissão, á ermida de S. Miguel (fundada na Alcáçova, por D. Affonso I) dar graças pela milagrosa tomada de Santarem.

2.º—Porque no frontispicio da mesma ermida, se collocou uma estatua de D. Affonso Henriques, toscamente cinzelada, e feita no reinado do mesmo soberano, em cujo pedestal se gravou a seguinte inscripção:

EL-REI DOM AFFONSO HENRIQUES
QUE ESTA TERRA TOMOU AOS MOUROS
EM DIA DE S. MIGUEL
OITO DE MAIO DE 1147

3.º—Porque se sabe que D. Affonso I partiu de Coimbra em uma 2.ª feira, 3 de maio (de 1147) e foi dormir á povoação de Alfafar.

Na 3.ª feira, 4—dormiu em Dornellas.

Na 4.ª feira, 5—em Aldeia das Pêgas.

Na 5.ª feira, 6—na serra de Albardos. (Vide esta palavra e Alcobaga.)

Na 6.ª feira, 7—foi ter á matta de Pernes, onde esteve

até á noite, marchando então para os oliveas de Santarem.

Pelas 2 horas da manhã de sabbado, 8.º, atacou e tomou Santarem.

4.º—Todos sabem que D. Affonso I, vendo que os mouros estavam aterrados com a perda inesperada da formidavel praça de Santarem, tida por inconquistavel, não os deixou tornar a si do susto, e marchou sobre Lisboa, que tomou a 25 de outubro do mesmo anno, depois de um assedio de cinco mezes, que é exactamente o tempo que vae de maio a outubro.

Vide *Memorias historicas da insigne collegiada de Santa Maria d'Alcáçova, de Santarem*, por Luiz Duarte Villela da Silva—Lisboa, 1817.

Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (*Elucidario*), tomo 2.º, pag. 235, col. 2.ª da 2.ª edição) diz—como se fosse cousa incontestada, que D. Affonso I tomou Santarem, a 15 de março de 1147.

Julgo que a razão porque fixa esta data com tanta certeza, é fundar-se em uma doação (em latim) que o rei fez aos templarios de *omni Ecclesiastico Sanctae Herenae, etc.* — *Facta Karta mense Aprilis.*

E. M. C. L. XXX. V.—que vem a ser o anno de J. C. 1147. Mas, todos sabem que em abril d'este anno estava o rei em Coimbra, e alli se conservou até 3 de maio, como claramente vemos em Duarte Nunes de Leão (*Chron. do rei D. Affonso Henriques*, fl. 39.)

(É este acreditado escriptor que menciona o itinerario de D. Affonso I, desde Coimbra até Santarem e que affirma ter esta praça cahido em po-

der do rei portuguez, a 8 de maio de 1147.)

A *karta* de que acima fallei, pôde ser apocripa; pôde estar alterada na data, por erro de cópia; e pôde facilmente ser que o *Sanctae Herenae* se refira ao castello de Céras, junto ao *Nabão* e á cidade de Nabantia, patria e logar do martyrio de Santa Irene.

Na minha humilde opinião, semelhante *carta*, pelas razões apontadas, nada prova contra a geral opinião de que Santarem foi conquistada a 8 de maio, e não em outro qualquer dia.

Os que desejarem mais amplas informações com respeito a este ponto, vejam a *Historia de Santarem edificada*, do padre Ignacio da Piedade Vasconcellos, tomo 2.º, pag. 30 e seguintes.

Foi para commemorar esta victoria, que o rei fundou a ermita de S. Miguel, archanjo, da qual adiante fallarei.

Deve ficar em memoria, tudo o que precedeu a este feito d'armas, um dos mais audazes e gloriosos d'aquelle tempo. Eis pois, em poucas palavras, a historia da tomada de Santarem, por D. Affonso I.

Resgatada definitivamente Leiria do poder agareno, em 1145, ¹ ainda os mouros, possuíam na Extremadura portugueza, as duas fortissimas praças de Santarem e Lisboa, alem d'outras menos importantes.

Os mouros de Santarem, faziam repetidas entradas nas terras dos christãos, roubando-as, e fazendo captivos.

O animo guerreiro e impetuoso do rei,

¹ D. Affonso I tinha tomado Leiria, aos mouros, em 1135; porém, Ismario, aproveitando-se da ausencia do rei portuguez, que andava em guerra com o de Leão, invade a Extremadura portugueza, e retoma Leiria, em 1140.

exasperava-se com estas desgraças, e, apesar das poucas forças de que podia dispôr, para empreza tão arrojada, reúne, em Coimbra, os do seu conselho, e propõe-lhes a tentativa de arrancar Santarem do poder dos arabes. Os conselheiros, e os mais intrepidos militares, aterrados com a grandeza do commitmentto, lhe observaram que—eram poucos para combater tão grande numero de inimigos, não só abrigados por formidaveis obras de defeza, como protegidos pelo poderoso rei de Sevilha (do qual era a praça de Santarem) e dos outros chefes mouros da parte occidental da Extremadura, do Algarve, e da Hespanha.

Eram verdades tão geralmente conhecidas, que D. Affonso fingiu-se vencido, e pareceu dar de mão á empreza, e deixou passar alguns dias sem fallar mais em semelhante assumpto.

Entre os seus guerreiros, havia um que o rei muito estimava, não só por ser neto do grande D. Egas Moniz, como pelo seu valor, astucia, sciencia militar, e por ser homem de grande segredo—era D. Mem Moniz de Gondar.

Combinou com elle secretamente, que fosse a Santarem, assentar pazes com o seu alcaide, *Auzecri*, e que, com este pretexto, examinasse com a possível minuciosidade, os sitios mais fortes e mais fracos da villa.

Cumpriu Mem Moniz a commissão de que fôra encarregado, e regressando a Coimbra, deu conta ao rei de tudo o que fez e examinou, accrescentando que se offercia para ser elle o primeiro que arvorasse a bandeira real, sobre os muros da praça, e despedaçar as suas portas, para dar entrada aos portuguezes.

Exaltado D. Affonso com o discurso de Mem Moniz, reuniu os seus mais bravos guerreiros, e todos os templarios que estavam em Coimbra, e com elles marchou na direcção da Extremadura, sem que pessoa alguma (alem de Mem Moniz) soubesse dos seus projectos.

Sahi, como vimos, no dia 3 de maio, seguindo sempre por *caminhos travessos*, o itinerario já descripto.

No dia seguinte, se lhe reuniu em Dor-

nellas, seu irmão bastardo, D. Pedro Affonso (que o rei tinha mandado chamar ao Minho) com alguma gente.

Só aqui é que D. Affonso deu parte do seu projecto ao dito seu irmão e aos fidalgos da sua corte, que não tiveram remedio senão approval-o.

De Dornellas mandou Martim Mohab, com dois companheiros, a Santarem, dar parte ao alcaide, que estavam *levantadas as pazes*, e declarando-lhe guerra passados trez dias, como então era do estylo.

No dia 6, pelas 10 horas da noite, sahiu da serra d'Albardos, ¹ e, por caminhos não trilhados, andou toda a noite, até chegar na madrugada a uma malta, no alto do monte de Pernes, a uns 18 kilometros de Santarem.

Foi n'este logar que o rei declarou o fim da sua empreza, a toda a sua gente, fazendo-lhe ao mesmo tempo uma extensa practica, para os animar. ²

Todos se prestaram animosos a satisfazer os desejos do rei, mas pediram-lhe com grandes instancias, que se não avertisse a um perigo tão grande, no qual, não só ariscava a sua vida, como a independencia da patria. Que lhes desse por chefe, a seu irmão D. Pedro Affonso, que elles juravam seguir todas as suas instrucções, e, ou tomarem Santarem, ou morrerem todos na empreza.

O rei, com sentidas palavras lhes agradeceu tanta dedicação, mas respondeu que, tinha decidido, ou tomar a praça ou morrer na acção.

Tudo se preparou do melhor modo que foi possivel, para o empreendimento, e o rei mandou alli mesmo fazer doze escadas, para assaltar as muralhas, e mandou que se escolhessem 120 soldados, dez para cada escada, e que o primeiro que subisse, arvo-

¹ Foi d'esta serra que, segundo dizem os livros dos monges de S. Bernardo, D. Affonso Henriques fez voto de fundar um mosteiro d'esta ordem, e dar-lhe tudo quanto d'aqui se vê até ao mar. Vide *Albardos e Alcobaca*.

² Esta practica, que occupa 2 1/2 paginas in folium, pôde ver-se na *Historia de Santarem edificada*, tomo 1.º, pag. 33 e seguintes, onde vem por extenso.

rasse a bandeira portugueza, para animar os de fóra, e aterrar os mouros.

Todas as bagagens e quasi todos os creados, ficaram escondidos na malta de Pernes.

No principio da noite de 7 para 8, sahiam de Pernes, todos acavallo, e chegaram pela meia noite a uns olivaeas, a que então se dava o nome de *Valle de Moiol* (ou *Almorol*) depois, *Valle da Inveja*, e a que hoje chamam *Santa Catharina dos Olivaeas* (onde depois fundou o mosteiro de *terceiros arrabidos*—Vide adiante, o 11.º e ultimo mosteiro de frades.)

N'este olival deixaram todos os cavallos (para que se lhe não ouvisse o tropel) entregues a alguns creados, que para isso levaram, e se aproximaram de Santarem (eram 250 homens!) pelo lado do N., parando nas hortas da *Assacaia*, ao sopé do monte, onde depois se construiu o mosteiro de monges benedictinos.

D'alli ouviram as vozes de *a-lérta*, dadas pelas sentinellas mouriscas, collocadas sobre as muralhas.

Foi n'este comenos, que no ar foi vista uma *brilhante estrella* (provavelmente um *bótilo*) caminhando vagarosamente para o N.O., deixando um rasto luminoso, e se perdeu de vista, para o lado do mar. ¹

D. Affonso I, ou por convicção propria, ou por astucia, aproveitou este apparecimento para dizer aos seus — *Ávante meus filhos e companheiros! Não temam os inimigos: a victoria é nossa; aquelle signal do Ceu nol-o certifica!*

¹ Dizem as chronicas do tempo, que na 4.ª feira, 5 (trez dias antes da tomada de Santarem) e dia em que se *quebraram as pazes* pelo meio dia, viram os mouros da villa, uma espantoso comêta, *semelhando uma horrendissima serpente, formada á feição de um touro, langando, desde a cabeça até ao fim da cauda, lavaredas de ardente fogo, tão medonhas e tristes, que causou grande pasmo aos mouros de Santarem, quebrando-lhes os animos de atemorizados, porque os mais sabios d'elles, em seus agouros, fizeram d'aquillo prognostico de que teria aquella terra novo rei, que a havia de governar com outras leis, etc.*—(*Hist. de Santarem*, tomo 1.º pag. 44.)

No quarto d'alva, sahiram os portuguezes d'aquelle sitio, a pé, pelo olival de *Montiraz*, descendo ao valle que fica entre a calçada de Santa Clara e a da Atamarma, subindo com o maior silencio, e levando na frente, por guia, Mem Moniz, que sabia todas as disposições do sitio, e seguido logo pelo rei.

Porem os mouros, depois da sahida de Mem Moniz (no dia 5) tinham construido uma especie de palanque, e n'elle collocado duas sentinellas avançadas, que então conversavam uma com a outra, para se despertarem. Pouco depois, passou a ronda pelo alto das muralhas, recommendando vigilancia.

Os portuguezes se tinham deitado, para não serem percebidos, entre uma ceára de pão que alli havia, até que, não ouvindo mais vozes, supposeram os mouros descuidados ou adormecidos.

D. Affonso tinha dividido os seus em duas secções, a 1.^a commandada por elle em pessoa, e a 2.^a por seu irmão D. Pedro Affonso. (Vide 4.^o vol., pag. 363, col. 1.^a)

D. Mem Moniz, marchou então com alguns soldados, e se dirigiu á porta de *Al-Cudia*,¹ e trepando ao telhado da casa de um oleiro, que estava encostada ao muro, alli collocou uma das 12 escadas; mas esta, ficando mal segura, cahi sobre o telhado com grande estrondo, que, felizmente, não foi ouvido pelos mouros.

Um dos soldados, mancebo robustissimo, por appellido *Mogeime*, seguiu então a escada sobre os hombros, e por ella subiu D. Mem Moniz, e a seguiu, atando-a a uma das ameias da muralha, collocando em outra a bandeira portugueza.

Estando já sobre a muralha Mem Moniz e mais dois soldados, acordaram as duas sentinellas que alli havia, e uma perguntou — *quem vem lá?* — Mem Moniz lhe respondeu em árabe — *é a ronda, falla baixo* — e chegando ao mouro, lhe cortou a cabeça; po-

¹ O padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos, diz que esta porta era entre a da *Atamarma* e a *subida das Figueiras*, junto onde no seu tempo (1740) havia a casa de João Palha Botelho, na *Mouraria*.

rem o outro principiou a gritar — *Nasrani! Nasrani!*¹ — A ronda mourisca accudiu ao sitio a toda a pressa, e travou-se dura peleja.

D. Mem Moniz gritou então — *São Thiago! Aos mouros! Morram os inféis! Rapazes, coragem, que el-rei ahi vem em nosso auxilio!*

D. Affonso gritava de baixo — *Coragem, meus filhos! Matem esses pèrros, inimigos da Fé! Cortae sem piedade, que aqui está o vosso rei e companheiro! Virgem Maria soccorrei os que combatem por vós.*

A confusão foi indescriptivel! Os gritos dos mouros, os lamentos dos feridos, e as vozes dos christãos, tornavam a scena horrorosa.

Já trez escadas estavam encostadas ao muro e por ellas subiam mais portuguezes, que feriam os mouros, sem descanço.

O rei mandou seu irmão, D. Pedro Affonso, com alguns portuguezes, para o lado do O., atacar a porta de *Leiria*; e a *Gonçalo Gonçalves*, com outros, para a esquerda, atacar a porta de Atamarma; e como julgasse este ponto de maior perigo, para alli foi também, com os poucos que tinha a seu lado.

D. Mem Moniz, vendo que os seus se hiam sustentando, apezar da enorme desproporção do numero, marchou com cinco companheiros, para a porta de Atamarma, na intenção de, arrombando-a, dar entrada ao rei. Chegando ao logar do seu destino, com um machado arrombou a porta, por onde logo D. Affonso entrou.²

A primeira cousa que o rei fez, apenas se

¹ *Nazarenos! Nazarenos!* — Nome com que os árabes designavam os christãos, por seguirem a religião de Jesus Nazareno. Elles pronunciavam — *nacerani*.

² Foi por esta acção, que o rei mandou que Mem Moniz e todos os seus descendentes, usassem do appellido de *Machado*. (Vide o 3.^o *Gondar*, e no 6.^o volume, pag. 36, col. 1.^a, o appellido *Machado*.)

D. Mem Moniz (ou D. Mendo Moniz) como já disse, era um dos principaes fidalgos d'aquelle tempo, neto do famoso D. Egas Moniz, e rico-homem do Minho.

Alguns escriptores lhe chamam D. Mem Moniz de *Gondares*, e outros de *Gondarei*, quando é certo que elle era senhor de *Gondar*, freguezia do Minho, na comarca e concelho de Guimarães.

viu dentro das portas, foi ajoelhar, e dar graças ao Altíssimo; depois, desembainhando o montante, disse para os que o acompanhavam—*Eia, portuguezes! Não fique um só mouro com vida! Tendes á frente o vosso rei, companheiro, e testemunha de vossa coragem. Aos mouros!*

O rei se dirigiu á praça da villa, onde se ouviam grandes gritos, e alli encontrou seu irmão, D. Pedro Affonso, e Gonçalo Gonçalves de Coimbra, que, tendo entrado pela porta de Leiria, faziam nos mouros horrivel carnificina, que o rei e os que com elle vi-nham ainda augmentaram.

D. Affonso, que tinha então 37 annos e pouco mais de 2 mezes (nasceira a 25 de julho de 1109) distinguio-se de todos, pela intrepidez, e pelos terribes golpes do seu pesado montante.

Os mouros principaes, vendo a praça perdida, fugiram para a torre do *Alfange* (Alhanse) a mais forte da praça, na esperanza de escaparem alli ao furor dos portuguezes, e esperarem soccorro do rei de Sevilha; mas D. Affonso I; D. Pedro Affonso; Gonçalo Gonçalves; D. Pedro Paes, seu alferes-mór; D. Gonçalo de Sousa, e outros, entraram na fortaleza, de envolta com os mouros, e os acutilavam sem dó.

Eram porem os inimigos em tão grande quantidade, e defendiam-se com tanta desesperação, que o rei estava em grande perigo. Foi então que Lourenço Viegas, com um bom troço de soldados, acudiu a este ponto, e os mouros foram todos passados ao fio da espada.

Ao mesmo tempo, D. Mem Moniz, com 60 soldados, percorria todas as ruas da villa, degolando quantos mouros encontrava, qual-quer que fosse o seu sexo ou idade.

Muitos, cegos de terror, se despedaçavam, cahindo da *Alhafa*.¹

¹ *Alhafa*, é corrupção do substantivo árabe *al-chafa*, que significa temor, ou cousa que causa medo. Deriva se do verbo *chafa*—ter medo, receiar, temer, etc.—Traduzido em portuguez, quer dizer—despenhadeiro, precipicio, etc.—segundo alguns escriptores, os arabes davam a toda a povoação o nome de *Al chafa*.

Á principal avenida de Santarem, e que

Auzecri (ou Aben-Zecri) o alcaide de Santarem, e alguns, poucos, poderam escapar á carnagem, fugindo para Sevilha, a *unhas de cavallo*, levando ao seu rei Al-Bujaque, a infausta noticia da perda de Santarem.

De memorias antigas, consta que o alcaide e os seus, fugiram pela *porta de Santo Estevão*, que, porisso, se ficou desde então chamando *Postigo da Carreira*.

Assim cahiu Santarem para sempre, em poder dos portuguezes.

D. Affonso I deu aos templarios, em premio da sua bravura, na tomada d'esta praça, todo o ecclesiastico de Santarem.

Na frente da egreja de Santa Maria d'Alcáçova, se gravou a seguinte inscripção :

ANNO AB INCARNATIONE MCLIV AB URBE ISTE CAPTA VII.
REGNANTE D. ALFONSO REGE COMITIS HEBURICI FILIO. ET
UXORE RJUS REGINA MACHALDA: ¹ HÆC ECCLESIA FUNDATA EST
IN HONOREM S. MARIA VIRGINIS, MATRIS CHRISTI, A MILI-
TIBUS TEMPIE EIECROSOLOMITANI, JUSSO MAGISTRI UGONIS:
PETRO ARNALDO AEDIFICI CURAN GERENTE.
ANIMAE EORUM REQUIESCAT IN PACE. AMEN.

1154—Sendo mestre da ordem do Templo, D. Hugo, francez, se concluíram, n'este anno, as obras da egreja e casa de Santa Maria da Alcáçova.

D. Hugo, deu a superintendencia d'estas obras, a D. Frei Pedro Arnaldo, cavalleiro templario, natural de Santarem, commendador da mesma villa.

D. Pedro principiou logo a receber n'esta casa, muitos confrades, familiares e tercei-

da margem do Tejo subia, pela Alfafa, até á Alcáçova, chamavam os mouros—*Alhanse* (*Al-anse*) a Cobra—pelos muitos zigues-zagues, ou *lacêtes*, que a calçada fazia até chegar á porta da Alcáçova.

Era d'esta porta que os mouros precipitavam os seus criminosos, que morriam despedaçados na queda.—Vide *Portas de Santarem*.

¹ D'esta inscripção, e de outras mais, vê-se que nos primeiros seculos da nossa monarchia ainda se usava o h aspirado dos arabes, até mesmo escrevendo em latim; pois aqui temos *Machalda*. Como não aspiravamos o h, e o substituímos por f, lia-se *Mafalda*, como hoje.

ros, os quaes fizeram largas doações á comenda.¹

1157 (julho)—D. Affonso I deu tambem aos templarios, oito moinhos, na ribeira do Alviella, declarando-se na carta de doação, que metade do rendimento dos taes moinhos seria para a corôa. Concedeu tambem muitas honras, privilegios e isenções ás pessoas dos *caralleiros do Espital* (templarios) de todo o reino.

1159 (fevereiro)—D. Affonso Henriques, deu aos templarios, em troca do ecclesiastico de Santarem, o castello de *Cêra* (vide esta palavra) com todos os seus termos, para que tudo possuíssem e povoassem, elles e seus successores.

D. Gilberto, primeiro bispo de Lisboa² depois de resgatada pelos portuguezes (25 de outubro de 1147) oppoz-se (em 1149) a que os templarios fossem senhores das egrejas que no tempo dos gôdos tinham sido do bispado de Lisboa, e houve uma renhida demanda que chegou a hir a Roma. O rei, para pôr termo á contenda (e porque o papa tinha decidido a favor da mitra) deu aos templarios a terra *Nullius* de Cera (hoje Thomar) cedendo o bispo, por si e seus successores, todo e qualquer direito que podesse ter, de pre-

¹ Este D. frei Pedro Arnaldo, foi feito mestre da ordem do Templo, em toda a Península, a 5 de abril de 1158.

Foi seu successor no mestrado da ordem, em Portugal (julho de 1157) o famoso D. *Gualdim Paes*.

² D. Gilberto era um prelado virtuosissimo, nascido em Inglaterra. Veio na esquadra dos cruzados, que tão a proposito arribou ás praias de Lisboa, quando D. Affonso I cercava esta cidade, e que tanto concorreram para a sua conquista. O rei nomeou a D. Gilberto, bispo de Lisboa, o que foi confirmado pelo papa Eugenio III. Foi sagrado pelo arcebispo de Braga, D. João Peculiar.

Os crusados d'esta expedição, ficaram quasi todos em Portugal, dando-lhes D. Affonso I muitas villas e terras na Extremadura e no Alemtejo.

sente ou de futuro, nas egrejas que já estivessem construidas, ou se viessem a construir n'aquelle vasto territorio.

675 annos existiram as couzas n'este estado, e se conservou este *isento* ou *nullius diocese*; guardando todos os nossos reis até ao sr. D. Miguel I, inclusive, o determinado por D. Affonso I. Todos sabem que, sendo supprimida a ordem dos templarios, por D. Diniz (em cumprimento da bulla do papa Clemente V) aquelle rei previdente—e matreiro, creou a ordem de Christo, em 1319, para não vér sahir para Roma as immensas riquezas dos templarios, como o pontifice pretendia.

A nova ordem de cavallaria, herdou tudo quanto era da ordem extincta, assim como todas as suas honras, isenções e privilegios, o que foi confirmado por bulla do papa João XXII.¹

Os templarios, sendo seu grão-mestre o famoso D. Gualdim Paes, constituiram o seu convento de Thomar, capital da ordem, e a mesma cathedra continuou a ter pelos cavalleiros de Christo, desde 1319 até 1834, sob a denominação de *Prelasia de Thomar*, hoje annexa ao patriarchado.

Em resultado d'esta concordata, logo D. Gilberto e os seus conegos, renunciaram a todos os direitos episcopaes que tinham, ou podessem vir a ter—assim na igreja de S.

¹ Não se achando nos templarios portuguezes, nem um só dos grandes crimes attribuidos aos das outras nações, grande parte d'aquelles foram depois incorporados na ordem de Christo, da qual ficaram fazendo parte; pelo que podemos dizer que a ordem do Templo em Portugal, em vez de ser *supprimida*, foi *chrismada*.

Thiago, fundada na planície e rechan, ou assento da villa de Santarem, como em todas as outras já edificadas, ou que de futuro se edificassem no termo de Cêra, pagando cada uma d'estas egrejas, annualmente, á mitra lisbonense, cinco soldos, de reconhecimento

O mesmo lhe ficou pagando a egreja de S. Thiago, de Santarem, que desde logo foi curada por um sacerdote, freire da ordem do templo, o qual, primeiramente se chamou *capellão*, e depois *prior*.

O prior de S. Thiago, era como bispo da sua egreja, que foi a primeira *collegiada insignie* da ordem, a qual, em 1585, foi elevada a *commenda* da ordem de Christo.

Os que desejarem saber isto detalhadamente, vejam a citada *Historia de Santarem*, no tomo 1.º, pag. 73 e seguintes, e *Elucidario*, de Viterbo, tomo 2.º, pag. 235 e seguintes (da 2.ª edição.)

1170—Vide—1255 (22 de junho.)

1179 (maio)—2.º foral de Santarem.

1181 (8 de maio)—Al-Baraque (ou Al-Bujaque)¹ rei mouro de Sevilha, sabendo que D. Affonso Henriques, além de ter quasi 72 annos, estava aleijado de uma perna, não podendo montar a cavallo, e que, de mais a mais, estava em Santarem com pouca gente de guerra, juntou um grande numero de tropas andaluzas, e de mouros africanos, e atravessando o Guadiana, invadiu Portugal, pelo Alemtejo, na intenção de tomar Santarem, e alli captivar o rei portuguez.

As terras por onde passaram os mouros, ficaram devastadas, pois que tudo levaram a ferro e fogo, saqueando os povos, e assassinando todos os christãos que podiam agarrar.

Chegados a Santarem, lhe põem um aper-

¹ Nenhum d'estes nomes é árabe. Nos apontamentos de um frade meu parente, se dá ao tal rei o nome de *Al-Ben-Jacoub*. Este sim que é árabe, e quer dizer—*O Filho de Jacob*. Os portuguezes, fizeram de Jacob—*Iágo*—e depois *Thiago*. Os francezes, inglezes e allemães, de Jacob fizeram *Jaques*. Assim ficava sendo o nome do mouro *Albenjaque*, (*Al-Ben Jaque*) que facilmente se corrompia em *Albojaque*.

tado cêrco, estabelecendo os seus arraiaes a pouca distancia da villa, no referido dia 8 de maio.

D. Affonso Henriques, mandou o destemido capitão Lourenço Viegas (filho d'Egas Moniz) com 190 de cavallo e 1:800 infantes, ao encontro do inimigo. Lourenço Viegas sae da praça, e ataca os mouros em um sitio que então se chamava *Rocio d'Alvisquer*, e depois se chamou *Valladinhos*.

Antes de sahir da villa, tinha Lourenço Viegas dito a seu irmão, o famoso Mem Moniz, que, se o visse em perigo, lhe accudisse com a gente de cavallo que pudesse reunir.

Foi tão inesperado e tão terrivel a accommettida dos portuguezes, que os mouros, julgando que o seu rei vinha sobre elles com todas as suas forças, fugiram desordenadamente, deixando muitos mortos e feridos no campo, e sendo perseguidos pelos portuguezes.

Mas Al-Bujaque era um guerreiro corajoso, e vendo o pequeno numero dos christãos, fez parar as suas tropas, e arguindo-as de cobardes, as obrigou a voltar a cara ao inimigo, e elle mesmo deu o exemplo, mettendo-se intrepidamente por entre as fileiras dos portuguezes, e obrigando-os a retirar: todavia, segundo as historias do tempo, os portuguezes, matando grande numero de mouros, *não perderam um unico soldado*, e levaram 22 mouros captivos.

Ao entrar Lourenço Viegas em Santarem, encontrou-se com seu irmão, que marchava em seu soccorro, com um esquadrão de gentis e valentes cavalleiros.

Como eram moços e ardidos, tornaram a sahir; porém os mouros não esperaram combate. Os dois irmãos estiveram no campo todo o resto do dia, e só de noite entraram em Santarem, onde o rei os recebeu de braços abertos, nomeiando logo Lourenço Viegas, mestre de campo general do exercito.

No dia seguinte (9) appareceu Al-Bujaque com o seu exercito, acampado em uns olivaeis e pomares fronteiros ao Tejo, destruindo todas as arvores, para construir bastidas, que o livrassem de qualquer surpresa.

N'essa mesma noite, deram os portuguezes sobre os inimigos, matando e captivando muitos, e tomando-lhes umas poucas de bandeiras.

Estas perdas, porem, pouca faltas faziam aos mouros, em vista do seu grande numero, e porisso, D. Affonso Henriques temia dar uma batalha campal, que podia trazer funestas consequencias.

Estava D. Affonso indeciso e receioso, quando lhe chegou a noticia de que seu genro, D. Affonso, rei de Leão (casado com sua filha, D. Urraca) invadira Portugal, pelo norte, em direcção ao Porto; e suppondo que elle faria junção com os mouros, resolveu-se a dar batalha.¹

Disposto tudo para a grande batalha, mandou o rei abrir as portas da praça, para darem sahida ás suas tropas.

Lourenço Viegas, commandava a vanguarda, e seu irmão, Mem Moniz, o grosso do pequeno exercito.

Na rectaguarda, hia o rei, armado com todas as armas, em um carro, tirado por dous fogosos cavallos, e acompanhado pelos seus melhores cavalleiros, e principal nobreza do reino.

Se o ataque foi terrivel, a defeza foi obstinada, e, segundo as chronicas, foi esta uma das maiores e mais sangrentas batalhas da Peninsula no XII seculo.

Al-Bujaque, que, apesar da superioridade numerica das suas tropas, via a batalha duvidosa, accudiu com os mais bravos cavalleiros da sua guarda.

¹ Todos sabem que, quando D. Affonso I acabou de tomar Badajoz aos mouros (1175) foi accommettido pelo rei de Leão, e vindo-o esperar fóra das portas da praça, entalou uma perna no ferrolho de uma porta d'ella, quebrando-a (a perna) pelo que ficou prisioneiro do genro. Para escapar das garras dos leonezes, prometteu ao seu rei, hir ás côrtes do seu reino, e reconhecer-se seu vassallo, *logo que, são da perna fracturada, podesse montar a cavallo*. Para ter um pretexto de faltar—sem deshonra—á sua palavra, nunca mais em sua vida montou a cavallo. D'aqui se originou uma guerra, que só terminou, entregando D. Affonso Henriques, ao genro, as praças conquistadas na Hespanha aos mouros e leonezes.

D. Affonso Henriques, vendo os seus em perigo, saltou fóra do carro, e se dirigiu para o lugar onde o ataque era mais encarniçado.

Estava ahi a bandeira real, e o alferes-mór tinha sido morto pelos mouros.

O rei os ataca furioso: os fidalgos da sua guarda, vendo-o a pé, saltaram fóra dos cavallos, e a seu lado despedaçaram quantos inimigos os cercavam.

Finalmente, os mouros fogem em todas as direcções, espavoridos; Al-Bujaque pôde salvar-se a *unhas de cavallo*, deixando no campo muitas centenas de mortos, feridos e captivos; todas as suas bagagens, que eram muitas e valiosas, e tudo quanto os seus tinham roubado no Alemtejo.

Tambem este dia era o 34.º anniversario da tomada de Santarem.

—
O rei de Leão não tinha vindo a Portugal na intenção de fazer a guerra ao sogro, mas para o soccorrer contra os mouros¹ e, sabendo que estes tinham sido debaratados, mandou seus embaixadores dar os parabens ao sogro, por tão assignalada victoria.

D. Affonso I presenteou generosamente os embaixadores do genro, e agradecendo a este as *suas boas intenções*, lhe mandou a tenda da campanha, do rei mouro, que era riquissima, e alguns dos mais formosos cavallos que tinha tomado aos mouros.

—
1185 (24 de junho a 2 de julho) — Al-Bujaque não podia resignar-se á perda da fortissima praça de Santarem, e desejava ardentemente uma desforra da derrota que tinha soffrido, a 8 de maio de 1181, em frente dos seus muros. Mandou pedir auxilio a Joseph-Aben-Jacob, o *miramulim*² de Marrocos.

¹ Este ponto da nossa historia não está sufficientemente resolvido. Alguns escriptores dizem que a intenção do leonez era apossar-se de Portugal, em quanto D. Affonso Henriques se via a braços com tão grande poder de mouros; e que mudou de opinião, vendo os portuguezes livres dos inimigos, por uma victoria tão gloriosa. Isto é o mais provavel.

² Miramulim, é corrupção de *Emir-el Mu-*

Este, atravessa o Atlântico, com um numeroso exercito e reunindo se aos andaluzes d'Al-Bojaque e a mais 12 reis, ou emires, tornaram a invadir Portugal pelo sul, passando o Tejo a 24 de julho (*Chronica de D. Affonso Henriques*, por Duarte Nunes de Leão, pag. 53) e n'este mesmo dia, tomaram de assalto, saquearam e arrazaram, o castello de Torres-Novas. (*Monarch. Lusitana*, por frei Antonio Brandão, p. 3.^a, livro 11, pag. 262)¹

Parece que os mouros se demoraram por estes sitios, para reunir as differentes columnas que vinham chegando da Andaluzia, até ao dia 4 de julho, que era uma 2.^a feira, e então levantaram o campo.

O seu itinerario foi—Alcanêna, Bugalhos, Vaqueiros, Pérnas, Pova de Gallegos, Valle de Figueira, Alcanhões e Santarem.

No dia 4 (2.^a feira) acamparam em um monte, então chamado *Pompeyo* e hoje *Alpompe*—na 3.^a feira, 5, em um logar chamado então *Redinha*, (que depois se chamou *Barrócas da Redinha*, e que o vulgo denomina *Barrócas da Rainha*) na actual freguezia de S. Domingos de Valle de Figueira, concelho de Santarem — na 4.^a feira, 6, na

menim. É o titulo que os kalifas árabes juntavam ao seu nome proprio, e ainda hoje usam este titulo, os imperadores de Marrocos. *Emir-el-Mumenim*, significa *chefe dos crentes*.

Os árabes chamam aos seus principes, commandantes, ou governadores—*Mir*. *Emir* significa — *principe por excellencia*, e não qualquer chefe subalterno (como *Mir Ossem*, *Mir Mahomed-Zaman*, etc.)—O *el* anteposto aos cognomes, indicava singularidade; mas, supprimiam *el*, era quasi todos os nomes (não assim em *Al Maçor*, *Al-Iskander*.) Vide *Vestigios da lingua arabica em Portugal*, por frei João de Sousa, nos logares competentes.

¹ Não faço estas citações para ostentar de erudito; mas porque nem todos os escriptores são concordes n'estas datas, e eu desejo que se saiba onde fui buscar as noticias historicas que dou. Ainda ha outra razão —

Tenho extrahido noticias, não só de escriptores contemporaneos, mas de obras publicadas ha 200 e 300 annos, e que ninguém até agora contradisse, e passaram em julgado. Pois apezar d'isto, tenho sido arguido por alguns... de inexacto!—Deixal-os.

Horta da Lagôa, actual freguezia d'Alcanhões, do concelho e a uns 6 kilometros de Santarem.

Aqui esperaram um dia (7) que se reunisse o resto da gente. Na 6.^a feira, 8, acamparam em frente de Santarem.

Os dias 9 e 10, foram empregados, pelos mouros, nos preparativos do ataque, e pelos christãos, em augmentar as obras de defesa.

O infante D. Sancho (depois 1.^o do nome) estava na praça com pouca gente de guerra, mas escolhida.

Mandou arrazar algumas casas que estavam fóra dos muros, e que podiam servir ao assalto que esperava.

Entrincheirou o melhor que pôde as portas que offereciam menos resistencia, e construiu alguns palanques, d'onde os soldados não só podessem offender o inimigo, mas tambem observar os seus movimentos.

No dia 11 (2.^a feira) teve logar o primeiro ataque, furioso da parte dos mouros, e heroicamente repellido pelos portuguezes.

Nos dias 12, 13, 14 e 15, repetiram-se os assaltos, e D. Sancho, combatia como um leão, escolhendo sempre os logares de maior perigo.

Os mortos e feridos eram muitos de parte a parte, porém os mouros, que combatiam a peito descoberto, soffreram perdas muito maiores.

Apezar, d'isso, no 5.^o dia do ataque (15) os mouros se apoderaram de um dos fortes palanques, á custa de muitas vidas dos seus e de não poucas dos nossos, ficando aqui ferido o infante.

Este, vendo tão grande estrago nos seus, e que a grande mortandade dos inimigos não lhes diminuia a coragem, nem era sensível, em vista do seu grande numero, julgou a praça perdida, e estava a ponto de mandar retirar para a cidadella de Alcaçova, e alli, ou esperarem soccorro, ou venderem caras as vidas.

Mas D. Affonso Henriques, que tinha sido avisado em Coimbra, do perigo em que estava seu filho, os mais portuguezes e a praça, reúne toda a gente que pode, e, apezar dos seus 76 annos, vòu em soccorro de San-

tarem, onde chegou na manha de sabbado, 16.

Era tal o terror que o nome do rei portuguez infundia nos agarenos, que abandonaram inopinadamente o cerco, retirando, pelos olivae, para o sitio denominado *Monte do Abade*¹; porém o rei em um carro, e seu filho montado em um cavallo de batalha, levando em sua companhia os principaes senhores portuguezes, com um bom numero de infantes, alli foram perseguir os mouros, fazendo n'elles uma horrivel carnificina.

D. Sancho feriu mortalmente o Miramulim, que morreu ao passar o Tejo; alguns dos reis e muitos dos principaes chefes africanos e andaluzes, alli pereceram, e a maior parte dos seus soldados, além de grande numero de captivos.

Os mouros perderam todas as suas bagagens e trem de guerra, achando-se no seu acampamento grandes riquezas, tanto em ouro e prata, como em outras preciosidades.

Ficaram em nosso poder, quasi todos os cavallos e camélllos, e uma enorme quantidade de armas e bandeiras.

Parece que o ferimento do infante não foi de muita gravidade, porque elle, com parte do exercito, perseguiu os mouros até ao centro da Andaluzia, matando muitos, captivando outros, e saqueando e incendiando muitas das povoações, recolheu a Portugal com muitos e ricos despojos.

Foi este o ultimo ataque que os mouros tentaram para recuperar a praça de Santarem.

Nem todos os chronistas estão concordes nas datas d'esta guerra.

Faria e Souza, no seu *Epitome de las historias portuguezas*, pag. 179, diz que foi em 1185.—Duarie Nunes de Leão, na *Chronica do rei D. Affonso Henriques*, pag. 53, diz que foi em 1184.

Uns dizem que o desbarate do Monte do Abade, foi no domingo, 10 de julho; outros que foi no sabbado seguinte, 16.

¹ O Monte do Abade, fica a 2 kilometros de Santarem.

Eu adoptei a opinião mais seguida, e mais verosimil.

D. Affonso Henriques, em memoria d'esta e d'outras muitas batalhas que ganhou aos mouros, edificou 150 egrejas.

1207 (1.º de março).—Morre em Santarem, D. frei Affonso de Portugal, filho bastardo, de D. Affonso Henriques, e grão-mestre da ordem de S. João de Jerusalem (Malta).—Foi um varão notavel pelo seu valor e pelas suas extremadas virtudes. Sepultou-se na egreja de S. João do Alporão.

1211—D. Affonso II, funda o mosteiro de frades de S. Domingos.

1214—(8 d'abril)—3.º foral de Santarem

1217—(12 de novembro)—4.º foral de Santarem, confirmando o antecedente, e ampliando-o.

1218—D. Affonso II, funda o real mosteiro de frades da SS. Triidade.

Foi o 1.º d'esta ordem, em Portugal. O povo de Santarem, tambem concorreu com avultadas esmolos para esta obra.

D. João III reedificou o mosteiro, que ficou o mais sumptuoso da villa, pelos annos de 1560.

1226¹—*Santo Milagre*. Na rua das Esteiras, freguezia de Santo Estevam, d'esta villa, vivia uma mulher do povo (ninguem lhe diz o nome, que eu saiba) cujo marido a tratava com desprezo e crueldade.

Attribuia a mulher isto a amores adulteros, e tendo uma comadre judia, com fama de bruxa, lhe contou a sua vida.

A bruxa disse-lhe.—«Se queres recobrar o amor do teu marido, vae commungar á

¹ Não ha certeza do anno, e ignora-se o dia em que teve lugar o facto de que vou tratar n'este artigo. Uns dizem que foi em 1226, reinando em Portugal, D. Sancho II.—Outros pretendem que foi em 1247, durante a regencia do conde de Bolonha (depois—em 1218—D. Affonso III).—Outros, finalmente, dizem que foi em 1266, quando o conde de Bolonha era já rei de Portugal, por morte de seu irmão.

O padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos (*Historia de Santarem edificada*, tomo 1.º, pag. 237), assevera que este milagre teve lugar em 1247, e adduz fundamentos muito attendiveis.

egreja de Santo Estevam, e sem que sejas vista, tira a hostia da bocca, embrulha-a em uma *beatinha* (lenço) e traz-m'a; e eu te prometto trazer teu marido a bom caminho.»

A mulher foi á igreja, e fez o que lhe foi mandado.

Quando regressou de Santo Estevam para casa da judia, ao passar por uma travessa, que depois se tapou, onde se vê (ou via) na parede que faz frente á *rua do Milagre*, uma cruz de azulejo, muito antiga, e junto da qual esteve uma pintura (que já em 1740 mal se percebia) representando o sacrilegio, viu o povo, que da beatilha corria sangue, e perguntaram á mulher, se hia ferida. Ella não respondeu, mas, arrependendo-se do que praticara, mudou de rumo, e fugiu para sua casa, guardando a sagrada particula em uma arca, que havia no quarto onde dormiam, ella e o marido. Acordou este (que de nada sabia) e viu a casa *cheia de uma luz brilhante, e sentiu um cheiro suavissimo*. Observou que aquelles resplendores sahiam da arca, e perguntou á mulher, o que tinha alli guardado.¹

A mulher, contou-lhe tudo.

Assim que amanheceu, foi o homem á igreja de Santo Estevam, dar parte ao parochinho, do que tinha acontecido.

Logo os padres e muita gente da freguezia, foram a casa da mulher, e levaram para a igreja de Santo Estevam, envolta na mesma beatilha, a hostia sagrada, em solemne procissão.

A particula foi mettida em uma custodia, porem, passados alguns annos se achou dentro de uma ambula de crystal, *fabricada pelos anjos*.

Mas não tardaram as dúvidas e demandas, para se saber em qual das igrejas da villa se havia de guardar o *Santo Milagre*.

A esse tempo, só havia em Santarem dous

¹ Bem sei que muitos me vão accusar de *milagreiro, retrogrado, etc.*, por espalhar por esta obra tantos *milagres*. Se lerem com reflexão, hão de ver que eu não affirmo nada d'isto. Pódem acreditar nos taes milagres, ou escarnecê-los; mas sempre queria que me dissessem o que de mim diriam e o que me fariam os santar-nos, se eu n'este artigo não fallasse no seu *Santo Milagre*.

mosteiros de frades—dominicos, e menores, e ambos elles pretendiam ter direito a possuir a reliquia.

O parochinho da igreja de Marvilla, allegava que a sua igreja, além de ser a matriz das outras, era a mais vasta e sumptuosa, e que era lá que devia estar.

Nem deixaram de allegar o mesmo direito o prior e *conegos* da collegiada de Alcáçova, visto a sua igreja ter o privilegio de capella real.

O parochinho e povo da freguezia de Santo Estevam, alegavam que a hostia era sua, pois tinha sahido da sua igreja. E venceram; mas, para que os frades de S. Domingos não ficassem completamente desconsolados, se lhe deu a beatilha, que elles guardaram em um caixilho de crystal.

A uns 20 metros ao N. da porta da igreja de Santo Estevam, tinha uma boa morada de casas, Francisco Homem de Magalhães, e n'ellas uma ermida particular antiga, dedicada a Nossa Senhora do Monserrate. No alpendre d'esta ermida, mandou seu proprietario collocar um quadro, com o retrato da mulher sacrilega e da judia, com a seguinte inscripção:

• NO LOGAR EM QUE ESTÁ ESTA ERMIDA,
SE VIU O SANGUE NA BEATILHA
EM QUE A MULHER TRAZIA
A PARTICULA QUE HOJE HE
VENERADA PELO
SANTISSIMO MILAGRE.
REFORMOU ESTA ERMIDA
THOMAZ HOMEM DE MAGALHÃES

Do lado exterior da parede, sobranceira á rua publica, foi collocada a cruz de azulejo de que já fallei.

A casa da rua das Esteiras, onde viveu a mulher do sacrilegio, se foi arruinando com o tempo, e passados mais de 400 annos, estava convertida em um miseravel pardieiro deshabitado. Então (1634) o medico, Manuel dos Reis Tavares e sua mulher, mandaram alli construir, á sua custa, uma bonita capella, toda de abobada de tijolo, tendo no retabulo do altar-mór uma boa pintura, representando o milagre.

O fundador da ermida e sua mulher, Margarida Cesar de Almeida, instituíram aqui uma capella de missas, em 1684, ditas em todas as segundas, quintas e sextas feiras do anno.

Em 1740, era administrador d'esta capella, Manuel da Fonseca, morador no logar da *Cortiçada*, termo de Santarem.

N'esta ermida, junto ao altar, do lado da Epistola, se fez um arco na parede, e no seu vão se construiu um tumulo de marmore, sobre dous leões do mesmo, tendo na frente da arca, esta inscripção:

D'ESTA CASA ONDE DEUS FEZ
O SANTISSIMO MILAGRE,
ANNO 1266, FIZERAM
EGREJA, O LICENCEADO
MANUEL DOS REIS TAVARES
E MARGARIDA CESAR DE ALMEIDA
E A DOTARAM, E JAZEM DEBAIXO
DO ALTAR D'ELLA

(Segundo esta inscripção, o milagre, como vemos, succedeu em 1266, o que todavia não é ponto decidido.)

O que ninguém diz—que eu saiba—é se as duas mulheres que com o sacrilegio deram causa á existencia do *Santo Milagre*, foram castigadas, e a qualidade do castigo que soffreram.

Se já houvesse Inquisição, bem horrivel seria o seu fim.

O *Santo Milagre*, deu ainda causa á engraçadissima historia do homem das botas, acontecida em Lisboa, a 2 de dezembro de 1811. (Vide 4.º vol., pag. 362, col. 2.ª)

1232—(29 de janeiro)—N'este dia, morre, no convento de S. Domingos, de Santarem, o famoso bispo de Lisboa, D. Soeiro Gomes, varão tão respeitavel por suas letras e virtudes, como celebre pela sua bravura nos combates.

Foi elle que resgatou do poder dos monros, a notavel e antiquissima villa d'Alcacer de Sal.

Resignando o seu bispado, tomou o habito dominicano, no mosteiro d'esta villa, em cuja egreja foi sepultado.

1236 — (11 de maio)—Morre em Santarem o virtuoso *Mendo Affonso*, cavalleiro templario, e foi sepultado na egreja de Santa Maria d'Alcáçova. Era um varão caridosissimo, pelo que no epitaphio da sua sepultura se lia—*Mendo Affonso, cavalleiro do Templo, pae dos orfãos, amparo das viuvas, soccorro dos peregrinos, e singular defensor da fé.*

1240—Fundação do mosteiro das donas (dominicanas) á custa de *Elvira Duranda*.

Foi depois mudado para o sitio actual por D. *Estevainha Peres de Casével*.

(Vide *Mosteiros de Santarem* para tudo que diz respeito a este e todos os mais conventos, de ambos os sexos, d'esta cidade.)

1241—Sagração da egreja de Santo Estevam (ou Santo Milagre.)

1242—D. Sancho II, funda o mosteiro de frades franciscanos.

D. Fernando I, o reconstruiu e augmentou.

1244 — (novembro) D. Ayres (ou Arias) Vaz (ou Vasques) funda a collegiada de Marvilla. (Vide 4.º vol., pag. 269, col. 1.ª)

1254—D. Affonso III, dá 5.º foral a Santarem, confirmando o antigo, e augmentando-lhe os privilegios.

1255—(22 de junho)—Falleceu o veneravel *frei Pedro Fernandes Gallêgo*, natural de Santarem.

Era filho de pessoas nobres, mas ainda foi mais nobre pelas suas virtudes.

Tomou o habito de frade dominicano, no mosteiro de Nossa Senhora das Neves, da serra de Monte-Junto, termo de Alemquer, que foi o 1.º convento d'esta ordem, que houve em Portugal, e que depois se mudou para Santarem.—«Alli deu principio a uma vida mais de anjo do que de homem: negou-se a todo o mundo e a si proprio, para se dar inteiramente a Deus.»—Contra sua vontade, mas por obediencia, foi estudar as sagradas letras, e leu depois theologia em varios conventos da sua ordem.

Escreveu com grande erudição a *Vida do patriarcha S. Domingos*, e foi muito estimado pelo seu patricio *São frei Gil*, seu prelado.

Mandado para o convento de Samora, que se tinha fundado havia pouco tempo, alli

falleceu no dia referido, com fama de santo, e com 85 annos de idade, pois tinha nascido em 1170.

1259—O mesmo D. Affonso III, funda o mosteiro de Santa Clara (freiras franciscanas.) Outros dizem que foi em 1272.

1262—(12 de janeiro)—Morre o *beato frei Pedro*, natural de Santarem.

Era filho de pessoas nobres, que o educaram no santo temor de Deus, e desde creança foi um compendio de virtudes, brilhando sobre todas, a mansidão e a caridade. Estudou latim, logica e philosophia, e por fim medicina, em cuja sciencia se graduou, tornando-se um dos melhores medicos do seu tempo.

Desenganado das vaidades do mundo, se metteu frade no mosteiro de S. Domingos, da sua patria, não deixando de curar, pelo amor de Deus, os enfermos pobres e desvalidos. Foi contemporaneo de São frei Gil, que muito o estimava pela sua humildade, sciencia e virtude.

Depois de uma prolongada e dolorosa doença, soffrida com a mais exemplar resignação, falleceu na enfermaria do seu mosteiro, no dia indicado.

1263—Primeiras côrtes, em Santarem (as 4.^{as} de Portugal.)

No mesmo anno teve logar a fundação da *casa do noviciado*, do mosteiro dos frades de S. Francisco.

No mesmo anno de 1263, morreu o *beato frei Domingos do Cuvo*, natural de Santarem.

Foi um varão de muito saber e virtudes, e eloquente orador sagrado. Professando no convento dominicano de Monte-Junto, termo do Alemquer, foi o fundador do da sua ordem, (frades) em Santarem, e n'este mosteiro falleceu e foi sepultado, com geral fama de santo, depois de uma longa vida passada no exercicio de todas as virtudes christans.

1265—(14 de maio)—Morre no seu convento de S. Domingos, de Santarem, *São frei Gil*, um dos mais virtuosos frades da sua ordem.

Nasceu na *quinta da Cavallaria*, proximo (ao O.) da villa de Vousella, capital do concelho e comarca do mesmo nome (então comarca de Lafões) no anno de 1185. Era fi-

lho de D. Ruy Paes de Valladares, um dos principaes fidalgos do seu tempo, do conselho de D. Sancho I e seu mordomo-mór, e alcaide-mór do castello e cidade de Coimbra —e de sua mulher, D. Thereza Gil d'Almeida, filha de Fernão Martins d'Almeida, senhor da quinta da Cavallaria, e descendente tambem de uma familia muito nobre e antiga.

D'esta D. Thereza Gil, procede tambem o famosissimo Duarte d'Almeida, o *Decepado* (6.^o vol., pag. 398, col. 2.^a)

É 12.^a neta de Duarte d'Almeida, a senhora D. Eugenia d'Aguilar e Almeida Monroy e Mello Azambuja e Menezes, actual marquez de Penalva. (6.^o vol., col. 587, col. 2.^a)

Gil Rodrigues de Valladares, foi desde os seus tenros annos muito inclinado ás letras, pelo que seus paes o mandaram para o convento de Santa Cruz, de Coimbra, estudar grammatica latina e philosophia, estudando tambem, por curiosidade, medicina.

A côrte estava então em Coimbra, e foi tal a fama da vasta intelligencia do estudante, que chegou aos ouvidos de D. Sancho I, o qual, como estimava muito a D. Ruy Paes, deu ao filho d'este, trez canonicatos, em Braga, Coimbra e Guarda; o priorado de Santa Iria, na Ribeira de Santarem; e o de Coruche, do Alemtejo. Depois o fez arcediago da 3.^a cadeira da Sé de Lisboa, e thesoureiro da de Coimbra.

Vendo-se Gil, na flor da idade, com tão grandes rendimentos, e em plena liberdade, se entregou a toda a qualidade de vicios e paixões; não abandonando todavia completamente o seu amor aos estudos, sendo ao da medicina a que principalmente se dedicou. Vendo que em Portugal não havia quem estivesse habilitado para lhe ensinar tudo quanto desejava saber n'esta sciencia, resolveu hir estudar á universidade de Paris, a mais afamada d'esse tempo.

Nos primeiros dias da sua jornada de Portugal para França, teve um companheiro, a quem muito se afeiçoou. ¹ Este, com boas

¹ Os seus antigos biographos pretendem que

palavras e fortes argumentos o desviou da sua tenção, dizendo-lhe, entre outras cousas, que a vida do medico é uma das mais tristes e espinhosas, lidando continuamente com agonias, dores, lagrimas, chagas e mortes. Que era mais gloriosa, facil e agradável a vida do nigromante.

Gil, tomou o perfido conselho do seu companheiro, e, em vez de seguir a estrada de Paris, marcharam para Toledo, onde era a academia dos magicos.

(Transcrevo um trecho da *Historia de Santarem* (tomo 2.º, pag. 81.)

«Junto áquella cidade de Tolêdo, em um tenebroso valle sombrio, se divisavam duas profundas e cavernosas covas, dentro das quaes estavam as luciferinas aulas d'áquella infernal academia, onde o principe das trevas, ditando a postilla, lia a seus discipulos a arte de nigromancia.»

«Admittido Gil com muita brevidade, áquelle infernal consorcio, saíram logo d'alli, com grande festejo e alaridos, os miseraveis discipulos que lá estavam, mandados pelo seu mestre, a receber o novo discipulo, levando-o com grande alegria e afagos, á presença de Lucifer, que estava sentado na pestifera cadeira magistral.»¹

Resumamos o que diz o padre Vasconcellos.

Tão ardentemente se applicou Gil Rodrigues de Valladares, á sciencia de nigromancia, que em sete annos se graduou mestre d'ella, e hindo para Paris, principiou logo a dar provas «do maior homem que tinha o mundo, na faculdade de medicina, com as curas pasmosas que fazia.»

Rico, e ganhando muito dinheiro, deu lar-

era o diabo em pessoa, com a figura humana de um bello moço; e dizem a verdade. Um mau companheiro, se não é o proprio diabo, ainda é peor do que elle; e torna-se mais perigoso, se possui uma phisionomia agradável e sympathica.

¹ Isto e-crevia com toda a seriedade, e como se fallassem da cousa mais natural d'este mundo, o reverendo padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos, conego secular de S. João Evangelista (loyo) d'finidor da sua congregação, e natural de Santarem, no anno de 1740!

gas a todos os vicios, ainda os mais torpes, e assim continuou por alguns annos, até que um dia (deixamos de parte os avisos *sobre-naturaes* que recebeu) arrependido, foi-se ás *postillas* e livros de magia, e queimou tudo.

Sahi de França, no proposito de se metter frade em um dos mosteiros mais rigorosos de Hespanha.

Chegando a Palencia, viu que os frades dominicanos andavam atarefados com a construcção de um pequeno mosteiro. Reparou na grande humildade com que trabalhavam na edificação, e a caridade que exerciam com os desvalidos. Pediu ao prior que o admitisse na sua ordem, o que facilmente lhe foi concedido; e, tomando o habito, se cingiu logo com uma cinta de ferro, que fechou com um cadeiado, lançando a chave d'este ao rio, para que nunca mais podese abrir o cilicio. Passado o anno de noviciado, professou em 1221, e foi mandado pelo beato frei Soeiro, para o convento da sua ordem, de Santarem.

Alli continuou uma vida de oração continua e de asperas penitencias; e, como o prior conhecesse em frei Gil uma aptidão extraordinaria para as sciencias, o mandou estudar theologia á universidade de Paris, onde foi recebido cordialmente pelo geral da sua ordem, São Jordão, (successor de São Domingos, no generalato) em vista de uma carta de D. Sancho I, que o recommendava instantemente.

Teve frei Gil por condiscipulo, o beato Umberto de Romanis, que depois veio a ser 5.º geral da ordem dominicana, e que muito amou o frade portuguez.

Graduado doutor em theologia e feito mestre da ordem, regressou ao seu mosteiro de Santarem, ahi foi mestre dos seus confrades e foi o 1.º *leitor* que a ordem de S. Domingos teve em toda a Hespanha, n'esta faculdade.

Foi tambem um distinctissimo orador sagrado, e um insigne missionario apostolico, prégando o Evangelho por muitas terras, tanto com a palavra como com o exemplo.

Fallecendo frei Soeiro Gomes, 1.º provincial de toda a Hespanha, foi Gil eleito em capitulo geral, provincial, por unanimidade

de votos, e foi um dos mais sabios e virtuosos prelados da sua ordem.

Passados annos, e querendo frei Gil tornar á sua vida de mortificação e isolamento, pediu a resignação ao papa, que lhe foi dada. succedendo-lhe o virtuoso frei Pedro de Osca; mas fallecendo este d'ahi a pouco tempo, tornou frei Gil a ser unanimemente eleito, e no provincialato terminou seus dias, em quinta feira da Ascensão do Senhor, a 14 de maio de 1265, com 80 annos de idade, sendo sepultado no cemiterio do mosteiro.

Passados seis annos, sua prima, D. Joana Dias, senhora de Atouguia, mulher de D. Fernando Fernandes Cogominho, senhor de Chaves, e alcaide-mór de Coimbra, lhe mandou fazer uma bôa capella en'ella um mau-soleu, na igreja do mosteiro do santo, para onde o seu cadaver (que foi achado incorrupto) foi transferido, com magnificas exequias, a que assistiram as pessoas principaes da villa, e quasi todo o povo.

Vide adiante, quando fallo do mosteiro de Santa Clara (freiras franciscanas) o que diz o visconde d'Almeida Garrett, com respeito aos ossos de São frei Gil.

1266—Vide o anno de 1226.

1270—(19 de fevereiro)—Morre o grande servo de Deus, *frei Antonio de Santarem*, natural da terra do seu appellido.

Era filho de pessoas nobres, e namorando-se de uma donzella tambem nobre e muito formosa, como elle nada devesse á formosura, lhe disse ella—«Lava-te muito bem no rio Jordão, e depois serás meu marido.»—Elle acceitou a condição, e marchou para a Syria, lavou-se nas aguas do Jordão, e trouxe d'ellas um vaso, e attestados provando a sua peregrinação. A donzella cumpriu a promessa, casando com elle, porém, poucos mezes depois, falleceu. Antonio, desgostoso por esta morte prematura, abandonou patria, honras e riquezas, e se foi para Castella, e alli se metheu frade franciscano, applicando-se de coração aos estudos ecclesiasticos, vindo a ser um grande sabio, e um consumado prégador.

De Castella veio para o mosteiro francis-

cano da sua patria, onde, cheio de annos e de virtudes, morreu no indicado dia, sendo sepultado na magestosa capella das almas, da igreja do seu mosteiro, sob o altar do SS. Sacramento.

Durante a maior parte da sua vida, e depois da sua morte, foi geralmente reputado por santo.

1272—Vide o anno 1259.

1275—(10 de janeiro) — Morre o grande capitão, *D. Payo Peres Correia*, natural de Santarem.

Dizem muitos escriptores, e com elles o nosso esclarecido academico contemporaneo, o sr. Manoel Pinheiro Chagas, que o famosissimo XVI grão-mestre da ordem de S. Thiago, *Dom Payo Peres Correia*, o conquistador do Algarve, é natural da cidade d'Evora. (Vide 3.º vol., pag. 112, col. 2.ª) Outros porém sustentam que este intrepido guerreiro, nasceu em Santarem, no principio do seculo XIII.

Estou persuadido que este heroe nasceu em Santarem. Assim o affirma o arcebispo de Braga, D. Rodrigo da Cunha, na sua *Hist. eccles. de Lx.ª*, pag. 851—e o padre Vasconcellos, na sua *Hist. de Santarem*, tomo 2.º, pag. 436. Ambos estes escriptores dão por cousa sem duvida, que o fallecimento de D. Payo foi a 10 de janeiro (e não a 10 ou 11 de fevereiro, como outros dizem) de 1275.

Ainda mais.

No mesmo logar, da *Hist. de Santarem*, diz-se que, alem do que afirma D. Rodrigo da Cunha, é tradição constante em Santarem, que D. Payo Peres Correia foi «nascido e creado n'esta nossa villa de Santarem, e nós nella temos viva tradição, que nascera e morára na freguezia de S. Thiago, nas casas que hoje (1740) são residencia dos vigarios da parochial igreja de Santa Iria, as quaes conservam ainda hoje um torreão, que denota grande antiguidade.»

O que é certissimo, é que *D. Payo Soares Correia*, senhor da honra de Farelães, uma das mais nobres e antigas casas do Minho, foi pae de D. Soeiro Paes Correia, pae de D. Pedro (ou Péro) Peres Correia; e d'este, e de sua mulher e prima, D. Dórdia (ou

Dórdes) Peres d'Aguilar, nasceram vários filhos e entre elles, o grande *D. Payo Peres Correia*. (Vide 6.º vol., pag. 695, col. 2.ª — e 7.º vol., pag. 526, col. 1.ª e seguintes.)

Não pude achar memoria do anno do seu nascimento, mas devia ser entre os annos 1195 e 1205.

Tambem é incerto o lugar onde falleceu. O sr. Pinheiro Chagas (*Port. Illustres*, pag. 11) não o declara. Alguns escriptores, dizem que elle morreu em *Uclés* (Hespanha) a 11 de fevereiro de 1275. (Vide o lugar citado, do 3.º vol.)—Outros dizem que morreu em Portugal (mas não dizem em que lugar) a 10 de fevereiro do mesmo anno de 1275. (Frei Francisco de Santa Maria—*Anno Hist.* tomo 1.º, pag. 180.) Em uns apontamentos que eu tenho, mas que me não lembra já de onde os extrahi, diz-se tambem que elle morreu no tal dia 10 de janeiro, em uma batalha contra os mouros, na Serra Morsna (Hespanha) e que foi aqui que elle fez *parar o sol*: e que em memoria d'este milagre, se erigiu no proprio lugar da batalha, um templo dedicado a *Santa Maria Tem-Tu-Dia*, que foram as palavras pronunciadas por elle, para fazer *parar o sol*, e que alli jaz sepultado.

No lugar citado do *Anno Historico*, diz que o *milagre da paragem do sol*, foi na batalha de *Lerena* (Hespanha) e que na mesma occasião, tendo os seus muita séde, espetou a lança em um rochedo, e d'elle brotou logo uma copiosa fonte de agua potavel, com que todos se desalteraram.

Abstrahindo dos milagres que a pia crença dos nossos antepassados fazia figurar com tanta frequencia, em todas as difficeis conjuncturas, é certo que *D. Payo Peres Correia*, foi um guerreiro legendario, e o mais valente batalhador do seu tempo.

Ainda adolescente, alistou-se na ordem de S. Thiago da Espada, da qual foi eleito grão-mestre, em 1242, e, no mesmo anno, commendador de Alcaacer do Sal. (Vide *Evora*, no lugar citado do 3.º volume.)

Os seus feitos militares principiaram no reinado de D. Sancho II, ajudando a conquistar aos mouros, Cacella e Ayamonte, em 1240.

Em 9 de janeiro de 1212, resgatou a praça e cidade de Silves, do poder dos sarracenos.

Em quanto Affonso Peres Farinha, mestre da ordem do Hospital, no mesmo anno de 1242, expulsava os árabes, de Arronches, Juromenha, Serpa, Moura, Mértola e outras povoações que os mouros ainda conservavam no Alemtejo, o nosso D. Payo os hia expulsando de Aljezur, e de varias outras povoações.

A sua principal façanha d'este anno, foi a tomada de Tavira, a 11 de junho. Eis o que deu motivo a esta gloriosa conquista.

Havia tréguas entre os christãos e mouros. No dia 10 de junho, *D. Pedro Rodrigues*, commendador-mór da ordem de S. Thiago; *Mem do Valle*; *Damião Vaz*; *Alvaro Garcia*; *Estevam Vasques*; e *Valerio da Hora*, pediram licença a D. Payo, para hirem mou-tear.

Negou-lh'a o chefe; mas, tanto instaram, que por fim lh'a concedeu.

Fiados nas tréguas, entraram em Tavira, o que os mouros tomaram como provocação, juntando-se grande numero d'elles, atacaram os portuguezes, que tiveram de fugir para o alto de um monte, ao O. da cidade, defendendo-se alli, com a maior intrepidez.

Segundo alguns escriptores, os seis cavalleiros, vendo-se assim traiçoeiramente agredidos por tão grande numero de mouros, resolveram que um d'elles (cavalleiros) fosse dar parte ao grão-mestre; porem como nenhum queria abandonar os companheiros em tão grande perigo, foi decidido que seria tirado á sorte o que devia marchar. Assim se fez, e o designado, pôde atravessar a toda a brida por entre os mouros, e levar a noticia a D. Payo.

N'esta occasião, passava por aquelle sitio um rico mercador portuguez, chamado *Garcia Rodrigues*, com algumas cargas de fazenda, e, sabendo do aperto em que estavam os seis cavalleiros christãos, entregou as cargas aos creados, mandando-os retirar, e elle com a espada em punho, e por entre os mouros, se foi reunir aos cavalleiros.

Durou este prodigioso combate muitas horas; mas, depois de terem sido mortos mui-

tos dos inimigos, os christãos foram todos assassinados.

Quando D. Payo teve noticia do perigo em que estavam os seus cavalleiros, que eram os mais bravos do seu pequeno exercito, cheio de furor, em vista da traição cobarde dos mouros, voou com a sua gente sobre Tavira, na esperança de ainda chegar a tempo de salvar os portuguezes.

D. Payo e os seus soldados, entraram na cidade, não como valentes guerreiros, mas como lões furiosos, e achando os mouros espalhados pelas ruas cantando victoria, com grande alegria pela sua *façanha*, fizeram n'elles horrivel matança, não perdoando a sexo nem idade, fugindo espavoridos os poucos que poderam escapar.

Assim ficou Tavira livre do dominio mouresco.

Em 1218, D. Payo e Martim Fernandes, são mandados com um exercito a Castella, para auxiliar os hespanhoes na guerra contra os mouros, e ajudar a tomar a estes a famosa cidade de Sevilha.

Martim Fernandes fica governador da cidade conquistada, e D. Payo, volta a Portugal, com as suas tropas.

Em 9 de março de 1219, em companhia de D. Affonso III (o Bolonhez) toma aos mouros, a cidade de Faro.

Finalmente, em 1250, expulsa os mouros dos seus derradeiros asylos no Algarve, e assim Portugal ficou para sempre livre dos mouros.

Em 1253, D. Affonso III, de Portugal, levando em sua companhia D. Payo e outros bravos capitães, e um exercito escolhido, passam o Guadiana, e toma aos mouros varias praças e castellos da Andaluzia.

Em 1248, São Luiz, rei de França (Luiz IX) dá principio á 6.^a cruzada, embarcando para o Egypto, e toma aos musulmanos a forte praça de Damietta; mas foi derrotado na batalha de *Massoure*, ficando prisioneiro com a maior parte dos seus cavalleiros.

Na Europa organisa-se outra cruzada para livrar o rei de França do poder dos infieis, e o grande D. Payo Peres Correia, é escolhido para commandar a vanguarda.

Entre tanto, São Luiz recupera a liberda-

de, entregando aos musulmanos a praça de Damietta, e a cruzada não se effectuou. ¹

Ainda depois, D. Payo se tornou celebre no Oriente, como um dos mais bravos guerreiros do seu tempo, quando foi em soccorro de Balduino de Flandres, imperador de Constantinopla, contra os gregos.

Tudo o mais que diz respeito a este heroe portuguez, achar-se-ha nos logares d'esta obra, que ficam citados no presente artigo.

1280—Vide 1240.

1290—A rainha Santa Isabel, funda o mosteiro das freiras capuchas do Senhor dos Innocentes.

1294—(25 de março)—El Rei D. Diniz, faz doação á villa de Santarem, do *Paúl de Magos*. Assignou a doação tambem o vereador d'esta villa, Estevam Peres Lobato.

1300—O *milagre de Jesus Christo Crucificado*.

No reinado de D. Diniz, um fidalgo de Santarem, namorou-se de uma rapariga do campo, que conduzia muitas vezes o seu rebanho para as visinhanças de uma ermida, dedicada a Jesus Christo Crucificado.

Não podendo elle seduzir a donzella por outro modo, lhe jurou perante a santa imagem da ermida, que casaria com ella; porem, depois de a haver seduzido, não cuidou em cumprir o seu sagrado juramento.

Ella o demandou em juizo, porem elle negou obstinadamente que tivesse feito tal juramento. A seduzida, não tendo testemunhas nem outra esperança de ver reparada a sua falta por meio do casamento, se dirigiu a 11 de abril, com muita gente á ermida, e pediu ao Senhor que dêsse um signal da verdade do que ella allegava.

O Senhor, despegou da cruz, um dos bra-

¹ São Luiz, ainda empreendeu uma 7.^a, e ultima, cruzada, em 1270, contra o parecer dos seus conselheiros.

Desembarca no costa da Africa, e põe cerco a Tunis; mas uma terrivel peste lhe dizima as suas tropas, e elle mesmo é atacado, morrendo sob os muros da praça que sitiava. A Egreja Catholica, o incluiu no numero dos seus santos; e a Historia o colloca no cathalogo dos maiores reis da Europa.

ços (que ainda assim está.) (Vide o anno 1371.)

A' vista de tal milagre, o seductor, convertido, casou com a pastora.

1314—(Vide 1324.)

1319—(18 de novembro)—Teve logar em Santarem o acto solemne, da acceitação da bulla do pontifice João XXII, que confirmou a instituição da ordem de Christo, successora da do Templo, e sua herdeira, na maior parte dos seus edificios, quintas, e mais propriedades, rendas, fóros e privilegios.

Foi uma cerimonia de grande magnificencia, assistindo o rei D. Diniz, a familia real, toda a côrte, e as pessoas mais qualificadas da villa, quer pela sua nobreza, quer pela sua illustração.

Esta bulla foi lida em todas as parochias de Portugal, causando geral regosijo, em razão das enormes riquezas dos templarios não passarem para a Curia romana, como pretendia o papa Clemente V, allegando direitos imaginarios, á herança da ordem do Templo, que se extinguiu em 1311.

Oite annos lidou o rei D. Diniz para conseguir este resultado; desobbrindo, por fim, o meio de subtrahir ás pretensões romanas, os bens da ordem supprimida, creando a de Christo. Vide *Alemquer*.

1323—Por uma carta do rei D. Diniz, dada n'este anno, e em cumprimento do disposto no foral de Santarem, se determinava o seguinte:

Quando a alguma mulher casada, fosse applicado o castigo de açoites, lh'os daria em casa, seu marido, na presença da justiça, e *tamanhos como os costumava dar o alvazil. E, se o marido assim os não dêsse, a justiça lh'os daria a elle.* (1)

Na mesma carta, ordenou, que — toda a madeira que da Galliza pãssasse para Lisboa, pagasse dizimo em Santarem.

Os generos que de Lisboa vinham para Santarem não pagavam portagem.

1324—(20 de outubro) — 1 O rei D. Diniz

¹ Extráio esta noticia, do *Anno Historico*, vol. 3.º, pag. 189—mas advirto os meus leitores que aqui ha um anachronismo evidentissimo. D. Philippa, morreu de peste, em

e sua mulher, Santa Isabel, desceram ao Tejo, acompanhados de toda a côrte (que então estava em Santarem) para verem o tumulo de *Santa Iria* (ou *Irène*) *fabricado por mãos de anjos*, e que o rio occultava desde tempos remotissimos. «Eis que, de repente, se abre o caudaloso rio, formando uma espacosa rua, tão nova como aprasivel, offerecendo aos reis e aos côrtezáos, o passo franco e livre. Pasmaram todos, com razão, e ficaram não só admirados, mas attonitos; porem, reconhecendo o favor divino, entraram por entre muros de prata, pizando areias d'ouro, a venerar a sagrada urna.» etc. e continúa — «Levantou-se allí mesmo promptamente, por ordem de El-Rei, um padrão, para nova e perpétua memoria do logar e do milagre. E, voltando todos ás margens do rio, uniu este, as correntes divididas, e corren, cobrindo como d'antes, o sagrado e preciosissimo thesouro.»

Os atheus, podem rir-se d'estas cousas. Eu não me rio—respeito e admiro as firmes e inabalaveis crenças dos portuguezes de outras eras. Seriam crendeiros; mas é mil vezes peor o septicismo do século XIX.

1325—(7 de janeiro)—Morreu em Santarem o grande rei D. Diniz, com 63 annos de idade. Tinha nascido em Lisboa, a 9 de outubro de 1261. Reinou 46 annos.

Casara, em 1282, com Santa Isabel, infanta aragoneza, filha de D. Pedro 3.º, rei d'Aragão, e que trouxe em dote a maior parte do territorio chamado *Riba-Côa*. Foi canonizada pelo papa Urbano VIII.

Para os filhos (legitimos e bastardos) de D. Diniz, vide n'este vol., pag. 72, col. 2.ª

Para o mais velho dos filhos bastardos (D. Affonso Sanches, conde de Albuquerque) vide *Villa do Conde*.

D. Diniz, foi sepultado no mosteiro de Odivellas. (Vide esta palavra.)

No mesmo anno de 1325, e logo a 9 de ja-

uário, oito annos e 3 mezes antes. O livro não tem *erratas*, mas aquillo é de certo erro typographico: havia de ser 1314. Alem d'isso, o autor do *Anno Historico*, não dá como certa, mas como supposta, esta data.

neiro, foi coroado em Santarem, D. Affonso IV, filho de D. Diniz.

1331—2.^{as} côrtes de Santarem. (As 11.^{as} de Portugal.)

1334—3.^{as} côrtes de Santarem. (As 12.^{as} de Portugal.)

D. Affonso IV, tentou casar seu filho, o infante D. Pedro (depois 1.^o do nome) com D. Constança, filha de D. João Manoel, senhor de Escalona, marquez de Vilhena e duque de Penafiel; que era um dos vassallos mais poderosos da Hespanha.

Convocou para isso as côrtes de Santarem, n'este anno de 1334; mas, reflectindo que o rei de Castella faria grande opposição a este casamento, não o propoz ás côrtes. Só no fim d'esse anno, estando o rei em Alemquer, alli fez reunir o seu conselho d'estado, ao qual expoz o seu projecto do casamento do filho, o que foi approvado; mas só se realison, *por palavras de presente*, no anno de 1336, na villa de Castillos, em Hespanha.

D. Affonso XI, rei de Castella, casado com D. Maria, filha mais velha do nosso D. Affonso IV, e da rainha D. Brites, filha de D. Sancho IV, de Castella ¹ oppoz-se tenazmente a este casamento, e não consentiu que a noiva viesse para Portugal.

D. Affonso IV, com o fim de tirar á força, do poder castelhano, a noiva de seu filho, declara guerra ao genro, a qual foi desastrosa para ambos os paizes.

O papa, Clemente VI, e o rei de França, Philippe VI (o *Volois*) ² intervieram na con-

¹ D. Affonso IV, teve da rainha sua mulher, sete filhos que foram — por ordem de idade—1.^o, a dita rainha, D. Maria—2.^o, D. Affonso—3.^o, D. Diniz, que ambos morreram creanças—4.^o, D. Pedro, que foi o herdeiro da corôa—5.^o, D. Isabel—6.^o, D. João, que morreram de pouca idade—7.^o, D. Leonor, que foi 2.^a mulher de D. Pedro IV, de Castella.

Não me consta que tivesse filhos bastardos.

D. Affonso XI de Castella, foi o Henrique VIII, do seculo XIV (Vide vol. 3.^o, pag. 404, col. 1.^a, nota.)

² Carlos IV (o *Bello*) reinou em França, desde 1322 até 1328. Era 3.^o filho de Philippe o *Bello*, e succedeu a seu irmão Philippe V (o *Longo*). Carlos IV morreu sem deixar filhos

tenda, e conseguiram que o rei castelhano deixasse sahir D. Constança (junho de 1339) e a guerra terminou.

Em agosto do mesmo anno, entrou a infanta em Lisboa, trazendo, entre outras damas da sua comittiva, a bella e infeliz D. Ignez de Castro.

Em 7 de julho de 1340, fez D. Affonso IV, uma carta d'arrhas (por seu secretario, Pedro Esteves, de Santarem) a sua nora, dando-

varões, e n'elle se extinguiu o 1.^o ramo dos *Capêtos*. Segundo a *lei sálica*, succedeu-lhe no throno, Philippe de Valois (Philippe VI) neto de Philippe III (o *Atrevido*—le *Hardi*) e sobrinho de Philippe o Bello.

Foi no reinado de Philippe de Valois (1328—1350) que na *batalha de Crécy* (1346) ganha contra aquella monarcha, por Eduardo III, rei de Inglaterra, se viu e ouviu pela 1.^a vez, na Europa, a artilheria. N'esta batalha morreu quasi toda a nobresa de França. Logo no anno seguinte, a cidade de Calais cahiu em poder dos inglezes. Philippe de Valois, morreu em 1350. Succedeu-lhe João I (o *Bom*) que na batalha de Poitiers ficou prisioneiro do principe de Galles, filho do dito Eduardo III, ficando o exercito francez quasi completamente aniquilado.

Os meus leitores, teem ouvido por muitas vezes fallar nas *Vesperas Sicilianas*, e a maior parte d'elles teem ouvido cantar a bella opera do mesmo titulo, musica de Guiuseppe Verdi, letra de Scribe e de Duveyrier; mas talvez nem todos saibam que foi um facto verdadeiro. Isto não pertence á nossa historia, mas só o dou como curiosidade, com que os leitores nada perdem. Eis pois o que foram as taes *Vesperas*.

Reinando em França, Philippe III (o *Atrevido*) avô (como vimos) de Philippe de Valois (1270—1285) é que tiveram logar as *Vesperas*.

Carlos d'Anju, irmão de Luiz IX (S. Luiz) tinha conquistado o reino de Naples. O jugo dos francezes tornou-se intoleravel aos sicilianos, e no mesmo dia, (1282) a hora de *vesperas*, todos os francezes foram degolados, em Palermo. Pedro III, rei d'Aragão, não foi estranho a esta horrivel carnificina. Philippe III, por isso lhe declarou guerra, porem cahiu doente, e morreu em Perpignan. N'este reinado a *Navarra*, a *Brie* e a *Champanhe* foram encorporadas ao reino de França.

A opera *Vesperas Sicilianas*, é uma das melhores de Verdi. Cantou-se com grande successo, em Lisboa e no Porto, pela ultima vez, em 1858. Parece que *perdeu de moda*.

lhe varias terras e foros, e a villa d'Alemquer, com todas as suas aldeias, termos, rendas, jurisdições, direitos reaes, e pertenças, por toda a vida.

D. Constança morreu em Santarem a 13 de novembro de 1345.

D. Pedro, teve d'este casamento, trez filhos—*D. Maria*, que casou com o infante D. Fernão, filho de D. Affonso IV, de Aragão—*D. Luiz*, que morreu de pouca idade—e *D. Fernando*, que lhe succedeu na coroa.

De sua 2.^a mulher, D. Ignez de Castro, teve quatro filhos—*D. Affonso*, que morreu de pouca idade—*D. João*, que casou, em 1.^{as} nupcias, com D. Maria Telles de Menezes, viuva de D. Alvaro Dias de Sousa (do qual teve, D. Lopo Dias de Sousa, 8.^o mestre da ordem de Christo—Vide vol. 2.^o, pag. 322, col. 1.^a, dia 28 de novembro de 1377.)—Casou 2.^a vez (D. João) em Castella, com uma filha bastarda de D. Henrique II—e *D. Brites*, que casou com D. Sancho d'Albuquerque, filho bastardo de D. Affonso XI.

D. Pedro teve um filho bastardo, que foi o famosissimo *Mestre d'Aviz*, depois, D. João I, de Portugal (o de *Boa-Memoria*.)

1340 — 4.^{as} côrtes de Santarem. (As 14.^{as} d'este reino.)

A 30 de outubro d'este anno de 1340, teve logar a gloriosissima *batalha do Salado*.

(Vide o 3.^o vol., pag. 104, col. 1.^a)

1345—(13 de novembro)—Morre em Santarem, a infanta D. Constança, 1.^a mulher do infante D. Pedro, depois 1.^o do nome. (Vide o anno de 1334.)

1355—Nasceu em Santarem, PEDRO EANNES LOBATO. (O rei D. Duarte, nas Instruções que deu ao infante D. Henrique, seu irmão, para a conquista de Tanger, lhe dá o nome de *Pere Eannes Lobato*.)

Foi Pedro Eannes, um dos principaes fidalgos do seu tempo, gozando de grande importancia e auctoridade, nos reinados de D. Fernando, D. João I, D. Duarte e D. Affonso V.

Era filho primogenito de Estevam Lobato, guarda-roupa de D. Pedro I, desde o tempo de infante, e que se acha assignado no *instrumento de testemunhas*, que, para prova da

validade do casamento com D. Ignez de Castro, fez publicar em Coimbra, em 1360, o mesmo D. Pedro I.

Francisco José da Serra Craesbek, no Catalogo dos regedores da casa do civil, lhe dá erradamente o nome de D. Vasco Lobato, quando é certo que este fidalgo gallego—senhor do couto de Melon—veio para Portugal, no reinado de D. Sancho II, ou D. Affonso III.—Os seus descendentes, conservam, por varonia, a posse da quinta de *Cheira-Ventos*, no termo da villa d'Almada.

D. Vasco, casou com *D. Maria Sarrassa*, filha de D. João Peres (ou Pires) Sarrassa. D'este matrimonio nasceu *Estevam Peres Lobato* (vide o anno 1294—25 de março.)

Este Estevam Peres Lobato, assignou com outros seus collegas, commendadores da ordem de S. Thiago, o consentimento do contrato que o rei D. Diniz fez com a dita ordem, largando-lhe as villas de Almodóvar e Ourique, e varias terras, no Alemtejo, pela villa d'Almada, em frente de Lisboa, no fim do anno de 1297.

Duarte Nunes Leal (*Chronica* do rei D. Diniz, pag. 260 verso) lhe dá o titulo de commendador de Cabrella (villa do Alemtejo, no concelho de Arraiolos.)

De Estevam Peres Lobato, foi filho, Pero Esteves, natural de Santarem. (Vide o anno 1319—18 de novembro.) Foi Pero Esteves, secretario de D. Affonso IV, como consta da carta d'arrhas que este monarcha fez, em 7 de julho de 1340, á infanta D. Constança (filha de D. João Manuel, infante de Hespanha) casada com o in-

fante D. Pedro, depois 1.º do nome.

Tambem foi (Pero Esteves) vedor da casa de D. Pedro, conde de Barcellos. Casou com Margarida Eannes, dos quaes foi filho, o pae do nosso Pedro Eannes Lobato.

Já no reinado de D. Fernando era muito considerado, o nosso Pedro Eannes, sendo um dos fidalgos nomeados para vassallo do conde de Barcellos, D. João Affonso Telles de Menezes, irmão da rainha D. Leonor Telles de Menezes (e não *creado*, como lhe chama, sem fundamento, José Soares da Silva, *Memorias d'El-Rei D. João I*, tomo 1.º).

Foi um dos fidalgos mais leaes de D. João I, ao qual fez assignalados serviços, mesmo em quanto este era simplesmente mestre d'Aviz.

Vendo os escandalos da rainha, offereceu-se ao *Mestre*—primeiro, em Rio-Maior, e depois em Lisboa—para assassinar João Fernandes Andeiro, o que D. João recusou.

Teve por irmãos—*Estevam Eannes Lobato*, e *João Lobato*, e com elles veio ao cerco de Lisboa, em 1384.

Na memoravel batalha d'Aljubarrôta, foi (antes d'ella principiar) armado cavalleiro, pelo proprio rei, e n'esse glorioso dia, se distinguio pela sua bravura, combatendo sempre ao lado do grande condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, sob cuja bandeira militou sempre.

Quando o condestavel passou ao Alemtejo, pediu conselheiros para os negocios da guerra contra os castelhanos. Os cavalleiros do partido de Lisboa, conhecedores da intelligencia, valor e fidelidade de Pedro Eannes, o escolheram e a João Vasques d'Almada, e Affonso Pires da Charneca, para esta commissão importantissima.

Distinguio-se na tomada de Ceuta (14 de agosto de 1415) como capitão de uma das naus portuguezas.

Na jornada de Tanger, fez grandes serviços, pelos seus profundos conhecimentos na arte da guerra, e offereceu ao rei D. Duarte, um livro, que o monarcha approvou, e deu ao infante D. Henrique, seu irmão (o de Sa-

gres) aconselhando-o que lêsse sempre por elle, para o bom successo d'esta empreza.

O seu merecimento nas letras, igualava as suas prendas como militar, sendo tambem experimentado na pratica do foro e na politica da côrte.

D. João I o fez seu vedor da fazenda, e quando este soberano creou a *casa do cível*, o nomeiou primeiro regedor.¹

Pelos seus relevantes serviços, lhe deu D. João I, o rendimento dos banhos da cidade de Lisboa, junto ao chafariz d'El-Rei (o que era n'esse tempo cousa muito importante.) Nomeiou-o seu vassallo; e, pouco tempo depois, lhe deu os direitos da Mouraria, da mesma cidade.

Depois, o rei D. Duarte o nomeiou seu conselheiro, e o mandou por embaixador a Castella.

Na menoridade de D. Affonso V, foi eleito, pelas côrtes (celebradas em Torres Novas, em 10 de novembro de 1439) para ser um dos fidalgos assistentes ao conselho da regencia da rainha D. Leonor, e do infante D. Pedro, tio do rei.

Casou com D. Catharina Eannes, filha de Estevam Eannes, e d'ella teve, *João Lobato*, que casou com D. Violante de Brito Fogaça, filha de Diogo Fogaça, commendador de Canha e Cabrella—*Ruy Lobato*, chanceller-mór do reino, em tempo de D. Manuel I—*D. Isabel Lobato*, mulher de Affonso Pereira, reposteiro-mór—e *D. Maria Eannes Lobato*, mulher de João Gallego de Andrade.

Teve (em sua vida sómente) os direitos da villa d'Almada, que lhe deu o condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, quando repartiu os bens por seus capitães e soldados: e, quando o mesmo D. Nuno fundou a quinta de *Corroios* (que depois foi dos frades carmelitanos de Lisboa) fez Pedro Eannes Lobato outra quinta, visinha da de *Corroios*, no sitio de *Cheira-Ventos*, freguezia da Amóra, a qual passou aos seus descendentes.

¹ E não *governador*, como escreveu Faria e Souza; pois este titulo, foi dado depois, por distincção do regedor da casa da supplicação, a D. Gonçalo Vaz de Castello-Branco. Nem tambem regedor da casa da supplicação, como entendeu José Soares da Silva.

Falleceu em Lisboa, de idade muito avançada, e foi sepultado na igreja parochial de S. Mamede (a que o terramoto de 1755 arrazou) em um tumulo de pedra lavrada, que estava na capella do Espirito Santo.

Ainda em 1817, existia o retrato d'este esclarecido portuguez, em casa de seu descendente, João Lobato Q. de Faria Barroso, desembargador do bairro do Mocambo, em Lisboa.

Este retrato foi mandado tirar pelo proprio Pedro Ennes Lobato, e é decorado com as armas dos Lobatos, que são—Em campo de púrpura, trez castellos de prata, em roquête, com portas e frestas de negro. Orla d'ouro, carregada de oito lobos negros, passantes: elmo cerrado, e por timbre, um dos castellos das armas, com um dos lobos das mesmas, a sahir-lhe por cima.

1357—(18 de janeiro)—D. Pedro I (na praça de Santarem) manda matar barbaramente, a *Alvaro Gonçalves* e a *Pedro Coelho*—assassinos de D. Ignez de Castro. A *Alvaro Gonçalves*, lhe foi arrancado o coração pelas costas; e a *Pedro Coelho*, pelo peito.

O outro assassino de D. Ignez de Castro, (*Diogo Lopes Pacheco*) pôde fugir da Hespanha, para a França, e assim escapou a uma morte cruelissima.

Este supplicio teve lugar em frente do paço real d'Alcáçova. Os dois desgraçados (ainda que cobardes criminosos) soffreram primeiro, alli mesmo, os mais atrozes tormentos, antes de lhes arrancarem o coração. *Pedro Coelho*, em quanto duraram os tormentos, vingava-se em dirigir ao rei — que de uma das janellas do paço assistia a isto — insultos e ameaças. D. Pedro I ria-se, e só respondeu — «Arranjem o fogo e o molho, para assar este coelho.»

D. Pedro I, tinha feito com seu sobrinho, D. Pedro I (o *Crú*) de Castella, o *tratado* de lhe entregar; D. Pedro Nunes de Gusmão, Mem Rodrigues Tenorio, Fernando Gudiel de Tolédo, e Fortão Sanches Calderon (que tambem foram barbaramente mandados assassinar por D. Pedro Crú.)

O rei castelhano, em *troca* d'estes fidalgos, entregou ao tio os dous assassinos de D. Ignez de Castro.

Quando D. Pedro Cru, mandou prender os trez portuguezes, tinha sahido Diogo Lopes Pacheco para a caça. O rei mandou pôr guardas a todas as portas, para não sahir ninguém que levasse noticia a Pacheco; mas, um mendigo, de que as guardas não fizeram caso (ou que pudéra sahir antes d'ellas serem collocadas) lhe levou a noticia, e Pacheco pôde fugir para França, vestido de almocreve. (Vide *Ferreira d'Aves*, e 3.º vol., pag. 250, col. 2.ª)

1359—N'este anno (pouco mais ou menos) nasceu n'esta villa, *João Affonso de Santarem*, fidalgo da casa real, do conselho de D. João I.—Foi casado com D. Iria Affonso, dama da primeira nobreza de Portugal.

Acompanhou o dito monarcha, nas guerras que, depois da morte de D. Fernando, tiveram lugar contra D. João I de Portugal e D. João I de Castella, e fez relevantes serviços ao rei e á patria, não só arriscando a sua vida nos combates, como abonando dinheiro para as despesas da guerra, e ajudando o seu principe com armas e cavallos, comprados á sua custa, chegando o seu patriotismo a ponto de vender para isto as suas propriedades.

No fim da campanha, se recolheu João Affonso a Santarem, pobre dos bens da fortuna, porem rico de serviços.

D. João I, para de alguma sorte o indemnizar das perdidias propriedades, lhe deu varios bens, sequestrados a individuos d'esta villa, por terem seguido o partido de Castella.

Parece que João Affonso não julgou lá muito bem adquiridas estas propriedades, porque, em 16 de dezembro de 1426, fez testamento e as doou para a creação do *hospital de Jesus*, de Santarem.

Eis o principio do testamento.

«Mando que n'estas minhas casas novas, se faça um hospital, pela minha alma, de meu pae e mãe, e pela de minha mulher, D. Iria Affonso, e por todos aquelles por quem sou obrigado rogar a Deus; o qual hospital seja chamado de *Jesus Christo*, etc.» (Não é preciso dizer aos meus leitores, que isto é a *traducção* do portuguez do seculo XIV.)

D. João I confirmou esta doação, em 1431.

O hospital de *Jesus Christo*, era na freguezia de S. Nicolau, que foi onde nasceu e foi baptisado o seu fundador.

N'esta igreja de S. Nicolau, á direita de quem entra, mandou o testador fazer uma capella, onde fez construir a sua sepultura, de marmore, não consentindo que n'ella fossem gravadas as suas armas, nem inscripção alguma, mas sómente o SS. *Nome de Jesus*.

Na mesma capella foram sepultados seus paes e sua mulher.

(Para o mais que diz respeito a João Affonso, vide *Hospitaes de Santarem*.)

1360—Os nossos reis, desde D. Affonso I, até D. Affonso IV, tinham o seu thesouro de ouro e prata, guardado na torre *Albarran*, á porta do castello de Lisboa. O guardião dos frades de S. Francisco, o prior do mosteiro de S. Domingos, e um dos beneficiados da Sé, tinham cada um uma chave da torre.

No castello de Santarem, havia, para o mesmo fim, outra torre, onde chegou a juntar-se tão grande quantidade d'ouro e prata, tanto em barras, como em moeda e joias, que se chegou a receiar que a torre não podesse aguentar tão grande peso.

Depositos semelhantes, havia no Porto, em Coimbra, e em outras povoações.

D. Pedro I, ainda n'este anno de 1360, mandou guardar na torre de Santarem, alguma prata, e, se não augmentou os thesouros que lhe haviam legado seus maiores, tambem de todas essas enormes riquezas, nunca tirou *nem um seutil*, legando tudo a seu filho, D. Fernando I, que, com o seu pessimo governo, tudo malbaratou, e ainda morreu cheio de dividas!

1373—(19 de março) O rei D. Henrique II, de Castella, entra em Portugal, saqueando todos os povos por onde passa, sem que D. Fernando I, tratasse de lhe oppor a

menor resistencia. Os castelhanos entram em Lisboa, e a saqueiam e incendeiam. D. Fernando estava muito descansado em Santarem.

O papa Gregorio XI, intervem, e os dous monarchas, depois de terem uma conferencia no Tejo, em frente de Santarem, estando presente o legado apostólico (D. Guido de Bolonha, cardeal e bispo do Porto) fazem a *paz de Santarem*, que terminou esta guerra tão desastrosa para Portugal, em 19 de março do mesmo anno.

Quando os bergantins reaes se hiam aproximando, disse o rei castelhano para os seus, indicando o bergantim de D. Fernando — *Hermoso rey, hermosa barca, hermoso arraes!* (Suppõe-se que é d'este dito, que procede o appellido *Arraes*.)—E dirigindo ao rei portuguez, lhe disse—*Dios os mantenga, señor que mucho me aptase el veros; por ser la cosa que mas deseava.*

D. Fernando I, regressando a Santarem, dizia que vinha muito *henriquenho*. (Henriquenho era o nome que em Castella se dava aos que seguiam o partido de D. Henrique II, nas guerras civis que no seu tempo devastaram a Hespanha.)

1376—D. Affonso Tello de Menezes, conde de Ourem (tio de D. Leonor Telles de Menezes, mulher de D. João Lourenço da Cunha, senhor de Pómeiro, com o qual se des-casou, para casar com D. Fernando I) funda —o conde de Ourem—o mosteiro de frades eremitas de Santo Agostinho.

(Vide o anno 1437.)

1382—D. Fernando I, reedifica e amplia as fortificações de Santarem.

1383—(22 de outubro)—Morre em Lisboa, na idade de 38 annos (tinha nascido em 31 de outubro de 1344) D. Fernando I, e foi sepultado na igreja do mosteiro de S. Francisco, em Santarem.

O seu mausoleu, de optimo marmore branco, com primorosos altos relevos (para aquelle tempo) esculpidos em todo elle, foi profanado pelos francezes, e bastante deteriorado, em 1834, por wandalos portuguezes!—Está hoje no mu-

seu archeologico do Carmo em Lisboa.

Dona Beatriz, filha de D. Leonor Telles die Menezes, e (*muito duvidosamente*) de D. Fernando I, tinha casado, da idade de 12 annos, com D. João I, de Castella, a 14 de maio do mesmo anno de 1383.

D. Leonor tivêra, na *constancia do matrimonio* com D. Fernando, a D. Pedro e D. Affonso, que ambos morreram creanças, e cuja paternidade—como a de D. Beatriz—o powo (com bons fundamentos) attribuia ao gallego João Fernandês, que D. Leonor tinha feito conde de Ourem.

D. Fernando teve uma filha bastarda—D. Isabel, que casou com D. Affonso, conde de Gijon, filho, tambem bastardo, de D. Henrique II, de Castella.

D. Affonso e D. Isabel, são o tronco dos *Noronhas*.

D. Fernando nomeara D. Beatriz, para lhe succeder na corôa, e D. Leonor Telles, para regente, e esta o foi 45 dias; mas, n'este pouco tempo, praticou toda a qualidade de desvários, pois quem governava o reino era o seu conde gallego; o que augmentou o odio que os portuguezes já tinham a ambos.

D. Diniz e D. João, filhos de D. Pedro I, e de D. Ignez de Castro, tinham sido banidos do reino, por terem tomado o partido de D. Henrique II de Castella, nas guerras contra Portugal.

Alguns fidalgos portuguezes, prudentes, ou traidores, pediram a D. João I de Castella, que nomeiasse D. João, mestre de Aviz (filho bastardo de D. Pedro I, e de Thereza Lourenço, mulher do povo) regente de Portugal, até que o rei castelhano tivesse um filho em idade de reinar em Portugal. D. João I, recusou.

O povo portuguez—*com exclusão de bastantes fidalgos*—amava o mestre de Aviz, e fundava n'elle todas as suas esperanças de independencia.

D. João, sabendo isto, dirige-se ao paço real, da *Moeda Nova*, onde estava D. Leonor

e Andeiro (6 de dezembro de 1383) e assassina este com uma punhalada.

Para evitarmos repetições, vide o que a este respeito digo no 6.º vol., pag. 332, col. 1.ª e seguintes.

Os habitantes de Santarem foram, quasi sempre, os da vanguarda, em todas as épocas em que era preciso o sangue dos portuguez-s, para defeza da patria.

Em 1383, foi a primeira povoação de Portugal—depois de Lisboa—que acclamou o nosso D. João I—*apezar de alguns fidalgos da villa pretenderem estorvar a revolução, por se terem vendido aos castelhanos*.

1384 (12 de janeiro).—D. João I, de Castella, e sua mulher, D. Beatriz, sahiram de Hespanha com um bom exercito, na firme tenção de destruirer os partidarios do Mestre d'Aviz, e, por consequencia, a nossa independencia.

Fizeram a sua *entrada solemne* em Santarem, e n'este dia, foi alli acclamada (*pelos castelhanos e alguns fidalgos da villa*) Dona Beatriz, rainha de Portugal.

Os castelhanos marcham sobre Lisboa, mas são batidos.

Retiram para Santarem, onde, passados poucos dias, chegou a noticia da derrota monumental que os castelhanos soffreram na batalha dos Atoleiros, a 29 de janeiro d'este anno.

O general que n'esta batalha commandava os castelhanos, era o traidor Pedro Alvares Pereira, e o que commandava os portuguezes, era seu irmão, o famoso condestavel, D. Nuno Alvares Pereira! Vide *Atoleiros*.

O rei castelhano, desesperado com esta derrota, reúne um grande exercito, e com elle torna a cahir sobre Lisboa, ao mesmo tempo que uma sua esquadra entra no Tejo. Derrotado em ambas as partes, retira para Torres-Vedras, e de lá para a Hespanha. (Vide 4.º vol., pag. 440, col. 1.ª, no fim.)

Durante esta guerra, soffreu Santarem

muitas vexações, sob o domínio dos castelhanos, até á segunda retirada de Lisboa.

1385—D. João I, de Portugal, estabelece em Santarem o tribunal da *Relação e casa do Cível*. Depois, a pedido das côrtes, foi mudado para Lisboa.

1390 (3 de outubro.) — É baptisado na igreja de Santa Maria d'Alcáçova, o infante D. Affonso, filho primogenito de D. João I e da rainha D. Philippa. Tinha nascido poucos dias antes.

Foi jurado successor dos reinos de Portugal e Algarves.

Foram seus procuradores, dados pelo rei, o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e D. Lopo Dias de Sousa, mestre da ordem de Christo.

O infante, nos poucos annos que viveu, mostrava já um animo intrepido.

Os seus jogos e recreações, eram, brincar com armas e outros petréchos de guerra, que ornavam os paços dos reis portuguezes.

Morreu a 22 de dezembro de 1400, com dez annos e quasi cinco mezes de idade, em Braga, onde então estava a corte; sendo sepultado na sé da mesma cidade, e depois, mudado para um magnifico mausoleu, que de Flandres lhe mandou sua irman, a infanta D. Isabel, duquesa de Borgonha.

1394—4.^{as} côrtes de Santarem. (As 14.^{as} de Portugal.)

1400 (13 de janeiro.) — Nasce nos paços reaes da Alcáçova, o infante D. João III, condestavel de Portugal, 10.^o administrador e governador (grão mestre) da ordem de S. Thiago, e 7.^o filho de D. João I e da rainha D. Philippa de Lencastre, filha de D. João, duque de Lencastre (Inglaterra) e neta de Duarte III, rei da Gran-Bretanha.

O infante D. João, era irmão do *Infante Santo*, D. Fernando.

(Vide o anno de 1402.)

Foi D. João, um principe prudentissimo, de singular benignidade, decidido patriota, e muito religioso.

Já desde creança, mostrou tão boas qualidades, que era extremosamente amado, não só por seus paes e irmãos, mas tambem por todos os portuguezes.

Como na expedição para a conquista de

Ceuta tinha apenas 13 annos, não quiz seu pae que o acompanhasse á Africa, ficando com seu irmão D. Fernando—de 11 annos de idade—entregue a D. Fernando Redrigues de Sequeira, grão-mestre da ordem de Aviz, regente do reino, durante a ausencia do monarcha.

Em 1418, os reis de Fez e Granada, e outros chefes mouros, accommetteram furiosamente a praça de Ceuta, de que era governador, o infante D. Henrique (o de Sagres) tambem irmão de D. João.

Este foi mandado por seu pae, em soccorro da praça, com uma boa esquadra e gente de desembarque.

Não teve porem occasião—por esta vez—de mostrar o seu valor, porque os mouros, em vista do soccorro vindo de Portugal, abandonaram o cêrculo.

Em 1424, casou com a infanta D. Isabel, sua sobrinha, filha de seu irmão D. Affonso, conde de Barcellos, e tronco da casa de Bragança, da qual foi 1.^o duque—e de sua mulher, a condessa D. Brites (ou Beatriz) Pereira—1.^a mulher de D. Affonso—filha unica do condestavel, D. Nuno Alvares Pereira. (Este D. Affonso, era filho bastardo de D. João I.)

O sogro de D. João, lhe deu o reguengo e logar de Collares (Extremadura) hoje villa, do concelho de Cintra; o que o rei confirmou a 4 de novembro do mesmo anno de 1424.

Deu-lhe tambem, *para sempre, a quinta de Bellas*, com seus paços, terras, direitos, fôros, tributos e padroão da igreja, por carta feita em Coimbra, a 11 de novembro do mesmo anno.

Esta quinta de Bellas, pertence hoje aos marquezes do mesmo titulo, e condes de Pombeiro.

(Vide *Bellas e Collares*.)

Teve D. João, d'este casamento, um filho e trez filhas—D. Diogo, que succedeu na casa e dignidades de seu pae, e foi 4.^o condestavel de Portugal, e 11.^o grão-mestre da ordem de S. Thiago, e falleceu de pouca idade, em 1443—D. Isabel, rainha de Castella, 2.^a mulher do rei D. João II, com o qual casou em agosto de 1447, e foi mãe da famosa D. Isabel, mulher de D. Fernando (os reis catholicos)—D. Brites que, tambem em 1447,

casou com seu primo co-irmão, o infante D. Fernando, duque de Vizeu, e 5.º filho do rei D. Duarte. Foi mãe do rei D. Manuel.— *D. Philippa*, senhora da villa d'Almada, que foi uma das mais virtuosas damas do seu tempo, e morreu solteira.

No conselho que o rei D. Duarte, seu irmão, convocou para apprehender a tomada de Tanger, foi o infante D. João de voto que se não tentasse, por então, aquella empreza.

Depois, nas côrtes de Leiria (1437) foi um dos que votou com mais tenacidade, porque se entregasse aos mouros, a praça de Ceuta, para resgatar seu irmão, o santo infante D. Fernando; mas, prevaleceu o voto contrario.

Então, o infante D. João, desgostoso, se retirou para Alcacer do Sal, onde estava sua mulher.

Alli adoeceu gravemente, pelo que, não se lhe deu parte da morte do rei seu irmão, a qual teve lugar, a 9 de setembro de 1438; nem pôde assistir às côrtes de Torres-Novas (1438.)

Nas divisões, parcialidades e desordens, por causa da regencia do reino, durante a menoridade de D. Affonso V, seu sobrinho, aconselhou o infante D. Pedro (o de Alfarrobeira) para que acceitasse a regencia, como o mais velho de todos os irmãos, pelo que lhe pertencia, de direito.

Sendo chamado, da villa de Alcochête—onde então se achava—pelos moradores de Lisboa, com geral contentamento, concorreu para que a regencia fosse dada ao infante D. Pedro, despresando as propostas que lhe fizeram para acceitar aquella regencia.

Até a rainha D. Leonor lhe mandou offerecer, por D. Affonso de Cascaes, alcaide-mór do castello de Lisboa, a corôa de Portugal, para seu filho, o que elle tambem recusou.

Voltando para Alcacer do Sal, tornou a adoecer, e ahi falleceu, a 18 de outubro de 1442, com geral sentimento de todo o reino, especialmente do infante D. Pedro, que adoeceu de pura mágua, e esteve em perigo de vida.

Seu cadaver foi levado para o real mos-

teiro da Batalha, e sepultado em um tumulo igual aos de seus irmãos, e na mesma capella.

No seu tumulo se pôz, por diviza, ramos estendidos, com fructos que parecem medronhos, e por entre elles, umas bolsas, ao uso antigo, e trez vieiras (conchas) sobre cada bolsa, allusivas á sua ordem de S. Thiago, e com o distico—*JE AY BIEN RAIZON.*

1402 (29 de setembro.) — Nasce em Santarem, o infante D. Fernando, (o infante Santo) 8.º filho de D. João I e da rainha D. Philippa de Lencastre e grão-mestre da ordem d'Aviz.

Eis o que d'este virtuoso infante, diz o sr. Pinheiro Chagas, nos seus *Portuguezes illustres*, a pag. 25.

«Educado com extremos de affecto, porque pareceu ao principio debil e de pouca vida, nem por isso foram menos perfeitos e cultivados, o seu espirito e o seu character.

Ardentemente religioso, mas sem demasias supersticiosas; amando a sua patria, mas não folgando de derramar sangue, para augmentar a sua gloria; mais por cumprir um dever que a opinião da época impunha aos principes, do que para ceifar louros, que o não tentavam, promoveu a expedição de Tanger e instou com seu irmão, el-rei D. Duarte, para que lhe consentisse tomar parte n'ella.

A expedição foi desgraçada; o exercito commandado pelos dous infantes, D. Henrique e D. Fernando, viu-se obrigado a capitular com os mouros (1434) e a condição da retirada dos portuguezes, a são e salvo, foi a entrega de Ceuta, ficando como penhor do cumprimento da promessa, o infante D. Fernando, que a nossa historia, com razão, proclama — *Infante Santo*, ou o *Principe Constante*.

Repugnava aos portuguezes a entrega de Ceuta, e D. Fernando foi o primeiro a aconselhar que não se largasse a conquista de D. João I, e a offerecer-se como a victima expiatoria d'este prejuizo.

Então, nas trevas do carcere em que os mouros o mergulharam, resplandeceram, co-

mo as estrellas no veu da noite as virtudes do Infante Santo.

Soffreu com heroica paciencia, os maus tratos, e os insultos dos mouros, e morreu, em fim, a 5 de junho de 1443.

Repousa de certo diante de Deus, este principe, cuja resignação angelica, perfuma com fragancias de virtude a historia portugueza.»

Quarenta annos estiveram os ossos de D. Fernando em poder dos mouros, e só em 1473, vieram para Portugal, em troca de alguns mouros que estavam captivos dos portugueses.

D. João I, com os seus dous filhos mais velhos, tinha conquistado Ceuta aos mouros, a 14 de agosto de 1415, pelo que tomou o titulo de *rei de Portugal e dos Algarves, e senhor de Ceuta*.

Em 1437, as côrtes reunidas em Leiria, annullam a convenção feita para a entrega de Ceuta. Os infantes, irmãos de D. Fernando, e este mesmo, são da opinião das côrtes; só o rei D. Duarte (tambem irmão do captivo e que muito o amava) era de voto que se entregasse a praça de Ceuta; mas prevaleceu a decisão das côrtes.¹

1406—5.^{as} côrtes de Santarem. (As 37.^{as} de Portugal.)

1440—Funda-se em Santarem um mosteiro de conegos de Santo Antão, que, de-

¹ D. João I e D. Philippa, tiveram oito filhos—(por ordem das edades)—*D. Branca*, e *D. Affonso*, que morreram creanças—*D. Duarte*, que succedeu na corôa—*D. Pedro*, duque de Coimbra (o d'Alfarrobeira)—*D. Henrique*, duque de Viseu (o de Sagres)—*D. Isabel*, duquesa de Borgonha, mulher de Philippe II, o Bom (de Borgonha)—*D. João*, mestre de S. Thiago (o nosso santareno)—e *D. Fernando*, mestre d'Aviz (o que morreu captivo em Africa.)

O rei teve dous filhos bastardos.

D. Affonso, conde de Barcellos, tronco da casa de Bragança—e *D. Brites*, que casou em Inglaterra, com o conde de Arrundel.

pois, passou a ser de jesuitas. Era em Marvilla, extramuros, junto aos paços reaes, onde existe a ermida de Santo Antão.

(Vide Lisboa, no logar competente, e adiante, nos annos 1550 e 1621.)

1418—6.^{as} côrtes de Santarem. (As 44.^{as} de Portugal.)

1419 (7 d'agosto.)—Fallece em Roma, D. frei Sebastião de Menezes, filho de paes nobilissimos, do seu appellido, moradores em Lisboa, mas que residiam a maior parte do tempo em Santarem, onde tinham muitas propriedades, e por isso aqui nasceu e se creou D. Sebastião de Menezes.

Depois de seguir os estudos ecclesiasticos professou no convento da SS. Trindade e redempção dos captivos, de Santarem.

D'aqui foi transferido para o convento da sua ordem, em Lisboa, e como então alli estivesse a universidade (por a ter para lá mudado o rei D. Fernando) n'ella se matriculou e formou na sagrada theologia; obtendo tambem o gráu de doutor na mesma faculdade, pela universidade de Paris, quando foi mandado áquella côrte, por negocios da sua ordem.

Alli foi coadjutor do doutor frei Thomaz Loquet, ministro geral da familia trinitaria, e esmoler do rei de França (como *de jure* o eram todos os geraes d'esta ordem) em cujo emprego deu provas de grandes talentos e virtudes.

Regressando a Portugal, foi honrado com a confiança e respeito da familia real e da côrte.

D. João I o nomeou por duas vezes seu embaixador—a 1.^a, a Carlos VI, rei de França—e a 2.^a, ao papa João XXIII, que na egreja de S. Thomaz de Formis, do convento da SS. Trindade, o sagrou arcebispo de Carthago, e patriarcha da Africa.

Pretendendo regressar a Portugal, adoeceu gravemente, fallecendo no dia indicado, com geral sentimento do papa e da curia romana.

Foi sepultado na capella-mór da egreja de S. Thomaz de Formis.

Na sua campã se gravou uma longa inscripção latina, que não copio, para não enfadejar os leitores, e porque não é mais do que

o resumo da sua vida, como fica descripto. (Vide *Historia de Santarem edificada*, tomo 2.º, pag. 470, onde vem a inscripção por extenso.)

1426—João Afonso de Santarem, do conselho de D. João I, funda o *hospital de Jesus Christo*.

Depois, D. João II, annexou a este, um grande numero de estabelecimentos de caridade que havia em Santarem.

Na igreja d'este hospital, ha uma sepultura com este epitaphio:

SEPULTURA DE PEDRO ESCURO,
DO CONSELHO DE EL-REI D. AFFONSO
HENRIQUES, A QUEM O DITO
SENHOR, PARA TOMAR ESTA
VILLA AOS MOIROS, ENCARREGOU
A PORTA DE VALLADA,
PELA QUAL ENTROU, E POR
MEMORIA, SE MANDOU ENTERRAR
JUNTO D'ELLA; E DEPOIS
POR HAVER INSTITUIDO O HOSPITAL
DO RECLAMADOR, E PALMEIRO,
MANDOU EL-REI D. MANUEL,
TRASLADAR SEUS OSSOS A ESTA
EGREJA, ONDE TEM MISSA QUOTIDIANA.

Segundo a tradição, a causa porque *Pedro Escuro* se mandou enterrar, junto á porta de Vallada, foi a seguinte:

Estando este guerreiro portuguez já senhor da tal porta de Vallada, pretendeu um agigantado mouro fugir por ella, o que conseguiu, depois de uma furiosa lucta com *Pedro Escuro*.

Vendo-se o mouro já salvo, virou-se para o portuguez, e lhe disse que se haviam de tornar a encontrar.

Escuro respondeu-lhe—*Hiredes e viredes é aquí me acharedes, morto ou vivo*.

O mouro não voltou durante a vida do *Escuro* (do nome, mas esclarecido nas obras) e o bravo guerreiro, em cumprimento da sua palavra, se mandou alli enterrar.

O hospital de Jesus Christo, foi mudado, em 1835, para o mosteiro de Nossa Senhora de Jesus, e os ossos de *Pedro Escuro*, foram removidos para a capella-mór da igreja do novo edificio do hospital, por diligencias do reverendo João Antonio Pereira,

prior da freguezia de S. Nicolau, de Santarem.

1430—7.º cortes de Santarem. (46.º de Portugal.)

1434 — 8.º cortes de Santarem. (47.º de Portugal.) Publicação da famosa *Lei mental*.

Estas côrtes principiaram em Leiria, mas, como então alli se desenvolveu uma epidemia, foram transferidas para Santarem.

1437 (22 de setembro.)—Morre em Ceuta, na Africa, o grande *D. Pedro de Menezes*, 2.º conde de Vianna, alferes-mór do rei D. Duarte, e primeiro governador da praça de Ceuta, que defendeu heroicamente contra os mouros, por espaço de 22 annos, derrotando-os muitas vezes, por mar e por terra.

Foi depositado na Sé de Ceuta (que tinha sido *mesquita-maior* dos mouros) e depois, sua filha, D. Leonor, o fez transladar para a igreja do mosteiro dos Agostinhos, (que seu avô havia fundado) pondo-lhe sobre a sepultura, uma singela lapide, com uma extensa inscripção, que ainda ha poucos annos se via.

D. Pedro de Menezes, era neto de D. Afonso Tello de Menezes, conde de Ourem, e de D. Guiomar Ferreira, bisneta do rei D. Sancho de Castella—filho de D. João Affonso Tello de Menezes, 1.º conde de Vianna, senhor de Penella, Miranda, Alvito e Villanova—sobrinho da rainha D. Leonor Telles de Menezes—e pae do famosissimo D. Duarte de Menezes, 3.º conde de Vianna, que morreu na Africa, em uma batalha contra os mouros.

(Vide adiante o anno 1464, e depois onde trato dos mosteiros de Santarem. Vide também *Vianna* do Minho, e *Villa-Real* de Trazos-Montes.)

Tendo D. João I tomado a praça de Ceuta (14 de agosto de 1415) e constando a D. Pedro de Menezes (que havia ajudado ao assalto, apesar de ser ainda adolescente) que não havia quem quizesse ficar por governador da praça, disse ao rei.—*Eu só com este páu, sou capaz de defender Ceuta, de todo o poder dos mouros*.

O rei gostou d'aquelle desembaraço, e lhe entregou o governo da cidade conquistada,

e o brioso mancebo cumpriu a sua palavra.

O *páu de zambugeiro*, que D. Pedro tinha na mão, quando se offereceu para defender a praça, ficou vinculado aos seus successores no governo de Ceuta, e se lhes entregava, quando tomavam posse.

É por isto que Camões disse na sua primeira *Egloga*:

- Emquanto do seguro azambugeiro. •
- Nos pastores de Luso houver cajados. •

D. Pedro, casou quatro vezes, e deixou nobilissima e numerosa descendencia.

1438—Morre em Santarem muita gente, da peste que n'este anno assolou todo o reino, e fez muitos milhares de victimas.

1439—Nas côrtes convocadas n'este anno em Lisboa, se concedeu que n'esta cidade não houvesse *aposentadorias*, e que se fizesse *Estãos* e casas em que os reis e as suas cortes se podessem alojar.

Depois se concedeu o mesmo privilegio a SANTAREM, Evora, Setubal, e outras cidades.

Por este grande beneficio, que livrava os moradores de Lisboa de muitos incommodos e despezas, quizeram erigir sobre a porta do paço dos Estãos, uma estatua ao infante D. Pedro, regente durante a menoridade de seu sobrinho e genro, D. Affonso V; mas o infante se oppoz a isto, dizendo —*Se lá pozêdes a minha imagem, virá tempo que vós mesmos á pedrada a derribareis e lhe tirareis os olhos.*

D. Pedro preadivinhou a sorte que lhe estava destinada, em Alfarrobeira, a 20 de março de 1449.

1444—6.º foral de Santarem.

1451—9.ª cortes de Santarem. (57.ª de Portugal.)

1464 (20 de janeiro.)—Morte gloriosa de um dos mais nobres filhos de Santarem—D. Duarte de Menezes.

—
Era filho natural de D. Pedro de Mene-

zes, 1.º capitão de Ceuta, e de Izabel Domingueis (a *Bechigueira*) moça de sangue nobre, e da camara da 1.ª mulher do mesmo D. Pedro.

(Vide anno 1437.)

Era (D. Duarte) neto paterno, do conde D. João Affonso Tello, e bisneto do conde de Ourem (por onde descendia dos reis de Castella.)

Não contava ainda dez annos, quando seu pae lhe deu casa.

(Tinha nascido em 1414, e foi legitimado em 15 de março de 1424.)

Foi um dos homeis mais bellos do seu tempo.

Seu pae destinava-o ao estado ecclesiastico; mas descobrindo no filho mais inclinação para a guerra do que para a Egreja, o mandou buscar a Portugal, e em Ceuta o exercitou na arte da sua predilecção.

No dia 5 de janeiro de 1430, tendo apenas 15 annos de idade, mostrou tanta bravura em um ataque contra os mouros, e os accommetteu com tão grande ousadia, que seu pae, mesmo no campo da batalha, e á vista do inimigo, o armou cavalleiro.

Em um recontro contra os mouros africanos, livrou da morte a seu cunhado, D. Fernando de Noronha, que estava envolvido por 400 de cavallo e 1:000 infantes.

Por muitas vezes derrotou os mouros, principalmente em quanto seu pae esteve em Lisboa, e D. Duarte ficou governando a praça de Ceuta.

Na jornada de Tanger (1437) assistiu em logar de seu pae, que estava doente, hindo por alferes-mór (porta-bandeira) dos infantes, D. Henrique e D. Fernando, e com a sua gente foi sobre Tetuão, que tomou, saqueou e incendiou.

Foi n'esta conjunctura chamado a Ceuta, para assistir aos ultimos momentos de D. Pedro de Menezes, seu pae, que mandou sepultar na Sé d'aquella cidade, em julho de 1438.

Veio a Lisboa, com sua irman, D. Leonor, e aqui chegou com quatro dias de viagem, sendo recebido com grandes festas.

O rei estava então em Aviz, por causa da peste que grassava em Lisboa, e D. Duarte

se lhe foi alli apresentar, recebendo do monarcha as maiores honras e distincções, e sendo nomeado membro do seu conselho, mercê então rarissima, e só concedida por grandes serviços á patria, ou a pessoas da mais alta nobreza.

Deu-lhe tambem o rei, o lugar de seu alferes-mór, que exercêra D. Pedro de Menezes.

Fel-o alcaide-mór e fronteiro-mór, do castello de Béja, com todas as rendas, foros, honras, e privilegios inherentes a este posto.

Casou com D. Isabel de Mello, filha de Martin Affonso de Mello, e viuva de João Rodrigues Coutinho, da qual teve só uma filha, por nome D. Maria de Menezes, que veio a casar com D. João de Castro, filho e herdeiro de D. Alvaro de Castro, conde de Monsanto.

Ficando viuvo, casou com D. Isabel de Castro, da mesma casa de Monsanto, filha de D. Fernando de Castro, e neta de D. Pedro de Castro, filho segundo de D. Alvaro Pires (ou Peres) de Castro, conde de Arraiolos, 1.º condestavel de Portugal, e irmão de D. Ignez de Castro, 1.ª mulher de D. Pedro I.

D'este casamento, houve — *Henrique de Menezes*, que lhe succedeu na casa e titulos — *D. Garcia de Menezes*, que foi bispo de Évora e da Guarda, tão bravo pelos seus feitos d'armas, como distincto nas letras — *D. Fernando de Menezes*, esforçadissimo guerreiro — *D. João de Menezes*, que foi prior do Crato e 1.º conde de Tarouca — e *D. Leonor de Menezes*, religiosa no convento de Jesus, em Aveiro, companheira inseparavel da Santa Infanta D. Joanna.

Ainda teve de sua 2.ª mulher alguns filhos, que morreram creanças.

Quando ainda era solteiro, teve um filho natural, *Pedro de Menezes*, que legitimou em Extremoz, a 6 d'agosto de 1444.

Por morte do rei D. Duarte, foi nomeado general, pelo infante regente, D. Pedro, duque de Coimbra.

Hindo por embaixador a Castella, D. João II o tratou com grandes distincções e familiaridade, e o fez seu conselheiro.

Ainda então durava a conquista de Granada.

D. Duarte pediu ao rei hespanhol para servir n'aquella guerra, o que lhe foi concedido logo, sendo promovido a *adelantado* (fronteiro-mór) e durante trez annos fez alli relevantissimos serviços.

Regressando a Portugal, acompanhou D. Affonso V a Alcacer Ceguer, onde excedeu em prudencia e bravura, os maiores capitães portuguezes.

Tomada a praça, o rei o nomeou governador d'ella, e como tal praticou acções de valor, dignas de eterna memoria, tornando-se o terror dos infieis.

Em abril de 1460, foi chamado a Portugal, sendo recebido por D. Affonso V, com grandes distincções.

Passando a Santarem, foi ahi feito conde de Vianna, por carta de 6 de julho do mesmo anno, e herdeiro de seu pae.

Tornando para o seu governo, logo poucas semanas depois, no primeiro recontro que teve com os mouros de Tanger, degolou mais de 700, e incendiou quatro ricas povoações — *Palmera, Ceta, Amar, e Leonçar*.

Depois de tantos e tão assignalados serviços, morreu despedaçado pelos mouros, como já se disse.

Sua segunda esposa, estava em Alcacer do Sal, quando teve noticia da morte do marido, e foi com seus filhos para Santarem, onde logo mandou construir-lhe o sumptuoso mausoleu, que fica mencionado.

D. Duarte morreu de 50 annos, pois tinha nascido em 1414.

Para os mais monumentos que existem n'esta egreja, veja-se onde trato dos conventos de Santarem (n'este artigo) o *mosteiro de religiosos de S. Francisco*.

D. Affonso V, com uma esquadra de 220 vélas, e um exercito composto da flor dos seus guerreiros — entre os quaes se contavam, o infante D. Henrique; seu sobrinho, o infante D. Fernando, e os grandes d'este reino — passa á Africa, e depois de uma tenaz resistencia, toma aos mouros, a forte praça de *Alcacer-Seguer*, em 1459.¹

¹ Foi para as despezas d'esta expedição, que D. Affonso V mandou cunhar a moeda

Entregou o rei o governo da praça, ao famoso *D. Duarte de Menezes*, 3.º conde de Vianna (pae do não menos famoso *D. Garcia de Menezes*, bispo d'Evora — vide anno 1484.)

D. Duarte de Menezes, durante os cinco annos que governou a praça africana, ganhou innumeradas batalhas contra os mouros, dos quaes era o terror.

Defendeu heroicamente a praça, em dous círcos que, com poderosos exercitos, lhe poz o rei de Fez.

Depois de outras muitas acções da maior intrepidez, morreu como bravissimo guerreiro e leal portuguez, n'este dia (20 de janeiro de 1464) na serra de *Bonacofú*, para salvar a vida a *D. Affonso V.*¹

Os mouros lhe fizeram o corpo em tão miudos pedaços, que o maior que depois se achou, foi um dedo!

Sua mulher, a condessa, *D. Izabel de Castro*, não pôde obter dos restos de seu marido, senão o tal *dêdo*.

Mesmo assim, mandou construir a seu marido, em uma das capellas da igreja do mosteiro de frades de *S. Francisco* de Santarem, um maggestoso mausoleu de architectura gothica, uma das mais primorosas

denominada *cruzado*, que chegou aos nossos dias.

Depois da tomada de *Alcacer-Seguer*, instituiu a ordem de *Torre Espada*, para honrar os que mais se distinguiram n'esta campanha.

Foi tambem então que se principiou a intitular—*Rei de Portugal e Algarves, d'Aquem e de Alem, senhor de Alcacer-Seguer, etc.*

¹ *D. Affonso V.*, invadiu segunda vez a Africa, em 1464; mas foi infeliz n'esta empreza, na qual perde a maior e a melhor parte das suas tropas.

Não desanimou, porém, com esta catastrophe.

Em 1471, emprehe terceira expedição, e toma então aos meuros africanos, as cidades e praças d'*Arzilla* e *Tanger*.

Voltando a Portugal, é recebido com grandes festas, como os antigos *triumphadores* romanos.

O povo o cognominou—*O Africano*—e *D. Affonso* tomou os titulos de *rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar, em Africa*.

obras d'este genero, em Portugal, e n'elle foi guardado o dedo.

Sobre o mausoleu, se vê, deitada, a estatua do conde, em vulto.

Tem este notavel monumento, a seguinte inscripção:

MEMORIA DE D. DUARTE DE MENEZES
TERCEIRO CONDE DE VIANNA, TRONCO
DOS CONDES DE TAROUÇA, PRIMEIRO
CAPITÃO DE ALCACER-SEGUER, EM AFRICA,
QUE COM QUINHENTOS SOLDADOS DE-
FENDEU ESTA PRAÇA, CONTRA CEM-
MIL MOUROS, COM OS QUAES TEVE
MUITOS ENCONTROS, FICANDO N'ELLES
COM GRANDE HONRA E GLORIA. MORREU NA
SERRA DE BONACOFÚ, POR SALVAR A
VIDA DO SEU REI, D. AFFONSO, O QUINTO.

1468—10.ª cortes de Santarem. (65.ª de Portugal.)

1470 (6 de janeiro).—Diz-se a 1.ª missa, na igreja do collegio dos frades terceiros de *S. Francisco*, que *D. Affonso V* havia fundado, no anno antecedente.

É no sitio chamado *Valle de Moyrol*, ou *Al-Moyrol*, no bairro da *Ribeira*, a 3 kilometros de Santarem.

1470—Suppõe-se que foi n'este anno, que em Santarem nasceu o famosissimo *DUARTE PACHECO PEREIRA*, com razão cognominado o *Achilles Lusitano*.

Seus rasgos de valor sobrenatural, transpõem a raia do maravilhoso, e as façanhas portentosas que obrou, desde 1505, na India, com um punhado de portuguezes contra exercitos numerosissimos e aguerridos, tornam *Duarte Pacheco* um vulto legendario; e as suas espantosas victorias fizeram o nome portuguez temido e respeitado em toda a Asia, para onde partiu, nas primeiras esquadras que foram á sua conquista.

Em 1504, foi em soccorro do nosso alliado, o rajah de *Cochim*, contra o soberano (camori) de *Calecut*, que atacára aquelle com um exercito de 50:000 homens, e grande numero de elephantes de guerra.

O rajah, tinha apenas 20:000 combatentes, e *Duarte Pacheco* só tinha 150 soldados, uma pequena nau e duas caravellas.

Com tão diminuto numero, foi *Pacheco* esperar o inimigo, á margem de um rio, que divide o reino de *Cochim* do de *Calecut*.

No dia 18 de março, pretendendo os d'este ultimo reino passar o rio, acharam nos portuguezes uma furiosa resistencia, por espaço de muitas horas, tendo por fim de retirar, deixando 180 mortos no campo, e levando muito maior numero de feridos.

Os portuguezes não tiveram nenhum morto, e apenas trez ficaram feridos!

Note-se que muito poucos dos nossos alliados combateram, porque a maior parte fugiram no maior ardor da batalha.

Reforçado o exercito do Çamori, veio logo a 25 de março contra o rajah, que atacou por mar e terra. Sahiu-lhe ao encontro o heroe santareno, com os seus 150 soldados, tambem por mar e terra, e com elles derrotou os contrarios, fazendo-lhes mais de 650 mortos, e 800 feridos. Mas Pacheco viu-se em grande perigo, porque os alliados, como da primeira vez, o abandonaram quando a batalha estava mais encarnçada, e porque lhe faltou a pólvora.

Apezar de tudo, as tropas do Çamori, retiraram para um palmar, onde, cercado dos seus, foi cahir uma bala da nossa artilheria, que lhe matou nove, mesmo a seu lado.

Pouco depois, uma terrivel peste lhe matou 6:000 soldados.

Os seus feiticeiros (brahmanes) lhe haviam prognosticado a victoria, e elle, em desforra, os queria mandar matar, ao que elles se esquivaram, dizendo que aquellas derrotas foram um castigo dos seus deuses, por elle não ter cumprido o voto que havia feito de lhes edificar um pagóde.

O Çamori, d'esperado por tão repetidas derrotas, reúne um formidavel exercito, grande numero de elephantes de guerra, e uma poderosa esquadra, tendo parte dos seus navios uns castellos de madeira, de nova invenção, guarnecidos por numerosas tropas.

Com este temeroso apparato, investiu os portuguezes a 5 de maio (dia da Ascensão de J. C.) do mesmo anno; mas, como nos combates antecedentes, a sorte lhe foi adversa, perdendo 5:000 homens, que succumbiram ao ferro portuguez, e mais 13:000 que morreram da peste.

Então o Çamori, desanimado por tantas

derrotas e desgraças, deixou o throno, e foi terminar seus dias, fazendo penitencia, em um deserto, por conselho dos seus brahmanes.

A fama de tão inauditas façanhas precedeu em Portugal o regresso do intrepido santareno, onde elle chegou no principio de julho do mesmo anno.

Em acção de graças por tão assignaladas victorias, se fez em Lisboa, no dia 26 de julho de 1505, uma solemnisima procissão, em tudo semelhante á que então se costumava fazer em dia de Corpus Christi.

O rei D. Manuel, levou n'ella, a seu lado, desde a Sé, até á igreja de S. Domingos, a Duarte Pacheco Pereira.

Prégou um commovente sermão, allusivo ás milagrosas victorias dos portuguezes, na Africa e na India, o sábio D. Diogo Ortiz, bispo de Viseu.

A ultima victoria d'este guerreiro illustre e tão brilhante como as antecedentes, teve logar a 18 de janeiro de 1509.

Infestava as costas de Portugal, um celebre corsario francez, chamado Mondragon, com quatro fragatas, tendo feito grandes roubos e depredações.

O rei D. Manuel, mandou Duarte Pacheco, com quatro vasos de guerra, em busca de Mondragon, que foi encontrado pelo bravo santareno, nas alturas do *Cabo de Finis Terrae*.

O combate principiou furiosissimo de ambas as partes.

Uma das fragatas francezas, foi mettida a pique, rendidas as outras trez, e prisioneiras todas suas guarnições, inclusivamente o chefe dos piratas, entrando Pacheco victorioso em Lisboa, a 20 de janeiro, com as prezas que havia feito.

D. Manuel, o mais feliz e o mais ingrato dos reis portuguezes, dando ouvidos ás intrigas de invejosos, mandou prender Pacheco, e carregal-o de ferros.

Facil foi a este illustre capitão, justificar-se, e obter a liberdade; mas D. Manuel, nem se lembrou de o vingar de seus detractores, nem de o premiar pelos seus incomparaveis serviços á patria, vindo Pacheco, passados poucos annos, a morrer pobre, obscuro e

esquecido, no hospital da Misericórdia de Lisboa.

O legendario *Achilles Lusitano*, era tão intrépido guerreiro, como primoroso cultor das letras.

Escreveu um livro, que denominou *Esmeralda de situ orbis*, que ainda se conserva inedito na bibliotheca publica de Lisboa.

Não foi só o rei que pagou com escandalosa ingratiidão a este famosissimo guerreiro, a propria terra onde teve o berço, o votou ao mais triste esquecimento, e hoje a maior parte dos habitantes de Santarem, nem sabem que existiu Duarte Pacheco Pereira!

1483—11.^{as} cortes de Santarem. (74.^{as} do reino.) Foram as ultimas que se convocaram para Santarem.

1484 (31 d'agosto).—Morre em uma cisterna sécca, do castello de Palmella, D. Garcia de Menezes, natural de Santarem, e filho de D. Duarte de Menezes, 3.^o conde de Vianna, e de sua segunda mulher, D. Isabel de Castro, filha de D. Fernando de Castro.

D. Garcia de Menezes, estudou humanidades, na universidade de Paris, onde se distinguio pela sua applicação e intelligencia.

Percorreu diversas côrtes da Europa, estudando diferentes linguas.

Assistiu á batalha de Odigebe-Alcame; e foi em soccorro de D. Beatriz Pacheco, condessa de Medellim, contra as tropas do mestre de S. Thiago, na campanha de Merida.

Foi por general de uma armada, á Italia, contra os turcos, quando estes tinham tomado a cidade de Otranto.

Regressando a Portugal, adoptou a vida ecclesiastica, e D. Affonso V, o fez bispo de Evora, em 1471; mas, nem por isso deixou de ser um brávo guerreiro.

D. Affonso V, ficando viuvo de sua mulher e prima, D. Isabel, filha do infante D. Pedro, duque de Viseu (o de Alfaroheira) ¹ contrata o casamento com sua sobrinha, a

¹ D. Affonso V, casou com sua prima, em 6 de maio de 1448. D. Isabel, morreu (suppõe-se que envenenada) a 2 de dezembro de 1455.

princeza D. Joanna, herdeira da coroa de Castella, ¹ e para sustentar o direito da sua noiva, invade aquelle reino (1473) com um exercito de 20:000 homens, hindo logo na sua rectaguarda, com outro exercito, seu filho, o infante D. João (depois o 2.^o do nome.)

Com este foi o bispo D. Garcia de Menezes, e seu irmão, D. João de Menezes, prior do Crato, e, depois, 1.^o conde de Tarouca.

Chegando e Placencia, recebe-se com D. Joanna, e toma o titulo de *rei de Portugal e Castella*.

De Placencia passa a Tôro, que o havia acclamado. D'aqui marcha para Zamôra, á qual põe um apertado cêrco; mas chega o rei de Aragão, D. Fernando V, com um exercito formidavel, e entre Zamôra e Tôro, se dá a furiosa batalha que tomou o nome de esta ultima cidade, em maio de 1476.

Todos sabem os resultados d'esta batalha, em que ambos os partidos foram simultaneamente vencedores e vencidos.

Teve esta batalha de notavel, que, emquanto, de um lado, D. Affonso V era derrotado, do outro, seu filho, levava os castelhanos de vencida; para o que muito contribuíram os dous irmãos Menezes.

O bispo D. Garcia, depois de fazer grandes serviços á sua patria, como doutor, como militar, e como prelado, morreu por *traidor*!

Eis em resumo, a historia d'esta traição.

D. Diogo, duque de Viseu, senhor de Beja, e de outras muitas terras de Portugal, filho primogenito do infante D. Fernando e da infanta D. Beatriz, primo co-irmão e cunhado de D. João II, resentido por alguns

¹ D. Isabel, irman de D. Henrique IV, de Castella, tinha casado com D. Fernando V, rei de Aragão.

Eram tios de D. Joanna.

Os dous esposos castelhanos, propalaram em toda a H-spanha, a calumnia de que D. Joanna não era filha de D. Henrique IV.—e assim reuniram as duas coroas (Castella e Leão.) São estes, os famosos reis os *catholicos*, Fernando e Isabel, e foram elles que conquistaram o reino de Granada, unica terra que ainda os mouros possuíam na Península hispanica.

(Vide o anno 1530.)

desfavores e desconsiderações d'este soberano, e guiado por maus conselheiros, fez-se chefe de uma conspiração, em que entraram, o dito D. Garcia; D. Fernando de Menezes, seu irmão; Fernão da Silveira, filho do barão de Alvito; D. Guterres Coutinho, filho do marechal D. Alvaro de Athaide e irmão do conde de Atouguia; seu filho, D. Pedro de Athaide; D. Lopo de Albuquerque, conde de Penamacor; o irmão d'este, D. Pedro de Albuquerque, alcaide-mór do Sabugal, e outros.

Segundo a voz publica, o fim d'esta conspiração, era assassinar o rei, prender seu filho unico, D. Affonso (vide o anno 1491) e acclamar o duque de Viseu rei de Portugal.¹

D. João II residia então em Setubal, e por algumas vezes os conspiradores tentaram alli contra os seus dias; mas nunca levaram a effeito este assassinato.

Uma tarde, sahiu o rei para o campo, e o seguiram os conjurados, com a intenção de realisarem o seu plano.

D. João II, já estava informado d'esta tentativa de regicidio, e vendo-se quasi só, e seus inimigos tão perto, se encostou a uma egreja que alli havia, e se virou para elles com tanta intrepidez e magestade, que os aterrorizou.

Em outra occasião, ao descer uma escada do paço, tentaram D. Pedro de Athaide e D. Guterres Coutinho, apunhalar o rei; mas, na precipitação da tentativa, se embaraçaram um com o outro.

O rei, voltando-se para D. Pedro, lhe disse—*Que é isso?*—D. Pedro respondeu—*Senhor, escorreguei.*—O rei lhe disse em tom ameaçador—*Guardae-vos de cahir!*...

Em outra occasião, o esperaram ao embarcar de uma fálua; mas foi avisado a tempo, pelos espíões que trazia entre os conjurados.

D. João II, vendo-se na alternativa de mor-

¹ Os conspiradores faziam as suas sessões, em um palacio arruinado onde não morava ninguem, e pertencia aos arcebispos de Lisboa. Foi n'este palacio, que, em 1617, se construiu o mosteiro de Nossa Senhora de Jesus, de terceiros regulares, de Jesus, de Santarem.

rer ou matar, e tendo provas mais que sufficientes da traição do duque, o mandou chamar ao paço real de Setubal, na noite de 23 d'agosto d'este anno de 1484, e lhe disse:

—*Que farieis, primo, a quem vos quizesse matar?*

O duque, perturbado, respondeu:

—*Procuraria matar-o primeiro.*

O rei, disse então:

—*Vós mesmo vos julgastes.*

E logo o matou a punhaladas.

Mandou immediatamente guardar as portas da villa (hoje cidade) para que ninguem podesse sahir, e n'essa mesma noite foram presos—o bispo d'Evora (D. Garcia de Menezes) que foi mandado prêso, para uma cisterna (então sem agua) do castello da proxima villa de Palmella, onde morreu (talvez envenenado) d'ahi a oito dias—D. Fernando de Menezes, irmão do bispo; D. Guterres Coutinho, e D. Pedro de Athaide (sendo logo degolados, D. Fernando e D. Pedro.) D. Guterres, morreu em uma escura masmorra, d'ahi a poucos dias.

Foi tambem prêso, Pedro d'Albuquerque, e logo degolado.

Os outros cúmplices poderam escapar, por differentes modos.

D. Manoel, duque de Beja, irmão do duque de Viseu, não tomou parte n'esta conjuração, e até julgo que a denunciou ao rei, pois que elle lhe deu logo no dia seguinte ao assassinato do duque de Viseu, todos os estados d'este, e o fez duque de Beja, um dos senhorios do fallecido duque.

A ambição de reinar antes do tempo, e por meio de um regicidio, privou o duque D. Diogo não só da coroa, como da honra, da fazenda e da vida.

Consta que o bispo d'Evora, morreu muito arrependido, e reconhecendo justissimo e leve o seu castigo.

Todos os conjurados perderam os seus titulos, commendas e mais bens; mas o rei D. Manuel, depois, restituiu isto a muitos d'elles, ou aos seus herdeiros.

1490—N'este anno, pouco mais ou menos, nasceu em Santarem, *Fernão Bêsteiro*, fidalgo da casa real, por alvará de 18 de fevereiro de 1531.

Desde a sua juventude até á idade de 90 annos, com que falleceu (1580), passou a vida em oração e no exercicio da caridade. Nunca passou por um mendigo sem lhe dar esmola. Andava pelos hospitaes, tratando os enfermos com o maior carinho, curando-os, e animando-os com palavras commoventes, a soffrerem as dores com paciencia e resignação; de modo que passava mais tempo nas enfermarias do que em sua casa.

Nasceu, viveu e morreu na freguezia de S. Nicolau, e deixou tudo quanto tinha, ao hospital de Jesus Christo, por testamento feito em 17 de janeiro de 1571.

Pelo mesmo testamento, instituiu uma capella de missas quotidianas, pagas pelo referido hospital (por ser uma das condições da doação) e uma missa cantada, em dia da commemoração dos fieis defuntos.

Foi sepultado na capella-mór da egreja de S. Nicolau, do lado do Evangelho.

Vide adiante, *Hospitaes de Santarem*.

1491—(12 de julho)—O principe D. Affonso, filho unico de D. João II, e da rainha D. Leonor, irman do rei D. Manuel, andando a passear pela Ribeira de Santarem, cahiu de um cavallo, morrendo poucos momentos depois, na cabana de um pescador, para onde foi levado, na réde d'este. A rainha, desde então, adoptou por emblema, uma *réde*, que se vê em todas as suas armas.¹

D. João II, quando ainda principe, teve de D. Anna de Mendonça, senhora muito nobre, um filho bastardo, que foi D. Jorge de Alencastro, mestre de S. Thiago, duque de Coimbra, e tronco dos duques d'Aveiro, e dos Alencastros portuguezes. D. João tinha

¹ O infante morreu ás 9 horas da noite de 12, com 16 annos, um mez e 27 dias, pois tinha nascido a 5 de maio de 1475. Não deixou herdeiros. Tinha casado, poucos mezes antes, com D. Isabel, filha primogenita e herdeira dos reis catholicos, Fernando e Isabel.

A viuva do infante, veio a ser depois (outubro de 1497) primeira mulher do nosso rei D. Manuel, fallecendo de parto, do seu primeiro filho, D. Miguel da Paz, que morreu creança. D. Manoel, casou, segunda vez, com sua cunhada, D. Maria, da qual teve dez filhos—e terceira vez, com D. Leonor, filha de Philippe I, de Castella.

muito amor a este menino, e quando tinha apenas trez mezes, pediu á santa infanta D. Joanna, irman de D. João, que tomasse conta d'elle, o que ella fez, tratando-o sempre com maternal carinho, no mosteiro de Jesus, de Aveiro, onde vivia e onde morreu esta virtuosissima princeza.

Frei Luiz de Sousa, na sua *Historia de S. Domingos*, parte 2.^a, liv. 5.^o, cap. 9.^o, diz que D. Joanna, no dia 6 de maio de 1450, sentindo-se proxima a entregar a Deus a sua bemdita alma, mandára chamar seu sobrinho, D. Jorge, e depois de o abraçar com a maior ternura, lhe disse—*Filho, pécovos muito que vos lembreis sempre, que vieste para esta casa de trez mezes, e n'ella vos criei, chorando e cantando, vestida de burel. Tende sempre d'ella lembrança, porque ella é a minha alma, e tambem o são estas madres, que vos ajudaram a criar, como se cada uma fosse vossa mãe.*

A santa princeza, falleceu logo a 12 de maio.

O principe D. Affonso, estava casado de poucos dias, com D. Isabel, princeza de Castella, filha dos reis catholicos, Fernando e Isabel, e não teve filhos d'este matrimonio. Em outubro de 1497, casou ella com o nosso rei D. Manuel, do qual teve D. Miguel da Paz. Como D. Isabel era filha primogenita dos reis catholicos, e elles não tinham filhos varões, D. Manuel e sua mulher, foram jurados em Toledo (28 d'abril de 1498) principes de toda a Hespanha. D. Isabel, morreu d'este parto, em Zaragoça, e D. Miguel tambem alli morreu, de tenra idade, e assim morreram tambem as esperanças de D. Manuel vir a ser imperador da Peninsula.

Casou, em segundas nupcias, com a infanta D. Maria, sua cunhada, filha dos mesmos reis catholicos, e d'ella teve—D. João, depois 3.^o do nome—D. Isabel, que casou com o imperador Carlos V—D. Brites, a formosa e celebre duqueza de Saboia—D. Luiz, duque de Beja—D. Fernando, duque da Guarda—D. Affonso, cardeal—D. Henrique, o cardeal-rei—D. Duarte, duque de Guimarães—D. Maria e D. Antonio, que morreram de pouca idade.

Ficando D. Manuel segunda vez viuvo, tornou a casar com D. Leonor, filha de Philippe I, de Castella, e d'ella teve—*D. Carlos*, que morreu menino—e *D. Maria*, senhora de Viseu e Torres-Vedras.

De suas tres mulheres, teve D. Manuel, nada menos de 13 filhos.

Não consta que tivesse nenhum bastardo.

Depois de D. Manoel ser aclamado rei de Portugal, foi-lhe apresentado o duque D. Jorge, filho bastardo de D. João II, e o rei o recebeu com muito carinho, e sempre o estimou muito, tratando-o como seu proximo parente que era.

D. João II, fez todas as diligencias para que este filho bastardo lhe succedesse na corôa; porém a rainha e a maior parte dos grandes da côrte, se opposeram tenazmente.

1506—(1.º de fevereiro)—7.º e ultimo fôr de Santarem.

(Franklim só traz cinco foras—os de—1093, 1179, 1214, 1217 e 1506.)

1510—Nasce em Santarem, o sabio e virtuoso D. frei Gaspar do Casal.

Sabe-se que era de nobilissima geração, mas ignora-se os nomes de seus paes, porém sabe-se que era neto de Valentim Gonçalves do Casal, cavalleiro de Christo, senhor de Germinade e Mouril, e ouvidor da casa do infantado.

Foi religioso eremita de Santo Agostinho (graciano) em Santarem, prégador e confessor de D. João III, e de seu filho, o principe D. João.¹

¹ O principe D. João, nasceu em 1537. Em novembro de 1553, casou com D. Joanna, filha do imperador Carlos V; mas, logo a 2 de janeiro de 1554, morre. A 20 d'este mez (18 dias depois da sua morte) nasce seu filho, o rei D. Sebastião.

D. João III (avô de D. Sebastião) e sua mulher, D. Catharina, filha de D. Philippe I, de Castella, tiveram nove filhos, que foram—*D. Affonso*, que morreu creança—*D. Maria*, mulher de D. Philippe II, de Castella—*D. Isabel*, *D. Brites*, *D. Manuel*, *D. Philippe*, e *D. Diniz*, que morreram de pouca idade—*D. João* (pae de D. Sebastião)—*D. Antonio*, huc tambem morreu creança.

Foi terceiro bispo do Funchal (Ilha da Madeira) depois terceiro bispo de Leiria, e, por fim, 22.º bispo de Coimbra. Foi o primeiro presidente do tribunal da *Mesa da Consciencia e Ordens*.

Era um varão doutissimo, como o provam o grande numero de livros que escreveu e fez publicar. Foi duas vezes ao Concilio de Trento, onde se tornou notavel pela sua vastissima erudição.¹ Edificou á sua custa, o mosteiro da sua ordem e a Sé cathedral de Leiria.

Tinha sido lente e vice-reitor da universidade de Coimbra, um dos prelados mais exemplares do seu tempo, e eloquentissimo orador sagrado.²

Foi 22 annos bispo de Leiria.

Morreu em Coimbra, a 9 de agosto de 1584, com 74 annos de idade e 33 de bispo, foi sepultado na igreja da Graça, de Coimbra (de frades da sua ordem) mas, em 15 de maio de 1596, foram seus ossos transferidos para o mosteiro da mesma ordem, de Leiria, que elle havia fundado.³

D. frei Gaspar do Casal, foi desde creança inclinado á vida do claustro, e logo em 1524, e tendo pouco mais de 13 annos, entrou para o mosteiro dos eremitas de Santo Agostinho, de Santarem. Professou em 1526. Viveu 25

D. João III, teve tambem um filho bastardo: foi D. Duarte, prior-mór de Santa Cruz de Coimbra, e arcebispo de Braga.

¹ Além de outras pessoas notaveis d'este reino, que assistiram ao concilio de Trento, foram trez bispos—D. frei Gaspar do Casal—D. frei Bartholomeu dos Martyres, arcebispo de Braga—e D. João Soares Urrô, bispo de Coimbra, ambos tão sabios e virtuosos como D. frei Gaspar do Casal.

O concilio de Trento principiou em 1535, e terminou em 1563, no governo de cinco pontifices—Paulo III, Julio III, Marcello II, Paulo IV, e Pio IV. Durou 28 annos!

² Tinha sido primeiramente, lente de philosophia na universidade de Lisboa, e quando ella foi mandada para Coimbra, continuou a ser lente da mesma cadeira, n'esta cidade.

³ Foi o provincial, frei Antonio de Santa Maria, filho do infante D. Jorge, e neto de D. João II (e que depois foi tambem bispo de Leiria) que fez cumprir esta clausula do testamento de D. Gaspar do Casal.

annos como simples, mas exemplarissimo religioso.

Recebeu o grau de doutor em theologia, em 19 de março de 1542.

Foi sagrado bispo do Funchal, no mosteiro da sua ordem, em Santarem, em 1551; mas nunca foi á Ilha da Madeira, governando o bispado por seu provisor e vigario-geral, Antonio da Costa, deão, primeiro da Ilha Terceira, e depois do Funchal.

Succedeu na dignidade de bispo da Madeira e Porto-Santo, a D. Martinho de Portugal, irmão de D. Francisco de Portugal, 4.º conde do Vimioso.¹

Em 1557, foi promovido, por bulla de confirmação de Paulo IV, a bispo de Leiria, sendo successor de D. Sancho de Noronha, filho natural de D. Francisco de Faro.

Na terceira abertura do concilio de Trento, pelo papa Pio IV, em 1560, foi um dos trez bispos que de Portugal foram áquelle concilio, para onde partiram no principio do anno de 1561.

Em 1563, foi a Roma, e o papa, S. Pio V, o recebeu com muitas honras, e lhe fez muitas mercês. (O que elle publicou na dedicatória do seu livro *De coena, et calice Domini*.) Recolheu a Trento, em setembro do mesmo anno, e terminado o concilio a 4 de dezembro, regressou ao reino, com todos os portuguezes que foram ao concilio, menos o bispo de Coimbra, que seguiu outro destino.

Sahira de Trento a 8 de dezembro (de 1563) e entrou em Leiria, a 24 de fevereiro de 1564.

Lançou a primeira pedra, na Sé de Leiria, em 11 de agosto de 1569.

Foi tambem o fundador do seminario diocesano de Leiria, e reedificou a egreja parochial de Santo Estevam, e a ermida de Nossa Senhora dos Anjos, da mesma cidade.

Em 1574, foi chamado a Lisboa, pelo arcebispo D. Jorge d'Almeida, para assistir ao synodo metropolitano, que principiou a 22 de março, em companhia dos outros bispos suffraganeos.²

¹ D. Martinho de Portugal, foi o primeiro (e unico) que teve o titulo de arcebispo do Funchal.

² Foram—D. Manuel de Menezes, bispo de

Por bulla do papa Gregorio XIII, de 21 de dezembro de 1576, e a instancias do rei D. Sebastião, foi nomeado reformador do convento de Thomar, juntamente com o arcebispo de Lisboa, o bispo de Coimbra, e o colleitor apostolico.¹

O bispo de Coimbra, D. Manuel de Menezes, morreu, a 4 de agosto de 1578, na batalha d'Alcacer-Kibir, ao lado do rei D. Sebastião; e no anno seguinte, o cardeal-rei, nomeou D. Gaspar do Casal, bispo de Coimbra.

Pela morte do mesmo cardeal-rei (31 de janeiro de 1580) foi D. Gaspar, pelas côrtes d'Almeirim, e pelos governadores do reino, (na companhia do monteiro-mór, Manuel de Mello) mandado por embaixador a Philippe II, para que não invadissem Portugal com suas tropas, sob promessa de *se lhe guardar illeso o seu direito*.

Assistiu nas cortes de Thomar, nas quaes foi reconhecido rei de Portugal, o usurpador Philippe II, em 19 de abril de 1581.

D. frei Gaspar do Casal, como D. frei Bartholomeu dos Martyres, foram por traidores á patria (como tantos outros!) mas, por entenderem que só assim se podia evitar uma guerra, que n'aquella conjunctura seria desastrosissima para Portugal, que votaram este reconhecimento, que nos causou 60 annos de toda a qualidade de desgraças.

1515—Nasce n'este anno, em Santarem, Lopo de Sousa Coutinho (pae do famoso frei Luiz de Sousa—vide o anno 1555.) Distinguiu-se como militar, nas guerras da Africa e da Asia. Publicou o *Livro 1.º do cerco de Diu, que os turcos pozeram á fortaleza de Diu*. Coimbra, imprensa de João Alvares, aos 15 de setembro de 1556. É um folheto de 86 folhas, hoje rarissimo. Um exemplar, no leilão da livraria Norton, foi arrematado por 30\$500 réis!

Lopo de Sousa Coutinho, morreu de um desastre, em janeiro de 1577.

1528—Nasce em Santarem, o famoso es-

Lamego—D. André de Noronha, de Portalegre—e D. Jeronymo Barreto, do Funchal.

¹ Não teve effeito esta reforma, por causa da morte desastrosa do rei, nos campos de Alcacer-Kibir.

criptor, Fernão Lopes Castanhêda. Foi para a Índia, com o governador, Nuno da Cunha. Escreveu o HISTORIA DO DESCOBRIMENTO E CONQUISTA DA ÍNDIA PELOS PORTUGUEZES, dividida em 10 livros, dos quaes só chegaram a publicar se oito. Compreheende um periodo de 50 annos, sendo seu auctor testemunha de muitos factos que descreve.

Falleceu em Coimbra, em 1539.¹

—

1530—Morre no mosteiro de Santa Clara (franciscanas) a princeza D. Joanna, filha primogenita de D. Henrique IV, de Castella, que, por sua morte, nomeou aquella por herdeira da corôa. (Vide o annô 1484.)—D. Joanna, falleceu na idade de 68 annos, pois tinha nascido em 1462.

Depois de annullado o seu casamento, deu-se-lhe o titulo de *Excelente Senhora*, e com elle morreu.

1531—(7 de janeiro a 25 de fevereiro) (!) Horroroso terramoto, em todo o reino. Causou grandes prejuizos em todo o Riba-Tejo, e destruiu muitos edificios de Santarem.

1541—Vide o anno 1585.

1550—O papa Julio III, no primeiro anno do seu pontificado, dá á Companhia de Jesus, o antigo mosteiro de Santo Antão, em Marvilla, mas os jesuitas só para aqui vieram em 1621. Vide os annos 1440 e 1621.

1554—D. João III, reedifica e amplia o mosteiro de religiosos da Santissima Trindade, que tinha sido fundado em 1218.

1555—Nasce em Santarem, o nosso famosissimo classico, FREI LUIZ DE SOUSA. (Vide o anno 1515.)

Eis a rapida o elegantissima biographia que d'elle faz o sr. Manuel Pinheiro Chagas, nos seus *Portuguezes Illustrés*, a pag. 84.

«Este eminente escriptor, cujo nome profano era Manuel de Sousa Coutinho, nasceu em Santarem, no anno de 1555. Concluidos os seus estudos, ou se alistou nas esquadras portuguezas, ou nas da ordem de Malta, o

que não está bem averiguado; mas, o certo, é que foi captivo dos corsarios barbarescos, e conduzido a Argel, em 1575, ou em 1576. Alli travou conhecimento com Miguel de Cervantes, o grande escriptor hespanhol.

Resgatado em 1577, voltou á patria e parece que seguiu ainda a carreira das armas, até que, entre 1584 e 1586, casou com D. Magdalena de Vilhena, supposta viuva de D. João de Portugal, que se julgára morto na batalha de Alcacer-Kibir, ou nos carceres de Féz.

Uma catastrophe inesperada, quebrou esta união. Em 1613, separaram-se, de mutuo accordo, para entrarem no claustro.—D. Magdalena, no mosteiro do Sacramento, de Lisboa—e D. Manuel de Sousa Coutinho, no convento dominicano, de Bemfica, onde professou a 8 de setembro de 1614, tomando o nome, hoje immortal, de FREI LUIZ DE SOUSA.

Qual foi o motivo d'este inesperado desenlace?—Foi, como narra frei Antonio da Encarnação, a súbita chegada do primeiro marido de D. Magdalena, que todos julgavam morto, e que de súbito resurgira? Não ha dados positivos para que tal se affirme. Felizmente, a arte não carece de escrupulosa authenticidade, e a isso devemos o admiravel drama de *Frei Luiz de Sousa*, escripto por Almeida Garrett, e que, occupando no theatro portuguez, incontestavelmente o primeiro lugar, pôde ser considerado como um dos mais bellos da litteratura europea, no seculo XIX.

Ou fosse a desgraça, que, suavizada pelos magicos influxos do claustro, se lhe resolvesse em adoravel melancolia, e em mimosa doçura de pensamentos, ou fosse natural pendencia de seu espirito, é certo que nunca a linguagem portugueza ostentou mais inefavel encanto, do que nos livros de Frei Luiz de Sousa. Ha n'elles uma placidez que enleva; um deslizar sereno de phrase, que nos afaga brandamente; um perfume de mysticismo, que nos extasia. Dir se-hia, um rio manso e transparente, que vae correndo por entre as margens viçosas, e melancolicos arvoredos, doirados pelos ultimos reflexos do outono.

O encanto do estylo, a vernaculidade da

¹ Não se confunda Fernão Lopes Castanhêda, com *Fernão Lopes*, que escreveu as chronicas de D. Pedro I, D. Fernando I, e D. João I.—Este é mais velho uns 130 annos do que Castanhêda, e nasceu em Lisboa. (Vide 4.º vol., pag. 320, col. 1.ª linha 1.ª)

linguagem, e a limpidez do pensamento, são tudo em frei Luiz de Sousa.

É um doce poeta, e não um historiador.

Foi com tudo historia que escreveu, mas a lenda, constantemente se interlaça com as narrativas dos factos veridicos.

As suas obras mais apreciaveis, são—*a Historia de S. Domingos*; *a Vida do arcebispo de Braga, D. frei Bartholomeu dos Martyres*; e os *Annaes de D. João III.*

Morreu em Bemfica, a 5 de maio de 1632.

Até aqui o sr. Pinheiro Chagas.

Era frei Luiz de Sousa mui versado nas humanidades, visto nas historias, grande latino, excellente poeta, generoso e discreto cortezão, e por extremo zeloso da sua reputação. (Para prova d'isto, veja-se o que escrevi no 1.º volume, pag. 144, col. 1.ª, no ultimo periodo.)

D. Magdalena de Vilhena, era filha de Francisco de Sousa Tavares. De frei Luiz de Sousa (quando ainda era Manuel de Sousa Coutinho) teve ella a D. Anna de Noronha, que morreu solteira, e foi uma senhora de grande illustração.

Morava D. Magdalena e seu segundo marido, nas suas casas de Almada (já reconstruidas do incendio que referi no logar citado do 1.º vol.) e estando Manuel de Sousa Coutinho, ausente, entrou na sua habitação, um peregrino, perguntando por D. Magdalena, á qual disse—*Sou um portuguez, que venho de Jerusalem. Ao tempo de voltar para este reino, me buscou outro portuguez, e me pediu e encommendou muito, que, chegando a salvamento, quizesse passar por esta villa, e dizer a vossa mercê (se fosse viva) que ainda por aquellas partes, vivia quem se lembrava de vossa mercê. Isto é o que me trouxe aqui.*

D. Magdalena, como é facil de suppor, ficou petrificada, e levando o peregrino a outra sala, onde havia varios retratos, lhe disse—*Veja se algum d'estes se parece com quem lhe deu o recado.* O peregrino apontou logo para o de D. João de Portugal, e disse—*É este.* E partiu, sem esperar outra resposta.

Chegando Manuel de Sousa Coutinho, e sabendo do caso, resolveram ambos mettem-se religiosos. Ella tomou o nome de *Soror Magdalena das Chagas*. Em quanto vive-

ram, nunca mais se viram, nem corresponde-ram, e foram a todos os respeitos, dois religiosos exemplarissimos.

1570—Conclusão da egreja da Misericórdia, de Santarem.

1571—Fundação do mosteiro de monges beneditinos, ao N. da cidade, no sitio onde havia uma ermida, que a infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel, deu aos monges para este fim.

É n'esta egreja que estava o Crucifixo que foi testemunha do juramento, de que tratei, no anno de 1300.

1572 (21 de novembro) — Morre na cidade de Gôa, capital da India portugueza, o padre *Antonio de Quadros*, fidalgo, natural de Santarem.

Professou em Coimbra, no collegio dos jesuitas, passando depois á India, como mestre de philosophia e theologia. Foi insigne orador sagrado, parochio, commissario do Santo Officio, e provincial da sua ordem. Era conselheiro indispensavel dos vice-reis, por expressa determinação de D. João III.

A este virtuoso padre se deve a conversão das ilhas de *Chorão* e *Divar*, e das terras de *Salcête* e *Baçam*.

Morreu com fama de santo.

1577—Morre no convento dominicano de Villa-Nogueira (Azeitão) *D. frei Fernando de Távora*, irmão de D. frei Henrique de Távora e Brito (vidé o anno de 1582) ambos naturaes de Santarem.

Professou no convento de S. Domingos de Bemfica, e foi um religioso de grande intelligencia e muito eloquente. O rei D. Sebastião, que muito o estimava, o nomeou seu confessor.

Era muito inclinado á pintura, e foi um dos mais peritos do seu tempo n'esta arte, pintando alguns quadros primorosos no mosteiro onde professou, e que lá existiram até 1834.

Como seu irmão D. Henrique, foi discipulo do santo arcebispo de Braga, D. frei Bartholomeu dos Martyres, que então era prior do convento de Bemfica.

Depois, foi D. Fernando de Távora prior do mesmo convento.

O rei D. Sebastião o nomeou bispo do

Funchal (Ilha da Madeira) e foi confirmado pelo papa S. Pio V, a 14 de novembro de 1569, mas não chegou a hir tomar conta do bispado (*por ter medo de passar o Oceano*) resignando a mitra.

D. Sebastião I o fez seu esmoler-mór, mas também não chegou a exercer este emprego, por morrer no anno que fica dito.

Escreveu os *Commentarios ao Evangelho*, de S. João, obra muito erudita (e muito magnífica.)

Falleceu, como disse, em Villa-Nogueira, mas foi sepultado no real mosteiro de S. Domingos, de Lisboa.

1580 (19 de junho)—D. Antonio, 9.º prior do Crato, é aclamado em Santarem, rei de Portugal, contra a opinião de alguns fidalgos da terra. Organizou-se logo aqui, um bom corpo de populares, em defeza do principe: e, se todas as povoações do reino fizessem como fez Santarem, certamente não soffreriamos aquelles 60 longos annos de captivoeiro.¹

Para evitarmos repetições, vide 2.º vol., pag. 442, col. 1.ª, no principio.

Todos sabem que o infeliz D. Antonio morreu em Paris, em 1595.

Foi sepultado na egreja de S. Francisco, d'aquella cidade.

Em agosto de 1867, demoliram os parisienses, o mosteiro de S. Francisco da Ave-Maria, para alli se construir um mercado.

Entre diversas e valiosas antiguidades, se achou alli também, um caixão de chumbo contendo o coração do 9.º prior do Crato.

1582—Morre na cidade de Chaúl (India) D. frei Henrique de Távora e Brito, natural de Santarem.

¹ D. Antonio sahio pela manhan do paço, dizendo que hia lançar a primeira pedra em um novo forte, para defeza da praça. A maior parte do povo da villa, que o acompanhava, o fez montar a cavallo (em um cavallo, que, assustado com a voseria de tanta gente, o hia deitando ao chão) e entraram todos a gritar—*Real! Real! Por D. Antonio rei de Portugal!* E com elle percorreram todas as ruas da villa. Pouco depois, se dirigiu a Lisboa, onde também foi aclamado rei de Portugal, pelo povo, e por alguns (poucos) fidalgos.

Era filho legitimo de Fernão Cardoso e D. Philippa de Brito, irman de Manuel Serão e Brito, todas pessoas nobres.

Seu irmão, D. frei Fernando de Távora, foi bispo do Funchal.

D. frei Henrique, professou no convento de S. Domingos, de Santarem, mudando então o seu nome de baptismo (Jeronymo) no de que usou até á morte.

Foi discipulo do santo varão D. frei Bartholomeu dos Martyres, arcebispo de Braga, ao qual acompanhou quando foi ao concilio de Trento.

Foi mestre da theologia, e sendo prior do convento de S. Domingos, d'Evora, o rei D. Sebastião o nomeou bispo de Cochim, a 13 de janeiro de 1567, sendo confirmado pelo papa S. Pio V¹.

Partiu de Lisboa para o Oriente, em 1576, e foi um prelado sollicito e virtuoso.

Vagando a mitra de Gôa, o nomeou para ella, o rei D. Sebastião, em 1577, o que foi confirmado em janeiro de 1578, pelo pontifice Gregorio XIII.

Tomou posse da mitra primarcial, a 26 de dezembro do mesmo anno da sua confirmação.

Visitou por muitas vezes as freguezias da sua diocese, fazendo proceder a todos os melhoramentos Moraes e materiaes das suas ovelhas.

Chegando a Chaúl, em varios sermões reprehendeu asperamente os viciosos, impondo-lhes castigos espirituaes.

Um dos assim castigados lhe propinou veneno em um jantar, morrendo D. frei Henrique, logo no dia seguinte.

Foi sepultado na egreja matriz de Chaúl, em sepultura alta, junto ao altar de Nossa Senhora do Rosario.

1585 (3 de outubro.) — Morre freira, no

¹ Esta noticia é extrahida da *Historia de Santarem* (tomo 2.º, pag. 467) mas é preciso notar que não foi precisamente o rei D. Sebastião (que então tinha apenas 13 annos) que o nomeou, mas o tio de seu pae, D. Henrique (o cardeal-rei) que foi regente, desde 1562 até 1568.—S. Pio V, governou a Egreja de Deus, desde 1563 até 1572, sendo seu antecessor Pio IV, e successor Gregorio XIII.

convento da ordem terceira de S. Domingos, de Santarem, *D. Jeronyma de Carvalho*, d'aqui natural.

Pertencia a uma familia muito nobre, e casou com D. Francisco Coutinho, filho dos condes de Marialva.

Morrendo o marido, na desastrosa batalha de Alcacer-Kibir (Africa) em 4 de agosto de 1578, metteu-se freira, e foi uma religiosa exemplarissima, e por todos reputada como santa.

Deixou descendencia.

Nascera em 1541, e falleceu portanto de quarenta e quatro annos de idade.

Foi sepultada na egreja do seu mosteiro.

1586 (20 de maio.) — Morre captivo, em Marrocos, o *beato frei Antonio da Conceição*, natural de Santarem.

Era filho legitimo de Sebastião Rodrigues e Maria Paes, pessoas honradas e medianamente ricas d'esta villa.

Professou no convento da SS. Trindade, da sua patria, em 31 de dezembro de 1567, e alli estudou phylosophia, com o padre mestre, frei Luiz Soares.

Depois, foi estudar theologia para o seu collegio de Coimbra, formando-se em ambas as faculdades, e foi um dos mais elegantes oradores do seu tempo.

Ficando na Africa, grande numero de captivos portuguezes, pela derrota de Alcacer-Kibir, foram do reino muitos frades trinitarios tratar da remissão d'elles, como era do instituto da ordem.

Entre os redemptores, foi o veneravel padre frei Ignacio Tavares, filho do convento de Santarem, e redemptor geral dos captivos em Africa, e com elle o nosso frei Antonio da Conceição, que com ternas e eloquentes palavras de conforto, animou os *sete martyres de Marrocos*, que os africanos degolaram em 4 de julho de 1585.¹ A este marty-

¹ Não se confundam estes *sete martyres* com os *cinco* outros tambem conhecidos pelos *cinco martyres de Marrocos*.

Aquelles sete, eram *Francisco da Esperança*, natural de Masagão; *Simão de Freitas*, e *Antonio da Silva*, naturaes de Setubal; *Domingos de Gouveia* e *Francisco Gines*, naturaes de Monção; *Amaro Gonçalves*,

rio compoz frei Antonio da Conceição um bello livro, que dedicou ao cardeal Alberto, archiduque d'Austria, assistente em Lisboa, como governador de Portugal, por Philippe II.

Compoz tambem um livro sobre o seu triste captiveiro, e trabalhos e supplicios que n'elle soffreu, descrevendo as cousas com uma suavidade que encanta.

D'este livro se vê que, depois de muitas affrontas, fomes e miserias, o manietaram, metteram em uma horriavel masmorra, por não poder logo pagar uma grande quantia de dinheiro que pediu emprestado, sob sua palavra, para resgatar muitos captivos, que jaziam em ferros, e que elle temia viessem a perder a fé, á força de supplicios.

N'esta masmorra terminou seus dias, este bemaventurado martyr da Fé e da Caridade.

1590—Fundação do mosteiro de S. João Baptista (vulgò, *S. João do Pereiro*) de frades arrabidos; no logar onde tinham um palacio, os duques de Bragança.

Lançou-lhe a primeira pedra da egreja, o duque, D. Theodorico II.

(Vide o anno 1470.)

1592—O arcebispo de Lisboa, D. Miguel de Castro, faz doação do palacio que a mitra tinha em Santarem, aos terceiros regulares de Jesus, para fundarem o seu mos-

da villa de Collares (Cintra) e *João, de Pariz*.

Seus corpos foram trazidos a Portugal, em 1644, e collocados na capella de S. João Capistrano, da egreja de S. Francisco da Cidade, de Lisboa.

Os *cinco martyres de Marrocos*, mais famosos, tinham sido degolados, tambem n'esta cidade, a 16 de janeiro de 1220. Eram frades franciscanos, e se chamavam — *Bernardo*, *Pedro*, *Adjuto*, *Acurcio*, e *Otto*. Eram italianos, e vieram por terra a Portugal para hirem para a Africa.

Estiveram algum tempo em Alemquer e n'outras partes, sendo tratados com a maior amabilidade, pela infanta D. Sancha, filha de D. Sancho I (irmão da rainha Santa Mafalda — a de Arouca.)

Prégaram publicamente o Evangelho pelas ruas e praças de Marrocos, pelo que foram presos e levados á presença do imperador, e foram por elle proprio degolados. (Vide Alemquer.)

teiro de Nossa Senhora de Jesus, cuja fundação teve lugar em 1617.

Era n'este velho palacio que D. Diogo e os seus cumplices, se reuniam para os seus conciliabulos contra a vida de D. João II.

(Vide o anno 1484.)

1593—Morre na sua quinta de *Bairro-Falcão* (Santarem) e alli foi sepultado, D. Manuel de Quadros, natural de Santarem.

Era filho de Manuel de Quadros e de D. Isabel Pereira, fidalgos de antiga geração.

Professou na congregação da Companhia de Jesus.

Graduou-se licenciado em direito canonico, na universidade de Coimbra, em 1546, sendo alumno do collegio de S. Miguel, que existia na mesma universidade, e onde depois se estabeleceu o tribunal do *Santo Officio*.

Foi inquisidor na Inquisição d'Evora, nomeado pelo cardeal D. Henrique, inquisidor geral (depois rei) tomando o juramento, a 25 de novembro de 1539.

O mesmo D. Henrique o transferiu para a Inquisição de Coimbra, tomando posse, a 5 de abril de 1565.

Foi depois promovido a um dos logares do conselho geral, a 14 de dezembro de 1570, hindo residir com o mesmo cardeal, para Evora.

N'este mesmo anno de 1570, o fez o papa S. Pio V, arceidiago do bago da Sé d'Evora, de cujo logar tomou posse a 27 de maio do mesmo anno.

O rei D. Sebastião o nomeou deputado da mesa da consciencia e ordens, em 1572.

D. Philippe II, por provisão de 9 de março de 1583, o nomeou 4.º reformador da universidade de Coimbra, sendo reitor d'ella D. Nuno de Noronha.

Tendo D. Philippe II deposto o bispo da Guarda, D. João de Portugal (por se não bandear com os castelhanos) aquelle usurpador nomeou D. Manoel de Quadros, bispo da Guarda, em 1585, sendo confirmado pelo papa Xisto V.

Parece que por fim cahiu no desagrado do usurpador, ou do cardeal Alberto, e resignando a mitra se retirou para a sua quinta de Bairro-Falcão, onde falleceu.

1604—Reedificação do mosteiro de frades dominicanos de Nossa Senhora da Oliveira, que D. Affonso II tinha fundado.

1610 (16 de novembro)—Morre em Elvas, D. Antonio de Mattos e Noronha, natural de Santarem. ¹ Procedia de uma nobre familia, e foi varão de muita virtude e grande intelligencia.

Foi inquisidor-geral d'este reino. D. Philippe II o nomeou bispo d'Elvas, em 17 de novembro de 1591, e foi sagrado pelo cardeal D. Gaspar de Queiroga, arcebispo de Toledo, no real mosteiro dos descalços, de Madrid (que a princeza D. Joanna, mãe do nosso rei D. Sebastião, havia fundado.)

Tomou posse do bispado, em 15 de março de 1592, sendo um prelado zelosissimo no cumprimento dos seus deveres.

Falleceu no dia referido, e foi sepultado na capella-mór da Sé Cathedral.

1611—Morre no mosteiro de S. Francisco, de Santarem, o veneravel irmão leigo, *frei Romão*, nascido na povoação do Alfange, na Ribeira.

Era filho de um barqueiro e elle o foi tambem.

Casou com uma mulher que muito amava, e que morreu pouco depois de casada.

Afficto com esta perda, e desejoso de fugir do mundo, tomou o habito de religioso converso, no mosteiro de S. Francisco dos observantes, de Santarem, e foi em toda a sua vida um frade exemplarissimo.

Exerceu por muitos annos o emprego de porteiro do convento, e o povo o denominava *pae dos pobres*, pela muita caridade que sempre usou com elles.

Era tão rigoroso nas penitencias que se impunha, que esteve muitos annos sem comer carne nem peixe.

Falleceu com geral fama de santo.

1613—Reedifica-se a egreja parochial de S. Nicolau, templo antiquissimo, que tinha sido devorado por um incendio.

1614 (março.) — Morre em Gôa, o pa-

¹ Era tio de D. Sebastião de Mattos e Noronha, arcebispo de Braga, famoso pela sua traição contra a vida de D. João IV, e contra a independencia da patria.

Vide *Lisboa*, no anno 1644.

dre Nicolau Pimenta, natural de Santarem, da Companhia de Jesus, e visitador das provincias da India.

Escreveu e publicou:

Cartas que o padre Nicolau Pimenta, da Companhia de Jesus, visitador nas partes do Oriente, da mesma Companhia, escreveu ao geral d'ella, a 26 de novembro do anno de 1599, e no 1.º de dezembro de 1600, nas quaes, entre algumas cousas notaveis e curiosas, que conta de diversos reinos, relata o successo da insigne victoria que André Furtado de Mendonça alcançou do Cunhal, etc.—Lisboa, 1602.

É um livro raro e muito estimado. Foi traduzido em diversas linguas estrangeiras.

Apezar de ser em 12.º, e ter apenas 111 paginas, tem-se vendido algum original portuguez que apparece, a 7\$000 réis.

1615 (novembro.)—Nasce em Santarem, e é baptisado na igreja parochial de Marvilla, *Diogo da Costa*.

Morreu n'esta mesma cidade (então villa) em 25 de agosto de 1721, com 105 annos e 9 mezes de idade, sendo coveiro da Misericordia.

Até quasi á sua morte, andou na melhor disposição de corpo e de espirito, e sem precizar bordão.

Tinha excellente memoria, e sabia onde tinham sido enterrados os paes, avós e bis-avós das pessoas mais velhas de Santarem.

Na idade de 105 annos, esteve apregoado para casar com uma rapariga de 24 annos; o que se não levou a effeito, por ella se ter arrependido.

1617 — Fundação do mosteiro de Nossa Senhora de Jesus, de terceiros regulares de Jesus.

1621—Fundação do collegio de Nossa Senhora da Conceição, dos padres jesuitas.

Os jesuitas entraram pela primeira vez em Santarem, a 7 de maio d'este anno, sob o governo do reitor, padre Mathias de Sá.

Foi seu fundador, D. Duarte da Costa, armeiro-mór, que se fez depois, padre jesuita.

Foi fundado no antigo mosteiro de Santo Antão.

(Vide 1440, 1550, *Mosteiro de Santo Antão, e seminario patriarchal*.)

1610 (5 de dezembro.) — Foi Santarem a primeira terra, depois de Lisboa, que fez a acclamação official de D. João IV.

1617 (janeiro.)—Morre em Santarem, Leonel da Costa, natural d'esta cidade, onde nasceu em anno que se ignora.

Foi militar de profissão, e era muito versado nas linguas grega e latina.

Escreveu e publicou as obras seguintes:

1.ª—*Eclogas e Georgicas de Virgilio. Primeira parte das suas obras, traduzidas do latim, em verso solto portuguez, com a applicação de todos os logares escuros, historias e fabulas que o poeta tocou; e outras curiosidades muito dignas de se saberem.* Lisboa, imprensa de Geraldo da Vinha, 1624. —Nova edição, Lisboa, na officina de Miguel Manescal da Costa, 1761.

Ambas estas edições são hoje raras.

2.ª—*As primeiras quatro comedias de Publio Terencio Africano, traduzidas do latim, em verso solto portuguez, por Leonel da Costa, natural da villa de Santarem: dadas á luz, com todo o texto latino em frente, por Jorge Bertrand.* Lisboa, na officina de Simão Thadeu Ferreira, 1788 a 1789. Dous volumes.

É obra hoje muito estimada.

3.ª—*Ordem, ou construção literal por palavra, das primeiras quatro comedias de Terencio.* Lisboa, na officina de Simão Thadeu Ferreira, 1790.—Dous volumes.

É um dos livros a que os estudantes chamam—*pae velho*.

4.ª—*A conversam miraculosa da felice Aegyptia penitente, Santa Maria.*¹ *Sua vida e morte. Composta em redondilhas.* Lisboa, 1627—2.ª edição, 1674.

¹ Santa Maria Egypciana.

1648 — Fundação do mosteiro de Santa Thereza, de frades carmelitas descalços.

1654 (29 de dezembro.) — Morre no mosteiro do *Monte Carmello* (Asia) o *padre frei Basílio de S. Francisco*, natural de Santarem.

Professou em Italia, na ordem dos carmelitas descalços.

Depois, com licença dos seus prelados, foi promulgar o Evangelho na Persia.

Passados tempos, o mandou o geral da sua ordem, edificar um mosteiro na ilha deserta de Baçorá, o que levou a effeito, por consentimento do baxá d'aquella provincia.

Governou este mosteiro 13 annos, e foi o 1.º sacerdote que alli disse missa e prégou o Evangelho, em trez linguas — persa, arábica, e turca.

Passando depois ao Monte Carmello, foi um dos seus restauradores, e 2.º prelado.

Foi sepultado na egreja d'este mosteiro.

1664 (25 de janeiro.) — Estando em Santarem D. Affonso VI, assistiu a uma missa cantada, na capella real, de Nossa Senhora da Piedade, (frades agostinhos descalços) e em seguida, lançou, com apparatusa cerimonia, a primeira pedra, para a fundação do novo templo da mesma Senhora.

Na pedra foi gravada esta inscripção:

DEIPARAE VIRGINI A PIETATE DOMINATA,
ALPHONSUS VI LUSITANIAE REX,
QUOD EJUS OPEA AD MIRACULUM INSIGNI
JOANNEM AUSTRIACUM PHILIPPI IV
CASTELLAE REGIS FILIUM,
PUGNA CANALENSI, SEXTO IDUS
JUNIAS AN. DNI MDCLXIII
CIRCA STRE MOTIUM COMMISSA,
PROFLIGAVERIT
HOC SACELLUM IMPENSIS SUIS
FACIENDUM CURAVIT, PRIMUNQUE
FUNDAMENTORUM LAPIDEM
PROPRIA MANU, IN AETERNUM,
GRATI, DUSTIQUE ANIMI
MONUMENTUM POSUIT
SEQ. ANNO OCTAVP KAL. FEBRUAR.

(Á Virgem, Mãe de Deus, denominada da Piedade, Affonso VI, rei de Portugal, porque com o auxilio milagrosamente insigne d'Ella (ou verdadeiro milagre) derrotou a D. João d'Austria, filho de Philippe IV, rei de Castella, na batalha do Canal, no 6.º dia antes

dos idos de junho, do anno 1663, junto a Extremoz. Este templo mandou fazer á sua custa, e lançou, por sua propria mão, a primeira pedra dos fundamentos: para monumento eterno da sua devota gratidão, no anno seguinte (ao da batalha) no 8.º dia antes das kalendas de fevereiro. (24 de janeiro de 1664.)

A inscripção é muito mais extensa, mas, para não enfadar o leitor, só copiei o principio d'ella, que é o principal.

Como se vê da inscripção, o rei portuguez erigiu o novo templo a Nossa Senhora da Piedade, em acção de graças, pela gloriosa victoria do Cannal (ou Ameixial.) Vide vol. 1.º, pag. 195, col 1.ª, e o artigo — *Antiga ermida de Nossa Senhora da Piedade*.

Benzeu o terreno para a egreja, o bispo de Targa, D. Francisco Sotto-Maior, bispo eleito de Lamego, que servia então de capellão-mór do rei. (Vide *Ermida da Senhora de Guadalupe*.)

1666 (28 de fevereiro) — Morre no convento de freiras agostinhas, de Santarem (hoje dominieas) a rainha D. Luiza Maria Francisca de Gusmão. Tinha entrado para este mosteiro, a 17 de março de 1663. Era filha de D. Joao Manuel Peres de Gusmão, 8.º duque de Medina-Sidonia, e viuva de D. João IV, de Portugal, do qual teve sete filhos, que foram (por ordem de idade) — 1.º, D. Theodosio, que tomou o titulo de *principe do Brasil*, ficando desde então (1649) este titulo annexo aos primogenitos dos nossos reis. Morreu, solteiro e sem filhos, a 15 de maio de 1653, em vida de seus paes — 2.º, D. Anna, que morreu de pouca idade — 3.º, D. Joanna, que morreu solteira — 4.º, D. Catharina, rainha da Gran-Bretanha, por casar com Carlos II. (Vide no 4.º vol., pag. 131 — *Palacio da Bemposta*) — 5.º, D. Manuel, que morreu creança — 6.º, D. Affonso, que foi 6.º do nome. Tinha sido jurado principe herdeiro, em 1653, por morte de D. Theodosio. Nasceu em Lisboa, a 26 de agosto de 1643, e falleceu no palacio real, de Cintra, a 12 de outubro de 1662, despojado da corôa, e vendo passar a esposa a *segundas nupcias*, em sua vida, com seu irmão, o infante D. Pe-

dro. Tinha apenas 40 annos de idade.—7.º, *D. Pedro*, depois 2.º do nome. Nasceu em Lisboa, a 26 d'abril de 1648. Em 22 de novembro de 1667, tomou posse da regencia do reino, por incapacidade do rei seu irmão. Em 27 de janeiro de 1668, foi jurado principe herdeiro. Em 2 d'abril do mesmo anno, casou com *D. Maria Francisca Isabel de Saboia*, filha de *Carlos Amadeu de Saboia*, duque de *Ne-mours*, a qual tinha casado com *D. Affonso VI*, em 27 de junho de 1666.¹

Foi aclamado rei de Portugal, em 12 de setembro de 1683. Fallecendo a rainha, em 27 de dezembro d'este anno, *D. Pedro II* passou a segundas nupcias, em 1687, com *D. Maria Sophia Isabel de Neubourg*, filha de *Wilhelmo*, conde palatino do Rheno. O rei falleceu em Lisboa, a 5 de dezembro de 1706.

Alem dos sete filhos legitimos que ficam mencionados, teve *D. João IV.* uma filha bastarda, a infanta *D. Maria*, que falleceu recolhida no mosteiro de carmelitas descalças de Carnide.

D. Affonso VI, não teve filhos, legitimos, nem bastardos.

D. Pedro II, teve da primeira mulher, a princeza *D. Isabel*, que morreu solteira, a 21 de outubro de 1690.

Do segundo matrimonio, teve sete filhos, que foram, por ordem de edades—1.º, *D. João*, que morreu de pouca idade—2.º, *D. João*, que lhe succedeu na corôa, e foi 5.º do nome—3.º, *D. Francisco*, 4.º, *D. Antonio* e 5.º, *D. Thereza*, todos tres fallecidos de pouca idade—6.º, *D. Manuel*—7.º *D. Francisco*.

Teve trez filhos bastardos—1.º, *D. Luiza*, que foi a segunda mulher de *D. Jayme*, duque do Cadaval—2.º, *D. Miguel*, que casou

¹ O processo para nullidade d'este casamento, é uma das cousas mais ignobeis e escandalosas que se tem visto em Portugal, e talvez na Europa!—Vide *Causa sobre a nullidade do matrimonio da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboia, contra D. Affonso VI*.—Lisboa, typographia universal, 1858.

com a filha e herdeira dos marquezes d'Ar-ronches—3.º, *D. José*.

1667 (março)—Falleceu em Santarem um menino, chamado *Manoel*, creado por uma beata, *serva* de Nossa Senhora da Piedade.

Nascêra a creança aleijada, e, tendo recuperado a saúde, a *ama* attribuiu esta cura a milagre d'aquella Senhora.

A beata fez lhe um enterro magnifico; mas, como a morte fôra repentina, o povo principiou a murmurar, o que chegou aos ouvidos das auctoridades; e, passados 18 dias, foi o cadaver desenterrado, por ordem da justiça, e se procedeu a exame. Achou-se sem a minima corrupção, e viçosas as flores com que havia sido sepultado. Despindo-se-lhe a mortalha, viu-se que tinha as costas cobertas de chagas e contusões; as mãos e pés, furados; e, em redor da cabeça, varias feridas, como de espinhos; o que provou que o desgraçado menino tinha sido martyrisado pela maldita beata, que lhe fez o mesmo que os judeus fizeram a *Jesus Christo*!

A mulher foi logo presa e remettida ao tribunal da Inquisição, onde é provavel que lhe fizessem peor do que ella fez á sua victim.

A dois de dezembro do mesmo anno, nasce em Santarem, o *padre mestre, frei João de Azevedo*. Era filho de *Antonio d'Azevedo Pereira*, natural da freguezia de Santo Estevão d'Alfama, em Lisboa—e de *D. Iria de Ábreu Córdova*, nascida na freguezia de *S. Martinho*, de Santarem, filha de *Antonio de Ábreu Córdova* e *D. Antonia de Góes*, também naturaes de Santarem.

Foi baptisado na igreja de Santa Maria de Marvilla, a 2 de janeiro de 1668, sendo padrinho o conde da Torre, e o 1.º marquez da Fronteira.—Professou no convento dos agostinhos de Santarem, em novembro de 1687. Foi grande philosopho e theologo, lendo estas faculdades muitos annos na sua ordem.

Depois de jubulado, o mandou o provincial, á cidade do Porto crear novos estudos, no convento da sua ordem.

Foi doutor em theologia, examinador das trez ordens militares e examinador synodal do arcebispado de Lisboa Oriental.

Foi nomeado theologo da *Bulla da Santa Crusada*, e era um orador eloquentissimo. Foi tres vezes prelado da sua ordem, sendo a ultima, do convento de Nossa Senhora da Graça, de Lisboa. Escreveu alguns livros, entre elles, o—*Tribunal contra os confesso-res sollicitantes*, em latim—*Tribunal de de-senganos*, em portuguez—*Tribunal de Pane-gyricos*, tambem em portuguez—mais escre-veu em latim, um tratado—*De conscientia*, outro—*De sacramento penitentiae*—outro—*De reservatis in communi*—outro—*De reser-vatis in particulari*, e outros muitos trata-dos em latim, tudo sob o titulo geral de *Tri-bunal theologo-morale* (que, com mais pro-priedade, podia denominar—*Vastissimo ar-mazem de somno*.)

Todas estas obras tiveram muita estima-ção no seu tempo, entre os frades da sua ordem, e mesmo entre os de outras reli-giões; e devemos confessar que abundavam em erudição... e pedantismo; mas que lhe deram fama de grande sabio.

1670—Nasce em Santarem, Antonio Jorge Machado, que exerceu aqui a advocacia. Escreveu o—*Tractatus juridicus de captura reorum*. Falleceu aqui, em 1729.

No mesmo anno, a 22 de julho, morre, no collegio dos trinos, de Coimbra, frei Isi-doro da Luz, natural de Santarem, religioso da Santissima Trindade, varão de profunda sciencia. Foi o primeiro, e unico, *lente de controversias*, na universidade de Coimbra, com honras de lente de prima de theologia. Escreveu 10 volumes, sobre controversias e theologia, dos quaes se imprimiram 4 em sua vida, e 6 posthumos.

1675—Nasce n'esta cidade (então villa) o doutor, Luiz de Figueiredo, formado em philosophia e canones, pela universidade de Coimbra. Foi depois para Madrid, onde casou. Graduou-se na universidade de Alcalá de Henares, e voltou a Madrid, onde foi advogado do conselho do rei, e depois, cor-regedor em Alicante, onde falleceu, em 1720.

Escreveu varios livros, sendo o melhor, uma *Allegação de Direito*.

1715—Grande reconstrução da *real col-legiada de Santa Maria da Alcaçova*.

1722—(19 de novembro)—Horriavel tem-pestade que causou grandes estragos em Santarem.

N'este mesmo anno se concluiu a igreja do mosteiro de Nossa Senhora de Jesus, de terceiros regulares, de Jesus.

1725—É removido o magnifico mausoleu de D. Pedro de Menezes, conde de Vianna e de sua mulher, para debaixo do côro, e junto á porta da igreja do mosteiro dos frades agostinhos. D. Beatriz, mulher de D. Pedro de Menezes, foi então achada incorrupta, apezar de estar sepultada havia quasi 300 annos!

1731 (março)—Morre em Santarem, d'on-de era natural, Manoel da Fonseca Burra-lho.

Foi muito versado em grammatica latina, e nas regras de poetica.

Publicou as obras seguintes:

1.^a—*Luzes da poesia, descobertas no Orien-te de Apollo; nos influxos das Musas: divi-didas em trez luzes essenciaes*—Luz 1.^a, *da medida e consonancia da poesia*—Luz 2.^a, *do ornato da poesia, e figuras que n'ella ca-bem*—Luz 3.^a, *do espirito da poesia, e crea-çam do conceyto. Offerecidas a Thomaz Ho-mem de Magalhães, fidalgo da casa de S. M.*—Lisboa, 1724.

O Buralho, seria um gran-de latino, mas era, com toda a certeza, um grandissimo pe-dante.

2.^a—*Foral da alfandega de Lisboa*—Lis-bona, 1724—2.^a edição, 1774.

3.^a—*Foral da cidade do Porto, dado por el-rei D. Manuel, a 20 de junho de 1517*—Porto, 1788.

Os foraes da cidade do Por-to, Mattosinhos, Leça, Refojos, e Villa Nova de Gaia, foram

reimpressos por ordem da camara municipal do Porto, em 1823. O do Porto, já tinha sido impresso, em 1822.

4.^a—*Foral de Abrantes, que para reformar o antigo, d'el-rei D. Affonso Henriques, lhe deu el-rei D. Manuel, no primeiro de junho de 1510*—Lisboa, 1732.

5.^a—*Fórma e verdadeiro traslado, dos privilegios concedidos aos cidadãos e moradores da cidade de Braga.*

Não tem data, nem indicação de typographia.

É livro raro e muito estimado.¹

6.^a—*Foral de Lisboa*—Lisboa, 1790.

Em dezembro do mesmo anno de 1731, morre frei Antonio da Piedade, franciscano, arrabido, natural de Santarem.

Escreveu e publicou :

Espelho de penitentes, e chronica da provincia de Santa Maria da Arrabida, da regular e mais estreita observancia da ordem do serafico patriarcha, S. Francisco, no Instituto capucho—Lisboa, 1728.

O 2.^o volume d'esta obra, foi escripto por frei José de Jesus Maria.

São livros raros, sobre tudo o 1.^o volume, e ainda muito estimados, pelas curiosas noticias que dá da serra da Arrabida, e do mosteiro dos capuchos.

1737 (7 de junho)—Morre no convento de Santa Clara, com 109 annos (sendo freira professa, desde 1673) a madre Marianna da Fé, natural da freguezia dos Anjos, de Lisboa. Foi vigaria muitos annos, e era uma freira virtuosissima.

¹ O meu amigo e mestre, o sr. dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas, lente de mathematica e director do Lyceu nacional de Braga, um dos mais eruditos escriptores contemporaneos, acaba de publicar uma reimpressão d'esta curiosissima obra, juntando-lhe anotações de inestimavel merecimento.

1755 (1.^o de novembro)—Medonho terramoto, que se sentiu em quasi toda a Europa, e ainda na America. Santarem soffreu tambem muito com este terramoto.

1757 (18 d'abril)—Nasce João Diogo de Barros Leitão de Carvalho, 1.^o visconde de Santarem, 1.^o senhor de Pontével, Ereira e Lapa, alcaide-mór de Santarem, Gollegan e Almeirim, 5.^o senhor do morgado de Vaqueiros, commendador da ordem de S. Thiago, cavalleiro da ordem de Christo, guardaroupa da rainha, D. Maria I, e de el-rei D. João VI, e seu guarda-joias, thesoureiro do bolsinho, guarda-tapeçarias, apontador dos fóros dos reposteiros e moços da camara, inspector da quinta de Belem e de todos os paços reaes, escrivão de fazenda da real casa de Bragança, secretario da serenissima casa e estado do infantado, guarda mór do lastro, etc. (O que eu não sei, é, como elle podia desempenhar todos estes cargos!...)

Sucedeu na casa de seu pae, a 15 de março de 1806, e morreu a 12 de janeiro de 1818.

Foi casado duas vezes—a primeira, em 1788, com D. Marianna Rita Xavier Porcille Okelli Ribeiro Rangel, filha e herdeira de Antonio Bernardo Xavier Porcille, fidalgo da casa real, do conselho da rainha D. Maria I, cavalleiro da ordem de Christo, desembargador do senado da camara de Lisboa; e de sua mulher, D. Marianna Okelli.

Fallecendo sua primeira mulher, a 16 de novembro de 1794, casou com D. Maria José de Sampaio, filha de Ignacio José de Sampaio Freire de Andraße, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, escrivão da fazenda da junta da real casa de Bragança, e de D. Angelina Ignacia Pereira de Aguirre, que morreu a 18 d'abril de 1826. (Seu marido, falleceu a 22 de setembro de 1835.)

Residiam no seu palacio da Rua Direita de Buenos-Ayres, mas estavam quasi sempre em Paris.

Foi feito visconde de Santarem, em 17 de dezembro de 1811.

Teve cinco filhos :

1.^o—*Francisco*, que foi o segundo viscon-

de de Santarem. (Vide o anno 1791—18 de novembro.) Este era filho do primeiro matrimonio—do segundo, foram :

2.º—*Joaquim*, que morreu sem filhos.

3.º—*D. Maria Isabel*, que falleceu em novembro de 1828. Foi primeira mulher de José de Mattos Góes e Caupers, fidalgo da casa real, tenente da guarda real dos archieiros, commendador da ordem de Christo, provedor das Vallas e Lesirias.

4.º—*Ignacio José*, que casou com D. Carlota Wan-Zeller. Era fidalgo da casa real, e cavalleiro da ordem de Christo.

5.º—*D. Maria Joanna*, mulher de João Miguel Paes de Faria, filho de João Paes do Amaral e Menezes, moço fidalgo, senhor da villa de Carapito, alcaide-mór de Villa Pouca d'Aguiar, commendador da ordem de Christo, coronel do regimento de milicias de Lisboa Oriental.

—

1791 (18 de novembro)—Nasceu em Lisboa, Manuel Francisco de Barros e Sousa da Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa —2.º visconde de Santarem (vide 1757—18 de abril) 2.º senhor de Pontével, Ereira e Lapa, alcaide-mór de Santarem, Gollegan e Almeirim, 6.º senhor do morgado de Vaqueiros, official-mór da casa real, guarda-roupa da rainha D. Maria I, grão-cruz da ordem de Carlos III, de Hespanha, commendador das de S. Thiago e Torre Espada, e cavalleiro da de Christo. Foi encarregado de negocios em Copenhague, no anno de 1819, guarda-mór do real archivo da Torre do Tombo, ministro e secretario de estado dos negocios do reino, em 1826, eserivão da fazenda e cartorario da real casa de Bragança, Succedeu a seu pae, o 1.º visconde de Santarem, em 12 de janeiro de 1818.

Casou em 30 de novembro de 1816. com D. Maria Amalia de Saldanha da Gama, filha dos sextos condes da Ponte, e d'ella teve cinco filhos: *João*, *Antonio*, *D. Constança*, *D. Marianna* e *D. Francisca*.

O 2.º visconde de Santarem, falleceu, em janeiro de 1856, e este titulo está, *por enquanto*, extinto.

Foi um esclarecido cultor das lettras, e

publicou varias obras de grande merecimento, sendo as principaes :

1.ª—*Noticia dos manuscriptos pertencentes ao Direito publico de Portugal e á historia e litteratura do mesmo paiz, que existem na bibliotheca real de Paris, e outros da mesma capital, e nos archivos de França*. Lisboa, typographia da academia real das sciencias, 1827.

—

2.ª—*Introducção e notas, á chronica do descobrimento e conquista de Guiné, por Azurára*. Paris, 1841.

—

3.ª—*Introducção e notas ao Leal Conselleiro, do rei D. Duarte*.

—

4.ª—*Memoria sobre a prioridade dos descobrimentos portuguezes na costa da Africa Occidental, para servir de illustração á chronica da conquista de Guiné, por Azurára*. Paris, 1841.

Esta obra é hoje rara, mas encontra-se transcripta no *Diario do Governo*, de 1842, do n.º 48 em diante.

Ha d'ella duas traducções em francez.

—

5.ª—*Corpo diplomatico portuguez, contendo todos os tratados de paz, alliança, neutralidade, tréguas, commercio, limites, ajustes de casamento, cessões de territorio, e outras transacções, entre a corôa de Portugal, e as diversas potencias do mundo, desde o principio da monarchia, até aos nossos dias*. Paris, 1846.

—

6.ª—*Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal, com as diversas potencias do mundo, desde o principio da monarchia portugueza, até aos nossos dias: collegido e coordenado pelo visconde de Santarem, e continuado pelos socios effectivos, Luiz Augusto Rebello da Silva, e José da Silva Mendes Leal*. Paris e Lisboa, 1842 a 1876.

—

7.ª—*Essais sur l'histoire de la Cosmographie et de la Cartographie, pendant le moyen*

age; e sur les progrès de la Géographie, etc., etc. Paris, 1849 a 1852.

8.^a—*Demonstração dos direitos que tem a carôa de Portugal, sobre os territorios situados na costa occidental da Africa, entre o 5.^o gráu e 12 minutos, e o 8.^o de latitude meridional. E, por consequente, dos territorios de Molembo, Cabinda, e Ambriz*, Lisboa, 1855.

É um folheto de 40 paginas, que tambem se acha traduzido em francez, com os mappas correspondentes, que servem para o original e traducção.

Basta a simples enumeração dos titulos das obras do visconde de Santarem, para se conhecer e avaliar a sua importancia.

1795 (26 de setembro)—Nasce, no districto da freguezia do Salvador, d'esta cidade, *Bernardo de Sá Nogueira de Figueiredo*.

Era filho primogenito de Faustino José Lopes Nogueira de Figueiredo, senhor do prazo do Reguengo e outros; moço fidalgo, alcaide-mór do Cadaval, commendador da ordem de Christo, e desembargador da relação do Porto, nascido a 11 de janeiro de 1767, e fallecido a 2 de setembro de 1830—e de D. Francisca Xavier de Sá Mendonça Cabral da Cunha Goodolphim, nascida a 12 de outubro de 1772 e fallecida a 6 de setembro de 1829—filha de Estevam de Sá e Mendonça, senhor do morgado do Desterro, capitão-mór da villa de Pias; e de D. Maria Ignacia Cabral da Cunha Goodolphim.

Faustino José L. N. de Figueiredo e sua mulher, tiveram 13 filhos, que são (por ordem das edades.)

1.^o—*Bernardo*, do qual adiante trato.

2.^o—*D. Maria Augusta*, nascida a 27 de outubro de 1796. Casou com Luiz da Cunha Castro e Menezes, senhor de um vinculo, na villa de Proença, fidalgo da casa real, coronel de milicias de Idanha, filho de João Philippe da Cunha Pereira de Castro e Napoles,

fidalgo da casa real, e coronel de milicias de Castello Branco, e de D. Anna de Menezes Pitta de Castro.

3.^o—*Antonio Cabral de Sá Nogueira*, cavalleiro da ordem de Christo, provedor da moeda, commandante do 14.^o batalhão da guarda nacional de Lisboa, deputado às côrtes, secretario da embaixada para a coroação da rainha Victoria, de Inglaterra. Nasceu a 7 de janeiro de 1799.

4.^o—*Francisco Cabral de Sá Nogueira*, cavalleiro das ordens da Conceição, e Torre Espada, major commandante do batalhão nacional. Nasceu a 29 de fevereiro de 1802.

5.^o—*Ayres de Sá Nogueira*, tenente da armada real. Nasceu a 4 de março de 1803. Casou a 31 de maio de 1830, com D. Maria do Patrocínio Vieira d'Abreu e Vasconcellos, que nascêra a 14 de novembro de 1803. Era filha e herdeira, de Francisco Vieira de Abreu, senhor da quinta da Torre do Fato, em Carnide; fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, secretario das embaixadas em França e Hespanha (sendo embaixadores, o conde de Villa-Verde, e Diogo de Carvalho) e de D. Luiza Barbara de Carvalho da Fonseca e Vasconcellos, senhora do morgado do Desvario, no districto de Portalegre.

6.^o—*Estevam de Sá Nogueira*, 2.^o tenente da armada real; nascido a 28 de março de 1804, e fallecido em janeiro de 1827, a bordo da nau D. João VI.

7.^o—*Narciso de Sá Nogueira*, tenente de cavallaria. Nasceu a 3 de julho de 1805, e morreu na batalha de Ponte-Ferreira, a 22 de julho de 1832.

8.^o—*João Cabral de Sá Nogueira*, tenente de lanceiros. Nasceu a 8 de fevereiro de 1806. Casou, a 18 de fevereiro de 1830, com D. Maria José d'Antas Coelho, nascida a 19 de março de 1813. Filha e herdeira de Gaspar José d'Antas Coelho, commendador da ordem de Christo, secretario da junta da casa e estado de Bragança, guarda-mór do consulado geral da sahida da casa da India.

9.^o—*José Cabral de Sá Nogueira*, capitão de lanceiros, nascido em 15 de agosto de 1807.

10.^o—*Augusto de Sá Nogueira*, guarda-ma-

rinha. Nasceu a 21 de maio de 1810, e morreu em julho de 1832.

11.—*Rodrigo de Sá Nogueira*, cavalleiro da ordem de Torre Espada, tenente da armada real. Nasceu a 28 de março de 1811.

12.—*D. Maria Brisida de Sá Nogueira*, nascida a 31 de agosto de 1813. Casou com José Alvo Pinto de Sousa, filho dos segundos viscondes de Balsemão.

13.—*Faustino de Sá Nogueira*, alferes, ajudante de ordens do governador da Índia. Nasceu em 1814, e morreu a bordo, quando hia para aquelle estado, em 1837.

—

Bernardo de Sá Nogueira de Figueiredo, foi feito 1.º barão de Sá da Bandeira, a 4 de abril de 1833. Visconde do mesmo título, no 4.º de dezembro de 1734, e marquez, a 13 de fevereiro de 1864. Foi feito par do reino, em 1834.

Era grão-cruz da ordem de Christo, e da de Torre Espada, 1.º condecorado com a medalha d'ouro (n.º 4) pelas quatro campanhas da guerra pedinsular, em 25 de dezembro de 1820. Foi numerosissimas vezes ministro, como adiante direi.

Sucedeu na casa, a seu pae, a 2 de setembro de 1830, herdando a quinta do Reguengo, no districto de Santarem.

Sentou praça, voluntariamente, no regimento de cavallaria n.º 11, em 4 de abril de 1810, sendo logo reconhecido cadete.

Foi despachado alferes, para o regimento de cavallaria n.º 10, a 15 de dezembro do mesmo anno.

1 Foi feito official da ordem de Torre Espada, em 6 de outubro de 1832, pela sua bravura, no combate da Bandeira, de 8 de setembro de 1832, onde perdeu o braço direito, commandador da mesma ordem, em 4 de outubro de 1833, e grão-cruz da mesma ordem, em 9 de julho de 1860.

Era tambem grão-cruz da ordem da *Rosa*, no Brasil; de Leopoldo, da Belgica; de S. Mauricio e S. Lazaro, da Italia; de Carlos III, e de Isabel a catholica, na Hespanha; do Cruseiro do Brasil; de S. Salvador, da Grecia; de Francisco José, da Austria; de S. Gregorio Magno, de Roma; de Santa Rosa, do merito militar, da republica de Honduras; e, finalmente, grande official da Legião de Honra, de França.

Tenente de cavallaria n.º 4, em 6 de junho de 1812.

No combate que houve junto ao logar de Viela, perto de Tarbes (departamento de Gers-França) ficou ferido gravemente, e prisioneiro dos francezes, no dia 13 de março de 1814.

Com a *paz geral* de Paris, em 30 de maio d'esse anno, regressou a Portugal.

Em 15 de outubro de 1815, obteve licença para os estudos, e matriculou-se logo na academia de fortificação, artilheria e desenho; e frequentou os estudos mathematicos, desde o 1.º de maio de 1816.

Prompto para o serviço, no fim de julho de 1817.

Tornou a matricular-se em mathematica, e foi dado por prompto para o serviço, em 26 de junho de 1818; e n'esse mesmo anno (a 20 de outubro) matriculou-se em mathematica; na universidade de Coimbra.

Foi promovido a capitão de cavallaria n.º 4, em 11 de maio de 1819, e foi dado prompto para o serviço, no 4.º de julho de 1820.

Foi estudante tão applicado, que obteve diversas distincções; e na guerra, bravo militar, ganhando varias condecorações.

Em 1820, declarou-se liberal.

Em abril de 1821, pediu licença para hir alistar-se nas fileiras dos revolucionarios napolitanos, o que lhe foi concedido. Atravessou a Hespanha e os Pyreneus, e sabendo em França que os revolucionarios italianos tinham sido derrotados pelo rei legitimo, não passou de Paris, onde se aperfeiçoou nos estudos, desde 26 de agosto do referido anno de 1821, até 30 de setembro de 1824.

Regressando a Portugal, foi addido ao real corpo de engenheiros, por decreto de 16 de fevereiro de 1825.

Obteve licença para frequentar os estudos em Inglaterra, por portaria de 21 de março do mesmo anno, e cursou os estudos em Londres, desde o 4.º d'abril até 31 de março de 1826.

Regressando a Portugal, foi nomeado *assistente* da divisão liberal de operações, em 12 de outubro; e, a 27 de novembro foi addido ao estado-maior-general do visconde de

Beire, governador das armas do Alentejo. Assistiu aos combates de Coruche, da Beira-Baixa, em 9 de janeiro de 1827¹ e aos de Ponte do Prado e da Barca, onde os realistas foram batidos. Bernardo de Sá Nogueira foi feito major graduado, por distincção n'estes combates, em 15 de março do mesmo anno, e major effectivo, logo a 19 de julho. No 1.º de setembro, foi nomeado ajudante d'ordens do conde de Villa-Flor, exercendo esta commissão, até 10 de março de 1828.

Fugiu de Lisboa, escondidamente, e foi apresentar-se no Porto, aos revoltosos de 16 de maio, sendo nomeado commandante dos engenheiros, no 1.º de junho.

Derrotados os liberaes, em diferentes combates, desde a Cruz dos Morouços até ao Vouga, retiram para o Porto.

Sá Nogueira, não imitou os seus chefes, que fugiram para a Inglaterra, quando viram a sua causa perdida, abandonando as tropas que tinham induzido á revolta; mas, sustentou a honra do seu posto, e no dia 8 de julho de 1828, emigrou para a Galliza com as tropas que se não haviam entregado aos realistas.

Da Galliza embarcou para a Inglaterra, e de lá, em 1829, em um navio mercante que hia para o Brasil, e conduzia emigrados para, na volta, d-exir na Ilha Terceira; mas, ao voltar do Brasil, o navio cahiu em poder dos navios realistas do cruceiro.

Foi levado como prisioneiro, para a ilha de S. Miguel, mas, escondido pelo capitão do navio, conseguiu fugir para a Terceira, onde chegou a 12 de dezembro de 1829; sendo logo a 14, nomeado ajudante d'ordens do conde de Villa-Flor, que tinha sido feito pelos liberaes governador e capitão-general dos Açores; e, em 16 de março de 1832, foi nomeado ajudante de campo do sr. D.

¹ Commandava os realistas o famoso marquez de Chaves, e os liberaes, o conde de Villa-Flor (d-apos duque da Terceira.) Os realistas foram batidos, em razão do seu desanimo, por ter entrado em Lisboa (24 de dezembro de 1826) a divisão ingleza, de Clinton, forte de 10:000 homens, em auxilio dos liberaes.

Pedro, e, como tal, acompanhou o seu exercito, desembarcando em Portugal a 8 de julho de 1832; ¹ e logo a 27, foi nomeado governador militar do Porto, e inspector dos batalhões nacionaes que alli então se formaram.

Em 6 de agosto do mesmo anno, foi feito tenente coronel, continuando na mesma commissão.

Em 8 de setembro, os liberaes fazem um desembarque na praia de Villa Nova de Gaia, e ao mesmo tempo, uma sortida da serra do Pilar. Ambas estas tentativas foram infelizes, sendo os liberaes derrotados. Sá Nogueira, foi gravemente ferido no braço direito, que teve de lhe ser amputado. Nunca perdoou aos realistas esta mutilação, nem a morte de seu irmão Narciso, na primeira batalha de Ponte Ferreira, como fica dito. (Vide 7.º vol., pag. 498, col. 1.ª no fim, e seguinte.) D'ahi a dois mezes já estava completamente curado e prompto para o serviço! Por distincção, pela bravura com que se portou n'este combate, fazendo retirar as suas tropas que escaparam em boa ordem para a serra do Pilar, é que foi feito barão de *Sá da Bandeira*; porque no sitio da *Bandeira*, logo abaixo da capella de Santo Ovidio, de Villa Nova de Gaia, é que elle foi ferido, vindo em retirada do sitio da tal capella, até onde tinha chegado com os seus soldados.

Em 10 de novembro, foi nomeado ministro da marinha, e a 18, tambem interino do reino; empregos que exerceu até 29 de maio de 1833.

Em 24 de março de 1833, foi ferido no ataque do *monte das Antas* (arrabaldes do Porto) e ainda tornou a ser ferido levemente por duas vezes, até maio de 1834.

Foi feito coronel, em 25 de julho de 1833.

¹ Os liberaes pretenderam desembarcar em Villa do Conde, onde estava o general José Cardoso, com a sua brigada. O sr. D. Pedro, mandou Sa Nogueira como parlamentar ao general realista, que lhe respondeu — Eu só reconheço o sr. D. Pedro, como um chefe de aventureiros e de... etc., etc. — Vá-se embora, e se vossé, ou outro, cá for mandado para o mesmo fim, mando-o fuzilar. (Vide *Villa do Conde*.)

Em 28 de agosto de 1833, foi feito governador da praça de Peniche, e n'esta qualidade teve um pequeno combate com os realistas, junto a Obidos, fazendo-os retirar.

Foi exonerado do governo da praça de Peniche, em 14 de outubro do mesmo anno, para ser nomeado commandante de uma divisão de operações no Algarve, a 17 d'esse mez, logar que exerceu até 15 de novembro.

Em 17 de fevereiro de 1834, foi feito governador militar do Algarve, sendo exonerado logo a 27 de maio.

Em 18 de novembro de 1835, foi nomeado ministro da marinha e interino do reino, do que foi exonerado em 19 de abril de 1836.

N'este mesmo anno foi feito par do reino, tomando logar entre os republicanos, e a 10 de setembro foi feito ministro da fazenda e dos estrangeiros, sob a presidencia do conde de Lumiares.

Exonerado em 4 de novembro, é a 5 feito presidente do conselho de ministros, e ministro dos estrangeiros.

No dia seguinte, encarregado interinamente da pasta da guerra.

Em 27 de maio de 1837, foi encarregado, interinamente, da pasta da marinha, mas, no 1.º de junho foi exonerado dos trez cargos, ficando só com a presidencia, de que foi exonerado no dia seguinte.

Em 14 de julho, foi nomeado logar-tenente da sr.ª D. Maria II, nas provincias do norte.

Em 10 de agosto, foi feito presidente do conselho de ministros e ministro interino da marinha.

Tendo os marechaes Saldanha e Terceira feito a revolta para o restabelecimento da carta, em julho d'este anno, Sá Nogueira, desampara a causa da sr.ª D. Maria, e bandeando-se com os setembristas, combate, a 27 de agosto, ao lado d'elles, contra os marechaes, na Chão da Feira, junto á villa da Batalha, obrigando estes a retirar para Traz-os-Montes.

A 5 de setembro, é feito brigadeiro graduado, e effectivo a 27.

A 9 de outubro, é exonerado de logar-tenente da rainha; e a 25, exonerado de ministro interino da marinha.

Em 9 de novembro, é nomeado ministro

dos estrangeiros; e, interinamente, da guerra e marinha, a 9 de março de 1838.

Em 17 d'abril, é exonerado da pasta da guerra.

Em 18 d'abril de 1839, é exonerado de presidente do conselho de ministros e das pastas dos estrangeiros e marinha.

Em 16 de dezembro de 1840, é nomeado commandante da 7.ª divisão militar, e governador da praça d'Elvas, do que foi exonerado, a 12 de fevereiro de 1841.

Em 7 de fevereiro de 1842, foi nomeado ministro da guerra, e exonerado logo a 9!

Voltou então a tomar assento na camara dos pares, onde figurou na vanguarda da opposição ao governo.

Em 1845, adheriu ao movimento progressista, que o gabiaete presidido pelo duque de Palmella, se incumbiu de dirigir.

Foi nomeado commandante geral da guarda nacional de Lisboa, em 25 de junho de 1846, e ministro da guerra, a 19 de julho—tudo p-la patuleia.

Restabelecendo-se em Lisboa o governo da carta, pelo golpe de estado (*emboscada*) de 6 de outubro de 1846, foi no mesmo dia exonerado de ministro da guerra.

Sahe de Lisboa, e vae unir-se ás tropas da junta do Porto.

O barão do Casal, general cartista, vem sobre o Porto: Sá Nogueira o obriga a retirar para Traz-os-Montes.

A junta o nomeia commandante da divisão de operações n'aquella provincia, para onde marcha, em perseguição do Casal, e o ataca em Valle-Paços, a 15 de novembro; mas, tendo-lhe desertado para os cabralistas os regimentos 3 e 15 de infantaria, foi derrotado, tendo de fugir para o Porto, pelo Douro.

(Vide 7.º volume, pag. 367, col. 2.ª, e a sua nota.)

Chegando ao Porto, tratou com o maior cuidado e attenção de fortificar a cidade e a serra do Pilar, e de dar melhor organização aos numerosos batalhões de voluntarios da junta; concorrendo tambem para a criação do novo regimento de *cavallaria do Porto*.

Depois da derrota do conde do Bomfim,

em Torres Vedras (23 de dezembro de 1846) pelo general cabralista, Saldanha, Antas, que estava em Santarém, retira com as suas tropas, e com os poucos que escaparam de Torres Vedras, para o Porto.

A junta dispunha de uma esquadra de vapores, superior em numero á dos cabralistas,¹ pelo que pôde reforçar as suas tropas do sul, mandando para o Algarve uma divisão, ás ordens de Sá Nogueira, que se reuniu, em Évora, ás tropas do conde de Mello, e marcharam sobre Setúbal, onde juntaram uma força respeitável sob as ordens de Sá Nogueira.

O general cabralista, conde de Vinhaes, marcha ao encontro das tropas da junta, e no 1.º de maio de 1847, tem lugar o combate do *Alto do Viso*, junto (ao O.) de Setúbal, perdido pelas tropas da junta, que retiraram para a cidade, onde se fazem fortes; porém Sá Nogueira, julgando-se em uma *posição critica*, fuge, a 14 de junho, para bordo de um navio inglez, que estava fundeado no Sado, abandonando as suas tropas, as quaes, vendo-se sem o chefe, que até alli lhes merecera a mais plena confiança, fogem desordenadamente, por onde podem, hindo o maior numero em direcção do Sul, perseguidas até ao Algarve pelos cabralistas.²

Este acto de Sá Nogueira, foi uma nodoa indelevel, lançada na sua, até alli, brilhante carreira militar.

Nem deve ficar no esquecimento, o que poucos dias antes tinha praticado no Algarve.

Um dos seus primeiros actos, quando chegou a esta provincia, foi decretar o chamamento ás armas, de todos os officiaes do exercito realista, ga-

¹ A junta possuía—os dous vapores de guerra que tinham vindo com o Terceira, aprisionára outros, havia tomado os navios do cruzeiro do Algarve, e uma corveta que tinha desertado para a patul-ia.

² É notavel que, sendo Sá da Bandeira um dos mais bravos militares do seu tempo, fosse tão infeliz na guerra, perdendo todas as batalhas que commandou!

rantindo-lhes os postos que tinham na convenção de Évora-Monte.

Elles acreditaram as palavras de um general distincto e apresentaram-se promptamente.

Quando d'ahi a 10 annos, Sá Nogueira foi feito ministro da guerra (como adiante direi) aquellos briosos militares, requereram o cumprimento da promessa.

Consultado sobre o assumpto, pela commissão respectiva, da camara, respondeu:

«Ha de cumprir-se o decreto da Ilha Terceira.»

(O que privava os officiaes realistas dos seus postos, e que se achava completamente annullado pelo artigo 3.º da convenção de Évora-Monte!)

Os officiaes redigiram um memorial, e nomearam, entre elles, uma commissão, para o hirem apresentar a Sá Nogueira, que os não quiz receber, nem ao memorial!

Em agosto de 1870, ainda fez peor, como adiante veremos.

Em 30 de maio de 1851, foi feito marechal de campo.

Em 8 d'agosto foi nomeado director da escola do exercito.

Em 6 de junho de 1856, foi feito ministro da marinha, e interino das obras publicas, mas logo a 25 foi exonerado d'esta ultima pasta.

Em 23 de janeiro de 1857, foi encarregado, interinamente, da pasta da guerra, sendo exonerado a 8 de setembro; e feito tenente general, a 21 do dito mez.

Em 16 de setembro de 1858, foi feito ministro da guerra, interino; e foi exonerado d'esta pasta e da da marinha, em 16 de março de 1859.

Em 3 de dezembro de 1860, foi feito ministro da guerra.

Em 12 de setembro de 1862, foi nomeado presidente interino do conselho de ministros, e ministro interino dos estrangeiros.

A 6 de outubro do mesmo anno, foi exonerado d'estes exercicios interinos.

Em 14 de janeiro de 1864, foi exonerado de ministro da guerra; e a 4 de julho d'este anno, feito general de divisão.

Em 5 de março de 1865, foi feito ministro da guerra; e, em 17 d'abril, encarregado, interinamente, da presidencia do conselho de ministros e da pasta da marinha.

Exonerado a 5 de setembro do mesmo anno.

Em 24 de agosto de 1866, foi nomeado 1.º ajudante de campo, do sr. D. Luiz; e no 1.º de setembro, foi nomeado presidente da comissão encarregada de resolver definitivamente o systema de fortificações de Lisboa e seu porto.

Foi exonerado d'esta comissão em 21 de julho de 1868, e a 23, feito presidente do conselho de ministros e ministro da guerra.

Exonerado d'estes dous exercicios, em 11 d'agosto de 1869.

Sá Nogueira e outros, tantas vezes expuseram ao sr. D. Luiz as torpezas da dictadura Saldanha, que o rei decidiu-se finalmente a demittir o ministerio dos *cem dias*, a 29 de agosto de 1870, sendo nomeado o marquez de Sá da Bandeira, presidente do conselho de ministros, ministro da guerra, e interinamente da marinha.¹

¹ Os officiaes realistas exultaram com a subida de Sá da Bandeira ao poder, suppondo-o um inimigo, generoso e leal, e, como bravo militar que era, só conheceria adversarios no campo da batalha. Enganaram-se! Deviam lembrar-se do que elle lhes fizera em 1856.

O decreto da dictadura, de 13 de agosto d'este anno de 1870, mandava cumprir o estipulado no artigo 3.º da convenção d'Evoira-Monta, a favor dos officiaes realistas não contemplados no decreto de 23 de outubro de 1851, Sá da Bandeira oppoz-se violentamente ao cumprimento d'este justissimo decreto, que só tinha o defeito de vir 17 annos mais tarde do que devia apparecer; e, mostrando a manga onde tivera o braço direito, proferiu toda a casta de insultos e ameaças contra homens que, nem tinham quem os defendesse, nem foram a causa d'elle es-

Foi uma escolha pessima n'aquella critica conjuncta. Sá Nogueira, contava 75 annos, e estava trôpego, surdo e era manêta, e muito falto de vista.

Foi exonerado a 29 de outubro do mesmo anno.

Em 20 de março de 1873, foi encarregado de dirigir as obras das fortificações de Lisboa e seu porto, e era este emprego que exercia quando falleceu.

—
Tenho bastante pena de ter enfadado os meus leitores, com a narrativa de tão numerosas nomeações e exonerações d'este homem notavel; mas tambem já me doia a cabeça de colligir e pôr por ordem de datas, aquellas *subidas e descidas*.

Finalmente o marquez de Sá da Bandeira, falleceu, em Lisboa, na madrugada do dia 6 de janeiro de 1876, com 80 annos, 3 mezes e 11 dias de idade. Não deixou descendentes.

—
Era um homem honradissimo, de grande firmeza de caracter, e de uma vastissima instrucção.

Teve duas paixões dominantes: as *fortificações da cidade e porto de Lisboa*, e a *liberdade e civilisação dos negros*. Nada d'isto chegou a vêr!

No coração tinha um odio implacavel—era aos realistas, desde que o fizeram manêta.

—
Era muito dado a leituras instructivas, e escrevia com muita correcção, graça e elegancia.

Publicou alguns opusculos, sendo os mais notaveis—*O trafico da escravatura e o bill de lord Palmerston*, publicado em 1840, em portuguez, inglez e allemão.—*Reflexões, sobre a pratica do direito eleitoral*, publicadas em 1845.—*Carta do visconde de Sá da Bandeira, ao conde da Ponte de Santa Maria, sobre a liberdade do voto dos officiaes mili-*

tar maneta, porque os officiaes não dão fogo, quanto mais—«Quem vae á guerra, dá e leva.»

tares, publicada no mesmo anno.—Depois, outra carta sobre a mesma questão, dirigida ao referido general, contendo o exame das accusações que, com auctorisação do conde (então general em chefe do exercito) lhe tinham sido dirigidas. *Correspondencia entre o visconde de Sá da Bandeira e os ministros plenipotenciarios e outros agentes das potencias signatarias do protocollo* (de Gramido) de 21 de maio de 1847, acompanhada d'uma carta a sua magestade a rainha, e de outros documentos. Publicado em 1848. Este livro é importantissimo para quem quizer escrever com verdade a historia da guerra civil de 1846-1847.—*Factos e considerações relativas aos direitos de Portugal sobre os territorios de Molembo, Cabinda e Ambriz, e mais logares da costa occidental da Africa, entre o 5.º grau e 12 minutos, e o 8.º grau de latitude central.*

É tambem um livro, pequeno em volume, mas grande pelo seu merecimento, pois resume todos os factos que protegem os nossos direitos áquelle vasto territorio, e é acompanhado da *planta topographica do paiz de Mossula, levantada em 1791 e 1792*; e pela *planta do forte construido no rio Loge, em 1791*.—*Zambezia e Sofalla, mappa coordenado sobre numerosos documentos, antigos e modernos, portuguezes e estrangeiros.* 1851.—*Cultura do algodão, 1862*.—*Carta ou mappa geral de Angola e Benguella.* 1863. (Teve por colaborador, o tenente coronel, Fernando da Costa Leal).—*Memoria sobre as fortificações de Lisboa, 1866*.—*Lettre adressée au comte Goblet d'Alviella, sur l'ouvrage «L'établissement des Cobourg en Portugal» accompagnée d'une notice sur les événements, qu'ont eu lieu dans ce pays, depuis 1836 jusqu'à 1839—1870*.—*Carta dirigida ao ex.º sr. José Maria Latino Coelho, sobre a reforma da carta constitucional—1872*.—*O trabalho rural africano e a administração colonial, 1873*.—A sua ultima publicação, foi a—*Carta dirigida ao ex.º sr. Joaquim Guedes de Carvalho e Menezes, presidente da relação de Loanda, 1.º de dezembro de 1874.*

Publicou mais alguns folhetos de some-nos importancia, e varios artigos em jornaes militares.

1809—N'este anno, havia em Santarem—onze egrejas parochiaes, e treze conventos de ambos os sexos. A sua população era então de 7:000 fogos, com 28:000 almas; e bairros que hoje se acham em ruinas, desde a invasão das hordas de Buonaparte, (os do Alfange, Alcáçova, e S. Lazaro) regorgitavam de casas e moradores.

Em 1809, fizeram-se as solemnidades da *semana santa*, em todas as egrejas parochiaes e dos mosteiros, e este anno de 1879 apenas se fizeram no seminario patriarchal. É verdade que nas quatro freguezias a que hoje está reduzida a cidade, não ha, de padres, mais do que o parcho de cada uma!

Em compensação, está-se construindo um theatro em uma egreja; e em outra, um museu archeologico. Ha clubs, para musicas e danças; *sociedades marciaes*; (?) passeios de luxo; montes-pios insituídos com os rendimentos de bens roubados; etc., etc.

1810 (14 de novembro)—Massena, perdendo a esperança de romper as famosas *linhas de Torres Vedras*, entra n'este dia em Santarem, e aqui se conserva com os seus, até 5 de março de 1811, praticando nos pobres santarenos toda a casta de roubos e barbaridades (na fôrma do costume das hordas de Buonaparte) para se desforrar da derrota do Bussaco, e da cobarde retirada das *linhas*, sem combate.

1811 (17 de dezembro).—O principe regente (depois D. João VI) faz visconde de Santarem, João Diogo de Barros Leitão de Carvalhosa, commendador (da ordem de Malta) da commenda de Pontével. (Vidé 1757—18 de abril.)

1823 (29 de maio).—O sr. infante D. Miguel—depois 1.º do nome—á frente de algumas tropas, com o fim (que realiso) de deitar a baixo a constituição de 1820, são de Lisboa, dia 27 de maio, d'este anno, e entra em Santarem n'este dia.

O general (depois duque) de Saldanha, o general Sepúlveda, D. Thomaz d'Assis Mascarenhas e outros, com algumas tropas, se

vão unir ao sr. D. Miguel, que abraça aqueles trez individuos, no *Campo do Quadro*, perto do Cartaxo.

D'ahi a trez annos, Saldanha e D. Thomaz, *sem ninguém saber porque*, se tornaram inimigos implacaveis d'aquelle príncipe!

Para evitarmos repetições, vide *Villa Franca de Xira*.

1833 (14 d'agosto).—Uma divisão da vanguarda do exercito realista que sitiava o Porto, entra em Santarem, onde é recebida com luminarias e repiques de sinos, e grande regosijo (real ou fingido) dos santarenos.

D'aqui marcham para o cerco de Lisboa.

1833 (15 de outubro)—O sr. D. Miguel e o seu exercito, entram em Santarem, em retirada do cerco de Lisboa; mas na melhor ordem, e sem ser incommodado na sua marcha, pelas tropas liberaes.

A unica cousa boa que cá fez o Macdonell (então general em chefe do exercito realista) foi esta retirada!

O sr. D. Miguel I, estabelece a sua residencia, no palacio do *provedor das Lezírias*.

Os realistas tratam a toda a pressa, porém com grande solidez, de reconstruir as velhas fortificações de Santarem, construindo outras de novo, de maneira que, em pouco tempo, se transformou em uma formidavel praça de guerra.

Se o sr. D. Miguel tivesse melhores generaes... e menos traidores, a sua causa ainda não estava perdida. Os liberaes, tinham já um grande exercito, a sua esquadra e a realista, que se lhe tinha entregado, e a protecção da França e Inglaterra; mas em Portugal ainda só occupavam Lisboa, Porto, Palmella, Setubal, Alcacer do Sal (que depois perderam), Lagos, Fâro, Olhão e Peniche: tudo o mais ainda estava pelos realistas.

Se estes vencessem uma batalha campal, derrotando completamente os seus inimigos, a causa do sr. D. Miguel estava ganha.

Mas o sr. D. Miguel (diga-se francamente) não era o sr. D. Pedro, nem tinha os generaes d'este.

Santarem, tornou-se então a côrte e o quartel-general dos realistas, e o seu governo, d'alli expedia ordens para todo o reino, que eram cordialmente cumpridas.

A 3 de novembro, o general realista Azevedo e Lemos, derrota e aniquilla, em Alcacer do Sal, o coronel Florencio: apenas este e muito poucos soldados poderam escapar.

Florencio esteve preso e respondeu a um conselho de guerra, no qual se justificou.

Foi uma das maiores derrotas que os liberaes soffreram n'esta guerra.

Entretanto, um typho exterminador, se desenvolve em Santarem, matando mais de 5:000 homens do exercito realista, e mais de 2:500 paizanos de ambos os sexos, e de todas as edades.

Santarem já era uma povoação immunda; com a agglomeração de tão grande numero de militares, e de muitas familias fugidas de Lisboa, ainda se tornou mais immunda e insalubre.

O governo mandou sahir para os arrabaldes de Santarem a maior parte das tropas; mas a epidemia continuava.

Havia dias em que falleciam mais de 100 pessoas!

O commandante em chefe (Macdonell) mandou vir do Porto, uma brigada, para supprir as baixas; porque alem dos que tinham morrido, os hospitaes estavam atulhados de doentes.

Macdonell, não tomava a minima providencia para a desinfecção de Santarem, não entrou nunca em um hospital, nem mesmo chegou a passar uma unica revista ás tropas! (Era a mesma apathica nullidade e inutilidade de 1846 e 1847.)

(Vide *Sabroso*, de Traz-os-Montes.)

É demittido, por incapaz; mas foi substituído por outro que tal — o general Póvoas — velho, doente, e, demais a mais, tinha principiado a perder a confiança do exercito, desde a batalha de Souto Redondo (7 de agosto de 1832) — vide *Souto-Redondo* — e acabou de perdê-la no cerco do Porto, pelas suas estúpidas rivalidades com o general, visconde de Santa Martha (*ejusdem furfuris*, pois ambos se vieram depois a apresentar aos liberaes, antes de terminar a guerra.)

Em 21 de dezembro d'este anno de 1833, o general Saldanha, manda uma força destruir os moinhos de Torres Novas, que forneciam farinha para os realistas.

1834 (6 de janeiro.) — Morre em Santarem, a virtuosissima infanta, a sr.^a D. Maria da Assumpção, irman querida do sr. D. Miguel I.

Em 17 de janeiro, o sr. D. Miguel dá uma amplissima amnistia. (Já foi tarde! — Devia tel-a dado em junho de 1828; e então de certo as cousas tinham completamente mudado de figura.)

1834 — Em 30 de janeiro, teve logar a acção de Pernes, em que Saldanha derrota o brigadeiro realista, Caetano Alberto de Souza Canavarro.

(Vide *Pernes*.)

Em fevereiro os agentes dos srs. D. Miguel e D. Pedro, com o apoio do governo inglez, tratam em Londres de uma *fusão*, pela qual, o sr. D. Miguel casava com sua sobrinha, seriam garantidos os titulos, postos e empregos, dados por ambos os partidos, e seria restabelecido o governo constitucional.¹

Em 17 de fevereiro, o general José Anto-

¹ A batalha d'Almoester, dada n'esta occação (18 de fevereiro) destruiu esta combinação: todavia, estou convencido que os resultados seriam fataes.

Todos os principaes chefes dos dous partidos queriam governar, cada um a seu modo: e segundó os seus principios, e uma desastrosa guerra civil, não tardaria a rebentar, mais encarnçada talvez, do que a antecedente.

nio d'Azevedo e Lemos, toma o commando da ala direita do exercito realista, e esta marcha de tarde para o sul, pela estrada do Cartaxo, e fica toda a noite sobre as armas, a 10 kilometros de Santarem.

No dia 18, de madrugada, principiou o fogo de artilheria, junto á *ponte do Celleiro*, (extrema esquerda dos realistas.)

Pouco depois, o reducto da *ponte da Asseca*, principiou tambem a disparar a sua artilheria: os liberaes respondiam com a d'elles.

Ao sahir do sol, uma forte columna, realista, de infantaria, 8 esquadrões de cavallaria, 12 peças de artilheria e 3 obuses, passaram a *ponte do Celleiro*, em direcção de *Villa Nova do Outeiro* e *Santa Maria*, povoações que ficavam muito alem da esquerda do exercito liberal, commandado por Saldanha.

Este, com uma forte divisão de infantaria, caçadores e cavallaria, e oito bôcas de fogo, corre a occupar o *Paúl d'Almoester*, deixando quasi abandonada a sua direita! (*Elle bem sabia porque...*)

Para que os meus leitores possam fazer uma ideia aproximada, do que foi esta batalha, é preciso dizer-lhes:

A serra do Cartaxo (onde estava o exercito liberal) corre com varias denominações, de N. a S.

Do lado do nascente, onde estavam os realistas, é um terreno bastante accidentado, parte inculto, e parte povoado dos famosos *olivaes de Santarem*.

Entre os dous exercitos, medeiava uma vasta planicie (*Vallada*) correndo-lhe longitudinalmente, uma grande valla, e sendo (a planicie) cortada por grande numero de outras vallas mais pequenas, que levam á principal, as aguas provenientes do inchugamento dos campos.

Já se vê que esta planicie ficava inteiramente a descoberto, e exposta ao fogo de ambos os exercitos.

Nunca pude entender a razão porque o general Lemos, pelo meio dia, mandou o brigadeiro João Antonio Rebocho, com a sua

brigada,¹ atravessar aquella planície, em todo o seu comprimento, exposta ao fogo dos liberaes, quando essa marcha se podia effectuar pela nossa rectaguarda, sem riscol!

O brigadeiro liberal Swalbak, aproveitando-se da tolice de tal manobra, mandou disparar sobre nós, em quanto durou esta marcha, e sem interrupção, toda a sua artilheria, e arremear-nos grande numero de foguetões.

O solo, barrento, era cortado — como já disse — por grande numero de vallas, o que nos difficultava sobremodo a marcha.

Para offerecermos pouca frente ao inimigo, marchavamos em secções de cinco.

Feliz e milagrosamente, só morreram durante este trajecto, cinco soldados da policia de Lisboa (uma fila de secção) que uma balla-raza despedaçou.

Dos foguetes livravamos-nos facilmente, porque trazendo já pouca força, a gente arremava-se d'elles e deixava-os hir morrer mais alem, a pouca distancia.

Mandaram collocar toda a brigada em um olival, á nossa extrema direita, e alli estivemos, de pé, extenuados, quasi todos em jejum, até ás 4 horas da tarde, em que o fogo principiou á *ponte de Santa Maria*, com grande encarniçamento de ambos os lados.

Durante as trez longas horas que estivemos inactivos, os liberaes, que, ainda que nos não vissem, por causa das oliveiras, sabiam onde estavamos, nos arremearam grande numero de granadas e bombas, que nos mataram e feriram muita gente, sem que podessemos dar um unico tiro.

Os soldados — e mesmo os officiaes — estavam desesperados com semelhante. . . *estrategia* de guerra.

Finalmente, tivemos ordem de avançar, e o combate travou-se então deveras, junto á ponte de Santa Maria, *quasi ao sol posto!* . . .

¹ Esta brigada era forte de mais de 3:000 homens, a maior parte, de tropas escolhidas. Pertenciam lhe — as guardas reaes da policia de Lisboa e Porto, infantaria n.º 5, dous esquadrões da cavallaria, uns poucos de batalhões de voluntarios realistas, cujas denominações já me esqueceu, e o bravo regimento de caçadores da Beira-Baixa (n.º 8) a que eu então pertencia.

Á ponte do Celleiro, tambem se travou um combate, porém menos mortifero.

Para não cansar mais os leitores, direi — depois de correrem ondas de sangue, de parte a parte (só o meu regimento perdeu 160 e tantas praças!) retiramos para as nossas posições da vespera.

Entre os officiaes que nos foram mortos n'este dia, contam-se — os brigadeiros Santa Clara, e Brassaget, o ajudante de campo de este, tenente Dubrevil, e o bravissimo major Feirão, commandante do regimento de caçadores da Beira Baixa.

Este homem, póde dizer-se que se suicidou.

Vendo a pessima direcção dada a esta *incomprehensivel* batalha, quando mandaram retirar o seu regimento, deixou-se ficar, com alguns soldados, tão temerarios como elle (uns 30 e tantos) ao O. da ponte, e alli morreram todos, matando, sem um unico querer ficar prisioneiro.

Os liberaes tambem soffreram grandes perdas; e entre os seus mortos, conta-se o intrépido coronel Miranda.

Esta batalha, não foi porém, de todo *inutil*, pois deu dous *heroes d'Almoster* — dos liberaes, ficou assim denominando-se, o general Saldanha — e dos realistas, o brigadeiro, Bernardino Coelho Soares de Moura.

Entretanto, deve dizer-se a verdade — ambos elles foram dous leões.

Já lá estão, na *terra da verdade*.

É opinião assentada, que a causa d'esta batalha se não decidir a favor dos realistas, foi a cobardia do brigadeiro, João Galvão Origny, commandante da cavallaria, que desobedecendo ás ordens do general Lemos, deixou-se estar no *quartel da saude*, em vez de carregar o inimigo na occasião propria, quando lhe tinha sido determinado.¹

¹ Um official do exercito liberal, homem de toda a verdade, e por isso digno de fé, disse-me que, ao jantar, na mesa do sr. D. Pedro, alguém disse a este, que o sr. D. Miguel talvez cahisse prisioneiro, ao que o principe respondeu. — *Se meu irmão ficar*

No dia seguinte (19 de fevereiro) Póvoas é exonerado do commando em chefe do exercito realista—*pelo requerer, em razão do seu estado physico e moral*—dizia a ordem do dia.

No mesmo dia foi nomeado em seu lugar, o general Lémós, que só acceitou, por ordem positiva do rei:

Lémós, era filho do povo, e mal visto dos fidalgos realistas, que se julgavam deshonrados em estar sob as ordens de um plebeu (que valia mais do que uma grande parte de elles.)

Alem d'isso, conhecia as pessimas circumstancias das tropas e da politica; e, o que era peor, via que os liberaes tinham uma grande esquadra, e nós, nem um só navio.

O sr. D. Miguel, prometteu-lhe que venderia todas as suas joias, para, com o seu producto, se comprar uma esquadra igual á dos liberaes; mas, foi por essa occasião, que a França, Hespanha e Inglaterra decidiram intervir a favor dos liberaes, formando a celebre *quadrupla alliança*.

O sr. D. Miguel sempre ficou sem as suas joias, porque, deixando-as voluntariamente em penhor, para que por ellas se inteirassem as que por ventura faltassem ás do sr. D. Pedro, e das senhoras infantas, D. Isabel Maria e D. Anna de Jesus Maria (duqueza de Loulé): apesar de não faltarem nenhuma d'estas, as do sr. D.

prisioneiro, hirá para onde quizer—ao que D. Carlos Mascarenhas retrucou immediatamente:—*Menos se me cahir nas mãos, porque a maior posta que lhe hei de deixar, serão as orelhas*. Eis em que se transformou o grande amigo do sr. D. Miguel, em 1823. *Tempora mutantur, et nos mutamur in illis...*

Miguel nunca mais lhe foram restituídas!—Por estas e outras eguaes, é que *do pé para a mão*, surdiram da lama tantos capitalistas, commendadores e barões, como os cogumelos rebentam de qualquer monturo...

O general Lémós, achou o exercito de operações reduzido a 10 ou 12:000 homens, rôtos, descalços, com quasi dous annos de atraso nos soldos e prês; mas apesar d'isso, fieis e animados.

Até os liberaes cantavam isto:

Andam rôtos e famintos,
O pagamento findou.
Quanto mais a fome aperta,
Mais se canta o *Rei-chegou*.

Lémós era fiel, bravo, activo e intelligente. Empregou todos os seus esforços para dar uma nova e melhor organização ao exercito do seu commando, segundo a de 1814.

Dos quatro grandes regimentos de caçadores, formou 12 ainda bons batalhões.

Só tinhamos 15 regimentos de infantaria (1, 2, 4—*regimento novo*—5, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 19, 22 e 24) elle organisou vinte e quatro.

Dividiu tambem os corpos de cavallaria, em 12 regimentos (pequenos, mas optimos.) Finalmente, fez quanto podia fazer, mas já era muito tarde!

Em 18 de março, o governo de Lisboa publica dous decretos—um, exautorando o sr. D. Miguel de *todas as honras e prerogativas* devidas ao seu alto nascimento—outro, extinguindo a *casa do infante*, e julgando as suas propriedades, fóros e rendas, *bens nacionaes*.

O governo britannico tenta ainda uma reconciliação entre os dous irmãos que se guerreavam.

Para isso, mandou lord Howard ao Cartaxo, dar principio ás negociações com os realistas.

As bases, eram, a sahida temporaria do

sr. D. Miguel, para fóra de Portugal, recolhendo ao reino, findo o prazo designado para a *expatriação*, sem que se lhe podesse tolher o regresso.

Exigia Howard, que nos documentos officiaes do exercito liberal; e de todas as suas outras repartições, civis, judiciaes, etc., se proscrevessem as expressões offensivas contra o sr. D. Miguel, deixando de denominar-se *usurpador*, e outros quaesquer adjectivos infamantes: que lhe fosse entregue tudo o que era seu, etc. etc.

O sr. D. Miguel era vilmente insultado, não só nos jornaes, mas até em muitos decretos, portarias, e outros documentos officiaes dos seus contrarios: e o sr. D. Miguel nunca consentiu uma unica expressão offensiva que os seus dirigissem ao sr. D. Pedro ou a sr.^a D. Maria.

Exigia que as nomeações militares, ecclesiasticas e civis, feitas pelo governo realista, fossem garantidas.

O embaixador inglez, escreveu do Cartaxo, uma *carta particular*, ao conde de S. Lourenço, ministro da guerra do exercito realista; porem o conde recusou ter qualquer comunicação com o lord, uma vez que ella não fosse franca e official.

O inglez, annuiu immediatamente.

Em vista d'este accordo, a 22 de março, teve logar uma entrevista, na ponte da Asseca, entre o general Lemos, e o ministro britannico.

Com lord Howard, vinha o general Saldanha; o almirante Parker; e dous officiaes da marinha ingleza, que estiveram alguma cousa retirados, deixando conferenciar particularmente, Lemos e Howard.

Estes dous, não poderam vir a um accordo, porque o primeiro disse terminantemente, que não entrava em combinação alguma, sem, antes de mais nada, se eliminar a condição da sahida do sr. D. Miguel para fóra do reino; porque, nem elle, nem um só dos verdadeiros realistas, abandonariam o

seu rei, por mais graves que as circunstancias se tornassem.

Debalde o inglez expoz os perigos a que se arriscavam os realistas, com esta recusa; accrescentando, que, a queda de lord Wellington, em Ioglaterra, e a de Carlos X em França, tinham mudado completamente a face da politica na Europa: e que, até a Hespanha, que havia reconhecido o sr. D. Miguel, estava agora invadindo Portugal, com um poderoso exercito, a favor do sr. D. Pedro.

Lemos, deu por terminada a conferencia, declarando que o ministerio realista mandaria para Lisboa, a lord Howard, a resposta definitiva.

O inglez marchou para Lisboa, e o portuguez para Santarem.

Poucos dias depois, o ministro britannico recebeu do conde de S. Lourenço, um officio, no qual se lhe declarava que o sr. D. Miguel, só sahiria de Portugal, se sahisse tambem o sr. D. Pedro.

Howard e os ministros liberaes, não concordaram n'esta proposta, e nunca mais se tentou uma reconciliação dos dous partidos beligerantes.

Tambem estou convencido de que nada se conseguia com a sahida dos dous irmãos.

Aconteceria como se se effectuasse o casamento do tio com a sobrinha.

A união hybrida, duraria poucos dias, e a guerra civil tornaria a alagar Portugal de sangue e cadaveres.

A guerra continúa em varios pontos de Portugal.

O general hespanhol Rodil, com uma divisão de 12:000 homens, occupa a nossa praça d'Almeida (18 d'abril), soltando 800 presos liberaes que alli estavam, e os armou, para defeza da praça, dando o commando d'elles, ao coronel Valdez.¹

¹ Trez mil castelhanos, entrados pelo N., occupavam Chaves e Mirandella, desde 9 de abril. Rodil, e outros generaes castelhanos, invadem o Riba-Céa, Alentejo e Algarve, sem declaração de guerra, manobrando contra as tropas realistas.

O marechal de campo realista, Francisco Nunes de Andrade, governador da praça de Almeida, vendo que a não podia defender, por falta de gente e munições, a abandonou, deixando ficar todos os presos políticos, que para aqui tinham sido removidos de varias cadeias do reino.

Em 22 d'abril, assigna-se em Londres, o tratado da quadrupla alliança, offensiva e defensiva entre os governos da França e Inglaterra, Hespanha e Portugal, cujo fim era expulsar da Peninsula o sr. D. Miguel, e seu tio, Carlos V, de Hespanha.

Apezar d'isto a guerra continúa com varias alternativas.

O marechal de campo, Thomaz Antonio Guarda Cabreira, bate os liberaes, commandados por o general Bernardo de Sá Nogueira (depois marquez de Sá da Bandeira) no dia 24 de abril, em S. Bartholomeu de Mesines (Algarve) obrigando os liberaes a acollerem-se ás suas praças fortificadas.

Cabreira era então brigadeiro, e por distincção n'este combate, é que foi feito marechal de campo, a 11 de maio.

A 29 de abril, as tropas liberaes do conde de Villa-Flor (duque da Terceira) batem em *Ponte Pedrinha*, sobre o rio Paiva (Beira-Alta) os generaes realistas, João de Gouveia Osorio, e José Cardoso de Carvalho Barba de Menezes, ambos marechaes de campo.

A 2 de maio, a brigada hespanhola, do barão de Carandolet, ataca e derrota o povo armado, de Gouveia e Cêa.

Uma divisão hespanhola, ás ordens do general Serrano, entra em Mértola, a 8 de maio, e corta as communicações entre o general realista Cabreira, e o exercito de Santarem.

O almirante inglez Napier, desembarca com as suas tropas em Lavos, entrando na Figueira a 6 de maio, une-se aos liberaes que estavam em Leiria, e occupam Soure. (9 de maio.)

O general realista Guedes, que estava com a sua divisão em Thomar, sãe d'esta cidade

a 14 de maio, entrando logo o duque da Terceira com as suas tropas.

N'este mesmo dia, Napier intima a guarnição realista de Ourem, para se render, e esta capitula no dia seguinte, com todas as honras da guerra.

Os realistas esperam os liberaes na Asseiceira (9 kilometros ao S. de Thomar.)

A causa do sr. D. Miguel estava perdida.

As tropas realistas, apazar de tão repetidas derrotas, traições e desventuras, e ainda por cima, tendo a combater, alem do exercito do sr. D. Pedro, 30:000 castelhanos, seus auxiliares, ainda obedeciam com a maior abnegação aos seus chefes, e combatiam com uma coragem digna de melhor sorte.

O sr. D. Miguel, resolvido a resistir em Santarem,¹ manda para Elvas, sua irman, a infanta D. Isabel Maria, no dia 15, para a não expor aos perigos de um cerco.

No mesmo dia, Napier chega a Thomar, e junta-se com o duque da Terceira.

Saldanha estava no Riba-Tejo, mas em communicação com Terceira.

Em Salvaterra de Magos, porém, ainda estava o brigadeiro realista Spring, com a sua columna, e com dous esquadrões de cavallaria, que tinha recebido de Santarem.

Os castelhanos flanquearam os realistas de Santarem, enquanto uma outra forte brigada d'elles, marchava pelo Alemtejo a reunir-se aos liberaes da praça de Marvão, e o general Serrano se aproximava dos liberaes de Sá da Bandeira.

Na madrugada de 16 de maio, o duque da Terceira, com as suas tropas, marcha sobre a Asseiceira.

Em Santa Cita, encontra o batalhão de voluntarios realistas de Penafiel, que obriga a retirar para a reserva, depois de um pequeno tiroteio.

¹ Certos conselheiros do sr. D. Miguel, é que opinavam pela resistencia, provavelmente com o fim de ser alli a convenção.

Andava tudo tão pessimamente dirigido, no campo realista, que, quando a sua guarda avançada (os taes voluntarios realistas) vinham retirando, na melhor fórma, e fazendo fogo, Guedes mandou dar-lhes uma descarga de artilheria, que só cessou, quando muitos soldados entraram a gritar: «*Não atirem, que são nossos.*»

Os realistas, tinham seis mil infantes, 500 cavallos, e 11 peças de artilheria.

Os liberaes tinham, pouco mais ou menos, o mesmo numero de cavallos e de bocças de fogo, mas eram superiores em infantaria.

A sua divisão compunha-se de uns 10:000 homens, alem das tropas de Napier, que eram uns 1:200.

A cavallaria realista, se era igual em numero á dos seus inimigos, era-lhe muito superior em qualidade.

Os liberaes tinham a sua gente dividida em trez columnas—a da direita, commandada pelo então coronel, Antonio Vicente de Queiroz (feito visconde da Ponte de Santa Maria, a 23 de setembro de 1835, e conde do mesmo titulo, a 10 de março de 1842)—a do *centro*, pelo brigadeiro Nepomuceno—e a da *esquerda*, pelo tenente coronel, Bandeira de Lemos.

O commandante geral de cavallaria, era o coronel, José da Fonseca; e o da artilheria, o major Passos.

Os realistas tambem estavam formados em trez columnas—a da *direita*, commandada pelo brigadeiro, Bernardino Coelho Soares de Moura—a do *centro*, pelo brigadeiro, Ricardo Antonio Paulo Soares, ajudante d'ordens do sr. D. Miguel—a da *esquerda*, pelo brigadeiro Paulo Maurity.

O commandante geral da cavallaria, era o brigadeiro, marquez de Puyseux, e, em segundo, o coronel, visconde de Clacy (franceses.)

A artilheria era commandada pelo major, Joaquim Nunes Lobo.

atiradores de ambos os lados; depois, os liberaes avançam sobre as reservas dos seus contrarios, e o fogo tornou-se geral.

Os liberaes, só traziam 9 kilometros de marcha, e tinham tido quasi dous dias de descanso em Thomar.

Os realistas, estavam cansados de uma longa jornada, e quasi todos sem dormir a noite antecedente.

Comtudo, se os liberaes atacaram com bravura, os realistas não lhe ficaram atraz.

O campo da batalha, era uma vasta planicie, inculta, e levemente ondulada.

Ao sul, ha uma serra, de pouca elevação, onde estava a artilheria e o grosso da divisão realista.

Em frente (ao N.) o terreno era um pouco accidentado, e estava occupado pelos liberaes.

Ao E. e O., eram varias collinas arborisadas.

As posições dos realistas, como se vê, eram melhores, e a sua artilheria, que troava com frequencia, causou grandes perdas á direita e centro dos liberaes.

Terceira, vendo a batalha em perigo para elle, atacou fortemente, com tropas escolhidas, a direita dos realistas.

O marquez de Puyseux, com dous esquadões de *courageiros* e os lanceiros do 2.º e 8.º regimentos, ao grito de *viva o rei!* deram uma furiosa *carga* sobre a esquerda liberal, pondo-a em retirada.

Isto, animou de tal sorte os realistas, que ao grito de *victoria!* avançaram destemidamente sobre os contrarios.

Terceira dá ordem de retirada, e a batalha estava ganha pelos realistas.

Mas, Deus tiuha determinado que esta seria a ultima batalha fraticida d'aquella epoca!

Puyseux e Clacy, seu immediato, cégos pelo seu ephemero triumpho, avançaram irreflectidamente, sem serem secundados pela infantaria.

O futuro conde da Ponte de Santa Maria, fórma as suas tropas em quadrados, e á apro-

Até ás 9 horas, só entraram em fogo os

ximação do inimigo, manda dar sobre elle uma descarga geral, á *queima-roupa*.

Puyseux, cae mortalmente ferido. Clacy, que era tambem um bravissimo militar, pretende conservar a ordem, e animar os seus, mas elle não sabia uma unica palavra de portuguez, e entre todos os cavalleiros, não havia um só que o entendesse (ou, o que é mais provavel, fingiam que o não entendiam...)

A morte do chefe, desanimou de tal modo a cavallaria, que virando costas ao inimigo, fugiu a toda a brida, atropellando até os seus proprios camaradas de infantaria e caçadores, e só parou na margem direita do Tejo.

A victoria, transformou-se, pois, em geral derrota.

Guedes, foi dos primeiros, em fugir, abandonando as suas tropas!

A artilheria, fuge tambem, esmagando soldados, mulheres e creanças, sobre a estrada da Barquinha.

A guarda avançada dos realistas, que estava estendida em atiradores, reúne-se á pressa, e fórma uns pobres quadrados; mas vendo sobre si numerosos esquadrões de cavallaria (isto na esquerda dos realistas) um regimento inglez, infantaria 18 e outros corpos, a darem-lhe descargas successivas, retira em direcção a um batalhão de infantaria de Chaves, que estava na encosta da serra, e ainda não tinha dado um tiro.

Mas este batalhão, que era commandado por o coronel Joaquim Cesar d'Araujo,¹ atirou com as armas ao chão, e entregou-se, sem resistencia.

O regimento de infantaria n.º 16, e o batalhão de voluntarios realistas de Lamégo, ainda por muito tempo se bateram com encarnçamento, e dando descargas ininterrompidas, na extrema direita dos realistas; mas, cercados por todas as partes, poucos puderam fugir, ficando quasi todos prisioneiros.

Finalmente tudo quando estava na planicie ficou prisioneiro.²

¹ Este militar, era uma bella figura e um excellente homem, mas teve toda a sua vida muito medo das balas...

² Eu era então alferes de caçadores n.º 3, e o meu pelotão tambem estava em atiradores.

Os liberaes tiveram ainda assim, mais mortos e feridos, do que os realistas.¹

Estes tiveram uns 100 mortos, e maior numero de feridos; mas tiveram 64 officiaes e 1:300 praças de pret, prisioneiros, 8 boccas de fogo, 4 bandeiras, e grande parte das suas bagagens.

O grosso da divisão realista, tinha fugido desordenadamente, para Constancia, Barquinha, Torres-Novas, Gollegan, e outras partes.

A cavallaria e artilheria, na sua fuga precipitada, atropellou muita gente de caçadores e infantaria.

Guedes, foi um dos primeiros a fugir abandonando cobardemente as suas tropas: debalde alguns corpos se conservaram ainda por algum tempo em fórma e fazendo fogo; porque a falta de um chefe a quem obedecessem, inutilisou todos os seus esforços.

Se o general Guedes não perdesse a coragem, e tivesse collocado na sua rectaguarda a cavallaria, e se a artilheria fosse tomando posições e dando fogo, não só se evitavam muitos atropelamentos, a perda de quasi toda a artilheria e as bagagens, como era mais que provavel que os liberaes deixassem retirar pacificamente os seus inimigos, porque aquellos tambem estavam cansados de 12 horas de combate; mas, vendo tão grande desordem, aproveitaram-se d'ella, para derrotarem completamente os realistas.

Finalmente, custa a comprehender, como uma batalha tão auspiciosamente principiada para os realistas, só com a morte de um homem (Puyseux) degenerou immediatamente na derrota mais miseravel que soffreram em toda a campanha.

E não se pense que esta confusão e desordem durou só no principio da retirada:

Não tinha capitão, e o tenente morreu pelo meio dia.

Eu tomei o commando do pelotão, e, apesar de ser logo ferido gravemente na perna esquerda, não abandonei os meus soldados.

Pelas 6 horas da tarde fomos todos prisioneiros.

¹ Os liberaes, segundo os officios de Villa Flor ao sr. D. Pedro e ao ministro da guerra, tiveram n'este dia, 400 homens fóra de combate.

muitas horas depois, e quando já os liberaes dormiam a somno solto, sobre os louros da victoria, ainda os realistas continuavam a fugir tumultuariamente, e só tomaram fôlego, quando se viram ao sul do Tejo!

Ao passarem este rio, na Barquinha, era tal a precipitação, que muitos morreram afogados!

Eis aqui, em poucas palavras, mas de todo o ponto verdadeiras, o que foi a *batalha da Asseiceira*, que terminou esta guerra fratricida, que nunca devia ter principiado, se tantas circumstancias não concorressem (*de ambas as partes*) para lhe dar origem. ¹

No mesmo dia 16, o visconde de S. João da Pesqueira, tenente general graduado, fei to pelo sr. D. Miguel, em 26 de outubro de 1832, e pelo mesmo senhor, governador da praça de Abrantes, entrega esta aos liberaes, tomando logo as armas contra os que até então tinham sido seus irmãos na guerra...

Esta traição teve por premio, ser considerado pelos liberaes, marechal de campo (*mas separado do quadro effectivo do exercito*) por decreto de 27 de fevereiro de 1836, ordem do dia n.º 48. ²

No dia seguinte, grande carnificina nos liberaes, que estando presos em Extremôz se tinham mandado remover para Elvas.

Sahiram de Extremoz a 16, e a 17, no lugar da Orada, a 13 kilometros de Extremoz, se apoderaram das armas da tropa que os escoltava, e fugiram.

Eis o que a este respeito diz o sr. Joaquim Lopes Carreira de Mello, na sua *Historia Chronologica de Portugal*, pag. 379.

«O general, conde d'Almôr, fez transferir de Extremoz para Elvas. 71 presos politicos.

¹ Cumpre-me aqui declarar, que Villa-Flor, quando lhe foram apresentados os officiaes prisioneiros, os tratou com a delicadeza propria de um verdadeiro fidalgo, e de um bravo guerreiro, que sabe avaliar a fidelidade dos seus inimigos, e as contingencias da guerra.

² «Estima-se a traição, mas detesta-se o traidor.»

Esta commissão de transferencia dos presos, foi encarregada pelo general, ao auditor do exercito, Manoel Maria Coutinho de Albergaria Freire.

Este individuo, conhecido até alli como acerrimo realista, quiz reformar as suas opiniões politicas com um feito de estrondo.

«Este homem, sendo juiz de fôra de Villa Real (de Traz-os-Montes) em 1826, perseguiu a marquezia de Chaves, como realista, sendo elle então cartista.

Já se vê, para fazer esquecer este e outros factos, tornou-se realista, miguelista da gemma, e porque acreditaram na conversão, empregaram-o bem.

Para *volver á primeira fôrma*, cartista, era preciso jogar, e jogar bem.

Elle já tinha tentado a cousa, mesmo aconselhando que fossem fugindo para o sr. D. Pedro, em pequenas porções.

Lêmos (o general em chefe do exercito realista) sabia d'isto, mas não o quiz perder.

A final, o homem jogou; mas por fôrma que custou a vida a muitos infelizes, que não morreriam, se fossem conduzidos ao seu destino, e como o governo providentemente ordenava, para não haver outra scena como a do castello de Extremôz.

Albergaria, estando com os presos na estalagem da Orada, ¹ a duas leguas de Extremoz, fez com que os presos se apoderassem das armas da escolta, travando-se entre a tropa e os presos um conflicto, em que foi mortalmente ferido o tenente, commandante da dita escolta, e gravemente, alguns soldados, fugindo o resto de volta para Extremôz.

O governador d'esta praça, brigadeiro Pereira (José Bruno Pereira) officiou immediatamente ás auctoridades militares e civis de Monforte, Villa Viçosa, e Juromenha, para que reunindo as suas ordenanças, e as forças que podessem, fossem no alcance dos fugitivos: e, no dia 17, todas as estradas se achavam tomadas.

Foi dolorosa esta scena de perseguição, porque, dos presos que fugiam na direcção

¹ Orada é uma freguezia do Alemtejo, no concelho de Borba, comarca de Extremôz.

de Hespanha, foram muitos d'elles mortos na passagem do Guadiana, ou afogados n'este rio.

A resistencia dos fugitivos, era muito frouxa, como se podia esperar de homens detidos nas cadeias, alguns cinco ou seis annos.

A 17 de maio, estavam os brigadeiros realistas, Bernardino Coelho Soares de Moura, e Ricardo Antonio Paulo Soares, na Chamusca, e a elles se juntaram 1,500 homens, dos fugitivos da Asseiceira, com os quaes marcharam para a cidade de Evora, tomando a mesma direcção, por varios caminhos e desordenadamente, diferentes bandos, restos da batalha.

N'este mesmo dia estava Villa Flor na Gollegan, e Napier em Torres Novas; o sr. D. Miguel em Santarem e o sr. D. Pedro no Cartaxo.

O brigadeiro de cavallaria, José Urbano de Carvalho (a quem o sr. D. Miguel havia conferido este posto, no 1.º de janeiro d'este anno de 1834) foi mandado para a Chamusca, com o regimento de cavallaria n.º 6 (*dragões de Chaves*) para reforçar as tropas dos brigadeiros Soares de Moura e Ricardo; mas, em vez de cumprir a ordem, deserta para os liberaes, entregando, por traição, a melhor cavallaria do seu rei; illudindo os soldados, dizendo-lhes que a passagem da margem direita do Tejo, tinha por fim, libertar o sr. D. Miguel, que estava em risco de ficar prisioneiro.

Passou, pois, proximo á Gollegan, porém, em vez de seguir para a Chamusca, metten o regimento no centro das forças de Villa Flor, a quem o entregou gritando com o coronel da cavallaria, Antonio Cardoso d'Albergaria (ao qual o sr. D. Miguel havia dado este posto, a 21 de outubro de 1833.)—*Viva a carta constitucional!—Viva a senhora D. Maria III!*

Em premio da sua traição, estes dous officiaes foram encorporados nas fileiras do exercito liberal.

Na noite do mesmo dia 17 de maio, os

realistas abandonaram, na melhor ordem, a praça de Santarem.

O sr. D. Miguel assistiu á passagem do Tejo, e foi dos ultimos que atravessou este rio, para a sua margem esquerda.

Se elle praticasse d'este modo em todas as operações militares do seu exercito, como fazia seu irmão, certamente não hiria morrer longe da patria!

O exercito realista, apesar de todas as traições e derrotas, ainda contava 25:000 homens, promptos a derramar o seu sangue pela causa realista; mas a sua resistencia só traria como resultado, a perda inutil de muitas vidas, pois já não era tempo de combater com esperanza de triumpho possivel.

18 de maio. — O sr. D. Pedro e seus ajudantes; o marechal Saldanha e o seu estado maior, marcham do Cartaxo, na madrugada d'este dia, com direcção a Santarem, precedidos da brigada do general Bento da França.

Pelas 7 horas da manhan, entraram em Santarem.

Do grande numero de frades, dos varios conventos da villa, só dous ficaram escondidos no mosteiro de Santa Clara, todos os mais tinham fugido.¹

A povoação estava no mais lastimoso estado!

As lojas dos mercadores e muitas outras casas, estavam transformadas em cavallariças e atulhadas de estrume dos cavallos e muares.

Os habitantes, apresentavam, pela maior parte, vestigios do implacavel typho que os tinha disimado.

Os mantimentos estavam esgotados; apenas se encontrava algum pão e vinho.

Os liberaes examinaram com admiração

¹ Estes dous frades foram apresentados ao sr. D. Pedro, que os tratou bem, mas ordenou-lhes que despissem os habitos, para se livrarem de perigos; porém como elles não tinham roupa para mudar de vestidos, tornaram a recolher-se na casa da roda, do mosteiro das freiras de Santa Clara.

as temiveis fortificações construídas pelos seus inimigos.

Eram fortes e triplicadas muralhas, guardadas de reductos artilhados, cruzando seus fogos, e dominando todas as avenidas da praça, e em estado de resistir com vantagem, a um exercito formidavell

O sr. D. Pedro, foi residir para o palacio do provedor das lesirias, onde tambem sempre residia o sr. D. Miguel, com suas irmans.

Devemos confessar que Saldanha tomou todas as providencias para se evitarem desordens e perseguições, e, com effeito, houve poucas desgraças; a maior foi o assassinato impune do famoso *Miguel Alcaide*, mesmo á vista do sr. D. Pedro.

Este sujeito tinha sido um perseguidor implacavel dos liberaes.

N'este dia *pagou-as todas juntas*.

Para evitar a repetição d'estas scenas de canibalismo, Saldanha mandou patrulhar todas as ruas da villa, por soldados de 1.^a linha.

Sabendo que estavam a chegar as guerrilhas dos truculentos *Faustino, da Zebreira*, e sapateiro *Salgado*, foram obrigadas a dispersar pela tropa.

Alguns dos soldados, dos que tinham escapado da derrota da Asseiceira, vieram apresentar-se a Saldanha.

Ainda no *Collegio* estavam cento e tantos soldados com o typho, e abandonados dos cirurgiões e enfermeiros, que todos tinham fugido.

Os doentes foram todos removidos, á noite, para o hospital da Misericordia.

Os brigadeiros Soares de Moura e Ricardo, em vista da traição de José Urbano e Albuquerque, retiraram para Evora.

José Urbano e Albuquerque, apresentaram-se em Santarem, logo no mesmo dia 18, ao sr. D. Pedro, que lhes disse:

Agradecia-lhes mais a sua deserção, se tivesse logar antes da causa de meu irmão estar completamente perdida — e despediu-os sem lhes dar mais attenção.

No dia 19, um esquadrão de cavallaria n.^o 1, levado pelos seus officiaes, se apresentou tambem ao sr. D. Pedro, que os tratou do mesmo modo que aos outros.

No mesmo dia, Villa Flor, chega a Santarem, com a sua divisão victoriosa.

Em 20 de maio, o visconde de S. João da Pesqueira, faz em Abrantes, a acclamação da senhora D. Maria II.

(Vide ainda *S. João da Pesqueira*.)

O sr. D. Pedro, tinha torcido um pé ao entrar para o carro, no Cartaxo,¹ e alem d'isso, já estava affectado da *molestia* que o matou d'ahi a trez mezes (*quando já não era preciso...*) e não podendo, por isso, acompanhar as suas tropas, em perseguição dos realistas, ordenou ao Villa Flor, que passasse o Tejo, em Santarem, em quanto que Saldanha, voltando ao Cartaxo, o passou em Salvaterra de Magos, no dia 21.

N'este mesmo dia, chegou a Evora, o sr. D. Miguel, com os restos, ainda respeitaveis do seu exercito, e alli encontrou já seu tio, D. Carlos e a sua familia, e 200 officiaes e 700 soldados hespanhoes.

Terceira e Saldanha, cada um com uma divisão de mais de 10:000 homens, marcharam a traz dos realistas—aquelle por Coruche do Alemtejo, em direcção a Extremoz, a reunir-se ao general castelhano, Rodil, para obstem a que os realistas se mettessem na forte praça d'Elvas.²

Saldanha marchou por Arraiolos para Evora-Monte, em quanto o general hespanhol Serrano, avançava sobre Béja, contra o bravissimo marechal de campo, Thomaz Antonio da Guarda Cabreira, que ainda se batia no Algarve, pelo sr. D. Miguel.

Todas as tropas realistas se dirigiam ao Alemtejo, incluindo as guarnições das praças que ainda estavam pelo sr. D. Miguel.

Parece incrível, mas é cer-

¹ Outros dizem que ao descer d'elle, em Santarem.

² Onde aliás teriam de render se pela fome, visto que a praça, se estava abastecida de munições de guerra, estava completamente desprovida das de boca.

to: esta gente ainda não tinha perdido completamente as esperanças, e estava decedida a todos os sacrificios, em favor do seu rei (que tão mal soubera aproveitar esta cordial dedicação!...)

Em 22 de maio, o sr. D. Miguel, proclamou á nação, protestando contra a violência da Hespanha, França e Inglaterra, que com seus exercitos e esquadras, se tinham vindo intrometter em uma questão que só a portuguezes competia decidir.

Era a fabula do lobo e do cordeiro!

No dia seguinte (23) reuniu-se, em Evora, um conselho de guerra, presidido pelo sr. D. Miguel, ao qual assistiram, D. Carlos de Bourbon, os ministros de estado, os commandantes de divisões, brigadas e corpos, e outros individuos principaes do partido realista.

N'este conselho se expoz o estado do exercito, os effeitos produzidos pelo tratado da *quadrupla alliança*, e se era conveniente continuar a guerra, ou entrar em negociações para uma capitulação honrosa, e assim evitar-se mais derramamento de sangue portuguez, em grande parte feito correr pelo fogo e ferro dos estrangeiros.

Decidiu-se entrar em negociações, apesar da vehemente opposição do brigadeiro Soares de Moura, do coronel, commandante de brigada, Francisco José de Gouveia, e da maior parte dos commandantes dos corpos, que protestavam que os seus soldados estavam decididos a bater-se até á ultima extremidade.

O coronel, Luiz Figueiredo d'Araujo e Castro, sendo da opinião que se capitulasse, e ouvindo os protestos dos que se oppunham a este recurso, virou-se para o sr. D. Miguel, e lhe disse:

— *Senhor, enganam a vossa magestade! Aqui dizem isto, e lá fôra, dizem o contrario.*

Ninguém respondeu a esta arguição.

O sr. D. Miguel, adoptou a opinião mais cordata, annuindo a que se capitulasse.

Logo no mesmo dia 23, encarregou o general Lemos de entrar em negociações com

os marechaes Saldanha e Villa Flor,¹ e, mesmo a 23, foi mandado o general Guedes (o *heroe da Asseiceira*) ao quartel general de Saldanha, para obter uma suspensão d'armas, como preliminar da convenção, o que se effectuou.

No dia 24, o sr. D. Miguel passa a ultima revista ás suas tropas que estavam em Evora.

Viu-se que esta força ainda era de 16:000 infantes, 1:400 cavallos, 35 peças de campanha, e um grande material de guerra.

O general Cabreira, tinha no Algarve 3:000 infantes, 200 cavallos, e seis bocas de fogo, fôra um *corpo franco* de cavallaria e guerrilhas.

Em Elvas, Castello de Vide, Campo-Maior, e Sérpa, ainda havia guarnições realistas, e com 10:000 homens da ilha da Madeira (5:000 da 1.^a linha, e 5:000 da 2.^a) o effectivo do exercito realista, ainda era de 36 mil homens!

No mesmo dia 24, chegou a Evora, o brigadeiro, conde Luiz de Bourmont, que recolhia com a sua brigada, de Alcacer do Sal.

Este intrépido official disse que—se assistisse ao conselho do dia antecedente, proporia sahir de Evora com 8:000 homens escolhidos, e hir atacar Terceira ou Saldanha, que estavam a 8 leguas de distancia um do outro, e seria muito possivel batel-os em detalhe.

Era uma boa lembrança. Tinha apenas o defeito de vir tarde e a más horas.

N'este mesmo dia 24, a guarnição da praça de Castello de Vide, cercada pelos castelhanos, de Rodil, capitula, com as honras da

¹ O 7.^o conde de Villa-Flor, Antonio José de Sousa Manoel de Menezes Severim de Noronha, tinha sido feito marquez do mesmo titulo, em 1827, e foi feito duque da Terceira, em 8 de novembro de 1832.

Morreu sem descendencia, a 26 de abril de 1860, com quasi 68 annos, pois nascêra a 18 de março de 1792.

Vide *Villa Flor*.

guerra; sahindo os realistas com todas as suas bagagens, e os officiaes com as suas espadas.

N'esta capitulação estipulou-se que os postos dados pelo sr. D. Miguel, seriam garantidos; mas este artigo cumpriu-se tanto como identicos estipulados na capitulação d'Ourense, e na convenção d'Evora-Monte, e os infelizes officiaes do exercito realista (muitos d'elles da guerra peninsular) foram morrendo pouco a pouco, de fome e de miseria, se não tinham bens patrimoniaes com cujos rendimentos se podessem sustentar.

A guarnição de Castello de Vide era formada pelos regimentos de infantaria n.º 10, milicias de Evora, e de Idanha, batalhão de voluntarios realistas de Portalegre, um esquadrão de cavallaria, e um parque de artilheria de campanha; alem de um soffrivel material de guerra.

Governador da praça, era o corajoso coronel, Rodrigo de Sousa Tudella (*o fidalgo do Atalho*, junto a Agueda.)

O general Thomaz Antonio da Guarda Cabreira, que estava cercando Faro, vendo que o general christino, Serrano, estava já em Mértola, com forças superiores ás suas, abandonou o céreo, tomando posições defensivas.

A causa do sr. D. Miguel estava, por esta vez, perdida em Portugal; e homens prudentes e fieis, expozeram ao rei o seguinte plano:

Prover Elvas de abundantes mantimentos e munições de guerra, e reforçar a sua guarnição com tropas fidelissimas, e officiaes de toda a confiança.

Reunir todas as forças que ainda se achavam dessiminadas pelo Alemtejo e Algarve, e pondo-se á testa do exercito, o sr. D. Miguel e seu tio, D. Carlos V, marcharem para a Hespanha e occuparem Madrid, que tinha uma pequena guarnição, e onde D. Carlos tinha muitos partidarios.

Ao mesmo tempo, dar ordem ao tenente general, conde da Madeira, D. Alvaro da Costa e Sousa de Macedo (um dos mais bravos e mais fieis generaes do sr. D. Miguel) para embarcar com os seus 10:000 homens, e hir reunir-se ás Vascongadas, com o general carlista Zumalacarreui; para o que, o governo dos Estados Unidos da America lhe offerecêra navios.

Era uma tentativa arrojada, é verdade, mas que tinha muitas probabilidades de bom exito, com soldados tão dedicados ao seu rei, como eram estes, e que estavam decididos a seguil o para toda a parte para onde elle os quizesse conduzir, apezar de mal vestidos, mal calçados, mal pagos, e extenuados por dous annos de guerra.

Se fosse o sr. D. Pedro, com toda a certeza tomaria este expediente, mas seu irmão, nem tinha a sua energia, nem tão bons conselheiros.

Alem d'isso, a maior parte dos generaes realistas, tinham perdido a confiança dos soldados: era preciso, antes de mais nada, desligar todos quantos estavam n'este caso, e entregar o commando das divisões e brigadas, a coroneis; pois que todos os officiaes até esta graduação, eram queridos e respeitados pelas tropas.

O general realista, José Antonio de Azevedo e Lemos, em uma extensa nota á *Historia Chronol. de Portugal* (pag. 388) desapprova este audacioso plano (o de invadir a Hespanha) allegando que o exercito estava muito reduzido e *desmoralizado*.

Respeitando a opinião d'este bravo chefe, cuja fidelidade ao seu rei nunca foi desmentida, e que—*por excepção*—foi sempre amado dos soldados—sustento, que as tropas realistas ainda em armas em maio de 1834, eram a flor do exercito realista; os que, com a mais inaudita abnegação, e apezar de privações de toda a casta, e de tantos e tão successivas derrotas, ainda estavam animados da mesma coragem que mostraram nos primeiros combates.

É verdade que a maior parte dos milicianos e voluntarios realistas, tinham abandonado as fileiras; mas os que ficaram, eram firmes e decididos.

Eu ouvia constantemente dizer aos soldados — e mesmo aos officiaes. — «O sr. D. Miguel, se quizer vencer, deve pôr fóra do exercito *todos os generaes*, e entregar os commandos aos majores, tenentes coroneis, e coroneis.»

Estou convencido, *apezar de tudo quanto diz o general Lemos*, que, com um fôrmoso exercito de 80:000 homens, e com todos os recursos e dedicação do paiz, se o sr. D. Miguel entregasse o commando em chefe do exercito de operações sobre o Porto, a qualquer official subalterno, sargento ou cabo de esquadra, a guerra não durava oito dias.

Esta opinião não é só minha, era a de todos os meus camaradas.

Os liberaes prudentes e justos que teem lido esta obra, já ha muito devem estar desenganados de que, apezar dos meus sentimentos a favor da legitimidade, que não occulto, e com os quaes me honro: n'esta obra tenho sempre dito imparcialmente a verdade, e o que a minha consciencia me dita; por isso, nem sempre tenho agradado aos meus correligionarios.

Para desengano d'estes e d'aquelles, digo aqui, e sem receio de ser desmentido, com bons fundamentos.

Supponhamos que o sr. D. Miguel era o sr. D. Pedro, e tinha por generaes, Villa-Flôr, Saldanha, Sá da Bandeira, Torres, e outros semelhantes—e por conselheiros, Loulé, Palmella, Mousinho da Silveira (vol. 2.º, pag. 191, col. 1.ª) e outros como estes, e digam (realistas e liberaes) com franqueza—quantos dias a bandeira bicolor ondularia nas baterias do Porto, em 1832?

Mas, nem o sr. D. Miguel era o sr. D. Pedro, nem tinha os seus generaes e conselheiros!

Eis um periodo, não de escriptor imparcial, mas de um dos principaes defensores da causa liberal, como temos visto nas paginas d'este artigo—é o almirante Napier. No seu livro da *Guerra da successão em Portugal* (tom. 2.º, pag. 266) diz:

«Os officiaes superiores (realistas) não queriam morrer nas planicies d'Evora, e desejavam vêr terminada a guerra; os soldados, pela outra parte, estavam promptos

para combater e derramar o seu sangue, em defeza da causa de (o senhor) D. Miguel. Então que devia elle fazer? O que? Devia ter agradecido aos officiaes os seus serviços e despedil-os, dando o commando do seu exercito a d'Almê, ou Bourmont, promover os officiaes que quizessem ficar, e prover as vacaturas com homens tirados das fileiras. Com um exercito assim, tão perfeitamente dedicado á sua causa, tinha tudo a ganhar e nada a perder: teriam marchado sobre Madrid, reunindo os carlistas, e é provavel, que D. Carlos teria agora sido rei da Hespanha, e (o sr.) D. Miguel poderia d'alli ter recuperado a corôa. D. Pedro (o sr.) achou-se no Porto em uma posição peor, etc.»

Finalmente, esta guerra fraticida terminou pela convenção de 27 de maio, feita na villa d'Evora Monte. O sr. D. Miguel sahio d'Evora a 30, e de Portugal, pelo Algarve (vide *Evora-Monte e Sines*) e o sr. D. Carlos pelo Tejo; e as tropas realistas regressaram aos seus lares (as que poderam escapar aos punhaes e bacamartes dos diversos bandos de facinoras, que, com a capa de liberaes, infestavam todo o reino.)

Tornemos a Santarem.

1835—Vide o anno de 1426.

1862 (16 janeiro)—Morre em Santarem, o venerando patriota, doutor Manuel da Silva Passos, chefe do partido republicano em Portugal. Elle e seu irmão, o doutor José da Silva Passos, foram os liberaes de mais boa fé e optimas intenções que tem tido este reino, desde 1820.

Passos Manuel, nasceu na freguezia de Ginfões, concelho de Bouças, comarca do Porto, a 5 de janeiro de 1801. Matriculou-se na universidade de Coimbra, em outubro de 1818, e formou-se (em direito) no anno de 1822.

Manuel da Silva Passos, casou em Santarem, com a sr.ª D. Gervasia Falcão de Passos Manoel, que ainda vive. Era viuva de Ignacio Maria de Souza Girão, natural de Santarem, e do qual não teve filhos. Do segundo matrimonio teve duas filhas—1.ª, a sr.ª viscondessa de Ferreri, casada com o

sr. Adriano Augusto Brandão de Souza Ferrer, que obteve o título, em 14 de junho de 1870. Era uma dama virtuosíssima e que adorava seu marido, mas, sendo abandonada por este, endoideceu, e vive ainda demente.—A 2.^a (A sr.^a D. Antonia) está casada com o sr. Pedro de Souza Canavarro, um dos cavalheiros mais dignos de Santarem. Já tem duas filhinhas, que são dois anjos.

Os irmãos Passos, eram, em toda a extensão da palavra, dois verdadeiros homens de bem, e digníssimos da grande popularidade de que sempre gosaram.

1868 (24 de dezembro)—Santarem recu-pera a sua antiquíssima cathegoria de cidade. Eis a respectiva carta de lei :

«Attendendo a que, illustre por sua remotíssima antiguidade e memorias nobilissimas, veneranda pela primasia que lhe anda authenticada pela historia, já como colonia militar a que Julio Cesar deu o seu nome, já como convento juridico, ou cabeça de uma das trez grandes circumscripções judiciais, instituidas pelo imperador Augusto na Lusitania, já como séde do governo e residencia real, nos primeiros seculos da monarchia portugueza, é a muito nobre villa de Santarem uma das insignissimas povoações do reino;

Attendendo mais a que, desde 1263 até 1478, doze¹ vezes foram no seu recinto convocadas e celebradas as antigas côrtes ;

Attendendo outrosim á importancia da sua posição, á fertilidade do seu territorio, aos gloriosos brasões do seu passado, em todos os tempos, ás numerosas provas de patriotismo dadas pelos seus habitantes em diversas épocas ;

Considerando finalmente que, por todas as referidas condições e demais predicamentos bem conhecidos, é esta povoação inteiramente digna de subir em preeminencia, não lhe faltando elementos para sustentar a correspondente dignidade :

Hei por bem fazer mercê á dita villa de

¹ Julgo que aqui ha erro. Eu não acho mais do que onze convocações de côrtes em Santarem.

Santarem, de a elevar á categoria de cidade, com a denominação de cidade de Santarem, e me praz que n'esta qualidade gose de todas as prerogativas, liberdades e franquias, que directamente lhe pertencerem: devendo expedir-se á camara municipal respectiva, a carta competente, em dois exemplares, um para título d'aquella corporação, outro para ser depositado no real archivo da torre do tombo.

O presidente do conselho de ministros, e o ministro e secretario d'estado dos negocios do reino, assim o tenham entendido e façam executar. Paço, 24 de dezembro de 1868.—REI.—*Murquez de Sá da Bandeira.*
—*Antonio, bispo de Viseu.*»

1876 (16 de fevereiro) — Data do alvará que mandou fundar um *Museu districtal*, em Santarem. (Vide adiante, *Museu districtal*.)

1876 (6 de junho)—Foram lançados no rio Tejo, em frente de Santarem, trez caixões de ferro, para os fundamentos do primeiro pilar da magestosa ponte, que liga esta cidade com o Alemtejo. Foi preciso profundar 17 metros!

Conta-se este dia como o da inauguração dos trabalhos da ponte, e foi de grande regosijo para os habitantes de Santarem.

Á noite as musicas percorreram as ruas da cidade, que estavam illuminadas, e subiram ao ar muitos foguetes.

Como nas escavações que se fizeram no rio, tem apparecido algumas antiguidades, o presidente da commissão do museu districtal, pediu ao governo, que lhe fossem entregues todos os objectos alli achados, que indiquem valor artistico ou archeologico, para serem guardados no museu. O governo deferiu.

Ainda continnam as obras d'esta ponte. Se quando chegar ao artigo Tejo, ellas estiverem concluidas (do que duvido) darei a descripção d'esta magestosa ponte, rival das do Bico, da Régua e da do caminho de ferro de leste, que atravessa o Tejo, proximo ao famoso *castello d'Almourol*.

A 3 de julho d'este anno, falleceu, na provincia de S. Paulo (Brasil) o negociante portuguez, Ayres Coelho da Silva Gameiro (feito barão da Silva Gameiro, em 41 de junho de 1874) deixando, entre outros muitos legados—á Santa Casa da Misericordia de Santarem, seis contos de réis, em acções da estrada de ferro, de Campinas no Rio-Claro, e quatorze contos de réis, em acções da companhia Magyana (tudo no Brasil) com diversas condições, sendo uma d'ellas, distribuir quatrocentos mil réis pelos pobres de Santarem (patria do testador) e differentes necessidades.

Segundo as suas recommendações, a cada um dos 12 pobres que o levaram á sepultura, se deu 50\$000 réis.

Deixou valiosos legados a diversos parentes, que tinha em Portugal.

Em setembro d'este anno, foi organizado o corpo de *policia civil de Santarem*. Consta de 50 praças, e houve todo o cuidado na escolha d'estes agentes da segurança publica.

Grande cheia e temporal

Em dezembro d'este mesmo anno de 1876, teve lugar uma das maiores cheias, e um dos mais terriveis temporaes, de que ha noticia, em todo o Riba-Tejo.

O rio apresentava um aspecto magestoso, como se fosse o Amazonas, ou o Mississipi! As aguas chegaram a Almeirim (5 kilometros da sua margem habitual.) Os campos de Vallada, ficaram completamente inundados, e todos os seus habitantes tiveram de fugir para os montes. O mesmo succedeu em Muge.

A agua subiu mais 16 centimetros do que em 1855, anno em que a inundaçào tomou proporções assustadoras, e desconhecidas até então.

O serviço dos comboyos do caminho de ferro, ficou interrompido, e o mesmo aconteceu em varios pontos da linha telegraphica; de maneira que Santarem ficou isolado do resto do paiz.

Das *Portas do Sol* de S. Bento, dos *Capuchos*, e do *Outeiro da Força*, a vista que se gosava da inundaçào, era magestosa e imponente!

Do *Alto da Força*, o espectaculo era realmente grandioso! Olhando-se para E. e O. descobria-se até ao horizonte, uma vastissima massa d'agua, d'onde emergiam, aqui e alli, a eópa das arvores, ou o telhado de alguma casa, coberta até elle pelas aguas.

Do lado da *ponte da Asseca*, tomou a inundaçào tambem proporções espantosas, transformando em vasto lago, todo aquelle extenso valle.

Todas as ruas do bairro da Ribeira de Santarem, que ficam inferiores á linha ferrea, foram inundadas, chegando a agua aos primeiros andares de algumas casas. Esta povoação ficou transformada em uma verdadeira Veneza.

Alguns edificios foram destruidos, e os habitantes da povoação, fugiram quasi todos para a cidade.

Morreu muito gado afogado, e outro foi salvo a muito custo. Grande numero de oliveiras, muitas d'ellas ainda carregadas de fructo, foram arrastadas pela corrente.

Já se vê que esta cheia causou muitas dezenas de contos de réis de prejuizo aos proprietarios d'estes sitios.

Para se fazer uma ideia aproximada d'estes prejuizos, basta dizer que, a viuva Caldas, de Santarem, tinha na sua quinta de Malpica, alguns 600 moios de cereaes debaixo d'agua.

O lavrador Caldeira, dos arrabaldes de Santarem, perdeu quasi todo o seu gado, apesar de offerecer 50 libras, a qualquer barco que o ajudasse a salvá-lo.

Pouco porem soffreram as obras da nova ponte sobre o Tejo. Tanto os pégões, como os andaimes, resistiram galhardamente á enorme velocidade da corrente; a qual era tão forte, que de longe se ouvia o ruido que produzia, de encontro aos pégões; mas uma das machinas de serviço foi ao fundo.

O serviço do correio entre esta cidade e Lisboa, esteve muitos dias interrompido.

As povoações d'este concelho que mais soffreram com o temporal, foram—Reguen-

go do Alviella, Pombalinho, Tapada, Casaes do campo, ao Sul do Tejo, Porto de Muge, Bemfica, e Vallada.

Em todas ellas, muitas pessoas ficaram só com o fato que tinham no corpo, vendo hir pela agua abaixo, roupas, fructos, mobílias e gados, e cahirem as casas que habitavam.

Muitos d'estes infelizes, foram recolhidos na cidade, em uma casa que o governador civil lhe proporcionou, dando-lhes tambem este magistrado, os precizos alimentos, em quanto não podessem tomar destino.

Os relevantes serviços prestados n'esta triste conjunctura, pelo referido governador civil—o sr. José Ferreira da Cunha e Sousa (natural d'Aveiro, e hoje aposentado) pelo seu secretario-geral, o sr. João Dally Alves de Sá, e pelo engenheiro-director das obras da ponte do Tejo, o sr. Augusto Casaux, são dignos dos maiores elogios, e da gratidão dos povos d'estas terras.

Mosteiros de Santarem

FREIRAS

1.^o—*Religiosas dominicanas (convento das Donas)* (Vide o anno de 1240.) Elvira Duranda (ou *Elvira Durão*) fundadora d'este mosteiro, era uma donzella nobre de Santarem.

Foi primeiramente de freiras cruzias (conegas de Santo Agostinho) e porisso se ficou chamando *das donas*.

A fundadora o instituiu nas suas proprias casas, que eram no sitio onde depois se fundou (1554) o mosteiro da Santissima Trindade.

Ella era *conega obedenciaria*,¹ do mos-

¹ Havia trez classes de freiras agostinhas. —1.^a, *conegas*, que viviam em mosteiros, e se denominavam *conegas inclusas*, ou *emparedadas*, ou *reclusas*, e guardavam a sua regra com o maior rigor.—2.^a, *sorores*, e viviam em suas casas, das suas rendas, seguindo a regra de Santo Agostinho, e deixando, por sua morte, ao convento, tudo quanto tinham. A estas se dava tambem o nome de *obedenciarias*.—3.^a, *conegas terceiras*—seguiram uma regra mais larga, podendo até ser casadas; mas faziam voto de obediencia, ao prior; voto de *castidade conjugal* e de *pobreza relaxada* (como até 1834,

teiro de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, e fez-se, voluntariamente *conega reclusa*.

A ella se juntaram vinte donzellas da cidade, fazendo cada uma sua casinha, ao pé da de Elvira, tudo em linha, e formando uma rua, desde a ermida da Trindade, até ao mosteiro de S. Francisco.

Em 1263, quizeram os frades franciscanos apoderar-se d'estas cellas das *emparedadas*, pondo-as fóra; mas ellas queixaram-se ao pontifice Urbano IV, e continuaram nas suas cellas: e, com ajuda de seus parentes, que eram ricos proprietarios de Santarem, fizeram a toda a pressa uma cêrca, ficando assim, com clausura commum.

Tomaram então o titulo de *Donas da Santissima Trindade*, elegendo para primeira priora, Sancha Martins.

Mas os ambiciosos franciscanos lhes fizeram constantemente crua guerra, querendo, a todo o custo, apoderar-se do pequeno mosteiro, de modo que, 24 annos depois (1286) e segundo outros, 17 annos depois, em 1280, se passaram para outro sitio, fóra dos muros, á *porta de Mansos*, junto á ermida de Santa Maria Magdalena, onde já havia principio de mosteiro, feito pelos frades dominicanos, que lh'o cederam voluntariamente.

Em 1287, mudaram estas freiras, voluntariamente, de habito e regra, tomando o de S. Domingos, por gratidão aos frades d'esta ordem, que lhe haviam cedido o terreno, e o principio do edificio.

Em 1291 é que concluíram todas as obras, á custa de uma nobre dama, chamada D. Estevainha Pires de Casével, natural de Santarem.

Posto que este convento ficasse desde então pertencendo á ordem dominicana, as freiras trouxeram o habito de Santo Agostinho, até ao anno de 1298, em que tomaram o de S. Domingos; mudança de ordem, que foi confirmada pelo papa Clemente V, em 1305 (1.^o anno do seu pontificado.)

Apezar d'esta mudança de regra e instituto, não perderam as freiras a sua primitiva denominação de *donas*.

faziam as commendadeiras de Santos, de Lisboa.)

Na capella-mór da egreja era o jazigo dos condes de Uñhã. Ainda alli existem alguns tumulos d'esta familia.

Ainda aqui estão (setembro de 1879) trez freiras e algumas educandas. Vide o anno 1666 (28 de fevereiro) e o artigo — *Antiga ermida de Nossa Senhora da Piedade*.

2.º—*Religiosas de Santa Clara* (franciscanas.) (Vide o anno 1259.)

A egreja d'este mosteiro, é vasta, e temricas capellas. É de trez naves, e as columnas, de pedra, que as sustentam, são cobertas de arabescos doirados.

O côro é tão vasto como uma grande egreja, e está ornado de quadros, de pintura antiga. No fundo do côro, está o mausoleu de D. Leonor Affonso, filha natural de D. Affonso III, que foi freira n'este mosteiro.

Na casa que dá entrada para a sachristia, vê-se outro tumulo, muito antigo, assente sobre leões, e com muitos labores, e as armas de Portugal. Tem sobre a tampa, deitada, a estatua de um cavalleiro, com a mão direita no punho da espada. O epitaphio diz (erradamente) jazer alli o infante D. Henrique, filho de D. Affonso III.

Pôde dizer-se afoitamente que se ignora a quem pertence este tumulo, e só se sabe que pertence a filho de rei, em vista do escudo real que o adorna; mas não filho de D. Affonso III.—Este monarcha teve sete filhos legitimos e nove bastardos, que foram :

Legitimos—por ordém de edades

Branca, abbadessa de Lorrão, e das Huelgas, de Burgos—*Fernando*, que morreu creança—*Diniz*, que foi rei—*Affonso*, casado com D. Violante, filha do infante D. Manuel e neta de D. Fernando III, de Castella—*Sancha*, *Maria*, e *Vicente*, que morreram de pouca idade.

Bastardos

Fernando; cavalleiro templario — *Affonso Diniz*, progenitor dos Souzas, condes de Miranda—*Martim Affonso*, do qual descendemos Souzas, condes do Prado — *Gil Affonso*, *Leonor*, (a que foi aqui freira e onde foi sepultada) — *Urraca*, outra *Leonor*—*Pedro Affonso*, conego de Santa Cruz de Coimbra—*Rodrigo Affonso*, conego do mesmo mosteiro, e prior de Santa Maria d'Alcáçova, de Santarem.

Suppõe-se que este mausoleu é o de D. *Martim Affonso Chichorro*, o 3.º dos filhos bastardos que nomeiei; porque tinha aqui, quando morreu, duas irmans freiras, e é provavel que ellas o mandassem sepultar n'este mosteiro.

N'este convento ainda hoje existem trez freiras, algumas educandas e recolhidas, e suas competentes creadas.

Eis o que com respeito a este convento diz um tão honradissimo liberal, como verdadeiro homem de bem:

(*Viagens na minha terra*, pelo visconde d'Almeida Garrett, capitulo 40. (O sublinhado é meu.)

«Era de noite, reinava a confusão, a desordem, o susto e a anciedade nos muros de Santarem, trez homens chegavam, por horas mortas, ao antigo mosteiro das Claras, davam á portaria um signal surdo e mysterioso; respondiam-lhe de dentro com outro equal; e d'ahi a pouco, sem rumor e com as mais escrupulosas precauções se abria quietamente a porta da clausura.

Os trez homens entraram, a porta fechou-se sobre elles do mesmo modo precatado.

Que será?

Os homens levavam uma especie de cofre que parecia conter preciosidades de grande valor: tal era o desvello com que o resguardavam.

Ha um mysterio que se figura criminoso n'esta aventura. Mas os tempos são para tudo.

Era no anno de 1834.

Entremos n'esse convento das pobres Claras, tão afflictas e desconsoladas agora que as ameaçam de dissolução como aos frades.

Não será assim: aquellas instituições *não mettem medo aos verdadeiros liberaes* e os outros lá teem o espolio dos frades *para devorar*; estão *entretidos*: as freiras salvam-se por ora.

Taes eram as esperanças dos trez homens que entravam a estas deshoras nos vedados precinctos do mosteiro. Sigamol-os porém, que é tempo.

Chegavam elles a uma pequena capella do claustro das freiras, foram depor sobre o altar o cofre que traziam, e ajoelharam devotamente deante d'elle. Logo se ouviu ao longe o psalmejar baixo e sumido de vozes femininas; e d'ahi a pouco, toda a communi-
dade das Claras, de tochas na mão, em duas alas, e a abbadesa com o seu báculo atraz, entravam procissionalmente no claustro e se dirigiam á mesma capella.

O psalmo que cantavam era este:

«Meu Deus, vieram os barbaros ás tuas herdades, polluiram o teu sancto templo, pozeram Jerusalem como um granel de fructos.»¹

«Pozeram os cadaveres de teus filhos de cevo ás aves do ceu; as carnes dos teus sanctos ás alimarias da terra.

«O sangue d'elles derramam-no como agua nos valles de Jerusalem; já não havia quem sepultasse.

«Estamos feitos o opprobrio dos nossos visinhos; o escarneio e a zombaria dos que vivem por nossos arredores.

«Até d'onde, ó Senhor, te has de irar em fim; e se ha de accender o teu zelo como fogo?

«Vérte a tua ira sobre as gentes que te não conheceram, contra os reinos que não invocaram o teu nome;

«Que devoraram a Jacob; e desolaram suas terras.

«Não te lembres de nossas iniquidades

¹ Deus, venerunt gentes in hereditatem tuam, etc.

passadas e depressa nos alcancem as tuas misericordias; já que tão pobres de mais estamos.

«Ajuda-nos Deus, salvador nosso; e pela gloria do teu nome livra-nos Senhor; amercêa-te de nossos peccados, por causa do teu nome.»

Cantavam assim as pobres das freiras, cantavam em latim que ellas mal entendiam; mas dizia-lhes o instincto do coração, dizia-lhes a tão excitavel imaginação feminina, que era chegada a hora de se cumprir a seus olhos, e sobre ellas mesmas tambem, a tremenda prophesia do psalmo que entoavam.

Havia pois lagrimas n'aquellas vozes que assim cantavam: sahiam d'alma aquelles sons e n'alma vibravam tambem com profunda e solemne melancholia.

Chegadas juncto á capella aonde estava o cofre, as freiras pararam conservando as inesmas duas alas da procissão e continuando no accentuado murmuro de seu psalmo.

Os trez vultos de homem, permaneceram de joelhos e curvados deante do altar. Findou o psalmo e seguiu-se breve intervallo de silencio. Depois, os trez homens levantaram-se, e cahindo-lhes para os lados as longas capas em que vinham involtos, via-se que o do meio era um frade velho, magro, curvado e secco, trajando ainda, apesar da lei, o burel preto dos franciscanos e cingido com sua corda. Os outros dous eram dominicos e vestiam de preto e branco, seguindo as côres de seu tambem proscripto instituto.

O velho franciscano subiu com passo trémulo os degraus do altar, beijou o cofre que estava sobre elle, e voltando-se para a communi-
dade em religioso silencio, disse com uma voz cava, que parecia vir do sepulchro, mas accentuada e forte:

«Irmãos, vimos entregar-vos este deposito precioso. Deus não quer que os cadaveres dos seus santos fiquem expostos ás aves do ceu e ás alimarias da terra. Este é o sancto corpo d'um dos maiores sanctos que produziu esta terra de Portugal quando era abençoada. Hoje é maldita e não devia conservar

as suas reliquias. Os filhos de S. Domingos foram expulsos de sua casa, assim como nós fomos, nós os filhos de S. Francisco; encontramos-nos sem tecto nem abrigo uns e outros, e juntamos as nossas misérias, para as chorarmos como irmãos que somos, como filhos de paes que tanto se amaram e ajudaram. Peregrinaremos junctos por essas solidões da terra, e junctos iremos bater por essas portas que *cerrou a impiedade e a indifferença*, a pedir o pão de cada dia porque temos fome.

Que importa! Não professámos nós, não nos honrámos de ser mendigos? De que vivemos nós sempre, senão de esmola?

Não choreis, irmãos, não choreis sobre nós. Deus que o permittiu bem sabe o que fez. Louvado seja elle sempre! Nós tínhamos peccados para mais! Ainda foi misericordioso connosco o Senhor da justiça e do castigo.

A nós tiraram-nos tudo! Até estas mortallhas que tínhamos escolhido em vida e que nem a morte ousava ROUBAR-NOS.

A furto e como quem se esconde para um acto criminoso, nós as vestimos esta noite para commetter o que *elles* chamarão um furto, e que era uma obrigação sagrada nossa.

Fomos á antiga casa de nossos irmãos e roubamos o corpo do bemaventurado S. Frei Gil.

Aqui vol-o entregamos: guardae-o.

Emquanto estes muros estiveram em pé, que o abriguem dos *desacatos d'essa gente sem Deus nem lei*. A vós não ousarão expulsar-vos d'aqui: talvez vos matem á fome... Não póde ser: Deus não ha de permittir-o.

Mas qualquer que seja a sua vontade, resignae-vos a ella, minhas irmãos. Só elle sabe como nos ama e como nos castiga. Louvemol-o por tudo.

Aqui foi um chorar e um supplicar fervente como só se ouve na hora da angustia.

As afflictas monjas estavam prostradas nas lages humidas do claustro, sobre as sepulturas de suas irmãos, sobre seus proprios jazigos que haviam de ser. O frade com os braços estendidos pronunciou as solemnes

palavras de benção, descrevendo com a direita o augusto symbolo da redempção:

Bemdigavos Deus Omnipotente, Pae, Filho e Espirito Sancto! Amen! respondeu o côro; e os trez proscriptos se retiraram, deixando a salvo o seu thesoiro.

Assim desapareceu do tumulo, o corpo de S. Frei Gil, de Santarem.

Ninguém sabia d'elle: soube-o eu e guardei o segredo religiosamente.

Os tempos são outros hoje: os liberaes já conhecem que *devem* ser tolerantes, e que *precisam* de ser religiosos. Não ha perigo em dizer-lhes onde elle está.

Quando houver em Portugal um governo que saiba ser governo, ha de *regular e consolidar a existencia das freiras*, ha de aproveitar-a para as piedosas instituições do ensino da mocidade, da cura dos enfermos, e do amparo dos invalidos.

Os barões andam-lhe com o cheiro nos poucos bens que *lhe restam ás pobres das freiras*. Mal do governo que deixar *comer mais aos barões!*

Para a vida de S. Frei Gil, vide o anno 1265 (14 de maio).

Isto está bellissimo, como tudo quanto sahia da penna do immortal Garrett; mas não é exactamente a verdade. Houve o *roubo piedoso* dos ossos de S. Gil, e fez-se espalhar que estavam no mosteiro de Santa Clara, para os poupar a novas profanações; mas a verdade é esta.

Sendo expulsos do seu mosteiro, os frades dominicanos, de Santarem, em 1834, ficou a igreja abandonada, e sem ter quem cuidasse da sua conservação e aceio. Uns ladrões sacrilegos, na esperança de acharem alguma cousa de valor, no tumulo de S. Frei Gil, foram-se a elle e arrombaram-o, mas não acharam nada que lhes satisfizesse a nojenta cobiça.

A sepultura, ficou aberta.

Um homem temente a Deus, receando novas, e porventura, mais escandalosas profa-

nações nas reliquias venerandas do sancto, foi alta noite, á egreja de S. Domingos, e com o maior segredo as levou para sua casa, fazendo constar que tinham sido depositadas no mosteiro das Claras.

Alli estiveram respeitosamente guardadas alguns annos, até que, por accaso providencial—senão milagroso—o actual sr. marquez de Penalva, veio a saber onde existiam as cinzas d'este glorioso ascendente colateral da sr.^a marqueza, sua esposa. Um amigo poderoso d'estes senhores, conseguiu que o possuidor das reliquias lh'as entregassem, e elles as collocaram com todo o respeito devido a tão sancto varão, na capella particular da casa da sua residencia, na rua dos Lagares, em Lisboa, onde actualmente se acham.

Correu um processo na camara ecclesiastica do patriarchado, no qual foi chamado a juramento, o devoto santareno, depositario das reliquias, depondo serem authenticas. Depois de observadas todas as formalidades das leis da egreja, e provada a identidade das santas reliquias, obteve o sr. marquez, do então cardeal-patriarcha, D. Guilherme, uma provisão, para que estas reliquias possam ter culto.

Todos os annos, a 14 de maio, anniversario do sancto, e dia que a Egreja destinou para sua festa, lhe fazem os religiosos srs. marquezes, uma sumptuosa solemnidade.

Os srs. marquezes de Penalva, ainda são d'aquelles portuguezes que se honram de ser catholicos, e que seguem com prazer os dictames da honra e da religião em que foram educados pelos seus esclarecidos paes.

Deus lhes pagará no outro mundo, os bons exemplos de amor e respeito á religião, que dão n'este; e é por isso que são geralmente respeitadas. (Vide *Paço de Vilharigues, Penalva do Castello, Rêriz e Rêzende.*)

3.º—*Freiras capuchas.* (Senhor dos Inno-centes.) Vide o anno 1290.

Ainda tem 18 madres, professoras voluntarias, nos trez votos (pobreza, obediencia e castidade) mas com o caracter de *recolhidas*. É uma casa exemplarissima.

Frades

1.º—*Mosteiro de Santo Agostinho* (eremitas calçados, tambem chamados *gracianos*) Vide os annos de 1376 e 1437.

Tem uma bella egreja, gothica, de trez naves, com um formoso pórtico na fachada principal, e sobre elle, um grande e lindo *espêlho*, primorosamente esculpido.

No meio da capella-mór, esteve o tumulo do fundador e de sua mulher, D. Guiomar de Villa-Lobos, bisneta do rei D. Sancho, de Castella; mas, em 1725, foi removido para o sitio actual, á entrada da egreja, do lado esquerdo de quem entra.

Nas outras capellas da egreja, estão varias sepulturas, sendo as principaes as de—D. *Leonor de Menezes*, filha do conde de Ourem, e mulher de D. Pedro de Castro, filho de D. Alvaro Pires (ou Peres) de Castro, conde de Arrayolos e 1.º condestavel de Portugal. Era irmão de D. Ignez de Castro, mulher de Pedro I.

D. *Affonso de Vasconcellos de Menezes*, conde de Penella, bisneto do infante D. João, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro.

Pedro Alvares Cabral, o famoso descobridor do Brasil, em 25 de abril de 1500 (vidé *Bello-Monte, Constancia, e Portalegre*—o 1.º alcaide mór)—sua mulher, D. *Isabel de Castro*—D. *Pedro de Menezes*, 2.º conde de Vian-na, alferes-mór do rei D. Duarte, e 1.º governador de Ceuta. (Vide o anno 1437.)

D. *Beatriz*, sua mulher. (Vide o anno 1725.)

Este mosteiro foi vendido por uma tuta e meia, depois de 1834.

O comprador o reduziu a casas, hoje occupadas por diversas familias.

A egreja ainda se conserva em bom estado, para o culto divino, e, entre outras, faz-se alli uma boa solemnidade annual ao *Senhor Jesus dos Passos*.

2.º—*Agostinhos Descalços*, ou da *Piedade*

—(Vide o anno de 1664, e adiante, o artigo —*Antiga ermida de Nossa Senhora da Piedade*.)

Parte do mosteiro, foi vendida, depois de 1834, e está também reduzida a casas de habitação de particulares. O resto, foi dado á irmandade de Nossa Senhora da Piedade, estabelecida na egreja.

Em cumprimento do voto, feito por D. Afonso VI, os seus successores *eram obrigados a assistir á festa da Senhora, feita á sua custa, no dia anniversario da grande victoria do Ameixial (ou Cannul)*; mas ha muitos annos que o voto deixou de cumprir-se, e a festa é feita á custa da irmandade.

3.º — *Dominicanos, de Nossa Senhora da Oliveira* — (ordem dos prégadores) Vide os annos 1211 e 1604.

Na reconstrução, d'este ultimo anno, a egreja foi demolida, e edificada desde os fundamentos, menos a capella-mór, que, por estar bem conservada, ficou.

Foi o primeiro convento d'esta ordem que se fundou em Portugal, porque foi cá introduzida em 1211.

A egreja era de trez naves, e encerrava muitas sepulturas de homens illustres, entre ellas, as de—*D. Fernando Sanches*, filho bastardo do rei D. Diniz—*D. Miguel de Noronha*—*D. Leonor*, filha 2.ª dos marquezes de Villa-Real—*D. Margarida de Vilhena*, filha dos 3.ºs marquezes de Villa-Real—*Ruy Telles de Menezes*, mordomo-mór da rainha D. Maria, 2.ª mulher do rei D. Manuel—e *Martim de Ocem*, chanceller-mór de D. João I.

Vide *ermida de S. Pedro*.

Na *capella de São frei Gil*, no cruseiro d'esta egreja, estava o (para aquelle tempo) sumptuoso mausoleu, de marmore, do mesmo santo.

Esta egreja foi profanada, depois de 1834, e os vandalas d'este seculo, destruíram sacrilegamente todos os tumulos e outros primores d'arte.

Vide 1265 (14 de maio) e mosteiro de freiras de Santa Clara,

No edificio do mosteiro, estabeleceu a ca-

mara, o *matadouro*. . . e uma praça de touros!

Actualmente (setembro de 1879) estão tanto a egreja como o mosteiro, quasi demolidos, e querem alli fundar uma *penitenciaria*!

Vide o anno de 1232 e *Ermida da Senhora da Oliveira*.

4.º—*Santo Antonio* (capuchos)—foi demolido até aos fundamentos, e o chão que occupava a egreja, o mosteiro, e parte da cêrca, é hoje o cemiterio publico.

5.º—*São Francisco* (franciscanos)—Vide o anno de 1242.

(Era *casa de noviciado*).

A egreja, d'architectura gothica, era de trez naves, e de grandes dimensões.

No côro d'este templo, estava o magnifico tumulo do rei D. Fernando, e de sua mãe, a infanta D. Constança, 1.ª mulher de D. Pedro I.

Depois de 1834, alguns malvados, para o abrirem (a ver se achavam alguma cousa que roubar) lhe quebraram parte dos seus primorosos relevos.

O sr. J. P. Narciso da Silva, obteve da camara de Santarem a concessão d'este monumento venerando, que hoje se admira no *museu archeologico do Carmo*, em Lisboa. ¹

O edificio do mosteiro, serviu muitos annos, de quartel de cavallaria numero 4, e desde que este regimento se mudou para Lisboa, onde está actualment, ficou sendo quartel de artilheria n.º 3.

A sua magestosa egreja, está servindo de *palheiro* (!!!) e com escandalo de todos os

¹ É verdade que o tumulo foi feito para D. Fernando e para sua mãe, porém os ossos d'esta, nunca se chegaram a mudar para elle, da sua primitiva sepultura.

Quando os vandalas de 1834 o arrombaram, só continha os ossos do rei e de uma creança, que se não sabe quem seja.

Tanto estes dois cadaveres, como o de D. Constança, foram arrancados do que devia ser o seu ultimo jazigo, e atirados a algum monturo, e não se tornou a saber mais d'elles!

Não comento: limito-me a pôr um ponto de admiração; porque semelhantes atrocidades não precisam commentar-se.

portuguezes (não só catholicos, mas ainda simplesmente respeitadores dos mortos, e dos monumentos de reconhecido merito, artistico e historico) os varios tumulos que ainda existem n'esta egreja, estão tambem profanados e mutilados!

Mesmo junto á porta principal da egreja, está um tumulo, de marmore preto, ornado de boas esculpturas, tendo sobre a tampa, a estatua de uma dama.

Os vandalos julgando achar dentro algum thesouro, dospedaçaram a tampa, mas, só os ossos acharam!

Consta que n'este tumulo esteve o corpo da infanta D. Constança, mãe de D. Fernando I.

Em uma das capellas da egreja, esteve o sumptuoso mausoleu, do grande D. Duarte de Menezes.

Hoje está no museu archeologico do Carmo, em Lisboa.

Vide o anno de 1464.

Na mesma capella estão os mausoleus, de marmore, de varias pessoas d'esta illustre familia dos Menezes; entre elles, os de—*D. Isabel de Castro*, 3.^a condessa de Vianna, mulher do conde D. Duarte de Menezes—seu filho *D. João de Menezes*, conde de Tarouca—seu 3.^o neto, *D. Francisco de Menezes*, bispo de Leiria e do Algarve.

Tambem aqui está o sepulchro de *D. Affonso de Portugal*, 1.^o filho de D. Affonso Hen-

1 Nos apontamentos que tenho com respeito a este monumento, ha, com certeza, engano. Deve ser *D. Pedro Affonso*, e não *D. Affonso de Portugal*.

D. Affonso Henriques, teve sete filhos legitimos, e quatro bastardos. São (por ordem das edades.)

Legitimos

D. Henrique, que morreu de pouca idade.

D. Sancho, que foi rei.

D. João, que morreu menino.

D. Urraca, rainha de Leão.

D. Mafalda, ajustada para casar com o rei de Aragão.

D. Thereza, condessa de Flandres.

D. Sancho, que morreu de pouca idade.

Bastardos

D. Fernão Affonso, alferes-mór.

D. Pedro Affonso (o tal) grão-mestre de

riques, e grão-mestre da ordem de S. João de Jerusalem; cuja dignidade renunciou, regressando a Portugal.

Este tumulo, estava na antiquissima egreja de S. João de Alporão, e quando este templo foi transformado em theatro, (!) mudaram-o para esta capella. (Ainda bem!...)

Tambem aqui está uma antiquissima estatua, toscamente cinzelada, do nosso primeiro rei. Esteve originariamente na fachada da velha e arruinada egreja de S. Miguel, que aquelle monarcha havia fundado, dentro da Alcáçova. Consta ser, a estatua, feita em vida de D. Affonso I.

Alem d'estas sepulturas, ainda em outras capellas da egreja, existem, mas tambem profanados, outros tumulos de varões illustres.

6.^o—*Santissima Trindade* Frades Trinos. (Vide os annos de 1218 e 1554.)

Este mosteiro foi fundado juncto ao das *emparedadas* (vide *Religiosas dominicanas*) em um espaçoso terreiro, e um dos mais bellos sitios de Santarem. A sua fundação primitiva, era pobre e acanhada, pelo que, D. João III, o ampliou na reedificação.

Foi o primeiro convento d'esta ordem, que houve em Portugal.

Frei André de Agramonte.—Era francez, e veio a Portugal em companhia de mais sete frades da sua ordem (trinitarios) os quaes, hindo em viagem para a Terra-Santa, foram arrojados por uma tempestade, ás praias de Lisboa, reinando em Portugal, D. Affonso II, sendo bispo de Lisboa, D. Soeiro Viegas, e pontifice Honorio III. O bispo recebeu os trinos francezes á santa obediencia, e os mandou para Santarem, onde estava o rei, e ahi fundaram o seu mosteiro, obtida a licença do geral da sua ordem. N'este mosteiro acabou seus dias, em grande velhice, e adornado de todas as virtudes christans, frei André de Agramonte.

Os frades deixaram de existir, e hoje ha

Rhodes (ou S. João de Jerusalem — ou de Malta).

D. Thereza, mulher do conde Sancho Nunes de Barbosa.

D. Urraca, mulher de Pedro Affonso Viegas.

apenas as ordens terceiras da SS. Trindade, que tantos serviços teem prestado á humanidade enferma, á instrucção publica e ao esplendor do culto divino.

As ordens religiosas passaram, mas o que não passou foi a memoria dos serviços que ellas prestaram ao paiz, e que o governo esqueceu para se apossar do que ellas possuíam tão legitimamente.

A igreja, que ainda era a primitiva, foi demolida, e construida desde os fundamentos, pelos annos de 1710. Esta igreja, serve de capella militar, e o edificio do mosteiro, que é contiguo ao de S. Francisco, serve tambem de quartel de cavallaria n.º 4.

Este edificio religioso era o mais aceiado e magnifico, da cidade.

Vide *Ermida de Nossa Senhora da Abo-bada*.

7.º—*Collegio de Nossa Senhora da Conceição*—de padres da Companhia de Jesus. (Vide o anno 1621.)

D. João IV, doou depois aos padres jesuitas, o paço real, que estava juncto da porta de Leiria, e para elle se mudou o collegio, construido como ainda hoje está.¹

A igreja é muito boa, e a sua capella-mór é notavel, pela sua primorosa obra de mosaico, feito de marmores de varias côres.

Está no mosteiro, estabelecido o seminario patriarchal.

Este collegio era um dos mais ricos da sua ordem. (Vide *Mosteiro de Santo Antão*.)

8.º—*Terceiros regulares de Jesus* (Nossa Senhora de Jesus). Vide os annos 1484, 1592, 1617 e 1722.

O edificio d'este mosteiro, serve actualmente de hospital civil.

O arcebispo de Lisboa, D. Miguel de Castro, não só deu a estes religiosos as casas que eram da camara pontifical (palacio da mitra) como ainda concorreu com avultadas esmolas, para esta fundação.

A capella-mór da igreja, foi mandada fazer por Joanna Coelho, principiando as obras a 24 de abril de 1645, e alli se disse a primeira missa a 21 de dezembro de 1649.

É fóra da cidade e juncto ao muro da porta de Mansos.

9.º—*Carmelitas descalços* (de Santa The-reza).—Vide o anno 1648, e o artigo—*Antiga ermida de Nossa Senhora da Piedade*.

A igreja concluiu-se em 1707.

Este mosteiro foi construido no local onde estava um velho palacio de D. Fernando Mascarenhas, conde da Torre, sendo padroeiras do convento, a condessa de Faro, e sua filha, duquesa de Caminha.

Hoje, d'este convento só restam as paredes da igreja. O edificio do mosteiro, foi demolido e no lugar que occupou, estão hoje as repartições do governo civil, administração do concelho, pagadoria do districto, e suas dependencias. Foi dado pelo governo, á junta geral do districto, em setembro de 1873.

Segundo o novo plano, o tribunal do juizo de direito, e suas dependencias, devia ser no lugar occupado pela igreja, para o que se principiou a sua demolição; mas estas obras (de destruição) foram suspensas e os muros do templo lá estão attestando a illustração do seculo xix, em quanto algum temporal não conclua a obra dos homens.

10.º—*Frades benedictinos* (S. Bento dos apostolos).—Vide os annos 1300 e 1571.¹

Foi vendido ao desbarate, depois de 1834, e totalmente demolido, e os seus materiaes empregados em differentes obras. Hoje está reduzido a uma quinta particular de grande valor.

D'este sitio se gosam formosissimas e dilatadas vistas.

Um olival que lhe ficava ao O., e que foi destruido, serviu de cemiterio publico, desde setembro de 1833, até maio de 1834. Foram n'elle enterrados muitos milhares de cadaveres dos que morreram com o typho.

11.º—*Frades terceiros arrabidos* (S. João

¹ Havia n'este sitio uma antiga ermida, dedicada a S. Bento. Pertencia á infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel; e ella a deu aos monges, em 1571.

Baptista, ou S. João do Pereiro).—Vide o anno de 1590.

É extra-muros, no sitio de *Santa Catharina dos Oliveas*.

O duque de Bragança, lhe lançou a primeira pedra (do mosteiro) em 1590. A igreja havia sido fundada por D. Affonso V, em 1469. A primeira missa que se disse n'esta igreja, foi a 6 de janeiro de 1470.

Chamava-se então a este sitio, *Valle de Moyrol*, ou de *Al-Moyrol*, e depois *Valle da Inveja*.

Foi a primeira casa capitulo d'esta ordem, em Portugal, e chegou a ter 45 religiosos; mas, em 1834, só tinha um, e um *irmão leigo*.

N'este valle se escondeu D. Affonso Henriques, vindo de Pernes, na noite de 7 para 8 de maio de 1447, vespéra da tomada de Santarem, aos mouros. O sitio não podia ser melhor escolhido para elle e os seus se occultarem. Tudo isto foi vendido depois de 1834, e é hoje uma quinta particular.

12.º—*Conegos regulares de Santo Agostinho* (dos de França) e um dos cinco d'esta ordem, em Portugal. Foi o terceiro que cá se fundou. Ainda depois de extincta esta ordem, ficou existindo a sua igreja, com a designação de *ermida de Santo Antão*. Vide *Seminario patriarchal*.

Eis a origem d'esta ordem.

Em 1045, sendo pontífice Gregorio VII, teve logar a instituição d'estes conegos, em um logar chamado *Mota*, bispado de Vienna, tomando por seu padroeiro, Santo Antão, abbade, e por obrigação, curarem a *erysipella*, molestia então muito frequente, e a que se dava o nome de *fogo de Santo Antão*. Fundaram varios mosteiros em França, sob o titulo de Santo Antão, até que, em 1297¹

¹ A obra de Vasconcellos (*Santarem edificada*) d'onde estou extrahindo esta e outras muitas noticias, está eivada de toda a qualidade de anachronismos. Este é um d'elles.—Em 1297, era pontífice, Bonifacio VIII (governou a igreja de Deus, desde 1294, até 1303. Innocencio VIII, foi feito papa, em 1484 e falleceu em 1492. Ha pois, aqui um anachronismo de quasi 200 annos.—Vide *Santarem edificada*, tom. 1.º, pag. 122 e 123.

o papa Innocencio VIII lhes deu a regra de Santo Agostinho, e o titulo de *conegos de Santo Antão*.

O primeiro mosteiro d'estes padres, foi fundado em *Benespera*, na Beira Baixa, (Vide o 1.º vol., pag. 386, col. 2.ª) Este era a cabeça de toda a ordem, em Portugal.

O segundo, foi o de *Santo Antão, o Velho* (vulgo *Colleginhc*) em Lisboa. Vide 4.º vol., pag. 245, col. 2.ª

O terceiro, foi este de Santarem.

O quarto, foi o da *Avelleira* (*Santo Antão da Avelleira*.) Vide 1.º vol., pag. 297, col. 1.ª

O quinto, foi o de *Bêsteiros* (S. Domingos de) 1.º vol., pag. 397, col. 1.ª

Todos estes mosteiros eram pequenos e de poucas rendas. O rei D. Manuel, fez de todos uma commenda, que deu (por auctridade do papa Julio II) a Ruy Lopes, fidalgo da sua casa, em 1510. Este fidalgo, na fórma do costume de todos os commendadores, comia quasi todos os rendimentos, deixando os frades a morrer de fome, e as egrejas e mosteiros a cahirem. D. João III deu estes mosteiros aos jesuitas, de Coimbra, por breve do papa Julio III, de 1550 (ultimo do seu pontificado).

Foi assim que o tal mosteiro de Santo Antão, de Santarem, veio a ser dos jesuitas, e depois, seminário patriarchal.

13.º—*Collegio da Companhia de Jesus*.—Vide o mosteiro antecedente, e *seminario patriarchal*.

Algumas noticias sobre as trez actuaes egrejas matrizes de Santarem.

O SALVADOR.

Não se sabe com certeza, quando ou por quem foi fundada; mas ha boas razões para crer que foi D. Affonso Henriques que a mandou reconstruir, porque, quando em 1218, o padre frei André d'Agramonte aqui fundou o mosteiro de frades trinitarios, já havia muitos annos que existia a igreja do Salvador, com seu prior e raçoeiros, que administravam a ermida da *Senhora da Abo-*

bada, a qual serviu de primitiva egreja d'aquelles religiosos.

D. Affonso I, não querendo que a villa se despovoasse, e desejando que os mouros d'ella que escaparam, se convertessem (mais tarde ou mais cedo) ao christianismo, lhes deixou as suas fazendas, e lhes deu uma parte da *freguezia do Salvador* para sua residencia (*mouraria*) com a obrigação de pagarem o dizimo dos fructos, á egreja do Salvador.

Segundo a tradição e documentos que existem (ou existiram) no cartorio d'esta egreja, foi eila construida pelos gôdos, muitos annos antes da Lusitania cahir em poder dos arabes. Ou porque se destruisse pela sua antiguidade, ou porque os mouros a desmantelassem, estava em ruinas no anno de 1147, e foi demolida, para no mesmo logar se edificar a actual.

O que se sabe com certeza, é que foi sagrada a 5 de maio de 1335, pelo bispo de Evora, D. frei Domingos Soares, religioso dominicano, o qual deu então a esta egreja as reliquias seguintes—um boccado do *Santo Lenho*; parte da pedra da *sepultura de S. Lazaro*; alguns *cabellos de S. João Baptista*; carne dos apostolos *S. Simão* e *S. Judas Thadeu*; alguns ossos de *S. Vicente, martyr*, de *S. Dionisio Arcopagita*, e de *Santa Catharina, de Alexandria*; com outras muitas de diversos santos, cujos nomes não ficaram em memorias escriptas.

A egreja era de trez naves; mas estando muito arruinada, em 17 de maio de 1692 se mudou o Santissimo para a ermida do Espirito Santo, para se demolir, principiando logo as obras, que se concluíram em 1725, e a 9 de setembro d'este anno, se mudou o Santissimo para a nova egreja dos jesuitas, onde esteve alguns dias, até se mudar, com grande solemnidade, para a actual matriz; edificada no mesmo local da antiga. É de uma só nave, e de abobada de tijolo, sendo as paredes até á cimalha, de cantaria lavrada. Foi toda feita á custa do povo, e custou mais de 60 mil cruzados (24 contos de réis). Hoje é a melhor egreja da cidade. As paredes lateraes são tão grossas, que pelo vão d'ellas se estende um dilatado corredor com

grandes janellas, que dão luz ao templo. Tem quatro boas capellas de cada lado, e a capella-mór é magestosa. Sobre o seu arco, em um nicho de marmore, foi collocada a imagem do Salvador do mundo, de 3 metros de altura.

A irmandade do S. S., teve muitos annos por juizes, os reis de Portugal, quando residiam no paço real, dentro dos limites d'esta parochia.

Na pedra fundamental da egreja foi gravada esta inscripção.

SALVATORI NOSTRO, SERVATO NOMINE
ANTIQUO, EJUS PAROCHIANI NOVUM
TEMPLUM VETERE ERECTO IMPENSIS
SUIS FACIENDUM CURAVERE;
PRIMUMQUE FUNDAMENTORUM
LAPIDEM, DEVOTÉ INJECERE HODIE
SEXTO AUGUSTI MILLESIMO SEXCENTESIMO
NONAGESIMO SECUNDO.

Esta egreja foi priorado até 1440, reduzindo-se depois a commenda da ordem de S. Thiago, do padroado da casa das rainhas de Portugal.

Teve 8 beneficiados, que recebiam o terço dos disimos, que constavam de pão, vinho, azeite, marran, carneiros, aves, queijos, lãns e linhos.

Tinha dois curatos annexos — *Azôia de Baixo*, e *Povoa de Gallegos*.

Tambem antigamente o vigario do Salvador, apresentava a egreja de *São Braz da Romeira*, mas deixaram perder este direito, ha mais de 200 annos.

No districto da cidade, teve esta freguezia quatro ermidas—*S. Sebastião, Nossa Senhora do Monte*, e duas do *Espirito Santo*.

Fôra da cidade tinha mais trez—*Santo Antonio dos Olivaes, Nossa Senhora dos Anjos*, e *Sant'Anna*.

(Vide adiante—*Ermidas de Santarem*.)

SANTA MARIA DE MARVILLA

Já existia no tempo dos gôdos, mas não se sabe em que anno foi fundada.

D. Affonso I a deu aos templarios, que a reedificaram.

Como em 1149, passou para a mitra de Lisboa, todó o ecclesiastico de Santarem (co-

mo já fica dito) o bispo D. Gilberto, a fez collegiada, com *cónegos* e um parcho, com o título de vigário.

Em 25 de novembro de 1244, estando em Santarem, o bispo de Lisboa, D. frei Ayres Vasques (que tinha sido crusio) se obrigaram os *cónegos* de Marvilla, por escriptura publica, a viverem em commum, comendo no refeitório, como os frades.

(Os que desejarem ler esta escriptura na sua integra, vejam a *Historia de Santarem*, tom. 1.º, pag. 93 e seguintes.)

Esta collegiada ficou então composta de 40 prebendas e 9 conegos prebendados, sendo um d'estes escolhido para vigário perpetuo, com prebenda dobrada.

(Era a 40.ª prebenda.)

Tinha mais cinco beneficiados, com trez prebendas para todos.

Os dizimos eram divididos em trez partes—duas para o bispo, e uma para os conegos de Marvilla.

As offertas e esmolas, eram, metade para o bispo, e metade para os conegos.

Estes eram obrigados a dar um jantar ao bispo, quando os fosse visitar, ou seis maredis de ouro.

Já então possuía a igreja, duas moradas de casas contiguas a ella, que foram designadas para os conegos viverem em comunidade.

O clérigo que á sua morte deixasse dividas, e não tivesse com que as pagar, pagasse-hia aos crédores com o rendimento da sua prebenda, do anno seguinte ao do seu fallecimento.

Se algum dos conegos quizesse hir estudar, no reino, ou fóra d'elle, receberia por tempo de trez annos os rendimentos da sua prebenda, como se estivesse presente.

—
A igreja é de trez naves.

Tem de comprido, até ao arco cruseiro, 35,=30—e de largo 16,=40.

A capella-mór, tem de comprido 5 metros e o mesmo de largo.

A nave central, tem de alto até á architrave, 14 metros, e as lateraes, 12.

As 12 columnas jónicas, que sustentam as naves, tem 8 metros de alto.

Tem 6 janellas de cada lado, cada uma com 4,=50 d'alto, e o mesmo de largo.

O portico da entrada principal, é de architectura gothica, com laçarias e festões de boa escultura, revelando muita antiguidade.

A capella-mór é de abobada, com laçaria e fechos de marmore, tudo adornado de primorosos lavores, e com as armas do rei D. Manuel, que foi o reedificador d'este sumptuoso templo, dando-lhe mais amplidão do que tinha o antigo.

No corpo da igreja, ha duas capellas e dois altares lateraes.

A imagem de *Nossa Senhora das Maravilhas*, padroeira da igreja e da freguezia, é de estatura agigantada, mas não é a primitiva.

Foi assim:

O patriarcha S. Bernardo, abbade de Clavaval, mandou pelos monges Ranulfo e Desiderio, duas imagens da S.S. Virgem, a D. Affonso I, para serem collocadas em duas igrejas da sua invocação.

O rei deu a da Senhora da Assumpção á igreja de Marvilla, onde depois se lhe mudou a invocação (ou se lhe deu a vulgar) para Senhora das Maravilhas, e por fim, para Senhora de Marvilla, por corrupção.

Esteve a imagem muitos annos n'esta igreja, mas depois—não se sabe por que título ou motivo—foi levada para uma ermida particular do logar de Alcanhões, e alli se lhe deu o titulo de *Nossa Senhora dos Pininhos*.

Esta capella era a de uma quinta da familia *Carvalhaes*, de Santarem.

—
Em 1727, foi instituida n'esta igreja, a irmandade do *Senhor Jesus dos Terços*, com o titulo de *Congregação dos pobres*. Foi approvada pelo arcebispo de Lisboa Oriental, e confirmada pelo papa Benedicto XIII, dando-lhe muitos privilegios e indulgencias, e constituindo o seu altar, privilegiado.

Na capella do Senhor Jesus dos Terços (na igreja de Marvilla) instituiram Antonio de Mattos Ferreira e sua mulher, Josefa Maria, uma missa quotidiana pelas suas almas, sendo as da semana ditas n'este altar, é as

dos domingos, na ermida de Nossa Senhora da Victoria, ás portas de Atamárma.

Para isto deram os instituidores 1:200\$ réis, para que dos juros se dessem 50\$000 réis ao capellão que dissesse as missas, e 10\$000 réis para a fabrica da capella. Esta instituição teve logar a 20 de junho de 1727,

Na capella do Santissimo, d'esta egreja instituiu em 1640, o doutor Paulo de Pedrosa Meirelles, que foi prior de Marvilla e de S. Nicolau, e vigario-geral d'este arcediagado, uma capella, com missa quotidiana, deixando por administradores d'ella, os priores d'esta egreja; e mandou fazer sepultura para si e para os futuros administradores.

Na parede da mesma capella, do lado da Epistola, mandou gravar em uma lápide de marmore, as armas dos Pedrosas e Meirelles, tendo por baixo a seguinte inscripção :

ESTA CAPELLA DO SANTISSIMO SACRAMENTO
HE DO DOUTOR PAULO DE PEDROSA MEIRELLES,
DESEMBARGADOR DO ARCEBISPADO DE LISBOA,
VIGARIO GERAL D'ESTA VILLA, E VIGARIO
D'ESTA EGREJA : E A FEZ E DOTOU PARA
N'ELLA SE ENTERRAR SEU PAE E MÃE E HERDEIROS.
COM CAPELLÃO E MISSA QUOTIDIANA,
E DUAS ALAMPADAS ACEZAS CONTINUA-
MENTE, POR SUA CONTA, E DA EGREJA,
NA FÓRMA DOS SEUS CONTRACTOS.
FALLECEU A 27 DE NOVEMBRO DE 1666,
SENDO PRIOR DE SÃO NICOLAU.
TEM CAPELLÃO DE MISSA QUOTIDIANA,
COM QUARENTA MIL RÉIS CADA ANNO.

Sobre a antiguidade e preferencias d'esta egreja e da de Alcáçova, houve no principio do seculo 17.º, grandes demandas, pretendendo cada um dos parochos mostrar que a sua egreja era mais antiga ; mas, dos documentos exhibidos por ambas as partes, se viu que estas egrejas tinham a mesma antiguidade. Fez-se então uma concordata, decidindo-se que nenhuma d'ellas se intitulasse matriz, nem podessem hir as suas cruzeiras e insignias, nas procissões, senão a par, hindo os de Alcáçova á direita e os de Marvilla á esquerda ; e que a procissão de Corpus Christi sahisse um anno d'aquella, outro d'esta egreja.

Qualquer das egrejas que quebrassem a

concordata, pagaria a outra, por cada vez 40\$000 réis.

Em uma columna d'esta egreja de Marvilla, junto á porta travessa, do lado da praça, se gravou, *ad perpetuam rei memoriam*, a seguinte inscripção :

NO CARTORIO D'ESTA EGREJA,
E NO DE COSME PACHECO,
ESCRIVÃO DA LEGACIA, E NAS
NOTAS DE MANOEL DE FREITAS,
TABELLIÃO, E DE ANTONIO DIAS
FRANÇA, NOTARIO APOSTOLICO,
ESTA' O CONTRATO E SENTENÇA,
DA ORDEM DAS PROCISSÕES,
E DAS MAIS PRECEDENCIAS
QUE ESTA EGREJA TEM, COM
A COLLEGIADA DE ALCÁÇOVA,
POR SEREM AS PRINCIPAES.
TUDO FEITO NO ANNO DE 1629.

D'esta egreja se repartiam os *Santos Oleos*, não só para todas as outras egrejas de Santarem, mas tambem para todo o arcediagado.

N'esta egreja se recebiam (casavam) os presos do aljube, e se confessavam por desobriga, os viandantes.

A festa da padroeira é a 15 d'agosto, dia da Assumpção de Nossa Senhora.—Na vespera, se fazia uma solemniissima procissão, acompanhada pelos vereadores da camará municipal.

Representava esta procissão o passamento da Santissima Virgem, que hia deitada em um esquife, á ermida da Senhora do Monte (na freguezia de Salvador.) Alem dos vereadores, hia no prestito todo o clero secular e regular, de Santarem, e todos os empregados publicos.

No dia seguinte, hia buscar-se a Senhora á ermida, sendo conduzida á egreja, com a mesma solemnidade.

D. Affonso III, tinha decretado que em todas as egrejas parochias de Portugal, se prégasse o Evangelho, em todos os domingos do anno. Com o andar do tempo foi deixando de cumprir-se este decreto em quasi toda a parte ; porem n'esta egreja foi elle cumprido até 1834, prégando alternadamente os frades dominicos e franciscanos.

Por uma sentença existente no archivo da egreja, eram os clerigos d'ella, obrigados a fazer as exequias por fallecimento dos reis de Portugal.

O rei D. Sebastião, fez n'esta egreja, em 1573, capitulo geral, da ordem de Christo.

Ha n'esta egreja um grande numero de inscripções sepulchraes. Para não cançar o leitor, direi apenas os nomes das pessoas mais notaveis, que foram aqui sepultadas—são: *Antonio Montez Cid*, e sua mulher, *Viencia Frois de Macêdo* e seus herdeiros. (28 de novembro de 1686.)¹

João Antunes e sua mulher e herdeiros.

Pedro das Neves e seus herdeiros.

Anna Jorge, mulher de *Domingos Fernandes*, e seus herdeiros.

Duarte Lopes, e sua primeira mulher, *Maria Gonçalves*.

Antonio Teixeira, e seus herdeiros.

Antonio de Sequeira, e seus herdeiros.

Silverio Delgado, e sua mulher, *Simôa Soares*, e seus herdeiros.

Luiz de Moura, e seus herdeiros.

João da Costa, e sua mulher, *Anna Fernandes* e seus herdeiros (26 de maio de 1558) o de seu neto, *João da Costa Furtado*, (30 de dezembro de 1638.)

O licenciado *Henrique Nunes*, medico de sua magestade, e seus herdeiros

O licenseeado *Raphael do Quental*, cavalleiro de S. Thiago, e *Francisco d'Almeida Sigano*, aquem el-rei (D. João IV) deu tença quotidiana, e fez capitão, por serviços, antes e depois da sua aclamação. Comprou esta sepultura, para si e seus herdeiros. (28 de setembro de 1649.)

Diogo Affonso, beneficiado d'esta egreja, e *Sebastião Affonso*, seu sobrinho, e seus herdeiros.

João d'Abreu, e sua mulher, *Leonor Ribeiro*, e seus herdeiros.

Francisco Gameiro de Barros, cavalleiro

¹ Só teem data, as que as levam marcadas. Estas referem se ao fallecimento dos sepultados. Como se vê, são todas sepulturas de familia, quando dizem—e seus herdeiros.

da ordem de Christo, e sua mulher, *Philippa da Silva*, e herdoiros. (1682.)

Gaspar Henriques, e sua mulher, *Isabel Fragosa Nogueira*, e herdeiros.

Duarte Luiz, e sua mulher, *Violante Henriques*, e herdeiros.

Capellas de missas n'esta egreja

INSTITUIDORES

A 12 de maio de 1689, *Miguel de Figueira*, e sua mulher, 20 missas do Natal, por esmola de 1:500 réis. Administrador, em 1740—*Manuel Vieira Soares*.

A 30 de janeiro de 1481—*Martin Pires Vieira*, 24 missas, por esmola de 1:200 réis, Administrador, em 1740—*Luiz Pires Carreira*.

N'esta egreja instituiu um morgado e capella *D. Violante Soares*, com obrigação de trez missas cada semana, com responso sobre a sepultura, por esmola de 7800 réis. Ignora-se a data d'esta instituição. Administrador, em 1740—*Antonio Sodré Pereira*, das Coberturas.

A 7 de setembro de 1681—*Garcia da Costa*, 25 missas, da esmola do costume. Amministrader, em 1740—*Fernão Dias Franco*, morador em Lisboa.

A 20 de julho de 1670—*Brites da Costa*, seis missas annuaes, de esmola ordinaria Administrador, em 1740—*José Ferreira Cabral*.

Egrejas annexas a esta de Marvilla

Espirito Santo, de Valle de Cavallos—hoje concelho da Chamusca.—Fica a 12 kilometros a S.E. de Santarem.

Era o cura annual, apresentado pelos priores de Marvilla.

Ermidas que teve esta freguezia

S. Lazaro—*S. Roque*—*Santo Antão*—*Nossa Senhora da Victoria*—*S. Christovam*.—(Vide adiante—*Ermidas de Santarem*.)

A igreja de Nossa Senhora de Marvila, acaba de ser restaurada. O dia 15 de agosto de 1879, foi o destinado para a sua abertura ao culto dos fieis. Foi dia de geral regosijo, havendo uma esplendida festa, com missa cantada, a grande instrumental, e um commovente sermão. A praça estava toda embandeirada, e subiu ao ar grande quantidade de foguetes. A concorrência dos fieis, foi enorme. De tarde sahiu uma grande e magnifica procissão. Á noite houve um brilhante fogo preso, e a musica tocou até ás 12 horas.

O templo ficou sumptuosissimo, com esta restauração.

S. Nicolau

Esta igreja está situada no centro da cidade. É dedicada a S. Nicolau, bispo de Patara. É um templo claro e formoso de trez naves, sobre oito arcos (4 de cada lado) de ordem toscana. Tem capella-mór e duas lateraes (Santissimo sacramento e Sant'Anna.) No corpo da igreja, tem cinco capellas, trez á direita e duas á esquerda de quem entra.

Junto á igreja (ao N.) com communicção interior, está uma grande capella de abobada, dedicada a S. Pedro, apostolo.

(Vide *Ermidas de Santarem.*)

Ignora-se a data da fundação d'esta igreja, porque ardendo, pelos annos de 1600, se queimaram todos os papeis do seu archivo. Sabe-se porém que já existia no seculo XIII.

Foi reedificada em 1613.

Na era de Cesar, 1371 (1333 de Jesus Christo) D. Affonso IV, fez permuta com os testamenteiros de *Marinha Affonso* (Mem Rodrigues de Vasconcellos e João Nunes) do padroado d'esta igreja—que era da tal *Marinha*—com as mesmas regalias que n'ella tinha, pelo padroado das igrejas de *Arganil* e *Pombeiro* (o da provincia do Douro, concelho de Arganil.)

Esta *Marinha Affonso*, e seu marido, *Fernão Rodrigues Re-*

dondo, fundadores da ermida de S. Pedro, contigua á igreja —eram os padroeiros da igreja de S. Nicolau.

Esta troca foi confirmada pelo bispo de Lisboa, D. João Affonso de Brito, na era de 1373. (1335 de Jesus Christo.) Desde então, tomou o parochio d'esta igreja, o titulo de *prior de S. Nicolau e capellão mór das capellas de S. Pedro*.

Quando vagava o priorado, era o novo prior eleito pelos capellães de S. Pedro, chamados, para esta eleição canonica, *ao som de campã tangida*.

Tinha esta igreja seis beneficiados, collados, da apresentação do prior. Este tinha, como parochio, e como capellão-mór de S. Pedro, mais de 400\$000 réis annuaes, nos fructos do priorado—e os beneficiados, nos fructos certos e incertos 80\$000 réis por anno. Os capellães de S. Pedro, tinham annualmente, nos fructos certos e incertos, 60\$000 réis. Eram da nomeação *in solidum* do capellão-mór.

Tem esta freguezia, fóra do cinto das muralhas (*extra-muros*) ao O., os logares do *Rêgo de Mansos* e *Fontainhas*. São casaes, quintas e hortas.

Tinha tambem da outra margem do Tejo (esquerda—Sul) quintas e casaes (uns 70 fogos) pertencentes a esta freguezia. O prior pagava a um cura *ad nutum*, para dizer missa e administrar os sacramentos ao povo d'estes logares. Hoje são d'Almeirim.

Ha n'esta igreja duas irmandades—a do *Santissimo Sacramento*, cuja instituição foi aprovada em 1632—e a do *Menino Jesus*, instituida em 1583, e confirmada no mesmo anno (a 5 de julho) pelo arcebispo de Lisboa, D. Jorge de Almeida. Ambas teem muitas indulgencias.

A capella do Menino Jesus, foi comprada (com licença do ordinario) pela sua irmandade, ao prior e beneficiados d'esta igreja, pela quantia de 45\$000 réis, por escriptura publica, de 31 de outubro de 1719, nas notas do tabellião, Theotonio da Fonseca.

Mais noticias com respeito á egreja matriz de Santa Iria, na Ribeira de Santarem.

Vide *Iria* (Santa) 3.º vol., pag. 399, col. 2.ª—e *Ribeira de Santarem*.

A egreja matriz de Santa Iria—hoje unica parochia da Ribeira de Santarem—está no centro da povoação.

Suppõe-se que já existia no tempo dos godos, e foi reedificada por D. Affonso Henriques, ahi pelos annos de 1160.

A lenda de *Santa Iria*, ou Irène, padroeira d'esta egreja, fica descripta no 6.º vol., pag. 7, col. 1.ª

Já disse no lugar citado, do 3.º vol., que a collegiada da egreja d'Alcáçova, apresentava o vigario. Este era sempre um dos *cónegos* da mesma collegiada.

Alem do vigario, tinha esta egreja oito beneficiados, um cura e um thesoureiro (estes dois ultimos, nomeados e pagos pelo vigario.)

Havia n'esta freguezia trez ermidas—*Nossa Senhora da Gloria*—*Nossa Senhora das Neves*—*Nossa Senhora de Palhaes*.

Dois kilometros ao N., estava o collegio dos padres terceiros da ordem de S. Francisco, do qual já tratei, no lugar competente.

A egreja, foi antigamente do padroado real; porque, em 1280, fez D. Diniz I, doação e permutação, aos *cónegos* d'Alcáçova, dando-lhes o padroado e rendas d'esta egreja, e da de Santa Cruz (então parochial, e tambem na Ribeira) e recebeu os padroados de Alcoentre, Alcoentrinho, e Tagárro, que eram de Santa Iria.

A egreja é de trez naves, sustentadas por 10 columnas (5 de cada lado) de ordem toscana, bem lavradas, e com seus capiteis.

Tem altar-mór e dois lateraes.

A uns 50 metros ao N.E. da egreja, no sitio da *Ribeira de Barcos*, junto á margem direita do Tejo, em frente do *padrão de Santa Iria*, é que esteve a ermida de *Nossa Senhora das Neves*, unida á ermida de Santa Iria.

Noticias relativas ás egrejas matrizes das nove freguezias de Santarem, hoje supprimidas.

Santa Maria d'Alcáçova—D. Affonso Henriques, prometteu aos templarios que o acompanharam em 1147, que se tomasse Santarem, lhes daria todo o seu ecclesiastico, o que cumpriu. Suppõe-se que estes cavalleiros tinham dado principio á fundação d'esta egreja, 52 annos antes, o que todavia não está satisfatoriamente provado. (Vide o anno 1095.) O que é certo é terem elles concluido as obras, sete annos depois da ultima tomada de Santarem. (Vide o anno 1154.)¹

Em 1181, o prior, D. Pedro Annes e seus *cónegos*, repartiram entre si, as rendas d'esta egreja; o que foi confirmado pelo rei D. Affonso II, em 1214.

A 9 de março da era de Cesar, 1318 (28 de abril de 1280 de Jesus Christo) primeiro anno do reinado de D. Diniz, deu este soberano, o padroado da egreja de Alcáçovas, ao *mestre Pedro Chancellor*, medico e clérigo, muito rico, sendo collado pelo cabido, por commissão do 16.º bispo de Lisboa, D. Matheus, que estava então em Roma, tratando de negocios do rei.

(Vide 4.º vol., pag. 269, col. 2.ª, verso).

Os nossos reis habitavam por esse tempo o palacio de Alcáçova, junto á egreja, e esta tinha o privilegio de capella-real; e *mestre Pedro*, que era grande valido de D. Diniz, em attenção ao rei e á familia real, fez grandes obras na egreja, e lhe deu muitas propriedades e fóros, para com isto se sustentarem 17 *cónegos*, 3 dignidades (chante, mestre-escola e thesoureiro) e 4 meios *cónegos*; numero então estabelecido, por autorisação do papa Honorio IV.

Até 1834, o prior d'Alcáçovas, era freire d'Aviz, e este lugar andava sempre na pesoa do sachristão-mór do convento d'esta ordem.

¹ As duas inscripções sepulchraes que vão adiante, fazem-nos suppor, que, no local hoje occupado pela egreja christan, existiu um templo romano, que os templarios demoliram, para construir o actual, ou reedificar o antigo.

No 1.º de novembro de 1280, o bispo de Coimbra, *D. Americo*, e o de Évora, *D. Durando*, fizeram as partilhas entre os conegos, das rendas que á igreja havia dado *mestre Pedro*.

N'esta freguezia, havia trez ermidas—*S. Pedro*, *S. Miguel* e *Nossa Senhora da Conceição*.

A igreja matriz, é de trez naves, sustentadas por columnas de ordem toscana, e interiormente revestida de azulejo muito antigo.

A capella-mór é de abobada, com cintas de marmore, muito bem lavradas.

Do lado do Evangelho, está embebida na parede, uma arca de marmore, onde foi sepultado *D. Rodrigo Affonso*, prior d'esta igreja, e filho bastardo de *D. Affonso III*.

D. Rodrigo, falleceu em 10 de setembro de 1302.

Tem quatro capellas lateraes.

Junto á porta travessa, e ás escadas do côro, está na parede uma sepultura com esta inscripção:

ANNO DOMINICAE MCCXXXVI.
ERA MCCLXXXIII, V. IDUS MAIL.
PIAE RECORDATIONES MENDUS
ALPHONSUS, ORPHANORUM PATER,
VIDUARUM JUDEX, DEFENSOR
ECCLESIAE, ET AMATOR, AC PIUS
HOSPITUM HOSPITALIS FELICITER
MIGRAVIT AD DOMINUM.
ANIMA EJUS REQUIESCAT IN PACE
AMEN.
VIVAT CUM CHRISTO, TUMULO QUI
CLAUDITUR ISTO.

(No anno da Encarnação do Senhor, 1236, era de Cesar, 1274, a 11 de maio, *Mendo Affonso*, de pia memoria, pae dos orphãos, juiz das viuvas, defensor da igreja, amador e pio agasalhador dos hospedes; felizmente passou para o Senhor. Sua alma descance em paz. Amen. Viva com Christo, o que jaz n'esta sepultura.

Em 25 de agosto de 1262, *D. Affonso III*, a rainha *D. Brites*, sua mulher, e seus filhos, *D. Diniz* (depois rei) *D. Affonso*, *D. Branca*, e *D. Sancha*, declaram por uma carta de doa-

ção, que—alem de todos os dizimos dos seus reguengos, que *D. Affonso Henriques* tinha dado a esta igreja, lhe davam mais o seguinte, dizendo—*Quero e ordeno que todas as minhas quintas e propriedades, que ora tenho, ou ao diante, eu e meus successores tiverem, em Santarem e em seu termo, e de todas as lezirias que estão dentro do Tejo, ou na sua ribeira, as quaes eu agora fiz abrir e lavrar, ou d'aqui em diante forem abertas e cultivadas, haja os dizimos a sobredita igreja, em paz e para sempre, assim da minha parte, como de meus successores. E, se algum dos meus parentes, ou estranho, intentar vir contra esta doação de meus paes, e minha, não lhe seja licito, e só pelc intentar, INCORRA NA IRA DE DEUS E DE SUA SANTISSIMA MÃE, E MINHA MALDIÇÃO, PARA SEMPRE, ETC.*

O cabido d'esta collegiada, administrava uma capella, instituida pelo chantre, *Diogo Rebello Barberia*, em 25 de setembro de 1633, com obrigaçao de uma missa quotidiana, de esmola de 60 réis, cada uma.

Junto á porta principal estão duas campas, uma de *Fernão Rodrigues* e seus herdeiros; outra, do licenciado, frei *Manuel de Souza*, parcho d'esta fregrezia.

No adro estão duas lapides romanas, com as seguintes inscripções:

D. M.
M. ANTONI. M. F.
GAL. LVPI. OLISIPONENSIS.
H. S. E.

(Dedicada aos deuses manes. Aqui está sepultado, *Marco Antonio*, militar (?), natural de Lisboa, filho de *Marco Lobo*, da tribu galeria)

D. M.
Q. ANTONI. M. F.
CAI. CELERI.
OLISIPONENSE.

(Aos deuses manes. *Quinto Antonio*, militar (?), filho de *Caio Celerino*, natural de Lisboa.)

Falta-lhe a ultima linha—*H. S. E. (Hic sepultus est—Aqui está sepultado.)*

Eram commendadores d'esta egreja, os condes de Unhão.

Rodrigo Telles de Menezes, conde de Unhão, mandou reedificar á sua custa, esta egreja, por estar ameaçando ruína.

Princiþiam as obras em 1715, e terminaram em 1724.

Esta reedificação foi feita com grande magnificencia.

Santa Cruz. — É na Ribeira, e está esta freguezia unida á de Santa Iria.

Fica ao N. da povoação.

Era apresentada pelos conegos d'Alcaçova, e era collegiada, com cinco beneficiados, e um thesoureiro.

Tambem se ignora a data da sua fundação, mas é certamente dos principios da monarchia, senão anterior a ella.

Vimos na descripção da egreja de Santa Iria, que, em 1280, o rei D. Diniz, deu o padroado d'ella e o d'esta de Santa Cruz, em troca dos padroados de Alcoentre, Alcoentrinho e Tagárro, o que prova que já então era Santa Cruz, egreja matriz, e, provavelmente, ha muitos annos.

É verdade que na egreja está uma inscripção que diz:

AQUI JAZEM OS OSSOS
DE LOURENÇO DOMINGUES MINASTOS,
E DE SUA MULHER, IRIA AFFONSO CAEIRA,
EDIFICADORES D'ESTA EGREJA DA VERA CRUZ.
ERA DE 1681.

Mas, com toda a certeza ha engano na inscripção, dizendo *edificadores*, em vez de *reedificadores*.

No pavimento da capella-mór, estão varias sepulturas.

Eis as inscripções das que se poderam ler:

1.^a

AQUI JAZEM NUNO INFANTE,
CAVALLEIRO, FEITO NA TOMADA DE
ARZILLA; E SEU FILHO, DIOGO NUNES
INFANTE, CAVALLEIRO, FEITO EM
TANGER; DOS ANTIGOS CREADOS DOS
REIS PASSADOS: E JAZERAO SEUS
HERDEIROS.

2.^a

ESTA SEPULTURA É DO MESTRE JOÃO,
VÉDOR QUE FOI, DO SENHOR D. PEDRO,
BISPO DA GUARDA, E PRIOR QUE FOI,
DE SANTA CRUZ DE COIMBRA.
O QUAL FALLECEU, QUINTA FEIRA,
13 DIAS DO MEZ DE MARÇO DE
1516.

Esta inscripção é em letra gothica.

3.^a

SEPULTURA DO LISENCEADO
MANOEL GOMES, E SEUS HERDEIROS;
E N'ELLE JAZ MARIA DA SERRA,
SUA MULHER.

A pedra d'esta sepultura, é bem lavrada e tem duas argollas de bronze.

4.^a

SEPULTURA DE DUARTE SOEIRO,
E DE SEUS HERDEIROS.

5.^a

AQUI JAZ UM CONDE ESTRAGEIRO,
FUNDADOR D'ESTA EGREJA. (?)

Esta sepultura e as seguintes estão na capella-mór.

6.^a

AQUI JAZ ENTERRADO, O MUITO
HONRADO CHRISTOVÃO LOPES,
CAVALLEIRO FEITO EM AFRICA,
E DA CASA DE EL-REI D. JOÃO II.
FALLECEU NO PRIMEIRO DE JANEIRO
DE 1533; E NA QUAL SE NÃO
LANÇARA', SENÃO SEU FILHO,
E HERDEIROS E DESCENDENTES.

Esta inscripção é em letra gothica, como a segunda.

7.^a

SEPULTURA DE ANTONIO JORGE,
FAMILIAR DO SANTO OFFICIO;
E DE SUA MULHER, E HEDEIROS;
E DE SEU FILHO, SIMÃO JORGE LOBO,
CHANTRE DE ALCAÇOVA, E VIGARIO
D'ESTA EGREJA.

8.^a

SEPULTURA DE LUIZ SOARES,
FAMILIAR DO SANTO OFFICIO.
FALLECEU A 24 D'ABRIL, DE 1693.

No corpo da igreja ha ainda varias sepulturas com inscrições—umas illegiveis, outras de pessoas cujos descendentes hoje se ignoram.

Esta igreja foi roubada e profanada em 1834.

Hoje está meia arruinada, e transformada em PALHEIRO!

São Matheus, evangelista—ao N. da Ribeira, no alto, junto á calçada da *Atamárma*, foi construida esta igreja.

Era a mais pequena freguezia da cidade, pois em 1735, tinha apenas 15 fogos, e, em 1768, estava reduzida a 7!

Não tinha sacrario, nem obrigação de côro.

A poucos metros da igreja, se edificou, em tempos antigos, a ermida de Santa Eufemia, que era d'esta freguezia.

Tem a igreja altar-mór e dois lateraes. Eram padroeiros os duques do Cadaval, que apresentavam o parcho.

Podia chamar-se um *beneficio simples*, pois tendo tão poucos fogos, o parcho quasi nada tinha que fazer, e rendia 500 a 600\$000 réis.

O parcho apresentava a igreja de Alcanhões.

São Julião—(antigamente, *S. Gião*, ou *S. Gens*).

É tambem um templo muito antigo, e, pelo menos, do principio da monarchia; mas ignora-se a data da sua fundação, porque em um pavoroso incendio que muito o damnificou, foram queimados todos os seus pa-
peis.

Foi sempre do real padroado, até ao reinado de D. Diniz.

Este monarcha, erigindo o famoso mosteiro de Odivellas, doou ás religiosas d'elle, o padroado da igreja de S. Julião, de Santarem.

Vê-se pois que esta parochia já existia no seculo XIII.

E deve ser das primeiras d'esta povoação por estar *intra-muros*, e foi sempre indepen-

dente—isto é—não era filial de nenhuma das outras de Santarem, antes tinha outras egrejas parochiaes annexas, cujos parochos eram apresentados pelo de S. Julião.

Perderam-se alguns d'estes padroados, e em 1834, só existiam dous—*Valle de Santarem* (primeiro, Nossa Senhora da Conceição, e depois, Senhora da Expectação) 6 kilometros ao O.S.O. da cidade, e junto á *Ponte da Asseca* e *Monsão* (Santa Martha) ¹ ao S. do Tejo.

Em ambas estas freguezias apresentavam os priores de S. Julião, curas annuaes.

Os priores d'esta freguezia, tinham 400 e tantos mil réis de rendimento, mas pagavam de *pensão* annual, ás freiras bernardas, de Odivellas, 60 alqueires de trigo e 40 de cevada.

Havia aqui cinco *beneficios simples*, dados pelos pontífices, com o rendimento annual de 130\$000 réis cada um.

Tinha mais, um capellão, obrigado a rezar no côro (instituição do padre *Mulano*, beneficiado da mesma igreja, e natural de Santarem) com 80\$000 réis annuaes.

Outro capellão, creado por Bernardo de Souza Fróes, com a mesma obrigação e igual rendimento.

A fabrica pagava ao thesoureiro e ao ornista.

Igreja pequena, de trez naves, e revelando muita antiguidade; mas a capella-mór já não é a primitiva: foi reconstruida depois do incendio de que fallei.

É de abobada.

Este templo mostra ser construcção (ou, pelo menos, reconstrucção) regia, pois que em muitas partes do tecto se veem as armas de Portugal.

As paredes interiores, são revestidas de azulejos.

Tem a irmandade do S.S. Sacramento, instituida por o padre Gregorio Roque d'Almeida, prior d'esta igreja, que lhe deixou bastantes rendas.

¹ Hoje o nome official d'esta freguezia, é *Bemfica*, ou *Monsão de Bemfica*, no concelho d'Almeirim, comarca de Chamusca.
(Vide *Monsão de Bemfica*.)

—
S. Lourenço—egreja situada no fim da povoação, no bairro do *Pereiro*.

Era priorado da mitra da diocese Oriental de Lisboa, obtido por concurso synodal.

Em 1735, tinha 16 fogos, e em 1768, tinha 28.

Tambem se podia considerar *beneficio simples*, porque os priores, tendo tão poucos freguezes, tinham 400\$000 réis de rendimento.

Foi em tempos antigos collegiada, e os seus limites chegavam ao campo da Chamusca, nos sitios chamados *Taváres*, *Távareinhos*, e *Montijo*; o que consta de uma sentença, dada por D. Estevam d'Aguiar, D. abade do real mosteiro d'Alcobaça, em 1442.

N'esta sentença se mandou partir os dizimos entre esta igreja de S. Lourenço, e a de Santa Maria d'Ulme, hoje concelho da Chamusca.

(Então ainda a actual villa e freguezia da Chamusca, era uma aldeia da freguezia de Ulme.)

(Vide *Chamusca*.)

A igreja de S. Lourenço, era de uma só nave, e pequena, com altar-mór e dois no corpo da igreja.

No districto d'esta freguezia, estava o mosteiro de S. João do Pereiro, de frades arrabidos.

Tambem era n'esta freguezia a ermida de Nossa Senhora Madre de Deus, vulgarmente *Nossa Senhora da Vallada*.

—
Depois de roubada e profanada em 1834, foi esta igreja arrazada de tal maneira, que hoje nem se sabe com exactidão o lugar onde existiu.

S. Thiago — Esta igreja, foi construida junto á calçada que corre da povoação para o E., e que porisso se chama *Calçada de S. Thiago*. Contigua a esta freguezia, fica, logo abaixo, a de Santa Iria, da Ribeira.

Apezar de estar no centro da diocese Oriental de Lisboa, era a sua jurisdição independente, por pertencer á prelazia de Thomar, até 1834. Hoje está annexa ao patriarchado.

Esta freguezia, que em 1735 tinha 39 fogos, em 1768 já não tinha senão 17.

A igreja era pequena e de uma só nave, com altar-mór e dois lateraes.

Os parochos foram priores até 1537, e recebiam todos os dizimos; mas d'esse anno em diante, ficaram sendo vigarios, porque, com os dizimos se creou uma commenda da ordem de Christo.

Tinha cinco beneficiados, collados, freires da mesma ordem de Christo, apresentados pelo rei, como grão-mestre da ordem, o qual tambem apresentava os vigarios. Estes beneficios eram *simples*, e nunca servidos por os seus proprietarios, mas por ecónomos, que rezavam em côro e assistiam aos officios divinos.

O ultimo que teve aqui o titulo de prior, foi frei Diogo do Régo, virtuosissimo religioso, e que tinha sido D. prior do real mosteiro de Thomar.

—
Os priores do convento de Christo, no fim do seu trienio, em Thomar, vinham ser priores d'esta igreja, até que D. João III, a 26 de agosto do dito anno de 1537, fez troca com os frades de Thomar, dando-lhes a commenda da Cardiga, que vagára por fallecimento do commendador, frei Nuno Furtado, por esta de S. Thiago, a qual, n'esse mesmo anno, deu a frei André Telles de Menezes, fidalgo da sua casa. Esta commenda era depois, dos monteiros-móres do reino.¹

Mas os commendadores da Cardiga ficaram obrigados a dar ao vigario de S. Thiago, 12\$000 réis por anno.

É bastante curiosa a carta regia pela qual D. João III fez esta troca; mas, como é muito extensa, só copio o seguinte:

«D. João, etc., como governador e administrador que sou da ordem e cavallaria do mestrado de Nosso Senhor Jesus Christo; faço saber a quantos esta carta virem, que, quando mandei reformar o convento de Thomar, da dita ordem, passei uma minha provisão, porque me prouve, que por falleci-

¹ A commenda da Cardiga, era constituida pela quinta do mesmo nome, na villa da Gollegan. Vide esta ultima palavra.

mento de frei Diogo do Régo, que foi D. prior do dito convento, e prior da igreja de S. Thiago, de Santarem, que é da dita ordem, e da apresentação dos mestres e governadores d'ella.....

E, sendo vaga a commenda da Cardiga, por fallecimento de frei Nuno Furtado, que d'ella foi ultimo commendador, e vendo que, *por a dita commenda estar tão perto do dito convento, e lhe ser muito necessaria para sua grangearia, e ter disposição para n'ella trazer todo o gado para mantença da casa.*

.....
o dito prior e freiras, renunciaram a dita igreja de S. Thiago, pela qual renunciação, ficou vaga.....

E elle (frei André Telles) deixou as duas commendas, de S. Gião, de Cambra, e de Santa Maria da Ventosa¹ que tinha que são das cincoenta commendas das igrejas do meu padroado, etc.....

Francisco Pires a fez, em Evora, a 26 dias de agosto, anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, 1537.—E eu Jorge Rodrigues, a subscrevi. »

Tambem no archivo d'esta igreja existiu outro alvará, pelo qual o mesmo D. João III, faz mercê da commenda de S. Thiago, a Ruy Telles da Silva, filho primogenito de André Telles de Menezes, por fallecimento d'este. O alvará é de 5 de dezembro de 1538, e portanto o primeiro commendador só desfructou a commenda 15 mezes.

Posto ignorar-se o anno da fundação d'esta igreja, sabe-se que foi no reinado de D. Affonso Henriques, e que foi logo igreja parochial. Foi primeiramente dos templarios, e é muito provavel que fossem elles os seus fundadores. Mesmo depois das contendas com o bispo de Lisboa, D. Gilberto (vide o anno 1159) ficou esta igreja sendo isenta do mosteiro e prelazia de Thomar, porque assim se collige de um alvará do rei D. Diniz, pas-

¹ É a actual freguezia de Cambra, no concelho de Vouseila. (Vide a 3.^a Cambra.)

A freguezia de Santa Maria da Ventosa, pertence tambem ao mesmo concelho de Vouseila.

sado em maio da era de 1323 (1285 de Jesus Christo) no qual o rei confirma todos os privilegios concedidos por seus antecessores, aos templarios, com respeito a esta e a todas as outras igrejas d'esta ordem. Eis a razão porque esta igreja veio, em 1319, a ser commenda de Christo.¹

Outro alvará de D. Affonso V, passado em Santarem, a 27 de fevereiro de 1449, confirma o anterior, feito aos templarios, em favor da ordem de Christo, da qual era então grão-mestre, o infante D. Henrique (o de Sagres) duque de Viseu, senhor da Covilhan, tio do rei, por ser 5.^o filho de D. João I.

Ambos estes alvarás estavam archivados no cartorio da igreja de S. Thiago.

Na capella-mór d'esta igreja, estavam duas sepulturas, ambas mettidas na parede, do lado do Evangelho.

Eis as suas inscripções :

1.^a

AQUI JAZ O DOCTOR DIOGO DO REGO,
DO DESEMBARGO D'EL-REI NOSSO SENHOR,
E DO SEU CONSELHO; DOM PRIOR
DESTA EGREJA. FINOU A NOVE DE
MAIO DE MIL QUINHENTOS E
TRINTA E SEIS ANNOS.

Esta sepultura era de marmore, muito bem lavrada. Foi aberta em 1695, e se achou o corpo do defunto inteiro e incorrupto.

2.^a

A SEPULTURA D'ESTA CAPELLA-MÓR,
É DE ANTONIO DIAS MONTEIRO,
CAVALLEIRO FIDALGO, DA CASA DE
SUA Magestade, E SEU MONTEIRO-
MÓR D'ESTA VILLA—E DE SUA
MULHER, E HERDEIROS.
TEM MISSA QUOTIDIANA POR
SUAS ALMAS, PARA SEMPRE,
COM MAIS UMA CANTADA.
PEDE UMA AVE MARIA PELA SUA
ALMA, E DA DITA SUA MULHER,
CATHARINA CARDOSA.

¹ Já tenho dito em mais de um lugar d'esta obra, que a ordem do Templo foi supprimida em 1311, e D. Diniz instituiu a ordem de Christo, para herdeira d'aquella, e lhe deu quasi tudo quanto era dos templarios, assim como todas as suas honras, isenções e privilegios.

Para possuírem este jazigo de família, lhes foi dada licença, por uma provisão de Philippe IV, passada em Lisboa, a 22 de janeiro de 1620.

No corpo da igreja, foram enterrados os seguintes indivíduos, o que constava das respectivas inscrições :

Olicenciado, Antonio Toscano, vigário d'esta igreja, fallecido de 99 annos.

João Lopes, também vigário d'esta igreja—*Francisco Lopes*, idem.

Nicolau Paes, escrivão do almoxarifado e coutados de Santarem, e seus herdeiros.

Padre João de Lemos Mascarenhas, «que serviu esta igreja (diz a inscrição) trinta annos, com satisfação; e seu irmão, frei *Amaro de Lemos Mascarenhas*, indigno sacerdote. Pedem uma Ave Maria. Anno de 1675.»

Depois de roubada e profanada esta igreja, em 1834, foi arrazada até aos fundamentos, sem que hoje d'ella haja o minimo vestigio.

S. João do Alfange—A povoação do Alfange, fica junto á margem direita do Tejo, e n'ella está a igreja de *S. João Baptista*, que foi matriz d'este bairro.

O vigário era apresentado pela collegiada d'Alcáçova, que nomeava sempre um dos seus *conegos*, para esta parochia.

Esta igreja foi antigamente do real padroado, mas, em 1254, D. Affonso III, deu áquella collegiada, os padroados d'esta igreja de *S. João*, da de *S. Pedro*, e da de *S. Bartholomeu*.

A igreja é pequena e a maior parte dos seus parochianos, eram barqueiros e pescadores.

Tinha trez beneficiados, da nomeação da collegiada d'Alcáçova, e um thesoureiro nomeado pelo vigário.

Como acontece com a maior parte das igrejas matrizes de Santarem, ignora-se a data da fundação d'esta, só se sabe que é antiquissima e provavelmente fundada por D. Affonso I, ou durante o seu reinado.

Quando tratar da capella de *S. Bartholomeu dos cavalleiros*, direi mais alguma cou-

sa relativa a esta igreja, o que agora não faço para evitar aborrecidas repetições.

A igreja de *S. João do Alfange*, ainda está aberta ao culto, e n'ella se diz missa nos dias santificados; mas acha-se na maior pobreza, quanto a alfaia para o culto divino; sem limpeza, e ameaçando proxima ruina.

S. Martinho, bispo — Esta igreja ficava dentro dos muros, da parte do N.E. da povoação.

• O templo primitivo, era antiquissimo, e estando em grande ruina se demoliu, em 1715, para se construir o novo, junto ao logar do antigo.

Lançou-se a primeira pedra, a 9 de maio de 1716, concluindo-se as obras em 1745. A primeira era sagrada.

Na pedra fundamental, se gravou uma inscrição que é a mesma que se lia no cunhal da esquerda, de quem entra, e dizia :

MARTINO RENOVATUM Á PARTU
VIRGINIS ALMAE MILLE SUPER-
NUMERABIS, MOX QUOQUE
SAECULA SEPTEM, BIS QUOQUE
ANNOS OCTO LAPIS HIC MONU-
MENTA RELINQUIT, LUCE NONA
MAII, QUAE SIT MEMORABILIS AEVO.

A igreja era pequena, de uma só nave, e toda de abobada de tijolo. Tinha altar-mór e dois lateraes.

O frontespicio, era de boa cantaria lavrada, com duas torres de sinos, e entre ellas, uma espaçosa varanda.

No centro do pavimento da capella-mór, estava uma campa com esta inscrição:

AQUI JAZ PEDRO SEBASTIÃO DIAS
CAMELLO, PRIOR QUE FOI VINTE
E UM ANNOS; NA EGREJA DE
S. LOURENÇO, E VIGARIO D'ESTA,
TRINTA E NOUE. PEDE, PELO AMOR
DE CHRISTANDADE, UM PADRE NOSSO.

Na antiga igreja estava uma campa que foi mudada para a nova, e da sua inscrição só se podia lér:

SEPULTURA DO MESTRE MENDO,
QUE DEIXOU QUARENTA E OITO
.....RENDA EM MONÇÃO
.....AOS BENEFICIADOS IN SOLIDUM.

No adro, junto á porta travessa, estava um carneiro, mandado fazer pelo padre Manuel Dias da Costa, que foi prior d'esta igreja.

Esta igreja era do real padroado, e o rei D. Diniz a deu aos bispos de Lisboa, sendo seu primeiro donatario, o bispo, D. João Martins de Soalhães.

Depois, passou a commendatarios, e foi o ultimo, o morgado d'Oliveira, João Pedro de Saldanha; mas o direito da apresentação ficou sendo sempre da mitra, por concurso synodal.

Tinha quatro beneficiados, da nomeação do prior, cada um com 200\$000 réis de rendimento annual. Tinha tambem um thesourero, apresentado *in solidum* pelo prior.

Havia n'esta freguezia trez ermidas—S. João Baptista (o famoso templo de S. João d'Alporão) a uns 15 metros da igreja matriz—Santo Ildefonso e Senhora da Boa-Hora.

Era curato da apresentação, *in solidum*, do prior d'esta igreja, a freguezia de Nossa Senhora da Conceição, da Varzea, 7 kilometros ao N. de Santarem, e do seu concelho.

Antigamente, era a igreja da freguezia de S. Vicente do Paúl (concelho de Santarem) filial d'esta de S. Martinho, cujo prior e raçoeiros nomeavam o cura d'aquella e recebiam trez quartas partes dos dizimos do Paúl.

O primeiro documento que existe d'este padroado, é do tempo de D. Diniz, porque D. Pedro I, diz em uma carta regia—*Mando que se conserve a carta d'el-rei D. Diniz, meu avô, e que o prior de S. Martinho seja conservado na posse da igreja de S. Vicente do Paúl, etc.*

Pelo meiado do seculo 17.º, o prior de S. Martinho, renunciou o direito de apresentação da igreja do Prúl, que ficou sendo da mitra, e depois passou a commendatarios seculares.

Mas o prior de S. Martinho, continuou a receber a quarta parte dos dizimos dos fructos do Paúl, e todo o dizimo das *aves de penna*.

Exactamente o mesmo recebia o prior, da freguezia de S. Domingos de Valle de Figueira, tambem do concelho de Santarem.

Como acabamos de vér, ere esta igreja de S. Martinho, muito antiga, mas tambem se ignora a data da sua fundação. Segundo a tradição, já existia no tempo dos gódos, e os árabes a converteram em mesquita, no seculo 8.º, sendo purificada e aberta ao culto catholico no seculo 12.º

Foi este antiquissimo templo, que se demoliu em 1745, para se construir o novo, como vimos no principio d'este artigo.

Era no districto d'esta freguezia, e a uns 30 metros ao N. da igreja-matriz, que o rei D. Manuel construiu a celebre e altissima *torre das Cabaças*. É quadrada, de boa e robusta alvenaria, com cunhaes de grossa cantaria, fechada por uma abobada convexa, tendo no centro, o grande sino do relógio.

Ha tambem n'esta freguezia duas fontes de boa agua nativa.

A primeira, pouco abundante, mas perenne, está ao cimo de um pomar e hortas, em uma ladeira ingreme, que tudo pertenceu á sumptuosa casa que aqui tiveram os condes d'Obidos, e que está ao cimo da propriedade, que continuava com a igreja.

Logo ao principio da descida da referida ladeira, está uma casa subterranea, que o vulgo denomina *casa dos mouros*. É de abobada de tijolo, e a porta da entrada é de boa cantaria bem lavrada, denotando muita antiguidade. Segundo a tradição—corroborada pelo seu nome—é obra dos árabes, mas a sua architectura indica ser obra romana, por ser de ordem dorica, combinada com a toscana. Todavia, não falta quem diga que é obra mais moderna, mandada fazer pelos primeiros condes d'Obidos.

A segunda fonte d'esta freguezia, é em outra ladeira que confina com a antecedente, e fica perto do palacio que foi dos condes de Tarouca.

Pelo S.E. confinava esta freguezia com a de Alcáçova; que antigamente era o castello da villa, cercado de muros fortissimos.

Este castello estava ainda no seculo XII,

separado da povoação, mas, com o augmento d'esta, veio a ficar unido a ella.

Para o N.O., atravez da calçada que vae para o Alfange, havia uma ponte levadiça (ainda ao sitio se dá o nome de *Ponte*) sobre o fosso da entrada da porta do castello.

Na parte mais elevada d'este logar, onde estão umas casas que foram dos Peixotos da Silva, provedores das lezirias, existiu a antiga *torre do Bufo*.

Era tão alta, que d'ella se via a olho desarmado, e em tempo claro, o castello de S. Jorge de Lisboa.

Foi demolida no fim do seculo XVII, para com os seus materiaes se construir um lanço de muralhas.

Em 1834, roubaram a esta igreja a maior parte dos objectos do culto.

Depois, foram-lhe roubando a cantaria da cornija e cunhaes, até que, por fim, foram vendidos os restos a uma *associação* que alli anda construindo (setembro de 1879) um club e um theatro—cousas muito mais necessarias para a instrucção e moralisação do povo, do que uma igreja catholica...

Santo Estevam, proto-martyr vulgarmente, *Santo Milagre*—está fundada no sitio mais alto de Santarem, dentro dos muros que cercam a principal povoação.

Tambem se ignora a data da sua construcção, só se sabe que é antiquissima.

De um pergaminho existente no cartorio d'esta igreja, consta que já era parochial, e priorado, em 1240.

Sabe-se tambem, que foi sagrada, a 16 de fevereiro de 1241.

Suppõe-se que foi elevada a matriz, em 1240.

Foi sempre do padroado das rainhas, que apresentavam o prior.

Tinha 8 beneficiados que o prior apresentava.

O paroco tinha de rendimento annual 400 e tantos mil réis, mas d'elles pagava 80\$000 réis de pensão á mitra, e tambem tinha obrigação de pagar os sermões de quaresma.

Os beneficiados tinham cada um 70\$000 réis por anno.

O templo é pequeno, de trez naves, sustentadas por 10 columnas, de ordem toscana, cinco de cada lado, tudo de bôa cantaria, com suas esculpturas, e entre ellas, varios bustos.

Tem altar-mór e dois lateraes.

No altar-mór, em um bonito sacrario, está o *Santo Milagre*.

De cada lado estão dois quadros a óleo, representando o milagre da sagrada particula—no 1.º, está a mulher, recebendo a communhão—no 2.º, vae ella com a hostia envolta na *beatilha*, derramando algumas pingas de sangue—no 3.º, está a arca, da qual sahem resplandores, cercados por seraphins—no 4.º, se figura a procissão, recolhendo á igreja com o Santo Milagre. (Vide o anno 1266.)

Por baixo do 2.º quadro, em letras douradas se lê:

MANDOU DOURAR A HISTORIA
DO SANTO MILAGRE, A GRANDE
PORTUGUEZA, MARIA PINTA
DE GOUVEIA. ANNO DE 1646.

Ha aqui duas irmandades—a do Santissimo Milagre—e a do Senhor Jesus do Terço.

Na primeira entravam as pessoas reaes, e os principaes cavalheiros de Santarem e de muitas terras da Extremadura.

Os irmãos teem os mesmos privilegios, graças e indulgencias da irmandade do SS, da Sé de Lisboa, o que lhe foi concedido por bulla do papa Gregorio XIV, no 1.º (e ultimo) anno do seu pontificado (1590.)

A irmandade do Senhor Jesus do Terço, foi instituida na capella de S. Marçal, mas os irmãos tiraram o santo do throno, e pizeram em seu logar, uma imagem de Jesus Christo Crucificado; e desde então tomou o altar a denominação de Senhor do Terço.

Antigamente, sahiam os irmãos todas as 4.ªs feiras, com o Senhor Jesus em procissão, pelas ruas da freguezia e á noite se rezava o terço de Nossa Senhora.

E em todos os domingos sahia a mesma procissão, percorrendo as mesmas ruas, cantando o terço do Santissimo Sacramento.

Esta irmandade, foi erecta em 1729, e confirmada pelo cabido, a 23 de julho do mesmo anno.

O seu altar é privilegiado em todas as quintas feiras do anno, por breve apostolico de Benedicto XIII, do mesmo anno de 1729.

Na mesma igreja se fazia todos os annos, a 27 de janeiro, um anniversario pelas almas de D. Affonso III, e de seu filho, o rei D. Diniz.

D. Affonso VI, mandou, á sua custa, fazer contigua a esta igreja, uma casa magestosa, chamada da *Via-Sacra*, na qual se mostrava o Santo Milagre ás pessoas que para isso obtinham provisão do ordinario. N'esta casa existe uma lapide que diz:

O SERENISSIMO REI D. AFFONSO SEXTO,
MANDOU FAZER ESTA OBRA, PELO
MARQUEZ DE MARIALVA, DOS SEUS
CONSELHOS DE ESTADO E GUERRA, E
VÉDOR DA SUA FAZENDA, GOVERNADOR
DAS ARMAS DA CORTE E
CIDADE DE LISBOA, DE CASCAES E DAS
COMARCAS DA EXTREMADURA.
CORREU COM ESTA OBRA, O DOUTOR
FRANCISCO SOARES, SENDO PROVIDOR
D'ESTA COMARCA; E DOM MANUEL
DE CASTRO, PRIOR D'ESTA EGREJA.
NO ANNO DE 1660.

Além de varias obrigações de anniversarios, ha n'esta igreja seis capellas de missas, e são:

1.^a, instituida por D. Gonçalo Lourenço, conego de Placencia e beneficiado d'esta igreja, com missa quotidiana.

Não se sabe quando foi instituida.

Só existe uma escriptura de composição, feita entre Nuno Alvares de Mariz, então administrador da capella, e o prior D. Fernando de Menezes, e mais beneficiados, sobre o preço das missas, feita em 1589.

2.^a, instituida por D. Catharina Tosse, viuva de Pedro Tosse, em 1373.

Tem missa quotidiana, paga pelo rendimento de umas terras no campo da Gollegan.

3.^a, instituida por Maria de Oliveira Bolhão, em 1658, com missa quotidiana, de esmola de 120 réis cada missa, tirada da 4.^a

parte do rendimento das suas fazendas. É administrada pela Misericordia.

4.^a, instituida em 1695, pelo padre Manuel dos Santos.

É de missa quotidiana, dita no altar da Senhora da Apresentação.

É administrada pelo beneficiado mais velho d'esta igreja.

5.^a, instituida por Luiz Borges da Silva. Tem missa quotidiana pela alma do instituidor, que deixou para ella 40\$000 réis, e 4\$000 réis para a fábrica.

6.^a, instituida por Gregorio Velloso. É de seis missas cada semana, da esmola de 100 réis cada uma.

É administrada pela Misericordia.

Ignora-se a data da instituição d'estas duas ultimas capellas, só se sabe que é muito antiga.

Inscripções das principaes sepulturas d'esta igreja

1.^a

AQUI JAZ LOURENÇO GONÇALVES,
CAVALLEIRO, QUE DEIXOU A QUINTA
DOS CHAVÕES, Á FÁBRICA D'ESTA EGREJA,
O QUAL ESTAVA FÓRA ENTERRADO,
E PASSAMOL'O AQUI, QUANDO SE
FEZ A TORRE.

2.^a

SEPULTURA PERPÉTUA, DE
FRANCISCO FELIZ ARANHA,
E DE SUA MULHER, MARIA
FERREIRA DE SEQUEIRA, E
DE SEUS HERDEIROS.

3.^a

SEPULTURA DE ROQUE GARCIA
GODIM, E DE SEUS HERDEIROS
NA QUAL JAZ SUA MÃE E
AVÓ, ENTERRADOS. FEITA NA
ERA DE 1623.
PEDEM A TODOS, UM PADRE
NOSSO E UMA AVE-MARIA.
DA GERAÇÃO DOS PANTANAS.

SEPULTURA DE GASPAR BULHÃO,
E DE SUA MULHER, LEONOR DE
OLIVEIRA, E DE SEUS HERDEIROS.
1638.

SEPULTURA DE MANOEL SEIXO GAYO,
E DE SUA MULHER, SIMOA RI-
BEIRA CORREIA, E DE SEUS HERDEIROS.

Esta campa tem um escudo das armas
dos Gayos.

SEPULTURA DO PADRE GIL AFFONSO,
BENEFICIADO D'ESTA EGREJA, QUE
FEZ UMA CAPELLA DE TODOS OS
SEUS BENS, E DEIXOU POR ADMI-
NISTRADORES, O JUIZ E MÓRDOMOS
DO SANTÍSSIMO MILAGRE, E QUE
A RENDA DE TODA A SUA FAZENDA
SE FIZESSE EM QUATRO PARTES—
AS TREZ, FOSSE PARA MISSAS,
E A QUARTA PARTE, PARA CERA
DO SANTÍSSIMO MILAGRE.
E QUE OS DITOS OFFICIAES FIZESSEM
UM APONTADOR, QUE APONTASSE
AS DITAS MISSAS, COM JURAMENTO.
FALLECEU A 26 DE JULHO DE 1548.

SEPULTURA DOS PADRES FRANCISCO
GOMES, ANTONIO GOMES, E MANOEL
DOS SANTOS, BENEFICIADOS D'ESTA EGREJA,
1686.

SEPULTURA DE ANTONIO PROENÇA,
PRIOR DE NOSSA SENHORA DE AL-
MOSTER. BENEFICIADO D'ESTA EGREJA,
E DE SEUS SOBRINHOS.

SEPULTURA DE ANDRÉ VAZ E DA
SUA MULHER, CATHARINA SOARES,
E DE SEUS FILHOS.

AQUI JAZ DUARTE VELHO, CAVAL-
LEIRO DA ORDEM DE AVIZ, E
SEUS HERDEIROS.
1553.

AQUI JAZ ANDRÉ PINTO, E SUA
MULHER, LEONOR DE MACEDO, E
SEU TIO, MIGUEL PINTO, CUJA É
PERPETUA; E DE SEUS HERDEIROS.

Todas estas sepulturas estão no corpo da
egreja.

Na capella-mór estão as quatro seguin-
tes :

SEPULTURA DE D. FRANCISCO LOBO DA SILVEIRA,
PRIOR D'ESTA EGREJA; EM A QUAL JAZ SUA IRMAN,
DONA ANTONIA DE ZUNIGA, A QUAL FALLECEU
A CINCO DE NOVEMBRO DE 1637.

SEPULTURA DO DOUTOR, LUIZ DA SILVA
DE BRITO, PRIOR QUE FOI D'ESTA EGREJA,
PROTONOTARIO APOSTOLICO, CONEGO
PENITENCIARIO NA SÉ DE ÉVORA,
VIGARIO-GERAL, PROVISOR, E GOVER-
NADOR, MUITAS VEZES, NO ARCEBISPADO
DE ÉVORA, POR ESPAÇO DE 26 ANNOS.
1630.

Tem o brazão d'armas dos Silvas e Bri-
tos.

ESTA SEPULTURA, É DE CHRISTOVAM
DE BOBADILHA, QUE FOI PRIOR DESTA
EGREJA. FALLECEU AO DOMINGO, DÉS
DIAS DO MEZ DE NOVEMBRO DA
ERA DE 1527.

SEPULTURA PERPETUA DO DOUTOR,
LUIZ MENDES DE MACEDO, PRIOR
QUE FOI D'ESTA EGREJA, E PROTONOTA-
RIO DA SÉ APOSTOLICA. PARA ELLE
SÓMENTE. FALLECEU A 31 DE JULHO
DE 1617.

Esta igreja—*por milagre do Santo Mila-
gre*—ainda se acha em bom estado e ador-
nada com muita decencia, devido a existir
n'ella o *Paladium* dos santarenos.

As collegiadas de Santarem, foram todas
supprimidas em 1834, ou pouco depois.

Ermidas de Santarem

1.^a—*S. Sebastião*—Junto ao mosteiro da Senhora da Piedade.

Era administrada pela camara.

Foi fundada por D. Manuel I, lançando-se-lhe a 1.^a pedra a 25 de novembro de 1505, durante uma terrivel peste que então houve em Portugal.

(Já em 1503, tinha havido outra peste que matou bastante gente, porem menos que a de 1505.)

O 1.^o tecto da ermida, era de madeira, e cahiu em 1720, mas foi logo feito um novo, de abobada de tijolo.

A imagem do santo, é de pedra, e muito antiga.

Tem 1,^m50 de alto.

É no districto da freguezia do Salvador.

Esta capella, foi sacrilegamente profanada em 1834, e serviu por alguns annos de celeiro.

Hoje está transformada... em COCHEIRA!!!

O mais escandaloso é conservar ainda todos os signaes exteriores de capella.

(Vide *collegio da Companhia de Jesus*.)

—

2.^a—*Espirito Santo*— Junto ao mosteiro da Trindade.

Teve merceeiras.

Foi mandada construir pelos fidalgos, em 1643; estando então a corte em Santarem.

Tinha altar-mór, e dois lateraes.

Éra um templo grande e bonito. É na mesma freguezia.

Foi sacrilegamente profanada depois de 1834, e hoje é um PALHEIRO!

—

3.^a—*Espirito Santo* (outra)—por traz da antecedente.

Ambas eram administradas pela Misericordia.

Foi fundada pelos irmãos, em 1498.

Cahiu o corpo da igreja, pelos annos de 1700, e só ficou a capella-mór, que era de abobada de tijolo.

N'esta ermida se fazia antigamente uma grande festa, para a qual davam os reis, dous touros, ou 16\$000 réis.

Depois, este dinheiro (que era pago pelo almoxarifado) foi applicado para a fabrica da ermida.

Era na mesma freguezia.

Foi arrazada depois de 1834, e d'ella nem vestigios ha hoje.

—

4.^a—*Nossa Senhora do Monte*—Está em um cabêço, entre oliveas, proximo e ao N. da cidade, no mesmo districto da freguezia do Salvador.

Consta por tradição, ser fundada durante o reinado de D. Affonso Henriques.

Era administrada pela camara.

No sitio onde está fundada, existiu antigamente o *hospital dos gafos*, que o mesmo soberano havia fundado, e que em 1292 se mudou para S. Lazaro!

Tem uma irmandade.

Tem capella-mór, e trez altares lateraes.

O corpo da igreja tem 20 metros de comprimento e 7 de largo.

A capella-mór, tem 5,^m50 de comprimento, e o mesmo de largo.

As paredes interiores, são, d'alto a baixo revestidas de azulejos muito antigos.

O tecto da capella-mór é de tijolo.

(A ermida da Senhora do Monte ficou depois a fazer parte da igreja dos Trinos.)

—

Foram aqui sepultados varios individuos; eis algumas das inscrições sepulchraes:

1.^a

AQUI JAZ AYRES LOPES DE SYQUEIRA,
COMMENDADOR DA ORDEM DE
CHRISTO, O QUAL FOY PROVEDOR
QUARENTA ANNOS, DE S. LAZARO,
A QUE ESTA ERMIDA É ANNEXA,
E N'ELLA SE MANDOU SEPULTAR
POR SUA DEVOÇÃO. FALLECEU
A TRES DE ABRIL, DE 1573.

2.^a

SEPULTURA DE ALDONÇA RODRIGUES,
QUE DEIXOU SEUS BENS A ESTA
CONFRARIA DE N. SENHORA.
FALLECEU A TRES DE FEVEREIRO, NA
ERA DE 1426.

3.^a

AD VIRGINIS LAUDEM CONSTRUCTUM
EST OPUS JUSSU LUPI DE SOUSA
CONTIGNI. MENSE OCTOBRI, ANNO
DOMINI, 1533.

Sobre a porta travessa está a seguinte
inscrição :

ESTE PORTAL, E OS ASSENTOS DO CORO,
MANDOU FAZER AYRES LOPES DE
SYQUEIRA, PROVEDOR DE S. LAZARO,
A' CUSTA DA MESMA CASA,
NO ANNO DE 1553.

Esta ermida não tem frontespicio elevado, porque lhe corre *mística*, uma columnata, que lhe fórma o atrio, em todo o comprimento do templo.

São 15 as columnas que sustentam o tecto do atrio, todas eguaes, e de ordem jonica.

Tem duas entradas o átrio, a da porta principal e a da travessa.

Além das 15 columnas, que são redondas, tem quatro áticas, quadradas, na porta principal.

Esta capella ainda existe com culto, e tem uma irmandade, que cuida da sua conservação e aceio. Pertence hoje á freguezia do Salvador.

5.^a—*Nossa Senhora da Assumpção*—Ficava por traz da capella-mór da antecedente, e era unida a ella (*paredes meias*) mas com serventia áparte.

A imagem da padroeira, era de marmore, e de 1,^m10 d'alto.

Esta ermida era tão antiga como a antecedente, e também fundação de D. Affonso Henriques.

A imagem da Senhora, segundo a lenda, foi achada n'este mesmo sitio.

Era na mesma freguezia.

Esta capella, e um grupo de casas contiguas a ella, não são hoje mais do que um

montão de ruínas—como a maior parte do antigo bairro das Alcáçovas!

6.^a—*Nova Senhora da Piedade*—No local onde depois se fundou a igreja do mosteiro dos agostinhos descalços, havia antigamente uma porta das muralhas (no sitio onde se construiu a capella-mór) cingida de torres, e d'aqui corria o muro até aos paços reaes, onde depois se fundou o collegio dos jesuitas; e outro, pelo N.E., descendo o monte até á antiga fonte das Figueiras (e por isso áquella porta se chamava *das Figueiras*, ou *Porta falsa*.)

Da parte esquerda (E.) estava sobre a muralha, uma ermida, dedicada a Nossa Senhora de Guadalupe, com seu eirado, e a *torre dos vinte e quatro*, ou *dos mestéres*. Tudo isto corria para o nascente.

Não se sabe quem mandou construir aquella ermida, mas é, com certeza, dos primeiros seculos da monarchia.

D. Affonso VI, para edificar a igreja de Nossa Senhora da Piedade, mandou demolir a tal ermida. Mettia-se de permeio o eirado, seguindo-se a torre dos mestéres, que estava sobre a casa que depois foi portaria do mosteiro. Esta torre era grande, e foi n'ella que se estabeleceu a casa da supplicação, antes de passar para os *vinte e quatro*, e por fim, para a camara.

Para se fazer a igreja da Senhora da Piedade, mandou D. Affonso VI demolir a torre, e construir a casa dos vinte e quatro, na praça, em frente do senado da camara.

Ainda havia outras casas sobre as muralhas, n'este logar, para o lado do sul, e dos seus telhados se enchia uma cisterna, com tanta abundancia d'agua que fornecia grande parte da população. Esta cisterna, veio a ficar na cerca do mosteiro, ao N. da villa.

Debaixo d'estas casas e muralhas, havia a porta que já disse, da qual descia uma calçada para a tal fonte das Figueiras, e D. Manuel I a mandou tapar, de pedra e cal, até ao meio da sua altura; e, querendo depois abrir serventia, por este lado, para a torre dos mestéres, se construiu uma escada de tijolo, pela parte da nova igreja, junto do arco da porta do muro.

D. João III, deu o campo onde estava a cis-

terna, a D. Aleixo de Menezes, seu chanceler-mór, progenitor dos condes de S. Thiago, passando a propriedade a seus filhos. Passados tempos, os frades compraram a D. Lourenço de Souza de Menezes, conde de S. Thiago, o campo, que ficou sendo cêrca do mosteiro.

Fechada a porta das Figueiras, o rei D. Manuel, mandou abrir outra, para o *Chão da Feira*. Esta abriu-se na casa que estava onde hoje se vê o pulpito (do lado do Evangelho) da igreja da Senhora da Piedade, ficando-lhe em frente, as cruzes do tal Chão da Feira; dando-se-lhe (à porta) o nome de *Porta de Leiria*, por ficar no sitio d'onde partia a estrada que conduz a esta cidade.

No vão que ficou na porta das Figueiras, ou Porta-falsa, se pintaram a fresco, as imagens de Jesus Maria José: e, porque alguns vadios alli praticavam indecencias, fiados no occulto do sitio, um visitador da igreja do Salvador, mandou aos mórdomos da Senhora de Guadalupe, picar a referida pintura.

Depois d'isto, ficou o vão servindo de valhacouto de vadios e mendigos, até que, frei Affonso da Piedade mandou alli fazer um oratorio (1613) e n'elle poz a imagem de Nossa Senhora da Piedade, que lhe emprestou o padre João Ribeiro, morador á porta de Atamarma; mas este, por sua morte, deixou a imagem da Senhora, a uma sua parenta, freira do mosteiro das Donas, que a poz em uma capella do claustro do seu mosteiro.

Mandou frei Affonso da Piedade, fazer, de barro outra imagem da Senhora, que foi cosida no forno do oleiro Antonio Fernandes, que era na rectaguarda dos muros, á *Mouraria*.

Eis pois onde D. Affonso VI fundou o magnifico templo de Nossa Senhora da Piedade.

Já disse no anno 1666 (28 de fevereiro) que a rainha D. Luiza de Gusmão, viuva de D. João IV, falleceu no convento das freiras, então agostinhas e depois dominicas, de Santarem.

Nos trez ultimos annos da sua vida, que a rainha passou n'este mosteiro, foi seu confessor, frei Manoel da Conceição, religioso

eremita calçado (graciano) de Santo Agostinho.

Era este frade, um varão virtuosissimo, e, desejando augmentar o rigor da sua ordem, se offereceu á rainha para se *descalçar*, com os seus companheiros. D. Luiza acceitou com muito prazer este offerecimento, e os frades e freiras gracianas de Santarem, que eram carmelitas calçados, ficaram descalços.

Os fundadores da nova regra, vieram do convento de Nossa Senhora da Graça, de Lisboa; e as fundadoras, do convento de Santa Monica (vulgo *Monicas*) da mesma cidade. (Vide 4.º volume, pag. 240, col. 2.ª—o 17.º convento de freiras (*monicas*) e na mesma pag. e col., o 1.º convento de frades (*da Graça*).

Logo que se deu principio ao templo da Senhora da Piedade, desejoso o dito frei Manoel da Conceição de dilatar o novo instituto dos agostinhos descalços, expoz a D. Affonso VI, que a nova igreja devia ser a de um mosteiro da sua ordem (d'elle frei Manoel). O rei lhe disse, que a seu tempo, tomaria isto em consideração.

N'este comenos, falleceu a rainha D. Luiza, e foi necessario hir a Roma frei Manoel da Conceição, embarcando em Lisboa, a 26 de agosto de 1666, e voltando de Roma, a 27 de janeiro de 1668. Pediu então ao principe regente, depois D. Pedro II, que lhe dêsse a igreja da Senhora da Piedade, para o projectado mosteiro. O regente lh'a deu logo pelo seguinte decreto:

«D. Pedro, etc.—Tendo respeito ao que me representou frei Manoel da Conceição, prelado dos conventos dos capuchos e capuchas descalços, da ordem de Santo Agostinho, que foi confessor da Rainha, minha mãe e Senhora, n'esta côrte; Hei por bem, fazer mercê a estes religiosos, da ermida de Nossa Senhora da Piedade, que se faz por conta de minha fazenda, na villa de Santarem, para sua assistencia, ou disporem d'ella como lhes estiver bem; não sendo prejuizo de terceiro. Em Lisboa, a 10 de março de 1668.»

Instituiu-se á Senhora, uma irmandade de que foram juizes natos e protectores, os reis de Portugal.

«Sem embargo dos grandes litigios com

que o vigário e beneficiados da igreja do Salvador, intentaram impedir a posse da igreja, de que S. Magestade havia feito mercê aos padres agostinhos descalços; tanto que esta esteve acabada, ordenou S. Magestade, passassem para ella: o que se fez em 4 de fevereiro do anno de 1690, sabbado da domingo da quinquagesima, com uma solemniissima procissão, com muitas figuras ricamente concertadas; e levaram o Santissimo Sacramento, e todas as imagens da sua igreja, em andores ricamente ornados. Fez-se esta trasladação, sendo prior d'aquelle convento, o padre frei José dos Martyres; e vigário geral da congregação dos agostinhos descalços, o muito reverendo padre, frei Sebastião da Cruz.

(Sant. Mart., tomo 2.º, pag. 265.)

7.ª—*Nossa Senhora de Guadalupe*—Desde o principio da monarchia, sempre os nossos reis tiveram grande devoção com a S.S. Virgem, e lhe sujeitaram suas pessoas, reino e conquistas, e sobre as portas de todas as fortalezas lhe mandaram construir ermidas, sob diversas denominações.

Em Hespanha, é celebre o templo de Nossa Senhora de Guadalupe. 1ª apparecida em 1440, entre os rios Tejo (que passa por Toledo) e Guadiana, onde jazem umas montanhas muito fragosas, incultas e inhabitaveis, menos nos valles, que são frescos e apraziveis.

As estas serras chamam os castelhanos *Villueras*.

Foi pois pelo meiado do seculo XV, que sobre a *porta de Leiria*, se construiu a ermida da Senhora de Guadalupe, supõe-se que por ordem de D. Affonso V.

O sitio onde se edificou esta capella, era dependencia do palacio real, e chamava-se antigamente *porta das Figueiras*, ou a que

1ª Guadalupe, é corrupção da palavra arabe *Uadelúbb*—significa—*rio do seio*.

Vide vol. 3.º, pag. 332, ultimo periodo da 2.ª columna.

Vide tambem todas as povoações ou rios de Portugal, que principiam por ODE.

depois se abriu, por ordem do rei D. Manuel, para o *campo da Feira*, e se chamou *porta de Leiria*.

A ermida estava junto á *torre dos misteres*.

Quando se demoliu a ermida, para a construção do novo templo da Senhora da Piedade, foi a Senhora de Guadalupe para a igreja do Salvador; a que a ermida pertencia; e, quando esta igreja se demoliu por velha e arruinada, serviu de igreja parochial, emquanto duraram as obras, a capella do Espirito Santo, do Campo da Feira, junto ao mosteiro dos frades trinos.

8.ª—*Nossa Senhora da Victoria*—Foi construida sobre a *porta da Atamarma*, e supõe-se que por ordem de D. Affonso Henriques, para commemorar a *victoria* de 8 de maio de 1147, pois foi por esta porta que o rei entrou n'esse dia.

Era na freguezia de Marvilla.

Demolida depois de 1834 a porta da Atamarma, desapareceu a ermida.

9.ª—*Nossa Senhora Madre de Deus, vulgo, da Vallada*—Sobre a *porta da Vallada* (assim chamada, por ser o caminho da *valla*, que chega até á *Casa Branca*) se construiu a ermida da Senhora da Vallada, que ficava quasi parallela com a da Senhora da Victoria (esta ao N. e aquella ao S.)

Não se sabe por quem nem quando se edificou esta ermida, e só se sabe que foi em tempos muito antigos.

Era no districto da extincta freguezia de S. Lourenço.

Depois de 1834, foi destruida juntamente com o arco ou porta d'este nome, e já d'ella não ha vestigios.

10.ª—*Nossa Senhora da Oliveira*—Fundando se aqui em 1211, ainda emvi da do patriarcha São Domingos, o mosteiro da sua ordem, em um sitio até então chamado *Montiraz*, o mudaram depois, por ficar longe da villa, para o sitio da *Magdalena*, onde se veiu a edificar o mosteiro das *Donas*.

Principiou a obra, trabalhando n'ella, não só os operarios, mas até, por devoção, mui-

ta gente do povo e das principaes familias da villa.

Uma manhan, em que hiam principiari o trabalho, não acharam uma unica peça de ferramenta, e, depois de a procurarem por toda a parte, foram dar com ella na ermida de Nossa Senhora da Oliveira, que ficava distante.

Levaram a ferramenta e continuaram a obra, repetindo-se por muitas vezes o desaparecimento, até que, desenganados, suspenderam a obra da Magdalena, e foram os frades pedir a ermida de Nossa Senhora da Oliveira, aos conegos da igreja da Alcaçova, que lha deram logo.¹

Fez-se o mosteiro, e a ermida serviu por muito tempo de igreja d'elle, e, depois de feito o corpo da igreja, ficou a ermida transformada em capella-mór.

A ermida era antiquissima, mas não se sabe quando nem por quem foi construida.

É no districto da antiga freguezia d'Alcova.

11.^a—*Nossa Senhora da Abóbada*—Os frades trinos construíram primeiro o seu convento no sitio da ermida de *Nossa Senhora do Monte* (a do n.º 4) em 1218, a alguma distancia da villa, para o O.; mas, como alli estava o hospital *dos gafos*, e por outras razões, quizeram sahir d'alli, e o rei D Affonso II, lhe deu a ermida da Senhora da Abóbada, em um monte d'onde se extrahia pedra para as construcções da villa, pelo que, os cabouqueiros tanto foram minando, que fizeram um tunnell que atravessava o monte. Sobre este estava a ermida que os frades demoliram, para fazerem o seu novo mosteiro, levando a imagem da padroeira para um dos altares da nova igreja.

Suppõe-se que a ermida tinha sido mandada construir por D. Affonso Henriques.

¹ Isto explica-se perfeitamente.

Os frades preferiam o sitio da ermida, para a construcção do seu mosteiro, e abusando da credulidade do povo d'aquelles tempos, usaram do estratagemma do desaparecimento da ferramenta, para conseguirem os seus fins.

12.^a—*Nossa Senhora das Angustias*—No termo de Santarem, está a *quinta de Chavães*, que foi dos condes de Unhão, e foram elles que alli mandaram construir uma formosa ermida, dedicada á Senhora das Angustias.

É templo muito antigo e não se sabe em que anno os condes o fundaram.

Apenas hoje existem as ruinas d'esta ermida. O bello jardim, formosos lagos, e primorosas obras de arte, que tornavam esta quinta de Chavães uma deliciosa vivenda de seus proprietarios, os marquezes de Olhão e de Niza, tudo está reduzido a tristes ruinas! Em 1864, ou 1865, passou esta propriedade (por dividas) para José dos Prazeres Batalhoz, do Cartaxo, que nada restaurou, limitando-se a aproveitar os terrenos, que lhe produziram muitas medidas de trigo, vinho e azeite. Este individuo falleceu ha poucos mezes, e a propriedade é hoje dos seus herdeiros.

13.^a—*Santo Antonio dos Olivaes*—A 3 kilometros a N.E. da cidade, no districto da freguezia do Salvador.

Segundo a tradição, havendo uma grande peste, que assolou todo o reino, em 1438, muitas familias de Santarem fugiram para um monte, que depois se veio a povoar de oliveiras, e aqui fundaram uma ermida, dedicada a Santo Antonio.

Pelos annos de 1730, D. João V, mandou revestir as paredes da capella-mór de formosos azulejos, e deu á ermida um *sitial* (genuflexorio real) de brocado de ouro, para o throno do santo, e riquissimos paramentos.

Esta ermida veio a poder de particulares, e ainda existe e com o devido culto.

14.^a—*Nossa Senhora dos Anjos*—A 3 kilometros ao N. da cidade, situada entre olivaeas, no districto da mesma freguezia.

A sua capella mór é de zimborio pyramidal, e guarneçada de ameias.

Antigamente era esta Senhora muito festejada, principalmente pela Paschoa.

A imagem da padroeira, é de marmore, com 1,^m30 d'alto.

Segundo consta do cartorio da matriz, foi esta ermida fundada em 1260.

Tem contigua, uma horta com trez fontes, propriedade do eremita, apresentado pelo parcho respectivo.

Ainda tem culto e capellão.

15.^a—*Nossa Senhora da Piedade*—Foi construida junto á antecedente, e poucos annos depois d'ella.

É redonda; mas nunca aqui se disse missa, por ser apenas uma edicula muito pequena.

16.^a—*Santa Anna*—Foi construida no seculo XVI, não se sabe por quem.

Era no campo da Vallada, limites da mesma freguezia.

Tinha uma grande horta e pomar, tudo cercado de freixos, e junto á ermida havia uma copiosa fonte, casas para o eremita e hortelão, que o parcho aqui punha.

Foi arrazada em 1851, e o terreno expriado, para a construcção do caminho de ferro do Norte.

17.^a—*Santo Amaro*—Ainda no districto da mesma freguezia do Salvador, existem as paredes da antiquissima ermida de Santo Amaro.

Foi sacrilegamente profanada, depois de 1834, e é hoje um cellero.

(A esta, se quer ao menos, tirou-se-lhes a forma exterior de capella)

18.^a—*São Lazaro*—No districto da freguezia de Marvilla.

Esta ermida, foi sacrilegamente profanada depois de 1834, e hoje está transformada em PALHEIRO. ¹

¹ Só a igreja que foi matriz da extincta freguezia de S. Julião, e a igreja dos religiosos trinos, é que foram canonicamente profanadas; todas as mais igrejas de parochias supprimidas, e ermidas que foram arrazadas, ou (o que ainda foi peor) transformadas em theatros, em celleiros, em curraes de gado e em palheiros, foram profanadas sacrilegamente—isto é—sem as formalidades drescriptas no ritual, e com o maior desprezo pelas cousas sagradas. Os

Fôra das *portas de Mansos*, a uns 200 metros de distancia d'ellas, no sitio antigamente chamado *a Carreira* e hoje *São Lazaro*, está um cerco fechado, com uma grande porta de cantaria, para a sua entrada, e no seu ambito ha diversas casas de habitação.

Foi no centro d'este cerco, ou cerrado, que se construiu a ermida de São Lazaro, muito antiga, com capella-mór e dois altares lateraes, além do principal.

A imagem do padroeiro, era de marmore, e de um metro d'altura, denotando muita antiguidade.

Dava-se-lhe o titulo de *S. Lazaro Mendigo*.

A porta principal, é gothica, e ornada de florões e arabescos, e tinha em frente uma columnata, ou alpendre, formada por 17 columnas de ordem toscana, que sustentavam o tecto.

Ao lado esquerdo de quem entra no cerrado, existiu o hospital dos lazarus, que corria desde a entrada até ao fim da ermida.

Era n'este hospital que viviam os *merceeiros* atacados de molestias cutaneas incuraveis, sustentados pela Misericordia.

Sobre a porta do hospital se gravou esta inscrição:

HOSPITAL DOS GAFOS.
FOI REEDIFICADA AN-
NO DE 1680.

Este hospital, foi primeiramente junto á ermida de Nossa Senhora do Monte, como já fica dito.

(Vide *hospitaes de Santarem*.)

Este cerrado, era um campo das freiras *donas*, e um olival da commenda de Santo Antão.

ossos dos paes e avós da geração actual, foram tratados com o maior desprezo, e misturados com os dos animaes, ou espalhados.

As campas que cobriam os restos mortaes dos christãos de outras eras, foram, umas vendidas, outras roubadas, e com ellas se construíram varandas, lagares e outras obras sem ao menos se lhes apagarem as inscrições.

Foi tudo avaliado em 240 libras, que o rei D. Diniz pagou da sua real fazenda, como consta de um alvará do mesmo soberano, passado a 12 de dezembro de 1291.

(É em pergaminho e escripto em letra gothica.)

Vê-se pois que a ermida e hospital são muito antigos.

O hospital ainda existiu até ao principio d'este seculo.

Sabe-se que d'entró d'este cerrado viveu um bispo, cujo nome se ignora, e á sua residencia, ainda muito depois da sua morte, se dava o nome de *casas do bispo*.

Este prelado instituiu na ermida de São Lazaro, uma capella de missas quotidianas, pela sua alma, para o que deixou rendas sufficientes, assim como tambem deixou rendas para a cura e sustento dos *gafos*; o que tudo administravam primeiro os conegos de S. João Evangelista (loyos) e depois os irmãos da Misericordia.

O que não sei é quem hoje come os rendimentos deixados pelo caritativo bispo, e quem lhe manda dizer as missas...

17.^a—*São Roque* (ou *Virtudes*)—Fica frente á antecedente, e na mesma freguezia.

Não se sabe quando nem por quem foi mandada construir; suppõe-se que foi cumprimento de um voto, feito pelos moradores de Santarem, por occasião de uma grande peste.

Era uma ermida sumptuosa e alegre, tendo no altar-mór a imagem da padroeira, de optima esculptura e com 1.^m80 d'alto.

Tinha dois altares lateraes.

Era este santo objecto de tão grande devoção, não só para os povos de Santarem, e circumvisinhos, mas ainda para todos os portuguezes e muitos estrangeiros, vindo aqui em romaria, castelhanos e francezes, que todos deixavam valiosas offeras e esmolas, em todo o decurso do anno.

Para se fazer uma ideia aproximada do valor d'estas offerendas, basta dizer que ás semanas assistiam alternativamente á sua recepção, um beneficiado da igreja de Mar-

villa, e um vereador da camara municipal, para o que havia uma meza permanente na ermida.

Consta isto de um documento que existe na secretaria da matriz, escripto em 1480.

A capella mór tem 7 metros de comprimento, por 5.^m70 de largo.

O corpo da igreja, tem 15 metros de comprimento, por 4.^m40 de largo.

Na frente, tinha um alpendre coberto, sustentado por 10 columnas toscanas.

Foi sacrilegamente profanada depois de 1834, e hoje está reduzida a PALHEIRO e CURRAL DE BESTAS!

20.^a—*Santo Antão*—Na mesma freguezia, e mais proximo da povoação do que a antecedente.

Era muito antiga e pequena, e toda de abobada.

Consta que fôra no seu principio, igreja de um pequeno mosteiro de conegos regulares de Santo Agostinho, e foi o 3.^o dos cinco que houve em Portugal d'estes religiosos, que se denominavam *conegos de Santo Antão*.

(Vide o ultimo mosteiro de religiosos no logar competente.)

Todos estes cinco mosteiros, foram extinctos ha mais de 300 annos.

A ermida de Santo Antão, já no meiado do seculo XVIII estava sem culto, e por fim (muito antes de 1834) foi demolida, e no sitio onde existiu, se vê hoje uma morada de casas particulares.

21.^a—*S. Christovam*—No districto da mesma freguezia.

Ficava esta ermida fóra das portas de Atarmma, e a uns 4 metros da calçada do mesmo nome.

Tinha contiguas, uma horta e um pomar, em descida, até uma profunda barroca.

Tanto a ermida como a cerca, foram cabeça de um vinculo, instituido por D. *Gayão de Noronha*, fidalgo dos principaes de Santarem, e que foi sepultado n'esta ermida.

Instituiu n'ella uma capella com missa quotidiana pela sua alma, entregando por estamento, a administração da capella, á

Misericórdia de Santarem, com a condição de fazer, á custa dos bens do testador, no hospital, uma casa para acolheita de tres viajantes pobres, com as competentes camas e sustento.

O vinculo passou depois aos condes dos Arcos, da nobilissima casa dos viscondes de Villa Nova da Cerveira (depois marquezes de Ponte de Lima) que, não tratando dos precizos reparos da ermida, se foi esta aruinando, de maneira que, pelos annos de 1725, *D. Martinho Digue*, prior então de Marvilla, vendo que os possuidores dos bens do morgado não curavam de reedificar a ermida, levou a imagem do padroeiro para a matriz.

Esta imagem é de marmore e antiquissima.

O povo de Santarem, costumava offerecer a S. Christovam, quando estava na ermida, e, depois, mesmo na igreja, *fogaças e merendeiras*; mas esta devoção deixou de existir ha muitos annos.

A ermida foi canonicamente profanada, no reinado de D. José I, e os seus restos, desapareceram quando se construiu a estrada que vae da cidade para a nova ponte (por concluir) sobre o Tejo.

22.^a—*S. Pedro, apostolo*—nos limites da freguezia de S. Nicolau, e a unica que houve n'esta parochia.

Ficava contigua á igreja matriz (ao N.) com communicação interior para ella.

Era uma grande ermida, de abobada, tendo a entrada principal para a rua de S. Nicolau.

Embebido na parede, á direita de quem entra, estava um arco, e n'elle uma sepultura levantada, com esta inscripção:

FERNÃO RODRIGUES REDONDO,
E MARINHA AFFONSO, SUA MULHER,
CADA ANNO TEEM 1360 MISSAS.

Esta ermida foi construida por Mem Rodrigues de Vasconcellos e João Nunes (testamenteiros de Fernão Rodrigues Redondo, e sua mulher) pelos annos de 1333.

(Vide *Egreja de S. Nicolau*.)

Esta ermida já não existia no principio

d'este seculo, nem d'ella ha o minimo vestigio, pois no logar que occupava, se vê hoje uma casa particular.

23.^a—*Nossa Senhora da Gloria*—Nos limites da freguezia de Santa Iria, da Ribeira.

Esta ermida estava ao S. da praça da Ribeira, sobre a porta vulgarmente chamada *do Pão*, e para ella se subia por uma escada de pedra.

Em frente do seu unico altar, tinha uma janella de sacada, tão larga, que, estando aberta, de quasi toda a praça se podia ouvir missa.

Estava adornada com grande sumptuosidade, á custa do povo da Ribeira, que com esta Senhora tinha grande devoção.

Ignora-se a data da fundação d'esta ermida, só se sabe que era antiquissima, e provavelmente do principio da monarchia.

O bairro da Ribeira, foi antigamente fechado de fortes muros, dos quaes ainda ha alguns vestigios, e a *porta do Pão*, dava entrada para este cerco de muralhas.

Ainda existe esta porta, que depois se denominou *Arco da Senhora da Gloria*, mas da ermida já nem vestigios existem.

24.^a—*Nossa Senhora da Encarnação*, vulgarmente, *Nossa Senhora de Palhaes*.

Pertencia aos limites da mesma freguezia.

Foi construida debaixo dos *arcos de Palhaes*, e uns 80 metros distante (ao N.) da antecedente.¹

Tinha um ermitão, com a renda de 60 alqueires de trigo, 6 cantaros d'azeite e 15800 réis em dinheiro.

A ermida era vasta e alegre, e tinha um grande côro, d'onde ouviam missa os merceeiros do hospital de Palhaes—ao qual esta ermida pertencia.

¹ Para evitarmos repetições, veja-se *Hospital de Palhaes*.

Tinha capella-mór, com seu altar, e dois lateraes.

Foram aqui sepultados varios individuos.

Copio as principaes inscripções das campas que existiram n'esta egreja.

1.^a

ESTA SEPULTURA É DE
FRANCISCO DE ANAYA, FIDALGO
DA CASA DE EL-REI NOSSO SENHOR.
FALLECEU NO ANNO DE 1544.

Tinha o brazão d'armas dos Anayas.

2.^a

AQUI JAZ HENRIQUE BARBOSA,
FIDALGO DA CASA DE EL-REI
NOSSO SENHOR; E JAZEM SUA
MULHER, ISABEL FERNANDES DE
ALMEIDA.

Esta inscripção era em letra gothica. Tinha o escudo d'armas dos Barbosas.

3.^a

SEPULTURA DO SERAMAGO
E DOS SEUS HERDEIROS.

4.^a

AQUI JAZ FERNÃO CARDOSO
DE S. PAYO, FIDALGO DA CASA
DE EL-REI NOSSO SENHOR.

A inscripção era tambem em gothico.

5.^a

AQUI JAZ O BACHAREL
ALVARO RODRIGUES DE LAMEGO.

Era tambem em letra gothica.

Para não enfadar mais o leitor, direi em resumo mais 9 sepulturas de familia, que existem n'esta capella—eram as de:

Francisco Gil — Diogo Antunes — Pedro Fernandes—Simão Fernandes—Pedro Rodrigues—Gonçalo Fernandes—Brites Sardiha—Miguel Fernandes—Antonio Dias.

Todas estas sepulturas diziam que eram dos referidos e seus herdeiros.

Estou certo de que muita gente hade achar aborrecida a transcripção de tantos epitaphios, no artigo Santarem.

Assim é; mas, uma vez que os ossos venerandos de tantos christãos que nos templos sagrados esperavam repousar para sempre, foram profanados, e lançados aos monturos, é bem que seus degenerados descendentes conheçam o sacrilegio que commetteram com as cinzas d'aquelles que lhes deviam ser caros: e já que os despojos mortaes d'aquelles nossos irmãos foram lançados ao vento, fiquem ao menos aqui escriptos os seus nomes, como protesto permanente contra tanto vandalismo, e maldição aos hunos do seculo XIX.

Depois de 1834, esta ermida foi arrazada, conservando-se-lhe, por escarneo, a porta principal: o mais está reduzido a horta.

25.^a—*Nossa Senhora das Neves*—Já fica descripto a pag. 183, col. 2.^a (ultima linha) d'este volume.

Foi tambem arrazada e d'ella não ha actualmente o minimo vestigio.

26.^a—*Santa Iria*—Unida á antecedente, e teve a mesma sorte.

27.^a—*Moimento e estatua de Santa Iria*—sobre a margem direita do Tejo, tendo em frente as duas ermidas antecedentes.

Tem escapado ao camartello civilizador!!!

São Bartholomeu dos Cavalleiros—namesma parochia de Santa Iria.

Foi fundada por D. Affonso Henriques, que n'ella instituiu a *ordem de S. Miguel d'Ala*, em commemoração da victoria alcançada contra Al-Bujaque.

Com o decurso do tempo se foi arruinando, e já em 1750 apenas haviam os alicerces.

Foram aqui sepultados muitos cavalleiros d'aquella ordem, e depois da dos templarios, tanto na ermida como no seu adro; o que constava das inscripções e escudos d'armas gravados nas campas.

Esta ermida passou depois para a ordem do Templo, e, em 1319, para o mestrado de Christo, e era commenda dos *Barens*.

Em 1636, ainda a ermida estava em bom estado e aberta ao culto.

Em março d'este anno, deu-se aqui um facto, digno de nota.

Partindo-se por acaso a pedra de uma sepultura, se acharam dentro d'ella dois corpos inteiros e incorruptos, um de homem, outro de mulher.

O do homem estava vestido de cavalleiro, com suas esporas douradas, alfange á cinta e gorro encarnado.

O da mulher, estava vestido á antiga, com botinas apantufadas, cercando-lhe a cabeça uma fita de séda azul, e as mãos calçadas de luvas.

Todos os vestidos d'ambos, estavam optimamente conservados, e até as linhas estavam tão fortes, como se fossem feitos ha poucos dias.

Cada um dos cadaveres estava coberto com uma grande toalha, tambem perfeitamente conservada.

Toda a gente de Santarem correu a ver esta maravilha, e até o doutor frei Isidoro da Luz, lente de artes no seu mosteiro da SS. Trindade, foi a 11 do dito mez, com todos os seus frades, vér aquelles dois corpos.

Nunca se soube a quem pertenciam, por não existir inscripção que o declarasse.

Viu-se porem que eram da primeira nobreza.

O vigario-geral, para evitar alguma profanação, mandou fechar a sepultura.

29.^a—*São Pedro*—Na supprimida freguezia d'Alcaçova.

Foi arrazada sem d'ella existir hoje o menor vestigio.

30.^a—*Santissimo Milagre*—Na mesma freguezia.

Construida na propria casa da rua das Esteiras, onde teve logar o milagre da hostia.

Já fica descripta n'este artigo. Está desmantelada e sem culto.

31.^a—*Nossa Senhora da Conceição*—Na mesma freguezia.

Foi arrazada, e a imagem da padroeira está hoje na igreja de Santa Iria.

32.^a—*Santos Apostolos*—Que depois foi a igreja dos monges benedictinos.

É na mesma freguezia, e foi arrazada depois de 1834, quando arrazaram o mosteiro.

33.^a—*São Miguel Archanho*—Na extincta freguezia de S. João do Alfange.

Foi fundada por D. Affonso Henriques, e já fica descripta n'este artigo.

D'esta ermida apenas hoje restam as ruinas.

34.^a—*São Pedro, apostolo*—Na mesma freguezia.

Era antiquissima, mas não se sabe quando nem por quem foi fundada.

Os pescadores e mareantes é que tractavam da sua conservação e aceio, e lhe faziam a festa.

Já não existe.

35.^a—*Santa Eufemia*—Na extincta freguezia de S. Matheus.

Foi arrazada em 1834, sem que d'ella ficasse o menor vestigio.

36.^a—*Santa Maria Magdalena*—Templo-sinho antiquissimo, construido junto ao mosteiro do *Sitio* (frades terceiros.)

Já em 1637 estava desmantelada, e os frades obtiveram do prior e beneficiados do Marvilla, que lhes dessem esta ermida; o que foi confirmado pelo arcebispo de Lisboa, D.

Rodrigo da Cunha (que então residia em Madrid) por despacho de 10 de março de 1639, e ficou assim encorporada no mosteiro.

Ao logar em que esta ermida foi construída, se dava por isso a denominação de *Sítio da Magdalena*, e ao referido mosteiro, a *de convento do Sítio*.

A ermida foi demolida pelos trades (depois de canonicamente profanada) e a imagem da padroeira, que era de barro, de um metro d'altura, e muito antiga, foi collocada em um dos altares da igreja do mosteiro.

37.^a—*Nossa Senhora da Boa Hora*—No districto da extincta freguezia de S. Martinho.

Fica 2 kilometros ao N. de Santarem.

Está dentro da *quinta do Chafariz*, que foi dos Souzas Amaraes.

É pequena e de abobada de tijolo, com as paredes interiores revestidas de azulejo, até metade da sua altura.

É cercada de uma cimalha de cantaria lavrada.

Tem um só altar, de talha dourada, feito pelos annos de 1700.

Esta, como é particular, ainda existe.

38.^a—*Santo Ildefonso*—Na mesma freguezia.

Era administrada pelos carpinteiros e pedreiros de Santarem, por doação dos vereadores e *homens bôos* da villa, feita no 1.^o de abril de 1408.

Estava situada na *rua da Judiaria*, onde viviam os israelitas, separados dos christãos.

Já não existe ha uns 200 annos, semelhante rua, hoje reduzida a hortas e quintaes.

Principiava em frente das casas dos condes d'Obidos, e terminava junto ás casas dos commendadores de S. João.

No archivo da igreja de S. Martinho, existiu uma sentença, proferida contra os judeus, condemnando-os a pagar á mesma igreja, annualmente, como *reconhecimento*,

um real de prata cada cabeça de casal, sendo homem, e meio real, sendo viuva. Este *reconhecimento*, era por admittir os judeus a residirem n'aquella rua.

Serviu alguns annos de igreja parochial em quanto duraram as obras da reedificação da matriz.

A ermida, posto não ser muito ampla, tinha capella-mór, com o seu altar, e dois lateraes. Mesmo quando não servia de matriz, sempre n'ella se disse missa, nos domingos e dias santificados.

Sobre a porta principal, e dentro de um nicho, estava a imagem, de marmore, do padroeiro.

39.^a—*S. João Baptista*—vulgo, *S. João de Alporão*—no districto da mesma freguezia, e apenas a uns 23 ou 30 metros da igreja parochial.

Já vimos n'este artigo que a igreja de S. João de Alporão é a mais antiga de Santarem, pois foi templo romano.

É toda de boa cantaria lavrada, interior e exteriormente, de uma só nave e abobadada de tijolo. Unida á igreja, e á esquerda de quem entra, construíram os romanos uma torre circular, tambem de cantaria.

Como já disse, foi templo romano; depois, mesquita mourisca; e, desde 1147, templo christão.

Foi profanado sacrilegamente em 1834, e convertido em um reles theatro. Agora anda em obras, para n'elle se estabelecer o museu archeologico districtal. (Valha-nos isso!...) ¹

Foi commenda da ordem de Malta, que

¹ A applicação dada ultimamente a este legendario monumento, é a unica cousa com geito que se tem feito em Santarem, desde 1834 até hoje.

Aqui, como em outras muitas partes, a mania dominante, é destruir e deitar a terra, todos os monumentos que nos recordavam as glorias dos nossos avós, aniquilando com furor vandalico, estas testemunhas vivas do que foram os portuguezes de outras eras.

Em muitas das igrejas demolidas, nem os ossos dos nossos maiores foram respeitadas, e a raça degenerada de hoje, sobre elles tripudia com a mais escandalosa irreverencia. As patas dos cavallos e de outros ani-

tinha aqui um capellão para dizer missa quotidiana, com residencia em umas casas contiguas á egreja.

No dia 24 de junho, fazia-se uma grande festa a S. João Baptista, padroeiro d'esta egreja, que era sagrada.

Na capella-mór havia uma arca de pedra com esta inscripção:

AQUI ESTÃO OS OSSOS DE
DOM AFFONSO DE PORTUGAL. FILHO
DE EL-REI DOM AFFONSO HENRIQUES,
QUE, SENDO GRÃO-MESTRE DA RELIGIÃO
DE MALTA, RENUNCIOU A DIGNIDADE,
E FALLECEU N'ESTA VILLA, NO ANNO
DE MIL DUZENTOS E SETE, LOGRANDO
ESTA COMMENDA, QUE POSSUE
DON JOÃO DE SOUZA, O QUAL
MANDOU FAZER ESTE LETREIRO,
PARA MEMORIA D'ESTE PRINCIPE,
NA ERA DE MIL SEISCENTOS E
CINCOENTA E QUATRO ANNOS.

Vide—1207 (1.º de março.)

Outros mais cavalleiros da ordem de Malta foram aqui sepultados, e sobre seus ossos venerandos se representavam depois de 1834, comedias immoraes e farças indecentes.

40.*—S. Domingos, do Montiraz (ou Monte-Eiraz)—no districto da mesma freguezia.

Foi junto d'esta ermida que os frades dominicos construíram o seu primeiro convento, quando abandonaram o de Monte-Junto.

maes, tem calcado e triturado esses venerandos restos; e sabe Deus quantos filhos e netos dos mortos tem profanado as cinzas de seus paes e avós.

Nem com este vandalismo melhoraram os interesses materiaes da população, antes diminuíram em muito—castigo providencial d'estes hunos do seculo XIX; porque, a unica cousa que podia atrahir a Santarem os archeologos e os amadores de antiguidades, nacionaes e estrangeiros, eram os monumentos venerandos que nos recordavam o dominio de tantas gerações e povos diversos; o que dava honra e proveito á cidade.

Hoje, debalde procurara o visitante essas soberbas muralhas, alterosas torres, robustos castellos, fortes baluartes, cubellos, barbacans e revelins; arcos, fossos, pontes levadiças, e o mais de que nos fallam as memorias escriptas: quasi tudo o *camartello*

Fica esta ermida a um kilometro da cidade, e está em ruinas.

Seminario patriarchal

Fica no districto da freguezia do Salvador, na parte N. da povoação, em um dos mais apraziveis sitios d'ella.

É o antigo collegio da *Companhia de Jesus*, e eis o seu principio:

Os jesuitas entraram pela primeira vez em Santarem, a 7 de maio de 1621, trazendo por seu reitor, o padre Mathias de Sá.

Habitaram primeiramente em umas casas contiguas á ermida de Santo Antão (demolida muitos annos antes de 1834) que ficava fóra dos muros, no caminho que vae para o sitio de S. Lazaro, e alli fizeram o seu hospicio.

(Vide os annos 1410, 1550, e 1621—e o mosteiro de Santo Antão—o ultimo dos mosteiros de Santarem)

Depois, mudaram-se para umas casas proximas á ermida de S. Sebastião (hoje transformada em *cocheira*.)

Em ambos estes logares residiram por espaço de 30 annos.

O fundador d'esta grande congregação de sabios e virtuosos padres, foi D. Duarte da Costa, fidalgo da primeira nobreza d'este reino, e armeiro-mór, o qual, depois de fa-

civilisador (melhor diria o nihilismo!) aniquilou e destruiu!

Nem os templos sagrados escaparam ao furor *theophobic* dos demolidores! De SETENTA EGREJAS E CAPELLAS que os nossos avós com tanta devoção fundaram, quantas nos restam hoje? Bem poucas, e essas, quasi todas em mau estado!

E a geração actual, ri e folga com estas profanações e vandalismo!—E onde antes de 1834 se ouviam os canticos dos levitas, se ouve hoje o rinehar ou zurrar das béstas! Onde se aspirava o odor do incenso que se elevava aos ceus, se sente agora o cheiro da palha e de gazes deletorios.

Antigamente iamos alli orar ao Altissimo; hoje vamos allugar cavallos!

Eis o que alli encontra o estrangeiro que agora fôr em busca de antiguidades.

«Tempora mutantur, et nos mutamur in illi!»

zer doação dos seus bens para se fundar o collegio, entrou na mesma religião da Companhia, em 1609, muito antes de se dar principio ás obras.

Junto ás portas de Leiria, tinham os nossos reis um antigo palacio, onde por varias vezes residiram.¹

D. João IV deu aos jesuitas este palacio e suas dependencias, para fundarem o seu collegio.

Os padres, lhe fizeram as divisões convenientes para o fim a que era destinado, e em uma das suas maiores salas terreas, erigiram a egreja, que ficou fronteira da de S. Francisco da provincia observante.

No dia que se disse a primeira missa n'esta egreja provisoria, que depois se denominou *egreja velha*, houve uma pomposa solemnidade, na qual prégou o grande padre Antonio Vieira, da mesma Companhia, que se achava então em Santarem, por ter vindo prégar nas exequias de Fernando Telles da Silveira, primeiro conde de Unhão.

Era então reitor do collegio, o padre Francisco Manso.

Passados alguns annos, se construiu a egreja actual, sendo reitor, o padre Sebastião de Novaes.

Foi um dia de grande festa, aquelle em que para esta egreja se mudou, em solemnisima procissão, o Santissimo Sacramento, que estava na provisoria.

É orago d'esta formosa e magestosa egreja, *Nossa Senhora da Conceição*. (Adiante tratarei mais detalhadamente d'este bello templo, aqui só mencionarei as inscrições de algumas das sepulturas que n'elle se encontram.)

Junto ao altar de Nossa Senhora do Socorro, em uma campa raza, se lê este epitaphio:

1.^a

AQUI N'ESTA SEPULTURA ESTÃO
OS OSSOS DE JOÃO DE ANDRADE
PESSOA, E DE MARIA DA FON-
CECA, SUA MULHER E DO DOUTOR,

¹ Por isso, ao actual *Largo do Seminario*, se chamava antes da fundação d'este collegio, *Terreiro do Paço*.

MANUEL DE ANDRADE PESSOA,
SEU FILHO, INSTITUIDOR E DOTADOR
D'ESTA CAPELLA.

Proximo aos degraus do altar de Nossa Senhora da Gloria:

2.^a

AQUI JAZEM OS OSSOS DE JERONYMA DE SOUZA DE MORAES, E
DE SUA IRMÃ, MARIANNA
DE SOUZA GOUVEIA, INSTITUIDORAS
E DOTADORAS D'ESTA CAPELLA, FILHAS
DE FRANCISCO DE SOUZA PINTO,
CAVALLEIRO FIDALGO DA CASA DE SUA
MAGESTADE.

Junto á capella de Santo Estanislau:

3.^a

AQUI ESTA SEPULTADO JOÃO HENRIQUES
DE S. PAYO ROSA, NATURAL DE PENACOVA, INSTITUIDOR E DOTADOR D'ESTA
CAPELLA. PEDE SE LEMBREM DAS
ALMAS DO PRUGATORIO.

Na capella-mór, ha trez sepulturas com inscrições.

4.^a

AQUI JAZ O REVERENDO PADRE
DUARTE DA COSTA, DA COMPANHIA,
FUNDADOR D'ESTE COLLEGIO,
CUJOS OSSOS FORAM TRASLADADOS
PARA ESTE LOGAR, ANNO 1698.

5.^a

AQUI JAZ DONA LEONOR DE SOUZA,
MÃE DO FUNDADOR D'ESTE COLLEGIO.

6.^a

AQUI JAZEM FERNANDO ALVARES
DE SOUZA E DONA BRITES DE SOUZA,
AVÓS DO FUNDADOR D'ESTE COLLEGIO.

Este collegio, era uma especie de academia, e n'elle se ensinava, não só aos estudantes ecclesiasticos, mas tambem aos seculares, e gratuitamente, grammatica latina, philosophia, logica, rhetorica, theologia, historia ecclesiastica e outras disciplinas.

Os mestres eram escrupulosamente escolhidos d'entre os padres mais exemplares e instruidos da ordem, por isso, muitos filhos de Santarem e de outras terras, aqui estu-

daram, vindo a ser varões de grandes virtudes e saber.

Grandes eram os benefícios para o povo, pela educação que seus filhos recebiam n'este collegio, d'onde sabiam homens eminentes em varios ramos de litteratura, e o mesmo acontecia em todos os collegios da Companhia de Jesus, espalhados por todo o reino e conquistas, mas nada lhe valeu para escaparem á sanha implacavel do trocumento marquez do Pombal.

Este grande estadista, invejoso do poderio e riquezas dos jesuitas, e da sua grande influencia, fingiu acreditar varias calumnias, e a 19 de janeiro de 1759 lhes confiscou todos os seus bens, supprimindo a ordem, expulsando do reino muitos padres estrangeiros, prendendo e fazendo morrer em medonhos carceres, muitas dezenas de jesuitas portuguezes, cujo unico crime era serem uteis á patria.

O decreto de 19 de janeiro de 1759, foi o primeiro golpe dado nas ordens religiosas em Portugal, e o precursor do ominoso decreto de 28 de maio de 1834, que as extinguiu completamente, e lhes roubou quanto tinham, deixando os frades a morrer de fome (os que escaparam ao punhal e ao bacamarte das alcateias de canibaes que então percorriam Portugal em ampla liberdade, assassinando, roubando e incendiando tudo impunemente.)

Vinte e um annos esteve o collegio dos jesuitas de Santarem deshabitado, até que n'elle se estabeleceu o seminario patriarchal, cuja historia é como se segue.

Em conformidade com o disposto no Sagrado Concilio de Trento, estabeleceu o cardeal D. Henrique (depois rei) sendo então arcebispo de Lisboa, o primeiro seminario ecclesiastico, no sitio do castello de Lisboa, junto do mosteiro de Santo Eloy, consignando-lhe—rendas, em 30 de novembro

de 1566, com auxilio e ajuda da rainha D. Catharina, viuva de D. João III.

No anno de 1741 achava-se o seminario ou collegio, como então se chamava, em grande decadencia pela má administração das suas rendas e pouca regularidade na disciplina, e estudos; pelo que o magnanimo rei D. João V entendeu abolil-o de todo, e fundar outro de novo, com o titulo de *Collegio do Patriarchado*.

Achava-se então já concluida a grande obra da fundação da santa igreja patriarchal (era o anno de 1740) approvada pela constituição do papa Bento XIV, passada em Roma aos 13 dias do mez de setembro do mesmo anno de 1740, que começa—*Salvatori nostri*.

Com esta nova fundação da igreja patriarchal, ficou supprimido o cabido da antiga Sé, com suas dignidades, canonicatos e quartenarios, cujas rendas, com os rendimentos que ainda existiam do antigo collegio, applicou para o patrimonio do que agora fundava, destinando para sua accommodação o antigo palacio dos arcebispos, junto á mesma igreja patriarchal.

Querendo ainda augmentar-lhe mais o seu patrimonio, consignou-lhe tambem, *in perpetuum*, os rendimentos e fructos de algumas igrejas de fundação do padroado real, no patriarchado, no bispado do Porto, arcebis-pado de Braga, e bispado de Coimbra.

Em virtude das difficuldades que se deram para a compensação dos antigos conegos, não principiou logo a funcionar este novo collegio, e para que se não distraissem as rendas que lhe foram destinadas, foi nomeado um dos ministros da curia patriarchal para administrar estes rendimentos, guardando-os em deposito, até que definitivamente se abrisse o collegio.

N'este meio tempo sobreveio ao magnanimo monarcha uma penosa enfermidade, que por espaço de 8 annos lhe paralisou toda a sua actividade e o levou á sepultura, em 31 de julho de 1750, sem que tivesse o gosto de ver definitivamente em exercicio o collegio ecclesiastico, que com tanto empenho tinha fundado e enriquecido.

Com o terremoto do 1.º de novembro, e incendio que se lhe seguiu, o edificio que que D. João V destinára para o novo collegio, e mesmo o antigo edificio de *Santa Catharina*, ficaram completamente destruidos; pelo que o reitor e collegiaes, requereram ao rei, D. José I, que succedera a D. João V, os provêsse de remedio, destinando-lhes outro edificio, o que D. José attendeu, designando lhes o collegio dos irlandezes, que então se achava vago, situado na calçada de S. Chripim.

Pouco desenvolvimento teve o seminario ou collegio, n'este edificio, não só pela sua pouca capacidade, mas principalmente pela falta de meios pecuniarios, por isso que ainda lhe não tinham sido entregues as rendas com que D. João V o dotára, as quaes D. José I, por uma carta regia, de 17 de fevereiro d'aquelle anno, datada da Villa de Salvaterra de Magos, applicou para a nova reedificação da basilica de Santa Maria Maior, que fôra destruida pelo terremoto.

No anno de 1779 pretenderam de novo os padres irlandezes entrar para o seu antigo collegio de S. Patricio, o que a rainha D. Maria I lhes permittiu, ficando assim o collegio sem edificio onde se podesse de novo instalar.

Foi então que o cardeal patriarcha eleito de Lisboa, de commun accordo com todo o clero secular da sua diocese, se dirigiu á rainha D. Maria I, pedindo o edificio que fôra dos jesuitas, na villa de Santarem, afim de ser mudado para alli o seminario:

Entre outros considerandos que apresenta aquella petição, ha os seguintes :

«Que, começando-se a pôr em pratica o que estava determinado, se estabeleceu com justa administração um cofre, onde se arrecadassem o producto e rendas destinadas para o novo seminario se fundar, e fundado, poder sustentar-se. Tendo passado annos, e mettidas no mesmo cofre grandes porções, houve no reinado do senhor D. José I, augusto pae de vossa magestade, motivos justos, como o mesmo patriarcha e clero se persuadem, que obrigaram a que em diversos tempos, por reaes ordens do mesmo senhor, se tirassem setenta e sete

contos trezentos e treze mil e sessenta e oito réis, o que consta por decretos e avisos que pãram no cartorio da executoria e administração das rendas do dito seminario ; nem até ao presente foi satisfeita ao cofre, nem em todo, nem em parte esta divida.

«Não o permittiriam assim ao mesmo soberano os gravissimos negocios e avultadissimas despesas, a que foi obrigado em todo o seu reinado, como tambem a não pôr em execução o justissimo projecto do seminario, o qual era muito conforme a outros muitos, grandes e acertadissimos, que apprehendeu e fez executar : antes parece que Deus reservou para as altas virtudes de vossa magestade a gloria d'esta obra utilissima, como o fazem vér a clemencia e bondade, com que tem attendido o clero e as ordens regulares.»

Aquella augusta soberana, cheia de religião, e manifesto interesse pela egreja e seus ministros, não podia deixar de attender a justa petição do prelado da diocese ; e em carta regia, de 20 de janeiro de 1780, datada da villa de Salvaterra de Magos, faz *pura, perpetua e irrevogavel doação*, ao cardeal patriarcha de Lisboa e seus successores do edificio e egreja, da invocação de *Nossa Senhora da Conceição*, na villa de Santarem, para n'elle se instalar definitiva e perpetuamente o collegio patriarchal.

Senhor d'este magestoso edificio, principiou logo o seminario patriarchal a tomar um progressivo desenvolvimento, e augmento de creditos, em seus reitores, professores e seminaristas, durante todo o periodo de tempo decorrido até aos acontecimentos politicos, bem conhecidos entre nós, e que alteraram sensivelmente a ordem publica desde 1828 a 1834, e muito contribuiram para o enfraquecimento da ordem e disciplina estabelecida até áquelle tempo.

Em 1834, quando em maio entrou em Santarem o exercito liberal, ficou o edificio de todo abandonado, tendo de se retirarem apressadamente, reitor, professores e todo o mais pessoal.

Nos primeiros trez dias foi um perfeito vandalismo, principalmente na egreja e livraria ; dando-se n'aquella roubos de ima-

gens e algumas alfaías de valor, e até os sinos foram vendidos para a Ilha Terceira; e n'esta, destruindo-se e roubando-se obras importantes.

Iria mais longe este vandalismo, se não houvesse a necessidade de estabelecer no edificio um hospital militar para receber os doentes da colera, que estava fazendo grande numero de victimas.

Terminada aquella epidemia, cessou o hospital e foram estabelecidas no edificio todas as repartições do governo civil e administração, que alli se conservaram até 1853, anno em que foi restaurado o seminario.

Coube esta gloria ao cardeal patriarcha D. Guilherme, que, a muito custo, superando difficuldades, que só aquella tenaz vontade e fortissima intelligencia poderia vencer, não só para a acquisição do edificio, mas ainda, e principalmente, para adquirir os meios de custeamento e sustentação do seminario.

Pela abolição dos dizimos, fonte principal da receita do seminario, ficou-lhe apenas o diminuto patrimonio em fóros, que avultava então por cento e tantos mil réis.

Tendo apparecido a carta de lei de 16 de junho de 1848, e o decreto de 27 de dezembro de 1849, que mandavam supprimir definitivamente todas as collegiadas do reino, e incorporar os seus rendimentos no patrimonio dos seminarios, foi este o principal meio de que aquelle activo e sabio prelado se serviu para dotar o seu seminario.

Obteve tambem do governo que lhe fossem cedidos os rendimentos do collegio para clérigos pobres, que havia em Lisboa.

Todas estas fontes de receita, produzião em 1870—18 a 19 contos de réis; hoje, pela boa e efficacissima fiscalisação empregada, sobem á cifra de 26 a 27 contos de réis, pouco mais ou menos.

O plano actual dos estudos ecclesiasticos n'este seminario é o seguinte:

Curso triennial obrigatorio

1.º anno—Theologia dogmatica geral, e historia sagrada e ecclesiastica.

2.º anno—Theologia dogmatica especial, direito natural e theologia moral.

3.º anno—Continuação da theologia moral, theologia sacramental e direito ecclesiastico.

Curso superior facultativo

4.º anno—Direito ecclesiastico publico e theologia pastoral.

5.º anno—Continuação da historia ecclesiastica e hermeneutica sagrada.

—
Consta o seminario de trez classes de alumnos: ordinandos pensionistas, que pagam a mensalidade de 7:200 réis; collegiaes seculares ou porcionistas, que pagam 10\$000 réis, e ordinandos gratuitos. D'estes sobe o numero de 40 a 50.

Ha tambem alumnos subsidiados pelo cofre da Bulla.

Observa-se n'este seminario uma rigorosa, mas prudente, disciplina, principalmente depois que em 1875 se separaram *em absoluto* os seminaristas da frequencia das aulas do Lyceu, estabelecendo-se estas dentro do seminario com professores *proprios*, com os seus respectivos ordenados, pagos pelo cofre do seminario.

Muito tem tambem concorrido para a manifesta e bem patente moralidade dos alumnos do seminario patriarchal, a pratica e boa distribuição dos actos religiosos alli estabelecidos.

O edificio é vasto e espaçoso; está collocado no meio das antigas muralhas, que defendiam a villa de Santarem, na parte do norte, junto á *porta* chamada de Leiria.

Contem dois corredores principaes: o 1.º, e o mais antigo, chamado *corredor nobre*, e hoje de *Nossa Senhora da Conceição*, é de uma magnifica elegancia e apparencia; mede em extensão 89^m,70, e de largura 4^m,40, e de altura a todo o pé direito 8^m,30.

Corre de nascente a poente, e em cada um dos extremos tem uma larga janella conventual (segundo a tradição foi da janella do nascente, que deita para o largo que lhe fica fronteiro, que el-rei D. Pedro I esteve presencendo o terrivel castigo que mandou executar em Pedro Coelho e Alvaro Gonçalves, assassinos de D. Ignez de Cas-

tro, e lhes mordera depois os corações.—Vide 1357—18 de janeiro.) para o lado da frente do N. tem 15 espaçosos quartos, divididos em trez grupos, por duas largas janellas convenientes; do lado fronteiro ha oito quartos eguaes.

O segundo corredor, que fica para o lado do sul, data d'uma época mais moderna (foi feito em 1796, sendo reitor do seminario, o dr. Bento José de Souza Farinha) não tem a mesma magestade e belleza que o primeiro; é, porém, dividido em dois andares, que contem 27 quartos.

Ha outros corredores internos, que communicam com estes dois principaes, mas sem importancia artistica, com um grande numero de quartos que servem de habitações.

Nos pavimentos superiores contem todo o edificio 112 casas de habitação, e salas para differentes misteres.

A casa da livraria é grande e bem disposta. Tem de extensão 17^m,0, de largura 3^m,40, e de altura 5^m,40; é ventilada por trez grandes janellas, que fazem symetria com as da fachada principal do edificio do lado do nascente.

Esta livraria contém 6:837 volumes, pertencentes e distribuidos pelas seguintes obras:

Primeiro corpo de estantes

	Vol.
Theologia.....	874
Sermonarios.....	153
Agiologia.....	100
Commentarios.....	345
Constituições	18
Chronicas	68
Diccionarios	102
Direito civil.....	200
Direito ecclesiastico.....	380
Historia ecclesiastica.....	324
Historia profana.....	139
Historia sagrada.....	3
Escriptura sagrada.....	44
Liturgia.....	79
Litteratura.....	220
Miscellanea.....	81
Mystica.....	100

Segue 3:230

Transporte 3:230

Philosophia.....	110
Pathologia.....	292

Segundo corpo (superior)

Obras truncadas e duplicadas.....	2:900
Diario de Lisboa e da camara dos deputados.....	72
Revistas litterarias, scientificas e theologicas.....	233
Total.....	6:837

Todas as officinas do pavimento inferior, cosinha, refeitório, e dispensas, são espaçosas e regulares.

A egreja é um bello e magestoso templo. Está collocado entre os dois corredores principaes; a fachada da frente fica entre as duas faces do edificio, em linha recta e symetrica para o lado do nascente, deitando para o largo, que em outro tempo se chamava *Terreiro do Paço* (no tempo em que o edificio era paço dos reis) e hoje se chama—*Largo do Seminario*.

O conjunto d'estas trez partes constituem a fachada principal do edificio, que é, no seu todo harmonico, elegante e magestoso. A parte do centro, pertencente á egreja, contém cinco largas janellas para a luz do templo, ficando duas de cada lado, sobranceiras uma á outra, e a quinta no centro; ao lado de cada uma das quatro janellas fica um nicho de boa cantaria, contendo o primeiro a imagem de Santo Ignacio de Loyola; o segundo, a de S. Francisco Xavier; o terceiro, a de S. Francisco de Borgia, e o quarto a de Santo Estanislau, em corpo natural.

Partindo da cimalha real, guarnecida de quartellas a rematar a fachada, ha um outro nicho com maiores proporções, onde se acha collocada uma devota imagem de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do antigo collegio e hoje do seminario.

Esta imagem, ainda que construida de barro, é de excellente esculptura, e mede 2^m,20 de altura.

Toda a fachada d'esta egreja é de boa cantaria, e contém lavores de troncos e ramos em meio relevo.

A igreja no seu interior é de uma só nave; tem de extensão 40^m,0, e de largura 15^m,86.

A capella-mór é de abobada de tijolo com ricas pinturas *a fresco*. O arco cruzeiro é de bellissimo marmore, imbutido com flôres lizos, de differentes côres.

O altar-mór, a tribuna, e todas as partes de que se compõem, são de rico mosaico, artistica, e elegantemente trabalhado; n'este genero, (exceptuando o altar da capella de S. Roque, em Lisboa) não ha outra em Portugal.

No corpo da igreja ha quatro altares por lado: os dois primeiros de cada lado são de talha antiga dourada e, dizem os entendedores, que n'este genero são de incontestavel merecimento artistico. O terceiro altar, do lado da Epistola, é de muito valor e merecimento, não só pela materia prima, de que é construido, mas ainda pela bellissima escultura e boa divisão de todas as partes de que se compõe; a base é de finissimo marmore preto, encimado por uma larga facha de marmore rosado, atá á mesa; a banqueta é tambem de marmore rosado, e em cima d'esta, assenta um tumulo de Nossa Senhora da Boa Morte, guarnecido de grinaldas de flores, e quatro anjos que o sustentam; toda esta peça, de excellente escultura, é de finissimo marmore branco, e no centro ha uma devota imagem de Nossa Senhora, resguardada por um vidro a todo o comprimento; segue-se para cima o retabulo, que representa a meio relevo a cidade de Jerusalem, e no alto, tambem a meio relevo, a imagem de Nossa Senhora, cercada de anjos, a subir para o ceu; toda esta parte e todas as mais, de que se compõe este magnifico altar, como columnas, capiteis, e figuras de anjos, que os embellezam, são de marmore branco.

Os trez restantes altares são no gosto moderno; mas sem merecimento artistico notavel.

O tecto da igreja é forrado de madeira, *a esteira*, mas com uma admiravel pintura: aos quatro cantos veem-se primorosamente debuxadas e bem coloridas, as quatro partes do mundo em figuras allegoricas; e no

centro, em tarja apartada, a figura da Soberana Rainha dos Anjos, subindo para o ceu, acompanhada das gerarchias celestes, e de todos os mysteriosos attributos que lhes pertencem.

Esta pintura, que data de mais de 230 annos, acha-se tão fresca e viva, em suas cores e desenhos, como se tivesse 20 ou 30 annos.

Correspondentes aos oito altares do corpo da igreja ha ao lado de cima oito tribunas, communicadas entre si por um largo corredor no centro da parede; na capella-mór ha egualmente quatro tribunas, duas de cada lado.

Todas estas tribunas dão grande elegancia e magestade ao templo.

Reitores do seminario patriarchal

Nos documentos existentes no archivo d'este estabelecimento, só depois que o collegio ou seminario voltou a estabelecer-se por segunda vez no edificio de Santa Catharina, em Lisboa, é que se encontra designado o nome do reitor, que era o padre Lourenço Alexandre d'Albuquerque. Foi este mesmo que acompanhou o seminario, quando definitivamente foi transferido para o collegio dos jesuitas, em Santarem, onde hoje se acha; mas veio na qualidade de vice-reitor, e não de reitor, cuja alteração parece poder explicar-se pelas maiores proporções que o seminario devia attingir na sua mudança para um edificio mais vasto, em numero de alumnos, desenvolvimento de estudos, escolha de professores mais graduados, e de maior importancia litteraria; reclamando todas estas circumstancias um reitor de posição correspondente, em litteratura e gerarchia.

A nomeação, porém, de reitor, demorou-se em consequencia do fallecimento do cardeal patriarcha, D. Fernando de Souza, continuando por isso o vice-reitor a administrar o seminario, até que em 1726 foi nomeado e tomou posse, o cardeal patriarcha D. José Francisco Miguel Antonio de Mendonça, da casa dos condes de Val de Reis.

Este prelado, aposentando o vice-reitor, Lourenço Alexandre de Albuquerque, no-

meou reitor, o conego da basilica de Santa Maria, José Caetano da Mesquita e Quadros, por carta de 4 de janeiro de 1790; nomeando por essa mesma occasião, para vice-reitor, o dr. Bento José de Souza Farinha.

Fallecendo o reitor José Caetano de Mesquita e Quadros, sendo então principe regente, D. João (que depois foi rei, 6.º do nome) passou a reitor, com poderes de reformador, o vice-reitor Bento José de Souza Farinha.

Este grande homem fez mui notaveis serviços ao seminario, tanto na parte moral, e litteraria, como ainda na parte material.

Pela invasão dos francezes, commandada pelo general Junot, em 1807, retirou-se todo o pessoal do seminario para a quinta da Mitra, em Marvilla, junto ao Poço do Bispo, e na volta para Santarem, sendo então patriarcha D. Antonio de S. José de Castro, e achando-se inhabilitado por falta de forças o reitor Farinha, veio encarregado de toda a administração do seminario, na qualidade de reitor, o padre João Farto Franco, cuja administração durou até 1834, em que de todo se fechou o seminario.

Na restauração de 1853 nomeou o cardeal patriarcha para reitor o conego Joaquim Moreira Pinto,¹ e para vice-reitor, frei Ma-

¹ Era natural de Guimarães; foram seus paes, Luiz Theodoro Pinto de Carvalho e Maria Magdalena Moreira. Nasceu no dia 1.º de novembro de 1807, e foi baptisado na igreja de Nossa Senhora da Oliveira d'aquella villa.

Tomou o habito da ordem dos Prégadores no convento de S. Domingos de Bemfica, de Lisboa, a 21 de fevereiro de 1827. Ordenou-se de presbytero, em Coimbra, a 28 de maio de 1831. Concluiu a sua formatura em theologia, pela Universidade de Coimbra em 7 de junho de 1848.

Por provisão do cardeal patriarcha D. Guilhreme, datada de 26 de julho de 1850, foi nomeado seu secretario de gabinete. Em 12 de agosto de 1851, foi nomeado desembargador e juiz effectivo da relação e cúria patriarchal; e em 1861 para juiz de secção de recursos pontificios. Em 1853 foi apresentado em um canonicato da Sé patriarchal; em 12 de setembro d'esse anno, foi nomeado reitor do seminario; e por decreto do governo, datado de 14 de novembro do dito anno, foi igualmente nomeado reitor do ly-

noel de Santa Rita Barros.¹ Importantes serviços prestou ao seminario o reitor Moreira Pinto, coadjuvando o sabio e activissimo prelado, na grande e difficil empresa da restauração do seminario.

Pelo prematuro fallecimento de D. Guilherme, succedeu no patriarchado D. Manoel Bento Rodrigues, e como Moreira Pinto, pelos seus padecimentos physicos, não podesse continuar á testa da administração do seminario, pediu a sua exoneração, e succedeu-lhe o padre Joaquim de Oliveira Leitão,² nomeado reitor interino por provisão de 27 de janeiro de 1861. Este ecclesiastico, muito respeitavel pelas suas virtudes e saber, achava-se já em uma idade muito avançada, e gasto de forças physicas, indispensaveis para tão vasta e complicada administração, pelo que a disciplina, e mesmo a administração da fazenda, soffreram alguma cousa durante a sua gerencia.

Pelo fallecimento do cardeal patriarcha D. Manuel Bento, em 25 de setembro de 1869, foi eleito vigario capitular e governador do patriarchado, o reverendo conego, doutor

ceu e commissario dos estudos, no districto de Santarem.

Era commendador da ordem de Christo, por decreto de 7 de julho de 1864.

Pelo fallecimento do cardeal patriarcha D. Manuel I, foi nomeado—Séde Vacante—Ecónomo da mitra, e testamenteiro do prelado fallecido.

¹ Era natural de Lisboa; pertenceu á ordem dos *terceiros professos de S. Francisco*, no convento de Jesus de Lisboa. Era parochio collado da freguezia do Pinheiro Grande. Foi nomeado e confirmado bispo d'Angola, e alli falleceu seis mezes depois de tomar posse.

² Era presbytero da extincta congregação oratoriana, da cidade de Braga. Alli tinha exercido o magisterio de humanidades e de theologia moral. Por conhecimento que d'elle tinha o patriarcha, D. Manuel Bento Rodrigues, mandou-o vir de França, onde então se achava, e nomeou-o professor de francez para o seminario, cujos estudos de *humanidades e linguas* se professavam então no lyceu.

Mais tarde foi proposto por aquelle prelado para uma cadeira de conego, da insigne collegiada de Santa Maria d'Alcáçova, onde foi provido. É natural da freguezia de Santa Maria de Ferreiró, comarca de Villa do Conde, arcebispado de Braga.

Americo Ferreira dos Santos Silva (hoje cardeal bispo do Porto) que, respeitando as virtudes e saber do reitor interino, Oliveira Leitão, entendeu que pela sua muita idade, não podia, nem devia continuar por mais tempo na administração do seminário, e (a seu contento) o exonerou, por provisão de 18 de outubro de 1869; e, n'esta mesma data, nomeou por outra provisão para reitor do seminário, o doutor e conego Augusto Henriques,¹ que já desde alguns annos era professor de sciencias ecclesiasticas do seminário.

Em 20 de junho de 1871 tomou posse do governo do patriarchado, o sr. cardeal patriarcha D. Ignacio do Nascimento de Moraes Cardoso, que, pela graça de Deus ainda governa a egreja lisbonense, e pedindo por essa occasião o reitor, dr. Augusto, a sua exoneração, dignou-se o prelado nomear para reitor o sr. dr. Manoel Xavier Pinto Homem, que ainda hoje se acha á testa d'aquello importante estabelecimento.

O reverendo dr. Manuel Xavier Pinto Homem

Nasceu a 25 de março de 1815, na freguezia de S. Thiago, concelho e comarca de Armamar, districto de Viseu e bispado de Lamego.

Foram seus paes, Francisco Xavier Pinto Homem, e D. Rosa Claudia.

Em maio de 1830 entrou na ordem de S. Francisco, provincia reformada da Conceição; professou solemnemente em junho de 1831; e sahiu para o *seculo* em virtude do decreto, que em 1834 extinguiu as ordens religiosas.

Ordenou-se de presbytero em dezembro de 1839; exerceu o ministerio parochial por

¹ É natural da freguezia de S. Miguel de Poiães, districto e bispado de Coimbra. Doutorou-se na faculdade de theologia em Coimbra, no anno de 1835. Chamado pelo prelado D. Guilherme, para professor do seminário, pouco depois foi nomeado conego da insigne e real collegiada de Santa Maria d'Alcáçova, em Santarém, e mais tarde apresentado em um canonicato da Sé Patriarchal, com o onus das sciencias ecclesiasticas no seminário.

espaço de sete annos, no bispado de Lamego. Em abril de 1846 foi para Coimbra com o fim de frequentar as aulas de theologia da universidade, e matriculou-se no primeiro anno theologico em outubro de 1848.

Sendo ainda estudante do segundo anno, fundou e regeu por espaço de quatro annos um collegio de *humanidades*, no edificio, que fôra convento dos frades de S. Francisco, junto á ponte de Coimbra. Augmentando a concorrência dos alumnos, e não tendo aquelle edificio os commodos necessarios, conseguiu do governo, o arrendamento do magestoso e vasto edificio, que fôra dos frades beneditinos, junto ao jardim botânico, e para alli transferiu o seu collegio, onde funcionou por espaço de 18 annos.

Em 1854 concluiu a sua formatura de bacharel em theologia; e em 13 de julho de 1856 tomou o grau de doutor na mesma faculdade.

Em setembro de 1871 foi convidado pelo sr. cardeal patriarcha de Lisboa, D. Ignacio I, para reitor do seu seminário patriarchal; tomou posse no 1.º de outubro d'aquelle anno. Por decreto patriarchal, de 21 de fevereiro de 1872, dignou-se o mesmo prelado nomeal-o desembargador e juiz effectivo da relação e curia patriarchal.

Por portaria regia de 5 de março de 1872 foi confirmado pelo governo no seu lugar de reitor.

É o sr. doutor Pinto Homem, um dos mais illustrados e exemplares sacerdotes do patriarchado, e, a todos os respeito, dignissimo da sua alta missão.

Para se saber o grau de aperfeiçoamento a que o sr. doutor Pinto Homem tem elevado este estabelecimento scientifico, transcrevo d'A *Ordem* n.º 74, de 19 de julho d'este anno de 1879, o que se segue:

O documento que abaixo transcrevemos, enche-nos do maior contentamento.

Ha em Portugal, n'este reino tão trabalhado pela revolução, um seminário que sabe comprehender a sua missão catholica, educando com desvelo e cuidado, nunca assaz elogiados, os jovens levitas do Senhor, en-

carregados de ajudar a conduzir a arca da Aliança através d'este deserto, onde sopra o *simoom mortifero* que tudo tende a destruir: fé, costumes e tradições.

Esse Seminario é o do Patriarchado, estabelecido em Santarem.

Contam-se maravilhas da sua organização.

Alli se acham distribuidas d'um modo convenientissimo as horas d'exercícios religiosos, as de trabalho scientifico, e as de recreio; *convenientissimo*, dizemos, porque se alliam em fraternal amplexo, a fé, a sciencia e a hygiene.

A educação de um Seminario deve ser, como a do de Santarem, adaptada ao fim religioso, a que se destina, tanto em relação á piedade, como á instrucção, sem desconhecer os passa-tempos e recreios necessarios á saude e robustez do corpo, assim como ao elemento sensível da nossa natureza.

As festividades que se celebram na sua Egreja, uma das mais formosas que conhecemos, e que attesta a *ignorancia* de seus fundadores, elevam a alma do crente pelos sentimentos de fervor que n'ella se experimentam e sentem.

As harmonias do órgão, casadas á suavidade, frescura e gravidade das vozes de mancebos, em cujas almas candidas não despontaram ainda pensamentos peccaminosos, e as de ecclesiasticos venerandos que traduzem em accents, repassados do mais terno sentimentalismo, os pensamentos graves e serios que lhe vão na mente; um côro como entre nós se não encontrará, hoje em dia, outro: o acceio, a limpeza e a boa ordem que reinam em tudo e em toda a parte; são para admirar nos tempos desgraçados que atravessamos, em que os Seminarios nem sempre são o que deveram ser; tal é a sua desorganisação, e desvio de seus legitimos fins!...

É que no Seminario de Santarem ha zêlo, instrucção e moralidade.

Quanto não encanta o vêr mancebos de 10 annos sabendo já o canto gregoriano, e executando a lithurgia com toda a perfeição!

Quanto não são para admirar-se, a com-postura, gravidade, e ordem com que cada alumno caminha para o côro da Egreja, e alli occupa o seu lugar!

Desejavamos que se tivesse entrado n'aquella casa religiosa no anniversario da coroação de S. Santidade, Leão XIII, ou no da morte de Pio IX, de santa memoria; só então se ficaria fazendo uma justa ideia dos sentimentos que animam o pessoal d'aquelle estabelecimento de piedade em relação á Santa Sé.

No primeiro caso presenciar-se-hiam alegria, jubilo e enthusiasmo; no segundo, tristeza, abatimento e lagrimas.

Dôr durante as adversidades da Egreja, ou ao recordal-as, e satisfação nos seus acontecimentos prosperos, ou ao commemoral-os, eis o que deve fazer o bom filho da Casta Esposa do Divino Cordeiro, eis o que deve fazer o bom catholico, e o Padre fiel aos seus juramentos; eis o que fez tambem o Seminario de Santarem.

Não são indifferentes para tão catholicos alumnos, e para superiores e professores tão venerandos e submissos, as approvações do Santo Padre.

É por isso que ao manifestar ao actual Pontifice a sua alegria por occasião do anniversario da sua elevação ao Pontificado n'uma bella felicitação que lhe dirigiram, exprimiram tambem a tristeza profunda que sentiam por vêr a Santa Sé reduzida ás mais penosas condições, após a occupação romana, pelo governo do rei Victor Manuel.

E fizeram ainda mais, como bons filhos: apezar dos seus fracos recursos, entre si se collectaram para darem ao Summo Hierarcha da Egreja uma prova do seu amor filial, remettendo conjunctamente com a felicitação 127\$000 réis para o *Dinheiro de S. Pedro*.

Uma e outra cousa agradeceu o S. Padre, Leão XIII, na carta, por elle dirigida ao Seminario de Santarem em resposta á felicitação e offerta, nos termos mais commoventes e honrosos.

Que maior galardão para os alumnos, superiores e pro essores, do que ficarem sabendo pela carta do Summo Pontifice, que

elle sente alegria por ver a sua união com a Santa Sé?

Que maior honra do que saber pelas proprias palavras do Successor de S. Pedro, que o pouco com que cada um pode contribuir, serviu para *auxiliar o Pae Commum, que lucha com as maiores difficuldades e privações, na dispendiosissima administração da Igreja n'estes tempos calamitosos?*

De que bens não será penhor para tão religiosa communitade a benção especial que a cada um de seus membros, e a todos em geral, envia o Vigario de Christo?

Felicitando o Seminario de Santarem por tão elevados sentimentos catholicos, e pela carta tão honrosa que acabam de receber, não podemos abster-nos ainda de felicitá-los por terem um Reitor, que tão bem sabe dirigir a educação dos jovens que se destinam ao sacerdocio.

É ao ex.^{mo} sr. dr. Manuel Xavier Pinto Homem, a quem esta cidade deve tantos favores, e que aqui mostrou a sua aptidão, por tantos annos, para o difficilimo encargo de Director d'uma casa d'educação; é a este dignissimo sacerdote, que pertence a honra de poder dizer, que aos seus esforços, prudencia, pericia, e rectidão inquebrantável, se deve a elevação moral, religiosa e scientifica que distinguem o Seminario do Patriarchado, e o collocam na primeira plana entre os estabelecimentos d'este genero, não só entre nós, mas no estrangeiro.

Felicitemos por igual a todos os demais cooperadores do ex.^{mo} Reitor, pelo seu zelo, intelligencia, e fiel observancia dos regulamentos d'aquelle Seminario, que é sem sombra de duvida digno de todos os elogios.

Eis a carta dirigida ao Seminario Patriarchal em Santarem pelo SS. Padre Leão XIII, em resposta á felicitação que pelo mesmo Seminario lhe foi enviada, em março do corrente anno de 1879. (Traducção.)

Aos nossos amados filhos, Reitor, Professores e alumnos do Seminario Patriarchal de Santarem, em Portugal, Leão XIII, Pontífice Maximo, envia Saude e a Benção Apostolica.

Quando tantas doutrinas contradictorias desviam da verdade muitos espiritos, veio

a vossa carta encher-nos de prazer, porque vós e vossos professores, como filhos da Igreja de Deus, unidos nos mesmos sentimentos e no mesmo pensamento de trabalhar na prégaação do Evangelho, levantaes os olhos para este centro da Unidade Catholica, esperaes receber da cadeia de S. Pedro a luz e a verdade, e protestaes seguir escrupulosa e diligentemente os seus decretos. Por esta excellente disposição de vossos espiritos, que tem por base a fé, e é acompanhada de nobres sentimentos de obsequio e caridade, exulta nosso coração, concebemos de vós as melhores esperanças, e estimamos devidamente a educação que recebeis de vossos mestres. Estes, bem lembrados da gloria que o reino de Portugal alcançou, em estreita união com a Santa Sé, em proveito da Religião e da patria, tentam fazer resurgir e alimentar em vossos corações os nobres sentimentos dos antigos portuguezes. E não tem sido em vão seus esforços; claramente o prova a satisfação com que, seguindo o exemplo de vossos generosos antepassados, quizestes por obras confirmar as expressões do vosso amor de filhos para connosco.

Cada um de vós tomou dos seus pobres recursos um pouco, e assim viestes todos auxiliar o Pae commum, que lucha com as maiores difficuldades e privações na dispendiosissima administração da Igreja n'estes tempos calamitosos.

Nós, que agradecidos recebemos as vossas dadas, e muito nos alegamos com o vosso procedimento, rogamos ao Omnipotente que recompense com os dons da Sua Divina Graça o vosso piedoso affecto, cuja nobreza Elle só sabe avaliar, e inspire em vosso coração aquellas aspirações que podem tornar-vos bons, activos e uteis trabalhadores do Seu campo.

Este é, amados filhos, o bem que vos desejamos, essa a principal recompensa de seus trabalhos, que supplicamos para vossos professores, aos quaes e a cada um de vós em particular enviamos a Benção Apostolica. Esta vos alcance a protecção Divina e seja para vós o penhor da nossa paternal benevolencia, Dada em Roma, no Palacio de S.

Pedro, aos 29 de maio de 1879, segundo anno do nosso Pontificado. Leão XIII, P. P.

Vinhas d'Alvisquer, ou, campo de Santarem

Ficam ao N.E. da cidade, e produzem optimo vinho, de varias qualidades. O territorio d'estas vinhas, é quadrilongo, com 6 kilometros de comprido por 3 de largo.

Mas, comprehendendo hortas, pomares e olivedos contiguos, tem 25 kilometros aproximadamente de circumferencia, todo o terreno cultivado.

Foi no sitio dos *Valladinhos*, na veiga de Alvisquer, que o intrepido fidalgo, Lourenço Viegas, deu a primeira batalha aos mouros d'Albujaque, como ja fica dito.

Já dei a definição do nome *Albujaque*. Esqueceu-me então dizer, que alguns pretendem que o cognome (e não o nome) d'este mouro, fosse *Albarraque*—o luzente, o brilhante, o resplandecente, etc.—Deriva-se do verbo *baraca*, reluzir, brilhar, resplandecer, etc.—Será.

As Omnias

Dá-se este nome a um territorio povoado de hortas e pomares que ficam um kilometro ao S. do bairro do Alfange, em razão de produzirem *toda* a qualidade de fructas, e todas saborosissimas.

Vinhas da Vallada e Galléga

Ficam em seguida ás *Omnias*, e ambas sobre a margem esquerda do Tejo. Tem 5 kilometros de comprido, por 3 de largo; continuando-se as vinhas e dilatados campos que produzem grande quantidade de cereaes.

Campo do Mourão

Fica na margem esquerda do Tejo, em frente de Santarem. É uma extensissima veiga cultivada, e onde se criam diversas qualidades de gado.

Antigamente se criavam n'este campo os velocissimos cavallos, tão famosos no tempo dos romanos. Hoje ainda alli se criam bastantes, mas tem havido muito desmazello na escolha da qualidade. Ha tambem aqui grandes *manadas* de touros bravos.

Olivaes de Santarem

Estes famosos olivaes, principiam proximo da cidade, cercando-a pelo E., N.E., N., N.O., e O., dilatando-se por valles e outeiros, estanciando por entre elles, muitas hortas e pomares, quintas e casaes.

Já disse que os olivaes do lado do O., foram bastante derrotados, desde outubro de 1833 até maio de 1834, tanto pelos realistas como pelos liberaes.

Dos *campos da Gollegan*, ou *Valle da Asacaia*, já tratei.

Finalmente, todos os arredores de Santarem, até uma grande distancia, tanto ao N. como ao S. do Tejo, são formosos e fertilissimos.

Cemiterio de Santarem

Foi construido depois de 1834, no terreno onde existiu a egreja matriz da supprimida freguezia de S. Lourenço, e a dos frades de Santo Antonio dos capuchos, e seu mosteiro e cêrca.

Fica em uma eminencia, e tem alguns mausoleos de bom gosto.

Entre estes, avultam o de Passos Manoel e o de Sá da Bandeira. Este, segundo a vontade do general, tem ao pé uma nogueira, alludindo ao seu appellido (*Bernardo de Sá Nogueira*.)

Como esta nogueira foi plantada ha poucos mezes, tem apenas uns trez palmos de alto.

A vista da entrada do cemiterio, é admiravel. Em frente, vê-se a bella e extensa ponte (quasi concluida) que atravessa o Tejo, da Ribeira para o sul.

Repartições do governo civil, cadeia, repartições do correio, e administração do concelho.

Tudo isto se estabeleceu, depois de 1834, no edificio do mosteiro dos carmelitas descalços.

Devéra tambem alli ser o tribunal do juizo de direito e suas dependencias, e para isso tinham destinado a igreja do mosteiro, mas ficou em projecto, e lá estão ainda as paredes dismanteladas, attestando aos vindouros, as profanações dos vandalas do seculo XIX.

A antiga cadeia (de que já fallei) era na praça, nos pavimentos inferiores da casa da camara. Hoje está transformada em quartel do destacamento que para aqui vem, para fazer a guarda das repartições publicas. É commandada por um subalterno, e rendido de trez em trez mezes.

Fui de proposito a Santarem, onde me demorei nos dias 1 e 2 de outubro d'este anno de 1879, para conferir o que tenho escripto sobre esta cidade, com o que alli visse e examinasse, e fazer as necessarias rectificações. Em resultado do meu exame, eis as correções e additamentos que tenho a fazer.

Ermida de Santo Ildefonso.—(pag. 574, col. 1.ª)—Esteve abandonada desde 1834, como a maior parte das outras ermidas de Santarem. Sendo ministro o sr. Francisco Lobo d'Avila, cedeu esta capella ao *Montepio dos artistas*, que a restaurou e restituiu ao culto, e por sua conta celebra alli a festividade do padroeiro.

Como fica dito a pag. 574, já antigamente pertencia esta capella á irmandade dos carpinteiros e pedreiros.

Ermida de Nossa Senhora das Angustias.—Além da da mesma invocação, que descrevi a pag. 568, col. 2.ª, existe outra no districto da freguezia de Marvilla.

Fica mesmo em frente da capella profanada de S. Lazaro, mas do outro lado (N.) da rua.

É uma capella grande e que denota muita

antiguidade. Alegrou-me o vél-a muito bem conservada exteriormente, e caiada de novo, com todos os signaes de templo catholico, menos o sino, que falta no campanario; mas qual foi o meu *desapontamento*, quando vi da sua porta travessa, que estava aberta, uns poucos de homens, arrumando mólhos de palha e tábuas velhas!

Está, pois, tambem transformada em PALHEIRO.

Anda em principio de construcção (por emquanto apenas ha *movimentos de terra* e aberturas de alicerces) a *penitenciaria* districtal. É na chapada de um monte ao O. da cidade, em sitio alegre e com extensas e dilatadas vistas para o N., S. e O.

Percorri toda a cidade, não só interior como exteriormente. Fiquei embevecido do vastissimo e delicioso panorama que se gosa de todos os pontos circumferentes. Só vendo, se pôde fazer idéa das encantadoras formosuras que se estendem por muitas leguas em redor, offerecendo ao espectador admirado a vista de bellas quintas, granjas e casaes, extensissimos olivedos, vinhas, pomares, cearas, e o formoso Tejo, sulcado por innumeros barcos que o percorrem em todos os sentidos.

No bairro da Alcáçova, ao S., está o formosissimo sitio, ainda chamado *Porta do Sol*, onde os nossos primeiros reis tiveram os seus paços. Ainda existe uma porta d'estes paços reaes, adornada de primorosissimos rendilhados. As muralhas do antiquissimo castello arabe ainda aqui estão em partes bem conservadas; mas os palacios de antigos fidalgos e predios particulares, está quasi tudo reduzido a tristes ruínas, n'este bairro!

Na *Porta do Sol* é o sumptuoso reservatorio das aguas da respectiva companhia.

São extrahidas do Tejo (mesmo debaixo da ponte), por um engenhoso elevador mechanico.

A ponte é de bella apparencia, e para a

sua conclusão apenas faltam os dois pérgões do N. e S.

O cemiterio publico é dividido em dois pavimentos. O inferior (a E.) *pertence aos pobres*, e o superior, *aos ricos*!... Já se vê que o cemiterio de Santarem não é considerado *campo da equaldade*.

Um dos melhores mausoleus da parte superior *pertence a*

José Antonio da Silva Torres Ponce
de Leon

(Visconde da Serra do Pilar)

Lazaro da Silva Torres, cavalleiro da Ordem de Christo, correio-mór de Santarem, nasceu a 10 de março de 1725 e falleceu a 22 de novembro de 1805. Casou com D. Feliciano Rosa de Oliveira, nascida a 4 de novembro de 1745, e fallecida a 29 de junho de 1811.

D'este matrimonio houve tres filhos—José, do qual adiante trato,—D. Maria Barbara, e D. Maria Gertrudes.

José Antonio da Silva Torres Ponce de Leon, primeiro filho, nasceu em Santarem, a 16 de março de 1782.

Sentou praça em cavallaria, e, seguindo os postos militares, era tenente-coronel do regimento de cavallaria n.º 8, quando teve logar a revolta de 16 de maio de 1828, na cidade do Porto, contra o governo do sr. D. Miguel I.

Torres entrou na revolta, foi pela junta revolucionaria nomeado commandante da cavallaria liberal, e n'esta commissão assistiu ás acções da Cruz dos Morouços, Marnel, e Ponte-do Vouga (24 de junho de 1828, e 28 e 29 do mesmo mez e anno) e, como as forças da junta foram derrotadas n'estas batalhas, teve o tenente coronel Torres com os seus, de retirar para o Porto.

Vendo os chefes principaes dos revoltosos que a sua causa estava, por aquella vez, perdida, abandonando as tropas que tinham induzido á rebelião, fugiram subrepticamente para a Gran-Bretanha, a bordo de um navio inglez, sendo Torres do numero dos que se salvaram por mar.

Da Inglaterra embarcou para a Ilha Terceira, sendo ahi nomeado commandante de uma columna composta de contingentes de caçadores 2 e 5, e com esta força dispersou no *Pico de Celleiro*, uma guerrilha realista, submettendo toda a ilha á obediencia do governo do sr. D. Pedro.

Regressou ao reino com o exercito liberal em julho de 1832, e assistiu ás acções de Ponte-Ferreira, em 22 e 23 de julho de 1832, e á de Souto-Redondo a 7 de agosto do mesmo anno.

Foi-lhe confiado o commando da guarnição das baterias da *Serra do Pilar* (Gaia) desde 8 de setembro do mesmo anno de 1832, até 20 de agosto do anno seguinte. Commandou a divisão de operações do norte, sahindo do Porto a 25 de março de 1834, e vencendo as forças realistas em Santo Thyrsó e na Lixa. Foi depois encarregado do governo militar da provincia do Douro e interinamente do Minho, depois da convenção de Evora-Monte.

Desde que sentou praça, portou-se com a bravura propria de um distincto militar portuguez, pelo que obteve os seus titulos e condecorações.

Foi feito primeiro barão do Pico do Celheiro a 4 de abril de 1833; visconde da Serra do Pilar, no 1.º de dezembro de 1834, sendo no mesmo anno elevado ao pariato.

Era official da Ordem da Torre-Espada, condecorado com a cruz d'ouro da campanha da guerra peninsular, e com as medallas de Albuhera e Victoria. Foi governador da torre de S. Vicente de Belem, e brigadeiro (general de brigada) do exercito.

Falleceu na sua casa em Santarem, e foi sepultado em um formoso mausoleu, como disse no principio d'este artigo.

Martim do Docem (ou d'Ocem)

Falleceu este homem, que tantos serviços prestou á sua patria, pelos annos de 1435, na então villa de Santarem. Como a biographia que d'elle se lê no 1.º tomo dos *Retratos e elogios dos varões e donas que illustraram a nação portugueza*, é pouco extensa,

a copio aqui, para que se não perca a memoria de tão notavel homem de estado.

É a seguinte:

•*Martim d'Ocem*, doutor em leis, foi do conselho d'el-rei D. João I e seu chanceller-mór; e egualmente do conselho do infante D. Duarte, seu filho, e governador da sua casa, que, segundo D. Rodrigo da Cunha, era o mesmo que aio ou mordomo. Era filho do Doutor Gil d'Ocem,¹ chanceller-mór do reino, que foi embaixador a Castella, com Affonso Gomes da Silva, em 1371, para confirmação das pazes, entre el-rei D. Henrique com D. Fernando de Portugal, e que, seguindo primeiro o partido da rainha D. Leonor (Telles de Menezes, viuva de D. Fernando I) a quem acompanhou de Lisboa para Alemquer, passou depois para o serviço do Mestre de Aviz, e o ajudou com o seu valor e conselho, acompanhando-o na batalha de Aljubarrota—e de sua mulher, Brites Annes Nogueira² e irmão de Pedro Gil d'Ocem, a quem el-rei D. João, sendo ainda Mestre d'Aviz, em agradecimento aos trabalhos no cerco de Lisboa, doou os direitos das quintas das suas *chantas*³ de Santarém.

Foi sobremaneira estimado pelo mesmo rei D. João I, como pessoa em quem elle muito confiava, por seu saber e experiencia, e lhe commettia os negocios mais importantes ao estado do reino, por onde, no anno de 1400, para tratar da quietação d'elle, o

¹ O auctor dos *Retratos e elogios dos varões e donas*, escreve este appellido de diferentes modos: ora diz *D'ocem*, ora *d'Ocem*. Na inscripção tumular (como se verá adiante) se lhe dá o nome de *Martim do Sem*. Era progenitor do famoso *Pedro Cem*, de que fallo no artigo *Porto e S. Nicolau*, freguezia da mesma cidade.

² A redacção está aqui um pouco obscura: deve entender-se que Martim d'Ocem era filho do doutor Gil d'Ocem e d'esta Brites Annes, e irmão de Pedro Gil d'Ocem, etc.

³ *Chanta* é portuguez antigo—significa o terreno em que foram plantadas de pouco tempo, arvores de qualquer qualidade, ou vinhas (bacéllo). As *chantas* a que se refere o texto, eram certos oliveas novos, plantados em uns terrenos dos arrabaldes de Santarém.

mandou por embaixador a Henrique de Castella, afim de se assentar treguas ou pazes com elle, dando-lhe por companheiros a D. João Esteves da Azambuja, arcebispo de Lisboa e depois cardeal, e a João Vazques da Cunha, pessoas de muita auctoridade. E, chegando todos a Segóvia no 1.º de junho d'aquelle anno, onde el-rei estava, por motivo das condições propostas pelo cardeal de Avinhão, que respondia pelo dito rei, veio Martim d'Ocem a Lisboa, e assistindo a alguns conselhos em que na sua presença se tomaram as resoluções que pareceram convenientes; tornou a Segovia e se estabeleceram treguas de dez annos.

Pouco tempo depois, no anno de 1404, depois da morte de Ricardo II de Inglaterra, o occupou o mesmo rei D. João I, mandando-o a Londres, com João Gomes da Silva, seu alferes-mór, a ratificar a confederação e alliança com Henrique IV, seu successor; a qual concluiu com brevidade e satisfação de ambas as corôas em 16 de fevereiro.

No anno seguinte—de 1405—foi segunda vez mandado pelo mesmo rei a Inglaterra para ajustar, juntamente com João Vaz de Almada, o casamento de sua filha illegitima, com D. Thomaz, conde de Arundel, o qual ajuste se celebrou a 7 de fevereiro, e se recolheram ambos a Portugal com os procuradores do conde.

Depois de feito este casamento, em abril, na presença do mesmo rei, seu pae, e com a solemnidade correspondente á grandeza do acto, tornou a Inglaterra e fez as vezes de procurador da parte de D. João I, para se lavrar o instrumento d'este casamento, e de haver recebido as benções da mão do arcebispo de Cantuária, primaz d'aquelle reino; o qual se lavrou na presença do rei de Inglaterra, em 26 de novembro do mesmo anno.

No anno de 1411, foi nomeado embaixador a Castella com o sobredito João Gomes da Silva, alferes-mór, e Fernão Gonçalves Behagua, deão da Sé de Coimbra; para tratar pazes com a rainha D. Catharina, que governava na menoridade de el-rei D. João II, seu filho; as quaes se estabeleceram e

ratificaram em 31 de outubro do dito anno de 1411, para serem depois approvadas pelo rei.

Em 1418 quiz el-rei D. João, de Portugal, confirmar estas pazes, e foi mandado segunda vez Martim d'Ocem, com os mesmos, João Gomes da Silva e Fernão Gonçalves Beiliagua; mas respondendo-se-lhes que ainda o rei não tinha completado 14 annos, voltaram para o reino, sem effeito.

Chegando o rei á idade 14 annos, em 1419, foi outra vez nomeado e com os mesmos companheiros, para o mesmo fim, e com o mesmo successo, pois se recolheram para Portugal, só com as esperanças do que depois aconteceu, como as nossas chronicas referem.

Assistiu como testemunha no casamento de el-rei D. Duarte, sendo ainda infante, com a infanta D. Leonor de Aragão, em Coimbra, a 4 de novembro de 1428; e tambem na confirmação que seu pae, el-rei D. João I, fez do mesmo contrato, na villa de Extremoz, em 2 de dezembro do mesmo anno.

Foi igualmente testemunha, em primeiro logar, no instrumento que se passou dos desposorios da infanta D. Isabel, filha do mesmo rei, com Philippe, duque de Borgonha, por seus procuradores, em Lisboa, em 1429.

E, para prova do bem que serviu em todas estas cousas, o rei D. João I, em seu testamento o mostra e confirma, por estas palavras:—*E semelhante achámos e soubemos do doutor Martim Docem, do conselho nosso e do infante meu filho e seu chanceler-mór, que, em desembargar as nossas não certas e fazer outras cousas per nosso serviço, assi ante que fosse em casa do dito infante, como depois que em ella andou, que todo fez muyto bem e como devia, com resguardo de nosso serviço.*—

Acha-se matriculado entre os moradores da casa real de D. João I, com a moradia de 15\$600 réis.

Falleceu na villa de Santarem, e jaz no convento de S. Domingos, da mesma villa, na capella de S. Pedro, no cruzeiro, em um tumulo levantado, onde se vê a sua figura, do mesma sorte que se mostra n'esta sua

estampa, esculpida de figura inteira e deitada sobre elle com o escudo das suas armas.¹ É o seu epitaphio:

AQUI JAZ O MUY HONRADO
E FAMOSO DOUTOR MARTIM DO SEM
DO CONSELHO DO MUY ALTO, EXCELLENTE
E PODEROSO PRINCIPE E REY
DOM JOÃO E DO INFANTE DOM
DUARTE, SEU FILHO PRIMOGENITO,
E SEU CHANCELLER-MÓR.
O QUAL, POR SEU MUITO
TALENTO, FOI POR ELLES EM A
EMBAIXADA, AOS REYNOS DE
INGLATERRA E CASTELLA.

Já vimos na col. 1.^a de pag. 544 d'este volume, que esta egreja foi sacrilegamente profanada depois de 1834. Hoje, tanto o templo como o edificio do mosteiro estão convertidos em um montão de ruínas, e o tumulo de Martim d'Ocem e de outros varões illustres, em paredes de casas e pavimentos de ruas.

Ainda a egreja de S. João d'Alporão

Vi-a detidamente a 2 de outubro d'este anno de 1879. As obras de reconstrução continuam vagarosamente com diminuto numero de pedreiros; todavia o tecto está concluido, e o que foi capella-mór tambem está interiormente quasi reparado, e no exterior pouco falta para terminarem as obras da restauração.

Tiveram o bom gosto de seguir em tudo a architectura primitiva.

O oculo ou espelho circular da fachada do templo, como estava muito damnificado, se apeiou, e anda em construcção outro com o mesmo desenho.

Já se gastaram mais de trez contos de réis n'estes reparos, e calcula-se que é necessario dispendir ainda uns 17 para a sua conclusão.

¹ As armas de Martim d'Ocem eram:—

Em campo azul um leão de ouro, rompen-te, armado de púrpura (Castellos-Bran-cos)—Orla de púrpura com onze vieiras (conchas)-d'ouro, realçadas de negro (Vieiras).

O arco do Pão

Já disse que ainda existe na Ribeira a porta assim denominada. Também ainda alli se vê um lanço bem conservado da antiga muralha, o que nos prova que, em tempos remotos, este bairro, ou parte d'elle foi fechado e protegido por obras de defeza, como Santarem.

(Vide col. 1.ª de pag. 448.)

Arco do Pedregal

Ainda existe esta porta no antigo bairro do Alfange. Segundo a tradição, era o centro de um forte muro (de que não ha vestigios) construido para que as enchentes do Tejo, não invadissem a povoação. A porta servia, não só para dar escoante às aguas, como também para serviço dos habitantes do bairro.

Indece alphabetico do contheudo no artigo .Santarem.

A

	Pag.
Abidis.....	461
Achilles lusitano.....	498
Affonso (D.) infante de Portugal.....	492
Affonso (D.) infante (outro).....	502
Affonso (D.) rei, sexto do nome.....	511
Affonso Henriques (D.) rei.....	467, 469
Agostinhos calçados (Frades).....	543
Agostinhos descalços (Frades).....	514, 543, 565
Al Baraque.....	474, 475
Alcáçova.....	448, 553
Alfange (Bairro do).....	448
Alporão (S. João de).....	449, 464, 590
Antonio de Santarem (Frei).....	482
Antonio de Quadros (Padre).....	506
Antonio (D.) Prior do Crato.....	507
Antonio da Conceição (Frei).....	508
Antonio de Mattos Noronha (D.).....	509
Antonio Jorge Machado (Dr.).....	513
Appellido de Santarem.....	447
Arco do Pão.....	451, 591
Arco do Pedregal.....	591
Arrabidos (Frades).....	546
Assassinos de D. Ignez de Castro.....	489
Assento de Santarem.....	447
Assento em côrtes.....	447
Auctoridades e empregados publicos de Santarem.....	453
Augusto Henriques (Padre).....	583
Auzecri, alcaide de Santarem.....	472

B

	Pag.
Bacho.....	461
Bairros de Santarem.....	447
Barão da Silva Gameiro.....	538
Barca da passagem.....	455
Basilio de S. Francisco (Frei).....	511
Benedictinos (Frades).....	546
Bento José de Sousa Farinha.....	582
Bernardo de Sá Nogueira, marquez de Sá da Bandeira.....	516
Brazões de Santarem.....	447

C

	Pag.
Calçadas de Santarem.....	451
Calipso.....	461
Camara.....	446
Campo do Mourão.....	586
Capellas (vide <i>Ermidas</i>).....	
Casa da camara antiga.....	452
Capuchas (Freiras).....	543
Capuchos (Frades).....	544
Carmelitas descalços (Frades).....	546
Cemiterio publico.....	586, 588
Cheia e temporal de 1876.....	538
Claras (Freiras).....	540
Concelhos do districto de Santarem.....	446
Conegos regulares (Frades).....	547
Conventos (vide <i>Mosteiros</i>).....	
Côrtes em Santarem.....	480, 486, 486, 487, 494, 494, 495, 495, 496, 498.....
Cyro, rei arabe.....	500
	467

D

	Pag.
Diogo (D.) duque de Viseu.....	500
Diogo da Costa.....	510
Diómedes	462
Dominicas (Freiras).....	539
Dominicos (Frades).....	544, 590
Domingos do Cuvo (Frei).....	480
Donas (Freiras) Vide <i>Dominicas</i> .	
Duarte de Menezes, conde de Vianna..	496
Duarte Pacheco Pereira.....	498

E

Egrejas mátrizes actuaes.....	445, 547
Egrejas matrizes supprimidas....	445, 553
Ermidas	564
Esterilidade notavel.....	463
Estevam (Santo).....	447, 448, 477, 478
Excellente senhora.....	505

F

Fernando I (D.).....	490
Fernando (D.) <i>Infante santo</i>	493
Fernando de Tavora (D. Fr.).....	506
Fernão Bésteiro.....	501
Fernão Lopes Castanhêda.....	505
Foraes de Santarem, 467, 474, 477, 477,	
479, 496.....	503
Freguezias (Vide <i>Egrejas matrizes</i>)...	445
Freguezias do concelho de Santarem..	445

G

Garcia (D.) rei de Portugal e Galliza..	467
Garcia de Menezes (D.) bispo d'Evora..	500
Gaspar do Casal (D. Fr.) bispo de Coimbra.....	503
Gergoris ou Gorgoris	461
Gil (S. Frei).....	480, 540
Gilberto (D.) 1.º bispo de Lisboa.....	473
Governo antigo de Santarem.....	447
Governo civil e suas dependencias....	587
Guerra civil (termo da) de 1832 a 1834..	523

H

Henrique (D.) o de Sagres.....	492
Henrique II, de Castella.....	490
Henrique de Távora e Brito, arcebispo de Gôa.....	507
Historia chronologica de Santarem....	461
Hospital de Jesus Christo.....	490, 495

I

	Pag.
Invasão árabe.....	466
Invasão dos barbaros do Norte.....	465
Iria ou Irene (Santa).....	466, 553
Isidoro da Luz (Frei).....	513

J

Jeronyma de Carvalho (Dona).....	507
Jesuitas (Padres).....	546
João Affonso de Santarem.....	489, 495
João (D.) infante de Portugal.....	492
João I (D.) de Portugal.....	492
João I (D.) de Castella.....	491
João II (D.) de Portugal.....	500
João d'Azevedo (Padre).....	512
João Diogo de Barros Leitão Carvalho-sa, 1.º visconde de Santarem.....	514
João Farto Franco.....	582
Joaquim d'Oliveira Leitão.....	582
Joaquim Moreira Pinto.....	582
José Antonio da Silva Torres.....	588
José Caetano de Mesquita e Quadros..	582
Judiaria.....	450
Julio Cesar.....	463

L

Leonel da Costa.....	510
Lopo de Sousa Coutinho.....	504
Lourenço Alexandre de Albuquerque (Padre)	581
Luiz de Figueiredo (Doutor).....	513
Luiz de Sousa (Frei).....	505
Luiza de Gusmão (viuva de D. João IV —Dona).....	511

M

Magdalena de Vilhena (D.).....	506
Manoel da Silva Passos.....	536
Manoel de Quadros (D.) bispo da Guad.....	509
Manuel Xavier Pinto Homem (Dr.)...	583
Marianna da Fé (Madre).....	514
Marquez de Sá da Bandeira.....	516
Martim d'Ocem.....	588
Martyres de Marrocos.....	508
Marvilla.....	448, 548
Mausolen de D. Fernando I.....	490
Miguel I (D.) Vide <i>Guerra civil</i> .	

Milagre — Vide <i>Santo Milagre</i> .	Pag.
Milagre de J. C. Crucificado.....	484
Morte do infante D. Affonso.....	502
Mosteiros de frades.....	543
Mosteiros de freiras.....	539
Museu districtal.....	453

N

Nicolau (Egreja de S.).....	552
Nicolau Pimenta (Padre).....	509
Nome actual de Santarem.....	466
Nome antigo de Santarem.....	462

O

Olivaes de Santarem.....	586
Omnias.....	586

P

Palacio dos patriarchas.....	450
Payo Peres Correia (D.).....	482
Pedro de Menezes(D.).....	493
Pedro de Santarem (Frei).....	480
Pedro Eannes Lobato.....	487
Pedro Escuro.....	493
Pedro Fernandes Gallego.....	479
Penitenciaria districtal.....	587
Periodicos de Santarem.....	450
Peste.....	496
Policia civil da cidade (instituição)....	538
Ponte sobre o Tejo, em Santarem.....	537
Porta do Pão.....	451, 594
Porta do Sol.....	587
Portas e Postigos.....	447, 452

R

Reitores do seminario.....	584
Reservatorio das aguas.....	587
Ribeira (Bairro da).....	448
Romanos na Peninsula.....	463

Romão (Frei).....	Pag. 509
-------------------	-------------

S

Salvador (Egreja do).....	547
Santarem (Appellido).....	447
Santarem (Titulo de cidade).....	537
Santo Milagre (Egreja do).....	448, 477
Santo Milagre (Hostia).....	477
Santo Milagre (Ermida).....	478
Sebastião de Menezes (D. Frei) Patriar-	
cha da Africa.....	494
Senhora da Piedade (Egreja), 541, 543,	563
Soeiro Gomes (D.) bispo de Lisboa....	479
Supplicio dos assassinos de D. Ignez de	
Castro.....	489

T

Tabolado.....	450
Templarios.....	473
Terceiros de Jesus (Frades).....	546
Termo de Santarem.....	454
Terramoto de 1755.....	514
Terreiro da Piedade.....	450
Torre Albarran.....	449
Torre das Cabaças.....	449
Torre do Bufo.....	449
Trinos (Frades).....	545

U

Ulysses.....	461
--------------	-----

V

Valle de Assacaia.....	450
Via militar romana.....	451
Vinhas d'Alvisquer.....	586
Vinhas da Vallada e Gallêga.....	586
Visconde da serra do Pilar.....	588
Visconde de Sá da Bandeira.....	516
Viscondes de Santarem.....	514, 515

SANTARIÇO—portuguez antigo — *Santo Ericio*. (*Eiriz* é patronimico de Ericio.)

SANTARICO—portuguez antigo — *Santo Eurico*. (*Euriques* é patronimico de Eurico.)

SANTELLLO—portuguez antigo—certa rê-de de pescar. *Algums deitam em rios nom cabedaes (caudaes) covõens, e nassas. e santellos, e armazellos, etezõens, e tarrafas pera seus manimentos*. Côrtes de Lisboa de 1434.

SANTINHO—Grande quinta, Traz os Montes, na freguezia de Godim (vulgarmente *Jugueiros*), comarca e concelho do Peso da Regua. Era propriedade do fallecido Antonio Bernardo Ferreira (o *Ferreirinha da Regoa*) e hoje pertence á sua viuva, a sr.^a D. Antonia Adelaide Ferreira, e a seu segundo marido, o sr. Francisco José da Silva Torres.

Tem um magnifico pomar de laranjeiras, e produz 50 pipas de vinho superior, denominado do *Baixo-Côrgo*.

(O Baixo-Côrgo, onde esta quinta é situada, pertence ao districto do *Paiz vinhateiro*, isto é, o que produz os melhores vinhos do Alto-Douro.)

Esta propriedade é atravessada pelo *tunnell do Sautinho*, de 90 metros de extensão, no caminho de ferro do Douro.

Foi construido para evitar uma grande trincheira e expropriações carissimas, dentro da referida quinta, que certamente muito lhe diminuiria o valor.

SANTOANE — portuguez antigo — certa qualidade de panno. *Deixo a F. sete covados de Santoane pera hum vestido*. Era uma fazenda leve que só se usava no verão. Parece ser corrupção do francez *Saintonge*.

SANTOANNE—portuguez antigo—S. João. (Vide *Sanhoanne*.)

SANTO ADOU—**SANTO ADON** — e **SANTO ANDOU**—portuguez antigo—*Santo Abdon*. Vide *Adon* ou *Abdon*, no 1.^o vol., pag. 26, col. 2.^a e pag. 190, col. 1.^a—4.^o vol., pag. 317, col. 2.^a, *in fine*.

SANTO ADRIÃO—Vide *Macieira de Rates*.

SANTO ADRIÃO DE BERTÊLLO—Dá-se este nome ao pico mais elevado do concelho e pCastello de Paiva.

Fica no districto da freguezia de S. Pedro do Paraizo, do mesmo concelho.

Deve o seu nome á ermida de Santo Adrião, que alveja no seu cume.

Do adro d'esta ermida se descobre um vasto e deleitoso panorama.

Para o O., vê-se a cidade do Porto (a 36 kilometros de distancia) o Oceano Atlantico, e grande numero de freguezias, que estanciam entre os dois pontos.

Para E. vêem-se as comarcas de Sinfães, Rézende, e parte da de Lamego, que fica a 50 kilometros, além de grande numero de serras e montes.

Para o N. e NE. vêem-se as comarcas de Paredes, Santo Thyrsio, Penafiel, Amarante, Marco de Canavezes, Baião, Régua, e outras.

Para o SE. e SO. vêem-se territorios das comarcas de Arouca, Castro-Daire e outras; as serras do Parnaval, Freita, Caramullo e outras.

Ao sopé d'este pico, do lado do NO, e no ribeiro das Avelleiras (junto ao logar do Seixo) termina a zona carbonifera de Paiva, que principia na quinta de Germunde (margem esquerda do Douro). Foi pesquizada até ao referido ribeiro. Todavia, ha toda a probabilidade para suppôr que a zona carbonifera continúa no rumo de SE. (por baixo do pico) pois se vêem afloramentos, na serra de *Ancia* e em outros logares, n'aquella direcção.

SANTO ADRIÃO—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Armamar. Esta freguezia já fica descripta a pag. 27, col. 1.^a do 1.^o volume. Aqui acresceto mais.

Tem actualmente 70 fogos. Em 1757 tinha 62.

O reitor de Sabroso, da villa de Barcos, apresentava o cura, que tinha 30\$000 réis e o pé d'altar.

Esta freguezia é situada sobre a margem esquerda do Têdo, ficando-lhe em frente, a freguezia de Santa Leocadia (4.^o vol. pag. 87, col. 1.^a)

Santo Adrião foi do supprimido concelho de Barcos, que lhe fica a 3 kilometros de distancia, e da comarca de Taboço, tambem supprimida.

Reside n'esta freguezia Silverio Alves da

Costa, que possui um remédio, com o qual cura a surdez quasi instantaneamente. Poucos são os doentes que deixam de ficar sãos.

Nasceu n'esta freguezia o tristemente celebre Antonio Teixeira de Carvalho, o *Cavallaria* (e não José Teixeira, nome que por mal informa o lhe dei a pag. 236) um dos maiores ladrões e dos mais cruéis assassinos das duas Beiras, o qual, além de grande numero de roubos, perpetrou trinta e tantos assassínios.

Para evitarmos repetições, vide 8.º vol. pag. 236, col. 1.ª

SANTO ADRIÃO DE CANNAS DE DUAS EGREJAS e SÃO THOMÉ DE CANNAS — Douro, na freguezia de Santo Estevão de Oldrões, comarca e concelho de Penafiel.

Ao N. do monte do *Castello de Penafiel* (vide *Santo Estevam d'Oldrões*) fica a povoação de S. Thomé de Cannas, a qual segundo a tradição era atravessada pela via militar romana, chamada *Tamacana Via*. (Vide *Canavezes*.)

Esta via militar sahia do Porto, passava por Aguiar de Sousa, pela falda da collina onde está fundada a villa de Paredes, por territorio do concelho de Penafiel, Portella de S. Thomé de Cannas, Santo Adrião de Cannas de Duas Egrejas (onde ainda existe com o antigo nome, o monte de Perafita, antigamente *Petra-Ficta*),¹ Castro de Villa-Bôa-de Quires (concelho de Marco de Canavezes) e finalmente Thermas de Canavezes.

A existencia d'esta via militar tambem se comprova por um monumento romano mencionado por Argote.

É o pedestal de uma ára, que está na

egreja matriz da freguezia do Salvador de Thuias (concelho do Marco,) com esta inscripção:

NILLUS EREDIUS, PROCURATOR
VIARUM PUBLICARUM VOTUM
LIBENTER SOLVIT LARIBUS CIRE-
NAICIS.

(Nyllo Eredio, procurador das estradas publicas, por voto livre, dedicou esta memoria aos deuses lares dos cyrenaicos.)

—
Esta via era muito frequentada no tempo dos romanos, por causa das thermas de Canavezes.

SANTO ALEIXO—villa, Alemtejo, comarca e concelho de Moura. Esta freguezia já fica descripta no 1.º volume, pag. 90, col. 2.ª—aqui accrescento:

Em 1757, tinha 207 fogos.

A meza da consciencia e ordens apresentava o prior, que tinha 120 alqueires de trigo, 120 de cevada e 20\$000 réis em dinheiro.

—
Na noite de 21 para 22 de dezembro de 1875, commetteu-se um grave desacato na igreja matriz d'esta freguezia. Os ladrões arrombaram a porta da igreja, a do sacratio, e de alguns moveis da sachristia, e roubaram o vaso das sagradas particulas, a ambula da santa unction, e os trez vasos dos santos óleos, tudo de prata.

O sacratio foi achado no chão e despedaçado; as sagradas particulas sobre uma meza, á direita do altar mór.

Alem d'isto, damnificaram muito os alta-

deu-se tal denominação aos marcos milliares; e em outras aos *Térmos* dos romanos: e, finalmente, em outras, ás *antas* druidicas ou pre-celtas.

Dulaure, na sua *Historia de Paris* (tom. 1.º) diz que os monumentos do culto gaullez, consistiam ordinariamente, não em figuras humanas, porque a esculptura era desconhecida a este povo, mas em pedras brutas, collocadas na terra, e que denominavam *Pierre-fixe* ou *Pierre-fite*.

A aldeia de *Pierre-Fite*, situada alem de S. Diniz, deve o seu nome a um monumento megalithico que alli existiu. (Vide *Pur-ganes*.)

¹ Em um documento que pertenceu ao mosteiro de Moreira (Maia) datado de 1037, tratando d'esta freguezia de Moreira, diz — *In villa Petra Ficta*, etc.

Na Hespanha, ha varias povoações com o nome de *Piedra-Fita*. É provavel que d'esta nós fizemos *Pedra-Fita*, e *Pera fita*, substituindo o *h* aspirado, por *f*, como praticavam os antigos portuguezes em todas as palavras estrangeiras que tem *hh* aspirados.

Não temos a certeza do que significavam as *Pedras-fitas* ou *fixas* — ou se todas as que tinham este nome significavam a mesma cousa: provavelmente, em umas partes,

res e algumas imagens, em busca de objectos de valor. Arrombaram também o deposito que estava junto do altar das almas, que era onde se guardavam os santos óleos.

Note-se que estacionava na villa um destacamento de tropa de linha!

O parcho, logo que teve noticia do roubo e desacato, mandou chamar o regedor da parochia, e, como este *não apparecesse*, mandou chamar o seu substituto, *que também não foi encontrado!*... Dirigiu-se (o parcho) á egreja, acompanhado do juiz eleito e do seu escrivão, e do commandante da força, e procedeu-se a auto de corpo de delicto.

Feito isto, o parcho tornou a mandar chamar o regedor e o substituto, mas estes *não appareceram*... e só 15 dias depois do roubo, se procedeu á busca, em umas casas suspeitas; mas, como era de esperar, nada se achou.

Foram presos dous individuos sobre os quaes recahiam bem fundadas desconfianças; mas, como o crime se não pôde provar, foram soltos.

Um d'elles, apenas se apanhou em liberdade, foi-se á residencia do parcho, e o ameaçou com uma duzia de punhaladas, na primeira occasião!

Em maio de 1878, foi publicada uma carta de lei, transferindo para Safára, a séde de julgado ordinario de Santo Aleixo, medida que foi geralmente mal recebida. Vide *Safára*.

Em dezembro do mesmo anno de 1878, houve grandes temporaes em todo o concelho de Moura. Na freguezia de Santo Aleixo, cahiu a abobada do mosteiro, ficando dous rapazes mortos debaixo das ruínas. Este mosteiro fica a 5 kilometros da villa, no sitio chamado *Tomina*, na serra do Barreiro. Foi dos *padres agonisantes*, e a primeira casa d'esta ordem, fundada em Portugal.

SANTO ALEIXO—do concelho de Monte-Mór Novo. Vide *Aleixo (Santo)*.

SANTO ALEIXO—É o segundo da pag. 92, col. 1.^a, do 1.^o volume, Quando escrevi

aquelle artigo, era do concelho de Veiros, comarca da Fronteira. Pelo decreto de 24 de outubro de 1855, foram supprimidos quatro concelhos, no districto de Portalegre (Alegrete, Cabeço de Vide, Souzel e Veiros) ficando então esta freguezia de Santo Aleixo pertencendo ao concelho de Monforte, comarca e bispado d'Elvas.

Esta freguezia, em 1757, tinha 96 fogos. A mitra apresentava o cura, que tinha 150 alqueires de trigo e 60 de cevada.

SANTO AMADOR—Vide *Amador (Santo)*. Esta freguezia foi annexada á de Safára, por decreto de 23 de maio de 1879.

SANTO AMARO—do concelho de Villa Nova de Foz-Côa. Vide o 1.^o *Amaro (Santo)* no 1.^o vol., pag. 193, col. 1.^a

Para os mais logares d'este nome, vide no logar citado, a columna 2.^a

SANTO ANDRÉ—Vide *André (Santo)*. E para Santo André, freguezia do concelho de S. Thiago do Cacem, vide a descripção da villa d'este nome, no logar competente.

SANTO ANDRÉ DE CANIDELLO, ou **DA BARRA**, ou **DE LAVRADORES**, ou **DOS MARIOLAS**—Esta freguezia já fica descripta. É o 3.^o *Canidello*, na col. 1.^a, pag. 93, do 2.^o volume. Aqui acresciento mais:

Para a etymologia, vide *Canada* e *Canadello*.

Disse em *Canadello*, que esta freguezia ficava a 10 kilometros ao S. O. do Porto, e assim é, pela estrada; mas, pelo rio Douro, são apenas 5 kilometros.

Dá-se-lhe o nome de *Canidello*, por ser o da freguezia. O da *Barra*, por o districto da parochia chegar até ao Cabedello, junto (ao S.) da *barra* do Porto. O de *Lavadóres*, por ser assim chamada a povoação principal da freguezia (e tanto que muita gente lhe dá o nome de *freguezia de Lavadóres*.) E, finalmente, o dos *Mariolas*, porque são d'aqui a maior parte dos homens que formam a companhia braçal da alfandega do Porto.

Ha n'esta freguezia, em um dos dominagos d'agosto, a celebre festividade denominada do *Estarragido*. (Não vejo de que palavra esta seja corrupção!)

No fim da missa e sermão, sahe a procissão denominada dos *lenções*. A causa d'este

nome, é porque, por todos os caminhos por onde passa a procissão, os muros e valla-dos estão cobertos de lençóis, colchas, toa-lhas, etc. ¹

São tantos os andores, como as imagens dos santos que ha na igreja, não escapando nem ainda o mais pequenino. Das mãos de cada uma d'estas imagens, pendem for-mosos cachos d'uvas, das melhores que ap-parecem na freguezia.

Os andores são pequenissimos. sendo al-guns levados á mão e não nos hombros, e são ornados de grande numero de fitas de diferentes côres, pennas, espelhos, flôres de papel, e grande numero de esquisitices.

É festa sempre muito concorrida.

SANTO ANDRÉ DE FIÃES DO RIO—Vide *Fiães do Rio*. Aqui accrescento:

Era vigariaria, collada, filial, ou annexa á reitoria de Viade, cujo reitor apresentava o vigario.

Foi até 1834, commenda da ordem de Christo, a qual comprehendia Fiães do Rio, Paradella, Covellães, e metade dos dizimos de Paredes do Rio. Rendia uns 600\$000 réis annuaes.

O vigario tinha 121\$000 réis de rendi-mento.

Foram antigamente senhores d'esta com-menda, os condes de Vimioso; depois pas-sou para os condes da Feira. Em 1820, era commendador, D. Miguel Pereira Forjaz.

Esta freguezia compõe-se de duas povoa-ções—Fiães. séde da parochia, e Loivos.—N'esta ultima aldeia está a ermida de S. Bar-tholomeu.

Esta freguezia está situada sobre a mar-gem esquerda do rio Cávado, que lhe corre ao norte.

O seu sólo, abrigado, pelo sul, por uma cordilheira de montes, como é muito abun-dante d'agua, e a sua posição em um val-le, produz muito milho, feijão, centeio e ba-tatas.

Pelo E., corre tambem o ribeiro de Sub-Carvalho, que nasce nos limites da fregue-

¹ O costume de adornar d'este modo as paredes por onde passam as procissões, é geral em quasi toda a Terra da Feira.

zia e morre no Cávado, com 3 kilometros de curso.

Pelo centro da freguezia, passa a antiga estrada de Montalegre para Braga.

SANTO ANTÃO—Vide *Tojal*.

SANTO ANTONIO DA CHARNECA—Al-deia, Extremadura (ao sul do Tejo) na fre-guezia e concelho do Barreiro.

Esta povoação está situada sobre a mar-gem esquerda do Tejo, em frente do Beato. Soffreu muito com os temporaes de dezem-bro de 1876 e janeiro de 1877. As casas fi-caram em um montão de ruinas, e muitas familias ficaram sem abrigo.

Os barcos dos pescadores tambem soffre-ram grandes prejuizos.

SANTO ANTONIO DE FATÍMA—Esta fre-guezia já fica descripta no 3.º vol., pag. 152, col. 2.ª, aqui accrescento:

Esta freguezia é na serra.

Fatima era uma aldeia, pertencente á fre-guezia de Nossa Senhora da Visitação, col-legiada, da villa de Ourém. Em 1568, foi desmembrada da freguezia de Ourém, cons-tituindo-se em parochia independente. A igreja matriz da nova freguezia, foi edifica-da pelos freguezes, que ficaram obrigados á sua fabrica, menos nos ornamentos do altar-mór, que ficaram a cargo da collegiada, a qual se obrigou a dar uma cruz, uma custo-dia e um calix, tudo de prata, o que tudo cumpriu, mas, em 1636, se concertaram os beneficiados com o povo de Fatima, ficando aquelles obrigados a darem 5\$000 réis an-nuaes para a fábrica, e esta correr por con-ta dos freguezes; que tambem se haviam obrigado em 1568, a dar a residencia para o parochio.

A igreja parochial é soffrivel, e a capel-la-mór é de abobada.

Ermidas d'esta freguezia

1.ª—*Santo Antonio*—no logar do Poço do Soudo.

2.ª—*Nossa Senhora da Graça* (vulgar-mente, *Nossa Senhora da Ortiga*, por estar edificada no sitio d'este nome.) O cabido da collegiada d'Ourém (extincta) apresentava o eremitão, recebia as offerias, e era obri-gado á fabrica da ermida.

3.^a—*Santa Luzia*—no lugar da Moita-Redonda, construída em 1604.

4.^a—*Nossa Senhora da Ajuda*—no lugar de Montéllo, construída em 1604.

5.^a—*Santa Barbara*—no lugar de *Boleiros*, construída em 1607.

Todas estas ermidas, menos a segunda, foram mandadas fazer pelo visitador, e o povo das aldeias onde estão situadas, é obrigado á sua fabrica.

SANTO ANTONIO DO ARRIMAL—Esta freguezia já está descripta sob a palavra *Arrimal*. Aqui accrescento:

Para se saber a data da fundação d'esta freguezia e outras circumstancias, sem haver enfadonhas repetições, ver *Mendiga*, freguezia, e *Minde*, freguezia.

Esta parochia era annexa á collegiada de S. Pedro, de Porto de Mós, que apresentava o cura, ao qual dava 40 alqueires de trigo. Os freguezes lhe davam 100 alqueires do mesmo cereal, além das offertas da parochia e ermidas, e algumas amentas voluntarias, de meio alqueire de trigo por anno. Não tem casa de residencia propria.

Os freguezes são obrigados á fabrica de toda a egreja e seus ornamentos.

Ermidas d'esta freguezia

1.^a—*S. Silvestre*—na aldeia de Alqueidão, fundada em 1603, por D. David, marido de D. Aldara, o qual aqui foi sepultado. (Vide *Minde*, freguezia.)

2.^a—*S. João Baptista*.—no lugar do Arrimal de Cima (tambem chamado *Arrabal*.)

Os moradores das aldeias d'Alqueidão, e do Arrimal de Cima, são obrigados á fabrica das ermidas respectivas.

SANTO ANTONIO DO ESTORIL—(Vide *Cascaes*. e *Estoril*.)

SANTO ANTONIO DOS OLIVAEES—freguezia, Douro, concelho, comarca, districto administrativo, Bispado e proximo de Coimbra. Tem 900 fogos. Vide 2.^o vol., pag. 352, col. 1.^a

SANTO ANTONIO O VELHO—freguezia, Alemtejo, comarca de Moura, concelho de Serpa. Vide *Antonio Velho* (*Santo*.)

SANTO CICO—portuguez antigo.—Parece

ser corrupção de *Santo Chico*—santo pequeno, santinho.

Chico, é tambem contracção ou abreviatura de Francisco. (Os castelhanos dizem *Páco* e *Páca*—e Paquito, a, Francisquinho, a.

Não se confunda com *Xico*, tambem portuguez antigo, que significa *sêcco*.

No concelho de Leiria ha uma aldeia chamada *Santo Cico*. N'ella reside Manuel da Silva, que nasceu em 1770! Conserva em bom estado as faculdades mentaes, e trabalha nas fazendas, como se tivesse 30 ou 40 annos.

SANTO EMILIÃO—Vide *Emilião* (*Santo*.)

SANTO ESTEVAM—Vide *Estevam* (*Santo*.)

SANTO ESTEVAM DE BARROS—freguezia, Minho, no concelho de Villa Verde.

Esta freguezia já fica descripta ne 1.^o vol. pag. 343, col. 2.^a (o ultimo Barros) mas, como depois da publicação do 1.^o volume, aconteceu aqui um caso digno de nota, accrescento-o n'este lugar.

Julgo dever dar aqui uma satisfação aos meus assignantes, e é a seguinte.

Depois de publicada a descripção de uma freguezia, tem alli lugar, um ou mais factos dignos de menção.

Não sei se Deus me dará vida —e coragem—para uma 2.^a edição, e, para que os meus leitores não fiquem privados do conhecimento d'esses factos, quando tenho occasião de os narrar, aproveito-a.

Tambem algumas vezes, no acto de descrever uma freguezia, não tenho conhecimento de cousas importantes, que depois pude vir a saber. Praticamente o mesmo que faço nas terras primeiramente mencionadas; de maneira que, em nenhum dos casos ha repetições.

Havia n'esta freguezia de Barros, um pico ou cabeça, sob o qual verdejavam algumas campinas e arvoredos, regados com aguas nascidas em diferentes pontos do tal cabeça.

Desde dezembro de 1878, notava-se que a agua rebentava do pico em maior quantidade, com grande força, sahindo turva, e misturada com cinzas.

Em fevereiro de 1879, o pico tombou sobre os campos, arrazando-os, e arrastando comsigo as arvores que encontrava na sua passagem, de maneira que hoje, onde existiram campos, se vê um montão de terra negra e pedregulho.

No leito onde assentava o pico, apparecem pedras carbonizadas, e no centro rebenta um enorme cachão d'agua, que, muitas vezes, vem misturadas com cinzas.

Ao lugar d'este phenomeno geologico, tem vindo muitas pessoas, para o observar: dizem uns, que é um volcão prestes a rebentar, o que tem assustado os povos da freguezia; segundo outros, é um rio subterraneo, cujas aguas, comprimidas demasiadamente, produziram aquelle effeito.

SANTO ESTEVAM DE OLDRÕES—Já está descripta sob o nome de *Oldrões* (6.º vol. pag. 249, col. 1.ª) Acrescento:

Entre Gallegos e Oldrões, ao E. do lugar de S. Thomé de Cannas, estão dous montes, com vestigios de fortificações antiquissimas.

Mais além, no sitio da *Portella do Forno dos Mouros*, e a pouca distancia do leito da via militar dos romanos (*Tamacana-via*) se encontram sepulturas de epoca remotissima, cavadas na rocha, indicando ter alli existido um *almocabar* (cemiterio) árabe.

A dous kilometros de distancia d'estas sepulturas, está o *Crasto de Villa Bôa do Bispo*, sobre a margem direita do Tâmega; e d'ahi a quasi igual distancia, está o lugar de *Caniva*, que fica proximo ás caldas de Canavezes.

Passando a ponte d'esta povoação, se vêem os restos do *Crasto de Thuias*.

Na freguezia de Oldrões, ha uma penha a que dão o nome de *Monte do Castello de Pe-*

nafiel, a qual (penha) tem 70 metros de altura, e é de forma cônica. Ao E. ha um depenbadeiro de grande altura. Para o lado do O., onde a elevação não é tão grande, se vêem algumas pedras toscas, levantadas ao alto, as quaes se julga serem marcos divisorios do concelho de Penafiel.

Ainda ao O. d'esta penha, ha um cabeça, denominado *Monte da Fôrca*. Entre este cabeça e o tal *Monte do Castello*, é situada a grande *quinta do Reguengo*, onde existe um casarão de cantaria, com 54 metros de comprimento, 9 de largo e 18 d'alto, tendo na fachada um brasão d'armas.

Nunca foi coberto.

Esta propriedade é hoje do sr. João Peixoto da Silva Almeida e Macedo, de Guimaraes, e feitor visconde de Lindoso, em 27 de outubro de 1863. (É pae do sr. Gonçalo Manuel Peixoto da Silva, feito visconde do mesmo titulo, em 23 de agosto de 1871. É formado em direito.)

SANTO ILDEFONSO — Vide *Ildefonso* (*Santo*.)

SANTO ISIDÓRO—Vide *Izidoro* (*Santo*.)

SANTO ISIDÓRO, DE MAFRA — É a 2.ª descripta na 2.ª col., da pag. 400, do 3.º vol.

No dia 15 d'agosto se faz n'esta freguezia uma grande festa a Nossa Senhora da Nazareth.

No anno do seu *giro* (das freguezias dos saloios) tem lugar aqui, o *Cirio da prata grande*. Levam então a imagem da Santissima Virgem, á Nazareth, e vão visitar o sitio onde se deu o milagre de D. Fuas Roupinho. (Vide *Nazareth*.)

As freguezias d'onde são o *Cirio da Nazareth*, são 17.

É festividade sempre concorridissima.

SANTO OFFICIO ou TRIBUNAL DA INQUISIÇÃO—A pag. 307, col. 2.ª e a pag. 310, col. 2.ª, do 6.º volume, na descripção da villa de *Ouguella*, tratei de D. Beatriz da Silva, e da origem da inquisição, e alli disse o que sentiá com respeito a este tribunal.¹

¹ Tarrago y Mateos, escreveu dous romances—*Ciumes de uma ruinha*, e *O dedo de Deus*, que é a sua continuação. Tudo quanto alli diz dos amores de D. Beatriz da

Para mostrar a minha imparcialidade em relação ao *Santo-Officio*, transcrevo o artigo principal do *Correio da Tarde* n.º 983, de 16 de agosto de 1873.

É como se segue:

«Vae ahí uma bulha *liberal*, sobre a Inquisição. A verdade é atropellada impudentemente. Inculcam-se desejos e aspirações que ninguém tem.

«A Inquisição é um facto historico, puramente historico, e se a liberdade aboliu o tribunal, a realidade ha muito que deixára de ser temerosa.

«Na *Gazeta de Lisboa* de 24 de setembro de 1820 foi publicada certidão do Notariado-secreto-da-Inquisição, onde se diz, que no dia 23, reunidos os Inquisidores e mandados ver os livros das prisões, *se verificou não haver n'ellas nenhum preso*.

«Já publicámos este documento, o qual demonstra bem, que a Inquisição era já por fim mais um tribunal de correcção moral, de censura, do que de correcção phisica e punitiva.

«Portanto não se trata de resuscitar, o que já tinha morrido, antes de nascer a *liberdade* da corrupção que se encarregou de envenenar o corpo social.

«Assim, pois, a Inquisição é uma questão de historia para ser tratada segundo os principios da justiça.

«Diremos nós tambem a nossa opinião.

«Em absoluto não sympathisamos com a instituição, e para os tempos de hoje julgamol a anachronica e sem utilidade, por um lado, enquanto por outro podia produzir lamentaveis excessos. Mas não nos atrevemos a condemnar as sociedades do passado, que se julgaram na necessidade de se defenderem contra as violencias materiaes da propagação da heresia.

«Se nós comparamos a Inquisição com todos os seus horrores, aos horrores da propagação do Protestantismo e de outras he-

Silva com o conde de Miranda (castelhano) e do mais, em desabono d'esta virtuosissima portugueza, são calumnias com que o auctor pretendeu enfeitar aquelles dous romances.

resias, a inquisição ficou muito áquem da tyrannia da inquisição protestante.

«É considerar a historia de só dois paizes—Suecia e Inglaterra.

«Um dos vultos negros que a historia protestante e *liberal* costuma apresentar como typo do character inquisitorial mais sanhudo e troculento, é Filippe II de Hespanha, a quem se chama o Demonio do Meio-dia.

«Por outro lado um dos grandes homens d'esta historia é Gustavo Vasa, da Suecia—heroe, quasi um modelo de virtudes.

«Ora Gustavo Vasa plantou o Protestantismo na Suecia, derramando rios de sangue, usando da ingratição mais negra, das traições mais infames, dos supplicios mais horrendos.

«Comparativamente a Hespanha de Filippe, era uma casa de paz e de ordem a par da Suecia de Gustavo.

«E que diremos da Inglaterra de Henrique VIII e de Isabel, dois monstros coroados, dois santos da historia *liberal* e sectaria? Pois a Inquisição dos paizes catholicos tem lá comparação com a inquisição protestante ingleza?

«Sim; exagerae algarismos, colleccionae processos, apontae negruras, a tyrannia nos paizes catholicos, nunca, nem de longe, emparelhou com a protestante.

«Basta apontar a Irlanda sujeita á tyrannia de trez seculos, onde toda a opposição era frequentemente afogada em rios de sangue, tyrannia a mais horrenda, porque chegou ao excesso de pretender introduzir a corrupção e a dasordem na familia, ordenando por lei, que o filho que abjurasse o catholicismo, entrasse na posse de todos os bens da familia, pondo na rua e na miseria paes, irmãos, e toda restante familia!...

«Era uma tyrannia mais oppressôra, mais infame que a das fogueiras da Inquisição.

«Assim que essas elucubrações sobre as tyrannias d'esta, são partidarias, mentirosas e anti-patrioticas. Tendem a diffundir idéas falsas, desamor pelo passado, que, se teve males, tambem teve bens, cujos effeitos, apesar do hodierno desbarato da fazenda, da honestidade e do respeito publico, hoje mes-

mo se fazem sentir. São partidarias e mentirosas, porque tendem a fazer crer,—1.º que os paizes catholicos foram os mais flagellados pela tyrannia; e é falso — 2.º, porque tendem a insinuar, senão a accusar, de intenções ou desejos de restabelecer o famoso tribunal, que ninguem nutre nem podia sensatamente nutrir.

«Póde porém fazer-se justiça á Inquisição e se ella fez o mal, como 10, péde a justiça, que se lhe não attribua esse como 20 ou mais. Para nós a liberdade não se aquilata pelas declamações contra a tyrannia, mas pelo amor da verdade e da justicia.

«Ora, pede justiça dizer-se que a Inquisição foi opposta á violencia e terror albigen-se e protestante; que estas seitas, tendo tomado um character politico, a Inquisição assumiu tambem, por força de reacção, um character accentuado de nacionalismo, que fez d'ella instrumento de governo temporal, perdendo, ou diminuindo o seu character de tribunal puramente religioso; que com ella os poderes sociaes quizeram defender não só a unidade religiosa, senão tambem a ordem social.

«E, note-se bem, emquanto os rios de sangue, derramados pela Inquisição protestante, conseguiram apenas impôr uma religião nova por sobre ossadas de myriades de martyres, sem conseguirem a unidade religiosa, é um facto, que as nações francamente catholicas conservaram, sem tantas desordens, nem sangue derramado, nem tyrannias tão horrendas, a unidade religiosa, bem maximo de que ainda não sabemos apreciar todas as felizes consequencias. O que teriam sido as nossas discordias civis, se a ellas se viessem juntar as sectarias mais odiantas ainda?

«Barafuste pois ahi a má fé liberal. Aqui, sem amor, mas respeitando os motores da politica de outros tempos, julga-se o passado com imparcialidade e amam-se as circumstancias que podem desculpar erros para assim dizer fataes, e comparações que mostram os nossos maiores, melhores e mais christãos, do que os povos, admirados pelo liberalismo.

«Mas ha um facto para o qual chamamos a attenção de todos os que não afogaram

ainda em paixões odiantas os sentimentos patrioticos. A Inquisição foi quanto dizeis, muito embora; mas como é que o povo portuguez ficou o povo mais verdadeiramente civilisado, isto é, mais naturalmente sujeito á lei, dominado pelo respeito da auctoridade, naturalmente amigo e sustentador da ordem social, sem perder aquella hombridade, energia e amor da Patria que tanto brilharam ainda nas épicas campanhas da Guerra Peninsular?

«Ah! respeito aos maiores, foi sempre o distinctivo de todos os grandes povos. O liberalismo quer extinguir esse sentimento, cuidando, que só assim póde consolidar a sua obra. Miseravel obra, que de taes processos carecel

«Ainda uma observação. A Inquisição romana é um tribunal muito differente das Inquisições nacionaes dos paizes catholicos; aquella investiga e condemna os erros, e por isso existe e permanece apesar da brecha da Porta-Pia. É um direito e um dever do Pontificado. E mesmo sob o dominio temporal dos Papas, bem que então assumisse tambem o character de tribunal civil, sempre as suas fórmulas foram as da justiça regular, de ordinario com grande avanço sobre as fórmulas criminaes dos outros povos. Vemos, porém, ahi fazer-se adrede uma confusão, que não passa de uma artimanha immoral e indecente.

«Com o que levamos dito respondemos ás eruetações da imprensa liberal e anti-patriotica, que anda, não em discussão séria e imparcial, mas em arruaças de typos contra a Inquisição, parecendo pela indignidade dos meios, que só assim podem combater essa instituição de outros tempos.

«Sempre as mesmas trapalhices e sophismações; não vivem de outra cousa.»

—
Foi o cardeal D. Henrique, irmão de D. João 3.º¹ que estabeleceu em Portugal, pe-

¹ D. Henrique, 8.º filho do rei D. Manoel, e de sua 2.ª mulher, a rainha D. Maria, filha dos reis catholicos, Fernando e Isabel, nasceu (D. Henrique) em 31 de janeiro de 1512. Foi aclamado rei de Portugal, em 1578, e morreu na villa de Almeirim (em

los annos de 1538, o tribunal da Inquisição, depois de vencer muitas difficuldades, pela opposição que lhe fizeram os judeus de Roma.

O primeiro *auto de fé* publico que houve n'este reino (em Lisboa) foi em um domingo, 20 de setembro de 1540, na Ribeira-Velha, em frente do Terreiro do Trigo. Foi presidido por D. Henrique, que era inquisidor-geral.

Assistiram quasi todos os fidalgos que estavam então em Lisboa, e a maior parte do povo da cidade.

Eram 23 os condemnados.

A 6 de maio de 1543, houve um *auto de fé*, em Thomar, presidido pelo Dom prior da ordem de Christo. Eram oito condemnados.

Em 20 de junho de 1545, houve outro auto de fé em Thomar. Eram 14 condemnados.

Em 12 de novembro de 1662, houve um auto de fé, na cidade d'Evora, sendo **cento e vinte** os condemnados (73 mulheres e 47 homens.)

Em 23 de junho de 1663 (estando D. João d'Austria senhor da cidade) houve em Evora outro auto de fé. Foram **cento e quarenta e trez** condemnados (92 mulheres e 51 homens.)

Desde 1582 até 1593, foram presas em Campo-Maior, por suspeitas de heresia, perto de **mil** pessoas, d'ambos os sexos.

D'estas, foram queimadas vivas, em Evora, 18 (15 mulheres e 3 homens.) Estes desgraçados eram — Isabel Alvares, parteira, suas filhas, e os outros seus parentes.

O pontifice Clemente VIII, por breve de 23 de agosto de 1604, deu um perdão geral a todos os *christãos novos*. Este breve foi lido publicamente na Sé de Lisboa, a 16 de janeiro de 1605.

Em consequencia d'este perdão, foram soltos 70 homens e 85 mulheres, que estavam presos em differentes carceres do Santo-Officio. Mas ficaram presos muitos, jul-

frente de Santarem) a 31 de janeiro de 1580, com 68 annos exactissimos de idade. Vide *Almeirim*.

gados *relapsos*, que foram excluidos do perdão.

Este breve foi sollicitado pelo usurpador Philippe 3.º, não por caridade, mas por ambição, e para haver dos desgraçados judeus convertidos (*christãos novos*) **um milhão d'ouro e 800:000 cruzados**.

Além d'isto receberam:

O duque de Lerma 50:000 cruzados.

D. João Borja, 40:000 cruzados.

Fernão de Mattos, 30:000 cruzados.

Isto somava mais de **quatro milhões** (1:600 contos) da nossa actual moeda!

Apezar d'este perdão, a crueldade dos inquisidores não diminuiu nem afrouxou. (*Note-se que eu não menciono aqui grande numero de autos de fé, ou porque os castigos não eram tão barbaros, ou por ser pequeno o numero dos condemnados.*)

Em 16 de outubro de 1667, houve na cidade de Evora um auto de fé, no qual sahiram **216** condemnados (132 mulheres e 84 homens.)

Manoel Rodrigues Sanches, tintureiro, morador em Cabeço de Vide, da idade de 110 annos, era um dos condemnados, porém morreu nos carceres da Inquisição, e foi absolvido depois de morto.

Tambem n'este auto, figurou Leonor Gomes Bértola, de 400 annos de idade!

Jácome de Mello Pereira, natural de Lisboa, fidalgo da casa real, cavalleiro do habito de Christo, capitão de cavallaria, e morador em Elvas, foi então garrotado e depois queimado.

Era um bravo militar, e que tinha feito muitos e assignalados serviços ao rei e á patria, na guerra da restauração.

Este homem era um sollicito perseguidor dos herejes e christãos-novos, e elles, em desforra, accusaram-o e a sua mulher, D. Brites de Carvalho, e seus dous filhos.

A mulher e os filhos, atormentados pelos tratos que lhes fizeram soffrer, confessaram que seu marido e pae era hereje; mas nem assim se livraram de figurar no auto, e de serem açoitados publicamente.

O Porto, foi uma das teras mais felizes de Portugal, durante o tempo da Inquisição.

Este tribunal foi alli estabelecido, em 13 de outubro de 1541, mas foi supprimido pela bulla do papa Paulo 3.º, de 16 de julho de 1547.

Só ha noticia de ter havido um auto de fé, n'esta cidade: foi a 11 de fevereiro de 1543, no campo junto á *Porta do Sol*.

Fizeram-se trez cadafalsos como os de Lisboa e Evora. Eram 84 condemnados—4 foram queimados—21 foram queimados em estatua, e o resto sentenciados a varias penas.

Calculou-se em 30:000 pessoas, do Porto e de fóra, que foram ver este espectáculo! O auto de fé e a *queima*, durou até ás 5 horas da tarde.

Era inquisidor do Porto, o bispo da diocese, D. frei Balthazar Simpo.

No auto de fé, celebrado em Lisboa (no Terreiro do Paço) a 26 de outubro de 1664, sahiram 237 pessoas (122 homens, e 115 mulheres.) Morreram 6 homens e 2 mulheres.

N'este auto figuraram duas raparigas de 15 annos, 5 de 16, 6 de 17, 3 de 18, e outras de 19, 20 e 21!

Brites da Fonseca, mulher de Antonio Lopes, mercader (naturaes de Trancoso) foi então queimada. Tinha apenas 17 annos!

Em um domingo, 28 de novembro de 1621, houve trez autos de fé—um em Lisboa, outro em Coimbra, outro em Evora. Sahiram 370 condemnados, e d'estes foram queimados 29 em corpo, e 21 em estatua.

A Inquisição de Lisboa, sahiu com 96 condemnados (59 homens e 37 mulheres.) Cinco homens e trez mulheres, foram queimados em corpo, e trez em estatua. O auto foi no Rocio.

A Inquisição d'Evora, sahiu com 100 condemnados. Sete mulheres e dous homens foram queimados em corpo, e seis em estatua. O auto foi na *Praça Grande*.

A Inquisição de Coimbra, sahiu com 174 condemnados (100 mulheres e 74 homens.) Foram queimados em corpo 8 homens e 4 mulheres; e em estatua 12.

Este auto teve togar na Praça, e durou trez dias consecutivos.

Foi notavel este auto de fé, porque faziam parte d'elle, muitas pessoas de grande representação, e familias inteiras.

No auto de Lisboa assistiram os governadores do reino, por o usurpador, Philippe 3.º, e era inquisidor-geral, D. Fernão Martins de Mascarenhas.

Em Evora, choveu todo o dia, mas isto não estorvou os inquisidores, nem a agua apagou as fogueiras em que arderam os desgraçados.

No auto de Coimbra, accenderam-se 24 fogueiras, 12 para os queimados em corpo, e 12 para os queimados em estatua.

Tambem foram queimados os ossos dos que, á força de tormentos, tinham morrido nos carceres.

Foram queimadas familias inteiras—vgr. —Francisco Dias, o *Chorão*, serigueiro, foi queimado com sua cunhada, Catharina Lopes, uma filha d'esta, por nome Maria Figueirôa, de 22 annos de idade; seu irmão, (do Chorão) Diogo Dias, e sua irman, Philippa Duarte.

Todos os filhos de Francisco Dias, sahiram penitenciados, assim como o licenciado Antonio Dias de Almeida (que era filho de Catharina Lopes) que foi sentenciado a prisão perpetua.

No auto de 3 de agosto de 1603, celebrado na Ribeira Velha, de Lisboa, foi queimado vivo, frei Diogo da Assumpção, franciscano. O crime d'este desgraçado, era não ser perseguidor dos christãos-novos.

No mesmo logar foi tambem queimado vivo, o doutor Antonio Homem, a 5 de maio de 1624.

Em 13, 14 e 15 de fevereiro de 1667, houve outro auto em Coimbra, no qual sahiram 273 condemnados (139 homens e 134 mulheres.) cinco homens e quatro mulheres, foram queimados.

A maior parte d'estes infelizes eram transmontanos (de Bragança e Villa-Flôr.)

Na provincia de Traz-os-Montes, foi onde houve mais

victimas da Inquisição. Famílias inteiras hiam para os carceres.

O famosissimo padre Antonio Vieira, da Companhia Jesus, que tambem tinha sido perseguido e preso pela Inquisição, estando em Roma, tanto lidou, que conseguiu do papa Clemente X, um breve, datado de 3 de outubro de 1674, mandando fechar as inquisições de Portugal, e este breve foi cumprido.

O ultimo auto de fé, celebrado antes da publicação do referido breve, teve logar no Páteo de S. Miguel, em Coimbra, a 18 de novembro do mesmo anno de 1674.

Chegado o breve a Lisboa, o nuncio o notificou ao conselho geral do Santo-Officio, e este mandou aos inquisidores de Coimbra, que não celebrassem o auto que estava marcado; mas depois, veio segunda ordem, para que o auto sahisse, mas sem *relaxados estatutados*, nem *afogeados*.

Sahiram 140 penitentes (54 homens e 86 mulheres) mas foram perdoados, e a nenhum se confiscaram os bens.

Só sete annos incompletos estiveram sem exercicio os inquisidores!

O papa Innocencio XI, pela bulla de 22 de agosto de 1681, e que chegou a Lisboa, logo a 21 de setembro, mandou que o Santo Officio continuasse a funcionar como antes de 1674.

A cidade de Lisboa, festejou a chegada d'esta bulla, com foguetes, luminarias, e repiques de sinos, durante trez dias.

Até esta época, tenho mencionado 1:642 victimas da Inquisição, em Portugal, mas não fallei senão dos autos de fé mais notaveis; todavia, os mortos ou perseguidos por este truculento tribunal, ascendem a alguns milhares.

Depois da publicação da bulla de Innocencio XI, o primeiro auto de fé, teve logar

em Coimbra, a 18 de janeiro de 1682. Sahiram 67 penitentes (27 homens e 40 mulheres—7 d'estas foram queimadas!)

O segundo, foi em Evora, a 15 de fevereiro. Sahiram 109 penitentes (58 mulheres e 51 homens—um d'estes foi queimado!)

Finalmente, não quero cançar o leitor com a descripção das frequentes scenas de que foram theatro as praças de Lisboa, Evora, Coimbra, Porto e Braga, e que ainda hoje nos encham de horror.

Havia cinco classes de *criminosos*, que eram infallivelmente condemnados á morte; uns queimados vivos, outros enforcados, ou garrotados, e depois queimados, Eram:

1.º—*Diminutos*—os que não confessavam todos os crimes de que eram accusados. ¹

2.º—*Simulados*—os que se accusavam nos tormentos, de crimes que não haviam commettido e de que ninguem se lembrára de os accusar.

3.º—*Negativos*—os que, ainda apezar das mais atrozes torturas, negavam os crimes de que eram accusados, e protestavam pela sua innocencia.

4.º—*Revogantes*—os que, tendo confessado durante as torturas, os crimes que lhes attribuiam, os negavam quando se viam livres dos tormentos.

5.º—*Contumazes*—os judeus, que, ainda no meio das mais barbaras torturas, persistiam firmes na religião de Moyses. Estes eram todos queimados vivos!

Vide *Sambenito*.

Principio do Santo-Officio
segundo Paulo Féval

D. Miguel Gutierrez Saavedra, nasceu em Córdova, no anno de 1509. Era filho do ca-

¹ Nunca se dizia aos réus de que crimes eram accusados, nem quem eram as testemunhas que haviam deposto contra elles. A maior parte dos infelizes, á força dos mais horroresos tormentos, confessavam crimes que nunca tinham commettido, nem pensado de commetter, na esperança de se eximirem ás torturas; mas como ignoravam os factos de que eram accusados, não fallavam n'elles. Estes eram julgados *diminutos*.

pitão de um terço de infantaria, de sangue nobre, como D. Anna de Guadagno, sua mulher.

Estes esposos, deram ao filho uma esmerada criação, e sempre bons exemplos; mas elle mostrou, desde tenra idade, más inclinações.

D. Miguel, escrevia com a maxima perfeição, e a sua calligraphia era excellente; mas, abusando da sua habilidade, principiou a forjar bullas apostolicas, decretos regios, provisões, letras de cambio, etc., etc.

Imitava toda a qualidade de letra com tanta perfeição, que illudia a todos, e arranjou para si uma carta de commendador de S. Thiago, com a renda de 3:000 ducados por anno.

Tambem com uma provisão regia escripta por elle, levantou do deposito publico a quantia de 360:000 ducados.

Com o producto das suas falsificações, tratava-se com o maior esplendor, e percorreu as differentes provincias de Castella, com um luxo principesco.

Tanta sumptuosidade, causou suspeitas, e Saavedra, que o presentiu, ausentou-se para Portugal, onde não era conhecido; mas trazendo de toda a sua numerosissima criação, apenas *Franco Calderon*, tão velhaco como seu amo; e tão dextro em tocar guitarra, como em manejar o punhal.

Mas Saavedra tinha dissipado muitos milhares de ducados, com a mesma facilidade com que os havia adquirido, e entrou em Portugal quasi a pedir esmola. Vinha porém luxuosamente vestido, tinha as maneiras mais distinctas, e uma figura sympathica.

Entrára n'este reino por Aldeia-Velha, no Riba-Côa (proximo ao Sabugal) e no dia 20 d'agosto de 1539, chegou á Covilhan, e foi hospedar-se na melhor estalagem da terra, como era o seu costume.

O hospedeiro, cheio de orgulho, pôr dar acolheita a tão grande figurão, tratou-o o melhor que pôde, muito mais, quando Saavedra lhe disse que vinha encarregado de uma missão secreta para o rei de Portugal, mentira que foi facilmente acreditada pelos covilhanenses, que á porfia o convidavam

para festas e reuniões, onde era optimamente recebido, pelas suas maneiras.

Estava por esse tempo na Covilhan, o padre Antonio de Lacerda, da Companhia de Jesus,¹ eximio prégador, e homem de grande saber, e que, segundo constava, trazia um breve apostolico que o auctorizava a fundar em Portugal, um collegio da sua ordem.²

Saavedra convidou um dia este padre para jantar, e o convite foi acceite com prazer.

No fim do jantar, Saavedra mostrou ao jesuita um pergaminho (por elle forjado) no qual o papa Paulo 3.º o instituia seu *legado á latere*, para estabelecer n'este reino o tribunal da Inquisição.

Saavedra arranjava na Covilhan, pela sua habilidade infernal, uma boa somma de dinheiro, e com estes recursos, se foi a Sevilha, onde arranjou um secretario e um mórdomo, comprou liteiras, baixella de prata, e um fato de cardeal romano.

Mandou Calderon a Granada angariar creados, com ordem de se lhe reunirem em Badajoz, fazendo publico na sua passagem, que eram famulos de um cardeal romano, que vinha estabelecer a Inquisição em Portugal.

Além da bulla que o instituia *legado á latere*, tinha tambem forjado cartas de apresentação, do imperador Carlos V, e de seu filho D. Philippe, para D. João III, de Portugal.

Saavedra, passou alguns dias em Badajoz, recebendo dos habitantes d'esta cidade os maiores testemunhos de respeito.

D'alli mandou Calderon a Lisboa, com a bulla e as cartas, para que a côrte, prevenida da proxima chegada, fizesse os necessarios preparativos para receberem um principe da egreja, com as honras que lhe eram devidas.

D. João III mandou logo á raia, um *grande fidalgo da sua côrte*, chamado D. Ramon

¹ Pouco tempo antes d'este acontecimento, tinha o pontifice Paulo 3.º confirmado o instituto da Companhia de Jesus.

² A Companhia de Jesus, tinha sido instituida em 1534, por Santo Ignacio de Loyola.

*Tellez da Valdanha*¹ para receber o falso legado do papa, o qual fez a sua entrada solemne em Lisboa, no meio das maiores festas, e sendo esperado pela maior parte dos lisboenses, com tanto entusiasmo como 272 annos depois (2 de dezembro de 1811) foram ver o *homem das botas*.

Saavedra, apresentava-se perfeitamente, e o rei e a corte lhe tomaram grande afeição.

Instituiu-se o tribunal, mas ainda não funcionava, e o fingido cardeal hia tirando do thesouro publico grandes quantias, para sustentar um luxo deslumbrante.

Mas Saavedra era muito perspicaz, e bem via que isto não podia durar muito tempo, e que, mais dia, menos dia, se vinha a descobrir a traficancia.

Sahi pois de Lisboa, com os seus familiares, sob pretexto de visitar differentes terras do reino, e estabelecer n'ellas a Inquisição, e, á medida que nomeava o pessoal para o Santo Officio, hia recebendo grandes sommas, dos christãos-novos e dos herejes, com o que chegou a juntar consideraveis riquezas.

Certo dia do mez de janeiro de 1540, estava Saavedra em *Nieva do Guadiana*² muito descançado, em casa do parocho, quando esta apparece cercada por aguazis, que o levam preso para Madrid, apanhando-lhe 250:000 ducados, que elle tinha extorquido aos judeus e christãos novos.

(Elle não impunha senão

¹ Resumo esta noticia da origem da Inquisição em Portugal, dos *Tribunaes secretos*, de Paulo Féval. O que não sei, é onde o famoso escriptor francez foi buscar um nome tão exquisito com que chrismou o *grande fidalgo*! Nome e appellidos que nenhum genealogista ou historiador portuguez menciona nas suas obras

² Povoação desconhecida na Chorographia portugueza. Féval quereria dizer *Neves*?—A freguezia das *Neves* (ou Nossa Senhora das Neves) é no concelho e 6 kilometros ao E. de Beja, mas fica 18 kilometros ao O. do Guadiana, e nunca se chamou *Neves do Guadiana*.

Féval fez de um facto historico, um perfeito romance e desencantou figuras e terras que só existem nos seus *Tribunaes secretos*.

penas pecuniarias aos que lhe cahiam nas garras.)

Foi sentenciado a galés, por toda a vida; porém no fim de 19 annos de galés, teve artes de conseguir do papa Paulo IV, um breve de perdão—(um verdadeiro breve)—em vista do qual, Philippe II o mandou pôr em liberdade, mandando-o vir á corte, para ouvir da sua propria boca, a historia da sua vida e façanhas.

Segundo alguns escriptores, Miguel Gutierrez Saavedra, era primo do famoso Miguel de Cervantes Saavedra, auctor do *D. Quichôte*.

O que é certo, é que a Inquisição, apesar de instituida por um impostor, e com bul-las falsas, ficou subsistindo em Portugal, como se fosse legalmente fundada; porque D. João III impetrou do papa um breve de approvação de tudo quanto Saavedra tinha feito!

—

Eis em resumo o que diz Paulo Féval, nos seus *Tribunaes secretos*, e o que corre como facto verdadeiro em muitos livros. É por isso que eu aqui extrahi o essencial d'aquelle bello romance, no qual o auctor faz figurar duas amantes de Saavedra—uma formosa camponeza, chamada Joanna, dos arrabaldes de Córdova, e uma joven portugueza, *viuva do conde João de Vasconcellos e Sousa*—figurão de que não rezam os nossos genealogicos, ainda que, pelos appellidos, parece pertencer á nobilissima casa de Castello Melhor.

Notemos, porém, que em 1540 ainda os Vasconcellos não tinham o titulo de condes, o qual só lhes foi dado d'ahi a 36 annos (20 de agosto de 1576) pelo rei D. Sebastião, neto de D. João III.

Tambem alli apparece um papa-jantares castelhano, governador da praça de Badajoz, e conde de Villa Nova de Barca-Rôta, provavelmente tão identico como a *condessa de Vasconcellos*.

Este conde, desde que Saavedra chegou ao Alemtejo, nunca mais o largou um só momento, abandonando o governo da praça que Carlos V lhe confiara, e que dista nada

menos de 130 kilometros ao S. E. da tal *Nieva do Guadiana!*

Depois, passou o conde, de amigo inseparavel, e conviva permanente, a reles belem, marchando para Madrid, à frente dos agentes da Inquisição.

Outro despropósito de Féval: O impostor foi preso em terra portugueza, e por belem portuguezes, e o auctor dos *Tribunaes secretos*, arrasta-o para Madrid!—O homem, quanto a mim, está pouco pratico em geographia, e em direito internacional.

Eis a introdução do Santo-officio em Portugal, segundo a historia:

Henrique IV de Castella, teve de sua mulher, D. Joanna de Portugal (filha do nosso rei D. Duarte) uma unica filha, D. Joanna, que devia herdar o throno, do qual foi esbulhada, por casar com o nosso rei D. Affonso V, e D. Joanna, com o titulo de *Excellente Senhora*, é mettida em um mosteiro de Santarem (1479) ¹ onde falleceu com fama de religiosa exemplarissima.

Herdou o throno de Castella, a infanta D. Isabel, irmão de Henrique IV, que, casando com D. Fernando, rei do Aragão, se uniram os dous reinos, sob o reinado de Fernando e Isabel—*os reis catholicos*. ²

Henrique II, irmão bastardo, assassino e successor de D. Pedro I (o *Cru*) de Castella, tinha expulsado do seu reino, grande nu-

¹ Vide n'este volume, paginas 505.

² D. Henrique IV, era filho do primeiro matrimonio. Seu pae passou a segundas nupcias, e teve d'este casamento, D. Isabel, que herdou o throno e foi a grande rainha. Isabel, que casando com D. Fernando, rei de Aragão, foram os famosos *reis catholicos*, que alem de unirem os dous reinos (Castella e Aragão) expulsaram os mouros do reino de Granada; unico que na Peninsula possuiam ainda os agarenos.

D. Isabel foi a maior e a mais esclarecida rainha que tem tido a Hespanha.

D. Henrique IV e D. Isabel, tinham ainda outro irmão, mais novo do que esta trez annos, por nome D. Affonso, tambem filho do segundo matrimonio, que morreu de 15 annos de idade, em vida de seu irmão, e por isso não chegou a ser rei.

A princeza D. Joanna (a *Excellente Senhora*) não foi só excluida do throno, por

mero de judeus, a maior parte dos quaes, se vieram estabelecer em Portugal.

Um dos primeiros actos de Fernando e Isabel, logo que occuparam o throno, foi a expulsão total dos judeus, em 1485.

O nosso D. João II, que era um principe illustrado, concedeu a sua protecção aos expatriados, attendendo a que era gente muito industriosa, e sobre tudo, que passua grandes riquezas, que ao rei convinha não deixar sahir de Portugal.

Só 12 annos, porém, gozaram os infelizes judeus esta paz relativa; porque, em 1497, o rei D. Manuel (primo, cunhado e successor de D. João II) para casar com a princeza D.

casar com o nosso D. Affonso V. (*) Houve mais dous motivos que moveram os castelhanos a preferirem a irman, à filha de Henrique IV.—Elles lembravam se que uma das razões porque nós excluímos do throno portuguez a rainha D. Beatriz, mulher do seu D. João I, foi porque era geral n'este reino a opinião de que D. Beatriz não era filha de D. Fernando I, mas adúlterina de João Fernandes Andeiro, fidalgo gallego, que D. Fernando (ou D. Leonor Telles de Meneses) tinha feito conde de Ourém. Para se desferrarem d'isto levantaram a calumnia de que D. Joanna, não era filha de D. Henrique IV, mas tambem adúlterina de D. Beltrão de la Cueva, duque de Albuquerque, um dos mais nobres fidalgos de Castella; e por isso davam a D. Joanna o alcunha de *Beltraneja*.

O que é certo é que, segundo os historiadores mais conscienciosos de Castella, D. Joanna de Portugal, foi uma rainha exemplar e virtuosissima.

A segunda razão, é porque ainda então (e mesmo hoje!) estava fresca na memoria dos castelhanos a derrota monumental que soffreram em Aljubarrota, em 14 de agosto de 1385; e não podiam levar à paciencia o serem vassallos do neto do Mestre d'Aviz (o nosso D. João I) que com o seu valor e o dos seus dedicados portuguezes arrancou das suas garras, d'elles, a melhor joia da sua corôa—Portugal—o sonho doirado de todos os castelhanos, passados, presentes e futuros.

(*) Ainda então não existia em Castella a *lei salica*, que excluia do throno as filhas dos seus reis. Esta lei só foi promulgada no fim do seculo xvii, por D. Philippe V, e por decisão das côrtes geraes que este soberano, para isso, havia convocado.

Isabel de Castella, filha primogenita e herdeira dos reis catholicos, e viuva do nosso infante D. Affonso, filho de D. João II (vide *Santarem*, no anno 1491—12 de julho) accitou a condição, imposta pela princeza, de expulsar de Portugal, todos os mouros e judeus.

A ambição de unir as corôas de Portugal e Castella, e se fazer *imperador* da Península, o fez subscrever ao capricho de D. Isabel, deixando assim sahir de Portugal as grandes riquezas dos judeus. Mas só conseguiu esta grande perda para o reino, porque D. Isabel morreu de parto em Zaragoça (1498) e seu filho, D. Miguel da Paz, pouco lhe sobreviveu, e assim se foram as esperanças da *união ibérica*.

Foram excluidos da proscripção, os judeus e mouros, que—ou fingida, ou sinceramente—se covertessem ao christianismo.

Como o rei tirava aos expulsos os filhos menores, para serem baptisados e educados na Fé Catholica, grande numero de judeus se baptisaram, para não abandonarem seus filhos; mas occultamente, seguiam a lei de Moysés. Era a estes e aos filhos, que se deu a denominação de *christãos-novos*.

Todavia, era tristissima a existencia d'estes christãos, feitos á força, porque o povo os olhou sempre com ódio e desprezo, e frequentemente eram espancados e até mortos, pelos *christãos-velhos*.¹ Só nos dias 19, 20 e 21 d'abril de 1506, foram assassinados pelo povo de Lisboa, uns 4:000 christãos-novos. (Vide 4.º vol., pag. 111, col. 1.º)

Ao rei D. Manuel, succedeu seu filho, D. João III, que ainda odiava mais os judeus, do que seu pae, e principiou o seu reinado, mandando-os espiar, para saber se elles ju-

diavam,¹ e recommendava a maior cautella, para que nenhum *homem de nação* (christãos-novos) podesse ser presbytero, nem mesmo exercesse empregos publicos.

Na Hespanha estava já estabelecida a Inquisição, e os christãos-novos ou herejes que lá se podiam subtrahir aos tormentos e ás fogueiras, emigravam para o estrangeiro, vindo muitos para Portugal.

Os procuradores do povo, queixaram-se d'isto ao rei, que, em 1531, impetrou do papa Clemente VII, um breve, para em Portugal se estabelecer a Inquisição. A bulla sollicitada foi expedida, a 17 de dezembro de 1534, nomeando logo inquisidor-geral, Diogo da Silva.

Mas os judeus eram poderosos, e tinham em Roma amigos dedicados, que, á força de dinheiro, poderam conseguir que o mesmo pontifice expedisse, a 17 de outubro de 1532, outro breve, annullando o anterior.

D. João III empregou então os maiores esforços (e parece que tambem muito dinheiro) para que o papa annullasse o ultimo breve.

Os judeus e christãos novos revolveram tudo, e gastaram tambem grandes sommas, para que se cumprisse o mesmo breve.

Venceram os embaixadores do rei, e Paulo III, successor de Clemente VII, expediu, em 23 de maio de 1536, uma bulla que determinava a fundação definitiva do Santo-Officio em Portugal.

Eis aqui o que ha de verdade, quanto á instituição do truculento Santo-Officio, e desfeito o bello enredo com que Paulo Féval romantizou um Saavedra imaginario, que apparecêra pela primeira vez na *Historia da Inquisição*, de Luiz Paramo, depois, na *Historia da Inquisição*, de Llorente, e em outros mais livros, como cousa certa e averiguada; pelo que, ainda hoje é geralmente acreditada na Europa, a lenda de Miguel Gutierrez Saavedra, como cousa verdadeira e incontestavel; e isto serve de desculpa ao

¹ Mal' diriam os portuguezes de então, que d'ahi a 143 annos, seria aclamado rei de Portugal, um descendente de mouros e judeus!...

¹ *Judiar*, queria dizer—seguir a lei de Moysés.

engano de Paulo Féval, que acreditou em escriptores sérios que o precederam.

—

Este artigo já vai bastante longo e eu não quero enfadar mais os leitores: terminal-o hei pois dizendo:

Em 1768, D. José I — ou, para ser mais exacto, o conde de Oeiras —¹ institue o tribunal da *mesa censoria*, e no mesmo anno decreta a abolição da odiosa distincção entre *christãos novos* e *velhos*; mas, no anno seguinte concede ao tribunal do Santo-Officio, o tratamento de *magedad*!

Em 1773, é abolida a escravatura em Portugal, e é publicada tambem uma segunda lei, abolindo toda a differença que ainda existia entre christãos velhos e novos.

Mas o conde de Oeiras restringiu muitissimo os poderes da Inquisição. As suas sentenças capitaes não podiam ser executadas sem beneplacito regio (que, valha a verdade, rarissimas vezes lhe era concedido) e — o que mais sentiram os inquisidores — os bens sequestrados aos reus, ficavam pertencendo ao thesouro público.

Desde então, póde dizer-se que a Inquisição soffreu um golpe mortal, e os seus hediondos carcereos estavam quasi desertos pois que os frades dominicanos e todos os mais empregados inquisitoriaes, tinham perdido o principal e mais rendoso dos seus privilegios, que era o direito de se apoderarem dos bens dos condemnados; de maneira que, quando a constituição de 1820 extinguiu este tribunal sanguinario, nem um só individuo se achou nos carcereos do Santo Officio, como vimos no principio d'este artigo.²

¹ Sebastião José de Carvalho e Mello, foi feito conde de Oeiras, em 15 de junho de 1759, e marquez de Pombal, em 17 de setembro de 1769.

² Diz-se — com visos de verdade — que houve quem então, para tornar odioso o governo *absoluto*, arranjou alguns esqueletos e, levando-os subrepticamente para os carcereos da inquisição (no Rocio de Lisboa) os prendeu ás correntes chumbadas na parede. Custa a acreditar em tão grande profanação, mas ha individuos que, para conseguirem certos fins, não recuam ante os actos mais ignobeis.

SANTO ONOFRE — (antigamente *Inófre*) mosteiro, Extremadura, na freguezia, concelho e a 1:300 metros ao NE. da Gollegan.

Era de frades franciscanos da provincia de Portugal; mas tinha sido primeiramente de *claustraes*. Foi fundado em 1519. Era pequeno. Foi vendido depois de 1834, e é hoje propriedade particular. Vide *Gollegan*.

SANTO THYRSO — villa, Douro, cabeça do concelho e da comarca do seu nome. (Antes de 1834, era couto.) 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1623 tinha 195, e em 1778 tinha 255.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O D. abbade beneditino do mosteiro d'esta freguezia apresentava o vigario regular, triennal, que era um dos monges do mesmo mosteiro, o qual tinha 40,500 réis de congrua e o pé d'altar.

O antigo nome d'esta freguezia era *Santa Maria Magdalena*; só no principio d'este seculo é que se denominou *Santo Thyrs*o.

Este concelho denominava-se *Refojos de Riba d'Ave*.

O seu concelho é composto de 31 freguezias, que são: — *Agrella, Agua Longa, Alvarinhos, Areias, Avez, Bougado* (S. Martinho), *Bougado* (S. Thiago), *Burgães, Campo* (S. Martinho), *Campo* (S. Salvador), *Carreira, Coronado* (S. Mamede), *Coronado* (S. Romão), *Couto* (S. Miguel), *Couto*, (Santa Christina), *Covellas, Guidões, Guimarei, Lama, Lamellas, Monte Córdova, Muro, Negrellos* (S. Mamede), *Negrellos* (S. Thomé), *Palmeira, Rebordões, Refojos de Riba d'Ave, Reguenga, Róriz, Santo Thyrs*o, *Sequeiró e Villarinho*.

Todas com 5:600 fogos.

A freguezia de Avez era do concelho de Villa Nova de Famalicão, e passou para este, por carta de lei de 2 de julho de 1879.

As freguezias de *Avez, Burgães*, as duas de *Negrellos, Palmeira, Rebordões, Róriz, Sequeiró* e *Villarinho* são do arcebispado de Braga, as outras pertencem ao bispado do Porto.

A comarca é composta só do seu concelho.

A villa de Santo Thyrsó está edificada em uma collina cercada de frondoso arvoredor. Pelo S. da villa passa a estrada ordinariada Porto a Braga, que d'aqui vae em descida até ao rio Ave, onde tem uma optima ponte. ficando-lhe á direita e ao sopé da collina, o antiquissimo mosteiro de monges beneditinos, de que adiante tratarei.

Tambem junto da povoação passa o caminho de ferro do Minho.

No 5.º domingo da quaresma se faz aqui uma brilhante procissão de Passos, para o que tem as competentes capellas dos Passos da Paixão de Jesus Christo, com as figuras de soffrivel correcção; mas o esculptor deu a todos os judeus e romanos que alli figuram, umas caras horrendas, que mettem medo... ás creanças.

O rei D. Manuel deu foral a este concelho sob o nome de *Refoyos de Riba d'Ave*, em Lisboa, no 1.º de outubro de 1513. (*Livro de foraes novos do Minho*. fl. 49 v., col. 2.ª)

Este foral pertence tambem a Agrella, Parada da Castanheira, S. Gião e Souto Longo.

No reinado de D. Diniz tinha obtido uma sentença de foral, em 14 de janeiro de 1307. (*Gav. 15, maio 8, n.º 24*.)

É povoação antiquissima, e talvez já existisse no tempo dos romanos, que se supõe terem aqui um templo, como veremos quando tratar do mosteiro.

Ha n'este concelho minas de ferro e outros metaes. Em dezembro de 1874, foram manifestadas na camara municipal, por Thomé Bento da Silva, as seguintes: 1.ª no lugar de Sobradello, freguezia de Agua-Longa;—2.ª, no monte da Abélha, da mesma freguezia;—3.ª no lugar de Gueidavo, freguezia de S. Christovam do Muro.

Em março de 1875, foram manifestadas sete de ferro, manganez, plumbagina e antimonio, no lugar da Enfermaria, freguezia de Burgães, por Hermann Leuscher, que tambem manifestou então trez dos mesmos metaes, no monte das Covas, freguezia de

Agua-Longa; outra dos mesmos metaes no lugar de Sobradello, da mesma freguezia; outra similhante no monte da Abélha, da mesma freguezia; outra do mesmo, no lugar de Guidães, freguezia do Muro.

Antonio de Sousa Guerra, manifestou no mesmo mez e anno, trez de ferro e outros metaes, uma em S. Romão de Coronado, e duas na freguezia do Muro. Ainda na mesma época, Manoel Martins Prata, manifestou uma mina de prata, no lugar de Ribeiro de Covas, freguezia d'Agua-Longa. Em junho do mesmo anno, José Hey manifestou sete de carvão, ferro e manganez, no Alto do Poço, Anguinhas, Monte de Covellas, Gaturães, Minas do Souto e Valle-Covas. Joaquim Adrião Ferreira e José da Costa Carneiro, do Cidral, freguezia de S. Thiago de Bougado, manifestaram no mesmo mez uma mina de carvão. Em novembro de 1878 foi manifestada outra mina de carvão!

Apesar de tanta abundancia de minas, ninguém se atreve a exploral as!

No dia 24 de fevereiro de 1875, sentiu-se n'este concelho, no de Villa do Conde, e em outras povoações circumvisinhas, um violento tremor de terra, das 8 para as 9 horas da manhan.

Durou um minuto.

Foi mais sensivel em Santo Thyrsó, abalando algumas casas. Não morreu pessoa alguma.

Ha n'este concelho 60 confrarias legalmente erectas, as quaes em janeiro de 1877 tinham 35:240 irmãos. O capital de todas são vinte contos e quatrocentos mil réis. Mais de metade d'esta quantia anda emprestada a juros, a lavradores, e o resto está empregado em inscripções. Os paramentos e alfaias de todas valem mais de 5 contos de réis.

Em junho de 1876 deu-se um facto digno de honrosa menção n'este repositório de cousas boas e más. Eil-o:

O commendador Manuel José Ribeiro, natural de Santo Thyrsó, e que no Brasil adquiriu uma boa fortuna, recebeu na data

acima indicada, uma carta do seu procurador no Pará, na qual lhe participava o fallecimento de um amigo, que lhe deixou por testamento **duzentos e oitenta contos de réis.**

O legatario, que sabia que o seu amigo tinha parentes pobres, mandou uma auctorisacão legal ao seu procurador, para desistir da herança em favor dos membros da familia do testador.

O cavalleiro que pratica uma acção tão nobre é um perfeito homem de bem, para o qual todos os elogios ficam muito abaixo dos seus merecimentos, e só Deus lhe pôde dar um premio condigno.

Manuel José Ribeiro é, além d'isto, um homem muito caritativo, que não pôde ver miseria que não soccorra, nem dôr que não attenne.

Bem haja este verdadeiro christão.

Mosteiro de Santo Thyrso

O principio d'este mosteiro remonta a uma antiguidade remotissima, pois, segundo alguns escriptores, foi na sua origem templo romano; e aqui foi sepultado Silvano, capitão de uma legião romana, como adiante veremos.

Não se sabe quando passou a igreja catholica, e quando se fundou o edificio do mosteiro benedictino, duplex, mas com certeza já existia no tempo dos suevos. Conjectura-se que o seu fundador foi S. Fructuoso; mas, segundo outros, foi S. Martinho de Dume, que viveu no 6.º seculo. (Vide *Dume*.)

Ignora-se se os monges o abandonaram em 716, ou se, mediante algum tributo, os mouros consentiram n'elle o culto catholico: o que se sabe é que em 927, D. Alboazar Ramires, filho de Ramiro II, de Leão e sua mulher, D. Helena Godins, achando o mosteiro bastante arruinado o reedificaram, doando-o com boas rendas.

D. Albuazar Ramires e sua mulher são o tronco de grande numero de familias illustres d'este reino; e alguns dos seus descendentes foram sepultados n'este mosteiro. Mencionei os de que ha memoria. — São:

D. Soeiro Mendes da Maia, rico homem e fronteiro-mor do reino, um dos mais valentes batalhadores do seu tempo. Achou-se na famosa batalha d'Ourique (25 de julho de 1139) onde se distinguio pela sua bravura. Passando a Roma, venceu em publico desafio um cavalleiro allemão, tido por um dos mais dextros e habeis justadores do seu tempo.

D. Soeiro Mendes era irmão do famosissimo Gonçalo Mendes da Maia, o *Lidador*.

Desenganado das vaidades do mundo, metteu-se monge d'estê convento, e n'elle falleceu em 25 de junho de 1176 (Vide *Guilhabreu*, *Retorta* e *Rio Mau*—do concelho de Villa do Conde.)

D. Payo Soares Capato; *D. Martim Gil de Sousa*, e sua mulher *D. Violante Sanches*, condes de Bercellos.

Teve este mosteiro o senhorio de varios coutos, mas no fim só tinha os de Santo Thyrso e S. João da Foz do Douro.

Foram aqui monjas (já disse que o mosteiro era duplex) algumas senhoras descendentes de D. Alboazar Ramires e sua mulher, entre ellas:

D. Maria Mendes, senhora de Burgães, e filha de Mem Gonçalves da Maia.

D. Aldara Vasques, bisneta do conde D. Gomes de Sobrado.

D. Urraca Hermiges, neta de Mem Moniz de Riba-Douro.

Em 1569, D. Frei Pedro de Chaves, por ordem da princeza D. Joanna, mãe do rei D. Sebastião o reformou; e foi o primeiro da reforma.

A frente da igreja do mosteiro, que é a matriz da freguezia, deita para um largo espaçoso, tendo no centro um elegante cruzeiro de marmore côr de rosa.

É um templo vasto e magnifico, construido com grande solidez.

O claustro é a parte mais antiga de todo o edificio. Tem 27 metros de comprido, por 25 de largo. Os seus quatro lanços são abertos em arcos, sustentados por 122 duplas columnas, cujos capiteis mostram em grosseiros relevos, cabeças de mouros, har-

pias, leões, e diferentes ornatos, todos variados, de modo que se não acham dous eguaes.

No centro ha um elegante chafariz de pedra, com boas esculpturas, obra do principio do seculo passado.

A galeria superior do claustro pertence á reedificação geral do mosteiro, que principiou pelos annos 1650. A inferior é manifestamente obra do seculo XII ou XIII.

Foi o architecto Frei João Turreano, monge benedictino, quem delineou e dirigiu esta reconstrucção. Foi tambem este monge o architecto da reconstrucção do mosteiro de freiras de Odivellas; o novo de Santa Clara de Coimbra; o da Estrella (Estrellinha—hospital militar) de Lisboa, e outras obras. Os frades eram todos tão *estupidos*!...

Depois de 1834, foi vendida a cerca e parte do edificio do mosteiro, sendo o resto (só a parte que defronta com o adro) destinado para o tribunal das audiencias do juiz de direito, administração do concelho e suas dependencias.

Quando se andava reedificando a egreja (1650) se achou embutido em uma das suas paredes, um sepulchro de pedra, ainda inteiro, contendo cinzas. Tinha esculpidas as aguias imperiaes, e por baixo d'ellas esta inscripção:

L. VALERIVS SILVANVS MILES
LEG. VI VIXIT VIRIATO.

(Lucio Valerio Silvano, militar da 6.ª legião, que venceu Viriato.)

Em 1122, Goldregoda (ou Goldregundes) filha de Pelagio e de sua mulher, Vivili Ermigiz, doou a D. Gaudemiro, abbade d'este mosteiro, uma fazenda que herdára de sua avó Unisco Paes.

SANTO VARÃO — villa, Douro, comarca, concelho, e 12 kilometros de Monte-Mór Velho (foi cabeça do concelho do seu nome, com 1:500 fogos, e pertencia então á comarca de Soure) 15 kilometros ao O. de Coimbra, 195 ao N. de Lisboa, 200 fogos. Orago, S. Martinho bispo. Bispado e Districto de Coimbra.

Fica a 12 kilometros de Condeixa Nova,

18 de Soure, 15 de Verride, e 6 de Tentugal. Santo Varão fica no centro d'estas povoações.

Foi couto (muito antigo) dos bispos de Coimbra. O juiz ordinario tinha sómente jurisdição no civil; porque no crime e orphãos pertencia ao juiz de fóra de Monte-Mór-Velho.

Este concelho foi supprimido, por decreto de 27 de julho de 1853. As freguezias que o constituíam—*Pereira, Santo Varão, Granja do Ulmeiro e Alfarellos*, ficaram pertencendo ao concelho de Monte-Mór-Velho; e a de *Figueiró do Campo*, ao concelho de Soure.

Este concelho de Santo Varão, confinava pelo E. com o de Coimbra; pelo N. com o de Tentugal (extincto); pelo O., com o de Monte-Mór-Velho, e o de Verride (extincto); e pelo S., com os de Soure e Condeixa. Está sobre a direita do Mondego. É terra fertil como as outras das margens d'este rio.

A serra d'ê Santo Varão, é uma das mais altas d'estes sitios, e d'ella se goza um vasto e delicioso panorama.

A villa é pequena, e nada tem de notavel.

SANTOS COSME E DAMIÃO—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez. Vide o 2.º vol., pag. 409, col. 2.ª

SANTOS ÉVOS—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho, districto, bispado, e 6 kilometros a E. de Viseu, 285 ao N. de Lisboa, 300 fogos. Em 1768, tinha 150. — Orago, Santo Isidoro.

O provisor do bispado apresentava o cura, que tinha 6\$000 réis de congrua e pé d'altar.

Está a freguezia situada em uma baixa, e é atravessada por um ribeiro do seu nome, confluyente do Sattam. É povoação bastante antiga, mas não se sabe quando teve principio.

A primitiva egreja matriz, existiu no sitio onde hoje está a cruz do Calvario, em lugar deserto e longe da povoação. Era dedicada a *Santo Ivo*, presbytero, pequena, com um só altar, e pobre.

D. João Manuel, bispo de Viseu, vendo que

o povo muitas vezes ficava no inverno sem missa, por causa da grande distancia em que lhe ficava a egreja, e compadecido da pobreza dos parochianos, mandou demolir a antiga egreja e construir a actual á sua custa, junto á povoação, no anno de 1600. No sitio onde existira o templo, mandou collocar, para memoria, uma cruz de pedra, que ainda existe, e alli costumam ir as procissões de quinta feira Santa, e a de S. Marcos. Desde então, ficou sendo padroeiro da freguezia, Santo Isidoro, arcebispo de Sevilha.

O nome verdadeiro d'esta parochia era pois *Santo Ivo*, que o povo corrompeu em *Santo Evo*, e porfim, em *Santos Evos*.

Na primitiva egreja, havia uma imagem de Nossa Senhora do Rosario, muito antiga e imperfeita, pelo que, depois de 1600, se mandou fazer uma nova, de boa esculptura, enterrando-se a antiga.

A esta Senhora se faz uma festa no primeiro domingo de outubro.

Tem uma irmandade, que foi approvada pelo bispo, D. Ricardo Russel, em 1689, e acceita pelo doutor, João Barreto, vigario-geral do bispado.

A irmandade é composta de 170 irmãos, e o papa Innocencio XII, em 1692, lhe concedeu muitas e grandes indulgencias. Tem cinco jubileus—1.º, dia da festa principal.—2.º, dia de Santo Isidoro (2 de janeiro)—3.º, domingo de Paschoa da Ressurreição.—4.º, Paschoa do Espirito Santo.—5.º, dia de Natal.

Os irmãos que fallezem, teem varios suffragios, e ha um anniversario geral, na 2.ª feira depois do domingo de Lazaro, e uma missa pelas almas dos irmãos, em todas as 2.ªs feiras da quaresma.

Antigamente, em todos os 1.ºs domingos de cada mez, se fazia uma procissão de Nossa Senhora do Rosario.

Alem da festa principal da Senhora do Rosario, feita pela irmandade, lhe fazia o povo outra á sua custa; e tanto em uma como na outra, havia muitas offertas de fogaças, que se vendiam em leilão, sendo o producto applicado para as despesas do culto.

Quasi tudo isto acabou, ha mais de 40 annos.

SANTOS O VELHO—freguezia no bairro occidental de Lisboa, (antigo bairro da Pam-pulha.) A egreja matriz, fica sobranceira ao famoso *Aterro da Bôa-Vista*, e ao cimo da *Rampa de Santos*, em sitio desafogado, e com magnifica vista.

A origem d'este magestoso templo, já está descripta no 4.º vol., pag. 237, col. 2.ª, no fim, e seguintes.

Estando bastante arruinado em 1876, foi sentenciado a ser demolido; porém, os principaes catholicos da freguezia, oppozeram-se a este vandalismo, e a sentença foi revogada, resolvendo-se que fosse reparado, á custa das obras publicas, como monumento nacional, venerando pela sua antiguidade e recordações historicas.

Ainda se não concluíram completamente as obras de reparação.

Foi no mosteiro annexo a esta egreja, que em 1176, D. Affonso I instituiu a séde da ordem militar de S. Thiago, dando-lhe muitas rendas e os castellos de Alcacer do Sal, Almada, e Palmella.¹

Seu filho, D. Sancho I, lhe deu o senhoria d'Arruda dos Vinhos, em 1186.

D. Affonso II, mudou a séde da ordem para Alcacer do Sal. — Tomada a praça de Mértola aos arabes, em 1242, para alli se mudou logo a cabeça da ordem. Finalmente, em 5 de Maio de 1443, sendo mestre da ordem o infante D. João, filho de D. João I, se mudou a sua séde para a praça de Palmella, que os cavalleiros reedificaram, durante as obras de reconstrucção até 1482.

Tudo o mais que diz respeito a esta egreja e seu mosteiro, e ás *commendadeiras de Santos*, já se acha descripto no lugar citado do 4.º vol., para onde remetto o leitor.

¹ A ordem militar de S. Thiago, foi creada em Hespanha, por D. Ramiro I, em 844; por isso os cavalleiros portuguezes estavam sob as ordens dos grãos-mestres castelhanos, até que o nosso rei D. Diniz obteve do papa Nicolau IV, em 1288 (ultimo do seu pontificado) um breve de separação e independencia; ficando o mosteiro de Santos, cabeça d'esta ordem, em Portugal, até á sua mudançã, como se vé do texto.

Até 1834, havia no districto d'esta freguezia, os seguintes mosteiros:

1.º—*Frades carmelitas descalços*, de Nossa Senhora dos Remedios (vulgo *Mariannos*) proximo á igreja matriz da parochia.

(Vide 4.º vol., pag. 261, col. 2.ª)

Este mosteiro, julgado *bens nacionaes*, foi vendido depois de 1834, e reduzido a casas de habitação; mas a igreja foi vendida aos protestantes, que a converteram em *sinagoga*, onde fazem as suas ridiculas cantarolas, e onde os seus alcunhados sacerdotes prégam aos herejes.

A *Carta Constitucional*, no seu artigo 6.º, diz expressamente:

«A Religião Catholica Apostolica Romana, continuará a ser' a Religião do Reino. Todas as outras religiões, serão permittidas aos estrangeiros, com seu *culto domestico*, ou *particular*, em casas para isso destinadas, **sem forma alguma exterior de templo.**»

Pois os herejes, escarnecendo da lei fundamental da monarchia; da religião do estado; e de todos os catholicos portuguezes; conservam *todas as formas exteriores* d'este templo, limitando-se a tirar-lhe os sinos, e a cruz que encimava o tympano; e, por escarneio, até lhe conservaram os emblemas da religião carmelitana, que ainda beje, com pasmo, se veem aos lados da porta principal da igreja!

Fizeram mais — para que ninguem podesse allegar ignorancia, pozeram na porta da entrada do átrio, esta inscrição, em grandes letras:

PRESBYTERIEN CHURCH

2.º—*Freiras carmelitas descalças* (*Alber-tas*). (4.º vol., pag. 240, col. 2.ª)

3.º—*Frades de S. João de Deus*. (4.º vol., pag. 62, col. 1.ª)

4.º—*Freiras dominicas, do Sacramento*. (4.º vol., pag. 240, col. 2.ª)

5.º—*Frades trinos*. (4.º vol., pag. 258, col. 2.ª)

É tambem no districto d'esta freguezia, a igreja de Nossa Senhora das Necessidades, e a ermida de Nossa Senhora dos Prazeres, e o seu cemiterio.

Na freguezia de Santos, eram os palacios e casas de residencia de grande numero de familias da primeira nobreza d'este reino, e algumas ainda aqui teem as suas habitações. Citarei as principaes: — Duques de Aveiro—marquezes d'Alvito (antigos condes de Oriola e barões d'Alvito, vulgo *condes-barões*)—condes de Villa Nova (de Portimão)—condes d'Alvôr—condes meirinhos-môres (condes do Sabugal e Obidos) ¹—viscondes da Fonte-Arcada—viscondes da Asseca—Christovam d'Almada—D. Antonio de Menezes—Antonio d'Albuquerque Coelho—e outras familias nobilissimas.

SANTOS PORTUGUEZES ²

Que foram beatificados ou canonizados, comprehendendo os que nasceram e morreram em Portugal, ou na antiga Lusitania, os que ahi nasceram e foram morrer a paiz estrangeiro; e os que nascendo fora de Portugal ou da Lusitania, aqui vieram morrer, ou tem seus corpos, ou aqui viveram e se tornaram distinctos.

¹ Ao sitio onde está construido este antigo palacio, se dá ainda o nome de *Rocha do Conde d'Obidos*. Vide 4.º volume, pag. 136, col. 1.ª.

² Este curiosissimo artigo, assim como os versos de construcção difficilima que o precedem—pois são simultaneamente portuguezes e latinos—são devidos ao improbo trabalho do meu verdadeiro amigo, o ex.º sr. dr. João Maria Mergulhão Neves Cabral, de São Romão de Armamar, esclarecido escriptor publico, e um dos mais insignes jurisconsultos das duas Beiras; ao qual tanto deve esta obra, que muito tem enriquecido com os seus excellentes e curiosissimos artigos.

Famosas sacras cohortes,
Divina musa, cantemus;
Heróes recordando fortes,
Oh patria chara, exultemus

Sanctos lusus memorando,
Excelsa Lysia, te illustras;
Divos chóros implorando,
Fraudes satanicas frustas.

Tu caelicolas attende
De Lysia, oh Deus, oriundos;
Ah christicolas defende,
Converte impios furibundos.

Colligimus tantas flôres;
Saevas iras provocamus,
Contra rabidos furores
De Satan nos te invocamus.

Dissipa luctas insanas,
Atras procellas serena;
Salvá gentes lusitanas;
De Lysia fuge, oh gehenna.

Ah concede, te adoremus
Per longos annos serenos;
Permitte, nós habitemus
Caelestes Campos amoenos.

Abdon, ou Eudon—Era italiano, que vindo a S. Thiago de Compostella, ficou fazendo vida eremitica no sitio de Aldeia de Barros, freguezia da Corrilhã, da provincia do Minho—(Vide vol. 1.º, Barros, pag. 343, e vol. 2.º, Corrilhã, pag. 386 e 389.)

Abringio—Vide *Apringio*.

Absolonio—Era natural do Minho, e foi martyrisado no anno 66, imperando Nero, na cidade de Britonia — (Vol. 1.º, Britonia, pag. 495.)

Adalberto—Abbate cirterciense, discipulo de S. Bernardo, que o mandou a Portugal com Bermudo e outros para estabelecerem a ordem de Cister em S. João de Tarouca. D. Henrique o trazia a seu lado nas campanhas contra os mouros, orando em quanto o exercito pelejava. Era muito estimado da rainha D. Theresa e de D. Affonso Henriques. Vide Bernardo, e vol. 3.º, S. João de Tarouca, pag. 417.

Adão—Vide *Abdon*.

Adou ou Eudon, ou Odon—Era lusitano que fazia vida eremitica e penitente em sitio alcantilado sobre a margem direita do Lima, ramo da serra da Labruja, e parece que foi martyrisado. (Vol. 4.º, Lima, pag. 95.)
Adosinha—Era irmã de S. Rosendo—vide *Rosendo*.

Afra—Ella e as suas creadas, todas peccadoras, foram convertidas por S. Narciso, arcebispo de Braga, e soffreram o martyrio.

Agapes ou Agatha—Era da diocese de Braga, sendo martyrisada com outras em Britonia, em 10 de março de 254. Vol. 1.º, Britonia, pag. 495.

Agatha—Vide *Agapes*.

Agathon—Era da diocese de Braga, e ahi foi martyrisado, sob o imperio de Diocleciano, juntamente com os Santos Prisso, Vidal, Orencio, Aurino, Capracio, Mandalo, e Ero.

Alvaro—Chamado de Córdova; era natural da provincia da Extremadura.

Amadeu de Saboia—Frade franciscano, que no seculo se chamava João de Menezes e Silva, muito nobre e guerreiro, e namorando-se da infanta D. Leonor, filha do rei D. Duarte, o que ella não sabia, apenas a viu casada com Frederico III, imperador da Allemanha, partiu para Guadalupe, e se tornou eremita.

Tendo uma visão de que S. Francisco o chamava para a sua ordem, partiu para a Italia, onde o tomaram por louco, e não lhe quizeram dar o habito; mas insistindo elle, e obrando até milagres, foi alfim acceito e fundou a congregação reformada dos Amadeus, tornando-se notavel por seu zelo religioso, que lhe mereceu a estima do papa Xisto IV, ex-Geral da ordem Serafica. Falleceu em dia de S. Lourenço de 1482.

Amador—Os habitantes de Idanha a Velha tem grande devoção a este santo. É tradição ter vindo junto d'elle uma corça para amamentar um menino que elle encontrou abandonado, e instruiu e educou, sendo depois o seu confessor. Vide Monsanto, vol. 5.º, pag. 414.

Anastacio—Foi o primeiro bispo de

Coimbra e companheiro de S. Gens, pelos annos de 42 a 43. Vol. 2.º, Coimbra, pag. 318.

Ancirado—Foi eremita e fundador do convento de Nossa Senhora da Graça de Penha Firme, da ordem dos Cruzios, no arcebispado de Lisboa. Era allemão, e foi depois assassinado junto a Figorino, nas proximidades dos Alpes, em odio á religião catholica.

Anonimata—Foi irmã de S. Jordão e de Santa Comba.

Anonima—Parece ser o mesmo que Anonimata, e que se ficou designando assim por se ignorar o seu verdadeiro nome. Foi degolada com sua irmã, Santa Comba, por ordem de Daciano, em Ourega. Vol. 6.º, Ourega, pag. 312.

Antigonio—Foi martyrisado em Evora com 17 companheiros, sendo natural da dita cidade, e pro-consule Asclepiades, o que teve lugar em 3 de março de 304. Foram seus companheiros, todos convertidos por S. Vicente, os Santos Felix, outro Felix, Lucio, Fortunato, Eusebio, Martinho, Herodes, Januario, Tortulla, Calixto. Gaviano, Quirilio, Donato e Quinto, estes evorenses, e Basilio, Eutropio e Cleonico, estes das tropas imperiaes. Vol. 3.º, Evora, pag. 116.

Antonina—Virgem e martyr; nasceu na villa de Cêa. Dizem uns que foram os mouros que a martyrisaram afogando-a em um pego, e outros que foram os romanos, no anno de 300, sendo encerrada em uma urna de madeira, na perseguição de Diocleciano, ficando só com a cabeça de fóra, untada de mel, para ser picada das abelhas, permanecendo assim 20 dias; e como não morresse, foi então precipitada na Lagoa escura da serra da Estrella. Vol. 2.º, Cêa, pag. 222.

Antonio, de Britonia—Foi martyrisado n'esta cidade em 254 a 10 de março, juntamente com os santos Gorgorio. Firmio ou Firmo e Agapes. Vol. 1.º, Britonia, pag. 495.

Antonio Correia—Vide *Ignacio d'Azevedo*.

Antonio de Mombaca—Vide *Domingos d'Azevedo*.

Antonio Noto—Nasceu na Guiné portuguesa, de paes mouros, no fim do seculo

xiv. Foi vendido como escravo ao christão João Laudano da Ceeilia, que o fez baptisar, e se empregou depois no tractamento dos enfermos no hospital de Nothi; e professando em seguida na ordem de S. Francisco, se retirou ao deserto, onde fazia penitencias asperissimas, sempre em oração, apesar do que chegou á ultima velhice.

Antonio de Padua—Nascido em Lisboa a 15 de agosto de 1195, dia d'Assumpção de Nossa Senhora, de quem foi particular devoto, entrou na ordem de Santa Cruz de Coimbra, donde passou para a de S. Francisco por ser mais laboriosa, e viveu algum tempo no convento de Santo Antonio dos Olivaeas. Appetecendo martyrio, embarcou para Marrocos, onde não chegou a aportar, por ser arrojado á Sicilia por uma violenta tempestade. Estando S. Francisco a celebrar Capitulo da ordem d'Assis, dirigiu-se Santo Antonio á casa principal, onde os dois Santos se reconheceram. Na Itatia obrou immensos milagres, e um dos seus innumerables sermões foi prégado na presença do papa Gregorió IX, em 1227. Ainda antes de canonisado, o povo o proclamou Santo; e hoje n'estes tempos de descrença é um dos Santos mais populares e festejados do povo portuguez. Vol. 4.º, Lisboa, pag. 225, 319 e 378.

Antonio da Paixão—Vide *Domingos do Nascimento*.

Antonio de S. Pedro—Nasceu em Celorico da Beira; esteve em Ossuna no convento dos mercenarios descálços, onde fez muitos milagres. Vol. 2.º, Celorico da Beira, pag. 236.

Apodencio—Acompanhando Santa Engracia ou Eufemia, filha de um principe lusitano, á França, aonde ia casar, ao passar em Saragoça foi martyrisado com ella e com mais 17 companheiros, que eram Lupercio, Optato, Successo, Marcilla, Urbano, Julio, Quintiliano, Publico, Frontonio, Felix, Ceciliano, Emanto, Primitivo e quatro Saturninos. Vide Santa Engracia e vol. 1.º, Braga, pag. 442.

Apolonio—Foi arcebispo de Braga e successor de S. Leoncio, governando 8 annos, falleceu em 19 de março de 334. Era de origem oriental.

Aprigio—Foi bispo de Beja no tempo dos godos, e diz-se que foi feito bispo em 531. Vol. 1.º, Beja, pag. 359.

Aquila ou Aquilea—Era de Bragança e foi martyrisada na perseguição de Diocleciano.

Aquilina—Foi martyrisada juntamente com os Santos Vicente, Orencio, Victor e Ato, bispo de Pistisa, em 22 de janeiro de 308, sendo imperador Diocleciano e pretor das Hespanhas o feroz Daciano. Seus corpos foram levados para França, e sepultados na cidade do Ebrano, junto aos Alpes. Vol. 1.º, Beja, pag. 360.

Arcadio—A 4 de março de 60, imperando Nero, foi martyrisado na cidade de Bragança, onde foi 1.º bispo, sendo discipulo de S. Thiago. Querem outros que indo á Hespanha assistir a um concilio, foi ahi morto pelo Questor Aloto, que havia sido copeiro do Cezar. Vol. 1.º, Bragança, pag. 484.

Arcomio—Vide *Fionio*.

Aristobulo—Foi bispo de Britonia. Vol. 1.º, Britonia, pag. 494.

Ascencio—Vide *Fionio*.

Ato—Vide *Aquilina*.

Aurino—Vide *Agathon*.

Avito—Era da provincia do Minho.

Barão ou Varão—Na antiga Myrtilis nasceu este santo, irmão de Santa Barbara, e passou a vida n'uma serra proxima, onde morreu pelos annos da era christã. Fundouse ahi uma ermida, proximo da gruta do santo. É advogado dos casados que não tem filhos e os desejam ter. Vol. 5.º, Mertola, pag. 191.

Barbara—Era irmã de S. Brissos, natural de Mertola. Vol. 5.º, Mertola, pag. 193.

Bazilico—Vide *Antigonio*.

Bazilia ou Bazilissa—Uma das irmãs de Santa Quiteria, que indo residir no oriente em Smyrna, foi presa e posta a tormentos, mas confessando impavidamente a fé christã, foi açoutada até expirar. Diz-se que reliquias d'ella se acham em Moura, no convento que foi dos frades Carmelitas calçados. Vide Quiteria, vol. 1.º, Braga, pag. 442, vol. 5.º, Moura, pag. 568 e vol. 7.º, Pompeiro, pag. 158.

Bazilio—Foi o 1.º bispo do Porto, disci-

pulo de S. Thiago Maior e de S. Pedro de Rates, tendo edificado a egreja de S. Pedro de Miragaia, e passando a bispo de Braga, foi martyrisado por ordem de Alôto, no imperio de Nero, em Placencia a 23 de maio do anno de 57. Vol. 5.º, Miragaia, pag. 243; vol. 7.º, Porto, pag. 463, e Portugal pag. 580, e vol. 8.º, Rates, pag. 55.

Bazilissa—Vide *Bazilia*.

Beatrides—Era da provincia do Minho.

Benigno—Foi arcebispo de Braga no 6.º seculo, a quem o papa Pelagio II, escreveu uma carta, em resposta a uma consulta, mostrando-lhe assim a consideração em que o tinha. Indo a França visitar o tumulo de S. Martinho, alli falleceu e foi sepultado a 28 de janeiro de 588.

Bento—Foi eremita e penitente em um sitio alcantilado, ramo da serra da Labruja, sobre a margem direita do Lima, o que teve logar pelos annos 800, sendo martyrisado em 11 de junho pelos mouros.

Bernardo—Era natural de França e discipulo de S. Bernardo, abbade de Clavay, que o mandou a Portugal estabelecer a ordem de Cister e esteve presente á fundação do convento de S. João de Tarouca, o primeiro d'esta ordem que houve nas Hespanhas. O seu primeiro abbade foi Santo Adalberto, com quem a rainha D. Theresa, proxima a morrer, quiz reconciliar-se, mas como fosse muito velho, enviou-lhe Bernardo, que se apresentou á rainha com João Cirita, successor de Adalberto, e a quem depois succedeu Bernardo. A rainha, absolvida por elles, vestiu a cogula da ordem antes de morrer, para gozar as indulgencias. Vol. 3.º, S. João de Tarouca, pag. 417.

Bodina—Foi abbadeça do mosteiro de Vieira. Vide *Senhorinha*.

Brigida—Virgem natural de Lisboa, foi martyrisada pelos barbaros no 1.º de fevereiro de 518. A sua cabeça está na egreja matriz do Lumiar. Vol. 4.º, Lumiar, pag. 476.

Brissos—Bispo d'Evora e martyrisado em 9 de julho do anno 300, imperando Diocleciano. Prégando o Evangelho entre os Vaccios, Bastellanos e Castolonenses, foi intimado para não apostolar, e não obedecendo foi preso e mettido a tormentos.

Calixto—Vide *Antigenio*.

Calidonio—Foi bispo de Braga durante quatro annos, e tambem em Africa, amigo de S. Cypriano, e se oppoz á heresia de Novato e ao anti-papa Novaciano. que se levantou contra o papa Cornelio.

Capracio—Vide *Agathon*.

Cassiano—Era natural da provincia do Minho.

Casta — Soffreu o martyrio em Africa juntamente com os Santos Paulo, Geronico, Januario, Saturnino, Sunesso, Julio, Pia e Germana, todos portuguezes.

Catharina—Na serra d'este nome está uma capellinha dedicada á Santa, hoje em ruinas, e lhe está ligada uma interessante lenda, que póde ver-se no vol. 3.º, Gruta, pag. 529.

Cecilano—Vide *Apodencio e Engracia*.

Celerina—Era natural de Monção, sendo convertida ao christianismo pelo apostolo S. Thiago, pelos annos de 50. Foi muitissimo virtuosa, a ponto de merecer a canonisação. Vol. 5.º, Monção, pag. 423.

Celerina—Bisneta de Lucia Pompeia Celerina, mulher de Lucio Venancio ou Veronio, tribuno militar. Era natural d'Evora, e tão rica, que chegou a dizer-se que possuia quasi metade da Lusitania. Convertida á fé catholica com seu marido pelos annos de 44, edificou um templo ao martyr S. Torpez, na villa de Sines, em que vivia, e onde foi martyrisada em 17 de maio de 65, sob o imperio de Nero.

Celerino—Natural d'Evora, diacono, neto de Santa Celerina, sobrinho de S. Laurentim e de Santo Ignacio, todos martyres. Recebeu a coroa do martyrio no anno de 254, soffrendo a pena de nervo, ou cepo, durante 19 dias, findos os quaes voou á patria celeste. Havia ido em companhia do papa Cornelio para Roma, donde partiu para a Africa, estando alli algum tempo. Vol. 3.º, Evora, pag. 408.

Chrispulo—Era cidadão romano, amigo de Juvenal e Marcial, mas convertendo-se ao christianismo veio prégár a sua fé ás Hespanhas, juntamente com S. Restituto, sendo martyrisados, em Aguas Cellenas, pelos annos de 63, na perseguição do barbaro Nero.

Vol. 1.º, Aguas Cellenas, pag. 32, e vol. 3.º Fão, pag. 138.

Cleonico—Vide *Antigenio*.

Columba ou Comba Osorez—Virgem martyr. Falleceu no anno de 980, sendo abbadesa do antigo mosteiro Archense, que era em Decermillo, ou no bispado de Lamego, não se sabe ao certo o sitio; suspeita-se que fosse no pequeno logar de Archas ou Arcos de Sever, onde está a capella de Nossa Senhora da Seixa. Pelo anno de 982 o mouro Almansor quiz violal-a e ás demais freiras, porem estas, animadas pela abbadesa, preferiram perder a vida a perder a pureza. Vol. 8.º, Pinheiro, pag. 50. Vide *Historia Ecclesiastica de Lamego*, editada em 1878, pag. 220.

Comba—Segundo a *Monarchia Lusitana* era abbadesa de um convento ao pé de Lamego, sendo assassinada com as outras freiras no fim do seculo x, pelo feroz Almanzor, que praticou eguaes crueldades no mosteiro de Sirmiro, junto a Trancoso, de Mosédarem em Vianna do Alemtejo, e de S. Salvador e S. Domingos de Cambos, junto a Mertola. Vol. 2.º, Santa Combadão, pag. 364.

Comba—Ella e S. Leonardo guardavam seus rebanhos na serra, quando Orelhão, captivado pela sua formosura, e não se deixando ella seduzir, tentou empregar a força. Invocou ella a Virgem, que a escondeu, abrindo-se uma parede para esse fim, e cego então, o mouro, de furor, vingou-se em Leonardo, matando-o. Mas afinal parece que a foi crucificar proximo ao convento de Cellas. Pode ser que sejam duas santas differentes. Vol. 2.º, Comba de Cellas, pag. 363, e vol. 4.º, Lamas de Orelhão, pag. 31.

Conegos regulares, de S. Romão de de Cêa—No reinado de D. Affonso Henriques, atacaram os mouros este mosteiro, e não podendo penetrar n'elle, lançaram-lhe fogo, perecendo queimados todos os seus moradores, que preferiram isto a entregar-se aos infieis.

Cresumio—Bispo de Coimbra, onde se achava em 1086, e a cuja Sé o elevou a fama de suas virtudes, sendo antes monge de S. Bento, em Arouca; era tio de S. Theotonio, e foi elle que o dirigiu na estrada da

vida perfeita. Falleceu em 19 de julho de 1098.

Cristetta—Era irmã de Santa Sabina e de S. Vicente, com os quaes fugiu para a cidade d'Avila, mas promettendo o presidente Daciano grande premio a quem os prendesse, um malvado assim o fez, e todos tres foram mortos com horribes tormentos, e ficando seus corpos insepultos, é tradição que uma serpente alli os guardou. Vide S. Vicente, e vol. 3.º, Evora, pag. 116.

Cucufate—Foi martyrisado no tempo de Nero, juntamente com outros, sob o governo de Sergio. Vol. 1.º, Braga, pag. 442.

Cyta—É a mesma que Sylá.

Damaso—Querem uns que nascesse em Braga, outros em Guimarães, outros em Pedralva, outros em Idanha a velha, e outros na antiga Citania. Foi papa, quando imperadores Valentiniano e Valente, e regeu brilhantemente a egreja por 18 annos, 2 mezes e 10 dias, escreveu muito, fez celebrar o concilio 2.º geral de Constantinopla, contra a heresia de Macedonio, e venceu o seu anti-papa Ursino ou Ursiano, a quem depois creou bispo de Napoles. Tal era a sua bondade!

Foi intimo amigo do dr. da egreja, S. Jeronimo, com quem se correspondia, o qual na epistola ad Pamachiam lhe chama varão insigne, muito douto nas escripturas sagradas, virgem e doutor da egreja.

Vol. 1.º, Braga, pag. 443, e Briteiros, pag. 492, vol. 2.º, Citania, pag. 309, e vol. 3.º, Guimarães, pag. 360, e Idanha a Velha pag. 379.

Dativo—Era Alemtejano.

Damicio—Era da cidade de Bragança, sendo martyrisado com outros na perseguição de Diocleciano.

Domingos—Era natural de Coimbra e foi martyrisado pelos mouros, juntamente com S. João, perto da dita cidade (em Verride) a 9 de janeiro de que se ignora o anno.

Domingos de Cuba—Era do Alemtejo.

Domingos Martins—Era da Estremadura.

Domingos do Nascimento—Natural de Médello, junto a Lamego. Elle e mais 50 companheiros foram martyrisados no seu

convento pelo rei de Mombaca, Jeronymo Chingalo, o qual tinha apostatado, e commetteu este crime só em odio da religião.

O prior do convento era frei Antonio da Natividade, cujo corpo se não corrompeu, apesar de ficar insepulto: outro dos mortos foi D. Antonio de Mombaca, primo do proprio rei: outro foi frei Antonio da Paixão; dos outros ignoram-se os nomes.

Donato—Vide *Antigonio* e *Eulalia*.

Eleuterio ou **Neutel**—Dedicou-se-lhe uma ermida proximo da villa de Alvito, por ter ahi vivido em um convento de franciscanos.

Vol. 1.º, Alvito, pag. 181.

Elias—Foi terceiro bispo de Beja durante o dominio gotico, e martyrisado em Cordova com os mancebos Izidoro e Paulo, em 17 de abril de 856, imperando alli Mahomet, filho do Califa Abderramam.

Vol. 1.º, Beja, pag. 360.

Emanto—Vide *Engracia* e *Apodencio*.

Engracia—A quem outros chamam Eufemia, era do Minho, e seu pae, chamado Dinasta, principe portuguez, desposou-a com Limitaneo, duque da Provincia de Narbona em França, e mandou-a a seu esposo acompanhada por 18 nobres cavalleiros.

Estava então em Saragoça o feroz Daciano, alli collocado pelos tyranos Diocleciano e Maximiano, para matar christãos, e então ella, passando alli, se lhe apresentou espontanea a increpar seu procedimento.

Foi presa, açoitada, submettida ao cavalete e a outros tormentos atrozes, no meio dos quaes expirou, tendo-a precedido seus 18 companheiros, que haviam sido degolados.

Vide *Apodencio*, e vol. 1.º, Braga. 442.

Eparchio—Natural da cidade de Bragança, foi martyrisado com outros, sob Diocleciano.

Epitacio—Era da provincia do Minho.

Eria—Vide *Iria*.

Ero—Vide *Agathon*.

Espinella—Foi freira em Arouca, cujo tumulo se acha de traz do côro de baixo.

Vol. 1.º, Arouca, pag. 238 cc.

Estevam—Abade de Rates, que assistiu ao 3.º concilio de Toledo, em que os godos

abjuraram a heresia Ariana. Era da Ordem de S. Bento, e contemporaneo de S. Gregorio Magno, que d'elle faz honrosa menção. Finou-se em 13 de fevereiro de 598, no estado de virgindade, e consta que os anjos acompanharam visivelmente sua alma ao ceu.

Eudon—Vide *Abdon e Adou*.

Eufemia—Vide *Engracia*.

Eufemia—Uma das nove filhas de Lucio Caio Atilio, que afinal morreu martyr. As suas reliquias estavam junto do rio Caldo, d'onde foram transportadas para Orense em 1153 pelo bispo D. Pedro Seguino, attribuindo-se-lhe muitos milagres.

É santa muito popular, e em que os povos tem muita fé, tendo muitos santuarios em Portugal, sobresahindo muito o situado na freguezia da Parada do Bispo, na margem esquerda do rio Douro, acima de Bagaúste, na diocese de Lamego, para onde todo o anno concorrem peregrinos com as suas offertas em agradecimento aos milagres obtidos, mormente no dia 16 de setembro, que é a sua festividade, e nos domingos subsequentes. Vide Santa Quiteria; vol 1.º, Braga, pag. 442; vol 2.º, Covide, pag. 437; vol. 6.º, Parada do Bispo, pag. 462; vol. 7.º, Pombeiro, pag. 158.

Eufemia—Virgem martyr, nascida na antiga cidade de Obobriga e ahi martyrisada. Vol. 4.º, Lindoso, pag. 98, o vol. 6.º, Obobriga, pag. 198.

Eulalia—Era filha do rico e nobre cidadão Libero de Merida, e foi instruida na religião christã por S. Donato. Sendo imperador Diocleciano, e presidente de Hespanha o barbaro Daciano, foi mandado a Merida o juiz Culpurniano, que ordenou um sacrificio geral aos idolos, em razão do que Libero mandou a filha para a Andaluzia, mas fugindo ella, de noite, juntamente com Julia, voltou a Merida, e apresentando-se ao juiz lhe increpou o seu procedimento, e querendo elle persuadi-la a sacrificar aos idolos, usando de meios brandos, passou depois aos crueis, e a fez soffrer e a mais nove companheiros, tormentos atrozes, no meio dos quaes expirou cantando, e viu-se sair da sua bocca uma pomba, que subiu aos ceus.

Eusebio—Padecau martyrio em Evora, na perseguição de Diocleciano, em 3 de março de 304. Sem razão os hespanhoes quizeram roubar a Portugal esta gloria, pretendendo que o martyrio tivesse logar em Talavera, contra o que estão Beda e o Martyriologio. Vol. 3.º, Evora, pag. 116.

Eusebio—No tempo de Trajano, em 5 de março de 134, foi martyrisado em Medelim e juntamente nove companheiros. Vol 5.º, Medelim, pag. 154.

Eutropio—Vide *Antigonio*.

Evento—Era da provincia do Minho.

Evodio—Da diocese de Braga, foi martyrisado com outros companheiros, no tempo de Diocleciano.

Eyria—Vide *Iria*.

Fabião—Foi arcebispo de Braga no seculo III; succedeu-lhe S. Felix.

Fabricio—(Alguns querem que seja o mesmo que Brissos.) Diz-se que nasceu em Mertola, e que ahi fôra martyrisado. Vol. 5.º, Mertola, pag. 191.

Fara—Virgem e monja benedictina, que morreu pelos annos de 1280. Vol. 3.º, Faria, pag. 139.

Faustino—Arcebispo de Braga, e depois de Sevilha. Vide *Fionio*.

Fausto—Era da provincia do Minho.

Feliciano—Era da provincia da Beira.

Felicissima—Sendo cega, S. Graciliano lhe deu vista milagrosamente, a qual por isso se converteu; mas sendo presa á ordem do perfeito do imperador Alexandre, foi degolada em Alcacer do Sal.

Felix-Diacono—Arcebispo de Braga, foi martyrisado e mais S. Narciso em 277, sendo pretor, em Hespanha, Luzillo Rusaniano. Era natural de Santarem, e o seu corpo foi levado para Paris.

Felix—Vide *Apodencio*.

Felix—Vide *Antigonio*.

Felix—Vide *Antigonio*.

Felix—Celebre eremita, que enterrou em Rates, a S. Pedro chamado de Rates, sendo depois trasladado o seu cadaver para a Sé de Braga, onde jaz. Vol.º 8.º, Rates, pag. 55.

Felix—Bispo de Braga e successor de S. Fabião no seculo 3.º; retirou-se para Navarra, a uma serra inhospita, onde viveu en-

tregue á penitencia e aos exercicios espirituas. É possível que seja o mesmo que o antecedente.

Filippe—Era da provincia da Extremadura.

Filippino—Frade Franciscano, acompanhou Santo Antonio de Padua a Marrocos, mas uma grande tempestade o arrojou ás costas da Sicilia, e indo a Assis procurar o patriarcha S. Francisco, foi mandado para Castellanea, onde morreu em 1290. Em 25 de abril de 1749 foi transferido para o mosteiro de S. Marcos, do monte Absino, onde se diz operar muitos milagres.

Fionio—Era bispo de Lamego, e refugiando-se com outros companheiros, e entre estes S. Faustino, arcebispo de Braga, Santo Arcomio, bispo de Evora, e S. Theodofredo, bispo de Vizeu, em um monte junto de Caceres e Xarandilla em Hespanha, a fim de celebrarem o Santo sacrificio, ahi foram martyrisados em 11 de março de 715; dizendo outros que foi na serra de Ossa. Vol. 3.º, Evora, pag. 110, e vol. 6.º, Ossa, pag. 298.

Firmio—Foi martyrisado em Britonia na perseguição de Decio, em 254. Vide *Antonio de Britonia*, e vol. 1.º, Britonia, pag. 445.

Firmo—É o mesmo santo que o antecedente, dando-lhe uns um nome, outros outro.

Fortunato—Vide *Antigonio*.

Fronto—Vide *Apodencio*.

Frontonio—É o mesmo que o antecedente.

Frovilengo ou Provilengo—Era bispo de Coimbra no seculo x, no tempo dos reis godos de Leão, mas deixando a mitra, recolheu-se ao mosteiro de Santo Estevam de Ribas de Sil, na Galliza, onde fez vida penitente.

Fructuoso—Nasceu em Constantim de Panoias, em cuja egreja se conserva a cabeça d'este santo, que os romanos degolaram, e é advogado contra a hydrophobia, sendo alli grande o concurso das pessoas mordidas por cães damnados, e affirma-se que jámais se desenvolveu aquella horrivel molestia nos que alli foram implorar a protecção do Santo. Vol. 2.º, Constantim de Panoias, pag. 382.

Fructuoso—Arcebispo de Braga, era filho de um duque e official superior do exercito de Hespanha, de sangue real. Mortos seus paes dedicou-se todo a obras de piedade e religião, ora construindo e dotando mosteiros, ora entranhando-se nos bosques e desertos para fazer asperas penitencias. Depois de feito arcebispo, gastou suas rendas com os pobres e edificação de novos mosteiros, entre elles o de Dume, onde jaz seu corpo, tendo fallecido com todos os signaes de predestinado em 16 de abril de 659. Em 1102 o bispo de S. Thiago, D. Diogo, levou para Compostella o seu corpo, e o dos Santos Cucufate, Silvestre e Suzana. Vol. 2.º, Dume, pag. 493, vol. 3.º, Ganfei, pag. 258, vol. 5.º, Miranda, pag. 323, vol. 6.º, Nabancia, pag. 7, e vol. 8.º, Real, pag. 63.

Gallicano—É o mesmo que Graciliano. **Gaspár Alvares**—Vide *Ignacio d'Azevedo*.

Garcia Martins—O seu tumulo está mettido na parede junto da pia baptismal da capella de Nossa Senhora do Rosario, de Leça do Bailio; foi commendador, e falleceu no primeiro de janeiro de 1306. Vol. 4.º, Leça do Bailio, pag. 67.

Gaviano—Vide *Antigonio*.

Gema—É a mesma que Santa Marinha.

Genadio—Era do Minho.

Genebra—Vide *Quiteria*.—Quando seu pae, a quem as nove filhas foram apresentadas na cidade de Tuy, lhes perguntou quem eram seus paes, e onde haviam nascido, respondeu Genebra resolutamente que eram suas filhas e de sua mulher e nascidas na cidade de Braga, e como Caio tentasse todos os meios brandos e asperos para as fazer abjurar o Christianismo, ellas fugiram, seguindo caminhos diversos, com receio de lhes faltar o animo, e não poderem resistir ás lagrimas da mãe e aos rogos do pae. Vol. 1.º, Braga, pag. 442, e vol. 7.º, Pombeiro, pag. 158.

Gens—Era natural de Lisboa, e costumava pregar e ensinar a doutrina aos christãos sobre uma cadeira de pedra, chegando a ser bispo de Lisboa, e sendo martyrisado pelos romanos no sitio onde hoje está a ermida do monte á Graça. Vol. 4.º, Lisboa, pag. 219, 228 e 267.

Geraldo—Arcebispo de Braga. Era natural de Cantuaria, foi frade de grandes virtudes, e nomeado visitador das casas religiosas, prestou grandes serviços e operou importantes reformas. Sendo obrigado a aceitar o arcebispado contra a sua vontade, foi a Roma, onde o papa Paschoal o recebeu muito bem, e assistindo ao Synodo de Palencia, prometteram-lhe obediencia os bispos suffraganeos á igreja de Braga. Era denominado o arcebispo santo, apesar do seu rigor contra os peccadores contumazes e escandalosos, como succedeu com o fidalgo Egas Paes, o qual excommungou, e recusou dizer missa na igreja de Guimarães, pelo ver n'ella, apesar de estar já paramentado e da presença do conde D. Henrique e de sua mulher D. Theresa, o que deu causa a reconciliar-se o fidalgo com a igreja e emendar-se. Estando enfermo apprehendeu a visita da sua diocese, indo morrer a Bornes em Traz-os-Montes, donde o seu corpo foi transportado para a igreja de S. Nicolau de Braga, por elle mandada edificar, o que teve lugar em 1117. Vol. 1.º, Braga, pag. 441 e 451; vol. 3.º, Guimarães, pag. 353; vol. 5.º, Mosteiro, pag. 559, e Moure, pag. 577.

Germana—Vide *Quiteria*, vol. 1.º, Braga, pag. 442; vol. 7.º, Pombeiro, pag. 158.

Germana—Vide *Casta*.

Geronico—Vide *Casta*.

Gil—Natural de Vouzella, no bispado de Vizeu, e hoje cabeça de comarca, filho de D. Thereza e de seu marido D. Rodrigo, do conselho de D. Sancho, vedor da sua casa e corregedor de Coimbra. Quando mancebo estudou medicina, e foi mandado a Paris, onde se graduou n'esta faculdade com grande applauso. Deu-se á nigromancia, mas tocado da graça divina entrou em um convento em Paleria na Hespanha, e passado o noviciado voltou a Portugal, sendo frade em Santarem e Coimbra, e n'esta ultima prior e em Coruche, doutorando-se em theologia, e sendo provincial em Hespanha. Foi tal a sua conversão e santidade, que a cada passo ficava em extasis, e fazia milagres. Falleceu em 14 de maio de 1265, em dia d'Ascensão. (Vide *Santarem*.)

Godinho—Arcebispo de Braga, succes-

sor de D. João Peculiar, por aclamação do Cabido, sendo sagrado em Roma por mão do papa Calixto IV; e indo d'alli a Jerusalem, regressou em 1175, no reinado de D. Affonso Henriques, á sua Sé, que governou por treze annos com grande sabedoria. Havia vestido sobrepeliz no convento dos Cruzios de S. Salvador do Banho, entre Barcellos e Espozende, onde foi prior.

Gonçalo d'Amarante — Nasceu em S. Salvador de Togilde, junto do rio Vizella, de familia nobre, e deu logo em creança signaes de santidade. Ordenado, foi creado abbade de S. Paio de Riba Vizella, e distribuia pelos pobres todos os seus rendimentos, guardando perpetua virgindade. Fez ordenar um sobrinho, a quem entregou a parochia, e andou 14 annos visitando Roma, Jerusalem e os logares santos, o que deu lugar a que o sobrinho fizesse provas falsas da sua morte e obtivesse a Abbadia, dando-se então á vaidade e á luxuria. Voltando o tio, foi pedir-lhe esmola, mas este espancou-o, atigou-lhe os cães, e recusou entregar-lhe o beneficio. Entrou então no mosteiro de S. Domingos de Guimarães, e a poder de sacrificios e prodigios, conseguiu fazer uma capella e a magestosa ponte de Amarante, enchendo de beneficios e esmolas aquelles povos. Foi-lhe revelado com antecipaçaõ o dia do seu passamento, e jaz sepultado na igreja do seu nome em Amarante, sendo beatificado por Pio IV—Vol. 1.º, Amarante, pag. 188, e Arrifana pag. 238 QQ. vol. 3.º, Guimarães pag. 359.

Gonçalo—Bispo de Coimbra, governou esta diocese no seculo x durante a dominação mahometana. Renunciou álfim a sua dignidade e foi encerrar-se no mosteiro de Santo Estevam de Ribas de Sil, na Galliza, onde acabou a vida santamente.

Gonçalo—Nascido em Chaves; teve no seculo o nome de Gonçalo Morinho e entrou no mosteiro benedictino de Santo Thyrsos de Riba d'Ave, e em breve foi eleito abbade. Morreu gelado na serra do Gerez, quando recolhia do Cella Nova, da Galliza—vol. 7.º Pitões, pag. 106 e 107.

Gonçalo Dias—Era da provincia do Minho.

Gonçalo Garcia—Filho de pae portuguez, e natural de Bacim na India. Foi leigo na ordem de S. Francisco, e depois crucificado no Japão com 23 companheiros. Foi beatificado por Urbano 8.º

Gonçalo Henriques—Vide Ignacio de Azevedo.

Gonçalo de Lagos—Natural d'esta cidade, nascido pelos annos de 1378, tomou o habito de eremita de Santo Agostinho em 1358 e foi grande prégador. Morreu em Torres Vedras em 15 de outubro de 1422 e foi canonisado pelo papa Pio VI em 1780, e jaz no dito convento.

Gorgonio—Sendo natural de Niceia, na Betúnia, veio ser martyr ao territorio hoje portuguez na cidade de Britonia, proximidades de Ponte do Lima, juntamente com outros; vol. 1.º Britonia, pag. 495.

Graciliano—Recebeu o baptismo da mão do padre Euticio, e dando vista á cega Santa Felicissima, a converteu. Sendo ambos prezos á ordem do perfeito do imperador Alexandre, foram degolados em Alcacer do Sal.

Gregorio—Não era Portuguez, mas foi martyrisado em Britonia, terra de Portugal, na perseguição de Diocleciano, juntamente com outros, em 264.

Gualter—Era frade franciscano, o qual com um companheiro vieram assistir para uma pobre casinha no cimo da serra de Villa Verde, e d'alli passaram para Guimarães para o hospital da Torre Velha, depois convertido em convento. Este santo, sendo canonisado, tinha capella propria no convento, em cujo altar estão suas reliquias. Vol. 3.º, Guimarães. pag. 359.

Herachio—Foi martyrisado na perseguição de Nero, querendo uns que fosse em Britonia, e outros em Padua, quando ia de viagem para Cesarea da Capadocia.

Heradio—É o mesmo que o antecedente.

Hermogio—Era da provincia da Beira.

Herodes—Vide *Antigonio*.

Ignacio—Natural d'Evora, tio de S. Celerino, foi martyr; vol. 3.º, Evora, pag. 408.

Ignacio d'Azevedo Barbosa—Natural do Porto, da casa de Azevedo e Barbosa, que procede do conde D. Sancho Nunes de

Barbosa e de sua mullher, a infanta D. The-reza Henriques, filha do conde D. Henrique e da rainha D. Thereza; embarcou em a náu S. Thiago para o Brasil, em missão por ordem de S. Francisco de Borja em 1570, com 39 companheiros, 8 hespanhoes e 31 portuguezes, sendo tres d'estes Gaspar Alvares, Gonçalo Henriques e Antonio Correia, e chegando á altura das Canarias junto á Ilha de Palma, encontraram o corsario francez calvinista, Soria, que só por odio á religião os lançou ao mar, fazendo-os pereber. Vol. 1.º, Braga, pag. 436.

Irene—É o mesmo que *Iria*.

Iria, Irene, Eria ou Eyria—São nomes que designam a mesma santa, a qual foi virgem e martyr, e tudo o que respeita á lenda d'esta santa e suas variantes vem em Nambancia, vol. 6.º, pag. 6 e seguintes; vol. 8.º, Reguengo, pag. 112 e Ribeira de Santarem, pag. 183.

Iria—Era irmã de S. Damaso, a quem acompanhou a Roma no 4.º seculo, brilhando ahi pelas suas virtudes e santidade em uma clausura. Morreu virgem aos 20 annos, e seu irmão mandou gravar-lhe um epitaphio na campa, no qual se encommenda a ella. Vol. 1.º, Braga, pag. 443.

Isabel—Nascida em 1271, teve por paes os reis de Aragão, D. Pedro e D. Constança, e por avô D. Jayme, e aos 8 annos já resava o officio divino, e dava tudo aos pobres. Casou com D. Diniz, rei de Portugal, para onde veio transportada com grande pompa. Teve por filhos D. Constança, que casou com D. Fernando de Castella, e D. Affonso, depois rei. Á sua caridade, paciencia, devoção e piedade, bem como as penitencias eram notaveis. Harmonisou seu marido com seu filho, que trouxe á obediencia de seu pae e fez que este harmonisasse D. Jayme e D. Fernando, rei de Castella. Morto D. Diniz (que bastante lhe fez soffrer), cortou os cabellos, despiu as vestes reaes, e foi a S. Thiago de Galliza, d'onde voltou com o bordão de peregrina, indo depois morrer a Estremoz, onde estava o rei, sendo depois conduzido seu corpo para o mosteiro de Santa Clara em Coimbra, na qual cidade especialmente, e em todo o reino é muito reveren-

ciada e popular, e taptó assim que foi geral a indignação, quando alguém quiz diminuir a devoção por ella!... Foi canonisada pelo papa Leão X, em 26 de março de 1612. Sendo aberto o caixão, achou-se o corpo incorrupto, e junto d'elle o seu bordão de peregrina e a bolsa das esmolas, que costumava repartir com mão larga pelos pobres. É a 17.^a avó do sr. D. Luiz I. Vol. 1.^o, Beja, pag. 363 e Arrifana, pag. 238 RR; vol. 2.^o, Campo Grande, pag. 67 e Coimbra, pag. 328 e seguintes, e Dornes, pag. 480; vol. 3.^o, Guarda, pag. 335, e Estremoz, pag. 82; vol. 5.^o, Mondego, pag. 395; Monte-Mór, pag. 513; Monte Real, pag. 529 e Moura, pag. 571; vol. 6.^o, Palmeiros, pag. 431; vol. 7.^o, Pontével, pag. 187; vol. 8.^o, Roca-Amador, pag. 215.

Isidoro — Foi martyrisado em Cordova, juntamente com Santo Elias e S. Paulo, em 17 d'Abril de 856, imperando Mahomet, filho do califa Abederraman.

Januario—Vide *Casta*.

Januario—Vide *Antigonio*.

Januario—Bispo de Salaria, que alguns entendem ser Alcacer do Sal, foi martyrisado na perseguição de Diocleciano em 16 de abril de 306 em Heracleia, sendo decapitado e mais três companheiros, por se recusarem a adorar os ídolos e entregar os livros sagrados. Havia assistido ao concilio Eliberitano.

Jeronimo da Cruz—Era da provincia da Estremadura.

Joanna—Foi filha de D. Affonso V, a qual professou no mosteiro de Jesus de Aveiro, ahi viveu, morreu e jaz sepultada. Foi beatificada em 4 de abril de 1693, e os aveirenses tem por ella grande devoção. Vol. 1.^o, Aveiro, pag. 266, e Belfer, pag. 376; vol. 3.^o, Eixo, pag. 41.

João de Bragança — Nasceu n'esta cidade, juntamente com seu irmão Paulo, e indo ambos para Roma com seu parente Galliano, que pertencia á corte do imperador Constantino, tiveram grande valimento com este, e fizeram a campanha contra os seytas. Juliano apostata os mandou martyrisar por Terenciano, em 354. No tempo do imperador Joviniano foram encontradas suas reliquias, que se conservam em Roma em

um templo no monte Celio. Vol. 1.^o, Bragança, pag. 485.¹

João de Britto—Nasceu na freguezia de Santo André, da cidade de Lisboa, entrou na ordem dos jesuitas, e foi martyr nas missões de Maduré, no Indostão.

João de Coimbra—Era natural d'esta cidade, e foi martyrisado em Verride, perto d'ella, juntamente com S. Domingos, pelos mouros, em 9 de janeiro de um anno que se ignora.

¹ Seguramente o nome de João é o que tem mais individuos canonisados ou beatificados. Achamos curioso dar aqui a lista dos que nos lembram, além dos portuguezes mencionados no texto, e, apesar de muitos, presumimos que alguns nos escapariam.

João—Abbade de Constantinopla.

João Baptista — Precursor de Jesus Christo.

João Baptista — Fundador dos trinos descalços.

João Baptista Rossi—Conego, beatificado por Pio IX.

João—Bispo, augustodonense.

João—Bispo, bergominense.

João—Bispo, eboracense, na Inglaterra

João — Bispo, Neopolitano, na Campânia.

João—Bispo, martyr em Roma.

João—Bispo, martyr na Persia, no reinado de Sapor.

João—Bispo de Pavia.

João—Bispo de Ravena.

João—Bispo de Verona.

João Bom—Abbade.

João Bom—Bispo de Milão.

João Calybita.

João Cancio.

João Capristano.

João Cego—Martyr nas minas.

João Chrysostomo—Doutor da egreja e bispo de Constantinopla.

João Climaco—Abbade.

João da Cruz—Conego.

João de Colonia—Dominicano, martyr.

João Columbano—Jesuita.

João Damasceno.

João Dormente—Um dos sete dormentes.

João Dominici—Cardeal.

João Dukla—Franciscano.

João Egyptio—Martyr.

João Eremita—Martyr na Polonia.

João Eremita—Do Egypto.

João Esmoler.

João Etiope—Martyr.

João Evangelista—Um dos discipulos de Jesus Christo.

João de Deus—Nascido em Monte Mór o Novo, foi pastor de gado, depois militar, depois outra vez pastor, e mais tarde vendedor de livros. Fundou a religião do seu nome, que S. Pio V approvou em 1571, e estabeleceu em Granada, na Andaluzia, o

seu hospicio para enfermos entrevados. Urbano VIII o beatificou em 23 de setembro de 1630, estando relacionado no numero dos santos. Vol. 5.º, Monte Mór o Novo, pag. 494, 501 e seguintes.

João Godo—Era da Estremadura.

João Guarino—Era do Alemtejo. Vide *Santarem*.

João de Lima—A que se dá este nome, por ter sido eremita em um sitio muito elevado junto do rio d'este nome, sendo um ramo da serra de Labruja. Vol. 4.º, Lima, pag. 95.

João Marcos—O corpo d'este santo acha-se hoje no centro da egreja de S. Marcos em Braga, para onde foi trasladado do tumulo antigo em 27 d'Abril de 1718; e o seu primeiro tumulo tambem está no altarmór, do lado do Evangelho. Foi bispo de Braga e martyr. Vol. 1.º, Braga, pag. 440.

João do Porto—Era natural d'esta cidade.

Jordão—Irmão de Santa Comba e de Santa Anomina, soffreu o martyrio na perseguição de Diocleciano. Foi bispo de Evora, e tambem se venera na egreja parochial dos Anjos, em Lisboa. Vol. 5.º, Mertola, pag. 493.

Julia—Irmã de S. Verissimo e Santa Maxima, naturaes de Lisboa. Estando os romanos senhores d'esta cidade, e ameaçando os christãos que não apostatassem, foram os tres irmãos apresentar-se voluntariamente ao juiz e confessar sua fé. Esgotados os meios brandos para os obrigar ao culto dos idolos, passou aos de rigor, indo augmentando os tormentos gradualmente até aos mais crueis, e como a tudo resistissem com admiravel firmeza, foram degolados, ficando seus corpos insepultos, e como os animaes lhes não tocassem, foram lançados ao mar, atados a grandes pedras, para os christãos lhes não colherem as reliquias, o que não obsteu a que viessem a terra, sendo sepultados pelos fieis junto da praia, onde mais tarde lhes foi edificada uma egreja, sendo trasladados para logar mais decente no tempo de D. João II. Vol. 2.º, Calvello, pag. 49; vol. 4.º, Lisboa, pag. 218, 238 e 400; vol. 6.º, Pampulha, pag. 442.

João de S. Fagundo—Agostiniano.

João Francisco Regis—Jesuita.

João Gualberto—Abbate.

João José da Cruz—Franciscano.

João Lucio.

João Marinonio.

João da Matta.

João—Martyr na Via Portuense.

João—Martyr com seu pae, o tribuno S. Marcellino, mãe e irmãos.

João—Um dos martyres do Japão, ultimamente canonisados.

João—Martyr em Nicomedia.

João—Martyr, filho do martyr S. Marciano.

João—Martyr em Africa, com Santo André e outros.

João—Martyr em Cordova, sob o dominio dos arabes.

João—Martyr em Africa com S. Claudio e outros.

João—Martyr com S. Festo, na Toscana.

João—Um dos 40 martyres de Sebasto, no tempo de Licinio.

João—Martyr no tempo de Diocleciano.

João—Martyr em Carthago.

João—Martyr no Ponto.

João—Martyr, filho de Santa Rufina.

João—Martyr em Africa.

João—Martyr tambem em Africa.

João—Monge em Roma.

João—Monge da Syria.

João Nepomuceno—Presbytero, martyr por guardar sigillo.

João I—Papa e martyr.

João II—Papa.

João de Parma—Franciscano.

João—Irmão de S. Paulo, martyr.

João Penna—Franciscano.

João Pennense—Bi-po.

João de Perugia—Martyr.

João do Prado—Franciscano, martyr.

João—Presbytero, no governo de Julia no apostata.

João—Presbytero, martyr com S. Crispo, imperando Diocleciano.

João—Presbytero de Rems.

João—Presbytero Reomarense.

João Silenciario.

João Thaumaturgo—Bispo na Asia, no tempo de Leão Isaurico.

João Thoreste—Monge na Calabria.

João Turonense—Presbytero e confessor.

Julião—Natural da antiga cidade de Aru-
citana, foi martyrisado com 27 companhei-
ros no dia 27 de janeiro de 95, governando
Domiciano. Vol. 3.º, S. Jorge d'Arcos, pag.
449; vol. 5.º, Moura, pag. 569.

Julio—Vide *Apodencio*.

Julio—Foi martyrisado em Carthago, na
Africa. Vide *Casta*.

Largo—Foi martyrisado com outros na
perseguição de Nero, querendo uns que fos-
se em Britonia, e outros em Padua, quando
iam de viagem para Cezareia, na Capadocia.

Laurentim—Tio de S. Celerino, foi mar-
tyr. Vol. 3.º, Evora, pag. 408.

Leonardo—Era pastor na serra de San-
ta Comba, e foi morto pelo mouro Orelhão,
no sitio que tem o nome de S. Leonardo.
Vol. 4.º, Lamas de Orelhão, pag. 31.

Leoncio—Arcebispo de Braga, de origem
oriental; tendo assistido ao concilio de Ni-
ceia, d'onde voltava para a sua diocese, fal-
leceu em Guimarães a 19 de Março de 325.

Liberata—Tambem chamada Wilgeforte.
Vide *Quiteria*. Vol. 1.º, Braga, pag. 442 e
vol. 7.º, Pombeiro, pag. 158.

Lourenço Mendes—Illustre por nasci-
mento, viveu no seculo xiii, entregando-se
aos prazeres mundanos, até que tocado da
graça, entrou na ordem de S. Domingos, re-
sidindo no seu convento de Guimarães, on-
de se finou santamente em 27 de janeiro de
1280, sendo sepultado na capella de S. Tho-
maz. Vol. 5.º, Monte-junto, pag. 480.

Lucas—O mesmo que S. Lucio.

Lucencio—Abbate e depois bispo, man-
dado por S. Bento com 11 monges fundar o
convento de Lervão, no 6.º seculo, o qual
no seculo xiii passou a ser de freiras. Foi
elle o seu primeiro abbade, sendo depois
nomeado bispo de Coimbra, onde concorreu
para a extincção da heresia ariana.

Lucio—Soffreu na perseguição de Nero
o martyrio com outros companheiros. Vol.
1.º, Britonia, pag. 494.

Luciolo—Vide *Antigonio*.

Lupercio—Vide *Apodencio*.

Luperco—É o mesmo que Lupercio.

Mafalda—Era filha de D. Sancho I, rei
de Portugal, e desposou D. Henrique I de
Castella, com quem não chegou a juntar-se,

porque o papa declarou nullo o seu matri-
monio, por serem parentes em grau prohi-
bido, e voltando donzella para Portugal, foi
habitar o convento de Arouca, professando
na presença dos bispos do Porto e Lamego.
Indo em romaria á Senhora da Silva, fille-
ceu em Rio Tinto a 2 de maio de 1250 e o
seu corpo jaz no dito convento, objecto de
summa veneração. Tinha nascido em Coim-
bra em 1195, e esteve algum tempo em Lor-
vão e Coimbra com suas irmãs Santa The-
reza e Santa Sancha. Outros dizem que nor-
reu no Porto, e que sendo seu corpo posto
em uma mula, sem a guiarem veio ter a
Arouca. Foi beatificada por Pio VI. Vide
*Historia ecclesiastica da cidade e bispado de
Lamego*, editada em 1878, pag. 222. Vol. 1.º,
Arouca, pag. 238; vol. 3.º, Freita, pag. 230;
vol. 2.º, Costa, pag. 440; vol. 5.º, Moldes,
pag. 366; vol. 7.º, Porto, pag. 403 e 522, e
vol. 8.º, Rio Tinto, pag. 212, Rossas, pag. 215.

Mancio—Bispo d'Evora. Diz a lenda que
foi um dos discipulos de Jesus Christo, as-
sistindo á ceia. Vendo-o morto na cruz e
depois resuscitado, vendo-o subir aos céus e
estando no Cenaculo. Veio prégando a pa-
lavra de Deus desde as Gallias até Evora,
onde foi preso, no lugar chamado Cástra-
Mollina, e apresentado ao presidente Vali-
dio, e como recusasse sacrificar aos idolos,
soffreu com admiravel resignação todos os
tormentos até expirar em 21 de maio do
anno de 106. Seculos depois foi seu corpo
achado incorrupto e mettido em um sepul-
chro de marmore, em uma herdade do con-
de Juliano e da matrona Julia, que alli man-
daram edificar uma igreja e uma torre em
sua honra. Vol. 3.º, Evora, pag. 408.

Manços—É o mesmo que S. Mancio. Vol.
3.º, Evora, pag. 408; vol. 4.º, Lisboa, pag.
248 e 267.

Mandalo—Vide *Agathon*.

Marcia—É a mesma que Santa Mar-
ciana.

Marcial—Era da provincia do Minho.

Marciana—Vide *Santa Quiteria*.

Marcilla—Vide *Apodencio*.

Margarida—É o mesmo que Marinha.

Margarida Fernandes—Era da pro-
vincia do Alemtejo.

Marianna—É o mesmo que Marciana.

Marina—Era transmontana.

Marinha—Virgem, defendeu sua pureza contra o presidente da provincia Olibrijo, que por ella concebera fogosa paixão, pelo que foi condemnada ao fogo, e depois a outros tormentos, sendo alfim degolada, e dando a sua cabeça tres saltos, como a de S. Paulo. Vide *Santa Quiteria*. Vol. 1.º, Braga, pag. 445; vol. 2.º, Costa, pag. 410; vol. 7.º, Ponteiro, pag. 158.

Marinha—Nasceu na villa do Mogadouro, e foi viver n'um sitio agreste e solitario proximo da cidade de Salamanca, fazendo vida santissima; e por sua morte alli se fundou um convento de frades menores, onde jaz o seu cadaver, fazendo-se-lhe uma festa a 4 de maio. Vol. 5.º, Mogadouro, pag. 356.

Marino—Natural de Lisboa e de familia illustre, foi á Africa combater os erros dos arianos e donatistas. Estava em Cesareia, cidade da Mauritania, quando Juliano apostata lhe mandou cortar a cabeça, por se recusar a negar a divindade de Jesus Christo.

Martinha—É o mesmo que Marinha. Vide *Santa Quiteria*.

Martinho—Vide *Antigonio*.

Martinho—Foi prior de Soure e filho de Ayres Manuel e de Argira, tendo sido educado no convento de Santa Cruz de Coimbra, onde depois professou. Foi levado captivo pelos mouros para Santarem, d'alli para Evora, d'alli para Sevilha, e d'alli para Cordova. Vol. 5.º, Marnel, pag. 90.

Martinho de Dume—Era hungaro, e veio a Hespanha converter os reis suevos, que eram ariannos, o que conseguiu, convertendo depois a corte, e o povo. Foi bispo de Dume e depois de Braga, onde governou 20 annos, sempre coberto de cilícios. Tinha visitado os logares santos, e havendo Ajax propagado o arianismo na Hespanha, coadjuvado pelo rei Theodomiro, foi então que fez a conversão supra, tendo curado por milagre o filho do rei, que erigiu um mosteiro da ordem cisterciense, em que o-santo foi abbade. Sendo ainda bispo de Dume, celebrou-se o primeiro concilio bracharense, a que assistiu, e sendo já bispo de Braga convocou o segundo, composto de 22 bispos,

onde se confirmou o primeiro, que havia condemnado a heresia Presciliana.

Matrona—Virgem e martyr, filha de Remismundo, rei dos suevos, foi martyrisada com doze companheiros em 545. Vol. 1.º, Braga, pag. 442.

Maxima—Vide *Julia*.

Maximo—Foi bispo de Britonia. Vol. 1.º, Britonia, pag. 494.

Mendo—Era da provincia da Beira.

Narciso—Arcebispo de Braga. Era natural de Santarem, converteu Santa Afra e suas creadas, prégou o evangelho em Allemanha, e foi martyrisado em Girona na Hespanha, na perseguição de Aureliano, em 227.

Narciso—Tambem foi martyr.

Neutel—É o mesmo que Eleuterio.

Odoario—Tendo D. Affonso, o Casto, retomado em 792 a cidade de Braga, que havia sido conquistada e saqueada por Omar em 762, encarregou o seu governo a este santo, então bispo de Lugo, que reedificou o templo e a cidade, até que falleceu em 15 de maio de 810.

Odon—É o mesmo que Adon ou Eudon. Vol. 4.º, Lima, pag. 95.

Olimpio—Era contemporaneo de S. Gregorio Nazianzeno, varão de muita sciencia e virtudes, e que foi arcebispo de Toledo, tendo todavia nascido em Lisboa, e sendo martyrisado na Thracia, em 12 de junho. Vol. 4.º, Lisboa, pag. 305.

Optato—Vide *Apodencio*.

Orencio—Vide *Agathon*.

Orencio—Vide *Aquilina*.

Ovidio—Arcebispo de Braga, baptizou Santa Marinha e irmãs. Foi cidadão romano, amigo de Seneca e de Maximo Ceronio, a quem acompanhou no desterro, e Marcial lhe dedicou alguns epigrammas. Convertido ao Christianismo, foi enviado por S. Clemente á Hespanha, onde foi bispo de Tuy, e depois arcebispo de Braga, achando-se na sé d'esta cidade o seu tumulo. Vol. 2.º, Costa, pag. 410.

Paio—Natural de Coimbra, da ordem dos dominicos, cujo habito recebeu das mãos do veneravel frei Soeiro Gomes, e foi primeiro prior do mosteiro que de Monte-Junto foi mudado para Santarem, e cujas

ruínas ainda hoje existem. Teve uma vida exemplar, e foi grande orador sagrado. Vol. 5.º. Mollado, pag. 372, e Monte-Junto, pag. 480. Vide *Santarem*.

Paio—Viveu no reinado do rei suevo Theodomiro, sendo sobrinho de Hermogio, bispo de Tuy e de Nauste, bispo de Coimbra, e foi martyrisado em Cordova. Não se sabe ao certo em que freguezia nasceu, e como a Homero varias freguezias disputam essa honra, e taes são Cunha, pretendendo que seja oriundo da familia dos Cunhas—Labruja, e Mollêdo, todas ellas da provincia do Minho. Vol. 2.º, Cunha, pag. 458; vol. 4.º, Labruja, pag. 7, e vol. 5.º, Mollado, pag. 372.

Paschasio—Foi discipulo de S. Martinho de Dume e conego de Cedofeita. Vol. 5.º, S. Martinho de Cedofeita, pag. 104.

Paterno—Foi arcebispo de Braga, successor de Páncracio, e antecessor de Balconio, celebrou um concilio provincial em Braga, a que assistiram os bispos de Agueda, Coimbra, Idanha, Porto, Lugo, Merida, Lamego, Iria e Numancia, no qual se ordenou, que cada um na sua diocese fizesse occultar as sagradas imagens em sitios de que ficasse memoria, para se encontrarem a todo o tempo. Vol. 6.º, Oliveira, pag. 257.

Paulo d'Azevedo—Religioso Franciscano, natural do Porto, converteu muitos gentios na ilha de Santa Cruz e outras partes da America, e foi martyrisado em Colican, na Asia, sendo achado depois o seu corpo incorrupto, e respeitado pelas aves e animaes e em seguida sepultado. Vol. 7.º, Porto, pag. 299.

Paulo de Bragança—Vide *S. João de Bragança*.

Paulo—Vide *Casta*.

Paulo—Vide *Santo Isidoro*.

Pedro Baptista—Missionando no Japão no tempo de Filippe II, o imperador Taiconsana, assustado das muitas conversões, o fez morrer com mais 23 companheiros, incluindo dous meninos e o japonês Mathias, o que teve lugar em 5 de Fevereiro de 1597, sendo beatificado pelo papa Urbano VIII em 14 de setembro de 1627.

Pedro da Guarda—Era da provincia da Beira.

Pedro, Bispo de Lisboa—Foi o 4.º bispo da mesma cidade no anno de 166.

Pedro de Rates—Arcebispo de Braga, tinha sido ordenado bispo pelo apostolo S. Thiago, e prégando o Evangelho e curando de lepra a filha do rei por milagre, baptisou-a e á rainha. Irritado o rei deu ordem para a morte do santo, e sendo alcançado no lugar de Rates, a 4 leguas de Braga, foi traspassado á espada na egreja, defronte do altar. Está hoje na sé de Braga, sendo trasladado pelo arcebispo D. Balthazar Limpo em 1532. Vol. 1.º Braga, pag. 434 e seguintes. Vol. 2.º Coimbra, pag. 318. Vol. 5.º Miragaia, pag. 244. Vol. 7.º Porto, pag. 463, e Vol. 8.º pag. 55.

Pedro d'Alcantara—Foi um santo penitente que habitou a serra de Cezimbra. Vol. 2.º Cezimbra, pag. 263.

Pedro Negles—Era da Extremadura.

Pedro Fernandes—Professo no convento de Nossa Senhora das Neves de Alemquer, da qual passou para Santarem, onde foi mestre de theologia, florescendo em Santidade e sciencia, sendo assim transferido para Samora, onde falleceu a 22 de junho de 1255. D'elle foi amigo e chronista S. Frei Gil.

Pelagia—Nasceu em Bragança, sendo martyrisada a 23 de março do anno de 300, imperando Diocleciano, vol. 4.º Bragança, pag. 485.

Pelagio—É o mesmo que Paio.

Pia—Vide *Casta*.

Placido—Em 11 de outubro de 66 foi martyrisado em Lisboa com S. Gens e Santo Anastacio. Vol. 4.º Lisboa, pag. 228.

Polycarpo—Foi arcebispo de Braga e martyrisado em 26 de janeiro de 130.

Potamio—Bispo de Braga, assistiu ao 8.º concilio de Toledo em 652 e ao 10.º em 656. Tendo commettido um peccado de impureza, foi tal o seu arrependimento, que se privou a si mesmo da dignidade episcopal, e apresentando-se ao concilio de Toledo, confessou a sua culpa, e exigiu que este o depuzesse, lo que a muito custo conseguiu, sendo substituido por S. Fructuoso, e passando o resto da vida nas mais acerbas penitencias.

Primitivo — Vide Apodencio.

Primitivo — Foi martyrisado em Britonia no tempo de Nero, no anno de 66, com outros companheiros. Vol. 1.º Britonia, pag. 495.

Prisso — Vide Agathon.

Profuturo — Fundou o 1.º convento de conegos regrantes de Santo Agostinho na Sé de Braga, pelos annos de 490 ou 500, sendo arcebispo d'esta cidade e discipulo de Santo Agostinho, vol. 4.º Lusitania, pag. 487.

Provilengo — É o mesmo que Trovilengo.

Publio — Vide Apodencio.

Quintiliano — Vide Apodencio.

Quinto — Vide Antigonio.

Quiriolo — Vide Antigonio.

Quiteria — Alemtejana, foi martyrisada em Montemór-o-Novo, sendo precipitada em um pégo com uma mó de moinho, e foi erigida em padroeira d'esta villa. Vol. 5.º Montemór-o-Novo, pag. 499 e 501.

Quiteria — Ella e suas irmãs Genebra, Eufemia, Victoria, Mariana ou Marciana, Germana, Marinha, Basilia e Liberata, ou Wilgeforte, eram filhas de um só parto de Calcia e seu marido Lucio Caio Atilio, o qual as mandou affogar, e vindo á noticia de Santo Ovidio, arcebispo de Braga, as baptisou e mandou crear e instruir occultamente. Todas foram virgens, e sendo levadas á presença de seu pae, que as não conhecia, dizendo serem suas filhas e christãs, não quiz reconhecê-las, o que todavia fez sua mãe, que as livrou dos tormentos a que seu pae as condemnava por serem christãs. Mais tarde todas morreram martyres, e o martyrio de Santa Quiteria foi em 130, ou fosse junto de Coimbra ou junto de Montemór-o-Novo (no que ha divergencia de opiniões), perecendo ás mãos de um manco que a requestava para casar, e que ella repelliu por ter feito voto de castidade.

Raymundo — Era da villa de Medelim, na Beira Baixa e pastor de gado, que morreu em 5 de abril do anno 900, Vol. 5.º Medelim pag. 154.

Receswinto — Era da provincia do Minho.

Remisol — Bispo de Vizeu no tempo dos suevos. Como se oppozesse á heresia de Ario, o rei Leovigildo o depoz e desterrou, morrendo no exilio, cheio de dôr por se ver substituido por um intruso.

Restituto — Era cidadão romano, amigo de Juvenal e Marcial, o qual tendo-se convertido, e vindo prégar a fé christã á Hespanha, juntamente com S. Chripulo, no imperio de Nero, foram martyrisados em Aguas Celenas, na Lusitania. Vol. 1.º Aguas Celenas, pag. 32, vol. 2.º Fão pag. 138.

Revocata — Foi martyrisada pelos mauritanos, em Vianna do Minho, em 260. Vol. 1.º Britonia, pag. 495.

Rodesendo — É o mesmo que Rosendo.

Rolando — Foi um dos enviados por S. Bernardo a Portugal, e um dos fundadores do mosteiro de S. João de Tarouca, proximo a Mondim da Beira, e ahi teve morte santa em 26 de maio de 1180.

Romão — Nasceu em França e morreu em Portugal em um mosteiro por elle fundado. A sua cabeça está na egreja matriz de Pauioas do Alemtejo, guardada em um relicario de prata, e o corpo na capella de S. Romão. Vol. 6.º Ourique, pag. 341, e Pauioas pag. 443.

Romeu — Era eremita, e os seus ossos estão no convento de Santa Maria de Refoios, sendo opinião commum que falleceu em 11 de Abril de 1446.

Romulo — Era da provincia da Extremadura e foi martyrisado com 86 companheiros.

Rosendo ou Rodesendo — Era neto de Hermenegildo, conde da cidade do Porto, e foi senhor de quasi toda a terra de Entre Douro e Minho, grande guerreiro contra os mouros e capitão general de seu parente o rei D. Affonso Magno. Foi filho de D. Gottherre Arias e Ilduara ou Aldara, illustre senhora portugueza, muito religiosa, residente na villa de Sallas ao pé de Monte Corvo, e irmão de Santa Adosinda. Sua mãe, sendo esteril, pediu fervorosamente a Deus um filho, o qual lhe concedeu Rosendo em 26 de novembro de 907. Este, desprezando jogos pueris, deu-se logo aos exercicios de piedade, e ordenou-se aos 28 annos, sendo

elevado a prior de Caveiro na diocese de Compostella, e depois successivamente a bispo de Mondonhedo, de Compostella e de Dume. Fundou o mosteiro de Cella Nova, junto ao Rio Lima, onde acabou seus dias no 1.º de março de 967, por ter renunciado ao bispado, e jaz na capella de S. João Baptista do dito mosteiro. Foi beatificado por Alexandre III, contando-se d'elle muitos milagres. Vol. 3.º S. Fins, pag. 199, e Freixo de Espada á Cinta, pag. 234, vol. 5.º, Monte Cordova, pag. 471, vol. 7.º; Porto, pag. 516.

Sabina — Vid. Cristetta e Vicente.

Salvador — Era natural de Panoias de Traz-os-Montes, o qual fundou um grande mosteiro beneditino a 10 kilometros de Mertola em 630. Vol. 5.º Mertola, pag. 192.

Sancha — Filha de D. Sancho I e da rainha D. Dulce, não quiz casar, nem ainda com S. Fernando, rei de Hespanha, que a pretendia. Teve a honra de receber em seus paços de Alemquer os Santos Martyres de Marrocos; e fundando um mosteiro da ordem de Cister, em Cellas de Coimbra, ahi professou e viveu entregue á penitencia. Sua irmã Santa Thereza, professa em Lorvão, assistiu-lhe á morte em 13 de março de 1229, e transportou-lhe o cadaver para aquelle convento. Innocencio XII auctorisou o seu culto e Clemente XI a beatificou por decreto de 13 de setembro de 1704, e por outro de 13 de setembro de 1709 permitiu que se resasse das duas irmãs em todo o reino. Seu irmão D. Affonso havia-lhe disputado a villa de Alemquer, dada por seu pae, mas houve composição por intervenção do papa Innocencio III. Vol. 4.º Lisboa, pag. 383. Lorvão, pag. 442, vol. 5.º Montemor-o-Velho, pag. 509.

Saturnino	{	Estes quatro santos foram martyrisados quando acompanhavam Santa Engracia.
Saturnino		
Saturnino		
Saturnino		

Vide Engracia, e Apodencio.

Saturnino — Vide Casta.

Saturnino — Foi martyrisado na perseguição de Valeriano, em Vianna do Minho em 260.

Secundiano — Era da Extremadura.

Secundino — É o mesmo que Secundiano.

Senhorinha — Era filha de D. Ufo Ufes, da familia dos Sosas, hoje condes do Redondo, nascida em 924, em Basto, segundo uns e em Attei, segundo outros. Querendo seu pae casal-a com um principe da casa real de Leão, recusou-se, indo professar no mosteiro de Vieira, da ordem de S. Bento, onde era abbadesa sua tia D. Rodina, por morte da qual lhe succedeu no cargo, tendo aviso divino da sua morte, que teve logar em 22 de abril de 982, na idade de 58 annos. Vol. 1.º, Basto, pag. 347.

Seráfina — Natural de Monção, foi convertida pelo apostolo S. Thiago, e de gentia tornou-se ardente christã até á sua morte em 29 de julho do anno 75. Vol. 5.º Monção, pag. 423.

Silvano — Bispo e martyr, portuguez, nasceu em 303, da familia dos Silvas, e foi morrer á Palestina, onde prégava, na perseguição de Maximiano.

Silvestre — Bispo de Braga e martyr, foi degolado na presença do proconsul Sergio, por haver confessado a sua fé, e ter sepultado o martyr S. Victor, junto do qual se lhe deu sepultura. Vol. 1.º Braga, pag. 442.

Sisnando — É o mesmo que Sizenando,

Sisnando — Bispo do Porto, combateu contra os mouros com grande valor, até que, querendo seguir vida mais penitente, deixou o regimen do bispado, no qual havia succedido a D. Nonego, e professou no convento de Villa Boa do Bispo, no Marco de Canavezes. Estando a dizer missa na capella de S. Salvador, em 1074, foi morto pelos sarracenos, quando já revestido com os habitos sagrados, e sendo sepultado na ermida, foi depois trasladado para o mosteiro, que hoje é propriedade particular, e ainda ahi se lê o seu epitaphio.

Sizenando — Viveu no seculo VIII, e foi o quarto bispo de Beja no tempo dos godos, vol. 1.º Beja, pag. 360.

Soeiro Gomes — Foi o primeiro fundador da ordem de S. Domingos n'este reino, e o primeiro provincial das provincias de Aragão, Castella e Portugal. Viveu alguns

amos com os mais religiosos na ermida de Nossa Senhora das Neves, e d'alli sahiam a pregar a religião pela Extremadura e Alemtejo. Dizem uns que falleceu em 1226, e outros em 1233. Vol. 3.º Guimarães, pag. 367 e vol. 5.º Monte-Juato pag. 479.

Successo — Vide Apodencio.

Sunesso — Vide Casta.

Suzanna — Vide Torquato.

Syla — Natural de Braga, é venerada em um convento da sua invocação, perto de Thomar sobre o rio Nabão. Serviu de parteira a Calcia, mãe de Santa Quiteria e das outras oito irmãs, a quem salvou da ordem barbara do pae, que as mandava affogar. Vol. 7.º Pombeiro pag. 158.

Thadeu — Era natural de Lisboa, pré-gou nas Canarias e passou á Barbaria, onde visitava os captivos e lhes administrava os sacramentos. Morreu na cidade de Tagaste, e alli se conserva o seu corpo, que até dos mouros attrahe a veneração e se lhe attribuem muitos milagres.

Teixelina — Natural de Fraxede, perto de Santa Combadão, na provincia da Beira, floresceu no tempo dos godos e sobre o seu tumulo foi edificada uma igreja, destruida depois pelos mouros. No convento de Lorrvão conserva-se viva a sua memoria.

Theodofredo — Bispo de Vizeu. Vide Tionio.

Theodora — Virgem, foi martyrisada em Roma no anno de 132, sob o imperio de Adriano; o seu corpo veio para o convento de Santa Clara de Pinhel, em 1620, por virtude de um breve de Paulo V, que concedeu varias indulgencias aos visitantes da igreja do dito mosteiro no 1.º de abril, dia da sua festividade. Vol. 7.º Pinhel, pag. 86.

Theodoro — Viven nos fins do seculo III e principios do IV, e tendo servido com valor nos exercitos imperiaes, retirou-se para um ermo, onde morreu no meio de asperas penitencias. Vol. 5.º Medelim, pag. 154.

Theodosia — Natural de Bragança, foi martyrisada a 23 de março de 300, sob o imperio de Diocleciano. Vol. 1.º Bragança, pag. 485.

Theofilo — Foi martyrisado no tempo de Valeriano, na cidade de Vianna, no anno de 260. Vol. 1.º Britonia, pag. 495.

Theotonio — Natural de Tuy, na Galliza, filho de Oveto e Eugenia, vindo a Coimbra recommendado a seu tio o bispo Cresconio, teve por mestre o arceidiago Tello. Foi abade da igreja de Vizeu, e nomeado prior da igreja de Coimbra, e sendo instado para acceitar a mitra d'esta cidade, entregou o priorado a seu companheiro Honorio, e fugiu para a Terra Santa. Voltando, foi impossivel resolver-o a retomar o seu cargo, e menos acceitar a mitra, apesar dos rogos de D. Henrique e D. Thereza, que o tinham em grande estima, mas a quem elle não adulava, e tanto assim que estando um sabado para dizer missa, e mandando-lhe D. Thereza recommendar por um pagem que a dissesse depressa, respondeu: — Dize á rainha que no ceu ha outra rainha melhor e mais nobre que ella, para a qual me preparei a celebrar este mysterio, e que ella póde esperar; senão que se vá embora. — D. Mafalda e D. Affonso Henriques vinham pedir a benção de joelhos a este santo, que nunca perdeu a pureza virginal, apesar de viver 80 annos, sendo-lhe annunciada a morte em visão celeste, assistindo o rei ás suas exequias. Foi elle que edificou o mosteiro de Santa Cruz, entrando para elle com 11 companheiros em 1132, sendo papa Innocencio II. Vol. 2.º Coimbra, pag. 326 e seguintes, vol. 3.º Ganfei, pag. 258. Alguns entendem que nasceu na Aldeia de Tardinhade, freguezia de Ganfei. Vide Tardinhade.

Thereza — Filha do rei D. Sancho I e da rainha D. Dulce, foi ternamente amada por seu avô D. Affonso Henriques. Casou com D. Affonso IX de Leão, mas annullado o casamento por Innocencio III, voltou a Portugal, professando no mosteiro de Lorrvão, em 24 de dezembro de 1200. Sua virtude attingiu a maior perfeição, e finando-se em 17 de junho de 1250, foi beatificada por Clemente XI, e d'ella resa Portugal. Vide Santa Sancha, vol. 4.º Lisboa, pag. 383, Lorrvão, pag. 442. Vol. 5.º Montemor-o-Velho, pag. 509.

Thereza — Era uma mulher pobre em teres e só opulenta em virtudes, mórmente na caridade. Entre outros milagres fez o seguinte. Tentando um ladrão invadir lhe a casa, e ficando-lhe a mão presa á chave, orou por elle e logo ella se lhe desprendeu. Morreu em 3 de setembro de 1266, e conservou-se a sua cabeça em Ourem em uma urna de prata até ao terramoto de 1755. Vol. 6.º Ourem, pag. 326.

Torpez — Era cavalleiro da cõrte de Nero, e descoberto como christão, foi condemnado ás feras; e porque um leão e um tigre não quizeram tocar-lhe, foi morto á espada, e o corpo mettido em um barco com um cão, um gato e um gallo, como se fazia aos parriedas. Aportou este a Sines, onde Cebrina o sepultou, e foi encontrado o seu cadaver em 1595 por D. Theotónio de Bragança, arcebispo de Evora. Vol. 3.º Evora, pag. 108.

Torquato — O governador Sergio quiz dissuadir da sua crença a virgem Suzana, tocado pela sua belleza, e não o conseguindo, mandou a degolar juntamente com S. Cucufate e S. Torquato, e as reliquias de todos tres estão parte em Compostella e parte na igreja do Populo de Braga (na qual cidade teve logar o martyrio), onde foram collocadas pelo arcebispo D. Agostinho de Castro.

Torquato — Consta ter sido bispo de Citania. Vol. 2.º Citania, pag. 308.

Torquato Felix — Foi arcipreste de Toledo, bispo em Iria Flava e depois no Porto, sendo preconizado arcebispo de Braga pela transferencia para Sevilha do arcebispo Faustino; Mario, chefe dos serracenos, a quem exprobrou a sua tyrannia, mandou-o martyrisar com 27 companheiros, todos cidadãos de Braga, em 26 de fevereiro de 719.

Tortulla — Vide Antigonio.

Tysiphon — Foi discipulo do apostolo S. Thiago, e dizem muitos que foi o primeiro que prégou o evangelho em Beja, vol. 1.º Beja, pag. 362.

Urbano — Vide Apodencio.

Urso — Foi o 2.º bispo de Beja. Vol. 1.º Beja, pag. 360.

Valentim — Foi bispo em Britonia. Vol. 1.º Britonia, pag. 494.

Wamba — Dizem que nasceu em Idanha a Velha, na Beira Baixa, chegando a governar como rei toda a Hespanha com grande piedade e illustração, até que, abandonando voluntariamente o throno, morreu frade em um convento da Lusitania, em 20 de janeiro de 672, sendo mudado para a igreja de Santa Leocadia de Toledo em 1284, no reinado de Affonso o sabio, tomando parte na trasladação D. João Martins, bispo de Cadix e depois da Guarda, vol. 1.º Briteiros, pag. 491 e 492 e vol. 3.º Idanha a Velha pag. 378.

Varão — Parece ser o mesmo que S. Barão. Vide vol. 5.º Mertola pag. 491. Vide S. Barão.

Verissimo — Irmão das santas Maxina e Julia, e indo todos tres apresentar-se ao juiz em Lisboa, d'onde eram naturaes, e confessando-lhe a sua fé, procurou por meios brandos fazel-os apostatar, e não o conseguindo, depois de os atormentar por um modo gradual, os mandou degolar; mas ficando seus corpos insepultos, e não lhes tocando os animaes, foram lançados ao mar atados a grandes pedras, vindo porém á terra, foi-lhes edificada uma igreja junto da praia, e ahi sepultados os seus cadaveres, que em tempo de D. João 2.º foram trasladados para Lisboa.

Vicencio — Era do Alemtejo.

Vicente — Vide Aquilina.

Vicente — É o patrono de Lisboa e muito festejado no Porto, onde existem parte das suas reliquias. O presidente Daciano veio da Hespanha a Evora, e ordenou a prisão geral de todos os christãos.

Trouxeram-lhe então o joven Vicente, que interrogado respondeu adorar a Jesus Christo, e seguindo-se um dialogo entre os dois, terminou por sentença de Daciano, para que sacrificasse a Jupiter ou fosse morto a tormentos. Fugiu então a pedido de suas irmãs Santa Sabina e Santa Cristetta, mas descoberto por um traidor, foram os tres mortos a tormentos. Vol. 3.º Evora, pag. 115.

Vicente — Nascido na freguezia de S. Nicolau de Lisboa, foi sepultado no mostei-

ro de Bemfica, tendo sido religioso dominico, provincial da sua ordem em toda a Hespanha, inquisidor geral e confessor de D. João I. Vol. 4.º Lisboa, pag. 301.

Victor — Sob o imperio de Diocleciano e Maximiano, e sendo governador de Hespanha, o cruel Daciano, havia no arrabalde de Braga um templo dos idolos, e como Victor, apenas cathecumeno, recusasse sacrificar-lhes, foi levado preso ao presidente, e declarando ser christão e adorar unicamente a Jesus Christo, foi despido, açoutado, barbaramente atormentado e por fim degolado no dia 12 de abril, tendo assim o baptismo de sangue. Vol. 1.º Braga, pag. 442. Vide Aquilina.

Victoria — Vide Quiteria, vol. 1.º Braga, pag. 442, vol. 5.º Montemor-o-Novo, pag. 494 e vol. 7.º Pombeiro, pag. 158.

Vidal — Vide Agathon.

Vilforte ou Vilgeforte — É a mesma que Liberata. Vide Santa Quiteria.

Wilgeforte — Foi martyrisada em Castello Branco, e é differente de Santa Liberata. Vol. 2.º Castello Branco, pag. 173.

Xantipa — Era da provincia da Beira.

SANTULHÃO — freguezia, Tras-os-Montes, concelho de Vimioso, comarca de Mi-

randa (foi do extincto concelho do Outeiro) 30 kilometros de Miranda, 470 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1787 tinha 150 fogos.

Orago S. Julião.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Um dos conegos da Sé de Miranda apresentava o cura, que tinha 8\$000 réis de congrua e o pé de altar.

Foi commenda da ordem de Malta, que lhe deu foral, em Leça do Bailio, a 4 de julho de 1288. (*Livro 1.º de Doações do rei D. Diniz, folhas 234 verso, col. 2.ª in principio.*)

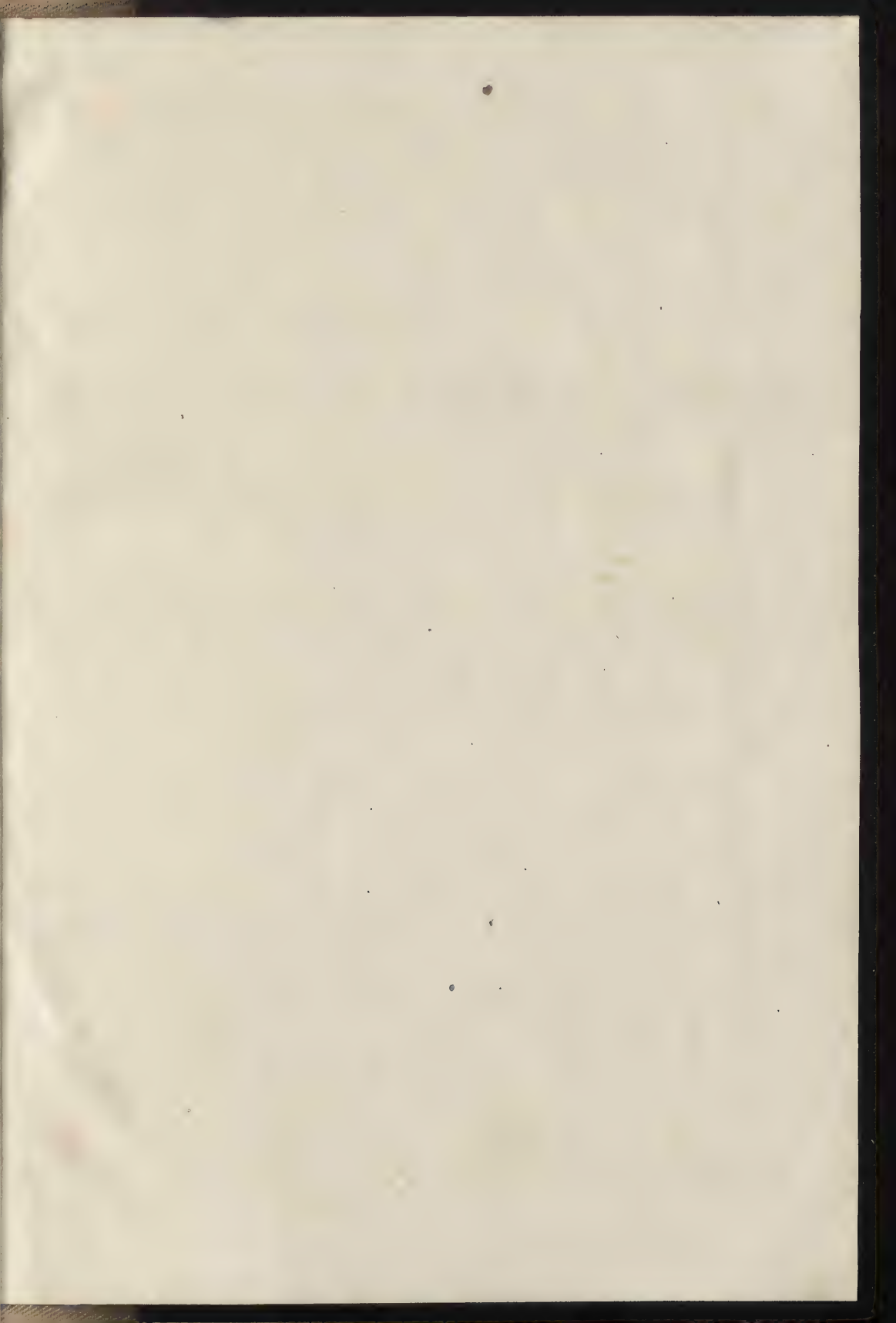
N'este foral se lhe dá o titulo de villa.

O seu nome actual é corrupção ou contracção de S. Julião.

É povoação muito antiga, pois já existia antes da fundação de Bragança.

Quando D. Sancho I fundou esta cidade (1185) com o nome de *Bemquerença*, era o territorio em que assenta a povoação e seus arrabaldes do mosteiro de Castro d'Avelans, e o rei deu aos frades, em troca destas terras, as *villas de Santulhão e Pinelo*.

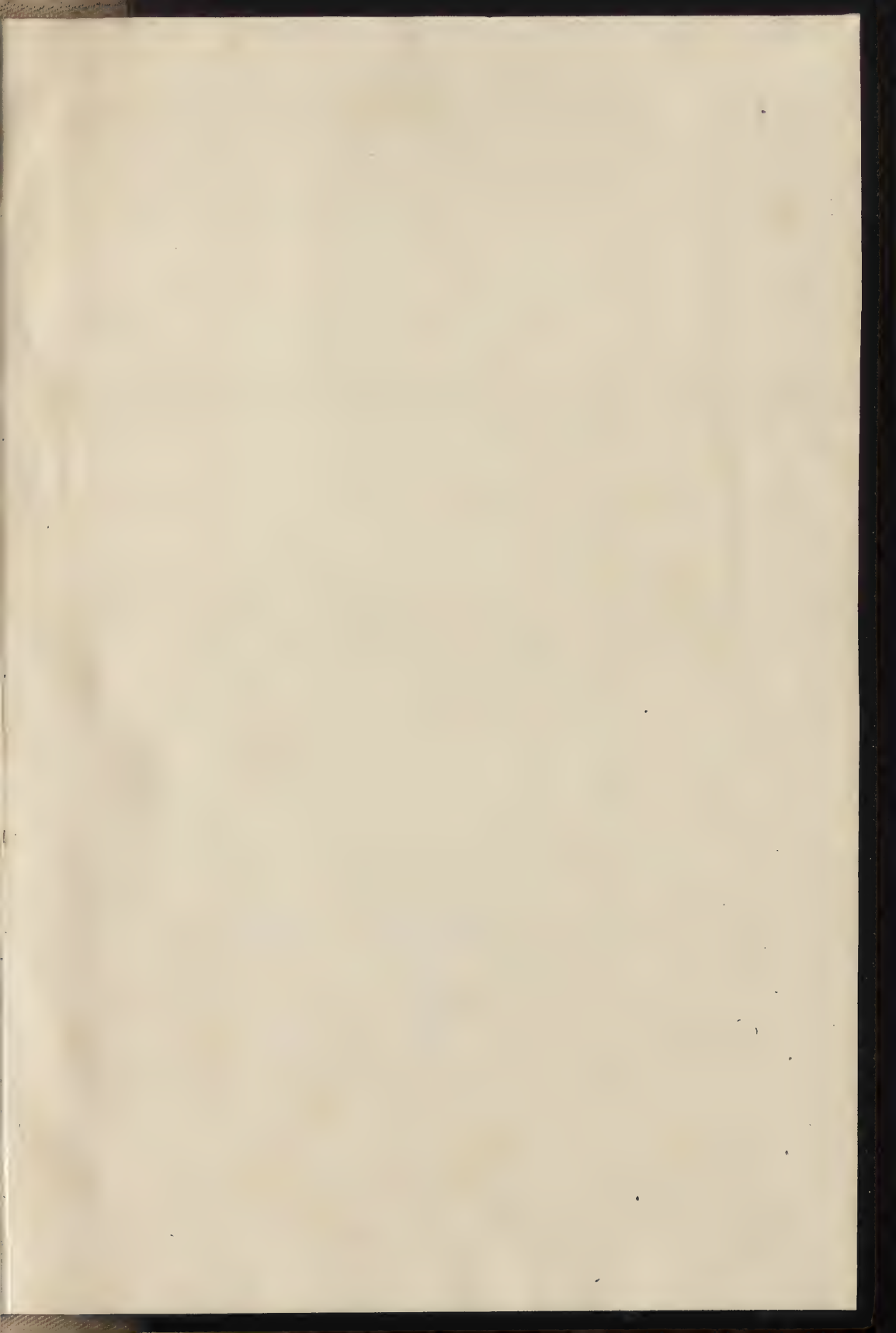
É terra fertil em cereaes e cria muito gado de toda a qualidade.



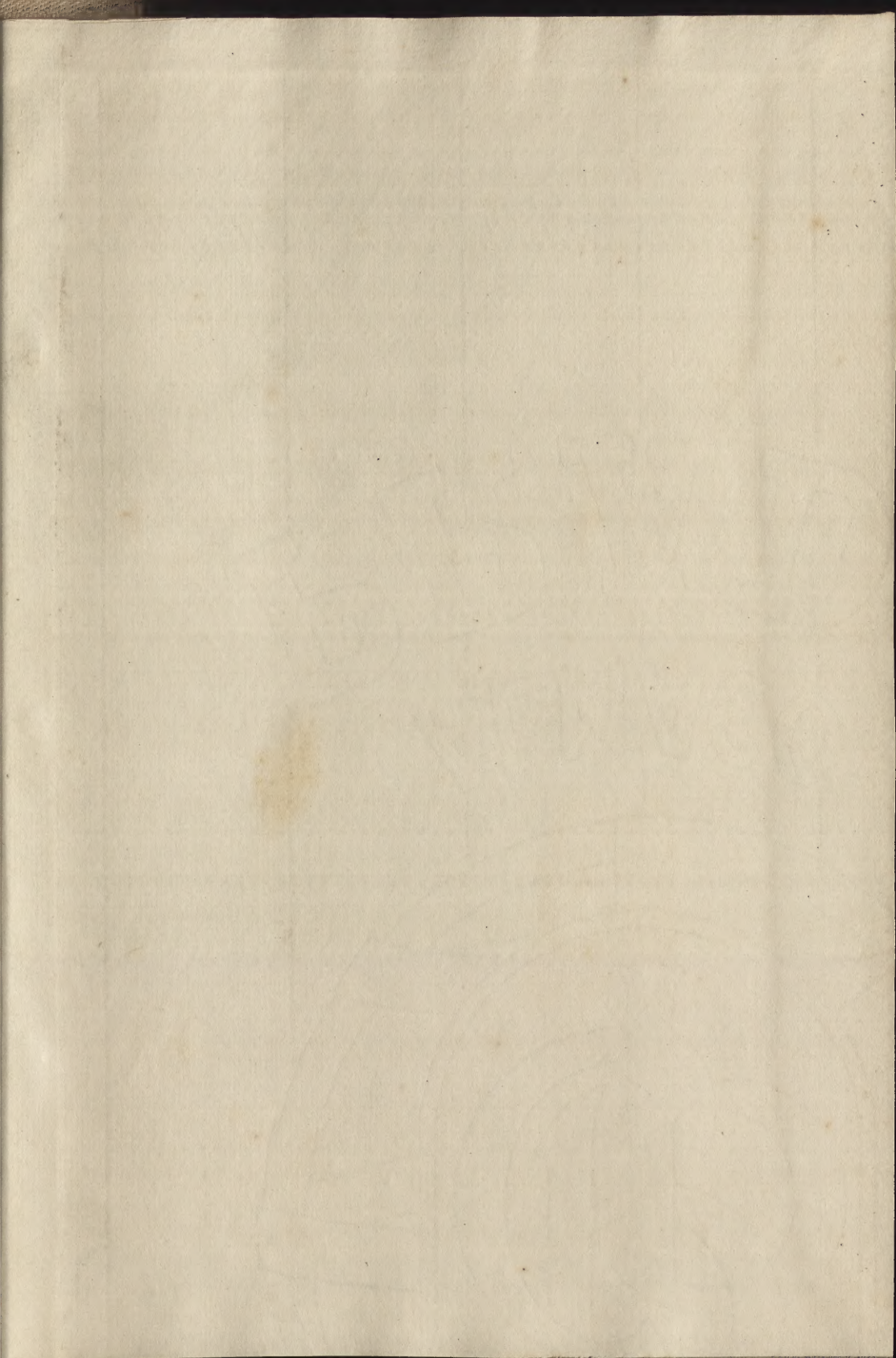
Jan 3

468

tem ell



90 B34426





GETTY CENTER LIBRARY



3 3125 00592 5777

